JOSÉ RÉGIO E LUÍS AMARO

CORRESPONDÊNCIA

1943 | 1969

ERNESTO RODRIGUES | EDIÇÃO

Edições Colibri

JOSÉ RÉGIO E LUÍS AMARO

CORRESPONDÊNCIA

1943 | 1969

ERNESTO RODRIGUES
EDIÇÃO

JOSÉ RÉGIO E LUÍS AMARO

CORRESPONDÊNCIA

1943 | 1969

Edições Colibri

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através
da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,
no âmbito do projecto UIDB/00077/2020.

Título: José Régio e Luís Amaro
Correspondência (1943-1969)

© Herdeiros de José Régio
© Herdeiros de Luís Amaro

Edição: Ernesto Rodrigues

Transcrição e notas: Sofia A. Carvalho,
Luís da Cunha Pinheiro, Ernesto Rodrigues

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Raquel Gil Ferreira

ISBN 978-989-566-413-9

Depósito legal n.º 532 783/24

Lisboa, Junho de 2024

Introdução

I

Esta correspondência mostra como se organiza a bibliografia de José Régio em dois períodos: 1943-1946, 1953-1969. A interlocução com a Portugália Editora faz-se, sobretudo, através de Luís Amaro, a quem remete 331 missivas (incluindo telegramas). A admiração deste pelo Poeta vira dedicação não só editorial, mas retrato de duas almas em crescentes confidências. Anotações dispersas iluminam outros autores e avivam o quadro literário da época.

Somando livraria – desde Setembro de 1941 –, na Rua do Carmo, e editora já em Setembro de 1942, na Avenida da Liberdade, Luís Amaro dedicou às Portugálias vinte e oito anos e meio, até 25 de Março de 1970. Funcionário exemplar – quase sempre ostracizado –, ele acompanha a produção, mas sofre noutras frentes: nas ordens de pagamento, como revisor, na pressão de amigos… Destes, é, em grande parte, a intermediação com Régio que o sustenta, e interessa à editora. O leitor das Obras Completas, e de títulos fora da colecção, ganhará em perceber como se faz (e, mesmo, como se escrevem certos parágrafos, como alguns poemas são escolhidos, que iluminações trazem as provas tipográficas e emendas de alguns livros consultáveis no Esp. N5 de Luís Amaro na Biblioteca Nacional) o livro que tem nas mãos, pois tudo começa no suporte – desde a escolha do papel ao formato, desde os tipos aos corpos –, segundo lição de R. E. Stoddard (1984): «Whatever they may do, authors do *not* write books. Books are not written at all. They are manufactured by scribes and other artisans, by mechanics and other engineers, and by printing presses and other machines.»[1] Mais: quem recordar o José Saramago de *História do Cerco de Lisboa* conclui que, além da *linotype* e do *offset*, é fundamental o corrector de provas, por que, entre alguns de mente estreita, ficou conhecido Luís Amaro. *Ler* Régio começa por constrições que nem sempre o escritor controla – sem já falar nos apertos financeiros que obrigam a considerações sobre os direitos autorais. Teve nisso, felizmente, um braço direito.

---

[1] *Apud* Roger Chartier, *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1988: 126, n. 6.

II

Quando olho para a correspondência que me dirigiu Luís Amaro – reiterando essa poética do travessão e, mais, do parêntesis, como se verifica na endereçada a Régio –, verifico que, se serve para «iludir a solidão nonagenária» (carta de 23-VIII-2013), é sempre um contributo para fugidiamente retratar uma psicologia e aperfeiçoar a nossa investigação. Devo imenso, pois, a tão nobre espírito (chamava-me «Querido Amigo», e passam-se décadas para ele e Régio chegarem a este tratamento), o qual, sendo pilar da lusofilia, deixou dispersos bastantes para um retrato válido de ensaísta e memorialista, que se não ficou por Fialho, Brito Camacho, Afonso Lopes Vieira, Irene Lisboa, Jaime Brasil, Luiz Pacheco, Cesariny, Agostinho Fernandes e alguns mais. Quanto ao poeta, só será possível uma edição crítica quando se fizer a colação de variantes recolhidas em missivas, também contendo versos autógrafos, e em exemplares de 1949, 1975, 2006 e 2011 corrigidos à mão. O espólio oferecido à Biblioteca Nacional de Portugal completará útil serviço à história literária, e não só nacional.

Conheci-o em 24 de Maio de 1983, no seu gabinete da *Colóquio/Letras*, no edifício principal da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 35 anos de convívio – epistolar e telefónico, à mesa, na Hemeroteca Municipal, em alfarrabistas, nas casas de Queluz e Massamá ou em Alcântara –, cada minuto foi um privilégio. Retive as muitas admirações que não escondia e as poucas ironias sobre enfatuados que sussurrava e deixou por escrito; não escamoteava discordâncias em relação aos mais próximos. Traído em declarações numa entrevista à revista *Ler*, aceitou segunda, que preparei, miudamente revista por ele, a inserir em *Para lá da Névoa* (Porto, Edições Caixotim, 2005), primeira ideia de Paulo Samuel e minha, e que, com Daniel Pires, lhe ofertámos na costumada vilegiatura em Monte Real. Manuel Poppe disse ser entrevista «belíssima (demasiado curta…)» (*Jornal de Notícias*, 23-X-2005), mas assim foi acordado: sermos comedidos acrescenta à curiosidade. Reproduz-se a seguir.

Este encontro de amigos deu-se em 2 de Julho. A mulher, D. Amélia, sempre muito viva, conversava com as irmãs: nem parecia ter 86 anos e uma recente operação aos olhos. Luís Amaro, que vinha adiando encontro para repasto em Massamá, não soube negar-se, agora. Fomos recebidos na intimidade do quarto, em cuja varanda gozámos a tarde. Depois, como Paulo Samuel e Priscila ainda não haviam chegado da Invicta, saímos em passeio; apanharam-nos a meio caminho e descemos os cinco até ao Café Central, com paragem na papelaria. No regresso, fotos contra a igreja. Eram quase horas para jantar bem-vindo no Hotel D. Afonso III: sopa

deliciosa, sobremesa excelente. Aqui, a surpresa: do meu saco carregado de livros, tiro exemplares de *Para lá da Névoa – Homenagem a Luís Amaro*, entre espanto e perturbação deste. Ele soubera de um projecto em marcha; mas ignorava que estava pronto há um mês. Volta os exemplares pela contracapa, para que os profanos não vejam. Percebe-se incomodado; e, ao café, demora dedicatórias, na prisão de agradecimentos íntimos, que mais confundem a fluidez do verbo. No dia seguinte, telefonou, agradecendo a iniciativa.

Quando, em 5 de Novembro de 2011, Fernando Venâncio e eu o visitámos em Massamá, requeria bengala e tornava-se mais lento. A sala enchia-se de novos livros, com, na contígua, antiquíssimas fichas e papelinhos ao alto em páginas seleccionadas para novas generosidades. Jornais e revistas do século XIX, que aí consultei, já tinham sido doados à BNP. (Em carta de 16-IV-2009, acrescentava: «Ainda estou à espera que, de lá, me *relatem* as doações avulsas posteriores…» O primeiro inventário da BN é de 1985.) A colecção de fichas, em gavetas de pequena cómoda, será oferecida pela sobrinha Maria Dulce Palma Rosa ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na minha direcção.

Se a doença de Amélia (93 anos em 11-I-2012) atrapalhava os dias e a viuvez de Luís Amaro (5-VII-2013) foi rude golpe, o conhecimento de jovens investigadores, que desde este ano o procuravam em casa de saúde de Alcântara, animava as horas, que amigos mais velhos e os familiares dobravam. Nos intervalos de biblioteca breve vinda da «casa de papel» de Massamá, continuava a reler artigos dos mais próximos. Na semi-obscuridade desse rés-do-chão, prosseguia missiveiro, sem se esquecer de folhear o *Público*, cujo suplemento literário me quis oferecer, e a logística doméstica não me deixou aceitar. Mas não pôde rever a correspondência com José Régio, como desejávamos. Intercedi junto da editora Guerra & Paz pela correspondência com Jorge de Sena, cujo destino ficou em suspenso: a sua Nota de Abertura, em vinte linhas, data de «Massamá, 9 de janeiro de 2015», e foi mágoa que levou, entre outras, que confessava na intimidade. Só se justifica a edição das «*Cartas entre J. de S. e L. A*., ou título assim» (13-II-2015), com autorização da Família e mil cuidados na revelação de nomes próprios. Ao rigor sobre os textos equivalia este melindre social: limpar gralhas ou estruturas sintácticas não é mais nem menos do que respeitar outrem. Esta forma de nobreza é uma raridade. Enfim, não houve maneira de editar uma antologia de Júlio Dantas, que preparei, tanto ele me falava da justiça em reconhecer o Algarvio, por cima das polémicas[2].

[2] «Gostei da sua adesão ao Malsinado (J. D.): um puro acto de justiça. A garotice do Almada, talvez genial no género (garotice), não foi tomada a sério na época, mas

É agradecer pouco – e não falo de primeiras edições oitocentistas que, repetidas, ofertava, tantas encadernadas, ou dos repetidos alertas sobre cuidados para não ficar cego – a quem não esquecia obrigações do coração. Organizou muitas bibliografias, mas constituiu especial preito de gratidão a de Jacinto do Prado Coelho – o Professor Jacinto, como dizia –, de quem foi braço direito na *Colóquio/Letras*, a quem agradeceu a «libertação», após «28 anos de funcionário editorial»[3] na Portugália. Se, na entrevista, não podia referir todos os seus benfeitores, não perdia ocasião de, no pretexto de uma fotocópia, elevar desconhecidos do médio e alto público intelectual, como Olga de Moraes Sarmento, «a quem fiquei devendo atenções, quando em Maio de 48 adoeci de tifo» (12-V-2014).

Não há indiferença à glória, isto é, ao reconhecimento, que só aos outros cabe. Publicar na *Portvcale* (Janeiro-Fevereiro de 1943), na *Atlântico* / Revista Luso-Brasileira ("Adolescente", n.º 3, 15-II-1943; "Diário de infância", n.º 6, 21-IV-1945; "Biografia", nova série, n.º 5, 30-XII-1947), na *Seara Nova* (30-X-1943, 15-IV-1944, 24-II-1945, 2-II, 4-V, 3-VIII-1946), na página Das Letras, das Artes d'*O Primeiro de Janeiro* (12-VII-1944), no *Diário de Lisboa* (17-IV-1947)[4], ou voltar a página cheia na *Seara Nova* (24-IV-1948, três poemas sob o título "Diário Íntimo"), quando se chegou há pouco à capital, seguindo-se estreia em livro (*Dádiva*, 1949) e, na década de 50, a revista *Árvore* (1, 2, 4) e colaboração na *Távola Redonda*, era uma excelente rampa de lançamento[5] – mais importante do que ver-se tardiamente na *Revista Brasileira* (n.º 68, Julho-Agosto-Setembro de 2011), embora justamente recenseada a 3.ª edição de *Diário Íntimo* (2011) na *Rassegna Iberistica* (Venezia, n.º 96, Ottobre 2012), por Manuel G. Simões. Poeta «inactual» (Eduardo Prado Coelho) face aos actuais, em que Luís Amaro via não pequena mistificação (inclu-

tornou-se, com a celebridade de Almada no programa Zip-Zip, arrasadora e mortal (?).» (27-VIII-2000)

[3] Carta de 10-VIII-1970 a Ana Hatherly, no espólio desta, na BNP. Ainda na editora, já se preparava o primeiro número da revista, iniciada em Março de 1971.

[4] Este poema, "Claridade", revisto sob outras formas, era uma espécie de salvo-conduto existencial: «Na miséria mais funda / Cintila uma estrela / A dizer que a vida / É bela!» Em várias cartas, retorna ao motivo, com pitada crítica: «Escrevo-lhe, sobre os joelhos, do meu quarto de hotel, nesta manhã *clara*. (Já reparou na abundância do termo, e seus derivados, na poesia de Camões?)» (24-XII-2010)

[5] Cinco poemas no fascículo 2, 1-II-1950, e um poema no fasc. 7, 1-VII-1950, da *Távola Redonda*. Ainda: "Apelo", *Aqui e Além… /* Revista de Divulgação Cultural, n.º 4, Abril de 1946: 51; longa prosa sobre "Chopin", *Ver e Crer*, n.º 52, Outubro de 1949: 99-119; três poemas sob o título "Uma voz secreta", *Horizonte* (Évora, 1951); "Protesto", *Vértice*, vol. 11, n.º 94, Junho de 1951: 273; "Uma voz de criança", *Contravento*, 1, Agosto de 1968.

sive em Pessoa), certo é que a existência troca-nos as voltas, e o Poeta trocou-se em revisor de provas, parteiro (segundo Vergílio Ferreira) da melhor literatura entre nós editada, dedicatário de inúmeros, assumido autodidacta investigador em causa alheia[6], generoso até à desconsideração de alguns infames ladrões. Teve uma vida cheia, que nos cabe reconhecer: é isso a posteridade, enquanto o avaliarmos na sua discreta e autocorrectiva criação, aprendermos com as suas evocações, olharmos às milhentas achegas que ofereceu a centenas – e existir gratidão.

Nome fundamental, no «silêncio perfeito» que o poeta deseja, generoso, elegante, sabem as figuras maiores das nossas letras, e os lusófilos, quanto devem a Francisco [João] Luís Amaro (Aljustrel, 5-V-1923, às 16 horas – Lisboa, 24-VIII-2018), durante mais de setenta anos. Da sua atenção, e sacrifícios que nada paga, beneficiaram inúmeros, pelo que não é fácil mostrar a importância deste ser esquivo, para lá dos agradecimentos que vamos encontrando ao memorialista disperso e fragmentado historiador da literatura[7], das evocações amigas (em Sebastião da Gama[8], etc.) e das dedicatórias impressas. António Osório (*A Ignorância da Morte*, 1978) deu-lhe nome de poema: "Luís Amaro" é, em resumo, «avaro» de si e «santo». E dedica-lhe "A moeda corrente", em *O Lugar do Amor*, 1981. Na entrevista que segue, evitou falar de solicitações que não lhe dão descanso, em especial desde o primeiro número da *Colóquio/Letras*, e das 15 caixas que integram o seu espólio na Biblioteca Nacional. Preferiu a memória contida dos primeiros anos[9] ao labirinto da vida literária que observou do ponto mais elevado.

Trocando Estremoz pela Livraria Portugália (1918-1954) da Rua do Carmo, 75, em Setembro de 1941, assiste, um ano depois, ao nascimento da Portugália Editora, a que ficará doravante ligado. Em volume colectivo sobre *Agostinho Fernandes – Um Industrial Inovador, Um Coleccionador*

---

[6] «Valerá a pena o desgaste de muitas horas a julgar ser útil aos sábios?» (carta de 29-V-2012).

[7] Dostoievski, *Coração Débil*, tradução de Francisco Luís Amaro, Lisboa, Portugália Editora, datada de 1940 ou 194 – na BNP, e 1940 em Daniel Pires, no colectivo *Evocar Luís Amaro*, 2020: 25, obriga a recusar essa datação: não só porque segue 20 volumes dessa Biblioteca de Algibeira e o primeiro – *Carmen*, de Prosper Mérimée, sai em 1943 –, como pela singela razão de que, em 1940, ninguém conhecia Luís Amaro na capital, nem este entrara ao serviço da editora.

[8] Ver *Diário* [1948-1949], Lisboa, Edições Ática, [4]1970 [1958]: 74.

[9] Completadas em Francisco P. Colaço, "Recordando Luís Amaro", no colectivo organizado por A. Cândido Franco, António José Queiroz, Francisca Bicho, Paulo Samuel, *Evocar Luís Amaro*, Porto, Cosmorama Edições, 2020: 121-130. Parte deste meu prefácio contém-se nas p. 27-31.

de Arte, Um Homem de Cultura. Fotobiografia (2000), evocou os autores da casa e os sobressaltos diários na revisão e produção de livros. É tempo de conhecer a nata dos escritores, de Nemésio a Aquilino e A. Sérgio, Ferreira de Castro, Redol, tornando-se, para todos, na qualidade da produção dos livros alheios, «infalível e insubstituível», no dizer de um Jorge de Sena *ante mortem*, que vinte anos antes o incluíra nas *Líricas Portuguesas* (3.ª série, 1958), pelo «tom muito discreto e angustiado, que não chega ao confessionalismo e se mantém numa pessoal reserva quase solipsista e desencantada, em que a amargura de um ser isolado encontra notas muito puras, de uma bela musicalidade íntima». Em carta, Miguel Torga fala do seu «lirismo comunicado quase em surdina»[10].

O pecúlio não era muito: 46 poemas em 200 exemplares de *Dádiva* (1949) chancelados na Portugália, produção de 1942-1949 em 100 páginas soltas de boa e graciosa tipografia, na Gráfica Santelmo, e capa (única despesa noutra tipografia) de Manuel Ribeiro de Pavia; alguns mais na revista *Árvore* (1951-1953), que Amaro co-fundara; um que outro inédito, ainda hoje, em livro. Exumado da *Seara Nova* (15-IV-1944), e corrigido, inseri em *O Escritor* (7, Março de 1996), "Província" e, nunca antes editado, "Capital", de 1941-1942, mais um passo «Em procura da estrela / Que há muito me fascinou»[11]. Este motivo retorna no intitulado "Dádiva", com ligeira variante textual em 1975, quando sai *Diário Íntimo*, com o subtítulo *Dádiva e Outros Poemas*, acrescendo na capa da 3.ª ed., em 2011, *(Com trecho epistolar inédito de / Jorge de Sena)*. Na prática, suprimidos

---

[10] Luís Amaro, *Diário Íntimo. Dádiva e Outros Poemas*, Lisboa, & etc., 2006: 145.

[11] Em 2011, na 3.ª edição, revista, s. l., Editora Licorne, p. 17, corrige: «no rasto daquela estrela / que sempre me fascinou.»
Jorge de Sena, em carta de 4-II-1950, agradece e elogia *Dádiva*, com esta reserva: «Há, nela, sem dúvida, segundo me parece, umas mágoas de juventude, que se esclarecerão, uma tal ou qual facilidade imagística (estrelas, etc. …), que o tempo depurará.» Na cópia que me oferece dessa carta, comenta Amaro: «As "estrelas" tornaram-se quase um "lugar-comum" da poesia de certa época… a minha, e a anterioríssima… embora manejadas por grandes poetas (Bilac, Beirão, tantos mais).»
Outras variantes, no próprio exemplar: "Estremoz, p. 15, abre com I, colocando II antes de «Naquela cidadezinha», III / «Agora conhecia muita gente.», IV / «Mas a companha de mim,», V / «Domingos de sol claro»; "Nocturno I", p. 30, «no só errante destino,] num só errante destino,». Em carta de 29-XI-2011, alerta para alterações nas páginas 31-32, "Elegia", «que considero das mais significativas»: (1) o ser, liberto] o ser, tão longe; (2) e vil tristeza / tão sem sentido] e vil tristeza,; (3) nas coisas puras, / reveladoras] nas coisas belas, / libertadoras,; (4) pôs uma ferida.] abriu uma ferida. Ao telefone, em 5-XII, nova correcção no primeiro terceto desta p. 32, que ficaria assim: O destino veio / e uma flor abriu / no meu coração.

dois poemas, levemente corrigidos alguns, do título à pontuação, com nova ordenação e aposição de dedicatórias que instituem admiração e linhagem, os anos 40 surgem com 58 poemas, em 2011 precedidos de três de Juvenília: há variante significativa em "Adolescente", na supressão de verso afim do citado inédito, quando o sujeito se quer «eterno como as estrelas». O cintilar destas, que torna a vida bela ("Conquista") – e melhor se em dádiva, termo que regressa em "Trégua" –, deve ser associado ao que encerra 1949, "Poesia": «Não te conheço / Nem te sei o nome, / Mas vives no meu sangue / E é quanto basta.»[12]

Nesta perspectiva, lê-se outra serenidade, diversa do que a crítica vê como disforia. Os *outros poemas*, de 1950-1971, são 35: no total, 93, agora, com novos dispersos e inéditos, em reedição, prefaciados por Albano Nogueira (em 2011, substituído por Nota do Autor) e com marginália epistolar de grandes vultos, já falecidos.

Tendo procedido a parca revisão, que o trouxe angustiado durante anos, nem após a vinda a lume da breve *opera omnia* ficou tranquilo: assim, em cartas de 14 e 16 de Novembro de 2006, já assinala variantes para memória futura, numa exigência que se tornou invulgar entre poetas imberbes de meia bola e força. No exemplar de 2011, ainda se corrige[13]. Ao relê-lo, sempre o balanço rítmico se cola ao olhar, feito da relação simples entre versos, que se respondem no seu comprimento, e que algum advérbio ou adjectivo vêm completar.

Têm surgido algumas leituras sobre lírica tão reduzida, mas bastante: de verbetes de Gastão Cruz e João Bigotte Chorão a João Gaspar Simões, Casimiro de Brito e Serafim Ferreira, citaria António Ramos Rosa[14], que dá Luís Amaro «entre o sonho e a dor» na sua «interioridade pura» (*A Parede Azul*, 1991); Fernando J. B. Martinho, acentuando «o tratamento do tema da noite» (*Sema*, 2, 1979), antes de o retomar em *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (1996); Catherine Dumas, mais abrangente, com a dissonância de o ver epígono de Sebastião da Gama (*Árvore [1951-1953] et la Poésie Portugaise des Années Cinquante*, 2003); enfim, antes da evocação no colectivo de 2020 ("Como se fosse um destino", p. 37-40), o bom resumo de Fernando Guimarães no *Dicionário de Literatura* (Actualização, I, 2002), de Jacinto do Prado Coelho.

---

[12] Em 2011: 81, intitula-se "À Poesia" e abre: «Não te conheço / nem te sei o nome, / mas vives no meu sangue / e mais não quero.»

[13] …E, a haver edição crítica, seria preciso confrontar os 16 poemas insertos na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro), fase VII, ano XVII, n.º 68, Jul.-Ago.-Set. de 2011: 213-227.

[14] Um dos colaboradores que celebram Amaro em *Letras & Letras*, 21, 5-IX-1989: 5-6.

Citar este pede outro capítulo na sua biografia adulta, depois de ter resumido a "Biografia" lírica matricial em alternância rítmica peculiar: «Como falar dos tempos de criança, / Se nunca tive infância?» Ou: «A alegria passou à minha porta / Sem olhar para mim...» ("Confidência")[15]

Com efeito, a imagem do estudioso cola-se a balanços bibliográficos rigorosos (a inquietação chama-lhes, por vezes, «esboços de bibliografia»), seja do período de 1936-1986, ou dos que acompanham catálogos, miscelâneas e obras completas de J. do Prado Coelho, David Mourão-Ferreira – também deste braço direito na *Colóquio/Letras* –, António Botto[16], J. Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, Mário Beirão, Anrique Paço d'Arcos, Sílvio Rebello, Francisco Bugalho, sem falar nas revisitações de Saúl Dias e José Régio, deste escrevendo: «Na alta luz tão pura[17] / Dos versos que deixaste / Procuro a voz que em mim, / Informulada, existe.»

III

Em Março de 2003, nos quase 80 anos, quando preparava (longa e intermitente preparação, que o cuidar dos outros veio adiando...) a reedição lírica composta por menos de cem poemas, mas ainda reservado sobre as últimas três décadas em que silenciosa e generosamente interveio na cena literária, o também bibliófilo aceitou confessar-se[18].

«Como falar dos tempos de criança, / se nunca tive infância?», diz no poema "Biografia". É uma confissão?

A 'confissão' está, sim, no embaraço com a honra desta conversa escrita. Outra, oral, única entrevista que dei na vida, saiu de tal modo desfigurada, simpática embora... Evitarei cair em narcísicas memórias, mas impossível fugir a repetições, ao uso, até ao enjoo (o enjoo do 'eu'...), da primeira pessoa gramatical.

Descontado o poético exagero (o 'fingimento' em poesia, já referido pelo censor d'*Os Lusíadas*!), a minha infância, em rigor, talvez o não

---

[15] 2011: 55 não melhora: «A alegria passou à tua porta / sem para ti olhar.»

[16] Releve-se *António Botto: 1897-1959*, Lisboa, BN, 1999.

[17] 2011: 126: «Na alta chama ardente».

[18] …Não o sujeito mundano, e menos o Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique (10-VI-1993).
Corto os entretítulos da versão final, em AA. VV., *Para lá da Névoa*, Porto, Edições Caixotim, 2005: 17-31, e acrescento notas elucidativas, não só da primeira versão, como outros esclarecimentos de hoje.

fosse. Reporto-me à primeira fase, aquela em que o *brincar* é fundamental para a vida fora. O maior amigo que tive, o rapaz que mais me acompanhava – até numa bicicleta, a que, na rua, um moço (tão cedo se manifesta a "besta humana"!) lançou a bóina [*sic*], fazendo-nos cair perigosamente –, logo o perdi, ceifado pela tuberculose. E aos meus dois irmãos, mais velhos, faltava paciência de me aturarem nas diversões individuais, cada qual para seu lado; tinha ainda uma irmã, nasceria o mais novo cinco anos depois, e sobrevivemos ambos. De modo que a primeira infância me ficou cingida, nas brincadeiras, a um ou outro miúdo afim; o que mais estimei, também, não tardou a sair, com os familiares, para um monte, longe da minha área. Além de que as crianças pobres não dispunham de brinquedos, e quantas vezes senti o *tædium vitæ*, suposto exclusivo dos grandes!

Reitera, na lírica, a presença da mãe, face ao pai ausente. Como era a sua casa aljustrelense, nos anos 20? E como decorriam as visitas?

Vi-me confinado ao convívio das senhoras que frequentavam o meu lar paterno, a todos aberto. No Alentejo, e nas casas mais modestas, as vizinhas entravam, ou entram, sem pedir licença, os homens sem tirar chapéu ("aqui não há santos!"), e o copo ou púcaro das bilhas de água, na cozinha, é para todos. Evoco o tempo dos serões, antes de inaugurada a electricidade que não demorou em nossa casa, à luz do candeeiro de petróleo, num feminino *círculo* de afectos (e já veremos porque sublinhei a palavra); geralmente, meu pai confraternizando, numa adega, com os amigos, após insano trabalho diário, de inimaginadas férias, não raro prolongado em serões outros, na oficina que, minha mãe a ajudá-lo à máquina de costura na cozinha, sustentava prole não exígua... Homem popular, de rudeza humilde, padrinho de afilhados sem conto, e de poucas letras, foi quem me revelou o "teatro", levando-me a ver, no campo da feira, um dramalhão de faca e alguidar (era o que havia nessa fase pré-histórica), e no cinema, o Cine Oriental (nome indicativo da zona), o primeiro filme sonoro português, *A Severa*, de Leitão de Barros – Júlio Dantas.

Iniciou-o, igualmente, nos livros?

Não... Mas, um dia, indo a Beja, onde aprendera o rústico ofício (e o de correeiro o filho primogénito, em 1912 nascido), levou-me na camioneta da carreira, e na livraria de Carlos Marques comprou-me um livro, *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis (não garanto que soubesse lê-lo, pois eu estava ainda na idade do *Pim-Pam-Pum*...). De outra vez, certo nosso conhecido, vivendo de biscates, apareceu-nos com livros, e o pai dispunha-se a comprar-lhe *O Meu Amor Pequenino* (1934), «contos para crianças», de António Botto, linda edição; não sei já porque a recusei...

Oriundos de aldeia, Santa Cruz de Almodôvar, foi de minha mãe que herdei a sensibilidade literária (registo deslocado aqui...); julgo que aprendi a ler aos quatro anos. Mas se o "pai" não figura na minha lírica, com a mesma ternura e igual remorso o recordo.

Em "Trégua", sonha a vida como «canção de todos os instantes, / com aves, mar e o coração dos homens / abrindo-se em dádiva». Seis décadas depois, justifica-se este vocábulo, que dá título ao seu primeiro livro?

O problema social, a miséria em que se vivia no final dos anos 20, inícios de 30, numa região agrícola e mineira explorada, neste exclusivo sector, por empresa belga, tinham que afectar-me a alma melindrosa (um poeta, Mário Beirão, assim a classificaria). Revejo aos sábados uma turba de mendigos – entre eles a velha avó dum colega no cartório, primeiro emprego, do Dr. Adeodato Barreto. Mendigos descalços, na maioria, andrajosos, pedindo esmola... Recuo no tempo, e surge-me, esfumada, a revolta imagem de multidão de mineiros famintos, talvez em greve, ameaçadora, na rua principal, onde morávamos.

Adolescente, deseja-se «camarada / do sol». Em 1949, e logo no segundo texto, assume o termo «camarada» com intenção social? Ligou-se, na Lisboa do antes e depois da guerra, a grupos políticos?

Solidário com os humilhados e ofendidos de qualquer espécie, nunca alinhei com facções, alérgico à violência. E reparo que já em 1933 o eminente Prof. Rodrigues Lapa, republicano-socialista, subscrevia estas palavras lapidares: «somos duas feras, que se querem devorar uma à outra; a história um dia há-de ser inexorável para aqueles que semearam os ódios desta seara de maldição». Todavia, todos os meus amigos alinhavam, por bem, à esquerda.

Falou do cartório do advogado e notário Adeodato Barreto, em Aljustrel, onde, sei, viu a primeira biblioteca. Quais foram as leituras inaugurais?

Aos 12 anos lia *O Diabo*, na biblioteca do Sindicato Mineiro, e folheava *A Ilustração* e a *Civilização*, magazines da época, no selecto Clube Aljustrelense, onde pela primeira vez ouvi uma conferência – do Dr. Adeodato Barreto, difusor de cultura. Eu bebia, sôfrego, tudo que cheirasse a letra impressa (até me lembro de ver, na montra duma mercearia da terra, edições da última fase da Renascença Portuguesa, e *A Oeste Nada de Novo*, de Remarque...). Na bejense *Ala Esquerda*, semanário republicano independente, me estreei com uma crónica (!), "Alentejo"[19], e por

[19] 7-XI-1935. Outras colaborações: "João de Deus", *O Distrito de Beja*, 11-IV-

esse jornal nutri autêntica paixão, mal dormindo as noites de quarta-feira, ansioso pela chegada, na manhã seguinte, do carteiro... Uma das duas farmácias locais ficava-me em frente de casa, e nela o praticante, João Fortunato (Rasquinho), me transmitia, sem querer, o vírus literário em mim latente; ele e o irmão Francisco viriam a publicar livros, muito mais tarde, e até as colaborações do segundo, na *Gazeta do Sul* do Montijo, eu cobiçava. Nas mãos do primeiro, ausente o patrão austero, vi os *Sermões da Montanha*, de Tomás da Fonseca, a *Sonata a Kreutzer*, outros insuspeitados volumes, e apetecera, antes, o *ABCêzinho* que não podia comprar, o *Cinéfilo* que o João assinava, e creio que cheguei à posse de um ou outro número d'*O Senhor Doutor* magnificente, e mais tarde do *Tic-Tac*...

Também entregava receitas literárias ao balcão da outra farmácia?

Não... Era só na Farmácia Moura que se vendiam os matutinos e as revistas, que de Lisboa chegavam à tarde. Aí comprava para minha irmã a *Eva* de Carolina Homem Cristo, ou as *Modas & Bordados* de Maria Lamas, a *Fémina* de Helena de Aragão, o *Portugal Feminino* de Maria Amélia Teixeira... Na barbearia ao lado, um dia, li, surpreso, na primeira página do *Diário de Notícias*, que morrera o poeta Fernando Pessoa, que inteiramente desconhecia. Noutra barbearia próxima, do meu segundo irmão – falecido de tuberculose aos 25 anos, já eu em Lisboa –, recordo o *Repórter X*, de Reinaldo Ferreira, o *Detective*, de Mário Domingues (que na capital não viria a conhecer, mas sim o filho António, pintor, há meses desaparecido), a desportiva *Stadium*... E até as *Palavras Cínicas* e uma patológica novela de Alfredo Gallis chegaram lá. O *Texas-Jack*, *Os Crimes do Máscara Negra* fasciculares eram leituras juvenis de então, embora nem tudo me interessasse. Um vago parente me queria iniciar nas *Viagens de Gulliver*, e me emprestou a *Miss Esfinge* camiliana, de Campos Monteiro. Dos poucos livros do irmão Augusto, assinante apolítico da "subversiva" *Linha Geral* de Leiria, li o romance *Carnaval da Morte*, do jornalista Albano Negrão, com prefácio de Ramada Curto. E 'devorei' dois livros avulsos de Victor Hugo e Alexandre Dumas.

-1936; "Um poeta alentejano – Santos Luz", *O Arraiolense*, Arraiolos, 27-V--1937; "António de Macedo Papança – Conde de Monsaraz", *Brados do Alentejo*, Estremoz, 20-II-1938; "Apontamentos – Florbela Espanca", *Ecos de Sintra*, 17-IX--1938, transcrito na *Democracia do Sul*, Évora, n.º 6428, Set. ou Out. de 1939; "Uma alentejana notável [Florbela]", *Jornal de Elvas*, 25-XII-1938), transcrito em *Brados do Alentejo*, 29-I-1939, aqui publicando, ainda, "Apontamentos sobre Educação", 5-III-1939, e "Poetas alentejanos", 27-VII-39 e seguintes, ou "Renovação de temas", 25-II-1940; poemas em *A Ideia Livre*, Anadia, Janeiro de 1939, 4-XI-1939, sob o pseudónimo Saul Abrantes. Regular colaboração nos *Ecos do Sul* de Vila Real de Santo António…

Como se forma o seu gosto literário, entre autores do Alentejo e outros?

Da literatura adulta, conhecia, em diagonal, Brito Camacho, o escritor da terra, que não cheguei a avistar nela – embora os dois irmãos fossem amigos de meu pai[20] –, o Manuel Ribeiro d'*A Planície Heróica*; e Julião Quintinha, assíduo colaborador do *Diário do Alentejo* que despontava, era para mim uma estrela: as *Terras de Fogo*, e mesmo a *Cavalgada do Sonho*, chegaram ao meu alcance. A Julião Quintinha ousei escrever, aos 12 anos, expondo-lhe o sonho inebriante: ser jornalista... em Lisboa, onde nem um familiar tinha! Alma generosa, pai de dois filhos estudantes, respondeu-me carinhosamente – e que alvoroçada hora em que recebi a carta dum escritor! Mais: contemplou-me com um dos seus livros, de tema africano: emprestado a alguém, logo se me esvaiu o volume com dedicatória (creio). Mas a carta para sempre a guardei, e consta do meu 'arquivo' na Biblioteca Nacional.

Nessa época, outro nome figurava entre os maiores: Ferreira de Castro, a quem o tal colega de cartório escreveu, obtendo igualmente resposta animadora. A este rapaz excelente, pouco mais velho que eu, ouvi falar da existência de uma Biblioteca camarária, da qual ele escolhera o *Basílio Fernandes Enxertado* camiliano; mas nunca ousei desvendar esse tesouro... Camilo e os clássicos do século XIX viriam a ser, adulto, o meu alimento espiritual, e Fialho, Raul Brandão, Aquilino, Machado de Assis, Pessoa, Pascoaes, Régio, Miguéis, Nemésio, Teixeira-Gomes, Irene Lisboa, os clássicos estrangeiros... Quanto desejaria consagrar à leitura (via do conhecimento do Ser) o tempo que me restar de vida!

Que outras distracções havia?

No cinema (mudo, ou animatógrafo), quando me levavam ou arranjava os 25 tostões precisos («Já tenho cinco, faltam-me 20...»), os filmes do Tom Mix, Ricardito, Douglas Fairbanks, outros, nos encantavam. E, do tempo do gramofone e da grafonola que não tínhamos, e ouvíamos na casa em frente, lembro as vozes, tão amadas, de Menano e de Bettencourt (mal podia adivinhar que ele seria meu amigo, o poeta Edmundo de Bettencourt!). Depois, na gente adulta, os bailes, as récitas teatrais do Edmundo Silva, a banda musical da terra...

[20] L. Amaro relembra-o em "«O Primo Camacho», a cidade de Beja em meados de 1870 e outras páginas alentejanas numa evocação de Brito Camacho", *Arquivo de Beja*, vol. XV, série III, Dezembro de 2000: 73-94.

Inaugurava-se, também, o bibliófilo?

Pormenor significativo: já com o bichinho bibliográfico, recebia de Lisboa os catálogos da Livraria Moraes (sim, a de que nasceria *O Tempo e o Modo*), e por dez tostões cada requisitei os *Humildes* (1923), versos de Rosa Silvestre (Maria Lamas, de novo, tão distante da ideóloga), e as *Trovas de Portugal Descobridor*, de Henrique Lopes de Mendonça (autor da letra do nosso Hino, e cujo filho, representando a irmã Virgínia, escritora, conheceria na Portugália). Acresce que, já antes de na *Ala Esquerda*, vira o nome impresso (sem o 'Amaro' do avô materno algarvio, morto aos 50 anos) n'*O Mensageiro Escolar* de Azaruja (Évora), graças a uma amiga, e vizinha, que lá colaborava, Maria Rosa Clareza, alma tão fina que me negou o *Só* («mas tende cautela, não vos faça mal...»). Outra escritora, mas de obra publicada, morava em Aljustrel, recolhida na casa paterna e para mim inacessível: Maria Portugal Dias, que em Lisboa, vim a saber, travara intensa amizade com os insignes irmãos, tios-avós do poeta António Osório, Castro Osório / Osório de Castro – Ana e Alberto, este agora justissimamente recuperado pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Muito cedo, abandona os estudos e começa a trabalhar.

Aprovado no exame primário, empreguei-me no referido escritório do Dr. Adeodato Barreto (1905-1937 – vida breve!), o primeiro escritor, de facto, com quem me foi dado privar, autor duma *Civilização Hindu* (Seara Nova, 1935) sobre cujas provas me lembro de o ver, e ultimamente reeditada com estudos introdutórios de Orlando da Costa, Elsa Rodrigues dos Santos e Teotónio R. de Souza. O *Círculo*, semanário local que fundou e seria em breve proibido, foi um dos meus fascínios, antes de conhecer-lhe o director, alta figura de indiano, que se formara em Direito na Lusa Atenas, onde, ia jurar, conheceu os presencistas (muito posteriormente, Gaspar Simões incluiu-o na poética série antológica que, anónima, organizou para o suplemento 'Domingo' d'*O Primeiro de Janeiro*). Mas os interesses do Dr. Barreto, pai de Kalidás, então bebé ainda (recordo duas irmãs), convergiam noutro sentido – *O Diabo*, a *Seara Nova* que lhe editou a obra magna... No cartório, aprendi tão-só, porém, a dactilografar sem mestre. E de Adeodato, que na terra difundiu o Esperanto, o seu ideário progressista, a sua beneficência (às ocultas, o Piedade levava o jantar a uma família muito pobre), não colhi mais (e tanto foi) que a irradiação espiritual e humana[21].

[21] Luís Amaro fazia seguir aqui, na primeira versão: Recordo que numa sua ausência, deparando na estante dos livros com *Os Sonetos* de Antero, me trespassou o verso «Que sempre o mal pior é ter nascido!».

Porque não seguiu o jornalismo, se, dos 12 aos 19 anos, colaborava na Imprensa alentejana?

Desempregado, e todos sentindo que eu não tinha "ofício nem benefício", com cerca de 14 anos, persisto nas tentativas epistolares, e consigo que um ex-gerente da tipografia da *Ala Esquerda*, José Lourenço Anjos, me admita na casa que abrira, «Nova Esperança» simbolicamente crismada e por onde passei, fugaz, para estagiar – gratuito sempre – no jornalismo: no *Diário do Alentejo* estropiei nomes em "notícias pessoais", e com o redactor M. de Melo Garrido, culto, profissional, aprendi a rever provas. Outros dois empregos calo. Acabo por fixar-me, assalariado embora, na Biblioteca Municipal, meu atractivo das horas livres para além de outra biblioteca, esta particular, e onde, na *Revista da Solução Editora*, descobri Pessoa. Li Alexandre Dumas, os romancistas históricos Campos Júnior e Arnaldo Gama, e, na poesia, apaixonei-me por Florbela. O salário da Câmara mal dava para a pensão, cujo dono, com a mulher (que, analfabeta, adorava ouvir-me ler-lhe *O Primo Basílio*), todavia, me proporcionou a vinda a Lisboa e uma excursão a Coimbra. Até que, activo colaborador-correspondente do *Brados do Alentejo* estremocense, o director deste semanário, Dr. Marques Crespo, de memória perpetuada na vila que, republicano presidente da Câmara, nos anos 20 elevara a cidade, me convidou a ir secretariá-lo. A minha situação melhorou, o pior é que o trabalho se não limitava ao jornalismo predilecto, sim ao regionalismo e "alentejanismo" algo estreitos e obsessivos, e a outros afazeres de ordem prática a que me não ajeitava. Em Estremoz – no monte da Orada (Borba), ali perto – me relacionei com um poeta e artista, Azinhal Abelho...

Sobre quem escreve no Dicionário de Literatura. Actualização *(2002).*

...Que me emprestou, da vasta galeria que lhe emoldurava o monte, a poesia de Casais Monteiro, e me ofertou as suas *Confidências*..., que, sem culpa do autor (amigo de Fernanda de Castro e António Ferro), obtiveram em 1936 o Prémio Antero de Quental... Estávamos em 1940-41, e, assinante, desde Beja, dos cadernos *Iniciação* e *Antologia* de Mestre Agostinho da Silva, com ele avulsamente me carteando (oh, a sua letra hieroglífica!), peço-lhe, cônscio de meus limites escolares, que na Livraria Portugália me arranje lugar: só em Lisboa eu poderia existir...

*Entretanto, Garibaldino de Andrade convidara o jovem de 15 anos a escrever n'*A Mocidade *de Ponte de Sor: foi o início de uma amizade? Dedica-lhe um verbete, no* Dicionário de Literatura*, bem como a João Pedro de Andrade, um dos seis dedicatários na segunda parte do* Diário Íntimo *(1975).*

Lanço apelos, no mesmo sentido, a João Pedro de Andrade, crítico d'*O Diabo*, do *Sol Nascente*, colaborador do *Pensamento*, d'*A Mocidade* (tudo isso abarcava, abraçava...); com ele, vivendo em Santiago do Cacém, me correspondia, e de lá me emprestava seleccionada leitura: o Aquilino do *Jardim das Tormentas*, o Almada do *Nome de Guerra* ainda não relido, os brasileiros Lins do Rego, Veríssimo, o Régio da *Biografia*, o Alberto de Serpa d'*A Vida É o Dia de Hoje*, que me suscitou artigo n'*A Mocidade*[22] dirigida por Garibaldino, sobrinho de João Pedro – este o meu primeiro mestre de Literatura, embora desde Beja me correspondesse com Alsácia Fontes Machado, autodidacta, publicista infatigável, esperantista, feminista, naturista, e de correcto estilo. Também escrevi a Mário Beirão, grande poeta que em Beja, sua terra, conhecera (e que, actual e profético, n'*A Águia* de 1911 cantou: «Calai a alta Epopeia, / povo – irmão de Pedro-Sem! / Maré cheia, maré cheia, / já se não salva ninguém!»).

Os apelos foram ouvidos. Vem, então, destinado à Rua do Carmo.

Com tais apoios, outra clareira se me rasga: *a capital!* (assim na recente edição queirosiana). No Verão de 1941, o Prof. Agostinho da Silva, prestigiado cliente das Livrarias Portugália e Portugal, demovera os srs. Raul Luís Dias & Pedro Ferreira de Andrade, ex-primeiros caixeiros da Bertrand e que em 1937 haviam tomado posse da Portugália em declínio, a que nela me admitissem. Presto justiça a Raul Luís Dias: não fora tê-lo comovido, também, a minha carta, e eu não teria desembarcado (desembocado) na capital dos meus sonhos: o sr. Dias, que mais tarde me expandiu alternativos humores da doença (hepática?) que lhe transparecia no feio rosto (porém inteligente, ex-aluno do célebre Adolfo Coelho das Conferências do Casino, e falando correntemente francês). Da Livraria pequena, tão antiga que já em 1918 editara o «*Soldado que vaes à guerra...*», "novas redondilhas" de António Corrêa d'Oliveira, me levou, em frente, à Portugal, a mais ampla, elegante e moderna de Lisboa, aberta a 5 de Maio de 1941. Aí me apresentou o sócio, que descia, atarefado, do 1.º andar, e um tudo-nada alheio...

Quais foram as primeiras revelações de um novato em Lisboa?

A meio da sala, alguém de citadino aprumo conversava amenamente com um empregado, irmão de Pedro: era António Botto, e Dias mo apontou, ainda seu amigo. Em seguida, conduz-me, a tomar café, à Brasileira do Chiado, e logo ao entrarmos depara com um estimável colega da

[22] "Notas simples sobre Alberto de Serpa", *A Mocidade*, n.º 330, Ponte de Sor, 18 de Agosto 1940.

Bertrand, Mário Eleutério, à mesa de... Vitorino Nemésio! Cumprimentou, sentou-se, eu também, e ouvimos o professor queixar-se do abafante Setembro lisboeta, ansioso de férias na sua Coimbra... O agora patrão segreda-me, revelador, «sabe quem é?», e lho nomeei, conhecendo-o de efígie, não de obra – mas folheara, na terra, a sua *Revista de Portugal*. E ao sr. Dias fiquei a dever atenções que não esqueço, intermitentes embora no decurso de 15 anos em que mutuamente nos suportámos («suportai-vos uns aos outros...»), ele me franqueando, não raro, o domicílio familiar.

São emoções bastantes para um só dia. Mas voltemos ao bibliófilo e leitor, até ao despertar do poeta.

Retomando o fio (o pio): já, a custo, adquirira um ou outro livrito, por exemplo *Os Esquecidos*, de Mayer Garção, que com tantas andanças ainda conservo, e até a estranha *Sedução*, de José Marmelo e Silva, recém-aparecida, comprara em Beja, edição duma juvenil Portugália coimbrã; mas, também datados de 1937 e de Coimbra, só me restam os *Relevos*, estreia poética de Fernando Namora. Três autores estrangeiros tiveram nos anos 30 grande voga entre nós: Blasco Ibáñez, Hall Caine, Stefan Zweig. Trouxera na bagagem exígua o caixote (de sabão) com os livros, e só volvidos anos me dei ao luxo duma estante, no quarto da Rua de S. Marçal em que, no Verão de 1948, me sobreviria, durante a noite e o sono, a hemoptise que, inapetente, febril, trazia incubada[23], e só definitivamente extinta, com estreptomicina, na recidiva de 1954[24].

Impossível enumerar tudo que lera e a actividade 'jornalística', e rememoro, grato, que em Beja[25] algo aprendi nas obras de Cruz Malpique e de Guerreiro Murta; e que num caderno escolar copiava os trechos que me prendiam, entre eles certo poema de Pascoaes. Claro que já o «mistério da poesia» se me entreabrira nos versos melódicos do "Hino de Amor" de João de Deus, que Cabral do Nascimento, lúcido espírito crítico além de poeta maior, me diria considerar a encarnação do mais puro lirismo. Mas com Pascoaes se deu comigo o mesmo que – coisa singular! – a Jorge de Sena: no seu poema achei como que o âmago da Poesia, isto é: desceu ao fundo do meu ser.

---

[23] De facto, uma tuberculose pulmonar (pneumotórax), que exigiu lar atè à primeira quinzena de 1949, com idas semanais a Beja, para tratamento.

[24] Na Rua Pascoal de Melo, em casa dos futuros sogros de João Rui de Sousa.

[25] …Onde está desde finais de Abril de 1936, nomeado correspondente da revista lisboeta *Humanidade*.

A imagem de saber de Luís Amaro vem prejudicando, todavia, o ser.

...Continuo abreviando. Em Beja, sempre (não é o passado o que mais vivo está na memória dos velhos?), certa vez, na Biblioteca, que dava para o Museu regional, o bibliotecário e eu soubemos ter chegado, na altura, um fabuloso ancião: nada menos que o Doutor José Leite de Vasconcelos, o arqueólogo, etnógrafo, etnólogo, antropólogo, filólogo sem par – em suma: a encarnação, agora, da cultura. Comunicado o facto à autoridade competente, essa autoridade escapuliu-se…[26] O Doutor Leite, de camoniana barba esquálida, parecia vir da fundura dos séculos, na companhia de um padre, e deduzo que, nas suas peregrinações *De Terra em Terra* (obra raríssima, em 2 vols., que tive e estupidamente extraviei, daqui implorando à Imprensa Nacional a reedição), um padre sempre o ladeasse, representante da cultura clássica dos sítios por que passava. Na emergência, foi um moço imberbe quem pelas salas e alas do ex-Convento da Conceição acompanhou, em camisa, e calado, o Mestre dos mestres...

É tempo de voltar, e de vez, a uma Lisboa em tempo de guerra. Que ambiente encontrou?

Finalmente, voltemos à Lisboa iniciática, e esqueçamos as péssimas condições sanitárias e não só (certa hospedeira chegou a empenhar-me um casaco) que, isolado, me aguardavam. A cidade, essa, apesar da guerra mundial e do fascismo imperante, era maravilhosa. Na Avenida as esplanadas, e no Rossio o passeio dos que, repousando, transitavam dia e noite, tranquilos. Era visível o cosmopolitismo, libertos do pesadelo, dos refugiados (e que barbaridade ouvi, já depois de Abril: «Melhor fora termos entrado na guerra!»). Os cafés – muitos! – fervilhavam de tertúlias, decerto espiadas, espionadas sinistramente; mas respirava-se... conspirava-se... As editoras preparavam uma actividade intensa, recorrendo mais aos clássicos, devido à difícil comunicação com os agentes literários estrangeiros. Na Livraria Portugália – e convém ter presente que a Portugália Editora, núcleo autónomo, com os mesmos dois sócios acrescidos de imprescindível capitalista, Agostinho Fernandes[27], só um ano depois, precisamente, aconteceria, sob plano de João Gaspar Simões –, dividia-me entre o balcão e o escritório, no 1.º andar, onde revia provas dos livros, na maioria publicados sem contrato e de modo algo artesanal, aleatório.

---

[26] Na primeira versão: Comunicado o facto à autoridade competente, ouvi-lhe, estupefacto (ou talvez não): «Oh, que chato!» – e essa autoridade escapuliu-se...

[27] Na primeira versão: imprescindível capitalista, vagamente anarquista, Agostinho Fernandes (inspirador de Pessoa).

Revisor de provas, fazia um pouco de tudo. Com que trabalhos se iniciou?

Tive sorte na estreia que me coube: a reedição, há muito aguardada, do *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho, com preciosa "Nota dos Editores" redigida, sim, por Afonso Lopes Vieira, que fora grande amigo do autor e do filho Henrique, de quem D. Maria Cristina enviuvara (herdeira dos direitos e que visitei inúmeras vezes, deixando-lhe os cheques respectivos). Afonso redigira o texto em atenção a D. Maria Cristina: jamais o vi na Portugália, mas sim, uma única ocasião, a atravessar, vagaroso, monocular, o Largo de S. Domingos, numa época em que a sua "Dança do vento" ritmicamente me enleava, embalava... Bem poderia ter-me dirigido ao Poeta, não fora a timidez (e agora me atrevo a sugerir ao querido José Saramago um seu novo romance: *Ensaio sobre a Timidez...*). Do *In Illo Tempore* se esgotou num ápice a reedição, outras se sucedendo, bem como, anualmente, d'*Os Meus Amores* recomendados nos liceus.

Agora, os autores passam-lhe pelas mãos atentas e faz amigos. Quais citaria?

Manuel da Fonseca[28]: frequentador da casa, nela passava horas esquecidas em tertúlia neo-realista (Armindo Rodrigues, Alves Redol, Castro Soromenho, muitos outros); tomou, um dia, alento para apresentar ao sr. Dias o original da *Aldeia Nova*, cuja edição foi aceite, com admirável capa de Manuel Ribeiro de Pavia. Um êxito, mais de crítica que de vendas (em que Redol era imbatível). O próprio António Ferro gostou imenso do livro e, por José Osório de Oliveira, que lhe secretariava (dirigia...) a revista *Atlântico*, convidou Manuel, numa mesa do café Nicola em que estive presente, a concorrer ao Prémio Fialho de Almeida, do Secretariado – mas, embora sempre aflito de dinheiro, o contista não transigiu; colaborou, sim, no primeiro número da *Atlântico*, ilustrado por Pavia e acompanhado, no sumário, por Aquilino. Tenho aqui a 3.ª edição, já da Portugália Editora, da *Aldeia Nova*, e sabe-me bem homenagear Manuel transcrevendo-lhe a dedicatória: «Ao Luís Amaro. Recordas-te? São ainda os tais contos, que tanto trabalho te deram!... Quem diria, amigo, que, de novo, os ditos contos seriam revistos e editados com a tua ajuda! Um abraço por tudo, um abraço de admiração e de amizade do Manuel da Fonseca / Lisboa, Verão de 1964». Nota retrospectiva: apresentou-me, uma tarde, na Livraria, Soeiro Pereira Gomes (já clandestino? Provavelmente, pois não

[28] Entrevistado por Luís Amaro n'*O Primeiro de Janeiro*, Das Artes, das Letras, em 1-IX-1943.
Além dos aqui citados, Luís Amaro falava-me de outros amigos: Gonçalves Correia, Pedro Muralha e o filho Sidónio Muralha, Alexandre Cabral…

mais o vi), de quem os *Esteiros* (ed. Sirius, não Europa-América) acabavam de sair – e pediu-lhe autógrafo no exemplar oferecido «com a solidariedade» (típica expressão!) do Autor; mas, na era dos empréstimos, o livro desapareceu-me.

Facultou-me dedicatórias de outros, igualmente ilustres.

Aquilino Ribeiro: logo o conheci, ainda que seu poiso fosse, mais acima, na Bertrand, e com esse gigante me foi também fácil o diálogo; as suas falas eram simples, sem a espantosa riqueza do seu estilo, porque os grandes homens são, sempre, pessoas simples. Trouxe no dia imediato o livro que, recentíssimo, me prometera, *Brito Camacho*: «A Francisco Amaro, ao conterrâneo do biografado, com a maior simpatia do Aquilino / Lx. 1942.» Dois anos depois, Ribeiro Couto, o poeta brasileiro tão admirado então, dedicava-me, com enleante generosidade, o *Dia Longo (Poesias Escolhidas)*, edição a que dei o melhor dos meus 21 anos: «A Luís Amaro, pai, parteiro e padrinho desta criança manhosa – artista de rara sensibilidade, amigo seguro, colaborador perfeito, com a gratidão do Ribeiro Couto / Lisboa, 24-X-1944.»[29]

Analogamente, Vergílio Ferreira, que custeara, na frágil Portugália de 1949, a sua *Mudança*, dedicou-me assim o exemplar da 3.ª edição, já da mesma casa, vinte anos após: «Ao Luís Amaro / que não sendo "pai" dos meus livros, é todavia quase "tio" ou "padrinho" pela assistência que lhes tem dado, / com o abraço amigo / do Vergílio Ferreira / Lx.ª, 5 Maio 969».

Sirvam estas e outras mostras de carinho para contrabalançar tantos desaires, erros, traumas, autoflagelações por que passei, «preambulares de outros», como diria João Falco / Irene Lisboa[30], igualmente figura tutelar na minha vida, e assim o poeta Sebastião da Gama («Para o Luís Amaro / Nada mais me trouxera a *Serra-Mãe* do que a tua Amizade – e já tinha valido a pena» – escreve em 1945, assinando-se Sebastião Artur).

*Sei que, mais de 25 anos depois, já com longo martirológio, aliás facetado, e que silenciou, na Portugália Editora se relaciona com Jacinto do Prado Coelho, autor d'*A Letra e o Leitor *por si revista, e este o recebe, em meados de 1970, na antiga revista* Colóquio*, de que nasceria em*

[29] A propósito, ver Luís Amaro, "Três cartas inéditas de Ribeiro Couto", *in* Luís Forjaz Trigueiros, Lélia Parreira Duarte, *Temas Portugueses e Brasileiros*, Lisboa, ICALP, 1992: 321-327. Amaro recebeu 44 cartas de Couto, entre 1944-1963.

[30] Entre intelectuais, a terceira melhor correspondente de Amaro, com 85 cartas, após Sena (140) e Régio. Conhecendo-se desde 1944, evocou-a em *Relâmpago*, n.º 31, Outubro de 2012.

Março de 1971 a Colóquio/Letras*, com o seu nome como secretário da redacção logo no primeiro número....*

Sim... Mas, cônscio de não dever prolongar esta conversa entremeada com lembranças, confissões até hoje recalcadas, reservo para melhor altura o preito aos que, nobilíssimos, me deram a principal sobrevivência de *afecto às letras*: os Professores Jacinto do Prado Coelho e Hernâni Cidade, meus directores na revista da Gulbenkian, cujas portas me foram abertas[31] por seu empenho junto do Doutor José de Azeredo Perdigão, antigo companheiro dos de *Orpheu* e da *Seara Nova*. Finalmente, David Mourão-Ferreira, que conhecera aos 19 anos, em 1946, apresentado pelo autor de *Serra-Mãe*, e que, sucessor de mestres Jacinto e Hernâni, revalorizou o meu lugar 'coloquial'. Destas quatro figuras, como não guardar imperecível memória?

IV

Eu lia José Régio desde 1968. Se devia esta edição a Luís Amaro, no centenário do seu nascimento, devo ao autor d'*As Encruzilhadas de Deus* a principal influência no lírico imberbe entre os 12 e 14 anos, ainda visível na minha estreia (*Inconvencional*, 1973). Este abre com Mário de Sá-Carneiro e Pascoaes, acrescentando um quarto mosqueteiro, José Gomes Ferreira, autor da Portugália, e amigo de Luís Amaro, que o defende junto de Régio.

Em autodefinição instante desde *Poemas de Deus e do Diabo* (1925) – «Sou triste, só, doido, poeta….» –, e variando retratos (Ícaro, Poeta doido, Lázaro, «esboço de Alguém»), vejo-o *em estado*, «Dobrado em dois sobre o meu próprio poço…», até que, pela morte do «menino histérico e precoce», chega a libertação, ou se abre a porta: «Quem me abrirá essa porta?», clama sujeito a espaços fechado. Houvera, nesse ínterim, um movimento descensional, para o lodo em que se afunda nesse corpo qual «hospício de alienados», falhanço de que se culpa um Deus apostrofado, enquanto Autor de autor vítima da Turba, da ralé… No Posfácio, tão referido nestas missivas, reconhece-se o adolescentismo na redacção da «maior parte das poesias», com rimas repetidas pelas mesmas palavras e profusão de adjectivos (às vezes, em quartetos). «E o Tal de espada na mão…», com que encerra, inspirou título que, não fosse o desagrado de Luís Amaro, quase substituía *Cântico Suspenso*.

Entre estes dois títulos em vida (1925, 1968), se se atinge alguma crueza (como ver o Amor em «Lambuzava-se um par misturando a saliva»), o

[31] Empregado eventual da Fundação em Julho de 1970, é nomeado secretário da *Colóquio / Letras* em Março de 1971.

essencial mantém-se: o colectivo é ainda «a turba», ou «massas apoplécticas» hoje cada vez mais presentes, contra que se erige o Eu Maior, repudiando, sem questionar, o Progresso. A excessiva atenção que será prestada ao inaugural "Havia na Cidade" escondeu a valia de, por exemplo, "O Templo Abandonado".

A nota de quem não é insuspeito – Alberto de Serpa[32] – em *Música Ligeira* (1970) considerando Régio «o maior Poeta português deste século» pouco adianta. Este, como se verá, já em 1957 reconhecia: «é um facto que o romance e o teatro me interessam hoje mais do que os livros de versos.» Como se desse razão – sem deixar de contestar – a quantos, nos anos 60 de revoada estruturalista (Gastão Cruz, Eduardo Prado Coelho…), faziam opinião nos suplementos literários.

Aquela palavra 'romance' aludia ao políptico *A Velha Casa*, em cujo limiar vejo a dificuldade de ser.

Dizia Jorge de Sena a Régio em carta de 6 de Março de 1951: «Mande à fava quem terá feito apreciações menos correctas à *Velha Casa*. V. sabe perfeitamente que é um dos raros livros de ficção de categoria que se tem publicado entre nós.»[33]

À data, deste romance cíclico tinham já saído *Uma Gota de Sangue* (1945) e *As Raízes do Futuro* (1947), agora reunidos no sexto volume das Obras Completas, e, à vista de *Vidas São Vidas* (1966), o último fresco (ainda ficou rascunho do sexto tomo), Régio confessava que também esse «não mereceu atenção nenhuma» (p. 217), que viria com Maria Aliete

---

[32] A Livraria Manuel Ferreira deu-nos um inédito de Alberto de Serpa sobre Régio, acompanhado por estudo de Paulo Samuel sobre o poeta portuense. "Evocação de José Régio" (p. 7-14), antecedida por fac-similada "Aguarela" – duas quadras de Serpa –, traz à lembrança 46 anos de intimidade com o artista vilacondense, proteicamente resumido enquanto poeta, crítico-ensaísta, romancista e autor de teatro. «Depois, ainda, contista, polemista, cronista de jornal, antologista.» (p. 10) "Alberto de Serpa / Uma Vida nas Letras – A Poesia na Vida" (p. 7-47) é, na sequência de artigos de Luís Amaro e Albano Martins consecutivos à sua morte (1992), a melhor aproximação ao portuense nascido em 1906, cuja obra se afirma na reunião de 1944, *Poesia*, balanço de uma década, com repúdio de novela e versos de 1923-1924. *Os Versos Secretos* (1981) facultam a imagem quase integral do discreto coordenador do suplemento Das Artes, das Letras d'*O Primeiro de Janeiro*, ficando de fora o colaborador do Régio antologiador em *Poesia de Amor* e *Na Mão de Deus*. Circunstância, *presença*, versilibrismo; entre Gomes Leal e o modernismo brasileiro; bibliófilo e curador de edições de amigos, é, porém, ao ensaísta e editor de Nobre e ao modo como este e Leça («o *lugar-onde* convergem tópicos nucleares da sua criação poética», p. 32) se imiscuem na sua poesia que Paulo Samuel dedica as melhores páginas.

[33] Jorge de Sena / José Régio, *Correspondência*, Lisboa, INCM, 1986: 69.

Galhoz e poucos mais. Ainda hoje, não temos um trabalho de fôlego sobre esta crónica familiar, se exceptuarmos acenos em J. M. de Sousa Nunes[34], no prefácio de Isabel Vaz Ponce de Leão, um bom ponto de partida para entrar nessa «casa intemporal», ou em Manuel José Matos Nunes[35]. Eugénio Lisboa, que incluiu esses títulos nas Obras Escolhidas do autor saídas no Círculo de Leitores (1993), há muito dissera «que se contariam talvez pelos dedos de uma mão os leitores atentos dos 5 volumes de *A Velha Casa*. E sobre poucas obras de literatura portuguesa se terão escrito tantas inépcias e tolices como sobre esta obra, que é um dos monumentos romanescos mais interessantes, atraentes e profundos da nossa literatura de ficção.»[36] Justifica isto na introdução aos *Contos e Novelas* ("A casa da ficção"), onde lemos confissão autoral em carta a Prista Monteiro (13-VIII-1967) sobre esse fresco íntimo, social e literário: «Mas, que diabo! a minha obra capital! a obra da minha vida que só mais tarde será lida a preceito.» (p. 13)

Entenda-se «minha vida», também, no aprofundamento biográfico – embora sem propósito auto-retratista –, veiculado na figura de Lelito, que nos custa ver sem a gravidade do acento (Lèlito) que Régio sempre impôs.

Leitor heteróclito, do dito sério ao igualmente popular (resumido no folhetinismo, no policial de Agatha Christie ou Simenon), ele tem atrás de si, no caso português, as sólidas comédias, do Campo e Burguesa, de Teixeira de Queiroz, que sistematizou o Mal tentado em Eça e no Camilo de *Eusébio Macário*, *A Corja* e *O Senhor Ministro* (1879, 1880, 1882). Havia outros ciclos – em Aquilino, Manuel Ribeiro, Augusto da Costa, Joaquim Paço d'Arcos e Francisco da Costa – e seria neste pano de fundo, jogando com a demais produção não-cíclica, e «com toda a nossa produção literária de outros géneros», como Régio reiterava em artigo d'*O Comércio do Porto* (28-V-1963), que se deveria estudar «a questão do romance português», logo, a novidade do seu projecto, em tempo de pressão teórica neo-realista.

Num segundo momento, e face a este díptico, emerge a cada vez maior importância da adolescência na nossa literatura, que Óscar Lopes assinalou em 1963, e João Pedro de Andrade verbetou no *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho (I: 24), agora actualizado (2002, 1: 31).

Num terceiro momento, e ainda à luz de *Uma Gota de Sangue*, haveria lugar a estudo sobre a «vida colegial» (Rodrigues Lapa) ou o «romance de internato» (Carina Infante do Carmo), no quadro de uma aprendizagem e

---

[34] "O numinoso na ficção narrativa de Régio", AA. VV., *Ensaios Críticos sobre José Régio*, Porto, Asa, 1994: 139-153.

[35] *José Régio, o Eu Superlativo – O Ciclo Romanesco A Velha Casa e Outros Escritos Autobiográficos*, tese de dout., Lisboa: FCSH / UNL, 2012.

[36] *José Régio ou a Confissão Relutante*, Lisboa, Rolim, 1988: 44.

amadurecimento intelectual que vai seduzindo os novos autores. A reunião de família e sua extensão colegial (daí, o Colégio Familiar, no Porto, donde Lelito escapa) evoca o peso de uma educação – e de violência figurada no prefeito –, brincada em *A Noite e o Riso* (1969), de Nuno Bragança, mas, noutro registo linguístico, é espantosa a ductilidade das falas, em diálogos que as nossas letras não esperariam tão soltos e naturais, enquanto se organizam praxes não menos lamentáveis do que as de hoje... Lelito dilui-se como protagonista no segundo romance, *As Raízes do Futuro*, enquanto cresce e se heroifica, em novos braços familiares e num mais denso ritmo narrativo, a casa minhota, a que, doente, uterinamente ele se recolhera.

A assombrosa produção de Régio (e temos quadro mais completo se folhearmos a Imprensa escrita, de que pouco se antologiou) justifica renovadas perspectivas. É-nos útil o crítico, ensaísta e antologiador; o dramaturgo tem fortuna desigual nos palcos, embora com excelente, embora parca, bibliografia passiva; tudo sobreleva, pois, o ficcionista, quando, na realidade, o que se ouve é um poeta que hoje poucos inspira. Este tornou-se demasiado igual em quem o recita; deve ser lido, porém, menos em obsessões bailarinescas e outras, mas em revisões existenciais de "Libertação" (*Poemas de Deus e do Diabo*) ou "Posse" (*Filho do Homem*, 1961). Interessa, ainda, a uma sociologia da literatura, face aos milhares de cada edição, sobretudo, da poesia. Não vá sem dizer que as aquisições, às centenas, da Fundação Calouste Gulbenkian, onde pontificava o amigo Branquinho da Fonseca, eram suficientes para cobrir as despesas da tiragem.

O tom familiar das cartas, inclusive quando Régio e Luís Amaro se irmanam no depressivo, na dificuldade de ser com os outros, pode ser o primeiro degrau de acesso a dois seres raros – que, com o tempo, se espelharam em amizade.

V

A transcrição da correspondência de José Régio, no espólio de Luís Amaro na BNP [Esp N5], deve-se a Sofia A. Carvalho [SC]; a de Luís Amaro, na Casa-Museu de Vila do Conde, a Luís da Cunha Pinheiro [LP], até 1965, e algumas cartas entre 1966 e 1969, quando interveio Ernesto Rodrigues, também responsável pelas laboriosas anotações bibliográficas.

Revi o conjunto segundo critérios simples.

1. Transcrição fiel de original nem sempre obediente ao acordo ortográfico de 1945 e com particularismos do tempo, que aceitava, mesmo, o trema. Não era o caso, ainda, de acento grave em advérbios de modo e em diminutivos, que se manteve.

1. 1. Gralhas e erros exigiram, na primeira frequência, [*sic*]. Outros, aceitáveis no tempo (quere, requere…) ou evidentes ainda hoje, serão percebidos pelo leitor: a quando; à-parte / àparte; a-pesar; boa fé / boa-fé; Cabra Cega / Cabra-Cega; colofon; de-certo; demais / de mais; dia a dia / dia-a-dia; há de / há-de; núvem; órdem; papeis; por que / porque; reclame / réclame; Raul / Raúl; Rebelo / Rebello; Rego / Rêgo; Vergílio / Virgílio; etc. (reconduzi a 'etc.' o 'etc' de Régio).

1. 2. Apesar de uma geral coerência, mantive as centenas de frequências em 'casa / Casa' (editorial), irmão / Irmão. O particularismo regiano 'd*A Chaga do Lado*' ou 'n*A Capital*' ganhou 'd'*A*', 'n'*A*'. Em Amaro, só por milagre não há um ponto final na data e na assinatura.

1. 3. Os sublinhados passaram a itálicos, salvo em institutos ou editoras, em títulos de colecções, em Obras Completas, Introdução / Prefácio / Posfácio, e na palavra 'gralhas' (nem sempre sublinhada). Quando entre comas – mantidas para títulos de contos e artigos, por exemplo –, os títulos de obras e Imprensa escrita assumiram o itálico e caixas altas.

1. 4. Se necessário, as abreviaturas são desdobradas em nota.

1. 5. Mantêm-se as letras elevadas, com e sem ponto (1.º, 1º).

2. A pontuação manteve-se integralmente, incluindo os pontos de interrogação invertidos. Em ambos os autores, sofreu raras e discretas correcções, e assim nos PS de 1969, tornados P. S.

2. 1. Uma espécie de teoria da pontuação à francesa e da grafia (em particular, uso do circunflexo, mas não o excessivo 'óntem') será resumida em missiva de Régio.

3. Os rodapés quiseram-se explicativos em relação aos dois autores, e muito pouco a terceiros, sobre os quais é fácil encontrar informação digital. Devidos a Sofia Carvalho e Luís Pinheiro, são, sobretudo, meus, e não vêm assinados.

3. 1. Obrigo-me, porém, a agradecer a ambos as inúmeras notas (que suprimi) sobre aspectos formais dos manuscritos e dactiloscritos.

3. 2. Agradecimento é também devido a João Dionísio, que fez a revisão científica.

4. O acervo de Vila do Conde levanta alguns problemas: há sobrescritos sem cartas ou com datas inscritas, mas desfasadas do original; a 1276 está sem continuação. De uma de Régio só temos o P. S.

5. Esta relação epistolar seria completa se conhecêssemos o arquivo da Portugália Editora, pois cartas recebidas por Luís Amaro aí ficavam, além de que as enviadas por Régio à gerência (o espólio de Luís Amado na BNP conserva uma carta de Régio a Agostinho Fernandes, 1963) completavam o olhar sobre uma triangulação não exclusivamente bibliográfica.

6. "Duas cartas inéditas de José Régio", apresentadas por António Cândido Franco e anotadas por Luís Amaro, estão em *A Cidade*. Revista Cultural de Portalegre, n.º 4/5 (Nova Série); Julho-Dezembro 1989 / Janeiro-Junho 1990: 63-68. Na *Correspondência* (1994) das Obras Escolhidas do Círculo de Leitores, há duas cartas para Luís Amaro, que, com António Ventura, introdutor e recolector, anotou o conjunto[37]. Em *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, INCM, 2000, Régio oferece excertos que assinalo em nota.

Finalizo com os agradecimentos: às representantes dos herdeiros de José Régio e Luís Amaro, Manuela Pereira e Maria Dulce Amaro, nas quais ganhei Amigas, e modelos de generosidade; ao Município de Vila do Conde, que integra o Centro de Estudos Regianos presidido por Isabel Cadete Novais, a quem também agradeço; à Biblioteca Nacional de Portugal, dirigida por Inês Cordeiro, que igualmente saúdo. Quando director do CLEPUL – e cumpre agradecer, também, à actual directora, Serafina Martins –, assinei protocolos com estas duas instituições, onde se guardam os originais aqui transcritos.

[37] Luís Amaro anotou outras, mas não para si, em, por exemplo, dossiê no *JL – Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 19-IX-1991.

CORRESPONDÊNCIA (1943-1969)

Lisboa, 18 de Janeiro – 42 [*sic*; 43].
Ex.mo Senhor José Régio:

Acho que é tempo de me apresentar a V. Ex.ª: sou o rapaz que, indo há pouco ao Pôrto[38], trouxe de lá a 2.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo* para a Portugália. Talvez não seja mais do que isso... – isto é: talvez os meus méritos aqui a-propósito [*sic*] se confinem a isso. Mas acrescentarei que sou um entusiástico leitor de José Régio – com cuja obra, por ressumar verdade e grandeza, minha alma tantas vezes se tem sentido identificada; quero dizer: os versos de José Régio falam às inquietações mais fundas da minha adolescência (tenho dezanove anos). Há muito tempo que o conheço, meu querido e grande Poeta; há muito tempo lhe tenho desejado exprimir esta altíssima admiração. Mas só agora um acaso comercial me proporciona o ensejo grato.

Não sei, porém, se não achará isto muito despropositado...; de facto, de apaixonados leitores estão os grandes Poetas fartos. Portanto, no receio de enfadá-lo com considerações que porventura achará superficiais e infantis (porque o são realmente), – passo aos assuntos sôbre que versa a sua carta chegada hoje e endereçada a Pedro de Andrade. Desculpar-me-á falar em nome da Portugália; é que me evita, assim, escrever outra carta, assinada embora por outra pessoa (a nossa carta última era minha).

Sim, – recebemos o original dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Contam os gerentes mandá-lo por êstes dias para a tipografia; a disposição gráfica, tomamos nota do seu desejo, será o mais igual possível à da ed. original. João G. Simões comprovará, de resto, nesta nova edição, o seu apurado gôsto gráfico. Creio que V. Ex.ª pode, pois, descansar a êste respeito; o que não significa que se faça qualquer coisa sem consultá-lo a si, Autor. Breve terá, pois, as primeiras provas. Ou, antes ainda, uma amostra do tipo, para ver se acha bem.

Sôbre o *Primeiro Volume de Teatro*[39]: já escrevi ao Alberto de Serpa para êle mandar para baixo os 300 exs. que vi na Impr. Portuguesa. O preço de 5$00, que José Régio acha excessivamente barato,... foi fixado pelo Alberto de Serpa... Logo que recebamos êsses exs. do Pôrto, a Portugália enviar-lhe-á (a si, não ao A. de Serpa...) um cheque de *3.500$00*, respeitante ao pagamento dos dir. de Autor da 2.ª edição dos *Poemas* e à

[38] Em Janeiro, não em Fevereiro (assente numa dedicatória de Pascoaes), Luís Amaro foi ao Porto, onde acompanhou com Alberto de Serpa, já conhecido de Lisboa, e conheceu Jaime Brasil. Este, criador da página Das Artes, das Letras n'*O Primeiro de Janeiro*, aqui insere o poema "Nocturno" (12-VII-1944) de um Luís Amaro que até ao fim da vida não deixou de evocar o Açoriano (1896-1966).

[39] Saído em 1940.

compra dêsses exs. do Teatro. Ou precisará, antes, do dinheiro? Se assim fôr, diga – porq. creio que tudo se arranjará.

Sôbre as *Encruzilhadas*: mandámos vir 5 exs., de Coimbra, – e vieram. Portanto, não deve estar ainda esgotada a ed., – o que não significa, porém, que ponhamos de parte a idéia de uma 2.ª edição.

Estou falando como se fôsse o gerente da casa ou um comerciante intrínseco – ...quando afinal não passo de um pobre empregado, amigo da Poesia e dos Poetas.

Meu Querido José Régio (perdôe o falar-lhe tão sencerimoniosamente [*sic*]), – não devo maçá-lo mais.

Acredite na mais firme admiração do seu Amigo inútil

Francisco Luís Amaro.

*

Portalegre
20/1/943

Exmo. Senhor, e meu Amigo:

Acabo de receber a sua carta. Muito obrigado (se a tais coisas se diz *obrigado*) pelas suas palavras a respeito das minhas tentativas de arte: são palavras que respiram o entusiasmo e o exagêro da mocidade – ¿Como, porém, me não seriam gratas? Longe de se cansarem os poetas dos seus leitores entusiastas, só receio que sejam *insaciáveis* de admiração. Por mim, se tenho alguns amigos entre os leitores, também tenho, creia, detractores sistemáticos e persistentes. Se escrevo, ou, antes: se publico, – é pensando nos amigos presentes e futuros; ou nos críticos de boa fé e amantes sinceros da literatura. Testemunhos como o do meu amigo é que nos dão coragem para o trabalho e para a luta.

Descendo agora aos nossos interêsses comerciais: Como ficara combinado que eu recebesse 2.000$00 em troca do original para a 2.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo* (independentemente dos volumes de Teatro), organizei a minha vida contando com receber êsse dinheiro em seguida ao envio do dito original. Eis porque lhe pedia o favor de me remeter êsses 2.000$00 em recebendo esta carta, esperando não estranhe a franqueza com que falo. Vou tratar de fazer enviar à Portugália os combinados 300 exemplares do *Primeiro Volume de Teatro* (o que ainda pode demorar alguns dias, embora poucos) e então me remeterá os 1.500$00. Quanto ao preço por que são vendidos esses exemplares, – não faça caso do que escrevi na minha última carta: Se foi êsse o preço combinado com o meu excelente amigo Alberto [de] Serpa, é que eu próprio lho marquei. Sou bastante esquecido, às vezes, ou distraído, embora outras vezes não.

Vou escrever ao Gaspar Simões, porque queria acentuar uma coisa àcêrca [*sic*] da edição: Gostaria, de facto, de conservar nesta 2.ª edição dos *Poemas* um certo *tom* da edição primitiva, *mas não no formato*. A não ser que o papel o não permita, quereria, agora, dar ao livro o formato vulgar (e mais cómodo) de qualquer romance.

Sem mais por hoje, e visto senti-lo realmente amigo dos poetas, sou um amigo ao seu dispor,

José Régio

*

Lisboa, 23 – 1– 943.
Ex.mo Senhor Dr. José Régio:

Recebi ontem a sua carta. Agradeço-lhe a compreensão e o incluir-me no número dos seus Amigos.

Vamos ao mais importante (pelo menos para si...): Falei imediatamente ao Pedro de Andrade, que me disse que ia mandar os 2.000$00. Hoje de manhã preguntei-lhe [*sic*] se os mandou e respondeu-me que não tivera tempo e hoje já não podia porque os bancos estavam fechados. Garanto--lhe eu agora, Sr. Dr., que na segunda-feira será expedida, não só essa importância como também a da compra dos 300 Teatro. Portanto, – 3.500$00. Dou-lhe a certeza de não faltar (apesar de, na demora, não haver nenhuma culpa minha, pois não sou sócio da casa...).

Porque, no momento, me é impossível alargar-me em considerações sôbre outros assuntos, porventura mais gratos espiritualmente, reservo para o futuro a ousadia de lhe dar impressões... comercialmente desinteressadas.

Creia na grande admiração do de V. Ex.ª Amigo ao inteiro dispor

Francisco Luís Amaro.

*

2 de Fevereiro – 43.
Exmo. Senhor Dr. José Régio:

Volto à sua presença, agora para lhe pedir um favor: gostaria de ter o *Primeiro Volume de Teatro* com um autógrafo seu. Podia fazer-me êsse gôsto, juntando, aos exs. que faltam vir para a Portugália, um ex., àparte [*sic*], para êste seu obscuro admirador? Desde já, os meus agradecimentos. Já li o livro (emprestado pelo Gaspar Simões), mas há muito que quero adquirir um ex., para *ter*. (Exemplar êste que fará parte dos 59 para a Portugália; eu depois pagarei à casa a importância respectiva.)

Devo dizer-lhe que gosto imenso do seu Teatro, pela riqueza psicológica de que está cheio, pela vida profunda e humaníssima dos personagens, pelos problemas apaixonantes que o diálogo desperta em nós, leitores. Seria bem bom que o dramaturgo José Régio continuasse a trabalhar! Quem sabe se a Portugália não virá a editar-lhe um *Segundo Volume de Teatro*? São êsses os meus desejos ardentes!

Estou a ler o *Príncipe com Orelhas de Burro*, entusiasmado (mas entusiasmo reflectido, provindo duma leitura serena e não influenciada por juízos pre-estabelecidos [*sic*]).

Por hoje – não quero maçá-lo mais. ¿Sempre escreveu ao nosso Dr. Gaspar Simões?[40] Saüda-o o seu mtº Amigo e Admirador

Francisco Luís Amaro.

P. S. – Já depois de fechada esta carta, *dizem-me* que chegaram os restantes exs. do *Teatro*. Fica, assim, sem efeito o meu pedido.

M^to obg^do

Luís Amaro.

*

Lisboa, 22 de Fevereiro – 43.

Ex.^mo Senhor Dr. José Régio

e meu bom Amigo:

Grato lhe estou pela amabilidade da oferta do *Teatro*, que guardo já entre os meus livros bem-amados.

Além dêste agradecimento, traz-me hoje até si a edição dos *Poemas*… Decidiu a gerência da Portugália mandá-la fazer na Imprensa Portuguesa; enviaram-nos êles uma amostra de papel para o formato in-8.º do género do do *Fado* (da primeira parte, porque a última é num outro papel muito melhor, e era esse que nós queríamos, mas já não há). Nem nós nem Alberto de Serpa gostamos do papel por êles escolhido: é, de facto, demasiado tôsco, indigno duma obra da categoria dos *Poemas*. Lembra o Alberto de Serpa, e muito bem, o papel do *Moinho à Beira do Rio*[41], e acrescenta que dá margem a um preço mais compensador do que o de uma

[40] Em carta a João Gaspar Simões, de 16 de Fevereiro de 1943, escreve Régio: «Diz-me o Luís Amaro, da Portugália, para me entender contigo acerca da 2.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*.» (José Régio, Obras Escolhidas. *Correspondência*. Introd. e recolha de António Ventura. Lisboa, Círculo de Leitores, 1994: 178) Simões era director literário da Portugália.

[41] De George Eliot, traduzido por Cabral do Nascimento, na colecção Os Romances Universais.

edição pobre. A gerência está de acôrdo. ¿Estará de acôrdo, também, o Autor? Pena é que não dê o formato 8.º – isto é: fá-lo-ia, mas com enorme desperdício.

Remeto-lhe também o Catálogo da Imprensa, para escolher o tipo.

Aguardando as suas notícias, lhe envio as minhas saudações mais afectuosas.

Adm^{or} muito grato

Francisco Luís Amaro.

*

Portalegre
4/3/943

Meu amigo:

Desculpe-me a demora com que respondo à sua carta de 22. Tenho andado não muito bem de saúde, e, além disso, cheio de trabalho. Para não demorar mais, respondo hoje à pressa; mas respondo ao essencial:

Também não posso dizer que qualquer dos dois papéis que me envia me agrade. Mas sei a dificuldade que há hoje em se achar papel satisfatório. No entanto, a ter de escolher um dos dois, prefiro o que, com razão, chama mais *tôsco*, e cuja amostra lhe devolvo. Nisto de papeis [*sic*] de livros, (como, aliás, em outras coisas) gosto do bom... ou do mais tôsco. Este papel *A* tem, demais, para mim, a vantagem de dar um formato como o do *Fado*; – e de tal formato é que me custaria a desistir. O outro papel que me propõe, sendo melhor, tem para mim três desvantagens: não dar o formato desejado; ser um pouco transparente; ser um pouco brilhante.

Julgo que com êste papel *A* ainda podemos fazer uma edição interessante, se se obtiver uma boa capa, uma boa disposição gráfica, etc. Vamos a tentá-lo! Esquecia-me dizer que duma coisa gosto francamente no papel [que] prefiro: a côr.

Para tipo de composição, acho bem o *tipo Elzevir* (redondo) corpo 10, que no Catálogo que lhe devolvo marco com o meu nome a lápis. Havendo tipo que chegue, compôr-se-á depois o *post-fácio* no itálico do mesmo tipo e corpo.

Para os títulos dos poemas, que gostaria fôssem compostos num tipo superior ao do vulgarmente usado nesses casos, – tenho de consultar o outro catálogo da Imprensa. Vou consultá-lo, pois o tenho cá dos tempos da *presença*, e depois lhe escreverei nesse sentido. Quanto à capa..., gostaria de saber o que pensa fazer a *casa*.

Também tenho de lhe escrever acerca d'*As Encruzilhadas de Deus*, pois, nessa ou em qualquer outra Casa, estou disposto a reeditá-las. A venda da primeira edição (que deve estar no fim, a não ser que a reeditas-

sem clandestinamente) é, nem mais nem menos, uma exploração e um abuso da Atlântida de Coimbra[42].

Sem mais por hoje, sou o camarada ao dispor

José Régio

*

Lisboa, 13 de Março [1943].
Ex.mo Senhor Dr. José Régio:

Recebi suas notícias, que lhe agradeço.

Assentamos então no papel *A*. E no tipo *Elzevir (redondo) corpo 10* para o texto. Convém que nos mande a indicação do tipo para os títulos, para a Imprensa poder começar. Sem essa indicação, será melhor não lhes darmos ordem para compor, a fim de não inutilizarem depois os títulos que fizerem.

Sôbre a capa: falei com os gerentes, que me preguntaram o que pensaria fazer V. Ex.ª (exactamente a mesma pregunta que me faz em sua carta, em relação a êles). Sabe que o Kradolfer[43] é o nosso ilustrador quási exclusivo; e um grande ilustrador, não é verdade? E se êle fizesse uma experiência, que se submeteria à resolução de V. Ex.ª? Uma capa mais artística do que comercial ou de montra, – é claro. E o Kradolfer é bem capaz de a fazer. Aguardamos a sua opinião.

Creio que não levará a mal que êstes assuntos mais pròpriamente da *casa* (V. Ex.ª sublinha esta palavra, em sua carta, talvez para vincar isto mesmo...) sejam tratados em cartas particulares – e, ainda por cima, de um empregado. Mas se as cartas fôssem pròpriamente comerciais seria eu que as faria; e assim parece-me estar mais à-vontade. Pode ter confiança em mim; nenhum assunto será tratado irresponsàvelmente.

Perdôe-me êste laconismo e esta pobreza de expressão. Sinto-me também um pouco deprimido e cansado.

Saüda-o com muita amizade o Admirador entusiasta

Francisco Luís Amaro.

*

[42] 1.ª ed., 1936. Edições na Portugália: 1946, 1956, 1960, 1966 e, 6.ª ed., Fevereiro de 1970.

[43] Fred Kradolfer (Zurique, 1903-Lisboa, 1968). Artista suíço radicado em Portugal desde 1924, havia completado, em Zurique, o Curso de Ourivesaria na Escola de Artes e Ofícios. Pertenceu ao grupo de artistas do Secretariado da Propaganda Nacional, promovido em 1933 por António Ferro, depois transformado em SNI – Secretariado Nacional de Informação. Conhecido também pela sua intervenção na área da azulejaria, na qual não tinha formação, patente na sede da Soponata, nas fachadas laterais da Reitoria da Universidade de Lisboa, nos miradouros de S. Pedro de Alcântara, de Nossa Senhora do Monte e do Castelo de S. Jorge. [SC]

Portalegre
20/3/943

Meu amigo:

Antes de mais nada, claro que também prefiro que me escreva "particularmente", isto é: assinando com o seu próprio nome. Respondendo-lhe, sei, assim, a quem me dirijo. Portanto, não mais desculpas, directas ou indirectas, quanto à maneira como me escreva; – escreva-me como quiser! na certeza de que eu prefiro corresponder-me com uma determinada pessoa... a corresponder-me com uma assinatura impessoal, uma firma, ou uma entidade abstracta. Se, na minha última carta, empreguei a palavra *Casa*, foi pela comodidade do laconismo; talvez, também, por ignorar até que ponto os dirigentes da Portugália deixam ao meu amigo e a mim a liberdade de combinarmos a edição. Se nos deixam essa liberdade, melhor. E quanto à sua situação de empregado, (em que toco por já ma ter citado duas ou três vezes) claro que não vai o meu amigo supor que eu julgue os homens pelo facto de serem *empregados*... ou *patrões*! Demais, se o empregado Francisco Luís Amaro trata pessoalmente duns certos assuntos, é porque sabe que o pode fazer.

Bem, passemos aos assuntos práticos: Para os títulos das poesias, escolhi o corpo 24 (palavra Muge) que vem à página 37 do *Catálogo de Tipos* da Imprensa Portuguesa. Bem vejo que é um pouco grande para o que vulgarmente se usa em títulos de poesias: mas alguma coisa gostaria eu de conservar da 1.ª edição dos *Poemas*. O que é preciso é verem na tipografia, pelo título mais longo dos poemas, se há caracteres que cheguem para a composição.

Quanto à capa: Quem sempre tem desenhado as capas dos meus livros, quando desenhadas, é meu irmão Júlio. Bem sei que muitas pessoas de Lisboa acham essas capas de grande mau gôsto. Eu, porém, prefiro êsse *mau gôsto*, já característico das minhas edições, ao bom gôsto de várias capas que por aí se exibem, e quási sempre me lembram tampas de caixas de papel de carta... de luxo. Numa palavra, tenho pouca confiança (principalmente para as capas dos meus livros, note-se) nos ilustradores-decoradores. Todavia, o Kradolfer é um ilustrador diferente; e se é o ilustrador das edições da Portugália faça êle a capa *como melhor entender, sem se preocupar, sequer, com a minha opinião* (será o melhor meio de a fazer) e, já que quer ter essa amabilidade, mande-ma depois o Luís Amaro.

Quanto à disposição das palavras nos títulos dos poemas, – indicá-la-ei nas 1.as provas que fôr recebendo, e que não devem ser de página. Terei de receber, depois, segundas provas – as de página. Sem mais por hoje, que já não é pouco, sou o amigo

José Régio

*

Lisboa, 2 de Abril [1943].
Meu Caro Snr. Dr. José Régio:

Seguem por êste correio as primeiras provas dos *Poemas*. Dei-lhes uma vista de olhos e reparei que vêem [*sic*] cheias de gralhas, apesar de o original não poder ser melhor. Como o Snr. Dr. tem aí o Catálogo da Imprensa, queira indicar a mudança de algum tipo que não lhe agrade. ¿Não acha que, antes do frontispício, podia levar duas páginas – a primeira só com o título e a outra branca, além das duas outras brancas da abertura? Receio fazer-me compreender, mas parece-me que o *Fado* está assim.

Se quiser, eu posso dar-lhe uma ajuda na revisão, porque nisto de provas os revisores nunca são demais. As emendas que fizesse seriam, porém, vistas primeiro por si, antes de seguirem para a tipografia. (Conheço muito bem o seu escrúpulo e o seu... mêdo das pessoas alheias; o que está absolutamente bem num artista de tamanhas responsabilidades.)

Para bom andamento do livro, peço-lhe o favor de não demorar muito as provas.

Envio-lhe, também hoje, a revista *Portvcale* (último n.º) com um "poema" meu[44] – o primeiro que publico desde que estou em Lisboa. Se (quando pudesse! não há pressa) me honrasse com a sua opinião – ficava-lhe mtº agradecido.

– Com cumprimentos amigos, se subscreve o Admirador grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
11/4/943

Meu amigo:

Deve ter recebido as provas corrigidas dos *Poemas*, – e lá dizia (se me não esqueceu dizê-lo) que lhe escreveria. A respeito de provas: Eu tenho de ver sempre duas provas, isso é condição imprescindível. Talvez seja mais rápido, por isso, a Imprensa Portuguesa mandar-mas directamente, e eu devolver-lhas na mesma. Vem-me, porém, à lembrança que estão aí as férias da Páscoa à porta. Como sou de Vila do Conde, vou lá agora, e de lá vou todos os dias ao Pôrto (não todos, mas quási); poderei, assim, emendar provas com rapidez, e adiantar muito o livro. Não deixo, porém, de

[44] "Domingo", *Portvcale*, vol. XVI, n.º 91, Janeiro-Fevereiro de 1943.

agradecer o oferecimento, que me faz, de auxílio na revisão, e bem quero crer que uma ou outra vez precisarei dêle. Sim, revisores de provas nunca são a mais!

Para continuarmos com *negócios*: Eu falei-lhe, há tempos, em que pretendia fazer uma 2.ª edição de *As Encruzilhadas de Deus*, quanto mais não fôsse como protesto de autor contra o facto da [de a] Atlântida, abusando da ausência de qualquer contracto [*sic*] escrito, se recusar a pagar-me quaisquer direitos. A importância dêsses direitos poderia convir-me; – o que, porém, me revolta é o abuso, a exploração, a imprudência. Consegui, finalmente, obter um postal da Atlântida, em resposta a um pedido do Pôrto, em que as *Encruzilhadas* são dadas como livro esgotado. Reservaram-se – dizem êles – meia dúzia de exemplares para serem vendidos ao preço de 20$00. Eu, nada, a-pesar [*sic*] de o livro ter o rótulo de edições *presença* –Atlântida! Estou, pois, mais do que nunca resolvido a fazer uma 2.ª edição do livro, agora esgotado, – acrescentando-lhe ao fim *uma página das memórias dum escritor* que talvez tenha algum interêsse. Será, se o escrever como o sonho, um capítulo ao mesmo tempo crítico, satírico, triste, – e, no fim de tôdas as contas, *transcendentalmente optimista*: como eu creio serem tôdas as minhas coisas. Ora bem: Suponho que o meu amigo já falara, no Pôrto, ao Alberto de Serpa numa 2.ª edição de *As Encruzilhadas*. Se essa edição convi[e]r à Portugália, estou pronto a entrar em negociações sôbre o assunto. Qualquer coisa que o Alberto de Serpa pudesse ter dito sôbre a questão está agora sem efeito, – por eu ter agora planos diferentes. *As Encruzilhadas* poderiam já ser anunciadas a quando [*sic*] do aparecimento dos *Poemas*, e a sua edição, ou reedição, seguir-se à dêstes. Seriam, por assim dizer, os dois primeiros volumes duma 2.ª edição sistemática das minhas... *Obras Poéticas*. (Parece que já estou a despedir-me da poesia e da vida... mas não! Não posso falar *inteiramente* a sério das minhas produções literárias, por saber que aquilo de que, aliás, elas nascem – é muito mais sério...)

Reatando: Se à Portugália pode, pois, convir a reedição das *Encruzilhadas* com a tal página de memórias (que abrangeria os meus dois primeiros livros de poesia) – o Luís Amaro dir-mo-ia sem grande demora: Só estou em Portalegre aí até 17 ou 18 do corrente mês. Depois disso, e durante uns 15 dias, – em Vila do Conde, Avenida Campos Henriques. Se à Portugália não convi[e]r tal edição (hipótese que perfeitamente admito, e me não impedirá de vir a ter, de futuro, outras combinações com a Portugália) – também o meu amigo me diria com a brevidade que pudesse. Suponho que não teria grandes dificuldades em conseguir outro editor, pois já tenho recebido propostas nesse sentido.

Aqui termina a minha carta de negócios. Quereria começar aqui a escrever-lhe outra, – aquela em que lhe falasse dos seus dois poemas, que li,

um na *Portvcale*, que me enviou, e outro na *Atlântico* (n.ro 3)[45], que me enviaram óntem. Mas... sôbre poesia lhe quero escrever com mais vagar. De Vila do Conde lhe escreverei, pois vou ter a próxima semana cheia de trabalho profissional: classificar exercícios de rapazes, dar notas, etc. "Sou professor de liceu..." Perdôe, pois, o meu egoísmo (ou talvez, antes, a minha necessidade de pôr os negócios acima de Coisas que lhes ponho muitíssimo acima) que me leva, por hoje, a antepor aos interêsses de outra ordem os meus interêsses... de momento.

Sem mais, sou com tôda a camaradagem ao dispor

José Régio

*

13 de Abril [1943].

Meu Caro Snr. Dr. José Régio:

Recebi agora mesmo as suas 2.as provas.

Li-as, e deparei com as seguintes dúvidas ortográficas:

pág. 9 – *quasi*.

" 10 – *serêno*.

" 11 – *lascivia*.

" 16 – *sêr*.

Não sei se são, de facto, gralhas, ou grafias propositadas. Podia esclarecer-me, num simples postal, na volta do correio?

Não sei também se êste meu reparo será, para si, um atrevimento; mas creio que não.

Sôbre o título a verde, no frontispício: vou falar com o gerente, e do que êle decidir informá-lo-ei em p. s. Acho também que seria interessante.

À sua carta, que ontem recebi, responderei hoje ainda, ou amanhã. Agora limito-me a agradecer-lha.

Creia na sincera amizade e admiração do

Francisco Luís Amaro.

P. S. – Sim, senhor, está aceite a idéia do verde! Descanse, que arranjaremos um verde decente.

Obgdo

L. Amaro.

2º P. S. – Desculpe-me o laconismo: falei agora mesmo com um dos gerentes sobre as *Encruzilhadas*. Queira o Sr. Dr. escrever-lhes expondo as condições. Estão dispostos a fazer a edição. Admor às ordens LAmaro.

---

[45] Revista Luso-Brasileira, 15-III-1943, com "Chegou a noite", poema ilustrado por Júlio. Luís Amaro insere aqui "Adolescente", ilustrado por Pavia.

*

Boavista, 52, Portalegre
15/04/943

Senhor Luís Amaro e Meu Amigo:

Recebi hoje mesmo a sua carta, à qual respondo com a brevidade que desculpará. A respeito das dúvidas ortográficas: Devem sair: *quási*, *serêno*, *lascívia*, *ser*. As suas dúvidas tinham, pois, muita razão de ser. Só *serêno* é que deve sair como deixei nas provas, para se distinguir da 1.ª pessoa do pres. do ind. do verbo serenar. Muito lhe agradeço o seu cuidado. E se qualquer outra vez escaparem nas minhas provas acentos a menos ou acentos a mais, pode pôr-lhos ou tirar-lhos, – que nisso não tenho eu grande requinte: Cinjo-me à ortografia oficial, – o que às vezes sou é distraído. A respeito das *Encruzilhadas*, escreverei, pois, aos gerentes da Livraria.

Sem mais por hoje, sou o camarada m.^to^ agradecido

José Régio

*

Boavista, 52, Portalegre
17/4/943

Meu prezado Amigo:

Devolvi-lhe óntem mesmo, corrigidas, as provas da 2.ª página dos *Poemas*. Espero continuar aqui em Portalegre até 5.ª feira da semana que vem (hoje é sábado) e por isso lhe escrevo: Se, até 5.ª feira (dia em que espero sair de cá à tarde), alguma coisa precisar de mim, escreva-me para cá.

Sem mais por hoje, sou o camarada agradecido aos seus cuidados,

José Régio

*

5 de Maio [1943].
Ex.^mo^ Senhor Dr. José Régio:

Julgo que recebeu já aí em Vila do Conde umas provas que eu lhe remeti há semanas.

Julgo também que, conforme me disse, se tem entendido directamente com os homens da Imprensa.

O livro já começou a imprimir?

Agradecia muito as suas notícias, para poder informar cá a Portugália. E a tal carta *para mim*?...

Seu Adm^{or} mt^{to} obrig^{do}

Luís Amaro.

*

Portalegre
12/5/943

Meu amigo:

Desculpe-me ainda lhe não ter escrito, nem lhe escrever hoje, a *sua* carta. Contìnuamente luto com falta de tempo, ou com o cansaço de espírito que mo não deixa aproveitar. E tenho em meu poder uma boa meia dúzia de manuscritos, que seis autores me enviaram para que eu lhes diga alguma coisa, sem eu ter tempo, nem disposição, de lhes dizer nada... Esta gentileza lisonjear-me-ia – se me não torturasse pela minha tal falta de tempo. Tudo isto vai para que me desculpe e tenha um pouco de tolerância e paciência.

A respeito da nossa questão: Estive na Imprensa quando estive agora no Pôrto, entreguei provas emendadas da 2.ª folha, escolhi a côr verde para o título, e disse que as duas primeiras fôlhas do livro podiam ser impressas. Portanto, se há demora, a demora pertence lá à tipografia. Também eu acho que as duas 1.^{as} fôlhas já podiam estar impressas, e ter vindo novas provas. Outro assunto: Como eu lhe dissera que a venda das *Encruzilhadas* era abusiva por os homens da Atlântida se recusarem a pagar-me quaisquer direitos de autor, devo dizer-lhe agora que, a uma reclamação minha, os homens sempre se resolveram a pagar-me alguma coisa. Propunham-me, além disso, uma segunda edição, para quando eu pensasse em tal, proposta esta que declinei. Dada a minha primeira informação, devo dar esta segunda.

Sem mais por hoje, e desculpe-me esta carta escrita à hora de partir o correio, com a precipitação que é visível.

¿E a capa para os meus poemas? O Kradolfer ainda a não fêz?

Até breve, e com mais vagar, do seu camarada

José Régio

*

Portalegre
30/5/943

Meu Amigo:

Ainda hoje só lhe escrevo por causa do meu livro. Deve ter recebido uma lista que lhe mandei há dois dias, com a indicação da disposição dos

títulos dos restantes poemas. Nessa lista indicava eu um poema inédito a acrescentar a esta 2.ª edição, e é êsse poema que lhe envio hoje. Deve entrar antes da "História para crianças grandes" – será, pois, o penúltimo do livro. Estou a acabar de escrever o *post-fácio*, que me saiu mais longo do que eu esperava; logo que esteja pronto lho enviarei.

O papel da 3.ª fôlha impressa que recebi pareceu-me um pouco diferente do das 2 primeiras; e até o formato um pouco maior. ¿Será assim, ou será que essa pequena diferença se dá até a dentro [*sic*] da mesma qualidade de papel? Também tenho esperado pela capa – visto me ter dito que me enviaria o desenho, à mostra. ¿Ainda não estará pronto? Uma terceira pregunta: ¿A brochura do livro far-se-á no Pôrto, ou aí em Lisboa? Eu só tenho recebido amabilidades da Imprensa Portuguesa (pelo que fiquei, até, muito satisfeito com o meu livro ser lá composto e impresso) e não os queria desgostar: Mas há uma coisa – aliás só essa – que na casa me não tem agradado muito, – e é o modo de brochar. Sou sensível, quando leio um livro, a uma brochura sólida e bem feita, que dá outra comodidade ao leitor. Suponho que estas brochuras são feitas à máquina (¿ou será imaginação minha?) e que na Imprensa Portuguesa as fazem à mão, não conseguindo a mesma perfeição a-pesar dos seus esforços. Enfim…, se a brochura tiver de ser feita no Pôrto, pedia-lhe para recomendar cuidado, e eu de cá o recomendarei também para lá.

Desculpe-me tôdas estas impertinenciazinhas de autor, e a maçada que lhe dou com elas. O meu amigo mostrou interessar-se pela edição do meu livro, – e os autores são assim!: quanto mais lhes dão mais querem, mais exigem, mais pedem… Já os conhece um pouco, ¿não é verdade?

Terei de pôr umas erratas ao fim do livro, pois, por culpa minha, já vi três gralhas (pelo menos) importantes nas fôlhas impressas. Paciência.

Até breve, sou o camarada agradecido,

José Régio

P. S. Recebo agora mesmo as provas da 4.ª fôlha. Como mo indica, mandá-las-ei directamente para o Pôrto. J. R.

*

Lisboa, 17 de Junho de 1943.

Meu Caro Senhor Dr. José Régio:

Perdôe-me êste silêncio: tenho tido muitíssimo que fazer, e não poucas preocupações e tristezas.

Não me maça absolutamente nada com as suas dúvidas e os seus escrúpulos sôbre a edição dos *Poemas*. Só me sentirei contente com tais observações. De resto, acho que a curiosidade, insatisfeita e quantas vezes

doentia..., de um autor pela edição da sua obra, – é a coisa mais humaníssima e legítima dêste mundo. Oxalá todos os editores pensassem como eu...

A brochura do seu livro é, de facto, feita na Imprensa. Não tenho notado que as brochuras dêles sejam frouxas; mas, como o Senhor Dr. se tem dado mal nesse ponto, claro que lhes vou recomendar insiste[nte]mente todo o cuidado.

O livro tem andado lentamente demais, por culpa da Imprensa. Vou apertar com êles. Sôbre a capa: o Kradolfer não se satisfaz com o seu trabalho dêle: fêz já três capas, que inutilizou por detestá-las. (Eu frisei-lhe o seu menosprêzo pelos ilustradores-decoradores, e comuniquei-lhe a excepção que o Senhor Dr. abre para êle...) Creio que em breve lhe poderei remeter a capa definitiva (isto é: aquela que o Senhor Dr. julgará ou não definitiva).

A gerência da Portugália escreveu-lhe hoje (passei agora mesmo à máquina a minuta, de um dos gerentes) sôbre as *Encruzilhadas*. Claro que não tenho a menor intromissão no assunto: se pudesse tê-la, aceitaria imediatamente as condições apresentadas pelo meu Poeta.

Ouvi ontem à noite, no serão do Teatro Nacional, o Villaret recitar a sua "Balada de Portalegre". Admirável!

Sem mais por hoje, como se diz nas cartas comerciais, creia-me sempre Admirador muito dedicado

Francisco Luís Amaro.

*

Com os melhores cumprimentos do LUÍS AMARO e agradecendo a devolução na *volta do correio* (das provas; não se preocupe com as gralhas.)

A lista das Obras do Autor irá no fim, para não acumular com as da colecção.

Com muitos cumprimentos do olvidado...

Francisco Luís Amaro.

*

Portalegre
16/7/943

Não *olvidado*, não. Mas o serviço de exames tem-me tomado todo o tempo; ou tira-nos tôda a disposição para fazer seja o que fôr no raro tempo que nos deixa livre. Só agora tenho um pouco mais de sossêgo, embora o trabalho ainda dure até ao fim do mês. Espero sair a férias, para Vila do Conde, nos princípios de Agôsto, e então lhe escreverei com

vagar, sôbre os seus versos e sôbre o que vier a propósito. Por enquanto, não posso senão escrever rápidas cartas *obrigadas*.

Vamos então ao que importa... sob o ponto de vista prático: Por êste correio lhe devolvo, registado, o desenho para a capa do meu livro. Gosto da parte central, ou, digamos, da figura. Só não me satisfazem aquelas letras em linha oblíqua. Estou farto dos títulos inclinados, que foram moda (e até moda da *presença*) durante algum tempo, mas que afinal se não recomendam nem pela lógica nem pela estética. ¿Não será possível o Kradolfer aproveitar tudo, pondo, no entanto, o título a direito? Poderá lê-lo qualquer transeunte sem ter de torcer o pescoço. Diga-lhe que lhe agradeceria mais êsse trabalho. Sob o ponto de vista comercial, talvez fôsse conveniente pôr a indicação de *2.ª edição, aumentada e seguida dum posfácio*. Mas o Luís Amaro compreende que, pessoalmente, me não interesse nada isso a mim... e antes eu prefira indicação nenhuma.

Como talvez saiba, *As Encruzilhadas* foram parar a outro editor. Eu sei que o meu Amigo tinha intêresse em que aparecessem reeditadas pela Portugália. Desculpe-me, pois, o pequeno desgôsto que lhe dei. Eu sabia que outro editor me daria o que pedi à Portugália, – e que a mim me não parecia demasiado. Como não tenho grande feitio para discutir muito tempo o preço dum livro, segui a solução mais fácil. Sem mais por hoje, e sou sempre o seu camarada ao dispor,

José Régio

P. S. – Esquecia-me dizer-lhe que brevemente (dentro de poucos dias) lhe enviarei o tal *posfácio*, que estou a acabar de copiar. Era bom que pudesse ser composto num *itálico elzivir* [*elzevir*] correspondente ao tipo do texto poético. J. R.

*

23 de Julho [1943].
Meu Caro Sr. Dr. José Régio:

Venho acusar e agradecer-lhe a devolução do desenho da capa. Já a dei ao Kradolfer, que fêz a emenda que o Sr. Dr. apontou justamente. Julgo desnecessário enviar-lhe de novo o desenho, só por causa disso, – tanto mais que não se puseram as palavras que o Sr. Dr. sugeriu: a gerência da Portugália acha preferível uma pequena cinta com êsses mesmos dizeres.

Vamos mandar fazer agora a gravura e, depois, tratar da impressão da capa. ¿Como quere [*sic*] a lombada? Eu mando-lhe uma prova: conheço e acho bem o seu receio de que a intervenção dos outros lhe cause algum desgôsto, – como, decerto, já lhe deve ter acontecido.

Da Imprensa escreveram ontem, a dizer que terão o máximo cuidado na brochura (que é mecânica e não manual, como supunha) e a pedir com urgência o Posfácio.

Sem outro assunto interessante por hoje, e com muita pressa, subscrevo-me o Admirador de sempre

Francisco Luís Amaro.

*

Portalegre
24/7/943

Meu Amigo:

Deve ter recebido uma carta minha, e, mandada no mesmo dia, a capa do meu livro. ¿Poderá dizer-me alguma coisa a êsse respeito? Ainda espero estar em Portalegre até ao fim dêste mês. Depois disso, (ou mesmo um ou dois dias antes do fim do mês) tôda a correspondência me deve ser enviada para Avenida Campos Henriques, Vila do Conde.

Quanto aos *Poemas*, estou à espera das 2.as provas da última fôlha de poesia. É certo que, nesta terrível época de exames, eu não tenho podido ser muito rápido; mas lá na Imprensa também o não são. Como creio que o livro não será pôsto à venda senão lá para o outono (agora seria má altura) – não há grande mal nessas demoras.

Dentro de uns dois dias lhe enviarei o posfácio, que chamei "Um trecho das minhas *Memórias Críticas*". Saiu mais longo do que eu esperava; mas para quem ligue qualquer intêresse às minhas magicações pode ter algum interêsse. A seguir ao posfácio virão umas *Erratas*, pois algumas gralhas escaparam que quero corrigir. Virá, depois, a indicação dos meus livros publicados, – coisa que é uso vir no princípio de cada obra, mas nesta minha sai no fim.

Como, em férias, vou muitas vezes ao Pôrto, eu mesmo vigiarei na Imprensa a disposição dessas coisas.

Quanto ao posfácio, creio já lhe ter sugerido a sua composição num itálico elzivir [elzevir] mais ou menos de acôrdo com o tipo do texto poético. Observação importante: é necessário escolher um tipo que chegue para tôda a composição dêsse trecho, claro.

Desculpe-me estas cartas só cheias de particularidades práticas… enquanto lhe não puder escrever mais livremente.

Sou o camarada agradecido,

José Régio

P. S. – Escrevi óntem esta carta, que não cheguei a deitar no correio, e hoje recebo a sua. Desde já lhe mando *dois terços* do meu Posfácio. Julgo

que darão as 16 páginas duma fôlha, e, assim, a Imprensa já irá tendo material para compor. O resto irá sem demora, ou o levarei eu próprio à Imprensa. J. R. 25/7/943

*

29 – Julho [1943].
Meu Caro Senhor Doutor José Régio:

¿Concorda com a nota que fiz para a tipografia relativa à manobra do Posfácio? Fi-la por calcular que o restante original seja longo. Porém, se não fôr, e se o meu bom Amigo discordar de a *mancha* ser tão grande (à altura da dos versos) inutilize a minha nota. Mando um envelope para fazer favor de devolver as provas directamente à Imprensa.

Desculpe-me dêste à-vontade.

Seu muito Amigo

Luís Amaro.

*

Boavista, 52, Portalegre

Meu Amigo:

Não o esqueci, a-pesar de quaisquer aparências disso. E, antes de mais nada, desculpe-me o silêncio em que tombei, contràriamente ao que lhe tinha prometido. Não esqueci, também, que lhe prometera escrever-lhe com mais vagar, e particularmente, – e que ainda não cumpri a minha promessa. Alguma vez será, mas não *de propósito*. Quando, *de propósito*, quero escrever de certa maneira, logo me sinto constrangido.

Envergonho-me, agora, de só voltar a escrever-lhe para de novo recorrer à sua solicitude. Mas nem tento esconder êste egoísmo.

É o caso que soube, pelo Alberto [de] Serpa, ir ser entregue à tipografia o original da minha antologia poética. Primeiro, – ainda faltam uns cinco poetas a essa antologia. Só os meus vários afazeres e um estado doentio dêles resultante me não deixaram, ainda, mandá-los. Como, porém, são os últimos nomes da antologia, – bem pode, desde já, começar o original a ser composto. Agora, não demorarei a enviar êsses nomes que faltam. Questão de três ou quatro dias. O que do meu amigo eu quereria era que procedesse, quanto à revisão de provas da minha antologia, – *exactamente* como procedeu para com a antologia brasileira do Serpa. *Exactamente nas mesmas condições*. ¿Posso pedir-lhe isto, sem autoridade para lhe pedir nada?

Independentemente dêste caso, há já não sei quantas semanas lhe quero mandar os *Poemas de Deus e do Diabo*! Tenho isso por um dever, dada a

interferência do Luís Amaro na reedição dêsse livro. Mas, fôsse ou não dever, sempre seria um prazer. Amanhã lho enviarei.

Sem mais, por hoje, sou o camarada obrigado,

José Régio

*

11 de Janeiro de 1944.
Meu bom Amigo

As suas notícias, que hoje recebi, vieram trazer-me a certeza de que me não supõe implicado nas coisas lamentáveis, nos equívocos e desencontros que se deram. Sim: de tudo isso lavo as minhas mãos, com desgôsto.

E creia que tem em mim um leitor devotado e, por isso mesmo, um amigo leal; isto significa que terei muita alegria em colaborar consigo, ainda que modestamente.

O original das *Líricas Portuguesas* foi, efectivamente, já para a tipografia, mas ainda não recebemos provas. Quando as receber, ¿quere que reveja eu as primeiras, as devolva para a tipografia, volte a rever as segundas e lhas envie a si junttamente [*sic*] com o original, para que o meu Amigo volte a enviar-mas? Assim foi com a Antologia do Serpa, com a diferença de ser êle quem entregava as provas directamente na tipografia.

Agradeço esclareça isto. E agradeço também que não dê às suas palavras um ar de "pedido", pois que afinal se trata de um dever meu; e se acaso houvesse algum favor da minha parte, em verdade não seria prestado a si, mas à Portugália Editora.

Lamento agora que não lhe pudesse prestar o meu concurso nos *Poemas de Deus e do Diabo*. Mas nessa altura eu tinha imenso que fazer, a tipografia andava muito devagar, e receava também que o Autor me tomasse como estranho na correcção das provas de um livro que lhe é tão querido.

Agradeço-lhe muito a oferta que me promete.

Viu uma crítica de Álvaro Saleman [*sic*], na *Vida Mundial Ilustrada*?[46] No *Ocidente* também saiu qualquer coisa, que decerto lhe não passou despercebida[47]. Além destas duas, só tenho conhecimento de uma notícia no *Domingo*[48], que lhe enviei. No entanto o livro foi distribuído para

[46] Ano III, n.º 136, 23-XII-1943: 25.

[47] "Problemas da crítica literária", *Ocidente*, desde Setembro de 1943, e terceiro artigo em Janeiro de 1944. A série de 13 artigos prossegue até Novembro de 1945.

[48] Suplemento Semanal do *Jornal do Comércio*, insere, com foto, "José Régio", texto não assinado, de elogio máximo.

muitos outros jornais. O Gaspar Simões pensa fazer a crítica na próxima semana[49].

A edição tem saído muito bem, e creio que não levará muitos meses a esgotar-se.

Já me esquecia: tem também conhecimento de um ridículo "eco" numa fôlha literária da província, dirigida por um irmão do Manuel Anselmo?[50] Êste sr. também o maltratava num livro que publicou agora – *Família Literária Luso-Brasileira*...[51]

Quero ainda informá-lo de que por êstes dias se fará expedição de livros para o Brasil. Se quiser aproveitar para algumas ofertas a camaradas seus de lá, mande-me os exs. Há um nome que seria bom não esquecer: Álvaro Lins, que dizem ser o maior crítico literário brasileiro.

E, por hoje, não quero maçá-lo mais.

Aceite, meu querido Poeta, tôda a minha leal admiração, e disponha do seu verdadeiro Amigo,

Luís Amaro.

*

Boavista, 52, Portalegre
16/1/943 [*sic*; 1944]

Meu amigo:

Desculpe-me êste papel, pois não tenho agora mais nenhum à mão, e a precipitação com que lhe escrevo. Não quero demorar mais, e, para não demorar mais, tem de ser assim.

Claro que o nunca julguei metido em qualquer desentendido entre mim e a Portugália. Houve em tudo isso muita falta de diplomacia! Com uma pessoa culta, delicada e sensível eu teria feito o que me pedisse, mesmo com inconvenientes de mais para mim e remuneração de menos. Enfim... não falemos mais no caso. Ao Luís Amaro é que eu não responsabilizo por nada que entre mim e a Portugália se passe. No Luís Amaro *sinto* eu...

---

[49] Em 21-I-1944. As recensões de João Gaspar Simões convocam os volumes de *Crítica*, na 2.ª ed. da INCM. No caso vertente, *Crítica. II*, 1999: 80-86.

[50] Artur Anselmo Gonçalves de Castro (1912-1980). Ignoramos a que folha se refere Luís Amaro.

[51] Com o subtítulo *(Ensaios de Literatura e Estética)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1943: 21-30, "Um novo livro de poemas de José Régio" é sobre *Fado*, «um imerecido desastre na sua obra» (p. 25). O ensaio encerra lamentando quem, embora já forçando «as portas da História», não teve «auto-crítica suficiente para impedir a publicação de livros manifestamente inferiores como êste. Faz pena, faz, porque de todo o livro só os desenhos de Júlio, irmão do Poeta, se salvam.»

uma pessoa que me estima. Outros me estimaram, já, assim, quando eram da idade que provàvelmente o meu amigo terá. Depois, a vida meteu-se ao meio. Mas vamos ao que, de momento, importa: Enviei-lhe óntem seis exemplares dos *Poemas*, oferecidos, para seguirem na remessa de livros para o Brasil. São para: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rego, Alvaro Lins, Lúcio Cardoso. O seu exemplar ainda não foi, – mas vai amanhã, sem falta.

Pelo que diz respeito à revisão de provas da *Antologia*, sim, quereria exactamente revê-las nas condições do Serpa. Eu só verei as últimas provas, que me virão com o original, – e o Luís Amaro verá, aí, as duas primeiras. E muito obrigado pela boa vontade, ao menos deixe-me agradecer-lhe a boa vontade! Eu tenho tido muito que fazer, de aí o descuidar-me no envio do final da *Antologia*. Como, porém, tenho êsse final quási feito, bastam-me uns dois dias de trabalho (que me resolverei a ter logo que veja o volume em andamento) para concluir tudo. Estou cansado dêstes compromissos, – e o pior é que já aceitei outros que me tomarão todo o ano! Mas estou cansado, e resolvido a só trabalhar, para o ano, no que me apeteça. Que prazer, só fazer versos, novelas, ou teatro, ou até ensaios – sem prazos nem número de páginas fixos, e sem a preocupação de agradar ou desagradar!

Adeus por hoje, e creia na afectuosa estima do camarada

José Régio

P. S. – Sim, li êsses jornais que me foram enviados... não sabia por quem. O livro do Manuel Anselmo não o li nem vi. Dantes, o Manuel Anselmo tratava-me excessivamente bem[52]. É, talvez, natural que *se vingue* ao presente, sendo, agora, tão injusto contra mim como dantes era em meu favor. Na realidade, estas coisas já me tocam pouco, louvado seja Deus! Vão uns, outros veem [*sic*], e a vida é tudo isto. Diria que é *o céu também*, se não fizesse um *calembour* de mau gôsto por causa do filme[53]. Na realidade, porém, é o céu também. Quero dizer que também é qualquer coisa que ultrapassa as nossas pequenezas. Felizmente! J. R.

*

[52] Manuel Anselmo (1911-1992) disse de Régio «a grande revelação poética do nosso tempo» (Suplemento Literário do *Diário de Lisboa*, 3-V-1935. Reprod. em *Antologia Moderna*, Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1937: 229). Já o referira em *Soluções Críticas* (1934).

[53] *All this, and heaven too*, no original. Filme de 1940, direcção de Anatole Litvack, com Bette Davis, Charles Boyer, Jeffrey Lynn e Barbara O'Neil. [SC]

Portalegre
3/4/944

Meu bom amigo:

Desculpe-me êste longo silêncio; mas tenho vivido numa verdadeira luta para poder dar atenção aos vários trabalhos em que me meti êste ano, – e não escrevo nenhuma carta a que não seja forçosamente obrigado. Ando exausto, e mesmo assim não tenho tempo que me chegue.

Fui, em Fevereiro, a Lisboa, e pensava poder procurá-lo. Também lá andei sempre com pressas, e não me foi possível. Julgava, então, ter de voltar várias vezes a Lisboa, por causa da representação do *Jacob e o Anjo*; adiei para qualquer outra vez o nosso encontro. Afinal, depois de eu ter andado meses a sonhar com a representação, (fraquezas de autor!) e gastado tempo e dinheiro por causa dela, recebi umas breves linhas em que me era anunciada essa representação para *época mais afortunada*, dado o sucesso actual do *Tovaritch*[54], que o demorava em cena, etc., etc.

Não voltarei, pois, a Lisboa brevemente.

E agora, depois destas coisas à margem da nossa *antologia*, o seguinte: Fiquei um pouco arreliado com um engano que saiu a página[s] 96 da última fôlha impressa que recebi. Lá leio *Fim da Écloga Crisfal*, onde devia estar *Fim da Écloga de Jano e Franco*. Evidentemente, a culpa foi minha: Fui eu, de-certo [*sic*], quem, por engano, escreveu *Crisfal* onde não devera tê-lo escrito. Teremos, ao fim, de pôr umas *erratas*, e corrigir o engano[55]. Mas estou com mêdo de ver na folha que se lhe segue (e que, de-certo, está a ser impressa!) qualquer outra tolice.

Na mesma página 96, porém, há uma pequena cousa que pode ser corrigida para futuro. A primeira estrofe da página (*Lágrimas ter não puder*) parece-me demasiado apertada em relação às outras. De-certo, aconteceu isto por eu ter acrescentado qualquer coisa nas provas. Mas o *apêrto* poderia ter sido distribuído por tôda a página, e não concentrar-se numa só estrofe. Aquilo é um pouco trapalhice da tipografia, em que geralmente se não repara. Mas eu sou da escola gráfica da *presença*, que desprezava, nêsse capítulo, certas cousas, e reparava muito em outras...

Recebi hoje novas provas (da pág. 113 à 144) que vou ver se lhe devolvo amanhã.

---

[54] Peça (1933) de Jacques Deval, que co-dirigiu um filme com o mesmo título em 1935, ano em que também subia à cena londrina, em tradução de Robert E. Sherwood. Desta tirou Anatole Litvak um filme em 1937. Em 1943-1944, a Companhia Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro ainda ensaiou a peça de Deval, no Teatro Nacional D. Maria II.

[55] O engano é corrigido em rodapé da p. 132.

Tenciono partir na próxima 5.ª feira para Vila do Conde (Av. Campos Henriques) e lá ficar por uns 10 dias.

Sem mais, sou sempre o camarada agradecido

José Régio

*

6 de Abril [1944].

Meu caro Senhor Dr.:

Desculpe-me que não tenha já acusado a sua última carta com o último poema de *A Chaga*. Este tempo incerto, de uma problemática Primavera, tem-me trazido deprimido.

O seu livro está já na tipografia e dependente apenas de orçamento. Conto enviar-lhe provas muito em breve.

As *Líricas* também vão começar a imprimir. Já comecei a ver as 3.as provas, e *averiguei* que, no verso de Soares de Passos, é de facto *lembrara* que está nas 1.as edições das *Poesias* (minto: não pude ver a 1.ª, mas consultei a 2ª, a 4.ª e outras ainda do século XIX. Por sinal até lá está lembrára, o que não deixa margem a dúvidas).

Envia-lhe afectuosas saudações o

Luís Amaro.

*

6 de Maio de 1944.

Meu bom Amigo:

Desculpe-me de só agora lhe agradecer a sua carta de 3 de Abril.

Soube, de facto, que esteve em Lisboa; e o António de Navarro disse-me que o meu Amigo preguntara por mim, atenção que agradeço. Lamento que o *Jacob e o Anjo* esteja a ser relegado para depois... das costumadas mediocridades teatrais que são o pão do público lisboeta.

Quanto à Antologia: Também me aborreceu o engano de paginação que saiu a páginas 96, e inteiramente da culpa da tipografia, visto nem as 1.as nem as 2.as provas virem paginadas. Não dera ainda pelo lapso do final da *Écloga*; creio que foi o meu Amigo que, por distracção, escreveu isso nas 2.as provas, pois que nas 1.as, em meu poder, não está nada composto.

Oxalá que nada mais, ou de maior importância, haja pelo texto. Seria tão bom evitar-se essa coisa horrível que é uma página de erratas! Não poderá o meu Amigo (ou o livro) prescindir dela?

Eu tenho visto as provas com o maior cuidado que posso; a composição, de resto, não é má: apenas, por vezes, não fazem emendas que eu faço nas 1.as provas e que depois aparecem nas 2.as. Se melhor não o tenho auxiliado,

é porque a minha vida não mo tem consentido: é porque o meu espírito, turbado por preocupações e conflitos de tôda a ordem, me não concede aquela serenidade indispensável, parece-me, a uma revisão perfeita.

Hoje, seguem mais provas para si. São 1.as, e resolvo mandar-lhas por terem poucas emendas e a fim de evitarmos 2.as. A Portugália pretende pôr a edição à venda na próxima Feira do Livro, que é já no fim dêste mês de Maio; e, assim, é preciso agora andarmos depressa. Escrevi hoje para a tipografia, a pedir a boa-vontade dêles para êsse fim. E o meu Amigo poderá, também, devolver as 1.as o mais cedo que possa? Era um grande favor. Eu também gostava que a edição saísse pela Feira, por ser essa uma excelente oportunidade de venda.

Suponho que não haverá dificuldade em o livro ficar pronto até lá. Já estamos no século XIX! [*sic*] Se falta alguma coisa ao original, é favor mandá-la já, para os homens poderem calcular o número das fôlhas e nós imprimirmos já a capa.

Pronto, por hoje não o quero maçar mais. Aceite as melhores saüdações do seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
19/5/944

Meu caro Amigo:

Desculpe-me só hoje responder à sua carta, que requeria resposta urgente. Mas... é sempre a mesma coisa: Não chego para o trabalho que actualmente pesa sôbre mim, e o resultado é que demoro tudo. Espero que a experiência dêste ano me sirva, – e eu não torne a aceitar o que excede as minhas fôrças. Tenho vivido numa espécie de pesadelo, e, afinal, nada tenho criado.

Quanto à Antologia, parece-me pouco provável que esteja pronta até ao fim dêste mês. No entanto, venham provas, que espero as não demorarei. O que ainda falta do original é o referente aos poetas Mário de Sá-Carneiro, Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoais, Camilo Pessanha, José Duro e Fernando Pessoa. Claro que êles não entrarão na Antologia pela órdem por que os cito, que é a desordem do acaso. Devem dar estes poetas mais umas *35 páginas de 35 linhas cada, como as do texto que tenho enviado*. Talvez, com êste dado, o meu Amigo já possa calcular o que falta de impressão. Êste final do texto seguir-lhe-á *na próxima segunda-feira*. Creio que irá muito a tempo, pois ainda me faltam provas da maior parte dos poetas do século XIX, que é o mais largamente representado na *Antologia*.

Desculpe-me escrever-lhe tão à pressa, e, ainda por cima, fazer-lhe duas preguntas, a que só responderá se isso não implicar indiscrição digamos profissional.

1.ª – ¿Restam muitos exemplares do meu livro *Poemas de Deus e do Diabo*?

2.ª – ¿Será possível enviar-me à cobrança o livro de Jorge Amado *Terras do Sem-Fim*?

Afectuosas lembranças do seu camarada agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 22 de Maio de 1944.

Meu bom Amigo:

Aí vai uma data de provas... São 2.as, e só agora seguem para si porque houve um grande atraso dos correios, na remessa da tipografia para a Editora. Agradeço-lhe muito que *não demore*, sim? É que estou convencido de que ainda se poderá pôr a obra à venda na Feira, basta a boa-vontade da tipografia e visto faltar pouca coisa. Hoje veio também o final, até já com o Índice; o final..., isto é: do original que está no Pôrto. Espero receber de si, por êstes dias – e tanto convinha que fôsse *já*! –, as páginas que faltam. Vejo que o livro deve dar, assim, umas quatrocentas páginas, – o que, para uma obra poética, já não é pouco nem vulgar. Afinal, imprimiremos a lombada só depois de a impressão das fôlhas estar completa. Parece, porém, que o Sr. Raúl Dias (um dos gerentes da Portugália) vai já mandar imprimir pròpriamente a capa.

Se estas 1.as provas que recebi hoje vierem muito "gralhadas", pedirei 2.as e mandar-lhas-ei; se, porém, vierem "limpas", mando-lhas logo para si, com o original, poupando-se assim o tempo.

É pena que tôdas estas coisas o prejudiquem; sinceramente o lamento. Mas... o Dr. José Régio tem ainda diante de si muitos anos a viver – felizmente! Assim, não lhe faltará tempo para as suas obras de criação – e que belas obras nós todos esperamos ainda do seu génio!

De resto, quem sabe se êste constante e forçado convívio com os nossos maiores Poetas não enriquecerá mais ainda a sua sensibilidade e a sua inteligência?...

Já há tempos que estou para, voluntàriamente, o informar da venda da 2.ª edição dos seus *Poemas*: tem sido óptima. Há meses, supusemos, até, que a edição estaria já esgotada, porque chegou a não haver no armazém um único exemplar. Porém, pela província, havia ainda bastantes, em consignação. Agora, existem – aproximadamente e segundo me informam – uns 400 exs. Acha muito? Mas lembre-se, meu caro Dr., que a outra

edição levou tantos anos a esgotar-se... Eu creio, firmemente, que, dentro de não muitos meses, poderei ter a alegria de lhe dizer: os *Poemas* estão completamente *esgotados*! E, então, o seu Autor dar-nos-á com certeza uma edição em conjunto com as *Encruzilhadas* ou não projecta isso? *Dar--nos-á*, escrevi eu: a *nós*, seus amigos e admiradores, – puramente amigos e admiradores! (Não vá supor que lhe peço a edição para a Portugália...)

Quanto à outra pregunta: é possível, sim, senhor, remeter-lhe o *Terras do Sem-Fim*; custa 50.00, mas, para si, são 45.00. Deseja que lho envie?

Voltando à Antologia: Então, têm aparecido novas *tolices*? Deus queira que não! E que o Autor queira, também, não dar ao livro uma página desagradabilíssima: a das *erratas*! Poderá prescindir-se dêsse pesadelo? Oxalá que sim!

Creia, Senhor Dr. José Régio, na admiração leal e sincera do ao seu dispor

Luís Amaro.

*

Lisboa, 23 de Maio – 44.

Meu Caro Senhor Dr. José Régio:

Enviei-lhe ontem uma grande quantidade de provas e uma carta. Hoje remeto-lhe mais material. ¿Não se zanga se lhe pedir a maior urgência na revisão?

Ainda não recebi as últimas fôlhas do original. E estão a fazer tanta falta!

Permito-me fazer uma observação sôbre êste grupo de provas que vão hoje: parece-me insuficiente, para uma idéia mais ou menos perfeita do génio de Gomes Leal, uma poesia tão pequena como essa "Canção de Hilário". ¿Não será melhor juntar-lhe outra? Sendo Gomes Leal tão pouco divulgado (confesso-lhe que só conheço dêle coisas dispersas; abri a antologia do V. Nemésio na ânsia de viver uns momentos de mais pura Poesia, em que há tantos lampejos de génio... e, afinal, fiquei desolado com o critério do antologista, que me não deixou avaliar da riqueza enorme de Gomes Leal); sendo êste Poeta tão mal divulgado, dizia, ¿porque não dar--lhe, na "nossa" Antologia, o seu justo lugar? Creio bem que Gomes Leal terá muitas composições dignas de Antologia...

Desculpe-me esta pequena observação; de resto, até me admiro como o Dr. José Régio só quis publicar uma poesia de Gomes Leal, sendo, como é, um tão grande admirador do poeta das *Claridades do Sul*.

Saüda-o o Admirador e Amigo de sempre

Luís Amaro.

P. S. – Vão também duas das últimas fls. impressas. Decerto que lhe faltam algumas; diga-me, por favor, quais são, para eu lhas enviar. Obrigado. Luís Amaro.

*

Lisboa, 24 de Maio – 44.
Meu Caro Senhor Dr. José Régio:

Acabo de receber as últimas fôlhas do original das *Líricas*. Muito obrigado pela rapidez.

¿Recebeu já as provas que lhe mandei – ontem e ante-ontem?...

Junto uma página que faltava nas 1.as de ontem.

No original hoje recebido, notei que a poesia escolhida de Teixeira de Pascoais é a mesma que a da *Antologia dos* [*de*] *Poemas Modernos Portugueses* de Fernando Pessoa e António Botto (livro que é mais uma das mistificações sem conto dêste último Senhor). Não sei se o Dr. José Régio ignora a coincidência e se quererá evitá-la: por isso me apresso a comunicar-lha. Se quiser substituir a "Elegia do Amor" por quaisquer das tantíssimas composições antológicas de Pascoais, peço me previna por telegrama, ou mesmo por postal, enviado no próprio dia. Se, porém, já souber do caso, não vale a pena dizer-me nada.

Desculpe-me tôdas estas impertinências de boa-fé, e creia-me sempre Admirador devotado

Luís Amaro.

*

Lisboa, 31 de Maio de 44.
Meu Caro Senhor Dr. José Régio:

Escrevo-lhe apressadamente, por isto:

Não recebi ainda as duas fôlhas de 1.as provas que, na altura de me remeter a nova poesia de Gomes Leal, prometeu para o dia seguinte. É estranho que ainda cá não chegassem, e ainda mais quando já recebi a última fôlha de 1.as provas que foi depois (a que começa em José Duro). Agradeço me diga se sempre mandou as provas que faltam. Estamos parados por isso.

E agora, um favor: gostava muito de ter um daqueles retratos seus que ofereceu ao Manuel Bandeira: o desenho de Arlindo Vicente, sabe? Pode-me dar essa alegria? Além disso, podia ser depois reproduzido no *Janeiro*[56],

[56] *O Primeiro de Janeiro*, Porto, e a página Das Artes, das Letras, dirigida por Jaime Brasil.

donde o Jaime Brasil me está sempre a pedir retratos e notícias, – aquando do aparecimento das *Líricas*.

Desculpe-me, e creia-me, muito gratamente, Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

[Telegrama]
2 Junho 1944

ENVIEI TODAS PROVAS POSSIVEL EXTRAVIO = REGIO

*

Lisboa, 11 de Julho – 44.
Exmo. Senhor Dr. José Régio

Creio que está zangado comigo, pois nem tampouco dá resposta às minhas cartas. ¿Será assim? Não me pesa qualquer desconsideração que lhe tivesse feito, ou qualquer deslealdade. Natural é, porém, que, sem querer, tivesse deixado escapar alguma palavra que o enfadasse – algum excesso de confiança, ou coisa assim... Não sei.

Finalmente – a Antologia deve ser posta à venda esta semana. A gerência da Portugália manda-lhe hoje 10 exemplares – a que eu juntei o que me pertence para que o Senhor Dr. me honre com a sua assinatura. Creio que o seu melindre não chegará ao ponto de me recusar êste favor. Aproveito para juntar, também, o meu ex. dos *Poemas de Deus...*, para o mesmo efeito. E perdôe.

Perdôe-me ainda por não lhe ter dado, na Antologia, uma colaboração mais eficiente. Tenho andado, porém, doente e incapaz de *servir* como desejaria. No entanto, esforcei-me sempre por que a edição não saísse defeituosa – e de alguns erros que notei não tenho o remorso. Mas suponho, contudo, que a Antologia, em matéria de fidelidade e *limpeza* tipográfica, não envergonha o Autor nem os Editores.

Ignoro se a gerência ordenará para lhe mandarem mais exemplares. Creio, porém, que assim farão – se ao Senhor Dr. forem necessários.

E, porque estou persuadido de que a minha hipotética *ofensa* não foi grave..., espero notícias suas, e sou o Adm^{or} m^{to} grato e Am^{o}

Luís Amaro.

*

Portalegre
27/7/944

Meu Amigo:

Claro que não tenho razão alguma para estar zangado consigo. Antes lhe estou muito grato pelos cuidados e maçadas que lhe terá dado a minha antologia, e confuso por êste meu silêncio. O qual silêncio não tem outra razão senão o excesso de trabalho que tenho tido êste ano, ainda acrescido, nos últimos tempos, pelo pesado serviço dos exames. Doente é que estou, e ansioso por descansar. De aí que interrompi quási completamente a minha correspondência, esperando que nas próximas férias possa remediar, em parte, as minhas incorrecções. Felizmente, já quási estou em férias. Devo sair de Portalegre no princípio da próxima semana. Em Vila do Conde (Avenida Campos Henriques) esperarei durante os meses de Agôsto e Setembro quaisquer notícias que queira dar-me. E já estou a sonhar não só com o descanso (os meus descansos são sempre breves e… agitados) mas principalmente com poder entregar-me a quaisquer trabalhos mais pessoais do que a organização de antologias. Quanto a criação original, êste ano foi perdido.

Recebi os 10 volumes enviados pela Casa, e deixe-me encarregá-lo de os agradecer. A antologia ficou bem apresentada, e, em suma, não me desgosta. Com umas emendas e uns acrescentos, – ficaria quási boa. Talvez numa hipotética futura edição os possa ter. Com prazer vou devolver-lhe, assinados, o seu exemplar e os *Poemas*. Acrescento um volumezinho sôbre Camões duma colecção da Livraria Rodrigues[57]. Por enquanto, não vejo necessidade de receber mais exemplares…, isto é: Arrependo-me do que ia dizer, que não era inteiramente sincero: Se a Portugália entender poder enviar-me ainda 5 exemplares, os quais deveriam ser-me enviados para Vila do Conde, agradeceria. Como, há tempos, me pedia um retrato, meto no seu exemplar dos *Poemas* uma prova dum que me fêz o Mário Novais. Desculpe ser uma prova… mesmo assim a julgo boa. E dos retratos pròpriamente ditos já não tenho nenhum senão o meu. Agradecido por tudo, sou o camarada e amigo

José Régio

*

[57] As Melhores Páginas da Literatura Portuguesa / *Luís de Camões* / Introdução, selecção de textos e notas / por / José Régio, 1944.

Lisboa, 1 de Março 45.
Meu bom Amigo:

Acabo de saber que existem *muito poucos* exs. dos *Poemas de Deus*, e apresso-me a informá-lo disso. Peço-lhe, porém, que não faça nova edição, sem preguntar à Portugália se a obra está *realmente* esgotada.

Creia sempre seu o

Luís Amaro.

*

Um grande abraço do
LUÍS AMARO
2 – 3.

Com o abraço amigo do Luís Amaro, este anúncio a sair por estes dias.

(Do S. P. N.[58] telefonaram há pouco a perguntar a sua morada, querendo saber se tinha casa em Lisboa e o nº do telefone...)

*

[Março de 1945]

Um bom abraço do
LUÍS AMARO

Recebeu a minha última carta? Convinha decidirmos no próximo livro a reeditar: *O Príncipe com Orelhas de Burro*?

Uma novidade: os *Poemas* estão pràticamente esgotados. E não tarda que também as *Líricas*!...).

*

Lisboa, 28 de Janeiro de 1946.
Ex.mo Senhor Dr. José Régio:

Não sei se se lembrará dêste seu Admirador que, apesar de sincero e fervoroso, não pôde evitar que as suas relações com a Portugália Editora fôssem tão pouco cordiais... Mais de uma vez lhe disse – e frisei-o, contando, talvez, intuïtivamente, com o que veio depois – que eu sou um empregado, sem voz activa para criar entre editores e autores o clima de compreensão e de amigável entendimento que tinha obrigação de existir.

[58] Secretariado de Propaganda Nacional.

Por isso mesmo, creio que não me responsabilizará de qualquer atitude que o houvesse, *justamente*, ferido.

E creio também – peço-lho! – que não deixe de incluir-me no número dos seus amigos inúteis e anónimos, dos admiradores da sua obra de Poeta, de Dramaturgo e de Romancista, – já imperecível.

É nesta qualidade – não na de empregado da Portugália, pois que, como tal, para nada lhe poderei já prestar, – que lhe escrevo hoje, atrevendo-me a pedir-lhe um favor, sem que para isso tenha outros títulos que não sejam êsses que disse: Gostava muito de ler, e ter, o seu último romance – *A Velha Casa*. Mas... não posso, por enquanto, adquiri-lo: ¿terá José Régio um exemplar que possa destinar-me? Creia que lhe ficaria gratíssimo.

Sei que o pedido é impertinente, e talvez, mesmo, não muito decente... Mas êle não envolve só o puro interesse do exemplar: quero que esta carta seja um testemunho de admiração inalterável, – dessas admirações que nos enriquecem e nos fazem bem, – e de uma outra espécie de interêsse: a da firmeza da minha amizade.

Fique esta carta ou não sem resposta, – José Régio será para mim, sempre, o grande José Régio.

Disponha do

Francisco Luís Amaro.

*

Portalegre
29/1/946

Meu Amigo:

Claríssimo que me lembro perfeitamente de si… ou seria eu tão esquecido? E bem certo que sei perfeitamente nada ter o meu amigo com as desavenças entre mim e a Portugália. Seguiu hoje mesmo o exemplar de *Uma Gota de Sangue* (primeiro duma tetralogia[59] de romances) que já tencionava enviar-lhe. Porque isto é verdade: eu já tencionava enviar-lho. Como, porém, tenho sempre muitos trabalhos em mão, (e, por isso mesmo, a tentação do desleixo) não vou enviando os exemplares que ofereço senão devagar… Ainda bem que a sua carta veio apressar-me. E fica assim combinado: O meu amigo nunca pensa em adquirir um livro meu. Se porventura eu me demorar a enviar-lho, basta que me escreva um postal a dizer-me: "José Régio, cá estou à espera…"

E com afectuosas lembranças, e o meu agradecimento pelas suas palavras tão cheias do calor da juvenilidade, sou o amigo e camarada,

José Régio

[59] Lisboa, Editorial Inquérito, 1945. Régio ainda começou um sexto volume.

*

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1946.
Meu Caro Snr. Dr. José Régio:

Acabei ontem à noite de ler o seu romance *A Velha Casa*, que gentilmente me mandou, e venho agradecer-lhe, – não tanto o exemplar como os momentos de intensa emoção que a leitura da sua obra me fêz viver. Obra bela, estranha, dramática, *dominadora*. Ah!, foram momentos de fuga a esta coisa miserável que é a vida de todos os dias, sem idealidade nem nobreza, apática, falsa, amolecedora de tudo quanto em nós é mais verdadeiro: a Alma. Pois o seu livro, – a leitura das suas obras, sempre – como que me reacordou de um sono insípido e vegetativo, e veio reavivar a minha intuïção de que a vida não é, não pode ser só isto... êste rastejar, pelo chão, a-par de gentes mesquinhas e vulgares. Ah, meu grande Poeta, – não queira cair neste pântano que é Lisboa, certa Lisboa. (Já o dizia – *pântano* – um dos que nêle se afundaram...)[60]

Viva afastado, sim, liberto destas míseras capelinhas literárias – vazias, degradadas, desoladoras de subserviência mercantil, e simplesmente tristes... Fuja disto!: só assim salvaguardará a grandeza da sua Alma.

Desculpe o desabafo, e creia muito agradecido pela sua simpatia o

Francisco Luís Amaro.

P. S. – O meu amigo Sebastião Pestana[61], autor da *Serra-Mãe*, tem por si um verdadeiro culto. Poderá dar-lhe a alegria de uma carta com as suas impressões sôbre a sua estreia, – que a mim me parece nada vulgar? Agradeço-lhe que não deixe de fazê-lo[62].

*

[60] Alusão a João Gaspar Simões, *Pântano*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1940.

[61] Sebastião da Gama. [SC]
Luís Amaro e Sebastião da Gama conheceram-se em 1945, na estreia deste com *Serra-Mãi*, edição do Autor, apesar da chancela da Portugália. No lapso de 1946--1951, deste recebeu Amaro 51 cartas, além de poemas autógrafos constantes do espólio na BNP.
Esse culto traduz-se na co-dedicatória de *Campo Aberto*, Portugália, 1951, a José Régio.

[62] Régio agradece a Sebastião da Gama a oferta de *Serra-Mãe* em 19 de Fevereiro. Ver *Correspondência*. Introd. e recolha de António Ventura. Lisboa, Círculo de Leitores, 1994: 193-194.

8 de Maio [de 1946]. 4ª feira.
Meu Querido Poeta:

Recebi, e quis logo agradecer-lhe, o seu *MAS DEUS É GRANDE*[63], que gentilmente me ofereceu. Perdoe-me se não lhe disse já *muito obrigado!*; mas a vida...

O seu livro tenho-o no meu quarto, sobre a mesa de cabeceira, e leio-o, releio-o quando me quero transcender, quando me quero elevar. É um livro trágico, como são todas as obras raras; poemas desesperados, sangrantes... Parece-me ser este o seu livro mais sincero, de um dramatismo mais comunicativo e *vivido*. Há nele coisas impressionantes! Hei-de lê-lo ainda mais vezes, – sempre que tenha sêde de Altitude e Beleza.

Abraça-o o seu Amº e Admor

Luís Amaro.

*

Lisboa, 5 de Janeiro de 1953.
Meu querido Poeta

Depois de tantos anos de silêncio entre nós, nada me admiraria que já tivesse esquecido, de vez, este seu velho Amigo e admirador de sempre.

Eu, porém, não poderia esquecer um dos Poetas que mais admiro.

Enviei-lhe, em 1949, um pequeno livro em que reuni os meus poemas, – *Dádiva*; recebeu-o? Antes disso, e durante muitos meses, estive doente, e doente continuo ainda, afinal, apesar de trabalhar e já não fazer tratamento. Mas, piores que as do corpo, são as doenças da alma, – já o dizia António Nobre. São estas últimas, principalmente, que me fazem sofrer. Por isso amo os Poetas, – quando eles, como José Régio, vêm ao encontro da minha ansiedade e, de qualquer forma, me ajudam a suportar a vida e a descobrir-lhe beleza.

Confiado nessa compreensão que os seus versos (todas as suas páginas) me têm dado, ouso fazer-lhe hoje um pedido. Como talvez seja do seu conhecimento, pelos fascículos que lhe enviámos, sou eu um dos editores das folhas de poesia *Árvore*. É para a *Árvore* que venho pedir-lhe um artigo sobre o grande Teixeira de Pascoaes, à memória de quem não podemos deixar de prestar homenagem. Abriríamos assim o nosso 4.º fascículo com as suas palavras, que, estou certo, traduziriam admiràvelmente o sentir de todos nós.

Temos o maior empenho na sua colaboração. E eu sentir-me-ia particularmente feliz se o meu querido Snr. Dr. ouvisse este apelo.

---

63 Lisboa, Editorial Inquérito, 1945.

Quero ainda felicitá-lo, muito sinceramente, pelo belo êxito do *Jacob e o Anjo* em Paris[64]. E desejar-lhe um venturoso Ano Novo!

Creia, meu caro Snr. Dr., na muita admiração e grata estima do seu velho Amigo

Luís Amaro.

*

Lisboa, 14 de Março – 53.
Meu caro Snr. Dr. José Régio:

Muito agradeço a sua carta de outro dia, em resposta ao pedido que eu lhe fizera de um artigo, para a *Árvore*, sobre Teixeira de Pascoaes. Compreendo perfeitamente a sua impossibilidade, e só lamento ter ido perturbá-lo nos seus trabalhos[65]. Fico ansioso pela continuação de *A Velha Casa*, – para quando? Sei que vai sair também a 2.ª ed. do *Jacob e o Anjo* (lá vi o seu artigo no *Ler*[66], que hei-de reler com atenção, pois me parece

---

[64] «Jacob e o Anjo sobe à cena em Paris, no Studio des Champs-Elysées, pela Companhia de Jacques Charpin. Embora aplaudido, o espectáculo revela-se um falhanço comercial, devido aos custos da encenação e ao reduzido número de lugares dum teatro estúdio.» Isabel Cadete Novais, *Jacob e o Anjo. O Drama Intemporal da Condição Humana*, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, [2010]: 216. Estreou em 31-XII-1952. Em Portugal, pela Companhia do Teatro Popular de Lisboa, em 22-V-1968. Nas *Páginas do Diário Íntimo*, Régio dedica largo espaço às vicissitudes parisienses.

[65] Conhecemos o essencial da carta regiana por vir transcrita em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 224-225:

Portalegre, 11 de Janeiro de 1953 // Sempre a mesma aflição! / Duma carta ao Luís Amaro: / «Quanto ao seu convite para escrever sobre o Pascoaes na *Árvore*, (recebi ontem uma carta do João Pedro de Andrade reforçando tal convite) creia que por várias razões sinceramente gostaria de o aceitar. Mas… ai de mim! Atravesso um período de intenso trabalho, e trabalhos variados. Só como literato, além doutros compromissos, ando revendo provas, ao mesmo tempo, de três livros: 2.ª edição de *Jacob e o Anjo*, a peça condenada *A Salvação do Mundo* e um longo e aflitivo terceiro volume de *A Velha Casa*. Quase sempre tenho sobre a mesa uma abundante correspondência atrasada… e mais ou menos inútil. *Gozo*, ao presente, duma espécie de celebridade sem proveito que me não deixa nenhum tempo livre… – quando eu tanto preciso de tempo e espírito livres para realizar o que ainda, às vezes, sonho poder realizar! Sinto-me exausto, aborrecido, preso numa rede de pequenas coisas que se me tornam um pesadelo. Pois agora, depois de tudo isto, recebo uns sete ou oito pedidos de artigos sobre Pascoaes, e quase todos com a nota de urgência! Como me não repetiria, como me não banalizaria, – eu que cada vez me torno mais exigente, e, ao mesmo tempo, sinto estar-me diminuindo em escritos apressados e de ocasião? / Perdoe-me este desabafo, ele lhe responderá.»

[66] "Ter, ou não ter, teatro" e "O juízo do público" saíram em *Ler* – Jornal de Letras,

muito importante para o estudo da sua Obra). E a propósito de reedições: É uma pena que o Alberto de Serpa não tenha alargado o público das Obras Completas a todos aqueles que, como eu, não podem dar cento e tal escudos por cada volume... Continua a fazer-se sentir a falta de edições *acessíveis* dos seus livros de Poesia. Felizmente que, deles, só me falta o *Fado*.

E, já que estou com "a mão na massa", vou já direito à finalidade desta carta de hoje:

Como creio ter-lhe dito, continuo na Portugália (Editora), onde, bem ou mal – e quantas vezes mal, ai de mim!... –, me tenho mantido vai para 12 anos. Isto por cá tem atravessado várias crises, mas, agora, com o trespasse da mal-aventurada livraria do Porto, parece que vai melhorar. No plano das reedições a fazer figura a 1.ª série das *Líricas Portuguesas*, que o Snr. Dr. tão admiràvelmente organizou e que se encontra completamente esgotada há muito. Receio que, sendo eu a falar-lhe no assunto, possa ferir a sua susceptibilidade, mas, se o faço, é invocando as nossas relações de simpatia e, aliás, com autorização dos gerentes da Portugália:

Desejariam eles que o meu caro Snr. Dr. lhes escrevesse propondo as suas condições para uma 2.ª edição daquele livro, – emendada, refundida, ou aumentada. Parece que a propriedade literária da obra lhes fora vendida, em Maio de 1943, por 2.000$00 e, assim, a Portugália poderia publicar novas edições sem prévio acordo com o Autor. Mas os meus patrões querem publicar uma reedição melhorada (embora reconheçam que a antologia, tal como está, é das coisas melhores que cá se têm editado), e isso é que não podem fazer sem recorrer ao meu caro Snr. Dr. e – evidentemente – sem uma nova remuneração pelo seu trabalho (e aqui me permito sugerir-lhe que não proponha uma quantia inferior à que acima indiquei).

Como se trata de um assunto em que o principal interessado é a Portugália Ed., não há inconveniente em falar-lhes de mim, na sua carta. A minha intenção, neste caso, é das melhores: ver reeditada uma obra que estimo e que faz falta. O resto já não é comigo...

Ao seu dispor para tudo em que lhe possa ser prestável, creia, meu caro Snr. Dr., na melhor admiração e sincera estima do

Luís Amaro.

*

Artes e Ciências, boletim de Publicações Europa-América, nos números 1 e 3, de Abril e Junho de 1952. A 2.ª ed. da peça, autonomamente, é das Edições Ser, Vila do Conde, 1953.

Lisboa, 30 de Março de 1953.
Meu Caro Senhor Dr.,

Confesso-lhe a minha apreensão por nada me dizer sobre a minha última carta, e estou receando que a simplicidade com que a escrevi pudesse desgostá-lo. Porque, tratando-se de um assunto entre o Senhor Dr. e a Portugália, os gerentes da casa é que deviam dirigir-se-lhe, eu sei. E confesso aqui a minha culpa: fui eu que me ofereci para escrever-lhe, confiante na boa vontade do meu querido Poeta e Amigo.

Se errei, peço-lhe muita desculpa. Mas gostaria de receber ao menos uma palavra sua a elucidar-me.

Creia-me sempre seu Admirador muito grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
30/3/953

Meu prezado Amigo:

Os meus vários afazeres, de que não há meio de me libertar, só hoje me permitem responder à sua carta. Fiquei, até, em Portalegre durante estas breves férias de Páscoa, a ver se descanso um pouco e, ao mesmo tempo, acabo com uma série de pequenos trabalhos atrasados cuja só lembrança me incomoda.

Muito lhe agradeço o ter compreendido a minha impossibilidade de escrever para a *Árvore* sobre Pascoais, – depois de já me ter comprometido a fazê-lo para três publicações[67], e até já me haver arrependido de tais compromissos. Há quem me não perdoe… o eu não poder chegar para tudo! Bem sei que deveria responder a muitas cartas a que não respondo, agradecer e retribuir muitos livros que não agradeço nem retribuo senão a sós comigo. Mas… totalmente impossível! Ou desistiria totalmente de criar eu próprio qualquer coisa, de continuar… a minha obra, (perdão para o termo) ou tenho de recorrer a um silêncio que alguns tomarão por pedantismo. Espero que sejam vocês, os meus Amigos mais compreensivos, que me expliquem um pouco perante os jovens Camaradas tão prontos a louvar como a acusar.

Posto o que (as breves férias já me permitem, ao menos, estes breves desabafos) passemos à parte, digamos comercial, da sua carta. Fiquei mui-

[67] Após *Saudação a Teixeira de Pascoaes*, Portalegre, Março de 1951, e colaboração em *A Teixeira de Pascoaes* – Homenagem da Academia de Coimbra pela voz de escritores portugueses e brasileiros, Figueira da Foz, [Maio de] 1951: 96, assinale-se "Pascoaes, o público e o tempo", *Vértice*, vol. 13, n.º 115, Março de 1953: 169-170.

to surpreendido quando, por ela, soube que eu vendera à Portugália, por 2.000$00, a *propriedade* de *As Mais Belas Líricas Portuguesas*. Vender a *propriedade* duma obra é absolutamente contra os meus pontos de vista, os meus costumes, os meus juízos, etc. E então vender a propriedade duma obra por 2.000$00 (!!) – parece-me, hoje, absolutamente ridículo. Só ao facto de, se a memória me não atraiçoa, haver sido esse infeliz empreendimento negociado através do João Gaspar Simões, e eu lhe não querer levantar dificuldades no exercício das funções que então exercia junto da Portugália, – posso atribuir tal cedência da minha parte.

Mas, enfim: Se a Portugália possui qualquer documento assinado por mim – uma simples carta particular que seja – em que eu diga ceder-lhe por 2.000$00 a *propriedade* da minha Antologia, claro que poderá tirar dela as edições que entender. Se, porém, o não possui, o caso é diferente. Não tenho o mínimo empenho em levantar qualquer conflito com os gerentes da Portugália, nem em fazer chicana. Quero, apenas, e até por uma questão de dignidade profissional, pôr as coisas bem a claro.

Quanto a refundir a minha Antologia de 1943: Sim, gostaria de fazê-lo; tanto mais que ando empenhado numa espécie de campanha contra o estúpido e provinciano complexo que nos faz só considerar digno de atenção o que é estrangeiro. Mas também ando empenhado em terminar duas ou três obras que trago entre mãos, (para o que me é escasso o tempo!) e, assim, como sobrecarregar-me com novos compromissos?! Aliás, o precedente da anterior negociação não é nada animador. Sem mais por hoje, os muitos cordeais [*sic*] cumprimentos do

José Régio

*

Lisboa, 10 de Abril de 1953.
Meu Caro Snr. Dr. José Régio:

Muito lhe agradeço a sua carta, que já aguardava com impaciência.

Como deve compreender, a minha intervenção no assunto "comercial" que lhe expus não tem qualquer outro interesse que não seja o de eu ver reeditada, na casa onde trabalho, uma obra de excepcional interesse e indiscutível utilidade. Aliás, se me propus escrever-lhe, quando os gerentes da casa pensaram na 2.ª edição das *Mais Belas Líricas*, foi também por verificar, da parte destes, um certo constrangimento (ou receio?) em escrever-lhe, – reminiscências decerto do incidente provocado pelo tamanho do Prefácio. (A propósito... Relendo agora a correspondência trocada sobre este assunto – o que me é fácil por ter os "dossiers" à mão –, depreendo que era sua primeira intenção fazer, de facto, um estudo relativamente longo a abrir o livro. Mas, porque só poderia escrevê-lo à medida da

revisão das provas e os Editores se negassem a imprimir a última folha – em que viria o Prefácio, com numeração diferente – em último lugar, o Snr. Dr. desistiu do seu propósito inicial. É curioso que na sua carta ao Gaspar Simões – de que existe cá a cópia – não tivesse aludido a este facto, que mais reforçaria as razões que lhe assistiram.)

E, depois deste parêntese, passo a falar-lhe – sempre em *meu nome* e agora sem o conhecimento dos gerentes da Port., a quem, é claro, não mostrei a sua carta – do caso da "propriedade literária":

Sim, é justo o que me diz, evidentemente. Mas a Port. considera as Antologias Universais como *trabalho encomendado* e – exceptuando o Alberto de Serpa, que não esteve de acordo e quis manter a propriedade das *Poesias Brasileiras* –, todos os organizadores das antologias publicadas (Guilherme de Castilho, Cabral do Nascimento, António Sérgio, etc.) *venderam* as suas selecções (lembro-me até que, a princípio, como o G. de Castilho pelas duas séries dos *Contos Portugueses* – de que já se tiraram várias edições –, pelos mesmos 2.000$00 que o Snr. Dr. recebeu).

Procurei o recibo das *Líricas*, que diz assim: "Recebi a importância de Dois mil escudos, referente à compilação de *Antologia de Líricos Portugueses*. – Lisboa, 23 de Maio de 1943, a) José Régio." E, na sua carta para o Gaspar Simões, de 28/10/43, encontro este passo:

"Os 2.000$00 que me pagou a Portugália estão longe de pagar o trabalho que a simples organização da antologia me deu. Ao Serpa e a mim pagou a Livraria Tavares Martins por uma antologia de amor – mas não pela propriedade da obra, sim pela primeira edição – os mesmos 2.000$00, sem exigir nota alguma a preceder os poetas escolhidos, nem nada sobre a extensão ou natureza do Prefácio. E por umas pequenas antologias individuais de 100 páginas (40 de estudo crítico e 60 de antologia) recebo 1.200$00 *pela primeira edição*."

Sem ter encontrado outros documentos que justifiquem ter o Snr. Dr. vendido a propriedade da obra à Portugália Editora, concluo daqui que as condições que lhe foram propostas – decerto pelo Gaspar Simões – eram as mesmas que as dos outros autores das Antologias.

Não sei, em face disto, qual a sua resolução. Vejo, pela sua carta, que não está muito interessado em remodelar a obra (bastaria aliás acrescentá-la nalguns pontos e desenvolver talvez o Prefácio) por uma remuneração que lhe parece exígua... ou ridícula. Mas... insisto em ver o meu desejo realizado, e por isso gostaria muito que escrevesse à Portugália a expor as suas condições para uma nova edição do livro.

Os gerentes da casa sabem que lhe escrevi, mas, é claro, não conhecem (nem precisam de saber!) correspondência trocada entre nós sobre o assunto. Já me perguntaram se tinha resposta sua – o que, da parte deles, revela também interesse, embora de um género muito diferente do meu.

Pedindo-lhe desculpa por ter desviado a sua atenção dos muitos trabalhos que o absorvem, creia-me, meu caro Snr. Dr., Admirador e Amigo muito grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
20/4/953

Meu prezado Amigo:

Desculpe-me a demora da resposta, – sou obrigado a demorar-me... Agradeço-lhe os informes que me dá, e o trabalho que, certamente, lhe exigiu colhê-los. Muito obrigado por tudo. Não há dúvida, em face das passagens citadas, que, contra meu costume, cedi à Portugália a propriedade da minha antologia. Portanto, a Portugália poderá tirar dela as edições que quiser.

Quanto a remodelá-la, – é coisa que actualmente me parece muito longe das minhas intenções e até das minhas possibilidades. A encarar a coisa pelo aspecto financeiro, já sei que nada paga o trabalho que dá uma antologia relativamente séria o que por ela costumam pagar os editores. Porém a principal razão que me afasta desse projecto (e só lhe agradeço o seu interesse, que bem sei de categoria muito diversa da doutros) é que estou ansioso por me poder entregar a outra espécie de trabalhos, que ainda quisera realizar. Há muitos meses que só trabalho em pequenas colaborações que me encomendam, que faço o melhor que posso, mas que me não dão sombra do prazer de criar libèrrimamente, sem compromissos, sem prazos, sem *obrigação*. A vida vai passando, – e eu ainda quisera escrever (ser-me-á possível?) meia dúzia de livros *meus* com que sonho. Estou, pois, disposto a pôr de parte, ao menos por enquanto e na medida do que possa, quaisquer trabalhos mais ou menos à margem do meu verdadeiro trabalho.

Aqui está, meu Amigo. Por isso lhe peço para agradecer, em meu nome, às gentes da Portugália, o seu convite, e lhes dizer que o não posso aceitar por andar, ao presente, demasiado ocupado com outros trabalhos. É a verdade, – pois vai começar a ser composto o terceiro volume de *A Velha Casa*. E eu vejo, revejo, torno a ver, provas, – o que já bastará a ocupar-me.

No caso de sair outra edição das *Líricas* e o meu Amigo puder lançar sobre ela uma vista de olhos, (receio sempre muito as gralhas!) seria uma obra de caridade.

Sem mais por hoje, do camarada e Amigo agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 16 de Setembro de 1953.
Meu querido Poeta e Amigo:

A minha disposição de espírito não me tem permitido escrever-lhe sobre o assunto das *Líricas*, deixando assim sem resposta a sua carta de 20 de Abril, que tardiamente lhe agradeço. É-me de algum modo penoso, ao mesmo tempo, colaborar (ou interceder) num "negócio" em que o meu querido Poeta e Amigo possa sentir-se lesado.

Mas, como tomei a meu cargo esclarecer este assunto, terei de ir até final, mesmo porque a obra continua a ser muito procurada (coisa que, materialmente, a mim me deixa insensível...).

Pela sua carta, dá o Snr. Dr. autorização à Portugália de reimprimir a sua Antologia, ainda que o faça constrangidamente. Não fala, porém, nas suas condições de pagamento – e ainda bem, porque isso é com a casa editora.

Rogo-lhe, pois, o favor de se lhes dirigir, propondo determinada quantia pela 2.ª edição, – para o que, além do mais, serviria de pretexto a inclusão, que ouso sugerir-lhe, de Gil Vicente e de mais alguns sonetos de Sá de Miranda. Como sabe, os programas de ensino liceal particularizam estes dois autores; e, tendo em vista o aproveitamento da Antologia nos liceus e escolas, os gerentes da Portugália desejariam ir ao encontro dessa recomendação oficial.

Será possível tudo isto?... Apelo para a sua boa vontade e peço-lhe por tudo que não veja, da minha parte, qualquer desígnio menos leal.

Aguardando as suas breves notícias (ou a carta definitiva para a Portugália), creia-me sempre, com sincera amizade e admiração, muito grato e ao dispor

Luís Amaro.

*

12 de Outubro [1953].
Meu caro Senhor Doutor:

Faço os melhores votos pelas suas melhoras. Oxalá que esse estado doentio tenha passado e o deixe livre para se dedicar aos trabalhos literários por que todos nós, seus admiradores, estamos ansiosos. Há tanto que não me é dado o grande prazer de ler nada inédito de José Régio! Só reedições, e essas mesmo inacessíveis para mim...

Ainda bem que me diz estar no prelo um novo volume da *Velha Casa*, obra que eu estimo particularmente, porque nela encontro uma infância e adolescência atormentada e inquieta como foi também a minha.

Quanto ao nosso assunto *comercial*, ainda bem que chegámos a uma conclusão. Não lhe posso dizer nada sobre o que decidem os gerentes da casa, porque o Sr. Raul Dias – que é quem superintende nestas coisas – está fora, por Espanha, e só regressa no dia 20. Quando ele vier lhe darei conhecimento da sua proposta, que, por mim, acho absolutamente razoável. Creio que ele também não se oporá às suas condições. Estou ansioso por que o livro comece a compor. Quer que lhe envie um exemplar da 1.ª edição, para correcções a fazer nas biografias dos autores, ou outras? (Lembro-me, p. ex., da data da morte de Pascoaes.)

Descanse que terei o máximo cuidado na revisão das provas.

Com os melhores desejos de uma saúde perfeita, sou sempre o seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Falei há dias com o poeta Américo Durão, meu velho amigo[68], que me disse ter estado no Norte com o meu caro Sr. Doutor.

Também a Matilde Rosa Araújo me falou de si com a maior ternura. Ela foi agora transferida, de novo, para Leiria. É uma bela alma, mais do que isso: uma pessoa extraordinária de bondade e compreensão.

Saúda-o de novo o Luís Amaro.

*

15 de Outubro – 53
Meu caro Sr. Doutor

Tenho a satisfação de lhe dizer que o Sr. Raul Dias, gerente da Portugália Editora, concorda com a sua proposta.

Por este correio lhe envio um exemplar da Antologia, para as correcções e aditamentos que entenda serem necessários.

A importância do seu trabalho ser-lhe-á enviada em troca do original, que oxalá se não faça esperar muito tempo.

Como tem passado de saúde? Faço os melhores votos por que se encontre já completamente restabelecido.

Creia na sincera admiração e muita estima do seu velho Amigo grato e ao dispor

Luís Amaro.

---

[68] Desde 1942, quando Luís Amaro foi, «uma ou duas vezes, almoçar ou jantar» com ele, numa pensão, «de categoria», na Rua Rodrigo da Fonseca, 60-1.º Dt.º. (Carta de 15-VII-2015 a Ernesto Rodrigues)

P. S. – Tenho-me esquecido de lhe falar numa coisa que talvez interessasse o meu bom Amigo:

Conhece de nome o Sr. Agostinho Fernandes, o antigo editor da *Contemporânea*?[69] É, desde a fundação, o sócio capitalista da Portugália Editora (não confundir com Livraria Portugália). Tenho, ùltimamente, convivido com ele (apesar de, devo esclarecer, nenhum benefício material me trazer a sua amizade... ganho, aqui, uma ridicularia). Apesar de *capitalista*, é uma pessoa que estimo e com quem me tem sido fácil entender. Tenho a certeza de que lhe seria muito agradável adquirir, para a sua notável colecção de arte, alguns desenhos do meu querido Poeta.

Que me diz a esta sugestão?

Quer enviar-me, para esse efeito, alguns originais do *desenhador* José Régio, com a indicação do preço?

Lembrei-me disto porque o homem é insaciável na aquisição de coisas novas para a sua galeria, e porque há pouco tempo fui o intermediário de compras que ele fez aos jovens artistas Lima de Freitas, Dourado e Vespeira.

Repito: *tenho a certeza* de que seria, para ele, uma alegria ter desenhos de José Régio.

Saúda-o de novo o Luís Amaro.

*

Portalegre
28/10/53

Meu prezado Amigo:

Estou trabalhando nas correcções a introduzir nas *Líricas Portuguesas*. Espero não demorar muito, – e oxalá! – a enviar-lhe o trabalho. Oxalá, porque, na verdade, me é um sacrifício trabalhar actualmente em qualquer coisa de que me não venha uma necessidade interior. O médico recomenda-me descanso absoluto – como?! – e eu bem sinto que precisaria *não de descanso absoluto*, mas do descanso que eu escolhesse.

Quando lhe mandar os dados para a nova edição das *Líricas*, – far-lhe-ei algumas recomendações e pedidos.

Quanto ao outro assunto da sua carta: sinto-me um pouco constrangido ao tocar nele. Mas vou falar-lhe com inteira franqueza, que é sempre o

[69] Dirigida por José Pacheco, saiu entre Maio de 1922 e Julho/Outubro de 1926, s. 3, n.º 3. Sobre o sócio fundador da Portugália (1886-1972), industrial de conservas de peixe que aquela editou até ao número 10, ver *Agostinho Fernandes – Um Industrial Inovador, Um Coleccionador de Arte, Um Homem de Cultura. Fotobiografia*, coord. de José da Cruz Santos, Lisboa, Portugália Editora Internacional, 2000.

melhor. Eu não sou um desenhista; ou não passo dum amador das horas vagas, dum desenhista de domingo, e muito desigual... E, todavia, não venderia qualquer desenho (*vender eu um desenho* – parece-me estranho!) senão nas seguintes condições: bem pago, e *solicitado* pelo comprador. Oferecer eu um desenho a compra... nunca o faria. Tenho-os oferecido grátis a alguns amigos, está claro. Portanto, com bruta franqueza:

a) nunca venderia um desenho por menos de 500$00;

b) nunca o venderia (ou mandaria qualquer original à mostra) senão directamente solicitado pelo comprador.

Isto pode parecer parvoíce, não é verdade? Mas não lhe disse que lhe ia falar com franqueza inteira?

Claro está que compreendo perfeitamente que, nestas circunstâncias, os meus tão insuficientes desenhos não interessem.

Muito obrigado por todas as suas solicitudes, e disponha deste seu amigo e camarada,

José Régio

*

2 de Novembro – 53.

Meu Caro Senhor Doutor:

Agradeço-lhe a sua carta de há dias e compreendo perfeitamente os seus escrúpulos quanto à minha sugestão.

Falei hoje com o Sr. Agostinho Fernandes, que, como eu previa, se mostrou muito interessado na aquisição do desenho. Concorda com o preço, e só põe uma objecção: todos os trabalhos artísticos que compra são ao gosto dele, e, assim, como o Sr. Dr. não pode mandar vários desenhos para ele escolher, como resolver o problema? A dificuldade está menos no nível artístico dos trabalhos (de que se não duvida) que no *assunto* dos mesmos. Sei que ele embirra, por exemplo, com temas fúnebres ou retratos de velhos... Com este pequeno tópico já o Sr. Dr. poderá orientar-se e enviar-me um desenho com que a galeria dele ficaria enriquecida (possui também, de escritores, uma pintura original, de Abel Botelho). Lá figura, como não podia deixar de ser, seu irmão Júlio com um ou dois dos seus delicadíssimos trabalhos, que tanto dizem à minha sensibilidade.

Estou certo que o Sr. Agostinho Fernandes ficará satisfeito com o original que o Sr. Dr. vai escolher e enviar-me com a possível urgência, sim?

Fico a aguardá-lo com a maior curiosidade e interesse, e sinto-me feliz por intervir neste... *negócio*.

Faço os melhores votos pelas suas melhoras e bem-estar, e peço-lhe me creia, caro Sr. Dr., na melhor amizade e grata admiração do

Luís Amaro.

*

9 de Novembro [1953].
Meu caro Senhor Dr.:

Recebi hoje o original da 2.ª edição das *Líricas* e a carta que o acompanhava. Muito obrigado por tudo.

Creio que amanhã lhe enviam, daqui, o cheque para pagamento do seu trabalho. (Isso já não é da minha secção, mas sei que já requisitaram o cheque ao Banco.)

Tomo noto das suas indicações, que seguirei com todo o cuidado.

Estava à espera, também, do desenho que afinal não veio...

Escrevo-lhe muito ràpidamente (e deste desalinho vocabular lhe peço desculpa). Mas não quero terminar sem lhe fazer uma pergunta que me ocorre: – Não tem interesse em reeditar o *Fado* ou qualquer dos seus outros livros de versos? Já tem editor para eles?

É que acredito que à Portugália não seria indiferente esta ideia que sugiro.

Creia-me sempre, meu caro Senhor Dr.,
Amigo m^{to} grato e ao dispor

Luís Amaro.

*

Portalegre
13/11/53

Meu prezado Amigo:

Enviei-lhe hoje dois desenhos: vem – o bailado – com destino ao seu coleccionador, se gostar dele. Mandei o mais alegre que tinha (aliás bem poucos tenho, seja de que género), pois, no geral, os desenhos mais ou menos me saem à feição dos versos.

Mas de maneira nenhuma quero que o seu amigo se constranja! Aliás, não viria isso a propósito, pois, na verdade, se trata dum negócio. Em não lhe agradando o desenho, não ficará com ele: Esperemos que me saia qualquer outro mais do seu agrado.

A cabeça de mulher, ofereço-a ao meu Amigo. (E claro está que a oferta nada tem a ver com o bom ou mau êxito do já citado negócio... mas sim com as solicitudes que o meu Amigo por várias vezes tem tido para comigo: É um pequeno testemunho de gratidão e camaradagem.)

Não me lembro se lhe disse, na última carta, que gostaria de rever as primeiras provas de tudo que modifiquei ou acrescentei nas *Líricas*. Será possível? Recebi, com modelar prontidão, a importância combinada pelo

trabalho, e hoje mesmo enviei o recibo. Pedia-lhe um favor: O de acrescentar, na nota referente ao E. de Castro[70], o ano do falecimento, que deixei em branco: *1944*.

Quanto aos meus livros de versos, enquanto o A. de Serpa não terminar a edição de luxo que se propôs levar a cabo... não me pertencem. Infelizmente! Quis fazer-lhe a vontade, e contrariei um pouco a minha: porque eu preferiria uma edição mais modesta, mas que se espalhasse mais. Por enquanto, porém, está assim. E ele tudo merece, porque tem sido um raro Amigo.

Com as mais cordeais saudações, amigo ao dispor,

José Régio

*

16 de Novembro – 53.
Meu bom Amigo

Muito obrigado pela alegria que me deu com a sua lembrança. Gostei muito do *meu* desenho, tanto como do outro. Pela intenção psicológica e conteúdo poético, além da desenvoltura do traço, nìtidamente moderno, acho que transcendem muito os ensaios de um simples amador... São, incontestàvelmente, realizações de um grande Artista, que poderá não encontrar no desenho o seu melhor meio de expressão, mas que, em tudo aquilo que faz, deixa a marca da sua personalidade inconfundível: uma força poética poderosa e original.

Fico-lhe, por mim, imensamente grato, e vou já mandar emoldurar a bela e melancólica cabeça de mulher: um desenho-poema que passa a *viver* comigo...

Com o outro desenho é que fui menos feliz. Como lhe disse acima, gostei de ambos de igual maneira, e, aliás, não é a qualidade artística que está em causa. Mas há um pormenor (como direi?) que desgostou o meu amigo coleccionador. Peço-lhe que não fique magoado. Sei – a começar por mim – como é difícil e melindrosa a sensibilidade dos Poetas, e para mais tratando-se de Alguém a quem é ridículo fazer quaisquer restrições, tantas provas nos deu já – em qualquer campo, até no Desenho! – da sua superioridade e do seu génio.

De resto, como disse, é só um pequeno pormenor que faz com que eu lhe esteja aqui, constrangidamente, a escrever: Na figura de mulher, na virilha esquerda, há uma sombra que, segundo o meu amigo coleccionador, se assemelha ao sexo masculino... Quando ele me chamou a atenção para isso, logo que lhe mostrei o desenho, eu fiquei – confesso – atrapalhado e confuso, por não me passar tal coisa pela cabeça. Efectivamente

[70] Eugénio de Castro.

eu não acho nenhuma relação entre a sombra e o esfumado que, nesse sítio, há no desenho, com o "sexo arrebitado" que o António Boto [*sic*] canta num dos seus belos poemas. Mas também não pretendi constranger o Sr. Ag. Fernandes, que aliás apreciou o seu *Bailado*, embora me não passasse despercebido ter ele cobiçado mais a minha *Cabeça de mulher*... Nem ele deseja que o "negócio" fique malogrado por tão pouco. E assim, e para lhe provar o vivo interesse que tem em possuir *qualquer coisa* de José Régio na sua colecção artística, vai-me dar amanhã um cheque, da quantia combinada, passado em seu nome, e que lhe enviarei imediatamente. Está bem assim? Entretanto vou-lhe devolver o *Bailado*. O desenho substituto pode ser de igual motivo, ou outro à sua escolha. Porque não me manda, atendendo às distâncias geográficas que nos separam, dois ou três trabalhos para que, assim, o meu amigo se não constranja? Poderá dar-me essa prova de confiança, sem forçar demasiado o seu admirável amor-próprio? É que assim eu ficaria também a conhecer novos trabalhos de um curiosíssimo desenhador quase inédito...

E perdoe o tempo que lhe tomo, pedindo-lhe um pouco de paciência para me aturar.

As provas da parte original das *Líricas* ser-lhe-ão oportunamente remetidas. O livro deve ir por estes dias para a tipografia.

Já lá acrescentei a data de 1944 no falecimento de E. de Castro. Não quer que ponha também a data da morte do Pascoaes? (A propósito: ele escrevia Pascoa*e*s, e fazia questão que se mantivesse o *e*. Não seria de manter?) Na biografia de João Lúcio permiti-me suprimir uma nota que não corresponde à verdade e que, aliás, provém dum engano na antologia do Cabral do Nascimento, que por sua vez foi bebê-la a uma outra antologia dum Sr. Nuno Catarino Cardoso: o pseudónimo de Marcos Algarve nunca foi de João Lúcio, mas de um outro escritor algarvio ainda vivo[71] e que, quando da publicação da 2.ª série das *Líricas*, protestou nos jornais; por sinal que o Sr. Amorim de Carvalho, numa revista do Porto[72], especulando à volta disso, não pôde deixar de *vomitar* o seu ressentimento de não-incluído na antologia...

---

[71] Pseudónimo de Francisco Marques da Luz (1875-1960), poeta e jornalista olhanense. Ver João Lúcio, *Poesias Completas*, ed. de António Cândido Franco, Lisboa, INCM, 2002: 612.

[72] *Prometeu* / Revista Ilustrada de Cultura, I, n.º 5-6, Outubro-Dezembro de 1947: 281. O autor de 72 anos escondido em Marcos Algarve protestara na *República* de 29-IX. Amorim de Carvalho transcreve essa nota, "João Lúcio e Marcos Algarve", que motivaria Cabral do Nascimento a justificar o erro no n.º 1 do vol. II, Fevereiro de 1948: 56.

E pronto. Parece-me que por hoje já o macei bastante.

Até amanhã, e com os meus mais vivos agradecimentos pela sua simpatia, sou sempre o muito grato e Amigo

Luís Amaro.

*

17 de Novembro [1953].

Meu caro Senhor Dr. e bom Amigo:

Não sei como teria acolhido a minha carta de ontem. Oxalá não fosse magoá-lo e que tudo se esclareça e resolva dentro do melhor espírito de compreensão e... de indulgência. De facto, o meu amigo Sr. Ag. Fernandes pertence a uma outra época e não é de admirar que, perante certas ousadias da arte moderna, o seu espírito reaja de maneira diferente da nossa. Apesar disso, é um grande admirador de Almada, de quem possui cerca de 70 trabalhos, e de outros artistas novos. Não é, de maneira nenhuma, um espírito atrasado ou retrógrado.

Aceitemos a sua interpretação do pormenor físico que ontem tentei descrever-lhe e em que hoje rectifico: a *sombra* que tanto o confundiu não é na virilha da perna esquerda, mas na própria perna. E agora – espero ansioso as suas notícias sobre o assunto, certo de que terá encarado o caso com o humor e a tolerante simpatia que ele merece.

Aqui vai o cheque de que lhe falei ontem. Oxalá lhe não seja difícil recebê-lo em Portalegre. Diz o Sr. Fernandes que pagará quaisquer despesas que tiver de fazer para esse efeito.

E, com muita pressa, me despeço hoje, enviando-lhe sinceros votos de bem-estar do

Luís Amaro.

P. S. – O desenho seguiu hoje, registado.

*

Portalegre
19/11/53

Meu prezado Amigo:

Adivinho o seu embaraço ao ter de me explicar essa curiosa questão da *sombra* essencialmente masculina na perna pequenina do meu *Bailado*… e eis só o que lamento na questão. Não se preocupe nada com o caso! Compreendo perfeitamente que todos temos os nossos pequenos preconceitos, as nossas pequenas manias e embirrações, etc., etc., etc. Não foi, aliás, problema que se me não tivesse posto ao espírito, – o poder, por isto

ou por aquilo, tornar-se o meu desenho um tanto escandaloso. (Dantes, fazia-os bem mais escandalosos!) Embora eu não veja na dita (e mal-dita) sombra a *forma* que lhe viu o seu Amigo, só tenho que lhe agradecer o antecipar-se, até, com o seu cheque. Ainda não pude ir recebê-lo, (teria preferido um vale) mas creio que não haverá dificuldade nisso. Recebida, a importância aqui ficará *de reserva*. O que *não quero*, isso não, é só o que poderia magoar-me, – é que o seu Amigo aceitasse qualquer desenho meu por mera condescendência. Eis, só, o que poderia ferir o meu amor-próprio.

Enviar-lhe-ei três ou quatro desenhos, a ver se algum está em condições. E se nenhum estiver, – não esteja o meu Amigo com embaraços ou aborrecimentos! diga-mo francamente, e pronto. Nestas e noutras coisas (sempre que seja possível, como agora é) gosto de palavras simples, claras e sinceras.

Como disse, logo que seja recebida, a importância do cheque ficará *de reserva*. O que tem é de esperar agora alguns dias, pois estou cheio de trabalho.

Fez muito bem em emendar a nota do Marcos Algarve, que, de facto, aliás com intenção de a verificar qualquer destes dias, copiei do J. C. do Nascimento. E o Pascoaes, sim, deve ser Pascoa*e*s. Depois nos escreveremos a propósito de quaisquer dúvidas referentes à antologia. Amigo obrigado e camarada,

José Régio

*

14 de Dezembro [1953].
Meu Caro Senhor Doutor:

Enviei-lhe no sábado, sob registo, os desenhos que fez favor de me mandar; só não foi a *Benilde*, que ficou em poder do meu coleccionador. Se não fora ela, teria ficado com a segunda versão (refundida) do *Bailado*...

Agradeço-lhe, meu caro Senhor Doutor, a confiança de me ter enviado o "mostruário", que verdadeiramente me encantou.

As *Líricas* vão, finalmente, começar a compor. Não quer que mexa na ortografia dos trovistas medievais (1.ª parte)? Há lá muitos acentos circunflexos (dêsses, etc.) que hoje estão fora de uso. Não me esquecerei de lhe enviar as provas dos textos novos.

Com os meus melhores desejos de boa saúde, me despeço por hoje, enviando-lhe afectuosas saudações.

Admirador e Amigo muito grato

Luís Amaro.

*

30 de Dezembro – 53.
Meu Caro Senhor Dr. e Amigo:

Desejo-lhe um Ano Novo pleno de realizações literárias, de saúde e felicidades pessoais. Espero ver cá fora, durante o ano de 1954, a continuação de *A Velha Casa*, o livro de teatro que a Inquérito tem retido inexplicàvelmente (segundo li algures), a reedição das suas obras esgotadas, e os poemas em prosa da *Colheita da Tarde*. Julgo que tudo isto (pelo menos) é possível!...

As *Líricas* começaram a compor, e já aqui tenho as provas do Prefácio, que vou rever para lhe mandar as 2.as expurgadas de gralhas.

Como a composição é mecânica, cada linha emendada equivale a nova linha a compor de novo. Para evitar, tanto quanto possível, perdas de tempo e as consequentes despesas, pede-me o compositor que o esclareça sobre o critério a adoptar na acentuação. Já sei que, da III parte em diante, se pode modernizar a ortografia. Sei também que os sinais às avessas (¡, ؟) são suprimidos (em todo o livro?). Mas agradecia que, com a maior urgência que puder, me elucidasse sobre isto: Mantêm-se, na 1.ª e 2.ª parte, as grafias sa*ü*dade, n*é*le, d*é*le, f*ô*ra e muitas outras que o novo Acordo aboliu? Claro que nos termos arcaicos, muitos deles tão saborosos, nem sequer é bom pensar em mexer. Mas, embora a modernização de algumas poesias das 2 primeiras partes seja da responsabilidade dos eruditos, devemos lembrar-nos que a 1.ª edição do livro foi publicada há dez anos (refiro-me à acentuação).

Decerto que o Senhor Dr. tomou qualquer resolução sobre este aspecto do problema. Ficava-lhe grato se me orientasse nesse sentido. Sauda-o [*sic*] afectuosamente o

Luís Amaro.

*

9 de Fevereiro [1954].
Meu caro Senhor Dr.:

Muito obrigado pela sua carta de ontem[73] e pela devolução das provas do Prefácio das *Líricas*.

Quisera responder-lhe já, mas, com o gerente da casa ausente de Lisboa, não sei como será acolhida a sua proposta. Por mim, já sabe...: com que entusiasmo aceitaria a edição de uma obra sua! E para mais um livro

[73] Enviada, presumivelmente, não a Luís Amaro, mas à Editora.

novo. Como, porém, entre mim e a gerência da casa há barreiras intransponíveis, não sei dizer-lhe nada de positivo sobre o assunto. Esperemos, o mais tardar, até à próxima semana. S[erá] para mim uma alegria se a sua proposta for aceite, como manda a inteligência e a sensibilidade (uma e outra coisa não são, afinal, alheias a este *negócio* de livros; ou não deveriam sê-lo...).

Quando, aqui há tempos, lhe sugeri uma edição popular do *Fado*, foi por me parecer (muito intuitivamente, claro) que ela seria susceptível de interessar à P. E., e também por ser esse (com as *Encruzilhadas de Deus*) um dos seus livros que faltam a ser reeditados pelo Alberto de Serpa. E ainda porque, como seu admirador, me dói ver que as suas obras não estejam ao alcance dos que, como eu, amam a Poesia e não dispõem de dinheiro para livros raros ou edições de luxo. Está bem que estas se façam: mas não compreendo porque, a par delas, se não façam também edições populares. Assim limita-se a obra de um autor (de tanto interesse humano-universal) a raros apenas...

Falando agora das *Líricas*:

Envio-lhe hoje uma porção de provas, que o Senhor Dr. devolverá à medida que puder. Enviar-lhe-ei mais por estes dias.

Como verá, surgiram-me várias dúvidas no decorrer da revisão (que não está ainda completa: tenciono ler tudo novamente). Uma das coisas que me fizeram confusão foram os espaços a seguir aos apóstrofos. Isso levou-me a consultar, quando pude, as edições originais. E, do confronto, outras dúvidas me surgiram, como verá pelas anotações que fiz a lápis. Não me foi possível verificar várias poesias, inexistentes nas edições da *Crestomatia Arcaica* [de] J. J. Nunes (4.ª edição) ou na de R. Lapa (2.ª edição). (Ou, pelo menos, não as encontrei no primeiro destes livros, que não tem índice de autores, o que complica e dificulta a procura dos textos.)

Talvez levasse longe de mais o meu cuidado, e já sei que, se forem mantidas todas as emendas que fiz, vou ouvir o homem da tipografia, pois a composição é mecânica e cada emenda corresponde à feitura de nova linha…

Na Écloga de Bernardim encontrei várias dissemelhanças com o texto da 3.ª ed. de R. Lapa, decerto por se ter transcrito de alguma edição anterior.

Confiado que o Senhor Dr. analisará e resolverá todos estes casos com a sua paciência e autoridade, me despeço por hoje, enviando-lhe afectuosas saudações, o mtº Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
15/2/54

Meu prezado Amigo:

Aí vão algumas provas revistas. Não pude mandá-las mais cedo, pois se me juntou agora bastante trabalho. Estas, agora, é só velar por que as emendas sejam bem feitas. Muito lhe agradeço o cuidado com que já viu as que me enviou, e os problemas que me põe. Só discordei das emendas propostas nos casos em que o meu Amigo se guiava pelo Rodrigues Lapa ou o J. J. Nunes da *Crestomatia*, quando eu me guiei sempre pelo J. J. Nunes das *Cantigas de Amor* e *Cantigas de Amigo* editadas pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 4 volumes.

Enviar-lhe-ei, agora, as restantes provas o mais depressa que puder, e aceitando ou não as emendas que me propõe – mas agradecendo-as sempre, pois, repito, só provam o interesse com que o meu Amigo vela pelo meu trabalho.

Não consegui suprimir (como tencionara) os acentos circunflexos suprimidos pela ortografia moderna – nestes poetas arcaicos. (Vamos ver para os seguintes.)

Sem mais, porque estou escrevendo muito à pressa, à hora do correio. Os mais cordeais cumprimentos do camarada e amigo,

José Régio

*

17 de Fevereiro [1954].
Meu caro Senhor Dr.:

Recebeu, decerto, as provas das *Líricas*, que lhe mandei a semana passada, – todo o livro. Desculpe-me que lhe tivesse enviado as provas de toda a composição, mas achei de toda a conveniência que passassem pelos seus olhos, depois da revisão meticulosa que fiz. Como vê, surgiram-me muitas dúvidas, que só o Sr. Dr. poderá esclarecer.

Como, na tipografia, têm uma grande porção de metal empatado na obra, pedem-me com insistência que lhes devolva algumas folhas (de 16 págs.), para começarem a imprimir. Rogo-lhe pois esse grande favor, agradecendo desde já toda a brevidade possível.

É provável que à minha revisão escapassem ainda algumas gralhas. Este serviço só é eficiente quando feito por duas pessoas, – uma a ler e a outra a corrigir. Mas eu, infelizmente, não disponho de nenhum *leitor*...

Quanto ao grato assunto da edição do seu novo livro, aguardo o regresso do gerente da casa, que, como lhe disse, está ausente de Lisboa. Espero dar-lhe, por estes dias, boas notícias.

Creia, meu caro Senhor Dr., na muita amizade e admiração do
Luís Amaro.

*

Portalegre
18/2/54

Prezado Amigo:

Fiquei alarmado com a sua carta recebida hoje. Creio que já deveriam ter aí chegado provas de três folhas que lhe enviei. Haveria algum atraso? Ter-se-iam perdido? Oxalá que não, pois teria de receber novas provas, – visto haver algumas emendas importantes nas que lhe enviei. Diga-me qualquer coisa na volta do correio. Foi muito bom que me enviasse provas de todo o livro, e – embora cheio de trabalho – vou fazer o possível por me não demorar muito a devolver-lhas. Seu m.to obrigado

José Régio

*

(Particular)
19 de Fevereiro – 54.
Meu caro Senhor Dr.:

Recebi ontem 64 páginas das provas, que mandei logo para a tipografia. Terei o maior cuidado ao conferir as 3.as provas, que são indispensáveis em face das várias correcções que vão surgindo.

Rogo-lhe agora o favor de não demorar as provas restantes, pois a tipografia tem muito material acumulado neste livro.

Chegou agora a vez de lhe falar nos seus *Poemas de Circunstância*[74]. Os três sócios da Portugália Editora, reunidos hoje em assembleia, aceitam a edição, mas encarregam-me de lhe transmitir a seguinte contraproposta, que – julgo eu – não deixa de ser aceitável. Mas o Senhor Dr. dirá...:

Em troca do original, a Portugália pagar-lhe-ia metade da importância dos direitos de autor, isto é, 3.000$00. Os outros 3.000$00 ser-lhe-iam remetidos um mês depois de o livro ser posto à venda.

Quanto às outras suas condições, a Portugália está de acordo e, na altura própria, as confirmaria.

Sobre o título (e já não falando em nome dos Srs. Agostinho Fernan-

[74] Em carta de 28-I-1954 a Alberto de Serpa era *Poema de Circunstância*. Será *A Chaga do Lado*.

des, Pedro de Andrade e Raul Dias[75], mas no meu próprio, como seu velho amigo e admirador), devo dizer-lhe, com a maior sinceridade, que me não parece muito feliz – tanto mais que, segundo a sua própria informação, os poemas "só aparentemente" são de circunstância... Já não falando em que uma obrinha do Armindo Rodrigues se intitula *Cantigas de Circunstância*[76]. (Falei em "obrinha", e é precisamente isso que a palavra *circunstância* sugere, pelo menos ao espírito impressionável do grande público...) Não será diminuir, de certo modo, o interesse de um livro, o baptizá-lo assim tão humildemente?... Bem sei que a *circunstância* dum A. Rodrigues é diferente da circunstância dum José Régio. Naquele, tem uma acepção interessada, que me não ilude. No meu Amigo, um sentido de modéstia, de pouquidade, que de nenhum modo é justo. Ou estarei eu interpretando mal?... Em último caso, e francamente: Mesmo firmada por José Régio, teria a sua condigna projecção comercial (desculpe-me o palavrão!) uma obra com título tão apagado?...

Aguarda as suas notícias, com o maior interesse, o Admirador, Amigo e camarada sempre grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
21/2/54

Meu prezado Amigo:

Enviei-lhe anteontem mais uma folha revista, e hoje, domingo, vão mais duas. Luto, de momento, com um excesso de trabalho que me não deixa ser mais rápido; mas todos os dias, agora, lhe irei devolvendo as folhas que puder. Na primeira parte da obra, não pude resolver *senão o melhor que pude* certas perplexidades. Na segunda, – século XVI – já me desembaracei melhor, havendo resolvido modernizar *quase* por completo a ortografia. Tive razões para a modernização não ser cabal. Como quer que seja, o trabalho já me parece feito com suficiente honestidade. Só resta, visto que várias correcções há, ainda, a fazer e rever, que o meu Amigo mais uma vez desenvolva nessa tarefa um zelo a que estou muito agradecido. Ainda uma coisa: Quereria acrescentar, às poesias transcritas do Gomes Leal, "A Duquesa de Brabante", que vem, julgo, nas *Claridades do Sul*[77], que não tenho aqui em Portalegre. Poderíamos acrescentar ao

[75] Agostinho Fernandes, 1886-1972; Raul Luís Dias, 1894-1958; Pedro Ferreira de Andrade, 1901-1989.

[76] 1948; ed. aumentada, 1949.

[77] "A Senhora de Brabante" entra na 2.ª ed., 1901, não na 1.ª, 1875.

texto mais essas duas páginas? E poderia o meu Amigo copiar aí a poesia de qualquer edição mais recente (creio que não há muitas edições!) e fazê-la compor acrescentando-a às já compostas? Será possível esta pequena tramoia, para dignificação do nosso grande Gomes Leal?

Agora quanto aos *Poemas de Circunstância* (?): Antes de mais: Sou muito agarrado aos meus títulos, quando eles me *apareceram* e eu os *aceitei* como… inspirados. Apesar do [de o] título *Poemas de Circunstância* ter uma intenção (quase irónica) que só a leitura do texto poderia, talvez, dar a entender, – a verdade é que também eu nunca estive muito encantado com ele. De boa vontade cedo, portanto, nessa parte, e proporei outro título: *Experimento-o* à medida que termino a cópia do original, – a cópia definitiva.

Quanto à parte monetária: A proposta, ou contraproposta, dos senhores editores parece-me razoável. Mas eu já a previra… e receava-a. Aceitá-la-ei, evidentemente, por não estar muito no meu feitio andar à cata de editores e das condições mais favoráveis: mas um pouco forçado pelas circunstâncias. Arrojo-me, pois, a fazer uma outra proposta, que é de compromisso: Eu receberia, agora, contra envio do original, 4.000$00; os restantes 2.000$00 viriam, então, um mês depois do livro publicado. Estas condições já me satisfariam cabalmente. Será muito difícil à Portugália Editora aceitá-las? (Sempre tenho tido editores mais ou menos dispostos a publicarem um novo livro de versos meu.) Creio que mais difícil me será a mim renunciar a elas, na presente ocasião, – embora, como disse, aceite as condições propostas pela Portugália desde que, de certo modo, forçado. Desculpe os abusos deste maçador agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 22 de Fevereiro – 54.
Meu caro Senhor Dr.:

Com alegria lhe comunico que o sr. Raul Dias está de acordo com a sua nova proposta: Enviar-lhe 4.000.00 contra a entrega do original e os restantes 2.000.00 um mês depois da edição do livro. Agora – é só mandar o original... É de crer que eles não demorem, depois, a entregá-lo à tipografia.

Ainda bem que, apesar de inàbilmente expressa, a minha observação quanto ao título não foi por si mal acolhida. (E a propósito quero pedir-lhe desculpa das minhas deficiências de expressão: escrevo-lhe sempre ao correr da pena, num ambiente de escritório comercial que me não é grato, e ando com o espírito permanentemente insatisfeito, aborrecido comigo e com a vida... Apesar de já ter feito 30 anos, os meus estados de alma são

ainda, quase sempre, os de um adolescente irrealizado e *gôche*[78]...) Mas o que eu não soube dizer quanto à *circunstância*, vou transcrevê-lo do prefácio de uma antologia da *Poesia Brasileira Moderna*[79], do Sr. Carlos Burlamaqui Kopke, agora chegada a Portugal: "...Qualquer passo em falso, e somos empurrados para o critério reiterativo ou recopilativo de certas antologias, ou para o recurso de citar-se, aleatòreamente, uma composição, às vezes inconforme à índole do artista, isto é, elaborada num desses momentos em que o poeta se faz levar pelo engodo de qualquer *circunstância* ou qualquer tema... '*Poesia de circunstância*', como lhe vêm chamando desde Goethe, sem zonas interditas, carente de essencialidade ou despojada da inquietude irredutível, que é a seiva de toda a grande obra!"

Perdoe-me a transcrição, que, afinal, se lhe não aplica, mas sòmente ao vocábulo em referência.

– Recebi hoje mais provas, e espero mais para amanhã. Ainda não me deram as 3.as, para conferir; creia que todas as suas emendas serão escrupulosamente mantidas. Quanto às minhas, com que não concordar, é favor eliminá-las. Estou a tentar convencer o gerente da casa a imprimir a antologia num papel bom, igual ao de uma tiragem especial que tencionavam fazer. Mas a minha ideia era imprimir *toda a tiragem* nesse papel especial (*offset*), pois imprimir Camões e os nossos maiores num papel baratinho, vulgar, é quase um sacrilégio... Vamos a ver se a minha *súplica* será atendida...

Receba a amizade e a admiração do

Luís Amaro.

*

25 de Fevereiro – 54.
Meu caro Senhor Dr.:

Na minha carta de há dias esqueci-me de lhe dizer que ia copiar, com todo o gosto, a "Senhora Duquesa de Brabante", de Gomes Leal, para intercalar nesta nova edição das *Líricas*. Já copiei ontem a poesia, na Biblioteca Nacional, e irei lá hoje conferir bem o texto com a edição das *Claridades do Sul* onde ela vem (e que não é a 1.ª, que na véspera tinha consultado. Ontem servi-me duma *plaquette*[80] que me não mereceu muita confiança, daí o querer conferir com o próprio livro de Gomes Leal.)

---

[78] Aportuguesamento de *gauche*, desajeitado.

[79] *Antologia da Poesia Brasileira Moderna 1922-1947*, São Paulo, Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1953.

[80] Intitulada *A Senhora Duquesa de Brabante*, Lisboa, 1925.

Ainda bem que este grande Poeta fica mais condignamente representado. Eu já havia notado que, ao lado dos extensos poemas de Junqueiro, Nobre, Cesário, Gomes Leal merecia mais.

Já agora... permita-me, meu caro Sr. Dr., que lhe diga: o Eugénio de Castro, pela sua importância na história da nossa Poesia, não ficará insuficientemente representado só com o pequeno poema escolhido?... Sei bem o quanto é artificioso este Poeta, mas, apesar de tudo, na sua Obra há relâmpagos de beleza e de verdadeira Poesia. Lembro-me de um poema de que um amigo – absolutamente insuspeito de esteticismo – me falou há anos com entusiasmo: intitula-se, se me não engano, "Hermafrodita"[81]. Hoje à noite, na Biblioteca Nacional, hei-de lê-lo e, talvez, copiá-lo. Decerto o Senhor Dr. o conhece, mas talvez não tenha aí o livro à mão: quer que lhe envie a cópia?

E desculpe-me estas minhas pequenas liberdades... poéticas.

Não recebi provas, ontem, nem hoje.

Espero recebê-las amanhã em quantidade.

E sobre o seu livro? Está coligindo os originais? Não há mal em que mande para o *Janeiro* um "eco" a anunciar a sua próxima publicação, mesmo sem o título?

Aguarda as suas notícias, sempre bem-vindas, o seu grato Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

26 de Fevereiro [1954].

Meu caro Senhor Dr.:

Vou remeter-lhe juntamente a poesia de Gomes Leal. Foi copiada da 2.ª edição das *Claridades do Sul*, e os versos começam por letra pequena; no entanto, se os outros poemas dele, nas *Líricas*, estiverem com maiúsculas no princípio de cada linha, talvez fosse bom uniformizar.

Hoje recebi mais uma folha de provas. Obrigado.

Afinal, o "Hermafrodita" do Eugénio de Castro, que li ontem, não me parece a poesia indicada para o fim de que lhe falei. É realmente muito bela, principalmente na parte final. Mas, além de não ser bem uma obra-prima, não teria grande cabimento num livro de certo modo didáctico como é a sua Antologia: o "Hermafrodita" é demasiado lúbrico para estes nossos tempos de purificação e ascese, e poderia contribuir para a perver-

[81] Em *Salomé e Outros Poemas*, Coimbra, 1896. Reeditado, com versão em francês, em *Poesias Escolhidas (1899-1900)*, Paris – Lisboa, 1902.

são dos rapazinhos dos liceus... "Nós Portugueses somos castos" – como diz num verso o Pedro Homem de Melo[82].

Na tipografia só começam a emendar depois de lá terem as provas todas. Como a composição é mecânica, convém-lhes meter tudo à máquina duma só vez, – e o mesmo fazem para a impressão.

Parece que os editores se decidem a imprimir a obra num papel melhor, o que me satisfaz.

Creia, meu caro Senhor Dr., na melhor estima do seu grato

Luís Amaro.

*

4 de Março – 54.

Meu caro Senhor Dr. e Amigo:

Muito obrigado pela sua carta de ontem e pelo original, que hoje recebi, de *A Chaga do Lado*.

Aproveitando uma aberta aqui no emprego, já fiz uma rápida leitura aos seus novos versos (dos quais conhecia um poema publicado no jornal da Escola Francesa). E, é claro – gostei! É de facto um livro *novo* e que vai surpreender muitos dos seus leitores, embora esteja na linha – de um humor sarcástico e dolorido – dos seus outros livros (principalmente da *Biografia*). Mas, depois de *Mas Deus É Grande* (onde alguns espíritos simplistas suporiam encontrar o remate ou a solução de um dos mais perturbantes conflitos da nossa Poesia contemporânea), este livro revela inesperadas facetas. É possível – como o Senhor Dr. prevê – que ele não vá encontrar uma aprovação unânime: certos caprichos estilísticos, muito seus, irritarão os ouvidos afeitos a um incolor lirismo musical; certo pendor discursivo, ou polemístico, não será talvez aceite por uns jovens adeptos do abstraccionismo e que, pedantemente, reduzem o seu "mundo poético" a uns quantos poetas franceses mais modernos. Já não falando dos neo-realistas – porque o embate com estes perdeu a actualidade, remonta a uns dez anos atrás… (Admiro-me até de como isso o preocupa ainda.)

Dizer-lhe porque gostei deste seu novo original parece-me desnecessário: Bastou-me reencontrar nele a sua voz pessoalíssima, inconfundível, enriquecida de novos ritmos – talvez aqui e além um tanto ásperos, como a sua própria visão do mundo, inevitavelmente desencantada, mas confiante ainda em qualquer remota estrela…

Como lhe disse, ainda não tive tempo de ler bem o original. Hei-de, ao

[82] Verso-título de *Bodas Vermelhas* (1947, 1950), será título de Pedro Homem de Mello na edição da Ática, 1967.

fazê-lo, integrar-me melhor no seu *universo poético* – e, depois, também, compreendê-lo melhor: Compreender é amar…

Pondo agora de parte uma linguagem que os comerciantes desdenham, passo a falar-lhe de aspectos que, dizendo-lhes a eles respeito, lhe interessam também a si, humanamente: O gerente da casa, Sr. Dias, ausentou-se hoje para Espanha; ainda lhe dei conhecimento da chegada do seu livro, mas achei de má táctica falar-lhe logo na remessa da importância (e isto porque, após quase 13 anos de um convívio onde o sofrimento não está ausente, já tenho obrigação de o *conhecer*…). Mas felizmente há um outro sócio que vem cá frequentemente – o Sr. Ag. Fernandes – e julgo que não será preciso esperar, para cumprimento do que se combinou, pelo regresso daqueloutro senhor. Senão esta semana, pelo menos em começos da outra, terá decerto aí a quantia em causa.

Escusado é dizer-lhe que, se dependesse de mim, hoje mesmo, resolveria o assunto. Mas… será preciso lamentar-me?

Não sei quando o Sr. Dias quererá mandar o livro para a tipografia, mas suponho que não será assim com rapidez. Sondá-lo-ei a esse respeito, logo que venha – talvez dentro duma semana –, e dir-lhe-ei o que houver.

Entretanto o Senhor Dr. me dirá como imagina a edição: formato, papel, tipo, capa… Seu irmão Júlio não seria o desenhador indicado, para o caso de a capa ser em gravura?

Enfim – temos tempo para tratar desses pormenores.

Envio-lhe a poesia, que me indicou[83], do Eugénio de Castro, que ontem copiei do 9.º vol. das *Obras Poéticas*. A poesia é dos *Cravos de Papel*[84]. Que diferente, este Eugénio de Castro, dos arabescos e tortuosidades do primeiro! Possìvelmente menos representativo, mais pobre, mas talvez mais sincero, mais espontâneo. É certo que esta poesia fluida, grácil, dos seus últimos livros, já não está dentro da nossa sensibilidade inquieta, exigente e doentia; por mim devo confessar que nestas poesias "encantadoras" (como o Senhor Dr. chamou, justamente, a este "Luar…"), de ritmos breves e de motivos "interessantes", não consigo encontrar aquilo que busco em toda a verdadeira Poesia: a comunicação ardente, ou a solidariedade de uma angústia, ou uma resposta às minhas perplexidades…

Tinha mais para lhe dizer, mas ficará para outro dia.

Rogo-lhe me envie as provas o mais depressa possível, ainda que seja só uma parte. Obrigado por tudo!

---

[83] Não vemos carta que o refira.

[84] Lisboa, Porto, Coimbra, 1922. O vol. 9 das *Obras Poéticas* é de 1944.

Creia-me, meu caro Senhor Dr. e querido Poeta, seu Amigo grato e ao dispor

Luís Amaro.

*

9 de Março [1954].
Meu caro Senhor Dr. e Amigo:

Agradeço a sua carta de há dias, que ontem recebi.

Escrevo-lhe um tanto aborrecido, pois o seu assunto só poderá ser resolvido pelo Sr. Raul Dias, que, como lhe disse, está em Madrid. Julgo que regressa no fim desta semana, pelo que só em princípios da outra ficará o assunto arrumado. O outro sócio (que não é pròpriamente quem dirige esta parte editorial) receia melindrar o outro interferindo no caso. Desculpe a pequena demora, e creia absolutamente que os homens, no prazo de que falo, cumprirão o que contrataram.

Ainda não recebi as provas das *Líricas*, de que, confesso, estou ansioso, pois não me largam da tipografia.

É pena que não arranje mais nada de representativo do Eugénio de Castro. É curioso que, tendo ele deixado uma obra tão vasta, seja difícil encontrar-lhe "peças de antologia"... Realmente o "Luar..."[85] não me parece a grande altura: é grácil, e pouco mais... (A propósito desta linda palavra – grácil –, ficou-me no ouvido... e na consciência o errado plural[86] que dela fiz na minha última carta, escrita, como todas, muito à pressa. Claro que eu queria dizer *gráceis*... Imperdoável lapso num revisor de provas...)

Reli (embora ainda sem ambiente nem disposição propícia) o seu livro, em que há, sem dúvida nenhuma, muitas coisas admiráveis. O grande Poeta dos *Poemas de Deus e do Diabo* continua vivo, e bem vivo! É caso para nos regozijarmos todos, os amigos da Poesia.

É pena o que me conta dos seus dois livros inéditos. Se fosse possível tornar a Portugália a editora exclusiva das suas obras, que bom seria! Ainda há dias pensei como seria excelente reeditar a sua *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, actualizada e desenvolvida, se possível. É, no género, uma obra-prima. Lá estive a reler as belíssimas páginas que dedica a Eugénio de Castro.

Creia-me, meu caro Senhor Dr., seu Amigo muito grato e adm^{or}

Luís Amaro.

---

[85] "O luar nas águas do rio".

[86] Confusão de Luís Amaro: não há plural, tão-só 'grácil'.

P. S. – Decerto por esquecimento, o Senhor Dr. não sublinhou os versos da pág. 6 do seu original. Não me atrevo a fazer a emenda, e por isso lhe envio as suas folhas. Não há pressa na devolução; se ainda tiver provas e quiser aproveitar, podia juntá-las.

Obrigado. L. A.

*

Portalegre
14/3/54

Meu bom Amigo:

Recebeu todas as provas? e a minha carta?

Aqui lhe mando um dos poemas em que lhe falei. Pensei que talvez fosse conveniente conhecerem-no os editores quando tomassem conhecimento do original, e por isso me apresso a mandar-lho. Ainda não sei bem entre quais outros deve ser incluído, mas mandar-lho-ei dizer logo que seja necessário.

Os afectuosos cumprimentos do Amigo

José Régio

*

15 de Março [1954].

Meu caro Senhor Dr. e bom Amigo:

Tenho recebido as suas cartas, a última das quais, hoje, com o novo poema a intercalar em *A Chaga do Lado*. Obrigado por tudo.

As provas vieram quase todas no sábado, apesar de o Senhor Dr. as ter remetido por várias vezes.

Já copiei o longo poema do Eugénio, que ficará a par do "Nocturno"[87] (antes ou depois? Vou reler a sua carta, que tenho em casa, a ver se já mo disse). Pouco tive que actualizar na ortografia (t*u*rquesa, com u, em vez de t*o*rquesa, e pouco mais, pois a edição da Lumen, de 1929, não difere muito da ortografia actual). Só não sei que fazer quantos aos apóstrofos: cor*'s* do céu, *c'r*oas de verbenas, perfume das flor*'s*, Se uma glória que*r's* ter, Dourado p'la ambição, etc. – Se não receber indicação em contrário, vou mandar compor assim, tal como o autor escreveu.

Do Soares de Passos tratarei hoje à noite.

Quanto ao Cesário, cingi-me à edição da Minerva, que é a última e foi revista minuciosamente pelo Cabral do Nascimento, em confronto com as

[87] De *Sylva*, 1894, reeditado em *Poesias Escolhidas (1899-1900)*, Paris – Lisboa, 1902.

primeiras edições. Só não mexi no verso 'Luta Camões no mar, salvando um livro a nado', que o C. do N. diz ser diferente do que saiu na 1ª edição: 'Luta Camões no *Sul*, salvando'... O que é certo é que a 1.ª edição saiu depois da morte de Cesário, e nada nos assegura que ele tivesse escrito *no Sul*, tanto mais que da 2.ª edição em diante todas as edições têm *no Mar*, que é incomparàvelmente melhor[88].

A tipografia vai mandar-me, talvez esta semana ainda, as 3.as provas. Terei o máximo cuidado com todas as emendas feitas.

O Sr. Raul Dias regressou hoje de Madrid e hoje mesmo pediram o cheque ao Banco E. Santo, para lho remeterem. O assunto está, pois, arrumado, o que me satisfaz.

Desculpe a pressa com que lhe escrevo e creia-me, meu querido Poeta e Amigo, muito grato por tudo, o seu

Luís Amaro.

*

18 de Março [1954].
Meu caro Senhor Dr.:

Recebeu finalmente o cheque? Era para seguir em carta registada, anteontem, mas quando foram ao correio já passava das 6 horas; para não haver mais demoras, foi mesmo sem registo.

Como, no correio de hoje, não recebemos notícias suas, fico um pouco em cuidados. Oxalá que no correio de amanhã o Senhor Dr. acuse a recepção da preciosa carta, e se tenha lembrado de expor directamente à Portugália as *suas condições* (com que eles, já sabe, estão de acordo. Mas depois também lho confirmarão a si, em carta, constituindo isso, então, uma espécie de contrato; ou equivalendo ao contrato).

Já esclareci o verso do Soares de Passos, que de facto era: "Quem de entre os vivos se lembrara ainda". Se, na edição anterior, saiu *de entre os mortos*, foi gralha de tomo.

---

88 Na *Obra Completa de Cesário Verde*, que Joel Serrão editará na Portugália (1963, 1969; 3.ª ed., s. d.), temos a lição de Silva Pinto, 1887: 61: «Luta [Lucta] Camões no Sul, salvando um livro a nado!». Dá variante da 2.ª ed. d'*O Livro de Cesário Verde*, 1901: «Luta Camões no mar, salvando um livro a nado!» A 3.ª ed., "Reimpressão textual da primeira […]», diz: «Lucta Camões no mar, salvando um livro, a nado!» Como se observa, não é 'reimpressão textual' de 1887… "O Sentimento d'um Occidental", sem dedicatória e sem os títulos acompanhando as IV partes, estreado em *Portugal a Camões* / Publicação Extraordinaria do Jornal de Viagens […], Porto, 10 de Junho de 1880: 6, traz: «Lucta Camões no Sul, salvando um livro, a nado!»

Vale sempre a pena confrontar as provas, em livros deste género, com os textos originais (é certo que sujeitos também a gralhas e adulterações, mas, em todo o caso, de responsabilidade alheia). Foi o que procurei fazer com esta edição. Simplesmente também não disponho de todos os livros de que necessitei; trouxe uns de casa, pois tenho bastantes livros de poesia, principalmente de autores modernos; requisitei outros daqui, visto serem para serviço da casa; consultei ainda outros na Biblioteca. Mas faltaram alguns que não me foi possível confrontar.

Creio também, com o Senhor Dr., que esta edição sai muito melhorada.

O pouquíssimo que fiz, pela minha parte, só me deu prazer – e por feliz me darei se teve qualquer utilidade.

A "Salomé" do Eugénio[89] já foi para a tipografia. Tem uma epígrafe em latim, que copiei também; ou acha que se deveria suprimir?

Fico ao seu dispor para tudo que de mim necessitar. Inclusivamente se precisar, alguma vez, de livros de Lisboa, ou de qualquer outra coisa, tem em mim um amigo às suas ordens e a quem será grato receber qualquer incumbência sua.

Receba, meu caro Senhor Dr. e Amigo, as melhores saudações do

Luís Amaro.

*

Portalegre
25/3/54

Prezado Amigo:

Antes que me esqueça, pois já por mais duma vez me tem esquecido: No meu longo poema "Reportagem" há um passo

"Tudo consumado" – disse Cristo.

Mas tudo, quê?

em que, como aí vai representado, um espaço em branco indica faltar uma palavra. Essa palavra é: *está*[90], que peço para escrever no dito espaço em branco. Esta, a primeira coisa que me tem esquecido. A segunda reporta-se ainda às *Líricas*, e ao famigerado verso de Soares de Passos: "Quem, de entre os vivos, se *lembrará* ainda". É, deve ser, *lembrará* e não *lembrara*.

Posto o que, vamos ao principal da carta: Como não supunha a entrega do original para já, andava muito descansado quanto ao poema final – pois será final – e até hesitante (como afinal continuo) sobre a sua sim ou não

[89] Eugénio de Castro.

[90] Daqui, parte seta até ao espaço em branco.

intercalação n'*A Chaga.* Tanto melhor se os editores pensam em já entregar a obra aos prelos! Peço-lhe (ou lhes), então, um prazo máximo de três dias, ao fim dos quais eu lhe enviarei o dito poema, ou a renúncia a publicá-lo neste livro. Três dias, o máximo.

Quanto à carta-contracto [*sic*] (qualquer simples carta, afinal), as minhas condições já foram logo de início enunciadas. Não falando nas condições do pagamento, já confirmadas suficientemente: máximo de 2500 exemplares para a edição; (o que já é considerável para um livro de versos!) máximo do custo do volume de 25$00; (já concedendo mais 5$00 em razão do papel na verdade excelente) máximo prazo de aparecimento do livro a público... um ano; (condição afinal, pelo visto, tornada supérflua).

Uma breve carta em que os editores acedam a estas condições servirá de contracto.

Esqueceu-me, na verdade, uma coisa importante: regular, de antemão, o número de exemplares que devo receber para ofertas pessoais. Costumo, quando a coisa é regulada de antemão, indicar um número alto, pois tenho sempre muitas ofertas a fazer. Falo, agora, um pouco tarde. Não obstante, acho diminuto o número de 100 exemplares para todas as ofertas, as da casa e as minhas! Estou um pouco aborrecido por me ter esquecido deste pormenor, em que aliás sempre insisto quando publico um livro, – e em que insisto à vontade quando falo com antecedência.

Quanto ao tipo escolhido, eu, por gostar, gostava dum tipo menor: tenho a impressão de que um tipo demasiado visível furta algo da *intimidade* necessária ao contacto com a poesia. No entanto, deixo isso, em última instância, à decisão da casa editora. Fora o que, o tipo é claro e agradável; – e o papel, repito, excelente. Amanhã, o mais tardar depois, lhe enviarei as duas folhas impressas dos *Poemas de Deus e do Diabo* – folhas que, porém, peço para me poupar e depois devolver, pois fazem parte dum *volume solto* que será o original duma hipotética nova edição futura da obra.

Creio que mais nada por hoje. Mais nada, senão sempre os agradecimentos do camarada e amigo

José Régio

*

25 de Março [1954].

Meu caro Senhor Dr.:

Cá se recebeu o seu recibo (que escusava ser em papel selado...). Querendo, posso fazer com que lhe enviem a carta-contrato.

O Sr. Raul Dias parece estar disposto a mandar já o original para a tipografia. É por isso que lhe escrevo, pedindo, antes de mais nada, o favor de me enviar o poema que falta, com a ordenação das poesias que compõem o livro.

Sem que eu tivesse intervenção nisso, pensam imprimir a sua obra num papel bom. E como, na maioria, os versos são longos, e se escolheu um corpo 12 para a composição (do qual lhe envio amostra), o formato terá de ser maior que o vulgar in-8.º Em princípio escolheu-se o papel de que lhe envio também amostra, e que vamos tentar arranjar no Porto. É esplêndido, como vê. É sensìvelmente o formato das suas Obras Completas, e por isso me lembrei de lhe pedir o favor de me enviar uma ou duas folhas impressas dos *Poemas de Deus e do Diabo*, que tomaríamos como modelo da paginação ou "mancha" da página.

Receio é que, impresso em tão bom papel, os editores, no final, não possam vender o livro a 20$00. O senhor Dr. importa-se muito se as despesas da edição obrigarem os editores a um aumento de 5$00 no preço de capa? Claro que ponho isto apenas como hipótese, pois só no fim é que se poderá acertar nesse ponto, em face do número de páginas do livro e consequentes despesas de edição. Pensam fazer, os editores, uma tiragem de 2.500 exs. para venda e 100 para ofertas.

Quando puder (mas sem urgência, visto o primeiro oitavo ser impresso no final), agradeço me envie também a lista das Obras do Autor, quanto possível completa. Sobre a capa, há tempo para pensar.

Na tipografia que faz as *Líricas* ainda estão a emendar as provas. Devo receber as 3.as por estes dias.

Deseja-lhe boa saúde e envia-lhe afectuosas saudações o seu Admor e Amigo grato

Luís Amaro.

*

26 de Março [1954].

Meu caro Senhor Dr.:

Obrigado pelas suas notícias de hoje. Já acrescentei ao seu poema a palavra que faltava, e vou de novo emendar o verso do Soares de Passos (não o fiz logo porque na edição que consultei estava *lembrara*).

Devo enviar-lhe hoje uma prova do corpo 10, para o Senhor Dr. optar entre esse e o que foi anteriormente.

Fico aguardando a sua resolução sobre o nosso poema; e também a ordenação do livro.

Falei com o gerente da casa sobre o número das suas ofertas de *A Chaga*. Ele pede-lhe para nos dizer quantos exemplares necessita. Para o serviço de Imprensa e ofertas habituais, a casa costuma gastar à volta de 60 exs.

E, por hoje, é só... Leu na última página literária do *Comércio do Porto* a prosa de Irene Lisboa? É uma admirável confirmação de tudo quanto o Senhor Dr. escrevera acerca dela: a nossa maior escritora... desconhecida do grande público. "Coisas nossas"[91]... E, como ela, outros grandes valores temos que vivem numa obscuridade que devia causar remorsos aos raros que ainda são sensíveis a estas injustiças.

Creia na estima e admiração do

Luís Amaro[92].

*

Portalegre
28/3/54

Prezado Amigo:

Umas linhas muito à pressa, pois não quero deixar de escrever hoje, e, como é Domingo, o correio está a fechar.

Procurei tudo por quaisquer folhas soltas dos *Poemas* da edição d'As

---

[91] "Coisas Nossas" era a rubrica de Régio no suplemento Cultura e Arte d'*O Comércio do Porto*. Em "Irene Lisboa, o público e o tempo", logo na primeira página da *Seara Nova*, n.º 1361, Março de 1959, Régio reitera essa ideia: «Morreu Irene Lisboa, que, bem provàvelmente, é até hoje a nossa maior escritora.» E em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 335: «Morreu Irene Lisboa, – que julgo, até hoje, a nossa maior escritora.» Para informes pessoais, ver evocação de Luís Amaro em *Relâmpago*, n.º 31, Outubro de 2021: 63-74.

[92] Acompanha uma folha impressa do poema "Legenda", que abre *A Chaga do Lado*, 1954:

LEGENDA

Não me peças esmola, [que] sou pobre,
E avaro do meu pouco,
Se mo pedem!
Não me tragas esmola, que sou rico,
Se penso na miséria
Que poderias dar-me!
Dar-te-ei, sem que mo peças.
Dá-me, sem que eu o saiba.
Expulsei os mendigos do meu Reino!
Cá, só amor gratuito.

Velas[93]: Não encontrei nada. Concluí que as tenho em Vila do Conde, e fechadas, de modo que me nem seria fácil mandá-las vir. Aqui, só tenho o meu exemplar, que o Serpa teve o requinte de fazer imprimir com a indicação de *exemplar do autor*. Francamente, e perdoe-me a franqueza, – sei como pelas tipografias se sujam os exemplares de livros... Portanto: Ou será preciso consultar qualquer exemplar que aí haja em Lisboa, ou – solução que eu aplaudo! – estudar uma mancha independente da da edição d'As Velas. Não será melhor esta solução? Quanto a mim, é a que *francamente prefiro*! Estude-se uma página que nada tenha a ver com a edição d'As Velas e os Ventos. Há aí em Lisboa bons conhecedores de artes gráficas.

O meu último poema aqui vai. É o poema final (depois de "O menino sem Tempo"). O "Encontro Nocturno" deve seguir à poesia "A um Camarada". Julgo que o original que enviei ia paginado, e até acompanhado dum *Índice*, portanto nenhuma outra indicação é preciso quanto à ordem dos poemas.

Prefiro francamente o tipo 10 de que me envia amostra, – o qual me satisfaz plenamente.

Sem mais por hoje, as melhores lembranças do

José Régio

P. S. – Esse maldito verso do Soares de Passos! Eu creio que *lembrará* é que faz sentido! Mas será *lembrara*?![94] Portalegre, para estas dúvidas, é terrível! Não há recursos. J. R.

*

Portalegre
26/4/54

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe envio a redacção definitiva do epigrama "Ter ou não ter".

Pedia-lhe o favor de, quando tiver vagar, me devolver a redacção que aí existe, substituindo-a, no original, por esta que lhe envio, e na qual o meu Amigo escreverá a paginação correspondente.

Esse "espírito abatido" em que me falava anda agora um pouco mais animado? Também a mim esta dúbia e caprichosa primavera me traz ora excitado ora deprimido, e me prega as costumadas partidas a que estão sujeitos os alérgicos.

---

[93] 1951. As Velas e os Ventos, editora de Leça da Palmeira, dirigida por Alberto de Serpa.

[94] Sim, «lembrara», de "O Noivado do Sepulcro". A 5.ª ed., 1870, traz «Quem d'entre os vivos se lembrára ainda». Com «lembrará» não dava decassílabo.

Sempre com os meus agradecimentos e afectuosos cumprimentos,
José Régio

*

28 de Abril [1954].
Meu bom Amigo e Sr. Dr.:

Desculpe-me este silêncio, mas queria, ao mesmo tempo que lhe escrevesse, mandar-lhe as primeiras provas da sua *Chaga*. Aqui vão hoje pelo correio, mesmo "em granel" (sem serem paginadas).

Para a paginação – trabalho não muito fácil e de certa subtileza gráfica, em livros do género – escolheu o Sr. Raul Dias a *mancha* que também envio. Veremos, nas 2.as provas, se realmente resulta. Eu, digo-lhe desde já, não me sinto, aqui, à vontade para coisa nenhuma, pois tenho sempre de seguir a vontade e os gostos dos meus patrões, que de modo nenhum me dão a liberdade que eu desejaria e o Senhor Dr. poderia julgar. Assim – limito-me a trabalhar... e a obedecer, embora às vezes contrafeito.

O tipo que o Senhor Dr. havia escolhido era de uma tipografia cujo orçamento, por excessivo, não foi aprovado. A Gráfica Santelmo (que fez já livros seus) foi mais acessível, e tem, aliás, melhores condições para fazer um livro bonito. Este corpo 12 não é excessivamente grande, e é o mesmo dos livros do Fernando Pessoa (do 1.º vol., pelo menos). Ao contrário do da *maquette* que lhe enviara, esta composição é mecânica (Linotype), tal como a das *Líricas*, que também lá foram feitas. (Um parênteses para dizer que só falta imprimir uma folha e a capa.)

Devolvo-lhe o primitivo original do poema "Ter ou não ter".

Outro assunto – extra-editorial:

Um rapaz meu amigo, o António Carlos Leal da Silva[95], poeta, funcionário da Emissora Nacional e aluno da Faculdade de Letras, tem quase pronta uma adaptação radiofónica do seu *Jacob e o Anjo* e vai escrever-lhe a pedir a sua autorização para que esse trabalho seja radiofundido[96]. Parece que já fez outros trabalhos do género, o que muito lhe interessa por lutar com dificuldades de dinheiro; no caso do *Jacob e o Anjo*, não foi só essa necessidade que o impeliu, mas também a sua sensibilidade de artista, de poeta.

---

[95] António Carlos, co-fundador da revista *Cassiopeia* (1955) e partícipe de outras, ficará mais conhecido como António Carlos Leal da Silva (1931), seja pelos estudos sobre, entre outros, Amorim Viana, seja pela edição da obra completa de José Félix Henriques Nogueira.

[96] Deve referir-se ao que a Emissora Nacional transmitiria em 6-VI-1956.

Como se trata de um amigo que muito prezo e que, apesar de jovem (tem 20 e poucos anos), é das mais belas inteligências que eu conheço, além de ser um belíssimo rapaz, ouso recomendar o assunto à sua simpatia. Ele vai escrever-lhe por estes dias.

Muito grato desde já pela atenção que possa dispensar-lhe, e assegurando que é pessoa digna de toda a confiança (mesmo no aspecto político), sou, com afectuosas saudações, o seu Admirador e Amigo de sempre

Luís Amaro.

P. S. – Não me chegou a dizer quantos exs. necessita do seu livro. Seria bom fixarmos isso com a gerência da casa. Luís Amaro

*

Portalegre
2/4 [5]/54

Meu prezado Amigo:

Devolvi-lhe hoje, registadas, as primeiras provas de *A Chaga do Lado*. Está claro que precisarei de ver as segundas.

A mancha escolhida, cuja *maquette* junto, francamente me agradaria, se não tivesse tantos claros. Só três quadras numa página, e sendo a página de tamanho superior ao corrente, deixa-a muito em branco para o meu gosto! Volto sempre à minha impressão: Parece-me que a poesia algo perde da sua intimidade quando, ou por ser composta num tipo demasiado grande, ou pelos versos ficarem demasiado isolados, toma como que um ar de cartaz. Esta é a minha opinião sincera; mas claro está que os senhores editores – como editores – é que dirão a última palavra sobre o assunto.

A respeito do número de exemplares que desejaria receber, (tenho muitas ofertas!) nem me atrevo a dizer quantos costumo receber *desde que* estabeleça tal número desde começo. Assim, agora... – será excessivo pedir 80 exemplares? Sei que o é, para o costume corrente...

Sendo preciso que lhe envie a página das Obras do Autor – diga. Que lhe pareceram os dois poemas que posteriormente enviei? Inferiores, diferentes, dos anteriores?... Hesitei a respeito do "Tu e Nós", que me parece, de facto, um pouco dentro doutro espírito. Mas, de certo modo, completa o livro.

Recebi a carta do seu Amigo, e dou o devido valor à sua apresentação. A falar verdade, eu antes embirro com teatro radiofónico, – o meu é tão *visual*, tão espectacular! Mas penso que milhares de pessoas algum contacto tomarão, assim, com algo do *Jacob e o Anjo*... Penso que me aborreceria fazer o seu Amigo perder o seu trabalho... Em suma: Ainda lhe não respondi, por ter estado um pouco perplexo sobre a resposta a dar, mas

creio que não terei coragem de *proibir* o arranjo. Espero decidir até amanhã.

Sempre muito agradecido amigo

José Régio

*

Lx.ª, 10 de Maio [1954].
Meu caro Senhor Dr.:

Cheio de trabalho e não muito bom de saúde, não tenho podido escrever-lhe. Agradeço só hoje a sua última carta, do que peço me desculpe.

Envio-lhe 2.as provas do seu livro, ainda não paginadas. Gostaria de o ajudar na revisão, mas tenho aqui tanta coisa a solicitar-me... Aliás o Senhor Dr. é um revisor excelente.

Reservo-me para uma leitura das provas paginadas, que seguirão depois para si.

O gerente concorda com a sua ideia sobre a *mancha* do livro.

E na capa – já pensou? Lembro-me que seria interessante um desenho a duas ou três cores. De quem? De Júlio? Que diz do Manuel Ribeiro de Pavia? Ou já tem algum nome em vista?

Muito obrigado pela atenção que lhe mereceu o meu *recomendado* António Carlos. Não o tenho visto; desconheço pois como ficou o assunto. Aliás julgo que ele ainda não tinha escrito a sua adaptação, em que punha tanto interesse. Pode confiar nele, que saberá merecer a sua simpatia.

E por hoje me despeço, meu caro Senhor Dr., com a muita admiração e estima de sempre do

Luís Amaro.

*

14 de Junho [1954].
Meu bom Amigo:

Peço-lhe que me perdoe esta longa demora de notícias, que já excede o razoável. Que me perdoe e acredite que só a minha absoluta falta de tempo – agravada por uma saúde precária – pode levar-me a tais incorrecções.

Tenho, aqui, muito que fazer, muitas coisas a solicitar a minha atenção (coisas, aliás, que só me merecem isso: uma "solicitude"... profissional, e a que o meu espírito ou o meu coração não aderem, porque são desprovidas de interesse... Os mesquinhos afazeres quotidianos, obrigatórios e constrangidos, mas a que não posso furtar-me – ai de mim! Nem a eles nem às pessoas que sirvo...). É certo que poderia escrever-lhe lá fora, livre

e mais pessoal. Acontece, porém, que, saindo daqui cansado de um dia inteiro de trabalho (e, às vezes, mais que do trabalho, do contacto com *os outros*, com quem é muito raro sincronizar), não tenho vontade nenhuma de escrever seja o que for, e só anseio por libertar-me... à minha maneira. Se tivesse um *ambiente* meu, uma casa, ao menos um quarto onde me pudesse realizar espiritualmente, – é possível que isto assim não acontecesse. Mas, em Lisboa, fui e continuarei a ser, sei lá por quanto tempo, *um hóspede*...

Desculpe-me esta pequena divagação pessoal, que lhe não interessa, e vamos ao *seu caso*, ou melhor, à *Chaga do Lado*:

Tem andado morosamente, este livro, porque na tipografia, presos também com outros trabalhos, lhe não puderam dar maior atenção – não obstante todos os meus rogos. Mas conto, amanhã ou depois, enviar ao meu Amigo as provas paginadas. Desde já o previno de que a paginação não é da minha autoria, mas do gerente. Meus, são só os títulos (isto é, o tipo dos mesmos); procurei fugir ao lugar-comum do itálico, que todos começaram a usar depois das belíssimas edições do Montalvor[97]. Também não é minha a ideia do entrelinhamento dos versos, que me parece exagerado, mas da qual não consegui dissuadir o seu autor.

Como, porém, tanto o meu Amigo como os Editores têm todo o interesse em que a edição saia o melhor possível, creio que quaisquer sugestões suas serão bem acolhidas. Bom será que, se mas fizer em carta, o sejam de maneira que eu possa mostrar ao gerente da casa (espero que a minha intenção, aqui, seja clara...).

Porque não nos envia o esboço para a capa? Já que tem uma ideia definida a esse respeito, acho que devíamos aproveitá-la.

Recebeu os exemplares das *Líricas*? Qual a sua impressão? Parece que esta edição deixa a perder de vista a primeira, embora talvez seja menos acessível ao grande público – que de boa vontade dá tudo que lhe pedem para touradas e futebóis, mas que, em se tratando de um livro, acha muito 35.00...

São quase 7 horas e o escritório está a fechar.

Creia sempre, meu grande e querido Poeta, na muita admiração do

Luís Amaro.

*

[97] Luís de Montalvor (1891-1947), alma das revistas do Modernismo e das Edições Ática (1933).

24 de Junho [1954].
Meu bom Amigo:

Talvez esteja aborrecido comigo... e aparentemente com razão. Afinal não é só em Vila do Conde que se trabalha "a passo de boi"; em Lisboa também, principalmente quando... se não pode obrigar as pessoas a trabalhar mais depressa. E eu, para isso, não tenho autoridade. A minha persistência, a minha insistência não bastam com os senhores da Gráfica Santelmo.

Mas desta vez surge uma complicação: o "meu chefe" interveio na paginação do livro, como lhe disse; e as provas que vieram há dias não estavam ao seu gosto. Quer centrar *cada página* dentro da mancha convencionada. Isto estaria bem aplicado a cada poema – centrado em relação ao verso mais longo –, mas não a cada página do livro. Tentei opor-lhe a minha divergência, ontem, mas... só me valeu um aborrecimento.

Fui hoje à tipografia, para que se fizesse tal como ele quer. Mas, lá, disseram-me que não podia ser, pois, na composição *mecânica*, cingiram-se à mancha indicada e centraram, consoante ela, cada poesia de per si (tal como eu pensava que devia ser feito).

O Sr. Dias não está em Lisboa e só volta na 2.ª feira. Nesse dia tenho de me revestir de uma resignada paciência para lhe opor o obstáculo tipográfico. O homem vai ficar irritado.

Pensava eu também que, na abertura de cada poema, não deviam ir mais de duas quadras, para que houvesse um espaço desafogado entre o título (na última linha ao alto) e o primeiro verso. Mas ele quer 3, e nas outras 4 – (com o que já concordo e que aliás condiz com o desejo do Autor).

Enfim... só nos primeiros dias da próxima semana lhe poderei remeter as tão desejadas provas paginadas.

Desculpe tudo isto e creia no seu Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

29 de Junho [1954].
Meu bom Amigo:

Finalmente, seguem hoje as provas paginadas do seu livro. Peço-lhe que não faça caso das marcações a lápis, que, afinal, nada significam, pois a paginação não poderia ficar assim.

Fiz algumas emendas e anotações nas provas, às quais, tal como sucedeu nas *Líricas*, dará ou não a sua aprovação.

Saudações afectuosas do seu grato

LAmaro.

P. S. – Agradeço o favo de remeter o esboço da capa. L. A.

*

3 de Julho [1954].
Meu bom Amigo:

Recebi há pouco a sua carta e, depois, as provas. Irão para a tipografia na 2.ª feira, e pedirei novas, para confrontar as emendas – no que terei o máximo cuidado. Vamos a ver se o livro, agora, vai...

Agradecia-lhe me mandasse com urgência a lista das Obras do Autor.

Saudações afectuosas do seu grato

Luís Amaro.

P. S. – O David M. Ferreira disse-me há dias que ia escrever um artigo, no *Popular*[98], sobre as *Líricas*. L. A.

*

Lisboa, 11 de Julho – 54.
Meu bom Amigo:

Estou doente, em casa, desde segunda-feira, e é da cama que lhe escrevo. O estado absolutamente mórbido em que eu tenho vivido nos últimos tempos – depressão, cansaço, nervosismo – atingiu o seu ponto culminante e manifestou-se, agora, de maneira concreta. Os médicos prescrevem-me absoluto repouso, que, por não ter cá família, só poderei usufruir no hospital onde, por toda a semana que vem, devo ser internado.

De modo que, com grande pesar meu, não posso tratar do acabamento do seu livro. Peço-lhe, meu querido Poeta, que se entenda directamente sobre o assunto com o Sr. Raul Dias, que – apesar do que se passou em tempos – creio não fará a mínima objecção a quaisquer dos seus desejos. O Sr. Dias tem hoje por si uma admiração verdadeiramente respeitosa.

Quanto a mim, o ideal seria que um amigo seu, com experiência gráfica e gosto artístico, tratasse da edição, de acordo com o Sr. Raul Dias. Tinha-me lembrado do Casais, e, quando há dias estive com o meu patrão, falei-lhe nisso, mas ele torceu o nariz...

Enfim, creia que me preocupa – a juntar a tantas minhas preocupações – que não possa, dentro das minhas fracas possibilidades, colaborar consigo no acabamento da edição.

---

[98] *Diário Popular*, supl. Letras/Artes, 8-IX-1954.

Veja, meu caro e querido Poeta, se descobre uma solução. Um desenhador amigo, um escritor com bom gosto gráfico, *alguém* – em suma – em quem pudéssemos confiar e a quem o meu Amigo desse instruções sobre o assunto.

Sobre o meu caso, não julgue que me sinta desanimado. Não, sei que melhorarei e me porei bom, à custa de tempo e tratamento. Receba a amizade de sempre do

Luís Amaro.

*

Lisboa, 21 de Julho 54.
Meu bom Amigo:

Agradeço-lhe, do coração, a sua carta de há dias, e a simpatia que me oferece.

Felizmente tenho melhorado, e vamos a ver se, depois de várias radiografias, tomografias e análises que tirei, a coisa não é tão grave como eu receava. É que os sintomas iniciais foram assustadores. Nada menos que duas hemorragias... Mas, apesar de tudo, não me tenho sentido mal, e o meu médico está muito esperançado com o meu caso.

Pedi ao Sr. Dias que me mandasse as últimas provas de *A Chaga*, para confrontar as emendas, o que já fiz. Surge-me, porém, uma dúvida, que admito seja estúpida e sem cabimento: É no verso da pág. 18 – "Cantando avançarei, até se fique". Não será *me* fique, e ter-lhe-á passado despercebido na prova anterior?

De qualquer modo, e para não ficar com este remorso, envio-lhe a página, rogando a sua devolução no próprio dia, se possível, para que o livro se comece enfim a imprimir.

Sei que o Sr. Dias mandou desenhar as letras da capa (ignoro por quem) e tenciona mandar-lhe o esboço.

Por último, e sem querer abusar da sua bondade, um pedido: Gostaria muito de ter o *Novo Almanaque de Lembranças...* do Alberto de Serpa, pois já possuo o *Almanaque*[99]. Mas ele não pôs à venda este complemento, que me interessava. Será possível, meu querido Amigo, conseguir-me um exemplar? Não recorro ao Serpa (que antigamente, por vezes, me tratava por amic*ísssi*mo, com três S) porque concluí há muito estar excluído do número das suas relações...

Adeus – e a minha gratidão por tudo. Creia-me seu muito afeiçoado

Luís Amaro.

[99] *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* são de 1954.

*

Lisboa, 16 de Agosto [1954].
Meu bom Amigo:

Peço-lhe muita desculpa de só hoje lhe agradecer o seu amável presente, que recebi ainda na Rua dos Anjos[100]. Fico-lhe muito grato pela "raridade bibliográfica", que resultou, afinal, numa justa homenagem ao Alberto de Serpa.

Mudei para aqui – Rua Pascoal de Melo, 79-1º – no dia 1. Disponho agora de todas as condições para me tratar convenientemente, sem recorrer ao hospital, – experiência que, para mim, seria decerto muito penosa. E tenho sentido consideráveis melhoras. É possível que, dentro de um ou dois meses, volte "à vida" positivamente restabelecido.

Mesmo daqui, de casa, tenho acompanhado, quanto me é possível, a execução do seu livro (tão lenta!). Não sei é se já estará impresso a partir da página 9. Do primeiro oitavo remeto-lhe as provas que acabei de receber. Para evitar demoras, pode – e será melhor – devolvê-las directamente ao Sr. Dias. Estas são já 2.as, pois as 1.as estavam péssimas, como poderá ver. Uma dúvida nas Obras do Autor: no original não se percebe bem o nome de um dos tradutores italianos, para que peço a sua atenção.

E, depois disto, parece-me que nada poderá já impedir que o livro, finalmente, esteja pronto (pelo menos na 1.ª quinzena de Setembro?).

Creia, meu querido Poeta e Amigo, na firme amizade e admiração do seu devotado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
22/8/54

Meu prezado Amigo:

Antes de mais, muito estimo sabê-lo melhor, e bem instalado. Posso dizer-lhe agora que me chocava aquela ideia de o saber no hospital. Assim, está melhor, e creio bem que depressa se restabelecerá.

A demora destas linhas, e da devolução das provas, vem de que a sua carta foi para Portalegre quando eu já de lá saíra, e assim teve de ser recambiada para Vila do Conde. Tudo isto leva seu tempo. Aqui lhe devolvo as provas que interessam, com uma observação que verá. Prefiro *tudo* em caixa baixa no título da página 3. Quanto à página referente às

[100] Rua dos Anjos, 59-1.º F.

Obras do Autor, há umas ligeiras modificações a fazer que, para maior clareza, estão patentes no papel que juntei à página. Feitas e revistas estas correcções com cuidado, suponho que nem preciso de rever novas provas. Devo ficar satisfeito com a capa, que, sendo realizada conforme ficou combinado com o senhor Raul Dias, terá uma simplicidade não destituída de originalidade.

Estou com natural ansiedade de ver o livro pronto, – tanto mais que uma praga parece perseguir actualmente os meus livros e os não deixa vir à publicidade. No entanto, creio que será bom esperar pelo fim desta época de praias e termas para o lançar a público, – o que não impede que seja conveniente tê-lo pronto logo que possível.

Sem mais por hoje, sempre com os meus votos pela sua boa saúde próxima, e os meus agradecimentos pelos cuidados que sempre lhe tem merecido o meu livro, camarada e amigo

José Régio

*

Portalegre
15/10/54

Meu prezado Amigo:

Há já bastante tempo que não tenho notícias suas! Suponho que já esteja, se não completamente restabelecido, ao menos a caminho da completa cura. Por supor que mais ou menos tenha retomado o seu trabalho na Portugália lhe escrevo, até, para aí. Oxalá me não desiluda! Escreva-me quaisquer linhas, e diga-me se está satisfeito com a apresentação d'*A Chaga do Lado*. Eu, por mim, estou; e também com o preço, que não é excessivo.

Não esqueço o interesse e os cuidados que o meu Amigo deu ao meu livro, (não é vulgar, nos tempos de hoje, interessar-se um Poeta pelo livro doutro) e pezar-me-ia [*sic*] se lhe não escrevesse estas linhas no dia em que recebi os meus exemplares.

Muito afectuosas lembranças do amigo agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 16 de Outubro de 1954.
Meu bom Amigo,

A sua carta, que hoje recebi e lhe agradeço, veio ao encontro do meu desejo de lhe enviar, já aqui da Portugália, as minhas saudações e os meus parabéns pela saída de *A Chaga do Lado*.

Voltei ao trabalho na segunda-feira e, com a cautela devida, espero poder continuar suportando esta luta diária... que às vezes me chega a ser intolerável, não já por ser doente como pela minha sensibilidade extrema, em que tudo se reflecte e repercute – especialmente a estupidez dos outros.

De saúde sinto-me realmente melhor, e os médicos não vêem no meu caso nada de excepcionalmente grave. Aliás, as análises e radiografias o confirmam.

Da edição do seu livro – em que, até onde pude, pus todo o meu carinho, que aliás nada tem a agradecer – dir-lhe-ei, com aquela sinceridade que é seu (e meu...) timbre, que fiquei decepcionado com a capa... O envoltório de celofane não é mais que um disfarce, que me não convence. A própria brochura do volume me não agrada. Isso faz com que, no conjunto, a edição não fosse aquilo que eu sonhava, muito embora me agrade a impressão do livro, o papel e, dum modo geral, o aspecto gráfico interior. (A propósito, não fui eu que revi o Índice, em que há um *Nou* por *Non.*) Se não fosse a capa, a edição seria na verdade excelente – quase de luxo, – e eu estaria francamente satisfeito com o facto de ter, de algum modo, contribuído para isso.

Informo-o de que o Snr. R. D.[101] está inteiramente rendido à sua Musa. Ainda bem – e finalmente... O nome de José Régio tem hoje para ele uma ressonância mágica. Oxalá isso proporcione novas negociações suas com a Portugália. Bem sabe a satisfação que isso me daria. Na aridez e na mediocridade aflitiva em que me movo, o tratar, aqui, dos seus livros seria para mim um profundo prazer. Ah, se eu fosse editor!... Mas é mais que certo que nunca passarei desta "apagada e vil tristeza".

Despeço-me por hoje, com os meus afectuosos cumprimentos e agradecimentos pela sua amizade.

Admirador e Amigo muito seu,

Luís Amaro.

*

Lisboa, 11 de Novembro –1954.
Meu bom Amigo,

Muito e muito obrigado pelo exemplar de *A Chaga..*, com as suas palavras amigas, que me desvaneceram[102]. Como o Teixeira de Pascoaes

---

101 Raul Dias.

102 Dedicatória: «Ao Luís Amaro, à sua sensibilidade de Poeta, à lealdade da sua camaradagem que tão consoladoramente contradiz o azedume de alguns destes versos. José Régio / Portalegre / 1954.»

numa carta para o Botto, digo-lhe sinceramente que "vou guardar o seu livro entre as minhas coisas bem-amadas".

As minhas ocupações aqui, e uma certa agitação interior que é consequência da minha forçada reclusão de quase quatro meses, não me têm deixado o espírito livre para leituras atentas e repousadas. Mas, relendo o seu livro, confirmei para mim o que já lhe dissera: que é uma obra à altura do seu nome. Claro que, se me dessem a escolher, preferiria os *Poemas de Deus e do Diabo* ou as *Encruzilhadas*. Mas compreendo bem que, tendo posto nessas primeiras obras o essencial do seu génio poético e as suas mais fundas vivências humanas (não será a mocidade a época da vida em que se vive mais profunda e mais intensamente?), seria difícil prolongar a tamanha altura e com tal ardência a sua inspiração.

A Chaga... é o complemento, ou desenvolvimento – mais sereno, diria mesmo *mais clássico* – duma certa faceta (satírica) da sua Obra anterior, tão rica de aspectos e de complexidade. E, sem dúvida alguma, este é um livro importante na sua bibliografia. A realçar, também, a sangrenta actualidade de certos versos seus...

Isto mesmo o tem sabido compreender o público: Nunca, nesta já minha longa experiência "editorial", eu vi um livro de poesia vender-se tão bem! E poucas vezes a Portugália tem publicado uma obra *literária* de que, logo às primeiras, tenha recebido tantas requisições. Do Porto, então, chegam a vir telegramas a pedir aos 20 exs.!

Parabéns, pois, muitos parabéns por este êxito magnífico e consolador!

O Snr. Raul Dias (e eu também, o meu Amigo sabe...) gostaria de editar (ou reeditar) outras obras suas. A edição dos *Poemas...*, do Serpa[103], não está ainda esgotada? Não lhe interessaria fazer cá uma 4.ª edição?

Peço-lhe, meu bom Amigo, que pense na Portugália acima de quaisquer outros editores de circunstância. Seria bom que elegesse esta casa sua única editora!... Tenho a certeza de que nos havíamos, todos, de entender bem.

Agradecendo de novo a sua gentileza e a sua generosa amizade, creia-me, querido Poeta, seu muito Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

Lisboa, 18 de Janeiro – 1955.
Meu querido Amigo:

Há muito desejo escrever-lhe, mas a vida não me tem deixado. Com os dias penumbrosos e tristes deste Inverno, rodeado e solicitado por mil

[103] Referência aos *Poemas de Deus e do Diabo*, Leça da Palmeira, As Velas e os Ventos, 1951.

problemas qual deles o mais angustioso, e ainda por cima cheio de afazeres profissionais (embora eu não tenha uma profissão...), tenho-me sentido, no sentido espiritual, verdadeiramente um "autocadáver", segundo a sua expressão na "Balada de Portalegre"...

E é tão penosa esta sensação de não-viver!... Anula-nos para tudo que seja fecundo e realmente valha a pena. E afinal há tanta coisa que ainda vale a pena! (Mas não estou bem certo da sinceridade com que digo isto. O Américo Durão fala algures na "dor sem nome de nascer vencido"[104]. É um verso que eu podia perfilhar sem literatura.)

Queria escrever-lhe pelo Natal a desejar-lhe Festas Felizes e um Bom Ano. Mas, por essas ocasiões, sinto-me mais infeliz que de costume... (Desculpe, meu querido Amigo, este tom lamentoso – e lamentável.)

Deixe-me renovar-lhe os parabéns pelo grande êxito de *A Chaga do Lado*, que tem sido verdadeiramente consolador e raro para obras poéticas. Quero crer que dentro de mais algum tempo o livro esteja esgotado.

Reli os seus poemas, uma vez mais, e de novo a força da sua extraordinária personalidade poética se impôs à minha alma. A sua Poesia ganha grandeza a cada nova leitura – o que é privilégio dos Grandes. Tenho a firme certeza de que amanhã, daqui a muitos anos, quando de nós e dos nossos contemporâneos já nada restar corporalmente, os seus versos hão--de encontrar os mesmos leitores apaixonados e despertarão, nas mesmas almas inquietas, vozes idênticas... *A Chaga...*, tal como os seus outros livros, nasceu com essa marca de eternidade. De quantos nossos poetas vivos se poderá dizer isto? Conheço mal a obra de Torga – por isso não ouso falar dela. Tenho para mim como certo que muitas das canções do Botto conservarão, através das épocas, a mesma frescura perturbante, a mesma pureza e limpidez inconfundíveis e envolventes. Mas quantos mais? Há um poeta, já antigo, em que demasiado acreditei nos meus verdes anos – Mário Beirão; mas penso ainda que certos versos dele (do *Último Lusíada*, da *Noite Humana*...) vencerão o tempo[105].

E de mais não me lembro com esse poder intemporal – embora admire muitos outros dos nossos poetas de hoje.

Mas toda a sua obra, meu querido Amigo, há-de falar aos homens do futuro: porque os seus problemas não são de hoje nem de ontem – são de sempre; e o destino do homem há-de ser sempre, também, de inquietação, de angústia, de uma solidão irremediável. E porque o meu grande Poeta soube encontrar – ao libertar-se, pelo canto, da sua dor – os acentos mais

---

[104] «A dor sem nome de nascer vencido…», verso do soneto "Tântalo", que dá título ao livro, Lisboa, 1921.

[105] As *Poesias Completas* deste são organizadas por António Cândido Franco e Luís Amaro. Lisboa, INCM, 1996.

profundos e eloquentes: de uma eloquência em que falam as nossas vozes mais íntimas e obscuras...

Desculpe a banalidade e a longura desta carta, em que quis exprimir-lhe, uma vez mais, quanto o admiro e considero.

Quando me quiser dar o prazer das suas notícias, agradeço me diga se não tem qualquer outro livro para editar ou reeditar. Seria para mim uma alegria poder tratar do assunto na casa onde trabalho. A edição do Serpa, dos *Poemas*, não está já esgotada?

Sei que saiu, finalmente, *A Salvação do Mundo*, que tenciono comprar por estes dias. Ofereci *A Chaga...* ao Alberto de Lacerda, que esteve cá em férias e com quem me dou; é dos mais belos espíritos da nossa juventude e, talvez por isso mesmo, uma natureza complicada – mas estimável.

Abraça-o, com a maior admiração, o muito Amigo, sempre ao dispor

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/1/55

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta, e li com gratidão as suas palavras, – com gratidão porque sinto, e sei, que são sinceras. É, afinal, o maior incentivo que temos: tocar outras almas. O bom êxito de venda d'*A Chaga do Lado* satisfaz-me; porém não tanto por mim como por outros, e por diversas razões. Mas o saber que os meus versos, se provocam indignações, também provocam adesões que chegam a ser entusiásticas, ou criam noutras almas estados poéticos – eis o que me satisfaz mais que tudo. Eis o que verdadeiramente me anima a continuar a trabalhar.

Sinceramente desejo que vença o desalento que confessa na sua carta. O meu Amigo ainda é muito novo! e tantas crises atravessamos ao longo da vida, e, apesar de tudo, como diz, "afinal há tanta coisa que ainda vale a pena!" Decerto, este Janeiro sombrio a todos nos esfria a alma. Eu também tenho passado dias tristes: Devo sujeitar-me (talvez para a próxima semana) a uma pequena intervenção cirúrgica. Já estaria livre desta preocupação, pois era para ser operado logo depois das férias do Natal. Mas constipei-me nas aulas, que são geladas, tenho tido uma tosse violenta, e a tosse não me tem deixado passar esse pequeno cabo das Tormentas. Estou agora a melhorar, e, portanto, mais esperançado em que isto se resolva depressa. Devo passar uns dez dias na Casa de Saúde, aqui mesmo em Portalegre.

A respeito de livros, arranquei, finalmente, ao Alberto de Serpa a *licença* de reeditar os *Poemas de Deus e do Diabo*. Como já várias vezes me tem falado com interesse numa possível reedição (que será a 4.ª edi-

ção) deste livro, – talvez possamos tratar do assunto. Dois ou três dias de completo descanso, após a tal operação (que todos me dizem sem importância), e estarei apto a, pelo menos, recomeçar a correspondência. Claro que receberei na Casa de Saúde, onde, como disse, espero entrar para a próxima semana, qualquer correspondência que me venha para Portalegre.

Um abraço do camarada e amigo

José Régio

*

Portalegre
25/2/55

Meu prezado Amigo:

A minha convalescença complicou-se, e de aí a demora com que respondo à sua última carta. Quando já me julgava mais ou menos apto a voltar à vida normal, comecei a ter temperaturas bastante elevadas e um grande abatimento geral. Faz hoje vinte e quatro dias que fui operado, e só hoje, e ainda com verdadeiro custo, me abalancei a ir ao Liceu. Sinto-me ainda bastante fraco, bastante tolhido... e bastante receoso. Mas as temperaturas cederam à Terramicina, e espero estar agora no princípio do restabelecimento completo.

Posto o que, tratemos do assunto que tínhamos aflorado, e que *materialmente* me interessa agora mais do que antes. Não só tenho sofrido muito mais do que esperara, como também estes sofrimentos ainda por cima custam caro!

Portanto, indo a dados concretos: Estou pronto a ceder a quarta edição dos *Poemas de Deus e do Diabo* pela mesma importância da primeira de *A Chaga do Lado*: seis mil escudos. Mas estes convinha-me recebê-los integralmente a troco do envio do original, que seria o volume da 3.ª edição (de As Velas e os Ventos). A uma casa como a Portugália, creio que não fará isso diferença de maior; e a mim, dadas as circunstâncias a que aludi, far-me-á grande conveniência. Muito possível e natural é que os *Poemas* não tenham imediatamente o bom êxito de venda d'*A Chaga*. Mas julgo que terão uma venda segura. As outras condições principais seriam:

– A quarta edição reproduziria integralmente a edição de As Velas e os Ventos, com o longo prefácio que aí vem, e cuja leitura julgo indispensável a quem se interesse pelas minhas coisas.

– A edição será acessível a qualquer bolsa modesta, – pois esta é mesmo a maior razão moral desta reedição. Preferiria, mesmo, um papel menos luxuoso que o d'*A Chaga*. Além de tudo mais, – impossível fazer-se uma boa brochura com um papel assim forte. Mas isto já é entrar em pormenores que só a seu tempo terão cabida.

Creio que, servindo mais uma vez de intermediário, o meu Amigo poderá saber se estas condições serão aceites pela Casa Editorial, a quem vou agradecer os três livros que teve a gentileza de me enviar.

Desculpe-me ficar por aqui, depois destas linhas infelizmente tão comerciais, que eu ainda não estou escrevendo sem dificuldade.

As mais afectuosas lembranças do amigo sempre agradecido,

José Régio

*

28 de Fevereiro – 55.

Meu querido Poeta:

Recebi hoje a sua carta, a que vou responder numas linhas rápidas – que mais me não consentem vários trabalhos que maçadoramente me reclamam.

Folgo que a operação tivesse decorrido bem e que, dentro de pouco tempo, a sua doença seja apenas uma recordação... má. Não lhe conviria agora descansar, durante algum tempo, das suas ocupações no liceu?

Sobre os *Poemas*: – Óptimo! A gerência está de acordo com as suas condições, que talvez seja bom, no entanto, expor-lhes directamente, quando do envio do original. Eu zelarei pela pronta remessa da importância. E lembro que se esqueceu de fixar a tiragem, que, quanto a mim, poderia ser maior que a de *A Chaga* (3.000 exs. para venda? E quantos para ofertas? Não se esqueça).

E, por hoje, fico por aqui. Recebeu as edições que a gerência lhe ofereceu? Se porventura lhe interessar mais algum(s) livro(s) de cá, é só dizer (não falo por mim, claro, mas por conhecer o magnífico ambiente que tem cá na casa).

Esteve hoje aqui a Natércia Freire, que me tem feito o favor de ser minha amiga. Disse-me que lhe escrevera a pedir colaboração para a Página Literária do *D.º de Notícias* (que ela dirige actualmente) e o meu querido Amigo lhe não respondera. Informei-a do seu estado de saúde.

Fico esperando, por estes dias, novas concretas sobre os *Poemas*.

E sou, com os melhores desejos de Saúde, o seu m^to^ Adm^or^ e Amigo

Luís Amaro.

*

Portalegre
2/3/55

Prezado Amigo:

Recebi ontem a sua carta, e, fazendo das fraquezas forças, já aqui estou a responder-lhe. Na verdade, o meu estado de saúde continua pouco satis-

fatório: Tenho temperaturas, e um grande abatimento físico; de modo que, apesar de me preocupar muito com isso, vi-me obrigado a desistir de dar aulas por enquanto. Peço-lhe para explicar isto a quem estranhe os meus silêncios, pois, na verdade, quase não tenho respondido agora a ninguém. Com grande esforço me tenho esforçado por manter as minhas colaborações.

A respeito dos *Poemas*: Hoje mesmo escrevi ao Serpa, pedindo-lhe para enviar ao meu Amigo um exemplar dos *Poemas de Deus e do Diabo* da edição de As Velas e os Ventos. Este será o *original*. Amanhã tentarei fazer outra vez das fraquezas forças, e escreverei, querendo Deus, à gerência da Portugália, com as minhas condições. Não me esquecerei do que me recomenda.

Sem mais por hoje, sempre com os meus agradecimentos e muito afectuosamente,

José Régio

*

(Particular)
7 de Março [1955].
Meu querido Amigo:

Como vai a sua saúde? Desejo-lhe, do coração, que essa convalescença seja rápida e segura. E peço-lhe que repouse o mais possível, pois sei, por amarga experiência, que só assim se podem conseguir melhoras.

A gerência recebeu hoje a sua carta, e eu o exemplar dos *Poemas*, remetido pelo A. de Serpa. Estou satisfeito, mas, como seu verdadeiro Amigo, não pude deixar de lamentar, hoje, que, ao aumentar a tiragem para 3.000, se não tivesse lembrado que tinha direito a uma importância maior que a fixada em sua carta. É certo que é ponderável a condição de *pronto pagamento* na troca do original, mas já reparou que, se venderem o livro a 25.00 – como é mais que provável –, recebe menos de 10% de direitos?... (qualquer autorzeco recebe hoje 15%, embora muitas vezes em liquidações periódicas ou sobre os exemplares vendidos).

Ainda sugeri à gerência que arredondasse ao menos para 10% (3.000 [x] 25 [=] 75.000 / 10% – 7.500$00...), mas eles não são tão ingénuos como nós...

Sei que o cheque já está aqui, à sua disposição. Mas, por azar, o Sr. Dias não veio esta tarde ao escritório, e eu e o encarregado da casa não queremos ferir-lhe as susceptibilidades tomando a iniciativa de lhe remeter já o valioso papelinho. Irá amanhã, com certeza. É só um dia de demora...

Deseja-lhe todo o bem o seu Amigo e Adm^{or}

Luís Amaro.

*

Lisboa, 22 de Março de 1955.
Meu bom Amigo:

Logo depois da sua visita – bela e agradável surpresa que tanto me sensibilizou[106] – pensei escrever-lhe, a agradecer tão amável lembrança, pois que, no nosso rápido encontro, não chegara a manifestar-lhe o meu reconhecimento. Obrigado porque se lembrou deste seu pobre e desvalioso Amigo! E desculpe que a minha timidez inata não soubesse dar-lhe um acolhimento mais expressivamente cordial. Ainda não deixei de ser, apesar dos longos anos de Lisboa, o "alentejano bisonho" dos primeiros tempos (assim me chamava então, amigavelmente, o *terrível* poeta Armindo Rodrigues...). Mas bisonho não bem por ser provinciano (pois que, nesse sentido, me sinto quase um desenraizado), mas porque tenho vivido numa teia de inibições, de complexos, de limitações que muitíssimo me prejudicam, principalmente na minha evolução espiritual. E todos os esforços que faço para romper a teia não chegaram ainda a resultar; tantas vezes me tenho sentido quase a soçobrar... e nem ao menos, nesses momentos, posso erguer as mãos a Deus – em que não me ensinaram a crer!...

Desculpe, então, querido Poeta e Amigo, que a minha presença lhe não pudesse dizer nada mais que a de um rapaz fracassado desde sempre, e que, no superficial ambiente em que nos conhecemos, me não fosse possível revelar-lhe algo da minha própria alma, que, se nada tem de excepcional, possuiria para si, ao menos, o mérito da compreensão e da amizade.

De resto, é difícil, no convívio pessoal, as pessoas *revelarem-se*. Daí que a arte seja ainda o veículo mais autêntico e profundo do conhecimento humano.

De si, bom Amigo, fiquei com a impressão de uma pessoa extremamente simples a par da extraordinária complexidade sem a qual a sua Obra valeria apenas como realização formal. Do homem José Régio, pelo menos para aqueles que o compreendem e conhecem já através dos seus livros, recebe-se essa impressão: de simplicidade cativante. (Por simplicidade entendo eu aqui o contrário do convencional, da *pose*; mas sim a humilde aceitação da fragilidade humana, e a ausência do brilho falso dos intelectuais citadinos...)

Claro que, nos fugidios momentos do nosso encontro, também eu não fiquei a conhecê-lo *bem* – ao menos no sentido episódico em que as pessoas se conhecem. Mas creia que bastou esse pouco para consolidar a minha estima.

---

[106] Primeiro encontro Régio – Luís Amaro.

Repito o pedido de, quando passar por Lisboa, me dar o grande e verdadeiro prazer da sua visita, – até para trocarmos impressões sobre assuntos editoriais que possam interessar-lhe, pois que, na verdade, a minha cultura me não deixa enveredar por temas que porventura seriam mais vastos e substanciais...

Diga-me uma coisa que sinceramente me tem preocupado: como vai a sua saúde? Fiquei satisfeito por sabê-lo liberto das ocupações oficiais que, fatalmente, serão muitas vezes para si um pesadelo. Decerto este "repouso" vai ser fecundo e dar-nos-á belas e grandes coisas! Perdoe-me, porém, a confiança que tomo ao pedir-lhe que não exagere as suas actividades literárias e que descanse quanto possível!...

Mas afinal eu próprio estou a perturbá-lo agora mesmo, e ao remeter-lhe hoje as provas dos *Poemas*. Fiz-lhes uma revisão muito por alto e apressada, reservando-me para leitura mais atenta que me não foi possível agora. Tornarei a acompanhar as 2.as provas.

Não devo maçá-lo mais, por hoje.

Apesar de não saber qual a atitude do Alberto de Serpa em relação a mim, pois as nossas amistosas relações epistolares estão *suspensas* vai para dez anos, – vou escrever-lhe qualquer dia, não só a tentar esclarecer o equívoco como porque necessito de fazê-lo: o Sr. Agostinho Fernandes, no seu belo anseio de coleccionador de arte, desejaria possuir alguma coisa do Pintor (esse merece bem a maiúscula!) Guilherme Camarinha[107], – e o Alberto de Serpa era a pessoa ideal para nos pôr em contacto. Os poetas (mesmo quando, como eu, o são apenas por qualquer desajustamento com o mundo) devem dar-se as mãos e ajudar-se uns aos outros, não acha?

Deseja-lhe a continuação das melhoras, até o seu completo e firme restabelecimento, o seu

já velho Amigo, sempre grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
28/3/55

Meu prezado Amigo

Recebi a sua carta. E, como espero ir breve por Lisboa, espero que breve conversaremos. Estas linhas vão pelo seguinte: Devolvi para a Portugália Editora as provas da primeira e segunda remessa que recebi. Só depois reparei que tinha vindo um envelope com a direcção da Imprensa

[107] Guilherme Duarte Camarinha, Vila Nova de Gaia, 1912 – Porto, 1994.

Portuguesa, o que parece significar que eu as deveria enviar para lá. Pedia-lhe para me esclarecer este ponto. E pedia-lhe – desculpe! – todo o cuidado na revisão final, pois ainda há muito a corrigir. Desde já obrigado, o amigo

José Régio

*

Portalegre
29/3/55

Meu prezado Amigo:

Ainda ontem lhe escrevi um postal, que deve ter recebido. Já hoje volto a escrever-lhe, e agradecer-lhe-ia que, sendo possível, na volta do correio, me respondesse numas simples linhas dum postal a estas três perguntas:

1.ª – Para onde devo devolver as provas que emendo? (já fazia a mesma pergunta no postal).

2.ª – Poderei ficar descansado vendo apenas as primeiras provas? Não será preciso que reveja segundas?

3.ª – Não posso receber, com as provas que me são enviadas, o texto original que lhes corresponde? (Só recebi uma parte da Introdução.)

Desculpe! Devo sair de Portalegre no próximo domingo, e passarei por Lisboa.

Sem mais por hoje, o amigo certo

José Régio

*

30 de Março [1955].

Meu bom Amigo:

As provas eram, realmente, para fazer favor de devolver directamente à Imprensa Portuguesa – Rua Formosa, 108-116.

Mando-lhe hoje o original das restantes, que retive cá por supor que tinha aí o volume e por me fazer falta para a revisão das 2.as provas. Agradeço, pois, que mo devolva.

Enviar-lhe-ei também essas 2.as provas, depois de as rever mais minuciosamente – isto é, com mais tempo.

Agradeço também que me diga qual o seu projecto para a capa – ou quer que lhe enviemos uma maqueta? Eu gostaria muito que a capa dos *Poemas* fosse bem melhor que a de *A Chaga*!

No frontispício de rosto do livro (na parte de dentro) ficaria bem o título a cor. Acha bem o verde usado nas *Folhas Caídas*?[108]

Aguarda as suas notícias, sempre bem-vindas, o seu grato Amigo

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
15/4/55

Meu prezado Amigo:

Escrevo-lhe de Vila do Conde (Avenida Campos Henriques), onde estou até aos fins de Maio no gozo duma licença de tratamento, e para onde toda a correspondência me deve, agora, ser dirigida. Estive em Lisboa nos princípios do mês. Quis procurá-lo, nisso pensei muitas vezes; mas tive tantos encontros, visitas, afazeres, que passou o tempo sem o poder fazer. Tenciono voltar a Lisboa no mês que vem, e, voltando, o procurarei.

Quero, agora, desculpar-me (e peço que me desculpe o melhor possível junto do Senhor Raul Dias) pela demora que tenho feito sofrer às provas dos *Poemas*. Com efeito, veio esse monte de provas (não esperava que viessem todas quase ao mesmo tempo!) na pior ocasião: saída de Portalegre, passagem por Lisboa, chegada a Vila do Conde... Tudo isto me ocupou dias e dias, e cheguei a esquecer-me das ditas provas. Agora, é diferente: Vou amanhã ao Porto levar à Imprensa grande parte delas emendadas; e, como estou aqui perto, tudo, agora, correrá bem e breve. Não resisti a fazer algumas correcções no Prefácio; e ponho-lhe uma pequena nota no fim. O meu Amigo fará de todo o livro a última revisão. Dos versos lhe mandarei o original – para confronto. Mas do Prefácio, acho que o original não é necessário, dadas as tais alterações que fiz nas provas. Assim a última revisão será mas é feita pelas últimas provas emendadas por mim.

Desculpe-me a precipitação com que hoje lhe escrevo, para não demorar mais. Outra vez escreverei com mais vagar. Amigo certo,

José Régio

*

21 de Abril [1955].
Meu bom Amigo:

Oxalá a sua saúde esteja a caminho de um restabelecimento completo e firme. Creio que o repouso de agora lhe há-de fazer muito bem e será, ao mesmo tempo, literàriamente fecundo.

---

[108] Este título de A. Garrett saíra em 1955, na Portugália, com introdução de José Gomes Ferreira.

As provas dos *Poemas* estão realmente demoradas, mas – sejamos justos – não por culpa da tipografia, que já compôs o livro todo. Eu tenho cá duas folhas vai para duas semanas... Cheio de trabalho, e querendo fazer às suas provas uma revisão mais cuidada, tenho-as adiado, mas chegou a hora: Envio-lhe hoje uma folha. Não a mando directamente para a Imprensa porque tenho ainda umas pequenas dúvidas que, faltando-me o original, não pude esclarecer. O meu bom Amigo verá e desfará essas dúvidas que marquei a lápis. E, como me diz que costuma ir ao Porto entregar à Imprensa as 1.as provas que está a rever, muito lhe agradecia o favor de fazer chegar aquelas ao seu destino. Talvez fosse bom recomendar-lhes o maior cuidado ao conferirem estas últimas emendas, pois que, como a composição é mecânica, muitas vezes surgem novas gralhas nas linhas emendadas.

Nada me disse ainda sobre a capa... Ouso apresentar-lhe uma sugestão: que a capa seja feita (ou entregue a sua concepção) ao admirável artista que é o Bernardo Marques. Mas para isso era necessário que o meu Amigo escrevesse directamente ao Editor (ou a mim, mas sem referir que fui eu quem falou nesse artista, pois o Sr. R. D. não gosta que lhe faça sugestões...). Também me lembrei que, sendo esta edição impressa num papel mais inferior, não seria asneira fazer-se (de prévio acordo com o Autor) uma pequena tiragem especial. Mas, como não lucro nada com estas ideias nem eles mas agradecem, acho, pela minha parte, que não vale a pena falar-lhes nisso!... Estou farto de, em troca da minha dedicação, receber grosserias.

Agradeço me envie o original dos versos, para a minha revisão. Continuarei, como fiz agora, a remeter-lhe as provas depois de as rever, pois sempre é bom voltar a dar-lhes uma vista de olhos...

Já mandou alguma colaboração à Natércia Freire? Ela disse-me, há tempos, que era capaz de ir a Portalegre *arrancar-lhe* qualquer coisa para a Página[109]...

Agradece as suas notícias e deseja-lhe a melhor saúde o muito afectuosamente

Luís Amaro.

P. S. – Peço-lhe o favor de me recomendar a seu irmão João Maria; ele tem escrito?

*

[109] Página de Artes e Letras do *Diário de Notícias*, dirigida por Natércia Freire entre 1954 e 1974. Luís Amaro colaborou aí bastantemente.

Vila do Conde
23/4/55

Meu prezado Amigo:

Muito obrigado pelos seus amigáveis votos. A minha saúde parece que vai indo bem; e digo *parece*, porque, mais dia menos dia, terei de ser novamente radiografado, e estes processos científicos é que decidirão. No entretanto, sinto-me quase no meu normal. A fecundidade literária é que não tem sido grande: as colaborações nos jornais, as revisões de provas (também se está terminando o terceiro volume d'*A Velha Casa*) e uma certa indolência que julgo transitória – não me têm deixado fazer grande coisa. Mas já principiei um livro sobre Camilo (que sonho há muito) e o desenvolvimento do Posfácio da 1.ª edição de *Jacob e o Anjo*, sobre Teatro. Claro que também vou sonhando novas obras de criação literária...

E aqui estão breves notícias particulares. Agora, quanto ao nosso livro em curso: Como é amanhã domingo, segunda-feira entregarei na Imprensa Portuguesa as provas que me enviou, – e que já revi. Todas as suas dúvidas tinham razão de ser, lá as resolvi como entendi. Também já na mesma Imprensa entregarei *as segundas provas* por mim emendadas de todo o livro, – e depois lhe serão estas, então, remetidas para a última revisão. Houve, pois, um pequeno atraso de que só eu tive a culpa, – mas não haverá agora mais atrasos. Pedia-lhe o favor de dar estas notícias ao Senhor Raul Dias, que, provàvelmente, não gostou do tal pequeno atraso. Hoje mesmo, ou quando possam seguir registadas, irão as folhas originais dos versos para essa última revisão feita pelo meu amigo. Mas será preciso confrontar o original com as últimas provas revistas por mim, pois eu posso, subreptìciamente, haver feito qualquer pequena alteração, sobretudo nas vírgulas.

A respeito da edição especial, confesso que me não interessa... não interessando aos editores. Deixo-lhes, portanto, a iniciativa da ideia, – ou não haverá edição especial.

Quanto à capa, é que seria bom conversarmos: O caso é que tenho uma opinião bastante particular a respeito de capas, ou, melhor, um gosto muito pessoal para as capas dos meus livros. O Bernardo Marques ou o Pavia são excelentes ilustradores; mas já têm feito capas a mais! Arriscam-se a terem uma espécie de chapa que mais ou menos aplicam. Eu prefiro uma capa ao mesmo tempo despretenciosa [*sic*] e excêntrica... por isso me não desagrada a d'*A Chaga do Lado*. Uma capa de caderno manuscrito de versos, ou à maneira das minhas primeiras edições, da *presença*. Eis o que prefiro. De modo que, nesta perplexidade, ou espero que o senhor R. D. me envie qualquer projecto, ou lhe mandarei eu próprio qualquer sugestão. Como quer que seja, voltaremos a conversar sobre o assunto.

Não pude, ainda, mandar à Natércia Freire, e ainda não sei se poderei breve. Já vou tendo colaborações jornalísticas que me bastem. Enfim, vamos a ver.

O J. Maria[110] recomenda-se (anda, também, a estudar o Camilo); e as minhas mais afectuosas lembranças!

José Régio

*

29 de Abril [1955].
Meu bom Amigo:

Obrigado pelas suas notícias de há dias, e todo o meu desejo de que a sua saúde se vá recompondo firmemente. Estou convencido que estas férias lhe hão-de fazer muito bem!

Envio-lhe hoje, revistas, as últimas provas do Prefácio, e lá encontrará duas ou três pequenas dúvidas, que fará o favor de desfazer, remetendo depois as provas para o Porto. Obrigado.

Folgo que esteja a escrever um trabalho sobre o grande Camilo. É um autor de que tenho saudades, pois há muito não leio nada dele. O seu estudo decerto avivará, na gente nova, o amor por esse escritor tantas vezes genial; ou revelará, a muitos, um dos mais pessoais autores nossos.

E, antes que esqueça, devo já dizer-lhe o quanto gostava que esse seu livro viesse a ser editado cá na casa, assim como outras obras suas que estão esgotadas. Vamos pensar nisso a sério?...

Da *Chaga* estão a recolher os exemplares distribuídos nas livrarias, para depois os venderem em conta firme.

Agora sobre a capa desta edição dos *Poemas*: Compreendo e aceito perfeitamente que o meu querido Poeta não goste, *para si*, das capas estereotipadas, ou comercializadas, que aparecem nas montras. Mas não era isso que eu sugeria, quando falei no B. Marques – que aliás é mais variado, e se renova mais, do que o Pavia. Estou plenamente convencido de que a capa, feita por esse grande Artista, seria uma bela capa, e sem o cunho de amadorismo da da *Chaga*. Vou usar de certa subtileza diplomática, junto do Sr. R. D., para que os *Poemas* tenham uma capa condigna e ao mesmo tempo fugindo aos moldes comerciais que a si justamente desagradam. Enviar-se-lhe-á depois o esboço ou o original, dependente da sua autorização.

Saúda-o afectuosamente, e recomenda-se ao jovem poeta João Maria, o

Luís Amaro.

---

[110] João Maria dos Reis Pereira, irmão mais novo de Régio, era desenhista e autor do livro de poemas *Diário* (1953). Faleceu em 2009, com 86 anos.

P. S. – Já me esquecia de uma coisa importante: Para rever a parte dos versos, necessito do original, que peço o favor de me enviar com urgência. M^to^ lhe agradece o Luís Amaro.

*

Vila do Conde
1 de Maio, 1955

Meu prezado Amigo:

Recebi ontem a sua carta, e ontem mesmo levei ao Porto, à Imprensa Portuguesa, as provas do prefácio, – que pode começar a ser todo impresso. Lá soube, na tipografia, que lhe tinham enviado as do texto poético; mas foi mau entendimento duma conversa que havíamos tido, pois eu combinara que já não era preciso enviarem-lhe essas provas. Revi-as eu próprio julgo que com o necessário cuidado; e, para lhe evitar ao meu Amigo mais maçadas, e mais delongas no acabamento do livro, dissera – o que não foi entendido – que já as provas dos versos não precisavam de sair do Porto. Bastaria tão-só que lhe enviassem as do prefácio, como enviaram, e o meu Amigo devolveu. Portanto, já nem é preciso eu mandar-lhe mais original. Peço-lhe para devolver à tipografia essas provas dos versos que recebeu, – e eu próprio farei aqui uma última revisão, se for necessário.

Quanto à capa, atenho-me, pois, às suas diligências junto do Snr. Raul Dias. Convenho em que pode ser experimentada uma capa do Bernardo Marques... e eu darei de cá a opinião "definitiva".

E quanto aos meus livros esgotados, ou ao sobre Camilo, conversaremos a tempo. Desde que eu tenha um livro a reeditar ou novo a editar, decerto me não dirigirei a outra casa sem tocar no assunto ao meu Amigo, e, portanto, à Portugália. Sobre Camilo há muito a dizer, e o meu livro ainda levará meses a ser acabado. No que mais apressadamente trabalho agora é noutro, sobre teatro: *Ideias sobre Teatro*. Isto quanto a *ideias* e crítica. Suponho, e desejo, que seja este o meu primeiro livro a sair depois do 3.º Vol. d'*A Velha Casa*, que está no fim. Adeus por hoje, e sempre as melhores lembranças do amigo e camarada

José Régio

*

Vila do Conde
13/5/55

Meu prezado Amigo:

Só poucas linhas, para lhe perguntar o seguinte:

1.º – Será contra os costumes da Casa imprimir-se, num livro, uma página de erratas? Preferirão aí o antipático papelzinho colado? Apesar dos nossos cuidados, já encontrei algumas gralhas, que me aborreceram, no Posfácio impresso. A composição mecânica tem isto: corrige umas gralhas e faz outras. No caso de serem admitidas erratas, terei de falar na tipografia.

2.º – Já há alguma notícia a dar a respeito da capa?

Desculpe-me estas maçadas! Não há meio de o meu Amigo se ver livre de mim!

Com as mais cordeais lembranças, camarada e amigo,

José Régio

*

16 de Maio [1955].

Meu bom Amigo:

Recebi a sua carta e fiquei aborrecido com as gralhas que passaram. E eu que li as 2.as provas com tanto cuidado! Fatalidades... inevitáveis, principalmente em más condições de trabalho e quando os nervos nos não ajudam.

Em todo o caso, uma gralha há que estava emendada, por mim, nas 1.as provas que tenho aqui: sobre o *s* intruso em alheia*s*, da pág. 9, tinha eu feito um traço e substituído pelos dois pontos. Verifiquei esta porque, telefonando há pouco para a Impr. Portuguesa, me disseram que havia uma, muito aborrecida, logo na 1.ª página. Não teria sido feita a emenda, passando-nos depois despercebida nas 2.as provas? É o que deve ser, pois os homens dizem-me que fizeram escrupulosamente todas as emendas.

Agradecia-lhe me mandasse, ao mesmo tempo que para a Imprensa, uma nota das gralhas que encontrou.

Admiro-me que o papel, para a restante parte do livro, ainda não tivesse lá chegado, pois foi encomendado há mais de uma semana. Vou tratar do assunto.

Dentro de dias lhe mandarei a maqueta da capa, que vai ser feita pelo desenhador Júlio Gil.

Saúda-o afectuosamente o

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
23/5/55

Meu prezado Amigo:

Só duas linhas, para dizer que resolvi renunciar inteiramente a quaisquer erratas. A respeito da aceitação, da Casa, *das erratas* (aceitação ou

não aceitação), a sua carta última nada me dizia. Fiquei, portanto, perplexo sobre o que faria. A verdade é que não gosto de erratas em livros de versos. Ora como as tais gralhas não eram, felizmente, das que pervertem o sentido da frase, mas antes das que, mentalmente, o leitor mais ou menos corrige, – mandei que a tipografia imprimisse sem erratas. No caso desta [de esta] solução desagradar inteiramente à Portugália, seria preciso telefonar de aí para a Imprensa; e, mesmo imediatamente, não sei se ainda iria a tempo. Creio, porém, que a Portugália se não oporá à resolução que tomei. Agradecer-lhe-ia que me dissesse qualquer coisa. E, sem mais por hoje, os afectuosos cumprimentos do camarada e amigo,

José Régio

*

24 de Maio [1955].
Meu bom Amigo:

Acabo de receber a sua carta, a que respondo já, porque também eu estou ansioso por ver na rua a nova edição dos *Poemas*.

Supus ter sido, na minha última carta, suficientemente claro para que o seu desejo fosse cumprido – e ao qual, de resto, a Portugália nunca se poderia opor... Mas, já que desiste da *errata*, peço ao meu Amigo o favor de me dizer quais as gralhas que encontrou. A da pág. 9 é, certamente, a da palavra *alheias* em vez de *alheia*: E, como lhe disse, foi emendada por mim na 1.ª prova, e veio corrigida na 2.ª. Simplesmente, fiz uma emenda na linha seguinte, que obrigou o tipógrafo a mexer de novo na linha anterior (que estava já bem) e a introduzir-lhe mais uma vez o maldito *s* redondo.

Embora o leitor inteligente (e quem o não for escusa de ler José Régio...) faça a emenda por si, – é desagradável que, logo na primeira página de texto, surja uma gralha. Por isso convenci o Sr. R. D. a reimprimir o 4.º a que essa página pertence. Vou já hoje escrever, à Imprensa Portuguesa, sobre o assunto. O 4.º a reimprimir abrange as págs. 9, 10, 23 e 24. Não haverá mais gralhas nestas páginas, cuja correcção possa agora ser feita?

O desenhador Júlio Gil está a fazer a *maquette* da capa, que conto poder enviar-lhe por estes dias.

Deseja-lhe a melhor saúde e saúda-o com o maior afecto e admiração o seu sempre dedicado

Luís Amaro.

*

30 de Maio [1955].
Meu bom Amigo:

Recebeu as minhas últimas notícias? E a maqueta da capa?
Estou à espera de notícias suas. Sauda-o [*sic*] com a maior simpatia o
Luís Amaro.

*

Porto
1/6/55

Meu caro Luiz [*sic*] Amaro:

Escrevo-lhe estas linhas da Imprensa Portuguesa, para não demorar mais. Recebi a sua carta, o seu postal, e o projecto para a capa. O livro está pronto, quanto a composição e impressão. Agora, é brochar, e tratar da capa. Ora a capa..., é que parece o mais difícil! O projecto que me enviou seria agradável para outro livro; mas não vejo o meu, que é de fundo romântico e excêntrico, dentro dessa capa de tipo "arte abstracta". Nada menos abstracto do que a minha poesia, pelo menos quanto à forma que assume. Demais, embirro com modas; e essas capas com traços estão hoje na moda! Não queria desgostar ninguém, e lamento não estar de acordo com o ilustrador; que ele me desculpe. Mas, para os *Poemas de Deus e do Diabo*, ou uma capa neutra, que não pretenda *dizer* nada e seja apenas uma composição gráfica simples e agradável, ou uma capa *expressionista*, como foi a da 1.ª edição. É possível que, neste meu gosto, me mostre demasiado *agarrado* precisamente a essa primeira capa. Mas... tenho de ser sincero; e esta é a minha opinião sincera. Não se poderá tentar qualquer coisa dentro destas sugestões aliás muito vagas? Vou devolver-lhe o projecto recebido, e fico esperando. Perdoe-me o atabalhoado destas linhas, e sempre as melhores lembranças deste seu amigo,
José Régio

P. S. – Peço agradeça por mim ao Senhor Raul Dias o ter feito imprimir outra vez a folha da famigerada gralha. Fiquei, assim, muito mais satisfeito! J. R.

*

4 de Junho [1955].
Meu bom Amigo:

Recebi a sua carta, mas não a maqueta, que peço me devolva. Vamos tratar de encomendar outra, seguindo as suas instruções. Oxalá o desenhador acerte e compreenda a sua intenção.

Deseja-lhe a melhor saúde o

Luís Amaro.

*

8 de Junho [1955].
Meu bom Amigo:

Envio-lhe hoje uma nova maqueta, que oxalá seja mais feliz... Agradecia me dissesse, com urgência, o seu parecer – sem constrangimentos, claro. E perdoe-me o estilo telegráfico...

As melhores saudações do

Luís Amaro.

*

13 Jun 55

ACHO BEM CAPA DEVOLVO = REGIO*

Lxª, 9 de Julho [1955].
Meu bom Amigo:

Perdoe-me este longo silêncio, mas tenho estado à espera da conclusão do seu livro para, com os primeiros exemplares, lhe enviar notícias.

Aí vão 5. Para a semana seguirão os restantes. Segue também o *Luar de Janeiro*[111], que é distribuído simultâneamente com os seus *Poemas*, e que a gerência lhe oferece.

A edição dos *Poemas* não é famosa, devido ao papel, mas, como se trata de uma edição quase popular... Vai ser vendido a 20.00. Desta vez os seus leitores mais pobres não se poderão queixar.

Gostaria muito que fizesse cá a reedição dos seus outros livros – *As Encruzilhadas*, o *Fado*, *Mas Deus É Grande*, *Biografia*.... E até mesmo os seus estudos críticos – *Em Torno da Expressão Artística*, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*... Ou então um trabalho original. Constou-me que tinha há anos na Livraria Rodrigues, para ser publicada numa colecção de textos portugueses, uma antologia de António Nobre. Como, suponho, essa colecção não se publica mais, – porque não editar aqui esse livrinho?

Como tem passado de saúde? Completamente bom?

Vou parar. Estou a escrever com um aparo que me incomoda porque me dá esta letra de colegial...

---

111 De Augusto Gil, com 1.ª ed. em 1909.

Aceite a amizade e a admiração de sempre do

Luís Amaro.

P. S. – Quando sai o seu romance? E a antologia na Tavares Martins?[112]

*

Fevereiro [*sic*] 17/7/55

Meu prezado Amigo:

Cá recebi a sua carta e os seis exemplares dos *Poemas*. Se esta carta ainda vai a tempo, peço-lhe o favor de suspender, por agora, a remessa de mais exemplares: Prefiro que vão para Vila do Conde, mas só quando eu volte para lá. E, nessa altura, eu lho comunicarei.

Acho a edição perfeitamente satisfatória, – e muito bem impressa. Prefiro um papel modesto (que aliás não é mau) e um preço acessível do exemplar. Não gosto que me digam que os meus livros não podem ser comprados pelos meus leitores mais pobres.

Quanto à futura edição doutros livros meus, muito provável é que cheguemos a um acordo. Quanto a ensaios, penso numa reedição inteiramente refundida e completada do *Em Torno da Expressão Artística*; na edição dum original em que ando trabalhando, – *Ideias sobre Teatro*; e numa compilação de alguns dos meus ensaios de crítica dispersos. O que para mais breve me interessaria, pois nisso, como disse, já ando trabalhando, seria o ensaio sobre Teatro. Nele terei ocasião de expor os meus pontos de vista sobre esse género que tanto me interessa.

Acerca de poesia, decerto irei reeditando os meus livros esgotados. Quero, por vezes, oferecer um exemplar dum ou outro de tais livros, – e nem possuo eu próprio um exemplar que ofereça. Como é natural, a ordem dessas reedições seria a cronológica. Assim, aos *Poemas de Deus e do Diabo* se seguiria a *Biografia*, que, dos meus livros de versos, é o que mais estimo; pelo menos, quanto ao conteúdo. Mas, a respeito da *Biografia*, há o seguinte: Meu irmão o desenhista Júlio, além de ter ilustrado a edição de As Velas e os Ventos desse livro, fez outras seis *ilustrações* totalmente diversas; digamos, num género diferente. Eu quereria aproveitar essas ilustrações. Sempre pensei, portanto, que, a fazer uma 4.ª edição da *Biografia*, – a faria com essas seis ilustrações e capa do mesmo autor. Claro que teriam de ser pagas pela casa editora, – e que o volume teria de ser vendido um pouco mais caro. Quanto ao papel do texto, poderia ser o

[112] *José Régio – Nota bibliográfica, exame crítico e bibliografia. Antologia e documentário gráfico*, que Eugénio Lisboa entregou em 1955, sairá em 1957.

mesmo dos *Poemas*. A 4.ª edição seria feita pela d'As Velas e os Ventos, que contém mais dezóito [*sic*] sonetos que a edição anterior: sonetos que, portanto, desconhece o grande público não assinante daquela edição de luxo.

Aqui fica feita a sugestão. Você me dirá, a seu tempo, se uma reedição em tais condições convém à Portugália.

E por aqui me fico hoje. Estou em Portalegre até depois do dia 10 do mês próximo, sofrendo o calor e o pesado serviço de exames. Tenciono passar por Lisboa quando do meu regresso a Vila do Conde, e julgo que então teremos oportunidade de nos encontrarmos. Entretanto, sempre receberei as suas notícias com prazer.

E sou o camarada e amigo que muito cordealmente [*sic*] o abraça,

José Régio

P. S. – Hoje mesmo, o mais tardar amanhã, escreverei ao Senhor Raul Dias para lhe agradecer o *Luar de Janeiro*. J. R.

*

18 de Julho [1955].

Meu bom Amigo:

Obrigado pela satisfação que me deu hoje com as suas notícias.

Não o sabia em Portalegre, e por isso lhe remetemos no sábado, para Vila do Conde, os 95 exemplares que lhe pertencem dos *Poemas*. Oxalá não voltem a reexpedi-los de lá para Portalegre.

Ainda bem que a edição lhe não desagrada. Realmente está bem impressa, mas o papel poderia ser um pouco melhor, ainda que naquele género. Não gosto também do frontispício, mas não me pertence a culpa de não ter saído melhor. Para uma futura edição, e a repetir-se o longo Prefácio, poderia talvez abrir-se todos os poemas em página ímpar, para que a parte poética do livro não fique do mesmo tamanho, ou mais pequena ainda, que a da prosa...

P. S. – O 3.º vol. de *A Velha Casa* ainda demora? E a Editora tem serviço de distribuição para todas as livrarias do País? A Portugália tem essa secção bem montada, e decerto lhe interessaria – já que não foi possível a edição – ao menos a distribuição desse livro... que se faz esperar. LA

A venda tem sido boa – com muito prazer lho digo.

Fico entusiasmado com a ideia de que as suas próximas reedições – ou livros novos – serão feitas na Portugália. Poderíamos realmente publicar agora a seguir, e ainda este ano, a *Biografia* – 4.ª edição também. É excelente que seja ilustrada por esse admirável artista que é Júlio.

Peço-lhe que exponha as suas condições (as mesmas dos *Poemas*?...) e também as do ilustrador.

Na minha última carta, ao citar os seus livros esgotados, não falei nos romances e novelas e nos do teatro, – por evidente esquecimento. Claro que todos eles interessariam à Portugália (até parece que sou sócio da casa, não é verdade? Longe disso, sou, paradoxalmente, um empregado que se tolera..., sei-o bem). As *Histórias de Mulheres* não estão esgotadas?

Aguarda as suas notícias e deseja-lhe a melhor saúde o seu muito Amigo

Luís Amaro.

*

Portalegre
26/7/55

Meu prezado Amigo:

Só duas linhas, porque estou a braços com um pesado serviço de exames: Agora, nas provas orais, não puderam facilitar-me o serviço.

Já escrevi para Vila do Conde a fim de me levantarem os exemplares dos *Poemas*, – que, por enquanto, me não foram reenviados para cá. Vou escrever ao Senhor Raul Dias a agradecer-lhos.

Quanto à *Biografia*, as condições são simples: Dado que a edição, em virtude das ilustrações, fica um pouco mais cara à Editora, – eu receberia 6.000$00 (como para os *Poemas*) a troco do original. Sei que qualquer escritorzinho neo-realista se faz pagar mais caro; mas atendo a que me convém receber essa importância duma só vez... e atendo à simpatia com que tenho sido tratado na Portugália. Meu irmão Júlio marcou em 1.500$00 a importância que receberia pelas seis ilustrações interiores *e a capa*, que eu acho deve ser feita, por uma questão de unidade, pelo mesmo ilustrador. Como vê, é simples, – se a Portugália Editora estiver de acordo.

E depois pensaremos noutros livros, que "Roma e Pavia não se fizeram num dia", diz o nosso povo.

Em Vila do Conde, onde estarei nos meados de Agosto, falarei a respeito da distribuição de *Os Avisos do Destino* (*A Velha Casa*) que estão prontos, mas só aparecerão em Outubro. É um longo romance (creio que, até hoje, o melhor meu) e que preciso vender.

As mais afectuosas lembranças do seu amigo

José Régio

*

Lisboa, 27 de Julho – 55.
Meu querido Amigo

Obrigado pelas suas notícias, a que respondo já:

Os gerentes da Portugália Editora – que são, agora, os Srs. Raul Dias e Agostinho Fernandes, pois o Sr. Pedro de Andrade vendeu-lhes a sua quota – aceitam as condições do meu querido Poeta para a reedição da *Biografia*. Oportunamente ratificarão essas condições em carta, como se fez com os outros livros. Também concordam com o preço fixado por seu Irmão para as ilustrações e capa.

Agora... é só enviar o original e os desenhos. Seria interessante que a edição saísse lá para Outubro.

Os *Poemas* têm tido muito boa venda, embora, naturalmente, não sejam o *best-seller* que foi a *Chaga do Lado* (de que restam meia dúzia de exemplares, já retirados das livrarias. Terá que pensar-se também, futuramente, numa reedição).

Quanto às *Raízes do Futuro* – que eu aguardo com febril curiosidade – a Portugália cobraria, sobre o preço de venda, a comissão de 35% – habitual nos distribuidores, que têm de dar 20 a 30% às livrarias. Oxalá o livro venha para cá!

Desculpe, querido Amigo, a pobreza destas linhas. Sinto-me cansado, e ansioso por repousar uns dias fora de Lisboa – o que farei em meados de Agosto. Deseja-lhe a melhor saúde o seu grato

Luís Amaro.

*

27-8-55.
Meu bom Amigo:

De Colares, onde estou a passar as minhas breves férias, lhe envio um afectuoso abraço.

Espero que o assunto da *Biografia* já esteja arrumado com os editores.

Li ontem a sua "Carta" no *Popular*, que exprime exactamente o que eu pensava sobre o assunto C. de Oliveira[113].

Volto para Lisboa por estes dias. Seu m^{to} Am^{o} e Adm^{or}

Luís Amaro.

[113] Na rubrica "Cartas de vários sobrescritos – XLI / A um amigo sobre nacionalismos e a propósito da homenagem a António Correia de Oliveira", *Diário Popular*, 26-VIII-1955.

*

26 de Outubro [1955].
Meu bom Amigo:

Após estas longas férias epistolares, aqui estou, a maçá-lo talvez – como de costume... Como tem passado durante todos estes últimos meses em que não temos tido notícia um do outro? Recebeu um postal que lhe enviei, em Julho, de Colares, onde repousei uns breves dias?

Não sei se já retomou as suas funções no Liceu de Portalegre, mas, calculando que sim, enviei-lhe para lá as primeiras provas da *Biografia*. Os desenhos estão impressos; amanhã lhe remeterei uma colecção. Vamos a ver se o livro está pronto antes do Natal, como convém.

Esteve hoje aqui a Irene Lisboa, grande escritora da sua e minha admiração. Vai publicar um livro aqui na casa, de "historietas" (como ela lhes chama) e intitulado *Uma Mão Cheia de Nada, Outra de Coisa Nenhuma*. Um livro encantador, com desenhos do filho do casal Keil Amaral[114], um moço cheio de talento e originalidade. A edição, de pequeno formato, é muito cuidada, impressa em papel *offset*, e a autora está radiante por, finalmente, retomar contacto com o público... embora tenha a consciência de que os seus leitores não são, decerto, a "grande massa". Sugeri-lhe, e ela e os editores aceitaram a sugestão, que, numa cinta, se transcrevessem algumas palavras do meu querido Poeta acerca da obra – melhor, do valor – da escritora. Mas para isso venho pedir também a sua autorização, que fico aguardando com a possível urgência. O trecho que sugiro é este: "Irene Lisboa – a primeira das nossas escritoras contemporâneas, e uma das nossas mais notáveis escritoras JOSÉ RÉGIO".

Fica aguardando as suas sempre bem-vindas notícias o mtº grato

Luís Amaro.

*

28[115] de Outubro [1955].
Meu bom Amigo:

Recebeu a minha carta de anteontem?

Cá estou de novo a maçá-lo... Desculpe.

As provas de *Biografia* vieram hoje devolvidas da Imprensa Portuguesa, para onde o meu Amigo as remeteu por, naturalmente, supor que o livro era lá feito; mas não, é impresso em Lisboa, na Tipografia Ideal.

---

114 Francisco Pires (ou Pitum) Keil do Amaral, Lisboa, 1935.

115 No carimbo, 26.

Como a composição, agora, é manual, não há o perigo de surgirem novas gralhas nas linhas emendadas. Ainda fiz uma leitura, também, destas provas, e lá encontrei duas gralhas, nas págs. 14, 24, e uma dúvida na pág. 21, como verá, pois lhe envio outra vez as provas por esta razão: Os desenhos (recebeu-os hoje?) são intercalados nas págs. do livro, e impressos, claro, noutro papel. Sendo assim, devem ficar a par do soneto a que respeitam. Ora, nestas páginas, o soneto "Narciso" calha numa página ímpar – a 13 –, precisamente do lado em que deve ir a gravura. Não seria possível trocar o lugar com o soneto "Lúcifer", ou qualquer outro, de maneira a conseguir-se que o "Narciso" fique em pág. par, – a 12, ou qualquer outra? Já a "Síntese", na pág. 24, não suscita esta dificuldade.

O tipógrafo, supondo que os desenhos eram contados na numeração (o que não acontece, visto serem impressos *hors-texte*), incluiu erradamente essas páginas, o que rectifiquei agora. (Devia ter seguido a numeração da edição original.)

Peço-lhe o favor de devolver as provas na volta do correio, ou melhor, de maneira a estarem cá segunda-feira, pois há toda a vantagem em começar a imprimir-se o livro, tanto mais que as estampas estão impressas.

Outro pedido: o Júlio Gil, autor da capa dos *Poemas de Deus* (de que a Irene Lisboa não gostou nada, tendo gostado da da *Chaga do Lado*... Ela não gosta do traço deste desenhador), pediu-me que lhe conseguisse o seu autógrafo – a simples assinatura – no exemplar dele desse livro. Fico-lhe grato por isso.

E, por hoje, as saudações gratas do

Luís Amaro.

*

Portalegre
29/10/55

Meu prezado Amigo:

Tenho tido muito que fazer, pois estou agora metido em várias empresas. De aí não lhe ter respondido imediatamente, e ainda hoje só irem estas linhas dum homem cansado.

Hoje mesmo lhe devolvo as provas, com o livro para o ilustrador, autografado. Recebi, e agradeço, a colecção de desenhos, que acho muito satisfatoriamente reproduzidos. Parece que vamos ter uma edição muito apresentável! Como indico nas provas, o soneto "Narciso" passou a ser o 14. Assim fica resolvida a questão.

Peço que dê os meus melhores cumprimentos à Irene Lisboa, a quem escrevi há tempos, a saber da sua saúde… Teria recebido a minha carta? Claro está que da melhor vontade autorizo a transcrição em que me fala.

Fico muito satisfeito por saber que um novo livro de Irene Lisboa vai aparecer, e editado pela Portugália, e numa edição cuidada.

Fico-me hoje por aqui, pois lhe escrevo depois dum dia penoso, com trabalho e enxaqueca (coisa que me produz o tempo de trovoada).

Sempre as mais cordeais [*sic*] saudações deste seu amigo

José Régio

*

7 de Novembro [1955].

Meu querido Poeta e Amigo:

Agradeço-lhe a alegria que me deu por ter passado por cá. Creia que gostei muito de vê-lo, e, é claro – quanto melhor se conhecem as pessoas, mais se estimam. A admiração literária é uma coisa; a afeição pessoal, outra. *Amar* os Poetas pela sua Obra já implica (é certo) compreensão e afinidades; mas quantas vezes os escritores que amamos, e não conhecemos, são para nós – como homens – meras abstracções que erradamente idealizamos! Quantas vezes mesmo, iludidos por falsas informações, receamos conhecer aqueles que admiramos! Mas, no caso do meu caro e querido Poeta, o convívio só poderá dar-nos uma grande e consoladora impressão de humildade, de simplicidade – que não excluem grandeza de personalidade. Do que tenho receio é de, pela minha parte, não saber merecer a sua simpatia...

Envio-lhe o recorte da *Brotéria*[116]. Por estes dias irão mais provas de *Biografia*.

Creia sempre na muita estima e admiração do

Luís Amaro.

*

Portalegre
20/11/55

Meu prezado Amigo:

Cá recebi a sua carta, a sua tão amável carta. Mas não quero que me julgue assim tão "perfeito"... que estou longe de o ser. A tendência para ser simples na vida e no convívio, creio que é uma natural desforra contra as minhas complicações interiores. Como quer que seja, – obrigado à sua amizade, que me vê com tão benévolos olhos.

Também recebi, e devolvi, novas provas. Estou com certa pressa (embora, por causa do meu muito trabalho, ainda demorasse um pouco a

[116] João Mendes, "Vida literária. *A Salvação do Mundo* de José Régio", vol. LX, 1955: 212-216.

devolução das citadas provas) de ver o livro cá fora. Creio que, dos meus livros de versos, – e apesar de ter contra ele a uniformidade estrófica – é o meu preferido, pelos germens que encerra. E torna-se curioso!: A armadura do soneto, que poderia constranger-me, antes me liberta quanto à ideia e sua expressão.

Outra coisa: Dizem-me de Vila do Conde que, como eu propusera, sempre entregaram à Portugália a distribuição de *Os Avisos do Destino*. (Já sei que não vai gostar nada da capa.) Ora ainda bem!, que ficarei bem servido. Também me consultam sobre o preço, que eu suponho possa bem ser de 30$00.

Para o fim a sobremesa: Também recebi o livro de Irene Lisboa (a quem vou escrever) que aparece numa ediçãozinha encantadora. Estou satisfeito por ela... e por nós todos. As *Historietas*[117] também são encantadoras, e ricas na sua despreocupação aparente.

Sem mais por hoje; e sempre as afectuosas lembranças deste seu amigo,

José Régio

*

Lisboa, 7 de Dezembro de 1955.
Meu bom Amigo

Tenho aguardado as provas da *Biografia*, que ainda não vieram... Como há toda a conveniência em ter o livro pronto antes do Natal (a época ideal para venda de livros), muito lhe agradecia a devolução dessas provas. Oxalá é que não haja qualquer extravio...

O seu romance, que tanto convinha ser lançado agora, não há meio de chegar! Verdade seja que sou alheio às negociações prévias entre os editores e os presumíveis depositários.

Creia na muita dedicação do

Luís Amaro.

*

Portalegre
8/12/55

Meu prezado Amigo:

Tem toda a razão! Recebi o seu postal no dia em que devem ter chegado aí as provas, pois as reenviei ontem. Desta vez, a demora foi excepcional, devido a que a proximidade das férias me acarreta sempre um excesso de trabalho. Cheguei a esquecer-me das ditas provas durante dois dias! Peço que me desculpe junto do Senhor Raul Dias.

---

[117] Indicação genérica de *Uma Mão Cheia de Nada Outra de Coisa Nenhuma*, 1955.

Quanto a *Os Avisos do Destino*, julguei que já estivessem na Portugália. Não terá o Senhor Raul Dias recebido qualquer informação a esse respeito? Hoje mesmo escrevo para Vila do Conde a saber do que se passa, pois eu já cá tenho umas dezenas de exemplares. Suponho que nada terá que ver a casa depositária e distribuidora com o envio de exemplares para jornais e revistas, não é verdade? Todavia, agradeceria uma breve informação a tal respeito. Na realidade, eu já mal consigo interessar-me pelas críticas (?) de jornais e revistas. No entanto, não pelo autor mas pela casa editora, este livro, que tem composição de 450 páginas, precisa de se vender alguma coisa. Deverei, portanto, enviá-lo (pois continuo a supor ser comigo o caso) a jornais e revistas que possam dizer seja o que for sobre ele. Para isso espero que principie a ser distribuído pelas livrarias.

Sem mais por hoje. Sempre as afectuosas lembranças deste seu amigo,

José Régio

*

26 de Dezembro [1955].

Meu bom Amigo e querido Poeta:

Do coração lhe desejo que tivesse tido um alegre Natal e que o Ano Novo lhe traga todas as felicidades que merece.

Eu, além da minha solidão de "ser maldito", tive desta vez um Natal particularmente amargurado, pois me vi quase impelido a sair da casa onde, há 14 anos, trabalho e sofro a hostilidade de um ambiente medíocre, inferior, e a incompreensão e a violência de um patrão que antigamente se dizia "meu amigo" e agora se confessa *farto de mim*... A necessidade de ganhar a vida tem-me feito suportar tudo isto com uma coragem e uma paciência que, no fundo, me deixam humilhado e triste. Por mais provas de dedicação que eu lhes dê, e por mais interesse que eu ponha em tudo que diga respeito às edições da casa, – sou, afinal, um empregado que se tolera a contra-gosto; e tanto assim que hoje me não restam dúvidas de que o Sr. R. D. anseia ver-se livre de mim... Singularidades do destino! – para não dizer outra coisa.

O meu bom Amigo é testemunha de como eu tenho sido incansável, no seu caso. Pois, embora pareça absurdo, digo-lhe, com verdade, que nem ao menos tenho tido uma compensação moral dos negócios excelentes que, graças ao nosso bom entendimento, proporcionei à Portugália com os seus livros – incluindo a reedição das *Líricas*, do que o Ministério da Educação acaba de comprar 450 exs. para as bibliotecas das Escolas Primárias. Isto além do prestígio que os seus livros dão a qualquer casa editora.

Sinto-me, de facto, desolado e entristecido com tamanha ingratidão – melhor: revoltado com tamanha injustiça. E só não me resolvo a trocar um

emprego seguro (mas sujeito a humilhações e grosserias diárias) por outro incerto, porque... talvez por cobardia, não sei...

Sei que lhe mandaram alguns exs. da *Biografia* e lhe escreveram para Portalegre. Eu agora não tenho tido intervenção em nada disso, porque com esta gente só digo as palavras indispensáveis, de há uma semana para cá, e resolvi desistir – enquanto o meu caso se não esclarece – de sugestões, lembranças, pedidos, esclarecimentos, com que, afinal, eles se maçam e importunam... Resolvi, pois, deixar de ser *impertinente*, e fechar-me na minha concha.

Escusado é dizer-lhe que espero de si toda a solidariedade de Poeta e de amigo, pois creio bem existirem entre nós mais afinidades do que entre o Poeta José Régio e o gerente... Não digo mais por hoje porque não gosto de evocar coisas mesquinhas e desgastantes.

– Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – Chegou a mandar os exs. dos *Avisos do Destino* para a Imprensa?

Começaram a distribuição a semana passada, e sei que tem havido já várias requisições. (Que ingénua a minha satisfação quando um livro editado ou distribuído pela P. E. se vende bem!)

Falei há dias com a nossa amiga Matilde R. Araújo, em casa de Irene Lisboa, e essas duas mulheres excepcionais interessaram-se muito pelo meu caso (antes ainda do último incidente, que, para a minha sensibilidade, foi brutal).

Desculpe este desabafo... doméstico ao seu velho e pobre amigo Luís Amaro.

Quando quiser escrever-me particularmente, pode fazê-lo para a minha morada na Avenida da Liberdade, 53 – 3º Dtº[118]. Obrigado.

*

Portalegre
4/1/56

Meu prezado Amigo:

Recebi em Vila do Conde a sua carta, e muito agradeço os seus votos de boas-festas. Na verdade, as minhas festas, agora, também são pouco festivas: A Casa foi-se desfazendo, uns morreram, outros dispersaram-se, e eu já não vou a Vila do Conde passar o Natal senão porque ainda lá tenho meu pai, que vai fazer oitenta anos... e também porque ainda me seria mais melancólico ficar em Portalegre. A vida é muitas vezes triste, por várias razões, seja para quem for.

[118] De facto, endereço da Portugália Editora, não morada de Luís Amaro.

Creia que sinto muito o seu caso. Claro que eu já tinha depreendido de certas passagens de algumas suas cartas que o seu entendimento com os *patrões* (feia palavra que não gostaria de usar!) não era como de princípio julgara. Não supunha, porém, que chegasse a tal desentendimento. O Senhor R. D. parecia-me simpático, (a julgar só pelas aparências, ainda me parece) e bem disposto a seu respeito. Como pode acontecer esse contrasenso de... querer "ver-se livre" dum empregado que eu posso testemunhar zelar activamente pelos interesses e o renome da casa?! Bem gostaria de conhecer pormenores, pois, além de afectar a minha afectividade, o caso chega a intrigar a minha curiosidade... de psicólogo. Quereria Você, ou acharia conveniente, ou permitir-me-ia, que eu tocasse no seu caso ao Snr. R. D.? Eu escrevi-lhe há pouco, acusando a recepção duns exemplares da *Biografia* que ele me enviou, e falando-lhe daquela hipotética reedição d'*A Chaga do Lado* em que tocáramos quando estive aí. Decerto, se o meu Amigo sair da Casa, a minha atitude para com ela (ou os seus dirigentes) não poderá deixar de se modificar. Mas será preciso chegar a esse extremo? Se fosse o meu Amigo – eu abster-me-ia, de ora em diante, de toda a sugestão, de toda a tentativa de intervenção, pois que as não sabem apreciar! Fechar-me-ia no meu trabalho, faria sentir o menos possível a minha presença. Apagar-me-ia. E, se, então, ainda sentisse à minha volta essa hostilidade e essa injustiça, – então poderia chegar a tomar uma atitude extrema. E toda a solidariedade que o meu Amigo, então, esperar ou desejar de mim, – pode contar com ela, pois me não esqueço que todo o meu actual bom entendimento com a Portugália não é senão devido, por um lado, ao seu interesse pelos meus livros, por outro, ao seu interesse pelos interesses da Portugália. Por aqui me fico hoje, e sempre receberei com prazer as suas notícias. No caso de ir breve a Lisboa, procurarei maneira de conversarmos com algum vagar.

E as melhoras e a[s] mais afectuosas lembranças do camarada e amigo

José Régio

*

10 de Janeiro [1956].

Meu querido Poeta e Amigo:

A sua carta exigia um agradecimento imediato. Belo e generoso testemunho do seu carácter, – creia que lhe estou profundamente grato, e que as suas palavras me comoveram pela compreensão que revelam do meu caso, que aliás não conhece em pormenor.

Limito-me hoje, por falta de saúde e disposição para me alongar, a agradecer-lhe: Bem haja!

O que me aconselha, já eu estava a fazer e é, de facto, uma das soluções. Renuncio, temporàriamente, a ser mais do que um autómato, aqui dentro... E vou esperando, entretanto, com uma paciência quase estóica, que me façam justiça.

Creia sempre, meu querido Poeta e Amigo, na admiração e na amizade cada vez mais firme do

Luís Amaro.

P. S. – Sei que escreveu à tal pessoa, e espero que se lembrem de responder-lhe breve.

*

24 de Janeiro [1956].
Meu bom Amigo:

Ràpidamente lhe escrevo estas duas linhas para lhe enviar a cópia duma carta recebida no sábado, da BBC, de Londres, a solicitar autorização para transmitirem um soneto da *Biografia*[119]. Como havia toda a urgência na resposta, sem dar tempo a pedir a opinião do autor, o Sr. R. Dias escreveu-lhes, por avião, autorizando. Claro que o pagamento lhe será feito a si... se os da BBC cumprirem o que prometem.

---

[119] Reference: 01/OT/EHW.

19th January 1956
Portugalia Editora,
Chiado,
Lisbon.

Dear Sirs,

In a programme of Portuguese poetry which we hope to broadcast in our Third Programme on 25th January with a repeat performance on 27th January we should like to include 14 lines from the poem *Biografia* by José Régio. The fee offered for the broadcast is two guineas and I should be grateful if you would confirm your agreement to our use of the poem.
Under the Finance Act of 1927 the BBC is obliged when making a royalty payment to or on behalf of a person resident outside the United Kingdom to deduct British income tax at the standard rate of 8/6 in the £ and pay it to the British tax authorities. It may, however, be possible for you to claim relief from local tax by reason of your BBC fee having had British tax deducted and when making payment our Accounts Department will send you a voucher certifying the deduction of tax which you can use in support of a claim to any relief to which you may be entitled.

Yours faithfully,

(Miss E. H. Wakeham),
Copyright Department

Espero que não ache mal a resolução tomada, dada a boa intenção (vê como sou imparcial?).

A minha situação vai-se, mais ou menos, normalizando, pelo menos aparentemente; como tenho uma longa prática, eu nunca me fio na estabilidade dos meus dias calmos. Por natureza, espero sempre o pior...

E, à parte a vida *profissional*, não me faltam agora novos motivos de tristeza e preocupação: a doença de uma pessoa querida, etc., etc. É preciso tanta coragem para viver!

Tenho andado a ler os *Avisos do Destino*. Obrigado por ter escrito este livro belo, cuja leitura me compensa de tudo o resto!...

Abraça-o sinceramente o

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/2/56

Meu prezado Amigo.

Há muitos dias já que ando para lhe escrever... e hoje vão só, ainda, estas magras linhas. Que notícias suas me dá? Que notícias, se as há, – e se sabe alguma coisa a tal respeito – da 2.ª edição d'*A Chaga do Lado*?

Na última carta que escrevi ao Senhor Raul Dias, comunicava-lhe que recebera uma proposta do Eduardo Salgueiro, da Inquérito, para ser meu editor único. E que lhe respondera estar mais ou menos comprometido com a Portugália para novas edições dos meus livros de versos, e não querer fugir a esse compromisso, como, possìvelmente, a uma hipótese de edição nova de alguns dos meus livros de prosa (os que não haviam sido primitivamente editados pela Inquérito), *tanto mais que o meu Amigo fora intermediário nestas combinações com a Portugália, mostrara nelas grande empenho, se interessara pelas reedições já feitas*, e eu não quereria, pois, sem mais nem menos, mudar de editor. Isto mandei dizer ao Senhor Raul Dias, e é pura verdade. Como, do Salgueiro, não recebi mais palavra (naturalmente, amuou por eu não corresponder, como esperava, à sua proposta, embora lhe cedesse reedições dos livros de prosa que ele primeiramente editava) – de novo me sinto livre.

Quereria escrever-lhe mais longamente, mas fica para outra vez. Hoje, como vê, escrevo a correr, – para não demorar mais. Também, pela pressa com que lhe escrevo, nem procuro a sua direcção pessoal, – que vem em cartas agora não aqui à mão. Pode mandar-ma de novo?

Quero mandar-lhe *Os Avisos do Destino*, desculpe-me ainda lhos não ter mandado! Não os compre, que o dinheiro é preciso para outras coisas! Disse-me que andava lendo o livro, mas suponho que não por já o haver

comprado. E, de novo, desculpe esta precipitação. As mais afectuosas lembranças deste seu amigo,

José Régio

*

28 de Fevereiro [1956]
Meu bom Amigo:

Obrigado pelas suas notícias, que recebo sempre com alegria.

Também eu estava para lhe escrever, a informá-lo de que a *Chaga do Lado* ia agora ser reimpressa, – isto é, "recomposta". Espero enviar-lhe provas para a semana.

A gerência comprou um papel melhor para os seus livros, – mais branco e um pouco mais encorpado que os das duas reedições anteriores, embora do mesmo género. Oxalá a 3.ª das *Encruzilhadas de Deus* se siga a esta! E, depois, o *Fado*.

As *Histórias de Mulheres*, afinal, parece que não estão ainda esgotadas. Também, com o livro lá armazenado, no Porto[120], não admira... A Portugália tem, ao menos, o mérito de possuir uma larga rede de distribuição.

A *Biografia*, mesmo como edição popular, ficou muito imperfeita, mas, como deve calcular, eu não pude fazer mais por ela. O encadernador, para colocar as estampas, abriu as folhas sem qualquer cuidado, e também a brochura saiu desgostante (para mim, pelo menos). Mas enfim...

Já li, sim, os *Avisos do Destino*, e, como lhe disse, foi um livro que me compensou de muita tristeza e de muita aridez nos meus últimos tempos. É, sem dúvida, um belo e grande livro, e todos os leitores sensíveis se identificam, apaixonadamente, com a história de Lèlito, com a história de "a velha casa".

Gostaria de falar-lhe dele mais espaçadamente, embora sem quaisquer veleidades de crítico. Mas, neste ambiente de escritório comercial, em que lhe escrevo, e tendo sempre em mim o espinho da subalternidade e da insegurança, – não me é possível...

Agradeço-lhe muito o seu propósito de me enviar o livro; mas, tendo-o comprado aqui, com um desconto apreciável, peço-lhe que reserve esse exemplar para outro leitor.

Parece que as últimas "tempestades", na minha vida, amainaram um pouco. Não é razão, porém, para eu estar tranquilo e confiante; como lhe disse, espero sempre *o pior*... É a única maneira de as decepções me não serem tão brutais.

---

120 O livro saíra na filial portuense da Portugália, s. d. [1946].

Adeus, meu querido Poeta e Amigo. Creia sempre na muita dedicação do seu velho Amigo e Adm^or^

Luís Amaro.

*

22 de Março – 56.
Meu querido Amigo:

Envio-lhe hoje duas maquetas que o Júlio Gil fez, por incumbência da Portugália, para a capa da 2.ª ed. de *A Chaga do Lado*.

Quando o livro saiu, a maioria das pessoas não gostou da capa (particularmente, o que me chocou foram as margens excessivas, a mistura de tipos, a pobreza da cartolina a contrastar com a qualidade do papel do texto... Talvez que certa originalidade no desenho das letras estivesse no espírito das suas primeiras edições... mas como eu prefiro os pessoalíssimos desenhos de Júlio!).

Enfim, sem que nisso eu fizesse pressão e sem eu levantar sequer o problema, o Snr. Raul Dias resolveu *experimentar* uma capa nova. E como o J. Gil trabalha agora para cá, encarregou-se esse artista de fazer a tentativa.

O Autor decidirá, optando, em último recurso, pela capa primitiva. (Sinto que estou a escrever abominàvelmente; mas está um dia doentio, já fumei demais, estou a sentir o reflexo de uma *crise* aqui na casa, e tenho, neste momento, os nervos num feixe...)

O livro vai começar a imprimir, depois de eu ter visto novas provas; confrontei as suas emendas, e as respectivas linhas, com o maior cuidado. Decerto não teriam ido essas gralhas que marcou, se eu lhes tivesse dado aqui uma leitura prévia, como já fizera às 1.^as^ provas. Mas, numa última leitura de todas as páginas, ainda *cacei* um erro que lhe havia escapado (e a mim na 1.ª leitura), o que é natural...

Agradeço-lhe, pois, a maior urgência na devolução dos dois desenhos, e também a sua resolução.

Poderemos pensar, logo a seguir à publicação de *A Chaga*, nas *Encruzilhadas de Deus*?... Creia que, neste *mar morto*, o tratar dos seus livros é uma das poucas coisas que me dão prazer e alegria; mesmo que os *loiros* revertam para os outros, cegos ao meu entusiasmo e à minha devoção pelos bons livros, pelos autores que podem dignificar uma Editorial. Mas, apesar de toda a hostilidade ambiente, vou sobrevivendo…

Creia sempre, meu querido Poeta e Amigo, na muita admiração do

Luís Amaro.

*

Portalegre
29/3/56

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido, devolvidos, os dois projectos para a capa da nova edição d'*A Chaga do Lado*, com a indicação de que preferia o que mete azul e vermelho. *Aqui para nós*, eu simpatizo pouco com estas modernas capas abstractas, em que parece "embarcar" o ilustrador. Também eu preferia uma capa de meu irmão. Todavia, de modo nenhum quero criar dificuldades ao novo trabalhador da Portugália; nem desgostá-lo. E, no fim e ao cabo, é possível que esta nova edição d'*A Chaga* não fique mal!

Escrevi ao Senhor R. D. uma longa carta com projectos de reedições, e, sobretudo, falando da próxima d'*As Encruzilhadas*. Em resumo, a minha pretensão quanto a esta era fecharmos contracto agora *durante Abril*, e receber eu, quer pel'*As Encruzilhadas* quer pelo *Fado*, oito mil escudos. Sei que, se tentasse eu uma edição de autor (para que não tenho vagar nem feitio), ganharia mais do que isso. Como aceitará ele a minha proposta? Vamos a ver. Pena é que os meus romances e peças se vendam muito pior do que os livros de versos, – pois, quanto a mim, lhes não são inferiores. Mas custam mais a ser vistos; e parece, nem sei bem porquê, *ofenderem*... sobretudo os camaradas e críticos. Estes *Avisos do Destino*, por exemplo, (vou-lhos mandar, desculpe a demora!) têm tido uma crítica (?) que chega a ser rancorosa. Verdade seja dito que os "críticos" também não são aí muito bem tratados. E quiseram dar-me razão[121].

Adeus por hoje, meu Amigo. Sempre as melhores lembranças do

José Régio

P. S. – Apesar das tais "críticas", já estou escrevendo, a todo o pano, o 4.º volume d'*A Velha Casa*. E trabalhando num ensaio sobre teatro. J. R.

*

[121] Alusão à crítica de João Gaspar Simões no *Diário de Notícias*, 22-III-1956: 7-8. Agora, em *Crítica. III*, Lisboa, INCM, [2]2001: 256-260. Em carta de 23 de Março ao Pai, Régio fala de «pretensa crítica» e que «todo o artigo é uma apaixonada acusação contra o autor da obra. (Deve dizer-se que o próprio G. Simões está um tanto caricaturado num dos personagens do romance… e que se deve ter reconhecido).» Ver *Correspondência Familiar. Cartas a Seus Pais*, introd. e notas de António Ventura, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010: 236.

10 de Abril – 56.
Meu bom Amigo:

Recebi a sua carta de há dias, assim como as maquetas da capa da nova *Chaga do Lado*, cuja gravura está já a fazer. O livro, como deve ter visto pelas folhas que enviei, está impresso. De modo que ainda este mês teremos volumes.

Oxalá que não desse com mais gralhas, nas folhas impressas! Infelizmente costuma suceder que, ao recebermos folhas já definitivamente impressas, os nossos olhos descubram, num breve relance, esta ou aquela "gralha" que passou despercebida em várias revisões consecutivas... Mas creio que tal se não terá dado com esta edição da *Chaga*, pois tive o máximo cuidado com ela, e ao controlar as suas emendas.

Sei que o assunto das *Encruzilhadas* está bem encaminhado, o que me alegra. Mas devo dizer-lhe que tenho sido ùltimamente posto à parte em assuntos que vivamente me interessam, como é o seu. Seria ridículo repisar o que já por várias vezes tenho dito; mas é deselegante, e não revela bom carácter, afastar aqueles que desinteressadamente colaboram numa ideia ou a sugeriram, – não acha? E ainda mais quando se não está dentro do assunto, como é o caso...

Por aqui vê o meu Amigo que a minha situação continua ambígua, à mercê de caprichos e amuos que só revelam cinismo e duplicidade; quando não de grosserias e prepotências... Adiante.

Agradeço-lhe muito a promessa que, novamente, me faz do envio das *Raízes do Futuro*, mas creia que não vale a pena gastar mais um exemplar, pois já possuo o livro, – do qual, como lhe disse, gostei muito. Como é que os nossos críticos têm omitido as coisas notáveis que há no livro, para realçarem o que a eles se lhes afigura *pessoalmente* antipático?

A propósito, falando no domingo com o João Pedro de Andrade – um amigo que muito estimo, uma inteligência lúcida e honesta que muito admiro –, ele queixou-se-me de que lhe não enviava, há anos, os seus livros, quando até certa altura mantivera consigo as melhores relações de camaradagem intelectual. Supõe que haverá qualquer obscuro ressentimento da sua parte, ou qualquer ignota intrigazinha, em que são férteis os nossos literatos. Tentei dissuadi-lo, claro, atribuindo o seu silêncio a simples descuido, acumulação de afazeres, etc.

Se quiser, em todo o caso, enviar-lhe o romance (a que ele, vi-o bem, gostaria de referir-se), aqui tem a morada: Rua dos Lusíadas, 51-2.º Dt.º.[122]

Remeto juntamente uma carta que veio hoje para si.

---

[122] Foi, pois, enviado, face à recensão no *Diário Popular* de 9-V-1956.

Recebeu os catálogos da casa? Como vê, procurei dar-lhe o realce merecido…

A Irene Lisboa, coitada, tem cá um novo original, mas está há meses aguardando vez… E ela ansiosa, impaciente, sofrendo do pressentimento da morte antes de *arrumar* a vasta obra que tem inédita (uns onze livros!). Infelizmente não é uma escritora para o grande público; e infelizmente, eu não posso fazer-lhe mais do que até agora…

Li há tempos a notícia de que estavam a ensaiar, no Monumental, o *Jacob e o Anjo*. Será verdade, por esta vez?[123]

Meu querido Amigo – receba a amizade e admiração de sempre do

Luís Amaro.

*

1 de Maio [1956].

Meu querido Amigo:

Peço-lhe que me desculpe de, no sábado, não me ter despedido de si, na Casa de Arganil[124]. Mas, naquela confusão da saída e vendo-o rodeado e solicitado por tantos amigos e admiradores seus, receei importuná-lo mais.

O espectáculo teve dignidade, os rapazes não mutilaram, decerto, a sua peça. Mas esta exigia, naturalmente, uma interpretação superior, *profissional*: só verdadeiros actores, com experiência e grande sensibilidade, estariam à altura de *A Salvação do Mundo* e poderiam transmiti-la ao público de maneira inteligível, com a comunicação poética e subtil que lhe é inerente. Mas, claro, os estudantes não podiam fazer milagres, e, nos seus excessos e deficiências, conseguiram pelo menos não *assassinar* a sua bela Obra, – bela, sim, embora dificilmente compreendida pela maioria do público, cuja preguiça mental é de todos nós por de mais conhecida... Dêem-lhe Dantas, Ramada e Casona[125], – coisas fáceis, amáveis, dum

---

123 Falhado o projecto de encenação de Luiz Lima, no Brasil, também este terceiro projecto não avança: «Neste caso, no Teatro Monumental, em Lisboa, pela Companhia de Teatro Popular dirigida por Vasco Morgado. Solicitado por Régio, Fernando Lopes Graça compõe parcialmente as músicas para esta representação, não chegando a concluir o trabalho, já que o projecto é adiado por tempo indeterminado.» Isabel Cadete Novais, *Jacob e o Anjo. O Drama Intemporal da Condição Humana*, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, [2010]: 216.

124 Casa da Comarca de Arganil, onde, em 28 de Abril de 1956, Claude-Henri Frèches encenou, com o Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, *A Salvação do Mundo*. Sobre as «liberdades talvez excessivas» do encenador, ver *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 291, 299.

125 Alejandro Casona (1903-1965), pseudónimo de Alejandro Rodríguez Álvarez, dramaturgo da Geração de 27. [SC]

folhetinesco ambicioso e melodramático – e o público, até mesmo o pretensamente culto, ficará satisfeito. *A Salvação do Mundo*, é claro, desconcerta-os, maça-os, fá-los andar à busca *da tese*... que eles não conseguem encontrar por serem insensíveis ao simbolismo poético e transcendente dum Profeta ou duma Rainha Louca.

A Irene Lisboa ficou desgostosa por eu lhe não ter lembrado o espectáculo, mas quer ir ver o próximo. Oxalá, neste, os estudantes tenham corrigido certas deficiências mais notórias (a primeira fala do Rei Pedro, na abertura, passou-me quase inteiramente despercebida; o excesso de realismo do Gandaia, na taberna, é brutalmente chocante; etc...).

O meu Amigo vem cá também no dia 6 (que é quando, julgo, se realiza a segunda récita)?

Escusado é dizer-lhe como gostei de o ver por cá e de ter contactado mais consigo, ficando a conhecê-lo melhor, e fatalmente, a estimá-lo mais ainda.

Dê sempre as suas bem-vindas notícias ao amigo que o abraça gratamente

Luís Amaro.

P. S. – *A Chaga do Lado* está pronta por estes dias. Só falta pôr as capas. Para a reedição das *Encruzilhadas* é-nos necessário o original. O Sr. R. D. falou-me hoje nisso.

*

Lisboa, 15 de Junho de 1956.

Meu querido Amigo,

Há que tempos não tenho o prazer de receber notícias suas!...

Na minha última carta, simples e banal como sempre, não lhe agradeci talvez como devia as suas atenções amigas, a quando do nosso encontro. O meu espírito anda doente, há muito, e inferiorizado e recolhido nos mesquinhos limites que a vida me impõe; e os problemas que me afligem, de tão antigos e insolúveis, cristalizaram numa depressão que só poderá conduzir-me ao... anulamento.

Tudo isto poderá reflectir-se nas minhas relações pessoais, até com aqueles que mais admiro e estimo. Creia, porém, que guardo a mais grata lembrança dos momentos em que estivemos juntos, e que o meu maior desejo seria vê-lo mais vezes. Quando terei de novo essa alegria?

Aqui na casa pensam em mandar agora para a tipografia as *Encruzilhadas*, e gostariam que, a não se fazer a edição do A. de Serpa, esta fosse ilustrada com os seus desenhos. Poderá dizer-me alguma coisa sobre isto?

Gostariam ainda de saber, para fixarem a tiragem, quantos exemplares necessita para as suas ofertas.

Em face da dificuldade em conseguir-se o original para a reedição, lembrei-me de lhes ceder o meu, da 1.ª, por 50$. Não o venderia por dinheiro nenhum, apesar da minha pelintrice, se o exemplar não estivesse inutilizado, devido aos empréstimos: sujo e cheio de manchas, e até com rasgões nalgumas páginas, não me importo de desfazer-me dele. Falta saber, porém, se o meu Amigo tem algumas correcções a fazer, e se quer que eu lhe envie este ex. para esse efeito. Não me lembro se a 2.ª ed. tinha alterações.

Também na Editora desejam fazer um prospecto de propaganda das suas Obras, como fizeram para as do Augusto Gil, e incluir nele uma gravura do seu retrato. Poderá enviar-nos esse retrato? O ideal, para mim, seria que ele me fosse oferecido... Poderá ser? Desculpe o oportunismo, mas já há muito tencionava fazer-lhe este pedido, confiante na sua boa amizade.

A casa comprou há pouco à Inquérito – a pedido desta – 300 exs. de *A Salvação do Mundo*, com um desconto grande. Sei que venderam igualmente uma porção à Liv.ª Portugal. Coitado do Salgueiro, que só assim, com expedientes tais, consegue ir evitando ou adiando o malogro total da sua bela aventura... E pensarmos que ele poderia ser hoje (continuar a ser, aliás) um dos nossos primeiros, mais activos e inteligentes editores.

Fico à espera das suas notícias, querido Poeta e Amigo. Um abraço muito grato e amigo do sempre seu

Luís Amaro.

P. S. – Temos ou não o *Jacob* no Monumental? Oxalá que sim. Afinal não pude ouvir a adaptação radiofónica do meu amigo Ant.º Carlos. LA

*

28 de Junho [1956].

Meu querido Amigo:

Sei que devo estar a receber notícias suas. Ainda bem! Já tenho saudades da sua letra...

Envio-lhe dois exemplares de *A Chaga do Lado*, com o pedido de autógrafo seu, para o desenhador Júlio Gil e para a "escritora" Odette de Saint-Maurice – que nisso manifestou interesse. Desde já obrigado, em nome dos contemplados.

Saúda-o afectuosamente o

Luís Amaro.

*

Portalegre
3/7/56

Meu prezado Amigo:

De facto, já há bastante tempo lhe não escrevo; mas que ando para lhe escrever, é certíssimo! Simplesmente, nesta altura dos exames, vivo num quase pesadelo: Não tanto pelo tempo que materialmente me tomem, como pelo cansaço psíquico, ou nervoso, que me produzem. E é preciso mostrar boa disposição, paciência, etc. A correspondência acumula-se sobre a minha mesa; os artigos que tenho de escrever atrasam-se; e, para cúmulo, quase sempre me vem, nestas ocasiões, (Talvez por uma necessidade de evasão) uma furiosa vontade de escrever as coisas da mera e livre fantasia!...

Mas vamos ao que importa: Recebi os dois volumes de *A Chaga*, que lhe vou devolver autografados, assim como o exemplar de *As Encruzilhadas*, que juntamente lhe devolverei também. A verdade é que não tenho tempo, não posso estar agora a confrontá-lo com a 2.ª edição. Ainda o tentei... mas impossível, neste tempo de fiscalização e classificação de provas escritas de exames. Além de que, me arrefece a ideia de que seria um trabalho mais ou menos inglório: Eu nada quero modificar n'*As Encruzilhadas*, e a 2.ª edição em pouquíssimo deve diferir da 1.ª. Penso, pois, que se pode começar a compor a obra por essa 1.ª edição; – e depois, na revisão de provas, (que eu farei pela 2.ª) se emendará qualquer coisa que haja a emendar. Pouco poderá ser. O que será preciso, claro, é actualizar a ortografia.

Quanto às minhas ilustrações em poder do Serpa, não se pode pensar nisso: Não chego a compreender, porque, a tal respeito, o Serpa me não tem falado claramente (e é caso único entre nós), não chego a compreender porque não sai o 3.º volume da *Obra Poética* entusiàsticamente iniciada por ele. Já lhe não quero falar em tal, – porque entre nós se cria, então, uma espécie de constrangimento. Como quer que seja, ainda da última vez que lhe falei, há meses, me assegurou que a *Obra* continuaria. Insistiu, até, em me dar antecipadamente algum dinheiro por conta desse 3.º volume que ele dizia ir sair breve, e para paga das ilustrações. Já me convenci de que mais nenhum volume sairá dessa edição de luxo saída em má hora. Como quer que seja, porém, e até porque, no fim de contas, as ilustrações me foram pagas, – nunca eu lhas pediria. Bastar-me-ia, para tal, saber que ele ficaria magoado. Talvez se possa pensar, mais tarde, em eu ilustrar um livro meu: Outro, porém, que não *As Encruzilhadas*, pelo motivo exposto.

Que há a respeito dum prospecto de propaganda em que me falara (feito pela Casa) e para o qual seria preciso um retrato meu? Ainda está

válido o projecto? Não tenho, na verdade, actualmente, nenhum retrato que se me afigure aceitável, e esteja actualizado. Esgotei por completo os exemplares que tinha. Mas pedem-me, às vezes, fotografias, (Amigos que eu gostaria de servir, pois me dão, assim, uma prova de amizade) e, então, vou ver se algum fotógrafo amador me resolve o caso. Os profissionais – pelo menos de cá – não são os melhores.

Vou deixá-lo, embora tivesse, ainda, mais coisas que lhe dizer. O Vasco Morgado e o Villaret parece que continuam na disposição de levar à cena o *Jacob e o Anjo*, cuja representação foi sensatamente adiada para o princípio da temporada próxima: Já não era, agora, boa altura. A radiodifusão feita pela Emissora, e devida ao seu Amigo António Carlos, agradou-me, e agradou a muita gente: Ainda hoje me dizia o Serpa, numa carta, que "as mais diversas pessoas tinham ficado surpreendidas com a teatralidade da Obra". Isto, claro, são palavras de ele.

Quando volte a Lisboa – mas não sei quando – o procurarei. E um afectuoso abraço do camarada e amigo,

José Régio

*

27 de Julho [1956].
Meu querido Amigo:

Em vésperas de férias, escrevo-lhe hoje a fazer-lhe uma sugestão para a qual peço toda a sua boa vontade e simpatia:

As *Encruzilhadas* não estão ainda a compor, e só esperam que o Sr. R. D. se lembre de as mandar para a Imprensa Portuguesa. Como, porém, vou para férias no dia 1, não lho lembrei eu porque, nos meus 15 dias de ausência, não poderia – como desejo – seguir os trabalhos da edição e ajudá-lo a rever. (Talvez, aliás, o Sr. R. D. tenha pensado isto mesmo.)

Acontece que o Manuel Ribeiro de Pavia – estranho homem, duro e quase intratável, mas inegàvelmente uma bela personalidade de artista – mostrou desejos de ilustrar essa obra. Talvez, coitado, não se tivesse lembrado disso por simples prazer estético, ou pela honra que teria em ilustrar um livro seu (embora esta última hipótese seja bastante aceitável). A razão principal deve ser... a falta de dinheiro, claro! E o Pavia, todos nós o sabemos, deve ter uma vida negra. É, como lhe chamou algures o J. Gomes Ferreira, um "Príncipe Sem Vintém"[126]. Dum orgulho e duma altivez simplesmente ferozes, e duma inteligência aguda, brilhante, implacável, é, como lhe disse, uma personalidade curiosíssima, a quem temos

[126] «Príncipe Sem Vintém e Sem Queixas», disse José Gomes Ferreira no prefácio aos 15 desenhos reunidos em *Líricas*, 1950.

de perdoar as violências e (por vezes...) as más-criações. A sua independência bastaria para nos merecer respeito.

Ele deve passar agora uma crise grande (a sua altivez não lhe permite lamentar-se) e eu não faço ideia de como, vivendo apenas da *Arte*, ele pode manter-se, anos e anos, na mesma vida. Há que ajudá-lo, tanto mais que é um grande Artista!

Eu sei que o neo-realismo é, de certo modo, um estigma (a palavra é dele...) que poderá prejudicá-lo perante autores como, por exemplo, o meu querido Amigo. Temos de confiar, porém, nas virtualidades e capacidades de desdobramento dum Artista que o é com maiúscula bem grande.

Que pensa sobre isto? Não se trata, claro, de uma edição de luxo, mas ùnicamente melhorada com 10 ou mais ilustrações. Gostaria muito de receber resposta urgente, pois vou para Sintra no dia 1 de Agosto. Agradeço-lhe toda a atenção que esta carta (este pedido!) lhe poderão merecer, e sou sempre o seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

25 de Agosto [1956].
Meu querido Poeta:

Peço-lhe muita desculpa de não ter já agradecido a sua última carta, em que aceitava a sugestão que lhe tinha feito. Ainda bem que gostou dos desenhos e que o Ribeiro de Pavia soube interpretar – ainda que de um modo pessoal – a sua Poesia. Estou satisfeito, por todos os motivos.

As *Encruzilhadas* estão a compor. Enviar-lhe-ei provas dentro em breve, depois de rever cá as 1.as. E, depois de republicado este livro, poderemos pensar no *Fado* – o qual o Ribeiro já, veladamente, me disse que gostaria de ilustrar, por ser livro muito do seu agrado. Mas ainda estamos longe dessa reedição, não é verdade? Convém que haja uma certa lentidão nestas coisas.

E livro inédito – não há nenhum? A *Colheita Perdida*[127] e um outro anunciado na nota de abertura da edição de luxo da sua *Obra Poética*[128], – quando pensa publicá-los?... Seria interessante, também, compilar em volume os seus artigos e ensaios despersos [*sic*] mais significativos (e estou a pensar no artigo "Literatura viva", do n.º 1 da *Presença*).

A Irene Lisboa tem o livro pronto, isto é, só falta imprimir a capa. É

[127] Luís Amaro confunde este título de Carlos de Oliveira, 1948, com *Colheita da Tarde*, póstumo (1971) organizado por Alberto de Serpa.

[128] *Obra Poética de José Régio: Biografia*, Leça da Palmeira, As Velas e os Ventos, 1952.

uma escritora admirável (ainda que, como pessoa, terrìvelmente absorvente... Mas eu estimo-a e admiro-a muito, e compreendo a sua constante insatisfação).

Estive há pouco em férias, em Sintra, donde pensei escrever-lhe. Mas foram tão fugidios esses 15 dias, que mal chegaram para repousar de tantos problemas e canseiras...

Receba, meu querido Poeta e Amigo, a admiração e a estima de sempre do

Luís Amaro.

P. S. – Lembranças amigas ao João Maria.

*

11 de Outubro [1956].

Meu querido Amigo:

Envio-lhe hoje, finalmente, as provas das *Encruzilhadas*. Já tinha revisto as 1.as, e passei agora, também, os olhos por estas. A composição é, aliás, muito boa, mas decerto haverá ainda gralhas a corrigir.

Se achar conveniente fazer-se qualquer alteração na paginação (que seguiu o mais possível as [a] dos *Poemas*), é favor dar as suas sugestões, assim como sobre a colocação dos desenhos.

Estou ansioso por ver o livro pronto, – o que depende, agora, da brevidade da sua revisão. Oxalá vá em boa hora!

Recebeu, decerto, um vale de correio que a casa lhe enviou para Vila do Conde, para pagamento de uma comissão da B. B. C.?

O Sr. R. D. pretende fazer um prospecto de reclamo às suas obras, como lhe disse. Já lhe consegui um retrato – a reprodução do que veio no *Litoral*[129]. Falta-me, agora, arranjar o texto, – compilar o que os críticos nacionais têm dito sobre a sua Obra –, mas quando terei tempo para isso? Gostaria de saber onde é que o António Sérgio o considera já um clássico da nossa Poesia[130], para reproduzir essa opinião, de tanto peso.

Claro que mantenho o meu pedido – *pessoal* – de um retrato para mim, quando se lembrar e quiser ter essa bondade.

---

[129] Fotografia de Mário Novaes, acompanhando Gustavo de Freitas, "José Régio ou a poesia involuntária", *Litoral.* Revista Mensal de Cultura, 4, Outubro-Novembro de 1944: 381-390 (p. 384-A; na p. 387, dois desenhos de Régio).

[130] «Regio, para mim, é já um classico da nossa poesia», responde A. Sérgio em entrevista ao Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* de 5-IV-1935 (que não acentua 'Régio', nem 'clássico'). Ver Orlando Taipa, "José Régio e António Sérgio", *Vida Mundial*, 25-IX-1970: 67-68, incluindo "Carta escrita por António Sérgio a José Régio a propósito de *Encruzilhadas de Deus*".

E, já que estou em maré de pedidos, atrevo-me a solicitar-lhe um original – artigo, poema, trecho de romance ou teatro – para um jornal da província a que sou afeiçoado: *A Planície*, de Moura. Suponho que lho têm enviado. A Irene Lisboa colabora em todos os números e é uma grande amiga dos rapazes, que, coitados, bem merecem ser ajudados. A sua colaboração, meu querido Poeta, seria para eles – e para mim – uma alegria!

Desde já lhe agradeço a atenção, e sou o sempre seu muito Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

Portalegre
17/10/56

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta, as provas das *Encruzilhadas*, e aqui passo a responder-lhe o mais metodicamente possível:

– Quanto às *Encruzilhadas*: Ainda havia, de facto, algumas gralhas, que apontei. Insisto em que seja mantida a substituição, que fiz em certos passos, de *Porque*, por *Por que*. Os tipógrafos, aliás oficialmente, seguem uma ortografia um tanto simplista. Claro que não preciso de ver, agora, novas provas, desde que o meu Amigo se dê ao trabalho de rever com o cuidado que lhe é habitual as correcções feitas. O que mais me interessa agora é ver o livro cá fora. Nada tenho a objectar à colocação dos desenhos ou à ordem, ou paginação, dos poemas, e acho a composição muito limpa.

– Por este mesmo correio escrevo ao Senhor Raul Dias, acusando a recepção do vale referente à emissão do soneto. Também lhe proponho o seguinte: tentar eu as ilustrações do *Fado*. No caso de sair algo de aceitável, fá-las-ia, e receberia, como ilustrador, o que recebeu qualquer dos anteriores ilustradores dos meus livros. Que diz a isto o meu Amigo?

– Quanto ao projecto de reclame: Também não sei, já, onde tem o António Sérgio esse juízo a meu respeito. Várias vezes – ainda, há pouco, numa entrevista com o Montezuma de Carvalho saída no *Janeiro* – se tem ele referido às minhas coisas. Sairão breve dois estudos importantes sobre o conjunto da minha obra: um, dum novo, (Eugénio Lisboa) numa colecção bio-bibliográfica-antológica do Tavares Martins. Outro, de Óscar Lopes, num número da *Lusíada*[131], a sair antes do Natal. Todavia… sairão

[131] "Um livro, uma personalidade – *Os Avisos do Destino*, III vol. de *A Velha Casa*", *Lusíada*. Revista Ilustrada de Cultura (Porto), vol. 3, n.º 9, Dezembro de 1956: 61-79.

assim breve? Quando tenha mais vagar, talvez eu possa ajudá-lo um pouco nessa organização… oxalá possa, ou pudesse!

– Não gosto de enviar uma fotografia qualquer, ou fraca, aos que me fazem essa gentileza de quererem um retrato meu. Por isso estou esperando (vou ver se consigo tratar do caso activamente) que algum fotógrafo me tire uma coisa decente.

– E também vou tentar arranjar ou descobrir qualquer coisa para essa simpática *Planície* que, de facto, tenho recebido. Vejo-me bastante embaraçado com pedidos idênticos… pois já lá vai o tempo em que tinha sempre coisas disponíveis ao canto da gaveta!

– Por último: Ando escrevendo um ensaio sobre Teatro, que, seguindo-se-lhe uma espécie de Apêndice sobre o meu próprio Teatro, – daria um volumezinho jeitoso. Gostaria de o publicar na presente temporada teatral; (Talvez para me vingar de se ter gorado – parece que sim – a última tentativa de levar avante a representação de *Jacob e o Anjo*. Tentativa do Vasco Morgado… que o SNI[132] tem contrariado de vários modos).

E eis tudo, por hoje, meu Amigo. Adeus, portanto, por hoje. Sempre com os meus agradecimentos, camarada e amigo certo,

José Régio

Com tudo isto, esquecia-me dizer que lhe devolvo amanhã as provas de *As Encruzilhadas*!

*

Lisboa, 27 de Novembro – 56.
Meu querido Amigo,

Desculpe-me a demora de notícias, que só hoje me são possíveis.

Sei que o Sr. Raul Dias recebeu hoje uma carta sua e que lhe vai responder afirmativamente. Sei também que a edição lhe agradou, o que me satisfaz, pois pus toda a minha boa vontade nos respectivos trabalhos. É talvez a edição mais bonita de quantas cá tem feito, e é de crer que as futuras não lhe sejam inferiores.

O desenhador, Ribeiro de Pavia, esteve cá hoje e ficou também satisfeito com a impressão. Ele pede-lhe o favor de autografar o seu exemplar, e eu aproveito para lhe pedir o mesmo. E, já agora, seria interessante autografar também, se assim o desejar, os dos meus patrões, srs. R. Dias e Agostinho Fernandes.

---

[132] Embora mais conhecido por Secretariado Nacional de Informação, era, de facto, Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (1945), sucedendo ao SPN – Secretariado de Propaganda Nacional (1933). Será SEIT – Secretariado de Estado da Informação e Turismo a partir de 1968.

Para evitar maçadas com a devolução dos volumes, que os correios sempre amachucam, envio-lhe os respectivos oitavos, acrescentando mais 17 que, por se destinaram a pessoas que já se têm ocupado da sua Obra na imprensa, seria talvez conveniente autografar. Se alguns, porém, não forem do seu agrado ou simpatia, poderá substituí-los por outros, ou simplesmente devolver as folhas em branco. O meu querido Amigo fará como quiser.

O Pavia sugeriu uma montra, na Livraria Portugal, com os originais dos desenhos a acompanharem o livro, – ideia que me parece óptima como publicidade. E lembrei-me de que seria uma bela oportunidade de expor, também, um retrato seu, – grande, de preferência pintado ou desenhado. Se concordar e quiser enviá-lo, posso garantir-lhe que terei o maior cuidado e lho devolverei imediatamente depois dessa exposição.

Contam pôr as *Encruzilhadas* à venda a partir do próximo dia 3. A época é a melhor para a venda de livros, e estou certo de que esta edição vai ter um grande êxito.

E quanto ao livro sobre Teatro, que me diz? Está muito adiantado?

Quando terei o prazer de vê-lo de novo em Lisboa?

A nossa amiga Irene vai publicar, na Bertrand (onde já estava há dois anos), a novela *Voltar Atrás para Quê?*. Li o original e considero-o um dos melhores livros dela.

Gostou de *O Pouco e o Muito*?[133]

Aguardando as suas notícias, sempre bem-vindas, sou o seu muito Amigo que o abraça, afectuosamente,

Luís Amaro.

P. S. – Desde já, os meus agradecimentos por valorizar o meu exemplar.

República: Artur Inez
Jornal de Letras – Rio de Janeiro
Jornal de Notícias: Ramos de Almeida
Diário de Notícias: Natércia Freire
João Gaspar Simões
O Século: Acúrcio Pereira
Diário de Lisboa: Artur Portela
Novidades: M.[134] Moreira das Neves
Revista *4 Ventos* – Amândio César
A Voz: P.[135] Dinis da Luz
Brotéria: P. Manuel Antunes

---

133 Esta "Crónica Urbana" de Irene Lisboa saiu em 1956, na Portugália.

134 Monsenhor.

135 Padre.

O Século Ilustrado: Guedes de Amorim
Diário do Alentejo: Julião Quintinha
Viagem: Rebelo de Bettencourt
Diário Popular: David Mourão-Ferreira
Cunha Leão
O Comércio do Porto: Óscar Lopes

*

Portalegre
5/12/56

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta e os oitavos para autografar. Amanhã lhe reenviarei os ditos oitavos, (não pôde ser mais cedo, pois estou cheio de trabalho) sobre os quais só tenho a advertir o seguinte: Autografei com os nomes dos destinatários, – primeiro as gentes cuja boa vontade fez sair a edição, e a fez tal qual é: O meu Amigo, o Ribeiro de Pavia e os editores; segundo, aqueles críticos de quem sou pessoalmente amigo. Dediquei "ao crítico literário de..." aqueles exemplares destinados a críticos a quem me não liga amizade pessoal. Peço para não ser enviado nenhum exemplar ao jornal *República*, – ao qual não destinei nenhum exemplar. Também só destinei um exemplar para o *Diário Popular*. Os dois exemplares que, portanto, sobraram, rubriquei-os um para a revista *Vértice* (é uma espécie de pequena experiência), outro para o *Diário Ilustrado*, jornal recente cuja página literária é dirigida pelo Amândio César.

Oxalá, agora, o livro se vá vendendo regularmente.

Quanto a retrato para a montra, nem tenho nenhuma foto em condições, (já lá vai alguma que tive) nem pintura ou desenho que seja fácil fazer-lhe chegar às mãos. Aliás, não simpatizo muito com a exibição de retratos, que a meu ver nada dizem das obras. É reclame, bem sei, é meio de chamar a atenção. Mas creio que, para isso, bastarão as ilustrações do Ribeiro de Pavia.

O ensaio sobre Teatro tem estado um pouco suspenso, devido a outros afazeres. Mas espero retomá-lo breve. Tenho sempre tantos projectos, que esses "outros afazeres" vão adiando indefinidamente!

Gostei muito do último livro da Irene. Se estiver com Ela, diga-lho, e diga-lhe que lhe vou escrever; e que fiquei satisfeito com saber que vai aparecer outro seu livro.

A Lisboa, já não irei senão depois das férias do Natal. Em indo aparecerei por aí. Adeus, por hoje, e desculpe esta precipitação de escrita, sempre devida ao mesmo. Um abraço do amigo

José Régio

*

9 – XII [1956].
Meu querido Amigo:

Finalmente, chegou o seu romance![136] Que seja bem-vindo. Que livro enorme! Não admira que, em tipografia pequena, levasse um ano a compor...

Estou ansioso por lê-lo, tanto mais que conheço os anteriores.

Para lhe ser sincero, não achei assim tão feia a apresentação: Provinciana, sim, mas decente; e, afinal, a capa é no género da do *Jogo da Cabra Cega*, se bem me lembro pelo exemplar que o Ventura Ferreira me emprestou há muitos anos (tantos, que o tempo *pulverizou* até as nossas relações...). Ainda a propósito deste livro: vi-o incluído, há tempos, no catálogo dum alfarrabista, por 50$00. Pensei logo em adquiri-lo – essa preciosidade bibliográfica que é, também, um dos nossos romances mais importantes. Mas não me apressei e, quando fui à loja do livreiro, já o exemplar tinha *voado*... "Tomara eu muitos!", disse-me o homenzinho.

O seu romance de agora será distribuído, o mais breve possível, logo que se conclua outra edição da casa, ainda a ultimar. Aos distribuidores convém sempre juntar dois e três livros, ou mais, numa distribuição, poupando assim trabalho de facturas, portes, embalagens...

Acho imprescindível – já que mo pergunta – que se ofereçam exemplares à Imprensa. Além da propaganda, os *críticos* interpretariam o não-envio como desprezo pelas suas actividades jornalísticas – e, afinal, alguns não são maus rapazes... Lembro-lhe o João Pedro de Andrade, e, claro, o Gaspar Simões – que aos volumes anteriores dedicou artigos.

Não seria mau também pôr dois ou três anúncios nas páginas literárias, mas ignoro se os editores falaram nisso aos distribuidores (ou vice-versa).

Junto, para sua melhor elucidação, uma lista da Imprensa a quem costumamos enviar as edições. Se quiser, pròpriamente aos jornais poderemos remeter daqui; para os críticos, individualmente, convinha que o Autor oferecesse.

Fico esperando, com todo o interesse, notícias suas sobre este assunto.

Lembre-se, meu querido Amigo, que alguns consagrados autores de hoje devem a sua aura a uma publicidadezinha bem montada. O próprio grande Aquilino não a descura.

A *Biografia* está quase pronta. Estou ansioso por vê-la na rua, mas ainda demorará uma ou duas semanas.

---

136 *A Velha Casa*. III – *Os Avisos do Destino*.

Foi para mim novidade a nova antologia de *Poesia para o Povo*[137].

Conheci ontem o escritor espanhol Ildefonso Manuel Gil[138], – um grande admirador seu. Ele e o Fernando Namora encaram a possibilidade de traduzir para espanhol *O Príncipe com Orelhas de Burro*. Parece que o I. M. Gil aguarda, há tempos, carta sua sobre qualquer assunto editorial de interesse. A morada dele em Zaragoza (para onde regressa hoje ou amanhã) é: Colégio Maior Cerbuna – Ciudad Universitaria – Zaragoza.

O Sr. Raul Dias disse-me hoje que gostaria de reeditar *A Chaga do Lado*, ainda que numa tiragem mais pequena que as últimas.

Fico-me por aqui, desejando-lhe a melhor saúde. Creia sempre seu muito dedicado e amigo o

Luís Amaro.

*

Para o grande e querido Poeta, os votos de um Natal e Ano Novo muito felizes do

Luís Amaro[139]

*

Portalegre
22/1/57

Meu bom Amigo:

Desculpe-me se tarde agradeço e retribuo – e muito sinceramente retribuo – os seus votos de Boas-Festas e bom Ano.

Infelizmente, as minhas festas, este ano, foram tristes: Fui encontrar bastante doente meu pai, que tem oitenta anos feitos; e ainda outras doenças em casa. Tenho andado eu próprio atormentado com coisas nervosas – alérgicas, dizem hoje; e eu devo ser, na verdade, um grande alérgico.

Resolvi, pois, desistir das ilustrações para o *Fado*, ou, antes, adiá-las para o *Mas Deus É Grande*, com cujo carácter poderão estar mais de acordo as minhas tentativas de ilustrador. A verdade é que tenho de conseguir o máximo de repouso possível, se quiser ainda fazer alguma coisinha do muito que ainda me faltaria fazer!

Acabo de escrever ao Senhor Raul Dias neste sentido, lembrando-lhe o nome do Stuart como ilustrador do *Fado*. Não acha que poderá (se renun-

---

137 *Poesia de Ontem e de Hoje para o Nosso Povo Ler*, Lisboa, Campanha Nacional de Educação de Adultos, Colecção Educativa, 1956; 2.ª ed., 1965; 3.ª ed., 1969.

138 1912-2003. Republicano antifranquista, que se exilou nos Estados Unidos.

139 Postal do Museu de Vila do Conde, "Terracota por J. Vieira (1955)".

ciar um pouco ao ligeiro, anedótico ou jornalístico dos seus apontamentos) ser o ilustrador ideal desse livro? Sempre tive grande admiração pelo Stuart, que, no meu entender, não é considerado como merece.

As Encruzilhadas ter-se-ão vendido alguma coisa?

Com muito gosto receberá notícias suas o seu amigo

José Régio

*

Portalegre
13/2/57

Meu prezado Amigo:

Só hoje escrevo ao Senhor Raul Dias acusando a recepção do prospecto de propaganda dos meus livros de versos. Tendo [Tenho] tido sempre trabalho e preocupações a mais, com saúde a menos. De aí esta demora. O prospecto está esplendidamente organizado (pelo menos, no sentido de fazer valer as minhas coisas poéticas!), e, sem dúvida, entrou nisso o carinhoso empenho que o meu Amigo põe em tudo que diga respeito aos meus livros. Portanto, mais um muito obrigado!

Aqui há tempos, escrevi ao Senhor R. Dias participando-lhe que renunciara a ilustrar o *Fado*, (em princípio, fica o projecto adiado para o *Mas Deus É Grande*) e lembrando-lhe o nome do Stuart para o ilustrar. Acho que o grande talento do Stuart se perde, em parte, nas anedotas jornalísticas, – e que ele poderia dar a medida do seu valor num livro que lhe exigisse um pouco mais. Sabe alguma coisa a respeito de tal assunto?

Como não posso contentar-me só com reedições, quero publicar este ano qualquer livro. Não, por enquanto, o 4.º volume d'*A Velha Casa* ou a nova peça em que trabalho, – pois são coisas ainda não para já. Tenho, porém, um ensaio sobre Teatro (quase pronto) que dará um pequeno volume, e um novo volume de Teatro – *Três Peças num Acto* – a que só faltam uns retoques e a passagem a limpo. Não sei se um ou outro destes... projectos poderia interessar à Portugália. Que lhe parece?, *francamente*.

Estava com ideias de ir aí a Lisboa agora pelas festas à Rainha: Um pretexto para espairecer um pouco. Mas o tempo está tão ruim, que quase desanimei de todo. Gosto de Lisboa com sol! Vamos a ver, até sábado ou domingo. Se for, bem certo que lhe aparecerei.

Até à vista, pois, ou até qualquer nova carta, seu camarada e amigo certo,

José Régio

*

27 de Fevereiro [1957].
Meu querido Amigo:

Peço-lhe que me perdoe este longo silêncio. Tenho tido, ùltimamente, muito e muito que fazer – e ainda por cima, para ganhar mais uns escudos, me estafo a trabalhar fora do emprego (adeus, leituras gratuitas, devaneios, poesia! Vou ficando um prático, um materialão...).

Mas não o esqueço nunca, no meio deste aparente divórcio das coisas do espírito. Como poderia esquecer quem considero, mais do que um Mestre, um Amigo? (Não me responda, como Junqueiro ao barbeiro: "freguês, freguês...")

Evidentemente que, depois do êxito que têm sido os seus livros na Portugália, o ambiente lhe é absolutamente propício para qualquer edição, ainda que menos comercial, como me parece ser o ensaio sobre Teatro. É longo, esse ensaio? Poderíamos fazer uma ediçãozinha bonita, desse e doutros ensaios seus esgotados.

Aconselho-o, portanto, a dirigir-se directamente à Portugália, enviando o manuscrito e propondo-lhe condições (e particular e confidencialmente sublinho à *Portugália*, e não só ao Sr. R. D., porque o outro sócio – que é, afinal, o *eixo* da casa, – Sr. A. Fernandes, está ùltimamente interessado em colaborar na orientação da casa. Portanto, no seu caso, eu dirigiria a proposta à gerência da P. E.; ou, para evitar que o Sr. R. D. desconfie que eu lhe fiz qualquer prevenção a este respeito, simplesmente à Port. Editora. Como será melhor? A minha posição, aqui, é um pouco entre a espada e a parede...).

De qualquer modo, agradeço-lhe infinitamente que dê as suas preferências editoriais, para todos os seus livros, à P. E. E um dia poderá vir – virá, realmente? Tenho tão pouca sorte... – em que eu possa, com mais liberdade, tratar consigo destes assuntos que me são tão caros.

Se tiver dúvidas, diga-me, entretanto, alguma coisa.

Uma boa notícia: da 4.ª edição dos *Poemas de Deus* restam, em depósito, não muitos exemplares. Mas, estando ainda muito espalhada pela Província e agentes, claro que seria prematuro dá-la como esgotada. Em todo o caso, se nos lembrarmos que a tiragem foi de 3.000 exs., é óptimo e excepcionalíssimo o que lhe digo.

Simpática a homenagem de *A Planície* de hoje à Irene Lisboa[140]. Ela, coitada, apanhou agora um grande susto, porque a Censura requisitou, para os respectivos editores, o *Pouco e o Muito* e o *Voltar Atrás* (1 ex. de cada, para leitura). Depois de uma semana de ansiedade e febril expectati-

[140] Ano V, n.º 110, 15-II-1957. Régio assina "Uma palavra sobre Irene Lisboa".

va da parte da autora (que pessoa nervosa, que imaginação atormentada!), telefonaram hoje da Mesa Censória a dizer que, para não prejudicarem as casas editoras, não apreendiam os livros; mas que, de futuro, as obras desta escritora teriam de ir prèviamente ao seu *imprimatur*, pois acharam estas excessivamente ousadas ou perigosas…

(Mais uma notícia confidencial – e que peço guarde para si, dado o melindre do assunto.)

E, sem mais tempo por hoje, e aguardando sempre as suas notícias bem-vindas, sou, com um grande e grato abraço, o

Luís Amaro.

P. S. – Do *Fado* não falo porque sou alheio ao assunto das ilustrações. Mas o J. Gil (que aliás primeiramente confessou que o artista ideal para este livro seria o Bernardo Marques) mostra-se muitíssimo interessado em fazer os desenhos, pela projecção que isso teria para o seu nome de jovem artista. Mas eu, como lhe disse, sou alheio a isto – e claro que preferiria o artista que o meu Amigo elegeu de início: e não o deixaria em paz enquanto ele não desse os trabalhos.

Mais um abraço do LAmaro.

*

Particular
19 de Março [1957].
Meu querido Amigo:

Sei que tem andado preocupado com a saúde de seu Pai e faço os melhores votos por que Ele melhore e se recomponha em breve. Também eu me atormento – embora, conhecedores da minha sensibilidade extrema, a família me esconda pormenores – com a saúde da pessoa que mais amo no mundo: minha Mãe. Por isso sei avaliar a sua apreensão.

Querido Amigo, – lembra-se do que lhe disse, na minha última carta, sobre as susceptibilidades e a "guerra fria" entre os dois sócios da casa? Pois a sua carta de há dias veio, sem que o meu Amigo o sonhasse, motivar uma cisão violenta, cujos resultados não sei ainda quais serão. Mas não se apoquente, porque está inocente de todas essas lutas e conflitos! O Sr. A. F., que na casa tem investido um capital de muitas centenas de contos (creio que cerca de dois milhares!), tem querido, nos últimos anos – depois de um afastamento justificado pela sua vida industrial, tão diferente deste *métier* – intervir na direcção e orientação da casa. O Sr. R. D., por sua vez, não tem querido abdicar da sua autocracia. A origem do desentendimento está nisto.

Ora o Sr. A. F., que, como sabe, é um grande amador de arte, tem acompanhado com interesse o assunto das ilustrações para o *Fado*. Mas enviaram-lhe os desenhos do Gil sem lhos mostrarem prèviamente (já tinham escolhido esse artista sem o consultarem). E, agora, quando veio a sua carta *dirigida* ao Sr. R. D., a questão azedou-se... Não entrarei em mais pormenores, mas digo-lhe só isto:

1) Acho da maior vantagem que toda a sua correspondência seja endereçada à *gerência da P. E.*

2) Eu não desejaria, porém, ver-me privado das suas notícias particulares, que tanto me honram, e estou sempre ao seu despor [*sic*] para tudo que de mim necessite. Agradeço, por isso, que enderece a sua correspondência para mim – que tanto lhe agradeço! – para a m/ morada – Avenida da Liberdade, 53 – 3º Dtº.

3) O seu desejo de que o livro seja ilustrado pelo Stuart será satisfeito – digo-lho confidencialmente mas com a garantia de que nisso está empenhado o Sr. A. F. É, realmente, o ilustrador ideal para o livro. Tem toda a razão na sua escolha. (E isto, afinal, é o que mais me leva a escrever-lhe – até porque o Sr. A. F. disso me encarregou. Claro que a resposta à sua carta lhe será dada directamente pelo Sr. R. D.)

E, por hoje, é só... Não se apoquente com o que lhe digo (pedindo a natural reserva). Tanto o meu Amigo como eu somos alheios ao que se passa, de resultados ainda imprevisíveis; a história, aliás, vem de longe e tem muitas ramificações. Como não percebo nada de negócios, não a entendo bem no aspecto puramente comercial. O que não impede que forme sobre tudo isto o meu conceito – que, em vista dos meus desabafos anteriores, já o meu Amigo pode calcular qual é.

Pedindo-lhe desculpa desta negligência de estilo, e renovando os meus votos pelas melhoras de seu querido Pai, sou, com um abraço muito amigo, o seu grato

Luís Amaro.

*

25 de Abril [1957; telegrama]

Um grande e comovido abraço do seu amigo de sempre =
Luiz Amaro

*

Lisboa, 9 de Maio de 1957.
Meu bom Amigo,

Renovo o sentido abraço que lhe mandei, por telegrama, quando da triste nova do falecimento de seu querido Pai. Creia que sinto o seu des-

gosto e que desejaria poder levar-lhe algum conforto moral – além da amizade, da simpatia, da admiração que sempre e sempre lhe dedico. Mas reconheço que nem eu, nem ninguém, o poderá consolar da irreparável perda que sofreu, e que só o tempo poderá cicatrizar tamanha ferida na sua alma sensibilíssima. Limito-me, pois, a desejar-lhe coragem e ânimo.

Não é de surpreender o seu silêncio sobre os desenhos para o *Fado*, que já vieram devolvidos de Vila do Conde. O Stuart continua a trabalhar neles, e oxalá que seja possível lançar o livro por estes meses mais próximos.

Quando dispuser de alguns momentos de mais disposição ou vagar, agradecia-lhe muito que me desse as suas notícias, de que já tenho saudades. Gostaria que me falasse, também, do seu projecto de publicação dum livro inédito (sobre Teatro?), ou que me enviasse mesmo o original, para eu tratar do caso junto dos editores. Para maior à vontade nas nossas relações, agradeço que me enderece sempre a correspondência para a minha morada particular – Avenida da Liberdade, 53-3º Dtº.

Uma pequena sugestão: Porque não aumenta esta nova edição do *Fado* com o "Fado do Alentejo", que o Eugénio Lisboa (e eu também) tanto admira?

Desculpe-me falar-lhe destes assuntos, e receba, uma vez mais, o comovido abraço do seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
26/5/57

Meu prezado Amigo:

Desculpe-me a demora destas notícias, demora que, desta vez, tem alguma justificação. Tenho andado perturbado, doente, e cheio de trabalho atrazado [*sic*]. As minhas reacções mais penosas são, ou vêm sempre, *depois*. E, ao menos por enquanto, ou que eu saiba, as minhas doenças são quase sempre de origem nervosa. Procuro, agora, reagir contra essas "reacções nervosas", e voltar à normalidade da minha vida. Como sempre que sinto necessidade de fugir a realidades actuais e dolorosas, refugio-me na criação literária, que é um meio de viver outras vidas, noutros ambientes e climas. Tenho, pois, trabalhado (tanto quanto mo permitem os outros trabalhos atrazados) no quarto volume de *A Velha Casa* que quereria terminar dentro de alguns meses. Mas isso... veremos. Para agora, bem gostaria de publicar qualquer coisa. Seria um modo de me distrair, de me interessar; embora a publicação de qualquer livro que não seja de versos (pelos de versos *convencionaram* até os críticos menos meus simpatizantes mostrar deferência) quase só me revele incompreensões e más vonta-

des mal disfarçadas sob a aparência de críticas. Ora pergunta o meu Amigo se não tenho algum livro inédito. E eu tenho mais ou menos pronto um volume de teatro, *Três Peças num Acto*, que de bom grado atiraria cá para fora, só para poder pensar livremente noutra peça em três actos. A reedição das minhas coisas em verso quase me impede de publicar livros inéditos, pelo medo... de ser José Régio a mais. No entanto, agora, dado que *As Encruzilhadas* já saíram há algum tempo, e os vagares do Stuart podem demorar o aparecimento do *Fado*, talvez se pudesse meter de permeio... as *Três Peças num Acto*. Demais, as coisas de Teatro andam agora muito debatidas em páginas literárias e revistas. Que diria a isto a Portugália Editora? O volume, a sair, sairia – ou sairá quando sair – integrado na minha pequena colecção teatral, isto é, com uma capa igual à das outras peças. Das três peças, não é inédita a primeira, *Três Máscaras*, que saiu na primeira edição do *Jacob e o Anjo*, há muito esgotada. Sairá agora na *refundição definitiva*. A segunda peça chama-se *O Meu Caso*, e rotula-se de *farsa em 1 Acto*. A terceira, inspirada no suicídio (e vida) de Sá-Carneiro, chama-se *Mário, ou Eu-Próprio-o-Outro*, *tragi-comédia em 1 Acto*. Poderia, repito, interessar isto à Portugália? E que me diz o meu Amigo ao plano? A não ser, se achar isso conveniente, aos hipotéticos editores, peço-lhe para não falar a ninguém nas tais *Três Peças num Acto*, nem no que as compõe. Não gosto, nem sei bem porquê, de saber falado qualquer meu livro antes de vir à luz pública; embora goste, por vezes até de mais, de falar deles aos amigos íntimos.

Bem, adeus por hoje. Talvez me resolva a ir aí a Lisboa lá para meados do mês que vem, nas chamadas "férias de ponto". E cá fico esperando as suas notícias. Amigo certo,

José Régio

P. S. Ia para lhe agradecer *oficialmente*, por um cartão, o telegrama que me enviou pelo falecimento de meu Pai. Mas... aqui lho agradeço. J. R.

*

31 de Maio [1957].

Meu bom Amigo:

Peço-lhe que me desculpe este papel de apontamentos em que lhe escrevo, mas, para não demorar ou adiar a resposta à sua carta, resolvo aproveitar estas folhas e uns instantes de trégua nos meus muitos afazeres.

Agradeço-lhe a carta que me escreveu, e só desejo que se vá recompondo do grande, irremediável desgosto por que passou. "Faze da tua dor

um poema" – lá diz o verso tão conhecido que já é lugar-comum[141]. Eu creio que o meu Amigo tem ainda belas e grandes coisas a dizer, e que do seu refúgio na Arte, na Poesia, não só beneficiará a sua alma conturbada como a de muitos dos seus leitores – cujos dramas e angústias se encontram nos seus versos, na sua Obra. Eu sou um deles, e por isso me sorrio interiormente, muitas vezes, quando vejo certos meninos burgueses (ainda que superiormente dotados de inteligência e sensibilidade, mas sem a *infernal* experiência humana que eu possuo) arvorados em seus discípulos... Eles, bem nascidos, bem instalados na vida, casadinhos e com família a confortá-los e ampará-los, sabem lá o que é o inferno da solidão total, do ter que aturar patrões desde criança (e alguns verdadeiras feras), da falta de saúde, da Noite – sempre e sempre a atormentar-nos os sentidos!... E ainda da pobreza, da insegurança, do pavor do amanhã.

Desculpe a divagação. Falemos do seu novo livro:

Expus o assunto à gerência da P. E., que aceitou – pudera! – a sua sugestão. Tratando-se, porém, dum livro de Teatro (género menos vendável, como sabe) eles propõem (e a mim parece-me sensato) uma tiragem menor que a dos livros de Poesia: metade, até. Em vez dos 3.000 exs. habituais, 1.500. Qual a sua opinião?

Agradeço me diga sinceramente o que pensa, e – para poupar tempo – me exponha mesmo, a fim de as transmitir à gerência, as suas condições, que eles confirmarão por carta, oficialmente, – como aliás se tem feito com os outros livros.

Aguarda, e envia-lhe um forte abraço, o sempre grato e devotado

Luís Amaro.

*

Portalegre
2/6/57

Meu prezado Amigo:

Também, para não adiar, já hoje respondo, aproveitando uma tarde de domingo sòzinho na *Toca*, como tantas outras. E obrigado por tudo que me diz. Creio que a maior consolação que pode ter um poeta, um escritor em geral, é saber que nos seus livros poderão encontrar muitos amigos desconhecidos uma expressão (e porventura, até, algum alívio) dos seus próprios dramas deles. Quando, às vezes, aqui, me pesa por demais a solidão – cada vez maior – procuro consolar-me dizendo a mim mesmo: "És ingrato para com Deus! A estas horas, alguém estará lendo um livro teu, acompanhando-te sem que o saibas…"

[141] Título-verso de Goethe.

Obrigado, também, pela sua actuação em favor do meu livro. Concordo plenamente que a edição seja mais pequena. Sei bem que, dos meus livros, são os de versos que se vendem melhor, embora os não tenha eu por melhores. Fiquemos, pois, nos 1.500 exemplares para venda. Acho que devem ir além desses (que serão para venda) os exemplares para bibliotecas, imprensa, etc., e para mim próprio. Só eu preciso de receber 100 exemplares, – *fará isto parte do contracto*. Quanto aos direitos de autor, só ponho uma condição, que é a doutras vezes: *recebê-los integralmente contra entrega do original*. Mas a Casa é que verá o que me poderá dar, pois poderá fazer melhor os seus cálculos. De modo nenhum lhe quererei eu ficar pesado. Peço, pois, para me mandar dizer quanto lhe convém pagar-me, nas condições que eu disse, e creio que facilmente chegaremos a acordo.

Adeus por hoje, meu Amigo. Talvez vá a Lisboa no fim das aulas, talvez isso me faça algum bem. E, se for, procurarei aparecer-lhe. Antes disso, porém, ficarei aguardando uma resposta. Um abraço deste seu amigo,

José Régio

*

4 de Junho [1957].
Meu querido Amigo:

Respondo já, em duas breves linhas, à sua carta de ontem, que muito lhe agradeço.

A gerência concorda com a sua condição (100 exemplares para ofertas suas) e propõe, pela 1.ª tiragem de 1.500 exemplares, a quantia de *3.500$00* – a pagar em troca do original. Se estiver de acordo, queira dirigir-se-lhe... oficialmente, expondo todas as condições, que eles confirmariam. Se achar pouco os 3.500$00... diga sinceramente o que acharia justo.

Os seus livros de teatro são, realmente, os que menos se vendem, de toda a sua Obra, apesar de a 1.ª edição do primeiro volume se ter esgotado. E os editores, como distribuem agora quase todos os seus livros, sabem muito bem isso, – daí a limitação das suas condições, que aliás decerto estariam despostos [*sic*] a rever, se houver da sua parte alguma objecção.

Uma boa notícia: os *Poemas* não estão longe de se esgotar, para o que contribui um pedido de algumas dezenas de exemplares que veio agora do Brasil (Livros de Portugal). Vamos a ver se as futuras reedições serão um pouco melhores gràficamente, pois até aqui têm sido excessivamente pobres. Do extremo luxo das “Velas e os Ventos” passou-se a uma modés-

tia popular que não condiz com o esplendor dos seus versos. Para o *Fado* já convenci o sr. R. D. a escolher um papel *offset* que, sem ser aparatoso, deve dar um bonito livro.

O Stuart continua a trabalhar nos desenhos...

Por hoje, e telegràficamente, é só isto. Um grande abraço do sempre seu agradecido amigo e admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
12/6/57

Meu prezado Amigo:

Não respondi mais cedo, porque os trabalhos do fim das aulas mo não têm permitido. É hoje o primeiro dia em que tenho a tarde livre, e, por isso, aqui vão estas linhas. Muito obrigado pelas suas boas diligências junto da gerência da Portugália. Sei que os meus livros de teatro (posto sejam, no meu juízo, dos que mais hão-de perdurar) são os que menos se vendem. Aliás, as obras de teatro têm sempre poucos compradores. Aceito, pois, perfeitamente, a importância de 3.500$00 pela primeira tiragem, de 1.500 exemplares. Vou escrever à Gerência nesse sentido, e desde já poderá o meu Amigo prevenir disso os gerentes. Prefiro que ganhe a Casa alguma coisa, ou, pelo menos, não perca. Estou a acabar de copiar o original, e, com as breves férias que tenho agora, depressa o terminarei. Apesar de tudo, ficará um volume bem meu, e bem característico do meu teatro, que, pelo menos, tem a virtude de não lisonjear os gostos vulgares. Quanto às edições dos meus livros de versos, que deixam o meu Amigo sempre descontente, – acho-as eu muito decentes. Pelo seu custo, ninguém poderá exigir mais! E eu quero-as acessíveis (mais ou menos) a toda a gente. Deverei enviar o original de *Três Peças em Um Acto* a alguém em particular, – ou simplesmente à Gerência da Portugália?

Por hoje vão só estas linhas apressadas, que estou ainda sob o cansaço, e até o desgosto, de *dar notas*. Um abraço do seu amigo

José Régio

*

18 de Junho [1957].
Meu bom Amigo:

Reparo agora que ainda não respondi a uma pergunta sua – sobre a pessoa a quem seria mais conveniente dirigir-se quanto à edição do Teatro. Sinceramente, e visto que a firma não é individual, acho melhor ende-

reçar a carta à Portugália Editora, ou à gerência da casa. Evitam-se, assim, atritos, ciúmes, e atitudes deselegantes…

Sei que o assunto das *Poesias de Amor* (aliás, camonianamente, *Alma Minha Gentil…*[142]) está bem encaminhado. E congratulo-me por, mais uma vez, ter cá na casa uma obra sua.

Que me diz ao violentíssimo artigo sobre o G. Simões, na última Página Literária do *Comércio do Porto*?[143] A nossa República das Letras vive disto – mas nem assim consegue avivar o interesse do público, que esgota tiragens de muitos milhares de traduções de modernos autores estrangeiros e deixa nas prateleiras (salvo as consabidas excepções e só em certos domínios) as obras dos autores nacionais…

Receba um grande abraço do seu amigo que muito gostaria de lho dar, pessoalmente, dentro em breve,

Luís Amaro.

*

18 de Setembro – 57.
Meu querido Poeta:

Depois deste silêncio demasiado prolongado, e de que lhe peço desculpa, aqui me tem a saudá-lo e a desejar-lhe a melhor saúde.

Estive em férias, e não muito longe de si: no Minho... Realizei, enfim, um velho sonho: conhecer a alegre paisagem do Norte, tão diferente da da minha terra – o Baixo Alentejo. Gostei tanto que o meu maior desejo é lá voltar... quando puder.

Pensei ainda em ir visitá-lo, mas receei ser importuno. Estive, de passagem forçada, em Póvoa de Varzim, com chuva e nevoeiro, e à volta passei pelo Porto – mas tão cansado, e tão ràpidamente, que só me avistei com um amigo (o poeta Egito Gonçalves) e esse mesmo por tê-lo encontrado casualmente.

Sei que o *Fado* está, finalmente, composto, e que o Stuart já entregou uma meia dúzia de desenhos. Será uma tragédia para lhe arrancar os restantes, que o Sr. Agostinho Fernandes pretende; mas porque se não contentam com os existentes? De resto, isto não atrasa, por enquanto, a edição – tanto mais que as ilustrações são impressas à parte.

Peço-lhe é toda a urgência na devolução das provas, que eu reverei

---

[142] *Alma Minha Gentil. Antologia da Poesia de Amor Portuguesa*, org. por José Régio e Alberto de Serpa, Portugália, 1957.

[143] Eduardo Lourenço, "A correspondência Pessoa – Simões e o mito da «Presença»", *O Comércio do Porto*, 12-VI-1957.

também e de que lhe enviarei 2.as. Agradecia-lhe muito que não demorasse, para *andarmos* com o livro.

Conto enviar-lhe provas do Teatro por toda esta semana.

Envia-lhe um grande abraço, e pede para o lembrar ao João Maria, o seu grato e dedicado

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
30/9/57

Meu prezado Amigo:

Sim, o silêncio já ia sendo longo. Mas, nesse capítulo, eu não tenho autoridade para falar. Agora o que lhe não desculpo facilmente é que, tendo estado tão perto de Vila do Conde, não tivesse procurado encontrar-se uma tarde comigo! Quase todas as tardes eu ia à Póvoa, ao Diana-Bar, onde me encontrava com alguns amigos. Teria bastado escrever-me um postal, a dizer-me que estava no Norte…, e facilmente teríamos combinado um encontro. "*Pensei ainda em ir visitá-lo, mas receei ser importuno.*" Isto admite-se?!

Posto o que (mas descontente) me volto para a parte prática desta carta: Devolvi-lhe hoje as segundas provas do *Fado*, e as primeiras duma parte das *Três Máscaras*. Vejo que ainda corrigiu, no *Fado*, coisas que me escaparam; e, já agora, espero, e desde já agradeço, uma revisão final cuidadosa como de costume. Três fados foram traduzidos para italiano por Leo Magnino ("Fado de Amor", "Fado dos Pobres" e "Fado das Ruas sem Sol") e publicados num volumezinho, com o original ao lado, pela editorial (?) Collana del Punto[144]. Ora, para mostrar certa gratidão ao tradutor, que nem conheço, eu quereria assinalar o facto nesta nova edição do *Fado*. Esqueceu-me falar nisto mais cedo. Mas creio que ainda seria possível fazer imprimir, em algumas das primeiras páginas do volume, (por exemplo: numa das que ficavam em branco) o seguinte: "O Fado de Amor", "Fado do[s] Pobres" e o "Fado das Ruas sem Sol" foram traduzidos para italiano pelo Professor Dr. Leo Magnino – tradução editada num volumezinho por Collana del Punto, Carucci Editore."[145] Será isto possível?

---

144 Ver Giorgio de Marchis, "3 Fados di José Régio", *in* Sonia Netto Salomão, Giorgio de Marchis, Simone Celani, org., *Italia, Portogallo, Brasile: Incontro [...]*, Roma, Edizione Nuova Cultura, 2014: 35-46 = "*3 Fados* de José Régio", *Estudos Regianos*, n.º 22 / 23, II Série, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, Janeiro 2016 / Dezembro 2017: 125-133.

145 Nota do Autor: (1) – Talvez na página das Obras do Autor?

Mantenho-me em Vila do Conde até ao próximo domingo, embora o Liceu comece antes. A verdade é que, nos últimos tempos, tenho tido pouca saúde, e fiquei esta semana *à experiência*. Irei, no fim dela, a Portalegre, podendo ir; mas sob reserva: Porque, não melhorando, pedirei uma licença mais longa por necessidade de tratamento, e pensarei na reforma. Sinto-me bastante cansado, além de perseguido por vários males. *Quando poderei ver os desenhos já feitos*? Seis não são os da conta?

Sem mais por hoje, um abraço do amigo e sempre obrigado,

José Régio

*

12 de Outubro [1957].

Meu querido Amigo:

Gostei muito de receber as suas notícias, ùltimamente tão raras, e só lamento que a sua saúde não seja tão boa quanto lhe desejam todos os que o admiram e estimam. Espero, no entanto, que essa crise seja passageira!

Enviei-lhe há dias as 2.as provas do Teatro – para Vila do Conde, onde suponho se encontra ainda.

E hoje recebi, e estou a revê-las, as últimas provas do *Fado*. Terei o maior cuidado ao confrontar as linhas por si emendadas anteriormente.

Uma coisa importante me esqueceu de lhe comunicar, a propósito deste livro: O Sr. Agostinho Fernandes viu, na antologia do Eugénio Lisboa, uma entusiástica referência ao seu "Fado do Alentejo"[146], que eu me lembro de ler, na devida altura, na *Variante*[147]. Ora, como o E. Lisboa lamentasse que esse poema não tenha sido ainda incluído em livro seu, o sr. A. F. lembrou-se de lhe sugerir a inclusão nesta edição do *Fado*, que ficaria assim mais enriquecida ainda. Tenho-me esquecido de lhe falar nisto. Qual a sua opinião?

Se resolver incluir o poema, agradeço me diga o mais breve possível – de preferência na volta do correio –, pois o livro deve começar a imprimir já para a semana.

Quanto aos desenhos do Stuart... estão alguns feitos, mas o Sr. Fernandes pretende arrancar-lhe um para cada poema, o que dificulta e complica tudo. Não sei se o livro sairá com tantos desenhos – cuja reprodução, em rotogravura[148], é caríssima, além do mais –, ou se a intenção do Sr. A. F. é

146 Título já antes referido, é "Fado Alentejano", como corrigido a seguir.

147 N.º 2, Inverno de 1943.

148 Impressão directa, sem passagem entre o papel e a imagem gravada no cilindro, também conhecida por processo em baixo-relevo. [SC]

a de ficar, para a sua colecção particular, com os que se não aproveitarem. De qualquer modo, tem sido uma tragédia para se *arrancar* os desenhos ao desgraçado artista, – bêbado, doente, insatisfeito e exigente com a sua própria obra, e parece que de não muito fácil trato...

Deseja-lhe a melhor saúde e espera uma resposta o seu

Luís Amaro.

*

Portalegre
16/10/57

Prezado Amigo:

Só hoje respondo, porque a sua carta foi para Vila do Conde quando eu já estava em Portalegre. De lá me veio devolvida. Vim para aqui *à experiência*. Como me não tenho sentido pior, (creio que a origem dos meus males é principalmente nervosa, embora haja outros) por cá me deixarei ir estando, e recomeçarei um novo ano.

Devolvi-lhe, há dois dias, as segundas provas da primeira parte de *Três Máscaras*. Sempre muito agradecido pelos seus cuidados na nova revisão que faz, pois bem vejo que, só por mim, ainda deixo escapar muita coisa. Quanto ao "Fado Alentejano" a que se refere o Eugénio Lisboa, já eu tinha escrito para aí (Talvez, até, ao meu Amigo?) que não entraria no livro *Fado*. Quero, tanto nas reedições que está fazendo a Portugália como em quaisquer outras possíveis – com excepção da *Biografia*, que sempre poderá inserir sonetos novos – nada alterar, já, nos meus livros de versos: nada acrescentar, nada tirar, nada corrigir. Pois, a modificá-los, muito faria, – e, no fim, resultariam obras híbridas. O "Fado Alentejano" fará parte dum volume de *inéditos e dispersos*, onde haverá uma parte que se chamará: "*Poemas que sobraram*"; os quais poemas serão, precisamente, os que poderiam ser incluídos nos meus outros livros, mas, por qualquer razão (até pela de serem compostos mais tarde), o não chegaram a ser.

Quanto aos desenhos para o *Fado*: Diga, da minha parte, ao Senhor Agostinho Fernandes que estou inquieto com essa ideia dum desenho para cada fado: Não irá isso encarecer muito um volume que eu desejo – *e este mais que qualquer outro!* – seja vendido a preços acessíveis? E quando estarão prontos todos esses desenhos?! Decerto, a ideia, em si, é amável…, e eu gostaria de ver cada um dos meus fados ilustrado. Mas não valerá a pena renunciar a tal gosto?

Também estou ansioso por conhecer os que já estão feitos! Não me poderiam ser mandados, e logo eu, depois, os devolveria?

E sem mais por hoje. Oxalá a composição de *Três Peças em Um Acto* não se arraste muito, pois gostaria de pôr esse volume na rua o mais depres-

sa possível. A televisão deu uma versão das *Três Máscaras*, que, segundo me dizem, (não a vi) não foi famosa. Ouviu alguma coisa a tal respeito?

Bem, um abraço do seu camarada e amigo,

José Régio

*

23 de Outubro – 57.
Meu bom Amigo:

Obrigado pela sua nova e esclarecedora carta.

Envio-lhe hoje mais provas do Teatro e as suas folhas impressas. Agradeço a possível urgência na devolução

Sobre os desenhos do Fado: – o Stuart já entregou, ao fim de grandes esforços da pessoa que se encarregou de lhos "arrancar", sete desenhos – e prometeu mais para esta semana (claro que os não entrega para já, tanto mais que está doente. Mas basta, para a nossa edição, que faça mais um, pois a impressão e o orçamento da rotogravura abrangem essa quantidade. O Sr. Fernandes se encarregará de, para o futuro, lhe obter os outros – para a sua colecção, a que, aliás, estes desenhos entregues já pertencem também.

Claro que serão submetidos à sua apreciação (digo-lhe desde já que são admiráveis: do melhor que o Stuart já fez). Mas como enviar-lhos? Pelo correio, sob registo e numa embalagem muito cuidada? O Sr. A. Fernandes preferiria que o meu Amigo, numa das suas visitas a Lisboa, nos desse o grande prazer da sua presença – e essa seria, realmente, uma oportunidade ideal. Mas virá o meu Amigo a Lisboa dentro em breve?

É esta a pergunta da minha carta de hoje, a que agradeço uma resposta tanto quanto possível urgente.

A composição vai começar a imprimir. Este livro, sem ser de luxo e mesmo sem os 15 desenhos, não ficará, realmente, uma edição popular, apesar da sua índole. O papel é melhor, a tipografia é melhor – e tudo isso, naturalmente, influirá no preço –, que não sei ainda qual seja, mas creio, no entanto, que se não afastará muito do das *Encruzilhadas*.

Aguardando as suas sempre bem-vindas notícias, sou, com um abraço, o sempre grato e sempre admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
27/10/57

Meu prezado Amigo:

Dado o meu estado de saúde sempre, agora, precário, não vejo muitas probabilidades de ir breve a Lisboa; (o que não quer dizer que, dum mo-

mento para outro, me não possa aparecer um amigo que me decida a ir no seu carro). Julgo que, registados e bem embalados, os desenhos viriam e regressariam sem novidade. Mas talvez o Snr. Agostinho Fernandes tenha receio, – e eu compreendo-o. Em tal caso, esperemos. Vamos a ver o que o *Acaso* nos proporciona. E, em último caso, os desenhos até poderiam ser impressos sem o meu beneplácito, pois, melhores ou piores, sempre serão de *qualidade*. Lembro-me agora que talvez a exposição da Fundação Gulbenkian, em que meu irmão também expõe, me resolva a ir a Lisboa…

Amanhã lhe devolvo as provas do novo volume de teatro. Tive de fazer várias correcções (sobretudo nos parêntesis das rubricas) para unificar com a parte já impressa. Confesso que estou morto por ver este volume pronto! Trabalho, actualmente, no 4.º volume de *A Velha Casa*. E, embora sem aplauso de ninguém, ou quase, – é um facto que o romance e o teatro me interessam hoje mais do que os livros de versos. Mas cada coisa tem o seu lugar!

Oxalá que o *Fado* não fique muito caro! Valha-me Deus, – este era precisamente o volume que eu queria mais acessível!

Um abraço do amigo

José Régio

*

Lisboa, 4 de Novembro de 1957.

Meu bom Amigo,

Os meus melhores votos pelas suas melhoras, e a esperança de que a sua doença seja, mais do que uma realidade física, uma crise moral passageira, dessas que atormentam as almas hipersensíveis dos verdadeiros Poetas.

Mandamos-lhe hoje, finalmente, os *sete* desenhos do Stuart, para o *FADO*. Esperávamos por mais um, para completar a série, mas, como a entrega deste último é problemática, resolvemos, para não demorar mais, enviar-lhos já hoje.

Agradecemos-lhe a devolução breve, com os devidos cuidados de embalagem, pois seria um grande desgosto, não só para o Sr. Agostinho Fernandes como para todos nós, que obras tão belas sofressem qualquer percalço na viagem.

A capa... o meu Amigo se pronunciará sobre ela, livremente, como é costume. Foi feita, espontâneamente, por um amigo nosso, desenhador de publicidade litográfica e grande amigo do Stuart; sem a intervenção dele e das suas idas semanais a Queluz (onde o artista mora), decerto não teria sido possível *arrancar* (é o termo!) estes desenhos ao grande e pobre artista.

Mas será esta razão moral – a gratidão – motivo suficiente para aceitar um trabalho que não diz com a profunda intenção do livro, nem com os desenhos – de tão rara qualidade –, nem sequer com a sobriedade gráfica da edição?...

Se o meu Amigo recusar este projecto de capa, agradeço o faça, porém, – como dizer? – em termos que possam ser lidos por aquele nosso citado amigo: pois que, sendo José Régio o principal juiz da questão, é a Ele que compete dizer a última palavra sobre o assunto.

Em meu entender, o ideal seria que o Stuart fizesse uma simples vinheta, susceptível de ser enquadrada na *maquette* tipográfica que, em correio à parte, lhe envio também, como prova do rosto do livro. (Peço-lhe, porém, – e desculpe insistir nisto – o especial favor de, na sua resposta, que convinha viesse dirigida à casa, não dar a entender que lhe fiz quaisquer sugestões! Há, neste caso, que respeitar a susceptibilidade de uma pessoa amável e gentil como foi o nosso amigo intermediário.)

Por estes dias irão também mais provas do TEATRO, que deve ficar pronto esta quinzena.

Tive há dias o prazer de estar, aqui em Lisboa, com o nosso Alberto de Serpa – que é, mesmo no convívio e apesar de não dar talvez essa impressão logo ao primeiro contacto, a mesma pura alma de Poeta que sempre foi.

Um grande abraço e a muita admiração e amizade do

Luís Amaro.

*

7 – XI – 57.

Meu bom Amigo:

Do coração lhe desejo melhor saúde!

Recebeu os desenhos – e a minha carta?

Esqueceu-me pedir-lhe um favor, de resto sugerido pelo Sr. A. Fernandes: Que, se a sua opinião for, como esperamos, favorável – seria do maior estímulo para o Artista que lhe dissesse uma palavra, em carta que, para ele, seria a melhor das recompensas. A morada é: Rua Conde Almeida Araújo, J P C – 1.º – Queluz.

Aqui fica a sugestão…

Agradeço nos devolva as 1.as páginas do *Fado*.

Um grande abraço e a estima do sempre devotado

Luís Amaro.

*

Portalegre
9/11/57

Meu prezado Amigo:

Como lhe escrevo à pressa, para não demorar mais a devolução da primeira folha do *Fado*, não tenho tempo para lhe repetir aqui umas observações (porventura sem importância) que na carta que óntem escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes faço a duas das ilustrações do Stuart. Não poderá o Senhor A. Fernandes mostrar-lhe essa carta? Mas as ilustrações agradaram-me muito! E eu estou muito satisfeito com ter insistido em que fosse o Stuart a ilustrar o *Fado*. Sempre sonhei com isso. Vou escrever ao nosso Artista... e não lhe tocarei nas tais observações. O Senhor A. Fernandes lhe tocará, se entender que vale a pena. Por mim, antes me inclino a pensar que nem vale, – dada a dificuldade que há em conseguir qualquer trabalho do ilustrador. Por aqui me fico, desculpe a precipitação destas linhas.

A propósito da capa para as *Três Peças em Um Acto*, julgo já ter prevenido que a quereria igual (só noutra cor) à que sempre tem servido para os meus volumes de Teatro. Geralmente não gostam dela, mas eu não desgosto; e, já agora, quero manter a mesma capa em todas as minhas peças..., pelo menos nas primeiras edições.

Um abraço do seu amigo sempre agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 13 de Novembro [1957].
Meu bom Amigo,

Recebemos os desenhos, mas não veio a capa. Peço-lhe o favor de ma enviar com urgência, para o desenhador trabalhar na segunda versão.

Vamos imprimir a capa do Teatro, seguindo as suas indicações. O desenho já está feito.

Como tem passado agora? Do coração desejo que tenha vencido essa crise!

Um abraço de muita amizade do seu Admirador de sempre

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. A. Fernandes vai escrever-lhe.

Desculpe esta linguagem telegráfica, mas estou extenuado, arrasado...

*

Meu prezado Amigo:

Como o livro deve estar para breve, – talvez se dispensassem, na tipografia, de me enviar a primeira folha e todas as de *Mário* e finais (que ainda não recebi) de *Três Peças em Um Acto*. Mas eu estimaria muito recebê-las, logo que pudesse ser. Poderei dever-lhe mais o favor de providenciar nesse sentido? Também quereria receber a direcção do Stuart Carvalhais, a quem ainda não escrevi por ignorá-la. Poderá, também, mandar-ma? Desculpe-me estas maçadas, sabendo eu que já tem trabalho a mais. E desculpe-me este cartão, escrito a correr ao final dum dia… Também de trabalho a mais! Um abraço deste seu amigo

José Régio

25/11/57

*

Lisboa, 26 – XI – 57.
Meu querido Poeta:

Seguem as últimas folhas do seu Teatro – que, como vê, fica "magrinho".

Se eu, ùltimamente, não andasse tão absorvido com diversos trabalhos, é possível que isto não acontecesse, pois teria chamado a atenção do editor para a finura do papel em relação ao tamanho do texto. Mas, infelizmente, muitíssimo preocupado com outros assuntos, escapou-me esse aspecto importante da edição. Aliás, quem tinha obrigação de o ter visto, logo de início, era o próprio editor – e não eu... Enfim, esperemos que, depois de brochado e com a capa (impressa numa cartolina forte), o livro fique com um pouco mais de aparência.

A capa vai ser impressa por estes dias, seguindo as suas indicações. Suponho que, no título, bastará pôr:

TRÊS PEÇAS EM UM ACTO
Três Máscaras
O Meu Caso
Mário ou Eu próprio – o Outro,

sem necessidade de especificações.

Segue também, pelo correio registado, a nova *maquette* para a capa do *Fado*. Oxalá agora esteja à sua vontade – apesar de o desenhador não ter seguido inteiramente os seus desenhos: letras em fundo escuro, e desiguais. Ele achou (ou receou) que ficaria muito soturna.

Agradeço-lhe, em caso de aquiescência, que nos devolva essa *maquette* na volta do correio. Poderá ser?

Os desenhos (6, excluindo o da "Toada de Portalegre") seguiram ontem para o gravador. O livro tem que estar pronto, forçosamente, antes do Natal. O maroto do Stuart atrasou isto tudo de uma maneira diabólica.

Falta ainda imprimir um quarto final, no *Fado*, assim como as letras a cor, no rosto do livro.

Enviamos-lhe hoje as *Cartas a Columbano* (oferta e edição pròpriamente do Sr. Agostinho Fernandes, apesar de distribuída pela casa)[149] e a 2.ª edição da 2.ª série das *Líricas*, da qual o C. do N.[150] lamentàvelmente excluiu o Botto, a pretexto de ele lhe ter escrito um bilhete quase insultante, aquando da 1.ª edição. De nada valeram os meus rogos...

A propósito das *Cartas a Columbano*, queria pedir-lhe uma coisa: Nada menos do que um artigo! O livro merece-o, e o autor também. E eu ficar-lhe-ia muito grato!

Um grande abraço do seu velho Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – A morada do Stuart Carvalhais é a seguinte:
Rua Conde Almeida Araújo, J P C – 1.º
QUELUZ.

Mais um abraço do Luís Amaro.

*

4 de Dezembro [1957].
Meu querido Amigo:

É escusado dizer-lhe o quanto gostei de o ver por cá, – a íntima alegria que senti com o seu convívio, ainda que sempre breve e fugidio. Eu, que geralmente me sinto constrangido e contrafeito na convivência, tive verdadeiro prazer em vê-lo e ouvi-lo – e ainda mais por verificar que a sua disposição era boa. Eu é que estou hoje um tanto deprimido, preocupado, vagamente irritado... comigo próprio, em primeiro lugar, e também com a boçalidade dos outros que me cercam. A vida, para mim, é uma luta permanente, sem tréguas!

---

149 Columbano era o ídolo e modelo de Agostinho Fernandes. Luís Amaro responsabilizou-se pelo trabalho editorial e publicitário das *Cartas a Columbano*, que inauguravam Obras Completas. Reviu onze volumes (até 1961), não os dois últimos.

150 Cabral do Nascimento.

As publicações que têm de estar prontas até ao Natal também me afligem, como é natural. Só agora a antologia da Poesia de Amor vai começar a ser impressa!

E a propósito – o Serpa disse-me hoje que lhe enviou as provas do Prefácio, por causa de uma dúvida que tinha. *Seria um grande favor devolver-mas na volta do correio, sim?* (Desculpe o sublinhado...) Agora temos de ir "a nove"!

A capa do Teatro ficou muito bonita – a melhor de todos os seus volumes desta série. É pena ter ficado um volume tão pequeno, mas agora não há remédio.

Envio-lhe 30 cadernos do 1.º oitavo do livro, para fazer favor de autografar para os críticos... e para estes seus amigos. Permita-me enviar-lhe uma lista.

Se houver mais nomes a quem queira oferecer, mesmo das suas ofertas pessoais (Irene Lisboa, por exemplo) e para quem possam ser remetidos os exs. por nosso intermédio, queira acrescentá-los.

Agradecendo-lhe urgência – agora e sempre – sou, com um grande abraço, o seu muito Amigo e constante admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/12/57

Prezado Amigo:

Cheguei hoje a Portalegre, e cá vim encontrar as provas do Prefácio que me enviara o Serpa, decerto chegadas no próprio dia em que saí para Lisboa. Apresso-me a enviar-lhas, pois já nisso a minha ida a Lisboa causou atraso; (mas não me arrependo de ter ido, foi tempo bem aproveitado...). Faço algumas alterações, como verá, e preciso de ver eu próprio novas provas. Devolver-lhas-ei no mesmo dia em que me cheguem.

E adeus por hoje, que logo vim cair sob trabalhos forçados... As minhas cordeais lembranças ao Senhor Agostinho Fernandes, e um abraço para si do Amigo

José Régio

*

Portalegre
8/12/57

Prezado Amigo:

Também eu tive prazer em o ver, e passei em Lisboa muitas horas de que já tenho saudades. Quase sempre, a cada vez que lá vou, faço projec-

tos de lá ir mais vezes. Depois, apodera-se de mim a passividade alentejana. Vamos a ver se este ano dou realidade a tais projectos! Creio que não gostaria de viver sempre em Lisboa, – gosto muito do campo – mas a verdade é que sempre tenho prazer em lá ir. E a prova é que o meu Amigo me achou boa disposição, e na verdade eu a tinha, – quando também é verdade que nem sempre a tenho tido nos últimos tempos.

Recebi as folhas que me faltavam do *Fado*. Devolvi-lhe as provas do prefácio da Antologia, que vim encontrar quando cá cheguei, e a primeira folha, com as dedicatórias, do volume de Teatro. Enviarei pessoalmente o *volumezinho* à Irene Lisboa. Nas provas do prefácio, escrevi que precisava rever 2.as provas. Mas se tal atraza [*sic*] o aparecimento do livro confio ao meu Amigo o cuidado dessa revisão. Agora, um conselho que lhe queria pedir: Propõem-me, duma casa que ainda nem verifiquei bem qual seja, (não tenho agora à mão a carta da proposta) uma reedição de *Davam Grandes Passeios aos Domingos*... Acha que posso aceitar (não me interessa de maior), ou pensa que o Senhor A. Fernandes poderia estranhá-lo? Peço-lhe toda a franqueza, claro; e, sendo possível, uma resposta rápida... desculpe. Um abraço do seu amigo

José Régio

*

10 de Dezembro [1957].
Meu querido Poeta:

Enviei-lhe hoje os oitavos do *Fado*, para dedicar às mesmas pessoas – ou outras – a quem autografou o Teatro. (A propósito, tenho de lhe enviar uma capa deste.) Agradecia-lhe muito a devolução urgente, assim como lhe agradeço as boas palavras com que valorizou o meu exemplar do Teatro.

Para a semana já há livros brochados – tanto de um como de outro. Tudo isto, parecendo que não, dá tanto trabalho!...

As gravuras para o *Fado* começam amanhã a imprimir, e a capa deve também ficar pronta esta semana. Assim a Antologia estivesse adiantada!... É um problema, que me rala, a saída do livro antes do Natal. Muito terei que sofrer antes disso!...

Envio-lhe novas provas da 1.ª folha. A tipografia não fez, conscientemente, algumas alterações que o A. de Serpa marcara nas 1.as provas. Como é composição mecânica, eles poupam-se o mais possível... e além disso entenderam – com a aprovação do chefe, o nosso Luís Moita – que essas alterações não tinham razão de ser. Concordo com eles no que respeita ao corpo 8 redondo nas transcrições dos versos; realmente, se o tipo é menor, escusa de ser itálico.

O meu Amigo resolverá agora definitivamente (aliás, enviarei depois as provas novamente ao A. de Serpa).

Agradecia-lhe muito que me devolvesse as provas na *volta do correio*.

Gostaria de lhe escrever com tempo, mas agora é-me impossível. Limito-me, pois, a dizer-lhe, sobre as reedições ou edições dos livros seus, que todos nós, aqui, gostaríamos de ter a *exclusividade* das obras de José Régio. Isto diz tudo!...

E aos autores também convém ter editor certo, não concorda? A Bertrand tem o Aquilino, a Guimarães tem o Ferreira de Castro, – porque não há-de a Portugália ter José Régio?

O Sr. Agostinho Fernandes ficaria, realmente, desgostoso se o meu Amigo publicasse qualquer livro noutra casa. Eu creio que sempre nos entenderemos bem!...

Um grande abraço do seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
11/12/57

Prezado Amigo:

Acabo de mandar deitar ao correio as provas do prefácio, recebidas hoje. Por mim, aceito perfeitamente que não tenham sido feitas certas alterações indicadas pelo Serpa; (embora pense que a tipografia não *devia* arrogar-se o direito de as não fazer. Agora se o Senhor Luís Moita entendeu que tais alterações não tinham razão de ser, o caso é outro). O Serpa, às vezes, é rabugento nessas coisas. De modo que, dada a urgência de tempo, acho que o melhor seria não lhe enviar novas provas do prefácio, atirando para mim a responsabilidade dos não itálicos feitos..., e eu, depois, me entenderei com ele. Para grandes males, grandes remédios. O estar à espera da aprovação dele fará perder tempo...

Os oitavos do *Fado* devolver-lhos-ei amanhã ou depois. Eu também estou, agora, cheio de trabalho, e de vária espécie.

Quanto às reedições e edições dos meus livros: Decerto, só me conviria ter uma casa editora única para me editar. Sempre foi essa a minha vontade. Sucede, porém, que sempre me aparecem vários editores para os livros de versos, que se vendem, – e os mesmos se esquivam quando se trata dos meus livros em prosa, que se vendem muito menos. Assim, desde que um editor qualquer espontâneamente se me oferece para qualquer meu livro em prosa, – sinto-me inclinado a aceitar. *Aproveito*, é o caso. Tanto mais que tenho pouco feitio para andar a oferecer eu próprio às casas editoras

livros que sei não lhes darem grandes lucros. Se a Portugália quiser vir a ser a minha editora única, – isso, a mim, só me convirá, sobretudo porque me dará satisfação e sossego. Mas tem de pensar primeiro, – porque eu sou um homem que publica bastante, e em vários géneros! Creio, aliás, que a pouca venda de alguns dos meus livros em prosa se explica, também, em parte, pelos processos das casas suas editoras, que os não souberam *lançar*. Toda *A Velha Casa* se ressente da falta de reclame... que infelizmente é necessário.

E basta por hoje. Claro que não entregarei o *Davam Grandes Passeios aos Domingos...* à casa que se me oferecia, desde que me diz que o Snr. Agostinho Fernandes não gostaria que eu assim procedesse. De resto, não tenho grande urgência de reeditar essa obrinha, que precisa de algumas correcções. Outras coisas me interessam agora mais. Um abraço do seu amigo

José Régio

A capa do volume de teatro ficou muito boa. Servirá de modelo para os *futuros volumes de* teatro!

*

Portalegre
16/12/57

Meu prezado Amigo:

Só duas linhas a correr, para lhe dizer que estou aborrecido por ainda não ter podido devolver-lhe os oitavos do *Fado* com as dedicatórias! Esta última semana antes das férias do Natal é sempre terrível: Parece que tudo se junta para tomar o tempo. Consola-me a ideia de que os livros podem ser postos à venda mesmo antes de estarem concluídos estes que devem ser enviados a publicações ou a particulares. No entanto, vou ver se lhe envio amanhã os ditos oitavos. Também ainda nem pude escrever ao Stuart, mas também quero ver se ainda lhe escrevo hoje, ou amanhã. Calculo que o meu Amigo também deve andar atrapalhado... é o termo!

Um abraço do

José Régio

Nenhuns exemplares do Fado ou do Teatro me devem ser enviados sem eu dizer para onde. J. R.

*

24 – XII – 57.
Meu querido Amigo:

Fiquei contente com as suas breves palavras na carta de hoje do Alberto de Serpa. Ainda bem que gostou das edições – do *Fado*, especialmente, pois o Teatro foi menos feliz, com excepção da capa, que é talvez a mais bonita da série. A Antologia ficou um belo volume, apesar de o papel não ser o que se tinha encomendado. E, agora, até parece que os desenhos do Augusto Gomes já não são tão *fáceis* como se me afiguraram nos originais! Ele é realmente Artista, e naquela simplicidade há verdadeira consciência do seu ofício e uma sensível interpretação da Poesia.

Remetemos-lhe hoje 15 *Fados* para Vila do Conde, e mais Teatro*s*. Se precisar aí de mais, é favor dizer.

Sobre a quantidade de ofertas da Antologia – suas e do A. de Serpa – escrevo hoje a este nosso querido Amigo, e gostaria que as minhas palavras fossem compreendidas por ambos. Se virem, porém, que realmente Lisboa não tem razão (e, aqui, Lisboa é o editor...), queiram dizê-lo abertamente, sem o mínimo de receio de melindrar. Nós é que não queremos desgostar tão bons Amigos!

Queria pedir-lhe – ou antes, tornar a pedir-lhe – um favor: o de enviar umas palavrinhas ao Stuart (Rua Conde de Almeida Araújo, J P C – 1.º – Queluz), que poderiam, para maior facilidade e rapidez da sua parte, acompanhar um exemplar da obra. O artista manifestou, aliás, esse desejo: o de ter um livro autografado por si.

Obrigado!

Desejo-lhe, do coração, um bom Natal – com saúde, boa disposição, e esperança no futuro!

Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
[Dezembro de] 1957

Meu bom amigo:

Devolvo-lhe hoje – finalmente! – os oitavos do *Fado*. Os que assinei e dediquei são, de momento, os que me interessam que vão com a minha assinatura. Como se trata duma 2.ª edição, podem ir como oferta da casa àqueles a quem a Casa entenda dever enviar além dos autografados por mim. Já escrevi ao Stuart, e aí vai o oitavo do exemplar que lhe deve ser enviado. Também aqui recebi, e agradeço, exemplares do *Fado*, do Teatro

e da Antologia. Quanto ao número de exemplares desta, – estou perfeitamente de acordo.

De Portalegre, a que regresso dentro de dois ou três dias, lhe escreverei com mais vagar, se alguma coisa me esqueceu.

Um bom ano de 1958 é o que lhe deseja o seu amigo

José Régio

*

Portalegre
11/1/58

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje essa carta do Salgueiro, da Editorial Inquérito, e fiquei embaraçado. Ele quer resposta rápida, e eu não sei que lhe responda! Custa-me negar-lhe livros que ele foi o primeiro a editar. Mas, por outro lado, (e além de eu não ter pressa em todas essas reedições) as amargas experiências, amargas e irritantes, que ele me fez passar – não me permitem confiança em que tudo, agora, corresse pelo melhor. Sei que não posso, agora, irritar-me e afligir-me como dantes. Sobretudo para *A Velha Casa*, – o que me convinha era uma casa segura que dela se encarregasse definitivamente: reedições quando fossem necessárias, edição dos volumes futuros. Talvez, sobre este ponto, eu devesse consultar directamente o Snr. Agostinho Fernandes ou o Snr. Raul Dias. Quanto aos ensaios e ao *Príncipe*... Também tudo dependeria da atitude que a Portugália pudesse tomar. Embora me custe um pouco, sempre eu me resolveria a responder ao Salgueiro que a sua proposta veio tarde, e que já estou comprometido com outra casa para reedições futuras dos meus livros..., se nesta afirmação houvesse alguma verdade. Talvez o meu Amigo pudesse dizer-me qualquer coisa sobre a questão. Talvez possa, mesmo, mostrar esta carta a quem entenda. Ela vai escrita muito à pressa, para não haver mais demora. Como diz o essencial, aí vai. Pedia-lhe o favor de me devolver a carta do Salgueiro. E desculpe estas andanças em que o meto, sabendo que já tem bem em que pensar!

Um abraço do amigo maçador e agradecido,

José Régio

*

13 de Janeiro [1958].
Meu querido Amigo:

O correio entregou-me ontem, em casa (Av. da Liberdade, 53 – 3.º Dt.º), a sua carta, embora viesse dirigida para a Editora.

E hoje de manhã, como me sentia adoentado e deprimido, fiquei a descansar, não tendo ainda visto o Sr. A. Fernandes. Já falei com o Sr. R. Dias, cujo desejo é – como o de todos nós – que a Portugália seja a Editora dos seus livros. A opinião do Sr. Fernandes, já anteriormente expressa, é a mesma. A minha... já sabe qual é. Portanto, seria para nós todos (e reparo agora que, talvez um tanto abusivamente, falei também como patrão quando afinal... coitado de mim, há aqui, mesmo entre os meus colegas, quem tenha mais poderes do que eu) –, seria para nós, dizia, um desgosto vê-lo afastar-se de cá.

Não creio muito nesses sonhos do Salgueiro, cuja inteligência sou o primeiro a enaltecer. Esse homem podia ser, hoje, o nosso primeiro editor, – mas, a par de certa falta de senso prático, receio que tivesse sido vítima de um grande defeito: a ambição, uma ambição desmedida de abarcar este mundo e o outro! Hoje, coitado, está absolutamente na mó de baixo, mas é possível – e até desejável! – que tenha encontrado, finalmente, alguém que o ajude e lhe dispense o dinheiro indispensável para editar livros (qualquer edição normal custa, hoje, dezenas de contos!).

Em qualquer caso, o meu Amigo já tinha declinado, se bem me lembro, um convite dele – de há um ou dois anos. Repare bem que, desde essa data em diante, ele nada realizou editorialmente – além dos cadernos do Sérgio, que têm sido, ao que parece, a sua "tábua de salvação".

Como já lhe dissera, pois, estar comprometido com outro editor, é-lhe fácil confirmar agora que, realmente, tem um contrato – não vejo inconveniente em dizer que com a Portugália – para a publicação e reedição de todos os seus livros, incluindo os de prosa. Creia que só terá a lucrar em ter um editor único.

É certo que a Portugália não é, hoje (por motivos que não vêm a talho de foice), uma casa tão poderosa como outras editoras que vieram depois (por ex. os Livros do Brasil) mas que quase se limitam a editar traduções. No entanto, o Sr. A. Fernandes não desiste de fazer reerguer esta casa ao nível que já teve; para isso é necessário não só o seu dinheiro (que, felizmente, ele não recusa, embora também tenha grandes vicissitudes na sua vida de industrial), como também o concurso de autores como o meu querido Amigo. E eu, confesso-lhe, apesar de ter sofrido muito aqui dentro, tenho um certo amor a isto. (Bem vê: já aqui estou... desde a fundação, há mais de 15 anos! E embora o meu ordenado seja ridículo (1.800$00, calcule!), tenho, desde há um ou dois anos, tido a sorte de, com uns trabalhos extraordinários, equilibrar a minha vida material – que, como doente que sou, tem certas exigências de alimentação e conforto.)

Vinha isto a propósito da necessidade que temos de bons autores portugueses... e que se vendam. O meu Amigo é um desses.

Interrompi estas linhas para atender um telefonema do Sr. Fernandes. Falei-lhe no seu caso (não o do último volume de Teatro[151]... que li ontem com verdadeiro prazer de espírito. A revisão nas provas não me dá nunca a beleza de uma obra, por ser um trabalho quase mecânico). E o nosso Amigo é da mesma opinião: que não devemos deixar sair o romancista nem o crítico José Régio.

Eu até, antes de receber a sua carta, queria perguntar-lhe quais os livros que gostaria de reeditar este ano: Decerto o *Mas Deus É Grande* (com ilustrações suas?), para acabar a reedição da obra poética. E que mais? *O Príncipe com Orelhas de Burro*? É um grande livro, cuja ausência se faz sentir.

Pedi ao nosso Alberto de Serpa, com quem estive há pouco em Lisboa, que me visse o caso das *Histórias de Mulheres*, com o Teixeira da Rocha. Ele, solícito e amigo como é, não deixará de tratar do assunto com a brevidade desejada.

Espero que, para ir de encontro aos desejos da Portugália Editora, o meu querido Amigo manterá os preços que tem feito, quanto aos seus direitos de autor, tendo em atenção que o pagamento lhe é feito em uma ou duas vezes. Não se esqueça de que a casa está ainda numa fase de ressurgimento – para o qual as suas obras podem contribuir. Isto sem prejuízo ou sacrifício seu, é claro... O nosso idealismo tem limites.

Sabe, de resto, que a casa é cumpridora e séria nos seus contratos – e que, infelizmente, nem todos os editores são assim... ou podem ser assim.

Desculpe esta longa maçadoria em má prosa, e receba um abraço e as saudades do seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Dois padres – um do *Diário do Minho*, outro do *Correio do Minho* – escreveram-nos a pedir os seus livros, muito interessados em fazer-lhes notícias críticas... Amanhã lhe devolverei a carta do Salgueiro, pois gostaria de a mostrar ao Sr. A. F.

Mais um abraço do Luís Amaro.

*

[14-I-1958]

Com um abraço do
LUÍS AMARO.

(Recebeu a minha carta de ontem?)

*

[151] *O Meu Caso*, título com que de novo jogará mais à frente.

25 – I – 58.
Meu querido Amigo:

Tem recebido os meus envios e notícias? Espero que o seu silêncio não seja motivado por doença!

E também espero que o E. S.[152], que há tantos anos está parado, se não tenha lembrado agora de querer reeditar, à viva força, os seus livros. Esse homem – que eu, aliás, aprecio e admiro como editor, embora tenha feito muitas asneiras e se julgasse, em certa altura, o melhor do mundo – não faz nem deixa fazer. Há um ou dois anos, pretendendo o Casais Monteiro reeditar na Portugália a sua antologia de Fernando Pessoa, que estava para ser feita na Inquérito há muitos anos, fui ter com o Salgueiro, para tratar do assunto: Pois disse-me que o livro estava composto, que o Casais não podia dispor da obra, etc. No entanto, nada apareceu até agora.

Neste momento, temos outro problema com ele: o Branquinho da Fonseca, sabendo que o *Barão* estava pràticamente esgotado, quer fazer uma edição ilustrada dessa novela. O Bernardo Marques fez as *maquettes*, e o livro esteve para ser feito na Ulisseia. Devido a desinteligências, veio parar à Portugália, estando o Sr. Agostinho Fernandes empenhado na sua publicação.

Por um princípio de lealdade, e também porque seria desagradável lançar uma reedição de que houvesse ainda exemplares à venda, pedimos ao E. S. que nos dissesse quantos *Barões* havia e se nos queria vender esse saldo. Pois o nosso homem – que aliás está de mal com o autor – levanta agora dificuldades, alegando que o *Barão* pertence a uma colecção numerada (a das novelas), etc... Quer dizer: autor que tenha publicado um livro numa das colecções da Inquérito já não pode libertar-se do E. S., ainda que a obra esteja esgotada e – como é o caso do B. da F. – não queira continuar a ser editado da casa!...

Já estou a prever que ele lhe vai levantar os mesmos obstáculos. Mas, como o meu Amigo lhe não vendeu a *propriedade* de nenhum trabalho seu, pode fazer muito bem o que mais lhe agrade... E eu desejo ardentemente que não só o *Príncipe com Orelhas de Burro* como *A Gota de Sangue* venham para nós!...

Deve ter tido conhecimento de um insolentíssimo artigo do filho do Portela, no *D.º de Lisboa*[153]. O lugar mais próprio daquilo seria o *Sempre Fixe*[154], que aliás é dirigido pelo pai.

---

152 Eduardo Salgueiro.

153 "Régio boémio", por Artur Portela Filho, no suplemento Vida Literária do *Diário de Lisboa*, edição de 23 de Janeiro. Em causa, a antologia *Alma Minha Gentil*.

154 "Semanário humorístico" iniciado em 13-V-1926. A primeira série terminou em

Escusado é dizer-lhe o quanto aquele arrazoado humorístico magoou os seus amigos. Se é certo que a irreverência juvenil pode ser saudável (e foi o caso da *Presença*), a insolência e a má-criação só merecem repulsa. O rapazinho, que imita descaradamente o estilo do Eça, tem-lhe verdadeira raiva, não sei porquê: será porque o paizinho foi algumas vezes "beliscado" na *Presença*? Deve haver, naquilo tudo, qualquer ressentimento pessoal...

De qualquer maneira, está a pedir não só uns açoites como um puxão de orelhas bem dado.

Claro que poderia fazer restrições à Antologia, mas não daquela maneira grosseira e insultante. Eu próprio dissera ao Serpa que, na parte dos contemporâneos, havia lacunas graves, e que outros poetas de Lisboa estavam furiosos por não figurarem lá. Segundo depreendi, porém, quase todos os casos foram estudados, um por um. Não sei se o Conde de Monsaraz (que aliás não figura também nas séries das *Líricas*) mereceria figurar, ou o José Duro; conheço-lhes mal as obras, assim como as de Guilherme de Azevedo, António Fogaça, Júlio Dantas, Osório de Castro, João de Barros. O Mário Beirão não é, concordo, um poeta do amor. Talvez o fosse, apesar de todo o verbalismo, um Cândido Guerreiro, cuja ausência foi notada pelo sr. A. Fernandes, seu comprovinciano. O Armindo Rodrigues sei eu que tem um bonito livro de poesia amorosa – *Retrato de Mulher*[155].

Mas tudo isto é muito discutível e subjectivo. E não é por estas razões – muito menos pelo humorismo insólito do rapazola – que o livrinho se não venderá. Pelo contrário, tem tido boa venda!

Por aqui me fico, aguardando as suas novas, com o maior interesse.

Um grande e sincero abraço do seu

Luís Amaro.

*

Portalegre
26/1/58

Meu prezado Amigo:

A saúde tem sido pouca e o trabalho sempre muito. Mas não só por estas razões me tenho demorado a escrever-lhe. A verdade é que tenho andado um pouco perplexo sobre a resposta a dar ao Salgueiro. Bem certo que ele abusa (e ainda eu não sabia do caso do Branquinho!) pretendendo que os

18-III-1959. Sucederam-se números anuais, para manutenção do título, alguma regularidade no ante e pós-25 de Abril de 1974, e números especiais até 2015.

155 Lisboa, Centro Bibliográfico, 1950.

autores um dia editados nas suas colecções lhes [*sic*] fiquem indefinidamente amarrados... quando tais colecções estão suspensas há tanto! Já sei que ele pretenderá comigo o que pretendeu com o Branquinho, – e que até já falou numa lei que lhe protege as tais colecções. Não creio que a lei proteja colecções em tais circunstâncias. Mas não se trata disso. O problema, para mim, é doutra ordem: Parece que o Salgueiro mais uma vez sonha com *levantar-se* – e que espera recomeçar reeditando, por exemplo, os ensaios e romances que uma vez me editou. A respeito de *A Salvação do Mundo* e, sobretudo, *Uma Gota de Sangue* (pretendo juntar todos os volumes[156], publicados e a publicar, nas mãos dum só editor) – tenciono escrever-lhe dizendo-lhe que desista de tal ideia. Porém dos meus livros que, realmente, fizeram parte de colecções suas – os ensaios, *O Príncipe com Orelhas de Burro* e *Davam Grandes Passeios...* – confesso não me atrever a despojá-lo violentamente, desde que, na verdade, esteja ele disposto a reeditá-los. Isto não por medo da lei, ou do quer que seja. Mas por certas considerações a que, em consciência, não posso fugir: O Salgueiro foi o primeiro editor que se me ofereceu para editar tudo quanto eu quisesse. Incluiu obras minhas em colecções quase só constituídas por grandes nomes estrangeiros. E editou livros que sabia não lhe darem lucro. Desnorteado muitas vezes, incapaz de ouvir quaisquer conselhos sensatos, etc., etc., – teve, e possìvelmente ainda tem, várias virtudes. Não me sinto capaz de o tratar violentamente agora que, *estando ele na mó de baixo*, procura vir de novo a lume e acha (porventura utòpicamente) que os meus livros o poderão ajudar um pouco. Assim, sobre os meus livros que lhe não alteram nenhuma colecção (*A Salvação* e *Uma Gota*) – dir-lhe-ei (pois ainda lhe não respondi nada) que lhe não reconheço nenhuns direitos. Aliás, não são livros para lucros. Quanto aos outros, se ele insistir em reeditá-los..., não me sentiria bem comigo tentando tirar-lhos violentamente. É neste sentido que lhe vou escrever, não posso proceder doutra maneira. E lamento, creia, pois bem vejo que procedo assim contra todos os meus interesses, pois bem vejo que abandono assim esses livros a toda a sorte de contingências… Mas que fazer? Qualquer sombra de remorso, desde que eu próprio me condene, se me torna uma coisa intolerável.

Não cheguei a dizer-lhe no princípio que tenho recebido todas as suas cartas (como ficou subentendido) e os seus envios. Parece que, por enquanto, as *Três Peças* não foram muito mal recebidas. Sobre a Antologia, tanto haveria a dizer que já não pode ser hoje. É evidente que não pretendemos fazê-la completa! E que, a respeitos dos contemporâneos, só pretendemos dar uma amostra… de como se fala hoje de amor. Depois conversaremos. Quanto ao artigo do *Diário de Lisboa*, não li nem, até hoje,

[156] Nota de José Régio: (1) – falo dos volumes de *A Velha Casa*.

tive conhecimento. Esse rapazola deve, na verdade, ter qualquer motivo pessoal contra mim. Talvez Você tenha posto o dedo na ferida, e ande naquela sua raiva dele um ressentimento filial. Se assim é, a grossaria ainda tem, pelo menos, qualquer desculpa. Enfim, enquanto não perder a paciência (e oxalá não a perca!) não tenciono responder. Admiro-me um tanto… do *Diário*.

Quanto ao 1.º livro a reeditarmos, não deverá ser *Mas Deus É Grande*?

Um abraço do amigo sincero

José Régio

*

20 de Fevereiro [1958].

Meu querido Amigo:

Perdoe, uma vez mais, o meu silêncio. Tenho tanto trabalho que até nas chamadas horas "vagas" não disponho de tempo para escrever a ninguém. E eu devia agradecer-lhe a sua carta última, e dizer-lhe que compreendo perfeitamente os seus escrúpulos em recusar ao E. S. as reedições de obras que pertencem a colecções da sua editorial. Esses escrúpulos só abonam e confirmam a delicadeza de carácter do meu Amigo, a sua integridade moral.

É pena, principalmente pelo *Príncipe com Orelhas de Burro* (a meu ver a mais "comercial" – perdoe o feio termo! – das suas obras de ficção). Mas que lhe havemos de fazer?

Já não será mau reeditarmos o primeiro volume de *A Velha Casa*, logo que surja oportunidade. E, para não perdermos tempo, não seria bom irmos já pensando no *Mas Deus É Grande*?

Se não me engano, o meu Amigo tinha-me falado, há tempos, no seu desejo de ilustrar este livro. Mantém esse propósito, que eu aliás acho interessantíssimo?

Responda-me sobre isto, por favor, com toda a brevidade possível.

Viu a crítica do G. Simões à antologia[157], que tanta celeuma e tantos ressentimentos causou nas nossas poéticas hostes?

Afinal, o A. Guisado, na *República* – que o meu Amigo não tinha em grande conta, quanto a simpatias pela sua Obra – fez, ou antes: "cozinhou", uma nota cheia de louvores e de adjectivos a enaltecer a *Alma Minha*[158].

Vou ver se lhe mando o jornal, assim como uma nota, muito encomiástica, do Armando Ferreira, sobre o *Fado*.

---

[157] Rec. de *Alma Minha Gentil*, *Diário de Notícias*, 13-II-1958.

[158] 12-II-1958. Uma única restrição: «Pena foi que por um escrúpulo escusado não tivessem incluído neste volume poemas que fazem parte dos seus tão apreciados livros.»

Todas as pessoas com quem falei sobre a garotice do filho do Portela – Sena, Navarro[159], Irene, João P. Andrade – mostraram a sua repulsa pela maldadezinha de que vinha impregnado o humorismo do menino.

Dê-me notícias, querido Amigo. Já tenho saudades suas, e do nosso Alberto de Serpa – a quem já há muito, também, não escrevo. Agora, para mais me complicar a vida, tenho uma tremenda constipação em cima…

Antes que esqueça: Não pensava num livro inédito, para este ano?

Sei que está a trabalhar numa colecção de poetas de que o incumbiram. Ai, o espírito de concorrência destes editores!...

Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

Portalegre
5/3/58

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta, e cá vão estas linhas também não demasiado apressadas... Também eu tenho sempre trabalho a mais; e a saúde, há tempos para cá, também me não é muito satisfatória. Como os meus males são sobretudo (pelo menos, é o que julgo) de origem nervosa, ou *alérgica*, (dizem agora), pelo que sou hiper-sensível às alterações do tempo, – estes preliminares da Primavera nunca me são favoráveis. Adoro a Primavera, e ao mesmo tempo sou, pois, obrigado a aborrecê-la...

Como creio já saberá, escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes sobre assuntos editoriais. Recebi resposta da Casa, pela qual fiquei sabendo que o que mais lhe convinha para já era uma nova edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Respondi aos Gerentes da Casa, aceitando todas as suas contrapropostas, e só torcendo um pouco o nariz à ideia da reprodução em zincogravura das ilustrações para *Mas Deus É Grande..*, assim como à remuneração de 200$00 por cada desenho. Como os desenhos ficam pertencendo à casa, acho que não é *famosa* tal remuneração. Talvez, porém, que eu não pense assim senão por pensar no trabalho que a mim me dão, isto é, me dariam, tais desenhos. O mais grave é que a *maneira* do desenho é que dita o processo de reprodução, creio eu; e a *obrigação* da zincogravura, quando eu, geralmente, uso o lápis nas minhas tentativas, embaraçar-me-ia. Muito me inclino, pois, a desistir do meu projecto. E,

---

159 António de Navarro (1902-1980).
Na "Feira das vaidades" saída no *Diário de Lisboa* deste dia 20, Portela Filho humoriza sobre vários intelectuais lusos: «Régio e Gaspar, exóticos, hieráticos, sacrossantos, de imperadores de Bizancio, partilhavam o globo.»

aqui para nós, preferiria que o livro saísse sem ilustrações, a tê-las medíocres. A tê-las medíocres, vá lá que fossem as minhas!: sempre eram do autor do texto. Como, porém, o *Mas Deus É Grande* fica um pouco adiado, voltaremos à questão.

Concentrar *A Velha Casa* na Portugália seria o que mais me interessaria de momento. E parece que a Casa está na disposição de o tentar. Eu ando trabalhando com certo ardor no 4.º volume, e não penso, para já, em nenhum volume novo. (Projectos, sim, não me faltam..., mas já não terei vida para os realizar todos.)

Li a crítica do G. Simões à Antologia. Não a do Guisado (que deve ter tido, desta vez, qualquer razão particular para ser encomiástico) nem a do A. Ferreira ao *Fado*. O artigo do famigerado menino..., também nunca cheguei a lê-lo. Bastou-me ler um que ele já antes publicara. Para quê perder tempo com tais coisas? A tal colecção, da Artis, de poetas, não passa, por enquanto, duma experiência. E é coisa diferente das antologias da Portugália. Adeus por hoje, um abraço do

José Régio

*

Lisboa, 13 de Março de 1958.
Meu bom Amigo,

Muito obrigado pela sua carta, a que me não foi possível responder mais cedo.

Tenho acompanhado, como é natural, os assuntos relativos às edições dos seus livros, e é com satisfação que verifico que as pequenas dificuldades (se chegou a havê-las) estão aplanadas. Também o Snr. Agostinho Fernandes gostou de receber a sua carta de hoje e, enquanto não lhe escreve, encarregou-me de lhe dizer isto mesmo (e também de lhe transmitir as suas saudações amigas).

Esperamos agora que o nosso caro Artista plástico lance mãos à obra. Faça os desenhos como estiver mais dentro da sua maneira, mas, evidentemente, sem os colorir. Seria bom, talvez, que nos enviasse um, a título devolutivo, logo que estivesse pronto, para estudarmos o processo de reprodução.

Também o caso da remuneração dos *Poemas de Deus e do Diabo* está já solucionado. A sua carta cruzou-se com a nossa, contendo o cheque. E, a propósito, devo esclarecer que o Snr. A. Fernandes foi alheio à demora do envio.

E, agora, outro assunto importante, ligado aos *Poemas de Deus*: – Se todos os seus outros livros de poesia, que publicamos, estão ilustrados, por que razão se há-de excluir este? O Snr. Fernandes manifestou o compre-

ensível desejo de que esta 5.ª edição saísse ilustrada. Aliás, o aspecto gráfico será bem melhor que o da anterior, que era demasiado... popular.

Claro que se levanta, agora, um novo problema: qual o ilustrador para esta obra?

Quer o meu Amigo ajudar-nos a solucionar esse problema? E se fosse o próprio desenhador José Régio a resolvê-lo? Talvez fosse esta a solução ideal. Aguardamos as suas notícias.

O Século de hoje publica uma larga referência à Antologia[160], mas ainda a não li. Desculpe que lhe lembre a vantagem que teria em assinar o Recorte[161], pois é pena que lhe passem despercebidas as numerosas e diárias referências (umas inteligentes ou bem intencionadas, outras asnáticas, como é inevitável) que se fazem ao seu labor e ao seu nome.

Fico-me por aqui, com um grande abraço e a muita admiração e amizade de sempre do

Luís Amaro.

*

Portalegre
18/3/58

Meu prezado Amigo:

Escrevo-lhe hoje muito a correr, desculpe-me! (Se eu compreendo as suas faltas de tempo!) Só para lhe dar parte – e lhe pedir que consulte o Senhor Agostinho Fernandes a tal respeito, pois nem tenho tempo de lhe escrever senão lá para as férias –, para lhe dar parte, dizia, de que a sua carta me trouxe uma *iluminação*: Porque não transferir para os *Poemas de Deus e do Diabo* as tentativas de ilustrações que tencionava fazer para o *Mas Deus É Grande*? Afinal, os *P. de D. e do D.* são o livro que eu mais fàcilmente ilustrarei. Só o eu não esperar que se fizesse para já uma sua nova edição – permitiu que me não lembrasse de tal.

Que diz? E na Portugália estarão de acordo?

Tenho ainda um favor a pedir-lhe, e que me custa, pois sei da ocupação do seu tempo: *Precisava dum rol de direcções de escritores*... que não sei se Você me poderia mandar, sem excessiva demora. (Eu saio de Portalegre para Vila do Conde nos fins da próxima semana.) Amanhã lhe enviarei esse rol. Perdoe-me, e não faça senão o que puder ser.

---

160 Sobre *Alma Minha Gentil*, não assinado, nem importante, com o reiterado senão de que a antologia «comete uma irremediável injustiça» ao não incluir os dois organizadores.

161 Nome de empresa lisboeta que enviava recortes de jornais e revistas aos assinantes aí citados.

Quanto às ilustrações para *Mas Deus É Grande*, como o livro fica um pouco adiado, depois se verá. Eu já mandara dizer ao Senhor Agostinho Fernandes, na minha última carta, que me não inclino muito (ou nada) para os *ilustradores profissionais das casas*... Fazem ilustrações-chapas.

Adeus por hoje, meu Amigo. Qualquer dia (se não for durante férias, será pouco depois) dou uma fuga aí a Lisboa. De vez em quando, tem de ser, – tenho de tornar a ver Lisboa!

Um abraço deste seu camarada e amigo sempre maçador,

José Régio

*

Lisboa, 19 de Março de 1958.
Meu bom Amigo,

Muito lhe agradeço a sua carta de ontem, e, para evitar perdas de tempo, digo-lhe já que ficámos muito satisfeitos por ter concordado em fazer os desenhos para os seus *POEMAS*.

Agradeço o favor de nos enviar o primeiro desenho que concluir, para estudarmos o processo de reprodução.

Entretanto, poder-se-á ir já compondo o texto, reservando a impressão das ilustrações para depois... um *depois* que oxalá não seja tardio! Mãos à obra, pois.

Mande-me, por favor, a tal lista de escritores, pois efectivamente tenho muitas moradas. Bem sabe que tenho todo o gosto em ser-lhe prestável em alguma coisa.

Um sincero abraço do sempre grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
21/3/58

Meu prezado Amigo:

Tentarei, então, nas próximas férias de Páscoa, as ilustrações para os *Poemas de Deus e do Diabo*. Logo que tenha qualquer coisa, se sair qualquer coisa, lhe enviarei uma amostra.

Aqui vai a lista dos poetas de que desejava a direcção (depois lhe direi para quê, pois hoje o tempo escasseia...):

Júlio Dantas; João de Barros; Augusto Casimiro; Mário Beirão; Américo Durão; Américo Cortês Pinto; Armando Cortes-Rodrigues; Cabral do Nascimento; António de Sousa; Edmundo de Bettencourt; José Gomes Ferreira; António de Navarro; Armindo Rodrigues.

E pronto. Adeus por hoje, e, mais uma vez, as minhas desculpas e os meus agradecimentos.

Camarada e amigo

José Régio

*

Portalegre
13/5/58

Meu prezado Amigo:

Recebi uma carta do Senhor Raul Dias a perguntar-me pelos desenhos para a nova edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Como, pròpriamente, eu tratara esse assunto com o Senhor Agostinho Fernandes – de quem não recebi mais notícias, bem como do meu Amigo, – estou um pouco embaraçado, sem saber que fazer. Tenho prontas três tentativas de ilustrações, que não sei se servem.

Tenha paciência (mais uma vez) e diga-me qualquer coisa logo que possa.

Um abraço do amigo

José Régio

*

Lisboa, 15 – 5 – 58.
Meu querido Amigo:

Respondo já ao seu cartão do dia 13, hoje recebido. E peço-lhe que me desculpe este longo silêncio, que só se explica pelos meus muitos trabalhos de sempre, e pelas minhas preocupações de sempre – também. Desejava tanto repousar, curar a alma e o corpo doentes e massacrados pelo dia-a-dia incolor e brutal! Mas, embora com muito fracas forças, tenho que continuar na luta... até um dia.

A verdade, porém, é que também eu tenho estranhado o silêncio do meu Amigo – e, naturalmente, pensado que estará igualmente cansado de livros, de papéis... embora a sua vida e o seu destino sejam esses. Há, porém, uma altura da vida – quando a nossa capacidade de sonho já não é a dos 20 anos – em que, por mais amor que tenhamos a uma profissão, desejamos libertar-nos da monotonia a que essa profissão nos obriga, e, se não variar de trabalhos, deixar que o espírito se esqueça na contemplação do próprio nada... que talvez seja a vida. E quando, como é o meu caso, só deparamos com obstáculos e dificuldades à realização dos nossos sonhos, então o cansaço vem mais cedo... e deixamos de acreditar naquilo em que puséramos quase que a própria razão de ser.

Desculpe-me estas considerações difusas, e passemos a coisas mais concretas:

Os seus *Poemas* estão efectivamente a deixar de vender-se, e é pena que as ilustrações estejam tão atrasadas. O assunto da edição é da casa, e não pròpriamente do Sr. A. Fernandes (como foi o caso da *Alma Minha Gentil*). Portanto, pode o meu Amigo responder directamente, e à vontade, ao Sr. R. Dias e mandar-nos os esboços que fez – se isso não o contrariar. Era da maior vantagem que a edição saísse num dos meses mais próximos, pois temos muitos outros livros para o Inverno.

E do seu romance, pode dizer-me alguma coisa? Está adiantado? Tem trabalhado nele? Cá o esperamos, não se esqueça!

Afinal, o negócio com as outras editoras da *Velha Casa* não chegou a realizar-se: pediam tanto pela venda dos exemplares existentes, que quase valia mais fazer-se nova edição... Já o devia ter informado disto; desculpe.

O facto, porém, não quer dizer que, mais tarde, a edição do ciclo se não concentre na Portugália. Já cá temos o 3.º, ainda que em distribuição; poderá reeditar-se o 1.º, quando vir que é boa altura; e o 4.º já está prometido... não é verdade?

Tenho é muita pena do *Príncipe com Orelhas de Burro*. Se calhar ainda vai para a Europa-América, que está agora a dar a mão à Inquérito e a realizar edição de colaboração com esta casa... Não poderia o meu Amigo *arrancar* um compromisso ao Salgueiro? Creia que teria viva alegria em que esse grande e belo livro viesse para cá!

Adeus, meu bom Amigo. Desculpe que as minhas cartas não estejam à altura do destinatário – e que, mais uma vez, lhe não tenha dito nada de essencialmente interessante. E receba o melhor abraço do seu grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
29/5/58

Meu prezado Amigo:

Desculpe-me este cartão apressado, – as proximidades do fim do ano lectivo ainda me sobrecarregam além do costume... Na verdade, tanta razão tenho eu para me queixar do seu silêncio, como vice-versa. O que me fazia esperar notícias suas, era esperá-las a respeito do *negócio* com a Educação Nacional e a Ser sobre *A Velha Casa*. Pena não se haver chegado a nada! Julgava eu, na minha ignorância, que um desconto de 50 por cento já era razoável. Creio que a pequena editorial de Vila do Conde ainda poderia chegar a um desconto melhor. Enfim... aguardemos. *A Velha Casa* é um livro com pouca sorte: Talvez porque eu ponho nela – embora não tão

empolgantemente para o público como nos versos – o melhor ou o mais íntimo de mim próprio. O meu sonho era vê-la nas mãos duma casa sólida que, tendo-lhe ligado os seus interesses, se interessasse deveras pela sua expansão. Sonhos! Esperemos, repito, – e, entretanto, ir-me-ei contentando com a editorial Ser. A respeito d'*O Príncipe com Orelhas de Burro*, que entreguei ao Salgueiro por pertencer a uma das suas colecções, – nada posso fazer. Não posso dar o dito por não dito, não é verdade?

Viu os quatro desenhos que mandei ao Senhor R. Dias? *Francamente*, achou-os aceitáveis? Queria ver se fazia mais dois ou quatro, se é que não são de mais. Já os esbocei.

E, por hoje, um abraço do seu amigo,

José Régio

*

29 de Maio – 58.
Meu querido Amigo:

Respondo já às suas gratas notícias de hoje, que lhe agradeço.

A Velha Casa – O facto de, aqui, não terem aceitado as propostas da Ed. Ed. Nacional[162] e Ed. Ser para a venda dos exs. existentes do 2.º e 3.º vols. desta obra, não significa que a mesma se não possa concentrar, mais tarde, nesta casa editora. Aliás, o 3.º vol. já cá está, ainda que só em distribuição. E o 1.º será reeditado pela Portugália, creio eu, logo que o meu Amigo quiser. O Sr. Agostinho Fernandes não admite, mesmo, a ideia de os seus livros não serem cá editados, no seu conjunto.

A Ed. Nacional disse que tinha ainda 1.700 exs. de *As Raízes do Futuro*, que, vendidos a 12.50, perfaziam 21.250$00 – o custo de uma edição nova...

As Ed. Ser venderiam 1.000 exs., mais os que temos em nosso poder, a 15.00 cada, o que daria aproximadamente 20.000.00.

O negócio exigiria, assim, um grande empate de capital, que talvez os editores achem preferível realizar em reedições suas, ou edições de livros novos – como o 4.º volume, que julgo deve estar muito adiantado. E, entretanto, por certo o 2.º vol. não deixará de se ir vendendo, apesar de a Editora E. Nacional pouco fazer por isso... (Abro um parêntese para lhe dizer que, actualmente, o comércio do livro – com as excepções dos sensacionais autores estrangeiros que sabemos: Hemingways & C.ª, monopólio de editores dirigidos por literatos que, nesse posto de "conselheiros literários", são muito mais comerciantes do que os pròpriamente ditos –, o comércio do livro, dizia eu, está mais ou menos parado, no que se refere

[162] Editora Educação Nacional. [SC]

aos pobres autores portugueses. Este momento político, além da crise, desvia a atenção das massas, solicita-as para outras miragens... que antecipadamente sabemos resultarem em novas desilusões – mas até quando? O ambiente é de pressão e de mal-estar, e todos nós ansiamos por outra coisa: não pelo caos, mas por horizontes novos, onde se possa respirar livremente. Este *paraíso artificial* em que temos vivido é já intolerável! E sabe-se que, apesar das propagandas unionistas[163], especialmente a Província é uma negra mancha de miséria, a que não podemos ser insensíveis – por mais dolorosos que sejam os nossos próprios problemas individuais...)

Perdoe-me o desabafo, que não deixa de ser oportuno. E falemos, sim, dos seus livros:

Quando está pronto o 4.º vol. da *Velha Casa*? Quando pensa que é boa altura de reeditar o primeiro? Quando se dispõe a reeditar *Histórias de Mulheres*?

E... quando estão prontas as ilustrações para os *Poemas de Deus*? Estão-se a deixar de vender exemplares (o Poeta José Régio não tem razão de queixa do público!).

Gostei, sim, e *francamente*, dos seus desenhos. Não me desiludiram, e acho que esta nova edição vai ficar muito valorizada.

Acha o Sr. A. Fernandes que poderá ir até aos 8 desenhos. *Mas não os demore muito, sim*? É para, depois, pensarmos nos outros livros...

Diga-me, por favor, se a composição dos *Poemas* é a mesma da edição anterior: isto é, se leva também o Prefácio, etc. E aceite, querido Poeta, o melhor abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Quanto ao *Príncipe*, estamos resignados... Paciência!

*

Portalegre
28/6/58

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo as quatro provas das minhas últimas quatro ilustrações. Nestas, os negros do desenho pròpriamente dito estão muito mais marcados. Em compensação, afigura-se-me que as sombras e os escuros foram bastante atenuados. Receio estar a ser impertinente com estas exigências! mas a

[163] Alude-se à União Nacional, partido único, com estatutos desde 1932. Este mês de Maio de 1958 é o das grandes manifestações populares em Lisboa e no Porto a favor do candidato presidencial Humberto Delgado.

verdade é que também me não agrada muito esta nova maneira, e *só* por isso: pois, no restante, as fotogravuras estão muito boas. Não haverá meio de se corrigir o senão que primeiro apontei sem cair nestoutro?

A respeito da vinheta, confesso que tenho tido dificuldade em fazê-la. (Talvez porque não simpatizo muito com vinhetas!) Vou ainda tentar; e dentro de poucos dias lhe darei uma resposta definitiva.

Sem mais por hoje, e sempre com muito cordiais lembranças,

José Régio

P. S. – Agradeço a oferta do novo volume de Teixeira Gomes, – *Cartas sem Moral Nenhuma*.

*

Portalegre
24/7/58

Meu prezado Amigo:

Tenho recebido provas em quantidade, – mas, na verdade, vieram na pior das ocasiões!: O trabalho dos professores, durante este tempo de exames, é exaustivo. Eu chego ao fim da tarde... e nem para escrever umas linhas como estas tenho disposição. Estas são escritas à força. Peço-lhe, pois, para enviar ao Alberto de Serpa (que, precisamente, me escreveu nesse sentido) todas estas 1.as provas da Antologia, e ele as reverá. Eu, agora, não posso! Sabe Deus o esforço que já faço para rever as dos *Poemas de Deus e do Diabo*, que espero devolver-lhe amanhã. Obrigado pela sua colaboração. Quando sair de Portalegre o avisarei. E, se passar por Lisboa na ida para o Norte, procurá-lo-ei. É provável que sim. Hoje mesmo tentarei escrever, ainda, ao Senhor Raul Dias, por causa da questão da vinheta. E sem mais por hoje.

Um abraço deste seu amigo,

José Régio

P. S. – Enviarei ao Serpa as provas da Antologia que vieram para mim. J. R.

*

Lisboa, 6 de Agosto de 1958.
Meu bom Amigo,

Obrigado pelas suas notícias de há dias, e pelo envio das provas dos *Poemas de Deus*, a que dei, também, uma breve revisão.

Ser-lhe-ão enviadas novas provas dentro de pouco dias. Tenho a certe-

za de que a edição vai ficar muito melhor que a anterior! Basta ser impressa pelo Luís Moita.

Temos, agora, que pensar na capa (e, antes ainda, na impressão dos desenhos, de que vamos tratar logo que o livro esteja paginado). Sei que o meu Amigo escreveu ao Snr. Raul Dias, talvez sobre o assunto da capa, mas acontece que este meu patrão se encontra gravemente doente, sem condições nem forças para tratar de qualquer assunto. Foi submetido a uma operação, supondo-se que teria pedras nos rins, mas, infelizmente, a doença era mais grave, e desgraçadamente sem remédio! Deve supor quanto este caso me impressiona, tratando-se de uma pessoa com que eu convivia, diariamente, há largos anos.

O Luís Moita será capaz de, com uma simples vinheta, fazer uma bela capa tipográfica, sóbria, elegante, muito diferente da do *Fado* – que assassinou a edição, tão bela interiormente.

A *Brotéria* de hoje traz uma crítica do P. João Mendes às *Três Peças*[164]; enviaram-lhe o recorte?

Adeus, meu querido Poeta e Amigo. Quando passa por Lisboa? Eu estou desejoso de começar as minhas férias, pois sinto-me cansado e enfraquecido; talvez vá para a Lousã, onde se encontra, há dias, a nossa Irene Lisboa, que de lá escreveu a incitar-me a ir. Mas só para a segunda quinzena deste mês, se for…

Um grande e grato abraço do sempre seu muito Adm^{or} e Amigo

Luís Amaro.

*

16 – VIII – 58.

Com um grato abraço, o LUÍS AMARO[165] envia-lhe as provas das gravuras dos seus desenhos, que oxalá sigam a tempo de serem vistas por seu Irmão. Regressei ontem de férias e, apesar de ter pedido ao Luís Moita para lhe enviar estas provas, verifiquei que, por qualquer lapso desculpável, não tinham seguido. *AGRADEÇO A DEVOLUÇÃO*.

*

[164] Vol. LXVII, n.^{os} 2-3, Agosto-Setembro de 1958: 202-204.

[165] Cartão com nome impresso. [SC]

Vila do Conde
30/8/58

Meu prezado Amigo:

Antes de mais, recebi as segundas provas do Prefácio e texto dos *Poemas de Deus e do Diabo*, que talvez já vão demorando demasiado em meu poder... Desta vez, tardei a chegar a Vila do Conde; vim cá sofrer um novo luto; e ainda outras circunstâncias fizeram com que só agora eu possa entregar-me à revisão destas provas, que, todavia, lhe devolverei breve.

Passei por Lisboa, e procurei-o na Portugália. Infelizmente, dera-se o falecimento do Senhor Raul Dias[166], (a quem sempre devi amabilidades) e, por essa triste razão, os escritórios estavam fechados.

O Senhor Raul Dias escrevera-me encarregando-me de fazer a vinheta para a capa do meu livro. Eu aceitara... condicionalmente. Sucedeu, porém, que não fui capaz de me entusiasmar o suficiente para conseguir realizar essa vinheta, – Talvez porque essas capas com uma pequena vinheta em baixo se banalizaram a ponto de, no meu entender, se tornarem insignificativas. Desisto, pois, de qualquer intervenção artística pessoal na capa, – que deixo ao critério de pessoas competentes. Poderei, sim, dar qualquer opinião sobre qualquer projecto que me seja apresentado.

Se for possível o meu Amigo enviar-me provas das minhas ilustrações tal como deverão sair no livro, agradecer-lho-ia. Gostaria de as mostrar a meu irmão Júlio, que está aqui em Vila do Conde até meio do mês que vai entrar. Isto, porém, *só sendo possível*. Outra coisa lhe agradeceria: e é que me enviasse a direcção actual da nossa Irene Lisboa, a quem quereria escrever quanto antes. Sem mais por hoje. Um abraço deste seu amigo

José Régio

*

Alfocheira (Pensão de) – Lousã, 3 – Set.º 58.
Meu bom Amigo:

Mandam-me de Lisboa a sua carta; obrigado pelas notícias!

Estarei aqui até ao próximo dia 15. Se até lá tiver revisto as provas que lhe mandei, agradeço mas envie directamente. – Escrevi ao Luís Moita, para que lhe mande as provas das gravuras.

A morada actual da nossa pobre Irene Lisboa é Rua da Glória, 41 – 4.º – Dt.º. Receio que, se não se apressar a escrever-lhe, já não a apanhará

[166] Raul Luís Dias co-fundara, em 1942, a Portugália Editora, já sócio, com um terceiro – Pedro Ferreira de Andrade –, das Livrarias Portugália e Portugal.

com vida. Quando a visitei, dias antes de vir para aqui (por recomendação dela), achei-a assustadoramente combalida, magra como um espectro. Coitada! Creio que, desta vez, perderemos o seu grande e belo espírito.

Desejo-lhe, querido Amigo, a melhor saúde o sempre admirador que o abraça

Luís Amaro.

*

Lisboa, 22 de Setº 58.

Meu bom Amigo:

Enviei-lhe há dias as provas dos seus belos desenhos. Recebeu-os? Oxalá seu irmão Júlio estivesse ainda em Vila do Conde.

Interessava-nos que o meu bom Amigo devolvesse essas provas com certa urgência, pois o livro já está na máquina. Nas últimas provas, que revi, ainda encontrei algumas (poucas) gralhas. Espero que, depois das nossas leituras, o texto saia imaculado...

Creio que, devido à qualidade da edição (do género do *Fado*), o preço terá de ser também acrescido – e, nesse caso, o Autor terá direito a receber mais algum dinheiro... Mas, como lhe digo, isto ainda é uma expectativa.

Uma novidade: a 2.ª edição das *Líricas Portuguesas* já está esgotada! Para isso muito contribuíram as aquisições que a Gulbenkian e o Ministério da Educação (Campanha) nos fizeram de algumas centenas de exemplares.

Temos que pensar, portanto, numa reedição – possìvelmente aumentada de alguns poetas que não figuraram também na 2.ª série. Não seriam de rever os casos de:

Conde de Monsaraz

e João de Lemos ou João Penha?

Há um poeta do século XVIII (?), João Xavier de Matos, que me parece ter muito interesse.

Enfim – o meu querido Amigo irá, entretanto, revendo estes *casos*…

Muito lhe agradecia que nos devolvesse as provas da Antologia Religiosa, que desta vez têm demorado um bocadinho. Temos que evitar a tragédia do ano passado – em que foi tudo feito à última hora!

Um grande abraço e os desejos de boa saúde do seu velho Amigo e admirador

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
23/9/58

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua carta; e, para não entrar na perigosa via do *adiar*, hoje mesmo respondo:

Antes de mais, é favor dizer que as provas da Antologia Religiosa "*têm demorado um bocadinho*". Têm mas é demorado muito, e eu estou envergonhado! Sempre venho para férias com a ilusão de que terei vagar e descanso. Afinal, por circunstâncias várias, chega a parecer-me que ainda os tenho menos que em Portalegre. Como quer que seja, vou devolver-lhe as ditas provas, assim como as provas dos desenhos. Tive pena de que estas já não encontrassem meu irmão Júlio em Vila do Conde. Não se apressaram muito em mas enviar de Lisboa (outra coisa seria se o meu Amigo lá estivesse!). Mas que autoridade tenho eu para censurar quaisquer demoras?

Fico sempre com certo receio quando se me fala em *subir o preço* de qualquer meu livro em composição. Tanto gostaria de que pudessem comprá-lo... todos quantos os desejassem! Bem vejo, porém, que o longo prefácio, as gravuras, e certo luxo que sempre a Casa timbra em pôr na apresentação de várias das suas edições – não permitem preços excessivamente populares. Enfim... que o livro suba o menos que puder ser. A respeito da qualidade do papel, quereria confessar francamente que, ao menos para os meus livros, não são os papeis [*sic*] espessos os que mais me agradam. Um livro (sobretudo se de versos) deve ser uma coisa manuseável, portátil... Um papel mais fino que o do *Fado* (sem querer desfazer na bela edição deste) plenamente me agradaria desde que não fosse de condição inferior; (mas nisto não tenho receio). Que me diz?

Satisfez-me a notícia de estar esgotada a mais recente edição das *Líricas*. E decerto gostarei, podendo ser, de a ampliar um pouco, de a melhorar sempre... Não esquecerei, não deixarei de examinar os nomes que me propõe, e talvez ainda outros.

Espero partir para Portalegre nos meados ou fins da próxima semana, e lá receberei com o prazer de sempre notícias suas.

Um abraço deste seu amigo

José Régio

P. S. – Que pode dizer-me da Irene Lisboa? Escrevi-lhe na direcção que o meu Amigo me enviou, mas a carta veio-me devolvida. Aqui lha mando, na esperança de que possa fazer-lha chegar às mãos..., se for

possível[167]. Agradecer-lhe-ia uma [um] simples postal, ainda cá para Vila do Conde, sobre o assunto. Desculpe! Não posso deixar de lhe dar maçadas. J. R.

*

Lisboa, 26 de Setembro – 58.
Meu bom Amigo,

Obrigado pelas suas notícias de ante-ontem [*sic*], a que só hoje me é possível responder.

A morada que lhe tinha dado de Irene Lisboa não era para a Lousã, visto ela já lá não estar. A nossa amiga está agora a viver na Rua da Glória, aqui a dois passos, e onde tem tem [*sic*] a indispensável companhia e assistência que lhe faltavam na Rua de S. Bernardo (onde nós a visitámos); a família, de resto, é a mesma: a de uma velha amiga dela, com quem vive há dezenas de anos e de cujos filhos é madrinha.

Já a vi depois de regressar de Alfocheira, e achei-a muito mal. Coitada – não deve ir muito longe, infelizmente! Embora o espírito continue vivíssimo, a nossa pobre amiga está muito desalentada e triste: nota-se-lhe a consciência do fim próximo, peculiar a todos os doentes no seu estado.

Ainda bem que o meu Amigo lhe escreveu. Deve ter sido, para ela, uma grande consolação!

Mando-lhe hoje, conforme pedido telefónico do Alberto de Serpa, o original das provas que aí tem da Antologia, e, para se entreter..., juntei mais as provas da última parte. Que trabalhão para si, meu querido Amigo!

Juntei ainda as folhas impressas dos *Poemas de Deus*. O papel já estava assente que fosse o do *Fado*; o livro merece-o bem, e o Autor! A edição anterior era muito pobrezinha. Creia que os seus leitores não hão-de chorar 10 ou 15$00 que dêem a mais por esta edição, em relação à outra. Os volumes do Fernando Pessoa vendem-se – e de que maneira! um *best-seller* da Poesia – por 40$00 e 45$00...

Pedia-lhe o grande favor de me devolver *urgentemente* as provas das gravuras, para as começarmos a imprimir.

E... cá fico à espera das provas da Antologia, para também se começarem a imprimir. O Alberto de Serpa não me tem dito nada das ilustrações do Camarinha; queira Deus não se repita a tragédia do ano passado!

---

[167] Esta carta devolvida é referida noutra missiva de Régio a Irene Lisboa de 13 de Novembro de 1958. Com esta data, "A última carta de José Régio a Irene Lisboa" sairá no *Diário Popular*, 6-XII-1973. Foi reproduzida no *JL – Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 31-VIII-1994. Irene Lisboa faleceu em 25 de Novembro de 1958.

Agora, que o meu Amigo está perto do Porto, é que poderíamos esclarecer o caso das *Histórias de Mulheres*, que seria muito interessante reeditarmos (no caso de estarem esgotadas) quanto antes. E afinal o Salgueiro nunca mais lhe disse nada do *Príncipe com Orelhas de Burro*? Tanto que nós gostaríamos (e já várias vezes lhe manifestei esse desejo) de ficar sendo seus editores exclusivos!

Um grande abraço e os melhores votos de felizes férias do sempre seu

Luís Amaro.

P. S. – A morada actual de Irene Lisboa é, portanto, Rua da Glória, 41 – 4.º Dt.º – *LISBOA*.

Lá vi a sua entrevista ao *Jornal de Notícias*![168]

Cumprimentos, por favor, a seu irmão João Maria – de quem nada sei há muito tempo.

*

Portalegre
16/10/58

Meu prezado Amigo:

Envio-lhe ainda hoje (ou, o mais tardar, amanhã) um grande maço de provas revistas, além dos que deve ter recebido. Mas há o seguinte: Eu gostaria de incluir mais um pequeno poema do Jorge de Sena publicado hoje no *Diário de Notícias*. Acrescentá-lo-ia ao já incluído. Consultei o mesmo Sena sobre o caso, e espero resposta na volta do correio[169]. Se ele anuir, mudarei a ordem em que vinha o Sena na Antologia. Claro que vai isso alterar um pouco a paginação já feita; mas como o Sena ficará quase no fim, conto com a vossa paciência. Que me diz? (Aliás, esta Antologia vai sair bastante completa... um belo presente de poesia!)

Tenho recebido as folhas impressas dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Bela apresentação! Já estou com verdadeira vontade de ver o livro cá fora, e ver a impressão que a mim próprio me causarão as gravuras...

Não sei se já lhe disse que gravei, no Porto, um disco[170] (a aparecer

---

168 25-IX-1958.

169 Régio escreve a Sena neste dia 16, o qual responde afirmativamente no dia seguinte. Ver *Correspondência*, ed. cit., p. 150-151. Trata-se do soneto "Como de vós…"

170 Arnaldo Trindade convida José Régio para gravar os seus poemas. Perante um hábil argumento estético – Trindade fala-lhe de uma edição acústica do livro –, Régio aceita o convite. Ainda a este propósito, conta-se que existiria uma razão subterrânea a presidir a esta anuência, além da divulgação da poesia de José

breve) com várias poesias, – o que talvez possa ajudar à venda dos meus livros de poemas.

E sem mais por hoje, porque lhe escrevo a toda a velocidade. (A caligrafia o mostra!) Também quero escrever ao Senhor Agostinho Fernandes – a quem peço apresente lembranças minhas – para lhe agradecer os Teixeira Gomes recebidos.

Seu sempre amigo grato,

José Régio

*

Lisboa, 20 de Outubro/58.
Meu querido Amigo,

Concordamos absolutamente com a inclusão do belo soneto do Jorge de Sena. Ele também concorda, segundo me disse hoje e já lhe comunicou.

Agradeço-lhe muito que nos devolva as últimas provas o mais breve possível!

Espero mandar-lhe amanhã um jogo de gravuras impressas dos *POEMAS DE DEUS E DO DIABO*. A capa vai ser impressa, e será o mais simples possível: só o nome do autor, o título, e o editor.

Um grande abraço, meu querido Poeta, do sempre seu muito dedicado

Luís Amaro.

*

Régio. Pois bem: Régio não gostava da maneira teatralmente exagerada da recitação de Villaret do "Cântico Negro", gravado em 1958 num espectáculo ao vivo no São Luís e editado no ano seguinte. Ora, no final de 1958, no Porto, a Orfeu editou um disco (LP) com poemas de José Régio ditos pelo autor, na série Antologia da Poesia Portuguesa (AT-505): "José Régio por José Régio". O Lado I apresenta os seguintes poemas: "Exortação ao Meu Anjo" [de *As Encruzilhadas de Deus*, poesia, 1935] – 1'57; "Nossa Senhora" [de *Mas Deus É Grande*, líricas, 1945] – 1'19; "Fado dos Pobres" [de *Fado*, poesia, 1941] – 4'31; "Tudo-Nada" [de *Biografia*, sonetos, 1929] – 1'11; e "Jogo de Espelhos" [de *As Encruzilhadas de Deus*, poesia, 1935] – 2'52. No Lado II: "Encontro Nocturno" [de *A Chaga do Lado*, sátiras e epigramas, 1954] – 4'43; "Cântico Negro" [de *Poemas de Deus e do Diabo*, poesia, 1925] – 2'38; "Fado do Grande e Horrível Crime" [de *Fado*, poesia, 1941] – 4'48; e "O Poeta Morto" [de *Biografia*, sonetos, 1929] – 0'50. Na contracapa encontram-se, igualmente, uma fotografia de Régio, o poema "À solta Deus e o Diabo…", de Alberto Uva, e um texto manuscrito de José Régio, datado de Setembro de 58, intitulado "Excertos não-biográficos". A etiqueta dos discos está autografada e, nalguns casos, numerada, por Régio. O disco foi reeditado em 1994. [SC]

Portalegre
22/10/58

Meu prezado Amigo:

Enviei-lhe hoje um telegrama, que deve ter recebido, – porque fiquei desolado com a impressão que me causou a *cor* das ilustrações. Na verdade, quando o Senhor Agostinho Fernandes me enviou um desenho exemplificando o sépia em que sairiam as minhas ilustrações..., *suspeitei* que não iria gostar. (Eu nunca gosto de ver impressos a cor desenhos que foram feitos a lápis negro!) Tive, porém, um embaraço, uma hesitação... pensei que, depois, poderia aceitar; e não disse nada, ou disse que sim. Agora, fiquei verdadeiramente desolado: Parece-me que a única virtude dos desenhos, que é um certo *vigor expressivo*, quase desaparece por completo com aquela *atenuação* que lhes dá o sépia. Tudo fica esbatido, alindado, esfumado... Aquele homem que segura as grades, e sobretudo a parte em baixo, parece que foram lavados. Eu já achava *pouco negros* (os originais são muito mais *violentos*!) os negros das primeiras provas que recebi. Valha-me Deus!, eu não tenho medo de ser *violento*! Mas agora, novamente repito que fiquei desolado. Oxalá que as ilustrações ainda não tenham sido impressas – e, portanto, haja remédio para o caso. Creio que o Snr. Agostinho Fernandes não quererá que eu fique tão contrariado. A negro, e *bem negro*, é que eu quero ver as ilustrações, – que serão tanto melhores quanto mais se aproximarem dos originais. Diga-me, logo que possa, qualquer coisa a tal respeito, porque fico... em brasas. Também me parece que alguns desenhos foram um pouco cortados ao lado, o que não sei se terá remédio.

Enviei-lhe hoje as últimas provas da antologia. Creio que será possível aquela deslocação, que lá indico, para o Sena.

E sem mais por hoje. Deus lhe dê paciência para aturar este ser incómodo mas grato amigo,

José Régio

*

[22 – 10 – 1958]
Meu querido Amigo,

Recebi o seu telegrama, que me deixou desolado. As gravuras estão todas impressas, na cor que estava escolhida ainda em vida do Sr. Raul Dias (foi ele próprio que a sugeriu). Lembro-me de ter enviado, nessa altura, uma amostra dessa cor ao meu Amigo, que nada nos disse.

O Luís Moita, quando lhe mostrámos o prospecto do Leonardo da Vinci que sugeriu a cor ao Sr. R. Dias, achou muito bem, – e nós, em face do silêncio do meu Amigo, convencemo-nos de que também concordava.

O seu telegrama deixa-me, pois, perplexo e pesaroso. As folhas que lhe enviei não eram provas, mas páginas *impressas*. Espero que o seu desagrado não seja tamanho que vá ao ponto de repudiar os seus desenhos impressos nessa cor – muito usada, aliás, em álbuns de arte estrangeiros.

Fico aguardando, com natural ansiedade, a sua resposta. E é com muita mágoa de o saber descontente que sou, com um grande abraço, o seu desolado amigo

Luís Amaro.

P. S. – O meu velho amigo Vasco Granja, que está agora na Editora Arcádia, pediu-me que, junto de si e do nosso Alberto de Serpa, mostrasse empenho em que a sua Antologia se realizasse quanto antes.

Como se trata de um bom e querido amigo meu (ainda que, actualmente, um concorrente editorial...) peço todo o seu interesse para este assunto.

Vou também escrever (mas não hoje, que já é tarde) ao Alberto de Serpa, – cuja tragédia, que ele me contou quando cá esteve há talvez uma semana, me fez vir as lágrimas aos olhos. Pobre Poeta! E pobre família!

Agradece-lhe tudo, uma vez mais, o

Luís Amaro.

*

Lisboa, 23 de Outubro/58
Meu querido Amigo,

Recebi a sua carta hoje, que muito nos contristou. Efectivamente, todo o nosso desejo – do Sr. Agostinho Fernandes; do próprio Sr. Raul Dias quando escolheu a cor que lhe desagrada agora; do Luís Moita, e, evidentemente, de mim próprio – era agradar-lhe, proporcionar-lhe não um desgosto mas, já não digo uma alegria, pelo menos uma satisfação. E para isso fizemos tudo, com esta edição dos *Poemas*: escolheu-se um papel igual ao do *Fado*, uma tipografia das melhores e mais caras de Lisboa, um papel *couché* de 120 gramas para a reprodução das gravuras... E, quando o falecido Sr. Dias se lembrou daquela cor, a sua vontade – estou certo – era que a edição ficasse, no conjunto, o melhor possível. (Aliás, a impressão a preto era até mais barata.)

Eu creio, de todo o coração, que o meu Amigo não leve o seu desagrado ao ponto de repudiar os seus tão belos desenhos impressos no sépia! Ainda hoje, de manhã, os mostrei ao Alberto de Serpa, que deles gostou muito; e o Jorge de Sena, que há pouco esteve cá e a quem os mostrei também, ficou igualmente muito bem impressionado. Pode acreditar, meu Amigo, que a cor não desvaloriza absolutamente nada os seus desenhos!

Se, com a devida antecedência, nos tivesse dito que o sépia lhe era antipático, – tudo isto se teria evitado!

Eu espero, ansiosamente, a sua decisão final. Verá que, depois de conhecer a edição no seu conjunto, ficará mais satisfeito.

O Snr. Agostinho Fernandes, absolutamente alheio ao que se passou, também lamenta o sucedido, mas – como os gostos podem ser diferentes! – também prefere o sépia, sem de modo nenhum querer impor a sua opinião.

Envio-lhe hoje uma capa (já impressa), que me parece superar – em elegância, sobriedade, equilíbrio gráfico – todas as dos seus livros publicados até agora pela nossa casa.

O Jorge de Sena, que, como lhe disse, esteve aqui há bocado, acha que a posição dele, na Antologia, não deve ser alterada (mostrei-lhe a prova), visto pertencer ao grupo de poetas com 40 anos. Eliminou também a dedicatória ao Papa[171], talvez por já não ter actualidade ou por qualquer outra razão pessoal.

Adeus, meu querido Poeta. Poupe-me, sim?, o grande desgosto de causar ao Snr. A. Fernandes um prejuízo de alguns bons milhares de escudos... Um grande abraço e a gratidão do

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/10/58

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e, naturalmente, recebeu hoje a minha. Lamento que ela tenha ido exacerbar o seu desgosto – pois sei que o meu Amigo se desgosta com estas coisas, não tendo, aliás, nenhuma culpa no que sucede; pelo contrário: pondo sempre tanto empenho na boa edição dos meus livros! A mim próprio cabe a maior parte da culpa, e, assim, não tenho outro remédio senão aceitar o irremediável. Eu devia logo ter visto… o que não vi, o a que não liguei importância, e cheguei a esquecer com os meus vários afazeres. Só quando dei com os desenhos *aguados* naquele sépia, é que me lembrei de que, na verdade, chegara a receber, para amostra, aquele espécimen que me enviou agora na sua carta. Foi pena não ter eu recebido provas antes de se fazer a impressão definitiva! E

[171] No *Diário de Notícias* de 16-X-1958, o soneto tinha esta dedicatória: «À memória do Papa Pio XII, que quis ouvir, moribundo, o 'Allegretto' da Sétima Sinfonia de Beethoven.»

como as provas que há pouco recebera em Vila do Conde vinham a negro… mais firme fiquei no meu esquecimento ou engano. Apetece-me dar murros na cabeça, quando me lembro de que é este o primeiro livro que eu ilustro, e do empenho que tinha em vê-lo pronto… Agora, tenho medo de o ver.

Mas, repito, o meu Amigo não tem culpa nenhuma nisto! Não se desconsole demasiado. Oxalá, ainda assim, todos os meus desgostos fossem como este, que passará breve. E resta-me a consolação de acreditar que até muitos compradores preferirão as gravuras assim…, talvez lhes pareçam mais bonitas.

Perdoe-me esta necessidade de desabafo, e, repito, acredite que a mim próprio é que deito a culpa, como é justo. Qualquer dia irei a Lisboa, e decerto o procurarei quando for.

Um abraço deste seu camarada e amigo,

José Régio

*

Portalegre
24/10/58

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua nova carta (deve ter recebido hoje a minha) e a capa, – que acho muito bem. Deus me livre de pretender remediar, à custa duns milhares de escudos, aquilo que, desde que soube as folhas impressas, considerei sem remédio! Nem pensar nisso. Portanto, agora, não estejamos a afligir-nos vãmente. Verifico muito bem que a Portugália tem posto na edição dos meus livros exigências que bem poucos editores teriam, – fazendo, até, deles, edições que chegam a ser de luxo. Esta, por exemplo. Também creio, como já dizia na minha carta anterior, (e agora, que já desabafei, repito sem ironia) também creio que até pessoas de bom gosto não desgostarão da impressão sépia. Ponto, pois, na questão, – "O que não tem remédio remediado está" – e para diante!

A respeito da poesia do Sena e da sua situação na Antologia, fará o meu Amigo tudo como ele entender.

Desculpe-me o desgosto que lhe tenho dado, não pense mais nele, e um abraço deste seu amigo sempre grato

José Régio

P. S. – Como o papel da capa é grosso, convém todo o cuidado na brochura, isto é, no coser as folhas e no colá-las à capa. J. R.

*

7 de Novembro de 1958.
Meu querido Amigo,

Não tive tempo, ontem, de fazer acompanhar de um bilhete meu o primeiro exemplar dos *Poemas de Deus e do Diabo*.

Faço-o hoje, com a satisfação de que, ao fim e ao cabo, a edição ficou muito linda. É discutível e subjectivo o critério sobre a cor ideal para os desenhos. Como o meu Amigo diz, haverá pessoas (cujo gosto não podemos classificar de mau) que hão-de preferir o sépia ao preto. Por mim, que lhe hei-de dizer? Que, não tendo sido o autor da ideia, acho no entanto que a cor não assenta mal aos seus desenhos. Em todo o caso, numa futura reedição (e oxalá que ambos ainda possamos fazê-la, com o Snr. Agostinho Fernandes!), far-se-á a impressão *a preto*, como o Autor disse preferir já depois de feita esta impressão.

O livro está a brochar, demorando ainda uns dias o lançamento nas livrarias.

Antes ainda voltarei à sua presença, para lhe dar notícias sobre o preço a fixar – que, julgo eu, não poderá ser inferior ao do *Fado*.

– Do boletim da Sociedade dos Autores Teatrais[172] pediram-nos a sua gravura (retrato), que, evidentemente, lhes cedemos imediatamente.

Um grande abraço do seu sempre Adm^{or} e Am^{o}.

Luís Amaro.

*

Portalegre
8/11/58

Meu prezado Amigo:

Recebi òntem o primeiro exemplar dos *Poemas*, e hoje a sua carta. Na verdade, a edição está esplêndida: capa elegante e sóbria, excelente papel, impressão óptima, e até a brochura boa. Os desenhos, integrados no texto, deixaram-me bem mais satisfeito. Possível é que a minha reacção haja sido excessiva, e eu, sem querer, haja quase magoado o meu Amigo e o Senhor Agostinho Fernandes, que, no fim de contas, não têm culpa de nada. Pelo contrário: antes se têm esmerado por que os meus livros de versos – especialmente os dois últimos – sejam das melhores apresentações gráficas que um poeta há logrado nos últimos tempos. Disso me posso orgulhar! E não pense que sou ingrato para quem o possibilita.

[172] Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (desde 1925), Sociedade Portuguesa de Autores desde 1970.

A minha preferência pelo negro vem do seguinte: No meu entender e sentir, uma reprodução é tanto melhor quanto mais se aproxime do original. Ora os desenhos foram originàriamente feitos a lápis negro, e eu tentei certos efeitos com negros violentos, negros-cinzentos e negros esbatidos. Isso perde-se quase de todo na reprodução. O problema da reprodução, e seu processo, é capital nas ilustrações.

Como quer que seja, porém, não há dúvida que, integradas no volume, as ilustrações me agradaram mais; e perfeitamente admito, vendo a coisa a frio, que não é forçoso terem mau gosto as pessoas que até preferiam o sépia. Oxalá ainda venha a haver oportunidade de tentarmos o negro.

Outra coisa, em que lhe quereria falar, ou talvez devesse falar ao Senhor Agostinho Fernandes: Acusam-me um pouco os amigos de me estar desleixando um tanto quanto a realizações novas. Porém a verdade é que vou trabalhando. Assim, por exemplo, trabalho actualmente numa nova peça, na organização do primeiro volume das *Cartas Intemporais do Nosso Tempo*, num volumezinho sobre teatro, e – especialmente – no 4.º volume de *A Velha Casa*, que me esforço por fazer o melhor (ou o menos medíocre) dos quatro. Este volume quereria lançá-lo a público nos princípios do verão. É preciso que as reedições dos meus livros não impeçam a edição de livros novos... ou eu ficarei para trás. Sei que – injustamente no meu parecer – os meus livros de prosa se vendem muito menos que os de versos. Nem por isso deixarei de persistir, e creio firme que a minha persistência acabará por ter alguma recompensa. O que é preciso é *lançar* os meus romances; (até já pensei numa edição *limitada a assinaturas* do *Jogo da Cabra Cega*, que em tais condições talvez alcançasse licença...). Ora bem: Estará o Senhor Agostinho Fernandes disposto a editar o 4.º volume d'*A Velha Casa*? (Já penso numa capa que se repetiria, depois, em todos os volumes, com a simples mudança do título...) O volume, a bem dizer, está feito, – ando a copiá-lo. De modo que, embora talvez seja isto contrário aos costumes, até, para aparecer na data sonhada, poderia começar a ser composto enquanto eu fosse copiando (e emendando, acrescentando, etc., como sempre faço nas cópias) os capítulos finais. Julgo que lhe achei um bom título. *Mas não o repita a ninguém, que eu sou doentiamente zeloso dos títulos, e chego a ter medo que mos roubem*!: *As Monstruosidades Vulgares* (ou *triviais*).

Adeus por hoje. Vou escrever uma palavra de agradecimento ao Senhor Agostinho Fernandes.

Um abraço deste seu amigo sempre grato,

José Régio

P. S. – Creio já lhe ter dito que gravámos discos, – O Torga, o Serpa, e eu – o que talvez ajude à venda dos meus livros de versos. J. R.

*

Lisboa, 12 de Novembro – 1958.
Meu querido Amigo,

Gostei muito de receber as suas notícias, e sei que também o Snr. Agostinho Fernandes ficou, depois da sua última carta, mais tranquilo. É sempre desagradável, para um editor cuja mira exclusiva não é o lucro, saber descontente um autor que estima e admira. Creia, no entanto, que o Snr. Fernandes nunca se oporia a satisfazer qualquer exequível aspiração sua, no que respeita às nossas edições dos seus livros.

O volume está a brochar, e deve sair, conjuntamente com outros, durante a segunda quinzena deste mês. Nessa altura voltarei à sua presença, – ou, talvez mais certo, voltará a casa.

É uma feliz ideia, pela qual o felicito, essa de reeditar o *JOGO DA CABRA CEGA* por assinaturas. Falarei no assunto, brevemente, ao secretário dos Serviços de Censura, que autorizou a mesma modalidade para a reedição das *NOVELAS ERÓTICAS* do Teixeira-Gomes.

E do *PRÍNCIPE*..., não teve mais notícias? Tanto que nós gostaríamos de juntar esse belo livro às suas reedições!

O Snr. Agostinho Fernandes (que lhe pede desculpa de, por absoluta falta de tempo, lhe não responder directamente) reafirmou-me a grande satisfação que teria em reunir, aqui na Portugália, toda a sua Obra. Não será isso possível, um dia?

A venda do *FADO* foi prejudicada, estamos certos, pela capa – que toda a gente achou infeliz. Embora isso represente uma nova e considerável despesa, está o meu Chefe disposto a reimprimir a capa, nos moldes da da edição actual dos *POEMAS*. Agradeço a sua opinião sobre isto, com urgência, pois desejaríamos apresentar o livro, antes do Natal, com a capa nova.

Peço-lhe que me desculpe a pressa com que lhe escrevo, e o papel…

Receba, meu querido Poeta e Amigo, o melhor abraço do seu m^{to} grato e Adm^{or}

Luís Amaro.

*

Portalegre
19/11/58

Meu prezado Amigo:

Deixei de receber as folhas, que vinha recebendo regularmente, da antologia religiosa. Estará parada? Esta mesma hipótese, porém, me anima a perguntar-lhe o seguinte: *Ainda seria possível incluir-se o poemeto "A*

Aliança", de Raul de Carvalho, (que acabo de receber por intermédio da Portugália) na dita antologia? Eu tenho muito interesse em incluir nela gente mais nova. Se *sim*, poderia o meu Amigo desde já fazê-la compor segundo o original, que deve ter aí. Eu receberia provas e devolvê-las-ia na volta do correio. Ou, então, revê-las-ia o próprio Autor. O poemeto seria a última poesia da Antologia. Se já *não*, paciência.

Um abraço do amigo

José Régio

P. S. – Como me disse que a Casa ia escrever-me, – tenho esperado.

*

Lisboa, 20 de Novembro – 1958.
Meu querido Amigo,

Respondo imediatamente à sua carta de hoje, que agradeço.

A Antologia está toda impressa, embora lhe não envie ainda (porque não mas enviaram da tipografia) as últimas folhas. Por esse motivo não pode ser já incluído o poema do Raul de Carvalho, – o que é para mim um desgosto, pois sou amigo dele há 17 anos e considero-o um dos melhores Poetas da minha geração[173]. Foi pena que o meu Amigo tivesse decidido incluí-lo já tardiamente.

Quando, o ano passado, fizemos a Antologia de Amor, eu recomendei o Raul de Carvalho, com particular interesse, ao nosso Alberto de Serpa, a quem cheguei a enviar um exemplar da *Mesa de [da] Solidão*[174], desse poeta amigo. Mas o Alberto de Serpa não atendeu nenhum dos meus reparos, – nem sequer o do Snr. Agostinho Fernandes quando lhe falou em Cândido Guerreiro, que, apesar da retórica parnasiana, bem merecia figurar numa antologia do género, visto que cantou, em versos ardentes e não desprovidos de beleza verbal, a Mulher e o Amor. Mas o nosso Alberto de Serpa foi inabalável... e nós aceitámos a total independência com que ele aceitou os nossos humildes reparos ou alvitres, feitos muito modestamente e como que a medo. E não lhe ficámos a querer mal por isso. Simplesmente verificamos hoje que a nossa opinião era a de muitos outros leitores. Mas enfim, a Antologia não poderia conter todos os Poetas – nisso temos que estar todos de acordo.

---

173 Sobre Raul de Carvalho assina Luís Amaro "Breve testemunho" no *JL – Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 18-XII-1996. Ainda, "Testemunho sobre Raul de Carvalho", no Suplemento Cultural do *Jornal de Serpa*, Fevereiro de 1997, depois que o convocou em "Breve página de memórias: como nasceu a *Árvore*", *Letras & Letras*, n.º 56, 2-X-1991.

174 Edição do Autor, 1955.

– O meu querido Amigo não respondeu à sugestão que lhe fiz sobre a substituição da capa do *Fado* por uma do género da dos *Poemas*, mais moderna e de mais bom gosto. *Se concordar*, estamos dispostos a renovar a infeliz apresentação desse outro livro. Isto, porém – convém deixar bem vincado –, não é nenhuma imposição da nossa parte!

Creio que da Casa lhe escrevem amanhã, sobre o preço dos *Poemas*.

Um grande abraço do seu grato, sempre,

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/12/58

Meu prezado Amigo:

Como tive de escrever ao Senhor Agostinho Fernandes, em resposta ao vale e à carta que me enviou, – falei-lhe directamente nos dois assuntos em questão: a alteração da capa do *Fado*; a hipótese de edição de *As Monstruosidades Vulgares*. Não deixaria, porém, de lhe tocar nisso, ao meu Amigo, pois foi quem primeiro me falou no assunto. Quanto à capa do *Fado*, a Casa fará como entender. Por mim, *só poderei ficar satisfeito* se aquela capa for substituída por outra melhor. Se financeiramente vale a pena, é que não sei. Uns livros meus vendem-se melhor, outros (como sucede com todos os escritores) pior ou mais devagar. Está neste [s]egundo caso *A Velha Casa*, parece, – que será mais tarde o meu *grande* livro... se eu tiver algum grande. Por isso não sei o que mais convirá à Editorial quanto a este 4.º volume. O que me convinha a mim era começar desde já a sua composição (isso me obrigaria a apressar a cópia definitiva dos capítulos finais) – para que este fosse o meu livro do verão de 1959. Não estarei a atrasar-me quanto a produção nova?

Sobre *O Príncipe* (em que, parece, o Senhor Agostinho Fernandes falou ao Serpa, e em que o meu Amigo não tem deixado de me falar) consideremos: a) pertence a uma das *colecções* do Salgueiro; b) o Salgueiro foi o primeiro editor que se prontificou (e cumprindo) a editar tudo que eu quisesse; c) é um meu velho amigo dos tempos do Liceu; d) está, agora, em más condições financeiras. Pergunto-lhe, depois destas alíneas todas: Acharia bem que eu lhe tirasse essa obra? Publique-a ele quando entender, – mas eu não quero criar remorsos. Não vale a pena.

Quanto aos livros do Raul de Carvalho: Ai, meu Amigo! não sei se bem imagina como vivo sobrecarregado de compromissos, preocupações, etc., etc., (sou professor, literato, jornalista, rebuscador e coleccionador de antiguidades), muitas vezes doente, sobretudo porque sou tremendamente alérgico às mudanças de tempo, encarregado, como filho mais velho de pais já mortos, de várias questões [de] família, – e desgostoso, ou enjoado,

muitas vezes, com os ressentimentos, as invejazinhas, as antipatias, etc., que me vale ter eu adquirido um pequeno renome à custa de mais de trinta anos de trabalho teimoso… Nem sempre posso, pois, ler logo os livros que recebo. Escrevi, quando li o poema de Raul de Carvalho. Tenho pena que fosse tarde! Talvez numa futura 2.ª edição se possa dar remédio ao caso. Aliás, *todas as antologias provocam descontentamentos*. Já é contar com isso. Recebi, no invólucro dos exemplares dos meus *Poemas*, a antologia do Sena. E por hoje basta, meu Amigo. Um abraço do

José Régio

*

Lisboa, 7 de Janeiro – 59.
Meu bom Amigo:

Junto lhe envio, com um abraço, a maqueta da nova capa do *FADO*, que o Snr. Fernandes insiste – e com razão – em fazer, já que o meu Amigo nos pôs à vontade para isso.

Peço-lhe o favor de, com a devolução da *maquette*, nos dizer se concorda com este projecto.

As *Encruzilhadas* têm-se vendido particularmente bem ùltimamente; influirá nisso o facto de se falar agora muito no pobre Pavia? É sempre assim: a glória e a justiça só vêm depois de mortos... Será caso que tenha chegado também a hora da nossa Irene Lisboa? A propósito, pensamos em reeditar a *SOLIDÃO*.

Muito à pressa, um abraço amigo e os melhores agradecimentos – já me esquecia! – pelo exemplar que recebi de *NA MÃO DE DEUS*[175].

E que o novo ano lhe traga muita saúde, para poder dar-nos novos e belos livros! Estou com muito interesse nesse novo volume de *A VELHA CASA*, obra que tanto fala à minha alma.

Um grande abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

Portalegre
11/1/59

Meu prezado Amigo:

Só ontem à noite cheguei a Portalegre, pois, infelizmente por pouca saúde, me demorei uns dias a mais em Vila do Conde. Aqui vim encontrar

[175] Subtítulo: *Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa*, org. por José Régio e Alberto de Serpa, Portugália, 1958.

a sua carta, que muito agradeço, e a que breve respondo. Hoje, para adiantarmos tempo, aqui lhe envio a nota que deve sair na terceira edição das *Líricas*. Tenho de dar esta pequena explicação ao público; (ao *meu* público). *Claro que o Prefácio da 2.ª edição também deve reaparecer* (a seguir a este novo), pois tem observações e explicações que o tornam imprescindível *em qualquer edição* do meu volume de *Líricas*.

Ainda lhe não enviei, creio, – mas vou enviar-lhe, pois lha quero oferecer – a recente edição dos *Poemas*. Assim como ao Luís Amaro[176], a quem também vou responder. Muito grato,

José Régio

*

Portalegre
13/1/59

Meu bom Amigo:

Como fui eu o último a escrever-lhe – e, desta vez, uma longa carta – já estava a achar demorada a sua resposta. Quer isto dizer... que gosto de receber as suas notícias. Das coisas editoriais estou agora tratando di[re]-ctamente com o Senhor Agostinho Fernandes, o que lhe dá (provisòriamente...) um bocadinho de folga. Quanto à capa do *Fado*..., nem sei que dizer senão que me não entusiasma. Se o Senhor A. Fernandes e o meu Amigo a acham bem, aceito-a; mas, na verdade, nada me diz! Ousarei confessar-lhe uma coisa?: Penso que, a respeito de capas, a Portugália não está grandemente servida. Quero dizer que não tem ao seu dispor artistas de certo modo *especializados* em conceber e realizar uma capa dum livro... a que se possa dar uma aparência expressiva. Desde que a palavra *FADO* fosse impressa a roxo e a *caracteres grandes*, talvez este volume pudesse ter a mesma apresentação da última edição dos *Poemas*. E por falar nestes: Ainda lhe não mandei, nem ao Senhor A. Fernandes, *oferecidos*, os exemplares desta última edição que lhes quero mandar. Perdoem-me, que espero reparar breve a falta. Na verdade, tenho tido ùltimamente pouca saúde, e as minhas festas foram tristes. Adeus por hoje. Amigo certo,

José Régio

*

[176] Distracção evidente.

Lisboa, 23 de Janeiro – 59.
Meu querido Amigo:

Obrigado pelas suas notícias de há dias, a que não respondi logo por absoluta falta de tempo e má saúde. Espero que, por sua vez, tenham passado essas indisposições físicas de que se queixava, e que este tempo chuvoso e doentio o não tenha deprimido.

Deve receber hoje notícias da Portugália, em resposta às suas cartas últimas. Embora na simples qualidade de empregado – mas também na de seu amigo – não posso deixar de confirmar as boas intenções do Snr. Agostinho Fernandes quanto aos seus livros. Isto é: – não sendo a Portugália Editora pròpriamente uma fundação cultural, não será de estranhar que se procure, dentro do admissível, conjugar os seus interesses com os dos seus editados. Muitas das vezes (e disso sou testemunha) estes é que ficam beneficiados, por receberem direitos sobre uma mercadoria de venda problemática ou a prazo tão longo que, se forem deduzidos os juros do empate de capital, não dá para o petróleo, quanto mais para pagar a empregados, tipografias, etc., etc. O seu caso, porém, é diferente: quem nos dera a nós muitos Josés Régios cá na casa! Mas, infelizmente, José Régio só há um...

Chamo a sua atenção para o facto de os pagamentos propostos nas cartas de hoje poderem ser efectuados na data da assinatura dos contratos – o que me parece de ponderar.

Notei hoje que ainda lhe não foram enviados todos os seus exemplares da última edição dos *Poemas*, e que ainda falta remeter-lhe alguns da Antologia Religiosa. Desculpe, sim? Vou tratar da remessa, amanhã talvez.

Sempre que precise de exemplares de livros seus, editados por nós, queira dizer – pois, sabendo-se que o meu Amigo é dos autores que não abusam e não esgotam edições em oferta, tenho a certeza de que o Snr. Fernandes nunca recusará quaisquer exemplares de que necessite.

Um grande abraço, sempre grato e sempre amigo, do

Luís Amaro.

P. S. – Falando há tempos com o Jorge de Sena, e dizendo-lhe eu do gosto que teria em visitar o meu Amigo em Portalegre, ele associou-se ao meu projecto, e ficou assente fazermos juntos essa grata viagem... um dia, quando a vida me deixar.

*

Portalegre
27/1/59

Querido Amigo:

Oxalá a sua saúde tenha melhorado. Os meus males são dos que os médicos chamam *alérgicos* (ou sobretudo são desses) e estão muito ligados às mudanças de tempo. Como tais mudanças, – ainda mais frequentes aqui em Portalegre – as não posso eu evitar, que remédio senão sofrer! Certos dias, quase fico reduzido à invalidez. E tanto estou bem como estou mal, ou mal como bem, conforme o tempo.

Não obstante, venho passando melhor nos últimos dias. Apesar de tudo, creio que os ares de Portalegre já me são mais favoráveis [q]ue os da minha terra natal.

Acabo de escrever ao Senhor Agostinho Fernandes, aceitando as suas propostas. Bem certo que são razoáveis, e que os interesses materiais de parte a parte têm de ser conjugados. Espero que o meu Amigo se interesse (mas seria preciso eu dizer isto?!) pel'*As Monstruosidades Vulgares*, que a mim me interessam bastante.

A respeito da capa do *Fado*, não me disse nada. Que ficou, afinal, resolvido? (Mas não responda senão quando tiver disposição e tempo – o meu Amigo deve poupar a sua saúde.)

Quanto à vossa vinda cá, só não gostei dessa conformação com "*um dia, quando a vida me deixar*". Pois será assim tão difícil vir a Portalegre?! Quem de aí sair às 8 horas, já pode aqui estar às 12 e meia. Não é nenhuma viagem ao Polo. Creia que muito gostaria, muito, que essa visita fosse uma realidade próxima. Às vezes, é tudo questão de *resolver*.

E, sem mais por hoje, um abraço do seu amigo e camarada

José Régio

P. S. – Os volumes dos *Poemas* e da Antologia Religiosa virão quando puder ser. O que, de momento, eu agradeceria, seria aí uma dúzia de *Três Peças em Um Acto* (creio que, desta obra, recebi poucos exemplares), pois os queria oferecer aos Estudantes de Coimbra que interpretaram o *Mário* na Festa da Queima das Fitas. J. R.

*

Portalegre
12/2/59

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo, assinados, os três contractos. O manuscrito da parte já copiada de *As Monstruosidades Vulgares* ou também irá hoje mesmo

(com aviso de recepção) ou, então, amanhã. Calculo a parte restante em mais 150 a 200 laudas como as que aí vão.

Aproveito a oportunidade para agradecer os 12 exemplares de *Três Peças em Um Acto*, que recebi, assim como os volumes que também recebi, e ainda não abri, mas suponho de exemplares da Antologia.

De *As Monstruosidades Vulgares* terei de ver duas, ou, até, às vezes, três provas, – é o meu costume em obras de prosa. E é claro que não podem vir, de cada vez, grandes porções de provas, como já é mais fácil acontecer com os livros de versos. Nestas condições, a composição da obra poderá ser principiada quando a Casa entender: por vontade minha, quanto antes melhor.

Sem mais por hoje, e aguardando sempre notícias com o maior interesse, sou o amigo agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 16 de Fevereiro – 59.
Meu querido Amigo:

Estou satisfeito pelo bom termo das suas negociações com a Portugália. Já cá chegou (no sábado) o original da 4.ª *Velha Casa*, que não demorará a ir para a tipografia. Estou ansioso por lê-lo, mas não creio que seja nas provas que lhe apreenderei toda a beleza; não sei porquê, quando estou a rever esvai-se-me a emoção que, noutras circunstâncias, me produz a leitura repousada de uma obra..., e até mesmo o enredo ou o sentido se me escapam. É tarefa de coca-bichinhos, para a qual a sensibilidade não conta muito. Aliás, não me tenho encarregado desses serviços, ùltimamente, por total impossibilidade de tempo. De modo que é natural que seja um dos revisores (adventícios) da casa a ajudá-lo nesse trabalho, quando o livro entrar em composição (não me esquecerei de recomendar à tipografia que não nos inunde de provas).

Digo-lhe, particularmente, que o cheque, na importância total, era para seguir hoje mesmo; mas parece que se tinha de pagar nada menos de 40$00 pela simples transferência do cheque para Portalegre (isto no Banco Port. do Atlântico), o que foi considerado excessivo, pelo que se requisitou o dito cheque a outro Banco. De modo que só depois de amanhã será feito o envio...

Seguem hoje novas provas do seu Prefácio das *Líricas*; as restantes provas serão vistas cá, como ficou assente.

A propósito desta última edição: Como está lembrado, as antologias são propriedade da casa, por se tratar de trabalhos encomendados. Creio que isto ficou esclarecido quando fizemos a 2.ª Edição, pela qual o meu

Amigo recebeu, no entanto – por tê-la refundido e aumentado –, determinada importância (creio que 3.000$00).

A Nota que fez agora, porém, é trabalho novo (pequeno ou grande, não importa para o caso): deve, portanto, ser-lhe pago – assim o entende o Sr. Agostinho Fernandes. Diga-nos, por favor, quanto acha que a Casa lhe deve enviar (e desculpe, por favor, este português, que, por ser dactilografado directamente, só poderia ser melhorado à custa de borracha).

Espero que não leve a mal que seja eu a falar-lhe nisto, nestes problemas comerciais – de aspectos, às vezes, tão melindrosos (como melindrosas são, quase sempre, as relações entre autores e editores). Em minha consciência, porém – e como tantas vezes lhe tenho dito e o meu Amigo sabe perfeitamente! –, não defendo quaisquer interesses. Estimaria que a Casa onde trabalho se bastasse a si própria (o que infelizmente não acontece, pois vive do apoio material que o Sr. A. Fernandes lhe dá); mas, para isso, não será necessário – nem seria decente – prejudicar os interesses dos editados que lhe dão nome e algum lucro, como o meu Amigo. Claro ainda que, se todos os livros editados fossem da categoria (neste caso: do interesse comercial) dos seus livros principais (como vê, a minha sinceridade vai até ao ponto de acrescentar os *principais*), creio que se lhe poderia pagar mais *règiamente* (como me disse uma vez, há anos, o Serpa que o Salgueiro lhe pagava). Apesar de tudo, creio também que o meu Amigo se não tem dado mal nos seus "negócios" com a Portugália; a recíproca também será verdadeira... pelo menos até agora.

Ainda sobre este aspecto puramente comercial, e na qualidade de "espectador", por assim dizer, do negócio editorial "por dentro", devo confessar-lhe, meu Amigo, que – pelo menos aqui na Portugália, e até agora – não acho que o negócio (que muitos pretendem ser da China) seja verdadeiramente um negócio. Há, então, épocas de um marasmo aflitivo, no que respeita a vendas, – e creia também que isso não será alheio às minhas apreensões e até sofrimento. Pois como pode, ao fim de tantos anos, uma casa comercial não bastar-se a si própria, isto é, dos seus próprios proventos, e tenha de recorrer (para que possa continuar e desenvolver-se) a um sócio que lhe tem dado tudo e dela (disso sou testemunha) nada tem retirado?...

Desculpe-me o desabafo. Mas quando o meu amigo Jaime Brasil chama gatunos aos editores, eu – que não sou editor – não posso deixar de achar que é injusto: Há idealistas da edição, e tem até havido suicidas da edição!... Mas não falemos em coisas tristes.

Sobre a capa do *Fado*:

O projecto era do Luís Moita, e a capa seria puramente tipográfica, isto é, não desenhada. Eu julgo que resultaria bem, mas o meu Amigo parece ter receio. Quer que lhe mandemos uma prova já definitiva do que lhe foi

enviado em tosco projecto? Acho que o livro ganharia muito com a substituição da capa, embora isso custe umas boas centenas de escudos (não me chame comerciante ou homem prático, por favor. O nosso amigo Alberto de Serpa é que o sabe ser, e exemplarmente. Ainda há pouco me dizia, em carta, que os discos estão a constituir um bom "negócio"... Até nesta palavra pode haver poesia, afinal. Lembremo-nos também do Augusto Frederico Schmidt (que, aliás, admiro como poeta) e do Ribeiro Couto (que igualmente admiro), cuja poesia é tão pura, tão desprendida dos bens terrenos, e que afinal são geniais homens de negócios. Admirável desdobramento, que tanto invejo, eu para quem os números, desde a escola primária, foram sempre de uma tremenda dificuldade!...). Voltando às capas: Lembremo-nos que as melhores, dos seus livros, se devem ao Moita: a dos *Poemas de Deus e do Diabo*, e as das antologias de amor e religiosa; porque não ter confiança no seu bom gosto quanto ao *Fado*? Por certo ele se não vingaria da raiva que tem à canção...

Desculpe a divagação, e receba o melhor abraço do seu velho amigo e admirador de sempre

Luís Amaro.

*

20 de Fevereiro – 59.
Meu querido Amigo:

Aqui lhe envio já a primeira *maquette* da mancha de *AS MONSTRUOSIDADES VULGARES*, no respectivo formato de papel (igual, o formato, ao das *TRÊS PEÇAS EM UM ACTO*).

Os tipógrafos ainda não me disseram quantas páginas dá o volume.

(Disseram-me agora, já depois de escritas estas linhas: deve andar pelas 325 a 345 páginas, na mancha junta e contando com mais 200 laudas além das 268 que já vieram.)

Fico aguardando agora o favor da sua resposta na volta do correio, para mandar seguir a composição do volume (a tipografia fica também à espera).

Recebeu a minha carta de há dias? Agradeço me diga alguma coisa sobre a capa do *Fado*.

Com os melhores desejos de boa saúde, sou o velho amigo e grato admr[or]

Luís Amaro.

P. S. – Junto um recorte da *República* (A. Guisado...), para onde a última edição dos *Poemas* foi enviada por engano. Trata-se, como vê, de um "guisado" crítico que não atrasa nem adianta, antes pelo contrário...[177]

[177] 7-II-1959. Director-adjunto da *República* e responsável pela 'República das Letras',

*

Portalegre
21/2/59

Prezado Amigo:

Ausentei-me dia e meio de Portalegre, e isso bastou para que as provas dos prefácios demorassem aqui um pouco. Seguem hoje, à parte, – espero que tal demora não haja causado prejuízo. E aqui passo a responder às questões da sua carta:

– Sim, estão levadas a termo, por agora, (e a bom termo) as minhas negociações com a Portugália. Já recebi o cheque que de aí me foi enviado, e amanhã enviarei os respectivos recibos. A respeito da *Nota* que junto a esta nova edição – foi coisa escrita mais para satisfação minha do que para satisfação da Casa editora ou, até, proveito da obra. Nada tenho, pois, que receber por ela. E que poderia receber por aquelas breves linhas?!

Sei, por mim, que essa de chamar "gatunos" aos editores é um daqueles insultos que nascem de ideias feitas não analisadas nem confrontadas com a realidade. Já a minha experiência e a minha reflexão me fizeram ver (e várias vezes o tenho dito) que o negócio de editar, pelo menos em Portugal, nada é do tal "negócio da China" que supõem os ignorantes ou sistemáticos acusadores; e tanto menos o é, quanto menos se quiser limitar à edição das mediocridades e inferioridades de venda garantida.

– Quanto à capa do *Fado*: Creio que, a respeito de capas, tenho um gosto um pouco particular. Dos meus livros de poesia reeditados pela Portugália, a capa que prefiro é a d'*As Encruzilhadas de Deus*; (talvez por estar um pouco no gosto das capas das edições *presença*). Mas, sem dúvida, são de bom gosto as capas organizadas pelo Senhor Luís Moita, – em cujo bom gosto confio plenamente. Talvez eu gostasse, para o *Fado*, duma capa *expressionista*... que não vejo bem como seja, e só um bom ilustrador poderia realizar. No entanto, a irmos pelo seguro, (*só pergunto se, comercialmente, valerá a pena fazer outra capa... mas isso não é comigo*) uma composição gráfica do Senhor Luís Moita será sempre boa. Conclusão: *Carta branca a respeito da nova capa do Fado*.

E adeus por hoje. Cá ando muito interessado na cópia (e remodelação) da parte final d*As Monstruosidades Vulgares*. Um abraço do seu camarada e amigo sempre grato

Régio

*

---

o Dr. Alfredo Guisado (como assinava) evoca conversas havidas com Fernando Pessoa a respeito dos presencistas e como já destacavam José Régio.

Portalegre
24/2/59

Prezado Amigo:

Não consegui escrever-lhe na volta do correio, desculpe-me. Acho bem a mancha de página que me enviou, e que lhe devolvo (não corrigida, pois o farei nas provas). As primeiras provas que me sejam enviadas devem ser *de granel*, isto é, não paginadas, como, aliás, vieram as das *Histórias de Mulheres*, que recebi hoje. Estas serão devolvidas dentro em breve. Aqui, não farei senão raras e pequenas alterações. Mas n*As Monstruosidades Vulgares*, que é uma primeira edição, é natural que faça mais...

Já deve ter recebido a carta em que dava à Portugália *carta branca* sobre a capa do *Fado*.

Quanto ao Guisado, – ao menos, desta vez, não adiantou nem atrasou. Já é um progresso!

Estou muito satisfeito por ver outra vez *A Velha Casa* em andamento. Um abraço do seu

Régio

*

Portalegre
28/2/59

Prezado Amigo:

Como uma espécie de intermediário, que é, entre mim e a Portugália, mais uma vez tem o meu Amigo de me aturar... É que já recebi provas de metade das *Histórias de Mulheres*, – e só amanhã vou (se Deus quiser!) começar a ver as primeiras, guardando todas as outras numa gaveta para que nem sequer as veja. Porque se as vejo... desanimo.

Não, esse processo de *inundação* de provas tão de acordo com certa vida moderna – não se pode conciliar com os meus processos (nem com as minhas possibilidades) de trabalho. Tenho sempre o tempo muito ocupado. Durante, às vezes, dias e dias, nem possibilidade terei de ver quaisquer provas. E, quando posso vê-las, tenho de as ver devagar, fazendo certas pequenas correcções, relendo, etc. Quando digo que *não altero* os livros escritos noutras épocas – não quero dizer que me não permita certas pequenas correcções de estilo. Nisto, não posso ceder. Convém, portanto, prevenir a tipografia onde os meus livros de prosa se compõem, – *que o seu processo só é contraproducente*: Diante dum montão de provas, eu sinto-me completamente inibido; e não faço nada. Quando não contraproducente, absolutamente inútil será mandarem-me provas *para diante*, enquanto não estiverem revistas *as segundas provas anteriores*.

Quanto a *As Monstruosidades Vulgares*, que é uma primeira edição, – nem pensar em semelhante processo! Há uma parte de qualquer obra (desde que o autor não seja um formalista da última hora) que é feita sobre as provas; e que não admite concursos de velocidade.

Desculpe-me, prezado Amigo, mas é preciso que lá na Ca[s]a compositora se convençam disto.

Li hoje, no *Diário Popular*, uma "crítica"[178] à Antologia Religiosa que sobretudo me pareceu pedante. Já percebi que a maior parte dos críticos... queriam ser eles os organizadores das antologias! E, na verdade, já nem leio até ao fim certas coisas que sobretudo dependem da vontade de *dizer bem*... ou *dizer mal*. O que eu estimaria era que o livrinho se fosse vendendo – que toda essa algaraviada inconsciente dos críticos mais ou menos improvisados pouco me toca. Pouco a pouco, aprendi a desprezar. Um abraço do seu amigo

Régio

*

Portalegre
10/3/59

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje novas provas de *As Monstruosidades Vulgares*, – estou cercado de provas por todos os lados; pois que a essas se juntam as das *Histórias de Mulheres*. Estou com receio de o maçar, – o [m]eu Amigo nada tem com isto senão o que o seu afectuoso interesse o faz ter! Mas é preciso avisar *terminantemente* a tipografia de que deve parar provisoriamente com esta avalanche de provas. De que serve esta corrida de composição, – se tudo, para trás, está por emendar, e se eu tenho de ver *pelo menos duas*, e, nas mais das vezes, *três* provas de cada página?! Não estou habituado a tais processos-relâmpago! Quanto ao final de *As Monstruosidades Vulgares*, que ando copiando conforme posso (infelizmente, tenho muitos afazeres além dos de literato!), inútil esse senhor Leandro contar com ele *para já. Nem há necessidade nenhuma, visto que ainda está tudo por emendar e imprimir*! Repito, não estou habituado a tais processos. Para mim, até hoje, a composição dum livro tem sido uma coisa lenta (relativamente) e eu preciso dessa relativa lentidão. Por isso, quer os críticos o reconheçam quer não, – os meus livros em prosa não são de prosa jornalística nem de reportagem. Tenho de rever, e até, quando for preciso, refundir as minhas provas com um sossego que esses senhores lá da tipografia nem suspeitam.

---

[178] De João Palma-Ferreira, no *Diário Popular* de 26-II-1959.

Desculpe-me, prezado Amigo, ainda estar a maçá-lo com estas coisas! Mas não tenho remédio senão pedir-lhe para avisar duma vez para sempre na tipografia – que eles têm de fazer o trabalho consoante o freguês. Comigo, quantas mais provas me mandarem *sem que as anteriores estejam emendadas e impressas*, – pior: Só conseguem atrapalhar-me, e, por uma reacção natural, perder tempo.

Desculpe outra vez.

E um abraço do amigo agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 17 de Março de 1959.

Meu querido Amigo:

Recebi as suas últimas cartas, bem reveladoras da confusão que lhe fazem as sucessivas remessas de provas. Acontece, porém, que, na composição mecânica, quando começam a fazer um livro, o costumam levar até ao fim: É, como sabe, uma espécie de máquina de escrever. Metido o trabalho na máquina, o linotipista, por boa ordem e continuidade (e às vezes também, e foi talvez este o caso, por falta de outros trabalhos), gosta de o levar até final, ou pelo menos adiantá-lo o mais possível.

Não obriga isso, porém, a uma imediata devolução de provas, da sua parte. Bem sabemos que não é revisor profissional... Não se aflija, portanto, por favor, com a "inundação" de provas, que eu, movido pelos seus apelos, suspendi, – retomando-a hoje, após uns dias de férias.

Espero que não tenha deixado de trabalhar no romance, a fim de que seja possível publicá-lo dentro do prazo marcado pelo meu querido Amigo.

Que me diz à morte do pobre Botto?[179] Tive sempre muita pena dele, e muita simpatia também – embora o conhecesse mal. É certo que o total amoralismo dos seus actos e palavras me fez também, sempre, grande perturbação: Como é possível, pensava eu, reunir um tão belo talento a tanta vileza? (E na vileza não incluía, claro está, a sua fatalidade sexual.) Cheguei, porém, à conclusão de que ele não foi apenas uma vítima de si próprio, mas de factores sociais que lhe eram alheios, a começar, talvez, pela ausência de uma educação familiar que o corrigisse e salvasse. Depois, todos procuraram empurrá-lo para a lama... a começar pelos altos poderes (e foi desde então que começou a verdadeira decadência do desgraçado poeta – que, não sendo o maior nem talvez dos maiores, era contudo uma singularíssima, cativante, sortílega personalidade de artista).

[179] Nascido em Concavada, Abrantes (1897), falecera na véspera, 16 de Março de 1959, no Rio de Janeiro.

Um grande abraço do seu muito Amigo e sempre grato admirador
Luís Amaro.

*

Portalegre
19/3/59

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e confesso que já estava esperando qualquer notícia. Só fiquei um tanto inquieto, – por me não dizer se tem recebido as provas que lhe tenho devolvido, corrigidas. Suponho que sim. "*Bem sabemos*" – diz o meu Amigo – "*que não é revisor profissional*". Ora a simples revisão – ainda é o menos! Se preciso de vagar para devolver as provas, é que, nas primeiras que recebo, sempre tenho que fazer bastantes correcções. Até nas das *Histórias de Mulheres*, que são uma segunda edição, as tenho feito. Quanto a um livro pela primeira vez impresso – como é o caso de *As Monstruosidades Vulgares* – claro que tem que ser bastante corrigido pelo autor. De aí o meu temor de se perder qualquer remessa de provas que eu devolva: Poderiam perder-se *algumas emendas importantes*, (isto é: substituições, refundições) que eu já não seria capaz de reconstituir. Agradecer-lhe-ia, pois, que, quando voltasse a escrever, me dissesse que vai recebendo as provas que devolvo. O que vejo é que, na tipografia, são muito prontos a compor para a frente – e muito menos a mandarem-me *segundas provas* do que já para aí vou devolvendo. Claro que tenho de ver segundas provas, e às vezes terceiras. Na verdade, eu aborreço este processo: Compor sempre para diante, e tudo para trás por emendar e imprimir. Novidades que a gente tem de aceitar!

Devido ao trabalho profissional do fim de período (vão começar as férias), não tenho tido tempo para devolver... senão o que tenho devolvido. Não tenho tido tempo para nada! Mas, embora curtas, espero aproveitar as férias quer em correcções de provas, quer na conclusão da cópia de *As Monstruosidades Vulgares*.

De agora em diante (isto é: desde que receba esta carta) *toda a correspondência me deve ser enviada para Vila do Conde*, onde estarei até ao fim do mês.

E por aqui me fico hoje.

Vou escrever um artigo sobre António Botto para a *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. Era um grande Artista... de que muitos medíocres tinham ciúmes[180]. E bem caro terá pagado os seus defeitos e as suas fatalidades.

---

[180] Ideia já plasmada em "Evocando um poeta", no Artes e Letras do *Diário de Notícias*, 19-IX-1957.

Sempre obrigado! E um abraço amigo

José Régio

P. S. Espero devolver-lhe amanhã, antes de sair de Portalegre, mais algumas provas. J. R.

*

24 – 3 – 59

Com um grande abraço o LUÍS AMARO informa que tem, realmente, recebido as provas emendadas. Breve remeterá 2.as.

Aproveita para enviar o recorte Junho.

E… desejos de muitas Boas Férias!

*

24 de Abril – 59.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, para lhe dar sinal de vida... Peço-lhe muita desculpa das minhas faltas, mas a minha vida tem sido diabolicamente atarefada. E, ainda para cúmulo, estou em preparativos de mudar de vida: vou casar! A notícia deve surpreendê-lo altamente, como é natural. Mas, desde sempre, ambicionei casar-me, – só o que não tinha era vocação para encontrar companheira... Felizmente que umas mãos amigas se estenderam para mim e me salvaram da dramática solidão em que me debatia.

Da tipografia onde estão a ser compostos os seus livros pedem-me, com insistência, a devolução das provas emendadas – que, até ao presente, são muito poucas, insuficientes mesmo para poderem paginar algumas folhas de 16 páginas.

Já tenho aqui mais para lhe mandar, o que não faço por me lembrar das suas recomendações.

Agradece-lhe muito tudo o que puder fazer, sem sacrifício da saúde, o seu atento Amigo e Admirador de sempre

Luís Amaro.

*

Portalegre
26/4/59

Meu prezado Amigo:

Antes de mais nada, os meus parabens [*sic*]! A feliz notícia não chegou a surpreender-me "*altamente.*" Pois por que me surpreenderia? Só a não

esperava... por o meu Amigo me não ter dado indícios de nada do que estava sucedendo. De todo o coração desejo a sua felicidade!

A respeito de provas, essa tipografia tem conseguido atrapalhar-me e irritar-me. Até agradecia que lho dissesse! Eu não estava habituado a tal processo de composição de livros, pelo menos em prosa. Recebia as primeiras provas, devolvia-as emendadas, recebia segundas (às vezes ainda terceiras) com as emendas feitas, – e só depois se passava a novas provas. Entretanto, ia recebendo folhas impressas. Agora, está grande parte – a maior parte – do livro impresso, e tudo por corrigir! E como é que não há aí material suficiente para paginar algumas folhas?! Das *Histórias de Mulheres*, já devolvi para aí metade do livro. Como não vêm segundas provas de nada, fico, até, sem saber se são aí recebidas as primeiras que devolvo. Pode parecer (e tal acontecerá com outros) que eu deveria ser indiferente, para o meu trabalho, a um processo ou outro. Mas o caso é que não sou. Esforço-me por me adaptar ao actual processo e muito mal me adapto. Até a conclusão de *As Virtualidades Vulgares* [*sic*] se tem ressentido de isso. Bem suspeito que também há nisto *esquisitice* da minha parte. Mas que lhe hei de [*sic*] fazer, se sou um *alérgico*?

Verdade se digo[a] que também tenho atravessado um período de trabalho excessivo e pouca saúde.

Bem, hoje mesmo envio provas de *As Monstruosidades*. Vamos a ver se consigo continuar a mandá-las com mais regularidade. Ando, há tempos, com vontade de aparecer aí por Lisboa. Tem havido uns espectáculos que gostaria de ver! O trabalho e a doença é que me têm impedido. Vamos a ver se a Primavera se fixa um pouco, e, de facto, lhe apareço por aí!

Desculpe todas as maçadas, e um abraço do amigo sempre grato,

José Régio

*

2 – V – 59.

Amélia Fernanda de Magalhães Amaro
e Francisco Luís Amaro,
com um abraço para o querido e grande Poeta e Amigo,
participam o seu casamento
e oferecem a sua casa na

Avenida Elias Garcia, 177 – I.º Frente
QUELUZ

*

Portalegre
18/5/59

Meu prezado Amigo:

Infelizmente, não pude aparecer para o nosso almoço a três, – de que eu bem teria gostado: não, pròpriamente, pelo almoço (ando, há mais dum ano, com muito pouco apetite) mas pela conversa e a companhia. Não me despeço, porém, desse almoço – diga isto ao Senhor Agostinho Fernandes, com as minhas lembranças – pois estou com esperanças de voltar a Lisboa nas próximas *férias de ponto*, no mês que vem. É preciso a gente preparar-se para o aborrecidíssimo período dos exames.

Agora os nossos assuntos editoriais: Mando-lhe amanhã mais um bocado de prosa de *As Monstruosidades Vulgares*, para a tipografia se ir entretendo. Talvez não chegue a uma terceira parte do original que falta. Mas ainda há tanta coisa por emendar! Pedia-lhe que me acusasse a recepção, para sossego meu: em duas simples linhas, se não tiver tempo para mais. Logo depois lhe enviarei, corrigidas, as segundas provas da primeira metade (ou pouco mais ou menos) das *Histórias de Mulheres*. Estive a examinar as primeiras, e poucas foram as coisas que acrescentei: De aqui por diante, ainda menos serão. Mas é preciso que a tipografia não faça pagar aí à Casa um trabalho de correcção que é normal na composição de qualquer livro!

E por aqui me fico hoje, meu Amigo. Sempre com a melhor camaradagem e amizade do

José Régio

*

21 – V – 59.
Meu bom Amigo:

Aqui estou a acusar a recepção das páginas 269 a 309 do original das suas *Monstruosidades Vulgares*. Muito obrigado – e também pela sua carta de ontem.

Parabéns pelo belíssimo, admirável artigo sobre o nosso pobre António Botto, que li há pouco na *Gazeta Musical*[181].

Abraça-o com toda a amizade e grata admiração o

Luís Amaro.

*

[181] "António Botto", *Gazeta Musical e de Todas as Artes* (Lisboa), ano IX, 2.ª série, n.º 98, Maio de 1959: 285, 288.

Portalegre
15/6/59

Meu prezado Amigo:

Só duas palavras, para lhe dizer que amanhã lhe enviarei, registadas, 3/4 páginas d*As Monstruosidades Vulgares*. Julgo que já não receberei novas provas destas páginas. Nem será preciso, desde que as últimas emendas e revisão a fazer sejam feitas com cuidado. É o que lhe peço! A composição gráfica faz, às vezes, surgir novas gralhas quando se estão emendando as anteriores. Por isso todo o cuidado é pouco. Desculpe! Os trabalhos do fim do ano liceal não me têm deixado vagar nenhum. Mas espero, agora, poder trabalhar mais alguma coisa, apesar de dentro em pouco principiarem os exames.

Sem mais por hoje, que estas linhas são escritas à hora do correio.

As melhores lembranças deste seu amigo,

José Régio

*

Lisboa, 29 de Junho de 1959.
Meu querido Amigo:

Sem notícias suas desde algum tempo, venho acusar a recepção das provas (3.as) de *AS MONSTRUOSIDADES VULGARES*. Não recebi mais além dessas, já paginadas.

Estou à espera que a tipografia me envie provas definitivas, para poder controlar as emendas feitas.

Após um longo período de silencio [*sic*], recebi há dias uma boa carta do nosso Alberto de Serpa, cuja leitura me fez bem à alma.

Desejo-lhe, querido Poeta e Amigo, a melhor saúde. Receba um grande abraço do seu sempre grato

Luís Amaro.

*

Lisboa, 30 de Junho de 1959.
Meu bom Amigo:

Escrevi-lhe ontem, só para não supor que me tivesse esquecido de si e do seu livro, condenado, por várias razões (algumas alheias aos editores...), a grande demora. Como, também, exceptuados estes dias da Feira do Livro, a época não é famosa para o lançamento de obras do género da sua, conformemo-nos com a ideia de que será publicada lá para o Outono...

Creio que estão ainda em seu poder muitas provas do romance. Seria muito pedir-lhe que no-las devolvesse com a possível urgência?

Dei uma vista de olhos pelas que me enviou ùltimamente, e descanse que nada emendei ou alterei, mesmo quando a sua ortografia não é a ortografia vigente. Contudo, há umas pequenas dúvidas que desejaria esclarecer consigo, e que muito agradeceria me desfizesse (as dúvidas) na volta do correio:

Assim, na pág. 9 – *germens* de ideias. Vejo no Vocabulário da Academia (ed. de 1940, mas creio que esta grafia não foi alterada): "*gérmen*. Pl.: *gérmenes*./ V. *germe*;

germe – Melhor que *gérmen*."

Autoriza-me a pôr acento em g*é*rmens; ou a emendar para germes, ou gérmenes? Ou não quer ligar nenhuma ao senhor Rebelo Gonçalves[182], como será legítimo (pois são os escritores como José Régio que criam a língua)?

2) – Como estavam ti'Pinheiro, etc., uniformizei também para ti' Zé Bentes, etc.

3) – Na pág. 56: Era senhora de modos untuosos, comunga*d*a *q*uase todos os dias..... (Não será comunga*v*a?)

E, além de uma meia dúzia de gralhas evidentes (se tanto) e de letras feridas, nada mais.

Muito à pressa (são 6 e meia e vamos fechar), e pedindo-lhe o grande favor de uma resposta NA VOLTA DO CORREIO, sou, muito gratamente, o velho Amº e Admor

Luís Amaro.

Estou a gostar muito do romance! É, como esperava, uma obra que me fala à alma, e que me faz bem ler. É como que uma revelação de coisas que eu *sabia*, mas não tinha consciencializado ou era incapaz de formular comigo mesmo.

*

Portalegre
1/7/59

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta de óntem e a da véspera. Concordo plenamente que tenho grandes culpas na demora dos meus livros: Parece que tudo se juntou sobre mim! Até o Salgueiro se lembrou de reeditar, agora, a *Pe-*

[182] [Francisco da Luz] Rebelo Gonçalves, *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, 1947.

quena História da Moderna Poesia Portuguesa e *Em Torno da Expressão Artística*. Consequentemente, de me enviar, "*com urgência*", provas de tudo isso! Estes últimos dias, tenho vivido sob o autêntico pesadelo da classificação de 300 provas. O meu Amigo, ao menos, disto, está livre. E, claro, nada mais tenho podido fazer. Até ao dia 5, mal respiro. Depois terei mais alguma possibilidade (embora com serviço de provas orais) e todo o tempo disponível será para outra espécie de *provas*. Como estas me parecem agradáveis a par daqueloutras!

Mas vamos a responder ao que mais urge:

a) – pode corrigir o meu "*germens*" para *germes*;

b) – fez muito bem em uniformizar o *ti' Zé Bentes*, a dizer com a *ti' Pinheiro*.

c) – A senhora "*comungada* quase todos os dias" é que deve sair assim mesmo. O *comungada*, particípio passivo, tem, aí, o sentido activo que têm idênticos particípios em frases como: "estou bem *almoçado*", "*fiquei hoje bem jantado*", etc.

E muito obrigado, sempre, pelo cuidado e o empenho que põe nos meus livros e sua revisão. Quando achar que a minha ortografia, apesar de eu ser professor de português, não está de acordo com *o Acordo*[183], emende-a; que eu, às vezes, nem reparo muito no *Acordo*. Só em casos muito especiais uso, voluntàriamente, uma ortografia pessoal. Mas esses… adivinham-se.

Este volume de *A Velha Casa*, espero que, pelo menos, não seja inferior ao seu antecessor. Talvez mais sombrio, como verá para diante, mas talvez mais denso.

Talvez passe por Lisboa no fim dos exames; e claro que então lá irei por aí, – esse gabinete em que está a minha *Benilde* já me é bem simpático. As minhas lembranças ao Senhor Agostinho Fernandes, – e (não se esqueça!) os meus agradecimentos pelos Teixeira Gomes, que sempre continuo recebendo. Um abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
7/8/59

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido as últimas provas que lhe enviei, – metade das *Histórias de Mulheres*. Eu, desta vez, tenho-me demorado um pouco mais por

[183] Rebelo Gonçalves é a principal figura no lado português, e relator, do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1945*.

aqui: Os exames deixaram-me cansado, com várias coisas por tratar, e é possível que não parta para Vila do Conde senão para o fim da próxima semana. Estava – e ainda estou – com ideias de ir a Lisboa antes de seguir para o Norte. Teria ido hoje mesmo (pois tinha um carro que me levava) se não tivesse estado óntem bastante mal disposto, e hoje combalido. Se for, no princípio da semana próxima, por aí apareço. Levar-lhe-ei novas provas de *As Monstruosidades Vulgares*. Se não for, enviar-lhas-ei. De Vila do Conde o avisarei, então, da minha chegada aí, – pois temos agora de concluir os dois livros durante os meses de férias, não é verdade?

Sem mais por hoje. Um abraço deste seu amigo,

José Régio

*

28 de Agosto – 59.
Meu bom Amigo:

Tenho recebido as suas provas, que lhe agradeço.

Também o meu Amigo já devia ter recebido folhas impressas. Dentro em breve haverá mais, depois de novas provas que pedi, para confronto das emendas feitas.

Aguardo, da sua parte, novas remessas de provas. Seria óptimo que os livros saíssem no próximo Outono, mas vejo essa possibilidade com certo pessimismo.

Agradece-lhe tudo que puder fazer o seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S.: Desculpe a minha ausência de notícias, ùltimamente. Ando cansado e como que saturado de tudo… Como conquistar a alegria de viver, – sabe porventura dizer-me?

*

Vila do Conde
31/8/59

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje, *aqui em Vila do Conde*, a sua carta, – *devolvida de Portalegre*. Não sabe o meu Amigo que eu passo as férias grandes *em Vila do Conde*? As folhas impressas em que me fala, ainda as não recebi. Recebê-las-ei? Andarão lá pelo Alentejo?

Hoje mesmo lhe enviei, registadas, mais provas revistas, e mais original. Estou trabalhando afincadamente na cópia (sempre emendada...) do original que ainda falta. Embora eu tenha grande (a maior) parte das

culpas nas demoras que tem havido, espero não as ter tão grandes de ora em diante. Assim *As Monstruosidades Vulgares* poderão aparecer no próximo outono, pelo menos no princípio do inverno. Estou muito empenhado nisso. Também vou tratar de lhe enviar a segunda parte de provas das *Histórias de Mulheres*. Como fico sempre cansado dos exames, o mês de Agosto é sobretudo de descanso... e mudança de ares. O mês de Setembro já é mais de trabalho.

Pelo menos até 20 do citado mês (Setembro) *todo o correio me deve ser enviado para Vila do Conde*. Conto ir a Lisboa mais ou menos por essa altura, e então conversaremos. Estou com firmes ideias de me aposentar, e quero ir consultar um bom médico para tal efeito.

Também eu, meu Amigo, ando cansado, (sem ser do cansaço vulgar) e, muitas vezes, saturado de tudo. Precisaria, pois, que me dessem a receita que me pede... O único remédio que vejo é irmos esperando uns dias melhores que vêm de longe em longe, e aproveitando... o pouco que a vida nos possa dar. O trabalho e o gosto da Natureza (também da Arte) ainda têm sido os meus dois grandes refúgios. Mas para quem é novo, ainda há muitas *mudanças* a esperar!

Um abraço deste seu camarada e amigo,

José Régio

*

3 de Setembro – 59.

Meu bom Amigo:

Na verdade, sei que o meu Amigo costuma passar as férias grandes na sua terra; simplesmente, como me tinha dito que demorava em Portalegre mesmo depois dos exames, não estava certo sobre se, de facto, já tinha saído para o Norte.

Devia ter recebido, ainda em Portalegre, as folhas impressas das *Monstruosidades*, porque foram para lá já há muito tempo – até à pág. 104. Certamente as recebeu.

Mandei-lhe ontem, para uma revisão final, as provas paginadas a seguir a essa página, que aliás já tinham sido revistas anteriormente pelo Autor. Mas sempre é bom ler de novo...

Não tenho seguido, ùltimamente, por falta de tempo, a leitura das provas do seu romance. Reservo-me para ler o volume... mas quando terei esse prazer?! Pelo ritmo actual, lá muito para o Inverno!...

Começo as férias na segunda-feira que vem. Agradeço, por isso, o favor de devolver as provas para a Portugália, pois de cá lhes darão expediente.

A parte das provas que faltava a seguir à pág. 104 (última impressa) seguiu hoje. Convém devolver tudo junto.

Obrigadíssimo por tudo, e desejando-lhe férias excelentes, sou o seu Amigo e Admirador que está ansioso por ler, repousadamente, novas páginas de José Régio, e é o mtº grato

Luís Amaro.

M/ morada particular: Aven. Elias Garcia, 177-1.º F. Queluz.

*

Portalegre
4/10/59

Meu prezado Amigo:

Correram as coisas de forma que, desta vez, pouco pude conversar consigo, – e assim não vim muito contente a tal respeito. Esperemos que para a próxima vez. Não me demorarei demasiado a voltar a Lisboa; e, dum modo geral, espero lá ir mais vezes este ano lectivo.

Cá vim encontrar, em Portalegre, as páginas já impressas de *As Monstruosidades Vulgares* que me haviam sido enviadas (104 páginas). Algumas pequenas coisas escaparam, como é quase inevitável, e talvez por culpa minha. O mais grave é o seguinte: A página[s] 93, há o seguinte:

" *– O Lèlito!... – repetiu João, porventura não sem agrado. Mas tantas"... etc.*

e mais abaixo:

" *– O Lèlito!... – repetiu João, porventura não sem dúvida, havia quer na expressão do seu rosto, quer*..... etc.

É evidente que há aqui trapalhada, pois, na segunda parte, as palavras nem chegam a ter sentido. Houve uma repetição duma linha (" *– O Lèlito!... – repetiu João, porventura não*") que estragou tudo. Disto julgo não ter eu a culpa; só confrontando o que se imprimiu com as últimas provas por mim revistas se verá. Claro que várias coisas destas comprometeriam a edição, e é preciso chamar a atenção para o último revisor. Seria pena, porque a impressão está muito limpa. Ainda verifiquei, em Vila do Conde, outro engano de certa gravidade, mas que, de momento, não consigo lembrar.

Estou a rever, agora, a última parte das *Histórias de Mulheres*. Antes de lhas enviar, porém, (farei o mínimo possível de modificações) agradecia-lhe que me enviasse *todas as páginas (ou folhas) já impressas*, para igualar, nas provas que agora revejo, certas coisas de pontuação.

Também muito breve lhe enviarei novo original de *As Monstruosidades Vulgares*. E, por hoje, nada mais.

As minhas recomendações ao Senhor Agostinho Fernandes (que nos proporcionou um belo almoço!) e um abraço para si deste amigo

José Régio

*

7 – Outº 59.
Meu querido Amigo:

Obrigado pelas suas notícias – embora, desta vez, me deixassem um pouco aborrecido pelo que me conta sobre a linha a mais na parte já impressa das *Monstruosidades*. Trata-se, na verdade, de uma "monstruosidadezinha" que não podemos consentir, e assim só nos resta imprimir de novo o quarto de folha em que está intercalada. Mande-me o meu Amigo o original da linha a substituir, por favor. E oxalá não nos apareçam mais casos destes!

Não pude averiguar se a linha trocada já figurava na prova por si emendada; mas decerto que isso não aconteceria. (Infelizmente, rasguei as provas que tinha cá a encherem-me as gavetas.) Lembro-me, porém, de ter também visto essas provas – e não é crível que o "gato" nos passasse a ambos. Pedi depois uma última via dessas mesmas provas, só para conferência das emendas, e confiei-a a outro revisor – que, ùltimamente, tem acompanhado a revisão dos seus dois livros. Logo por azar, ele limitou-se a confrontar as linhas emendadas e não leu toda a página, em que, à última hora, os tipógrafos repetiram a mesma linha…

Também eu gostaria de estar consigo, mais tempo, embora a minha disposição e o meu gosto pela vida continuem a ser muito cinzentos… Talvez um dia dê um salto a Portalegre, com minha Mulher (que em Janeiro será mãe, apesar de eu achar a vida uma coisa indigna de se viver.) Um grande abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Se acaso conservar a prova anterior às que enviou, seria bom enviar-ma, para demonstrar à tipografia que o lapso não foi nosso.

*

Portalegre
10/10/59

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta, a que responderei amanhã ou depois; especialmente sobre o caso da confusão de linhas numa página de *As Monstruosidades*.

Hoje, trata-se doutro caso! Perdoe-me as contínuas maçadas que lhe dou, e até desgostos, quando, afinal, nada teria Você a ver com estas pequenas coisas que a mim me preocupam.

Recebi uma nova parte já impressa das *Histórias de Mulheres*. Nunca cheguei a receber as primeiras folhas, que me conviria receber. Ora tanto

na parte já impressa das *Histórias* como das *Monstruosidades*, vejo terem escapado vários erros de pontuação. *Sobretudo em frases que estão intercaladas entre dois travessões* (frases do autor, no meio do diálogo dos personagens). Estas frases do autor *ora* têm, no fim, uma pontuação qualquer, *ora* não. Tudo depende de haverem sido, ou não, pontuadas as últimas palavras anteriores ao primeiro travessão. Já me explico com um exemplo das *Histórias*, em que saíram pontuações erradas. A páginas 56 das ditas *Histórias*, foi impresso o seguinte:

" – Sabe o que lhe digo? – tornou. – Eu, como Vossemecê, etc., etc.

– Coitada! – resmoneou Belarmina – tomara essa quem também trate de ela!

– Ah, também?! – fez a Rita do Coxo com ar divertido e sarcástico. – Bela família!

– Não é isso – explicou Belarmina, contrariada. – Quero dizer que também, etc., etc."

Este exemplo basta a explicar tudo. Há aqui dois pontos que nunca lá deviam estar, que bastante me desgostam, e que, decerto, eu não deixei escapar nas provas revistas, embora eles possam estar no original (isto é: na primeira edição das *Histórias*). Depois da palavra "Belarmina", na segunda fala, não há ponto final, e está muito bem que não haja, por estar pontuada a palavra "coitada!", última anterior ao primeiro travessão. Depois da palavra "contrariada." está um ponto, e está muito bem, por *não* haver pontuação na palavra "isso", última anterior ao primeiro travessão. Pelas mesmas razões estão errados os dois pontos finais circundados a vermelho, e decerto não deixei eu escapar tal erro na revisão.

Está claro que é difícil estar a explicar assim minuciosamente todas as coisas. Por isso mesmo me tenho limitado a salientar nas provas devolvidas que *a pontuação do autor deve ser rigorosamente seguida*. Isto dispensa explicações. A parte já impressa das *Histórias* e de *As Monstruosidades* tem vários erros destes. Escaparam à última revisão? É a Casa Compositora e impressora que é sua responsável? Eu, pelo menos na maior parte, não sou, porque até vigio melhor a pontuação do que as palavras. A composição mecânica terá vantagens; – mas, no livro sério, tem, seguramente, desvantagens, e uma é que, ao tornar a compor para corrigir certos erros, faz aparecer outros. Sobretudo se a última revisão não é feita com a atenção devida.

Gostaria que isto fosse patente à tipografia em que se estão compondo e imprimindo os meus livros, – e que me parece ter, sobretudo, a ânsia de andar depressa! Poder-se-á, talvez, evitar erros semelhantes na parte ainda não impressa... que é pena já ser relativamente breve.

Bem sei que nenhuma edição é inteiramente limpa de gralhas. E bem vejo que me torno importuno com estas exigências de homem *de vagares*,

numa época de delírio de velocidades. Mas, que lhe hei de fazer? Sou, ou devia ser, do tempo em que se criaram os seguintes provérbios:

"Devagar, que tenho pressa."

"Depressa e bem, há pouco quem."

Perdoe-me estas maçadas!

O abraço sempre grato do camarada e amigo

José Régio

*

12 – X – 59.

Meu bom Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e compreendo os seus aborrecimentos quanto à desigualdade na pontuação dos seus livros a imprimir.

Disse de novo à tipografia e ao revisor para não mexerem na ortografia e na pontuação do original manuscrito. Espero que não será preciso repetir-lhes isto. Envio-lhe o quarto a reimprimir, a fim de nele fazer as emendas ou alterações que desejar.

Um grande abraço do muito seu

Luís Amaro.

*

26 – X – 59.

Meu bom Amigo:

Recebi as provas que enviou, e o original do oitavo para substituir.

Muito lhe agradecia que nos enviasse mais provas, assim como o resto do original de *As Monstruosidades*. Tanto que gostaríamos (até o meu Amigo, decerto) de lançar os livros este ano ainda!

Espero que tenha passado bem de saúde. Se calhar veio a Lisboa, de fugida, ver as companhias brasileiras – e não disse nada a ninguém... Fez bem, se assim foi, porque o *Auto da Compadecida*, que vi no sábado, é realmente uma bela obra teatral. Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

Portalegre
27/10/59

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e amanhã lhe mandarei mais um grande pedaço d'*As Monstruosidades Vulgares*, que já estava para lhe mandar. Tantas

são as modificações que faço ao copiar páginas já de há tempos, – que, a bem dizer, o original que lhe mando é original único. Desculpe-me, pois, recomendar cuidado com ele (recomendação supérflua!) e pedir-lhe aviso de recepção. Estamos, agora, no penúltimo capítulo. Acabado este (pouco falta) vem um capítulo mais curto, e pronto: é o epílogo d'*As Monstruosidades Vulgares*.

Não sei se os dois livros poderão aparecer ainda este ano. Eu aborreço precipitações, que nunca dão bom resultado, – a ponto de cair, talvez, no erro oposto dos vagares excessivos, e tão inconvenientes para os processos modernos. As *Histórias de Mulheres*, creio que sim: que poderão ficar prontas este ano. Por isso vou, quanto antes, tratar de acabar o serviço por esse lado: Enviar-lhe as provas (primeiras duma parte, creio, e segundas doutra) que ainda cá retenho. Espero que já depois de amanhã lhe enviarei algumas. As restantes não demorarão.

(Ai, o meu Amigo não sabe as coisas que trago entre mãos, e a que me dão pressa! Agora, até a Obra Poética Completa do Francisco Bugalho.)

Quanto a *As Monstruosidades*, vamos a ver: Se não aparecerem em 59, aparecerão nos princípios de 60. Mas vamos a ver, repito.

Não, ainda não voltei a Lisboa depois da última vez que aí me viu. Como quero ver *O Lugre*[184], e a Becker[185], e outras coisas, não demorarei muito, espero. E, quando vá, não deixarei de aparecer pela Portugália!

Um pormenor: das *Histórias de Mulheres*, já recebi em duplicado o que está impresso, mas só a partir da página 58, me parece (cito de memória). Até aí, nem duplicado nem nada. Desculpe! não faça caso destas minhas familiaridades um bocadinho impertinentes. Um bom abraço do camarada e amigo agradecido,

José Régio

*

Portalegre
28/10/59

Meu prezado Amigo:

Em aditamento e correcção à carta que lhe escrevi ontem: O que me falta da parte impressa das *Histórias de Mulheres* vai, não até à página 58, como julgo dizia na minha carta, mas até à 41. Tenho as folhas impressas a partir de "*Menina Olímpia e a sua criada Belarmina*". Isto é: faltam-me as páginas de título, etc., e o "Sorriso triste".

---

184 De Bernardo Santareno (1959), em cena no Teatro Nacional D. Maria II.

185 O paulista Teatro Cacilda Becker apresentava, no Tivoli, *Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna.

Já agora, também gostaria de receber o que, de *As Monstruosidades Vulgares*, já esteja impresso a partir da página *88*.

Recebeu o novo original que lhe mandei hoje, registado? Breve irão provas. Estou com ideias de ir aí a Lisboa nos princípios do mês.

Um abraço do

José Régio

*

29 de Outubro – 59.

Meu querido Amigo:

Recebi hoje, sim, a parte do original das *Monstruosidades* que me mandou e já seguiu para a tipografia.

Vou-lhe mandar mais folhas impressas de um e de outro livro. Os 1.os oitavos é que não estão ainda impressos.

Fomos procurados pelos herdeiros de Florbela, para fazermos nova edição dos *Sonetos* – o que é para mim uma alegria. Gostaríamos de manter o seu Prefácio[186] e por isso lhe peço o favor de nos dizer quais as suas condições quanto ao mesmo. Agradecia uma resposta urgente, para a transmitir ao Sr. Agostinho Fernandes.

Um grande e bom abraço do

Luís Amaro.

*

Portalegre
1 de Dezembro 1959

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido algumas provas que lhe tenho mandado… não tantas como quereria. Este fim do ano tem sido, para mim, terrível. Vamos a ver se começo a ter agora mais algum vagar, e se acabam os livros em curso.

Também nunca mais recebi nenhumas das folhas impressas, e é a tal respeito que lhe escrevo estas linhas apressadas. A "Maria do Ahú" está a ser traduzida para uma antologia sueca (!) de contos portugueses. Eu queria que a tradução fosse feita sobre a versão mais recente, que, suponho, já deve estar impressa. *Poderia mandar-ma com a urgência possível*? Das *Histórias de Mulheres*, eu só tenho folhas impressas até ao fim da "História de Rosa Brava". De *As Monstruosidades Vulgares*, até à página 200, inclusive.

---

[186] Desde a 4.ª ed. dos *Sonetos*, 1936, «Com um estudo de José Régio», ou só «Florbela» na 7.ª ed., 1946.

Desculpe, calculo que também esteja agora com bastante trabalho: Proximidades do Natal…

As minhas lembranças ao Senhor Agostinho Fernandes. E um abraço do amigo

José Régio

*

6 – I – 60.

Querido Amigo:

Estou, outra vez, admirado com o seu silêncio. Nem chegou ainda a acusar a recepção do vale que a Portugália lhe mandou!

Creio que não estará doente, pois disse-me hoje o Vasco Granja, da Arcádia, ter recebido carta sua.

Também estou à espera de provas da *Gota de Sangue*. É certo que, mais uma vez, lhe mandaram as provas todas juntas; mas o remédio é fácil: fazer a revisão aos bocados de 50 páginas, digamos.

Tornei a rever as que me mandou, e encontrei ainda algumas gralhas, com que já contava. Aliás, a 1.ª revisão fi-la apressadamente, reservando-me para uma outra leitura mais atenta. E, além das gralhas (poucas, aliás, nestas primeiras 50 págs.) que nos passaram, deparei com estas dúvidas, que lhe exponho sem intenção de importunar mas apenas a de *colaborar* (muito embora saiba que o meu querido Amigo dispensa bem colaboradores literários que, para mais, são incultos e ignorantes – como eu sou):

Na pág. 33 – pau do Brasil; o Dic.º pequeno do C.[187] de Figueiredo regista: pau-brasil;

Na pág. 34 – reumático. O termo reumatismo não é o mais próprio?

Na pág. 44: – E foi esta imaginação, como o ar provocador do Adélio, que lhe deram ânimo... Não seria preferível: lhe *deu*?

Por amor de Deus, não me leve a mal estas e outras anotações que porventura fizer ainda. Lembro-me que o próprio Aquilino aceita (ou não aceita, depende dos casos) as sugestões que os míseros dos revisores lhe oferecem. Eu, aliás, nem sequer tenho categoria para revisor, pois me falta o conhecimento de línguas e cultura geral que um autêntico revisor deve ter.

Agradeço me devolva as provas juntas.

Também espero os oitavos das *Encruzilhadas*, assinados por si. Que maçadas lhe dou!

Fiquei mtº satisfeito com a transcrição das palavras do Octávio de Fa-

187 Cândido. [SC]

ria no *Jornal de Notícias*[188]. Vou tentar reproduzi-las numa página literária de Lisboa.

E... cá fico esperando ansiosamente as suas notícias.

Muito à pressa (já passa da hora de fechar, e vou agora para o comboio), sou, com um bom abraço, o seu muito grato

Luís Amaro.

P. S. – Quanto às m/ dúvidas nas provas, basta riscar as que não tiverem razão de ser ou obedeçam a um propósito seu. O contrário seria perder tempo. Obrigado, sempre, o Amaro.

2º P. S. – O *Barão* não está esquecido, pois não?

3º P. S. – Acho que a tiragem da *Gota de Sangue* não deve ser inferior a 3.000, e, neste caso, o meu Amigo terá alguma coisa a receber ainda, pois se fez um contrato só para 2.000.

*

Portalegre
6/1/60

Meu prezado Amigo:

Enviei-lhe ontem algumas provas das *Histórias de Mulheres* e de *As Monstruosidades Vulgares*. Bem sei que é por minha culpa que a composição destes livros se tem arrastado, e a mim próprio me obrigo a seguir outro processo com outros livros. Mas, agora, queria adiantá-los. E vou trabalhar por isso! Está de acordo? E, em tal caso, não seria conveniente pensar-se nas capas, – questão que, não sei bem porquê, se torna sempre um pouco difícil com livros meus? As *Histórias de Mulheres* estão no fim; vou mandar-lhe, corrigidas, as 1.as provas da última parte. De *As Monstruosidades* também não falta muito. Ora é sobretudo deste livro que me interessa uma capa satisfatória, – visto dever ser repetida nos volumes futuros e nas reedições dos anteriores: só com a diferença dos títulos, claro. Ac[ho], pois, que desde já se poderia principiar a pensar nisso, – para evitar, depois, demoras.

Passou bem o seu Natal? Oxalá o Novo Ano lhe traga todas as satisfações possíveis. Recebi mais um volume do Teixeira Gomes – *Maria Adelaide* – e outro do Virgílio Ferreira; os quais peço para agradecer ao Senhor Agostinho Fernandes, com os meus cumprimentos e votos de bom ano. (Aquele volume do Gil Vicente que ele aí me prometera – "*ao rico não devas e ao pobre não prometas*" – é que ainda não chegou[189].) Espero

[188] 5-I-1961.

[189] *Teatro de Gil Vicente*. Apresentação e leitura de António José Saraiva, 1959.

ir a Lisboa este mês, pois quisera ver os *Diálogos das Carmelitas*[190]. Claro que, indo, aparecerei por aí.

Sem mais por hoje, o abraço do amigo

José Régio

*

9 – Janº 60.

Meu bom Amigo:

Recebi anteontem as suas notícias, que muito agradeço. Desejo-lhe, do coração, que tivesse tido um bom Natal e que este ano de 1960 lhe traga saúde, alegria e novos êxitos literários (a propósito de literatura – foi-me grato ouvir, há dias, o Vergílio Ferreira dizer que, dos autores propostos ao Prémio Nobel, era flagrante injustiça não se falar do meu Amigo – que, segundo ele – e concordo plenamente –, é o escritor que reúne mais condições para alcançar um tão alto troféu).

Quando nos manda o resto do original das *Monstruosidades*?

Envio-lhe essa página em que, parece-nos – ao revisor e a mim –, falta ou sobeja qualquer coisa.

Sobre a capa, falaremos oportunamente. Aguarda a sua agradável visita e saúda-o efusivamente o

Luís Amaro.

*

Portalegre
15/1/60

Prezado Amigo:

Só duas linhas, muito a correr, à hora do correio: Por artes do Diabo, não sei como, perdi a página das *Histórias de Mulheres* que me enviou, e que devia devolver-lhe o mais depressa possível. Cheguei, porém, a ver *que não tinha razão de ser a dúvida que era posta*. Essa página *pode ser impressa* tal como está na prova que perdi. Como disse, cheguei a lê-la: É *fora*, é *cá fora* (fora da casa de Estefânia) que quero dizer. Depois me explicarei melhor (e decerto até acharei a prova) – *mas pode imprimir*.

Um abraço do

José Régio

*

[190] Ópera francesa, baseada num texto de George Bernanos (Paris, 1888-1948) e musicada por Francis Poulenc (1899-1963). [SC]

18 – I – 60.
Meu bom Amigo:

Envio-lhe de novo a página que se perdeu. Como tinha emendas, receei mandar imprimi-la sem ir à sua revisão, muito embora a revíssemos cá também.

Aguardando (e o original das *Monstruosidades* – quando vem?), sou, com um abraço, o seu velho amº e admor

Luís Amaro.

P. S. – Talvez fosse bom que o seu nome não aparecesse misturado no barulho à volta do indigitado Nobel português[191] – não acha? Há males que vêm por bem.

*

Portalegre
19/1/60

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo a página, em que não vejo nenhuma gralha. Ainda mais esta – perder eu a primeira prova! – para dificultar a impressão. Bem vejo que a composição destes meus dois livros deve ter dado alguns *amargos de boca* à Portugália (até ao meu Amigo) e para mim juro que, para outra vez, *não será a mesma coisa*. A verdade é que eu também não estava habituado aos modernos processos das tipografias modernas; – as reedições dos livros de versos não me haviam elucidado suficientemente. Muitas vantagens têm esses processos, e algumas desvantagens: Assim, por exemplo, apesar de todos os nossos cuidados, várias das tais gralhas tenho já encontrado no texto impresso.

Hoje lhe enviei, registadas, novas provas corrigidas das *Histórias de Mulheres* (que estão no fim) e d'*As Monstruosidades Vulgares*. Breve lhe enviarei as restantes que deste livro ainda tenho. Quanto ao resto do original, estou aproveitando todos os dias (isto é: todos os intervalos no dia que possa aproveitar) para trabalhar nele. Chamo trabalhar recopiar a limpo um original que estava dado por pronto, mas deixou de me satisfazer. Aliás, eu ainda sou dos que nunca se dão por satisfeitos com as obras próprias. Dentro duma semana, o mais tardar dez dias, julgo poder enviar-lhe o manuscrito com o desejado fim de *As Monstruosidades Vulgares*. E, depois dum breve descanso, (que talvez dê um livro de contos) pegar no volume 5.º dessa interminável Casa...

---

191 Aquilino Ribeiro *vs.* Miguel Torga. Ver posição de Régio em *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, INCM, 2000: 344-347.

Se preferir que desde já lhe mande o que já tenho passado a limpo, é dizer-mo, que lho mandarei.

Peço para em meu nome agradecer ao Snr. Agostinho Fernandes o volume de Gil Vicente, que recebi, além de ter recebido a *Maria Adelaide* do Teixeira Gomes.

E, quanto ao Prémio Nobel, fumarada e lixo! Só fico, agora, conhecendo ainda melhor certos "bons camaradas" particularmente muito "meus admiradores".

Desculpe tudo, e um abraço deste seu amigo

José Régio

*

Portalegre
25/1/60

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje cópia das provas extraviadas, (que lhe devolverei sem demora) – portanto já sei que recebeu a carta que lhe escrevi para a Portugália. Suponho que também recebeu as novas 50 páginas. Tenho, agora, pouco mais ou menos, outra cinquentena final – e pronto.

Mas, se lhe escrevo para a sua Queluz, é pelo seguinte: Acabo de enviar carta ao Senhor Agostinho Fernandes sobre o meu novo livro de versos. Bem certo que ele lhe mostrará essa carta. Mais ou menos conforme as suas sugestões… ou não sei se exorbitando… eu pedi 10.000$00 por esta primeira edição. Vamos a ver o que ele responde! Bem sei que o meu Amigo fará em meu favor tudo que puder; também sei que o Senhor A. Fernandes não é um *editor ganancioso*; – portanto, no fim e ao cabo, eu aceitarei o que a Portugália achar por bem. Quanto a receber o dinheiro aos poucos – não convém nem ao meu feitio nem ao meu género de *vida financeira*. Pode crer que mais me convém receber menos – mas qualquer coisinha que se veja. E adeus por hoje. Espero ir a Lisboa no mês que vem. E temos, então, de arranjar um almoço juntos! Um abraço do

José Régio

*

Portalegre
3/2/60

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido as provas que ùltimamente lhe tenho enviado: as do final das *Histórias de Mulheres* e duas rodadas das *Monstruosidades*

Vulgares. Amanhã, conforme espero, lhe enviarei original do penúltimo e do último capítulos deste livro. Este pode desde já começar a ser composto, e, entretanto, lhe enviarei a *dúzia de páginas* que faltam para que se possa compor:

Fim
de
As Monstruosidades Vulgares

Estamos, pois, no epílogo. Agora – claro está! – vou ser eu que vou começar a ter pressa. A bem dizer, o volume foi todo reescrito, o que espero não sucederá com outros, para outra vez. Mas suspeito que – digam lá os críticos o que quiserem – é, até hoje, o meu melhor romance. (Ou só *sentirei* assim por ser o último que me sai das mãos?) O que lhe peço – desculpe! – é sempre cuidado com estes últimos originais, que pròpriamente são originais únicos. Sim, desculpe a recomendação supérflua. E também o precipitado desta péssima redacção.

O sempre seu amigo agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 15 de Fevereiro – 60.
Meu querido Poeta e Amigo:

Peço-lhe que me perdoe este longo silêncio. Mas, além de continuar a viver em permanente desequilíbrio psíquico, o muito trabalho que pesa sobre mim, e absorventes preocupações da minha vida particular, impediram-me de, há mais tempo, dizer-lhe pelo menos: "Cá recebi a parte do original das *Monstruosidades*, e as provas de um e de outro livro! E, por tudo, e também pelas suas notícias, muito obrigado!"

Malogrou-se a minha esperança, que lhe contei um dia, de o nascimento de um filho vir influir favoravelmente na instabilidade de que sempre me tenho queixado. O filho – por sinal uma menina – nasceu, no dia 24 de Janeiro, mas… morto! A mãe, felizmente, nada sofreu, além do irreparável desgosto. Ambos ficámos mais pobres e mais sós! E eu… como se tivesse levado mais uma marretada do destino: vazio, e frustrado. E no entanto não faço tragédia com o caso, talvez porque a vida me assuste mais do que a morte, e encare o futuro com apreensões cada vez maiores.

Desculpe o parêntese pessoal, e deixe-me desejar que o seu romance esteja realmente no fim – cujo original estamos aguardando. Qual a sua ideia sobre a capa de um e de outro livro? Qual o artista em que pensa?

Conhece as nossas capas feitas pelo Paulo-Guilherme (filho do Olavo)?[192]

Aguarda as suas notícias o Amigo e Admirador que lhe envia um abraço

Luís Amaro.

P. S. – Lá ouvi ontem o Villaret, na televisão, dizer versos seus.

P. S. – Envio-lhe essa carta, a que vamos responder indicando o seu endereço. Ou seria preferível dizer que lha enviámos e que o meu Amigo, decerto, responderá directamente. Mais uma vez obrigado o Luís Amaro.

*

Portalegre
16/2/60

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e, para não entrar em adiamentos, hoje mesmo lhe respondo.

Antes de mais, sinto o seu desgosto, o vosso desgosto, pelo que sucedeu. Decerto se acumulam sonhos sobre a pequenina cabeça dum primeiro filho, e não pode deixar de ser cruel o Destino que imediatamente os aniquila. Mas os Pais estão novos, poderão ainda ter vários filhos. Compreendo a melancolia e o sentimento de frustração que vos devem ter ficado deste primeiro grande desgosto de casados. Não se tratará, porém, duma chaga incurável; – e o que eu quereria era não o ver, ao meu Amigo, tão temeroso perante a vida. Compreendo, também, – creio que perfeitamente – que a felicidade é sobretudo um fenómeno subjectivo, e que todas as hipóteses são muito oscilantes quando referidas à felicidade alheia. Todavia, por mais duma vez, lendo certas passagens das suas cartas, me surpreendo a perguntar se haverá alguma causa directa, *concreta*, para o desânimo que lhe sinto. Haverá? Não quero adiantar mais, pois, sem querer, se pode ser cruel, superficial, incompreensivo, quando, em assuntos assim delicados, nos adiantamos sem os dados suficientes para isso. Algum dia conversaremos a esse respeito, (algum dia que não precisa de vir longe) se o meu Amigo quiser.

Quanto aos nossos assuntos digamos literários: Oxalá ainda não tenham escrito ao senhor inglês aí da Portugália, pois não vejo necessidade nenhuma de ele entrar em correspondência comigo. Não tivesse eu, quase sempre, excesso de correspondência atrasada, e até me poderia ser agra-

[192] Paulo-Guilherme d'Eça Leal (1932-2010), filho mais velho de Olavo d'Eça Leal, presencista, foi um prolífico ilustrador, pintor, arquitecto, editor e escritor, tendo feito mais de 3000 ilustrações em capas, livros, revistas, destacando-se a criação do logótipo da editora Contraponto, de Luiz Pacheco. [SC]

dável corresponder-me com o meu ocasional tradutor. Assim... sobretudo me importa guardar para os amigos qualquer tempo livre! A Portugália poderá, pois, responder ao inglês que permite (e eu permito) a referida publicação... e pronto. Quanto aos meus livros: De facto – e já não sem tempo, concordo plenamente! – *As Monstruosidades Vulgares* estão no fim. Amanhã, o mais tardar depois, lhe enviarei as páginas finais do original, e, corrigidas, as últimas provas que recebi. Ainda me falta rever várias 2.as ou 3.as provas anteriores, não é verdade?

Quanto a capas, que poderei eu dizer? Aí, na Portugália, conhecem, decerto, melhor do que eu as qualidades dos ilustradores que têm a seu serviço. Não será possível serem-me enviados alguns rápidos *croquis*? Sobre eles poderia eu, já, dizer alguma coisa. Insisto em que a capa d'*As Monstruosidades* tem de ser válida para toda *A Velha Casa*, com simples alterações dos títulos, e, possìvelmente, das cores.

E, por hoje, um abraço do seu amigo

José Régio

*

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1960.

Meu querido Amigo:

Muito obrigado pelas suas belas e confortadoras palavras, que breve tornarei a agradecer-lhe com mais tempo e particularmente.

Também por estes dias espero poder enviar-lhe, aqui da Portugália, as *maquettes* das capas das *Histórias de Mulheres* (pelo Infante do Carmo) e das *Monstruosidades Vulgares* (pelo Paulo-Guilherme). Hoje seguem as provas da última parte do romance. Estamos, finalmente, em vésperas da saída destes tipogràficamente pouco felizes livros!

Sugeri ao Paulo-Guilherme que desenhasse uma capa que servisse não só para este romance como para toda a *Velha Casa*, como o meu Amigo recomendou. Veremos qual o arranjo que esse artista – bem talentoso, por sinal – imaginou e realizou; é questão de poucos dias.

Pensámos em incluir as *Histórias de Mulheres* na colecção Os Contos Universais, em que se publicaram livros de contos de Katherine Mansfield, Oscar Wilde, Gogol e Edgar Poe. Como o meu amigo sabe, um livro incluído em colecção tem sempre mais saída. No entanto, nada faremos sem receber a sua autorização.

Também se alvitrou aqui, há dias, a publicação, em volumes individuais, das suas Obras Completas. Que diz à ideia? Claro que, se ela fosse avante, teríamos de remover o obstáculo Salgueiro, quanto ao *Príncipe com Orelhas de Burro*.

O Snr. Agostinho Fernandes estaria disposto a dar ao Salgueiro uma compensação material pela cedência da publicação daquele livro – cujo único proprietário, afinal, é o Autor… Mas há pessoas que não fazem nem deixam fazer – e é o caso. De qualquer modo (mesmo pondo de parte a ideia de Obras Completas) é de lamentar que um tão belo livro continue esgotado… até quando? Até quando o Sr. Salgueiro quiser, naturalmente…

E, por hoje, parece-me que é tudo. Mas não: quero falar-lhe ainda da sua nota biográfica para as *Histórias de Mulheres* (que pode servir também para as *Monstruosidades*) e cujo original, redigido pelo nosso conselheiro literário Dr. Augusto da Costa Dias – com quem o meu Amigo falou quando cá esteve –, aqui junto. Agradeço que me devolva esta cópia e que se não constranja de a emendar ou alterar como quiser, se acaso lhe não agradar. Como, agora, não podemos perder tempo, era um grande favor que ma devolvesse, se possível, na volta do correio.

Obrigado por tudo. Um grande e grato abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Uma boa notícia: Teremos de recolher uma parte dos exemplares consignados das *Encruzilhadas*, por já estarem esgotados cá na casa.

*

Portalegre
26/2/60

Meu prezado Amigo:

Aqui vai resposta rápida à sua carta recebida hoje: As últimas provas (isto é: da última parte) do meu romance, ainda as não recebi. Espero-as amanhã, visto me ter anunciado mandar-mas ontem, e eu as não haver recebido. Também fico esperando, com interesse compreensível, as *maquettes* das minhas capas.

A respeito da inclusão das *Histórias de Mulheres* na colecção Os Contos Universais – só vejo um contra: É o que o meu Amigo conhece pela experiência dos meus livros incluídos nas colecções do Salgueiro. De certo modo, o autor fica um pouco tolhido. Claro que nenhuma inconveniência veria eu nisso, tendo a certeza de me entender sempre, como *editado*, com o Senhor Agostinho Fernandes. Mas se algum dia tiver de me entender com outros sócios da Portugália Editora? Entender-me-ei sempre, com eles, como com o Senhor Agostinho Fernandes me entendo? Este o ponto de dúvida. Todavia, a companhia que em Os Contos Universais me seria dada – só me pode lisonjear em alto grau. E o caso de melhores possibilidades de venda também parece digno de consideração.

Posto assim o problema, deixo aos meus Amigos o resolvê-lo. Eu de modo nenhum recuso a minha autorização, que fica dada.

Quanto ao caso das Obras Completas, é para se pensar. Em princípio, a ideia não me desagrada. O pior é que o Salgueiro (embora por deliberação minha) tem em seu poder 4 obras... que fazem parte das suas colecções. Sem entendimento com ele, nada feito. Ora ele reeditou agora o *Em Torno da Expressão Artística*, tendo reeditado há pouco a *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*. É capaz de estar a pensar em reeditar *O Príncipe...*

À nota do Dr. Augusto da Costa Dias nada tenho que modificar. Modéstia à-parte, acho-a perfeita. Suponho que as datas estejam certas, falta-me o tempo e a paciência para as verificar. Aqui lha devolvo.

Boa notícia, a d'*As Encruzilhadas*. Não se poderia pensar, ainda este ano, na reedição do *Mas Deus É Grande*? Confesso que, este ano, não me desagradaria isso, a não ser que ainda me venha um novo original... Um abraço do seu amigo

J. Régio

*

Lisboa, 2 de Março de 1960.
Meu querido Amigo:

Muito obrigado pela rapidez com que me respondeu.

Espero que as últimas provas de *AS MONSTRUOSIDADES* tivessem chegado ao seu poder no dia seguinte a ter-me escrito a carta. Estou, assim, aguardando a devolução, que peço seja rápida também, a ver se ainda lançamos o romance pelo menos em Abril.

Já deve ter recebido a capa (afinal, o desenhador – Infante do Carmo – não fez *maquette*...) das *HISTÓRIAS DE MULHERES*. A nós pareceu-nos uma bela capa, mas o meu Amigo dirá. E a propósito de capas, sabe que cada vez mais acho mais horrenda a que, por grande infelicidade nossa, foi feita para o *FADO*? Não sei se isso não terá contribuído para o relativo pequeno êxito que essa reedição teve, comparado com o da dos outros livros...

Quanto à inserção das *HISTÓRIAS* na colecção dos Contos Universais, afinal encontrou-se uma melhor solução; que a obra figure, de preferência, na nova colecção Contemporânea, que o meu Amigo deve conhecer. Lá estão publicados romances de Thomas Mann, Caldwell, Claude Roy, Graham Greene – e, dentre os portugueses, Maria da Graça Freire, Alves Redol e Vergílio Ferreira. Trata-se de uma colecção mais actualizada e de maior êxito que a dos Contos Universais, pelo que a mudança só o pode beneficiar.

Quanto ao seu receio de que o livro, integrado em colecção, fique preso aos editores, – por estes dias receberá o meu Amigo uma carta da

Portugália, pela qual verá que essa preocupação não tem razão de ser: O Snr. Agostinho Fernandes põe-[n]o absolutamente à vontade no que se refere à "libertação" – com vista ao futuro – das suas edições incluídas em colecções nossas.

E, por hoje, nada mais, querido Amigo. Um grande abraço do seu

Luís Amaro.

P. S. – A capa, por inadvertência dum colega meu a quem pedi para tratar do envio, não foi registada. Mas decerto a fatalidade não há-de estar sempre atrás da porta! Amaro.

2º P. S. – É talvez altura de mandar para a tipografia o 1.º vol. (*Uma Gota de Sangue*) da *Velha Casa*. Mas não quererá o meu Amigo fazer emendas no original, antes das provas? Amaro.

*

Portalegre
4/3/60

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo hoje as últimas provas recebidas e emendadas. No fim do volume, é necessário pôr:

Fim
de
As Monstruosidades Vulgares

para dar a entender que a obra continua. Ainda tenho de ver muitas segundas ou terceiras provas, que fico esperando. Agora, tenho pressa de ver cá fora este volume, para o qual, pode dizer-se, vivo há longos meses, e que foi principiado há anos.

Também lhe devolvo o projecto da capa das *Histórias de Mulheres*, que me agrada plenamente. Fica, pois, aprovado. Vamos a ver, agora, o d'*A Velha Casa*! Mais nada por hoje, senão um abraço deste seu amigo,

José Régio

*

Portalegre
10/3/60

Meu prezado Amigo:

Aqui vão mais umas linhas, – estas de resposta à sua última carta, de 3 [2] do corrente. Já recebeu, não é verdade?, as últimas provas que me foram enviadas das *Monstruosidades*. Tenho esperado todos os dias novas provas, pois creio que nunca cheguei a rever as últimas *provas de página*

de parte dos capítulos XI e XII; ou, até, X, XI e XII. São, para mim, capítulos importantes, em parte por serem os últimos do volume. Agora, terminado o original, é que tenho mais tempo para rever provas, e as devolver com relativa brevidade.

Quanto à inserção das *Histórias de Mulheres* no [*sic*] colecção Contemporânea, acho muito bem. O que mais convir à Casa e à venda, também me convém a mim.

Quanto ao *Fado*: Creio não ser só devido à infelicidade da capa que este meu livro tem menor venda. Sempre a teve. Talvez aquilo mesmo que mo faz caro – ser diferente dos outros nos motivos e até na expressão – afaste os meus leitores a quem os outros *não deixam ver* este. Muita gente se me queixa de não saber onde encontrar a "Toada de Portalegre"..., o que prova que muita gente desconhece o *Fado*; e gente que conhece outros livros meus. Além do que, também a questão da capa poder ter importância: Talvez uma capa mais *sensacionista* atraísse, pelo menos, certos leitores. E a mim, poderia não me desagradar. Foi um erro a substituição da 1.ª capa pela segunda, que afinal lhe não leva vantagem!

Aprovada – e plenamente – a capa das *Histórias de Mulheres*, (como lhe digo na carta que deve ter recebido junto com as provas) cá espero, agora, a d'*A Velha Casa*.

Acho prudente a sua sugestão de fazer quaisquer emendas a *Uma Gota de Sangue* no original que depois se mandará para a tipografia. Mas eu só tenho o meu exemplar próprio. Haverá aí um de sobra?

Peço para dizer ao Senhor Agostinho Fernandes que recebi, e agradeço, o novo volume de Teixeira Gomes. E aqui envio este cartão que peço para fazer chegar às mãos do Urbano Tavares Rodrigues.

Sem mais por hoje, um abraço do seu amigo

José Régio

*

11 – 3 – 60.

Meu bom Amigo:

Obrigado pelas suas notícias de hoje.

Espero enviar-lhe hoje ainda, ou amanhã sem falta, as provas que deseja das *Monstruosidades*, a partir da última página impressa – que é a 280 (creio que todas as folhas impressas estão já em seu poder).

Hoje segue também a capa para a série de *A Velha Casa*, feita pelo Paulo-Guilherme. Claro que o I é substituído pelo IV. Vou-lhe enviar também o meu exemplar de *Uma Gota de Sangue*, que sacrifico para a reedição. Um abraço de

Luís Amaro.

P. S. importante: – Depois de, rapidamente e cheio de pressa, lhe escrever as linhas anteriores, telefonei (agora mesmo) para a Inquérito, na esperança de conseguir ainda um exemplar da *Gota de Sangue*. A menina que me atendeu, depois de perguntar a alguém, respondeu-me: "esse livro está esgotado, mas estamos a fazer nova edição; dentro de pouco tempo já temos". O que haverá de verdade nisto?... Não seria bom o meu Amigo esclarecer o assunto com o Salgueiro? Ou tratar-se-á duma informação gratuita e leviana? Seja como for, fico de pé atrás com este assunto (em relação ao Salgueiro).

*

Portalegre
14/3/60

Meu prezado Amigo:

Recebi as últimas provas (ainda não *as últimas*, pois ainda terei de rever estas, se tiverem muitas gralhas) de *As Monstruosidades*. Breve lhas devolverei. E recebi a *maquette* (?) para a capa do mesmo livro. Gostaria de também haver recebido – ou gostarei de ainda receber – a opinião da Casa sobre a dita capa: sem dúvida que também essa opinião interessa... e a responsabilidade de não aprovação já não recairia só sobre o autor da obra. Isto, meu Amigo, é sobretudo uma maneira de lhe dizer que pode a capa ser interessante *em si*, como é, mas não estar adequada ao espírito do longo romance de que este volume faz parte: como, julgo, não está. Vamos a ver se consigo fornecer alguns dados que, por um lado, justificarão o que disse, por outro, poderão ajudar qualquer *maquette* futura. E, antes de mais: *Trata-se duma capa a repetir* (com a natural modificação dos títulos) *em todos os volumes da obra*. E a obra é antes grave e melancólica, posto, no fundo, transcendentalmente optimista. Portanto:

– Uma capa adequada terá de apresentar um certo aspecto de gravidade; (o ondulado da palavra *Monstruosidades* da *maquette*, assim como [embora feliz em si] o desenho das letras do nome do autor – sugerem antes algo de ligeiro, se não, até, humorístico.

– Julgo necessário que o desenhista conheça, pelo menos, um volume da obra: [*As*] *Raízes do Futuro*, por exemplo, onde se descreve A Velha Casa, com o seu ambiente. Claro que a silhueta negra da capa, sobre qual está escrito *a velha casa*, – de modo nenhum sugere aquele casarão meio solarengo descrito em *As Raízes*.

– Aquele I da *maquette* não sei o que significa: *As Monstruosidades Vulgares* são o 4.º volume da obra, que não fica por aqui [(1)][193].

[193] Nota do Autor: [(1)] Já indiquei nas provas anteriores que, ao fim deste volume, deve

– Como os títulos dos diversos volumes são, na realidade, sub-títulos, (devendo ser títulos das diversas partes numa edição da obra completa) acho mais coerente vir, primeiro, o título geral (*A Velha Casa*) e, depois, o do volume em questão, com qualquer indicação da ordem desse volume na série. A solução dos asteriscos parece-me, neste caso, a melhor: Ao mesmo tempo indica... e não se vê demasiado. Bem sei que, comercialmente, é uma desvantagem pertencer cada volume a um todo que o ultrapassa. Se o público chegasse a interessar-se por esse "todo"![194]

Finalmente: Dada certa dificuldade, que me parece haver, na visão e realização duma capa *ideal* (!) acharia preferível que me fossem enviadas duas, três, ou quatro verdadeiras *maquettes* (isto é: esboços) à escolha, em vez duma realização já definitiva... que pode não sê-lo.

E parece-me que nada mais por hoje, meu Amigo. Desculpem-me estas impertinências, e oxalá que o Paulo-Guilherme, filho dum meu velho Amigo, não fique demasiado contra mim!

Sempre o abraço do seu dedicado e agradecido,

José Régio

*

16 – 3 – 60.

Meu bom Amigo:

Recebi hoje as suas notícias – que já transmiti ao autor da capa. Todas as suas observações são perfeitamente aceitáveis! O Paulo-Guilherme vai fazer nova capa (eu pedi-lhe a *maquette*, ou as *maquettes* de várias; mas ele é caprichoso e orgulhoso). Quanto ao *I*, erradamente posto nas *Monstruosidades*, já havia prevenido o meu Amigo de que tinha sido lapso – corrigível, e que notei logo – do capista.

Peço-lhe o favor de me devolver na volta do correio as provas do primeiro oitavo das *Histórias de Mulheres*. Também aguardo as provas do romance.

Grato por tudo, lhe envia um abraço muito amigo o

Luís Amaro.

*

vir Fim de *As Monstruosidades Vulgares*. Não respeitaram, nas novas provas, essa indicação, para a qual peço a sua atenção.

[194] Desde «Vamos a ver se consigo», esta carta, sem a Nota do Autor, comparece em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 350-351.

Portalegre
19/3/60

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe mando as provas do frontispício de *Histórias de Mulheres*. Amanhã lhe mandarei as últimas d'*As Monstruosidades*, pois as quero mandar registadas, e já hoje não há tempo para isso.

Quanto à capa deste livro, estou apreensivo: Não aceitarei senão uma capa que *me sirva*, e receio esses jovens demasiado senhores de si! Não seria possível convencer um desses jovens (que, pelos vistos, o Paulo-Guilherme é) a esboçar umas três *maquettes*, – entre quais era bem mais provável haver uma que me agradasse? Fico, assim, na desagradável contingência de não aprovar nova capa *definitiva*..., pois, repito, não aceitarei senão uma capa *que me sirva*. Como é difícil a alguns jovens de hoje um bocadinho de humilde bom senso!

Desculpe, meu Amigo, e um abraço. Seu

José Régio

*

Portalegre
29/3/60

Meu prezado Amigo:

Deve ter estranhado – e com toda a razão – que, até hoje, eu nada tenha dito a propósito da hipotética reedição de *Uma Gota de Sangue* pelo Salgueiro. Seria muito longo e, de certo modo, supérfluo, explicar porque só agora vou escrever ao Salgueiro a propósito dessa reedição. Amanhã lhe escreverei, comunicando-lhe que já eu cedera essa reedição ao Senhor Agostinho Fernandes, que até já ma pagou. De modo nenhum poderia o Salgueiro, sem pedir a minha autorização, começar a compor qualquer reedição dum livro meu, – quando já eu lhe comunicara que só deixava em seu poder *os meus livros que pertenciam a colecções suas*. Igualmente lhe comunicara – se não estou em erro – que pretendia reunir na mão dum só editor (que seria a Portugália) os volumes d'*A Velha Casa*. Em suma, vou agora tirar isso a limpo!

Desculpe-me aí a demora deste breve esclarecimento.

E que tal vai o andamento de *As Monstruosidades*? A capa?

Um abraço do amigo

José Régio

*

Portalegre
6/4/60

Meu prezado Amigo:

Só duas palavras, para lhe dizer que já está esclarecido o caso de *Uma Gota de Sangue*: Comunica-me o Salgueiro que a resposta dada por uma empregada de estar em andamento uma segunda edição do livro – não passava duma dessas respostas-chapa sempre dadas quando se pede um livro esgotado à casa editora. O Salgueiro sabe que a segunda edição de *Uma Gota de Sangue* já pertence à Portugália. Quanto ao meu Amigo sacrificar o seu exemplar para as minhas correcções, não vale a pena: Vou escrever para Vila do Conde, e creio que lá terei um segundo exemplar, de que me servirei. Parece-me que, nestas férias, não irei ao Norte. Cá estou, pois, esperando quaisquer notícias que tenha a dar-me; particularmente... a capa!

Um abraço deste seu camarada e amigo

José Régio

*

Lisboa, 11 de Abril – 60.
Meu querido Amigo:

Obrigado pelas suas últimas notícias. O assunto da reedição de *UMA GOTA DE SANGUE* (1.º vol. de *A Velha Casa*) fica, então, completamente esclarecido: a Inquérito nada tem a ver, evidentemente, nem mesmo sob o ponto de vista moral (o único que, em relação a outros livros seus, prende o meu Amigo àquela editora), com esta obra. E, agora, só aguardamos o prometido exemplar da 1.ª edição, devidamente corrigido e pronto a ser composto.

Por este correio, e registada, lhe enviamos a segunda capa do Paulo-Guilherme, que a nós nos agradou, mas sobre a qual o meu Amigo dirá a última palavra. Junto uma carta do artista, para o Snr. Agostinho Fernandes, e na qual ele se explica e justifica. Como verá pelo estilo, o Paulo-Guilherme não espera que esta seja lida por si. Mas, à falta de tempo para transmitir ao meu Amigo as explicações do artista, e como no à-vontade com que ele se refere a José Régio está implícita uma funda admiração, pedi ao Snr. Fernandes que me autorizasse – a título devolutivo e particular – a remeter-lhe a missiva, que não deixa de ser curiosa.

Aguardando as suas notícias, e com os melhores cumprimentos do Snr. Agostinho Fernandes, sou o amigo que afectuosamente o abraça

Luís Amaro.

*

Portalegre
17/4/60

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo a capa d'*As Monstruosidades*, que (falando profissionalmente) considero aprovada com boa classificação. Acho-a sóbria, moderna, e muito bem composta. Se um pequeno senão tivesse a pôr-lhe, seria o de que o título do volume (*As Monstruosidades Vulgares*) me parece apagar-se demasiado perante o volume do título geral (*A Velha Casa*. Até comercialmente, talvez tivesse sido conveniente que esse sub-título desse mais nas vistas. Creio, porém, que qualquer alteração dessa natureza já não será, agora, fácil, – e (a não ser que o fosse) o melhor será, então, não alterar a excelente composição do conjunto. E pronto! Vamos, agora, a acabar o livro e a pô-lo na rua, – que eu, agora, estou com pressa! (Claro, o trabalho já não é meu…)

Agradecer-lhe-ia que me enviasse a última folha impressa do livro (última, ou últimas) logo que fosse possível.

Os meus afectuosos cumprimentos ao Senhor Agostinho Fernandes, e cordiais saudações ao Paulo-Guilherme.

Desculpe-me esta redacção a 100 à hora (não quero demorar mais o envio) e um abraço do seu Amigo

José Régio

*

Portalegre
12/5/60

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido as provas da primeira folha do romance, que lhe devolvi no mesmo dia. Eu, agora, estou com pressa! *Agradeceria que me enviasse a última folha imprimida*, pois nunca cheguei a recebê-la. Nas últimas folhas que li, – lá *pesquei* uma ou outra gralha. Quase impossível eliminá-las de todo! Uma, sobretudo, me aborreceu (mas de que devo ser eu o culpado, ou o principal culpado), um *prevesse* por *previsse* precisamente numa passagem em que mais me poderia molestar qualquer gralha: a última carta (em itálico) de Joaquim a Maria Clara. Enfim, paciência.

Agora, a respeito das *margens* dos dois volumes: Pedia-me o Senhor Agostinho Fernandes uns dizeres meus para as d'*As Monstruosidades*. Aí vão, não sei se em extensão excessiva ou deficiente. O Luís Amaro me dirá, – e me dirá o que se lhe oferecer sobre o que eu escrevi. Não tenho

dúvidas em modificar algo que não seja conveniente, pois, nestas coisas, nem sempre os autores mantêm o necessário tacto; (*nestas coisas*, quero dizer: falando da sua obra).

Quanto às margens para as *Histórias de Mulheres*, queria o Senhor Agostinho Fernandes que eu lhe remetesse quaisquer recortes críticos, e eu assim lho prometi. Mas fui procurar... e nada achei que prestasse! (É verdade que também nem chego a tomar conhecimento de várias críticas dos meus livros.) Não posso resignar-me a ver citadas, nas margens do meu livro, coisas sem valor crítico nem, sequer, comercial. Porque, no fim de contas, não saem hoje frases laudatórias nas margens de todos os livros, – os bons, os maus, os medíocres? Suponho que uns certos autores deveriam reagir contra certos costumes literários de hoje em dia (maus costumes) – e gostaria de ser eu um deles. A bem dizer, penso que naturalmente sou um deles.

Portanto, que me tolere a Casa sair o que sair nas margens (notícia biográfica? bibliográfica? de crítica em geral?) sem notas insignificantes como as que fornecem a crítica às *Histórias de Mulheres*. Ou conviria que, como no caso de *As Monstruosidades*, redigisse eu próprio qualquer coisa? Cá fico esperando qualquer resposta sua, que, evidentemente, há de [*sic*] ser combinada com o Senhor Agostinho Fernandes, a quem não escrevo (mas a quem envio os meus cumprimentos) simplesmente para lhe poupar maçadas.

Um abraço deste seu impertinente e agradecido amigo,

José Régio

*

15 – Maio 60.

Meu querido Amigo:

Duas rápidas linhas, antes do fechar da porta, só para lhe dizer que recebemos a notícia para as badanas de *As Monstruosidades*. Lá lhe irá ter a prova.

Quanto às *Histórias de Mulheres*, copiei esse trecho duma crítica do Jorge de Sena. Servirá?

A cópia pode ficar em seu poder.

Um abraço do sempre grato

Luís Amaro.

P. S. – Estou ansioso por ler as *Monstruosidades*! Diga-me se deseja uma tira de erratas.

...A maior virtude destas "histórias de mulheres" é evidenciarem uma maturidade plena do narrador...

Nem só a miragem do público predominantemente feminino, a que as histórias primeiro foram destinadas, terá contribuído para a paradoxal simplicidade e a delicada ironia com que as narrações se desenvolvem. A *Rosa Brava*, agreste e recatada, a *Maria do Ahú*, mãe de empréstimo, a Maria Eugénia do *Vestido cor de fogo*, falsamente frágil, são figuras femininas, descritas com uma compreensão e uma verdade raras na literatura portuguesa [...] E quem viu, no Porto, a *Menina Olímpia e a sua criada Belarmina* descerem a Rua dos Clérigos, ou tomarem o fresco na Rua da Cordoaria, comove-se – irremediavelmente para o crítico – com o halo de poesia dolorosa que na sua história as envolve. Não se pode exigir mais.

JORGE DE SENA
(In *Mundo Literário*, 15-2-947)

*

18 – V – 60.
Meu bom Amigo:

Tive receio de mandar imprimir a capa sem lhe mandar prova da sua *notícia* sobre o livro. Aqui vai, portanto, com o pedido de ma devolver na volta.

E quanto às *Histórias de Mulheres*? Recebeu a cópia que lhe mandei de uns trechos da crítica que o J. de Sena lhe fez? Não me pareceram mal.

Se não gostar, porém, queira dar-se à maçada de dizer de sua justiça sobre o seu próprio livro, como fez quanto à *Velha Casa*. Mas com a urgência possível…

O Dr. C. Dias fez uma nota, mas não foi tão feliz como na biografia (ou resumo biográfico). E eu nem sequer tento! Um abraço amigo do

Luís Amaro.

*

Portalegre
19/5/60

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe devolvo as provas da capa do meu Livro – a cuja correcção nada tive de acrescentar. Pode-se, pois, imprimir! Estou receando que o volume apareça numa pouco boa altura, e, a bem dizer, (desculpe-me, veio-me agora a *urgência de autor*) não sei por que tem havido, ùltimamente, alguma demora... Aquela antipática Casa Tipográfica tinha sempre tanta pressa quando era preciso mandar eu original ou provas revistas!...

Acho muito bem que sejam aproveitados os recortes de Jorge de Sena para qualquer breve notícia a imprimir nas badanas das *Histórias de Mulheres*. Qualquer notícia breve e simples. Receio que o também escrevê-la eu (embora já tivesse eu mesmo lembrado tal solução) possa, pela repetição, assumir um ar pedante. Bem sabe, eu nem sequer simpatizo com esse costume actual das badanas armadas em reclame. Mas, enfim, para ser respeitado o costume da colecção, saia qualquer coisa... (quanto mais simples melhor). Também é natural que a Portugalia [*sic*] faça sair em qualquer jornal, ou revista, qualquer anúncio do aparecimento dos livros. Desde já se poderá, também, anunciar, junto com *As Monstruosidades*, a reedição de *Uma Gota de Sangue*, em cuja revisão ando trabalhando. O que, porém, eu quereria pedir, é que tal anúncio fosse discreto e simples. Hoje, são os mais medíocres que mais foguetes atiram!

E pronto, meu Amigo. Até outra vez. Um abraço do sempre seu grato,

José Régio

*

27 de Maio – 60.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, para o tranquilizar e para que não julgue que me tenho desinteressado dos seus livros.

As *Monstruosidades* estão pràticamente prontas, – isto é, com a capa no envernizador (que é um novo colaborador, por sinal bastante caro, dos editores).

Portanto – tenho a paciência de esperar mais alguns dias. (Pergunto, porém, neste momento, a mim próprio, se a ocasião ideal não seria aproveitar a abertura da Feira do Livro de Lisboa... Mas reparo que é só em 24 de Junho, e nessa data já muita gente estará em férias.)

As *Histórias de Mulheres* é que aparecerão um pouco depois. Mas julgo que o que lhe interessa agora é o IV volume de *A Velha Casa*.

Creia sempre na muita estima e na muita admiração do

Luís Amaro.

*

Portalegre
30/5/60

Meu prezado Amigo:

Obrigado pelas suas palavras. Cá estou à espera mais uns dias de ver aparecerem *As Monstruosidades Vulgares*. É sempre quando o livro está a aparecer que aumenta a impaciência dos autores. Nunca cheguei a respon-

der à sua pergunta sobre a possibilidade duma página de erratas; mas, a bem dizer, o meu silêncio foi uma resposta. Não tendo apontado (como devia) as gralhas por que ia dando, seria difícil, agora, reuni-las. Infelizmente, ainda dei por uma que também me aborreceu, e que não sei se deixei escapar na prova que me foi enviada – não sou grande revisor, embora grande *emendador*! – ou se apareceu depois: *História de Mulheres*, em vez de *Histórias de Mulheres*, no índice das Obras do Autor (1.ª folha). É aborrecido! Mas, agora, nada a fazer. O que é preciso é que esse erro se não repita nas próprias *Histórias*.

Tenho trabalhado na correcção de *Uma Gota de Sangue*, e feito bastantes correcções. Com vagar, pois suponho não haver urgência de maior em principiar a sua composição. No entanto, poderia principiar quando fosse necessário: Tenho metade do livro corrigido, e a outra metade exige menos emendas. Parece-me que estou agora em boa maré de trabalho: Além dos projectos para que me preparo, organizei, quase, um novo volume de poemas, – poemas breves, alguns publicados em folhas esquecidas e a maioria inéditos: livro um pouco diferente dos meus de versos habituais. Também continuo com o volume das *Histórias para Crianças Grandes*.

E já não é pouco, por agora! Com os meus agradecimentos ao Senhor Agostinho Fernandes pelo novo volume, que recebi, de Teixeira Gomes, peço para lhe dar os meus cumprimentos.

E um abraço do camarada e amigo

José Régio

*

Lisboa, 15 de Junho – 60.

Meu querido Amigo:

Para simplificar as relações entre editor e editado, e para tirar à correspondência, assinada pela Gerência da casa, o tom forçosamente comercial e decerto sem o à-vontade que me permite a nossa velha amizade; e ainda por não estar o meu Chefe aqui de manhã à noite, visto ter também a sua vida no "Algarve Exportador"; por tudo isto, e também por eu estar, ou me sentir, integrado nas suas "negociações" com a Portugália (ou vice-versa); e ainda porque, da minha posição, digamos, de intermediário, nunca resultaram – creio – prejuízos para qualquer das partes, antes apenas facilidades e uma boa e cordial compreensão, por tudo isto, aqui estou, como sempre muito à pressa (embora o intróito não dê essa ideia; mas a verdade é que já passa das 6, e fechamos às 6,30), a dizer-lhe o seguinte:

As *Monstruosidades* foram hoje postas à venda; preço – 35$00. Claro que, depois do livro distribuído, se farão os respectivos anúncios, tendo-se presente a sua recomendação, que eu interpreto como: "nada de espalhafatos comprometedores da minha dignidade de escritor alheio às campanhas publicitárias! A minha glória, tenho-a conquistado no silêncio, na discrição, longe das turbas e das tubas".

– Seguem hoje, para si, os primeiros 25 exemplares; depois seguirão os restantes.

– Remetemos-lhe hoje, também, 26 folhas do[195] primeiro oitavo, para o meu Amigo fazer favor de autografar para jornalistas, críticos ou quaisquer outras ofertas. Lembro os seguintes nomes:

Luís Amaro[196]
Agostinho Fernandes
João Gaspar Simões
Natércia Freire (*D.º de Notícias*)
Acúrcio Pereira (*O Século*)
Álvaro Salema (*Diário de Lisboa*)
David Mourão-Ferreira (*Diário Popular*)
Armando Ferreira (*Jornal do Comércio*)[197]
Amândio César (Emissora Nacional)
Alfredo Margarido (jornais de África)
Julião Quintinha
Guedes de Amorim (*O Século Ilustrado*)
Óscar Lopes (*O Comércio do Porto*)
Ramos de Almeida (*Jornal de Notícias*)
João José Cochofel (*Gazeta Musical*)[198]
Carlos Cunha (*Diário Ilustrado*)[199]
M. Antunes (*Brotéria*)
Jorge de Sena (Brasil)
Casais Monteiro (")
Igrejas Caeiro (Rádio Clube Português)
Mário Sacramento ([*O*] *Comércio do Porto*)

---

195 Frase manuscrita no topo da folha: "x – já enviados para a Portugália". [SC]

196 Manuscrito, como os dois seguintes. [SC]

197 Armando Ferreira pontificou no *Domingo*, Suplemento Semanal do *Jornal do Comércio*. Seria já dele, embora não assinado, o elogio máximo em "José Régio", 7-II-1943.

198 Recenseou *As Monstruosidades Vulgares* no n.º 121 da 2.ª série, Abril de 1961: 237-238.

199 Putativo autor da prosa não assinada "Mais uma leitura de 'Cântico Negro' de José Régio", 14-VII-1962.

Armando Bacelar (*Vértice*)
Branquinho da Fonseca[200]
[201]enviei mais exemplares para:
Guilherme de Castilho
Taborda de Vasconcelos
António Quadros
Santa'Anna Dionísio
Manuel Bandeira
Cecília Meireles
Joaquim Paço d'Arcos
Aquilino
António Sérgio
Luís Forjaz Trigueiros
Manuel Mendes
Fernando Lopes Graça

Permito-me lembrar-lhe, ainda, que o Sr. Agostinho Fernandes gostaria, com certeza, de ter um exemplar autografado pelo autor, como é natural.

Parece-me que, para estas ofertas, o processo ideal é este: seguirem daqui os livros assinados pelo Autor, e, portanto, para que os volumes não façam uma viagem de ida-e-volta a Portalegre (e cheguem cá estragadas dos tombos pelo caminho), o melhor é enviar-lhe as folhas do 1.º oitavo, como agora. Diga-nos, por favor, as pessoas a quem oferece (além daquelas, de sua amizade pessoal, de quem seria inconfidência querermos saber os nomes), isto para evitar repetições.

Pronto. São agora (depois de vários telefonemas a interromperem-me) 6,45. Arrisco-me a vir um fiscal e... a perder o comboio para Queluz, onde moro. Um abraço muito afectuoso do

Luís Amaro.

*

Portalegre
24/6/60

Prezado Amigo:

Estou na terrível época dos exames, e, de momento, a braços com a classificação de provas escritas, – coisa que profundamente aborreço: principalmente porque é um trabalho para o qual nunca nos dão o tempo

[200] Manuscrito. [SC]

[201] Frase manuscrita, do lado esquerdo da folha, informando dos nomes acrescentados a esferográfica vermelha. [SC]

suficiente. Eis porque ainda lhe não devolvi, assinadas, as folhas dos exemplares destinados aos críticos. Vamos a ver se lhas posso mandar amanhã! Deste ponto de vista, a ocasião do aparecimento do livro não me podia ser menos favorável. Doutros pontos de vista, também não sei. Mas, enfim, o livro está cá fora! Para mim, é o essencial. Adeus por hoje, que até estas linhas vão a correr. Um abraço do seu

José Régio

*

29 – 6 – 60.
Meu querido Amigo:

Estranho muito que ainda não nos tenha enviado os quartos assinados! Mas calculo que deve estar aflito com os exames... e com o calor. Quando é que resolve libertar-se desses trabalhos tão fatigantes? (Desculpe-me a pergunta intrometida...)

O neto – um dos numerosos netos, aliás – do Sr. Ag. Fernandes pede-me que lhe arranje 1 ex. do livro assinado por si (isto é, autografado). Se ainda for a tempo, agradeço que aproveite uma dessas folhas; se não for, que me envie 1 livro, que eu depois lhe devolverei, pois trata-se de uma oferta da casa.

O nome é: NUNO DA NAZARETH FERNANDES.

E, à espera das folhinhas para finalmente remeter exemplares à Crítica, sou o amigo de sempre, sempre grato e ao dispor

Luís Amaro.

*

30 – 6 – 60.
Meu querido Amigo:

Muito obrigado pelo exemplar que quis destinar-me. Vou lê-lo sôfregamente, com certeza, como leio tudo que vem de si – até aquilo que os críticos, certos críticos, possam achar menos significativo – e quando eles assim pensam quanto aos romances da *Velha Casa*, cometem um tremendo erro e uma estúpida injustiça.

– Esqueci-me ontem de lhe pedir um dos oitavos assinados para um filho do Sr. Fernandes, que muito aprecia este género de autógrafos. Nome: EURICO FERNANDES.

– Como ainda aí tem oitavos, agradeço que junte este. Um gratíssimo abraço do

Amaro.

*

Portalegre
30/6/60

Meu prezado Amigo:

Os exames (que me não deixam tempo nem disposição para mais nada) é que são, de facto, culpados da minha demora. No entanto, mandei-lhe ontem as folhas referentes a críticos e jornais principais, além duma ou outra para amigos. Deve tê-las recebido hoje. Felizmente, ainda cá me ficaram várias folhas. Utilizarei, pois, uma delas para o Neto do Senhor Agostinho Fernandes. E nada mais por hoje, senão mais um abraço do amigo

José Régio

*

4 – Julho 60.
Meu querido Amigo:

Estranho não ter recebido ainda os outros oitavos para os restantes críticos – Amândio César, Taborda de Vasconcelos, Carlos Cunha, Julião Quintinha, Costa Barreto (este lembro eu agora) e outros que porventura lhe ocorram. Havia toda a conveniência em fazer seguir já esses exemplares.

Comecei ontem a ler o seu livro – e quanto lho agradeço! Como me é grato conviver com Lèlito, com Maria Clara, com Maria Teresa, com a ti' Pinheiro, com Piedade... Que subtileza, que delicadeza e que admirável conhecimento da alma humana, nestas páginas dum grande romancista! Mas talvez outros, habituados a uma literatura sensacionalista e *snob*, se não apercebam da verdade dessas páginas; e no entanto o livro tem saído, inda que não seja *best-seller*.

Das *Encruzilhadas* é que temos de fazer nova edição, pois está completamente esgotada. Lá vi ontem o pobre Villaret dizer, na televisão, como só ele sabe, a "Carta de Amor". Ele *vive* intensamente os seus versos, embora ontem os dissesse talvez com teatro a mais. No entanto, e apesar dos naturais vestígios de decadência, continua extraordinário.

Sabe que – segundo disse, aqui há dias, o Luís de O.[202] Guimarães – o desgraçado tem a maior percentagem de ureia que há em Portugal? Oxalá, no entanto, surja um milagre que o salve![203]

Abraça-o com toda a gratidão o

Luís Amaro.

---

[202] Luís de Oliveira Guimarães (1901-1998).

[203] Nascido em 10-V-1913, João Villaret morre em 22-I-1961.

*

Portalegre
4/7/60

Meu prezado Amigo:

Aqui vão hoje mais estes oitavos, cujo destino o Luís Amaro verá, e providenciará para que seja cumprido. Oxalá todos os exemplares cheguem ao seu porto! Dos oitavos que recebi, (julgo que 25) inutilizei um, e tenho ainda aqui outro. A pessoas de família, e amigos particulares sem projecção literária, vou eu enviando exemplares. A críticos, camaradas de renome, etc., – só tenho vantagem em que sigam de aí da Portugália. Vantagem, e grande, porque sempre me falta tempo, e até disposição! (Na realidade, acabo por nem oferecer exemplares que bem devido era oferecer…) Entre esses nomes de camaradas se contam alguns do Brasil. Possível é, também, que ainda haja publicações ou críticos a quem não desconviria enviar exemplares, – além dos que me indicou. E, nesse caso, agradecer-lhe-ia que me enviasse mais alguns oitavos, se a Portugália se encarrega de fazer, depois, chegarem os exemplares ao seu destino. Repito que, para mim, seria grande conveniência. E mais um abraço por hoje do seu

José Régio

*

Portalegre
11/7/60

Meu prezado Amigo:

Sempre estas linhas apressadas, porque os exames continuam... Mandei-lhe mais alguns oitavos assinados, e, agora, ainda cá tenho meia dúzia deles que espero devolver-lhe amanhã. E pronto, – quanto às suas maçadas! Na verdade, receio estar abusando um pouco, encarregando a Casa de enviar volumes a pessoas que já nem se encarregarão de fazer a crítica da obra, pois ou não são críticos, ou não trabalham actualmente como tais. Creia, porém, que é um grande favor que o meu Amigo me faz encarregando-se disso! Nestas alturas de trabalho, calor e cansaço, eu iri[a] adiando os mais dos envios – e acabaria, talvez, por os nem enviar; o que seria lamentável!

Muito obrigado, meu Amigo, e um abraço do seu sempre grato,

José Régio

*

Queluz, 11 de Julho – 60.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe do jardim do Palácio de Queluz. A segunda-feira é sempre o pior dia da semana, para quem está empregado; e hoje de manhã, ao acordar, não tive coragem de me preparar e ir para Lisboa, a retomar o fio da rotina habitual. Além de que ando cansado, fraco, a precisar de férias. Para estar às 9 horas no emprego, tenho de me levantar às 7,15 – e, à tarde, o comboio que me traz devolve para Queluz um ser fatigado, quantas vezes derrotado... E se a vida conjugal me trouxe incomparàvelmente um outro sossego, uma outra quietação, também é certo que a *noite* não desvaneceu ainda totalmente da minha alma as sombras espectrais em que ela se debatia.

Isto explica o meu cansaço, e a necessidade em que estou de repousar e evadir-me do quotidiano, cada vez mais problemático (apesar das enganadoras aparências).

Sei que tenho em Lisboa correio seu (disse-me há pouco, pelo telefone, a minha Mulher, que também é minha colega de trabalho, há 17 anos... Namorámo-nos 2 meses e nesse curto lapso de tempo realizámos o que já podia ter acontecido há quanto! Mas eu estava convencido de que ninguém me aceitaria, assim "fora de série" como sou; e a vida, também, não me oferecia nenhuma segurança que me permitisse pensar em casar!).

Creio tratar-se dos novos oitavos que lhe mandei. Obrigado. Convém, na verdade, espalhar o livro por todos que dele possam falar – pois o silêncio é o pior inimigo dum autor.

Li ontem – ou melhor, acabei ontem de ler – o seu romance. E o que lhe tinha dito confirma-se, com mais entusiasmo ainda: é uma obra admirável! E, sem dúvida, como o próprio Autor pensa, o mais equilibrado dos volumes da série (que pena, nos *Avisos do Destino*, aquelas largas intromissões ensaísticas!). Há páginas magistrais neste 4.º volume: principalmente as que estudam e aprofundam o conflito de amor entre Maria Clara e Joaquim. Que inquietante poder de análise e que dostoievskiano conhecimento da alma humana! Igualmente admiráveis, pela capacidade descritiva a que nada escapa, as páginas historiam o "serão artístico-mundano" em Lisboa (nas quais não é difícil identificar [n]um dos comparsas mais sugestivos – o poeta João Salvador – flagrantes sugestões do pobre António Botto; mas até neste, apesar do equívoco e da ambiguidade que lhe são próprios, não há caricatura nem deformação: há verdade, há verosimilhança, há vida).

Gosto muito de toda a *Velha Casa*, como já lhe disse. Considero-a, realmente, uma das suas obras capitais. Mas este volume sobrepaira [a]

todos e [a]os outros. Livro portuguesíssimo – em que se poderão encontrar as sombras do melhor Júlio Dinis e de Camilo (a deste no remate do conflito Maria Clara-Joaquim) – nem por isso deixa de ser uma obra de interesse universal: porque as paixões e os sentimentos que nele se entremostram não são localizáveis nem sequer típicos duma época: e aqueles que não compreenderem ou sentirem isto enfermam de grave miopia. Claro: se o leitor vai *prevenido* para a leitura do seu livro; se a sensibilidade do leitor repelir a atmosfera inconfundìvelmente *regiana* em que ele decorre; e se desconhecer, também, os antecedentes da história, possível é que a riqueza psicológica, a complexidade, a poesia dessas páginas lhe passem despercebidas. Mas quanto terá perdido esse leitor leviano ou superficial!

Em meu fraco entender, o meu Amigo devia concorrer ao Prémio Camilo Castelo Branco – até porque a *Velha Casa* já constitui uma *soma* romanesca de considerável peso nas nossas Letras.

Espero autorização sua para poder fazer a inscrição na Sociedade dos Escritores, visto que o editor poderá tratar de tudo.

Lembre-se que, além do mais, esta seria uma melhor compensação para o seu esforço. Sou o primeiro a reconhecer que os direitos ou lucros auferidos por um romance de tamanha extensão – e que tantas horas, dias, meses de trabalho representa – não têm sido compensadores para si (se tal acontece também em relação ao esforço dos editores, não sei, confesso).

Agradou-me verificar, no decorrer da leitura, a escassez de gralhas. Apenas uma me desgostou fortemente: na comovente carta de Joaquim à mulher, saiu pre*ve*sse, em vez de pre*vi*sse (creio que não estou enganado). É das tais que justificariam uma errata, se o livro não estivesse já distribuído.

Também em certa página encontrei, na boca de Ti' Pinheiro, se bem me lembro (ou não: de D. Revocata, talvez), a expressão "águas que m*oe*m moinhos", em vez de m*ov*em, segundo creio.

E agora temos de tratar de: a reedição de *Uma Gota de Sangue* (para quando o original emendado?); a reedição de *Mas Deus É Grande*; e a reedição das *Encruzilhadas de Deus* (deste não havia, há dias, *um único* exemplar na Editora, apesar de existirem em consignação por alguns agentes; mas não muitos).

Se tiver alguma *Nossa Senhora* em vista para a sua colecção e não puder adquiri-la (ou lhe não convier no momento), creio – tenho a certeza – que o Sr. A. Fernandes lhe não recusaria o pagamento da nova edição das *Encruzilhadas*. Diga sinceramente.

A propósito do Sr. A. Fernandes: o meu Amigo falou-lhe, numa das últimas conversas que tiveram em Lisboa, em qualquer obra sua *inédita*, ou qualquer assunto assim, que o meu patrão não sabe precisar. Quer dizer-me do que se trata?

E, por hoje, basta de maçada. Quando terei a felicidade de o trazer aqui ao Jardim do Palácio de Queluz, depois de almoçar na minha casa? Será atrevimento admitir esta hipótese?

Um grande abraço do seu gratíssimo

Luís Amaro.

*

Portalegre
14/7/60

Prezado Amigo:

Recebi a sua carta, em que me fala de *As Monstruosidades Vulgares*. Muito obrigado pelas suas boas palavras e pela sua compreensão, se é que é lícito o agradecimento ao belo dom gratuito de compreender. *A Velha Casa* não terá muitos apreciadores (espero que vão aumentando com o tempo) mas tem-nos bons, e firmes, entre os poucos. Quanto a concorrer ao Prémio Camilo Castelo Branco, devo confessar que não é coisa que me não tivesse vindo à ideia. A possibilidade – aliás mera possibilidade – de ganhar uns milhares de escudos que de modo nenhum desconviriam ao contínuo pelintra que, por culpa minha, sou, não deixa de me sorrir. Não me sorria menos a possibilidade de chamar sobre os meus livros de ficção uma atenção que o público e até a crítica pouco lhes têm concedido. Por outro lado, sou muito descrente dos prémios. Concorri, uma vez, com *O Príncipe com Orelhas de Burro* ao prémio Ricardo Malheiro[s]. Quem o ganhou foi o Hugo Rocha[204]. Também este preceito de ser preciso o autor *concorrer* – me é antipático e até parece vexatório. Os prémios literários deveriam ser dados sem necessidade de concurso por parte de autores ou editores. Parece-me que a dignidade do escritor seria, assim, mais honrada. Vou, portanto, pensar sobre o caso. Creio que ainda há tempo para pensar, – ou não haverá?[205]

Sobre os nossos assuntos editoriais: As reedições de *Mas Deus É Grande* e *Uma Gota de Sangue* – podem principiar quando a Casa entender. Se as emendas de *Uma Gota de Sangue* ainda não estão todas feitas, metade, pelo menos, do livro já poderá ser entregue à tipografia; já poderá, ou já poderia: O exemplo das demoras d'*As Monstruosidades* prova-nos que convém entregar a obra completa. Em poucos dias concluirei o que falta, logo que disso esteja prevenido. A última parte do livro tem

[204] Confusão de Régio. Em 1942, o prémio foi atribuído a *Calcanhar do Mundo*, de Vergílio Godinho. Em 1943, não foi atribuído.

[205] Desde «Quanto a concorrer», excerto em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 350-351. Divergência em «por parte dos autores».

muito menos emendas a fazer, e, dentro em pouco, estará concluído o mais premente serviço de exames. (Hoje, por exemplo, tenho um dia quase livre, e de aí o poder escrever-lhe com algum vagar.)

Quanto à reedição de *As Encruzilhadas*: A esperança, com que me acena, de receber desde já a respectiva importância – não veio senão ao encontro duma actual necessidade em que me vejo: Trouxe para casa (com medo de perdê-la) uma virgenzinha gótica adorável a meus olhos, mas que ainda não pude pagar. O mal (e o bem) é que já há por aqui vários intermediários nisto das antiguidades – que vão procurar coisas até para além-Alentejo. Vendem-nas ainda relativamente baratas, – o que aumenta a tentação dos coleccionadores como eu. Porém esse relativamente barato ainda é caro para quem, também como eu, não tem fortuna pessoal e tem despesas de muito vária ordem. Ora já a propósito do pagamento antecipado do *Mas Deus É Grande* eu expus coisas idênticas ao Senhor Agostinho Fernandes – não há muito tempo. De modo que na verdade me acanho de voltar agora a importuná-lo... pelo menos directamente... Aqui fica uma sugestão de poeta obrigado a ser calculista[206]. Pela 3.ª edição das *Encruzilhadas* recebi 8.000$00.

E creio que, por agora, tratei do principal. Vou enviar-lhe ainda uns quatro oitavos que tenho, e, depois, espero não o maçar mais com oitavos de *As Monstruosidades*.

Mas uma coisa me ia esquecendo: O meu próximo livro inédito a publicar-se. Trata-se de um livro de contos mais ou menos poéticos e fantásticos (para desenjoar do realismo d'*A Velha Casa*, tenho de lhe intercalar coisas diversas...) que eu sonhara fazer sair antes do Natal; isto é: nas suas proximidades. Claro que a obra ainda está em elaboração, só poucos passados a limpo.

... E por que não hei de ir almoçar consigo, irmos depois ao Palácio e Jardins de Queluz, onde tenho o meu amigo Ventura Porfírio?[207] Voltaremos a falar nisso. Talvez eu fosse por Lisboa no fim dos exames. Adeus por hoje, finalmente. Um abraço do seu sempre

José Régio

*

[206] Desde «Quanto à reedição», em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 351.

[207] António Ventura Porfírio (1908-1998) foi um pintor, desenhador e restaurador que colaborou na revista *Princípio*. Em 1938, torna-se conservador do Palácio Nacional de Queluz, tendo pintado um óleo sobre tela do amigo Régio em 1958, intitulado *Poeta de Deus e do Diabo*, que se encontra na Casa-Museu José Régio. [SC]

22 – 7 – 60.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas para lhe dizer que o Sr. Agostinho Fernandes concordou com o que lhe pedimos. Eu é que, atrapalhado com múltiplas preocupações, não disse imediatamente à contabilidade para tratar do cheque. Perdoe-me a pequena demora, que decerto lhe não terá trazido inconvenientes; e tenha a paciência de esperar (precisamente devido a essa pequena demora) mais 2 dias, pois só no sábado – por motivos que já não se prendem com o Sr. Fernandes, mas com transferências bancárias, etc., de que nada percebo – o cheque pode seguir para Portalegre.

Estou, por esta vez, perdoado? Espero que sim.

As *Monstruosidades* têm saído. O Amândio César, com quem falei há pouco ao telefone, disse-me ter gostado do livro, e vai fazer a crítica na Emissora[208]. Viu, decerto, a do Álvaro Salema, no *D. de Lisboa*[209]; podia ter sido, sem prejuízo da objectividade crítica, mais entusiástica, mas consolemo-nos com o facto de ele considerar José Régio o maior poeta português depois de Antero.

Um grande abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Uma sugestão: Porque não manda um ex. ao Vergílio Ferreira (actualmente em Lisboa)? Não me esqueço que ele o considerava o escritor português mais representativo para o Prémio Nobel.

*

Lisboa, 4 de Agosto de 1960.
Meu bom Amigo:

Esperava ter o prazer de o ver aqui em Lisboa, pois o nosso Alberto de Serpa tinha-nos dito há dias que possìvelmente se encontrariam e viriam, ambos os Poetas, até esta casa amiga. Mas parece que os preparativos de abalada o prendem à "velha casa" de Portalegre, talvez já tão ligada ao seu destino como a outra "velha casa" de Azurara; é, pelo menos, o que depreendo do seu cartão de ontem para o Snr. Agostinho Fernandes, que também recebeu o recibo da 4.ª ed. das *Encruzilhadas*.

E é a propósito das *Encruzilhadas* que lhe escrevo, por encargo do meu Chefe:

---

208 Emissora Nacional.

209 No suplemento Vida Literária de 14-VII-1960.

Qual a sua ideia sobre as ilustrações e capa deste livro, para a nova edição? A nós parece-nos que não seria errado manter os desenhos do pobre Pavia, até como homenagem ao pintor e também porque têm muita qualidade (embora, bem sabemos, se não enquadrem perfeitamente no *espírito* da sua Obra). Mas o nome do Pavia ganhou, com a morte, o prestígio e a irradiação que lhe faltaram em vida (a velha história...); seria aconselhável, e principalmente seria *justo*, mantermos as ilustrações.

Quanto à capa, é que já é mais discutível: aí já o querido artista não foi tão feliz.

Lembrámo-nos de que seria talvez mais indicado (e isto para evitar experiências, perdas de tempo, decepções, atritos; e até pela dificuldade de uma[210] capa *desenhada* – que talvez ficasse a colidir com os desenhos do texto, no caso de estes serem os mesmos – exprimir, ou sugerir, o *mundo* das *Encruzilhadas*), lembramo-nos, dizia, de seguir o mesmo tipo de capa da última edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*: tipográfica, simplesmente, sem espalhafatos, elegante e digna.

Esta é a nossa opinião, que lhe transmito desde já para poupar tempo; o meu Amigo nos dirá a sua, com a sinceridade que sempre temos usado nas nossas relações.

Também lhe pedíamos o favor de nos dizer o que pensa acerca das ilustrações para *Mas Deus É Grande*: quem poderá fazê-las?

Por último, lembro-lhe a conveniência de nos enviar o original de *Uma Gota de Sangue*, para irmos alimentando a chama em torno da "velha casa"... A falta do primeiro volume pode prejudicar – pelo menos para os não iniciados – o entendimento geral da Obra; e, com a saída das *Monstruosidades*, recebemos pedidos que não pudemos atender.

As *Histórias de Mulheres* estão prontas, mas a época é má para o lançamento de mais um livro seu; pensamos em meados de Setembro – acha bem? Vamos, entretanto, enviar-lhe um exemplar já brochado.

E, por ora, já é bastante. Junto segue uma carta que hoje recebemos para si[211].

---

[210] Manuscrito: "[d]e um[a]". [SC]

[211] *Cópia da carta de J. P. Bachem Verlag*
G.m.b.H.
Köln – Marzellenstrase, 35-43

Bachemhaus – Köln
le 16 août 1960

Portugália Editora, Avenida da Liberdade, 13 – 3º – Lisboa

Messieurs,
par notre lecteur portugais nous apprenons que vous publiez les oeuvres de José

O Snr. Agostinho Fernandes envia-lhe muitos cumprimentos. (Para maior facilidade nas comunicações, e por falta de tempo e oportunidade do Snr. Fernandes em escrever-lhe, prontifiquei-me, espontâneamente, a tratar dos assuntos editoriais que aí ficam.)

Aguardando a sua resposta o mais breve possível, abraça-o afectuosamente o amigo sempre ao dispor

Luís Amaro.

*

Régio et de Maria da Graça Freire, auxquelles nous nous intéressons. Nous vous serions donc très réconnaissants si vous pouviez nous envoyer un exemplaire de lecture du dernier roman de l'une et de l'autre. Notre lecteur n'est pas trop sur si ce sont bien JOGO DA CABRA-CEGA de Régio et A TERRA FOI-LHE NEGADA de Freire ou deux autres titres. Veuillez nous réserver une option de trois mois sur les droits allemands et nous écrire quels ouvrages de ces deux auteurs ont déjà paru chez vous. Dès que l'examen des romans nous permettra de nous faire une idée des auteurs et leurs oeuvres vous aurez de nos nouvelles.
En vous remerciant en avant nous vous prions de croire, Messieurs, à l'assurance de nos sentiments les meilleurs.

J.P. Bachem Verlag GMBH
Lektorat

MM. J. P. Bachem Verlag
Koeln – Marzellenstra

Cópia

Lisbonne, le 13 septembre 1960.

Messieurs,
Nous avons reçues en son temps vos lettres du 16 août écoulé se référant à l'éventuelle traduction en allemand des romans *JOGO DA CABRA CEGA*, par José Régio, et *A TERRA FOI-LHE NEGADA*, par Maria da Graça Freire.
L'époque des vacances a beaucoup mis en retard nos services, ce que nous a empêché de répondre plus tôt à votre aimable demande; nous vous prions donc de nous en excuser.
Le livre de Régio *JOGO DA CABRA CEGA* n'a pas été publié par notre Maison, et il se trouve il y a déjà beaucoup d'années hors du marché, ne pouvant pas être réédité au Portugal. De ce grand écrivain – notable en tous les genres litéraires [littéraires] – nous avons édités des livres de poesie [poésie], théatre [théâtre] et fiction.
Nous vous faisons parvenir par ce même courrier un de ses livres de contes que nous venons de réediter [rééditer]: *HISTÓRIAS DE MULHERES*. De ce même auteur nous avons publié il y a quelque temps le roman *MONSTRUOSIDADES VULGARES*; comme il s'agit toutefois du IV volume de l'oeuvre cyclique *A VELHA CASA*, nous pensons qu'il n'aura pas aucun intêrét [intérêt] pour vos desseins.

Portalegre [Vila do Conde]
10/8/60

Meu prezado Amigo:

O cansaço dos exames, do calor alentejano, dos preparativos de saída, tirou-me toda a disposição de passar por Lisboa. Estou bastante necessitado de repouso; vamos a ver se aqui em Vila do Conde posso ter algum. Não quer isto dizer que não vá trabalhando no que me agrade... Portanto, de Vila do Conde lhe escrevo estas linhas, a responder ao essencial da sua última carta. Quanto à nova edição de *As Encruzilhadas de Deus*: Também eu não gostaria que fossem substituídos os desenhos do Pavia, logo na primeira edição a seguir à sua morte. Portanto, de acordo nesse ponto. A capa nunca me desagradou, – talvez por ser um pouco no género das antigas capas "edição *presença*". Quando se trata de capas, eu já sorrio, pois parece difícil chegarmos a entendimento completo, ou completa satisfação, nesse capítulo. Todavia, deixo a solução desse caso inteiramente ao arbítrio da Casa. Uma capa elegante, sóbria, simplesmente de composição tipográfica – nem diz nada a ninguém, nem, tampouco, desagrada a ninguém: É uma vantagem.

De *Uma Gota de Sangue*, está corrigida a parte que mais tinha a corrigir: mais de 1/3 do volume. Se quiser compor desde já, mandar-lhe-ei esta parte. E, como estou em férias, não haverá, desta vez, demora quanto ao envio do resto. Senão, vou concluir quanto antes o trabalho, e breve lhe mandarei tudo. Diga como prefere.

Sairia mais qualquer coisa a respeito de *As Monstruosidades*? Não tenho visto nada: nem, também, ainda é tarde. A opinião da maior parte dos amigos não é desfavorável ao volume.

Da Fundação Gulbenkian pediram, para aqui, creio que 100 exemplares de *Os Avisos do Destino*. Disse que esse pedido devia ser remetido à Portugália, distribuidora da obra, e desde já agradeço a vossa atenção para o caso. Convem-me [Convém-me] que a obra seja divulgada, mesmo que, segundo parece costume, haja qualquer desconto para as bibliotecas itinerantes da dita fundação. Um abraço do seu grato

José Régio

*

28 – 9 – 60.
Meu bom Amigo:

Fiquei desolado com as falhas que apontou nas *Histórias de Mulheres*. Da parte de culpa que me cabe lhe peço muita desculpa!

A carta, de que segue cópia, seguiu para Vila do Conde, por não sabermos se já teria regressado.

Diga para onde podemos enviar os restantes exs. que lhe pertencem das *Histórias de Mulheres*.

Breve lhe escreverei carta. Perdoe-me o longo silêncio! Envio-lhe 20 primeiros oitavos das *H. M.*, para as dedicatórias. Um abraço m^{to} ami^{go} do

Luís Amaro.

P. S. – Junto uma pequena lista de pessoas a quem costumamos oferecer.

*

Portalegre
3/10/60

Meu prezado Amigo:

Que tenha tido descanso enquanto duraram as suas férias, e sempre passado bem de aí até hoje, – são os meus votos. Estas brevíssimas linhas são só para lhe dizer que já estou em Portalegre, e, portanto, me pode enviar as provas de *As Encruzilhadas de Deus*; assim como dirigir para cá quaisquer notícias. Aliás, já recebi carta do Senhor Agostinho Fernandes, com um cartão seu, e os oitavos das *Histórias de Mulheres*. Simplesmente, deste livro, já eu enviei a 1.ª edição à maior parte dos críticos – e estes então o criticaram. Não vou repetir a oferta a cada nova edição. Que pensa a este respeito? Talvez a oferta pudesse, antes, partir da Casa. Temos de pensar sobre o assunto. E, por hoje, um abraço do

José Régio

*

4 – X – 60.
Meu bom Amigo:

Recebi hoje as suas gratas notícias, e hoje também lhe remeti para Portalegre a capa das *Encruzilhadas de Deus*. Por estes dias lhe enviarei as provas e mais exemplares das *Histórias de Mulheres*.

Também me parece que não valerá a pena mandar o livro aos críticos que já falaram da 1.ª edição. Mas ao Amândio César, à Natércia Freire e a mais dois ou três, sempre vale a pena. Agradeço me devolva os respectivos oitavos assinados, e me desculpe a maçada que lhe dou com os autógrafos para a família Fernandes.

O Sr. A. F. partiu ontem para umas breves férias na Urgeiriça.

Aguarda as suas notícias o seu sempre muito grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
11/10/60

Meu prezado Amigo:

Estas linhas já vão demorando; mas nem eu próprio supunha que, mal chegado a Portalegre, tantas coisas caíssem sobre mim! Assim, e para não demorar mais, aqui vão estas linhas apressadas com o essencial:

– Ofertas das *Histórias de Mulheres*: Depois de várias hesitações, resolvi não oferecer a ninguém exemplares dum livro já conhecido e criticado. Parecer-me-ia que mendigava qualquer referência como reclame. Não quer isto dizer que não possa a Portugália oferecer o volume por ela editado, e a título de Casa editora, a quem quiser. Vou, pois, devolver-lhe os oitavos que me enviou… em branco como vieram. Aqui em Portalegre, e para os costumes da terra, parece que tanto as *Histórias de Mulheres* como *As Monstruosidades Vulgares* se vão vendendo razoavelmente.

– Capa de *As Encruzilhadas de Deus*: Fica aprovada. Se a Casa a aceita, está aceite. Se o Autor fará, ou não, com aprovação nossa, os desenhos para *Mas Deus É Grande*, é que não posso saber: Nada conheço de ele. Procuro outros nomes… e fico igualmente na dúvida. Não temos artistas religiosos! Sujeitar-se-á o autor desta capa a *experimentar*? Vou devolver-lhe a capa.

– *Uma Gota de Sangue*: O original está pronto, depois de grande trabalho. Tanto, que quase tenho medo de lho enviar: Per[der] este, creio que, pelo menos agora, seria incapaz de recomeçar. Mas haveria de perder-se?! O que é preciso é ter cuidado com ele, que é exemplar único, (perdôe-me estes receios de autor!) e confiá-lo, quando tiver de ser composto, a um compositor experimentado: Nem sempre a interpretação das emendas é muito fácil. Quer que lho envie?

Obrigado pelas folhas do título da primeira novela. Foi pena haverem sido enviados vários exemplares sem ele. Quanto à inserção da lista das obras da colecção no lugar em que vem… seja-me perdoado continuar a não concordar. Não é ali o lugar mais próprio! O facto de outros autores não terem feito reparo – só prova ser eu mais *reparista*. Claro que isso, agora, não tem remédio, e acabou-se. Um abraço, meu Amigo, e sempre obrigado!

José Régio

*

12 – X – 60.
Meu querido Amigo:

Não quero deixar de responder hoje mesmo – ainda que assim, lacònicamente (do que me desculpará) – à sua carta de ontem. Aguardo então a

devolução das folhas das *Histórias de Mulheres*. Agradecia-lhe, porém, que não deixasse de autografar os exs. que lhe pedi: Dr. Augusto da Costa Dias, Srs. Agostinho Fernandes, Eurico Fernandes e Nuno Fernandes. Obrigado desde já!

– Queira mandar-me registado o ex. de *Gota de Sangue*. Estou certo que não se perderá, apesar de eu estar a viver um perturbado instante moral precisamente devido a extravios: um garoto aqui empregado perdeu uma parte de tradução que eu lhe mandara buscar ao revisor, já emendada... Todos os dias acontecem coisas deste género, para complicarem mais ainda a vida já de si tão complicada.

– Vejo que a capa das *Encruzilhadas* o não entusiasma, embora a aceite. Aqui, toda a gente gostou, e eu também – confesso. É caso para experimentar o mesmo desenhador para o *Mas Deus É Grande*. Não se perde nada em tentar.

Viu a crítica do Amândio César às *Monstruosidades*, no *Diário da Manhã*?[212] (Creio que é a mesma que foi lida na Emissora, onde o dito Amândio é crítico.)

A nota do A. Salema às *H^as^ de Mulheres*, no *D^o^ de Lisboa*, também é bastante simpática[213]. Creio que o Recorte lhe terá mandado tudo; se assim não for, eu lhe remeterei de cá os jornais. Aguardando a capa e o livro, sou o seu sempre m^to^ grato amigo

Luís Amaro.

*

13 – X – 60.

Com um grande abraço do FRANCISCO LUÍS AMARO, que está à espera do original de *Uma Gota de Sangue*, da capa das *Encruzilhadas* e dos oitavos das *Histórias de Mulheres* (livro que, segundo a secção dos "Best-sellers da semana", do *D^o^ Ilustrado*, foi o que mais se vendeu nas livrarias durante a semana finda).

P. S. – Como a Natércia Freire fez uma entusiástica nota, na secção *Balança* do *D^o^ de N^as^*, a propósito das *Monstruosidades*, ouso sugerir que se lhe ofereça um ex. desta edição (das *Hist^as^ de Mulheres*) com dedicatória sua (além dos exs. que lhe falei, destinados à "família" da Portugália). Será pedir muito? Obrigadíssimo!

*

212 8-IX-1960. Diz do romance «um prodígio de narrativa e um prodígio de técnica».

213 "Registo" breve em 6-X-1960.

Portalegre
18/10/60

Prezado Amigo:

Devolvi-lhe hoje a capa de *As Encruzilhadas*, que aceito sem qualquer constrangimento. (O único senão que lhe ponho é que o meu Deus excede em muito o Crucificado.) Aliás, de facto, parece que tenho um gosto bastante particular em questão de capas. A do Pavia, por exemplo, não me desagradava, talvez por lembrar algumas das edições *presença*.

Amanhã lhe enviarei os oitavos, (fica então resolvido que só ofereço à *família da* Portugália e à Natércia) e o original de *Uma Gota de Sangue*. Peço-lhe me avise logo que o receba, pois, repito, não seria capaz de recomeçar agora aquele trabalho.

Fora da nota do A. Salema às *Monstruosidades*, e da *Brotéria*[214], (que ao mesmo tempo recebi do meu Amigo e da revista) nada, ainda, vi sobre os meus livros recentemente publicados. Nem a nota da Natércia Freire! Não sou assinante do Recorte. Parece, todavia, que estes meus livros se estão vendendo um bocadinho melhor do que os seus anteriores companheiros em prosa.

E adeus por hoje! Seu sempre grato,

José Régio

P. S. – Tenho quase pronto um novo livro de versos, que me têm vindo nem sei como, nos intervalos das prosas. Mas parece-me que é um livro bastante diferente dos outros, quase só de pequenos poemas. (1)[215] J. R.

*

21 – X – 60.

Com um grande abraço do Luís Amaro e o agradecimento pelo oitavo que lhe reservou.

Esteve ontem aqui o Cristovam Pavia, que me disse estas gratas palavras: "José Régio é, *como homem e como escritor*, a pessoa que mais admiro."

– Recebemos a capa das *Encruzilhadas* e o original de *Uma Gota de Sangue* (uma verdadeira preciosidade mais... para o nosso Alberto de Serpa).

---

[214] João Mendes, "Um romance-rio, e um romance à margem", vol. LXXI, n.º 4, Outubro de 1960: 354-357. O 'romance à margem' respeita a Aquilino.

[215] Nota do autor: (1) – Embora pequenos, alguns bastante ousados: como o próprio autor.

Agradeço a devolução do recorte do *Ocidente*. Desculpe o laconismo! Depois escrevo com mais tempo.

*

[Outubro de 1960]
Meu querido Amigo:

Acabo de copiar estes trechos de crítica às *Monstruosidades*; servirão para as badanas, ou "orelhas", da nova edição de *Uma Gota de Sangue*? Claro que se trata de um problema comercial, de ordem publicitária, mas que pode não interessar ou não convir ao Autor.

Faltam os trechos de Amândio César (não sei se o quererá incluir, no caso de concordar com a publicação destes textos) e de Ramos de Almeida. Ou de outros que deseje incluir.

Aguardando a sua opinião na volta do correio, sou, com um grande abraço amigo, o sempre grato

Luís Amaro.

P. S. – A crítica da *Gazeta Musical*, de Jacinto Baptista[216], parece-me a mais inteligente que saiu, até agora.

*

31 – X – 60.
Meu querido Amigo:

Recebeu as minhas últimas notícias? E os recortes?

Hoje envio-lhe mais este, que pode ficar em seu poder.

Peço-lhe o favor de nos devolver as provas das *Encruzilhadas*, logo que possa, pois da tipografia querem imprimi-las quanto antes, visto terem o metal empatado.

A Gulbenkian tem-nos comprado os seus livros, para as bibliotecas. (Com excepção dos *Poemas* e da *Biografia*, não sei porquê.) Lembro que seria bom enviar as *H^as de Mulheres* ao Branquinho da Fonseca (oferta directa do autor, pois nós já mandámos um para a Fundação). Das *Monstruosidades* adquiriram 100, e dos *Avisos do Destino*, igual quantidade. Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

[216] Não se confirma esta crítica na *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. Há confusão de Luís Amaro.

Portalegre
1/11/60

Prezado Amigo:

Recebi hoje o seu cartão, com o "recorte" do Taborda de Vasconcelos. Enfim…, já consegui que me não neguem certa faculdade de romancista! Mas tal é a mania de reduzirem a obra a autobiográfica (posto seja a história de Maria Clara e Joaquim o melhor deste volume) que até o crítico por duas vezes fala no "solar *vila-condense*", quando eu não tenho solar nenhum, e o da obra é *azurarense*.

As provas de *As Encruzilhadas* estão revistas, amanhã lhas devolvo sem falta. Poucas gralhas há; mas, ainda assim, peço cautela para as emendas dessas… e não desaprovaria uma revisão final feita por outro que não o autor. Gostei de saber que a Gulbenkian adquiriu *Os Avisos* e *As Monstruosidades*. Quanto às *Histórias de Mulheres*, creio que já as adquirira na 1.ª edição. Mas não só aprovo a sua lembrança de as mandar eu ao Branquinho, como já tivera a mesma lembrança, dado que esta reedição foi muito corrigida. O Branquinho é-me dos velhos amigos. Quais, dos recortes que me enviou, quer que lhe devolva? E os desenhos para o *Mas Deus É Grande*? Estou à espera dum pretexto para passar uns dois dias em Lisboa, mas ainda não há teatros… O abraço do amigo

José Régio

*

14 – XI – 60.
Meu querido Amigo:

O Natal está a [à] porta – e isto quer dizer que a minha vida é, agora, mais cheia de afazeres do que nunca... Tanta coisa em andamento, e para estar pronta antes do Natal! Apesar de ter, agora, mais colaboradores, tudo recai sobre mim – e vejo-me altamente atrapalhado com tipografias, com gravadores, papelarias, tradutores, autores, homens dos jornais a quem é preciso mandar livros... Enfim – mil assuntos me tomam o tempo de manhã à noite, e os telefonemas que faço e recebo não têm conta.

No meio de toda esta confusão, ainda me lembro de si. As *Encruzilhadas* devem aparecer *antes* do Natal! Vou-lhe mandar as folhas impressas. Falta imprimir a capa – cuja gravura também está a acabar.

Aproveitando a composição do anúncio nos *Livros de Portugal*, fizemos uma tiragem do prospecto junto. Acha bem?

E agora... um pedido me atrevo a fazer-lhe. Creia que não há nele o mínimo interesse pessoal *meu*. Já não tenho ilusões nem nada espero dos homens, e por isso – e também por temperamento – não sou calculista. Jamais devo passar da cepa torta, e os Gulbenkians ignoram justamente a

minha existência... Não o intrigo mais: queria pedir-lhe um artigo sobre *O BARÃO* de Branquinho da Fonseca. A edição de luxo, que publicámos o ano passado, passou completamente despercebida. E no entanto trata-se, inegàvelmente, de uma obra-prima! Poderia o meu Amigo escrever sobre ela umas palavras, que eu me encarregaria de publicar – com o retrato do autor – de preferência na página litª do *Dº de Notícias*? E possui o meu Amigo a edição de luxo a que me refiro? O Autor recebeu meia dúzia de exs. (a tiragem foi muito restrita) e não sei se chegou a enviar-lho.

No caso de lhe ser impossível escrever esse artigo, agradecia-lhe, ao menos, que mandasse ao autor, seu amigo velho e leal, uma palavra de agradecimento pelo interesse que ele, na Gulbenkian, tem mostrado pelos seus livros, propondo-os para aquisição. E agradecia-lhe também que mencionasse o meu nome como o transmissor dessa boa nova.

Poderá ser? Aguardo as suas notícias e envia-lhe um grato abraço o mto dedicado

Luís Amaro[217].

---

[217] No final da carta que segue, após carimbo, surge uma rubrica indecifrável. Em carta posterior, diz Luís Amaro que a carta deveria ter sido assinada por um dos filhos de Agostinho Fernandes; este, porém, não conseguiu assiná-la por ter saído do escritório. [SC]

Lisboa, 2 de Dezembro de 1960

Exmº. Senhor
Dr. José Régio
Boavista
PORTALEGRE

Exmº. Senhor e nosso prezado Amigo:
Aproximando-se a data do encerramento do Concurso Camilo Castelo Branco, da Sociedade de Escritores e do Grémio N. dos Editores e Livreiros, e não tendo nós recebido uma resposta concreta de V. Exª. quanto à sugestão que lhe foi feita para concorrer, com as *MONSTRUOSIDADES VULGARES*, ao referido Prémio, – muito lhe agradecíamos que nos dissesse se deseja que enviemos os exemplares do seu romance à Sociedade de Escritores, a fim de se candidatar (assunto de que nos encarregaríamos).
Comunicamos-lhe que a capa das *ENCRUZILHADAS DE DEUS* está a imprimir, e que esperamos ter exemplares do livro na semana próxima. Entretanto, enviamos-lhe 12 folhas do primeiro oitavo, para V. Exª. fazer o favor de proceder às dedicatórias habituais, e cuja devolução desde já muito agradecemos.
Lembramos que será conveniente – para fins publicitários – autografar uma das folhas para a poetisa Natércia Freire, que no *Diário de Notícias* se tem referido sempre com entusiasmo às suas obras.
Gratos ficaremos ainda pelo favor de autografar também um oitavo para a *Sr.ª D. Nelly Martins Ferreira Candeias*, nora do nosso tradutor Dr. Alberto Candeias e que tem pela Poesia de V. Ex.ª a maior admiração.

*

3 de Dezembro – 60.
Meu querido Amigo:

Não me admiro muito que não tenha respondido à minha carta (dividida em cartões, de que lhe peço desculpa. Escrevo-lhe sempre precipitadamente, e no meio da balbúrdia do meu dia-a-dia; e, ùltimamente, suponho que num simples cartão posso dizer tudo...). Não me admiro, dizia, porque o pedido que lhe fazia era talvez insólito, ou talvez enigmático para si.

(Sabe, decerto, que lhe estou a falar na sugestão – prefiro esta palavra à que usei atrás: pedido – que lhe fiz de escrever um artigo sobre *O BARÃO*, do seu e nosso amigo Branquinho da Fonseca. De resto, nem sei se o meu Amigo já possui o seu exemplar da última edição, ilustrado pelo Júlio Pomar, que fizemos aqui, há uns anos, com nulo sucesso comercial[218].)

De qualquer modo, agradecia me dissesse uma palavra – mesmo que achasse disparatada a minha sugestão. Sei que estas coisas não se pedem nem sugerem; ou são espontâneas, ou não existem.

Como, porém, a minha intenção nada escondia de maquiavélico ou de calculista – pelo menos num sentido directo, pessoal, da minha parte – mais uma vez espero que a sua larga compreensão reconheça a boa-fé que me animou a escrever-lhe. Boa-fé idêntica à que me leva, muitas vezes, a chamar a atenção de determinado crítico para determinado livro ou autor... E no caso do B. da F. havia mais isto: o dever-lhe a casa editora o favor de amplas requisições dos livros aqui editados, para as bibliotecas da Gulbenkian; o tratar-se de um autor que, apesar de notável em tantas das suas páginas, não alcançou ainda a projecção a que tem direito. E, finalmente, o querer eu afirmar-lhe, ainda que indirectamente (*pois lhe não iria dizer ter sido eu a suscitar o artigo*), a calorosa simpatia e admiração que esse autor me merece; simpatia e admiração a que se junta um grato sentimento pelos benefícios que, nas funções que exerce, ele poderá prestar à casa onde trabalho (e à qual já estou ligado – ao fim de tantos anos de sofrimento e decepção, afinal! – como se fora minha..., o que já é ser ingénuo).

O livro *UMA GOTA DE SANGUE* está todo composto, e dele esperamos enviar-lhe provas muito em breve.
Aguardando as sempre estimadas notícias de V. Exª., somos, com os mais cordiais cumprimentos,

Amigos e Admirados mt.º obgd.os.
pela "PORTUGÁLIA EDITORA, L.DA"

[218] Refere-se à 3.ª ed., 1959, com duas tiragens especiais, assinadas pelo autor e pelo ilustrador. A 4.ª ed., com posfácio de Régio, sairá em 1962.

E, a propósito... sempre lhe quero dizer que, no entanto, apesar desta dedicação sincera, as muitas crises que por aqui tenho passado – até depois da morte do Sr. R. Dias, mas por motivos diferentes do que lhe suportei em vida – me têm feito ansiar por libertar-me *disto*... É paradoxal e contraditório o que lhe conto, não é verdade? Mas verdadeiro.

Pensei, em certa altura, que a própria F. G. poderia resolver o meu caso – e nisso falei ao B. da F. e ao Domingos Monteiro. Foi isso, porém, vai para dois anos – e nada consegui, *nem, já agora, espero conseguir*. De modo que o tentar ser agradável ao B. da F. não se relaciona – posso jurar-lho! – com o interesse que me merecer *O Barão*.

Aliás, é bem justo o que a Natércia Freire me dizia uma vez: "Você está sempre a pedir coisas *para os outros*; porque não pede nada para si?"

Desculpe-me esta divagação, tão pouco de acordo com a pressa e os trabalhos a que sempre aludo. É sábado, e aproveitei uns minutos livres, da parte da tarde, para tentar pôr em ordem (eu, desordenado por natureza...) uns assuntos pendentes; em primeiro lugar, o *nosso*.

E, agora, vamos ao segundo capítulo desta carta, e que lhe diz respeito mais que o primeiro:

Devia ter recebido hoje, da P. E., uma carta assinada por um dos filhos do Sr. A. Fernandes (que não pôde assiná-la por, quando o rapaz lha levou ao outro escritório, do Algarve Exportador, já ele ter saído; mas que teve conhecimento do assunto por eu próprio lhe ter falado nisso, – isto é, voltado a falar no caso de o meu querido Poeta concorrer ou não ao Prémio Camilo C. Branco). Lembra-se de já termos "conversado" (por carta e não sei se até verbalmente) no assunto? Sei que o nosso Alberto de Serpa discordou de tal sugestão, e que tentou dissuadi-lo de concorrer. Não garanto, porém, que o meu Amigo me (ou nos) dissesse redondamente que *não* desejava fazê-lo.

Ora acontece que, ontem, estando aqui comigo o Vergílio Ferreira, este me perguntou por que razão o não incitávamos a levá-lo ao concurso; e que, segundo convicção dele, o prémio – se tal conseguíssemos – iria para si: pelo seu nome, pela sua Obra, pelo seu romance – onde não há uma página que não seja de excepção. E que o próprio Concurso sairia, de tal acto de justiça, prestigiado e engrandecido. No caso – improvável – de o prémio lhe não ser dado, que é que o meu Amigo poderia perder? Nada! Pois não recaiu o ridículo sobre a Academia, no ano em que, recusando a si o Prémio R. Malheiros, o deram ao... Hugo Rocha?[219]

Não quero tornar-me impertinente. Mas lembro ainda o caso da nossa pobre Irene Lisboa, que *durante anos* concorreu à Academia, inùtilmente.

---

[219] Repete-se a confusão.

Foi a escritora que ficou desprestigiada? Não, mas a Academia, que premiou a Carmen de Figueiredo[220] e outras nulidades deste jaez.

No caso do Prémio Camilo, lembro ainda que o meu Amigo não teria que assinar nada, pois os editores tratariam de tudo – que aliás é m^to^ simples: remeter os 6 exs. à Sociedade de Escritores, acompanhados de uma pequena carta.

Só se o meu Amigo não é sócio da requerida Sociedade, pois – lembrei-me agora – o regulamento parece-me que estipula isso. Seria o único óbice, mas esse mesmo remediável.

Creia que fico aguardando a sua resposta – de preferência para a Portugália, *não citando esta minha carta particular – com o maior interesse*! Grande seria a minha alegria se o prémio lhe fosse atribuído, como era de toda a justiça. E, no caso de se malograr a minha esperança, a decepção não seria grande. O pessimismo também traz vantagens!

(Peço-lhe que, com essa resposta, faça favor de devolver a cópia da nossa carta, que o rapazinho, ainda inexperiente, enviou no mesmo sobrescrito, depois de ter ido levar a carta a assinar.)

Se me quiser escrever particularmente, claro que também lhe ficarei muito e muito grato!

Receba, meu caríssimo Dr. José Régio, um bom abraço do seu muito Amigo e sempre Admirador devotado

Luís Amaro.

*

Queluz, 11 de Dezembro – 60.

Meu querido Amigo:

Aproveito uns momentos deste domingo invernal para, interrompendo a leitura dum admirável romance de Henry James, que lhe recomendo vivamente – *Retrato Duma Senhora*[221] –, voltar à sua presença. Porque não sei que pensar da falta de resposta às minhas últimas cartas ou cartões: Estará zangado comigo? Ter-lhe-ia eu dado, claro que impensadamente, algum motivo de desgosto ou ressentimento? Ou – o que seria pior – estará o meu Amigo impossibilitado, por doença, de contactar com os seus editores (neste caso, com o desinteressado intermediário dos seus assuntos editoriais com a Portugália)? Não sei, repito, o que pensar.

Deve receber dentro de poucos dias as provas de *Uma Gota de Sangue*,

---

[220] Prémio Ricardo Malheiros, em 1954, atribuído a *Criminosa*… (1953; e não *Homens Apaixonados*, 1957, como escrevem alguns). Carmen de Figueiredo é pseudónimo de Carmelinda Niolet Moura de Figueiredo.

[221] Tradução de Cabral do Nascimento, na colecção Os Romances Universais.

já paginadas. E creio que devia ter recebido hoje os oitavos das *Encruzilhadas*; se precisar mais, é favor dizer.

Continuo interessadíssimo em que o meu Amigo não desista de concorrer ao "Camilo Castelo Branco". A sua Obra romanesca – tanto o volume IV da *Velha Casa* como todos os outros – justifica plenamente que se dê a José Régio a designação de ROMANCISTA e não só de Poeta, Dramaturgo e Crítico.

E a propósito: Vão-se passando já não digo meses mas os anos sem que se reedite *O Príncipe com Orelhas de Burro*. Ainda há dias o David M. Ferreira me falava nisso, com estranheza. O Salgueiro é daquelas pessoas que não fazem nem deixam fazer. Já com a antologia do F. Pessoa, que o Casais Monteiro queria reeditar na Portugália, foi assim: que o volume estava composto, etc.; mas passaram-se dois ou três anos e o livro não apareceu!

Não estará o meu Amigo disposto a tomar sobre este assunto uma atitude menos condescendente? É que julgo que está a ser prejudicado com esta inexplicável demora... Já podiam ter-se esgotado, neste lapso de tempo, uma ou mais edições, visto ser o seu romance mais conhecido.

Também me admiro que nos não tivesse falado mais do seu livro inédito, que destinava a este fim-de-ano. Claro que seria impossível, agora, fazer com que fosse publicado ainda em 1960, mas espero que um livro de José Régio tenha audiência em qualquer tempo. Creio não me enganar supondo que não eram poemas alusivos exclusivamente ao Natal.

Desculpe o arrazoado e receba o firme abraço do

Luís Amaro.

Gostaria muito de, sobre todas estas coisas, falar consigo. Só indo a Portalegre – e realizaria, assim, um velho projecto... Gostaria ainda de lhe falar num assunto delicado, sobre o qual teria de haver a maior discrição: o dos seus direitos autorais. Acho que se poderia estudar uma modalidade mais consentânea com a sua categoria de Autor. O vender o original de uma edição por tanto, sem atender ao preço do livro nem à percentagem, tem sido um erro do qual – desculpe-me!!! – só o meu querido Amigo é culpado, pois não foi de cá que lhe sugeriram essa condição. Acho que poderia continuar a receber também por tanto, contra a entrega do original, mas sem abdicar de uma percentagem – que no seu caso não poderia ser inferior a 15% – sobre futuras liquidações. Se não lhe tenho falado já nisto, é porque, em minha consciência, vejo que o Sr. A. Fernandes não ganha um centavo com a Editora. Mas, por outro lado, tinha também um problema de consciência perante o meu querido Poeta e Amigo.

*

Portalegre
13/12/60

Meu prezado Amigo:

Recebi as suas duas cartas, e talvez, até, algum cartão antes. Para haver esta dúvida, necessário é que, de facto, o meu silêncio já se arraste bastante. Mas claro que nenhuma razão de queixa do meu Amigo tenho eu – que o justifique. Pelo contrário: Se alguma tivesse, é que me apressaria a escrever-lhe! Não posso suportar guardar em silêncio qualquer razão que tenha contra um verdadeiro amigo. Os vários afazeres em que sempre luto – e, desta vez, certa perplexidade perante a resposta a dar a alguns pontos da sua carta – eis os causadores desta demora. Mas agora chegou a vez destas linhas. E, por conveniência, passo a arrumar a matéria vária em diversos parágrafos:

– *O Barão*; Branquinho da Fonseca – A minha perplexidade neste ponto resultou do seguinte: Posto eu haja suspendido (por prazo incerto) a minha colaboração no *Diário de Notícias*[222], poderia escrever sobre *O Barão*: é uma admirável novela, e a sua recente edição uma edição admirável. O que não poderia era, ao mesmo tempo, agradecer-lhe a compra de exemplares de livros meus para as bibliotecas itinerantes; (*lhe*, ao Branquinho); poderia vir-lhe à cabeça que eu escrevia sobre *O Barão* para lhe *pagar* a aquisição dos meus livros! E eu, mantendo com o Branquinho uma longa e franca amizade, – tenho, ao mesmo tempo, com ele uns cuidados especiais. Nunca, por exemplo, lhe sugeriria a compra de outros livros meus. Quero, nesse ponto, deixá-lo inteiramente livre, e nem gosto de lhe pedir seja o que for. Conheço-o, – e não quero diminuir-me a seus olhos.

Portanto..., que prefere? que eu escreva sobre *O Barão*, ou que, em duas palavras simples, lhe agradeça a aquisição de livros meus, da qual tive notícia por Você?

– *Concorrência ao Prémio Camilo* – Continuo, a tal respeito, numa penosa perplexidade. Sei como seria conveniente para a expansão da minha obra romanesca... *um prémio*! (cuja vinda se me afigura, aliás, muito hipotética). Tudo, porém, em mim, repele a ideia de eu *concorrer* a prémios! *Por que obrigam os autores a concorrer*? Tenho isso por quase vexatório, e qualquer dia o digo pùblicamente. Enfim... quando termina o prazo de concorrer? Preciso sabê-lo.

– *Meus direitos editoriais* – Muito lhe agradeço, meu Amigo, o interesse que mostra pelos meus interesses. E estes *interesses* (de ordem

[222] A colaboração no suplemento Artes e Letras, intensa entre 12-V-1955 e 24-XII-1959, tornou-se esparsa até à derradeira, de 26-V-1969.

financeira) bem me deveriam merecer atenção, pois os meus desvarios de coleccionador me fazem andar quase sempre pelintra. Demais, tenho agora em Vila do Conde uma casa que é preciso *restaurar* toda por dentro. Simplesmente..., mais uma das minhas esquisitices!: Não gosto de estar a receber dinheiro às pinguinhas. Isso preocupa-me e incomoda-me. O que posso, talvez, é subir um bocadinho o preço de cada original entregue, – alegando que mais nenhuma percentagem receberei... que a edição fica toda ao arbítrio do editor... etc. Que me diz? Na verdade, quando penso na ridicularia que me deram *As Monstruosidades Vulgares*!... [(1)][223]

– *O meu novo livro* – Já estou trabalhando no 5.º volume de *A Velha Casa*. Penso numa nova peça, – *e será esta, se chegar a escrevê-la, que eu quererei publicar quanto antes*. Mas o que tenho mais adiantado para publicação próxima é *um livro de versos* (bastante diversos dos outros versos) e um livro de contos género *Histórias para crianças grandes*..., contos poéticos, em suma. Qual, *destes dois últimos, conviria para mais breve*?

– *Vária:*

– Vou escrever ao Salgueiro sobre *O Príncipe*. Mas, se me não atender, nada a fazer. Resolvi que ele seja *senhor*... do destino dos meus livros que tem em mão.

– E por que não há de vir um dia a Portalegre? Não é assim *tão impossível*! Entretanto, por que não almoçamos juntos a primeira vez que eu vá a Lisboa... depois do Natal? Conversaríamos à vontade.

– Para que são os oitavos que recebi de *As Encruzilhadas*? para ofertas?

– Quando vêm os desenhos para o *Mas Deus É Grande*? Já estavam para vir há bastante tempo.

– Também eu acho admirável o *Retrato Duma Senhora*, que já conheço de há anos. O Henri [*sic*] James ainda não foi visto, como tem direito, entre os grandes romancistas universais!

– As críticas a *As Monstruosidades*... a superficialidade de sempre. Mas a do Óscar Lopes[224] decepcionou-me... ou antes: descontentou-me mais do que esperava.

E adeus por hoje, meu Amigo, que esta carta demorou mas já vai sendo abusiva! Um abraço do

José Régio

*

223 Nota do autor: (1) Sobre elas recebi uma nota crítica do Brasil, do Octávio de Faria, simpática.

224 *O Comércio do Porto*, 22-XI-1960.

Queluz, 17 de Dezembro – 60.
Meu querido Amigo:

Quis escrever-lhe imediatamente após a sua carta, mas não me foi possível. Faço-o hoje em casa, já que na Editora não sei para onde voltar-me, com tantos livros novos a sair e mil pequenas-grandes coisas a requerer a minha atenção, a minha assistência (embora eu esteja longe de ser um técnico).

Recebeu, decerto, o exemplar que lhe enviei das *Encruzilhadas*? Ficou uma bela edição, e a capa resultou plenamente. Será posto amanhã à venda, a 40.00. Para o compensar do aumento do preço, e embora os contratos consigo não aludam a percentagens, sugeri ao Sr. Agostinho Fernandes o envio, para si, de uma importância suplementar, no que ele concordou, e que amanhã será feito. (Não sei qual é o quantitativo; só ele o poderá determinar, naturalmente.) Nesta quadra do Natal, talvez lhe sirva para comprar mais uma peça para a sua Colecção...

Quando for altura de propor ao Sr. A. F. a publicação do seu novo original, trocaremos, antecipadamente, impressões sobre a questão dos direitos, – sim? Mas de maneira que ele não sonhe que falámos nisso (e não é pelo aspecto *comercial* do assunto: o sr. F. não é um comerciante, e muito menos com os Artistas, – seres que lhe merecem um supersticioso respeito).

Passemos, agora, ao *Concurso*:

Mantenho a minha convicção de que o prémio seria para si, tanto mais que, este ano, se publicaram poucas obras susceptíveis de lhe fazer uma pálida competição: o novo romance do Redol (que aliás também é lá da casa); o último da Fernanda Botelho (sobre o qual o Gaspar Simões se manifestou já, se não erro, pouco entusiàsticamente); o segundo do Augusto Abelaira, acerca do qual também tenho ouvido opiniões algo decepcionadas; talvez a novela que o Urbano T. Rodrigues acaba de publicar... E não vejo mais no horizonte.

Nenhuma dessas obras eu li ainda; a mais séria talvez seja a do Redol, um escritor honesto de quem, apesar de popular, só conheço, da primeira à última página, dois livros: a *Fanga* (de que gostei) e a *Fenda na Muralha* (que li com um penoso esforço). Mas, apesar disso, reconheço e repito – é um escritor honesto, muito querido de certo sector do público (até do público burguês que ele ataca – o que não deixa de ser paradoxal ou cómico). Dizem-me que o *Cavalo Espantado* é um belo livro; oxalá. Não o li ainda, por só hoje ter terminado o *Retrato Duma Senhora* (uma obra de arte literária consumada, perfeita!). Atendendo também ao passado literário do Redol, é possível que, no júri, haja quem se bata por ele: o

Mário Dionísio, principalmente, não sei se o Óscar Lopes... O David, o Prado Coelho, o Gaspar Simões decerto votariam por si.

Ainda há dias o Vergílio Ferreira me reafirmou a sua convicção de que o prémio lhe seria dado, por todas as razões e até porque José Régio nunca obteve prémio algum.

Peço-lhe, pois, *como um favor pessoal*, que me autorize a enviar os 6 exs. da praxe à Sociedade dos Escritores. Como vê, são afinal os próprios Editores quem concorre... embora quando autorizados pelos Autores.

Como o tempo urge (o prazo fecha já no dia 31 deste mês) rogo-lhe que me (nos) envie um telegrama... a autorizar-me (nos).

Pois, mesmo contando com o pior... que perderiam o seu nome e o seu prestígio com a não atribuição? Que perdeu Aquilino quando, em vez de darem o prémio a *Quando os Lobos Uivam*, o deram à *Leah [Léah]* do R. Miguéis? Que perdeu Fernando Pessoa no celebérrimo concurso do Secretariado? Que perdeu, afinal, o meu Amigo quando, na Academia, ignoraram o seu inesquecível *Príncipe* e coroaram de loiros o... Hugo Rocha?

Mas tenho quase a certeza de que os 50 contos seriam seus, em 1961. Alimento, aliás, também a esperança de que o Prémio *Diário de Notícias* (de 30) vá para si (se assim for, teríamos de pôr de parte a ideia do outro, naturalmente...).

Fico, pois, aguardando ANSIOSAMENTE o envio do telegrama – que convém ser dirigido à Portugália, pois que, por motivos compreensíveis, não mostrei a sua última carta, como costumo fazer e ele gosta, ao Sr. F.

Sobre o *Barão*:

Também acho que carta e artigo seria de mais... Optemos, pois, pelo artigo. O livro e o autor merecem isso e muito mais (embora eu não ignore as limitações – chamemos-lhes assim, à falta de outra palavra – do seu amigo B. da F. Mas, com tudo isso, é uma pessoa tão extraordinàriamente simpática! E o *Barão* é uma obra-prima que as gerações modernas quase não conhecem. Aliás, a admirável obra de escritor do B. da F. é mal conhecida, dum modo geral. Se o carácter do autor tem limitações[225] – mas esta vaga restrição, minha e não sua, não mergulhará obscuras raízes no humano ressentimento por aqueles que triunfaram absolutamente e que dispõem de largos poderes? –, o certo é que ele não tem cultivado a publicidade. Raramente o seu nome aparece.)

Fico, assim, aguardando também esse artigo, que já adivinho uma bela página, pois sei que a Obra do Branquinho lhe merece uma sincera admiração.

---

[225] Nota do autor na carta, margem direita da folha: (1) Estas palavras ficaram-me a doer. Mas são objectivas, embora se não fundamentem em factos graves. Esqueça-as e guarde-as para si.

E, por hoje, não peço mais nada... Só desejo que tenha um bom e alegre Natal! Onde o vai passar, – a Vila do Conde, decerto?

Um grande abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

Lisboa, 22 de Dezembro de 1960.

Meu querido Amigo:

Deu-me muita satisfação o seu telegrama, hoje recebido. Já foram os livros para a Sociedade dos Escritores, juntamente com a respectiva declaração. É um concurso, como vê, em que os editores podem apresentar os livros que editam; suponho, porém, que o não façam sem conhecimento dos Autores.

Não me chegou a dizer se é sócio da S. dos E.[226], – base indispensável para se concorrer. Mas creio que sim.

Espero tenha já recebido os primeiros 20 exs. que lhe mandámos da nova edição das *Encruzilhadas* (viu o anúncio de hoje, no *Diário de Notícias*?). Diga-me, por favor, para onde lhe devemos enviar os outros.

Não nos devolveu ainda, assinados ou autografados, os oitavos que lhe mandámos das *Encruzilhadas*. Talvez não tenha presente os nomes dos interessados, que repito:

Agostinho Fernandes
Eurico Fernandes
Nuno Fernandes
Álvaro Salema
D. Nelly Martins Ferreira Candeias
Dr. Augusto da Costa Dias
Natércia Freire
João Palma-Ferreira

(estes dois últimos, com o A. Salema, não figuram pròpriamente no número dos "interessados"; nós é que estaríamos interessados na publicidade que eles fizessem, apesar de se tratar de uma reedição. Entre os que gostariam de guardar o livro com a sua assinatura, claro que se inclui este seu humilde amigo.)

Agradeço-lhe o bom voto expresso no telegrama de hoje, que do coração retribuo.

---

[226] Sociedade Portuguesa de Escritores, e não Sociedade dos Escritores, como vem repetido.

Da Arcádia continuam à espera de uma resposta sobre a Antologia... Vou escrever ao nosso Alberto de Serpa (como estará a vida dele?).

A carta da Portugália seguirá amanhã. Oxalá o apanhe ainda em Portalegre.

Um grande abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

2 – I – 6 1.

Meu caro Poeta e Amigo:

Nestas minhas primeiras notícias, em 1961, não quero deixar de lhe exprimir os meus melhores votos de excelente saúde, para continuar realizando a Obra de que todos nós – seus leitores atentos – precisamos quase tanto como de pão para a boca. E, como, infelizmente, se não pode viver só do pão do espírito, desejo também – e com que ardente sinceridade! – que este novo ano lhe traga... os 50 contos do Prémio Camilo C. Branco. Se tal não acontecer, só teremos de lamentar o júri. Entretanto, aguardemos serenamente os acontecimentos.

– Junto uma carta para si, do Secretariado. Devo dizer-lhe que de lá nos telefonaram, há talvez 15 dias, a pedir uma boa fotografia sua, destinada a uma antologia da literatura portuguesa a publicar em Itália. Nesta barafunda que é a minha vida de todos os dias, ainda não pude falar-lhe nisso; os homens devem estar desesperados, pois tinham pressa.

Já agora, se tiver outro exemplar duma fotografia recente, far-nos-ia um grande favor em mandá-la para nós, pois a que temos já está demasiado batida, isto é, antiquada. Ai dos escritores que não cultivem, ou não ajudem os outros a cultivar, ao menos um bocadinho, a sua publicidade!... É certo que o contrário – e é o caso dos F. N., P. d'A.[227], etc. – também dispõe mal os paladares delicados. Mas o viver em Portalegre, quase retirado do mundo, entregue embora à realização de uma Obra que há-de sobreviver a todas as glórias do momento, também não deixa de inquietar os que para si desejariam uma projecção maior.

– Só recebi ainda um pacote de provas da *G. de S.*[228]

Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

[227] Fernando Namora, Paço d'Arcos.

[228] *Uma Gota de Sangue*.

Portalegre
6/1/61

Meu prezado Amigo:

De regresso a Portalegre, – onde, afinal, tenho mais sossego, posto que sempre relativo – aqui estou com estas linhas. Durante as breves férias e uma ou duas semanas antecedentes, não tive nem sossego, nem tempo, nem grande saúde. Uma ida a Vila do Conde por pouco mais duma semana – não me chegam a ser férias nenhumas! Tenho, lá, amigos que me não deixam, e a cuja solicitude não devo eu ser ingrato; e, desde a morte de meu pai, problemas familiares que ainda não estão resolvidos. Quanto a saúde, não sei se já me tenho queixado ao meu Amigo de ser, como sou, tremendamente alérgico às alterações do tempo: Assim passo tormentos durante as alternativas de sol e chuva, ameaços de trovoada, etc., e fico inválido durante certas horas de certos dias.

Acontece, ainda, que, nos dias que antecedem os fins de período liceais, um professor não pode esquecer que o é mesmo quando não esteja no liceu; e a verdade é passar no liceu quase o dia inteiro nos três dias antes do começo de férias. Além de professor, eu sou director de ciclo, o que obriga a excesso de trabalho. Ora, decerto por obras do Diabo, muitas vezes é precisamente nessas ocasiões que sobre mim ainda caem trabalhos diferentes. Foi por essa altura que me chegaram os oitavos para eu autografar, as provas finais (cento e sessenta páginas duma vez) de *Uma Gota de Sangue*, os primeiros exemplares de *As Encruzilhadas*, pedidos de colaboração em virtude do Natal, etc., etc. O resultado é que tenho de procurar os referidos oitavos, que, de momento, nem sei se levei para Vila do Conde ou deixei em Portalegre. O meu Amigo, que também atravessa períodos de confusão e acumulação de trabalho, sabe como estas coisas sucedem; ou imagina. Quando eu já partira para Vila do Conde, começaram a chegar a Portalegre maços de exemplares d'*As Encruzilhadas*. O correio devolveu-me para lá os embrulhos, pois tem ordem de devolver a correspondência; mas os ditos embrulhos houveram de voltar de lá para cá, com excepção de meia dúzia de exemplares, cá, e não lá, preciso eu de ter o livro. O resultado é estarem os exemplares – e duma tão excelente edição! – um pouco amachucados, quando se vão a abrir os maços. Para quaisquer outras vésperas de férias, terei o cuidado de pedir que me não seja nada enviado... senão com indicações minhas.

E agora, perdoe-me estes desabafos, e aceite os meus agradecimentos pelos cuidados que sempre lhe dou. Como já disse, a edição ficou muito boa, a todos tem agradado, e a capa resultou magnìficamente. Amanhã escrevo ao Senhor A. Fernandes dizendo-lhe isto mesmo, e devolvendo o recibo de acréscimo de 2.000$00 que me foi oferecido. Quanto ao estudo-

-antologia da Arcádia..., por que insistem em pensar no Alberto de Serpa, quando ele não pode, agora, pensar nisso? Já tal lhes foi dito.

E, por hoje, o abraço deste seu amigo,

José Régio

*

Portalegre
7/1/61

Querido Amigo:

Desta vez, (ainda ontem lhe escrevi para a Portugália) escrevo-lhe para Queluz. Assim lhe falarei mais à vontade de algumas coisas. Mas antes de mais: os meus silêncios não têm outra razão senão falta de tempo, cansaço, indisposição... Nunca significam mais nada, pois bem sabe que eu logo *desabafo* (até, por vezes, com certa impertinência menos propositada) quando alguma coisinha tenha a desabafar. E, agora, vamos ao que concretamente importa.

Eu só agradeço, e muito sinceramente, que me exponha quaisquer dúvidas que na revisão das provas lhe ocorram. *Peço-lhe que o faça sempre*! Várias vezes, relendo fragmentos meus, encontro coisas sobre as quais bem útil me teria sido que alguém me chamasse a atenção. As suas dúvidas sobre as expressões que me cita – *têm muita razão de ser*. Não corrijo pelas razões seguintes (o que, repito, não deve fazê-lo desistir de me expor quaisquer outras que lhe ocorram):

a) *pau-brasil* é uma certa espécie de madeira, também dita *pau-preto*. Eu queria falar, vagamente, de qualquer das madeiras que nos vinham do Brasil. Por isso escrevi pau *do* Brasil.

b) *reumatismo* é termo culto, embora corrente. *Reumático*, como sinónimo de *reumatismo*, é popular. E eu tenho um certo pendor pelas expressões populares...

– Escrevi e mantenho *deram* (no plural) porque considero um sujeito composto: "esta imaginação" *e* "o sorriso provocador do Adélio".

Quanto às provas de *Uma Gota de Sangue*, vou seguir o seu conselho: enviar-lhas por partes. Não tardarei a enviar-lhe as primeiras 50 páginas. *Também concordo que a edição de Uma Gota fosse de três mil exemplares... o que me dará, ainda, a vantagem de qualquer pequeno aumento monetário*. Exerça a sua influência nesse sentido!

A transcrição das palavras do O. de Faria[229] numa página literária da

[229] Otávio de Faria foi crítico, tradutor e ensaísta brasileiro (Rio de Janeiro, 1908--1980). [SC]

"Palavras do grande romancista brasileiro Octávio de Faria sobre José Régio,

capital poderia ser um bom reclamo. Leu o rodapé do Ramos de Almeida no mesmo *Jornal de Notícias*?

E, agora, vamos ao assunto um pouco *particular*, ou *confidencial*: Eu queria fazer sair, mais ou menos breve, um destes dois livros inéditos: Um volume de contos poéticos, fantasistas, (ao mesmo tempo realistas) que sub-intitularia *Histórias para crianças grandes*; ou um volume de versos um pouco diferentes dos meus até hoje publicados em volume, geralmente composto de poemas breves – *volume que está mais adiantado que o de contos*. Qual mais conviria à Casa? Creio que pode, a tal respeito, consultar o Senhor A. Fernandes. Também gostaria de saber quanto poderia pedir por um ou por outro – *dado que o género de pagamento aos poucos decididamente me não convém*. Não posso deixar de considerar com certo desânimo que *As Monstruosidades* (em que tanto trabalhei) me deram uma quantia... que eu quase me envergonho de citar. Verdade é que a nossa Irene Lisboa – que reapareceu na Bertrand – ainda *ganhava* menos... Quando puder, diga-me qualquer coisa a tal respeito.

De *O Barão*, não estou esquecido. Mas ainda tenho de o reler, e voltarei a este assunto. Por hoje, o abraço do seu

José Régio

*

Queluz, 14 de Janeiro – 61.
Meu bom Amigo:

Só hoje tenho uns minutos livres para responder à sua carta de domingo último. Perdoe-me a breve demora (que detestável, esta esferográfica que comprei agora mesmo, para lhe escrever, neste café onde vim descansar uns momentos desta tarde de sábado!).

E, afinal, a sua carta deu-me um grande prazer e devia responder-lhe na volta, por se tratar de si e de um assunto que particularmente me alegra (alegra! alegria! palavras tão raras, quase inexistentes, no meu vocabulário e na minha vida. Conforto relativo, carinho, prazeres espirituais com um outro livro bom, – tenho-os; mas alegrias quase desconheço o que isso seja. E no entanto a Alegria é uma coisa tão bela! Mas, com a minha experiência, e na minha idade, e com os meus problemas e a terrível consciência deles, tudo se punge de remorso, inquietação, tristeza. Estas sim, são as palavras verdadeiras, e comuns, do meu vocabulário!).

Interrompo esta carta para tomar um *nescafé* (única bebida, género café, que posso tomar sem a ameaça certa, comprovada, de uma noite em claro e de um dia em terrível sobressalto de nervos) e volto ao seu-nosso

---

poeta e romancista", *Jornal de Notícias*, 5-I-1961.

assunto, que é – quanto à pergunta que o meu Amigo me faz – mais delicado do que poderá supor-se:

Já, por mais de uma vez – e principalmente nos últimos tempos –, tenho falado ao Sr. A. F. na desproporção entre os seus ganhos de autor e os de outros autores menores, embora talvez de mais certeira ou rápida venda. Responde-me ele, e com razão, não terem sido as suas condições ditadas por ele; e que os tais outros recebem: um (Alves Redol) às mensalidades, tal como se fosse um funcionário da casa, e durante um ano; outros (V. Ferreira) aos trimestres. (Tive de trocar o raio da esferográfica.) O primeiro – devo acrescentar para sua completa elucidação, e antes que a informação lhe chegue por outras vias e o meu Amigo suponha que o Luís Amaro é, afinal, um falso amigo – recebe 20% sobre o preço de capa; julgo que, além dele, só o Aquilino, o F. [de] Castro, o Namora, e não sei se mais algum afortunado, recebem tal percentagem. Como os livros desse simpático homem mas não grande escritor atingem grandes tiragens – 5.000, 6.000 – os lucros totais de cada edição, pelo menos para ele – que de resto vive do que escreve – são consideráveis. Nem lhos digo para o não envergonhar a si! Mas temos de atender que se trata de facto de um romancista popular; etc. etc. Quanto ao V. Ferreira, passou, sùbitamente, de autor de prateleira a *best-seller* do momento. Da *Aparição* – de que se fizeram, a medo, a princípio, 2.500 exs. – já se venderam bem uns 8.000, tudo isto em pouco mais de um ano. Esse recebia 10%, trimestralmente, com direito a mais 5% se os livros se esgotassem no prazo de 2 anos. Trata-se, pois, de dois casos excepcionais. O caso da nossa amiga Irene Lisboa não pode servir para confronto, pois recebia sobre os livros vendidos, embora excepcionalmente tivesse recebido adiantamentos sobre exemplares... que infelizmente nunca mais saem das prateleiras dos armazéns e das lojas. As edições desta nossa saudosa Amiga, indiscutivelmente a primeira escritora portuguesa, deram à Portugália um prejuízo *certo* de mais de vinte contos – dinheiro que nunca mais se recuperará, pois não se pode dizer que, depois de morta, o público tivesse descoberto a escritora. Essa a razão por que o Sr. A. F. não quis, ou não pôde, editar o último livro dela.

Concluindo: Se o meu Amigo, a propósito deste seu novo livro, sugerisse ao Sr. A. F. uma importância maior que a que tem recebido pelos outros livros, ele veria logo nisso a minha presença, pois, como lhe digo, várias vezes (eu sou impertinente e incómodo, segundo dizem) lhe tenho insinuado a desproporção de que falamos (e de que ele, repito, não é pròpriamente o culpado; nem – *é importantíssimo* acentuá-lo – o Sr. A. F. ganhou até agora *um centavo* sequer com a P. E., em que tem investidos mais de 3.000 contos. Como vê, além de impertinente e incómodo, procuro sempre ser imparcial, objectivo, e tão justo quanto me é humanamente possível).

Concluindo novamente: O melhor, o mais diplomático – a mim me parece que seria o meu Amigo deixar o pagamento do original ao critério do Sr. A. F. Isto se persistir na sua ideia de receber tudo em troca do original, – coisa que, quanto a mim, só o tem prejudicado (e aí está a raiz da tal desproporção). Se assim for, eu próprio, trocando impressões com o Sr. A. F., lhe sugerirei uma importância, que, atendendo às anteriormente recebidas, me parece não dever ser superior nem inferior a 10.000.00. Que me diz?

Claro que não sei ainda o tamanho do livro, nem nada. Se se tratar de um opúsculo, será de mais; se se tratar de um grosso volume, será de menos. Neste último caso, ficaria pendente o final acerto de contas para quando da saída do livro; e então, sobre o preço de capa, se ajustaria o pagamento total, numa base que nunca poderia ser inferior a 10%.

Se assim tivesse sido feito quando às *Monstruosidades*, o meu Amigo teria recebido, além dos 6.000 iniciais, mais 4.500.00 quando da publicação da obra. Mas descanse que, se o livro se esgotar dentro dum prazo relativamente curto (e isso aconteceria fatalmente se o prémio lhe fosse dado), essa diferença ainda lhe irá ter às mãos.

Repito: seria injusto – e da minha parte monstruoso insinuar tal coisa – o meu Amigo pensar que a P. E. tenha estado a explorá-lo. O Sr. A. F. é incapacíssimo de explorar ninguém (e olhe que a minha situação está longe de ser brilhante; e as minhas relações com ele nem sempre me trazem a alma sossegada e tranquila!). Simplesmente, o assunto dos seus honorários tem sido talvez mal posto – talvez por causa do tal velho preconceito de que os livros de versos se não vendem, e os de teatro menos, e que a sua obra de ficção não se projecta no grande público (ainda há pouco ouvi, a um crítico aliás honesto – A. Salema –, essa errada opinião. Que o Poeta tenha mais público que o Romancista – de acordo. Mas que – como alguns querem fazer crer – um seja ofuscado pelo outro é que não admito).

À última hora: Já correm rumores, pelo menos em certos sectores da repùblicazinha das letras, de que o prémio irá para si. Deus os oiça!

Desculpe esta carta confusa e atrapalhada. E – não é preciso recomendar-lhe – decerto não deixará transparecer, nem por carta nem em conversa, nenhuma das informações que a minha consciência entendeu dever dar-lhe. Um grande abraço do seu grato

Luís Amaro.

P. S. – Convém dizer, na carta ao Sr. A. F., qual a modalidade de pagamento.

Peço encarecidamente o envio de mais PROVAS.

*

Portalegre
18/1/61

Meu Prezado Amigo:

Não sei como, lembro-me de repente daquela sua carta que inseria uma do SNI, em que me era solicitada uma fotografia! Só o eu andar sempre pensando em muitas e muito diversas coisas pode justificar tais esquecimentos! A fotografia para o SNI já partiu. Com toda a certeza, já lá chega demasiado tarde, pois a pediam *com brevidade* há um mês. Não quero, porém, que os homens pensem que há má vontade da minha parte, – embora eu tivesse razões para isso. Porém o Luís Amaro também me pedia uma fotografia para a Portugália. E com toda a razão, pois a que aí têm publicado está, além de batida e rebatida – desactualizada. Cá vai uma fotografia dos meus 60 anos que, ai de mim! farei este ano.

Um destes dias vou escrever ao Senhor Agostinho Fernandes (para quem peço os meus cumprimentos) sobre o meu novo livro de versos; – o primeiro volume que julgo à bica para ser publicado. Um, de contos mais ou menos fantásticos, em que me tenho empenhado, ainda não está para já. E eu tenho de publicar ao menos um volume inédito neste 61. Já não posso perder muito tempo...

Sem mais por hoje. O abraço do seu amigo

José Régio

P. S. – Deve ter recebido 50 páginas (ou pouco mais ou menos) da *Gota de Sangue*. O que me atrapalhou agora foi ter de organizar à pressa, por pedido da editorial Artis, um dos volumes de antologia poética que eu não esperava para já. Não sei se conhece a colecção, que é obra de gosto, e cujos volumes eu tenho vindo organizando[230]. Se tiver empenho em a possuir, julgo que ainda terei exemplares para lhe oferecer. Livre, por agora, desse encargo inesperado, vou *atirar-me* (é o termo) ao restante da *Gota de Sangue*. R.

*

18 – Janeiro 61.
Meu querido Amigo:

Confirmo a carta que lhe escrevi no sábado e estou gulosamente à espera que nos envie esse novo original.

O desenhador Câmara Leme é que não há meio de "desarrincar" nada para o *Mas Deus É Grande*. Naturalmente teremos de forçá-lo a desistir.

---

230 As Mais Belas Poesias da Língua Portuguesa, em 19 volumes, 1958-1967.

Na segunda-feira fiquei em casa, de cama, com gripe e com a alma mais escura do que o dia (invernal, cinzento, plúmbeo). De vez em quando renascem em mim as velhas crises de outros tempos, que me arruinaram física e moralmente. Dir-se-ia que, apesar de contar com vários inimigos, sou eu próprio o mais implacável de todos eles... o que me inflige, afinal, mais sofrimento.

Mas não é para lhe dizer isto que lhe escrevo. É, sim, para acusar a recepção da segunda remessa de provas, a partir da página 100. Não recebi, porém, as págs. 50 a 100 (os números não são precisamente estes, mas aproximados. O certo é que há cerca de 50 páginas, a seguir à primeira remessa – também de cerca de 50 –, que não recebi. Não é de crer que se extraviassem, visto o meu Amigo as mandar registadas).

Aguardo com o maior interesse as suas notícias sobre o assunto, o seu Amigo sincero

Luís Amaro.

P. S. – O João Palma-Ferreira, no último *Diário Popular* (suplemento literário), é um bocado injusto com o Francisco Bugalho, e até consigo próprio[231]. Mando-lhe o recorte por mera curiosidade, e não porque ligue importância aos Joões Palmas Ferreiras.

*

Portalegre
21/1/61

Meu Prezado Amigo:

Só estas linhas a correr, (breve lhe escreverei com mais vagar) para lhe dizer que entre as 1.as provas que lhe devolvi de *Uma Gota de Sangue* e as 50 páginas devolvidas há pouco – não recebi (ou julgo não haver recebido, não me lembro de haver recebido) nenhumas outras. Pensava eu que estas devolvidas agora seguiam imediatamente às outras. Tudo isto são consequências, creio, das idas e vindas entre Portalegre e V. do Conde, quando eu já estava lá e continuavam a vir correspondências para cá. Também tenho procurado aqueles célebres oitavos d'*As Encruzilhadas*, e... valha-me Deus! Mas ainda tenho alguma esperança de que apareçam, a minha papelada é um poço sem fundo.

Quanto às provas, não será viável mandar tirar outras e enviar-mas? Eu

---

[231] Referência tardia no *Diário Popular* de 12-I-1961, quando João Gaspar Simões já o recenseara no *Diário de Notícias* de 17-XI-1960. *Poesia* (1960), de Francisco Bugalho (1905-1949), tem prefácio de J. Régio, datado de Janeiro de 1960. Reaparece na 2.ª ed., Lisboa, Editora LG, 1998: 288-291.

estou revendo as restantes que aqui tenho. Os trabalhos que dou a mim próprio e aos amigos! Seu

Régio

*

21 – I – 61.
Meu querido Amigo:

Confirmo o meu pedido de provas de *Uma Gota de Sangue*, de que há um "salto" entre a primeira e a segunda remessas recebidas.

Envio-lhe o *Diário de Lisboa* com a transcrição do artigo (?) do Octávio de Faria[232]. Vou agradecer ao Álvaro Salema o favor que me fez, acedendo imediatamente ao meu pedido.

Há toda a conveniência em andarmos com a *Gota de Sangue* para a frente, assim como haveria em que o Salgueiro reeditasse agora *O Príncipe com Orelhas de Burro*, para que toda esta gente se lembre de que José Régio não é só o Poeta, mas também o Romancista com quem eles teriam muito a aprender (e aliás têm aprendido…).

– Agradeço o retrato que enviou, e que servirá para futura publicidade. Fiquei cheio de pena de que já não tivesse vindo a tempo de ilustrar a nota de Octávio de Faria.

Aguardando ansiosamente as provas que faltam, e as restantes, sou, com um grato abraço, o sempre seu

Luís Amaro.

P. S. – Agradeço se não esqueça de *O Barão* e dos oitavos das *Encruzilhadas*. Muito obrigado!

P. S. – Esquecia-me de lhe falar nas dúvidas que tenho nas provas que envio junto e cuja devolução agradeço.

*

Lisboa, 28 de Janeiro 61.
Meu querido Amigo

A falta de saúde, e também de tempo, impediu-me de responder imediatamente à sua carta, recebida há dias. Efectivamente, tenho andado terrìvelmente constipado – como aliás quase toda a gente – e todo o tempo me é escasso para os meus trabalhos obrigatórios (ia a dizer: forçados).

Enquanto a casa não responde oficialmente à sua carta, tenho o prazer

232 "Os romances de José Régio", supl. Vida Literária, *Diário de Lisboa*, 19-I-1961.

de lhe comunicar particularmente que o Sr. Agostinho Fernandes aceitou a sua proposta. Na segunda-feira seguirá a carta da casa.

Tenho uns vagos rumores (de um dos membros do júri: Alves Redol) de que o Prémio *Diário de Notícias* vai para si. Mas, entretanto, o melhor é não pensarmos nisso – pois geralmente não se realizam as coisas que mais desejamos...

Quanto ao C. C. Branco, há quem fale, também, com grande entusiasmo do livro de novelas que o Jorge de Sena acaba de publicar (*Andanças do Demónio*); é um dos concorrentes. Aguardemos!

Por hoje, o melhor abraço de sempre do

Luís Amaro.

*

30 – I – 61.

Meu querido Amigo:

Confirmo a minha carta de anteontem, e espero que a minha notícia lhe tenha proporcionado um bom domingo.

Hoje envio-lhe algumas provas em que tenho dúvidas:

na pág. 163, será em pensament*os* ou em pensament*o*? (por esquecimento, não verifiquei em casa pela 1.ª edição); na pág. 166, encontro três *senões* muito perto uns dos outros; e na pág. 171, não será *pressuposto entendimento*?

Desculpe estas impertinenciazinhas. Para esclarecimento das dúvidas, basta devolver-me as provas; é desnecessário escrever carta... Também estou aguardando as restantes provas, com o maior interesse. Um gratíssimo abraço do

Luís Amaro.

*

Portalegre
30/1/61

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, e, como vê, agora já estou quase no extremo oposto aos silêncios de há pouco… Hoje mesmo lhe devolvi, registadas, aquelas provas que haviam sido extraviadas. As gralhas são muito poucas. Eu, como escritor da velha guarda, (do tempo em que uma obra era escrita 12 vezes, e se repetiam meia dúzia de provas) é que não posso deixar de ir fazendo umas emendazitas… Mas nada de mais, julgo! O original da 1.ª edição já tinha sido suficientemente emendado. Estou agora trabalhando na revisão da parte final, que seguirá sem demora.

Mas queria sobretudo falar-lhe do seguinte: Tenho estranhado que o João Gaspar Simões nunca se referisse, na sua coluna do *Diário de Notícias*, a *As Monstruosidades Vulgares*. Teria ele recebido o exemplar cujo oitavo para aí enviei? Esperaria que, protocolarmente, eu enviasse 2 exemplares para "o crítico do *Diário de Notícias*"? Veria no facto de eu só lhe enviar um exemplar (pessoal) desinteresse pela sua crítica pública?

Aliás, o exemplar que eu autografara para o Pinto de Azevedo (do *Janeiro*)[233] nunca lhe chegou às mãos. E o do Casais Monteiro, que devia ter seguido para o Brasil, ficou em Lisboa na casa da Mulher[234], com quem ele quebrou relações.

Será em consequência disto que eu ainda não consegui achar aqueles oitavos d'*As Encruzilhadas*? Teriam ido para Vila do Conde, e lá ficado…? Nas próximas férias da Páscoa, vamos ter mais cautela com a correspondência. Como quer que seja, a "gente da Portugália" não ficará sem os seus exemplares oferecidos.

E sem mais por hoje. A respeito de prémios, seja o que Deus e os júris quiserem. O assunto não me preocupa de maior; embora, aqui para nós, eu pense que os outros livros concorrentes não devem ser superiores ao meu.

Aguardo resposta do Senhor Agostinho Fernandes à proposta que lhe fiz sobre o meu último livro de versos… que é um pouco à parte na minha poesia. Um abraço do amigo

José Régio

*

Lisboa, 2 de Fevereiro – 1961.
Meu querido Amigo:

Recebi as provas da parte que se tinha extraviado e também as em que tinha feito leves observações. Obrigado!

Recebi também uma carta sua, em que me falava de um assunto de que, por curiosa coincidência, eu tinha tratado na véspera: a crítica do G. Simões, cuja ausência tenho também estranhado muito. Pedira eu à minha Mulher para telefonar para casa dele a perguntar se realmente tinha recebido o livro, pois receava (como empregada encarregada do serviço de ofertas, que disse ser) um extravio. Ele respondeu ter de facto recebido, juntamente com outras obras nossas. Claro que o telefonema se limitou a isto mesmo e não teve o menor aspecto de reclamação.

---

233 Manuel Pinto de Azevedo Júnior, director d'*O Primeiro de Janeiro* entre 1937 e 1976.

234 Alice Gomes, irmã de Soeiro Pereira Gomes.

Eu creio que a crítica deve estar a rebentar – quem sabe se para a semana[235].

Disse-me o Vergílio Ferreira que ia fazer o seu volume para a Arcádia. A escolha foi felicíssima. Simplesmente ele, ocupado como está, vai levar ainda alguns meses para escrever o livro, que assim só poderá aparecer lá para o início do próximo ano.

Fiquei muito satisfeito por ser o Vergílio Ferreira a tratar da sua biografia. Ele é uma pessoa de grande sensibilidade, e um grande admirador seu (um admirador, claro, diferente dum Luís Amaro, cujo encontro consigo é apenas por uma questão de sensibilidade, e por sentir ecoar na sua Obra tudo aquilo que sente e não sabe exprimir: complexidades, ânsia de absoluto, alguma nostalgia do divino, desgosto ou alegria de viver, inadaptação ao mundo dos outros e raiva do seu próprio mundo íntimo...). No Vergílio Ferreira tudo isto poderá ser sentido, mas *pelo cérebro*. E, num admirador assim, o sentido crítico tem outras exigências, complicadas de cultura e intelectualismo. Mas, *apesar disso*, foi ao Vergílio Ferreira que eu ouvi as únicas palavras de estranheza por, aquando do Prémio Nobel, se não ter falado no seu nome. E ainda hoje me voltou a afirmar a sua convicção de que o Prémio Camilo deverá ir para si (isto apesar de não ter lido ainda todas as *Monstruosidades*). Não lhe falei no Pr. *Diário de Notícias*. E, a propósito deste último, o nosso Alberto de Serpa – que ontem esteve cá – também me disse ter ouvido, de um membro do júri (que depois fiquei a pensar ser o Alberto Uva, representante dos Homens de Letras do Porto), que a maioria dos votos era a seu favor.

Quanto, ainda, ao Vergílio Ferreira: ele parece estar à espera de carta sua, em resposta a outra que ele lhe escrevera. Como estes intelectuais são todos de uma sensibilidade à flor da pele (ainda quando de um exacerbado cerebralismo, como é o caso), ouso lembrar-lhe isto...

E, aguardando as últimas provas da *Gota de Sangue*, sou, com um grande abraço, o seu grato

Luís Amaro.

*

6 de Fevereiro – 61.
Meu Querido Amigo:

Estas breves linhas são só para lhe dizer que o original de *FILHO DO HOMEM* foi cá recebido anteontem, e que amanhã lhe será remetido o cheque respectivo.

---

[235] Sobre *As Monstruosidades Vulgares* escreverá no *Diário de Notícias* de 13-IV-1961 (agora, em *Crítica. III*, Lisboa, INCM, [2]2001: 260-266) e no *Jornal Português de Economia e Finanças*, 15-V-1961.

Passei os olhos pelo original, neste ambiente agitado e confuso em que trabalho. Impressionou-me particularmente o último Poema, de tanta gravidade. E gostei, como não podia deixar de ser, de todo o livro, que depois hei-de ler atentamente nas provas. Pareceu-me absolutamente digno de toda a sua Obra anterior, embora tenha outro tom, outro sabor: é um livro não de luta nem de desespero, mas de trágica conformidade e de serena melancolia. O meu querido Poeta não se serve das palavras como um jogo, mas como uma libertação, uma confissão religiosa: para si a Poesia é uma coisa sagrada. Para os poetas da minha geração, salvo um ou outro caso (e mais ainda para os da geração posterior), é uma brincadeira…

Desculpe estas linhas apressadamente escritas, e mais ainda as asneiras que contêm. E receba o melhor abraço do sempre seu

Luís Amaro.

P. S. – Não cheguei a responder a uma pergunta sua, que envolvia uma amabilíssima promessa: de facto não possuo nenhum dos volumes das *Líricas*, inacessíveis para mim, e muito gostaria de enriquecer com eles a minha modesta estante! Obrigado!

*

9 – Fevº – 61.
Querido Amigo:

Envio-lhe pelo correio, registada, uma antologia de contos portugueses, publicada na Suécia e que um jovem me trouxe ontem com o pedido de um autógrafo seu – isto é, simplesmente a assinatura.

Fiquei sem saber ao certo em que página ele queria esse autógrafo: se no próprio conto, se no ante-rosto (onde o Aquilino assinou *por engano*, segundo o rapaz me disse. Como, porém, o Ferreira de Castro também assinou aí, o melhor será – até por uma questão de uniformidade – que o meu Amigo aí assine também).

Muito lhe agradecia a devolução do volume *registado*, para o que junto os selos respectivos, que o interessado pagará. Recebeu as notícias da casa? Um abraço grato do

Luís Amaro.

*

22 – 2 – 61.
Meu querido Amigo:

Cá estou eu a importuná-lo novamente...

Recebeu a antologia sueca que lhe mandei, com o pedido da sua assinatura no ante-rosto do volume? Tenho aguardado a devolução; por acaso

o possuidor do livro não voltou cá, mas deve estar a aparecer e eu gostaria de lhe restituir a obra, de que ele se mostrou muito cioso.

Por estes dias – talvez para a semana – deve receber já as provas do *Filho do Homem*. Devo pedir-lhe desculpa das impressões, muito lacónicas e incompletas, que lhe transmiti no último bilhete. O assunto, para ser tratado como devia ser, exigiria uma carta, meditada. E, primeiro do que isso, exigiria uma leitura *a sério* dos seus poemas. Ora eu mal tive tempo de passar a vista por eles, com o sôfrego interesse que calcula, mas também com o espírito preso a mil coisinhas que me tiram a disponibilidade indispensável para ler um POETA com todas as letras maiúsculas, como o meu querido Amigo.

Perdoe-me, pois, essa tal linguagem telegráfica, e não duvide nunca, um só momento, da fidelidade da minha admiração.

Sei que teve aí a visita dos romancistas Ferreira de Castro e Assis Esperança – amigos do Sr. A. Fernandes e, embora num plano superficial, meus também.

– Não encontrou mais os oitavos das *Encruzilhadas*? Um grande abraço do

Luís Amaro.

*

25 – 2 – 61.
Meu querido Amigo:

Venho confirmar o almoço ontem combinado, e informá-lo do local: Cervejaria Alemã, na Rua do Alecrim, 23 (ao fundo da rua). Hora: do meio-dia e três quartos para a uma hora. Lá aparecerá também, conforme prometeu, o seu velho amigo Branquinho da Fonseca.

Aproveito a oportunidade da sua estada em Lisboa para lhe pedir os tais autógrafos nas *Encruzilhadas*, para que lhe envio os respectivos exemplares. Os nomes são os seguintes:

Agostinho Fernandes – Augusto da Costa Dias – Nuno Fernandes (neto) – Eurico Fernandes (filho) – D. Nelly Candeias – e um para a minha colecção. Envio-lhe mais 2, para o caso de querer oferecer ao Castelo Branco Chaves e ao B. da Fonseca. À parte estes dois casos, será desnecessário ir carregado com os outros exemplares; eu mandarei buscá-los ao Hotel, depois.

Aproveito ainda para me desincumbir de um encargo do mesmo género: O neto do Sr. Fernandes – Nuno Fernandes, jovem pintor e ilustrador de livros juvenis – desejaria o seu autógrafo noutras edições que também lhe envio.

Desculpe a grande maçada!
E, até amanhã, sou sempre o seu muito grato

Luís Amaro.

P. S. – Os oitavos das *Encruzilhadas* devolver-mos-á depois, quando os encontrar. Muito obrigado! Amaro.

*

10 – 3 – 61.
Meu querido Amigo:

Estimo que regressasse bem à sua Portalegre – e à sua *velha casa* de Portalegre, inspiradora, já, de uma *balada* inesquecível.

Aqui tem as provas do *Filho do Homem*, às quais poderia juntar os dois ou três poemas (ou mais) de que falou ao Sr. Agostinho Fernandes.

Agradeço que me devolva o original, que faz falta na tipografia até que o livro esteja impresso. Ser-lhe-á devolvido, sem falta, logo que não seja necessário, pois sei que o nosso Alberto de Serpa o não dispensaria... Um grande abraço do

Luís Amaro.

P. S. – O Luís Moita pôs cabeças em todas as páginas, quer sejam do seguimento dos poemas, quer não, com os títulos das respectivas "secções" (chamemos-lhes assim). Peço que nos diga a sua opinião. A mim parece-me que esses títulos deviam vir só na primeira página dos poemas.

Agradecia a sua opinião, o Luís Amaro.

*

13 – 3 – 61.
Meu querido Amigo:

Recebeu as provas do *Filho do Homem*? Que me diz às "cabeças" em todas as páginas, como o Luís Moita sugeriu?

Um assunto urgentíssimo: O Azinhal Abelho pediu-me hoje 13 exs. da *Benilde*, para os actores do Trindade decorarem, visto a peça ser levada à cena brevemente – isto é, ir entrar em ensaios. Só tínhamos *um* exemplar, que lhe emprestámos para ele mandar à Inspecção dos Espectáculos, creio eu. Telefonei logo ao nosso Alberto de Serpa, pedindo para, junto do Teixeira da Rocha, providenciar ao envio de mais exs. – se os houver. No caso de não haver, quererá o meu Amigo fazer nova edição? Lembra-se da tiragem da primeira? O Sr. A. Fernandes queria sabê-la, para se orientar quanto à da 2.ª, se realmente a fizermos (e, a ser necessária, tínhamos de

tratar *já* disso, pois, segundo o Azinhal, a peça levará apenas umas três semanas a ser ensaiada).

Aguardando a sua resposta urgente, sou, sempre amigo e grato, o

Luís Amaro.

P. S. – Perdoe o laconismo, mas estou num dos meus momentos de atrapalhação… profissional.

– Não esqueça os poemas, a acrescentar ao *Filho do Homem*! E também a devolução do original.

*

Portalegre
13/3/61

Querido Amigo:

Acabo de escrever ao Senhor Agostinho Fernandes, e nessa carta dizia que "*amanhã*" escreveria ao Luís Amaro. Afinal, ainda tenho um intervalo para escrever hoje mesmo estas linhas. Peço-lhe para tomar conhecimento do que digo ao Sr. A. F., e me dar, também, a sua opinião sobre as duas questões lá tratadas. A sua opinião é-me sempre de boa ajuda.

Cá estou às voltas com o *Filho do Homem*, que não demorarei a devolver-lhe. Sempre tenho de acrescentar os tais três ou quatro poemas, o que obriga a alterar a ordem e a paginação seguidas. Porém o Salgueiro – finalmente! – lembrou-se de, precisamente nesta altura, me mandar provas de todo *O Príncipe com Orelhas de Burro*! E esta semana é a última de antes de férias da Páscoa, o que significa ser de muito trabalho... Deus me acuda, que bem preciso. Numa cidade pacatíssima como esta, consigo levar uma vida bastante agitada! Um abraço do amigo

J. Régio

*

14 – 3 – 61.
Meu querido Amigo:

As suas notícias de hoje coincidem com as que, também hoje, devia ter recebido da nossa parte.

O T. da Rocha, editor da *Benilde*, deve responder amanhã (isto é, devemos ter cá amanhã a resposta) acerca do n.º de exs. existentes no Porto – se é que existem ainda.

Mande-nos, por favor, a fotografia do Cristo. Mil perdões pelo telegrafismo, e o melhor abraço do

Luís Amaro.

*

15 – 3 – 61.
Meu querido Amigo:

Mandei-lhe agora um telegrama a dizer que seguia hoje a *maquette* da capa do *Filho do Homem*. Na verdade, é a própria *capa* que segue, pois nos foi hoje entregue pelo desenhador Tóssan[236], cujo trabalho nos agradou a todos. O Snr. Agostinho Fernandes põe o meu Amigo, porém, absolutamente à vontade: no caso de não gostar da capa, queira dizê-lo com a franqueza habitual e enviar-nos, então, a fotografia de um dos seus Cristos.

Aqui, surge, porém, uma pequena reflexão: a capa da última edição das *Encruzilhadas* é feita sobre um motivo religioso (a cruz); e, num romance que vamos publicar (e que desde já, aqui mesmo entre parênteses, lhe recomendo: *Cristo Parou em Eboli*[237]), lá está um Cristo na capa de que lhe envio uma prova (que pode ficar em seu poder). Se na do *Filho do Homem* aparecer de novo o Cristo, não haverá uma excessiva repetição de motivos religiosos?

Repito: O Snr. Agostinho Fernandes deseja, acima de tudo, que o nosso Amigo fique satisfeito. De maneira nenhuma quer ter, amanhã, o remorso de ir contra uma vontade sua.

O Teixeira da Rocha escreveu-nos hoje: tem ainda 500 exemplares da *Benilde*, que se dispõe a vender-nos. Como o Snr. Fernandes aceitou as condições dele, hoje mesmo lhe vamos escrever para que envie, sem demora, os referidos livros.

E, por hoje, e sempre muito atrapalhado com afazeres, [s]ou o seu sempre muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
17/3/61

Meu prezado Amigo:

Tenho de lhe escrever hoje muito à pressa: Estou cheio de trabalho, e o Diabo preparou as coisas de modo a atrapalhar-me ainda mais. Nas vésperas de férias, é sempre assim. Até me chegaram provas de *todo O Príncipe com Orelhas de Burro*! Só por isso ainda não pude devolver as do *Filho*

236 António Fernando dos Santos, 1918-1991.

237 Tradução (1961) de *Cristo si è fermato a Eboli* (1945), de Carlo Levi.

do Homem, que espero devolver-lhe no próximo domingo. Também discordo da repetição, ao alto das páginas, dos títulos das várias partes do livro; como quero estes títulos, nas páginas em que venham, em *caracteres maiores* que os dos títulos das poesias. Tudo lá irá indicado. Suponho que terei de ver 2.as provas, pois fico inquieto. Essas já serão devolvidas sem demora, pois chegarão em ocasião mais favorável. Também, agora, acrescentarei quatro poemas. A respeito da capa, que também irá domingo, agradou-me bastante. Pelo que, e em razão do que me diz, fica a minha fotografia para uma hipotética futura reedição de *As Encruzilhadas*. Aliás, a cabeça do meu Cristo é tão humana que nem chegaria a ser um *motivo religioso*. Mas fica assim resolvido.

Sobre o caso da *Benilde*, vejo que, por agora, também ficou remediado. (Cá para mim, e entre nós, mais me convinha que já estivesse de todo esgotada! Mas aquele Teixeira da Rocha fechava os exemplares não sei em que armazéns…)

E basta por hoje. Até 3.ª feira, ainda me pode escrever para cá, se for preciso. *Avisá-lo-ei da minha saída, para não haver, depois, correspondências transviadas*. Desculpe esta precipitação, e sempre amigo

José Régio

*

23 – 3 – 61.

Meu querido Amigo:

Recebi as capas, que lhe agradeço, e também as provas do *Filho do Homem*.

Hoje, receberam-se aqui dois telegramas para si, que, por tratar-se de telegramas e, por isso, poderem significar urgência que tivesse de ser-lhe comunicada, – resolvi abrir. Desculpe-me a liberdade que tomei. (Creia que não foi o espírito de bisbilhotice que me levou a isso.)

Fiquei surpreendido com o teor desses telegramas, tanto mais que a data do seu aniversário não é a de hoje. Será caso que a rádio tivesse anunciado a atribuição do Prémio *Dº de Notícias*?[238] Tentei informar-me, mas nada consegui.

---

[238] O cheque de 30 mil escudos foi entregue por Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*, no dia 21 de Março. Júri, além de Alves Redol, que representava a Sociedade Portuguesa de Escritores: Jacinto do Prado Coelho, representando o Ministério da Educação Nacional; Ramiro Valadão, pelo SNI; Luís de Oliveira Guimarães, pela Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; Martinho Simões, pelo Sindicato dos Jornalistas; António Quadros, Delfim Santos, Luís Forjaz Trigueiros e Luís Teixeira, pelo *Diário de Notícias*.

De qualquer modo, aqui vão também, desde já, as minhas – as nossas – sinceras felicitações pelo feliz acontecimento (feliz, com certeza, visto os telegramas serem de congratulação).

Como compreenderá, sinto – sentimos – uma grande alegria com a ideia do prémio, apesar de termos preferido que lhe dessem o "Camilo". Mas só amanhã, naturalmente, saberemos o que se passa.

Um muito sincero abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Mandei-lhe, por curiosidade, o *Almanaque*. E se nós fizéssemos uma lista idêntica, forrageada nas obras dos "homens", os "grandes homens", do *Almanaque*: Cardoso Pires[239], etc.?... Mas o melhor é deixar os rapazinhos brincarem...

*

8 – Abril 61.

Meu querido Amigo:

Estimo que as suas férias em Vila do Conde lhe trouxessem mais repouso do que os agitados dias que passou em Lisboa.

Recebeu as últimas provas do seu *Filho do Homem*? Oxalá tudo estivesse, agora, certo. Conto receber as provas na segunda-feira.

Uma pergunta, a que agradeço resposta na volta do correio (se for possível): Não se importa que façamos uma tiragem especial de 50 exemplares, numerada e assinada? Os melhores cumprimentos do seu grato

Luís Amaro.

P. S. – Chegou a ver o esplêndido anúncio das suas obras na página literária do *Notícias*? Gostaria de saber! Li a entrevista no último nº[240].

*

[239] José Cardoso Pires coordenava a redacção da revista *Almanaque* (desde Outubro de 1959), integrada por Sttau Monteiro, Alexandre O'Neill, Vasco Pulido Valente, Augusto Abelaira e José Cutileiro.

[240] Em 6-IV-1961, entrevista de Arnaldo Saraiva, na sequência do Prémio *Diário de Notícias*. Reeditada em *Encontros Des Encontros*, Porto, Paisagem, 1973, onde assevera: «[…] para mim, Régio é, simplesmente, o maior poeta português vivo e um dramaturgo só comparável a Bernardo Santareno» (p. 40).

Portalegre
9/4/61

Querido Amigo:

Claro que me não importo que façam essa tiragem especial.

Já aí devem estar as provas do *Filho do Homem*, que lhe enviei òntem. Agora tudo me parece bem, e creio que a edição ficará muito a meu gosto. Há ainda umas três emendas, que o meu Amigo fará o favor de rever... e pronto. Agradecia que, depois, me enviasse o original manuscrito, não esquecendo os poemas acrescentados. Por hoje mais nada, senão o abraço do amigo sempre grato,

José Régio

*

24 de Abril – 61.
Meu querido Amigo:

Ao contrário do que, durante muitos anos, me é habitual, – entrei hoje mais tarde, precisamente no momento em que (soube-o depois) o meu Amigo tinha saído. Ainda ouvi o Dr. Costa Dias despedir-se de alguém, mas não sonhava que esse alguém fosse o meu Amigo.

Queria pedir-lhe o favor de voltar cá amanhã, para autografar – pesado frete! – os 60 exs. da tiragem especial, que estão ainda em folha. Tenho cá as respectivas folhas, à sua espera. Será mais fácil do que mandá-las para Portalegre.

Posso contar consigo? Espero que o tempo lho permita. As mais gratas lembranças do

Luís Amaro.

*

Portalegre
14/5/61

Prezado Amigo:

Recebi o manuscrito do *Filho do Homem*, assim como o exemplar do mesmo, e os oitavos que o acompanhavam. Desta vez, não se perderão; e ainda tenho esperança de que os das *Encruzilhadas* apareçam, – se realmente se não extraviaram no correio. Quanto às ofertas à família do Senhor Agostinho Fernandes, – principiando por ele próprio! – é com sincero prazer que as faço. As outras... vou estudá-las.

Mas se lhe escrevo hoje, no mesmo dia em que recebi o primeiro exemplar do *Filho do Homem*, é pelo seguinte: Não lhe parece que a impressão da lombada está às avessas – em relação à da capa? Foi o que

primeiro me saltou à vista, e fiquei alarmado! Escrevo hoje mesmo na esperança de isso ainda ter algum conserto, a não ser que seja assim que se usa agora. A edição está (ou estaria) muito boa quanto à qualidade do papel, beleza dos tipos, bom gosto da disposição gráfica, excelência da capa, com que estou muito satisfeito. E logo, neste esplêndido conjunto, havia de vir aquela compacta página poética final, aquela súbita passagem das Obras do Autor para o primeiro poema do Bensaúde[241], (como não viram isso na tipografia?!) e, agora... agora esta lombada às avessas! Enfim: por um lado, estou satisfeito, por outro, desesperado: desesperado, porque me parece que teria sido relativamente fácil ficar inteiramente satisfeito. Desta vez, estivemos à borda da perfeição…

Desculpe-me estas rabugices. O meu Amigo, além dos seus trabalhos, preocupações e atenções, ainda tem esta sobrecarga de aturar um autor impertinente como eu! Pois desculpe, e não faça caso. Até breve, que volte a escrever-lhe. Um abraço do seu sempre agradecido

José Régio

*

Portalegre
23/5/61

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido uns oitavos que lhe mandei por um meu Amigo. Aqui vão hoje mais. Como verá, acrescentei alguns nomes aos da sua lista. Mas ainda preciso de mais oitavos – e precisaria deles com urgência –, pois ainda tenho de acrescentar mais nomes. É, para mim, uma grande facilitação encarregar-se a Portugália de enviar estes volumes, – pois quando os enviaria eu? O que eu pedia, porém, (e também peço desculpa da recomendação) é todo o cuidado na remessa, pois uma ou outra das minhas ofertas de *As Monstruosidades* nunca chegaram ao seu destino. Também precisaria de mais exemplares completos, além dos dez que recebi: Tenho amigos particulares e parentes a quem me encarregarei eu próprio de os enviar. E muito obrigado por tudo! Toda a gente tem gostado muito da edição.

Quanto ao *Prémio Camilo*, bem escusava eu de ter dado aos meus *admiradores e amigos* o prazer que lhes dei[242]. Mas nem vale a pena pensar mais nisso.

---

241 João Bensaúde, 'poeta menor' ou heterónimo de Régio.

242 Venceu *A Gata e a Fábula*, de Fernanda Botelho. Júri: Jacinto do Prado Coelho, João Gaspar Simões, David Mourão-Ferreira, Óscar Lopes, Mário Dionísio. Sobre os prémios do *Diário de Notícias* e Camilo Castelo Branco alarga-se em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 354-355.

Junto a estes oitavos as provas de *Uma Gota de Sangue*, com as indicações necessárias. E por hoje, que estou escrevendo à pressa, um abraço mais do amigo

José Régio

*

Lisboa, 5 de Junho – 61.
Meu querido Amigo:

Muito lhe agradeço o exemplar que me destinou do *Filho do Homem*, com as suas palavras amigas! Já está ao lado das outras obras suas, na minha estante, as quais ocupam nela um bom lugar, quantitativamente falando (da qualidade não vale a pena repetir o que tantas vezes lhe tenho dito: que os seus livros, cada uma das suas páginas, correspondem a necessidades e problemas meus, e que neles me encontro de maneira singular: até com o Lèlito da *Gota de Sangue*, simplesmente com mais fundas razões para me sentir... oposto ao mundo, para não empregar a palavra forte que vem no livro, e que não viria a propósito numa carta banal e correntia).

Só lá faltam, na estante, o *Jogo da Cabra-Cega*, *O Príncipe com Orelhas de Burro* (cuja 1.ª edição possuía, mas, emprestada, não mais me foi restituída, como é dos clássicos costumes), o *El-Rei Sebastião* (que aliás já li e que adquirirei qualquer dia) e... os tais elegantes volumezinhos antológicos, da Artis, que o meu Amigo me prometeu num inspirado momento de generosidade... e que espero ter ainda um dia.

Dou-lhe uma boa notícia: o *Filho do Homem*, apesar da fraca publicidade que tem tido, está a sair muito bem: é mesmo, das nossas últimas edições, a que se está a vender melhor. Parabéns!

A *Gota de Sangue* deve sair este mês, finalmente. A propósito – já pensou no texto para as badanas? O Gaspar Simões publicou um artigo no *Mundo Literário*[243], que mais tarde incluiu no livro *Liberdade do Espírito*[244], mas não vejo que se possa extrair dele, depois de se alongar em restrições escritas com uma espécie de ressentimento pessoal (que mal lhe teria feito, já nesse tempo, o pobre Lèlito?), mais do que uma frase positiva: "apesar de tudo, *Uma Gota de Sangue* é uma obra-prima do romance português..." Chamar *obra-prima* a uma obra à qual se faz as mais variadas objecções, sempre dum ponto de vista particularizante e quase acintoso – não dum ponto de vista *literário*, objectivo, independente –, é coisa

[243] "José Régio, romancista", n.º 2, 18-V-1946: 3-5. Régio discorre sobre esse artigo em 28-II-1946, *Páginas do Diário Íntimo*, ed. cit., p. 118-119.

[244] Porto, s. d. [1948]: 143-154.

que surpreende os próprios ignorantes como eu... Mas felizmente que o meu Amigo, já calejado (perdoe-me o termo), parece-me ter chegado à conclusão de que só é válida a polémica com aqueles que atacam injustamente, e que pretendem verdadeiramente ferir ou até denegrir a nossa dignidade: enfim, com os inimigos. Ora o J. G. S. não está nesse caso, em relação a si.

Se se lembrar de alguns textos para as badanas referidas, agradeço-lhe muito que me diga com urgência. Entretanto, eu pesquisarei também.

– Envio-lhe, a título devolutivo (pois faz parte do nosso arquivo), um recorte da crítica, também de G. S. e publicada no *Jornal Português de Economia & Finanças*[245], às *Monstruosidades Vulgares*. Como verá, esta é escrita num tom de superioridade *citadina*: lá se diz que José Régio nunca viveu num agregado urbano maior do que o Porto. Ele é que é um homem viajado, conhecedor de Parizes, Londres, Madrids! (Devo confessar-lhe que não há nestas linhas o menor rancor, pois tenho pelo Crítico a maior simpatia e admiração, embora nunca mais nos falássemos – nem quase nos víssemos – desde a sua saída da Portugália, há já muitos anos...)

– Lamento o que se passou com o seu livro, no concurso "Camilo". Mas creia que o seu nome não ficou diminuído!

– Recebi hoje os oitavos que enviou; os livros irão ter aos destinatários.

Um grande abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Para quando a nova edição do *Príncipe*...? E a reposição da *Benilde*?

*

Portalegre
10/6/61

Querido Amigo:

Não lhe escrevi na volta do correio, como me pedia, porque... tenho estado a tomar balanço para lhe dizer o seguinte: Eu não queria que viesse nada – ou, pelo menos, não viessem citações dos nossos críticos – nas badanas ou orelhas dos meus romances. (Ao menos, felicìssimamente, não se adquiriu esse costume quanto aos livros de versos!) Bem sei que esta posição vai contra os costumes actuais, até, talvez, contra os interesses comerciais, (mas irá? Vender-se-ão mais livros por causa desses dizeres elogiosos das *badanas*, que afinal saem hoje em *todos* os livros?) bem sei

[245] 15-V-1961.

que ela pode ser antipática, mas paciência! Não posso resolver-me ao que me parece uma falta de dignidade: respigar, em críticas incompreensivas e até viciadas de má vontade, uns ditos de louvor mau grado concedidos, para os reproduzir, a título de recomendação, nos próprios livros que tenho por mal julgados. Não, meu Amigo: O Senhor Agostinho Fernandes tem de me entender, ou suportar, em certas excentricidades, se assim lhes chamarem. Durante os poucos anos que poderei ter de vida, – já não voltarei a ceder a coisas que afinal vão profundamente contra o meu sentir. E os críticos entre quem poderíamos escolher umas frases, (salvem-se dois ou três nomes) são, precisamente, os que eu julgo pouco entenderem dos meus romances; ou, mesmo, terem contra eles (exemplo, o Gaspar Simões) um velho ressentimento pessoal. (As críticas deste chegam a ser ingénuas pelo que revelam desse complexo subjectivismo!)

Diga-me qualquer coisa logo que possa, para meu descanso. A ter de vir qualquer coisa nas tais badanas, creio que poderia vir uma simples notícia sobre os volumes d'*A Velha Casa*, – notícia meramente objectiva e histórica. Depois lhe escreverei com mais vagar. Um abraço

José Régio

P. S. – Claro que ainda menos quereria qualquer citação na capa, como veio nas *H. de M.*[246]!

*

Lisboa, 10 de Julho 1961.

Meu bom Amigo:

Já deve ter recebido os primeiros oitavos e os livros.

Venho lembrar-lhe, e pedir-lhe, o favor de não deixar de me enviar as folhas com dedicatória para as pessoas do costume, que já começam a insistir nos meus serviços de intermediário...

Receando que não tenha à mão essa lista, vou recapitulá-la:

Luís Amaro
Sr. Agostinho Fernandes
Eurico Fernandes (filho)
Sr.ª D. Helena Fernandes Ferry Borges (filha)
Nuno Fernandes (neto)
D. Maria Helena da Costa Dias e Dr. Augusto da Costa Dias
Branquinho da Fonseca
Natércia Freire
João Gaspar Simões

246 *Histórias de Mulheres*. [SC]

Álvaro Salema
Amândio César
Luís Forjaz Trigueiros (que parece ter feito uma crónica na Televisão, sobre o *Filho do Homem*)
Taborda de Vasconcelos
David Mourão-Ferreira
Mário Sacramento
Óscar Lopes
Jorge de Sena
Adolfo Casais Monteiro
e outros nomes que porventura lhe ocorram.

Agradecia-lhe muito, pois, a devolução urgente desses oitavos.

Sinto-me, neste momento, cansado e abatido: acabei de telefonar, pela centésima vez – ou mais... – a um dos nossos celebrados contistas, ex-advogado, que, tendo recebido há anos, antecipadamente, a importância de uma tradução que fez para a casa, ainda não nos entregou *revisto*, como se impunha pela má qualidade da primeira redacção, o original do seu trabalho... Meu querido Amigo: se é certo que os comerciantes podem ter facetas antipáticas e que ferem a nossa sensibilidade, estes casos de amoralismo, de sucessivos adiamentos com um à-vontade pasmoso, deixam-me sucumbido... E no entanto partem, muitas vezes, de pessoas com real valor (que, está mais que provado, nem sempre é compatível com o carácter. No entanto, iludem quem os ouve falar...).

Desculpe o desabafo "moralista" e creia sempre na dedicação do

Luís Amaro.

Um P. S. ao meu desabafo: o estado de espírito que lhe descrevo provém do meu espanto e também da minha impossibilidade de poder manifestá-lo à pessoa em causa. Ainda por cima tive que lhe agradecer e pedir desculpa da maçada!

*

Portalegre
11/7/61

Meu querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e já tinha recebido os oitavos e os livros. Amanhã lhe remeterei vários oitavos com dedicatórias, tanto de *Uma Gota de Sangue* como do *Filho do Homem*.

– Quanto a *Uma Gota de Sangue*: Trata-se duma reedição, embora revista. Os meus velhos amigos e críticos já têm, oferecida, a 1.ª edição. Penso que não tenho que lhes oferecer todas as possíveis reedições dos

meus livros. Podem comprar esta reedição, se o entenderem. Assim, resolvi não enviar (ao menos por enquanto) senão os exemplares cujos primeiros oitavos lhe remeto. Para estes, há razões especiais.

– Quanto ao *Filho do Homem*: Bem vejo que há um certo abuso em fazer mandar pela Casa exemplares que deveria ser eu a mandar. Desculpem-me... é isso um grande alívio para mim! Já mandei bastantes, e nem tenho de meu senão uns três exemplares que guardo. De qualquer modo, portanto, teria de recorrer aos oitavos que a Casa teve a condescendência de me remeter para que lhes devolvesse com as dedicatórias. Peço-lhe desculpe chamar-lhe a atenção para o seguinte: Agradeceria que *fizesse registar* os dois exemplares que seguem para a África (um para um meu irmão que está em Angola, outro para o Eugénio Lisboa, em Moçambique). Não fiz, este ano, senão uma parte dos exames, precisamente por estar muito cansado. Preciso tanto de repouso, que até nem saio de Portalegre por enquanto. De modo que, repito, é para mim um grande alívio tudo que seja poupar-me.

– Claro que ainda me restam (provisòriamente) em meu poder oitavos tanto dum como do outro livro. Não os perderei, esteja descansado, pois sei que representam volumes. Se lhos não devolvo juntamente com os autografados, é porque ainda fico a ver se me ocorrem outros nomes a quem ache dever fazer ofertas. Logo que definitivamente resolva, *remeter-lhe ei* [*sic*] *os oitavos inúteis*. Vai um exemplar do *Filho do Homem* para Alfredo Guisado, que só recebeu o enviado *pela Casa*. Ele, ùltimamente, quis conhecer-me, falou-me com muita simpatia dos meus versos, (até já fez uma crítica favorável ao *Filho do Homem*) etc., etc.

– Agora assuntos mais particulares: Compreendo perfeitamente os seus cansaços e aborrecimentos. É preciso ter muita paciência para aturar literatos, – contra mim falo! E, quanto a traduções, algumas vezes me tenho admirado de ver assinadas por nomes de responsabilidade traduções que me parecem pouco escrupulosas... Bem certo que nem sempre o talento e o carácter se conjugam.

Já, de várias vezes que lhe tenho escrito, me tenho esquecido de lhe dizer que, se ainda lhe não enviei a colecção de poesia Artis (prometida há bastante tempo), é não só por a não ter completa em Portalegre, mas ainda porque, com os meus afazeres e os meus cansaços, sempre vou adiando as remessas... (Vê a vantagem de serem os meus livros enviados pela Casa?) Descanse, porém, que lhe vão chegar às mãos os exemplares aqui disponíveis, e de Vila do Conde seguirão os restantes.

Quanto aos artigos em que fazia *uma alusão* ao caso de Angola, ainda terei de os procurar. Julgo-os de pouco interesse (o caso de Angola não é aí senão aflorado, e o que digo está longe de exprimir todo o meu pensamento). No entanto, provocaram violentas reacções sobretudo dos comunistas ou comunizantes. Até houve um escritor – que eu supunha de espírito livre

e compreensivo! – que em razão deles desistiu do trabalho que a meu respeito se propusera fazer![247] Os intelectuais *de hoje* são assim.

Espero passar brevemente por Lisboa, e vamos a ver se, desta vez, vem almoçar comigo para conversarmos um pouco. Um abraço do seu

José Régio

P. S. – Reli estas linhas, achei-as tão mal escritas que até fiz emendas... Tudo efeito do cansaço e precipitação. Mas o essencial foi dito. J. R.

*

29 de Julho de 1961.
Meu querido Amigo:

Deve supor o quanto me foi grato o nosso encontro, desta vez mais demorado e mais "íntimo" do que das outras vezes em que, fugidiamente, o meu querido Poeta passa por Lisboa.

Agradeço-lhe esses momentos de boa camaradagem, com que me honrou e a que procurarei sempre corresponder devidamente. Pena é que, quando vem a Lisboa, eu tenha que estar preso aqui no emprego, pois muito gostaria de o acompanhar nalgumas voltas por Lisboa, e passear consigo a ouvir as suas palavras em que está sempre presente um fino sentido crítico, expresso numa simplicidade que só os tolos poderão interpretar como pobreza... Efectivamente, não pertence o meu Amigo – felizmente! – ao número dos bem-falantes, das pessoas brilhantes que só gostam de ouvir-se a si próprias, e que não sabem ou não querem ouvir os outros... Estou farto dessas pessoas, a algumas das quais não posso negar inteligência e esperteza, mas com quem é difícil ou impossível *comunicar* – quando, como me acontece, se não possui uma facilidade de expressão por aí além. E depois, o que em regra falta a essas pessoas é aquilo que elas mais apregoam: humanidade... Por tudo isso, e porque tive sempre dificuldades no convívio com os outros, vivo cada vez mais retirado; de casa para o emprego e do emprego para casa, a isto se resume a minha vida, há mais de dois anos. É certo que por vezes gasto o meu pouco tempo livre em deambulações solitárias, que só servem para envenenar-me a alma. Mas, à parte essas crises que ainda não pude ou não soube vencer, a minha aspiração, hoje, é dedicar-me à leitura – e falta-me conhecer ainda tanto e tanto!....

[247] Refere-se a Vergílio Ferreira, cuja posição criticou em carta de 18-VI-1961. Dois artigos de Régio n'*O Comércio do Porto* (27-XI e 11-XII-1960), intitulados "Mundo Português" e "Patriotismo e Patrioteirismo", defendiam a nossa presença «aquém e além mar», contra a independência do Ultramar.

– Aqui lhe envio um cartão que o Nuno Fernandes me pediu para lhe enviar. E também uns recortes sobre o *Filho do Homem*, que agradeço me devolva depois; o Amândio César publicou no *Tempo Presente*[248] uma crítica encomiástica. Pena é que fosse no *T. P*. e que fosse do A. C. ...

Uma boa notícia: A Fundação Gulbenkian vai encomendar 500 exs. da *Gota de Sangue*. Não encomendou ainda: vai encomendar; depois confirmarei. O leitor desse livro (pois, como sabe, eles têm um conselho de leitura) foi o António Quadros. O Branquinho, quando lhe disse que o meu Amigo tinha estado cá, lamentou-se de que nunca vá lá vê-lo... "Esse homem nunca aparece por cá!"

Um grande abraço e... até breve!

Seu muito grato

Luís Amaro.

*

Lisboa, 14 de Agosto [1961].

Querido Amigo:

Mandei-lhe há dias um *Diário de Lisboa* com a notícia da atribuição do prémio de Poesia, no concurso dos leitores do mesmo jornal, ao seu *Filho do Homem*. Dou-lhe, embora tarde, os meus parabéns! Tanto mais que estou convencido que os votos a seu favor foram puramente espontâneos, *verdadeiros*, – coisa que não acredito se tenha dado em relação a outros escritores vitoriosos no mesmo concurso, que deviam ter gasto – eles ou os amigos pessoais – muito dinheiro em exemplares do jornal, a fim de mandarem os "cupons" votando nos seus autores "predilectos"...[249]

Oxalá tenha descansado, nessa linda terra de Vila do Conde, tão cheia de tradições literárias (Antero aí viveu muito tempo, não foi? E Junqueiro creio que também). Oxalá ainda que do seu repouso tenham nascido outros poemas e outras prosas (se é que do repouso, da "felicidade", podem nascer versos... Esta doutrina romântica, aliás, de que só o *drama*, a inquietação, podem gerar poesia, tem feito muitas vítimas! Talvez eu próprio, inconscientemente, e por longa habituação, seja uma delas. O pior é que desse meu sofrimento já não resulta nada, nem sequer um "diário

[248] N.º 23, 1961: 95-96.

[249] O suplemento Vida Literária de 3 de Agosto apresenta os vencedores: no romance, género mais votado, *Suão*, de Antunes da Silva; no conto, *Nus e Suplicantes*, de Urbano Tavares Rodrigues; na poesia, género menos votado, *O Filho do Homem*; no ensaio, *Dicionário Crítico de Algumas Palavras e Ideias Correntes*, de António José Saraiva.

íntimo”[250]... Isto acontece, afinal, àqueles em quem a sensibilidade domina a inteligência: chega-se a um ponto em que tudo é estéril).

A Gulbenkian sempre requisitou a *Gota de Sangue*, mas não 500 exs., como por lapso tinham dito primeiro: sim 100, como já haviam comprado dos outros volumes.

E, a propósito, quero tentar desfazer no seu espírito qualquer má impressão que lhe tivesse deixado a nossa conversa acerca do tal seu velho Amigo e Companheiro da *Presença*. Porque ele é, repito, uma pessoa encantadora, de um convívio sedutor. Aquelas exigências de que lhe falei são, até certo ponto, humanas e naturais... Ser-me-ia doloroso saber que ele sonhasse sequer ter-lhe eu falado em tais coisas. Mas sei que posso ter a certeza que de si nada transpirará.

O tal outro cavalheiro é que continua na mesma situação; mas, de facto, o estofo moral de um e de outro não é de pôr a par.

Estou a acabar de ler os *Moedeiros Falsos*, um grande livro, numa tradução medíocre (principalmente nas primeiras 200 páginas)[251]. É uma obra precursora dos *teddy-boys*... Vi há tempos, num jornal francês, um inquérito aos novos romancistas acerca de Gide; quase todos eles o consideravam “ultrapassado”, e alguns mesmo o tinham por definitivamente morto. No entanto, parece-me que todos deviam aprender nos *Moedeiros Falsos* como se faz um romance moderno.

Sabe que as suas *Três Peças em Um Acto* estão quase esgotadas? Vamos mandar devolver os exemplares espalhados pela Província, pois o que temos cá pouco ou nada é. Creio que aí nas Edições Ser também têm muito pouco do *Jacob e o Anjo*.

É isto – o saber que se tem um público, que se é ouvido, que se não escreve para *o poço*, o que mais deve confortar um Escritor. Ou não será assim?

Tem visto o nosso Alberto [de] Serpa? Há muito que não sei nada dele.

Receba, querido Amigo, os melhores cumprimentos e a melhor amizade e admiração do seu

Luís Amaro.

*

[250] *Diário Íntimo*, recolhendo a poesia de *Dádiva* (1949) e novos textos, será a integral lírica de 1975, com posteriores edições.

[251] *Os Moedeiros Falsos* (*Les Faux-monnayeurs*, 1925), tradução de Maria Isabel Saraiva, na colecção Os Romances Universais.

Vila do Conde
17/8/61

Meu querido Amigo:

Recebi óntem a sua carta, assim como recebera uma nota do Julião Quintinha[252], que espero juntar a esta carta para não faltar na colecção da Casa. Recebi, também, o *Diário de Lisboa*, com a notícia que não deixou de me ser agradável: sobretudo por, de facto, eu nada ter feito por ganhar a *camisola amarela*, (às vezes até me parece que faço coisas em contrário!) e também por me admirar eu próprio de que um velho poeta ainda triunfe sobre aqueles que estão mais na moda. Também gostei de saber que as *Três Peças em Um Acto* vão a caminho de esgotadas. Quanto a *Jacob e o Anjo*... restam sobretudo exemplares da "edição de luxo", que foi um erro: O ser o papel melhor não basta para que uma edição seja "de luxo", – são necessários outros apuros gráficos. Decerto que nenhum autor é indiferente a ser ou não ser lido, por mais que às vezes os autores o afectem! Quantas vezes, a tal respeito, penso na nossa pobre – e grande – Irene Lisboa!

Eu por cá vou passando o melhor que posso. Fìsicamente, estou melhor. E trabalho alguma coisa no 5.º volume d'*A Velha Casa*, que espero ter pronto dentro duns meses. Espero que, desta vez, seja mais breve o intervalo de volume a volume.

Quanto a *O Príncipe com Orelhas de Burro*, o Salgueiro voltou ao silêncio. Depois de me ter enviado provas de boa metade do livro, e algum dinheiro de *direitos de autor*, fechou-se outra vez. Mas eu resolvi definitivamente ter toda a paciência com ele, e pronto: Sei que todas estas atitudes lhe vêm de dificuldades.

Quanto àquele Amigo de quem falamos, não tenha a mínima preocupação. Eu sempre soube que ele tem defeitos, mesmo graves, (e quem os não tem?) sem, por isso, deixar de ser a pessoa, a vários respeitos superior, que é. Claro que nada transpirará até ele.

Peço-lhe para dizer ao Senhor Agostinho Fernandes que recebi – e lhe agradeço – os novos exemplares de livros meus que lhe pedira. Espero que também ele tenha recebido o recibo que lhe devolvi, referente ao aumento dos direitos de autor de *Uma Gota de Sangue*. E sem mais por hoje, um abraço do seu amigo

José Régio

*

[252] Jornalista e ficcionista (1885-1969) que colaborou em diversos periódicos e jornais algarvios, lisboetas, brasileiros, de Moçambique e Angola. [SC]

25 – 8 – 61.

Com um abraço amigo do Luís Amaro (que deseja que em Vila do Conde esteja menos calor que por estes sítios…).

Agradeço a devolução dos recortes. Viu as referências de ontem, do G. Simões, no artigo do *Dº Popular* acerca dos Prémios dos Leitores do *Dº de Lisboa*? Porque insiste ele tanto na influência de Junqueiro (de quem aliás fala com um desprezo injusto. A fala de Nun'Álvares, na *Pátria*, que há dias reli, é maravilhosa), na influência de Junqueiro sobre a sua obra?

*

Lisboa, 14 de Outubro – 61.
Meu querido Amigo:

Parece-me inútil dizer-lhe o quanto me foi grato estar consigo, – o raríssimo prazer de estar com Alguém a quem a minha alma tanto deve, e de verificar, não sem surpresa!, que, na minha anónima insignificância, sou ouvido por esse Alguém. E só tenho pena que esses momentos sejam tão raros e fugidios, e ainda que, neste ambiente desordenado em que me movo, tendo que dispersar-me por tantas coisas e atender tantas pessoas, me não seja possível recebê-lo com mais atenção, com menos nervosismo... Mas, na minha situação de empregado, já por muito feliz me posso dar em ter um patrão que não me faça sentir, com a sua simples presença, a minha subalternidade, – o que não me permitiria sequer, aqui dentro, falar consigo...

Gostaria de escrever-lhe longamente, mas, com a falta de tempo habitual e porque nunca escrevo em casa – é irritante a escrita com esferográfica, e perdi a minha caneta quando, nas férias, fui "descobrir" o reino dos Algarves –, por isto e pelos motivos de sempre (instabilidade psicológica, angústia, sensação de "emparedado", que me não deixam usufruir o calmo aconchego familiar e caseiro, mesmo nos serões de Inverno, – ainda que normalmente me deite cedo), a minha escassa correspondência é feita aqui, ao fim da tarde, em breves intervalos das minhas "editoriais" obrigações... Aliás, consigo (e com esses meus raros correspondentes, afinal), essas cartas-bilhetes falam não de assuntos meus mas da Portugália. Só hoje estou fugindo, em parte, a essa norma.

Como o meu Amigo bem notou, quando nos despedimos, a nossa conversa ao almoço pouco disse de nós: mas os "outros" são um tema inevitável, em todas as conversas, e uma maneira talvez de falarmos de nós próprios, afinal. É impossível fugir a isso, e também – pela minha parte, quando verdadeiramente estimo e admiro uma pessoa, a certos desabafos ou informações que possam ajudar a esclarecer; e, até por uma questão de

lealdade para com essas pessoas (repito o termo, e sempre em relação ao meu caso: raras), a adverti-las. O assunto é um tanto complexo e subtil, e principalmente melindroso, e eu neste momento não me sinto suficientemente lúcido para exprimir com mais clareza o meu pensamento.

Aliás nada de grave lhe contei, nem nada de grave tinha que contar. A sua dignidade de Homem e de Escritor nunca foi posta em causa por ninguém, que eu saiba – e isto num ambiente onde há caluniadores profissionais. Quando, por exemplo, falámos do J. G. F.[253], o que lhe contei foi mais a título de anedota do que de outra coisa; nem eu próprio atribuí importância ou significação às tais palavras dele, que amanhã poderão ser outras como já o foram há anos (lembro-me de, numa secção do jornal *Ler*, o incluir entre os grandes Poetas vivos[254]). Não atribuamos, portanto, acinte ou maldade nesse tal confronto entre a poesia de Saúl Dias e a sua... A coisa seria mais para ouvir... e esquecer imediatamente. Ser-me-ia doloroso saber um dia que J. G. F. fora informado, por um qualquer acaso, que eu, num irresistível momento de desabafo, lhe contara esse *fait-divers*... coloquial. Não lho disse para cimentar ou exacerbar em si qualquer antipatia ou despeito, – que o facto aliás não justificava. Lembro-me, aliás, de ter acentuado que o homem G. F. me parece ser um Carácter (o pai foi, nesse aspecto e no da bondade e altruísmo, pessoa excepcionalíssima, ao que me dizem); e, como Poeta, vamos lá, também não é vulgar, ainda que descontemos todos os exageros com que o incensam. Conheço-lhe mal a obra, e portanto não me arrisco a um juízo concreto. Dos autores que, à primeira leitura, me não ajudem a suportar o peso da existência, vou sempre adiando o conhecimento (não será isso sinal de que esses são mais literatos, mais artífices – de um extraordinário virtuosismo, por vezes, como o G. F. – do que pròpriamente *iluminações* do meu obscuro mundo íntimo?).

– Acabou-se-me o papel, e perdi o comboio para Queluz. Irei no imediato, pois há sempre comboios a esta hora. Voltarei a escrever-lhe sobre assuntos mais *interessantes*. Mas quero deixar bem claro que, ao fim de tantos anos de convívio com literatos, me repugnam os mal-entendidos, as conversazinhas de tertúlia, a maledicência venenosa. Se, hoje, vivo retirado de tudo isso, é em parte porque fui vítima desses meios, e porque os tais literatos me envenenaram, também, a alma. Prefiro a solidão e os meus fantasmas!

Consigo, que é – bem o sabe – não só o Poeta como também o Prosador português vivo que eu mais admiro, tenho deveres especiais – não os

---

253 José Gomes Ferreira.

254 Referência inexistente na *Ler*. Deve ser confusão de L. Amaro.

de seu voluntário informador oficial, porque seria preciso, para isso, ter "costela" de agente da Pide, mas do Amigo grato e dedicado. Estou certo que essa minha dedicação nunca me trará um desgosto perante terceiros por quem, tendo embora outros sentimentos, tenho também – ao menos no plano moral – sincera consideração.

– Espero mandar-lhe na próxima semana o primeiro exemplar de *Mas Deus É Grande*. A impressão da capa foi uma tragédia!

Um grande e gratíssimo abraço do seu

Luís Amaro.

*

7 de Novembro – 61.

Meu querido Amigo:

Em vésperas de fim de ano, a minha vida complica-se sempre, pois recai em grande parte sobre mim a responsabilidade do acabamento de obras a publicar... em princípios de Dezembro. Este ano tenho várias nessas condições, mas o pior é que os originais foram entregues só há dias.

Isto, e também o estado de aborrecimento que deve fazer parte da minha natureza (cheguei a essa conclusão...), são a causa de não lhe ter escrito depois do nosso encontro último – que foi um dos raros momentos em que tenho sentido alegria: a alegria de contactar com *Alguém*, e não com almas sem alma, que nada me dizem, uns porque são superficiais, outros porque são boçais, outros porque são unicamente interesseiros, cabotinos, vaidosos, etc. É muito pouco interessante a fauna com quem vivo. E o pior é que, se os outros me não interessam, também sinto desgosto de mim próprio; mas que fazer? "Senhor, dá-me coragem / Para ser como sou!" – diz Cabral do Nascimento em dois versos de que me lembro muito, e talvez exprimam mais o meu próprio caso que o do Poeta que os escreveu.

– Passemos a realidades: Envio-lhe hoje as folhas restantes do *Mas Deus É Grande*, que está belamente impresso. Espero que não tenham gralhas, pois me esmerei na revisão final (apesar de ser só revisor nas horas vagas).

Uma dúvida, que peço me esclareça na volta do correio, se possível: A lombada desta capa deve ser como a do *Filho do Homem* e da *Gota de Sangue* (a deste foi um lapso imperdoável! Mas o filho do Sr. A. Fernandes tinha-se oposto dias antes, enèrgicamente, à antiga forma, e houve preocupação de fazer-lhe a vontade em todas as capas novas), deve ser, dizia, como a das suas últimas duas edições, ou como as anteriores?

Outro problema: fazemos uma tiragem especial assinada pelo Autor. Tenho aqui as folhas (60). Da outra vez tivemos a sorte de o meu Amigo estar em Lisboa. Mas agora? Quer que lhas envie para Portalegre? O

diabo é que a folha é um bocado grande; a não ser que lha envie já depois de dobrada.

Aguardo duas linhas suas de esclarecimento. E aproveito para rectificar uma "gralha" não impressa mas dita (por mim), durante o nosso último almoço, e que na manhã do dia seguinte "emendei" *em mente*: héterossexual, e não hetérossexual. Lembrei-me disso por analogia com heterodoxo, heterogéneo, etc. Aliás foi a primeira vez que disse tal palavra, que de resto me soou muito mal, no momento...

Fica assim feita a "errata", não é verdade? Uma "errata" um bocado ridícula, e resultante de não ter estudado grego...

O Sr. Agostinho Fernandes está a descansar uns dias em Viana do Castelo, devendo regressar para a semana. Só agora é que ele se resolveu a deixar Lisboa, quando podia ter aproveitado o Verão para passar um tempo na esplêndida casa que possui, frente ao mar, na Praia da Rocha, ou mesmo na não menos esplêndida casa – um autêntico museu! – do Estoril. É bem certo que todos temos os nossos problemas...

Espero e desejo que a sua aposentação traga grandes livros às nossas Letras. E, a propósito, já sabe dos prémios Gulbenkian? 50 contos para cada género: novelística, poesia, teatro, ensaio.

E, por hoje, não o maço mais. Acabei de ler, há uma semana, a *Sibila* da Bessa Luís[255]; é na verdade uma escritora extraordinária, espantosamente inteligente, e de uma agudeza e lucidez psicológica cruel mas talvez justiceira. Até nas crianças há maldade, há malícia, e uma natural propensão para o mal. A Bessa Luís limita-se a retratar o Homem, não inteiramente mau, não inteiramente bom; apesar de, verdade seja dita, as suas personagens serem mais diabólicas do que divinas...

Nos bocadinhos que tenho livres, leio agora a *Crónica da Serra*[256], da nossa Irene Lisboa – com quem a B. L. tem afinidades, não acha? Mas a Bessa (como lhe chamava a Irene, com incontido ressentimento), apesar de todo o seu torrencialismo verbal, talvez tenha mais *garra* – será crime pensar isto? É certo que, apesar das afinidades, são duas escritoras diferentes, e ambas igualmente admiráveis, na verdade.

E pronto. Desculpe a estopada, e receba os melhores votos de boa saúde e um bom abraço do

Luís Amaro.

---

255 Régio dera "Nota sobre *A Sibila*" no suplemento Cultura e Arte d'*O Comércio do Porto*, 27-IX-1955.

256 *Sic*. Régio assinalou *Crónicas da Serra* no supl. Cultura e Arte d'*O Comércio do Porto*, 27-VI-1961.

*

Portalegre
9/11/61

Meu prezado Amigo:

Aqui vão estas linhas à pressa: porque o não dar aulas me permite enfronhar-me noutras coisas, e assim continuo com o tempo muito ocupado. Hoje, por exemplo, foi um dia de muito trabalho. Até ainda não abri o invólucro da última parte do *Mas Deus É Grande*. Porém, logo pelas páginas já vistas verifiquei a esplêndida apresentação e impressão. Da capa... é que desta vez não sei nada. Oxalá não desmereça!

Quanto às páginas para eu autografar, não há remédio senão enviar-mas. Devolver-lhas-ei sem grande demora: dum dia para outro. Assim faço com a Antologia da colecção Artis. A propósito: Não me esqueço de que lhe prometi os volumes desta Antologia. Falta-me, porém, o 1.º, sobre Camões, que tenho de conseguir. Queria mandar-lha completa. Mas, se quiser, envio-lhe os volumes que tenho (todos menos esse) e depois trataremos de conseguir o que falta.

Qualquer dia dou novo salto a Lisboa, quando estiver em cena o *Romeu e Julieta*.

Sabe que gostaria de o saber mais alegre (alegre...?) ou, pelo menos, mais conformado com as tristezas da vida, e preparado a saborear o que ela também tem de belo? A tal respeito conversaremos.

E adeus por hoje, pois, como disse, estas linhas vão muito à pressa. Um abraço deste seu sincero amigo,

José Régio

P. S. – *O Príncipe*, desta vez, parece estar em vias de reaparecer nas montras. Já devolvi todas as provas revistas, e suponho que o Salgueiro também o quererá lançar pelo Natal.

Quanto aos prémios da Gulbenkian, ainda não li o que lhes diz respeito. Aliás... se também impõem o concorrer, estou absolutamente livre de que alguma vez me favoreçam: Não voltarei a concorrer a prémios! Três vezes, na vida, concorri, e foi muito bem feito não receber nada. Os prémios que me couberam (do *Notícias* e do leitor) não exigiam concurso. Mais uma vez, até breve. J. R.

*

10 – XI – 61.
Meu bom Amigo:

Seguem hoje as tais folhas, para fazer favor de assinar. Não vi, quando as recebi do encadernador, se vão já numeradas. Em qualquer caso, deve haver um pequeno espaço para o número – em carimbo –, antes da assinatura.

Não me chegou a dizer se podemos seguir a lombada do *Filho do Homem*, quero dizer – se é voltada para a esquerda, se para as direitas... O que não convinha era pormos umas vezes para um lado, outras para o outro. Agradecia uma resposta urgente, num simples postal.

São agora, neste momento, 6 horas. Sabe quem está aqui, em reunião com o filho do Sr. A. Fernandes (que representa o Pai, na sua ausência), o Costa Dias e o Fernandes Fafe? O pintor Júlio, que também é o poeta Saúl Dias, e é ainda o Eng.º Reis Pereira. Estão a tratar da edição do tal volume da *Obra Poética*[257], que já estava todo composto para as Iniciativas Editoriais.

Um bom abraço amigo do seu grato

Luís Amaro.

*

[258]Portalegre
10/11/61

Querido Amigo:

Acabo de receber o volume das folhas a assinar, que ainda não abri. Devolver-lhas-ei sem demora.

Sim, esqueci-me da parte importante da lombada do *Mas Deus É Grande*. Tenho pena de contrariar as preferências do Filho do Senhor A. Fernandes. Mas, na verdade, eu não posso concordar com a nova maneira de colocar os títulos dos livros nas lombadas. Tenho pena, mas não posso! Só me constrange que algum livro meu a tenha usado, e quererei que, de ora em diante, todos os meus livros tenham os títulos nas lombadas *à velha maneira*.

Regozijo-me por o Saúl Dias estar agora nas mãos da Portugália, pois está em mãos mais firmes.

E, por hoje, mais um abraço do seu

José Régio

---

257 *Obra Poética (1932-1960)*, com um desenho de Júlio e prefácio de Guilherme de Castilho, 1962.

258 A carta encontra-se encabeçada com a seguinte frase escrita a vermelho e rubricada: atenção de Camara Leme! [SC]

*

27 – XI – 61.
Meu querido Amigo:

Deve ter recebido há dias os primeiros oitavos de *Mas Deus É Grande*, para as habituais ofertas. Foram também 5 exs. da tiragem especial, que peço o favor de não juntar aos outros e se destinam ao Sr. Agostinho Fernandes e a:

Eurico Fernandes
Nuno Fernandes
D. Helena Fernandes Ferry Borges
Filipe Fernandes.

Os outros, da tiragem vulgar, são para os críticos e os amigos do costume, e que relembro:

Álvaro Salema
Natércia Freire
João Gaspar Simões
Arnaldo Saraiva (?)
Amândio César
Óscar Lopes
Luís Forjaz Trigueiros (convém, por causa da Televisão)
D. Nelly Candeias (coleccionadora de autógrafos, e nora do Dr. Alberto Candeias, amigo da casa)
David Mourão-Ferreira (?)
D. Maria Helena da Costa Dias e Dr. Augusto da Costa Dias.

Os restantes são para quem o meu Amigo quiser. Convém não esquecer o seu velho amigo Branquinho, que pode comprar-nos uma boa quantidade de exemplares, visto dispor de poderes majestáticos.

A capa do livro está a imprimir. Vamos a ver se na primeira quinzena de Dezembro está cá fora.

Reparei, quando vieram as folhas da tiragem especial assinadas por si, que emendou à mão a última página do texto (uma vírgula em vez do ponto que lá está). Não tive tempo ainda de verificar se o erro está impresso em todas as folhas, ou se a vírgula se partiu no decorrer da impressão; acho pouco provável que seja gralha que nos tivesse passado, tanto mais que fiz a última leitura com o maior cuidado possível. A não ser que o Diabo tenha estado presente nessa revisão (começo a acreditar na existência do Diabo...).

– Estas linhas começaram ontem a ser escritas, e só hoje de manhã (dia 28) consigo acabá-las. Isto diz-lhe tudo…

– Até breve, certamente. Sei que esteve há pouco para vir a Lisboa, ver o *Romeu e Julieta* e outras novidades, mas que adiou a viagem (disse-nos

o Alberto de Serpa, que esteve cá há dias). Espero que, quando por cá, não deixe de bater-nos à porta.

Um grande e grato abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

Portalegre
27/11/61

Meu prezado Amigo:

Tenho andado bastante incomodado – para não dizer doente – com as variações do tempo... actualmente minhas grandes inimigas. Assim, creio que estou em falta para com a Portugália. Recebi, de aí, vários oitavos do *Mas Deus É Grande*, e uns especiais. Fiquei sem bem saber ao certo para quê, embora o suspeite, pois não vinha informação nenhuma; e, como ando assim como lhe disse, não tenho querido saber de nada senão do que imediatamente me dê qualquer diversão. Bem sei que o meu Amigo está agora com muito trabalho!, é o costume. Poderá, porém, numas breves linhas, dar-me qualquer informação? Desculpe!

Um abraço do seu

José Régio

*

19 – XII – 61.

Meu querido Amigo:

Espero que estas linhas o apanhem ainda em Portalegre (se é que, como julgo e me parece ser tradicional da sua parte, vai passar o Natal a Vila do Conde).

E espero ainda que não tivesse ficado aborrecido com a minha carta, cujo tom de inquietação (não de medo nem cobardia) era compreensível se tivermos presente que seu irmão Júlio é muito amigo do Fernandes Fafe, que este por sua vez é muito amigo do Gomes Ferreira, etc. ...

Aliás, acho que as opiniões sobre a sua Obra já não devem afectá-lo, – pois tenho verificado, ao longo deste meu já longo (repito a palavra intencionalmente) convívio com escritores, quanto são variáveis, mutáveis, flutuantes, incoerentes mesmo, os juízos dos seus camaradas. Dizem hoje uma coisa, amanhã outra, depois de amanhã outra ainda... Um deles, que há anos me escrevia, da Província, com frias referências à sua Poesia, – manifestou-se-me, a quando da pretensa atribuição do Prémio Nobel a um escritor português, de tal modo seu admirador, que entendia ser o meu Amigo o autor de obra mais profunda, de mais denso significado, e que

portanto era uma clamorosa injustiça não se falar no seu nome como candidato... Ainda hoje soube que esse mesmo escritor – que, na tal carta de há uns 4 anos, ressalvava apenas as *Encruzilhadas* na sua Obra Poética – mantém, apesar dos ventos, essa opinião: de que o meu Amigo merecia o Prémio Nobel.

Já vê que, quando ouço dizer mal de José Régio, já não ligo importância… Sei quanto os factores extrínsecos a uma opinião consciente e individualizada influem no que ouço dizer. A política, o snobismo, o receio de parecerem "ultrapassados" (como se se não tratasse de um Poeta de *sempre*), e a mania de dizer mal do que é vivo e do que é nosso…

Se me fosse permitido (infantil atrevimento!) dar-lhe um conselho, diria que as suas colaborações jornalísticas o têm prejudicado no sentido de o fazer descer até esses tais que não são dignos de o discutir. Preferiria que fosse apenas a sua Obra a responder-lhes; ela e o tempo, aliás, farão calar um dia essas vozes incongruentes, que não chegam ao céu…

Se tivesse vagar, gostaria ainda de insistir consigo para que concorra ao prémio da Gulbenkian. Abandonar assim uma oportunidade única de se habilitar (é o termo: os prémios, entre nós, são uma lotaria) a 50 contos, parece-me talvez um erro – com sua licença… Mas o meu Amigo dirá. Acho que concorrer a um prémio (desde que não seja do SNI nem da Academia…) não é vergonha; a vergonha, repito, é para aqueles que não sabem, ou não querem, premiar os que merecem.

Enviei-lhe há dias para Portalegre os fascículos com o ensaio sobre o Camilo, bem como os dois oitavos para a filha e neto do Sr. A. Fernandes, e cuja devolução agradeço.

Desejo-lhe, querido Amigo, um Natal feliz, com saúde, na companhia de seus irmãos!

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

*

Lisboa, 23 de Dez.º 61.

Meu querido Amigo:

Escrevi-lhe para Portalegre, anteontem, mas ainda bem que mandei para Vila do Conde os 6 primeiros exemplares de *Mas Deus É Grande*, pois soube hoje, por telegrama de seu irmão João Maria, que o meu querido Poeta se encontrava aí, como era de prever.

É que, pensando que lhe seria grato oferecer esta linda edição (passe a imodéstia) aos seus familiares e Amigos íntimos, quis que não lhe faltassem, nestes dias de Natal, alguns exemplares.

Vão mais 5, hoje, da tiragem vulgar, e 5 da tiragem especial, que – atenção, por favor! – precisam de ser numerados por si, de I a V (numeração romana), no mesmo sítio onde está a assinatura. Os outros 5 dessa tiragem "especialíssima" destinam-se à Família Fernandes, e nós mesmos cá os numeramos, de VI a X.

Desculpe-me tê-lo incomodado com as minhas prevenções, nas últimas cartas. A minha amarga experiência é que me levou a escrevê-las, embora eu saiba que o meu querido Amigo vive arredado de todas essas pequeninas coisas, que (eu sei!) até fazem mal à alma, embora, vendo bem, sejam insignificantes...

Renovo os meus melhores votos de bom Natal, com um abraço muito amigo e grato!

Luís Amaro.

P. S. – Uma notícia-surpresa: Parece-me que o Natal me contempla c/ um filho[,] pois m/ Mulher entrou hoje para a maternidade.

*

23 – XII – 61 [reexpedida de Portalegre para Vila do Conde]

Querido Amigo:

Mais uma vez me surge esta dúvida: Portalegre ou Vila do Conde? É que muito gostaria de que o meu Amigo recebesse alguns exemplares de *Mas Deus É Grande*, para oferecer à Família e aos seus amigos mais chegados, nesta quadra do Natal (tão triste, este ano! Este caso da Índia[259] é o prefácio de uma grande tragédia que todos teremos de sofrer).

Na dúvida – de sempre! – envio-lhe para Vila do Conde, ao cuidado de seu Irmão, 6 exemplares do livro, e esta carta para Portalegre. Já hoje telefonei para o Porto, para o *Janeiro*, a ver se o Alberto de Serpa me esclarecia neste *dilema cruciante*, mas o nosso Amigo não estava. Lembrando-me que talvez em Lisboa me pudesse informar, liguei também para o Azinhal Abelho e Viterbo Moreno (que não estavam), que me poderiam indicar o n.º do telefone do tal seu Amigo (Dr. Marques Cardoso?) que me parece estar no segredo da sua intimidade.

Como vê, fiz o que pude...

Um grato abraço e os melhores desejos de Natal feliz do

Luís Amaro.

*

[259] Forças da União Indiana invadiram, em 18 de Dezembro, os territórios portugueses de Goa, Damão e Diu.

[Particular]
3 de Janeiro – 62.
Querido Amigo:

Aproveitando o sobrescrito desta carta comercial, quero enviar-lhe duas linhas de saudação neste princípio de ano. Não o fiz na altura das Festas por… é de prever porquê: uma péssima disposição de espírito (cultivada? Não! Mas parece que, por estranha fatalidade, a vida se encarniça ainda mais contra mim precisamente na época do Natal e Ano Bom… Já não é a primeira vez que passo, mais amargurado ainda que o costume, esses dias de Festa para os outros).

Que o mesmo lhe não tenha acontecido a si, querido Poeta e Amigo! E que o ano novo lhe traga excelente saúde e tudo quanto ambiciona.

Um grande abraço amigo do

Luís Amaro.

*

Portalegre
Janeiro 1962

Meu prezado Amigo:

Antes de mais, oxalá que este 62 que principia o tenha vindo encontrar um pai feliz! Logo que possa, dê-me qualquer notícia a tal respeito. E desculpe-me o silêncio que, contra toda a minha vontade, tenho mantido. Quando vou a Vila do Conde, quase sempre vou encontrar problemas. Afinal, julgo que ainda é em Portalegre que tenho mais sossego. Não quer isto dizer que esteja arrependido de ter ido à minha terra; ou que, embora tristes como já não podem deixar de ser para mim, (já quase não tenho ninguém dos Velhos) as Festas me hajam corrido mal. Porém uma estadia breve em Vila do Conde, e enquanto não tiver feito na minha casota os arranjos que precisa, não me deixa tranquilidade nem tempo. Enfim, cá estou de novo no meu ambiente mais... nem sei que adjectivo empregue!

Amanhã lhe devolvo, registados, os oitavos destinados à Senhora e ao Senhor que têm estado à espera. Quanto a concorrer ao prémio, está decidido que me abstenho. Bem sei que pouca ajuda presto aos meus editores! Mas... que lhe hei de fazer? Sinto-me verdadeiramente constrangido perante alguns dos costumes literários actuais, e a minha vontade seria que os meus livros por aí circulassem como se eu já não pertencera ao número dos vivos. Cada vez me interessa menos o que de mim digam ou não digam os camaradas das letras e da crítica. Não quer isto dizer que me não interessem esses meus livros, ou o meu trabalho de escritor. Pelo contrário, com a esperança da aposentação, veio-me, parece, um acrésci-

mo de actividade literária. Penso em escrever ao Senhor Agostinho Fernandes sobre a edição dum livro de contos (mais ou menos fantásticos) em que estou trabalhando, nos intervalos d'*A Velha Casa*. Estará ele disposto a editá-lo?

Ainda uma palavra: Não tenha a mínima preocupação a respeito de qualquer confidência que, nos acasos da conversa, naturalmente me faça. Tenho aprendido a calar o que possa trazer para os outros quaisquer complicações. Um abraço, e os melhores votos para o novo ano.

José Régio

P. S. – Recebi, e obrigado, os números da edição especial do *M. D. É G.*[260] J. R.

*

15 – Janeiro 62. – particular –
Meu querido Amigo:

Devo-lhe, há semanas, uma boa notícia *minha* (coisa excepcional, uma boa notícia a mim relativa): sou pai desde o dia 23 de Janeiro [*sic*] – vésperas de Natal... Uma dádiva maravilhosa do Menino Jesus, que já devia ter vindo há muitos anos, se eu há mais tempo tivesse resolvido abandonar a solidão atroz em que passei grande parte da mocidade, por "miseráveis quartos de aluguer" (Cesário)[261] desta Lisboa que, segundo ouvi uma vez a um literato má-língua, é a Waterloo dos rapazes provincianos...

Conseguirá este acontecimento modificar-me, melhorar-me, *purificar-me*? Quisera crer em Deus que sim, – mas infelizmente nem sei se creio em Deus (não tive a mais leve sombra de educação religiosa, nem sequer baptizado sou! Certo é que tenho encontrado na vida pessoas nobilíssimas que também não são religiosas, mas tanto que eu precisava – desde criança o sinto, com uma feroz consciência de um destino estranho – de acreditar, de me desprender de tudo que em mim e nos outros me desgosta e atormenta!). E tanto assim é que o meu primeiro pensamento, logo que me deram a notícia do nascimento de meu Filho, foi para Qualquer Coisa que nos transcende: e se soubesse orar, teria unido as mãos e agradecido a Deus este milagre. Pois não é um milagre o nascimento de uma criança? Não é um milagre a vida toda? (Hei-de juntar aqui um poema de Manuel Bandeira que veio publicado numa revista onde não está muito bem (o

[260] *Mas Deus É Grande*.

[261] «Em miseráveis quartos de aluguer,» está no poema "O nosso lar", de *Luar de Janeiro* (1909), de Augusto Gil, não em Cesário.

Tempo Presente)[262] e de que me veio às mãos um recorte. É um poema que exprime a minha perplexidade, em palavras extremamente simples, e também, na parte final, o meu desejo (que inferno, se esta vida durasse sempre!).

Desculpe, querido Amigo, esta divagação desinteressante. Mas creio que compreenderá a minha angústia, embora desprovida de fundamentos culturais ou intelectuais: o que sinto, realmente – não só de agora, mas desde criança, em que já às vezes entrava numa igreja ansioso de encontrar uma *compensação*, uma iluminação, um conforto, para todas as minhas tristezas –, o que sinto é um puro caso de sensibilidade, talvez sem grande profundeza, nem complexidade metafísica. E a verificação desgostante de que o catolicismo é, entre nós, quase sempre uma burocracia e está ao serviço dos ricos, tem-me afastado, tem radicado em mim a ignorância do que seja a Fé, a Graça. Nada sei dessas coisas: sei apenas que, em muitos momentos, procuro ansiosamente uma Presença, que me explique, que me perdoe, que me acompanhe... Talvez por tudo isto eu sinto tão profundamente um seu pequeno-grande poema do *Filho do Homem*: a "Oração da Manhã", que gostaria de ter emoldurado, quando um dia quiser passar-mo.

Não lhe falo hoje de outros assuntos que mais lhe interessam, compreensìvelmente mais lhe interessam. Ficarão, esses assuntos, para breves dias. Entretanto, não posso deixar de lhe dizer que um seu novo livro é sempre bem-vindo nesta casa!

Receba um grande abraço do sempre muito devotado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Recebi os oitavos, – obrigado!

*

Portalegre
17/1/62

Meu querido Amigo:

Os meus mais sinceros parabens [*sic*]! Eu já estava com pressa de receber a boa notícia que me dá. Compreendo perfeitamente o seu estado, compreendo perfeitamente a sua carta. E não duvido de que, de ora em diante, a sua vida seja mais acompanhada, mais cheia, mais feliz. Como poderia não ser assim?! E também creio que, de ora em diante, o seu

[262] III ano, n.º 27, 1961: 34-35. Trata-se do autógrafo "preparação para a morte" (título em minúsculas), impresso na página ímpar. Começa: «A vida é um milagre.»

espírito se elevará mais vezes ao Quer Que Seja de infinitamente superior e ìntimamente connosco… um Deus que nem sequer nos exige uma fé permanente para que exista. Nas satisfações e nas afeições por que passam todos os pais, quase me parece impossível não se ter de recorrer a Ele.

Amanhã voltarei a escrever-lhe por causa duns livros que queria pedir.

Por hoje, os meus melhores votos pela saúde da Mãe do seu filho. E um bom abraço do seu

José Régio

*

[263]Portalegre
20/1/62

Prezado Amigo:

Escrevi-lhe ontem uma[s] linhas, nas quais falava duns livros que queria pedir à Casa. Já de aí me têm dito que os peça, em havendo necessidade. Sem querer abusar da concessão, hoje me atrevo a fazer uso dela. É que me pedem sempre bastantes livros – bibliotecas particulares, estudantes sem grandes recursos, leitores pobres, etc., etc. – e nem sempre posso ou quero eu *fazer ouvidos de mercador* a tais pedidos. Seria possível, então, que a Portugália me enviasse mais meia dúzia de *Filho do Homem*, e igual quantidade de *Monstruosidades Vulgares*? Desde já muito obrigado!

Estou trabalhando bastante, enquanto espero a decisão final sobre a minha aposentação. Devo apresentar-me à Junta Médica no dia 30 deste mês. E, por hoje, o abraço do seu amigo

José Régio

*

Lisboa, 9 de Fev.º 62.
Meu querido Amigo:

Não cheguei a agradecer-lhe a sua carta amiga, que tanto me sensibilizou. Faço-o agora, com as minhas desculpas pela demora.

Infelizmente, o sentimento de gratidão e deslumbramento perante o Mistério, que tentei comunicar-lhe, transmudou-se em mim num sentimento de tristeza e desolação: o meu Anjinho nasceu doente, tem o coração muito maior que o normal… E já andamos com ele por médicos, analistas, cardiologistas. Começou cedo o seu calvário! E, tendo nascido apenas com 2,5 quilos, pouco mais tem ainda, passado um mês e meio.

---

263 No cimo da folha, encontra-se escrita a lápis a seguinte frase, com rubrica A...: Enviados os livros pedidos em 23 – I – 62. [SC]

Minha pobre Mulher, que adora crianças e tinha um extraordinário sonho de maternidade, sofre imenso; eu não sofro tanto, porque tenho já talvez o coração endurecido, e chego a pedir ao tal Deus Desconhecido (cuja presença pressinto em raros instantes) que, se reserva meu Filho para um futuro de martírio (a doença dele, insinuou-me o médico, influirá além do mais no seu próprio desenvolvimento mental), mo leve para Si… É talvez monstruosidade isto, a juntar a outras minhas monstruosidades; mas sei que há atenuantes para o meu caso, e que o meu querido Amigo será a primeira pessoa a compreender-me. Entretanto, aguardemos confiantemente.

Sei que na sua vida há já muitas preocupações, como não podia deixar de ser tratando-se de um Poeta. Não quero, portanto, incomodá-lo com os meus problemas insolúveis. Não vale portanto a pena, querido Amigo, estar a escrever-me sobre um assunto que, como vê, eu vejo com toda a lucidez e com a maior calma possível.

Do que houver irei dando notícias, procurando não carregar nas tintas com o fim de impressioná-lo.

Por este correio deve receber um livro brasileiro que veio para si. O embrulho vinha de tal maneira esfrangalhado, que tomei a liberdade de fazer outro. Verifiquei então que se trata de obra do maior interesse, modelarmente organizada. Vou mandar vir um exemplar para mim.

Com os pedidos de desculpa pelo tempo que lhe roubei com estas coisas pessoais, sou, com um grande abraço amigo, o seu Admirador de sempre

Luís Amaro.

P. S. – Para quando o original do novo livro? E quando passa por Lisboa?

*

Portalegre
15/2/62

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, e perfeitamente o compreendo em tudo. Deus dê ao seu Menino a sorte que lhe seja mais favorável. Há circunstâncias em que nós nem saberíamos que pedir a Deus, senão nesses termos vagos. Como quer que seja, a serenidade e a conformação não podem deixar de ser grande ajuda, e grandes virtudes, sobretudo quando mais difíceis. Creia que o meu coração e o meu espírito o acompanham.

Também recebi, e ainda não agradeci, aqueles exemplares de livros meus que pedira à Casa; assim como o livro brasileiro que para aí me veio. Muito obrigado por tudo.

Escrevi hoje ao Senhor Agostinho Fernandes propondo-lhe a edição do meu novo original – um livro de contos mais ou menos fantásticos, *Há Mais Mundos*. Um pequeno volume, desta vez. E nada mais por hoje, pois ainda não sei quando irei a Lisboa. Gostaria de ver a exposição de arte inglesa... Um abraço do seu

José Régio

*

Portalegre
25/2/62

Meu querido Amigo:

Hoje mesmo enviei para a Portugália, no nome do Senhor Agostinho Fernandes, o original do meu novo livro – *Há Mais Mundos*. Fico sempre inquieto enquanto não recebo participação de haver sido recebido o original enviado. Venho, pois, pedir-lhe o favor de duas ou três linhas em que me participe a recepção do *Há Mais Mundos*. Digo *duas* ou *três* linhas, porque gostaria que, na terceira, me desse qualquer notícia sua pessoal.

Um abraço do desde já agradecido,

José Régio

*

28 – 2 – 62.
Meu querido Amigo:

Estive ausente da Editora uns 4 dias, porque o meu Filhinho morreu-me no dia 23, em que completava dois meses[264]. Como se isso não bastasse, meu Sogro falecia na noite de domingo para segunda!

Do primeiro desgosto já eu estava conformado antecipadamente, como lhe disse. A criança, se vivesse, teria de sofrer e de nos fazer sofrer toda a vida. Deus teve piedade dela e de nós, porque a vida, em certas condições, é bem pior do que a morte. Claro que, apesar disso, é sempre triste e cruel a morte de um anjinho de dois meses – a personificação da inocência e da candura. E isso é ainda mais doloroso para o coração de uma Mãe amantíssima como é a minha Mulher, que depois sofreu outro rude golpe – não sei ainda se mais profundo, se é possível! – com a perda do Pai, que era uma pessoa íntegra, chefe de família exemplar, homem de irradiante simpatia, estimado profundamente por todos (era director, há muitos anos, de um Clube de Queluz; pois até a mulher a dias deste Clube lá apareceu

[264] Fora diagnosticada com mongolismo.

em casa, a soluçar desvairadamente porque tinha perdido o "seu director!, o seu querido senhor Magalhães!").

De regresso à Editora, depois destas fatalidades, vim encontrar o seu cartão, e sei que o original foi recebido – está em poder do desenhador Câmara Leme, para lhe fazer a capa.

O Sr. Agostinho Fernandes diz-me que arrumará o seu assunto por estes dias mais próximos, pois este fim-do-mês lhe foi particularmente oneroso. Estou certo que isso não fará ao meu Amigo diferença de maior, sabendo como sabe os irrepreensíveis hábitos da casa.

E é tudo, meu Amigo... Ainda não tive, como vê, oportunidade para lançar os olhos ao seu original (nem sequer o prazer de o ter visto). Mas pode ter a certeza: foi recebido.

Um abraço grato e desolado do velho Amigo e Admirador, a quem a vida, repito, assusta mais, às vezes (ou sempre? se soubesse a minha luta para viver, a minha trágica dificuldade de con-viver!), do que a morte (uma personagem de Raul Brandão, mas talvez com mais drama ainda: drama e sonho! drama e sonho! – é o que sou)... e é o seu dedicado

Luís Amaro.

*

Com um abraço do Luís Amaro, este cartão do neto do Sr. A. Fernandes, – por incumbência deste nosso bom Amigo.

*

Portalegre
19/3/62

Querido Amigo:

Várias coisas me têm feito demorar esta carta, que logo quis escrever quando recebi a sua última. Apesar de aposentado, continuo a ter pouco descanso. Estou mais livre, sim! Mas a notícia da minha aposentação espalhou-se, e de aí o mal: Novos trabalhos caíram sobre mim.

Compreendo, meu Amigo, a melancolia em que o terão deixado os últimos acontecimentos da sua vida familiar. Mas se Deus levou o seu Menino, talvez, nas circunstâncias, fosse melhor. Sei que vê isto claramente; aceite um sincero abraço.

Recebi o cartão do neto do Senhor Agostinho Fernandes, o *Diário de Lisboa* em que vinha a minha entrevista[265], e a capa do *Há Mais Mundos*. Muito obrigado por tudo. A capa é muito sugestiva, e, plàsticamente,

[265] Nas páginas de Vida Literária e Artística, 8-III-1962.

agrada-me por completo. O único reparo é que particularmente se refere ao primeiro conto do livro (não, para mim, o mais importante) quando eu preferiria que tentasse sugerir o espírito geral da obrazinha... a ideia (que pertence ao Hamlet) de que Há mais Mundos; ou mais coisas, neste mundo e no outro, do que sonha a nossa "*vã filosofia*"... Bem vejo, porém, que não é isto fácil de dar *plàsticamente.* Aceito, pois, a dita capa, que não posso senão aplaudir como realização plástica… e até como cartaz que toda a capa também há de [*sic*] ser.

Agora, outra coisa: Estou copiando, ou passando a limpo, mais um conto, que já não desisto de incluir no volume. Já me parece que, sem este, o volume ficaria ainda mais incompleto. Deve ele dar à roda de 30 páginas manuscritas, que também será bom que venham engrossar o restrito número de páginas. Creio que não impedirá isto que o livro comece a ser composto. E certamente não convirá que fique para muito tarde! Este novo conto será o penúltimo do livro, isto é: ficará entre "Os Três Reinos" e "As Historietas dum C. de. A"[266].

Vou devolver-lhe a capa, e adeus por hoje.

Um abraço do amigo

José Régio

*

Portalegre
10/4/62

Meu querido Amigo:

Tenho esperado quaisquer notícias suas, e do meu livro. Bem sei que deve ser agora tempo de trabalho, – vésperas de Páscoa. Eu não sei se irei agora a Vila do Conde, se um pouco mais tarde, para princípios do mês próximo. De qualquer forma, pode escrever-me para aqui. Tenho pronto o novo conto em que lhe falara, (trinta e poucas páginas manuscritas que bem trabalho me têm dado!) e que deve ser incluído no *Há Mais Mundos* depois do conto "Os Três Reinos". Isto é: será o penúltimo do volume. No meu entender, valorizará artìsticamente o livro, em que fazia falta por ser uma espécie de minha modalidade nova, e até aumentará um pouco o número de páginas. Agora, estou impaciente por ver a obra a andar! Posso mandar-lhe o dito conto? Não conviria que o livro ficasse para muito tarde...

Um abraço do amigo de sempre

José Régio

266 *Coleccionador de Antiguidades*.

*

16 – IV – 62.
Meu querido Poeta:

Atrapalhações várias da minha vida (e da minha alma, muito descontente consigo própria) não me deixaram ainda dizer-lhe que o seu livro está já na tipografia e que dentro de poucos dias devemos ter as primeiras provas, que irão para o revisor antes de seguirem para Portalegre.

Queira, portanto, mandar-nos o conto ou contos que pensa acrescentar ao original.

– Uma boa notícia, para compensar o meu silêncio e a tristeza das minhas cartas anteriores: as *Histórias de Mulheres* estão esgotadas. Estamos a recolher os exemplares consignados na Província (que ainda são, é certo, umas centenas boas) para fornecermos 200 à Gulbenkian, à Nossa Senhora Gulbenkian... Temos que pensar, pois, numa 3.ª Edição. E o *Príncipe*, quando sai? Parece que está encantado...

Um abraço muito amigo do seu sempre grato e dedicado

Luís Amaro.

*

Com um bom abraço do Luís Amaro, que hoje (23 de Abril) recebeu o original do penúltimo conto do livro.

*

Portalegre
22/5/62

Querido Amigo:

Enviei-lhe hoje, registadas, as provas do conto "Os Alicerces da Realidade", convencido de que iam completas. Afinal, ao mexer agora nos papeis [*sic*] da minha desordenada mesa de trabalho, encontrei estas duas páginas, que não tinham ido; e que são importantes, pois até têm alterações. Oxalá lhe cheguem às mãos a salvamento, pois estas já não vão registadas.

E as segundas provas do resto? Começo a pensar que (como já é quase fatal) o livro vai aparecer em má época…

Já viu a edição d'*O Príncipe com Orelhas de Burro*?

Um abraço do seu amigo

José Régio

*

24 de Maio [1962].
Querido Amigo:

Umas linhas, muito telegráficas, depois deste silêncio todo:

Recebi as provas; não falta nada. Vamos agora paginar e rever as 2.as. Se o livro não estiver pronto por ocasião da Feira (aliás má ocasião: em meados de Junho!) será melhor guardá-lo para o Outono. Como o tempo se passa a correr, não tarda estamos lá!

Não pude, como tanto desejaria, ser eu a rever o seu livro, até para o ir desde já *saboreando*. Entreguei esse trabalho a um revisor profissional, muito miùdinho e falto de imaginação, como todos os revisores profissionais, mas em todo caso útil e creio que proficiente. Desde que o homem não deixe escapar gralhas, já fará bom trabalho. Não leve a mal qualquer observação ortográfica, porque o intuito é bom e não envolve sombra de desconsideração (falo pelo homem). São preferíveis esses aos outros que nem sequer sabem "matar" as gralhas e se limitam ao mínimo; estes, os que por vezes incomodam, de tão recta-pronúncias, são bons colaboradores, desde que se saiba mantê-los a distância e utilizá-los no em que são meritórios (o que o homem embirraria com esta construção!).

– Já vi, sim, o seu novo *Príncipe* (finalmente!) e tive hoje o prazer de receber um exemplar do editor. Cá fica, para quando o meu Amigo vier a Lisboa e quiser ter a bondade de o autografar.

Gostaria de lhe escrever com mais tempo, mas, como disse, não tenho agora vagar nenhum. Ficará para breve.

Vou reler o *Príncipe*, logo que acabar o *Quando os Lobos Uivam* (continuo atrasado nas minhas leituras vagabundas!).

Peço-lhe humildemente que me desculpe estas linhas desordenadas... Até breve. Recebeu já o livro de seu Irmão? Tive o prazer de contactar com ele, há dias, e deixou-me a melhor das impressões (toda a gente o adora, de resto: o Vergílio Ferreira, o F. Fafe, todos que o conhecem têm pelo Poeta e pelo Homem Júlio-Saúl Dias um carinho extraordinário!).

Receba o sincero abraço do velho Amigo sempre dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
30/5/62

Meu prezado Amigo:

Cá recebi a sua carta... que só me decepcionou um pouco por eu estar esperando para esta temporada o aparecimento do *Há Mais Mundos*. A ocasião da *feira* talvez não fosse má. Claro que eu preciso de ver ainda

provas de página, pelas quais, na verdade, tenho esperado. Essas, porém, depressa as veria. No entanto, agora, já vai sendo tarde. Aí na Casa é que sabem quando mais convém lançar o livro. E com efeito, o tempo passa depressa! até demais.

Quanto às minúcias e observações do revisor, de modo nenhum me desagradam. De algumas posso aproveitar-me, pois me podem chamar a atenção para coisas sobre que passei levianamente; e as outras inutilizo-as. Não tenho senão estima por um revisor assim escrupuloso.

Então o Gomes Ferreira lá apanhou o prémio![267] Era de prever; e a Portugália também está de parabens [*sic*].

Um abraço deste seu amigo,

Régio

*

Lisboa, 30 de Maio [1962].
Meu querido Amigo:

O seu livro está a paginar. Deve dar, agora, cerca de 260 páginas. Breve terá aí as provas!

Hoje escrevo-lhe estas linhas – telegráficas, como sempre – para lhe dizer que o dono do Mundo do Livro (livreiro antiquário, verdadeiramente sábio no seu ofício) comprou a um particular um grande lote de cartas dirigidas ao António Botto, entre elas muitas do meu Amigo, e algumas de Fernando Pessoa e Teixeira-Gomes (além de duas de Raul Brandão, cartões de Júlio Dantas, uma carta de Cláudio e Carlos Carneiro, dois ou três cartões de Manuel Bandeira, etc.). O homem pede, pelo conjunto, à volta de 10 contos!

Decerto não está interessado, mas quis dizer-lhe hoje isto mesmo.

Um grande abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

1 de Junho [1962].
Querido Amigo:

Pela sua carta de hoje deduzo que ainda não tinha recebido a que lhe remeti anteontem (e agora reparo: nem podia ser, pois foi no próprio dia em que escreveu a sua!).

Seguem hoje 2.as provas do *Há Mais Mundos* – não todas, ainda, mas uma boa parte. Peço-lhe agora a máxima urgência na revisão, pois a das 1.as provas foi talvez um poucachinho lenta… Sei que não gosta de ver

[267] Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, com *Poesia III*.

provas em grandes porções; como, porém, se trata agora de 2.as, paginadas, talvez lhe seja mais fácil a leitura, pois faz de conta que está a ler o livro na sua forma definitiva.

Faremos tudo por que a obra saia este mês ainda, já que isso é do seu agrado. Nos meses de Verão é que me parece desaconselhável!

– É verdade, o Gomes Ferreira lá apanhou o prémio. E, não concorrendo José Régio – o que, desculpe-me que lho diga, parece-me ter sido um erro… mas o meu querido Poeta é que sabe! Também compreendo que preze e defenda a sua dignidade de Artista, não a expondo a concorrências e competições mais próprias de campeonatos desportivos – não concorrendo José Régio, dizia eu, era justo e compreensível que o prémio (isto é, o grande Bolo!) fosse para Gomes Ferreira. Claro que ele está todo satisfeito, e aqui na casa também o estão, embora os lucros materiais – além da glória – vão todos para o Autor. Uma tiragem de 2.000 exs., com tanta despesa de publicidade, não é alto negócio editorial… mas, para livro de Poesia, já não é mau.

Renovando a minha promessa de empregar todos os esforços no sentido de que as suas novelas saiam o mais breve possível (para o que peço a sua indispensável cooperação), sou o muito Admirador e Amigo devotado

Luís Amaro.

*

7 – VI – 62.
Querido Amigo:

Recebi todas as provas, que estão agora na mão do revisor. Este devolveu-me hoje uma parte, e na pág. 53 pergunta-me: "Creio que deve ser *en*tender e não *es*tender, como passou nas 1.as provas" e nas 2.as passou também ao meu Amigo. É na frase: "A revolta perante o que lhe acontecia, e ele não podia *en*tender nem justificar..." (princípio do cap. VII do 1.º conto). Emendo, porque efectivamente o *es*tender não faz sentido. Mas, no caso de ser efectivamente assim, agradeço me diga; se for *en*tender é escusado escrever. Um abraço do

Luís Amaro.

*

Portalegre
7/6/62

Querido Amigo:

Agradeço-lhe os seus esforços para fazer sair o *Há Mais Mundos* ainda este mês. Pela parte que me toca – ao menos agora – também fiz um certo

esforço: Já deve ter recebido (e, provàvelmente, enviado à tipografia) todas as provas do volume. No entanto, repito: Se a Casa entender que não é boa altura para fazer aparecer o livro a público, perfeitamente me conformo com essa resolução.

A minha ideia de publicar agora o *Há Mais Mundos* provém sobretudo do seguinte: Para o próximo inverno, espero eu dar à estampa novo livro: ou o 5.º volume de *A Velha Casa*, ou uma peça de teatro, ou o Tomo I das *Cartas Intemporais do Nosso Tempo*. Ficando este livro de contos para então, poderiam ficar demasiado próximas uma publicação e outra. Enfim... será como puder ser e melhor convir. Com a minha aposentação, trabalho, agora, mais.

Pedir-lhe-ia o favor de me guardar as provas emendadas que aí retém e mas devolver: O apaixonado coleccionador que é o nosso Serpa – gostaria de as juntar aos manuscritos originais.

Ainda outra coisa: Amanhã, ou depois, enviarei para a Portugália uma breve carta dirigida ao António Luís Moita, cuja direcção de momento ignoro. Quero agradecer-lhe o *Sal*[268], de que sinceramente gostei!

Quanto a prémios, meu Amigo, creio bem que não voltarei a concorrer. Nunca pude concordar com ser preciso um escritor *apresentar-se ao concurso* (ir *habilitar-se* a que coroem a sua obra, que é, ou deve ser, um pedaço da sua alma) para ganhar um prémio. Aliás, sempre um certo orgulho me tornou difícil aceitar a decisão dum júri... que bem sei demasiado *humano*. Adeus por hoje, meu Amigo. Seu

Régio

*

Portalegre
14/6/62

Meu prezado Amigo:

Assaltou-me um temor… e aqui estou com estas antipáticas linhas:

Lembro que a lombada do meu livro deve ser impressa *à moda antiga*, que é a única a parecer-me razoável para livros que, naturalmente, virão a ser colocados numa estante. Quanto a mim, não vejo defesa para as lombadas dos livros ùltimamente editados pela Portugália.

Outra coisa, talvez ainda menos simpática… mas que tem de ser: Não quero, nem nas orelhas nem no verso da capa, nenhuma referência de críticos à minha produção. Capa inteiramente *limpa* desse género de reclamo que afinal já não diz nada a ninguém! Desculpe-me a secura

[268] Na Portugália Editora, 1962.

destes dizeres, que vem da pressa com que escrevo, à hora do correio. Depois escreverei com mais vagar. Um abraço

Régio

P. S. – Peço-lhe para dizer ao Senhor Agostinho Fernandes que amanhã lhe escreverei… de modo a satisfazê-lo. R.

*

19 de Junho 62.
Meu querido Amigo:

Peço-lhe que me desculpe esta falta de notícias... Também eu, com o calor, ou melhor: com a transição da Primavera para o Verão, me sinto sem energias, trabalhando com mais dificuldade que a habitual (embora escrever aos Amigos não se possa dizer que seja trabalho).

Não julgue, no entanto, que a demora na saída do seu livro se prenda com esta espécie de indolência; procuro sempre, por uma questão de honestidade, que os meus defeitos não prejudiquem a Casa nem os escritores editados – e muito menos quando se trata de José Régio, que para mim continua acima de todos os outros (como vê, ao contrário de certos camaradas meus, do tempo da *Árvore*, não sou inconstante nas minhas admirações. Ainda não aderi, por exemplo, à Nova Vaga. O que não quer dizer que a minha capacidade de admiração esteja esgotada. Agora mesmo ando a ler um livro, de uma nova escritora, que muito me está a impressionar: a Maria Judite de Carvalho de *As Palavras Poupadas*. A propósito, foi grande a decepção quanto ao Prémio Camilo, que este ano se esperava fosse para o *Barranco de Cegos*, do Redol – que é, de resto, uma obra mais sólida, mais digna de uma tal consagração, até porque tem atrás de si um passado literário. No entanto, repito, as *Palavras Poupadas* são também uma obra meritória, em certos aspectos talvez mais *reveladora*, de mais profundo conteúdo psicológico, e sem dúvida mais *moderna*. Mas, apesar disso, o Redol – aconselho-lhe este último livro! – é que *devia* ganhar o prémio).

O seu livro, meu Amigo, vai imprimir – ainda vai imprimir! O revisor viu já as últimas provas, com o cuidado e a minúcia habituais nele. E, como amanhã é feriado, só na sexta começa a impressão.

Esta demora foi motivada – primeiro, porque, de início, se não mandou logo o original para a tipografia, depois porque, em Portalegre, as provas estiveram largo tempo. Decerto que a primeira das razões é a principal: logo que se recebeu o original, devia ter-se enviado para a tipografia.

Apesar de tudo, conto que a obra ainda apanhe a actual Feira do Livro, que fecha na primeira quinzena de Julho.

Agora, quanto à capa: O seu livro é o n.º 36 da colecção Contemporânea, cujas lombadas têm sido, nos últimos 12 volumes, à *nova maneira*. Se é certo que, para os coleccionadores da colecção, é arreliante voltarmos, num volume, à lombada-à-moda-antiga, também não é menos razoável que os coleccionadores dos seus livros se aborreçam com a versatilidade havida ùltimamente nas lombadas, que já deu origem àquela grossa asneira de o 1.º vol. da *Velha Casa* ir de maneira diferente do volume 4.º, quando as lombadas têm iguais características (mesmo tipo e disposição, digo).

Enfim, sobre este magno assunto o meu Amigo resolverá!

Quanto à capa: os livros da colecção têm ido todos com dizeres na badana, a explicar o que é o livro. Acontece até que a badana da margem direita anuncia, com a respectiva nótula, o volume anterior. Quer que se suprimam ambas as badanas – isto é, que vão simplesmente em branco? Ou está na disposição de fazer uma notícia sobre a sua própria obra? Devo dizer-lhe que a nota sobre o último romance do Vergílio Ferreira – *Estrela Polar* – foi escrita pelo autor, que fez empenho nisso (não, claro, para se elogiar, mas para se *explicar* – se é que este termo é próprio, quando aplicado a uma obra de arte literária ou a qualquer outra).

Perfeitamente entendidos quanto à supressão de quaisquer palavras, assinadas por quaisquer críticos, nas badanas do livro ou nas costas da capa.

Confesso-lhe que tenho saudades de voltar a lê-lo, – eu que às vezes, ùltimamente, tenho apanhado algumas estopadas de leitura (entre elas uma tradução de Roger Vailland – *325.000 Francos*, cá da casa[269], que mais me pareceu um seco relatório do que uma obra literária). Conto reler, logo que acabe *A Gata e a Fábula*, que ontem comecei, o *Príncipe com Orelhas de Burro* – lido há já tantos anos! E, depois, lançar-me-ei ao *Há Mais Mundos*.

Dizem-me aqui que os seus livros se têm vendido bem na Feira. Como vê, apesar dos novos "ídolos" – dos nomes na berra –, o público não o esqueceu, não o poderia esquecer. Felizmente é ainda grande o número dos inteligentes e sensíveis.

Vi há tempos anunciada no *Diário de Lisboa* a sua colaboração assídua na página literária, mas até agora só lá vi um poema seu[270]. É natural que amanhã venha um artigo, que para lá mandei, do Ramos Rosa sobre a *Obra Poética* de Saúl Dias. Também o Gomes Ferreira quer escrever, na *Gazeta Musical*, qualquer coisa, sobre o mesmo Poeta.

---

269 De 1955, em trad. de Modesto Iglésias.

270 "O Templo Abandonado", 24-V-1962. Essa colaboração efectivamente mais assídua é anunciada em entrevista de 8-III-1962.

E, por hoje, não lhe roubo mais tempo...
Receba, querido Amigo, o grato abraço do seu dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/6/62

Querido Amigo:

Aqui vão umas linhas de resposta à sua última carta, para não haver mais possibilidades de demora. (Na verdade, foi pena que o original do *Há Mais Mundos* não tivesse sido entregue logo à tipografia. Mas eu também tenho culpas no cartório. Se o livro ainda puder apanhar a Feira do Livro... não será mal de todo. Se não, então se resolverá o seu aparecimento como parecer melhor.)

Quanto às respostas que me pede: Sim, eu insisto em que as *lombadas de todos os meus livros* sejam impressas à moda antiga, que aliás ainda vejo seguida por todas (ou não serão *todas*?) as nossas outras casas editoras. Não posso compreender a ideia de imprimir as lombadas dum modo que me parece contrário a toda a razão: Para se ler o título dum livro colocado numa estante, será preciso fazer uma difícil torção do pescoço. E, por enquanto, ainda se alinham livros nas estantes! A disposição *moderna* também não concilia o título com o nome do autor e a numeração da obra, quando esta pertença a uma colecção. Todas as pessoas que sobre o assunto tenho consultado estão em imediato acordo comigo. Para quê *inovações* que não melhoram nada?

Quanto às badanas do volume, também as prefiro inteiramente limpas, como o verso da capa. E, quanto a esta obrazinha, prefiro não dizer eu nada. O reclamo e o auto-reclamo em volta das obras literárias – já me dão hoje ideia duma competição de aldrabões numa feira. Muito bem que se anunciem as obras que vão sair ou saindo, se lhes faça uma certa propaganda quando o mereçam, e a crítica se ocupe delas. Mas hoje não há senso da justa medida, todos querem *chegar* o mais depressa possível, qualquer hierarquia de valores parece ofender os arrivistas, a crítica está muitas vezes ao serviço dos sentimentos pessoais ou das doutrinas políticas, etc., etc. A multiplicação dos prémios literários não me parece que contribua para *higienizar* o ambiente.

Pode ser que esta seja uma visão demasiado pessimista. Mas... quero manter-me discretamente no meu lugar, embora saiba que me apague perante o espalhafato vigente. Neste ponto, os meus editores têm de ter paciência comigo.

Tencionava dar uma fuga aí a Lisboa, mas tenho andado pouco bem. Por enquanto, não posso afastar-me cá da Toca. Esperemos que o tempo melhore, para nosso bem. Um abraço do amigo sempre grato,

Régio

*

28 de Junho [1962].
Meu querido Poeta:

Espero que tenha recebido hoje as primeiras folhas impressas do seu livro e as provas do 1.º oitavo, que, por precaução (o diabo tece-as!), resolvi enviar-lhe.

Como, em todos os volumes da colecção Contemporânea, vai a lista dos títulos dos volumes publicados, e como da outra vez achou – com razão – inestética a acumulação, nas primeiras páginas, de Obras de Autor e Obras da Colecção, vão aquelas para o fim – de futuro, em todos os livros de autores portugueses – e estende-se a duas páginas a lista da colecção, de que o seu livro é já o 36.º volume. Oxalá este pormenor o não desgoste, e não veja nele qualquer significação que não tem, que não podia ter. Ainda ontem vi aqui uma edição italiana com a bibliografia do autor no final.

Aliás, se assim for da sua vontade, ainda se pode incluir a sua Bibliografia no começo do livro, em corpo 6, tal como saiu no livro do Redol *Barranco de Cegos*. Espero ordens.

– Quanto ao Prefácio-estudo para *O BARÃO*: o livro está todo composto, e só pendente do seu ensaio, que poderia ter umas 20 páginas no formato das suas cartas habituais (quem diz vinte diz vinte e cinco, ou à volta disso, claro).

Também aqui estão aguardando o artigo prometido para o *Guia do Leitor*, que está em organização[271].

– Se, acaso, na devolução de provas do 1.º oitavo que espero receber amanhã, não vier qualquer observação quanto à inclusão das Obras do Autor, depreendo que lhe é indiferente que as mesmas venham no princípio ou no fim. Em todo caso, espero ainda até segunda-feira, para mandar compor e arranjar essas páginas.

Não sei se o livro estará pronto antes de a Feira fechar (suponho que no dia 8)... A execução da capa (quadricromia) é também demorada, e a própria gravura levou muito tempo a fazer. Continuarei a fazer todos os possíveis, pela minha parte, para que o livro saia em princípios de Julho!

---

[271] O artigo no n.º 1, Dezembro de 1963, será "Para uma história da Literatura Portuguesa do ponto de vista da crítica literária".

– O Gomes Ferreira anda radiante, comunicativo, nada parecido com o indivíduo fechado e taciturno que eu vagamente conhecia há muitos anos (até de por ele cruzar pelas ruas de Lisboa, às vezes a horas mortas, como se passasse por uma sombra). Está outro. Pudera! O dinheiro também serve para afugentar fantasmas e, bem utilizado, a vida passa a ser uma coisa agradável. (Bem utilizado e bem ganho – como é o caso). A atribuição do Prémio Camilo à Maria Judite de Carvalho é que decepcionou muita gente, que entendia que o Redol é que o devia ter ganho. A crítica do Gaspar Simões, ao *Barranco de Cegos*, pecou por um excesso de antipatia e de parcialismo que me surpreendeu num crítico que me habituei a considerar como quase paradigma da isenção e honestidade. Note que mantenho o que há dias lhe disse sobre as *Palavras Poupadas*: um livro admirável, cheio de acuidade psicológica, de finura e inteligência; mas não uma obra robusta, sólida, como é a do outro.

– O nosso Alberto de Serpa ficou entusiasmado, ou perturbado, com a notícia que lhe dei de estar à venda parte do espólio do pobre Botto (sabe que me impressionou deveras o tom humaníssimo, quase respeitoso, das suas cartas para ele? E até me surpreendeu encontrar nelas um eco de *gratidão*, – o que me provou que o Botto, nos seus melhores momentos, sabia também ser gentil e amigo para com os seus Amigos). Como vê, li as suas cartas, que são as melhores e mais numerosas do lote, embora nelas haja também duas ou três, muito belas, de Teixeira-Gomes – cartas pròpriamente literárias, dir-se-ia que escritas para serem publicadas. Do Pessoa há uns bilhetes de circunstância, sem grande interesse, embora afectuosos. E o resto – cartões de visita, postais, cartas de agradecimento – não vale muito. Pois por tudo isto pede o livreiro do Mundo do Livro 15.000 escudos! Não admira que, até agora, não arranjasse comprador. Aliás, estou certo que ele era capaz de dar tudo por metade... Ah, se eu pudesse!

E, por hoje, não quero maçá-lo mais.

Um grande abraço do muito Amigo e muito Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/7/62

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, e breve lhe escreverei com mais vagar. Devido ao tempo de trovoadas que por aqui tem feito, o meu estado de saúde é muito pouco favorável. Passo dias incapaz seja do que for: aniquilado, desinteressado de tudo. Espero que isto vá passando. Aqui lhe envio o pequeno artigo (talvez ainda demasiado longo?) para o *Guia*, – embora desconfiado

que não agradará muito. Foi o que pude fazer. E, agora, vou aproveitar uns intervalos de actividade para *O Barão*. Pena não me falarem nisso mais cedo! Para qualquer trabalho inesperado, tenho de ser prevenido *com boa antecedência*.

Também aqui lhe mando um pequeno autógrafo que o Senhor Agostinho Fernandes me pedira para o mesmo *Guia do Leitor*.

Recebi a folha 5, (do *Há Mais Mundos*) que me faltava, assim como outras, incluindo a última de prosa. Mas, agora, *faltou a folha 15* (ps. de 232 a 249), que me falta, portanto, para completar o volume. *Pedia-lhe mais o favor de ma fazer enviar*.

Não sei se já lhe pedi para agradecer ao José Gomes Ferreira o volume de *Poesia I*, que me enviou por intermédio da Portugália. Para a próxima vez lhe mandarei um cartão para fazer o favor de entregar ao Moita.

Adeus por hoje. Um abraço do sempre seu

Régio

P. S – As opiniões a respeito de *prémios* são sempre várias e discutíveis! A mim, parece-me que, tendo concorrido Agustina Bessa Luís com um livro a que não vejo nada de semelhante na nossa ficção contemporânea, (um livro em que o génio está patente[272]), não deveria haver dúvidas sobre a atribuição do Prémio Camilo. Enfim..., depois conversaremos.

*

Lisboa, 14 de Julho [1962].

Meu Querido Poeta:

Recebi há dias as suas notícias, bem como o seu artigo e o original do Poema, que passei às mãos do Sr. Agostinho Fernandes. Na próxima segunda-feira creio que tratarão, aqui, do envio do respectivo pagamento.

O seu livro está impresso, como já há dias sabe pelas folhas que lhe enviei. A capa é que o não está ainda: só para a semana lhe poderei remeter os primeiros exemplares da obra, talvez ansiosamente aguardados (ou não? Cada livro novo não continua a ser para si como que um filho que nasce? Se assim continuar a ser – nada mais natural).

Já não conseguimos apanhar a Feira, – o que aliás não tem grande significado comercial (a propósito, é consolador informá-lo de que todos os seus livros tiveram excelente saída, o que prova que a sua Obra continua *viva* e corresponde às necessidades espirituais de grande número de leitores. E que a Gulbenkian nos requisitou nada menos de 200 *Poemas de Deus e do Diabo* (pela 1.ª vez! O Branquinho estava renitente com o

272 *O Manto*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1961.

Prefácio, maior que o texto poético), 200 *Encruzilhadas* e 200 *Mas Deus É Grande*. Uma boa encomenda, vinda inesperadamente.

Peço-lhe que me absolva da pequena parte que pode haver em mim de culpa na demora, melhor: no atraso, do *Há Mais Mundos*. A acumulação de afazeres desorienta-me por vezes.

Mas para a semana já terá aí o seu livrinho – de que não li ainda uma única página!

Tenho andado às voltas, quanto a leituras, com o Aquilino – que não lia há anos. Recentemente li dele os irreverentes mas justiceiros *Príncipes de Portugal*, *Quando os Lobos Uivam* e *A Casa Grande de Romarigães*. Estes dois últimos impressionaram-me pelo poder descritivo, que chega a ser assombroso, e pelo completo e magistral domínio da linguagem. Que pena não haver maior fundura psicológica neste escritor admirável mas incompleto!

Também li – ao menos para conhecer! – a Fernanda Botelho de *A Gata e a Fábula*, em que achei muito talento desperdiçado; trezentas páginas compactas para dizer o quê? Pouco menos de nada…

E, agora, estou com o *Céu e a Terra*, do italiano Carlo Coccioli[273], – livro inquietante, cheio de problemas metafísicos e morais. Um bom livro, talvez não um grande romance, mas daquelas obras que nos é importante conhecer e que podem, até, revolucionar o nosso mundo íntimo, desvendando ou iluminando aspectos que mal pressentíamos. Sim, uma obra séria, meditada, tantas vezes profunda, e que não é nada o tipo do convencional "romance católico". (A propósito deste género, tanto que me falta ler! Nem sequer a Bíblia… Nem uma *Vida de Cristo*.)

Sem mais tempo por hoje, sou, com um abraço de muita a amizade, o seu velho e devotado

Luís Amaro.

P. S. – Posso lembrar-lhe o Posfácio ao *Barão*? As 2.as provas estão todas paginadas. Amaro.

*

Portalegre
16/7/62

Meu prezado Amigo:

Cá recebi a sua carta, que me deu o prazer duma carta sua, e me trouxe notícias agradáveis. Dentro duns dois ou três dias lhe enviarei o prefácio

273 Com pref. e trad. de José Blanc de Portugal, *O Céu e a Terra* teve 1.ª ed. em 1954. A Ulisseia reeditou-o em 1960.

de *O Barão*, que estou passando a limpo. Nunca cheguei a receber a folha *15* do *Há Mais Mundos* (de ps. 232 a 249), que lhe pedira, e me não fora enviada na devida altura. Convem-me [Convém-me] ter estas folhas do livro, assim separadas, pois nelas preparo uma hipotética reedição com as correcções necessárias. Desculpe! Dou-lhe sempre trabalho.

Sabe que ùltimamente me tem perseguido a ideia duma edição das minhas *Obras Completas... edição definitiva revista pelo autor*? Começo a pensar que, querendo eu rever tudo isso, (e sem prejuízo de quaisquer novas obras) já não posso perder muito tempo? Sobretudo a parte ensaística (com acrescentos) tomar-me-ia bastante tempo a preparar.

O Branquinho esteve aqui há uns dias, e passámos um bom dia de convívio. Combinámos (para quando?) um almoço no Mesquita com o Senhor Agostinho Fernandes e o meu Amigo. Fiquei sempre a lembrar-me das amêijoas do Mesquita (creio que é Mesquita, um restaurante ornamentado com coisas de touradas...)[274]. Mas conseguirei eu ir a Lisboa breve?

E por aqui me fico hoje. Sabe que gostava que lesse (com simpatia) um dos irregulares mas admiráveis livros da Agustina? Esta, sim, é artista e original, embora preterida nos prémios. Abraço do seu

José Régio

*

18 – VII – 62.
Querido Amigo:

Obrigado pela sua carta de ontem. Como o assunto das *Obras Completas* é muito importante para si e para o Editor, dei conhecimento da carta ao Sr. Agostinho Fernandes, que lhe responderá amanhã.

Afinal, não segue ainda remuneração do seu artigo para o *Guia do Leitor*, porque se hesitou aqui na quantia a atribuir-lhe. Acharia bem 300$00?

Bem sei que o *Colóquio*[275] paga mil... Mas, embora isto aqui tenha aspectos de Fundação A. F., não se pode dizer que rivalizemos com a Gulbenkian... Enfim, o meu querido Amigo dirá com a costumada franqueza – mesmo num simples postal, na volta do correio, para não estar mais tempo à espera desta fabulosa importância.

E, por hoje, muito telegràficamente, sou o seu muito dedicado

Luís Amaro.

---

274 O Mesquita, aberto por um antigo toureiro, era restaurante do Bairro Alto, onde, à noite, se cantava o fado.

275 *Colóquio.* Revista de Artes e Letras (1959-1970).

P. S. – Gostei de ver o artigo de M. Dias da Fonseca no *Comércio do Porto* sobre *A Velha Casa*, assim como gostei de ouvir há pouco o homónimo deste, Manuel da Fonseca, ao ver a capa do *Há Mais Mundos*, que estava sobre a mesa: "José Régio é dos grandes!"

Mando-lhe este recorte sobre o "Cântico Negro", do *Dº Ilustrado*; é pena não estar assinado. Amaro

*

Portalegre
18/7/62

Prezado Amigo:

Recebeu a minha carta, suponho. Aqui vai o prefácio para *O Barão*. (Não gostaria que viesse indicado como prefácio, pois não simpatizo com prefácios. Em vez de *prefácio de…*, antes *estudo de*…, ou *apresentação de*…). Claro que depois terei de ver provas. Diga-me que recebeu. E por hoje só estas duas linhas muito a correr, para não retardar mais.

Seu sempre grato,

José Régio

*

20 de Julho 62.
Querido Amigo:

Seguem por este correio os primeiros dois exemplares do seu *HÁ MAIS MUNDOS*. Verá como a capa resultou!

Recebemos ontem o estudo sobre *O Barão*, que o Branquinho da Fonseca não pôde conhecer ainda porque não está em Lisboa. Li-o ontem à noite, e claro que me parece uma bela página, mas digna de um outro fecho – desculpe-me! "Não será ele que impedirá esta novela de manter o seu lugar inconfundível – passe o estafado lugar-comum – na nossa literatura, aliás rica, do século XIX para cá, em belas histórias curtas." – este final como que esfria o entusiasmo do leitor... E no entanto os seus estudos críticos terminam sempre de uma forma lapidar, e bela. Desculpe-me este pequeno reparo, filho da minha sinceridade e amizade, mas sentir-me-ei feliz se o seu estudo fechar com uma "chave" mais condigna (a própria palavra *curtas* como que empobrece o ritmo em que, desde o começo do ensaio, vamos embalados). Mas também pode ser que eu não tenha razão...

Quanto ao pagamento, nada nos disse. O Sr. Ag. Fernandes pergunta-lhe, por meu intermédio, se estaria bem 700$00 pelo estudo, e põe-[n]o absolutamente à vontade, como sempre.

Também quanto ao projecto das Obras Completas – sobre o qual segue uma carta hoje, a que, aproveitando o sobrescrito e o selo, juntei a minha –, diz que o adiamento para melhor oportunidade não impede que, entretanto, o meu Amigo entre numa combinação com ele, Sr. A. F.

Acrescentou que, tendo o meu Amigo uma situação absolutamente excepcional cá na casa – onde todos o admiram e estimam –, justifica-se que as relações entre ambos – Autor e Editor – se mantenham e estreitem, cada vez mais, num plano de franqueza e compreensão de parte a parte.

Portanto, diga francamente quais as suas ideias sobre esse ou outros planos literários. E também quanto à remuneração do ensaio e do artigo.

Com os 2 primeiros exemplares do livro, que hoje seguem, vão 25 oitavos para as habituais dedicatórias, de que junto uma lista. Permito-me sugerir-lhe alguns nomes, além dos habituais, mas fará – evidentemente! – o que entender.

Agradeço é que devolva urgentemente essas folhas, sim?

Creia sempre na firme estima e admiração do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Depois de fazer a lista das pessoas a quem oferecer, vejo que deve haver muitas mais a quem deseje autografar; enviar-lhe-ei amanhã, por isso, mais "oitavos". Amaro

*

Portalegre
24/7/62

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta, recebi a carta do Senhor Agostinho Fernandes (à qual espero responder amanhã) e os três exemplares do meu livro, com os oitavos para eu autografar. Não respondi imediatamente, porque, com o tempo incerto e de trovoada que por aqui tem feito, me tenho sentido pouco bem. Hoje mesmo escrevo com sacrifício, pois, nestes dias, qualquer trabalho se me torna muito penoso.

Antes de mais: Você tem toda a razão quanto ao final do meu prefácio, que decididamente é *chato* e banal (termos próprios). Logo vi isso, ou o senti. Deixei ir assim por uma razão especial que, bem pesada, pouco vale. Receio já não poder, agora, fazer grande coisa, – pois, nem sei bem porquê, me é difícil corrigir certas coisas que uma vez me saíram. Como quer que seja, espero enviar-lhe amanhã outro final, preferível.

O *Há Mais Mundos* está bem apresentado, e a capa resultou excelentemente. O defeito que lhe acho... já sabe qual é, suponho: Não há meio de

eu poder concordar com aquele título às avessas no [*sic*] lombada, e julgava que a Casa me havia concedido o privilégio de escapar a tal moda. Ainda não vi que outras editoriais a sigam, pelo que só há a felicitá-las. Como, desta vez, não faltaram recomendações minhas para ser poupado, – concluo que tenho de desistir a respeito desse pormenor. Claro que se não trata senão dum pormenor. Todavia, não posso olhar para qualquer prateleira de estante onde estejam alinhados os meus livros, sem ver com desgosto os dois volumes em que um velho autor conservador (em certas coisas) é sacrificado e [a] tal *novidade*. (Tudo que aí digo é verdade, mas não faça caso do tom porventura demasiado patético: o dia de hoje também está de trovoada suspensa.)

Como disse, amanhã escreverei ao Senhor Agostinho Fernandes, enviarei a tal tentativa de correcção ao final do prefácio, e porventura os oitavos assinados. Decerto o Senhor Agostinho Fernandes lhe comunicará o que eu disser em resposta à carta que me escreveu, o que me dispensa de aqui me repetir. E adeus por hoje, meu Amigo. Desculpe-me a redacção destas linhas escritas com esforço, e, mais uma vez, os meus agradecimentos pelos cuidados e as preocupações que lhe dá cada meu novo livro. Um abraço deste seu amigo,

Régio

P. S. – Afinal, ia-me esquecendo uma coisa que não deixa de ter importância: Claro que acho bem os sugeridos 300$00 pelo artigo. Como editado da Casa, só terei prazer em, de vez em quando, colaborar no *Guia do Leitor*: Falando, por exemplo, de qualquer livro que a mesma Casa edite; – *mas, em tal caso, só dum livro que excepcionalmente me interesse*. Depois se verá.

Quanto ao prefácio... qualquer estudo dessa natureza me dá hoje muito trabalho. Creio que não farei muitos mais, – guardando as energias críticas que me restem para reescrever, corrigindo, os já feitos ou esboçados. Aceitei, porém, esse trabalho, sobretudo por se tratar do Autor e da Obra em questão. Portanto, (e embora, com a franqueza que me pede, não deixe de achar certa desproporção entre os 300$00 do artigo e os 700$00 do estudo) aceito perfeitamente o que me é oferecido. Em compensação, peço – se for possível – três exemplares do *Fado* (de que não tenho senão o meu exemplar... e estou sempre a ser importunado com pedidos) e dois exemplares das *Histórias de Mulheres*, se é que ainda os há. Não sendo isto possível, não se fala mais em tal. Não imagina como estão sempre a pedir-me exemplares para Bibliotecas de toda a ordem; ou como há gente jovem e pobre, sobretudo estudantes, que se lembram do mesmo. Claro que não posso atender a todos. Mas, às vezes, custa fazer *ouvidos de mercador*. Eles lembram-se de que eu escrevi certos fados do *Fado*..., –

livro, aliás, injustamente menorizado pelo público em relação aos meus outros de versos.

Adeus mais uma vez. R.

*

Lisboa, 25 de Julho [1962].

Meu querido Amigo:

Fiquei muito aborrecido comigo mesmo, hoje, ao receber a sua carta, aliás escrita no tom amigo do costume. É que a culpa de a lombada ter saído assim se deve apenas a um estúpido esquecimento meu. Devia ter, logo que se combinou consigo que a lombada não seria à "maneira moderna" (e para isso houve cartas trocadas com a casa!), telefonado à tipografia, a preveni-los disso mesmo, e já prevendo qualquer fatal distracção minha. Mas, absorvido sempre por mil pequeninas coisas, e de tal modo encarreirado já na "nova vaga" das lombadas que, instintivamente, me não passa pela cabeça que possa ser de outra maneira, – vi a prova e deixei seguir assim... Perdoe-me, que sou eu o único culpado. Quando hoje falei no assunto ao Sr. Agostinho Fernandes, ele disse-me que também já havia reparado e que se esquecera de me fazer notar este lamentável esquecimento (meu). Confesso-lhe que de tal maneira se me havia varrido da memória a sua recomendação, que ainda não tinha dado por isto. Não conclua, porém, que não liguei importância ao assunto ou às suas próprias recomendações. Como justificar-me? Francamente, não sei. É certo que, com uma vida interior em permanente tensão como é a minha, incalma e perturbada em todos os instantes do dia, inúmeros lapsos destes tenho cometido na minha vida de funcionário editorial. Mas uma dolorosa experiência de muitos anos, com o Sr. Raul Dias, a apanhar descomposturas constantes (nos últimos anos devidas também a esse senhor me ter tomado violentamente "de ponta") acordaram-me mais para as realidades, e hoje sou o primeiro a desprezar – pelo menos aqui dentro – tudo que seja fantasia ou imaginação literária, a ponto de não me ocupar – como empregado – de outra coisa que não seja a própria casa. Apesar de toda esta boa vontade, não consigo, porém, ser perfeito – sou até muitíssimo imperfeito! O dia a dia cortou-me as asas que nunca tive, como poeta; mas não me deu novas asas como empregado...

Para resumir – pois sobre este assunto poderia, ainda que sem interesse para si, alongar-me e chegar à conclusão de que outros, a substituir-me em ausências minhas, a começar pelo falecido Sr. Raul Dias, cometiam iguais senão piores erros: – Peço-lhe que me desculpe. Todos os livros seus hão-de ter sempre, aqui na casa, uma ou outra deficiência! Talvez seja ela uma pequena marca da minha imperfeição congénita, do meu desequilí-

brio, daquilo que me faz um "gauche", um deslocado na vida, um inadaptado, um homem que… tem vergonha de viver.

Segue amanhã a importância das suas colaborações. A ideia inicial do Sr. A. F. foi: 250$ para o artigo, 750$00 para o estudo (que afinal vai em *Posfácio* – se estiver de acordo). Mas, entretanto, não ma comunicou e eu não podia adivinhar.

Diz o Sr. A. F. que terá gosto em receber colaboração sua para todos os n.os do *Guia do Leitor* (tão misteriosamente elaborado pelo sr. Costa Dias que, além do seu artigo, ainda nada conheço dele).

Por hoje me despeço, pedindo urgência no envio dos oitavos assinados. Seguiram ontem 25 exs. de *Há Mais Mundos* – recebeu?

Vão também, amanhã, os exs. que pede do *Fado*. Diga sempre que precisar de livros seus. Quer que lhe envie mais dos outros (*Poemas de Deus*, *Encruzilhadas*, *Biografia*, *Monstruosidades*, *Gota de Sangue*, *Mas Deus É Grande*, *Filho do Homem*)? Poderia ir uma pequena porção de todos eles, para as suas necessidades mais prementes. E eu que tinha a sensação de que o meu Amigo oferecia poucos livros!

Das *Histórias de Mulheres* e das *Três Peças* é que não há já muitos, mas, se precisar, também se podem arranjar alguns, ainda…

Renovo as minhas desculpas e envio-lhe um abraço, algo cansado e neurasténico (esteve hoje, por cá, uma manhã terrível, mas a tarde clareou depois).

O seu muito e devotado Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Quanto ao fecho de *O Barão*: claro que não sugeriria o corte das linhas que transcrevi na carta anterior, mas o seu complemento ou remate. A

*

Portalegre
25/7/62

Querido Amigo:

Vamos a ver se amanhã lhe devolvo os oitavos. Por hoje, respondi ao Senhor Agostinho Fernandes, e aqui lhe mando uma proposta de outro final para *O Barão*.(1)[276] Não será grande coisa, mas é melhor: destoa menos do resto.

---

[276] Nota do Autor: (1) – aliás para o prefácio de *O Barão*. [SC]
Será Posfácio à 4.ª edição de *O Barão*, 1962, sem o final acima criticado por Luís Amaro.

Como já não sei bem o que aí está no original antes do período que me transcreveu, (altero sempre ao passar a limpo) não sei se a ligação estará bem feita. Mas ainda há a possibilidade de eu corrigir qualquer coisa ao rever as provas.

Logo que houver possibilidades de eu receber mais *Há Mais Mundos*...

Seu muito certo,

Régio

*

Portalegre
26/7/62

Prezado Amigo:

Não vale a pena estar tão aborrecido – sobretudo, não vale a pena estar tão descontente consigo próprio! – por causa da lombada do *Há Mais Mundos*. Lapsos, esquecimentos, erros, distracções, enganos... – quem os não tem neste mundo de imperfeições?! Eu, por mim, estou sempre a cair neles; e em coisas muito mais graves. Se me senti um pouco decepcionado, e até irritado, com o caso, foi por supor que a coisa tinha sido feita *consciente e voluntàriamente*. Desde que está tudo explicado, nem vale a pena falar ou pensar mais no caso, a não ser para a próxima vez.

Ainda não é hoje que posso mandar-lhe os oitavos, mas amanhã. Estou escrevendo estas linhas à pressa, pois saio esta tarde de Portalegre, para só regressar de noite.

Quanto aos meus livros – só precisaria de momento dos *Fados* e *Histórias de Mulheres* que mandei pedir, aos quais poderiam ser acrescentados dois ou três exemplares de *Três Peças em Um Acto*. Dos outros, ainda tenho alguns exemplares disponíveis. Ofereço poucos livros a camaradas, é certo. Mas gosto de os poder oferecer a gente desconhecida que me escreve a pedi-los, e que os não pode comprar.

Sem mais por hoje. Deve ter recebido a minha carta de ontem, com o final do *posfácio* modificado. (Prefiro que a peça vá como posfácio, segundo a sua sugestão.) A frase *incriminada* foi suprimida, e acho melhor assim.

Abraço do sempre seu

Régio

*

Lisboa, 30 de Julho [1962].

Meu querido Poeta:

Obrigado pelo seu perdão compreensivo. Vou prevenir desde já o tipógrafo, para a hipótese de qualquer livro seu, futuro. Porque a memória de

um só não é bastante para as mil e uma coisas menores (às vezes maiores!) que se prendem com a produção editorial.

Seguem hoje, para si, 2 *Histórias de Mulheres* e 1 *Três Peças em Um Acto*. Do primeiro, se for necessário, arranjam-se mais. O segundo é que se pode considerar esgotado, a não ser que pelas livrarias da Província ainda haja alguns consignados.

Vão também 70 exemplares do 1.º oitavo de *Há Mais Mundos*, para... fazer favor de autografar! "Grande estopada" – estará justamente a pensar. Mas bastará pôr a assinatura, e talvez Agosto – 1962. Foi uma livraria do Porto – Fernando Machado – que hoje fez esse pedido para cá: "70 exemplares autografados pelo Autor". É um belo pedido, não é? Espero também que a Gulbenkian requisite umas centenas, a exemplo do que fez com os outros.

Diga-me se ficou aí com oitavos e se quer que lhe envie mais para ofertas, evitando assim que os livros vão e venham para cá.

Os exemplares com dedicatórias estão a brochar e conto distribuí-los amanhã pelos ofertados. Pela minha parte, muito obrigado pelo meu, que irei ler com o maior interesse (suspendendo a leitura da *Guerra e Paz* – calcule, só agora! Por sinal que a tradução é muito pobre, e não dá – ou dá só com muita colaboração do leitor – a grandeza da Obra. Trata-se de uma edição da Minerva, não a do José Marinho[277]. Que pena tenho que o meu francês não dê para um livro desta magnitude!)

Falei há pouco em distribuição, e quero pedir-lhe – muito particular e secretamente – um favor: Sei que, devido a uma péssima organização dos respectivos serviços, a que sou alheio, o livro só hoje é distribuído para a Província (e só há dias o foi para o Porto). O seu e outros agora publicados ao mesmo tempo – um romance da Ilse Losa e duas traduções. Ora isto não está certo! Os livros foram postos à venda em Lisboa na passada quarta-feira. Como se compreende que só passada quase uma semana vão para a Província?! Além de tudo, já foram anunciados no *Diário de Notícias* – página literária de quinta-feira.

Decerto que o meu Amigo terá já reparado neste disparate. Que os livros – o livro, pois é o seu que está em causa – saíssem para a Província um ou, vá lá, dois dias depois de em Lisboa (isto é, que aparecessem à venda na Província um ou dois dias depois de em Lisboa), ainda se admite – embora, rigorosamente, devessem ser postos à venda no mesmo dia em todo o País, visto que Portugal não é só Lisboa. Mas quase uma semana depois!...

Contra este estado de coisas, que se vai agravando cada vez mais, venho batalhando, inùtilmente, há já anos – a ponto de criar inimizades e até

---

[277] Refere-se à tradução de Garibaldi Falcão reeditada em 1963; a de José Marinho, na Inquérito, 1942, teve 2.ª ed. em 1957.

ódios, aqui dentro (basta dizer-lhe que a muitos [muito] poucos falo, dos que cá trabalham. Com a saída, há poucos meses, de um encarregado de escritório (de serviços) inepto, cujo cinismo e profunda maldade suportei durante vinte anos em que o tive como "colega", veio outro ainda mais inepto, até porque inexperiente (embora, pessoalmente, me não possa queixar dele. Mas o que me interessa não são as *pessoas* – aqui dentro. Procuro pôr, acima de tudo – até do próprio Sr. A. F. – a Portugália; o que não quer dizer que não tenha errado, eu próprio, muitas vezes!).

Queria, pois, que nos dissesse – a mim, ou se tiver que lhe escrever sobre qualquer outro assunto, ao Sr. A. F. – que o livro só agora chegou a Portalegre, quando, pelo anúncio no *D.º de Notícias* de quinta-feira passada (convinha citar isto, não vão supor que fui eu quem lhe encomendou o "sermão"), já, pelo menos, desde esse dia está à venda em Lisboa... Talvez isso nos ajudasse um pouco a "equilibrar" este serviço de distribuição de livros, tão mal entregue agora. (Pior, repito, do que quando estava a cargo do tal outro que saiu, e que ao menos, nisso, se orgulhava de em dois ou três dias ter uma distribuição feita por Lisboa e Província.)

Perdoe-me esta carta secante! Não sei ainda se o B. da F.[278] já regressou; telefonarei amanhã para a Gulbenkian.

Seu irmão Júlio esteve cá no sábado, muito de fugida, como sempre. Lá vi o Catálogo da Exposição dos Bonecos de Barro, quase constituída exclusivamente pelas colecções "José Régio – Júlio". Parabéns pelo êxito!

O sincero abraço do muito grato e devotado

Amaro.

P. S. – Um pedido importante: que os oitavos nos fossem devolvidos na volta do correio, para que Livraria F. Machado possa vender os livros *agora*, que é novidade, e não muitos dias depois; é certo que um livro não tem a duração efémera do jornal. Mas há que aproveitar a oportunidade – e não prejudicar a Livraria, que fez o pedido não em consignação mas em conta firme (vê como eu já sou também um bocadinho comerciante? Até sei falar em "conta firme"!...).

*

Lisboa, 1 de Agosto [1962].

Querido Poeta e Amigo:

Muito obrigado por ter atendido prontamente a minha solicitação. Os oitavos chegaram hoje, e não podiam vir mais depressa. Os livros é que, devido às razões de que lhe falei na minha carta de anteontem, não segui-

[278] Branquinho da Fonseca.

ram hoje, não foram feitos logo, como se cumpria. Irão amanhã, se forem. Desculpe o desabafo, mas fervo de indignação íntima com estas coisas! Infelizmente, o mais que posso fazer é atrair sobre mim o odioso e tornar mais irrespirável o ambiente em que sou obrigado a passar oito horas diárias, embora – graças a Deus – o convívio não tenha que ser permanente. É triste viver assim, e o remédio seria fechar os olhos e os ouvidos a quanto se passa em volta, tanto mais que não sou eu o responsável. Mas, ligado à Casa desde o início (já antes da [de a] Editora existir eu estivera um ano na Livraria Portugália, na secção de edições), não posso deixar de sofrer e de me revoltar.

Quanto aos livros para si, estranho que não lhe tivessem chegado às mãos, ao todo, 40 exemplares do *Há Mais Mundos*: primeiro, 3, que recebeu; depois, em 24, 25 exemplares, divididos em 2 pacotes, dos quais depreendo que só recebeu um pacote; depois, em 26, mais dois pacotes, contendo 15 e mais 5 *Fados* (parece ter recebido só um pacote, também, e só 2 *Fados* – os outros 3 iriam noutra embalagem). Se entretanto não recebeu, queira dizer; creio que alguns dos pacotes foram registados (se for possível saber, aí na Estação de Portalegre, quais os n.^{os} dos registos, para nós reclamarmos – tanto melhor). Nem sempre os livros vão registados, – só excepcionalmente, até, é que vão. De qualquer modo, diga, por favor, pois se não conseguirmos, dentro de breve, reaver os exemplares extraviados, enviar-se-lhe-ão outros.

O Snr. Agostinho Fernandes vai enviar-lhe, amanhã, o excedente da percentagem em que calculou os seus direitos do *Há Mais Mundos*, cujo preço havia sido calculado em 25$ e foi depois fixado em 30$. A importância correspondente a essa diferença é de 1.080$00.

Não deixa, também, de me revoltar (como vê, embora talvez pareça que não, sou um revoltado permanente – contra os outros, mas, ai de mim!, principalmente contra mim próprio), – não deixa de me desgostar, dizia, e até bastante, que o meu Amigo – *o primeiro Autor da casa*, como eles próprios, neo-realistas até à medula, são obrigados a reconhecer, não sei se com constrangimento – receba menos do que certos outros que, sendo embora mais do momento que passa, têm uma obra perecível, como tudo que é momentâneo. (Note que falo de prosadores, e nomeadamente do A. R.[279])

Mas esses recebem, uns mensalmente, como esse, outros trimestral ou semestralmente (não, porém, sobre os exemplares vendidos – norma legítima da parte dos editores, mas que, desde o "consulado" do Sr. A. F., não tem vigorado na casa).

---

279 Alves Redol. Linhas abaixo, R. também é Redol.

O meu Amigo, porém, quer receber em *troca do original*... Resultado: do *Há Mais Mundos* recebe 12%, contando com o que lhe vai ser enviado, – enquanto que o V. F.[280] recebe, em 4 prestações, 15%, e o R., em prestações mensais durante um ano, 20% nas primeiras edições e 15% nas outras.

Digo-lhe isto por lealdade, e creio até que já lhe falei neste assunto, há tempos.

Desculpe-me e não veja nesta carta nenhum "veneno", que não há. Escusado é pedir-lhe, que, como sempre, guarde para si qualquer informação mais confidencial e cuja divulgação me prejudicaria. Se quiser, até, falar-me em qualquer destes assuntos mais "melindrosos", o melhor seria fazê-lo para o meu endereço particular – Rua Dr. Gaspar Gomes, 41–1.º Dt.º, Queluz.

E, por hoje, basta de prosaísmos! Não julgue que estes pormenores desgostantes do dia a dia me não façam mal à alma, e que eu não preferisse antes falar de coisas mais elevadas e interessantes – se pudesse! Olhe, por exemplo – comecei ontem, e já estou a mais de meio do seu livro, sobre o qual, antes disso, gostei de ouvir o A. Quadros dizer, na Gulbenkian (onde fui ontem à tarde e onde o B. da F. me recebeu com a lhaneza e simpatia do costume), que um amigo – creio que António Brás Teixeira, colaborador do *57* – lhe disse estar o *Há Mais Mundos* na linha dos seus contos melhores, do género "fantástico" e irreal (talvez até sobre-real, diria eu)... Foi a primeira opinião que ouvi acerca do livro, de que estou, também, a gostar muito; depois direi melhor as minhas impressões, aliás desnecessárias!

Receba, querido Poeta e Amigo, o melhor abraço do seu grato

Luís Amaro.

*

8 – Agosto [1962].

Meu bom Amigo:

Recebi as provas do *JOGO*, e todas as suas recomendações, que acho justíssimas. A pontuação – tão característica...! (não é assim?) – faz parte do seu estilo, ou completa-o, tem uma intenção particular, no seu caso, e todos os que lhe conhecem bem a Obra, como eu, sabem disso.

Portanto, mais uma vez recomendei ao revisor – revisores: esses chatos indispensáveis! – que não lhe alterasse uma vírgula, sob pena de eu me zangar com ele.

– Lá vi (vi: não li, faltou-me paciência para isso) a tréplica do Óscar Lopes. Passando os olhos, por alto, por essa prosa ultra-universitária, que

[280] Vergílio Ferreira.

exige leitura de filósofos e sábios, pareceu-me que o crítico pretenderia saber mais das suas intenções de autor que o próprio criticado. Isto é: ele, O. L., é que interpretaria devidamente certos passos do *Há Mais Mundos*, – não José Régio, pai da criança...

Sem mais tempo por hoje, pois acaba de chegar o meu director, sou, com um abraço, o Amigo e Admirador de sempre

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
14/8/62

Meu prezado Amigo:

Deve ter recebido as primeiras provas do meu *posfácio* para *O Barão*, que lhe enviei há poucos dias. Antecipando a minha saída de Portalegre, por se me ter deparado um carro até ao Porto, não tive oportunidade de avisar a Portugália da minha mudança de direcção. Uma demora no Porto e a chegada a Vila do Conde fizeram o resto. De aí a demora da minha devolução de provas, que tiveram de me ser reexpedidas de Portalegre. Como nunca posso resistir a umas pequenas alterações nas primeiras provas – e tive de ligar melhor o novo final que lhe enviara – gostaria de receber aqui *provas de página*, que serão devolvidas, agora, sem demoras.

Ainda tenho aqui suponho que meia dúzia de oitavos do meu livro, que lhe vou devolver com as respectivas dedicatórias. Fico sempre um pouco apreensivo – decerto sem razão! – sobre a chegada dos volumes aos devidos destinatários. São apreensões minhas sem justificação, mas peço-lhe para recomendar interesse e cuidado no caso. Como se me tivessem queixado, em Portalegre, de que o meu livro tardava a chegar aí, (tinham visto o anúncio no *Diário de Notícias*) escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes nesse sentido, como de fazer chegar exemplares o mais breve possível a outras cidades e resto da província. Ele me respondeu satisfatoriamente.

Bem vejo que, por minha parte e por culpa minha, certas ofertas vão sendo feitas muito devagar. Paciência! Os meus camaradas e amigos têm de esperar. Para mim, é um verdadeiro *pesadelo* ter de fazer embrulhos e enviá-los. É a parte aborrecida da publicação dum livro! E, na verdade, haverá ainda uma meia dúzia de camaradas a quem eu o enviaria, se tivesse mais oitavos... isto é: a quem a Portugália o enviaria com a minha dedicatória. Aos amigos pessoais, vou eu enviando os exemplares que de aí recebi. Adeus por hoje. Depois voltarei a escrever-lhe. Abraço do seu

Régio

*

19 de Agosto 62 – Monção.
Querido Poeta e Amigo:

Há semanas que não tenho notícias suas! Escrevo-lhe do Minho, onde estou há cinco dias – primeiro nos Arcos de Valdevez e agora em Monção. Daqui partirei, com minha Mulher, para Vila Praia de Âncora, donde regressarei a casa. Uma breve peregrinação pelo Minho, que me não canso de rever (aliás, só conhecia Braga, Viana muito mal, e Famalicão – onde fui há dois anos só para visitar S. Miguel de Ceide). O Minho faz-me bem à alma, purifica-me, liberta-me momentâneamente dos meus fantasmas, – ao passo que o meu espectral Baixo-Alentejo me faz sofrer, apesar de ser de lá natural. Um fenómeno estranho, como muita coisa que me diz respeito. Só tenho pena de não poder passar aqui todas as minhas férias – os fugidios 15 dias que me são dados anualmente…

Gostaria muito de passar também por Vila do Conde, para poder vê-lo e abraçá-lo. Mas tenho – temos – de regressar a Lisboa dentro de dois ou três dias, e já não há tempo para essa para mim tão grata visita – que fica assim adiada para o próximo ano, se o quiserem os fados…

Espero que tenha recebido, antes de partir de Portalegre, os 12 exs. do seu livro e os 3 do *Fado* que faltavam (não admira, tinham ido parar – por inadvertência do empregado da expedição – a Coimbra, à Livraria do *Primeiro de Janeiro*! Lá ficaram em consignação, pois não valia a pena devolverem-nos). Estes agora foram registados, pelo que suponho chegaram às suas mãos – ou estarão em Portalegre à sua espera.

Não lhe falei ainda da impressão que me fez a leitura do *Há Mais Mundos* – que fiz em dois dias, tal o interesse que em mim despertou. Reveladoras páginas, bem dignas de toda a sua Obra! Hei-de relê-las ainda, pois não é livro para se pôr de lado depois de lido a vez primeira. Que riqueza de sugestões, de descobertas! Algumas vezes me lembrou este livro, pelo que há nele de transfiguração e de pessoalíssima visão das coisas, a parte mais séria do chamado *surrealismo*. Só que, em si, não há automatismo verbal: cada palavra é intencional e carregada de sentido, nas suas páginas…

Adeus, querido Poeta e Amigo. Não me queira mal por eu, nas últimas cartas, o ter massacrado com desgostantes pormenores "profissionais". Um grande abraço do seu muito grato e devotado

Luís Amaro.

P. S. – Estarei em Queluz – Rua Dr. Gaspar Gomes, 41, 1.º Dto – até ao fim do mês.

*

Vila do Conde
3/9/62

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta de "férias", e quereria escrever-lhe agora com mais vagar; ou mais particularmente. Parece, porém, que as férias em Vila do Conde (se é que um aposentado pode falar de férias) não me deixam muito mais tempo livre: Ando contìnuamente dum para outro lado, encontro-me com amigos que só nesta época vejo, e pouco mais faço. O envio de *Há Mais Mundos* ficou, assim, interrompido; e até há pessoas a quem tencionava mandar este livro e que já o não receberão... já desisti. Ainda encontrei, no entanto, quatro oitavos que se não podem perder, e que juntamente lhe envio com as respectivas dedicatórias, e o pedido de velar por que sejam remetidos aos destinatários. Estes, – não quereria que deixassem de ser recebidos. Suponho que ainda haja folhas não brochadas que, com estes oitavos, possam completar os volumes. Todavia, o meu Amigo me elucidará, tenha mais uma vez paciência. Tenciono estar cá por Vila do Conde pelo menos até ao fim deste mês.

E, por hoje, um abraço deste seu amigo sempre obrigado,

José Régio

*

6 de Setembro – 62.
Meu querido Poeta e Amigo:

Obrigado pelas breves linhas que me enviou, e pelas quais vejo que as suas férias terão sido mais perturbadas do que seria legítimo; o puro desprendimento de todas as coisas é difícil, até mesmo nos que têm uma asa mística. Mas, pensando bem, talvez isso não seja mau, pois o alheamento e o repouso absolutos poderão conduzir à imobilidade egoísta e desumana... Quem sabe se é preciso que os outros nos criem problemas, nos persigam até! (Perdoe este *nos*.) A vida verdadeira talvez seja isto: desassossego, inquietação. No meu caso o sofrimento não provém só do meio circundante, mas – quantas vezes lhe não tenho dito isto! – de mim próprio. Por isso, e já que dentro em mim tenho o meu inimigo maior, quanto gostaria de libertar-me deste dia-a-dia inglório e refugiar-me, por exemplo, numa das terras do Minho que visitei há pouco! Para pagar a Deus ou à Vida o meu tributo de lágrimas e de dor – a minha própria alma já chegava...

Agradeço-lhe, querido Amigo, o *tacto* e a inteligência da sua carta anterior para mim, que vim encontrar já aberta na Portugália (o que não me

surpreendeu e já previa; aliás, tratando as suas cartas geralmente de assuntos que mais interessam à casa, naturalmente, a maioria dessas cartas mostro-as ao Sr. A. Fernandes e ficam, mesmo, no arquivo da casa).

Já seguiram para os destinatários os livros cujos 1.os oitavos dedicou agora. Chegou a receber os tais 12 volumes e mais 3 do *Fado*, que tinham ido parar a Coimbra e, afinal, foram depois para Portalegre logo a seguir à sua ida para Vila do Conde (que nós ignorávamos)? Suponho que o seu "secretário" os teria recebido (a propósito, estranho que o meu Amigo o não tenha industriado já nessa maçadora tarefa de expedir os livros, fazer embrulhos, etc. Compreendo perfeitamente que isso constitua para si um problema, pois o seria até para mim próprio: fazer dezenas de embrulhos de cada livro que publicasse!...).

Estou agora a reler o *Príncipe com Orelhas de Burro* (acabei finalmente, mas ainda em férias em Queluz, a *Guerra e Paz*. Já depois disso, o Ed. Salgueiro ofereceu-me a edição dele[281], muito superior à que li).

Envio-lhe um recorte sobre o *Há Mais Mundos*. Viu, decerto, o artigo e a referência que a Natércia Freire lhe dedicou no *Diário de Notícias*? Não posso deixar de chamar a sua atenção para o entusiasmo e o calor que ela põe sempre nas referências que faz à sua Obra –[282] e no entanto a experiência ensinou-me a não ter muitas ilusões sobre essa Senhora, porque descobri que, em cada favor feito à Portugália ou a mim, estavam ocultas intenções interesseiras – isto muito confidencialmente! Desde o dia em que descobri isso, não mais lhe pedi nada – nem a publicação de "ecos" da Portugália, nem a de artigos ou poemas de autores que só poderiam prestigiar a página (fui eu quem, a princípio, lhe mandou colaborações de Irene Lisboa e tantos outros...).

Quando passa por Lisboa? Há muito que não o vemos por cá!

Li recentemente uma peça de Bernardo Santareno que me impressionou e me pareceu excepcional (mais talvez que o *Felizmente Há Luar*): o *Pecado de João Agonia*[283]. Infelizmente o tema parece-me irrepresentável em Portugal. Conhece essa peça?

Se aí estiver seu irmão Júlio, faça-me o grande favor de lhe dar lembranças minhas, assim como ao silencioso João Maria, de quem há tanto não leio versos.

As melhores saudações do seu grato e sempre devotado

Luís Amaro.

---

281 A Editorial Inquérito editou-a em 1942 e 1957, numa trad. de José Marinho.

282 Parêntesis, no original.

283 *O Pecado de João Agonia* tinha saído, com pref. de Deniz Jacinto, no Porto, Divulgação, 1961, ano de *Felizmente Há Luar!*, de Luís de Sttau Monteiro, em Lisboa, *Jornal do Fôro*.

*

Portalegre
20/11/62

Prezado Amigo:

Há já bastante tempo que não tenho notícias suas, nem lhe dou as minhas. Pois aqui vai hoje esta breve epístola... só para não interrompermos demais as nossas relações. Estive para ir aí a Lisboa, – pela festa do Artur Semedo, que foi meu aluno em Portalegre; e que se estreou no palco, numa rècitazinha de estudantes, com uma peça minha. Assim eu me estreei, também, no palco com ele.

Na véspera, porém, senti-me incapaz de fazer a viagem no dia seguinte. As alergias, ou o quer que é, têm-me perseguido bastante neste outono desconcertante e variável. Resolvi repentinamente não ir. E fiz bem. Os jornais até já anunciavam que "usaria da palavra o eminente poeta José Régio"! Assim a ida a Lisboa ficou adiada, naturalmente para quando começar a haver teatro que interesse.

Tenho trabalhado, durante as férias e agora, na organização dum volume de *Ensaios de Crítica Compreensiva* – Camões, Camilo, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro. O livrinho deve estar pronto dentro em breve, e suponho que, pelo menos, a categoria das personalidades estudadas lhe garantirá uns certos leitores. Sendo ensaios que já foram publicados, aqui ou além[284], sofreram agora uma completa remodelação e um bom desenvolvimento.

No Porto, queixaram-se-me de que as *Histórias de Mulheres* não são enviadas, o que supõe estarem esgotadas. Disseram-me que não convém que um livro esteja esgotado muito tempo, pois esquece. Todavia, não podemos pensar em fazer tudo ao mesmo tempo.

Pedia-lhe um favor: o de dizer ao Senhor Agostinho Fernandes (esqueceu-me dizer-lho na carta que hoje mesmo lhe escrevi) que acho muito feliz a ideia de entrajar *Os Avisos do Destino* com uma capa à maneira dos volumes mais recentes.

E sem mais por hoje. Lá vi, no *Jornal de Letras e Artes*[285], o artigo do A. Pinheiro Torres ao *Há Mais Mundos*. Um abraço do seu amigo,

José Régio

*

[284] Sob o título "Para uma teoria da crítica compreensiva", Régio inseriu vários artigos na *Seara Nova*, entre 28-V-1949 e 8/15-VII-1950. Nas Obras Completas, seriam *Ensaios de Interpretação Crítica*, 1964.

[285] Ano II, n.º 58, 7-XI-1962.

Lisboa, 24 de Novembro – 62.
Meu bom e querido Amigo:

Peço-lhe me desculpe este longo silêncio. Pouco depois das "férias", tive um novo luto na minha vida, e desde aí tenho-me sentido sempre numa depressão nervosa próxima da apatia. A minha única consolação, e a única "salvação" que me resta para as coisas do espírito, ainda é a leitura – mas mesmo essa é feita intermitentemente. O desassossego, a instabilidade, a permanente sensação de malogro vital continuam a roer-me a alma, e a atirar-me por vezes para "outros mundos" – de raiva e desespero, sim, mas desprovidos de transcendentalismo, como são os do seu último livro. Sinto-me cada vez mais distante de Deus – se é que alguma vez estive perto dele. Em mim e fora de mim só vejo um vazio imenso, e o único sentido que a vida me oferece ainda é uma ansiada busca da beleza – através dos livros, como disse. Reli, assim, o seu *Príncipe* e, agora há dias, o *Jacob e o Anjo*; hei-de reler as *Raízes do Futuro* e as *Histórias de Mulheres*. Li quase todos os volumes (os que possuo) das *Obras Poéticas* de Eugénio de Castro, dois livros de Camilo, um do Eça (o *Mandarim* – só agora!), e, nos actuais momentos livres, consagro-os – em parte! – à *Ciociara*, do italiano Moravia.

A notícia de que está a preparar o seu volume de ensaios deu-me muita alegria. Quando nos envia o original?

Que diz à crítica de hoje, no *D. de Notícias*[286], do Gaspar Simões? Não partirá, essa crítica – não totalmente, mas em grande parte –, de um *ressentimento* pela alusão (que ele, evidentemente, interpretou como sendo-lhe dirigida) à "Crítica oficial", num dos contos do volume? Isso lhe obnubilou a habitual penetração e sensibilidade, talvez. No entanto, foi sincero, e de modo algum a crítica lhe é desagradável ou acintosa. Peço aos deuses (em que não creio...) que a reacção do meu Amigo seja de tolerante compreensão. Acredito firmemente na SINCERIDADE do nosso homem; e não é essa uma virtude fundamental num crítico?

Depois de um longo interregno – que me foi doloroso, confesso-lhe – as nossas relações reataram-se, vai para quinze dias. Como tive ocasião de lhe dizer (a si, meu bom Amigo), sempre estimei e admirei muito o Gaspar Simões. É um homem honesto, íntegro. O que dele me afastou foi certo pendor autoritarista, certo "aristocratismo" que afinal era puro *burguesismo*. Mas quantas qualidades – até como pessoa – ele não tem!

---

[286] A crítica é da véspera, 23-XI-1962, sobre *Há Mais Mundos*. À volta do fantástico e maravilhoso em Régio, conclui: «Que José Régio é sempre um grande escritor faça o que fizer, não o ignora nem esquece a crítica, mesmo a míope. Mas que nem sempre dá no alvo tão pouco o ignora e esquece a mesma crítica, míope ou não, […].»

Pronto, por hoje vão estas breves linhas, só para que não pense que a minha estima e a minha dedicação já não são as mesmas...

Um sincero abraço do velho Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
14/12/62

Meu prezado Amigo:

Cá recebi a sua carta. Já sabe que de modo nenhum estranho qualquer demora na sua correspondência. Como se não andasse eu próprio sempre enredado nessas demoras, e não tivesse uma longa experiência de como somos arrastados a elas! Nunca atribuo tais coisas a menos amizade: Se não temos alguma confiança na firmeza de amizade de alguns (não muitos, mas alguns) em que poderemos acreditar neste nosso pobre mundo?!

A minha reacção à crítica do Gaspar Simões não passou duma irritação de momento. A verdade é que, perante *todos* os meus livros de prosa e em especial os de ficção, ele tem sempre uma atitude que deriva duma longa história: A sua objectividade crítica vê-se aí duramente à prova... e não resiste[287]. Desta vez, escrevi-lhe uma carta em que o censurava por ter chamado a si (como se ele fosse *toda a crítica*!) as palavras azedas dum dos meus personagens. A carta ia num tom amigável, e surtiu bom efeito. Por acaso, ele passou cá por Portalegre, numa fuga ao Alentejo, e despedimo-nos amigàvelmente. Oxalá ele pudesse vencer certos complexos! Como críticos estamos às vezes em desacordo, e é isso o que mais dificulta as nossas relações.

Enviei hoje para a Portugália, no nome do Senhor Agostinho Fernandes, o original dos *Ensaios de Interpretação Crítica*. Tenho sempre um medo horrível de qualquer extravio do original, que eu já não saberia reconstituir; nem teria paciência para tal. Peço-lhe, pois, o favor de, *em não mais que duas linhas*, me dar notícias da sua chegada.

E fico aguardando a costumada proposta da Portugália, nas condições do costume, que são as que me interessam. Devo sair de Portalegre no dia 22 de manhã.

E sem mais por hoje, meu Amigo. Se não voltar a escrever-lhe até às Festas, que elas lhe corram o melhor possível. Eu bem gostaria de o ver mais animado! Um abraço do

José Régio

[287] É neste tom uma carta de Régio a Simões, datada de 11-I-1947, após recensão n'*O Sol* a *Histórias de Mulheres*. Ver *Páginas do Diário Íntimo*, ed. cit., p. 92-94.

*

(Particular)
10 – I – 63.
Querido Amigo

As suas notícias fazem-me falta! Sinto-me, de facto, cada vez mais isolado (por culpa minha?!), e o apoio ou um aceno de simpatia de Alguém como o meu Amigo são a minha única consolação (passe a cacofonia), um dos raríssimos confortos morais que posso ter na vida. Além de que a sua amizade (mas não será exigir-lhe muito?) pode *também* – mas num plano que, sinceramente, já me interessa menos, pela faceta "utilitária" que possa ter – defender-me, ajudar-me a levar a cruz ao calvário...

Ainda há dias, numa carta ao nosso Alberto de Serpa, lhe expunha todo o meu caso, e a crise que atravesso (crise que não é duma consciência pequeno-burguesa, mas que pode ter ramificações com estas palavras).

Talvez porque, precisamente por tudo isso, ande algo desorientado, não fiz bem o recibo dos seus direitos dos *Ensaios de Interpretação Crítica*. Efectivamente, dos primeiros 6.500$ que recebeu não se havia passado ainda recibo, pelo que devia ter feito um de 10.000$. O caso não tem importância, visto que lhe envio agora o da primeira importância remetida. Se quiser devolver-mo directamente para mim, com as tais duas palavras que lhe peço, tanto melhor (para a minha morada – Rua Dr. Gaspar Gomes, 41–1.º D.º, Queluz, – se preferir).

O grande e grato abraço do seu mtº admor.

Luís Amaro.

P. S. – O Rogério Fernandes, da *Seara Nova*, vai escrever um artigo sobre o *Há Mais Mundos*, livro que parece tê-lo surpreendido muito agradavelmente (desconhecerá ele a sua obra de ficção?)[288]. E, pedindo-me hoje para lhe enviar os *Poemas de Deus e do Diabo* com o seu prefácio de tantas implicações "anti"-neo-realistas, sugeriu-me que da *Seara* têm o maior interesse na sua colaboração, – particularizando mesmo: um artigo sobre Aquilino, que eles pretendem homenagear a propósito da próxima edição das *Memórias* e por se tratar de um dos fundadores da Revista[289]. Parece que o Augusto Casimiro já lhe escreveu, e ele Rogério Fernandes também, mas o meu Amigo ainda não deu resposta. Embora o mesmo Rogério, que conheço há muitos anos, nem sempre tenha tido para

[288] Ver *Seara Nova*, n.º 1414, Agosto de 1963: 220-221.

[289] "Saudação a Mestre Aquilino" sai no suplemento Vida Literária e Artística do *Diário de Lisboa*, 28-II-1963.

comigo atitudes muito agradáveis, estimo-o e admiro-o como uma bela inteligência e, creio, um excelente moço, de uma formação cultural com que eu, aliás, nem de perto nem de longe posso ombrear (trata-se de um ex-assistente da Faculdade de Letras).

Se acaso a minha "cunha" pode ter alguma validade, ela aqui fica, com mais outro abraço do Luís Amaro.

*

Portalegre
14/3/63

Meu prezado Amigo:

Numa das suas últimas cartas, dizia-me o Alberto de Serpa que recebera notícias suas, mas que essas notícias não eram de todo satisfatórias; que o meu Amigo lhe parecia descontente e desanimado. Perguntava-me se eu sabia alguma coisa de particular a seu respeito. Ora eu não sei nada: Não tenho recebido carta sua; e, da última vez que estive em Lisboa, quase não pudemos falar. Diga-me alguma coisa do que se passa. Eu esperava, dessa vez, termos qualquer conversa um pouco mais pessoal; mas tudo se frustrou! Foi uma viagem minha a Lisboa talvez demasiado *pública*.

Parece-me, às vezes, que o Luís Amaro tem a imaginação inclinada a certas desconfianças porventura não confirmadas pela realidade. A imaginação das pessoas de grande susceptibilidade – muitas vezes as aflige sem grande razão. Mas claro que eu estou a falar sem conhecimento de *factos*. Desculpe-me se também o estou a magoar, não é essa a minha intenção. Como não tenho o tal conhecimento de *factos*, estranho, às vezes, que o meu Amigo se sinta tão infeliz, tão *vencido*, não vendo eu razões objectivas para isso. Claro que a felicidade ou a infelicidade são fenómenos subjectivos. Mas completamente desprendidos de factos?

Eu também tenho andado deprimido. Todavia, com uma razão visível: Já fui operado a uma hérnia, sofri então bastante, e agora terei de ser operado a outra. Não me impede isto de trabalhar. Pelo contrário, *refugio-me* no trabalho. O 5.º volume d'*A Velha Casa* tem avançado muito. Sonho com uma nova peça de teatro, e um volume de contos no género de "Os Paradoxos do Bem" e "Os Alicerces da Realidade", cuja novidade nenhum dos nossos críticos (?) viu. Talvez por isso mesmo sou tentado a insistir; – mas decerto não só por isso: Tenta-me um conto filosófico muito diferente das coisas do Virgílio Ferreira, de que pessoalmente não gosto.

Também quero ir reunindo artigos e ensaios por aí espalhados. Parece-me que a Portugália acabará por não poder acompanhar o ritmo da minha produção... se me ponho a trabalhar com a regularidade que estou tentando; (e se me vejo livre disto da hérnia). Nada mais soube a respeito dos

meus *Ensaios* aí entregues, nem da reedição das *Histórias de Mulheres* esgotadas há um ano. Quanto ao *Jogo da Cabra Cega*, tenho pouca esperança na Censura. Quando puder, diga-me qualquer coisa. Mas, principalmente, de si. Um abraço do amigo

José Régio

*

Lisboa, 20 de Março – 1963.
Meu querido Amigo:

Recebi em Queluz as suas tão há muito ansiadas notícias. Já pensava que jamais voltaria a receber directamente notícias suas, – prazer e alegria que em mim não significam gulodice de autógrafos, visto que muitas das suas cartas para mim ficam arquivadas na casa... Não, a minha amizade tem raízes mais fundas e vai mais além do que a vaidadezinha tola de o ter como Amigo.

Infelizmente, o meu caso não é, como pensa, um caso de imaginação e susceptibilidade exacerbadas. Tem motivos concretos, e estou convencido – eu que, como sabe, tenho sempre tendência para me diminuir, consciente como sou das minhas inferioridades – de que a razão está do meu lado. O que me pôde ter prejudicado foi, talvez, uma certa falta de tacto, uma ingénua confiança nos homens, um certo e estúpido quixotismo, uma franqueza às vezes a confundir-se com rudeza (as tais insólitas audácias dos tímidos) e, principalmente, uma profunda e congénita incompetência para este difícil *ofício de viver*...

Mas deixemos isso. Escrevi há meses ao nosso Alberto de Serpa, na fase em que me encontrava mais desalentado – a fase crítica, digamos, da minha situação que (devo[290] dizê-lo a si, e disse-o ao Alberto de Serpa) não tem que ver – pelo menos nos seus fundamentos – com o Sr. Ag. Fernandes, pessoa a quem tanto devo. Tem que ver, sim, com pessoas grosseiras (e aventureiras), a quem de início facilitei a vida, a quem prestei favores de grande significação moral, mas a quem não pude, também, deixar passar muita coisa, – quando me era mais cómodo não intervir, fingir-me alheio, fechar os olhos...

Perdoe-me que tenha desabafado consigo, como se o meu Amigo não tivesse igualmente relações e problemas, inclusivamente de saúde. E a propósito (e devia ter começado por aqui): como está de saúde? A sua hérnia (de que tive conhecimento recentemente) não será a causadora dessas alergias que tanto o incomodam? E porque não trata disso *a sério* (perdoe-me a familiaridade do conselho)?

[290] No original: «situação (que devo».

Felizmente que a Primavera parece querer começar agora. Hoje está por cá um belo dia de sol, oxalá prenunciador de muitos outros, pois que o Inverno foi simplesmente tenebroso este ano. (Não estará no tempo, também, a causa de tantos sofrimentos morais? Confesso-lhe que dias houve em que me senti um farrapo, e em que me arrastava penosamente, neste triste fadário de ter de ganhar a vida...)

Agora, vamos a coisas concretas:

É opinião de todos os que trabalham na Portugália (incluindo o Sr. A. F.) que estamos na altura própria de pensar nas suas Obras Completas. Não para começarem já, já: mas para se estruturar o plano, amadurecê-lo, delinear as suas bases.

Vários livros seus – registe-o, com devida alegria! – estão esgotados (as *Três Peças em Um Acto* completamente; as *Histórias de Mulheres*, os *Poemas de Deus e do Diabo*, a *Biografia*, o *Jacob e o Anjo*, em vias de se esgotarem completamente). Porque esperamos, pois? A circunstância é óptima para uma reedição conjunta, ou seja: as Obras Completas, em que se integrariam todos os seus livros por publicar: o volume de ensaios, o 5.º de *A Velha Casa*, etc. (Folgo que esteja trabalhando na *Velha Casa*. Quanto à sua produção, nem pense que a Portugália não chegue para lhe dar saída!)

Quanto ao *Jogo da Cabra-Cega*: s. ex.as delegaram na Presidência do Conselho[291] a resolução do caso, mas desde já me deixaram antever a possibilidade de irmos para uma tiragem "fora do mercado". Se assim for, tanto melhor.

Entretanto, facilitar-me-ia muito as *démarches* o levar-lhes os artigos que o meu bom Amigo publicou no *Comércio do Porto* a propósito de Angola (e, se possível, um outro no *Diário Popular* sobre a Índia). Se eu tivesse os recortes desses artigos (mas nem sequer li os do *C. do P.*), já os teria, diplomàticamente, utilizado junto do major Chaves[292] – que é a pessoa com quem me entendo na Censura, e que se mostrou muito consternado com as passagens escabrosas no *J. da C. C.*[293], dizendo-me, muito lamentoso: "É uma pena! é uma pena!" Ainda lhe retorqui: "mas, senhor major, na maioria dos romances que hoje se publicam, traduzidos ou mesmo originais, encontramos o mesmo; a literatura é aliás espelho da vida, e a vida não é cor-de-rosa..." A minha dialéctica, bem pobre por

---

[291] Para este e outros sucessos, importa conhecer *A Acção Repressiva do Estado Novo na Vida e na Obra de José Régio*, ed. de Isabel Cadete Novais / Manuela Laranjeira, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, 2014.

[292] José Sebastião de Sousa Chaves (1893-1977), na Comissão de Censura em Lisboa desde 1928.

[293] *Jogo da Cabra Cega.*

sinal, não conseguiu desvanecer-lhe os temores, ou os pudores. No fundo, segundo o próprio me disse há anos a propósito das *Novelas Eróticas*[294], o que lá na Censura têm, acima de tudo, é o MEDO de assumir responsabilidades. Por isso endossam os casos difíceis *lá para cima* (*sic*).

Claro que, utilizando os seus artigos – publicados, aliás, e que que portanto não são segredo! –, a minha intenção não é comprometê-lo polìticamente (será necessário dizê-lo?). Todos aliás sabem qual a posição política de José Régio, a começar pela Censura.

Fico, pois, aguardando que me remeta esses artigos ou me diga as datas respectivas.

Trata-se, aliás, de uma ideia minha (em que de resto já falei ao próprio major, que não deixou de achar sensata a minha sugestão). A coisa poderia ficar apenas entre nós (nem sequer falei nisto ainda ao Sr. A. F. e muito menos a outras pessoas).

E, agora, de novo as Obras Completas: é assunto que requer conversa atenta. Quando poderá vir a Lisboa? Claro que, antes disso, agradecia nos prevenisse, para, cá na casa, se assentarem ideias entretanto.

– Por hoje, parece-me ter dito o essencial. Desculpe, querido Amigo, a pressa com que sempre lhe escrevo e a pobreza da minha expressão. Mas já sabe que não sou – como poderia sê-lo, meu Deus? – um intelectual…

Aceite o melhor abraço e a melhor estima de sempre do muito e dedicado Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/3/63

Meu prezado Amigo:

Por que não havia de voltar a receber *directamente* notícias minhas? Na verdade, creio que até lhe escreverei mais à vontade para aí, pelo menos de vez em quando, sabendo que ninguém, assim, lhe perguntará o que lhe digo na minha carta. É o que farei, quando quiser que a nossa conversa fique entre nós. Espero que o seu estado de Espírito se tenha desanuveado [*sic*] um pouco. Bem imagino que o seu descontentamento enraíze em factos concretos, – basta conhecer um pouco os homens para concordar que seja assim mesmo. E uma casa como a Portugália está sujeita à ambição e ao cálculo de muito diversas gentes. O que penso, às vezes, é que não haverá razão para o meu Amigo estar completamente

[294] De M. Teixeira-Gomes, com 1.ª ed., *Seara Nova*, em 1935, e 2.ª ed., já na Portugália, em 1961.

desalentado, tendo, como suponho tem, a amizade do Senhor Agostinho Fernandes. Afinal, a vida é uma luta para todos. Pobre consolação, bem sei, para aqueles que, pela sua própria natureza, mais sofrem nessa luta! Várias vezes tenho tido vontade de perguntar-lhe (e sempre tenho receado que a pergunta seja indiscreta) se os Costa Dias estarão implicados em algo que o apoquente. Se tiver qualquer escrúpulo em responder – e embora esta questão seja exclusivamente entre nós – não diga nada.

Eu... cá vou andando. As minhas alergias nada têm a ver com a minha hérnia: São coisa antiga, e esta, recente. Desta, ao menos, poderei curar-me, sendo operado. Tenho andado bastante deprimido com essa ideia, – mas acabarei por desejar sê-lo o mais depressa possível. A verdade é que só hesito entre a operação no Porto ou em Lisboa. No Porto, terei a vantagem de ir convalescer para a minha própria casa, em Vila do Conde. Nestas circunstâncias, não sei se irei a Lisboa por enquanto, embora tivesse vontade ir dar uma vista de olhos à Exposição de Antiguidades agora aberta na Feira das Indústrias. Se for – por estas semanas mais próximas – aí aparecerei na Portugália.

O falar em aparecer pela Portugália me convida às tais "*coisas concretas*". E então, antes de mais, quanto ao *Jogo da Cabra Cega*: O que resolver a presidência do Conselho, é o que se acatará. Bem eu gostaria que o livro pudesse ser reeditado, mesmo numa tiragem não exposta ao público. *Mas não farei nada por isso. De maneira nenhuma* quero que sejam levados os meus artigos aos senhores Censores: Aliás, os artigos nada são do que vulgarmente se julga; – e nem, a bem dizer, tratam do caso de Angola. Também não publiquei nenhum artigo sobre a Índia no *Diário Popular*. Nisto ficamos definitivamente assentes. Esperemos simplesmente a decisão – e mais nada.

A respeito das minhas Obras Completas: Metendo a mão na consciência, verifico o seguinte: Não me interessa, por enquanto, a publicação das Obras Completas. Podemos pensar nisso, falar disso, contanto que isso não implique demora no aparecimento dos livros que pretendo ir reeditando ou editando. Eu, agora, tenho outras possibilidades de trabalho. Além dos dois ou três volumes de coisas dispersas que estou organizando (os *Ensaios* já resultaram disso) vou sempre escrevendo e quero ir editando coisas novas. Se se acumulam, na Portugália, os originais e as reedições a fazer, nunca mais chegamos ao que pretendo, que é *estar em dia* com o público. É neste sentido que eu dizia, e digo, que pode a Portugália não acompanhar o ritmo de publicação que actualmente eu pretenderia. Uma parte da minha obra (em especial a em prosa) tem, talvez, sofrido de, por diversas razões, não aparecer suficientemente ao público. Eis o que eu quereria remediar. E a ideia das Obras Completas, na medida em que possa implicar a não reedição dos livros esgotados senão na devida altura,

– só me pode ser antipática. Desde que os meus livros andem em circulação (vendam-se melhor ou pior) estou satisfeito. Mas aborrece-me que se me queixem (e até já livreiros o têm feito) de que em vão pretendem comprar, e pedem, este ou aquele dos meus livros. Decerto, não tem acontecido muito isto com os livros da Portugália; mas já vai acontecendo... e pode a ideia das Obras Completas contribuir para que mais aconteça. Muita sorte têm os Novos de hoje, que estão a ser contìnuamente reeditados! Os do meu tempo, nem à mão de Deus-Padre achavam editor.

Em resumo: *Quem não aparece esquece*. O que me interessa é reeditar os meus livros esgotados, e não demorar demais na Casa os originais que vá entregando. *Isto é um bom incentivo para levar a cabo o que ainda quereria levar*.

As Obras Completas só me interessam – quando me digam: *É para já*. Mesmo assim, não embaraçando o aparecimento de novos originais.

Como vê, meu Amigo, acabo de lhe falar com o coração nas mãos. De tudo isto, que conviria eu dizer ao Senhor Agostinho Fernandes? Ou poderia o meu Amigo dizer alguma coisa? Aconselhe-me neste capítulo, que tudo ficará entre nós.

Ainda uma coisa que me ia esquecendo: O Alberto de Serpa telefonou-me, dizendo que lhe ia escrever (ou telefonar) por causa duns originais de teatro que me tinham pedido – e estão em poder dele – para o Dia do Teatro. Suponho que ele lhe terá explicado do que se trata. Desculpe mais essa maçada!

Um abraço do amigo sempre agradecido,

José Régio

*

Lisboa, 23 de Março – 63.

Querido Amigo:

Não é preciso mandar os tais recortes (a não ser que mos queira emprestar, ou indicar simplesmente as datas, pois gostava de conhecer os seus artigos).

E não é preciso – para o tal efeito de que falara –, porque o *Jogo da Cabra-Cega* foi autorizado, com uma única condição: sair nas suas Obras Completas, e não independentemente delas. Isto me foi comunicado directamente pelo sr. major Chaves, da Direcção da Censura, em telefonema de há minutos.

Por esta vitória o felicito, e me felicito em parte (se não fosse eu a tratar do assunto, seria outro, aliás...).

Portanto – vamos pensar a sério nas Obras Completas. O Sr. Agostinho Fernandes, cheio de compromissos materiais para este ano, parece não

poder encarar a realização *para já*. Mas isto não são coisas que se façam de um momento para outro: têm de ser estudadas, preparadas, com bastante antecedência. O que convinha – repito – era que o meu Amigo viesse a Lisboa, ou aproveitasse uma sua vinda a Lisboa, – prevenindo-nos porém, antes, para que[295], quando chegasse cá, o assunto estar amadurecido nas suas bases principais, e assim o Sr. A. F. ter já ideias assentes para poder dialogar com o meu querido Amigo.

Recebi, finalmente, notícias do nosso Alberto de Serpa, a quem tinha escrito uma aflita carta em fins do ano passado ou princípios deste. Mas as notícias não são, pròpriamente, uma resposta: telefonou-me por causa dos seus manuscritos para a exposição no Teatro de S. Carlos, manuscritos esses que já estão em meu poder e vão ser entregues a um dos organizadores da exposição, um sr. Nuno Rocha[296].

Sem mais por hoje, sou, com o velho abraço amigo, o muito Admirador

Luís Amaro.

*

Portalegre, 24/3/63

Meu prezado Amigo:

Suponho que terá recebido uns manuscritos do Alberto de Serpa – destinados a serem expostos no Dia do Teatro. Agora, mais esta maçada: Estes que vão aqui, era para serem entregues à mesma pessoa, ou pessoas, para o mesmo fim. Estou envergonhado por abusar assim da sua paciência e da sua amizade. Pediram-me, porém, estes manuscritos, (eu não gostaria de ficar sem ser representado onde estão os meus camaradas) mas deram-me poucas, ou nenhumas, indicações sobre a quem os deveria fazer entregar. Falaram-me na Casa da Imprensa, e quem me telefonou foi o Senhor Nuno Sampaio[297], do *Diário Ilustrado*. Ainda outra coisa:

Disseram-me que alguns meus camaradas ofereciam esses originais expostos, para serem aleiloados, ou vendidos, em benefício dum hipotético prémio de Teatro a criar.

Se lhes derem algum valor, eu também ofereço estes (aliás incompletos… mas foi o que apareceu) aqui juntos. Mas só estes, porque estes são meus.

---

295 para que = para.

296 Jornalista (1933-2016), ficou mais conhecido enquanto fundador e director do semanário *Tempo* (1975-1990).

297 Nota de Luís Amaro, circundando apelido: “aliás Rocha”.

Os originais enviados pelo Alberto de Serpa são pertença dele – e de modo nenhum deveriam ser vendidos. Têm de ser expostos com a indicação de: Pertença do poeta Alberto de Serpa. Oxalá não haja nisto confusões.

Perdôe-me este abuso, sabendo eu que o meu Amigo tem sempre que fazer.

Um abraço reconhecido do

José Régio

*

25 de Março – 63.

Meu bom Amigo:

Recebi há pouco os seus manuscritos de *O Meu Caso* (incompleto) e *A Salvação do Mundo* (que julgo integral) e já os entreguei ao Sr. Nuno Rocha, do *Diário Ilustrado* (e não Nuno Sampaio, que esse trabalha na Gulbenkian).

Entreguei também ao mesmo senhor, com toda as recomendações, os manuscritos que antes recebera do nosso Alberto de Serpa – de *El-Rei Sebastião*, *Benilde*, *Jacob e o Anjo* e *Três Máscaras*. Ele sabe perfeitamente que esses manuscritos são EMPRESTADOS e pertencem ao Poeta Alberto de Serpa. Confio, pois, que não haverá quiproquó (os do costume).

Espero também que o Sr. Nuno Rocha, ou os seus companheiros da Casa da Imprensa, escrevam a agradecer a sua valiosíssima oferta – com que ele aliás se mostrou encantado.

Por minha sugestão, o Sr. Ag. Fernandes vai emprestar-lhes o desenho da Benilde, que mais valorizará ainda a Exposição.

– Quanto à sua carta, que ontem recebi em minha casa:

Obrigado pelas boas palavras. A minha vida tem sido, desde que me conheço, uma luta permanente, – apesar de haver quem julgue que me aburguesei, e quem me inveje a situação... Depois, com mais tempo, voltaremos a falar disto, se vier a propósito.

– Espero que tenha recebido a minha carta de anteontem. Como vê, a condição única que os homens põem é que o livro saia em Obras Completas.

Não creio, aliás, que esta ideia seja tão complicada como parece à primeira vista, – a das Obras Completas. O facto de alguns livros seus não estarem ainda esgotados não me parece inibitório dessa iniciativa. Do Aquilino, por exemplo, ainda temos aqui mil e tal exemplares do *Constantino de Bragança*, editado em 1947...

Repito que se me afigura do maior interesse uma conversa do meu Amigo com o Sr. A. F. e com o Dr. Costa Dias; neste momento, porém,

isso é impossível, pois este último senhor encontra-se, desde há dois ou três dias, no... Aljube, esperamos que apenas de passagem e por motivos de intimidação política (o caso apresenta-se sem gravidade, pois nem sequer fizeram revista à casa, e o senhor não está incomunicável).

Quanto aos seus volumes que não estão esgotados... (reparo agora – no dia seguinte às linhas atrás escritas – que já tinha dito o que penso: que isso não representa impossibilidade). Poderíamos, de resto, pedir ao seu velho amigo Branquinho da Fonseca que nos ajudasse a esgotar essas edições (*As Raízes do Futuro*, *Os Avisos do Destino*, *O Príncipe com Orelhas de Burro*, *A Salvação do Mundo*, *Pequena História da Poesia Portuguesa*, *Em Torno da Expressão Artística*, *Benilde*...).

Enquanto fizéssemos as reedições dos que pràticamente estão esgotados (e são muitos: *Histórias de Mulheres*, *Poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia*, *Fado* – que me tinha esquecido de citar na lista anterior –, *Três Peças em Um Acto*, *Jacob e o Anjo*...) e as edições dos novos livros (folgo com essa intensa actividade editorial, que contradiz todas as depressões e inibições de que se queixa!), os outros ir-se-iam, também, consumindo...

Quanto aos livros que não se encontram nas livrarias – e era isto afinal que eu, ontem, ia começar a dizer –: Porque não no-los pedem os livreiros? Nunca, como nos últimos tempos – há-de reconhecê-lo –, os seus livros estiveram tão divulgados. Lembre-se, meu Amigo, dos anos que o *Príncipe*, a *Moderna Poesia Portuguesa*, o *Em Torno da Expressão...* estiveram esgotados! E mesmo o *Mas Deus É Grande*, o *Fado* e os outros, antes de a Portugália lhes promover as reedições...

O problema é sempre o mesmo: o autor chega a uma livraria, não encontra os seus livros, o livreiro diz-lhe que já os vendeu, e o autor fica muito revoltado contra o editor, como se este pudesse adivinhar que os volumes já estivessem vendidos na livraria tal e tal... O dever do livreiro é pedir imediatamente as obras de que vendeu os últimos exemplares. E só se estiverem completamente esgotadas (como é o caso das *Três Peças*, e só desta por enquanto) é que não atenderemos o pedido.

Sempre que algum livreiro lhe diga, meu bom Amigo, que não tem exemplares de algum livro seu *nosso*, peço-lhe que insista com ele para que requisite mais exemplares ao editor. Até seria excelente, neste momento, esgotarmos o resto dos que estão cá (e pela Província fora, ainda). Embora, nestes casos, os pedidos sejam atendidos em *conta firme*, vou ver se mandam para Portalegre uma nova pequena consignação dos seus livros, pois de facto não faz sentido que, na terra onde vive, as suas obras não estejam à venda – por incúria dos senhores livreiros...

E, por hoje, dou por finda a nossa conversa muito "comercial", não sem que lhe sugira uma carta para o Sr. A. F., a dizer-lhe da extrema conveniência que tem em não adiar mais a reedição das obras esgotadas e

a edição das obras novas: mais ou menos o mesmo que me disse a mim, afinal... Porque eu compreendo perfeitamente que, depois de longos anos de estagnação editorial e também dos seus absorventes trabalhos liceais – que de certo modo o afastavam da actividade literária –, esteja ansioso por *libertar-se* dos trabalhos entre mãos. E claro que para um escritor é sempre desgostante virem dizer-lhe que não encontram os seus livros nas livrarias!

Pronto, por hoje. Desejando as suas rápidas melhoras, sou, com um grato abraço, o velho Amigo sempre dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
27/3/63

Meu querido Amigo:

Muito obrigado por toda a sua actuação em favor da minha representação bibliográfica no Dia do Teatro. Creio que não haverá equívocos a respeito dos originais. Com efeito, era Nuno Rocha (eu sabia-o, mas houve confusão de momento) que me telefonara.

Quanto ao *Jogo da Cabra Cega*, já não é nada mau que possa aparecer nas Obras Completas. Eu preferiria, decerto, que, mesmo numa edição por assinaturas, pudesse ser reeditado sem a obrigação dessa inclusão. Todavia, repito, já não é nada mau o que se conseguiu! Decerto ainda ao meu Amigo o devo, pois duvido de que "outro qualquer" pusesse o mesmo interesse no caso.

Quanto ao que eu dizia sobre livros meus que não aparecem nas livrarias: É natural que assim seja para os que estão esgotados, ou em vias disso e portanto foram recolhidos à Casa. Também é natural para os livros que o Salgueiro não reedita. Eu pensava, dum *modo geral*, em todos os meus livros, incluindo os não editados pela Portugália. Como não hei de reconhecer que à Portugália devo uma divulgação que nunca, antes, obtivera?! Não se alarme demasiado com este ponto, meu Amigo. *E não mande mais livros meus para Portalegre (onde a venda de livros é escassa), – pois nenhum livreiro de Portalegre se me queixou de pedir livros meus inùtilmente*. Queixaram-se-me, sim, no Porto, (e queixam-se-me às vezes particulares) mas vejo agora que se tratava de livros mais ou menos esgotados.

Tudo o que eu dizia a tal respeito provinha do meu receio de que a ideia das Obras Completas obstasse a novas edições e reedições. Confessar-lhe-ei que não consigo, ainda não consigo, entusiasmar-me com esse projecto?

O que me interessa é ver cá fora os *Ensaios de Interpretação Crítica*, reeditar as *Histórias de Mulheres* ou as *Três Peças em Um Acto*, etc. E fazer aparecer o 5.º volume d'*A Velha Casa* quando entregue o original. Isto, sim, que me interessa.

De facto, a minha actividade literária não tem sido afectada pela minha muito especial doença actual. E por uma simples razão: Evitando movimentar-me demasiado (mesmo porque se me torna penoso) e procurando fugir ao aborrecimento que isto me causa, refugio-me no trabalho.

Não sei se, nestas condições, poderei ir a Lisboa breve. Devo ser operado lá para fins de Abril. No entanto, veremos. Espero escrever breve ao Senhor A. F. E sem mais por hoje, um bom abraço do amigo agradecido,

Régio

*

Vila do Conde
30/5/63

Querido Amigo:

Escrevo-lhe estas linhas do Hospital de Vila do Conde, onde fui operado por um operador do Porto. Tudo tem corrido normalmente, e espero voltar para casa (aqui em Vila do Conde) amanhã ou, o mais tardar, no sábado. Que notícias me dá do *Jogo da Cabra Cega* e das Obras? Arranjou-se original? Já começo a pensar outra vez nessas coisas. Mas por aqui me fico hoje, porque ainda estou com pouca disposição para o quer que seja… a não ser para ler coisas ligeiras. As minhas recomendações ao Senhor Agostinho Fernandes e a todos os amigos de Casa.

Um abraço do seu sempre amigo grato

José Régio

*

Lisboa, 30 de Maio – 63.
Meu querido Poeta e Amigo:

Até que enfim – tenho uns momentos disponíveis para vir saudá-lo e saber de si, da sua saúde. Já fez a operação? E sente-se agora absolutamente bem? Desejo-o do coração.

Nos jornais, aliás, vi há poucos dias gravuras da recepção ao enorme e saudoso Aquilino, nas quais o meu querido Amigo figurava. Vejo que o conheceu nas vésperas da morte; ainda bem que se encontraram, que o destino lhe reservou, a si, essa alegria!

Lá fui anteontem ao funeral do Mestre (sim, esse autêntico Mestre de escritores, ainda que incompleto; ah, se ele tivesse a fundura dum Régio

ou dum Raul Brandão, aliada aos incomparáveis dotes de artista literário, que assombroso escritor seria!).

Uma lição se deve tirar desta morte inesperada: que nunca se deve homenagear demasiado alguém, principalmente um escritor (que são sempre uns monstros de sensibilidade!), e ainda mais quando esse alguém já passou dos 70... É, pois, minha convicção de que tantas homenagens e andanças apressaram o fim do Mestre, cuja obra admirável tenho estado a reler – que é a minha maneira de lhe prestar homenagem, e de me assegurar de que ele continua vivo, afinal...

Retomo esta carta em 3 de Junho. Entretanto, morreu também um grande Amigo meu – Ribeiro Couto, de quem tinha recebido notícias precisamente na manhã do dia em que os jornais da tarde noticiavam o seu desaparecimento. Tudo isto, junto a outros desgostos e aos meus problemas de sempre, faz com que a minha "saúde mental" não seja, ùltimamente, nada boa. Daí que não lhe tenha já escrito, a informar-me da sua doença. Felizmente que me diz ter decorrido bem a operação, e que a convalescença é – suponho pelo tom da sua pequena carta – a melhor possível. Ainda bem! Nem tudo, para mim, haviam de ser desgostos...

Vamos agora às chamadas coisas práticas.

O Câmara Leme fez a *maquette* da capa da série *Poesia* – uma águia no género da da colecção Poetas de Hoje. Por isso foi rejeitada, e está a pensar noutra, mais original.

Entretanto, já comprámos – por 1.000$00! – um exemplar do *Jogo da Cabra-Cega*, também já emendado ortogràficamente, e pronto a seguir para a tipografia. Quanto ao formato – parece ter já ficado assente: o das Obras de Teixeira-Gomes. Papel: agrada-lhe o da amostra junto (e que pode ficar em seu poder)? Far-se-á uma tiragem especial, em formato maior, para bibliófilos.

Quanto aos seus direitos... (parece, afinal, que o tal almoço teve poucos resultados práticos. Como aliás todos os almoços...) Seria bom ter falado nisso ao Sr. A. F., mas, visto que a dispersão de assuntos o não permitiu, diga-me o que pensa sobre o caso: pagamento total de cada livro, em troca do original, como se tem feito até agora? Pagamento de uma mensalidade por conta dos seus direitos autorais (e qual o montante dessa mensalidade)?

É já altura de se falar nisto, e imagino que, com as despesas motivadas pela sua doença, a oportunidade não poderia, mesmo, ser... mais oportuna.

Desculpe-me o tom de à-vontade com que lhe falo, e que nem sequer condiz com o sentimento desgostante que tenho, no instante em que lhe escrevo, de mim próprio.

Aguardo as suas notícias e sou, sempre, o muito Admirador e grato Amigo

Luís Amaro.

*

6 de Junho – 63.
Meu bom Amigo:

Queira Deus (o Deus de quem me tenho sentido, cada vez mais, aflitivamente ausente...) que a sua saúde se tenha recomposto, e que se sinta já bom!

Uma boa notícia tenho hoje o prazer de lhe dar: o Prémio da Novelística[298] parece estar quase certo para si (*Há Mais Mundos*). Disse-mo hoje o próprio Alexandre Pinheiro Torres; sendo o júri composto de cinco membros, e tendo os votos dele, do Abelaira e da Lourdes Belchior ido para si, claro que o Prémio está ganho. Os votos do Manuel da Fonseca e do Marmelo e Silva ainda não estavam dados, havendo portanto a possibilidade de serem também a seu favor. Se assim fosse, o prémio seria ganho por unanimidade!

Não suponha que mandámos o livro para concurso, pois tal não faríamos sem sua autorização (que não recebemos). O prémio este ano poderia ser concedido a quem não tivesse concorrido – e foi o caso. A Maria de Lourdes Belchior requisitou o seu livro, o Pinheiro Torres secundou a requisição, e... foi assim que o *Há Mais Mundos* entrou no concurso.

Dou-lhe, antecipadamente – e com um mínimo risco de engano, sempre previsível! –, os meus sinceros parabéns pelos 50 contos que vai receber, e tanto jeito devem fazer às suas obras de antiquário e de construtor de uma casa. (Desculpe-me que lhe tenha chamado antiquário! Estou a escrever ao correr da máquina...)

Peço-lhe duas palavras sobre as Obras Completas. Não sei se o critério cronológico será o mais válido; eu preferiria o do Aquilino – reeditar os livros, nas O. C., à medida que fossem escoando os exemplares das edições anteriores... O *Há Mais Mundos*, por exemplo, não tardará que esteja esgotado.

Mas depois falaremos com mais tempo.

A sua saúde, querido Amigo, e o melhor abraço do sempre Admirador

Luís Amaro.

*

14 – VI [1963].
Meu bom Amigo:

Já lhe dei, antecipadamente, o meu sincero abraço de felicitação. Repito-o agora, depois de confirmada a notícia que tive o prazer de lhe dar – suponho que em primeira mão.

Foi-lhe feita justiça – finalmente!

---

298 Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Espero vê-lo em breve em Lisboa, e que a sua convalescença seja a melhor possível. O tempo, que está agora bom, deve ajudá-lo.

Dentro de dias receberá provas da 2.ª edição do *Há Mais Mundos*. Quer manter o livro tal como saiu, continuando a "historieta de um coleccionador de antiguidades" a fechar o volume? Digo isto porque esse é o trecho que menos agradou, unânimemente, e eu próprio me não entusiasmei com ele (desculpe!). Claro que lá está a sua *garra*; mas, talvez, não fosse em *Há Mais Mundos* o seu lugar próprio; pelo menos a fechar o livro (continuo a achar que as últimas páginas de uma obra são importantes para a impressão de conjunto que essa obra deixa).

Não era esta a carta que queria escrever-lhe, mas exprimir, sim, o meu mais sincero júbilo, a minha alegria, pelo prémio que lhe foi dado (e já o devia ter sido às *Monstruosidades*). Creia: é das raras – raríssimas – alegrias que tenho tido ùltimamente.

Viu as referências nas páginas literárias de ontem, no *Dº de Lxª* e *Dº Popular*?[299]

Receba, meu querido Amigo, o melhor abraço do seu admirador de sempre

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
15/6/63

Meu prezado Amigo:

Obrigado pela sua carta com a excelente notícia depois confirmada. Não tendo havido concurso da nossa parte, (renunciei aos concursos) fiquei plenamente satisfeito. Até também me satisfez que os votos que me foram favoráveis viessem dos mais novos! A gente mais ou menos do meu tempo da *presença*… tem mostrado pouca inclinação para me premiar[300]. Certamente está na razão, mas nem sempre a razão nos é agradável.

Tenho escrito, como saberá, ao Senhor Agostinho Fernandes sobre questões editoriais – as mais recentes. Estou, agora, muito disposto a aceitar a sugestão do meu Amigo sobre a ordem de aparecimento dos volumes das Obras Completas: conforme se esgotarem as edições. Por aqui me fico hoje. De saúde, vou convalescendo sem novidade, e espero sair para Portalegre (por pouco tempo) no fim do mês. Um abraço do camarada e amigo

José Régio

---

299 Publicitava-se a 2.ª edição, 6.º milheiro no prelo, de *Há Mais Mundos*.

300 José Marmelo e Silva publicou "Depoïmento" na *presença*, n.º 1, série II, Novembro de 1939.

P. S. – Poderia conseguir-me a direcção da Maria Barroso e seu marido? Desculpe. R.

*

18 de Junho [1963].
Meu bom Amigo:

Obrigado pela sua carta de ontem[301]. O endereço de Maria Barroso[302] (ou Mário Soares) é: Estrada de Malpique, 2-3.º D. – Lisboa 4.

– Já hoje devia ter recebido aí um livro da colecção Poetas de Hoje, cujo formato é o que ùltimamente sugerimos para as Obras Completas. Aguardamos a sua opinião.

– Quanto à capa, já sei que não morre de amores... Mas há tempo para o C. Leme pensar noutra, conforme as indicações que deu. Entretanto, é favor devolver-nos essa.

– Também devia já ter recebido as primeiras provas do *Há Mais Mundos*. Amanhã seguirão mais, rogando-lhe todo o seu esforço (oxalá a saúde o ajude nisso!) na revisão. Não me fala na sugestão que lhe fiz quanto ao último conto, e confesso estar já arrependido de ter falado no assunto: o livro nasceu assim, foi premiado assim, assim deve continuar, pelo menos nesta próxima edição, não é? Aliás, as opiniões são tão subjectivas! O facto de não se tratar pròpriamente de um conto não quer dizer que não seja um magistral apontamento psicológico. Por mim, não poderei esquecer aquelas duas estranhíssimas figuras de mulher… Desculpe-me, portanto, o atrevimento.

– Sugeri (estamos em matéria de sugestões…) à Arcádia, com cujo gerente me relacionei ùltimamente – ainda que de modo superficial e muito vago –, a inserção, na série O Homem e a Obra, de um estudo sobre o meu Amigo. Como, há tempos, falando nisso ao Gaspar Simões, ele me disse não estar muito interessado em escrever sobre autores *vivos* (isto é, segundo entendi, em *biografar* autores vivos – e não me esqueço de uma piada que ele deu, a propósito, numa crítica ao volume sobre o Paço d'Arcos, na mesma colecção[303]), e como sei que nem o Alberto de Serpa nem o Vergílio Ferreira puderam ou quiseram encarregar-se do *seu* volume, – lembrei o nome de Jorge de Sena, que foi logo aceite. Escrevi nesse sentido ao Sena (em vez de lhe ter escrito, primeiro, a si – desculpe-me, uma vez

301 Carta desconhecida.

302 Maria Barroso foi *Benilde* na estreia de 25 de Novembro de 1947, no Teatro Nacional D. Maria II.

303 A. Álvaro Dória, *Joaquim Paço d'Arcos*, Lisboa, Arcádia, col. A Obra e o Homem, 1962.

mais! Sou às vezes um desastrado…), e ele já me respondeu, propondo as suas condições à Arcádia, mas propondo antes de tudo esta condição: que o biografado, José Régio, concorde com a escolha que se fez, e que dê a sua autorização para que ele possa dedicar-se ao trabalho, que aliás só poderia estar pronto lá para começos de 1964.

É isto que lhe peço, convicto da sua boa vontade e também de que pensará como eu penso: que um estudo do Sena, a seu respeito, só poderá ser coisa excepcional.

Aguarda ansiosamente as suas notícias o velho Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
19/6/63

Meu caro Luís Amaro:

Recebi hoje a sua segunda carta: A anterior deve ter-se cruzado com a minha. Vou devolver-lhe a capa projectada para a Poesia das Obras Completas, e oxalá que o novo projecto nos satisfaça. Insisto sempre no mesmo: Por que não *esboça* o desenhador três ou quatro apontamentos, entre os quais eu escolheria? Custa-me recusar capas que já deram todo o trabalho, já vêm prontas. Também insisto no seguinte: *Antes de mais, visto ser o Jogo da Cabra Cega o primeiro volume a aparecer das Obras, a primeira capa a desenhar acho eu que deveria ser a da secção Ficção Romanesca*.

Também recebi hoje as primeiras provas da 2.ª edição de *Há Mais Mundos*, e o volume de Manuel da Fonseca[304] vindo para amostra do formato.

Vou devolver-lhe com brevidade as provas emendadas. Quanto ao formato da colecção Poetas de Hoje, agrada-me plenamente. Fiquemos, pois, por aqui, e não levantemos novas perplexidades.

A sugestão para supressão, no volume, das "Historietas dum Coleccionador de Antiguidades", claro que a não posso aceitar, – até porque o livro deve sair como foi premiado. Além disso, as opiniões diferem sempre muito. Os críticos Gaspar Simões e Óscar Lopes não consideraram essa historieta inferior. Que ela *não seja um conto*, dada a liberdade actual dos géneros, também é discutível. E quanto ao seu lugar num livro que se chama *Há Mais Mundos* – também me parece assegurado *pelo final* do conto: A introdução do Mistério no trivial corrente... aquela impossibilidade de o coleccionador possuir aquelas peças que tanto desejara... a sua

304 *Poemas Completos*, 2.ª ed., 1963.

necessidade de se descartar delas..., – sabe que foi para chegar aí que eu escrevi esse conto? O papel da rapariga mulata é definitivo.

Todavia, não se desole o meu Amigo por me ter feito a sua proposta: Eu sei que, propondo-me o quer que seja, ou só pensa nos meus interesses ou nunca os esquece. Isto se aplica também à questão da Arcádia. Se me tivesse escrito antes de falar a esses senhores, eu ter-lhe-ia dito que lhes não falasse. Não acho que eles se tenham portado correctamente comigo quando da desistência do Virgílio Ferreira, pois me não deram a mínima satisfação, depois de anteriormente haverem trocado comigo correspondência. Tendo o Virgílio Ferreira desistido, não pensaram mais em mim, ocupando-se de outros autores. Não pensarão, agora, que é um *favor* que me fazem, ou à Portugália minha editora, – introduzirem-me na sua colecção? Não poderá, até, vir-lhes à cabeça que fui eu que lhe sugeri a Você que lhes falasse? De modo nenhum quero que eles alimentem semelhante malentendido [*sic*]. A Casa terá, pois, de se me dirigir, (falo da Arcádia, está claro) e de se entender comigo, se tiver algum empenho em meter o meu nome na sua Colecção, ou eu lhe dar qualquer colaboração para isso. Por mim, eu passo bem sem essa *honra*.

Escrevendo ao Jorge de Sena, também o meu Amigo se arriscou um pouco: Vamos que essa escolha não fosse do meu agrado?! Nunca se sabe ao certo, entre literatos...

Por acaso, porém, aí acertou plenamente, pois a consideração que tenho por Jorge de Sena só pode fazer-me encarar com satisfação a hipótese dum estudo seu sobre as minhas coisas. Simplesmente, tudo isso não passa ainda duma hipótese.

Como vê, meu Amigo, eu sou susceptível ou impertinente em certas coisas: Prezo muito a minha dignidade de isolado que não cultiva o auto-reclame. Repito, porém, que em tudo isso não vejo senão o grande interesse que o meu Amigo sempre tem mostrado pelas minhas produções, – e mais uma vez lhe peço que não fique desolado com estas minhas rabugices. Tudo isto vai muito mal escrito, e à pressa, pois tenho agora pouco vagar, – desculpe.

Um abraço do seu sempre grato,

José Régio

*

Vila do Conde
5/7/63

Meu prezado Amigo:

Recebi hoje carta do Senhor Agostinho Fernandes, a pedir devolução de provas do *Há Mais Mundos*. Mas quando a recebi, já tinha enviado para o correio grande parte dessas provas. Amanhã seguirá o resto.

Numa página das provas enviadas, eu sugeria que me fossem enviadas 2.as provas *só* das páginas que pudessem oferecer quaisquer dúvidas. Dada a urgência de se acabar o livro, *disso mesmo desisto*. O que é preciso é que a revisão final seja aí feita *com todo o cuidado;* e *que o revisor siga à risca a minha pontuação, sem propor nenhuma emenda sua*.

Também lhe vou devolver a folha com as assinaturas a favor da candidatura do Drumond [*sic*] de Andrade. Eu abstenho-me de assinar por uma razão muito simples, que me parece não ter sido pesada pelos que generosamente assinaram: A nós, portugueses, (que já não temos o Brasil por colónia nossa, mas também nos não podemos considerar colónia do Brasil) interessa mas é que a língua *portuguesa* seja representada por um escritor *português*. Favorecermos a candidatura dum escritor brasileiro – é desistirmos de que a língua portuguesa seja representada por quem de direito.

Com muito gosto assinaria eu a favor dum António Sérgio, por exemplo. O Torga não parece menor poeta que o Drumond de Andrade, embora possa não agradar como este aos americanos. A Bessa Luís já tem uma obra cuja originalidade ainda não foi devidamente reconhecida. Etc.

E um abraço por hoje do seu amigo

Régio

*

Lisboa, 16 de Julho – 63.

Meu bom Amigo:

Já sei, através da Matilde R. A.[305], que gostou de estar em Lisboa. Oxalá sentisse à sua volta a atmosfera de carinho e admiração (que se não confunde com bajulação) indispensável a todos os Artistas, principalmente quando são Grandes.

Tenho aqui já uma boa porção de provas da *CABRA CEGA* (ou *CABRA-CEGA*?). Peço o favor de me dizer, em simples postal, para onde devo enviá-las (Portalegre ou Vila do Conde?).

Por hoje, com muito calor e saudoso do seu convívio, sou, com um grato abraço, o

Luís Amaro.

P. S – Os homens da Arcádia chegaram a escrever-lhe? A.

*

[305] Matilde Rosa Araújo.

Vila do Conde
20/7/63

Querido Amigo:

Não lhe respondi imediatamente, porque estava eu próprio indeciso sobre o meu paradeiro (!). Tenho de ir a Portalegre, e não sabia quando ou por quanto tempo. Com este calor, bem me custa! Resolvi agora ir domingo (amanhã), demorar-me lá o menos possível e voltar para Vila do Conde. Com essa demora breve (uns 3, 4 dias?) não terei lá tempo nenhum de sobra. O melhor, pois, será esperar que regresse a Vila do Conde, juntando mais algumas provas, e enviar-mas depois para cá. Vê-las-ei e devolver-lhas-ei o mais depressa possível. No caso de me demorar em Portalegre mais que o esperado, avisá-lo-ia de lá – e então as provas iriam para lá. Aparecem sempre estes contratempos.

Da Arcádia não tive notícias. Peço-lhe que lhes não fale mais no assunto. Abraço do

José Régio

*

Vila do Conde
5/8/63

Meu prezado Amigo:

Enviei-lhe já as primeiras provas do *Jogo* e vou continuar sem demora. Evitar-se-ia grande número de emendas, se o revisor – que é um bom revisor – não se sentisse irresistìvelmente compelido a emendar a minha pontuação e outras minhas particularidades gramaticais. Essa tentação vai nele ao ponto de fazer correcções no próprio original. Não sendo isso, talvez eu até pudesse dispensar segundas provas. Assim, não pode ser: Nunca estou descansado.

Desculpe estas linhas tão apressadas. O desenhista da capa não poderá ter qualquer ideia para a vinheta da ficção? A mim, ainda me não ocorreu nada. Até outra vez, seu amigo

José Régio

*

Lisboa, 24.VIII.63.
Meu Bom Amigo:

Tenho recebido “manchinhas” (como dizem na minha terra) de provas do *JOGO*. Mas necessitamos que nos mande mais, e em maior quantidade, para que o livro possa andar. A edição está muito atrasada, ainda que toda

composta, e ainda por cima irei para férias em começos de Setembro. Não seria possível, até lá, termos cá todas as provas que faltam?

Sei que a Matilde esteve aí, consigo e outros amigos. Telefonou-me ontem a dar notícias, e encantada pelo convívio que aí teve.

Muito à pressa, envia-lhe um grato abraço o velho Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Lisboa, 29.VIII.63.

Querido Amigo e Poeta:

Recebi hoje mais uma porção de provas, e espero receber outra amanhã. Ainda bem que a revisão (a sua revisão) tem sido agora um pouco mais rápida, ainda que também mais exigente – pois, ao contrário do que acontecia nos primeiros envios e como me parece que era sua intenção inicial (não alterar nada), estas têm vindo com profundas emendas no texto. Claro que acho isso naturalíssimo: ao fim de tantos anos, uma coisa ou outra há-de chocar o seu gosto de agora, além de que é admissível aproveitar para corrigir o que se lhe afigurar errado.

Como lhe disse, tenciono começar as férias – férias de 15 dias, ao fim de um ano de desgaste e de desgosto! – lá para 5 de Setembro... se não resolver adiar, pois sinto-me atrapalhado com muitos assuntos pendentes. Gostaria de, até lá, ter todas as provas do seu *JOGO*; será possível?

– Enviaram-lhe hoje de cá 15 exemplares da 2.ª edição do *HÁ MAIS MUNDOS*, que acaba de ser posta à venda, finalmente. Se precisar de mais, peço nos diga.

Quanto ao pagamento, de que há-de já ter estranhado não receber notícias, segue também amanhã um cheque de 5.000$00[306], devendo seguir os restantes 5.000$00 dentro de breve. Está bem? O Sr. Agostinho Fernandes não se encontra em Lisboa, a descansar uns dias em S. Pedro do Sul (o médico prescreveu-lhe férias numas termas, por lhe achar a saúde bastante abalada), e isso ocasionou aqui alguns atrasos na parte administrativa. Se, porém, esta pequena demora lhe fizer diferença, queira dizer abertamente, pois poderei intervir de modo a satisfazê-lo, ainda que o assunto "massas" não seja do meu pelouro. Queira aceitar o mais grato abraço do mtº dedicado

Luís Amaro.

*

[306] Carta 1163, da Editora, que se não transcreve.

Vila do Conde
31/8/63

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta, e já, a estas horas, deve ter recebido todas as provas do *Jogo da Cabra Cega*. Com efeito, não resisti, de certa altura do livro em diante, a fazer umas pequenas emendas que nada alteram da fisionomia própria da obra. Mas até num original que se entrega para ser editado pela primeira vez se fazem emendas dessas, ou muito maiores. Se fazem... ou, pelo menos, se faziam, quando os artistas literários tinham o que então se chamava "a tortura da forma". As tipografias de hoje é que são hoje exigentes... mas em sentido contrário.

Também recebi os dez exemplares do *Há Mais Mundos* (2.ª edição). Já vi um exemplar em que falta uma folha, e ainda não sei se há outros. Devolverei tais exemplares para me serem substituídos. Oxalá não tenham ido muitos assim para as livrarias.

A respeito desta antipática mas inevitável parte que é a financeira, estava pensando em expor à Casa o seguinte: O vale em que me fala (de 5.000$00), ainda o não recebi; mas, também, ainda não chegou o correio de hoje, que, conforme o que me diz, o deve trazer. Com o prémio dos 50.000$00, meti-me a fazer *em grande* as necessárias obras na minha casa de Vila do Conde; tão *em grande*, porém, que já lá vão bastos escudos a mais além dos ditos 50 contos, e eu estou um pouco embaraçado para fazer frente à situação. Obras em casas velhas – vão sempre além do que se prevê. Em tais circunstâncias, lembrei-me de escrever ao Senhor Agostinho Fernandes, pedindo-lhe se (só podendo) fazer-me um adiantamento pelo menos de 10.000$00 sobre o meu primeiro livro (ou primeiros livros) a ser publicado depois do *Jogo*; (ou o 5.º volume de *A Velha Casa*, que está muito adiantado, assim poderia concluir com o espírito mais desocupado, ou qualquer reedição para as Obras Completas). Isto, claro, além do pagamento integral da 2.ª edição do *Há Mais Mundos*. Como vê, pois, meu Amigo, não só me convém receber para já os dez mil escudos completos desta reedição – como me conviria… o tal adiantamento.

Diz-me agora o meu Amigo que o Senhor Agostinho Fernandes se retirou para descanso, e não sei, então, se esta será boa altura, para já, de lhe tocar no caso. Diga-me com toda a franqueza o que pensa sobre o assunto. Como quer que seja, muito sinceramente desejo as melhoras do nosso Amigo, com quem deveras simpatizo, como sabe.

E sem mais por hoje… que já não é pouco para o maçar.

Sempre os agradecimentos e um abraço deste seu amigo,

José Régio

*

5 – Set.º 63
Querido Amigo:

Recebi a sua carta, que lhe agradeço. Infelizmente, o Sr. A. Fernandes só nos começos da próxima semana é que regressa, e o actual chefe do escritório foi obrigado a ir ao Porto, por doença grave do pai. Portanto, as coisas complicaram-se (o que é fácil, neste momento dramático para todos?).

Espero, porém, que tudo se resolva logo que o Sr. Fernandes regresse, e portanto antes de eu partir para férias (que fui obrigado a adiar).

Até lá, o sincero abraço amigo do seu muito admirador

Luís Amaro.

P. S. – A Matilde Rosa Araújo tinha-me dito que o meu Amigo ia ao estrangeiro (finalmente!), mas estou a ver que, afinal, com tantas obras na Casa, ainda não é desta...

*

12.IX.63.
Querido Amigo:

Estou desde ontem para lhe escrever, dizendo que o Sr. Agostinho Fernandes – agora regressado de S. Pedro do Sul – concordou com o seu pedido. Portanto, já aqui está um cheque de 15.000$00, que só não segue hoje porque o Sr. Fernandes já saiu e gostará, decerto, de assinar a carta a acompanhar essa importância. Segue, pois, amanhã!

Começo as férias na próxima segunda-feira (*férias* de 15 dias, mas enfim...). Possìvelmente passarei uns dias em Sintra, não me ausentando assim, desta vez, destes sítios, pois não há dinheiro para longas digressões.

Vão hoje provas (2.as) do *Jogo da Cabra Cega*.

Um abraço, querido Poeta, do seu velho Amigo e Admor

Luís Amaro.

P. S. – Quando se lembrar da sua "velha" promessa de oferta dos volumes da Artis... eu agradeço. É que a minha costela de bibliófilo (em ponto pequeno) tem-se desenvolvido nos últimos tempos, talvez como refúgio das misérias do dia a dia...

*

23-XI [1963].
Querido Amigo:

Duas linhas telegráficas: Estará disposto a ler de novo o *Jogo da Cabra Cega*, nestas folhas impressas? É que, na tiragem especial, a imprimir DEPOIS desta, corrigir-se-iam alguns erros que tivessem escapado (digo: gralhas tipográficas, não alterações ao texto).
Desculpe a pressa!
Sincero abraço do

Luís Amaro[307].

*

Portalegre
25/11/63

Não, meu Amigo, não tenho agora tempo nem disposição para reler uma vez mais o *Jogo*. À custa de os escrever, reescrever, tornar a escrever, copiar, rever provas duas ou três vezes, – a gente acaba por não poder suportar os livros de nossa autoria. A reler agora o *Jogo da Cabra Cega*, eu decerto tresleria, e *nem veria* as gralhas. Aborreço as gralhas de todo o coração. Mas, se elas passaram na edição corrente – que é a que mais me interessa, é a que irá parar às mãos dos meus melhores leitores – que passem, também, na outra! Não me agradariam diferenças entre as duas edições.
E o que lhe pedi me dissesse a respeito dos volumes da Artis?
Abraço do amigo

José Régio

P. S. – Vou recebendo as folhas que me vai enviando do livro.

*

Portalegre
4/12/63

Meu prezado Amigo:

Desculpe-me vir incomodá-lo nestas proximidades do Natal, em que, decerto, terá muito que fazer. Mas só lhe venho pedir uma informação, que é a seguinte:

---

[307] Esta carta 947 inscreve, ainda:
Com um abraço do / LUÍS AMARO / que amanhã voltará à sua presença.
Associam-se, no documento, dois sobrescritos, um de 195?, com a indicação S/ carta.

Sabe dizer-me (informando-se junto de quem o saiba aí) se dos direitos de autor que eu recebi pelas 1.ª e 2.ª edições do *Há Mais Mundos* e reedição do *Jogo da Cabra Cega* a Portugália pagou às Finanças a minha parte do *Imposto Profissional*? Decerto não conviria pagar eu aqui esse imposto, se a Portugália o pagou aí.

Por hoje, mais nada. Passada a azáfama do Natal, teremos de conversar um pouco a sério sobre o ritmo de publicação dos meus livros.

Tenho recebido regularmente as folhas que vão sendo impressas do *Jogo da Cabra Cega*.

As boas-festas, se até ao Natal lhe não tornar a escrever, do camarada e amigo,

José Régio

*

Lx.ª, 5 – XII – 63.

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta, a que espero poder responder agora mesmo (estou à espera que me dêem as informações que me pede).

Aqui está já a informação: a Portugália não pagou às Finanças o imposto profissional sobre as edições de *HÁ MAIS MUNDOS*[308] e 2.ª *Do JOGO DA CABRA CEGA*, nem do 5.º vol. da *Velha Casa*. Para melhor esclarecimento, junto o papelinho que o rapaz me entregou.

– Quanto ao *JOGO DA CABRA CEGA*: Espero mandar-lhe, hoje ainda ou amanhã, as últimas folhas impressas, incluindo o 1.º oitavo. Mandar-lhe-ei também prova da capa, com o pedido de ma devolver no mesmo dia.

Quanto aos livros a publicar... meu Amigo, falaremos dentro em breve. Dir-lhe-ei apenas que, quanto à produção de livros até o fim do ano, só falta que me crucifiquem (sei bem que o meu Amigo não está nesse número!). Basta ver, com olhos objectivos e justos, que *todo o trabalho* de produção de dezenas de livros que temos lançado recai ùnicamente sobre os meus ombros: desde a compra de papéis, cartolinas, seguir o trabalho nas tipografias, contactar com revisores e autores, etc., etc., etc., até mil e uma coisas e coisinhas que me tomam todo o tempo e me mortificam. Meu Amigo, estou angustiado, e não sei o que será de mim se ninguém me ajudar a libertar-me disto.

Um desolado abraço do seu

Luís Amaro.

[308] Nota manuscrita de L. Amaro: (1) aliás, quando saiu a 1.ª, ainda não havia o imposto, aplicável só a 1962.

P. S. – Envio-lhe um pacote de livros para fazer o favor de autografar para um cliente da casa, amigo do actual chefe de escritório. Chama-se o homem JOAQUIM HENRIQUE CARVALHO DE LEMOS E FIGUEIREDO.

Desde já lhe agradeço esta maçada, a juntar a tantas outras que lhe tenho dado!

Voltando aos seus livros: Claro que, se não se publicasse tanta obra inútil e màzinha (e que, editorialmente, dá tanto trabalho como um bom livro), haveria tempo para dedicar às boas obras, como as suas! E claro também que isto não representa da minha parte uma justificação para o facto de só ter sido possível fazer um volume das OBRAS COMPLETAS (cujo lançamento estava previsto para este ano, mas que, devido a, na secção de publicidade, não terem preparado a propaganda respectiva – para assinaturas, etc., etc. – já não sei se sai efectivamente ainda este mês: coisa que me disseram hoje de manhã, e que não deixa de estar ligada com o estado de angústia em que lhe escrevo). A verdade é esta, meu Amigo: uma situação caótica, sucedeu-se, aqui na casa, uma autêntica *ditadura*, de que estou a ser – sem imaginação! – uma das vítimas. Tudo melhorou, quanto a disciplina e a rendimento do pessoal, organização, etc.: simplesmente, trata-se, como disse, de uma *ditadura*.

E eu não posso mais aturar ditadores, nem das direitas, nem das esquerdas – tão odiosos como aqueles! Ah, se o nosso Alberto de Serpa pudesse fazer alguma coisa por mim, lá no *Janeiro*!

Creia na gratidão do Luís Amaro.

2º P. S – Acresce ainda que não sou eu quem programa os livros a sair. Só envio originais para a tipografia depois de indicação da "direcção literária".

*

Lx.ª, 7 de Dezembro – 63.

Querido Amigo:

Espero que tivesse hoje recebido as minhas notícias de ontem, a que não tenho muito a acrescentar... Um dia chegará em que, ultrapassados todos os limites, não poderei mais comigo e com os outros; até lá, vou esgotando as minhas reservas de paciência, de compreensão e de humildade, com a plena consciência da minha imperfeição e das fraquezas de carácter dos outros. Talvez para muita gente esta minha atitude seja a dum fraco, dum pusilânime, dum vencido... Entretanto, aguardo, suporto (o *tem que ser!* dum verso de A. Gedeão[309] que ontem li). Tudo talvez porque tenho a minha Mãe viva, com 75 anos, muito doente, e crucificada de

[309] De "Estrela da Manhã", sem ponto de exclamação.

desgostos e sofrimento. Tenho, pelo menos para com ela, o dever de ir suportando a minha cruz.

– Desculpe esta introdução dramática (creio que não melodramática), e passemos a outro assunto mais suave:

Deve receber hoje, neste correio, as últimas folhas impressas do *Jogo*; vão agora imprimir a tiragem especial, que demorará muito menos.

Conto enviar-lhe dentro de dias os costumados exemplares do primeiro oitavo, para as dedicatórias (que pena, não poder poupá-lo a essa tarefa!) e também, talvez um pouco depois, os 100 da última folha da tiragem especial, numerada, e que se destinam à sua assinatura (tarefa pior ainda!).

Entretanto, falou-se aqui hoje da possibilidade de o livro sair este ano ainda (eu acharia absurdo que, estando pronto, fique para o ano, só porque não se fez a campanha publicitária preparatória do lançamento de um empreendimento desta importância editorial: recolha de assinaturas, etc.). Acrescentei mesmo que o Autor devia ficar aborrecido se a obra não saísse nesta quadra.

É muito provável, pois, que o livro saia até ao dia 20.

Claro que grande parte do meu desgosto provém disto mesmo: de que querem todos os livros para o Natal, e muitos deles, por circunstâncias que me são alheias mas de que me querem, à viva força, transformar em bode expiatório, não podem sair mesmo.

Aliás, para fazer ideia do meu esforço, basta o meu Amigo acompanhar o movimento editorial da casa: a editora que mais livros publica! Mas acham pouco ainda.

– Perguntam-me se o meu Amigo estaria disposto a colaborar num colóquio sobre a sua Obra, em Lisboa ou no Porto, para que o lançamento das Obras Completas tivesse uma certa retumbância, reflectindo-se na venda das mesmas.

Deixo o assunto à sua meditação.

Gostaria de receber umas palavras suas: as "comerciais", para aqui; as particulares, para Queluz. Mas, com estas últimas, não se preocupe: sei que não pode resolver o meu problema; não perca, pois, tempo com assuntos inúteis.

Envia-lhe um sincero abraço o seu sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
10/12/63

Meu querido Amigo:

Escrevi-lhe hoje mesmo uma carta *oficial* para a Portugália, na qual trato dos nossos assuntos livrescos. O que nela não disse, pois não convi-

nha, (e só digo aqui entre nós) é que vejo a Portugália tão atarefada em publicar originais e traduções da mais variada espécie (alguns... valeria a pena?) que receio que os meus livros, que não são *best-sellers* nem vão nas "novas vagas", fiquem um pouco para trás. Ora a gente, quando chega a certa idade, pensa todos os dias na escassez do tempo que ainda poderá ter diante de si...

Mas deixemos isto, que não está dito claramente na minha carta, mas se subentende nas entrelinhas.

Quanto ao seu caso, meu Amigo, penso sempre que a sua sensibilidade e a sua susceptibilidade, que são agudas, exageram um pouco os factos... escurecem a realidade. Em qualquer parte onde esteja empregado, Você (por que não havemos de nos tratar assim, mais simples e familiarmente?) encontrará sempre razões de descontentamento e sofrimento. Esta será sempre a cruz dos homens extremamente sensíveis e insatisfeitos quer com os outros quer consigo próprios. Não sei, claro, o que se passa na Portugália. Mas se diz Você mesmo que tudo, agora, corre melhor, e se para tudo correr um pouco melhor é preciso firmeza de pulso, por que não deixa correr o que pertence à responsabilidade dos outros, e incide sobre trabalho alheio..., fechando-se Você um pouco no seu posto? Também eu aborreço ditaduras. E perfeitamente sei que a da extrema esquerda, com ser clandestina e subterrânea, não é menos opressiva nem tem menos eficácia. Algumas vezes tenho sentido eu próprio as suas ameaças ou secretas sanções. Todavia, reconheço que[,] em certos momentos e situações, nada chega a ser resolvido sem medidas ditaturiais [*sic*]. Creio que o Senhor Agostinho Fernandes o estima. Se é assim, já tem aí um grande apoio.

A sua carta anterior sugeria a possibilidade de se empregar no *Janeiro*. Mas além das mudanças que isso traria à sua vida, já instalada em Lisboa, – pensa que não iria encontrar no *Janeiro* colegas idênticos, idênticos motivos de insatisfação e luta, idênticas medidas ditaturiais? Se algum pequeno aborrecimento (de que talvez nem ele haja dado conta) tenho eu tido com o nosso Serpa, é desde que ele trabalha no *Janeiro*. E esses motivos, que nele vejo, do meu aborrecimento – sei bem que não vêm *de ele*, mas de ser ele obrigado a servir normas do jornal... ou caprichos de quem no jornal manda mais do que ele. Onde há homens imperfeitos que trabalham juntos, e todos somos imperfeitos, há sempre recíprocas razões de descontentamento. "O inferno são *os outros*", diz o Sartre[310]; e às vezes, muitas vezes, é verdade. Simplesmente, *o outro* também está em nós próprios. E sem *os outros*, que são o nosso inferno mas também, às vezes, um bocadinho do nosso relativo céu, – como poderíamos viver?

310 "L'enfer, c'est les autres", *Huis Clos*, 1943.

A sua cruz, meu Amigo, (como aliás a de nós todos) sobretudo lhe pesa porque nasceu consigo. Não digo que não haja factos externos que justifiquem, *em parte*, o seu pessimismo e o seu desânimo. Todavia, creio que Você próprio é um dos seus inimigos, pela susceptibilidade dolorosa que lhe é própria; – e contra a qual tem, ao mesmo tempo, de ter paciência e de lutar.

Compreendo que estes meus dizeres, na precipitação destas palavras que não estou a calcular, lhe pareçam ligeiros ou até injustos. Em parte o serão; mas sempre fica outra parte a considerar...

E o que tudo isto quer dizer é que me interesso pelo seu bem-estar, (coisa sempre relativa na vida de cada um) e que bem gostaria de o ver não digo mais resignado num sentido que implique renúncia à dignidade, mas... como direi?: mais preparado para resistir e mais reconciliado com a vida, que apesar de tudo não é sempre má. Talvez precise a gente de chegar a velho para atingir esta *sagesse*.

Mas talvez mais valha não a ter e ainda ser novo, isto é: ainda poder esperar. Você ainda é novo, não é aleijado, tem uma Companheira, tem a consolação de poder valer a sua Mãe, julgo que não tem demasiadas preocupações financeiras, tem alguns amigos..., – tudo isto não vale nada?

E termino pelo princípio: A sua sensibilidade, a sua susceptibilidade, a sua imaginação, (talvez, também, um pouco de orgulho doloroso) o seu retraimento, – não colaborarão numa sua situação na Portugália que em parte poderá Você mesmo corrigir, melhorar?

Desculpe estas hipóteses, e até qualquer dia em que nos vejamos ou lhe volte a escrever.

Um abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
10/12/63

Querido Amigo:

Tenho recebido sempre as folhas que vão sendo impressas do *Jogo da Cabra Cega*, e agora recebi a primeira e a última. Não sei se o livro ainda sairá este ano. Dos *três* volumes que o Senhor Agostinho Fernandes me dissera sairiam até ao fim de 1963 ("*pelo menos*") nenhum saiu senão... a 2.ª edição de *Há Mais Mundos*. Todavia, a Portugália tem publicado muitos livros e tem agora muitas colecções. Há hoje, por aí, autores que fazem sair três e quatro *originais* por ano! Decerto são mais felizes do que eu junto do público.

Já agora, não me importa de maior que o *Jogo* saia, ou não, este ano. O que não pode é demorar-se muito o seu aparecimento, – para não atropelar

o do 5.º volume de *A Velha Casa*. Como não quero que as reedições (das Obras Completas) impeçam o aparecimento dos livros inéditos, e como ainda quero ou espero vir a publicar alguns destes, mas como não conto com muitos anos de vida, – tenho de ser um pouco impertinente e pretender um movimento regular e activo quanto ao aparecimento quer de reedições quer de primeiras edições de obras minhas. Penso que este movimento tem de ser bem regulado para o próximo 1964, e anos seguintes. Os *Ensaios de Interpretação Crítica* estão, por exemplo, entregues à Portugália, tendo-me sido pagos direitos de autor, – vai fazer um ano não tarda muito.

O 5.º volume de *A Velha Casa* está pràticamente escrito. Ando a reescrever várias passagens, o que demora, comigo. Não entregarei, porém, o original sem a certeza de começar a ser composto. Ao menos, na minha mão, sempre lhe posso fazer correcções, – de que sou insaciável.

Resumindo: Compreendo perfeitìssimamente que a Portugália tem de pesar os seus interesses, e atender aos seus vários autores em número sempre crescente. Por meu turno, eu projectara (agora que tenho mais tempo para trabalhar) um movimento de publicação que, na verdade, pode ser de realização difícil. Temos, pois, de tentar conciliar as nossas respectivas posições. Os anos correm, a vida *urge* para quem já não é novo. Não posso deixar de pensar que, se não continuassem nas colecções do Salgueiro, a *Pequena História da Poesia Moderna Portuguesa*, o *Em Torno da Expressão Artística*, *O Príncipe com Orelhas de Burro* e o *Davam Grandes Passeios aos Domingos...* (no prelo) não seriam recentemente reeditados, não o poderiam ser, como foram. Conclusão: Um autor como eu (com uma obra vasta e vários volumes – de todos os géneros – em organização) dá muito que fazer a uma Casa editora, pertencendo a uma só Casa. Isto é um facto... não é uma ideia discutível.

Desculpe-me este arrazoado todo! Bem sei que o Luís Amaro nada tem a ver com isto senão por sempre se haver interessado pelos meus livros, por estar empregado na Portugália, e por também sempre haver mostrado interesse em nos ligar como estamos ligados, – a Portugália e eu. Por tudo isto me habituei a, geralmente, o fazer intermediário entre mim e a Casa..., como se o meu Amigo já não tivesse trabalho de sobra.

Não quereria que nenhuma destas minhas ligeiras considerações aborrecesse, nem de leve, o Senhor Agostinho Fernandes, a quem envio os meus afectuosos cumprimentos. O que se diz numa carta é sempre pouco, – e às vezes parece *demais* por a palavra escrita se tornar mais pesada. Qualquer dia passo por aí, e conversaremos.

Sem mais – e basta! – um abraço do camarada sempre amigo,

José Régio

P. S. – A respeito da lombada do *Jogo*: Não sei como será composta, se em sentido longitudinal ou vertical. Eu talvez preferisse este,

JOSÉ RÉGIO
Obras Completas
Jogo
da
Cabra Cega
romance

mas deixo a solução ao organizador gráfico. Só lembro que, a vir o título em sentido longitudinal, desejo manter a tradicional disposição, que não obriga a torcer a cabeça para ler o título. J. R.

*

12 – XII – 63.
Querido Amigo:

Agradeço-lhe, do coração, os seus conselhos amigos – que, partindo de si, claro que são de aceitar e, principalmente, de agradecer. Façamos de conta que eu exagero no que lhe disse; sei que não é assim, mas também tenho a consciência das minhas terríveis limitações, a começar pelas das chamadas "habilitações literárias" (a minha única habilitação literária é, afinal, a minha sensibilidade, a minha intuição para a literatura – não digo como criador, mas como... espectador, como leitor gratuito). Por tudo isso me limito, uma vez mais, a "deixar correr", não sem que também deixe entrever, quando excessivamente me pisam, que me sinto magoado e revoltado. O meu mal – além de outros – é o de uma humildade que faz com que, estando na casa há mais de 20 anos, me não saiba impor e, até perante um reles empregadito que tenha entrado para cá há meses, a minha atitude seja de quase timidez, de humildade ao pedir qualquer coisa... Ainda há dias a minha Companheira me fazia sentir isso mesmo.

Mas, querido Amigo, não falemos mais disso... por enquanto. Desculpe aturar-me, aceite os meus sinceros agradecimentos pela sua carta tão amiga – só o tempo que lhe fiz perder! –, e passemos a assuntos mais úteis:

Segue hoje uma carta da casa, assinada pelo Sr. A. F. mas redigida pelo Dr. C. D.[311] – Pede-me o Sr. Fernandes que lhe diga quanto lamenta só publicarmos um volume das O. C. e que, pessoalmente, gostaria de conversar consigo sobre o assunto (quanto a mim, o segredo da impossibilidade está nisto: enquanto, durante o ano, perdemos tempo – tão necessário! – com as obras dos meninos acabados de nascer, e com tanta coisa má

311 Costa Dias.

que se deita fora, deixamos de atender outros valores que mais alto se alevantam, e que deviam estar primeiro – na primeira fila! Um livro mau dá tanto trabalho a fazer como um livro bom... Quanto a esforço, o que lhe posso dizer, querido Amigo, é que, entrando aqui às 9 da manhã, tenho saído ùltimamente perto das 8! E, tendo o pessoal "semana inglesa", rara é a tarde de sábado a que posso chamar minha...)

– Seguem amanhã para Portalegre 40 primeiros oitavos, para dedicar o seu livro a Críticos (oh, a Críticos! como se houvesse muitos...) e aos amigos. Mandar-lhe-ei uma lista, a que poderá juntar as suas ofertas.

Também seguirão, amanhã ou depois, os 100 exs. da última folha da tiragem especial, para fazer favor – e grande favor, pois equivale a forte estopada! – de assinar.

Por tudo lhe fica muito grato o que, por hoje, e já algo saturado de mais um dia de trabalho (são neste momento 7,30), é, muito gratamente, o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O Gaspar Simões fez o favor de me enviar hoje a sua nova peça[312]. Por sinal gosto do teatro dele, embora o não considere genial.

2º P. S. – Nada respondeu quanto ao *Colóquio*, mas já calculo qual a sua reacção.

*

13 – XII – 63.

Querido Amigo:

Aqui vai uma lista, muito incompleta (ou por de mais completa), das pessoas a quem oferecer o *Jogo da Cabra Cega*. Claro que alguns nomes foram apontados a título de mera sugestão. É possível que, para evitar a sua inclusão no *Index*, não seja prudente oferecer à *Brotéria*; mas o P. Manuel Antunes parece-me ser, acima de tudo, um estudioso da sua Obra[313], e um superior espírito.

– Seguem, pelo correio, os oitavos e e as folhas para rubricar (uf!).

– A propósito de Padres, segue junto o recorte de um artigo a seu respeito, na *Lumen* (revista oficial do Clero)[314].

---

312 *Marcha Nupcial*, Lisboa, Bertrand, 1963.

313 Ver "Três poetas do sagrado: Pascoaes, Pessoa, Régio", *Brotéria*, vol. LXV, n,º 1, Julho de 1957: 42-61, reprod. em *Do Espírito e do Tempo*, Lisboa, Ática, 1960: 147-182, e "José Régio, Poeta", *O Comércio do Porto*, 14-VI-1960, reprod. em *Estrada Larga*, 3, Porto, s. d. [1962?]: 262-266.

314 Zacarias de Oliveira, "Apontamentos sobre José Régio", *Lumen* / Revista de

Um abraço, mais sereno (à custa de Tranquilles, aqueles comprimidos que lhe recomendei...), do sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Desdobrei todas as folhas da tir. esp.[315], para facilitar o seu trabalho, que não será pequeno. Não se assuste, portanto, com o facto de a numeração não estar por ordem. As folhas voltarão, depois de numeradas POR NÓS (ao numerador), ao estado devido. Oxalá, no fim de tudo, que não fiquem demasiado enxovalhadas, com estes desdobramentos e viagem de ida-e-volta.

Agradeço-lhe muito o favor de não reter muito tempo em seu poder essas folhas, para que a tiragem especial possa sair conjuntamente com a vulgar (dia 19).

– Quanto às ofertas, basta que nos envie já as mais urgentes (A. Salema, N. Freire, etc.), para que os jornais nos ajudem a propagar o livro. M^to^ obrigado! L. Amaro.

*

14 – XII [1963].

Com o abraço do Luís Amaro e pedindo-lhe desculpe o desgraçado revisor Salgueiro!

Agradeço o favor de responder aos assuntos pendentes e... uma vez mais, de desculpar a minha "correspondência" última, tão descuidada e apressada.

*

Lisboa, 17 – XII – 63.

Querido Poeta e Amigo:

Tenho a satisfação de lhe anunciar a remessa do primeiro exemplar do seu *JOGO DA CABRA CEGA*, a cuja ressurreição – permita-se-me a vaidade, a mim, cujo complexo de inferioridade não pode ser igualado! – não sou alheio. Parece-me que ficou uma bela edição; o Autor dirá.

Espero receber amanhã os primeiros oitavos com a dedicatória, e também a última folha da tiragem especial, já assinada. Perdoe o grande trabalho – puramente mecânico, principalmente o de assinar – que isto lhe deu. Por mim, iria uma tiragem especial mais pequena...

Cultura do Clero, Set.-Out. de 1963: 758-761. Critica a prolixidade d'*A Velha Casa*, concluindo por um Régio que não aceita a Igreja.

315 Tiragem especial.

Como o custo do livro não pode fixar-se nos 40$00 inicialmente previstos, mas subiu para 55$00, a Gerência achou justo compensá-lo desse aumento, a exemplo do que já fez em casos anteriores, em relação ao meu Amigo. Assim, vão mandar-lhe um cheque de mais 3.000$00, que oxalá sirvam para dar, a si próprio, um bom presente de Natal.

E pronto. Hoje – e prometo que nas minhas notícias próximas – não falarei de mim, não me lamentarei mais. A vida é luta, e a sina dos homens é lutar!

Com esta frase bombástica me fico. O abraço firme e muito amigo do sempre dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
20/12/63

Querido Amigo:

Escrevi ontem ao Senhor Agostinho Fernandes sobre projectos editoriais, – mas a carta não pôde seguir ontem. Seguirá hoje, pois, com esta. Creio que o Senhor Agostinho Fernandes lhe comunicará os tais meus projectos.

Ao meu Amigo quero repetir o que lá digo, que fiquei muito satisfeito com a apresentação do *Jogo da Cabra Cega*. Mais uma vez lhe estou obrigado, pois bem sei o interesse que tomou pelo reaparecimento desse livro condenado.

Suponho terá recebido as folhas autografadas da edição especial, e algumas com dedicatória que lhe enviei hoje. Não demorarei a enviar as restantes. Sobre os volumes que eu tenha a receber, peço me não envie nenhuns sem receber informações minhas. Decerto precisarei de alguns em Vila do Conde e outros em Portalegre. Sem mais, um abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
20/12/63

Querido Amigo:

Escrevi-lhe hoje para a Portugália. Estas linhas, agora, são só para lhe dizer que se não coíba de *desabafar* comigo, ou de "se queixar" como entender, – quando sentir que isso lhe dá qualquer pequeno alívio. Com os amigos é que essas coisas são naturais. Com quem há de a gente compartilhar o que nos pesa mais a sós connosco?

E outra coisa: Pedindo-lhe certa paciência para os seus desgostos lá na Casa, também não quis dizer que *se deixe pisar ou magoar*. Isso, não. Compreendo que certa sua timidez ou humildade (pelo menos aparentes) possam provocar até abusos da parte daqueles que não entendem certas coisas. Mas tolerar esses abusos – também não estaria bem.

Recebi com prazer, está claro, a notícia de que me iam enviar mais 3.000$00 pelo aumento do preço do *Jogo da Cabra Cega*. Como parto para Vila do Conde na madrugada de 2.ª feira (23 do corrente) convinha que essa importância, a não vir entretanto, me fosse enviada para lá. Tratando-se dum vale (que para mim seria o melhor!) tanto pode vir passado no meu verdadeiro nome como no meu pseudónimo. Se for um cheque para ser recebido em Vila do Conde, na mesma. Agora se for cheque para ser recebido no Porto ou em Lisboa, convinha que viesse no meu nome de *José Maria dos Reis Pereira*.

Recebi, há dias, um embrulho com vários livros meus, enviados de aí. São para autografar?

Estas coisas devia dizê-las na carta que lhe escrevi para a Portugália; mas esqueci-me.

E basta por hoje. Desejo-lhe Boas Festas, e, muito sinceramente, um bom começo de ano.

Abraço do seu amigo

José Régio

*

Lisboa, 23 – XII – 63.

Querido Poeta e Amigo:

Recebi e muito agradeço as suas novas notícias. Oxalá tivesse também recebido, ainda em Portalegre, o cheque de 3.000$00 (em que notei que o seu nome civil não estava rigorosamente exacto, mas creio que isso não constituiu impedimento) e também os 10 exemplares, mais um especial, que lhe tínhamos enviado com vista às suas ofertas de Natal mais urgentes.

Lembro a extrema conveniência em oferecer já ao nosso Alberto de Serpa (a quem ontem escrevi rogando a sua protecção, junto do Campos de Figueiredo[316] – pai do genro do Presidente da República – para o meu amigo Vasco Granja[317], que se encontra preso no Aljube. Poderá o meu

[316] Poeta, biógrafo, dramaturgo e ensaísta, José Campos de Figueiredo (1899-1965) era pai de Antero Campos de Figueiredo, casado com Maria Madalena Rodrigues Tomás, filha mais nova de Américo de Deus Rodrigues Tomás.

[317] Vasco Granja (1925-2009) foi o principal divulgador do cinema de animação na televisão.

Amigo dar-lhe também, ao Alberto de Serpa ou ao próprio C. de F., um humanitário "toque" neste sentido? O rapaz é o que se chama *uma jóia*, e confrange-me sabê-lo, nestes dias de fraternização muito retórica e muito teórica, atrás das grades, na gelidez da prisão).

Seria bom que o A. de S. falasse já do *Jogo* na próxima página do *Janeiro*.

– Espero que nos envie mais oitavos, com urgência, para as devidas ofertas. Não sei se na lista pus o *Victor Falcão*[318], que se desunhou a escrever a seu respeito e merece bem um exemplar; é, além disso, amigo de há 40 anos do Sr. Fernandes, e creio que, nos bons tempos, chegou a ter certa importância no movimento "modernista" (quem sabe se foi amigo do Pessoa?). Lembro também o pobre *Rebelo de Bettencourt*[319], que escreverá na *Viagem* e num jornal dos Açores.

Agradeço-lhe ainda que rubrique um dos oitavos em nome de JOAQUIM HENRIQUE CARVALHO DE LEMOS E FIGUEIREDO, amigo do actual chefe de escritório, e que pretende comprar o livro; são também para ele os livros que lhe mandei para Portalegre, para fazer favor de autografar. Obrigado, desde já.

– Renovo os meus votos de BOM NATAL, junto de seus Irmãos, a quem peço o favor de me recomendar.

Um grande e grato abraço do seu dedicado

Luís Amaro.

*

31 – XII – 63.

Querido Amigo:

Que o ano que amanhã começa lhe traga a continuação da boa saúde (e, creio, da boa disposição moral) dos últimos tempos. E também novos êxitos literários e, conseguintemente (pode dizer-se assim?), editoriais. A propósito – o *Jogo da Cabra Cega* tem sido um relativo *best-seller*! Tenho esperança que não demore muito a esgotar – embora receie que desta vez nos falte o "patrocínio" da Gulbenkian, muito importante sempre. Eles se calhar não se atrevem a adquirir, para as multidões, um livro tão comprometedor..., de fazer corar as meninas provincianas...

Recebi hoje mais oitavos, que já mandei para a oficina de brochura,

---

318 Secretário-geral da revista monárquica *A Ideia Nacional* (Aveiro, 1915), Victor Falcão (1866-1966) será mais conhecido pela sua assinatura no *Diário de Lisboa*. Articulara sobre Régio no *Diário de Notícias*, 17-I-1963.

319 Jornalista açoriano (1894-1969) partícipe do *Portugal Futurista*, autor de *A Função Social do Teatro* (1929), entre outras obras.

para que depois venham os livros e eu possa expedi-los. Parece que não vinha o exemplar do Vítor (ele escreve Victor) Falcão, seu desbordante panegirista (publicou em livro o "profundo estudo" que lhe consagrou, e ao Torga e a outros, no *Diário de Notícias*).

Vamos mandar para a tipografia, espero que depois de amanhã (a minha liberdade de acção está muito por baixo!), o seu livro de ensaios.

Renovando os meus votos, peço-lhe me creia sempre dedicado e grato Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Parabéns pelo belo poema "Elegia a uma Borboleta"[320], que só é pena tenha vindo no *Praça Nova* – jornal que "cheira" demasiado a coisas que não nos são caras, embora se não apresente, pelo menos nos últimos n.os, com um aspecto abertamente político.

– O meu amigo Vasco Granja continua preso, apesar das minhas "démarches". O Campos de Figueiredo de que lhe falei é realmente o poeta (creio que uma figura típica de Coimbra, mas não um mau poeta, quanto a mim). Não sei se o nosso Alberto de Serpa chegou a fazer alguma coisa junto dele; o que sei é que o pobre rapaz lá continua no Aljube, e a família aflita, como é natural... Pobre mundo o nosso, na verdade; pobre e triste!... Amaro[321]

*

[320] Corrigindo título na nacionalista *Praça Nova*, n.º 13: "Epitáfio para uma Borboleta", que sairá em *Colheita da Tarde*.

[321] Em anexo:

José Régio. *Há Mais Mundos*. Lisboa. Portugália. 1962. 40$.

The new book by José Régio, poet, novelist, dramatist, and essayist, already in his lifetime considered a classic in Portuguese letters, is a collection of seven short stories. All seven, as the title announces, are set in a fantastic ambiance and a phantasmagoric atmosphere, dear to certain adherents of modern literature. But Régio's fantasy, if one can call it such, is of the old style, because it is nourished in the depths of psychology. The author declared himself to be "the miner of the inner world". The fantasy of Régio attempts to be also moral and metaphysical. If the author in his last book has not been able to transmit either the hallucination or the moral to the reader, there remains, nevertheless, the great storyteller whose epic basks in its innate lyricism. His exceptional literary influence for good and for bad in Portuguese literature would be worth a scholarly study some day.

F. Listopad

Porto

Books Abroad / University of Oklahoma Press / Norman, Oklahoma, U.S.A. / Autumn 1963

Portalegre
8/1/64

Querido Amigo:

Deve ter recebido mais três oitavos para volumes a enviar. Não sei se ainda por cá terei mais algum dos que vieram. Se tiver, farei mais alguma dedicatória.

Incluo nesta carta o recibo dos 3.000$00 que me chegaram como acréscimo. Dizem-me, no Porto, que o *Jogo* se vai vendendo muito regularmente. Oxalá!

Como deixei em Portalegre um dos pacotes de volumes – pois preciso de ter lá alguns exemplares, para o que der e vier – necessitaria de receber aqui mais uma meia dúzia de eles. Será abuso da minha parte (aliás determinado pelo *abuso* dos pedidos que me fazem)? Já não me atrevo a confessar que gostaria de receber o *Teatro* do Brecht[322]...

Continuarei *em Vila do Conde* até meados de Fevereiro, pelo que toda a correspondência me deve ser dirigida para cá.

Os *Ensaios de Interpretação Crítica* estarão já na tipografia?

Desculpe todas estas maçadas, e um abraço do seu amigo

José Régio

P. S. – Os volumes chegam um pouco amolgados. Será preciso acondicioná-los bem. J. R.

*

Vila do Conde
23/1/64

Meu querido Amigo:

Começo por agradecer (peço-lhe para transmitir este agradecimento ao Senhor Agostinho Fernandes) o acréscimo de mais dez exemplares do *Jogo da Cabra Cega*. Com estes exemplares a mais me dou por satisfeito – e certamente já a Casa tem sido muito generosa comigo. Também recebi uma primeira e uma segunda remessa de prova dos *Ensaios* – que estou revendo com verdadeiro afan [afã]. Creio que, desta vez, não haverá demoras na devolução. Amanhã ou depois devolverei, corrigida, a primeira *fornada*, e a restante se lhe seguirá sem delongas. O revisor aí da Casa continua a fazer emendas que eu tenho de inutilizar, – parece que não há meio de o nosso homem compreender que os meus *erros* de pontuação ou ortografia são voluntários. Paciência! Sempre, às vezes, pode ele chamar-

322 Os 3 vols. de *Teatro* de Brecht saíram em 1961, 1963, 1965.

-me a atenção sobre qualquer coisa que não esteja dentro dessa voluntariedade.

Com a segunda remessa de provas vieram alguns novos oitavos. Vieram simplesmente para o que "der e vier", ou tem a Casa interesse em que eu os autografe, ou dedique, para alguém em particular?

Se vir qualquer artigo publicado sobre o *Jogo*, o qual me pode escapar aqui na província, agradecia-lhe que sobre isso me chamasse a atenção. Os juízos sobre este livro interessam-me, ou interessam-me particularmente.

Vejo que a mancha tipográfica dos *Ensaios* é um pouco menor que a do *Jogo*. Mas o formato e as dimensões dos volumes serão iguais em todas as Obras Completas, não é verdade?

Também lhe peço para, enquanto lha não agradeço de viva-voz, agradecer ao Dr. Augusto da Costa Dias a oferta do seu volume garrettiano[323]. Abraço do seu amigo

Régio

*

Lx.ª, 1 de Fevereiro – 64.

Meu bom Amigo:

Perdoe-me esta ausência de notícias. Mas "isto" (o "meu mundo") não tem estado nada bem... Desequilíbrio, ansiedade, desgosto. Saturação!

Envio-lhe hoje 2.as provas dos seus *ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO CRÍTICA* (da parte de que tinham vindo 1.as). Aguardo com o maior interesse a vinda das restantes 1.as, que têm demorado um bocadinho. É preciso que o livro esteja pronto neste mês de Fevereiro! O revisor é um pouco parvo, por insistir em coisas que já sabia. Paciência – que é o que eu tenho de ter em grau supremo, para aturar os outros e, principalmente, para suportar-me a mim mesmo...

– Leu o longo "espicho" do A. Salema ao *Jogo da Cabra Cega*?[324]

– O nosso Alberto de Serpa não dá notícias. Que lhe terá acontecido mais? Pobre amigo. Não me sinto melindrado com o silêncio dele, porque sei que a vida lhe tem sido, em vários aspectos, dramática (ainda que devesse ter pudor em escrever esta palavra).

---

323 *Viagens na Minha Terra*: Reprodução exacta do texto da primeira edição e com as emendas, ainda inéditas, feitas pelo Autor em um exemplar que lhe pertenceu, hoje existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Espólio de Garrett), introdução e notas de Augusto da Costa Dias, 1963.

324 Em Livros e Autores, *Diário de Lisboa*, 30-I-1964. O que haja de pejorativo em «espicho» é negado pela crítica de Salema sobre «um extraordinário livro».

Receba o grande abraço e a sincera estima de sempre do seu dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Não percebi se o seu agradecimento dos 10 exs. do *Jogo* se referia aos livros recebidos ou a receber. – Quanto aos oitavos, são para dedicar a quem quiser. Lembro o David M. Ferreira, muito interessado em reler o *Jogo* e escrever sobre ele.

*

Vila do Conde
4/2/64

Querido Amigo

Aqui lhe mando uma página que ficou esquecida, e que deve ser junta às que ùltimamente lhe enviei.

Também recebi as 2.as provas da primeira parte enviada, e que lhe devolverei sem demora, como as restantes 1.as provas. Ainda estou em Vila do Conde até meados do mês. Abraço do seu amigo

José Régio

*

12 – II – 64.

Com o melhor abraço amigo e rogando toda a urgência na devolução das provas que o revisor lhe envie hoje directamente.

– Como no livro há grande abundância de itálicos (foi uma pena não termos corrigido logo os títulos, o que evitaria reclamações da tipografia e ameaças de nos facturarem a muita composição inutilizada! Um sarilho que infelizmente se dá frequentes vezes), como havia muitos itálicos, marquei o corpo 8 red.[325] para as transcrições dos versos. Oxalá lhe não desagrade isso!

Um abraço muito constipado e desorientadíssimo do seu devotado

Luís Amaro.

P. S – Aguardo o oitavo para David Mourão Ferreira!

*

[325] Redondo.

Lisboa, 21 – II – 64.
Meu bom Amigo:

Espero que tenha recebido as novas provas do seu livro – esta revisão tem sido trabalhosa! – e espero também que não demore a devolução.

Tenho pena de que a minha vida, nos últimos meses sobrecarregada de trabalho, me não permitisse acompanhar detidamente a revisão; ou até mesmo fazer eu a revisão, mesmo em casa (aqui, nem pensar nisso), o que aliás, naturalmente, não seria gratuito, visto termos de pagar a revisão a qualquer revisor. Teria, por exemplo, aberto maiores espaços entre as alíneas ou subdivisões do estudo sobre Camilo, em que só agora, ao folhear as provas com um pouco mais de tempo, reparo. Também noto, na p. 85, traduzido por *O Homem sem Particularidades*[326], um título que já tenho visto mencionado como *O Homem sem Qualidades*.

Fiquei satisfeito por anuir na grafia Dostoievski, que é aliás a habitual nas nossas traduções do escritor (e também nas dos Est. Cor, que está publicando as Obras Completas dele). Permiti-me emendar Panait Istrati, em vez de Panai, e Virginia Woolf, em vez de Virgínia. Mas, como lhe digo, nada li ainda, nem – descanse! – revi ou me permiti alterar o que quer que fosse (isso seria imperdoável!).

Gostaria de lhe escrever carta. Ando tão cansado! Creia na sempre na [*sic*] dedicação do

Luís Amaro.

*

Portalegre
25/2/64

Querido Amigo:

Estou, finalmente, de regresso a Portalegre. Aqui lhe envio mais dois oitavos do *Jogo*, dedicados. Ainda tenho mais uma meia dúzia deles, que vou pensar a quem poderei oferecer.

Recebi, e agradeço, os dois novos volumes da colecção de Poesia (Alberto de Serpa e Edmundo Bettencourt). Era *fatal* que um prefácio a um volume do Bettencourt[327] atacasse a *presença* – com a[s] já costumadas ignorância e injustiça.

Enviei-lhe ontem, ainda de Vila do Conde, as últimas segundas provas dos *Ensaios*. É certo que a revisão destas provas tem sido um pouco

326 No longo estudo "Camilo, romancista português", Régio manteve assim este título de Musil.

327 *Poemas de Edmundo de Bettencourt*, prefácio de Herberto Helder, 1963.

"trabalhosa", como diz. Mas eu não posso fugir a fazer correcções nas provas. Saltam à vista, no texto impresso, coisas que se não viam no manuscrito; e eu ainda sou do tempo em que se tinha "a tortura da forma" e se emendavam e reviam provas meia dúzia de vezes. Ao [À] Inquérito, ou quando era eu o editor dos meus livros, nunca pedia menos de três a quatro provas. Eram outros tempos...

A tipografia onde foram compostos estes *Ensaios* é a mesma que compôs o *Jogo*? Não parece. Há, agora, uma quantidade assustadora de letras desalinhadas, e ainda escapam muitas à revisão.

Sem mais por hoje, pois lhe escrevo à pressa mal chegado a Portalegre. Depois escreverei com mais vagar.

Um abraço do velho amigo

Régio

*

Portalegre
3/3/64

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe mando, para mais o favor de perfazer os volumes e os enviar aos destinatários, os últimos oitavaos [oitavos] que me sobravam. Espero não tornar a maçá-lo com envios do *Jogo*; – e gratamente reconheço que a Casa já tem sido muito generosa comigo possibilitando-me tantas ofertas: porque ainda cá tenho em meu poder uma boa dúzia de exemplares, que enviarei eu próprio (ou entregarei pessoalmente) a quem entender.

Como vão os *Ensaios*? Escrevi-lhe de Vila do Conde umas linhas secas e precipitadas, – o tempo não dava para mais. Estou agora aqui até à Semana Santa, data em que darei outra saltada a Vila do Conde. Trabalho activamente na conclusão do 5.º volume de *A Velha Casa*. Espero estar aí em Lisboa no próximo dia 11, para ver uma peça do Claudel. E certamente, se for, aparecerei por aí, se não nesse dia, no seguinte.

As minhas lembranças ao Senhor Agostinho Fernandes e a quem, aí, se lembre de mim com amizade.

Um abraço do seu amigo sempre grato,

José Régio

P. S. – Viu, no último Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* (5.ª feira última), o artigo que lá publiquei?[328] J. R.

*

[328] "Questões de literatura / Resposta a um poeta", 27-II-1964.

Lx.ª, 9/3/64.
Meu bom Amigo:

Desculpe-me a ausência de notícias. Tenho, ùltimamente, atravessado várias crises, de que me parece estar talvez a emergir; vamos a ver... embora as minhas esperanças de uma vida melhor se tenham quase destruído inteiramente, para darem lugar a um cepticismo mais ou menos conformado... até um dia.

Neste período de depressão moral e até física (fortes constipações contribuíram também para me sentir de mal com a vida), a algumas leituras tenho recorrido, como lenitivo ou evasão: pois uma delas – o famosíssimo *Adeus às Armas*, de Hemingway – só serviu para exacerbar o meu tédio, deixando-me num estado de estupidez e vazio como há muito não sentia; tive de largar esse livro, quase a meio, não só por nada me dizer como por sentir que me estupidificava (uma "obra-prima"!). E voltei a ler um livro seu – *As Raízes do Futuro* –, que me consolou; e iniciei, ontem, a releitura dos *Avisos do Destino*...

O seu artigo-carta aos jovens Poetas fez sensação, tanto quanto sei através das minhas poucas relações (que se resumem pràticamente aos que frequentam a casa, pois não vou a cafés nem tertúlias – além de não morar em Lisboa). O próprio Vitorino Nemésio, que por acaso aqui esteve – pela primeira vez – no dia seguinte ao da publicação do artigo, me falou nele com palavras de concordância. O Sr. A. Fernandes claro que também gostou! E é igualmente claro que só os "jovens poetas" não gostassem... O curioso é que, aqui há tempos, o Herberto Helder (que não é bem um desses "jovens poetas") me dizia, a propósito de um original poético que lhe demos a ler pedindo-lhe a opinião: "os poemas são bem feitos, o livro não é mau, mas, lendo alguns à minha companheira, ela teve esta reacção: esse parece teu; esse é Gomes Ferreira; esse é Maria Teresa Horta; esse é Ramos Rosa; este verso é do Cesariny..." Quer dizer: o Herberto Helder não reconheceu personalidade *original* nesse seu jovem camarada, aliás não desprovido de dotes artísticos. Precisamente a mesma coisa que o meu Amigo diz no seu artigo...

Claro, eu sei que os que cultivam a amizade dos Novos, os que adulam a Juventude, tiram partido da sua sinceridade, do seu desassombro; e, no íntimo, esfregam as mãos de contentes... Ainda há tempos um desses velhos Poetas, que diz estar sempre com a gente nova – recusando-se a ter mais de 20 anos[329] –, me dizia, quando publicou o seu profético artigo sobre o Sttau Monteiro: "veja se o Régio já ajudou ou *revelou* algum novo"... Repliquei-lhe: mas publicou artigos sobre o Sebastião da Gama, o

[329] José Gomes Ferreira.

Reinaldo Ferreira[330], não falando do seu entusiasmo pela Bessa Luís; e, quanto a camaradagem, não se pode acusar um homem que tanto fez pela Irene Lisboa, o Botto, outros mais... – Pois sim, pois sim, mas esses são casos especiais, com que procura reforçar os seus pontos de vista críticos: autores que *o servem*, não casos demonstrativos de generosidade... Não me lembro já que lhe respondi, mas não fiquei convencido, evidentemente!

Os seus *Ensaios* começam amanhã a imprimir. Se sempre estiver cá no dia 11, e houver tempo para isso, poderíamos aproveitar para autografar os 100 exs. da tiragem especial. Poderá ser?!...

De facto, a tipografia não é a mesma. Mas isso faz parte de outra história, que, se tiver tempo e oportunidade, lhe contarei em Lisboa.

Queira receber o grato abraço do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

*

16 – III – 64.

Com um abraço, a alegria de ter estado consigo (alegria! Palavra totalmente deslocada no inferno que é a minha vida) e os Votos de que tivesse feito uma excelente viagem!

Luís Amaro.

*

Aljustrel, Domingo de Páscoa – 64 [29 de Março].

Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe do *nosso* Alentejo, mas do Baixo Alentejo, onde vim passar a Páscoa com minha pobre Mãe (muitíssimo doente) e meus irmãos e sobrinhas. Parto hoje mesmo, e de Lisboa lhe darei novas notícias sobre o seu livro, de que vai imprimir a capa. Recebeu, decerto, todas as folhas impressas – e oxalá lhes não encontrasse muitas gralhas. Estou com vivo interesse de o ler – e de aprofundar o meu conhecimento, ainda precário, do grande Camilo.

Continuo a reler os *Avisos do Destino* (que trouxe comigo) e agora mesmo acabei o capítulo da visita a casa de Ricardo Abrantes (Afonso Duarte? não atino quem seja.) Ah, é um livro que vale bem a pena reler, para quem não queira ser mais papista que o Papa – isto é, para quem sonhar verdadei-

330 "Nota sobre Sebastião da Gama", *Távola Redonda*, fasc. 16 e 17, 30-IV-1953; "Sebastião da Gama", suplemento literário do *Jornal de Almada*, 5-II-1961; prefácio à 2.ª ed. de Reinaldo Ferreira, *Poemas*, Portugália Editora, 1966 [1960].

ramente captar o essencial de uma Obra (e sabê-lo-ei eu?). Envia-lhe um grato abraço alentejano, e os desejos de Feliz Páscoa, o seu dedicado

Luís Amaro.

*

7 – IV – 64.
Meu bom Amigo:

Vamos a ver se me deixarão escrever-lhe umas rápidas linhas, a anunciar o envio dos habituais oitavos (desta vez foram 50, que é claro não se destinam forçosamente a ser *todos* autografados. É favor devolver-me os que o não forem) e dos desenhos de duas vinhetas do Câmara Leme, para as rubricas Teatro e Poesia.

A capa dos *Ensaios* está a imprimir – e o livro sai na sexta-feira! Estou aflito para ter prontos não só o seu mas uma reedição do Redol (ainda a meio da impressão – e tem que sair também na sexta-feira!), um volume da nova colecção Problemas (nada menos que *Condição do Padre: Casamento ou Celibato?*[331]), um volume de Contabilidade; etc. (Lá fui interrompido agora, e sê-lo-ei mais vezes por certo. Tenho que abreviar:)

Junto uma pequena lista das ofertas habituais; é possível que, na pressa, me faltem vários nomes. Ficarão para depois.

Dê as suas notícias ao seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

[Abril de 1964]
Meu bom Amigo:

As folhas que faltam seguirão por estes dias, assim como as provas do 1.º e último oitavos.

– Oxalá a demora do seu regresso a Portalegre se não deva a doença!

Um abraço grato e amigo do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Oxalá, também, que, depois de tantas provas, eles não trocassem linhas à última hora, nem introduzissem novas gralhas! Se seu Irmão tivesse tempo de ler tudo... terá de cingir-se à 3.ª edição (quer que lhe envie um exemplar?), que aliás era igual à 2.ª (mais uma razão para, oportunamente, não ter pensado na hipótese da refundição).

---

331 De Pierre Hermand, 1964.

– O embrulho a que alude deve ser o das últimas folhas da tiragem especial dos *Três Ensaios*.

– O Almeida Faria perguntou-me há pouco se o meu Amigo não lhe oferecia os *Três Ensaios*...

E, por hoje, e pedindo-lhe desculpa da esferográfica, dos cartões e da escrita descuidada (menos que coloquial... constantemente interrompido, quase inibido de escrever duas linhas decentemente),

Creia-me sempre o seu dedicado

Luís Amaro.

Não ofereceu o livro à Maria Aliete Galhoz? E à Matilde? Conviria ir tomando nota dos nomes a quem tem dedicado.

*

Portalegre
14/4/64

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, os oitavos dos *Ensaios* para as costumadas dedicatórias, as *maquettes* para as capas de Poesia e Teatro, e, finalmente, os três primeiros exemplares dos mesmos *Ensaios*. Com tudo isto, era para já lhe ter escrito. Mas tenho tido uma vida ocupadíssima e preocupada; várias coisas, nos últimos tempos, têm concorrido a cansar-me; de modo que só hoje vão estas linhas, como prenúncio duma reacção contra certa inércia a que não posso abandonar-me. Quero ir a Lisboa, porque preciso de ver duas coisas: A Exposição de Antiguidades, e a peça de Valle Inclan [Valle-Inclán] que o *Nacional* apresenta[332]. Espero demorar-me aí o menos possível, não posso agora demorar-me... no entanto suponho que sempre poderei dar um breve salto à Portugália. Nesse caso, levarei os oitavos assinados, e os desenhos das capas. Deve suceder a ida por toda esta semana. Já não vale a pena estar a enviar nada pelo correio, nem tratar por escrito do quer que possa tratar breve de viva voz. Desde já direi, no entanto, que as capas me agradaram plenamente, como já eu esperava acontecesse pelos esboços que já vira. É certo que a águia da Poesia, não sei bem porquê, me dá pouco *águia*. Mas será desejável, aqui, um realismo que ela talvez não tenha?

O mocho da capa dos *Ensaios* está magnífico; e o volume[333]estaria in-

[332] *Divinas Palabras*, desde 5 de Abril no Teatro Nacional D. Maria II, com direcção de José Tamayo.

[333] A partir daqui, encontra-se o seguinte comentário manuscrito a lápis em fim de página, desconhecendo-se autoria: "dá vontade de rir! Teria José Régio esquecido as edições da SER e da EDUCAÇÃO NACIONAL?! Enfim..." [SC]

teiramente satisfatório, se a tipografia compositora tivesse sido a mesma do *Jogo*. Esta... não me parece poder oferecer a mesma perfeição nos alinhamentos, ou não sei como digo. Será caso para pensar se tratar da composição de *Jacob e o Anjo*, que, como toda a obra de teatro, oferecerá mais dificuldades de composição ao menos por exigir variedade de tipos.

Leu, na *Seara Nova*, que o Cochofel qualificou de "*puros dislates*"[334] os juízos do Helder no prefácio aos poemas do Bettencourt? Ainda bem que apareceu alguém, alheio à *presença*, capaz de dizer o que se tornaria suspeito na boca dum *presencista*.

E sem mais por hoje, senão que também recebi, e agradeço, os dois volumes recentemente editados pela Portugália, e oferecidos pelos seus autores, *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa* (reedição) e o 2.º volume das *Polémicas de Camilo*[335].

Um abraço do seu sempre grato,

José Régio

*

20 – IV – 64.
Querido Amigo:

Com os meus votos de que tivesse regressado bem, e que a tarde de sábado lhe fosse sumamente agradável – bem como o jantar desse mesmo dia, com o Príncipe da Crítica Portuguesa, como eu amigàvelmente lhe chamei da última vez que estive com ele –, venho enviar-lhe a lista das ofertas, desta vez muito completa. Conto enviar hoje os livros para os destinatários (que falta me faz um ajudante para estas pequenas coisas – fazer rótulos, etc. É certo que a expedição não é comigo, mas também... era o que faltava).

Gostei muito de ter estado consigo, ainda que quase só aqui na Editora (quando poderemos dar um passeio, um dia, em Lisboa? e darmos uma volta pela Livraria Portugal, ao menos, onde aliás não vou há anos).

Disse que gostei muito de estar consigo porque, além do mais, a sua presença tem o condão de me libertar, ainda que momentâneamente, dos fantasmas que me oprimem.

Claro que continuaremos a conviver: acabada a releitura dos *Avisos do Destino*, vou começar a das *Histórias de Mulheres*. Pouco me falta para ser "especializado" em José Régio! Há, porém, estudos críticos seus que me falta ler atentamente (a propósito: "foi-se-me" um exemplar que tinha

334 De facto, «meia dúzia de dislates», no n.º 1442, Abril de 1962: 117.

335 De Augusto da Costa Dias e Alexandre Cabral, respectivamente.

de *Críticos e Criticados*[336] e emprestei ao Pinheiro Torres. Ele não sabe o que lhe fez, e isto devia servir-me de lição).

Um grande e grato abraço do seu muito dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
28/4/64

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, com a lista das personalidades a quem foram enviados exemplares dos *Ensaios*, e também recebi um volume com exemplares deste livro. Muito obrigado por tudo. A lista já está avantajada. Não sei se poderemos manter, com os próximos volumes, tal generosidade. Mesmo assim, porém, e dado que desta vez foi tal generosidade adoptada, ainda esqueceram uns três ou quatro nomes costumados. Também tenho em Vila do Conde, ou no Porto, amigos e parentes cujos nomes não incluí aí na lista. Pedia-lhe, portanto, se poderia enviar-me ainda meia dúzia de oitavos, que eu preencheria. Espero não abusar mais da benevolência da Casa Editora.

Toda a gente tem continuado a aplaudir a apresentação gráfica das Obras Completas.

Outro assunto, que peço perdão de novamente trazer à baila: o da liquidação de volumes (particularmente da edição especial de *Jacob e o Anjo*) adquiridos à Editorial Ser pela Portugália. Peço desculpa da insistência; mas o homem lá da Ser, que é um pouco irascível e se queixa de escrever para aí cartas sem resposta, também insiste comigo a tal respeito. Vale a pena, não é verdade?, findar a Portugália com essa quase ridícula questão.

Como digo ao Senhor Agostinho Fernandes, estou terminando o 5.º volume de *A Velha Casa*. Qualquer dia talvez me apresente aí com o original, pois não sei se me arriscarei a enviá-lo pelo correio. Nestas coisas tenho receios quase infantis... ou parvos. Por exemplo: Sempre desconfiei dos correios – que é das nossas melhores organizações!

Adeus por hoje. Aqui junto um cartão para o Senhor José António Machado, que me enviou a sua tradução da *Ciociara*[337], e que peço para lhe fazer chegar às mãos. Um abraço do seu amigo,

José Régio

---

336 Com o subtítulo «(Carta a Um Amigo)», nos Cadernos da *Seara Nova*, 1936.

337 Portugália, 1962.

*

28.IV.64.
Meu querido Poeta e Amigo:

É apenas para o informar que o David Mourão-Ferreira (o talentoso David!) faz amanhã um programa – "Música e Poesia" –, na Emissora, às 10 da noite, inteiramente dedicado à Poesia de seu Irmão Júlio. Esse programa é repetido na 2.ª f.ª às 10 da manhã.

Repito: amanhã, quarta-feira, é a primeira "versão" do programa.

Aguarda notícias suas o dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Estou a escrever também ao Poeta interessado, a informá-lo.

2.º P. S. – Creio que o A. Salema fala já na próxima 5ª fª acerca dos seu *Ensaios*.

*

7 de Maio [1964].
Querido Amigo:

Só duas linhas para lhe dizer que está em nosso poder o volume enviado do *Jacob e o Anjo* (sem quaisquer emendas!). Por estes dias a casa lhe escreverá.

Ouviu a tal "palestra" do Mourão-Ferreira, na Emissora? Gostei. (Refiro-me à sessão dedicada ao Poeta de *Sangue*[338].)

A Natércia fala hoje de si, no *Diário de Notícias* (pág. liiterária [*sic*])[339], em termos de quem não está zangado... Acho que a crítica do A. Salema, no *Dº. de Lisboa*[340], embora bem intencionada, está abaixo do nível do livro (já sabe o que quero dizer. Principalmente o seu ensaio sobre Camões merecia bem mais calor! E o sobre Camilo também! Não falo dos outros porque ainda os não li com o tempo que requerem).

O grato abraço do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

*

338 Saúl Dias.

339 No seu 'Inventário da semana' (onde Natércia Freire não assina), elogiando os *Ensaios de Interpretação Crítica*.

340 Sobre *Ensaios de Interpretação Crítica*, 30-IV-1964.

Portalegre
9/5/64

Querido Amigo:

Volto hoje a escrever-lhe – só pelo seguinte, e desculpe a insistência: Mais uma vez recebo carta impetuosa do meu Amigo das Edições Ser: Repete que vendeu à Portugália os volumes *de luxo* (?) do *Jacob e o Anjo*, dezenas de exemplares de *Os Avisos do Destino*, que isto não chegou a ser pago, e que ninguém responde às cartas que sobre tal assunto escreve à Casa. O homem é um pouco *chato*, *chateia-me* com o assunto, mas, sendo como diz, tem alguma razão. Eu não queria aborrecer-me com ele, e o resultado é que tenho de o aborrecer ao meu Amigo. Já na minha penúltima[341] carta lhe falava do assunto.

Na verdade, não seria um alívio acabarmos de vez com isso?

Desculpe!

Um abraço mais do seu amigo

José Régio

*

16 – V – 64.

Querido Amigo:

De volta do Alentejo, onde fui assistir ao funeral de minha Mãe (falecida no domingo passado, após precisamente vinte meses de meu Pai), encontro uma carta sua, que por sinal foi aberta pelo Sr. A. Fernandes (na suposição de que se tratasse de algum assunto de resolução urgente).

Devo dizer-lhe, para seu alívio, que o assunto das Edições Ser foi arrumado agora: pagaram-se-lhes todos os exemplares dos seus livros, e os do Dr. Pacheco Neves[342] (de que se venderam apenas meia dúzia de exemplares) ser-lhes-ão devolvidos logo que acabem as azáfamas da Feira do Livro, que ontem começou. Isto mesmo se disse para lá, em carta, com o cheque.

– Quanto ao *Jacob e o Anjo*, convinha que o original fosse para a tipografia sem demora. Antes, porém, é necessário fazer o "contrato", ainda que seja apenas por carta, como habitualmente. Para que possam regular, cá, a tiragem deste volume, é indispensável que o Exm.º Autor se pronuncie sobre os seus direitos. Para que pense no assunto absolutamente à sua vontade, não me permito dar-lhe sugestão nenhuma.

Receba o abraço amigo do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

---

341 Última.

342 Joaquim Pacheco Neves (1910-1998). Amigo vilacondense de Régio, assinou crítica, teatro e ficção. Proprietário das Edições Ser.

P. S. – Pensam fazer cá, também, envelopes especiais para as suas Obras Completas (propaganda). Qual o retrato mais indicado?

*

16 – V – 64.
Querido Amigo:

Em aditamento – como dizem os comerciantes – às minhas linhas de hoje, lembro-me que terá interesse em saber qual a importância do cheque para Edições Ser: 4.959$00.

E, já agora, friso que à demora na liquidação deste assunto eu sou inteiramente alheio, pois são serviços de outra regedoria (ainda que eu, hoje, não tenha regedoria nenhuma, pois a minha autonomia e liberdade no trabalho desapareceram).

Receba o grato abraço do

Amaro.

P. S. – O casal Castilho[343] esteve cá hoje de manhã, e creio que conta ir visitá-lo amanhã ou depois.

*

Lisboa, 23 de Maio – 64.
Querido Poeta e Amigo:

Ainda em referência à sua carta de 17[344], sobre o *Jacob e o Anjo*:

O original está já na tipografia. Talvez na segunda-feira lhe enviemos um ensaio da mancha, para ver se a composição pode seguir sem demora.

Quanto aos direitos autorais, venho sondá-lo, depois de falar com o Sr. Agostinho Fernandes: Tratando-se de uma reedição, e portanto de livro já muito espalhado – e ainda por cima de teatro, género menos vendável, ainda que por vezes surja um *Felizmente Há Luar*, mas aí não são os motivos exclusivamente literários que prevalecem no êxito –, acharia bem 8.000$00 por esta 3ª. edição? O Sr. Agostinho Fernandes hesita entre fazer 2 ou 3.000 exemplares, mas, até saber a sua opinião, fixou-se naquela importância, independentemente da tiragem.

Limito-me, uma vez mais, a ser o intermediário da "negociação". O meu Amigo dirá de sua justiça. Claro que o querer receber de uma assentada os seus direitos, se traz vantagens imediatas para si, também tem

343 Guilherme de Castilho e Marta de Lima.

344 Carta não encontrada, ou dirigida (se não foi entregue por L. A.) à Portugália.

desvantagens – mas já sei que é alérgico ao pagamento em prestações, e por isso me fico por aqui.

Já fez todas as ofertas dos *Ensaios*? O Gaspar Simões, que aqui esteve há dias, estranhou não ter recebido ainda o exemplar, que aliás conta receber qualquer dia. Um nome lhe sugiro ainda: o do seu velho amigo Lopes Graça[345], de quem vamos editar um livro, por estes dias, e que já renasceu de uma doença que o consumia há muito.

Não tenho visto agora a sua colaboração no *Diário de Lisboa*. É a *Velha Casa* que está a absorver-lhe todo o tempo? Ainda bem que as efémeras colaborações jornalísticas o não desviam da Obra não-efémera para que foi nascido, – desculpe-me esta preferência de leitor, aliás bem legítima! Cá espero vê-lo entrar por esta casa, qualquer dia, sobraçando um volumoso original: o da nova *Velha Casa*...

Receba o sincero abraço do seu devotado e grato Amº e Admor

Luís Amaro.

*

25 – V [1964].

O abraço amigo do
Luís Amaro

(com pena de ter sido tão breve o instante em que estivemos juntos. O Orlando Vitorino veio cá hoje, e creio que ficou assente com o Sr. A. F. editar os *Teoremas* a seu respeito. O assunto exige uma carta que depois lhe escreverei). Quer que lhe arranje a colecção das críticas ao *JACOB*?

P. S. – Agradeço o favor de me dizer quando posso enviar mais exs. para autografar. Obrigado! A

*

27 – V – 64.

Querido Amigo:

Uma vez mais, aqui estou a servir de intermediário no assunto "comercial" do *Jacob e o Anjo*, na ideia de que assim será mais fácil chegar a um acordo entre Autor e Editor. A missão é um bocado ingrata, mas, contando com a sua compreensão amiga, aqui estou a desempenhá-la, na quali-

[345] Ver Ricardo António Alves e Teresa Curado, *Fernando Lopes Graça e a* Presença. *Correspondência*, Cascais, Câmara Municipal, 2013.

dade de funcionário da Portugália – e de seu amigo (como conciliar estas duas coisas? Talvez com um mínimo de diplomacia – pobre de mim! – e com a minha isenção de sempre).

Falei com o Sr. Agostinho Fernandes, que concorda consigo em que a tiragem, mais a mais tratando-se de Obras Completas e do seu livro de teatro mais conhecido, deve ser de 3.000 exemplares. Ora bem: há na sua carta uma subtil alusão à diferença que existe entre 2.000 e 3.000 exemplares, alusão que pode – compreensìvelmente – implicar a diferença de direitos que devia existir também entre uma e outra tiragem.

O cálculo de 8.000$00 foi feito à base (passe o neologismo) dos direitos dos *ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO CRÍTICA*, que foram de 10.000$00. Ora o *Jacob e o Anjo* é uma 3.ª edição, é um livro mais pequeno – e acontece que os *Ensaios* foram postos à venda a um preço mais elevado do que devia ser (40$ por um volume relativamente pequeno é ligeiramente exagerado – se é que é possível que um exagero seja ligeiro, – sempre o ouvido de revisor!).

Revendo o assunto, e em face destes dados, o Snr. Agostinho Fernandes propõe ou sugere 9.000$00, pela tiragem de 3.000, ainda que não possa saber já se o livro será posto à venda a 30$00 ou a 35$00, – a 40$00 é que nunca).

De qualquer modo, um cheque desta importância ser-lhe-á enviado para Portalegre depois de amanhã, – está bem? A tesouraria já tem ordem nesse sentido.

Cá espero lê-lo depois de amanhã no *Diário de Lisboa*!

– Antes que me esqueça: porque será que a Atlântida, de Coimbra, põe o *El-Rei Sebastião* à venda, na Feira, com 50% de abatimento? Tratando-se de um livro seu, e sendo os seus livros sempre vendáveis, acho que é burrice, mas eles lá sabem; fracos editores e fracos vendedores...

– A Gulbenkian adquiriu 300 exs. dos *Ensaios*, continuando assim a contribuir largamente para a expansão da sua Obra. E requisitaram 200 do *Jacob e o Anjo*, que só atenderemos quando esta edição estiver pronta.

Para a semana deve receber já provas.

Aceite um sincero abraço do seu dedicado e devotado amigo

Luís Amaro.

P. S. – Se tiver alguma reflexão a fazer sobre esta parte comercial, esteja absolutamente à vontade, pois já sabe que o Sr. A. Fernandes não é um editor-mercenário, ainda que lhe desagrade muito o epíteto de mecenas – que nunca aspirou a ser. Contenta-se com que a casa se baste a si própria, o que muito tem custado a conseguir. Amaro.

2.º P. S. – Abro o sobrescrito para o informar que o volume para o G. Simões era o que o meu Amigo lhe queria entregar pessoalmente, pois ia

jantar com ele nesse dia, mas esqueceu-se do livro no hotel. Não chegou a dedicar-lhe nenhum oitavo.

*

Portalegre
28/5/64

Prezado Amigo:

Recebi hoje o seu cartão, e juntamente uma simpática e afectuosa carta do Castelo Branco Chaves. Hoje mesmo lhe escrevo estas linhas.

Não fiz emendas no *Jacob e o Anjo*, porque sempre tenho medo de mexer nessas criações duma outra minha idade: Há sempre o risco de fazer da obra uma coisa nem de *um tempo* nem de *outro*. Se ela fosse representada, e a exemplo de alguns meus ilustres camaradas, é que poderia fazer alterações com vistas ao palco. Então, e também a exemplo daqueles, poderia, além da versão original, publicar uma versão para a cena; ou, se as alterações fossem poucas (como, aliás, suponho), inseri-las como notas à versão original. Como quer que seja, pedia-lhe para recomendar que as primeiras provas que me enviem sejam *provas de granel*; isto é: ainda não paginadas.

Li, hoje, a nota da Natércia no *Diário de Notícias*. Sem dúvida tem mais calor que a do Salema, o que não admira muito: ela é mulher, e poetisa. Surpreendeu-me, por a julgar magoada comigo. Nunca se sabe... com mulheres! Talvez lhe escreva duas linhas.

Sei que o meu género de crítica não pode agradar ao Álvaro Salema; e que eu remexo em coisas que chocam o seu senso do moral, do cívico, do social. Todavia, se um autor pode atingir alguma objectividade referindo-se à obra própria, – também penso que o meu livrinho pode ser encarado (ou deve) com mais simpatia. Estou grato, não obstante, aos esforços que faz o A. Salema para me não ferir.

Ouvi a palestra do Mourão-Ferreira, e gostei. Obrigado por me ter prevenido. Suponho que meu irmão também a terá ouvido.

Tenho trabalhado ardorosamente (apesar de combalido por esta primavera *elétrica*) no 5.º volume de *A Velha Casa*, que não tarda a estar pronto. Sempre há vantagens em se estar aposentado! Vou prevenindo, *para entrar na bicha*. Está combinado que os volumes das minhas Obras Completas não prejudicarão o aparecimento de obras novas. E eu, às vezes, tenho pressa, porque tenho medo de não poder, já, terminar essa interminável *Casa*... Depois deste volume, tenho de *desenjoar* um pouco dela com qualquer coisa diferente. Por exemplo: teatro. Até outra vez, o abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
1/6/64

Querido Amigo:

Pois cá estou mais uma vez a escrever ao "intermediário". E não quero que a missão lhe pareça "ingrata", porque, realmente, o não chega a ser entre pessoas de boa vontade. Fiquei satisfeito com a edição de *Jacob e o Anjo* ser de 3.000 exemplares, pois sempre desejo que qualquer livro meu seja encontrado por quem o procure. Também fiquei satisfeito com os nove mil escudos que me foram atribuídos – e que até já recebi. Amanhã devolverei o recibo assinado. E pronto! Como vê, as dificuldades do seu "papel" não são pesadas.

Se o livro puder ser posto à venda pelos 30 escudos, tanto melhor. Mas a Casa é que pesará essas possibilidades. Com efeito, o preço dos *Ensaios* é um bocadinho levantado. Conheço pessoas que deixam de comprar um livro só porque se lhe[s] afigura (e se irritam com isso) que ele deveria custar menos cinco escudos ou sete e quinhentos.

Claro que também me não sinto extremamente lisonjeado com o abatimento de 50% feito a *El-Rei Sebastião*. Essa gente da Atlântida parece que tem necessidade urgente de receber dinheiro! Encaro, porém, a possibilidade de assim se venderem mais *Sebastiões*, e a mim sempre me interessa que os meus livros se divulguem, se espalhem.

Obrigado quanto à informação a respeito do livro que eu devera ter entregado ao Gaspar Simões. Vou mandar-lho agora, mesmo um pouco tarde. É castigo por ele também sempre se demorar a falar dos meus livros.

Sempre leu o *Diário de Lisboa*?[346] Bem sei que artigos de esses me tornam impopular a um largo sector. Mas… que fazer? Não posso calar-me em virtude de tais cálculos. O abraço deste seu amigo

José Régio

*

Queluz, 6 de Junho – 64 (sábado).
Meu querido Amigo:

Neste dia quase de Inverno, com um céu cinzento a oprimir-me a alma já de si deprimida e inquieta mesmo que houvesse sol, e em que, da parte da tarde, não tive forças nem coragem para voltar ao trabalho (refugiando-

[346] No supl. de 28-V-1964: "Alguns comentários a um Prefácio de Augusto da Costa Dias", a propósito da 2.ª ed. de *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*.

-me em casa, e na cama, donde acabo de me levantar) – escrevo-lhe estas linhas, em que procurarei não instilar todo o *peso* que sinto sobre mim... Venho desabafar consigo, uma vez mais, mas não para "descarregar" em si a minha amargura (que diz bem com o meu nome); tenho uma velha amiga, cuja vida tem sido sempre um rosário de tristezas, que costuma fazer isso – transportar para os outros, entre quais eu, todos os seus trágicos problemas – e sei bem, por longa experiência, quanto isso é incómodo, e até deselegante! Não é que defenda a legitimidade de cada um se fechar na sua concha, indiferente à dor alheia; mas deve haver um certo pudor e uma certa moderação nas nossas queixas (nossas – dos vencidos; o meu Amigo é um triunfador, embora na sua Obra ecoem todos os problemas dos vencidos)...

Sim, querido Poeta e Amigo: a minha situação na P. E. já esgotou todas as possibilidades de continuação. E tanto assim que o comuniquei ao próprio Sr. A. F. – bom homem, sim, mas algo pusilânime: o que está a acontecer é simplesmente espantoso, mas não para mim que já o conheço bem e de há muito: Quem de facto *governa* é o tal senhor de bigodes, um "génio" comercial que convinha ao Sr. A. F. – que nenhum "génio comercial" tem, ele próprio, mas que, com os negócios das conservas em plena decadência (parece que essa indústria está virtualmente falida), pretende agora – e isso é compreensível – aproveitar todas as oportunidades de vir a ganhar com os livros. Tudo estaria certo se o tal senhor não se tivesse transformado (quase desde a primeira hora em que para lá entrou, afinal, mas a princípio disfarçadamente) num autêntico déspota. Sinto-me – para sintetizar – completamente desmoralizado, e desorientado: e tomei já a decisão que mais se impunha – sair, o mais breve possível, embora o Sr. A. F. me pedisse que aguentasse até ao fim do ano (sem que ele, lamentàvelmente, dê um passo para que o outro mude de atitudes!): é que, a acrescentar à pusilanimidade, há uma característica a acentuar no Sr. A. F.: uma certa duplicidade. A mesma duplicidade que fez com que – não resisto a dizê-lo, para que não suponha que é imaginação minha, ou ingratidão, ou coisa parecida – há poucos anos, quando de mandar os livros candidatos ao Prémio de Poesia, me chamasse à parte para pedir: "deixe o Zé Gomes[347] (assim mesmo, como o tratam os íntimos) concorrer sòzinho, não insista com o Régio..." Sei que o meu Amigo não tem ilusões sobre o carácter dos homens, sobre a natureza humana em geral: por isso me sinto à vontade a falar consigo, pois sei que, céptico como é, dará um desconto a factos como este – como *estes*. Também eu, afinal, não tenho ilusões – mas o meu caso é que é triste, visto estar na mó de baixo. Claro que ele tem a noção da importância de um J. R. na P. E. e teria um grandíssimo

[347] José Gomes Ferreira.

desgosto no dia em que a sua presença lhe faltasse. O mesmo não acontece em relação a mim: tenho quase a certeza de que será com alívio que ele se libertará deste *chato*, que tanto o massacrou nos longos anos em que esteve vigilante, impertinentemente vigilante, quando ele se encontrava a braços com o problema de encarregados incompetentes (encarregados = chefes de serviço, mas não do meu serviço, como este agora se arvorou, com poderes absolutos), de um director literário[348] destituído de bom senso e às vezes de bom gosto (e que há três ou quatro anos, quando da reedição das *Histórias de Mulheres*, redigiu sobre o livro uma "badana" incrível, para a capa, em que as personagens das histórias eram consideradas caricaturas; tenho pena de não ter conservado esse memorável "parecer crítico", que não hesitei em repudiar – com a aprovação do Sr. F. e grande "ferro" do inspirado director), e a braços ainda com outro "génio" por ele descoberto, para a secção comercial, e que eu descobri que vendia particularmente dezenas de livros da Editora – o que logo revelei, sem receio das represálias desse outro "génio", apesar de este ser um latagão de cem quilos... (a propósito, uma frase lapidar do Sr. F., quando ele para lá entrou: "este têm vocês de *gramar*...", o que está na linha daquilo que lhe disse); claro que, ausente de Lisboa o Sr. F., nessa altura, os filhos puseram imediatamente na rua esse empregado-gatuno, por quem o pai tinha tanta admiração. Mas... perdoe! Estou a ir longe de mais... Que interesse poderá ter *isto* para si? Eu próprio falo destas coisas tão cansado, tão enjoado! É que tudo isto também a mim, afinal, não respeita aos meus mais fundos interesses – mas no entanto está *ligado* ao que presentemente me acontece. Se sofro agora, sofria também antigamente, por ver que, ainda que trabalhando com mais autonomia, a situação da casa era má, e o futuro incerto: sofria por mim e pela casa; daí o armar em dom-quixote. Mas, destituído eu também de "génio" comercial e realizador, e ainda de uma enérgica e poderosa capacidade de trabalho (o Sr. A. F. esquece-se das minhas antigas crises pulmonares!), confinava-me aos meus afazeres, que sempre foram bastantes. Sofria, assim, também, por nada poder fazer mais do que tentar abrir os olhos do Sr. F. – cuja teoria consiste nisto: o bom administrador não deve administrar nada, mas escolher os colaboradores em quem delegar tudo isso (imagine os atropelos que se cometeram naquela casa, com um patrão assim!). Apareceu, há um ano, o homem que reunia todas as qualidades necessárias: e eu fui o primeiro a enaltecê-las. Mas, infelizmente, o que os outros tinham de menos tem este de mais! O problema é este. E também este: esse homem é mau, é rancoroso, é desconfiado, é parcialíssimo, é um fanático e um intolerante, é um violento, e em vez de empregados ele quer *máquinas humanas*. Um perfeito modelo

[348] Augusto da Costa Dias.

do que nos espera, meu Amigo, na *tal* sociedade futura! Nem sequer lhe falta o sentido da prepotência, e – oh, contradição humana! – um rigidíssimo sentido das hierarquias: uma mentalidade militarizada, em suma! Sinto-me perante ele pequenino, insignificante – e temeroso (na realidade, já não posso ver o homem. A sua antipática presença põe-me doente): e, apesar das minhas reacções – que foram sempre, afinal, dentro dum espírito de conciliação, de colaboração, ou de pacífico melindre, nunca as violentas reacções que ele merecia! – não desiste de me atormentar (sei que, pessoalmente, guarda fortes reservas contra o que desdenhosamente chama *os líricos* – e eu no fundo sou um poeta lírico, ainda que irrealizado...). Vou-me embora, pronto!

Há meses (precisamente pelo Natal, que é sempre uma época *crucial* para mim) escrevi *de novo* ao Alberto de Serpa, que não me respondeu uma palavra ("Mas a tua mão estará aberta, / A tua resposta será firme, / O teu olhar não fugirá covarde, – / Quando eu te peça o mais fácil sacrifício?" – versos que copio do poema "Certeza incerta" de *A Vida é o Dia de Hoje*[349]). Sei que o A. de Serpa tem uma vida familiar trágica; mas, que diabo, duas palavras custar-lhe-iam assim tanto?

Há anos que venho falando ao nosso Branquinho da Fonseca (os *drs.* não são para aqui chamados) no gosto que teria em ingressar na Gulbenkian; ele, delicadamente, tem arranjado pretextos para me não servir, talvez porque me considere mais útil – aos interesses dele – continuando na Portugália, ou porque não tome muito a sério o meu problema (o de agora ainda lho não expus – e este é que é de resolução inadiável). Tem-me dito que: os empregados são lá metidos por ministros, gente poderosa; que os encarregados de bibliotecas, na Província (cheguei a propor-lhe isso!), são pagos, em parte, pelas Câmaras Municipais; etc. E eu, entretanto, ao longo destes anos, vou-lhe recomendando os livros da Portugália, que ele compra aos milhares, e vou-lhe levando uns cheques dos direitos dos livros dele pela Portugália editados e que ele também compra. Uma colaboração muito útil a ambas as partes, e um contacto pessoal que – à parte uma vez em que ele, violentamente, achou insuficiente a remuneração que se lhe propunha – só me tem dado prazer (o seu amigo é duma fascinante simpatia!).

Ora eu tenho o meu destino ligado aos livros, e decerto, fora desse ambiente, valerei menos do que o nada que valho agora. Se há coisa que me desse prazer, profissionalmente falando, era trabalhar numa biblioteca – e liberto de preocupações comerciais! Estou também saturado de tipografias, ainda que o meu contacto com elas seja apenas (um "apenas" que me

---

[349] Título (tirado de João de Deus) de Alberto de Serpa, nas Edições *Presença*, Porto, 1939. Minúsculas em início dos versos 2, 3, 4 e travessão, não no v. 3, mas a abrir o v. 4, na reedição inclusa em *Poesia*, Lisboa, Inquérito, 1944: 165.

absorve o dia inteiro) telefónico. Vou insistir com o Branquinho – e entretanto pedia-lhe a si também *o sacrifício* ("fácil sacrifício"?) de lhe escrever, de lhe fazer ver que não se trata de uma veleidade minha, de um capricho momentâneo, de uma "birra".

Poderá ser? Agradeço-lho do coração. E como me alonguei já demasiado – em coisas tão desinteressantes, meu Deus! –, acho que devo parar aqui.

Se quiser enviar-me duas linhas, faça-o, por favor, para a m/ casa – Rua Dr. Gaspar Gomes, 41-1º Dto, Queluz.

É aqui que espero, ansiosamente, a sua resposta.

Pede-lhe desculpa desta tremenda estopada (decerto a maior que já lhe preguei até hoje) o seu Amigo inútil mas certo e dedicado Admirador

Luís Amaro.

P. S. – *O Jacob e o Anjo* está em orçamento tipográfico (nada agora se faz sem orçamento prévio); mas também isso depende não já de mim mas da tal pessoa (oh, como seria bom não ter de lhe falar! nem nisso, nem em coisa nenhuma...).

2.º P. S. – Sei que nesta carta há coisas inferiores – não da minha parte, que nenhuma culpa tenho das inferioridades dos outros. Escrevi-a com desgosto, mas impelido pela fatal necessidade de desabafar: não inventei, fui exactíssimo em tudo. Peço-lhe, no entanto, que a rasgue, a destrua, logo que lida – e esqueça o que nela for inferior. Eu próprio tenho levado a vida a esquecer e a perdoar – os defeitos dos outros e, ai de mim!, principalmente os meus próprios, que são os que mais me doem. Por isso mesmo é que ainda existo...

Abraça-o mais uma vez o Amaro.

*

Portalegre
9/6/64

Meu querido Amigo:

A sua carta deixou-me profundamente triste, mas não me surpreendeu de maior: Já sabia que a ideia de deixar a Portugália o andava trabalhando. Tudo mais que me conta também me não surpreendeu. Conheço os homens (julgo) e não espero muito deles. Por isso mesmo aceito, e até agradeço, qualquer pouco que me possam dar.

Todavia, as suas ultimas [*sic*] cartas recebidas, ainda tão interessadas nos negócios da Casa, não me faziam prever para já a sua despedida. Depreendo que qualquer cena mais violenta se deu entre Você e esse tal empregado, ou, de qualquer modo, se passou algo que o levou a essa resolução. Ainda me custa a aceitar que essa resolução seja definitiva. A

mim, dar-me-ia ela um grande desgosto: Sem Você como costumado intermediário, as minhas relações com a Portugália vão tornar-se difíceis. Poderão, sequer, manter-se? Creio que, sem a empresa das Obras Completas, eu me desprenderia também, isto é: não continuaria ligado à Portugália como ùltimamente tenho estado.

Por tudo isto lhe pergunto: Não seria possível, tendo Você uma conversa calma e séria com o Snr. A. Fernandes, propor-lhe que ele separasse inteiramente as suas funções das do tal indivíduo, de modo que entre vós não pudesse haver contactos nem dissensões? Em último caso, não poderia, pelo menos, ir Você suportando até ao fim do ano, como o Snr. A. Fernandes lhe propõe? Entretanto, algo poderia suceder que se parecesse com uma solução, ou mesmo a oferecesse.

Está claro que eu estou pronto a escrever ao Branquinho, se continuar a querer que eu lhe escreva; e embora, nas minhas intervenções junto dele, não haja eu sido muito feliz. Espero, porém, uma sua resposta. E também resposta ao seguinte: Quer que escreva ao Snr. A. Fernandes, mostrando-me conhecedor do que se passa, (mais ou menos conhecedor, – só diria que sei dos seus propósitos de se despedir em razão de dissensões com outro empregado) e animando-o a procurar uma solução que impeça a sua saída?

Eu estou, na verdade, contristado. E repito, não vejo bem como possa continuar a entender-me com a Portugália, pois não posso esquecer que através de Você se têm estreitado, e firmado, as minhas relações com ela.

Quanto ao Alberto de Serpa, já nada podemos exigir de ele. A mim, também me não responde; e assim deixa morrer uma correspondência semanal (!) que durou longos anos. A sua vida é, na verdade, sombria, e nem sei como ele a pode suportar. Temos de lhe desculpar tudo.

Ainda não rasguei a sua carta. Mas se *definitivamente* quiser que a rasgue, pode estar seguro de que o farei.

E quanto a desabafar, pois com quem há de a gente desabafar senão com algum raro amigo?! Diga-me tudo que quiser. Um abraço do seu dedicado

J. Régio

*

22 – VI – 64.
Meu bom Amigo:

Muito grato pela sua carta, a que responderei em ocasião mais oportuna (e em casa, que não é aqui o local para tratar de assuntos particulares).

Entretanto: o *Jacob e o Anjo* está numa tipografia que não dispõe de versaletes para o nome das personagens, nas rubricas ou indicações de cena (não sei o nome certo. Por ex.: *Ninguém aparece à porta. O BOBO*

senta-se... etc. Aqui, o BOBO devia ser em versaletes). Como não têm esse tipo, ou isso complica o trabalho na máquina de compor, utilizaram o redondo. Parece-me, no entanto, que o redondo se confunde com as próprias falas, e pedi para me mandarem um ensaio em itálico. Junto as duas modalidades, certo de que escolherá a que proponho: tudo em itálico. Para exemplificar melhor, marquei a vermelho a fala do Rei.

Agradeço me devolva na volta do correio a prova que preferir. Não perca tempo a escrever.

Vi há dias aqui, muito fugidiamente, o seu irmão Júlio. Não fui ver a exposição dele, por falta de tempo e, é fatal, de disposição. Mas, ignorante como sou de arte, fiquei encantado com o desenho da série POETA que ilustra o catálogo. Se eu fosse um coleccionador (sou-o de angústias, tal como o pobre Dr. Fidelino[350]...), havia de adquirir muitos desenhos dessa série, que me dizem mais do que muitas obras de pintores do momento.

O grato abraço do seu dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
12/7/64

Meu querido Amigo:

Precisava de uma informação... e, desculpe! o mais depressa que ma pudesse dar. *As datas* em que foram compostos e apareceram os seguintes volumes editados pela Portugália:

Histórias de Mulheres (2.ª edição)[351]

Biografia (4.ª edição, com desenhos de Júlio)

As Encruzilhadas de Deus (3.ª edição com desenhos de Pavia)

É pena que estas obras tão bem apresentadas não tenham a data em parte alguma.

Poderá dar-me este informe? (O Jorge de Sena, com as suas exigências aliás louváveis, dá-me que fazer.) Pela primeira vez na vida, estou organizando a minha *Tábua Bi[b]liográfica* completa, e emendando até erros espalhados...

E o *Jacob e o Anjo*?

Abraço do seu amigo obrigado

Régio

---

350 Fidelino de Figueiredo, *Um Coleccionador de Angústias*, São Paulo, 1951; 3.ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1962.

351 As obras assinaladas são antecedidas pelas seguintes datas escritas a lápis, respectivamente: Set. 60; Dez. 55; Dez. 56. [SC]

*

Portalegre
13/7/64

Querido Amigo:

Deve ter recebido uma carta minha. Pois este cartão é um seu suplemento. Precisava de também saber a data das *Líricas Portuguesas*[352] que precederam a publicação de *As Mais Belas Líricas Portuguesas*. Estas têm data, aquelas não. Desculpe! Eu nem sei se lhe é fácil ou possível responder a estas perguntas…

Um abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
14/7/64

Meu prezado Amigo:

Tenho andado ocupadíssimo com as difíceis respostas que me pede o Sena, para o volume que está compondo a meu respeito[353]. De aí que cheguei a esquecer-me de que prometera enviar-lhe, logo que chegasse a Portalegre, a foto do retrato que em tempos me fez o Arlindo Vicente[354]. Depois… também não foi fácil encontrá-la. Finalmente, aí vai ela. Servirá? Cá por mim, acho que pode remediar bem. Ainda estou em Portalegre uns dias, por isso cá espero qualquer resposta. E sem mais, as lembranças m.to afectuosas do

José Régio

*

Portalegre
26/7/64

Querido Amigo

Recebi a lista completa, – obrigado! Logo lhe dei trabalho no primeiro dia. Eu parto esta madrugada para Vila do Conde, – lá esperarei notícias.

---

352 Esta obra é precedida por uma data em parentéticas, escrita a lápis: (Julho 44). [SC]

353 Esse inquérito de Sena e respostas de Régio estão em *Jorge de Sena / José Régio: Correspondência*, Lisboa, INCM, 1986: 241-255.

354 Arlindo Vicente (Oliveira do Bairro, 1906 – Lisboa, 1977). Pintor e advogado, colaborou em várias revistas, entre as quais a *presença*. [SC]

E como escrevo estas linhas à noite, depois dum dia de grande maçada, por aqui me fico. Abraço do amigo

Régio

*

Queluz, [28] de Julho – 64.
Querido Amigo:

Não preciso dizer-lhe – porque já sabe – quanto gostei de estar consigo, principalmente na tarde em que fomos à exposição de Júlio, e quanto gostaria que se repetissem os agradáveis "passeios" em Lisboa na sua companhia! Ainda um dia sonho em darmos uma volta pela cidade, mas, como seria eu o pior dos cicerones, seria bom levarmos connosco, por exemplo, um... Armindo Rodrigues, que é pessoa que tudo sabe, e com quem também gosto de andar (mas um "gostar" diferente, já se vê!). Será isso possível? Assim como gostaria de o ter cá um dia na minha casinha pobre, em que só há livros – de toda a espécie... Precisamente agora, talvez para me compensar a mim próprio de tanto desgosto sofrido ùltimamente (desde há um ano para cá, a minha luta tornou-se mais áspera, a ponto de me envenenar o sangue, por assim dizer, conforme o atestam análises que fiz), atravesso uma nova fase de loucura pelos livros – e este mês, decididamente, perdi a cabeça, a ponto de pôr em risco a compra de um fato... Além do *Camões* comprado na sua presença (e que afinal paguei logo no fim do mês, pois detesto dívidas e coisas a prestações), e dos que anteriormente tinha adquirido na Feira (coisas baratas, mas várias, e que somadas me afectam o orçamento precário), dediquei ontem o meu primeiro dia de férias aos alfarrabistas. Saí para Lisboa cedo, como se fosse para o emprego, e dirigi-me à Calçada do Combro: entrei na Eclética[355], vi e rebusquei tudo, comprei um *Escritos de Camilo – Cartas e Notas em Livros*[356], de Júlio Dias da Costa, uma 2.ª edição das *Sombras* do Pascoaes (a propósito – soube, através do catálogo da Bertrand, de uma separata sua, em francês, sobre o nosso Poeta[357]), e, vendo uns maços, atados ainda, de folhetos e opúsculos, não resisti à tentação de bisbilhotar, impelido pelo palpite (que afinal me levara a Lisboa) de encontrar qualquer coisa sua – precisamente a tese de licenciatura, cuja 1.ª edição nunca

[355] Número 56 da Calçada do Combro, onde está hoje um parque de estacionamento.

[356] *Escritos de Camilo / I – Cartas / II – Notas em Livros*, na Portvgália Editora, ainda na Rua do Carmo, 75, 1922.

[357] *Introduction à Teixeira de Pascoaes*, Coimbra, 1953. Sep. de *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, Nova série, tomo XVI, Coimbra, 1952-1953.

vira. Pois aconteceu o milagre: logo ao de cima vejo um folheto, de aparência tosca, em que lobriguei os seus apelidos civis: Reis Pereira![358] Não queria crer no que os meus olhos viam. Tirei o opúsculo para fora e, com ele na mão, levei o maço à dona do estabelecimento, ao fundo da loja, que me desiludiu: "esses maços não estão ainda classificados pelo meu marido, que lhes não marcou os preços". – "Mas não é possível telefonar-lhe, a saber?" – "Não, não se encontra em Lisboa, e só volta daqui a 8 dias". Calcule a minha inquietação, e o receio de que viessem a especular com o meu interesse. Entretanto dei nova volta pela livraria, comprei *As Sombras*, e falei de novo com a senhora, dizendo que ia para férias no dia seguinte e me convinha levar o livrinho. A mulher humanizou-se (supunha, naturalmente, que eu queria fazer a aquisição para negócio) e respondeu que falaria com o marido depois do almoço e, por volta das 4, eu poderia telefonar-lhe. Claro que à tarde voltei a Lisboa, algo inquieto, mas tendo passado antes pela Sá da Costa, na mesma ânsia de raridades ao meu alcance (nada encontrei que me seduzisse, mas fiquei algo escandalizado com o folheto *Literatura Viva e Literatura Livresca!*, que o Sr. Petrus[359] se permitiu editar certamente sem sua autorização, e que lá estava à venda conjuntamente com outros do mesmo género; como é isso possível?!!), e desci depois ao Calhariz e C. do Combro. Entrei na Livraria, aparentemente calmo e indiferente, e os deuses, desta vez, foram-me benignos: o folheto estava à minha espera! "Quanto é?" (receava, devo dizer-lhe, o pior; e para o pior não ia preparado materialmente, claro). – "Dez escudos". – "Nem um pequeno desconto?" (afinal fui eu quem especulou). "Não". Paguei, raspei-me logo, receando algum volte-face, e já na rua noto que o tal marido marcara a lápis "40.00", mas o 4 poderia também parecer um 1. Claro: tenho sido, e sou, muito ingénuo, mas desta vez não fui suficientemente trouxa para voltar atrás a informar a própria dona da casa (ainda se se tratasse de um empregado!) que se tinha enganado. Fui mais acima, ao livreiro Arnaldo de Oliveira, pagar uma conta de três ou quatro "lotes" (é a linguagem que eles usam) que eu arrematara num leilão dias antes (pela 3.ª vez na vida fui a um leilão de livros!) e não resisti a gabar-me da aquisição que fizera. – "Sabe quem é?", experimentei o homem, o mais antigo leiloeiro de livros de Lisboa, herdeiro do famoso Manuel dos Santos. Todo bem falante e expedito, respondeu-me: "– Muito bem! Reis Pereira!" – Vi logo que o homem não queria mostrar-se fraco, e mostrei-lhe a dedicatória, que o surpreendeu, pois não sabia,

---

358 *As Correntes e as Individualidades da Moderna Poesia Portuguesa*, tese de licenciatura em Filologia Românica, Coimbra, 1925.

359 Com o subtítulo «manifesto literário», e sem ponto de exclamação, é edição pirata de Petrus [Pedro Veiga], s. l., s. d., extraída do n.º 9 da *presença*, Fevereiro de 1928.

afinal, que Reis Pereira fosse José Régio. A dedicatória reza assim: "Ao Senhor Cândido Nazareth[360], êste livro que não tem valor senão para um bibliófilo..., of. Reis Pereira José Régio" (tal qual). E em baixo a data: "Coimbra – Abril de 1933". O homem (mais leiloeiro, afinal, do que pròpriamente alfarrabista, mas em todo o caso um *expert* da bibliofilia) confessou-me que nunca tinha visto tal espécie bibliográfica, e eu (e aqui é que fui ingénuo) não resisti a gabar-me do preço por que a adquirira. "Isto nas suas mãos valia umas centenas de escudos, não?" – "Ah, sim...", respondeu-me, entre afirmativo e reticente, pois falava comigo pela 1.ª vez e se calhar admitia que eu lhe propusesse a venda.

Dali, insatisfeito ainda de livros, fui ao Bairro Alto, a mais outros dois alfarrabistas, a quem igualmente contei a proeza; nenhum deles conhecia o livrinho. Se fosse ao João Pires, do Mundo do Livro, que é hoje quem mais entende do assunto em Lisboa, ele decerto conheceria e me diria a avaliação (e ele, que se faz pagar!).

Numa das casas, onde, por ser num 1.º andar, entrei pela 1.ª vez, e cuja existência mesmo ignorava até há pouco, fiquei surpreendido com a arrumação exemplar, o bom gosto e a abundância de espécies. Lá deixei o resto do dinheiro, ficando só com o suficiente para regressar a casa. Comprei: *Castilho e Camilo – Correspondência Trocada Entre os 2[Dois] Escritores*, que há muito cobiçava (já tinha outro, também da Impr. da Universidade, de cartas do 1.º dirigidas ao 2.º[361]); a *Homenagem a Fernando Pessoa*, do Carlos Queiroz, com as cartas de amor do Pessoa[362] (folheto que vale bem mais do que 20.00 por que o comprei. Aliás, já há muitos anos que o podia ter, pois na antiga Livraria Portugália, onde estive empregado, havia exemplares. Mas entretanto todas estas coisas se valorizaram extraordinàriamente!).

E aqui findaram as minhas extravagâncias de coleccionador – uma fuga para iludir aquilo que mais me rói: o pecado de viver... Sim, porque a viver, depois da morte dos que mais amámos, e carregando connosco as mesmas imperfeições, quantas vezes as mesmas taras, é um pecado. Ah, quanta falta me faz crer num Deus, que me libertasse de mim próprio!

Como vê, hoje falo-lhe de tudo menos de mesquinhezas profissionais. O tal homenzinho regressou de férias, dias antes de eu vir: um pouco menos impetuoso e agressivo, de bigodes ligeiramente menos furibundos.

---

360 Chefe das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, extinta em 1934.

361 Confusão de L. Amaro: após a ed. de João Costa, 1924, o parêntesis refere-se a cartas do segundo dirigidas ao primeiro, ou seja, *Camilo e Castilho. Correspondência do Primeiro Dirigida ao Segundo*, 1930.

362 «Com os excerptos das suas cartas de amor e um desenho de Almada», Edições *Presença*, 1936.

Vamos a ver que sarilhos é que ele me trama na minha ausência, e que infernos me esperam depois de lá regressar!

Entretanto, iludo-me e aturdo-me com isto – com livros. E com coisas piores, às vezes: infantilidades que me desgostam e a que estou preso precisamente porque me falta o tal sentido do divino (de que entanto sinto a nostalgia). Mas as férias, na Malveira (não a aristocrática, do B. da Fonseca, mas a saloia, no caminho para Mafra ou Torres Vedras), à sombra da mata ou do pinhal, vão pôr-me bom por uns dias, purificar-me ainda que efèmeramente. Ah, se eu pudesse dar realidade ao místico que efectivamente há em mim mas se ignora!

Volto a recomendar-lhe, a propósito, *O Fio da Navalha*[363]. Todos estes problemas – do bem e do mal, de Deus e do Diabo – lá estão postos. É uma obra que lhe interessará extraordinàriamente, tenho fé.

E antes de terminar, e já que hoje falo principalmente de livros, queria – se não é abusar da sua complacência! – lembrar-lhe o que generosamente me prometeu um dia: a tal colecção da Artis. E ainda mais: se tiver n.os antigos da *Presença*, ou qualquer coisa mais que possa interessar-me (livros que tenha em duplicado, das mesmas edições *Presença*, etc.), o seu empregado não poderia fazer um embrulho e remeter-me? Desculpe o atrevimento! E creia que não é para negócio!

Aliás, quando vier a Lisboa, quero ainda pedir-lhe que me assine alguns livros seus que possuo sem assinaturas sequer (como vê, estou muito exigente! Perdoe-me, e não me chame abusador). O maroto do Pinheiro Torres parece que me perdeu os *Críticos e Criticados*. Que parvo fui em emprestar livros a um tipo desses! (Espertos, inteligentes, cultos, muito dialécticos, mas... eu, que estou nos bastidores, é que os conheço: grosseiros e oportunistas, muitos deles).

O Salgueiro mandou há dias telefonar-me a pedir a sua morada actual. Que quererá ele?

– Receba um grande abraço e a amizade grata e devotada do

Luís Amaro.

*

29 – VII – 64.

Meu querido Amigo:

Fiquei inquieto, na segunda-feira, ao ler nos jornais a notícia da grande catástrofe aí (nos seus sítios) ocorrida[364]. Tanto mais que, nessa mesma

[363] Obra do romancista e dramaturgo britânico W. Somerset Maugham (1874-1965). [SC]

[364] O desastre de Custóias, ou da Ponte das Carvalhas, na linha Póvoa-Porto, na noite do dia 26, fez, segundo o *Diário de Lisboa*, 103 mortos e cerca de 150 feridos.

manhã, recebia um bilhete seu a confirmar a viagem, no domingo, para Vila do Conde. Telefonei logo para a Comissão de Turismo (pensei que o Dr. Pacheco Neves haveria sido convocado para o Porto), a querer informar-me junto de seu Irmão; disseram-me que ele costuma estar lá das 3 às 5. Voltei, à tarde, a telefonar, mas, decerto devido ao tumulto dos telefonemas para o Norte, só muito tarde, quase às 7 horas, obtive a ligação. Claro que seu Irmão já não estava, e da pessoa que me atendeu não consegui qualquer informação prestável. Deduzi, porém, que nada lhe havia acontecido, tanto mais que o seu comboio não vinha de Braga; (em todo caso, podia haver qualquer desdobramento, qualquer ida sua ao Porto no próprio dia em que chegou... enfim, qualquer fatalidade).

Felizmente que nada lhe devia ter acontecido, estou certo!

Resta-me acrescentar que os telefonemas foram feitos com a anuência, e a aprovação, do Sr. Ag. Fernandes.

Junto um recorte da *Brotéria*[365]. O P.e Antunes esquivou-se a uma apreciação...

As provas do *Jacob e o Anjo* irão dentro de pouco dias.

Com alegria por sabê-lo salvo do comboio fatídico, envia-lhe um abraço o seu dedicado

Luís Amaro.

*

Lisboa, 11 de Agosto – 64.

Querido Amigo:

Estranho muito o seu silêncio! Penso que estes calores – aliás muito variáveis e perigosamente incertos, como o feitio de certas pessoas – não o tenham impedido de trabalhar; principalmente de rever as provas do *JACOB E O ANJO*, que nos estão a fazer enorme falta (depois da longa demora que realmente houve em enviar-lhas!). Querem lançar o livro este mês ainda, calcule!

Peço-lhe encarecidamente que faça um esforço, e que nos devolva as provas.

Quanto às notícias "bibliográficas" que lhe enviei, nos primeiros dias das minhas rapidíssimas férias, claro que não têm resposta: foi um devaneio, para esquecer amarguras...

Fiquei indignado com uma referência que o menino Gastão (chamo-lhe menino porque me parece ainda imberbe, apesar de ser pai desde há pouco) lhe fez num artigo recente do *Diário de Lisboa* (de que o meu

[365] A assinatura A. R. coloca reservas ao *Jogo da Cabra Cega* no vol. LXXIX, n.º 1, Julho de 1964: 121.

Amigo é "dilecto colaborador"!), e em que, endeusando principalmente o meu amigo Ramos Rosa, o diminui a si, e um pouco ao Sá-Carneiro[366]. Dizem-me que a intenção dele não seria bem a que eu lhe dei, ao ler aquelas antipáticas linhas, de uma incompreensão algo bronca. A continuarmos assim, só a poesia experimental e abstracta será válida... para meia dúzia de maduros que se entretêm com tais excentricidades e malabarismos. Como resposta, limitei-me a pedir ao A. Salema a publicação da notícia do próximo estudo do Jorge de Sena, para que eles saibam que a sua Poesia ainda merece a atenção da crítica *moderna* (a palavra mágica!).

O grato abraço do seu

Luís Amaro.

*

14 – 8 – 64.
Querido Amigo:

Utilizo este minúsculo cartão apenas para lhe dizer que estranho muito o seu silêncio. Estará mal de saúde? Porque não devolve as provas do *Jacob e o Anjo*? Queriam lançar o livro este mês ainda!

Viu a notícia ontem no *Dº de Lx.ª*, sobre o estudo próximo do Sena?

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

(Afinal, sempre me foi possível enviar-lhe hoje as fls. impressas.)

*

Vila do Conde
16/8/64

Querido Amigo:

Sim, já há razão para ser estranhada a demora do reenvio das provas. Mas a minha vida tem sido muito agitada e ocupada. Depois de Vila do Conde, tive de voltar a Portalegre, e só agora estou novamente em Vila do Conde, suponho que para me demorar até ao fim do mês próximo. Dá-se, ainda, o seguinte: Como as provas não vieram quando mais ou menos estava previsto, parti do princípio de que o *Jacob* só apareceria lá para o Outono; que não haveria, pois, grande pressa na impressão. Devo dizer que não vejo qualquer vantagem no aparecimento do livro agora, que é uma temporada morta. O meu desejo é que esta minha primeira peça seja

366 Suplemento Vida Literária e Artística, 30-VII-1964.

de novo atirada ao público no princípio da temporada teatral; isto é: lá para meados de Outubro. Não quer dizer que eu tenha ilusões sobre qualquer sua possível realização cénica. Cada vez estou mais desiludido sobre o interesse que realmente merece o teatro português à grande maioria dos que se dizem amadores de teatro... e até do teatro português. Não desgostaria, porém, de fazer lembrar que existe *Jacob e o Anjo* – no momento em que fossem representadas outras peças. Sinto perfeitamente que principia a ser criada uma *campanha de silêncio* em volta dos meus livros; (aliás não só dos meus); e reajo como posso. Não sou, demais, tão falsamente modesto que não veja que o *Jacob e o Anjo* também mereceria... algo dos louvores prodigalizados a outras coisas. Fico, portanto, esperando que a ideia pouco feliz de ser a obra lançada neste momento seja posta de parte. Independentemente disso, amanhã enviarei as provas corrigidas. E sem mais por hoje, o abraço do seu amigo

José Régio

*

17 – 8 – 64.
Querido Amigo:

Sei que estou a ser "chato", mas não me largam, aqui, com a saída dos livros. É esse agora o meu principal problema: *despachar* livros! Apelo para a sua boa-vontade e Amizade. Devolva-me as provas, por grande favor!
E receba o grato abraço do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

*

20 – VIII – 64.
Meu bom Amigo:

Antes de mais, quero dizer-lhe que tem toda a razão em mostrar-se aborrecido com as alterações que o revisor se permitiu fazer à pontuação (e até ao texto? não cheguei a confrontar com o original, certas suas emendas de agora) do *JACOB E O ANJO*. É uma luta, com os revisores! Estou farto de dizer que é tão difícil arranjar um bom revisor como um bom tradutor: a raridade de bons profissionais, nesses dois campos, é a mesma. Este revisor de agora não é o do *JOGO DA CABRA CEGA*, que, não sendo famoso, era melhor; o outro tinha mais trabalho, e as provas do seu Teatro foram para um novo colaborador que o Joel Serrão recomendou para cá (mas para os livros dele exige um profissional de categoria, que é, por sinal, dos mais caros revisores que por cá têm passado). Demos-lhe as suas provas, e as de outros livros, convencidos de que o homem, funcionário no Ministério da

Educação e, à noite, revisor das *Novidades*, era pessoa capaz, dada a recomendação e a experiência que tem do ofício. Mas verifico (já tinha verificado) que é um medíocre. Paciência! E, pela parte que me toca, perdoe-me. Tinha-lhe recomendado que não tocasse no texto nem na pontuação: mas o homem não resistiu, e foi pena que o meu tempo não me permitisse ter dado por isso nas 1.as provas (tenho lá tempo para folhear todas as provas que me entregam e envio para a tipografia!), pois teria evitado que, nas 2.as, voltássemos a emendar o que estava bem (muita confusão faz a sua pontuação, que aliás não tem nada de exótico, aos revisores; com certeza que noutras casas lhe terá acontecido o mesmo...).

Gostava de lhe escrever mais, mas já passa, e muito, da hora normal da minha saída. Voltarei a escrever amanhã.

Um abraço do seu muito Admor de sempre

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
24/8/64

Meu querido Amigo:

Mando-lhe hoje, registadas, as provas que ainda cá tinha. De facto, chega a irritar-me essa mania que têm os revisores de me corrigirem. Seria preciso dar ordens terminantes para nada alterarem do texto. Bem basta que eu não possa resistir (não posso!) a fazer aqui e além qualquer alteração, mesmo nos textos que resolvera não alterar em nada. Com as alterações que eles fazem – e que têm de ser novamente desfeitas – há sempre bastantes coisas a emendar. A Casa perde com esses revisores... atrevidos. Bem sei que as minhas maiúsculas e minúsculas, a minha pontuação, etc., são um pouco estranhas e irredutíveis a regras. Mas que têm eles com isso?

Apesar de tudo, creio que o texto do *Jacob* não exigirá grandes emendas. Terei, todavia, de rever segundas provas. Os volumes das Obras Completas ainda terão de ser mais cuidados mesmo nesse sentido.

Que o volume fique desde já pronto, não me desagrada. Mas, como disse, gostaria que só fosse posto à venda no princípio da próxima temporada teatral. Insisto nisto... peço que me desculpem. Agora que reli o texto, não pude deixar de pensar que, (modéstia à parte) se faria de ali um espectáculo decerto não para largo público, mas digno de ser montado. Pretendo, pois, fazer uma espécie de vago *remorso* a um ou outro desses teatrólogos nossos que só se interessam por teatro estrangeiro. Mas... serão eles capazes de qualquer remorso? Enfim, isto são desabafos.

Agora, outra coisa: Tinha-me dito o meu Amigo que da Galeria do *Diário de Notícias* lhe haviam perguntado para onde deveriam remeter o

desenho que lá comprei. Poderia fazer-lhes saber que para cá, para Vila do Conde? E perdoe-me estar ainda a aumentar as suas preocupações.

Creio que nada mais por hoje. Sempre lembranças aos meus Amigos que se lembrem de mim com alguma benevolência.

Um abraço do seu

José Régio

*

Lisboa, 28 – VIII – 64.

Meu bom Amigo:

O que tinha para lhe dizer, há dias, era o seguinte: Vamos enviar para a tipografia os *Poemas de Deus e do Diabo*, para que seja lançado este ano ainda. Pergunto: quererá introduzir, antes, algumas alterações no Prefácio? Não será melhor que este volte a ser o Posfácio que foi originalmente?

Nos poemas já sei que não quer mexer, ao fim de tantas edições.

– Oxalá os Vascos Morgados que há por aí, ou as Amélias[367], acordem de vez para o *JACOB E O ANJO*!

A propósito deste, remeti-lhe as novas provas, nas quais terá visto uma justa "reprimenda" minha ao revisor, pela qual verá que não havia cumplicidade minha nessas alterações abusivas.

Agradeço devolva essas provas com a possível URGÊNCIA, pois o que que [*sic*] se pretende aqui, na minha secção, é *fabricar* livros. Quantos mais, melhor! O resto já não é comigo.

Contando com a sua colaboração, e muito grato por ela desde já, creia-me sempre Adm^{or} e Amigo dedicado

Luís Amaro.

Já recebeu, decerto, o desenho de JÚLIO?

*

16 – IX – 64.

Querido Amigo:

Que silêncio entre nós! Do *Jacob e o Anjo* ainda espero, da tipografia, as provas definitivas, que darei ao revisor, para confronto das emendas. Descanse – que ele lhe não alterará uma vírgula!

Também lhe enviarei, sem falta, as provas da abertura e do final. Estas mudanças de tipografia só provocam atrasos... Enfim! Amanhã lhe escreverei carta. Um grande abraço do seu Amigo inalterável Luís Amaro.

---

[367] Amélia Rey Colaço. A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro (tinham casado em 1920) pontificava no Teatro Nacional D. Maria II. Vasco Morgado era o principal empresário teatral, e mais beneficiado pelo SNI.

Viu a nota do Salema em resposta ao rapazinho?[368] E a notícia do estudo do Sena?[369]

*

Vila do Conde
18/9/64

Querido Amigo:

As *férias*, a mim, não me dão nenhum descanso, – ou só mo dão por variar um pouco de vida. Esta minha temporada do verão de 1964 tem sido particularmente agitada. Eis porque tenho sido tão parco em notícias; desculpe.

Suponho que *Jacob e o Anjo* vai correndo as suas normais condições, – e não demorará muito a estar em campo, isto é, pronto a vir a público.

Agora, o assunto principal: Falava-me em pensarmos no 4.º volume das Obras Completas, que naturalmente seria formado pelos *Poemas de Deus e do Diabo*. Segundo me dizia, havia conveniência em fazer aparecer livros, e os ditos *Poemas* serviam um deles para breve. Acontece, porém, que pretendo dar uma *forma definitiva* àquele famigerado prefácio, ou posfácio, que nem todos os leitores apreciam, mas a que eu ligo bastante importância; e que ficará sendo agora, ligado ao meu primeiro livro, uma espécie de Introdução geral a toda a minha Obra. Isto requere algum tempo; não pode ser feito levianamente. Vou começar desde já com esse trabalho que, porém, ainda poderá demorar um pouco. E, então, lembrei-me do seguinte:

No caso de estar pronto o livro do Álvaro Ribeiro a meu respeito[370] (consultá-lo-ia), não poderia pensar-se desde já em compô-lo? Se é preciso lançar livros no mercado, esse seria um deles. Creio que o comprariam pelo menos quase todos aqueles que estão comprando as minhas obras... mais os admiradores do Álvaro Ribeiro. Que me diz a tal respeito? ou que

---

368 Nos "Pontos de Vista…" do suplemento Vida Literária e Artística do *Diário de Lisboa* de 10-IX, Salema lamenta que Gastão Cruz, naquele mesmo suplemento (30-VII), tenha reduzido a obra poética de Régio a «um conflito psicológico *aquém* da expressão artística».

369 No suplemento Vida Literária e Artística do *Diário de Lisboa* de 13 de Agosto. O estudo sairia na Arcádia, na colecção A Obra e o Homem, assinado por Eugénio Lisboa.

370 *A Literatura de José Régio* só sairá em finais de 1969, na Sociedade de Expansão Cultural, com provável distribuição já em 1970. Tinha primeira versão pronta em 3 de Março de 1964, segundo carta de Ribeiro, resposta de Régio a 5 e encontro em Lisboa, a 13. Em carta de 22 de Abril de 1964 a Álvaro Ribeiro, Régio, «verdadeiramente interessado», comentava esse estudo. Voltará ao assunto em cartas sucessivas, contado, inclusive, de empenhos junto de Agostinho Fernandes. Mas sem êxito... Ver *Correspondência com Álvaro Ribeiro*, Lisboa, INCM, 2008.

pensará disto o Senhor Agostinho Fernandes, a quem apresento as minhas lembranças?

Sem mais por hoje; e desculpe esta precipitação com que lhe escrevo, e sem a qual ainda a carta não iria.

Um abraço do seu amigo

Régio

*

[Telegrama]
18.SET.64

SINCERO ABRAÇO FELICITAÇÕES GRANDE DIA DE HOJE AMARO

*

28 – IX – 64.
Meu querido Amigo:

Falei já, ao telefone, com o Álvaro Ribeiro. Disse-me que o original não está concluído ainda, e que esperava encontrar-se com o meu Amigo para lhe ler uma parte (ou o restante?) do mesmo. Informei-o de que se encontra agora em Vila do Conde, e ele espera agora pôr-se em contacto consigo. Não lhe poderá escrever? Talvez isso fosse um incitamento ao criador da Filosofia Portuguesa (que, devo dizer entre parênteses, não desfruta de qualquer simpatia cá na casa. Eu não antipatizo com o homem, mas o absoluto conformismo dele também me não é simpático. Um escritor, um artista, está sempre *contra* – e ainda mais quando as coisas não correm humanamente bem. Suponho que é essa uma das fontes da Arte e do Pensamento: o inconformismo. O mundo está tão errado! E os artistas, os filósofos podem ajudar a transformar o mundo – são mesmo os transformadores do mundo. Está bem?).

Claro que isso não invalida o que está assente: a obra faz-se. Mas para que o A. R. nos dê o original de modo a poder ser publicado ainda este ano, é preciso espevitá-lo. Foi o que fiz! Compete-lhe agora a si, querido Amigo, escrever-lhe duas linhas.

– Não deixarei de lhe mandar provas do primeiro caderno do *Jacob e o Anjo*, e também da bibliografia (que vem no final, como nos dois anteriores volumes).

– Vejo que está trabalhando na remodelação do Posfácio (que também foi Prefácio) dos *Poemas*. E espero que continue a trabalhar no 5º. vol. de *A Velha Casa*!

Amanhã volto a escrever-lhe, porque não quero perder um comboio da tarde que me deixará em Queluz a tempo de ainda ir ao médico, para ele me receitar um calmante que me tem feito muito bem (queria dizer-lhe o nome, mas o não tenho aqui à mão). E são quase 7 horas...

Um grande abraço do seu sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

29: Afinal, a "carta" não seguiu ontem, por nem ter tido tempo de acabá-la. Aproveito, pois, para falar no outro assunto, ou melhor, para *sondá-lo* a este respeito: Estará o meu Amigo disposto a aceitar a sugestão de João de Araújo Correia, em artigo que deve ter lido mas no entanto lhe remeto junto? Isto é uma primeira "sondagem", pois, claramente, o convite "oficial" seria feito noutros termos.

Aguardo ansiosamente a suas notícias. Chegou-lhe às mãos um recorte do Brasil (de Fernando Mendonça, um português lá radicado como professor) a respeito dos *Ensaios de Interpretação*?[371] Era altamente elogioso; se não tiver conhecimento, mando-lhe.

Também o Massaud Moisés publicou no *Estado de S. Paulo* três longos artigos sobre a *Velha Casa*[372]; parece que a leitura da *Crise da Consciência*[373] lhe fez mal, pois fala agora muito em termos sociológicos...

A propósito, que diz à crítica do Pinheiro Torres a respeito da última edição do *Davam Grandes Passeios aos Domingos*?[374] Parece que só agora descobriram que, na sua Obra, os humildes, os *deserdados*, têm um relevante lugar, e que José Régio não é só grande a falar de si próprio.

E desculpe estes papelinhos em que geralmente lhe escrevo; com a falta de tempo que tenho, a minha intenção é dizer o menos possível, mas não resisto a estender-me mais um pouco...

Um novo abraço amigo do sempre seu Luís Amaro.

P. S. – O Bettencourt[375] vem cá hoje. Atravessa um período de grande depressão: morreu-lhe um sobrinho médico, de 30 e poucos anos, e há pouco um tio da mulher. Pobre Poeta! Por dificuldades materiais, passou as férias em Lisboa, só se tendo permitido ao "luxo" de ir uma tarde a Cascais... Além de tudo, a publicação do livro deve ter-lhe trazido desilusões. E o pior ainda, para ele, deve ser a luta pelo pão de cada dia, para a qual poucos seres me parecem menos dotados. Que falta de sentido prático! Este homem nasceu para outros destinos – que infelizmente a vida frustrou. O que o sustém a ele (e a mim...) são os calmantes. Vou agora mesmo tomar um, para "suportar" a tarde e toda a agitação nervosa que acompanha os meus dias. Amaro.

---

371 Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 4-IX-1964.

372 "Um ciclo romanesco", em 8, 15 e 22-VIII-1964.

373 Augusto da Costa Dias, *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*, 1964.

374 *Diário de Lisboa*, 24-IX-1964.

375 Edmundo de Bettencourt.

*

Vila do Conde
11/10/64

Meu querido Amigo:

A minha vida, durante estas *férias*, tem sido muito agitada e ocupada. Assim, as minhas notícias são raras, desculpe. Agradeço-lhe a intervenção junto do Álvaro Ribeiro. Tenho esperado que ele me escreva; mas, provàvelmente, terei de lhe escrever eu, pois sem dúvida me interessa muito o seu livro. Compreendo que a sua personalidade não seja muito simpática aí na Casa, – o que nada tem a ver, não é verdade?, com o valor dos seus escritos. Se se lhe exige uma actividade externa para a qual ele não nasceu, uma acção e uma rebeldia concretizadas, actualizadas, (digamos assim) que não estão na sua natureza, claro que não no-las dá, não no-las tem dado. Agora *conformista* – é que ele não é! Também pendo muito a crer que o não é nenhum Artista, nenhum verdadeiro Filósofo, a despeito de quaisquer aparências. Tão inconformista é o Álvaro Ribeiro que se não conforma com nenhuma das doutrinas, ou dos partidos, hoje em voga, e arranjou ele próprio a sua Filosofia, – com que se conforta. Enfim..., contos longos e coisas complexas. O caso do Álvaro Ribeiro não pode ser visto através de nenhuma visão simplista.

A respeito da sugestão, muito simpática, do Araújo Correia..., sorri melancòlicamente: Suponho que, para mim, passou o tempo das antologias! Se quiser escrever os três ou quatro livros que ainda gostaria de escrever, (e organizar os dois ou três de coisas dispersas – corrigindo-as – que gostaria de organizar) já não tenho tempo nem energias a perder. Bem me bastam, já, os volumezinhos (quanto à espessura) da Artis, e o compromisso dos artigos. Não tenho querido deixar de escrever esses artigos... porque são, de certo modo, a minha actuação doutrinal, a minha comunicação com um público mais largo e modesto. Por que não organiza o próprio Araújo Correia a sua Antologia da Árvore? Eu até lhe escreveria, para lá, um poema.

Quanto ao mais: Só agora começo a rever o prefácio, ou posfácio, dos *Poemas de Deus e do Diabo*, que aliás não será muito modificado... suponho. Pensei chamar-lhe, visto acompanhar o meu primeiro livro, "Introdução a uma Obra". Mas não será pretensioso? Quando falo na minha Obra, fico sempre um tanto constrangido. Tão insuficiente, e pobre, a nossa tal Obra... perante aquela que sonhávamos quando nos julgávamos capazes de conquistar o mundo!

Quanto ao quinto volume de *A Velha Casa*, falta-lhe apenas o capítulo final. Espero, agora, pelo sossego de Portalegre para o escrever, e pronto:

entregarei o volume, que aliás estou ansioso por entregar. E o *Jacob e o Anjo*? Agora já pode vir para fora, já vai sendo altura disso!

Parece-me que nada mais por hoje. Como falei na antologia da Artis, lembrei-me de que lhe estou devedor dessa colecção, na qual o meu Amigo me falava numa das suas últimas cartas. Vou enviar-lhe, de cá, os dois primeiros volumes, que tinha cá; e de Portalegre lhe enviarei os restantes, porque esses os tenho lá. Tudo que tenho (até na alma) está sempre entre cá e lá... Cá e Lá. (Você é Poeta, não estranha estas breves fantasias.)

Até outra vez, pois, o abraço do sempre seu amigo

Régio

*

15 – X – 64.

Com os cumprimentos / da / Portugália Editora Lda.

e o melhor abraço do Luís Amaro e pedindo a devolução na volta do correio destas provas finais!

*

Queluz, 15 de Novembro 64.

Meu querido Amigo:

Desculpe-me este postal "público", mas, como sempre nesta época do ano (e o pior não chegou ainda!), a minha vida é uma terrível atrapalhação. Querem livros e mais livros, como se a confecção de um livro fosse tão rápida como a de um jornal! E, apesar de dispor já de um ajudante que aliás, em certos aspectos, só me trouxe mais complicações ainda, não sei para onde me voltar, mesmo saindo do emprego muito para além da hora normal.

– Ontem seguiram para si as folhas da tiragem especial do *Jacob e o Anjo*, que peço o favor de devolver assinadas COM A MAIOR URGÊNCIA! Só falta imprimir a capa. O facto de a tipografia não ser a mesma dos outros volumes (até na impressão da capa) só veio dificultar, pois terei ainda que arranjar – emprestados ou comprados – os tipos para a lombada. Depois escreverei. Desculpe-me! Um gratíssimo abraço do

Amaro.

*

Portalegre
17/11/64

Meu querido Amigo:

Acabo de receber em Portalegre, devolvido de Vila do Conde, o postal que para lá me enviou. As folhas da tiragem especial do *Jacob*, se para lá foram, ainda não vieram. Devolver-lhas-ei registadas logo que cheguem, registadas e autografadas.

Tencionava escrever-lhe de Vila do Conde a avisá-lo da minha saída. Saí, porém, inesperadamente, para aproveitar um carro que me trouxe até cá, e de cá lhe ia agora escrever. Esta precipitação da vida moderna, e a consequente falta de tempo, são um flagelo que chega a todos!

Também recebi em Vila do Conde as folhas da última edição de *Jacob e o Anjo*. Não acho que a Portugália – e por conseguinte a edição dos meus livros – tenham ganhado com a mudança de tipografia; porque, visivelmente, a tipografia que imprimiu *Jacob e o Anjo* é outra. E não se apurou muito! A distribuição da tinta nem sempre é cuidada, algumas páginas estão sujas, e muitas letras (especialmente nos nomes das personagens) desalinhadas umas pelas outras. Gostava que fizesse saber isto ao nosso Senhor Agostinho Fernandes, a quem envio os meus cumprimentos. Sei muito bem que qualquer minha edição da Portugália é superior às minhas anteriores *não* desta Casa. Mas estas sempre me aborreceram. E é pena que numa edição de Obras Completas, com excelente papel e tão bom gosto na apresentação, – a composição tipográfica ou a impressão sejam descuidadas! Qualquer mau signo pesa sobre o meu pobre Jacob e o respectivo Anjo!

Desculpem-me aí a sinceridade, e até outra vez. Estou trabalhando na refundição do Prefácio dos *Poemas*, que se intitulará: "Introdução a uma Obra". Um abraço do seu amigo enquanto lho não dou pessoalmente.

Régio

*

Queluz, 22 de Novembro – 64.
Meu bom Amigo:

Agradeço-lhe a sua carta e o envio das folhas assinadas, recebidas ontem.

Talvez a meio desta semana já se lhe enviem alguns exemplares do *Jacob e o Anjo*, cuja capa está a acabar de ser impressa. Tem toda a razão nas suas reclamações quanto à desigualdade que há nos volumes das suas Obras Completas – cuja uniformidade tipográfica se impunha. Mas isso, como sabe, faz parte da minha triste história: o não ter voz activa nessas coisas... Sinto-me desmoralizado, após um período de apática acalmia: o

"terror" continua a imperar, e afinal para quê? Veremos os resultados... Claro que a vítima maior vai ser o principal responsável deste estado de coisas: o Sr. A. F.

Fiz, há tempos, nova tentativa para me libertar *daquilo*, mas junto de pessoa tão leviana que não tive coragem de reincidir no meu pedido: à segunda vez que lhe telefonei já não se lembrava do meu caso... Sei que é preciso teimar, insistir. Mas, estùpidamente, tenho-me deixado vencer pela apatia.

Agora, até ao fim do ano pelo menos, as coisas vão agravar-se, decerto. Tanto, tanto, tanto que fazer! E sempre descontentes, ainda que de lá saia às 8 horas... Mil coisas miudinhas me tomam o tempo, reclamam a minha atenção, absorvem as minhas energias. E, sem sol, agora, essas energias são menores do que já eram: vou naufragando num mar de tristeza e desânimo, em que tudo é incerteza... Malditos sejam os ditadores – ainda que eu abomine também a anarquia, com a qual nada é possível construir!

Que falta de personalidade a da pessoa que poderia pôr cobro a tudo isso: tanto à ditadura como à anarquia! Que lamentável ausência de espírito directivo!

Não quero aborrecê-lo, contagiá-lo com os meus desânimos de sempre. (Porque a tristeza, eu sei, é contagiosa, tal como a alegria pura e vivificante. Alegria!)

Sei, tenho seguido pelos jornais, que as suas transacções com a Câmara estão no bom caminho. E imagino-o absorvido no inventário da sua casa-museu, sem tempo para aturar "chatos" como eu. Se calhar a própria *Velha Casa* sofreu atraso, com esses negócios, de tamanha importância para a sua independência material. INDEPENDÊNCIA! Que bela, que formidável palavra: a palavra mágica, além de SAÚDE.

(Esta carta, eu sei, é um tanto bizarra, mas creio que estou lúcido... Pelo menos, não costumo beber. E tenho a consciência de que, neste desalinho de escrita, o meu Amigo me compreende e perdoa.)

Nem colaborações suas tenho lido agora. Porque não volta ao *Diário de Lisboa*? O Salema disse-me que não tinha lido o original do artigo em que o tal rapazinho fala de si com tanta infelicidade. E, numa nota que decerto leu, procurou "redimir-se" da publicação de coisa tão estúpida. Na verdade, o Salema não deve ter culpa, ainda que compreensìvelmente lhe não desagrade fazer o "jogo" com os novos.

Tenho saudades de o ler! Ando agora com o *Sermão de Fogo*[376], depois de umas leituras feitas sem entusiasmo nem adesão e que por isso deixei em meio: a *Crónica dos Pobres Amantes*, do celebrado Pratolini[377], etc. A

[376] *O Sermão do Fogo*, de Agustina Bessa-Luís, Lisboa, Livraria Bertrand, 1962.

[377] Vasco Pratolini (1913-1991), escritor italiano. [SC]

Bessa Luís é outra coisa; admirável mulher, na verdade! Vou ler, hei-de ler, toda a obra dela.

A propósito: fez ou faz agora 6 anos que morreu Irene Lisboa. Lembro-me de uma frase dela, quando a visitei, talvez uns 10 dias antes, já no leito da morte: "É tão bom morrer!"....

Abraça-o desoladamente o seu muito Admirador e sempre devotado Amigo

Luís Amaro.

*

8 de Dezembro [1964].

Com um abraço amigo do
~~FRANCISCO~~ LUÍS AMARO
(e outro para o nosso querido Alberto de Serpa, se acaso ele ainda aí for hoje).

*

9 de Dezembro – 64.
Querido Amigo:

Espero mandar-lhe amanhã o primeiro exemplar do *Jacob e o Anjo*! Já não é sem tempo.

Entretanto, esperava tê-lo visto em Lisboa, pois se não estou em erro os rapazes do I. S. Técnico representaram no dia 27 a sua peça *Mário ou Eu Próprio – o Outro* (ou estarei errado? Pelo menos fizeram antecipada propaganda dessa representação, mas confesso que depois não pude acompanhar a simpática iniciativa dos jovens. Quanto a ir lá... ai de mim, nem tempo, nem disposição, nem saúde. Estive agora nada menos de quatro dias de cama, com gripe e anginas!).

Como digo, sempre esperei vê-lo por cá. Mas também admito a hipótese de ter vindo e lhe faltar a pachorra de aparecer neste azarentado n.º 13...

Desta vez – e isso não é para admirar, dado o meu lamentável estado de espírito –, falhei com o envio do 1.º oitavo para as habituais dedicatórias. Felizmente que nem todos os livros estão brochados, pelo que lhe poderemos enviar para Portalegre – no caso de não vir a Lisboa tão cedo – alguns exemplares para autografar. Como se trata de uma reedição, suponho que não serão precisos muitos: só os indispensáveis.

Diga-me, porém, por grande favor, se não pensa vir a Lisboa tão cedo, pois seria preferível autografar aqui.

Agradece-lhe muito, e pede-lhe perdão por todas as maçadas, o seu cada vez mais desorientado Amigo e Admirador sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
15/12/64

Querido Amigo:

Se tivesse ido a Lisboa, como não teria aparecido por aí?! Não, não fui. E já agora, creio bem que não poderei ir senão para o próximo ano, que aliás está perto. Devo seguir para o Norte no próximo dia 22. Valerá a pena ainda mandar-me para aqui seja o que for? O meu amigo verá. Quanto a exemplares do *Jacob*, quereria que viessem *metade* para cá e *metade* para Vila Conde. Claro que não farei muitas ofertas. Trata-se de uma terceira edição. E cada vez me apetece menos fazer ofertas! O actual mundo literário... é uma balbúrdia; para não dizer coisa pior.

Obrigado pelo primeiro exemplar que recebi. A apresentação é a mesma – é sempre excelente. Mas continuo a pensar que foi pena (e logo havia de acontecer com o *Jacob e o Anjo*!) que a tipografia se não esmerasse um pouco mais... ou entrasse em acção uma tipografia que não está à altura dum trabalho esmerado. Sobretudo a impressão, não satisfaz: Ou a tinta é de má qualidade (tem, por vezes, um negro muito desagradável) ou a distribuição dela não [é fe]liz. Enfim, paciência. Como o aspecto geral do livro é francamente agradável, isso nos valha! E quando penso nas edições que fui obrigado a tolerar...

Tenho andado ocupadíssimo com a organização do inventário completo da minha colecção; isto é: da parte que transaccionei com a Câmara de Portalegre. Felizmente, acabou o suplício. Vou voltar à revisão da Introdução dos *Poemas de Deus e do Diabo* e à conclusão do V volume de *A Velha Casa*. Só faltam, a este, o final do penúltimo capítulo e o último.

E adeus por hoje. Logo que possa, nos princípios de 1965, aparecerei por aí. Dê lembranças minhas aos que julgue meus amigos sinceros (que são poucos, o que aliás nos sucede a todos) e, claro, ao Senhor Agostinho Fernandes.

Desejo-lhe um Natal e uns princípios de Ano tão felizes quanto possam ser. Porque felicidade completa... onde está ela? Quem alguma vez possuiu essa Ave do Paraíso?

Um abraço do seu amigo sempre agradecido,

José Régio

P. S. – Poderia conseguir-me um recorte da crítica do G. Simões aos meus *Ensaios*? Agradeceria, nunca a vi.

*

17 – XII – 64.

Com um abraço e os votos, muito sinceros e muito amigos, de um bom Natal! do

Luís Amaro.

*

7 – Janº – 65.
Meu bom Amigo:

As minhas primeiras linhas deste ano são para lhe perguntar… aonde é que está: em Vila do Conde ou Portalegre?

Queria mandar-lhe *Jacobs e o Anjo* para autografar (Imprensa, etc.), mas não sei do seu paradeiro e receio fazer asneira.

Este livro não foi lançado com a euforia dos outros! Não admira – trata-se de uma reedição. E, por mim, que poderei fazer… senão ir sobrevivendo? Não tenho voz activa em nada disto – estou, cada vez mais, reduzido a zero. Benemerências!

Escreva-me, por favor, duas linhas – dê-me essa rara alegria, no meio da minha apagada e vil tristeza. Parabéns pelo belo poema de Natal, no *Dº de Notícias*![378] Seu desolado e inútil Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
10/1/65

Querido Amigo:

Estou em Vila do Conde, e de cama, retido por uma gripe que me tem abatido bastante. Ia escrever-lhe para lho dizer, quando recebi a sua carta. Suponho que ainda estarei por cá uns dez dias, portanto pode enviar-me os oitavos para cá. Não digo que os devolva logo, porque estou sem paciência para nada. Mas esforçar-me-ei por não demorar demasiado. Bem poucas ofertas farei, desta vez, – pois os críticos acharão no facto de se tratar de uma 3.ª edição um pretexto para não falar dum livro… que se não ocupa de problemas sociais. A Casa é que terá, portanto, de fazer um bocadinho de reclame, como aliás faz para vários livros. Há muitos meses que de aí me pediram, com urgência, uma foto que pudesse vir nos envelopes – como os que reclamam as Obras Completas de Jaime Cortesão. Enviarei a fotografia,

[378] "Natal", 25-XII-1964. Recolhido em *Colheita da Tarde.* Inéditos e Dispersos, Porto, Brasília Editora, 1971.

que foi aprovada. Há já uns meses. Não seria agora ocasião, com este meu 3.º volume das O. C., de lançar os tais envelopes? E por aqui me fico, meu Amigo. Estou, na verdade, abatido, e escrevo com custo.

Um abraço do sempre seu certo

José Régio

*

13 – I – 65.

Meu querido Poeta e Amigo:

Oxalá esteja bom, já, desse aborrecido ataque de gripe! Também eu estive atrapalhado, e fiquei, desde aí, mais combalido do que já estava anteriormente (além dos outros "achaques", esses mais graves, de que tem conhecimento...).

Como lhe dissera, desta vez fizeram já toda a brochura do volume, ainda que metade esteja ainda sem capa. Isso complica o nosso assunto, na medida em que lhe é mais difícil devolver-nos os livros assinados. Com esse receio, vou enviar-lhe só 15 livros[379] para Vila do Conde, para as ofertas mais urgentes, e remeterei depois para Portalegre os exemplares restantes (não me esquecerei de lhe remeter também mais exemplares para as suas ofertas pessoais, além dos 15 que já recebeu em Vila do Conde).

Agradeço me diga se faço bem assim, ou se prefere que mande já para Vila do Conde mais livros para as ofertas à Imprensa, que estão bastante atrasadas.

Remeto a lista do costume; como de costume, também, seleccionará dela os nomes que mais lhe aprouverem.

– Estou a ler um bom livro: *S. Francisco de Assis*, de Kazantzaki[380]. Cada vez me convenço mais de que tudo, no mundo, é poeira e vaidade (e ruindade), menos uma coisa, que infelizmente me falta: a fé em Deus.

Deseja-lhe as melhoras, do coração, o seu muito dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O assunto dos envelopes está a cargo do Câmara Leme, que o tem descurado. Vou espicaçá-lo!

Agradeço encarregue alguém da embalagem e devolução dos livros, coisa que deve ser altamente maçadora para si. Obrigado!

---

379 Nota manuscrita de L. A.: sem capa, o que já facilita um pouco a devolução [SC].

380 Níkos Kazantzákis (1883-1957), poeta, romancista e filósofo grego, mais conhecido pelo filme *Zorba, o Grego* (1964), tirado de romance homónimo. [SC]

*

Vila do Conde
18/1/65

Querido Amigo:

Cá recebi os 15 exemplares do *Jacob* (sem capa) e o exemplar para mim da edição especial. Agradecido por tudo. Vou ver se consigo autografar, ou dedicar, os exemplares mais *urgentes*, digamos. Os exemplares para a Imprensa serão poucos… mesmo muito poucos. Como já cá tinha recebido os primeiros 15 exemplares – encapados – não preciso, por enquanto, que me envie mais nenhuns para Vila do Conde; ou, no caso de precisar, lhe escreverei. Continuo aqui retido por esta gripe que ora melhora ora piora. Regressarei a Portalegre logo que possa (então o avisarei disso) e então me enviará para lá os exemplares restantes. E por hoje é tudo! Sempre obrigado, o seu amigo

José Régio

P. S. – Dizem-me que o livro do Álvaro Ribeiro já foi entregue aí na Portugália. Se é verdade, agradeceria m.to que mo mandasse dizer. J. R.

*

25 – I – 65.
Meu querido Poeta e Amigo:

Recebi as suas breves notícias de há dias, mas não recebi os livros – cujo envio está já tão atrasado! Agradeço não demore, para não deixar arrefecer o ambiente à volta das Obras Completas. Lembre-se, querido Amigo, que estamos na época da Publicidade! E que os que não cultivam essa deusa (ainda os há, felizmente) são simplesmente afastados para o lado...

– O Álvaro Ribeiro não entregou ainda o original, ao contrário do que lhe disseram. Nada sabemos sobre o assunto.

Desejando muito o seu completo restabelecimento, abraça-o do coração o seu sobrevivente Amigo, sempre grato e Admirador

Luís Amaro.

*

30 – I – 65.
Meu querido Amigo:

Recebi ontem *14* exs. autografados do *Jacob*. Já estão a encapar. Muito obrigado pelo autógrafo (artístico) no meu exemplar!

Mandei hoje um livro ao Álvaro Salema, com o pedido de referência jornalística no próximo nº do suplemento.

Mas acho que, independentemente deste, ele merece um com a sua dedicatória. Acho que ele se revelou sempre um seu grande e dedicado Admirador. Por isso me permito sugerir-lhe que envie directamente um dos exemplares que aí tem; e também ao Alexandre Pinheiro Torres – Rua de S. Sebastião da Pedreira, 8, 1º Dtº, Lisboa.

Não deixemos morrer as Obras Completas de José Régio! Para quando o original dos *Poemas*? Como vê, apesar de tudo, vou resistindo... – O grande e gratíssimo abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Constou-me que um dos diários do Porto ia dedicar-lhe um suplemento, a propósito do 40º aniversário dos *Poemas de Deus e do Diabo*.

*

[30 – I-65]

FAVOR ENVIAR VILA DO CONDE LIVROS DEDICAR IMPRENSA = REGIO

*

2 – II – 65.

Querido Amigo:

Espero que já tivesse recebido mais 15 livros sem capa. Os outros, dedicados, já estão em poder dos a quem destinou as dedicatórias. Por mim, volto a agradecer o belo desenho (belo = revelador) que emoldurava as suas palavras amigas.

Mando-lhe uma lista das ofertas mais urgentes. Acho que, para a Imprensa, não é necessário, talvez, oferecer mais, pelo menos com dedicatória.

Considero importantes: as ofertas a Sousa Lobo (um grande admirador seu, segundo se depreende das críticas no *Diário Popular*[381]), a Alexandre Pinheiro Torres (já sugeri que mandasse directamente um ex. dos seus, que depois se descontaria, para a residência – Rua de S. Sebastião da Pedreira, 8 – 1.º Dt.º) e, claro, a Álvaro Salema, embora este decerto não deixe de fazer referência já no próximo *Diário de Lisboa*[382], pois lhe mandei um exemplar e lha pedi expressamente.

---

[381] Recenseara *Davam Grandes Passeios aos Domingos* em 12-X-1964, como fará com *Vidas São Vidas*, 22-XII-1966.

[382] 4-II-1965, não assinado.

A perplexidade em que estava (e também, claro, o meu péssimo estado de espírito, de que ainda não estou bom) quanto à sua ida para Vila do Conde, no fim do ano, atrasou tudo. Mas ainda vamos a tempo!

Como lhe disse, parece que os rapazes do Suplemento do *Jornal de Notícias* querem dedicar-lhe uma página. Como o orientador é Nuno Teixeira Neves, seria bom mandar-lhe, também, um ex., sem demora.

Creia sempre grato o seu doentio amigo, mas sempre dedicado

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
4/2/65

Meu querido Amigo:

Recebi ontem a sua carta (ontem, dia 3) e até hoje de manhã ainda não recebi os novos exemplares sem capa em que me fala. Pode acontecer que cheguem no correio de hoje. Eu tenho continuado doente, quase sem energia para nada. E logo desta vez tudo se complicou! Continuo a pensar que há uma espécie de praga sobre o meu teatro.

Já mandei exemplares ao Salema e ao Luís Francisco Rebelo. Da lista que me enviou, enviarei exemplares àqueles que têm direito, no meu entender, a que lhos mande: Isto é: aos que têm mostrado simpatia pelas minhas coisas. Afora isso, de modo nenhum quero dar a impressão de mendigar referências nos jornais.

De resto, não haja ilusões: Uma referência que sai uma vez num jornal não tem importância de maior para o reclame duma obra. O verdadeiro reclame, não posso ser eu a fazê-lo. (Direi que nem é bem a mim que interessa?) Ao menos o tal reclamezinho dos envelopes talvez já pudesse ter sido feito, não é verdade?

Desculpe-me a secura destes dizeres, que vem de estar a escrever com pouco vagar e pouca disposição. É hoje um dos dias em que me sinto pouco bem, e com esforço termino esta carta.

Não obstante, se estiver mais ou menos em condições, tenciono seguir para Portalegre na próxima 2.ª feira. Vamos a ver. Já precisava de lá estar. Se for, ou quando for, avisá-lo-ei. E sem mais por hoje, um abraço sempre do seu amigo

José Régio

*

Queluz, 30 de Março – 65.
Meu querido Poeta e Amigo:

Estranhará porventura que, depois da sua estada em Lisboa[383] (e do, por minha culpa, nosso irrealizado almoço), não lhe tenha escrito – tanto mais que, afinal, não cheguei a despedir-me de si. E já lá vai quase mês e meio! Precisamente desde essa data tenho estado ausente da Portugália: primeiro, com uma violentíssima constipação, em que a tosse me não deixava dia e noite; depois... por ter atingido o máximo da saturação e sofrimento "profissionais". Além de tudo, queixando-me ao médico de grande depressão física (embora o que mais sentia e sinto seja de natureza moral), fiz uma radiografia que acusou "lesões evolutivas" em ambos os lados dos pulmões! Embora um especialista não tivesse concordado de modo nenhum com essa conclusão "radiográfica", fiz depois uma tomografia que só agora deve estar pronta. Portanto, e enquanto o caso se esclarece tenho estado em casa... a meditar e a sofrer, nos dias de Inverno, escuros e feios; e, nos recentes e lindos dias de Primavera, a apanhar um pouco de sol e ar puro, nos jardins do Palácio do seu amigo Ventura Porfírio (que nem de vista conheço) e aqui pelos arredores. E, claro, depois da doença física – de que felizmente não sinto já sintomas – e do estado de incerteza e inquietação quanto à minha estabilidade na vida, já arranjei novos motivos de sofrimento – já que toda a minha vocação, afinal, se encontra nessa palavra. Isto numa altura de preocupações religiosas, motivadas por uma "nostalgia do divino" muito obscura e indefinida – mas sempre latente em mim –. Estou convencido que para chegar Lá, para atingir a graça da Fé, para dissolver ou mergulhar em Deus o miserável "eu" que me acompanha, todo esse sofrimento é necessário: se assim não fora eu sentir-me-ia realizado no mal, o que está longe de acontecer. Ah, tanto precisava fugir daqui, isolar-me, concentrar-me, aprofundar-me! Talvez (mas isto muito para si!) em breve lhe escreva desse sítio ermo que tanto ambiciono, e onde decerto encontraria pacificação para os meus males. Mas quanta dificuldade para chegar aonde quero!... Ah, se eu pudesse desprender-me de tudo, renunciar a tudo – ao ordenadozinho certo, à vida caseira modesta mas relativamente confortável, à comèdiazinha burguesa, ou semiburguesa, que sou obrigado a representar – eu, o maldito, o inquieto, o deslocado, o proscrito!... Bem fez o meu Amigo em criar o seu mundo, em fechar-se nele – renunciando, e ao mesmo tempo criando asas para a Vida que na realidade vale: a vida do Espírito!...

Como vê, nem lhe falo nas misèriazinhas do emprego, tão humanas, nem do pior: a ditadura intolerável que por lá tem reinado desde há 2

[383] Régio passou alguns dias em Lisboa, donde saiu a 26 de Fevereiro.

anos, com o tácito consentimento dum pobre homem que, não sei por que mistérios, chegou a ter na vida uma situação material proeminente: mais não digo, porém, porque tudo compreendo, embora nem tudo possa aceitar (e tanto é verdade que, como disse acima, o meu pensamento mais íntimo, e talvez mais puro, seja há muito este: abdicar de todas as conveniênciazinhas terrenas, largar todos os deusezinhos terrenos – e evadir-me... para onde?!). Não julgue, querido Amigo, que tudo isto é imaginação exacerbada: o próprio Costa Dias, com quem há tanto estou em desacordo em tantos aspectos mas que nunca exerceu sobre mim qualquer espécie de tirania de que me queixo, já também não pode suportar o jugo (embora nunca sobre o assunto trocássemos uma palavra). O indivíduo (o tal) é da raça dos déspotas, e encontrou, para exercitar livremente as suas tendências, um homem fraco (e ambicioso, afinal) que lhe outorgou todos os poderes... Mas como lhe disse, estou tão cansado de todo este assunto! Todo o meu ser aspira por libertação.

Não cheguei a saber se efectivamente deixou na P. E. os originais do romance (V da *Velha Casa*) e do Posfácio aos *Poemas de Deus e do Diabo*. Diga-me, se puder, qualquer coisa para aqui, pois só devo voltar a Lisboa, para o trabalho, na próxima segunda-feira: ainda que saiba, naturalmente, que a minha ausência tem causado perturbações.

Li a biografia de S. Paulo, de Pascoaes; um romance de Graham Greene; umas páginas da Bíblia, e outras coisas. Mas a fonte, a grande fonte da Poesia e da Verdade, está afinal aí: no estudo do Livro Divino.

Adeus, querido Mestre e Amigo. Um grande e grato abraço do sempre seu

Luís Amaro.

*

Portalegre
13/4/65

Meu querido Amigo:

Estava para lhe escrever (e a realização dessa vontade já vinha sendo adiada há uns dias) quando recebi a sua carta. Depois tive aqui a visita dum amigo, que me ocupou inteiramente, e eis porque só hoje lhe envio estas linhas.

Pela sua carta vejo que o seu estado de espírito, que suponho ter origem num estado de nervos, ainda não é satisfatório. A sua visão continua pessimista... o que aliás é quase natural a quem tem uma sensibilidade própria e contempla os desconcertos deste mundo. Compreendo-o perfeitamente, eu que tenho atravessado tantas crises e sofrido em razão de tão variadas coisas. Mas agora que cheguei (se é que cheguei) a uma relativa

serenidade aliás profundamente melancólica, – quereria incutir-lhe um pouco de sossego. Esse homem cujo feitio o atormenta (já não posso vê-lo com bons olhos!) não merece por certo os seus tormentos. Eu creio em tudo que me diz; mas também creio que, com uma sensibilidade menos aguda e uns nervos menos agitados, o meu Amigo resistiria melhor – e mais eficazmente – ao seu autoritarismo. Não poderia pedir ao Senhor Agostinho Fernandes, que, com todos os seus defeitos, creio seu amigo e não creio má pessoa, que lhe poupasse o mais possível os contactos com ele? Bom era que o Costa Dias se aborrecesse cada vez mais com esse despotazinho! Já seriam os dois contra um. Mas o Senhor Agostinho Fernandes não acabará por abrir os olhos?

Eu já enviei para a Portugália a Introdução aos *Poemas* agora definitivamente remodelada. Ainda ficou mais longa... mas tem de ser. Considero-a importante para quem pretenda conhecer a minha obra, – vá lá o palavrão. Tinham-me dito na Portugália que havia urgência em fazer aparecer os *Poemas*, chegando eu a sugerir que até se começasse desde logo a composição destes, e a Introdução iria sem demora. Todavia, não vejo agora muita pressa.

E como o manuscrito do 5.º volume de *A Velha Casa* está pràticamente pronto, (estou copiando o último capítulo, cópia que todavia sempre demora pelas alterações que introduzo) e como eu, agora, me interesso mas é pelo aparecimento deste novo volume – estou um pouco impaciente... Agora que o meu Amigo voltou ao trabalho, talvez eu tenha mais notícias. Devo ir muito breve a Lisboa, ver a Exposição de Arte Francesa. Sem dúvida não deixarei de aparecer por aí.

Um abraço do seu m.to amigo

Régio

P. S – Desculpe estas linhas tão atabalhoadamente redigidas. Queria escrever-lhe hoje sem adiamento, e estou cansado... J. R.

*

30 – IV – 65.

Meu Amigo:

Desculpe que mal me tivesse despedido de si! No preciso momento em que se foi embora chamaram-me ao telefone...

– As Poesias do Bernardim estão esgotadas na Sá da Costa[384].

Mas é provável que lhe arranje um ex. emprestado.

[384] Volume II, *Éclogas*, das Obras Completas, com prefácio e notas de Aquilino Ribeiro e M. Marques Braga, 1950.

Também ainda não consegui arranjar o Bilac. Vou hoje telefonar para mais alfarrabistas.

Um grato abraço do que teve muita alegria em revê-lo

Luís Amaro.

*

3 – V – 65.

Meu querido Amigo:

Tenho feito todas as tentativas para obter o Bilac e o Bernardim: telefonemas aos alfarrabistas e livreiros, onde, inclusivamente, fui também. Mas nada consegui até agora! Por isso pedi a um amigo que visse na sua estante se tem esses livros e mos emprestasse: trar-mos-á amanhã, mas não o Bernardim da Sá da Costa (que não tem e não existe mesmo no editor, para onde telefonei agora, para um caixeiro amigo e muito prestável… que aliás só conheço pelo telefone).

– Que português horrível estou a escrever! É um sintoma do meu estado de espírito actual…

– O amigo de que lhe falei (e é, afinal, o poeta José Gomes Ferreira) trouxe-me há pouco um volume de Poesia do Bernardim, mas da edição da Imp. da Univ. de Coimbra (Carolina Michaëlis)[385]. Não tem o Bilac[386]. Diga-me, por favor, se quer que lhe envie o livro, que J. G. F. me empresta. Claro que, com mais tempo, conseguirei o empréstimo das edições que lhe interessam, através de outros amigos. Mas o ideal, eu sei, era *adquirir* essas edições – do que, entretanto, não desistirei.

O que queria era que tivesse a certeza de que não me desinteressei do seu assunto.

– Da *Velha Casa* não houve ainda tempo de tratar com o Sr. A. F. (refiro-me ao pagamento dos direitos. Amanhã, se possível, se tratará disso).

Sinto-me quase apático, esquisito… Será do tempo? Ou das malandrices que me têm feito?...

Desculpe-me e aceite o grato abraço do seu

Luís Amaro.

*

[385] *Obras [de] Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão:* Nova ed. conforme a ed. de Ferrara. Preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 1923.

[386] Régio preparava, para a colecção As Mais Belas Poesias da Língua Portuguesa, n.º 17 da Artis, *As Mais Belas Poesias de Olavo Bilac*, 1966. Talvez requeresse as edições brasileiras das *Poesias*, de 1930 ou 1935, como se percebe à frente.

Portalegre
6/5/65

Meu prezado Amigo:

Recebi ontem a sua carta, e hoje uma do Senhor Agostinho Fernandes.

Suponho que também terá recebido os volumes, que lhe enviei, da Antologia da Artis. Faltam os n.os *1* e *14*, de que não achei cá exemplares. Devo, porém, tê-los em Vila do Conde, e quando para lá vá de lá lhos enviarei; (desta vez, sem adiamentos; e também sem adiamentos receberá de ora em diante os números que forem saindo).

Muito obrigado pelas suas diligências a respeito dos livros de que preciso. A edição do Bernardim da Imprensa da Universidade de Coimbra também eu a tenho. Basta-me fazê-la vir de Vila do Conde, o que é fácil. Peço-lhe, pois, para agradecer ao Amigo que estava disposto a emprestar-ma. O que eu queria agora era a edição Sá da Costa, – se é que os Clássicos Sá da Costa incluíram já o Bernardim; por que [porque,] na verdade, ainda nem isto averiguei. Quanto ao Olavo Bilac... estou vendo que é difícil *apanhá-lo*! Os *Sonetos* do Antero[,] da *edição de António Sérgio*, também me seriam muito úteis. Mas serão acháveis? E o caso é que eu já os tive, ou ainda os tenho, mas onde?

A respeito dos meus direitos editoriais: Aqui para nós, pois não quis ainda falar nisso ao Senhor Agostinho Fernandes, o que poderia convir-me era ir recebendo os direitos desta nova edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Porque a respeito do 5.º volume d'*A Velha Casa*, como já recebo antecipadamente 7.000$00 (se a memória me não falha, mas é fácil averiguar), não sei se será de boa táctica falar já em qualquer possível acrescento... Estas questões de dinheiro (pena ser ele tão preciso, e sobretudo a quem tem pouco tino para economizar!) deixam-me sempre um tanto embaraçado.

E por hoje eis tudo. Vou tentar refazer dois desenhos que, a meu pedido, o Senhor Agostinho Fernandes me enviou – pois ele quer incluir os *desenhos do autor* nesta nova edição dos *Poemas*. Oxalá não ponham depois o livro demasiado *alto*!

Estimando muito sinceramente as suas melhoras – que estão sempre um pouco na sua mão (na nossa mão) pelo que dependem do nosso próprio esforço de resistência, direi de voluntária indiferença?, perante as mesquinhices que nos rodeiam –, sou sempre o seu amigo agradecido,

José Régio

*

7 de Maio – 65.
Querido Amigo:

Começo o meu dia de trabalho (e enquanto não chegam as complicações e trapalhadas) com este breve agradecimento para si: Recebi anteontem, precisamente no dia em que completei 42 anos – já! e que tristeza de data! –, a preciosa colecção das Mais Belas Poesias... da Artis, a que só faltam dois volumes que hei-de adquirir, pois suponho que faltassem no seu *stock*. Fiquei contentíssimo (esta palavra não liga muito bem comigo...) com a lembrança e a coincidência (adivinhação de Poeta? ou propósito deliberado? mais uma razão, se assim for, para lhe estar grato). A minha pobre biblioteca ficou notàvelmente enriquecida, e ainda mais por os volumes estarem autografados por si e um deles conter um lindo desenho regiano, em que não há a crispação e a tortura que caracterizam, de modo geral, os seus desenhos (por ex., os dos *Poemas de Deus e do Diabo*). Claro que, tal como na Poesia, não é o lirismo sereno que mais me agrada numa obra de arte, já que a vida é, acima de tudo, inquietação e sobressalto: mas, às vezes, apetece repousar... e foi decerto o que lhe aconteceu, querido Amigo, ao fazer aquele desenho idílico, a condizer aliás com a índole do volume.

Muito e muito obrigado, uma vez mais!

– Dos seus assuntos na Portugália: deve ter recebido os dois desenhos para retocar, e breve receberá provas (tenciono revê-las primeiro, em casa, e mandar-lhas depois).

Também por estes dias o Sr. A. F. tenciona tratar do caso dos direitos autorais.

– E depois deste breve parênteses comercial, volto aos nossos assuntos pessoais:

Espero arranjar-lhe hoje, emprestado, o volume das Poesias de Bernardim, da Sá da Costa, a que juntarei o da ed. da Impr. da Universidade (ambos me são cedidos por escritores amigos, pelo que agradeço a devolução, logo que não sejam necessários). Também não desisti de lhe arranjar ainda o Olavo Bilac; em último caso, apelarei para o meu velho amigo Gaspar Simões, que me lembro de possuir o volume.

Receba, querido Poeta e Amigo, o melhor e mais grato abraço do seu muito dedicado

Luís Amaro.

*

10 – V – 65.
Meu querido Amigo:

Finalmente, aí vão hoje os livros de que tanto necessita: o Bernardim e o Bilac. Encontrei-os ontem na biblioteca do Sr. A. F., do Estoril (a outra parte da biblioteca, notável, está na casa da residência em Lisboa, no Algarve Exportador, em casa dos filhos...). Fiquei satisfeito comigo próprio por, finalmente, poder ser-lhe útil.

Quanto ao Antero, do Sérgio, acho estranho que me tornasse a falar nele, pois já lho enviei há dias, juntamente com o livro do Tóssan, o seu retrato pelo Arlindo Vicente e o n.º 2 do *Guia do Leitor*. Ou não será essa a edição que lhe interessa? Podia ter trazido do Estoril uma outra edição do Couto Martins, mas parti do princípio que a da Sá da Costa é como que uma cópia dessa (edição crítica, não é? Por sinal quero também comprar um ex. para mim). Agradeço me diga se recebeu, pois este primeiro envio não foi registado, e também se essa edição lhe serve ou pretende a anterior (que não é da Sá da Costa, como disse): ou haverá outra ainda?

– Seus direitos: seguirão amanhã dois vales no montante de 10.000$ (5 cada), para pagamento dos *POEMAS DE DEUS*, de que recebi hoje provas que vou rever em casa (a primeira remessa!). O Sr. A. F. acha bem essa importância, apesar do [de o] *Jacob e o Anjo* ter sido de 9.000$, devido ao preço por que esse último volume foi posto à venda: chamando-lhe eu, agora, a atenção para o exagero do preço e dizendo-lhe que o meu Amigo também reparara nisso, ele concordou e não me soube dizer porque foi. Eu sei: as costumadas arbitrariedades de que lhe tenho falado... e a que o Sr. A. F. é, *até certo ponto*, alheio. Resta, agora, saber se o meu Amigo também achará justo o preço de 10.000$.

A propósito de dinheiros: olhe que o que recebeu (em 14 de Setembro – 63, conforme recibo que vi há pouco, por si assinado) foram 10 e não 7 contos (falo do V. vol. da *Velha Casa*). Não quero dizer com isto que considere o assunto arrumado (por favor!: sou e quero conservar-me alheio a estas coisas). Mas simplesmente esclarecer.

– Volto a agradecer-lhe a preciosa colecção das Mais belas poesias. Que bela coisa!

Creia, querido Amigo, na maior gratidão do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – É inútil dizer que o empréstimo dos livros foi autorizado pelo dono dos mesmos.

*

Portalegre
24/5/65

Meu prezado Amigo:

Aqui lhe envio as primeiras provas da Introdução dos *Poemas*. Não foram mais cedo, porque tenho tido recentemente uma vida muito ocupada e agitada. Até parece impossível, numa pacata cidade alentejana!

Não pude deixar de ainda fazer algumas correcções no texto; no entanto, não demasiadas. Há coisas que só "em letra de forma" a gente vê; e eu chego a pasmar de como não noto logo nos manuscritos coisas que, impresso o texto, me saltam à vista!

Obrigado pelas suas *chamadas de atenção*, que na maioria me foram muito proveitosas. A verdade é que uma obra literária só verdadeiramente se apura através de várias leituras, revisões, correcções... Os grandes Mestres do século passado sabiam isto, procediam em consequência, e por isso se tornaram grandes Mestres.

Mas não quero assustá-lo; prometo que nas 2.as provas que peço me limitarei a corrigir as gralhas, que oxalá não sejam muitas... e só muito raramente a qualquer pequena correcção escapada ao apuramento da expressão...

As provas da parte poética não demorarão a seguir; aqui não me permito fazer correcções. As minhas lembranças ao Senhor Agostinho Fernandes e a todos os meus Amigos da Casa, com um abraço para si do já velho amigo

José Régio

P. S – E então o sarilho da Sociedade dos Escritores?![387] Que tempos estes nossos, de confusão e paixões cegas! Ainda se em tudo isto se estiver gerando um mundo melhor... J. R.

*

Portalegre
28/5/65

Querido Amigo:

Aqui lhe devolvo as provas dos *Poemas de Deus e do Diabo* pròpriamente ditos. Não pude resistir, não pude, a fazer umas três ou quatro pequenas alterações nos versos... – mas coisa pouca. Precisaria de ver,

[387] Às 22 horas do dia 21 de Maio de 1965, elementos da PIDE e da Legião Portuguesa assaltaram as instalações da Sociedade Portuguesa de Escritores, na Rua da Escola Politécnica, n.º 20, na sequência da atribuição do Grande Prémio de Novelística a *Luuanda*, de Luandino Vieira, preso por 'traição à pátria'.

agora, 2.as provas, já paginadas; e depois creio que se poderá imprimir. Também gostaria de receber provas dos desenhos no próprio papel em que serão impressos.

Esqueci-me de lhe recomendar que, juntamente com as 2.as provas da Introdução*, deverão vir as primeiras, corrigidas por si e por mim*.

Também me esqueci de agradecer (peço para o fazer ao Senhor Agostinho Fernandes) os 3 novos exemplares dos *Ensaios* que recebi.

Mais nada por hoje, pois estou escrevendo à pressa para apanhar o correio.

Um abraço, sempre, do

José Régio

*

Queluz, 30 – Maio – 65.

Meu querido Poeta e Amigo:

Tenho andado para lhe escrever, desde há dias, mas a disposição, o estado de desolação e apatia em que vivo, não me têm deixado... Que me estará para acontecer, que coisas sombrias pressinto no meu subconsciente, que ameaças do destino impendem sobre mim...? Sei só que vivo numa "longa e negra apatia" e numa "miséria extrema", isto é – num absoluto desconforto moral. Isto sem influências literárias (apesar da citação, que nada mais exprime que sentimentos reais, não imaginados).

31 – 5:

Interrompi-me, e possìvelmente não acabarei ainda, tão destreinado estou já de escrever e tão abúlico (em calão: chalado) me tenho sentido. Que descontentamento de mim próprio, da minha fragilidade doentia, que mais parece aumentar à medida que tento aproximar-me daquilo que transcende todas as misérias humanas!... Que aflitiva falta de segurança material, e ao mesmo tempo que descrença nas minhas possibilidades nesse campo e, no fim de contas, em qualquer campo! Talvez haja ou houvesse em mim, desde sempre, o germe de um misticismo que nunca se revelou, que nunca foi cultivado: mas, ao mesmo tempo, que demoníacas seduções me acenam, desde sempre também, e igualmente irrealizadas! Tudo impreciso em mim, tudo inconsistente...

Por exemplo: Tenho, como lhe disse, procurado aproximar-me de Deus, vislumbrar, ainda que fugidiamente, a graça da Fé. Mas as leituras que tenho feito (à parte umas belas e vigorosas páginas de Papini[388])

[388] Giovanni Papini (1881-1956), escritor italiano, convertido ao catolicismo, e cuja obra mais controversa se intitula *Il Diavolo*. [SC]

parecem-me ter dado um resultado emoliente, que mais contribui para exacerbar o meu antiquíssimo complexo de inferioridade... A tal ponto que, aos 42 anos, me sinto muitas vezes como se fora uma criança, tal a falta de energia que sinto. Será também influência deste tempo quente, propício à lassidão e a uma certa languidez? Ou não haverá no Cristianismo uma traiçoeira força negativa da personalidade, que faz com que as almas já de si fracas abdiquem de si próprias, se desprezem a si próprias, embora continuando no erro para que, aliás, contam, através do sofrimento, com o perdão?

Claro: Tudo isto também é fruto das desconsiderações, da sistemática anulação de que, profissionalmente, tenho sido vítima – embora, conhecedor das minhas limitações, eu nunca ligasse muito a qualquer autoridade que pudesse ter. Sinto-me como que desligado e, tendo posto, durante muitos anos, toda a minha boa vontade e toda a minha honestidade no cumprimento dos meus deveres, seria impossível que (já não falo em amor-próprio!) a minha alma se não sentisse magoada, pisada, humilhada... como que escorraçada.

Mas basta de falar de mim. Falemos antes de:

Soc. de Escritores – Que escândalo e que rebuliço! E que miserável especulação política – e que leviandade também do nosso conhecido... mas é proibido, dadas as actuais circunstâncias, citar nomes. Foi ele o principal promotor da atribuição do Prémio: é um rapaz inteligente, culto, cheio de qualidades intelectuais (e possìvelmente até "bom rapaz"), mas um espirra-canivetes, um temperamento extremista, um... irreflectido, afinal[389]. Mas, claro, tudo isso não justifica o resto, e muito menos a extinção da Sociedade, e a vilíssima proeza do tal grupo que destruiu o mobiliário da Sociedade. Enfim... parece que a efervescência já passou, mas que tristeza nos deixou tudo isto! Sei que alguém foi a Portalegre, num automóvel, para que o meu Amigo assinasse uma representação que fizeram ao ministro, a protestar contra a extinção da Sociedade. Mas parece que não o conseguiram encontrar!

Eu assinei essa representação, porque mo pediram e a minha consciência mo impôs, embora não tenha a veleidade de me considerar escritor (sinto-me, cada vez mais, um atrasado!).

Como deve saber, os membros do júri que tinham sido presos (Abelaira, Torres e Fonseca) já foram postos fora, há dias[390]. Entretanto, o caso já ia dando tragédia, que possìvelmente também já conhecerá: o M. da F.[391],

---

389 Alexandre Pinheiro Torres.

390 Augusto Abelaira não tinha voto; acrescem Fernanda Botelho e João Gaspar Simões. Este preferiu um livro de Urbano Tavares Rodrigues.

391 Manuel da Fonseca.

casado, vive desde há um ano com uma senhora casada, que não a dele; enquanto preso, a senhora foi visitá-lo e, interrogada pela Polícia, foi vexada pela sua ambígua situação conjugal. De regresso a casa, e sentindo-se enxovalhada na sua dignidade de mulher, tentou suicidar-se, mas, felizmente, foi salva, embora ainda se encontre muito doente.

Agora a propósito de Torres, não quero deixar de dizer-lhe quanto me desgostou a crítica que, dias antes[392], ele fizera ao *Jogo da Cabra Cega*. Como não viu ele a riqueza desse livro perturbante? Como se permitiu "brincar", quase, à custa de uma obra que, segundo ele próprio contraditòriamente diz, foi precursora de um Sartre, de um Camus, de um Graham Greene?

É escusado dizer-lhe que inteiramente me solidarizo consigo – pobre e inútil solidariedade a minha! – neste caso lamentável, quanto a mim. Que lhe façam restrições, claro que terei de aceitar, pois o contrário seria ininteligente. José Régio não é intangível, como o não são Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Raul Brandão, Pascoaes. Mas que as restrições que lhe façam sejam *a sério* e não num tom semi-brincado, semi-garoto... E que as reflexões que qualquer livro seu mereça sejam feitas num plano e numa altitude que a sua Obra globalmente exige (não quero empregar a palavra *respeito*, por demasiado solene e incompatível com a sua juventude de espírito, com o espírito presencista, afinal. Nada de menos académico que o homem e o escritor José Régio!).

Revisão dos Poemas de Deus e do Diabo: Dei às provas só uma leitura, e no estado de espírito que sabe. Falta-me, na verdade, a concentração que estes trabalhos exigem – falta-me, claro, no momento actual, pois sei que não sou dos piores revisores. Além disso, uma só leitura é, *sempre*, insuficiente. Nas provas dos *Poemas*, hoje recebidas, vi algumas emendas suas a gralhas importantes que me tinham passado; mas creia que me reservava e reservo para as 2.as – e em face do original. Claro que todas as 2.as provas lhe irão parar brevemente às mãos. Uma boa notícia, para fechar: Sabe quantos livros seus, além dos *Poemas* e das *Histórias de Mulheres*, estão esgotados na Portugália? Nada menos que:

o *Fado*
as *Três Peças em Um Acto*
as *Encruzilhadas*
e a *Biografia*.

Bem bom para um Autor que não escreve para o grande público! Pena é que este ainda não descobrisse a *Velha Casa*; há-de descobrir um dia. E a propósito: para estabelecerem a "mancha" do 5.º volume, precisam de

[392] *Diário de Lisboa*, 20-V-1965.

saber quantas páginas dará o original; poderá calcular-se desde já? Para então, e só então, começar a ser composto.

E pronto. Afinal a carta, mesmo com duas interrupções nesta segunda fase, ainda se acabou hoje. E agora, depois do jantar, vou dar uma pequena volta, com a minha solidão...

Abraça-o gratamente o sempre seu dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
8/6/65

Querido Amigo:

Enquanto lhe não escrevo com mais vagar, vão hoje estas apressadas linhas sobre coisas ditas *práticas*:

– Recebi um embrulho vindo da Portugália com os fascículos do *D. Quixote* (11 fasc.), os da *História Ilustrada das Grandes Literaturas* (11 fasc.) e o livro de José Gomes Ferreira, para quem junto o cartão que peço o favor de lhe entregar. Resta-me, agora, saber quanto tenho a pagar, e como continuarei a receber os fascículos seguintes.

– A conclusão de três novos volumes para a Antologia da Artis não me tem permitido concluir, como já poderia ter concluído, o último capítulo de *Vidas São Vidas*. Vou atirar-me agora a ele como S. Tiago aos moiros! Devem faltar umas 40 das minhas laudas manuscritas. Creio que a impressão do original pode principiar quando a Portugália puder... que estou com boa vontade de ver o livro em andamento.

– Peço para dizer ao Senhor Agostinho Fernandes que me não esqueci dos 2 desenhos dos *Poemas* que ainda conservo em meu poder... e que lhe vou enviar. Falo, claro, dos da edição anterior.

E quanto à crítica do Pinheiro Torres ao *Jogo*... era o que eu mais ou menos esperava. Essas coisas já me não fazem mossa alguma! Contanto que se ocupem do livro... e ele sempre lhe vai reconhecendo algumas vantagens. Sorte já tive eu em ter uma crítica superior como a da Galhoz.

E, por hoje, o abraço do amigo

José Régio

*

Portalegre
13/6/65

Meu querido Amigo:

Escrevo hoje ao Senhor Agostinho Fernandes, a propósito da recepção dos dois vales de 5.000$00 cada. Lá lhe toco na questão da importância

recebida pelo 5.º volume de *A Velha Casa* – aquela dos 7.000$00 foi um dos lapsos de memória a que sobretudo me arrasta hoje uma vida bastante complicada. Mas em questões de essas, comigo, tudo se esclarece fàcilmente.

Outro meu lapso de memória, ou confusão, (Valha-me Deus! não faça caso…) foi aquela de lhe voltar a falar nos *Sonetos* do Antero. Claro que recebi os ditos *Sonetos* (edição Sá da Costa, que me serve plenamente, pois organizada por António Sérgio) acompanhados do livro do Tóssan, do meu retrato do Arlindo, e dum cartão seu. Desculpe, e muito obrigado. Muito obrigado ainda pelos volumes do Olavo Bilac e do Bernardim, que me chegaram anteontem, – e que vieram resolver o meu caso de momento quanto aos meus próximos Artis. Creia que lhe estou muito agradecido pelas canseiras a que se deu para me conseguir esses volumes – canseiras que chegaram a tão bom termo! As *Poesias* do Bilac, até já espero levá-las no próximo sábado, pois só me eram necessárias para umas confirmações aliás indispensáveis. Suponho que o Senhor Agostinho Fernandes lhe dirá que tenciono ir aí no próximo sábado. E por hoje, e até breve, um abraço do seu amigo agradecido,

José Régio

*

22 de Junho [1965].
Querido Amigo:

Telefonou-me esta manhã a esposa do Sr. Pedro de Andrade (o da Livraria Portugal, e aquela senhora imponente que eu lhe apresentei na mesma loja), a perguntar-me se o "nosso Poeta José Régio" estava em Portalegre ou em Vila do Conde, pois tem uma amiga, freira brasileira ora em Lisboa, que está a trabalhar numa tese de licenciatura sobre o meu querido Amigo, e, naturalmente, essa senhora desejaria conhecê-lo. Creio que a senhora demora uns tempos em Lisboa, e não pensa deslocar-se a Portalegre; ou, por qualquer motivo, não lhe convém (apesar de a D. Lucinda me dizer que se trata de uma freira desempoeirada, alegre, muito século XX). Pergunto-lhe, pois, com o maior interesse: pensa o meu querido Amigo vir breve a Lisboa? E quando? Para, entretanto, informar Madame Andrade.

– Tenho aguardado as provas da Introdução aos *Poemas de Deus e do Diabo*, que estão a demorar... Perdoe-me a impertinência de alguns sublinhados a lápis; não os fiz por acinte (será necessário dizê-lo?)... A propósito, lembro-me gratamente que Aquilino Ribeiro mos não levou também a mal, numas provas que um dia revi de um texto dele.

– Abraça-o o seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Depois de escritas as linhas acima, recebo as provas que faltavam. Lá vi as suas novas e incansáveis correcções. Claro que é indispensável virem (irem) novas provas. Verifico com alívio que os meus sublinhados – umas vezes certos, outras sem razão de ser, como é natural – não o aborreceram, o que já não aconteceria se fossem feitos num texto, digamos, do meu velho e aliás muito estimável amigo João Pedro de Andrade, que uma vez (ou mais vezes) se irritou comigo por causa disso… Quanto maiores, mais compreensivas são as pessoas. Obrigado!

– Diz-me o Sr. Agostinho Fernandes que o Prefácio aos *Poemas* de Reinaldo Ferreira está a fazer falta! Com este calor… e as provas da Introdução… Em todo o caso, agradeço não largue o assunto de vista.

Obrigadíssimo, sou sempre ao dispor o Luís Amaro.

3.º P. S.! – Não sei já se lhe mandei o *Espaço Invisível* [*sic*], do Vergílio Ferreira; ou não me lembro agora. Transcrevo da pág. 103: "Será 'reaccionário' um José Régio que persiste no "individualismo" e ainda não matou o seu Deus. Mas Régio, pelo conjunto da sua obra, é decerto o maior escritor português de hoje."[393]

Não acrescento nada, para que, uma vez mais, não pareça estar a armar em S. Francisco de Assis… Mas tenho pena da sensibilidade (que sei à flor da pele!) do nosso existencialista escritor.

– Entreguei o seu cartão a J. Gomes Ferreira. Já leu o livro?

Seu grato e maçador Amaro.

*

Portalegre
25/6/65

Querido Amigo:

Sempre ocupado, (e aquela Introdução tem-me dado *água pela barba*!) não lhe tenho escrito como quereria. Este longo período desde o Natal até agora, e nem indo a Vila do Conde pela Páscoa, tem sido para mim de contínua ocupação e agitação.

Vamos a ver se, mesmo um pouco precipitadamente, respondo hoje à sua última carta recebida, e afloro alguns assuntos em suspenso.

Antes de mais: Cá me chegaram às mãos exemplares-amostras dos envelopes de propaganda e provas das ilustrações dos *Poemas*. Acho bem os envelopes, – e portanto essa questão está resolvida. Já um livreiro de cá me

[393] Em *Espaço do Invisível – II*, Lisboa, Arcádia, 1976: 235-243, Vergílio Ferreira volta a Régio, reproduzindo artigo do *Diário de Notícias*, 15-I-1970. *Espaço do Invisível – I* é de 1965. Ver p. 103. «É hoje o maior de todos nós», dissera em depoimento ao *Jornal de Notícias*, 9-IV-1965.

veio mostrar, com surpresa e agrado, um desses envelopes, talvez supondo que também me surpreenderia...

Quanto às ilustrações: Sem dúvida que ficam muito melhor a negro! Gostei de as ver. Apenas as duas últimas, precisamente feitas sobre novos desenhos, me pareceram mais *fracas* do que as outras: mais fracas na intensidade do preto e mesmo na nitidez do pormenor. Seria a mesma Casa que fez umas e outras gravuras? Terei sido eu que usei de lápis menos negros? Inclino-me para a primeira hipótese... e tenho pena. Talvez seja possível, dando mais tinta a essas duas últimas, avivá-las um tanto. Creio que, por exemplo, o desenho perdeu na ilustração para "As Barreiras".

– Telefonadela da "Senhora *de* Andrade", como se diz agora: Não tenho intenções de ir brevemente a Lisboa. O que mais me tem faltado nos últimos tempos é sossego; estabilidade. Para o mês que vem, (meados ou fins) lá irei passar ao Norte as costumadas *férias*. Assim, a não ser que no meu espírito ou nos meus trabalhos se dê qualquer reviravolta que me atire para a Capital (o que sempre pode suceder)[,] não vejo como encontrar-me com essa freirinha que tem a caridade de baixar os olhos para as minhas tão heterodoxas produções. É o que por enquanto posso dizer; mas se entretanto, e apesar de tudo, aí for, claro que aparecerei pela Portugália. De resto, não acho que seja indispensável conhecer pessoalmente o autor duma obra para estudá-la.

– Quanto aos seus sublinhados a lápis nas provas da Introdução: Como poderia "levar a mal", vindas dum camarada e amigo, chamadas de atenção que só demonstram o cuidado com que sou lido... revisto?! Bem viu, com certeza, que vários desses sublinhados me foram úteis; e, em qualquer caso, todos me convidam a reflectir. Obrigado! Agora estou esperando as provas últimas.

– Prefácio para os *Poemas* do Reinaldo Ferreira: Ocupado como tenho andado, nunca mais pude pensar nele. Agora estou acabando o último capítulo de *Vidas São Vidas* – que espero enviar sem demora. Antes de terminá-lo, não posso ocupar-me de mais nada que não sejam artiguinhos de jornal... Todo o meu interesse maior está agora voltado para esse 5.º volume de *A Velha Casa*, – que anseio por ver começar a ser composto. Portanto: Ou desisto do Prefácio ao Reinaldo Ferreira (que de modo nenhum quero fazer precipitadamente), ou será preciso mais alguma espera... Será urgente a saída do livro para já?

– Não recebi (ou recebi?) o *Espaço* [*do*] *Invisível* do Vergílio Ferreira. Vou verificá-lo, e depois voltarei a tocar-lhe no assunto. (Esse Vergílio Ferreira... que bem sei que traz um espinho na consciência...). Agradecer-lhe-ia que me enviasse a direcção do Dr. C. Branco Chaves: A que vinha no papel que envolvia os seus belos *Extractos*[394] – vinha pouco legível.

[394] *Extractos de Um Diário*, Lisboa, Portugália, 1965. [SC]

Comecei a ler o J. Gomes Ferreira e sem dúvida com interesse.

E basta por hoje! Um abraço mais do amigo

José Régio

P. S. – A carta foi escrita muito à pressa, para não demorar mais... de modo que até aqui vão correcções... R.

*

28 – Junho [1965].

Querido Amigo:

Obrigado pelas suas notícias, recebidas no sábado. Cá o espero, então, muito brevemente. Sei que os seus camaradas o aguardaram também, mas que lhes enviou uma carta – "uma carta muito bem feita, por sinal", segundo me disse J. G. Ferreira – que foi lida na entrevista com o Dr. Azeredo Perdigão e da qual, como era de prever, só resultaram... palavras. O pobre do Dr. Armando Castro, que tem tido um trabalho monumental com a *Evolução Económica*[395], é que está a ver os 50 contos muito tremidos (e ele que sonhava com uma bolsa da Fundação, que aliás bem merecia!).

Enviei-lhe hoje as novas provas da Introdução, que ontem e anteontem reli em casa, uma vez mais. Faça-me o grande favor de inutilizar os três ou quatro sublinhados que ainda fiz; incomoda-me a ideia de que se esteja a maçar com justificações... que me não atrevia nunca a pedir-lhe, apesar de que já aprendi que *música* pode ter também o sentido de *musical* (toda a minha "cultura" é intuitiva...).

– Morada de Castelo Branco Chaves[396] (que não é doutor nem possui estudos universitários, os quais possibilitou ao filho. Mas que vale mais que dezenas de doutores...): Travessa do Abarracamento de Peniche, 19 – 3º E.

– Teremos cuidado com a impressão das gravuras. Vou recomendar.

As provas de *Vidas São Vidas* estão para breve. Guardarei também a revisão para mim, está bem? Quanto a outras revisões, de outros autores, não tenho paciência, depois de oito horas de trabalho diário...

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – Aconselha-me o Serafim Ferreira a que não use, na correspondência para si, o "seu" envelope. Saberá ele do "doloroso constrangimento de me ver exposto"?

---

395 *A Evolução Económica de Portugal dos Século XII a XV*, Lisboa, Portugália, 1965.

396 Castelo Branco Chaves depusera sobre Régio: "Uma arte que profundamente emociona", *Jornal de Notícias*, 9-IV-1965.

*

3 – VII – 65.
Querido Amigo:

Desculpe-me estas linhas apressadas. É para lhe dizer que estou estranhando a falta de provas da Introdução à sua Obra!

A propósito, esta "versão definitiva" parece-me um texto de notabilíssima categoria e verdadeiramente fundamental para o estudo da sua Obra. E as muitas alterações e acrescentos só o valorizam nesta nossa edição.

– O Prefácio ao Reinaldo poderá ficar para... quando puder. Primeiro estão as *Vidas São Vidas* (mas o pior, naturalmente, é o calor!).

Agradecendo, por agora, a devolução das provas emendadas, sou, com um abraço grato o seu velho e dedicado

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/7/65

Meu querido Amigo:

Já tinha enviado para o correio as últimas provas, quando, hoje, recebi a sua carta. Esta Introdução tem-me dado que fazer; e ainda não está a meu contento. Mas, enfim, tudo tem de ter um limite. Ainda fiz algumas emendas. Porém agora já não quero mais provas, – e ao meu Amigo deixo o cuidado (tenha mais um bocadinho de paciência, desculpe!) de rever as últimas. Ficarão bem entregues.

Era caso para estar temendo o que se passará com *Vidas São Vidas*. A verdade, no entanto, é que eu corrijo muito menos nas obras de ficção.

Estou a recopiar o último capítulo, e – apesar do calor – estará aí dentro em breve. E nada mais por hoje, senão o abraço do amigo sempre grato,

José Régio

*

Portalegre
6/7/65

Querido Amigo:

Tinha já enviado para o correio as últimas provas, quando recebi a sua carta a pedir-mas.

Porém agora dou conta de uma coisa: Pegando nuns rascunhos dos meus acrescentos à Introdução, acho a seguinte frase, na última página:

"Desculpa se *muitas* me *ficou* ainda por dizer, quando outras foram repetidamente ditas." A falta de concordância resultou de, primeiramente, eu haver escrito *muito* e não *muitas*. Emendei *muito* para *muitas* – mas esqueci-me de emendar o verbo. Suponho que nas provas que lhe devolvi fiz a necessária correcção. Está claro que deve ser: "Desculpa se *muitas* me *ficaram* ainda por dizer, quando outras foram repetidamente ditas." Peço-lhe para ver isso. Com o meu feitio apreensivo, fico mais tranquilo escrevendo-lhe estas linhas.

O último capítulo de *Vidas São Vidas* está pronto, e a ser copiado. Abraço do sempre amigo

José Régio

*

8 de Julho – 65.
Meu querido Amigo e Poeta:

Não existe o lapso que receava: a última prova, vista por si, está bem.

Conferi hoje, há bocado, as últimas e definitivas provas. Ainda há dois ou três erros (o eterno caso das linhas novamente compostas!) mas pedi o maior cuidado à tipografia. Só pretendo ver mais uma prova da página final da Introdução, em que "saltaram" duas linhas... Claro: não li, novamente, todo o texto, mas apenas as linhas emendadas (e os parágrafos a que correspondiam). Se, porventura, na impressão, houver troca de linhas – lavo daí as minhas mãos! Mas confio que não.

Na pág. 103 permiti-me uma levíssima alteração: *para dirigir a talvez*. Mando-lhe a prova anterior, para o caso (que me parece improvável, a não ser que eu esteja pouco lúcido) de não concordar.

Breve teremos provas de *Vidas São Vidas*, que eu gostaria de rever primeiro, e antes das férias (em Agosto). Quando passa por cá? A freirinha está à espera... O abraço grato e amigo do

Luís Amaro[397].

P. S. – Se não concordar com a inversão do artigo, agradeço me diga, pois há tempo de suspendê-la. Se concordar, não perca tempo em escrever. Obrigado, Amaro.

*

[397] Excerto impresso de prova revista da pág. 103, conforme supramencionado por L. A. [SC]

9 – 7 – 65.

Com um abraço e o pedido (que ontem me esqueceu) de que não deixe de escrever ao C. B. Chaves, muito desolado por ninguém lhe escrever…

Luís Amaro.

*

Portalegre
19/7/65

Querido Amigo:

Recebi hoje novas provas de *Vidas São Vidas*, e já estou a revê-las. Esqueceu-me indicar, nas primeiras que lhe devolvi, que precisaria de ver 2.as provas, isto é: provas de página. Creio que me bastará ver essas, não trazendo essas muitas gralhas.

Também recebi grande parte dos *Poemas* já impressos, com parte da Introdução. Obrigado por tudo. As suas "chamadas de atenção" fazem-me sempre jeito, – porque, várias vezes, me *chamam a atenção* para pequenas coisas que poderiam escapar-me: sobretudo repetições de palavras que às vezes são propositadas, mas outras não, porque tenho tendência para repetir palavras mesmo a despropósito.

Qualquer dia destes remeto ao Senhor Agostinho Fernandes o volume de Bernardim (suponho que é dele, não é?) e os dois desenhos da edição anterior dos *Poemas*.

E por hoje mais nada. Isto é: Também recebi mais dois fascículos do *D. Quixote*, que é uma bela edição; e preciso saber a quem remeter a importância dos fascículos recebidos. Se junto muitos – é pior...

Abraço do seu amigo

José Régio

*

Portalegre
21/7/65

Querido Amigo:

Recebi mais duas "folhas" dos *Poemas*. Este volume parece-me mais bem impresso, mais *limpo*...

É a mesma Casa que compôs e imprimiu *Jacob e o Anjo*?

Remeto-lhe hoje as provas do romance ùltimamente recebidas. Claro, não posso fugir a algumas *apurações*... Por meu pendor *apuraria* muito mais.

Esqueceu-me perguntar-lhe, na minha última carta, se recebeu o final do romance! E eu que fico sempre inquieto enquanto não sei os originais recebidos!...

Nada mais por hoje, estou na hora do correio.
Abraço do amigo

José Régio

*

22 – 7 [1965].
Meu querido Amigo:

Recebi hoje as provas de *Vidas São Vidas* e a sua pequena carta, que agradeço. Recebi também, sim, a última parte do original.

Entretanto deve o meu Amigo ter recebido também as últimas folhas impressas dos *Poemas de Deus*. A tipografia é a mesma do *Jacob e o Anjo* e, apesar de lisboeta, razoavelmente "provinciana" ou jornalística (é a tip. do *Jornal do Comércio*). Bem melhor era a que fez o *Jogo da Cabra Cega*, mas essa foi… excomungada. Não me pareceu bem a numeração dos oitavos, que é inestética (e então naquele tipo). Também o resto não ficou famoso, ainda que o tipo seja bonito e a impressão melhor que a do *Jacob*. Enfim… esforcei-me pela perfeição da revisão, e praza a Deus que à última hora não nos tivessem estropiado nada (tem lido as folhas impressas?). O *Vidas São Vidas* também é lá composto.

No princípio do mês devo ir para férias, mas continuarei a acompanhar a revisão do seu romance.

Sim, as Poesias do Bernardim são do Sr. A. Fernandes. Ele já me tem falado nos desenhos! A propósito, vou ver se lhe arranjo uma colecção dos agora impressos.

– Grato abraço do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O Álvaro Ribeiro esteve cá há dias. Continua a trabalhar no seu estudo!

*

Queluz, 23 de Julho – 65.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe vagamente apreensivo: li ontem o seu artigo polémico no *D.º de Lx.ª*[398], que é a confirmação do que me havia dito: o ensaio do M. Vilhena indignou-o! Quero crer, porém, que a N. da R.[399] o tivesse des-

[398] "Um livro a propósito de António Sérgio" [V. de Magalhães Vilhena, *António Sérgio: o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*], ("Comentário"), *Diário de Lisboa*, 22-VII-1965.

[399] Nota da Redacção.

gostado, e possìvelmente se tenha já arrependido do seu regresso àquele jornal, após longa ausência. Realmente, e embora a minha opinião não seja reflexo de nenhuma outra (continuo fechado no meu "casulo", embora às vezes ouça muita coisa: mas, sobre o seu artigo, nada ouvi ainda), a nota do jornal, de certo modo a desautorizá-lo, é deselegante e só pode compreender-se ou aceitar-se como uma justificação da crítica literária saída no suplemento e creio que assinada por quem lhe não podia responder – o P. Torres. Mas não vi no seu artigo alusões nenhumas a essa crítica, pelo que a nota de solidariedade – com o P. T. ou com o M. Vilhena? – era inútil.

Mas não é por isto que estou apreensivo: é pelo receio da repercussão que o seu artigo – acima de tudo polémico – poderá ter nas aguerridas hostes neo-realistas, que, embora na mó de baixo, são de tal modo poderosas que podem liquidar ou reabilitar um Escritor. Tenho presente o caso de J. de Araújo Correia: depois da infeliz polémica que ele teve com o P. T., nunca mais se falou dos *Montes Pintados*[400] a não ser... na *Brotéria*, numa recensão. Bem sei que há alguns escritores neo-realistas que não têm uma propaganda por aí além (e estou a pensar no Carlos de Oliveira); mas o prestígio deles está intacto: são nomes de certo modo intocáveis. Ao passo que o J. de A. C., ontem exalçado pelos mais agressivos do grupo – que ingènuamente queriam fazer dele o que o homem nunca foi –, passou a ser tido como um provinciano com algum talento, sim (benevolentemente concedido...), mas limitado, regionalista, recta-pronúncia, *sem interesse*: pior ainda, *nunca mais se falou dele*!

Lembro-me de outros casos, e, como já não sou jovem, não me esqueço do do Pascoaes – cujo prestígio começou no dia em que deu ao *Dº de Lx.ª*[401] uma entrevista contra o Est. Novo, aquando de uma eleições "livres"... Dantes, era um chato: um poeta torrencial, verbalista, para quem a Mulher era letra morta – um misógino, um tipo extravagante, que ninguém lia.

Lembro-me de Aquilino – que com os *Quando os Lobos Uivam* passou a ser um grande Mestre, e que até ali era um "sobrevivente", um pensador apenas, sem interesse *social*.

Com José Régio e a *Presença* tem havido o que todos sabemos. Mas, como nenhum dos homens da *Presença* (à excepção do pobre Navarro[402], hoje votado, como Poeta – que ontem era originalíssimo – ao mais absoluto ostracismo, e como homem ao desprezo – mas ontem muito estimado pelos neo-realistas, que o consideravam carinhosamente uma "criança

---

400 Contos, Lisboa, Portugália, 1964.

401 25-I-1949.

402 António de Navarro.

grande"), como, à excepção desse, nenhum dos presencistas se comprometeu ou pactuou com o regime, não foi possível desautorizar ou denegrir a *Presença*: e, apesar de tudo, um Régio, um Simões, um Casais foram respeitados sempre (até quando a si o acusavam de umbilicalista...), mais cedo ou mais tarde, até pelos seus detractores. Uma coisa não fizeram em torno da sua Obra e da dos seus companheiros: a campanha do silêncio. Sei, até, de alguns neo-realistas (G. Ferreira, por ex.) que consideram o G. Simões como exemplo vivo de inconformismo, por ter assinado todos os manifestos e declarações oposicionistas. E a outra coisa não deve o prémio a Isabel da Nóbrega[403] senão às notas de protesto social, e de como por solidariedade neo-realista, de que o seu romance está cheio.

– São 11 e tal da noite, e estou cansado e sonolento. Redijo, pois, esta carta com certo esforço e talvez não muita lucidez (a que é possível arranjar momentos antes de ir para a cama, cansado de mais um dia inútil...). Vou sintetizar: Receio que o meu Amigo vá meter-se numa polémica "política", se o M. Vilhena responder ao seu aliás violento artigo. Olhe que o Santana [*sic*] Dionísio (aquela entrevista consigo, no *Dº Popular*!... certos artigos dele!...) e o Quadros são nomes sem grande significado. Parece-me, aliás, o A. Q.[404] mais inteligente que o S. D., cujas colaborações no *D. Popular* me têm decepcionado altamente. Eu sei que a razão, no caso M. Vilhena, está do seu lado: compreendo a sua indignação. Mas lembro-lhe a sondagem que fiz, naquele encontro da Livª Portugal, junto do C. B. Chaves, íntimo do Sérgio: eles parece que não acharam mal o ensaio, *do ponto de vista marxista*.

Tenho muito medo de o ver mexer nessas coisas, num momento em que eles têm os movimentos cerceados pela Censura. Toda a cautela e prudência é pouca! De um momento para o outro, podem – mesmo estando na mó de baixo... aparentemente – "queimar" um Escritor. E lembro-lhe ainda que o grande público consumidor de livros é essencialmente das esquerdas.

É, pois, o oportunismo, o calculismo, que me levam a escrever-lhe? Não: é apenas a verificação de uma realidade. Veja o caso do Paço d'Arcos: se pudessem, fuzilavam-no![405] E a campanha do silêncio (quebrada por um ou outro artigo de pancada, como ontem o do Raul Rêgo) já está organizada. Sei muito bem que os casos são diferentes como o dia da noite – felizmente para si! Mas é mais um exemplo para a colecção.

---

403 Prémio Camilo Castelo Branco, atribuído a *Viver com os Outros* (1964).

404 António Quadros.

405 Terceiro presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores (nascida em 1956), após Aquilino e Jaime Cortesão, Joaquim Paço d'Arcos insurgiu-se contra o prémio a Luandino Vieira em *A Dolorosa Razão Duma Atitude*, 1965.

Claro que tudo isto pode levar a muitas reflexões melancólicas. (Mais um exemplo que me lembra: o do Mourão-Ferreira, que ontem era um pulha e agora já o não é, por ter assinado os tais papéis.) Mas, em face disto e de tudo o que se passa, eu fico perplexo – porque também não posso *aceitar* uma sociedade anticristã, criminosamente hipócrita, como aquela em que vivemos. Há que criar um mundo novo, um mundo melhor – ainda que não creia, também, nos tais extremistas das esquerdas.

Chegou a hora de ir para a cama, já muito fatigado!

Desculpe esta estopada ao seu Amigo que o abraça e é sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. na manhã de 24: Confirma-se o que eu previa: os "correligionários" do M. V. estão furiosos...

*

26-7 [1965].

Meu querido Amigo:

Seguem os costumados oitavos da tiragem especial, para fazer favor de assinar. Peço-lhe que encarregue o seu "secretário" da tarefa de os desdobrar, para que o Autor possa assinar de seguida na p. que diz "Tiragem especial", etc.

Os n.^{os} são postos na of. de encadernação, com numerador. Falta mandar-lhe os 1.^{os} oitavos da tir. corrente, para dedicatórias. Mas, para ganhar tempo, vão já estas folhas.

Recebeu hoje mais provas de *Vidas São Vidas*, com o respectivo original? Já tenho mais em casa, que irão amanhã.

E que me diz à minha carta? Não pense que sou medroso, por favor...

Grato abraço do seu mt. dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Gosto de mandar sempre as provas sob registo, quando têm original seu. Mas, às vezes, para não demorar para o dia seguinte, vão mesmo pelo correio normal.

*

28 – VII – 65.

Querido Amigo:

Como começo as férias na próxima segunda-feira, interessa-me arrumar o mais ràpidamente possível os "nossos" (perdoe-me!) assuntos.

Assim, envio-lhe hoje 30 primeiros oitavos, para as dedicatórias, e ontem remeti-lhe as 100 folhas finais da tir. especial, para assinar.

O livro é posto amanhã à venda, e a gerência chegou à conclusão de que, como o volume é sensìvelmente igual ao *Jacob e o Anjo* e tem desenhos do Autor, o preço não deve ser inferior – 40$, portanto. Mas, por sugestão minha, far-se-á amanhã uma "revisão" dos seus direitos autorais, para que acompanhem quanto possível a percentagem que se deve a um autor da sua categoria (quero dizer: a percentagem mínima). Não suponha, porém, que a minha "influência" possa ter renascido: nada disso, nem eu estou pròpriamente interessado em ter "influências"... Queria era que me não maçassem muito (maçassem, no meu caso, quer dizer: *humilhassem*).

Também quero vincar nada ter com o acabamento da edição. As minhas funções, actualmente, estão simplificadas, embora me não falte que fazer. Acontece, porém, que os "técnicos" trabalham mais imperfeitamente do que eu (basta confrontar a qualidade dos dois primeiros volumes das suas Obras com a destes dois últimos volumes. A responsabilidade da escolha de tipografia do *Jacob* já não foi minha, como sabe). E, por minha vontade, *toda* a Obra devia ser feita na mesma tipografia – abrindo possìvelmente excepção para os livros de Poesia, que eu talvez fizesse no Moita).

Não sei, portanto, como é que o livro vai ficar – tanto mais que, sendo posto amanhã à venda, ainda não vi a capa impressa nem a vincagem da lombada!

– Na lista que segue, claro que haverá nomes para quem talvez não queira mandar, e prefira mandar a outros.

Muito à pressa, e algo nervoso (embora não beba café, nem vinho, nem tenha fumado hoje um único cigarro) sou o sempre dedicado Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Diz-me o Alb. de Serpa, numa das raríssimas cartas que me escreve, que está à sua espera de um momento para o outro...

*

Portalegre
29/7/65

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta endereçada de aí, de Queluz; além do mais que veio da Portugália, incluindo palavras suas. Quanto ao meu artigo do *Diário de Lisboa*, agradeço-lhe o cuidado, mas não se preocupe. Se os meus livros se forem vendendo um pouco mais devagar... acabou-se: sempre se irão vendendo; e já não é fácil, nem aos neo-realistas, eliminarem-me da Literatura Portuguesa. Sei tudo (e mais alguma coisa) do que me conta sobre as campanhas deles favorecendo ou desfavorecendo os escritores que

adoptam ou repelem. Impossível, porém, deixar eu de escrever um artigo que a consciência me convida a escrever, – pelo receio de cair no desagrado desses novos fanáticos. Impossível, também, escrever seja o que for no fito de os conquistar. Tenho muito pouca estima pelos meus confrades que se metem nisso que chamo *Associação de Socorros Mútuos*.

Campanhas de silêncio à volta do meu nome (embora quebradas lá de longe em longe... quando se lhes afigura que eu estou *mais perto*) há muito as iniciaram. E eu, como eles, (ou como eles dizem) também aspiro a um mundo melhor e mais justo. Simplesmente, não posso concordar com os meios *fascistas* de que se servem esses *avançados* para (supõem!) chegarmos a tal mundo. O livro do Vilhena repugnou-me sobretudo pela maneira como se refere a grandes Personalidades do nosso século XIX. Não estou nada arrependido do que sobre ele escrevi. Agora sustentar discussões *políticas* nos jornais… não, não as sustentaria. Também não quero pôr-me do lado dos *outros* – ou dar argumentos aos que desejariam acusar-me de isso.

Não sei se ainda poderei ir a Lisboa nesta temporada. Se fosse, gostaria de o encontrar. Pode mandar-me dizer quando deixa de ir à Portugália, – isto é: quando principiam as suas férias? Também gostaria de me encontrar com o Salema.

Devolvi-lhe hoje os oitavos autografados da edição especial. Aqui entre nós, sempre essas edições especiais me desagradam vagamente. Nenhum editor nos fala delas ao princípio. E depois lá vêm, – e passam de 50 exemplares a 80, a 100, a 120… E a gente lá tem de os autografar. Bem… Talvez isto seja rabugice. Talvez, também, eu me não incline muito para aqueles *privilegiados* a quem se destinam esses exemplares de luxo… autografados por mim… Escrever-lhe-ei para a Portugália sobre os assuntos pròpriamente da Casa. Abraço do velho amigo,

Régio

*

Queluz, 1 de Agosto – 65.
Meu querido Amigo:

É hoje o primeiro dia das minhas férias... que não vão além de quinze dias.

Recebi a sua carta e uma parte das provas. As restantes (provas) suponho que as terá mandado, entretanto, em meu nome embora, para a Portugália: não faz mal, pois deixei indicação para as remeterem à tipografia. Correspondência para mim é que agradeço não remeta, entretanto, para lá.

Devo passar uns dias em casa e, talvez em 5, partir para as Caldas da Rainha – simpática terra onde já estive oito dias.

Se, como é de crer, vier a Lisboa durante a minha ausência, não deixe de aparecer na Portugália, embora o Sr. Agostinho Fernandes também se deva ausentar em meados da próxima semana, para as Termas de S. Pedro do Sul.

Peço-lhe o favor de me responder, com a possível urgência, se acha bem o aumento de 2.000.00, nos direitos dos *Poemas* (de que havia recebido 10.000.00): claro que, por mim, esse aumento seria maior... – embora a P. E. esteja longe de ser uma casa próspera, mais devido a uma administração caótica do que a outra coisa. Administração, direcção literária, organização comercial... tudo muito confuso, muito sujeito a caprichos ou conveniências pessoais e políticas, a "birras" ou inspirações de momento... No entanto, os "poetas", "os aéreos" são sempre os outros: os "líricos", como desdenhosamente diz o tal homem de bigodes...

Que remédio, no entanto, senão nos deixarmos ir andando ao sabor das ondas?... Com raiva e tristeza, mas procurando atingir a indiferença.

Nesses 2.000.00, poderá, se estiver de acordo, descontar agora a importância da sua conta – de 400 e tal escudos (18 fascículos do *Quixote*, 11 da *Literatura Portuguesa* e 1 *Sonetos* de Antero).

Lembro-me agora que o melhor, para ganhar tempo, seria: escrever na volta do correio ao Sr. A. Fernandes (para o apanhar ainda em Lisboa), concordando ou discordando do que lhe sugiro; e pedindo para lhe enviarem (ou reterem na Portugália, até à sua ida lá, mesmo na ausência do Sr. A. F.) a importância referida; conviria pedir também uma conta discriminada do seu débito, para ver se confere com os fascículos recebidos por si. (Devo dizer-lhe que, ao recomendar o *Quixote* ou a *Literatura*, me não moveu qualquer interesse particular, pois não "cobro" qualquer comissão nisso, e a própria casa, que tem 30%, dá-lhe 20%...). A minha intenção era apenas – como direi? – recomendar-lhe uma obra – neste caso duas obras – que eu *sabia* interessarem-lhe).

– Quanto ao seu artigo no *Dº de Lxª:* claro, suscitou reacções; já era de prever... No *Dº de Lxª* foram recebidas nada menos de três respostas, parece. Na 5ª fª sairá um artigo do Rogério Fernandes[406], segundo me disse o próprio, num breve telefonema a propósito de outras coisas. Já folheei o livro, e, para ser franco, a minha posição neste assunto é a de perplexidade: se o próprio Sérgio quase chama "cavalgadura" ao Teófilo Braga...

– Voltarei a escrever-lhe dentro de dias. Entretanto receba, querido Poeta e Amigo, o grato abraço do seu dedicado

Luís Amaro.

---

[406] Em 5-VIII, saiu Alberto Costa, "António Sérgio contra José Régio"; em 12, "Comentário a um «comentário»", de Rogério Fernandes, número em que artigo não assinado analisa as seis edições de *Poemas de Deus e do Diabo*.

P. S. – Enviaram-lhe 10 *Poemas* para Portalegre. Para onde remeter mais?

P. S. – O assunto Álvaro Ribeiro já está de certo modo "oficializado": consegui que, após vários desencontros, o nosso Filósofo estivesse com o Sr. A. F., ontem, e lá assentaram ideias sobre o livro – suponho, pois não assisti à conversa.

– Voltando ao M. Vilhena: Claro que, como em todas as coisas, estou consigo, e não posso deixar de revoltar-me contra todas as prepotências, ainda mais as de natureza intelectual. O que receio são as confusões e... as mistificações. O menos que eles podem, neste caso, é chamar-lhe reaccionário, como de costume: mas o meu Amigo já está precavido, já de há muito conhece as "armas" de que eles se servem. Serão realmente *melhores* – esses intelectuais defensores do Povo, mas que sonham desde já com os altos lugares a ocupar num futuro que vai tardando tanto mas que eles têm como inevitável? Serão realmente *melhores* – esses aristocratas (Cochofel, Sofia, C. de Oliveira, o próprio Gomes Ferreira; etc.) mascarados de democratas, mas a quem (é visível) repugna o contacto com todos que não pertençam às "élites"?... Não sei: embora me não restem dúvidas, também, quanto à qualidade dos *outros*. Amaro.

P. S. – A tiragem especial é efectivamente de 100 exs., como desde o início das O. C. – Os restantes são folhas estragadas, ou que se poderão aproveitar para o Depósito Legal. Mas não são postos à venda, visto a numeração ser 18 de 100 exs.

*

– Pensão Leiriense –
Caldas da Rainha, sexta-feira [6-8-1965].
Meu querido Poeta e Amigo:

Cheguei há pouco de Óbidos, onde passei um dia e é terra de particular encanto para os Poetas. E é das Caldas, onde paira a presença de Ramalho e Rafael Bordalo, que lhe envio o meu abraço de devotado amigo. – Afinal, ontem, no *D.º de Lx.ª*, não foi ainda o R. F. que apareceu em defesa de sua "dama" o Racionalismo. Que infelicidade o título do artigo do jovem de Alcobaça (falo principalmente do título, que além de infeliz é desonesto...)[407]. Veremos o senhor que se segue. = Entretanto, receberei, aqui ou em Queluz, sempre com prazer as suas notícias.

O abraço muito amigo do Luís Amaro.

Conto estar aqui uma semana.

*

[407] Alberto Costa.

Caldas da Rainha, 8 de Agosto [1965].
Meu bom Amigo:

Escrevi-lhe ontem um postal ilustrado, com o meu abraço de férias. E hoje, por uma questão de exactidão e para que se não extravie qualquer correspondência que porventura me endereçasse, venho rectificar a minha morada para: *Pensão Estremadura – Trav. de Santo António*. Mudei por ser mais acessível de preço e ter melhor alojamento.

É do Parque municipal que lhe escrevo, interrompendo a revisão de um texto seu – a "Maria do Ahú", numa reedição que vamos fazer da 2.ª série dos Contos Portugueses. (Claro que me cingi à última edição das *H^as de Mulheres.*) – Sei que da Portugália arrumaram já o seu assunto, ou quase. É natural que me mandem provas de *Vidas São Vidas*, que lhe remeterei para aí (ou não? parece que a sua ida pª Vila do Conde está iminente...).

Saúda-o cordial e gratamente o seu dedicado

Luís Amaro.

*

18 – 8 – 65.
Meu querido Amigo:

Regressei hoje… à base. E cá tinha à minha espera uma porção de provas do *Vidas São Vidas*, que aliás me podiam ter mandado para Queluz (que, de lá, tê-las-iam feito chegar-me às mãos). Bem pode ser, porém, que as provas só agora viessem da tipografia. Seja como for, vou lançar-me ao trabalho, logo à noite, apesar do calor insuportável que vim encontrar por estas bandas.

– Sei que o artigo do R. Fernandes não foi bem visto por alguns que inteligentemente entendem que entre ele e um J. R. há uma grande distância – que ele devia respeitar. Também sei que o Sérgio diz, do livro do Vilhena, estar nele "como Pilatos no Credo"… Mas parece que no próximo *D. de Lx.ª* haverá uma terceira réplica ao seu tão discutido artigo. Deixá-los! Eles esquecem-se do "Cântico Negro"…

Um bom abraço do seu

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. Ag. Fernandes lá está para S. Pedro do Sul (Termas de). Cá vi uma carta sua a acompanhar os oitavos, que ainda não me entregaram.

*

24 – 8 – 65.
Meu bom Amigo:

Espero que tenha recebido as provas que no domingo lhe enviei, de Queluz, de *Vidas São Vidas*. Já lá tenho mais em casa, mas de 2.ªs, que, com receio de alterações, resolveram não paginar, pelo que terão de vir 3.ªs. Vou vê-las com rapidez, tanto mais que, por uma rápida leitura que fiz, me parecem bem emendadas na tipografia, e geralmente "limpas". Tê-las-á dentro de pouco dias, e vou fazer tudo, agora, para que não haja mais interregnos longos como o das minhas férias, de que aliás não tive culpa, pois deixara indicação de que mas mandassem para Queluz, como fizeram com outro livro que estou a rever fora do horário obrigatório. A demora talvez se devesse a ausência do chefe da tipografia onde o livro está a ser feito; em todo o caso, vamos agora recuperar o tempo perdido, não é verdade? A tipografia, o ilustre Autor, e o humilde revisor...

Recebi (só ontem, imagine!) os livros que autografou, entre os quais um para mim, que muito lhe agradeço. Todos os outros já seguiram para o seu destino, mas reparei que desta vez omitiu certos nomes, talvez cansado de fazer dedicatórias... O do Taborda de Vasconcelos, por exemplo, que é um crítico medíocre mas bem intencionado, e que hoje me escreve: "Aproveito o ensejo para falar-lhe num assunto, aliás delicado, que deixo à sua consideração. Como deve saber, o J. Régio tem-me enviado sempre as obras que vai publicando, com dedicatórias honrosíssimas e que muito valorizam os volumes, a que aliás me vou referindo também na Imprensa. Não veio, entretanto, os *Poemas de Deus e do Diabo*, e eu gostaria possuir a Obra Completa, por motivos óbvios. Ignoro se a falta se deve, como presumo, a este período de férias. Mas se quiser dar um *toque suave* no assunto..."

Está dado o "toque suave". Tem em seu poder, não é verdade, alguns oitavos que sobejaram? E quer que lhe envie mais alguns exemplares (do livro) para Vila do Conde?

Desta vez não teve paciência para, de passagem para Vila do Conde, ficar uns dias em Lisboa. Oxalá que não esteja aborrecido por causa da questão "Vilhena"! Sei de um romancista-crítico a quem muito desgostou, pelo tom de suficiência e desrespeito, o artigo do R. Fernandes, que ele acha "gordo" no físico e nas ideias. Outros, porventura, não terão também gostado, embora vivamos numa época de "ou crês ou morres"... às avessas; quero dizer: numa época de fanatismo político, que oxalá, no entanto, preludie ou anuncie um mundo de mais desafogo material e em que não paire o espectro da miséria. A opressão espiritual, no entanto, é o diabo, mesmo com a barriga cheia!

– O Sr. Agostinho Fernandes ainda está nas Termas de S. Pedro do Sul, donde presumo que lhe terá escrito ao menos um postal ilustrado. Deve regressar, decerto, no fim do mês, e faz ele muito bem.

– Parece-me que não seria desacertado pensarmos já no próximo vol. das Obras (além de *Vidas*...) – e creio que as *Encruzilhadas* serão o mais indicado.

Renovando os agradecimentos pelo exemplar que me destinou, e fazendo os melhores votos pela sua boa saúde e bem-estar, creia-me seu muito e devotado Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S – Já aqui tenho mais fascículos do *Dom Quixote*, que guardarei até ao seu regresso para Portalegre.

Um favor: dê cumprimentos meus a seu irmão João Maria, esse "grande ausente", fugidio como eu; oxalá que, como eu, não seja um poeta desistente! Obrigado. Amaro

*

Vila do Conde
27/8/65

Querido Amigo:

Desculpe, tenho sido um ingrato! Recebi os seus dois postais de férias, quis logo escrever-lhe… Mas apareceu-me em Portalegre um francês que vem fazer um filme no Alentejo; e com ele, que é extremamente simpático, e um "cineasta" portalegrense que também o é, passei a andar visitando "montes", cozinhas, aldeias e lugarejos alentejanos, o que me tomava todo o tempo. Muito calor, muito sol, muito pó… Mas, felizmente, há em Póvoa e Meadas uma barragem onde se podia tomar banho ao fim da tarde. Depois começaram os preparativos para vir cá para o Norte, e depois as adaptações (ainda não concluídas) da chegada… Enfim, quase foi conveniente que a vinda de provas escasseasse. Mas não pude deixar de pensar: "O Luís Amaro saiu… Pronto! já o andamento das *Vidas* ficou interrompido!" Creio, porém, que não faz isso grande diferença. Trabalharemos agora, – posto ainda não ter cá em Vila do Conde bom ambiente de trabalho. Já recebi as segundas provas dos primeiros capítulos: ainda provas de granel; e mais primeiras provas do seguimento. Vou dar despacho a tudo isso. Parece-me que *as segundas provas já podem vir paginadas*, pois não espero fazer, nessas, correcções que obriguem a despaginar. Claro, depende de não haver na composição lacunas de texto. Quanto à questão M. Vilhena… já estou afeito a coisas dessas! Responderei. E são coisas que já me não afligem.

Desculpe esta redacção, e um abraço do amigo

José Régio

*

Lx.ª, 24 de Setembro – 65.
Meu querido Poeta e Amigo:

Envio-lhe um grande e retardatário abraço pelo seu aniversário, que lamentavelmente deixei passar desta vez, aflito como ando sempre com os meus problemas. Fiquei aborrecido por, no dia 19 [17], não lhe ter enviado o sinal de *presença* da minha amizade e admiração! Tanto mais que, semanas antes, prometera a mim próprio não me esquecer. Esta cabeça, esta alma confusa, este lutar constante contra um destino feroz...

Desculpe-me e aceite, por favor, a expressão da minha alegria por mais um aniversário – creio que o 64.º – que espero tenha passado o melhor possível, com seus familiares e amigos (dentre os quais, certamente, o querido Alberto de Serpa...)

Como lembrança da minha grande estima e da minha grande admiração de sempre, e em sinal também da minha gratidão que lhe devo, aqui lhe prometo o breve envio de um livro que quero oferecer-lhe e não sei ainda qual é. Mais semana, menos semana, aí o terá; é só questão de eu ter tempo de o adquirir, amarrado como estou, sempre, aos afazeres do dia a dia – e cansadíssimo, também, destes míseros problemas quotidianos, que empobrecem e amesquinham a alma.

– O Outono tem-se reflectido, além do mais, na minha saúde frágil, incapaz de grandes voos ("quando se ama o abismo é preciso ter asas"[408]: mas eu não as tenho, mesmo imaginárias, nem no corpo nem na alma. Daí a minha dificuldade ou impossibilidade de optar por um caminho). Ando deprimido, sem forças para, depois do trabalho obrigatório, continuar a trabalhar em casa. Daí que não lhe tenha já enviado o resto das provas das *Vidas São Vidas*, que aliás ainda não lhe estão a fazer falta, visto que tem aí as outras com que se entreter.

Hoje tem chovido muito por cá – o que o meu corpo e sistema nervoso andavam a pressentir já há dias. É de supor que, se o tempo estiver assim aí, o meu Amigo venha em breve para baixo, para a sua "velha casa" de Portalegre, aonde, afinal, se passaram mais umas férias sem eu lá dar a saltada com que sonho há tanto. Talvez calhe num destes próximos feriados...

Lá vi ontem a última parte da sua réplica – lapidar – aos "secretários" do M. V[409]. O Vergílio Ferreira também escreveu um longo artigo sobre o

---

408 Citação de F. Nietzsche. [SC]
Também traduzida, de *Assim Falava / Falou Zaratustra*, como "Quando se ama o abismo, é preciso ter asas", que Régio citou na 2.ª ed. de *Biografia*, 1939.

409 "Comentário ao 'Comentário a um comentário' (conclusão)", *Diário de Lisboa*, 23-IX-1965. Régio respondera, já, a Rogério Fernandes em 9-IX.

livro, mas infelizmente resolveu não o publicar, pois, diz ele, não está disposto a passar a vida em polémicas. É, creio, uma análise contundente e *documentada*.

– Recebeu o exemplar dos *Poemas* de Reinaldo Ferreira? E está já a trabalhar no Prefácio? Talvez este tempo, mais fresco, seja propício ao seu trabalho intelectual; oxalá.

Renovando os meus parabéns, envio-lhe um grato e sincero abraço. Velho Admirador e Amigo

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
25/9/65

Querido Amigo:

Talvez esteja um pouco admirado do meu silêncio. Porém a minha vida aqui em Vila do Conde ainda é mais desassossegada que em Portalegre. Deve ter recebido as provas corrigidas que aos poucos lhe tenho ido mandando. Com alguma demora, talvez. Mas, além das gralhas (que aliás já vinham quase inteiramente apontadas), não posso deixar – não posso – de fazer algumas alterações, o que exige atenção e vagar. Quanto a provas paginadas, ainda não recebi nenhuma desde o princípio do livro. Estou, pois, um pouco desorientado: Eu pedira que me fossem enviadas – primeiro provas de granel (nas quais faria as alterações) e depois provas já de página, em que as alterações seriam reduzidas ao mínimo, e nunca obrigariam a despaginar. Pedia-lhe que me desse quaisquer notícias ou esclarecimentos *para Portalegre*, pois regresso a Portalegre dentro de uns dois dias. Lá espero continuar a receber provas, até terminar mais este longo volume... Talvez o mais denso, e ìntimamente variado, dos meus volumes já impressos d'*A Velha Casa*.

Deve ter visto a *conclusão* da minha polémica levada a cabo no *Diário de Lisboa*. Sei que essa polémica me valeu e valerá as antipatias de todo o sector marxizante. Mas não creio que isso altere grandemente a venda dos meus livros, mesmo que sobre eles caia o silêncio desse sector. Por mim, ao cabo de quarenta anos de trabalho que implicam muitas lutas e decepções (também algumas satisfações), sinto-me de todo indiferente a qualquer espécie de popularidade ganha à custa de condescendências para as quais não nasci.

Até outra vez, um abraço do amigo

José Régio

P. S. – Escrevo também hoje ao Senhor Agostinho Fernandes[.]

P. S. – De Portalegre lhe pedirei mais alguns exemplares *dos Poemas de D. e do D.*

*

27 – 9 [1965].
Querido Amigo:

As novas provas paginadas seguirão breve (não deixaremos de enviar-lhas). Entretanto, vamos acabar estas 1.as provas até final! Dentro de poucos dias lhe remeterei o resto.

Que fizesse boa viagem até Portalegre lhe deseja o

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/10/65

Querido Amigo:

Enviei-lhe hoje mais algumas provas corrigidas. Já cá tenho, agora, primeiras provas até ao final do livro, – e estas também lhe serão remetidas sem demora. O que embaraça o meu trabalho é que sou muito procurado, (ainda bem! não me sinto só ou posto à margem...) o que evidentemente me ocupa grande parte do tempo. Desde que cheguei a Portalegre (faz amanhã uma semana) ainda não pude ter descanso, – debalde vir *adiando* os descansos de lá para cá e de cá para lá – solicitado por assuntos e pessoas de muito vária ordem. Enfim... vamos a ver se há uma certa pausa nestas acumulações da chegada. As provas paginadas, quando principiarem a vir, já poderão ser devolvidas com mais brevidade, e corrigidas aí com muito menos trabalho, pois nas provas de granel é que faço as inevitáveis alterações.

Quanto aos *Poemas* de Reinaldo Ferreira: Peço para dizer ao Senhor Agostinho Fernandes que vou devolver-lhe o exemplar que me enviou emprestado, pois já encontrei o meu. Estou trabalhando no Prefácio. Peço-lhe, porém, o favor de me mandar dizer *quando deve ele estar aí*. Para estas coisas, convém-me ter um *prazo fixo*. Isso me tira as veleidades ou tentações de ir adiando. Como o livro deve estar pronto antes do Natal (ou fim do Ano?), creio que poderia ir sendo composto o original poético. Depressa, depois, se comporá o Prefácio.

E julgo que, de urgência, nada mais por hoje. Um abraço do sempre amigo

José Régio

P. S. – É pena que o V. Ferreira não publique o seu exame ao livro do Magalhães-Vilhena. Além de tudo mais, seria a melhor maneira de se resgatar (a mais própria) de me ter ofendido por influência dos marxistas...

P. S. – Também recebi, e obrigado, os novos fascículos do *Quixote*.

J. R.

*

27 – X [1965].

Com o melhor abraço e o pedido de devolução de provas. Vai receber, agora, muitas mais, com maior regularidade! *Vidas São vidas...*

Luís Amaro.

Com um abraço... e a pena de que os envelopes não tivessem ficado famosos...

Enfim...

*

Belas, 1 de Novembro – 65.

Meu querido Amigo:

Enquanto minha mulher foi lá acima ao cemitério depor flores na campa do pai, escrevo-lhe duas linhas, nesta manhã luminosa do Dia de Todos os Santos. E, a seguir, aplicar-me-ei na revisão do resto das provas em meu poder do seu romance – e que não são ainda as últimas. Ontem, domingo, e nestas últimas noites não me tem [sido] possível trabalhar nelas, por os meus nervos andarem extremamente agitados, e o meu corpo deprimido, consequentemente: a doença do Gaspar Simões (que anteontem fui visitar ao Hospital de Santa Maria – Serviço de Urologia, quarto nº 1), a emoção produzida pela trasladação dos restos mortais do Botto[410] e as circunstâncias que têm rodeado o assunto, e vários problemas íntimos, tudo isto exacerbado por um tempo inquietantemente belo – fazem com que atravesse de novo uma crise, que só o repouso (para que me falta a paciência) poderia atenuar. Sou de uma raça de pessoas que devia trazer colado às cartas um letreiro: FRÁGIL, pois que não há nada que não me faça sofrer e de que o meu organismo se não ressinta.

Como lhe digo, fui visitar o nosso amigo Gaspar Simões e, como esperava, encontrei-o mal. Suponho que o Alberto de Serpa o terá informado e posto ao corrente da doença: duas operações à pròstata em menos de um mês; hemorragias brutais – umas delas, em que ele ia ficando, há quatro

410 Transladados do Rio de Janeiro por via aérea, em 29 de Outubro de 1965.

ou cinco dias; transfusões... um calvário! Será milagre que o seu velho Amigo se salve – é a minha convicção, e a de outros. Oxalá me engane! Deus o conserve ainda entre nós mais tempo – e que possa voltar àquilo que tem sido a razão da sua vida: os livros, a actividade literária.

Recebeu-se no sábado na P. E. o original do seu Prefácio ao Reinaldo, e também a sua carta – como, anteriormente, o exemplar dos *Poemas*. Vou lembrar ao Sr. A. F. o pagamento das *Encruzilhadas*, juntamente com o do Prefácio.

E, por hoje, não tenho fôlego para mais... Ando cansado (o Outono é traiçoeiro para os doentes – e eu, afinal, não deixo de ser um doente), esquisito... Um grande abraço do seu Amigo dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
2/11/65

Meu querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e hoje mesmo lhe respondo, porque o mal está em começar adiando... Antes de mais, lamento vê-lo tão deprimido! A vida é difícil para todos nós, os que nascemos com uma sensibilidade e uma imaginação um tanto anormais, – portanto com uma saúde sempre instável, sempre ameaçada. Os meus últimos tempos também me não têm corrido nada favoráveis: Tenho tido vários desgostos, várias preocupações, e claro que também a minha saúde se ressente. Às vezes, eu que sou tão pegado à vida, (*malgré tout*!) já nem tenho pena de vir a morrer, talvez breve. Mas reajo, sou talvez um pouco mais duro na resistência, e penso sempre que o meu Amigo tem de se fortalecer no reagir...

Queria falar-lhe de várias coisas, pois há bastante tempo que ando para lhe escrever. Eis algumas, pois certamente ainda não será hoje tudo:

Agradeço-lhe ter-me lembrado, tão discretamente, (aliás bem me tenho preocupado com isso!) que eu já devia ter escrito ao Gaspar Simões. *Pois já lhe escrevi hoje mesmo*, veja lá! E há tantos dias que ando para o fazer! Bastou-me ter a direcção dele debaixo dos olhos, na sua carta.

Outra coisa, que vem a propósito da trasladação dos restos mortais do Botto. Vejo que o têm chocado alguns pormenores do retrato que de ele faço no meu romance. Sabe, bem sabe, que os romancistas são irremediàvelmente gulosos de pormenores vivos. A verdade, porém, é que não vejo que António Botto saia pròpriamente diminuído da minha pintura. Os seus defeitos e vícios (?) toda a gente os conhecia e nem ele os ocultava. Aliás, a Morte reduz tudo isso a muito pouco. E ao fim e ao cabo, o meu

João Salvador *destaca-se* sobre todo aquele pequeno mundo lisboeta... Destaca-se em muito mais interessante.

Ainda outra coisa: Fala-me em que vai lembrar na Portugália o pagamento de *As Encruzilhadas* e do Prefácio. Na verdade (mas isto só aqui entre nós) bem me conviria receber agora esses escudos. Tenho uma vida multíplice – e de pesadas despesas. E depois, todos me julgam agora rico, e certamente há mais pobres do que eu, que recorrem a mim... Sim, tudo isto fica entre nós. O meu Amigo pode dar um toque sem dizer que eu falei no caso.

Agora coisas editoriais: Como suponho se lembrará, eu só recebi uns dez exemplares dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Tínhamos combinado que depois eu pediria os que precisasse a mais; e chegou a ocasião. Ainda não ofereci o livro senão a bem poucos. E já agora: Acha que ainda valerá a pena enviar-lhe um oitavo, dedicado, para o Taborda de Vasconcelos? Geralmente, aborreço-me com as críticas do Taborda, tão banais, mesmo elogiativas, e afinal tão capazes de elogiarem a torto e a direito[411]. Mas enfim... creio que ainda cá tenho uns três ou quatro oitavos dos *Poemas*, que vou procurar devolver-lhe com dedicatórias mais ou menos oportunas. Sobre o livro que o Sena dizia estar escrevendo a meu respeito (e para o qual me pediu tantas e tão trabalhosas informações), nunca soube mais nada. Também é um exemplar, aquele Sena...! Ao Álvaro Ribeiro, a quem não tenho escrito, vou escrever agora. E por aqui me fico hoje, e fica para outras vezes o que me tenha esquecido. Ah, perdão! esquecia-me outra coisa importante: Na minha recepção dos fascículos do *D. Quixote*, deixei de receber desde o *19* (inclusive) ao *27* (inclusive). Recebi depois os 28, 29, 30, 31. Não queria vir agora aborrecê-lo com mais esta, mas é possível que os números se encontrem por aí. Caso contrário (pois estou convicto de que não foram para Vila do Conde)[,] eu nem me importaria muito de pagar a dobrado os números que me faltam. Estou muito interessado na obra, e não quereria ficar com ela incompleta. Desculpe!

E um abraço do sempre amigo

Régio

P. S. – Amanhã ou depois vão mais provas emendadas. R.

*

411 Algumas recensões: *Diário de Notícias*, 27-VI-1963; *O Comércio do Porto*, 22--IX-1964; *Jornal de Notícias*, 9-IV-1965.

5 de Novº 65.
Querido Amigo:

Não quero adiar mais um dia estas duas linhas de simples recepção e agradecimento da sua carta recebida anteontem.

Os livros (15 exs. dos *Poemas de D. e do D.*) devem ter seguido hoje, ou seguirão amanhã.

O capital (não de K. Marx) seguirá – dizem-me – na segunda-feira, por conveniências do caixa. São, portanto, só mais uns diazinhos de espera!

Não tenho sabido nestes últimos dias do nosso Gaspar Simões, por falta de tempo e por não querer incomodar telefonando diàriamente. Tencio-no voltar lá amanhã, se puder. Mas tenho esperança de que tudo está agora a correr melhor. Ainda bem que lhe escreveu!!

Fiquei muito intrigado por me dizer que não recebeu os fascículos do *Dom Quixote* – que remeti para Portalegre depois do seu último regresso. Não os terá em qualquer canto da sua biblioteca? Aguardo a confirmação. Grato abraço do Amº e Admor ded.

Luís Amaro.

*

Portalegre
8/11/65

Querido Amigo:

Obrigado pela sua carta, e tudo mais. Cá estou à espera dos exemplares dos *Poemas*. Tenho continuado a receber provas de *Vidas São Vidas*, e vou continuar a devolvê-las corrigidas. Só agora me atrapalha um pouco uma espécie de Prefácio poético que me foi encomendado para um desses livros luxuosos que saem pelo Natal… – encomenda que me seduziu pelo tema (antes de mais) e até porque não é mal pago. Mas já estou a copiá-lo, e a devolução de provas não demorará.

Hoje, porém, escrevo umas linhas apressadas por causa do *D. Quixote*: Eu tinha cá fascículos até ao *18*, inclusive. Os fascículos que recebi recentemente, já depois desta minha nova estadia em Portalegre, foram os *28*, *29*, *30*, *31*. Faltam-me, pois, desde o *19* (inclusive) até ao *27* (inclusive). Ter-me-iam sido estes enviados, e, de qualquer modo, se extraviariam? Haverá meio de conferir isso? Desculpe-me estar ainda a preocupá-lo! Abraço do amigo

José Régio

*

(Particular)
11 de Novembro – 65.
Meu bom Amigo:

Por lapso, não lhe agradeci anteontem, na carta da casa que acompanhava o recibo, a sua amabilíssima intervenção no caso Reinaldo Ferreira, junto do Eugénio Lisboa. Só hoje, ao reler a sua carta para o Sr. Agostinho Fernandes em que lhe dizia da autorização do E. Lisboa, me lembrei disso. Desculpe-me – e creia que não houve, da parte da Portugália ou do Sr. A. F., ingratidão pelo seu cuidado, pelas suas diligências amigas e... extra-prefaciais. Desculpe-me; e, para simplificar as coisas, vai este agradecimento assim mesmo, sem carta oficial, como devia ser. Se o Sr. A. Fernandes der pelo lapso, digo-lhe que, particularmente, já lhe apresentei os agradecimentos devidos. No estado de pressão em que, aqui, se continua a trabalhar, estas coisas passam...

– O Taborda de Vasconcelos (que medíocre, na verdade! e pretensioso, mas não mau rapaz, ainda que calculista e frequentador da "Estalagem dos Poderosos"...) volta a falar-me no exemplar dos *Poemas de Deus e do Diabo*; será bom, portanto, enviar-me o tal oitavo. Obrigado.

– Quanto ao *Dom Quixote*, estou aborrecido com o assunto, mas a procurar deslindá-lo, o que é difícil por terem ido ùltimamente muitos regisstos [*sic*] para si. Mas lembro-me bem que aguardei o seu regresso de Vila do Conde para lhe enviar para Portalegre (onde sabia que estavam os seus *Quixotes*) muitos números que, na sua ausência no Norte, retive em meu poder. Ora esse n.*os* foram, decerto, registados. Mas vou ver se, junto dos Correios, poderei esclarecer isto. Entretanto, agradecia que procurasse bem entre os seus papéis: às vezes, pode ser que o embrulho surja quando menos esperar...

– O nosso Gaspar Simões continua muito mal – e parece que já bastante desalentado com a doença. Sei que receberam a sua carta, que muito os sensibilizou.

O melhor abraço amigo do sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
15/11/65

Querido Amigo:

Muito a correr, e só para sua tranquilidade, tenho o prazer de lhe comunicar que sempre apareceram os fascículos do *Quixote* que eu supunha não terem vindo. As coisas sempre acabam por se esclarecer! Apesar de

eu ter agora os livros e os papeis [*sic*] com mais ordem, ainda não foi a desordem banida de todo; e pode acontecer terem ficado uns fascículos de uma obra genial escondidos debaixo de uns jornais já inúteis...

Desculpe-me as preocupações que lhe terei causado!

Até outra vez, com mais vagar, um abraço do amigo

Régio

P. S. – Claro que recebi os fascículos mandados há poucos dias. Enviei-lhe hoje provas revistas das *Vidas*, e agora continuarei regularmente.

*

Portalegre
20/11/65

Meu querido Amigo:

Aqui vão os recibos que deviam ter ido. Eu já sei os que devem ir, mas…

Quanto às suas explicações "comerciais": Claro que não é preciso o Senhor Agostinho Fernandes escrever-me para explicar… o que já está explicado. Diga-lhe isto. Quem tem que fazer não pode estar a perder tempo! De certo modo, sendo a colecção Poetas de Hoje um excelente empreendimento cultural (sem lucros materiais), é justo que os intelectuais colaborem com o editor. Este reverso da medalha, também logo o vi. E por mim, e também com toda a franqueza: Só pelo gesto de ver na colecção os *Poemas* do Reinaldo Ferreira (que conheci no Porto quando ele era criança), escreveria eu qualquer Prefácio gratuitamente.

Devolvi-lhe ontem mais provas, e agora creio que não haverá demoras. Irão indo regularmente. Sem mais por hoje.

Abraço do amigo

José Régio

*

22 – XI – 65.

Meu bom Amigo:

Aqui lhe devolvo, desde já, o duplicado dos seus recibos, para arquivar.

Agradeço-lhe muito nos devolva mais provas de *Vidas São Vidas* – um romance em que, para estar de acordo com o título, tem consumido uma parcela da sua vida... Hoje recebi também provas, mas longe ainda de serem as últimas.

O apressado e grato abraço do

Luís Amaro.

P. S. – Quanto ao Reinaldo: O que o Sr. A. F. me tinha dito, afinal, é que falaria com o meu Amigo quando viesse a Lisboa: confiou em mim para, particularmente, responder à sua observação – o que fiz aliás de modo muito sumário. Enfim: creio que o assunto, como diz, está arrumado... por agora.

*

26 – XI – 65.
Meu bom Amigo:

Venho pedir-lhe o favor de me informar se conhece uma tradução espanhola do seu *Jacob e o Anjo*, integrada num volume de *Teatro Português Contemporâneo* (juntamente com Alfredo Cortez, Luís F. Rebelo e Costa Ferreira). Basta um simples postal para que eu fique elucidado. Depois lhe digo porque tenho interesse na sua informação.

– Aproveito para pedir provas das *Vidas São Vidas*, que estou a ver que já não saem este ano... e é pena.

Um abraço do seu sempre grato e dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Breve receberá provas do Prefácio ao Reinaldo.

*

Portalegre
26/11/65

Querido Amigo:

Tive cá o Manuel de Oliveira e logo depois o meu irmão, – o que deu três dias e meio sem poder pegar nas *provas*. Contingências contra as quais nada se pode! Parecendo que não, tenho aqui uma vida social bastante intensa, e raramente sou senhor do meu tempo.

Eis porque as provas se atrasaram estes dias. Agora recomeçarei com toda a boa vontade, e esperemos que se não repitam pròximamente essas tais "contingências". Dentro de muito pouco, estarão revistas estas provas até ao fim.

Recebi creio que três fascículos do *D. Quixote*, que portanto está em ordem. E como devo proceder ao pagamento?

Um abraço do seu amigo

José Régio

P. S. – Também recebi as metades dos recibos. Obrigado!

*

Portalegre
29/11/65

Querido Amigo:

Em resposta à sua pergunta: Sei que há, pois o possuo, um volume de *Teatro Contemporâneo* da Aguilar[412] em que está traduzido para espanhol o *Jacob e o Anjo*, e inclui peças de Raul Brandão, Alfredo Cortez, Bernardo Santareno, Francisco Rebelo e Costa Ferreira.

Jacob e o Anjo também está traduzido para italiano por Giuseppe Carlo Rossi, e vem incluído num volume de *Teatro Portoghese e Brasiliano* (Nuova Academia)[413]. Está ainda traduzido para francês, mas numa tradução que nunca foi publicada. Por esta foi feita a adaptação representada em Paris.

Mandei-lhe ontem novas provas de *Vidas São Vidas*, e vou continuar. Suponho que terá recebido a minha carta a esse respeito. Não podemos, agora, descuidar-nos. Mas se o livro não sair ainda este ano, sairá *no princípio do próximo*. Talvez seja ainda melhor época. Não vejo, pois,! grande mal em sair um mês mais cedo ou mais tarde. E nada mais por hoje, senão o abraço do seu amigo

José Régio

*

Queluz, 3 de Dezembro – 65.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe apressadamente – antes de me chamarem para jantar – estas linhas, para dizer que recebi hoje uma boa porção de provas da *Velha Casa* e que amanhã lhe enviarei novas, já revistas por mim, desde o princípio... Eu sei que é uma tarefa estafante para si, mas acho indispensável que lhes dê uma simples leitura, ainda que sem intenções de revisão (trata-se de talvez 4.as provas, não o esqueçamos: principalmente de uma primeira parte). Como verá, ainda dei por algumas coisinhas que me haviam escapado – e não são pròpriamente gralhas. Talvez não seja necessário estar a confrontar todas as emendas feitas anteriormente, porque eu já o fiz e assim o meu Amigo perderia muito mais tempo. E, por favor, não me chame "chato" se persisto em assinalar repetiçõezinhas a que nem sempre o Autor pode estar atento, preso como está ao conteúdo ou sentido do que

412 *Teatro Contemporáneo. Teatro Portugués*, Madrid, Aguilar, 1961.

413 Milano, 1956.

escreveu. Creio, é claro, não insistir nas mesmas chamadas de atenção, pois tive o cuidado de verificar nas provas anteriores. Aliás, estes casos são muito poucos – talvez meia dúzia. O que noto são muitas letras falhadas, que, parecendo ser defeito apenas de prova, o são da própria composição: por isso as assinalei e não me cansei de as corrigir.

– Já depois de jantar, quero falar-lhe muito sumàriamente do artigo do Miguéis, que li na *Seara*[414], no passado feriado, em casa do Raul de Carvalho. Claro: as hostes neo-realistas vão (estão a) embandeirar em arco. Caramba!: vingam-se agora do seu ataque ao livro do M. Vilhena: porque é quase inacreditável que só passados tantos meses sobre o seu artigo o Miguéis responda[415]. Decerto foi instigado a isso – quem sabe se pelo próprio Rogério Fernandes. Se o meu querido Amigo me permitisse uma opinião, dir-lhe-ia que não respondesse! São tão estéreis polémicas destas, e no tom (entre pitoresco e violento) em que a prosa do Miguéis está escrita! Não: trata-se, efectivamente, de coisas *menores* – e toda a sua Obra está situada num plano que se não compadece com brilhantismos fáceis e êxitos para a galeria...

– E, agora, vou dar o meu costumado e breve passeio nocturno, apesar da humidade e talvez da chuva. Um grande e grato abraço do sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Por indicação do Sr. Agostinho Fernandes (com um fortíssimo ataque de gripe, bronquite, e parece que complicações cardíacas), telefonei hoje ao Álvaro Ribeiro a perguntar-lhe pelo seu estudo regiano. Ficou de entregar o original até ao fim do ano, e disse-me, lamentoso, que há meses não recebe letra sua. Expliquei-lhe o que tem sido a sua vida (provas, visitas, encomendas de editoras), ao que ele me respondeu, com ironia amiga: "consequências da celebridade!..."

– O casal Simões-Isabel[416] esteve hoje de manhã na Portugália. Ele está em vias de completo restabelecimento – felizmente! Amaro

---

414 "Um novo Castilho? […]", *Seara Nova*, n.º 1442, Dezembro de 1965: 372-376. Miguéis enviara o artigo a Rogério Fernandes em 25-X-1965.

415 Momentos anteriores: "Manoel de Oliveira e o cinema português" saíra no suplemento Cultura e Arte d'*O Comércio do Porto*, 8-X-1963, aonde Régio regressa com "Um depoimento de Rodrigues Miguéis sobre o *Acto da Primavera*", em 22-IX e 27-X-1964, em resposta ao depoimento de Miguéis na *Seara Nova*, n.º 1417, Novembro de 1963: 201. As fricções vinham de longe, desde "Interrogações e dúvidas sobre um depoimento de Rodrigues Miguéis" ao *Diário de Lisboa* [22-III-1935], que Régio assina na *presença*, nº 44, vol. II, Abril de 1935.

416 João Gaspar Simões, Isabel da Nóbrega.

*

Portalegre
14/12/65

Querido Amigo:

Cá recebi a sua carta vinda de Queluz. Quanto ao retardado ataque do Migueis [*sic*]..., pode estar descansado, meu Amigo: Logo resolvera não responder *àquilo*. Sim, talvez os ressentidos defensores do livro do Vilhena embandeirem em arco! A verdade, porém, é que, no fim de contas, eles *se enterram* com coisas de essas. O longo artigo do Miguéis (decerto mais ou menos encomendado para a *Seara* – ao que a *Seara* chegou!) denuncia tanto ressentimento pessoal e desce a coisinhas tão estranhas à questão, que era a sua opinião estúpida sobre o filme de Manuel de Oliveira, que eu me nem senti tocado por ele; ou me senti tocado de um modo muito diferente do que possam eles conceber.

Vamos às nossas coisas: Não me peça que lhe não chame "*chato*" (!) pelo trabalho que tem não só a catar as gralhas das provas que me envia, como a catar ainda alguns dos meus descuidos estilísticos. (Eu que me preocupo tanto com o estilo, que é para mim coisa importantíssima.) Creia que lhe agradeço, e muito sinceramente, esse trabalho, que já me tem prestado óptimos serviços, chamando-me a atenção para coisas que eu até logo me admiro de haver deixado passar... Bem sabe, o trabalho do estilista é muito complexo: Tem que atender ao sentido da frase, ao seu ritmo, à sua integração no parágrafo, à justeza dos termos, simultâneamente ao seu relevo ou originalidade, à eliminação do excesso de *que que* e *de de*, etc., etc.

A bem dizer, eu precisaria de rever provas umas sete vezes (e sempre corrigindo sem piedade) para ficar mais ou menos satisfeito. Tanto mais que, de facto, tenho uma terrível tendência para as repetições... Claro que algumas são intencionais, o que porventura nem sempre se vê. Mas eu aproveito das suas *chamadas* o que me serve, – e nisso é que está o favor que me prestam! E aproveito, como terá visto, não só quanto às repetições de palavras.

Fiquei curioso de saber por que, no meu prefácio aos *Poemas* do R. F., salientou o nome de Fernando Pessoa. Aí, como não repeti-lo eu, tendo entrado numa espécie de confronto (que se pretende revelador) entre os dois poetas?

Mandei-lhe ontem provas (das últimas), amanhã irão mais, e agora sempre assim a seguir. O que peço é todo o cuidado na última revisão aí, pois, por mim, desisto de novas revisões. Agora, seja o que Deus quiser.

Devo ir passar o Natal ao Norte, mas sem que lá me demore. Sem dúvida, por enquanto, acho aqui muito melhor ambiente para trabalhar. E não posso *perder vida*, – tenho de continuar a trabalhar e a produzir...

Avisá-lo-ei da partida para Vila do Conde, e, depois, do regresso a Portalegre, para que não haja contratempos na nossa correspondência.

Depois do regresso a Portalegre, hei de ter oportunidade de ir a Lisboa. E sem mais por hoje. Desculpe esta precipitação com que lhe escrevo, e que se revela não só no *estilo* como até na caligrafia. Mas, se não escrevo assim, adio interminàvelmente...

Deus lhe dê, e a sua Mulher, um Natal tranquilo e um bom princípio de ano. Do coração lho deseja o seu amigo

Régio

P. S. – Quando se lamentava da ausência de notícias minhas, o Álvaro Ribeiro já tinha carta a caminho... R.

*

Queluz, 20 de Dezembro – 65.

Meu querido Poeta e Amigo:

Agradeço-lhe muito a sua carta e os seus bons votos, que tenho a alegria de retribuir. Que o seu Natal seja o melhor possível – espero que juntamente com seus Irmãos, a reunirem-se numa das *velhas casas*. E que o novo ano nos traga novas e belas obras de José Régio!

– Ainda bem que decidiu não responder ao Miguéis. Confrange-me vê-lo metido a si – que nasceu para realizar, na solidão, uma Obra ímpar – em polémicas jornalísticas efémeras: ainda que lhe conheça o pendor intervencionista e dialogante, que desmente a famosa lenda do "umbilicalismo" criada à sua volta... (Que dizer então do Torga, vivendo ùnicamente para os seus livros?...)

– Recebi ontem mais provas das *Vidas*, e lá tenho encontrado sublinhada uma ou outra gralha que ainda me escapou. Ainda bem que foram novamente às suas mãos! Uma grande parte, aliás, são 3.as provas. Já tenho mais para lhe enviar, mas espero ordens: Portalegre ou Vila do Conde? Devo esperar pelo seu regresso?

– Agradecia muito que na volta do correio, e em duas linhas, me informasse se sempre vai a Vila do Conde. Posso contar com esta informação urgente?

– Um outro favor, igualmente urgente (vê como o *recta-pronúncia* que não sou tem um estilo descuidado?): o Alex. Pinheiro Torres pediu-me há tempos, para uma Antologia que está a preparar para França, duas ou três páginas suas (de prosa: ficção) escritas em francês, quero dizer: traduzidas. Haverá já alguma tradução onde se possam extrair? Tenho de fazer idêntico pedido ao Branquinho, e este assunto tem-se arrastado nas minhas mãos. Creio que o P.º Torres está, até materialmente, interessado em resolvê-lo

depressa, pois já ontem me mostrou uma expressão de desagrado por eu não ter ainda tratado disto. Obrigadíssimo por tudo, e pedindo se não esqueça de uma informação na volta do correio, se possível, sou o seu mtº dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Com a sua resposta, agradecia-lhe muito que me elucidasse se conhece a *Correspondência* (*Lettres*) de Baudelaire. Depois lhe direi porquê. Digo já: se a possuísse, poderia ceder-me, *mais tarde*, o seu exemplar? Obrigado!!!

*

Portalegre
20/12/65

Querido Amigo:

Antes de mais: Parto na próxima *5.ª feira, dia 23*, para Vila do Conde, onde estarei até depois do Ano Novo; mas com pouca demora.

Hoje mesmo lhe enviei, registadas, novas provas. Das provas últimas, só me restam nas mãos as que vão de pág. 177 a 224 (inclusive). Estas, espero devolver-lhas talvez ainda antes de sair de Portalegre. Pode mandar-me as que ainda tem aí para Vila do Conde, mas não se demorando. Como disse, regressarei a Portalegre pouco depois do Ano Novo.

Agradeceria todo o cuidado nas últimas emendas e na última revisão, *que serão feitas aí*, pois eu já não quero ver mais provas: Tenho de pôr a mim próprio um limite.

Gostaria que contassem, na Casa, com o livro do Álvaro Ribeiro para começar a ser composto logo que puder ser; – sem, todavia, lhe exigirem o original com uma pressa demasiada. Ele gostaria que eu conhecesse, antecipadamente, pelo menos certos trechos do seu livro, e, além disso, não sei se não seria conveniente que ele lesse este 5.º volume d'*A Velha Casa*, mesmo em provas. Consultá-lo-ei.

A respeito de prosa minha *de ficção* traduzida para francês – nada tenho: a não ser que metam nessa categoria o *Jacob e o Anjo*. Do *Jacob e o Anjo*, poderia escolher algumas páginas. Não servindo estas, – seria preciso que um francês *mesmo* (que soubesse português) escolhesse e traduzisse qualquer passo meu ficcionista.

Não possuo, lamento, nenhum volume de *Lettres* de Baudelaire. Nunca me disse por que tinha empenho em saber se o *Jacob* estava traduzido para espanhol, e se eu o sabia.

Peço-lhe que transmita os meus votos de prontas melhoras ao Senhor A. Fernandes, e de um bom Natal a todos os Amigos que tenho aí na Casa. Um abraço do seu amigo grato

José Régio

*

5 – I – 66.
Meu querido Amigo:

Espero que tenha tido um bom Natal e que a sua passagem de ano fosse a melhor possível.

Tenho aqui o resto das provas de *VIDAS SÃO VIDAS* (páginas 369 a 406), bem como as 2.as do Prefácio ao Reinaldo Ferreira. Mas devo enviar-lhe tudo para Vila do Conde, ou esperar o seu regresso a Portalegre?

Agradecendo a sua informação, creia-me, com um abraço, o seu sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Um jornalinho de Queluz, *A Voz Académica*, publica um seu poema de Natal, que não conhecia, mas decerto não será inédito para aquela folha-de-couve… Bonito poema, mas gralhado, inevitàvelmente.

P. S. – Recebi, depois de escrito este bilhete, provas de Vila do Conde. Mas a minha dúvida persiste. Amaro

*

Vila do Conde
6/1/66

Querido Amigo:

Antes de mais, obrigado pelo esplêndido presente de Natal que me enviou, – as *Cartas* de Baudelaire, um dos meus poetas de sempre. Quando me perguntou se as possuía, o meu instinto psicológico teve uma vaga suspeita... ficou-se na suspeita... e eu não podia deixar de lhe responder, tanto mais que o meu Amigo me preparou uma pequena armadilha. Têm-me feito uma bela companhia, porque tenho passado uns dias sem sair de casa, pouco bem de saúde: As minhas complicadas alergias do costume, além de, provàvelmente, os efeitos de certos pequenos excessos alimentares próprios da quadra.

Suponho que terá recebido o meu livro do Natal[417], – que aliás só tem de meu a meia dúzia de páginas da Introdução.

Hoje me chegou a sua carta, sobre provas. Além das que me diz já ter recebido, enviei-lhe ontem um lote mais volumoso. Restam-me ainda aqui provas que vão da página 337 à 368, – as quais estou revendo e espero devolver-lhe ainda de Vila do Conde.

As que tem aí, *já não vale a pena* mandar-mas cá para Vila do Conde,

[417] *O Natal na Arte Portuguesa*, Lisboa, Artis, 1965. Abre com "Loa de Natal", p. 7-18.

pois dentro de bem poucos dias regressarei a Portalegre. Avisá-lo-ei do dia do regresso. Vai ser preciso tratar-se agora de começar a imprimir o livro.

Claro que o poemazinho (não sei qual) saído no jornal aí de Queluz foi copiado de qualquer parte. Tenho versos do Natal desde os meus verdes anos. Até já me lembrei de os reunir todos (marcariam uma espécie de evolução...) numa *plaquette* ilustrada por meu irmão Júlio e que sairia à luz, por exemplo, no Natal de 1966. Projecto vago, claro.

Oxalá os princípios deste 1966 lhe tenham sido serenos. E até mais ou menos breve, um abraço do amigo

Régio

*

Queluz, 9 – Janeiro 66.
Meu querido Poeta e Amigo:

Venho agradecer-lhe o seu lindíssimo Álbum de Natal – uma lembrança principesca, que me encantou. É de facto uma bela realização editorial (como a Artis sabe fazer), que alinha bem com o outro volume dos Estúdios Cor[418], que por acaso tinha adquirido recentemente – em troca de um meu trabalho para lá – e que muito gostaria que o meu Amigo autografasse, quando passasse por Lisboa. Claro que os seus textos valorizam extraordinariamente ambos os volumes: são páginas de um Poeta que se não contenta com o que vai por cá… e cuja Obra se caracteriza pela nostalgia de Deus que transfigura toda a suficiência e pequenez dos humanos. Infelizmente, por minha parte, cada vez me sinto mais longe dessa maravilhosa dádiva que é a Crença, tão revoltado e desgostoso me sinto com a miserável humanidade minha e alheia. Não tive educação religiosa, como o meu Amigo, nem sequer sou baptizado (apesar de minha pobre Mãe ser crente, como boa mulher do povo que era): mas sempre, desde que tomei consciência da crueldade do meu destino de inadaptado, houve em mim um apelo para as alturas, ainda que vago e informulado…

Agradeço infinitamente a sua lembrança. E, já agora, uma pergunta a propósito, para responder quando calhar e quiser ter essa bondade: das Vidas de Cristo que leu, qual, em seu entender, a melhor? Conheço apenas a do Papini, que li o ano passado. Também adquiri há tempos uma *Imitação de Cristo*, mas a tradução é fraquinha: hei-de comprar a da Liv.ª Moraes, traduzida por Pedro Tamen[419].

---

418 *Cristo tal como os Pintores, Escultores e Poetas Portugueses O Viram, Sentiram e Entenderam*, 1952. Régio, também antologiado por Nataniel Costa, assina "Multiplicidade de Jesus", p. 9-28.

419 Maria Isabel Bénard da Costa e Pedro Tamen, 1959.

Ainda bem que gostou da minha pequena lembrança – que já lhe devia há muito e foi, simultâneamente, brinde de aniversário e de Natal. E oxalá que já esteja livre desses achaques que o retiveram em casa, preso à leitura de Baudelaire… Na mesma colecção há também as Cartas do seu "divino Flaubert", que o meu Amigo me dirá se conhece ou possui – pois terei muito prazer em oferecer-lhas um dia, o que da minha parte é a naturalíssima retribuição de tantos livros seus que me tem enviado, incluindo a valiosa colecção das Poesias da Artis (que eu gostaria de completar, quando fosse oportuno).

Claro: sei que não estão na sua índole (nem na minha) as vénias palacianas, à Júlio Dantas. Tudo isto é por pura Amizade e Admiração, que não excluem o mínimo de espírito crítico que o meu Amigo exige…

E já que estou com a mão na massa, ouso sugerir-lhe (mas não será atrevimento?) o seguinte: sabendo nós que o Jorge de Sena é um ressentido, um homem cuja imaginação é fértil em desconfianças e melindres, e não tendo ele desistido de se ocupar de si e da sua Obra (ele mo disse ainda recentemente), como, lá longe (está agora em Wisconsin, na América do Norte), poderia ficar contente se o meu Amigo lhe mandasse, ainda que pelo correio normal, um destes Álbuns! Aqui lhe fica a morada, para o caso de resolver enviar-lho:

314, South Broom Street
Madison – Wisconsin
U.S.A.

O longo livro (cerca de 600 págs.) que dele vamos publicar, na colecção Problemas[420], vai ser um terrível *problema* quando vier a conta da tipografia, e mais uma grande complicação para mim – o eterno "bode expiatório". Cheia de gráficos estatísticos, a obra foi de difícil execução tipográfica, com provas que há mais de um ano andam de Portugal para o Brasil e de lá para cá (faltam agora só os Índices onomásticos) e ainda por cima numa tipografia cara e que não perdoa alterações – a Gráfica Santelmo, cujo gerente já me falou numa avultada verba, coisa de dezenas de contos… Vai ser bonito!

E o pior é que desse "louco genial" temos mais dois enormes calhamaços, também sobre Camões, para publicar mais tarde, e com contratos já feitos…

Uma das minhas sorridentes perspectivas para o ano que começou: a da *Canção de Camões*.

---

[420] *Uma Canção de Camões: Interpretação Estrutural de Uma Tripla Canção Camoniana […]*, 1966.

As suas *Vidas São Vidas* vão começar a ser impressas, por estes dias. Confrontei as últimas emendas e respectivas linhas – e só isso, pois não ia ler mais uma vez todo o volume, ainda que nisso tivesse prazer espiritual. Aguardo que, por favor, me devolva o resto das provas em seu poder, e entretanto preparo-me para lhe mandar o final para Portalegre, quando receber aviso do seu regresso.

É uma obra sólida e densa, esta sua – em que há de tudo, principalmente um profundo sentido do sofrimento alheio (aquele Pedro Sarapintado! nem um neo-realista o pintaria melhor…). Gostei de todo o livro, ainda que umas páginas me seduzissem mais do que outras. Do que gostei talvez menos: o capítulo que trata da publicação de "Fragmentos de um Diário", com pormenores talvez excessivos; e o da reunião política, demasiado longo e prolixo… ou não? Não sou crítico – esta é a humilde opinião de um leitor a quem, no entanto, *todas* as suas páginas são significantes. Já nos *Avisos do Destino* havia, possìvelmente, pouca economia descritiva – e no entanto impossível esquecer aquela Coimbra, aqueles companheiros de Lèlito, aquela desgraçada mulher com a filha aleijada… tudo gente a quem a sua Alma não é insensível, apesar de naturalmente aristocrática, como grande Artista que é. E no entanto não fez "sentimentalismo" nessas páginas de um neo-realismo superior, porque genial (desculpe-me!).

Já ontem me mandaram da tipografia provas das *Encruzilhadas*, a que vou "lançar-me" por estes dias.

Fico à espera de um postal seu a anunciar-me o regresso. Não passa por Lisboa?

Gratíssimo abraço do seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Do José Gomes Ferreira ouvi há dias, com satisfação, a palavra *notável* a propósito dos seus *Ensaios de Interpretação*!!!

*

Vila do Conde
22/1/66

Querido Amigo:

Recebi a sua primeira carta, e agora os oitavos acompanhados de outra carta.

Obrigado por tudo que me diz a respeito de *Vidas São Vidas*, e pela sua opinião sincera. As minhas *demoras* analíticas, a pormenorização talvez excessiva, os devaneios intelectualizantes, as sondagens introspectivas,

etc., – bem sei, por demais o sei!, que retiram *agradabilidade* ao livro, e maçarão muitos leitores. Não posso, porém, nem talvez o queira a sério, fugir à minha natureza. Os meus romances têm de incluir tudo isso (que aliás é o que menos há no romance português) e eu iludo-me, talvez, mas desculpo-me pensando que tudo isso dá densidade à obra. Também sei que os actuais gostos vão para outros lados. Mas… que me importam as modas? As obras ficarão, ou não, pela sua *qualidade* intrínseca; e pela sua originalidade autêntica, resultante da personalidade dos criadores, e que se opõe às originalidades rebuscadas e efémeras. Isto, meu Amigo, claro que não é para si, – é apenas conversar um instante consigo.

Nos oitavos que me enviou, para que a leitura pudesse ser seguida, faltam os oitavos *3.º*, *12*.º, ~~*13*~~.º, ~~*15*~~.º, ~~*16*~~.º, ~~*17*~~.º, ~~*18*~~.º[421], *19*.º e todos para além do *21*.º (que veio) além do primeiro, claro. Ainda não estarão impressos esses que faltam intercalados, ou houve lapso no envio? Não sei. Cá fico à espera das *provas* (que preciso ver) do 1.º oitavo e do último. Digo *cá*, mas é *lá*, em Portalegre, *pois parto amanhã, domingo, para Portalegre*.

A minha demora aqui para além do que contava não tem sido causada por falta de saúde, embora a minha saúde, com este tempo, não seja muito satisfatória. Tem sido devida a várias circunstâncias.

Em Portalegre espero, pois, as suas notícias, e de lá lhe voltarei a escrever. O Sena nunca mais me enviou uma palavra, depois de me ter dado grande trabalho com as suas exigências estatísticas. Nem sequer sei, senão por outros, onde ele está, ou qual a sua direcção. O que me enviou, há meses, foi um livrinho sobre o Pascoais[422]. Espero, pois, que ele me escreva, para lhe enviar o quer que seja! Isto é: enviar-lhe-ei o *Vidas São Vidas*, mesmo sem ele me escrever. E adeus por hoje. Um abraço, sempre, do seu amigo,

José Régio

*

28 – I [1966].

Com um abraço do Luís Amaro e 2 pedidos: devolução *urgente* destas provas, e... a sua atenção e carinho para o livro de Irene Lisboa (o primeiro dela a ser reeditado!).

Se fosse possível um artigo... seria “estupendo”.

– Peço-lhe, ainda, o favor de procurar bem entre as folhas impressas que já enviei, pois decerto remeti a 3.ª, a 12.ª e a 19.ª, visto me não falta-

421 Os oitavos riscados encontram-se, no original, com um visto. [LP]

422 *Teixeira de Pascoaes. Poesia*, col. Nossos Clássicos da Ed. Agir, Rio de Janeiro, 1965.

rem na m/ colecção (a tipografia tem-nas enviado para cá em duplicado). Se de facto não foram, agradeço mo diga. Obrigadíssimo! e um abraço de L. Amaro, que espera mandar amanhã as folhas que faltam.

*

Portalegre
31/1/66

Querido Amigo:

Remeti-lhe hoje, registadas, as provas do primeiro e último oitavos do romance, e aqui lhe estou a escrever como lá prometia. Não será preciso, mas peço-lhe toda a atenção na última revisão, pois fiz ainda algumas pequenas correcções, no final do último capítulo, que em meu entender o melhoraram. Agora, é adiantar os trabalhos e fazer sair o livro!

As folhas 3.ª, 12.ª e 19.ª, de cujo falta eu me queixara – vieram-me agora reexpedidas de Vila do Conde. Certamente chegaram lá quando eu já de lá saíra... ou houve atraso em mas entregarem. Com as últimas que me enviou, tenho agora todas as folhas que já foram definitivamente impressas, – excepto a *22*.ª Tem ideia de também já me haver enviado esta? Vou, entretanto, procurá-la.

Também recebi novos fascículos do *D. Quixote*, e três volumes que seus autores (mas não terá Você tido qualquer intervenção no caso?) tiveram a gentileza de enviar a este velho escritor quase maldito pelos *Amigos do Homem*; (e inimigos, parece, de cada homem de per si). Enviarei para aí, para me fazer o favor de lhes fazer chegar às mãos, um cartão de agradecimento a cada autor.

A respeito do livro *Solidão*, que também recebi e agradeço: Escreveu-me, há dias, um amigo, estranhando que[,] num reclame da Portugália a essa reedição, o meu nome só viesse *no fim* dos outros citados. Alegava ele (e não sem razão) que eu fui dos primeiros, e tenho sido dos mais persistentes, a fazer justiça a Irene Lisboa. (Aliás tenciono escrever sobre Ela um ensaio para uns hipotéticos *Novos Ensaios de Interpretação Crítica*.) No livro que me foi enviado, vejo citados juízos de Gaspar Simões, Jorge de Sena e Casais Monteiro. Sou, por natureza, não demasiado propenso a reparar nessas coisas afinal pequeninas. Mas ainda tenho amigos, louvado Deus!, que reparam, e não gosto de me sentir quase vexado perante eles. Demais, depois dos grosseiríssimos ataques com que respondem certos a críticas minhas – que, sendo vivas, não ofendem pessoalmente os criticados – talvez eu me esteja a tornar mais susceptível. E talvez tenha de reagir contra tal susceptibilidade.

Bem, acho que nada mais há por hoje. Isto é: Quanto a um artigo sobre a actual reedição de *Solidão*, espero escrevê-lo para a página literária

d'*O Comércio*[423]. Assim continuarei uma campanha de que já o mesmo *Comércio* publicou documentos.

Sempre o abraço do seu amigo,

José Régio

*

Portalegre
1/2/66

Querido Amigo:

Afinal, cá encontrei a página digo a folha 22.ª, que estava em dúvida sobre se recebera ou não. As coisas, estando cá, – sempre aparecem. Desculpe o falso alarme! Abraço do Amigo

José Régio

*

[No verso do sobrescrito: Particular]
3 – 2 – 66.
Querido Amigo:

Duas linhas só, porque são quase horas de fechar a "loja"; mas não quero adiar para amanhã esta resposta à sua carta, que pensei dar-lhe imediatamente a[o] recebê-la anteontem.

– Tem razão o seu amigo que lhe falou no anúncio de Irene Lisboa. Mas as coisas, às vezes, acontecem sem premeditação – e creio que foi o caso. O Dr. C. D.[424], ao fazer a biografia, dispunha apenas da crítica do Gaspar Simões à *Solidão*, que eu próprio lhe emprestara (o 1.º vol. da *Crítica*); no arquivo da casa só existia, da autoria do meu Amigo, o belo artigo que escreveu sobre *Uma Mão Cheia de Nada*[425]. O C. D. limitou-se quase a transcrever o que o G. S. tinha escrito sobre o livro em causa, citando abundantemente o Simões na biografia e na badana; e até na contracapa se servia de uma frase do mesmo crítico. (E no entanto o C. D. ficou bastante aborrecido por o outro, há tempos, numa crítica à edição da casa das *Viagens na Minha Terra* lhe ter chamado nada menos que ferrador das letras!...)

Se ele, C. D., não citou o meu Amigo, creio que foi por não ter à mão os seus textos sobre a Irene (o inconveniente de os não ter reunido ainda

---

423 Em vez d'*O Comércio do Porto*, será no suplemento Vida Literária e Artística do *Diário de Lisboa*, 24-II-1966, que sairá comentário à reedição.

424 Costa Dias.

425 *Diário Popular*, 28-XII-1955.

em livro!). Eu é que entendi que o meu Amigo devia, de qualquer modo, figurar ao menos na nota biográfica, e lá o encaixei por minha conta e risco, como poderá ver no interior do livro.

Para a contracapa (frase a par do retrato) havia uma frase muito boa, sua, em que considerava a Irene a maior escritora contemporânea; simplesmente essas linhas foram escritas *antes* da Bessa Luís, e eu próprio não fiz pressão para que essas linhas viessem – por lembrar-me da susceptibilidade que poderiam provocar na sua amiga Agustina… Fui eu, ainda, quem para esse lugar escolheu o Casais Monteiro: até para variar de nomes.

Só mais tarde conseguimos obter o exemplar da *Planície* em que veio um artigo seu (a juntar a tantos, mas que infelizmente não temos à mão) sobre a nossa Escritora. Desse artigo extraíram o trecho que veio no prospecto junto, e a cuja organização fui alheio (de notar, no entanto, que o Simões, tão pròdigamente citado na biografia e na badana, vem em último lugar. Só vi o prospecto *depois de impresso* – acredite. Mas estou absolutamente convencido que não houve, em tudo isto, *boicotagem*; embora também pense – mas com isto não quero desanimá-lo, por amor de Deus! – haver hoje contra si uma corrente política. E, afinal, tantos outros que pensam da mesma maneira!... O Vergílio Ferreira escreveu, logo após a sua polémica com os mandatários ou procuradores do Vilhena, um muito longo ensaio, mais violento que o seu ataque; simplesmente, não teve a coragem do meu Amigo em publicá-lo, e reservou-o para raros amigos e para a gaveta – o que é incomparavelmente mais cómodo!).

– Lá vi ontem, no *D.º de Notícias*, um trecho das *Vidas São Vidas*. Diga-me, por favor, se podemos utilizar fragmentos do livro – e quais – e mandá-los para o *D.º de Lx.ª* e *Popular*, a fim de criar ambiente; eu tratarei disso, se mo consentir, até por conveniência editorial.

O livro deve ficar impresso dentro de dias, e não me esquecerei de lhe mandar a primeira e a última folhas, para completar a colecção. Espero que não tenha havido gralhas na parte impressa – e muito menos que não haja "saltos" na composição, sempre previsíveis – até quando se não emenda nada, como já aconteceu no 1.º vol. das Obras de Teixeira-Gomes… que teve de ser arranjado à última hora, já depois de estar à venda.

Vou enviar-lhe, também dentro de dias, os costumados exemplares para assinar, da tir. especial.

E tenho em casa muitas provas (quase todo o livro) das *Encruzilhadas*. O pior é que a minha saúde de espírito tem sido péssima, ùltimamente: excitado, inquieto, como que *sufocado*. Pacificação é coisa que não existe para mim.

– Esteve cá hoje, de manhã, o Álvaro Ribeiro (muito "gozado" num artigo, algo grosseirote, no último nº da *Seara*[426]. Como eles detestam este

[426] João Medina, "Tonterias filosóficas", *Seara Nova*, n.º 1444, Fevereiro de 1966.

homem!...). Veio explicar ao Sr. A. F. que tem estado doente e isso atrasara os seus trabalhos regianos, que no entanto vai continuar sem esmorecimento. Pediu-me as folhas impressas das *Vidas São Vidas*, que lhe dei completando-as com as provas (na parte que falta imprimir).

– A propósito ainda da *Solidão*, quero agradecer-lhe o eco que teve o meu pedido de um artigo seu, que seria oportuníssimo e justíssimo. Porque não retoma as suas colaborações no *D.º de Notícias*, cuja expansão é maior que a dos outros jornais?

O Sr. A. F. sonhava com uma edição prefaciada (por si, em primeiro lugar, ou por outro Crítico na impossibilidade de ser o meu Amigo a tomar esse encargo); mas nunca chegou a exprimir-se concretamente sobre o assunto, nem a pôr o caso ao Costa Dias, – ficando no entanto desagradàvelnente surpreendido quando viu o livro impresso sem essa Homenagem que estava no espírito dele.

Por mim, creio que dificilmente, para um Prefácio, se evitaria a repetição do muito que já está dito sobre a Escritora (a não ser que se tratasse de um assunto pròpriamente sobre a *Solidão*). Mas, claro, era uma coisa a ser tratada com bastante antecedência, e não quando a impressão estava a fazer-se… A obra, aliás, estava cá há uns três anos, pelo menos.

– E, por hoje (claro que a carta foi interrompida ontem), creio não haver mais nada – a não ser que os livros dos autores editados pela casa foram remetidos por expresso desejo dos próprios e não por sugestão minha. Há muita gente (e até de inesperados sectores) que o admira e estima, meu Amigo!

Receba o abraço grato – e as minhas desculpas por tudo em que involuntàriamente possa tê-lo afectado, ainda que num plano menor – do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Não mostrei a sua carta ao Sr. A. F., para não aumentar as suas (dele) perturbações, embora tivesse dado conhecimento dela aos organizadores da publicidade feita à *Solidão*[427].

– Não chegou a dizer-me se conhece a edição (recente, de há poucos anos) da *Correspondência* de Flaubert. Aguardo!

*

[427] A carta é acompanhada de sete paratextos impressos deste livro.

Portalegre
6/2/66

Querido Amigo:

Cá recebi a sua carta, com as suas explicações minuciosas, e o reclame de *Solidão*. O lamentável é que essas coisas tenham, por vezes, de ser resolvidas precipitadamente. Mas fez o meu Amigo muito bem em não incomodar o Senhor Agostinho Fernandes com isso. No fim de contas, eu ligo pouca importância a tais pormenores; e acredito que da gente da Portugália não há más intenções reservadas a meu respeito.

A respeito de Irene Lisboa, discretearei com mais fôlego no estudo sobre ela que tenciono inserir nos *Novos Ensaios de Interpretação Crítica*. Entretanto, como disse, escreverei um artigo sobre *Solidão*, que talvez prefira publicar antes no *Diário de Lisboa*, pois estou com ideias de recomeçar a minha colaboração neste jornal. Sempre é um jornal de Lisboa… onde, por vezes, me convém escrever. E devo ser superior aos pobres ressentimentos que me não dão proveito de espécie nenhuma. Recebi, aliás, uma carta do Álvaro Salema, – que me animou a prosseguir no seu Suplemento.

Quanto ao meu trecho publicado no *Diário de Notícias*: Publiquei-o, excepcionalmente, por ter sido a Natércia Freire que mo pediu. Ela sempre tem sido amável para comigo… e é preciso a gente dar e não só receber. Tanto mais que, deixando ela agora a sua secção de crítica (sobretudo apologia) no jornal, poderia pensar… enfim, poderia pensar sei lá o quê! Não gosto, porém, de publicar excertos de livros inéditos: Fazem sempre figura mais ou menos pobre, – desligados do seu todo. Não quereria portanto (desculpe-me!) publicar mais qualquer fragmento de *Vidas São Vidas*. O livro não demorará muito a aparecer, não?[428] E há outras formas de reclame, – a principiar no simples reclame corrente. Há editoriais que o cultivam abundantemente. Como lugar para reclame pago, o *Jornal de Letras e Artes* (lido por muita gente, apesar da desorientação que se me afigura poder provocar no público) é bom *lugar*. Quanto tempo andou aí reclamado o *Viver com os Outros*!

Nada mais por hoje, senão que estou à espera das últimas folhas do romance e das provas das *Encruzilhadas*. Não esteja com o trabalho de as rever primeiro, se tem pouca disposição para isso. Eu procurarei revê-las com cuidado, 1.as e 2.as provas.

Abraço do seu amigo

José Régio

---

428 Sairá ainda em Fevereiro, a avaliar pela dedicatória no exemplar oferecido: «Ao Luís Amaro, à sua sensibilidade de Poeta e à sua inteligência de revisor-crítico e leitor esclarecido, este livro que lhe deve tantos cuidados…, com um abraço grato do seu amigo José Régio / Portalegre / Fevereiro / 1966»

*

Portalegre
17/2/66

Querido Amigo:

Recebi três livros por intermédio da Portugália, – desculpe que também por intermédio da Portugália os agradeça agora aos seus autores. A verdade é que eu ignoro a direcção de estes, e... e peço-lhe mais o favor de lhes fazer chegar às mãos os meus cartões; talvez, até, entregando-lhos pessoalmente?

Também recebi provas de todas *As Encruzilhadas de Deus*; (quero dizer: de todo o livro). De modo que ainda lhas não pude devolver corrigidas, mas agora não deve tardar.

E *As Vidas São Vidas*? Não vão demorar muito a aparecer, não?

Já enviei ao Álvaro Salema, para o *Diário de Lisboa*, o artigo "Irene Lisboa reeditada". Por causa do Álvaro Salema, com quem, pessoalmente, simpatizo muito, e a quem devo várias amabilidades, resolvi tornar a tentar a colaboração no Suplemento do dito *Diário de Lisboa*... (A verdade é que também por causa do mesmo Álvaro Salema, ou duma sua infeliz Nota, quase decidira deixar de escrever lá.)

Sem mais por hoje. Quando virá um tempo que me dê vontade de ir até aí? O abraço seu obrigado

José Régio

P. S. – O Senhor Agostinho Fernandes passa agora melhor? Dê-lhe bons votos da minha parte. J. R.

*

18 de Fevereiro – 1966.
Meu bom Amigo:

Depois de uns dias de silêncio, aqui me tem a anunciar-lhe a remessa dos costumados oitavos (aliás, desta vez, uma folha de 16 páginas) para dedicatórias e dos também costumados oitavos da tiragem especial para assinar (como das outras vezes, há umas folhas a mais, que aliás talvez não completem exemplares e se destinam a volumes estragados; *não são para vender*, até porque a tiragem de 100 é numerada. Quando muito, se sobejarem alguns, podem aproveitar-se para os 3 do Depósito Legal.)

Agradecia-lhe muito que não demorasse a devolução!

Como tinha guardado a lista que fora da última vez, torno a enviar-lha, pedindo me desculpe de a não passar a limpo, por falta de tempo. Lembro-

-me agora que Manuel Dias da Fonseca escreveu há tempos no Suplemento do *Comércio do Porto* um bom artigo sobre a incompreendida *Velha Casa*[429]; não seria caso de lhe enviar este volume? E ao próprio Costa Barreto?

Claro que, enviando-lhe 50 folhas, poderá incluir desde já algumas das suas ofertas pessoais.

– Vou terminar, porque está aqui o Mário Dionísio e é impossível estar a escrever e a ouvir e a falar ao mesmo tempo. A propósito quero elucidar que o livro dele[430] lhe foi enviado espontâneamente, sem a mínima sugestão da minha parte…

– Gostei muito das suas respostas ao rapazinho de Guimarães. Agora a prosa dele e as perguntas… desculpe que me tivesse permitido dizer o que pensava no próprio jornal, à margem. Mas enfim… Já uma antiga entrevista consigo, do Arnaldo Saraiva[431], era também concebida nuns termos parecidos.

O abraço grato e amigo do seu muito dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
23/2/66

Querido Amigo:

Enviei-lhe hoje, registadas, as provas de *As Encruzilhadas*, e os oitavos (?) autografados do romance.

Não pude resistir (era de prever) a umas pequenas emendas ou alterações no poema; coisa pouca, porém. Se eu me pusesse a rever o original antes de o enviar para a tipografia, Jesus!, cairia em longas dúvidas! Assim, o facto de já estar o original composto trava-me muito. E o caso é que, de meu querer consciente, eu quereria manter tal qual o original primitivo... Depois de já feito o embrulho, dei por ter ficado fora uma página da *Sarça Ardente*. Aqui lha mando (tanto mais que tem uma gralha) para a juntar às restantes provas. Como em toda a composição, além das tais breves alterações, havia bastantes gralhas – pedi para me enviarem segundas provas. Também fiz uma observação sobre a *capital* das poesias... que o meu Amigo verá.

Os oitavos autografados a que me referi são os da edição especial. Os para dedicatórias ainda cá ficaram, mas não demorarão demais.

---

429 "Nota sobre *A Velha Casa*", *O Comércio do Porto*, 10-VII-1962.

430 *Memória Dum Pintor Desconhecido*, col. Poetas de Hoje, 1965.

431 "As declarações de José Régio", *Diário de Notícias*, 6-IV-1961.

Recebi, e agradeço, o número com a minha entrevista do jornalzito de Guimarães. Quanto à apresentação que de mim faz o entrevistador... coitado! Aquilo é gente bastante nova, – tem de se desculpar. Quando vejo o que por aí escrevem tantos adultos...!

Sem mais por hoje. Abraço do seu amigo

José Régio

P. S. – Também recebi mais um fascículo do *D. Quixote*. R.

*

Portalegre
26/2/66

Querido Amigo:

Só duas palavras, para lhe dizer que além da página de provas (que deve ter recebido juntamente com a minha carta) ainda cá me ficaram vários oitavos da edição especial, que não foram, como deviam, com as que já lhe enviei. Mandar-lhas-ei amanhã ou depois, juntamente com os oitavos das ofertas. Coisas que sucedem a quem tem a mesa de trabalho (e arredores) cheia de papelada vária!

E por hoje, o abraço do amigo

José Régio

*

Portalegre
5/3/66

Querido Amigo:

Envio-lhe amanhã os oitavos de *Vidas São Vidas* restantes, – autografados. Como vê, desta vez estou muito generoso em ofertas. Mas preciso de certa publicidade ao livro; e como não recorro a certos processos, quero, ao menos, enviá-lo a pessoas que possam falar de ele, sequer entre amigos. Acresce que nada faço de mais retribuindo a colegas que também me enviam os seus livros. Tratando-se de reedições, ainda posso esquivar-me. Esta, agora, é uma primeira edição.

Já hoje recebi um primeiro exemplar. Espero outros, pois algumas ofertas quero fazê-las enviando-as eu próprio; ou até entregando em mão própria. E devo, na verdade (ou deveria)[,] oferecer os meus livros a tanta gente! Claro que me fico pelo mínimo possível.

A Portugália é que tem de fazer algum reclame. Hoje, o reclame é já indiscutível. Creio que anunciar no *Jornal das Letras e das Artes*[432] (que

[432] *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, 1961-1970.

muita gente lê) não seria mau. Quanto tempo andou aí anunciado, reclamado, o *Viver com os Outros*! A propósito: Telefonaram-me, telegrafaram-me, para ir aí hoje ao jantar de homenagem à Isabel[433]. Mas como sair assim repentinamente de Portalegre?! Tenho uma vida mais complicada do que supõem.

Poderia mandar-me, na volta do correio, desculpe, um exemplar de *Alma Minha Gentil*? Preciso, talvez, de fazer algumas correcções no original, e não tenho originais inutilizáveis.

Peço-lhe (desculpe outra vez) todo o cuidado no envio dos exemplares que eu vou dedicando. Sei que às vezes não chegam às mãos dos a quem se destinam. Sem mais por hoje, abraço do

José Régio

*

Lisboa, 8 de Março 66.
Meu querido Amigo:

Recebi todas as suas notícias e também os livros – autografados (1.as folhas) e especiais (última folha). Agradeço-lhe muito as palavras que inscreveu no meu exemplar!

O livro sai esta semana. Vamos enviar-lhe mais exemplares (completos).

(Tenho de ser hoje muito telegráfico, pois são já 6,30 e dentro de momentos vou sair.)

– Acho que seria conveniente oferecer ao Mário Sacramento, que retomou agora a Crítica, no *D.º de Lisboa*. Poderia remeter-me alguns dos exs. que aí tem consigo (julgo), bem como outro para o Dr. Firmino Crespo (seu antigo colega no Liceu, creio), que manifestou interesse em ter o livro autografado por si e que é agora o director do Serviço de Bibliotecas Escolares do Min. da Ed. Nacional.

Não ofereceu desta vez ao Pinheiro Torres? E para a *Vértice* – não oferece (Armando Bacelar)?

– Não anunciamos no *Jornal de Letras e Artes*, com cuja tipografia tivemos há tempos um sério aborrecimento. Aliás, nenhuma editora anuncia, regularmente, nesse Jornal. Os anúncios constantes do *Viver com os Outros* explicam-se porque a 1.ª edição era da própria Editora do jornal (Lux).

– Estranho o que me diz quanto ao extravio de exemplares de livros por si dedicados. Seria no correio?

– Não quer oferecer ao Nuno de Sampayo[434], e ao Hernâni Cidade, da revista *Colóquio*? E ao Domingos Monteiro, a quem ofereceu das outras vezes?

---

433 Isabel da Nóbrega.

434 Conhecemos recensões deste desde 1962, até ao *Diário Íntimo* n'*A Capital*, 22-IV-1975.

– Vou enviar-lhe o ex. da *Alma Minha*.

E por hoje, muito apressadamente, e fatigado (deitei-me ontem mais tarde por ter estado a ver, na televisão, as *Árvores Morrem de Pé*…[435]), sou o sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Já me esquecia. Encarregam-me daqui de o convidar a escrever um artigo sobre Balzac, de quem vamos publicar este mês os dois primeiros volumes das *Obras*. O meu Amigo tem ainda fresca a impressão da leitura desse Mestre do romance que eu miseravelmente ignoro? Quererá mandar-nos um artigo, para os nossos boletins?...

E obrigadíssimo, também, pelas belas palavras sobre a *nossa* Irene Lisboa, cuja reedição teve um relativo êxito, pois os 1.500 exs. encontram-se quase esgotados. Surpreendente!

Chamo a sua atenção para um artigo que deve sair talvez esta semana no *D.º de Lx.ª*, de Fernando Mendonça (professor português radicado no Brasil) acerca de "Gaspar Simões e José Régio"[436]. Recortei-o do *Estado de São Paulo*[437] e mandei-o ao Salema, que vai publicá-lo a instâncias minhas. O artigo não será admirável, mas é justo. Verá!

*

11 – 3 – 66.

Meu bom Amigo:

Às minhas indicações de ontem, acrescento hoje os nomes de Antunes da Silva (cujo exemplar é aliás pago por ele, mas que gostaria do seu autógrafo) e de – repito, afinal – o de Mário Sacramento. O Salema, que hoje passou por cá, pediu-lhe um artigo sobre a *Velha Casa*, no seu conjunto, pelo que é de toda a vantagem não demorarmos o envio. E ao Costa Barreto, não valerá a pena? O Pinheiro Torres passa a ser o crítico "encartado" da *Seara*, segundo circular que hoje recebemos. Não quer oferecer-lhe?

– Afinal, a transcrição não saiu ontem no *Diario* [*sic*], o que não me surpreendeu dada a extensão da reportagem sobre o jantar à Isabel da Nóbrega. Deve vir na semana próxima.

– Seu muito fatigado e, hoje, sonolento Amigo sempre dedicado

Luís Amaro.

---

435 De Alejandro Casona, com uma notável Palmira Bastos, na sua última aparição televisiva.

436 *Diário de Lisboa*, 31-III-1966.

437 10-VII-1965.

Seguem hoje, registados, fascículos do *Dom Quixote*. Espero que não falte agora nenhum na sua colecção.

Quanto às capas para os vols. encadernados, esperamos: o agente em Lisboa promete-as para breve.

*

11– 3 – 66.
Meu bom Amigo:

Novas linhas telegráficas – a sugerir a dedicatória a M. de Sousa Lobo[438] (que tão entusiásticas linhas sempre lhe tem dedicado; que importa a vida íntima do crítico, que me dizem, vagamente, não ser exemplar?); e também ao Sant'Anna Dionísio, e ao seu "biógrafo" Eugénio Lisboa. De outros nomes que me ocorram lhe darei notícia.

Espero que o *D.º de Lx.ª* de hoje publique já a referência do aparecimento das *Vidas*[439], pois a solicitei empenhadamente ao Álvaro Salema. E também o tal artigo de F. Mendonça, que decerto vai irritar muita gente; já sei, por um revisor meu amigo do *D.º de Lx.ª*, que o tom "polémico" da minha nota que precedia esse artigo foi atenuado pelo Salema, mas não me importo… Descanse que a nota é iniciada apenas por L. A. – que é o seu Amigo que o abraça

Luís Amaro.

P. S. – Perdoe-me estes gatafunhos: achava bem dedicar também ao Acúrsio Pereira (de *O Século*), homem generoso e sempre ao nosso dispor (da Portugália). Há um Manuel Dias da Fonseca que, no Suplemento do *Comércio do Porto*, escreveu uma vez coisas muito curiosas e justiceiras sobre *A Velha Casa*. Valerá a pena mandar-lhe, até como sinal de reconhecimento pela atenção prestada a uma obra tão pouco compreendida? E ao Urbano Tavares Rodrigues, que dirige agora a página literária do *Século*? E ao Alfredo Guisado, que há muito se penitenciou das parvoíces que porventura escreveu um dia sobre o Poeta J. R.? Há um jovem crítico, Liberto Cruz, que escreve no *Letras e Artes* e a quem sugiro também que se ofereça. Seu mt.º ded.º Amaro.

Raul Rêgo e Armando Ferreira (do *Jornal do Comércio*) talvez valham a pena. É tudo publicidade – e já que está interessado nela…

Carlos de Oliveira (com vista, pelo menos, à Revista *Eva*, onde ele trabalha)?...

---

438 Manuel de Sousa Lobo.

439 A nota, não assinada, saiu no dia 17.

Outro nome de um novo funcionário da casa que recebe os livros e para quem peço o seu autógrafo num dos "oitavos" que aí ficaram: Mário Galvão. – Obrigado, e desculpe!

P. S. – Aguardo com o maior interesse a sua resposta sobre o Balzac! Quer que lhe envie os 2 vols. que vamos publicar? Viu o anúncio das *Vidas* hoje no *D.º de Notícias*?

*

Portalegre
15/3/66

Querido Amigo:

Enviei-lhe ontem, registados, (e dedicados) os oitavos que ainda cá me restavam. Como sempre tem vindo sugestão de novos nomes – ainda a sua última carta os trazia – vários ficaram por ser atendidos em razão de me faltar *material*. Precisaria de receber novos oitavos para poder oferecer mais uns certos. Outros ficarão *esquecidos*, porque, apesar da minha vontade de tornar mais conhecida *A Velha Casa*, claro que não vou oferecer exemplares a indivíduos por quem não tenho estima, ou simpatia, bem assim aos que entendo me deveriam oferecer primeiro eles os seus. O Domingos Monteiro, por exemplo, está neste caso.

Também já recebi 14 exemplares, suponho, de *Vidas São Vidas*, que agradeço. Suponho que me não chegarão para as minhas ofertas pessoais a amigos particulares e parentes, entre os quais estão, como é natural, algumas das que faço com mais gosto. Desculpe... ou desculpe-me a Casa! A gente tem de se tornar um bocadinho descarado. E creio que nem os editores sabem como os escritores são vítimas de pedidos vindos dos mais diversos lados e sectores! Eu tenho sempre de comprar exemplares dos meus próprios livros... para os oferecer. E não quero dizer com isto que tenha razões de queixa da Casa, que, pelo contrário, se me tem mostrado generosa.

Igualmente recebi o número Um da edição especial (volto a agradecer) e um exemplar de *Alma Minha Gentil*. Para adiantar serviço, começara, e continuo, (agora não há remédio) a fazer as correcções necessárias no meu exemplar próprio. O que veio de aí, porém, está em bastante mau estado (era para inutilizar) e assim fiquei a perder na troca. Suponho, no entanto, que ainda tenho um ou dois exemplares mais.

Como preciso urgentemente de me dedicar a outros compromissos, gostaria de concluir logo que possível este assunto da reedição de *Alma Minha Gentil*. Fiz bastantes alterações no texto dos *clássicos*, para o aproximar das versões primitivas. O Alberto de Serpa abunda nas minhas mesmas disposições, e assim o *original* deveria estar pronto dentro em breve.

Creio que nada mais por hoje. Já termino esta carta no dia 16, porque a paixão das velharias, com as contínuas visitas de "intermediários", comerciantes, etc., me torna certos dias numa verdadeira balbúrdia. Como tem passado agora o Senhor Agostinho Fernandes?

Um abraço do seu Amigo

José Régio

*

Lisboa, 23/3/66
Querido Amigo e Poeta:

Deve ter recebido 20 exemplares do seu livro, entre os quais alguns que se destinam a ofertas pròpriamente dos Editores e que faltava fazer. Acontece que já estava feita a brochura de toda a tiragem, com excepção apenas dos 50 de que tinha ido primeiramente a folha, e portanto não havia mais folhas disponíveis. Sugeri (mas não concordaram) que na oficina de brochura tirassem, com cuidado, a referida folha e lhe enviássemos os exs. necessários, que depois seriam convenientemente arranjados. Mas, visto que a minha sugestão (aliás perfeitamente viável, segundo o próprio técnico de encadernação) não foi aceite, seguiram os livros, que o meu Amigo fará o favor de nos devolver – talvez num só embrulho – já dedicados, aproveitando, se quiser, os das suas ofertas pessoais (alguns deles, pelo menos), pois daqui os remeteríamos individualmente aos destinatários. Sei que assim lhe dá mais trabalho, tanto mais que o livro é – materialmente… – pesado. Mas temos de ter paciência!

Lembro, aos nomes já referidos (e que não sei se são da sua concordância: o D. M.[440] já sei que não…): Victor Falcão, que está com os pés para a cova e, coitado, escreveu uma vez um "ensaio" a seu respeito em que esgotava os adjectivos; o Tomaz de Figueiredo (este, oferta particular, que *sei* – apesar de não contactar com ele – espera receber [mandar-lhe-á ele os livros, também?!]); a Matilde, sempre boa e generosa. E quem mais?... Havia outros, de que me não recordo agora. Claro que ao Álvaro Ribeiro… Ele esteve cá hoje, e pediu-me que o ajudasse (aliás por sugestão sua) na parte bibliográfica; farei tudo que puder, claro! O Filósofo parece estranhar o seu silêncio (serão os filósofos tão desconfiados como os poetas? Tentei dizer-lhe das suas dificuldades de tempo, mas ele já pensava, julgo, que o estudo a seu respeito o não teria entusiasmado… Estes literatos!) Falou depois com o Sr. Ag. Fernandes, a quem expôs todos os cuidados que está [a] pôr na elaboração do ensaio, a fim de evitar as tão *temíveis* alterações nas provas (e ele confessou emendar muito).

[440] Domingos Monteiro.

O seu romance tem sido discutido, principalmente pela gente nova que passa por aqui. Nascidos ontem, já pretendem sobrepor-se, pela modernidade, aos verdadeiros mestres!...

– Não chegou a dizer-me se está disposto a fazer para a casa um artigo de jornal (três, quatro laudas) sobre o Balzac. Vamos publicar a Obra dele (*Comédia Humana*) e estão a programar uma publicidade ampla ao empreendimento. O artigo – pago a um preço jornalístico: 300$ – seria para publicar num dos boletins da casa, ou num jornal, não sei bem. O Gaspar Simões já nos entregou um pequeno "ensaio" sobre o Romancista, dentro desse programa de publicidade.

– Não me lembro (nem tenho agora tempo de consultar os meus papéis) se ofereceu ao Padre Manuel Antunes, e ao Mário Sacramento (agora mesmo soube, pelo A. Salema, que acaba de sair[441], que o *D.º de Lx.ª* publicará amanhã a crítica deste às *Vidas São Vidas*, e que essa crítica não é negativa (vá lá… – claro que este "vá lá" é ironia).

Muito à pressa, o abraço amigo e sempre grato do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. importante: Afinal, sempre concordaram que se cortassem [*sic*], de exs. já brochados, a primeira folha, para autógrafos seus. Foi o que se fez hoje com 20 exs. que uma livraria requisita, autografados pelo Autor, e os quais muito lhe agradecia assinasse (assinasse apenas, claro! Não é pedir muito!), devolvendo-os o mais urgentemente possível para a oficina que fez a encadernação da obra: a Sociedade Astória – Regueirão dos Anjos, 68 – Lisboa 1. Perdoe a grande maçada, mas é o inconveniente de estar longe e ser tão solicitado!... A livraria que fez o pedido (talvez a Divulgação) tem urgência, visto os clientes interessados estarem com pressa. Desculpe, por favor! Custa-me ser intermediário destas "chatices"…

– Ainda falta qualquer coisa para lhe dizer, mas também eu estou com pressa (como sempre, e atrapalhado com tanta coisa). Recebeu os recortes que lhe enviei, por curiosidade? Afinal, o Salema está a demorar-me a transcrição da tal publicação, mas compreendo que o Ferreira de Castro lhe absorva, quase, o suplemento… Aliás, ele disse-me há pouco que tem lá agora várias coisas "regianas" para publicar nestes próximos números, entre elas um artigo seu de resposta ao Sacramento (polémica cordial, deduzi)[442].

Uma vez mais o abraço do muito Adm^or^ Luís Amaro.

---

441 Parêntesis curvo, no original.

442 Régio responde no *Diário de Lisboa* de 31-III-1966 a Mário Sacramento, "Heterocrítica do crítico", *Seara Nova*, n.º 1440, Outubro de 1965: 313 ss, replicando Sacramento no *Diário de Lisboa* em 21-IV-1966.

*

Queluz, 24/3/66.
Meu querido Amigo:

Apesar de cansado, e doente (uma nova crise de depressão física e moral, a juntar a tantas), não quero terminar o meu dia (são agora 10 horas) sem duas linhas para si, como aditamento à minha carta de ontem e também para lhe manifestar a satisfação que tive com a crítica do Mário Sacramento, hoje no *Dº de Lxª*. É, confesso, o primeiro escrito deste crítico que leio e compreendo, pois vulgarmente a sua linguagem é de uma dificuldade que deixa a perder de vista o Óscar Lopes dos velhos tempos (o de hoje, da *Hist.ª da Literatura* da Cor, é-me perfeitamente inteligível, ou quase sempre). Mas não só isso me satisfez, claro: o que me alegrou foi a justiça feita à *Velha Casa*, que tantos teimam em perseguir – ainda que críticos marxistas lhe achassem, insòlitamente, o interesse que de facto tem e hoje, decerto, depois da polémica com o Vilhena e a resposta do Miguéis, são capazes de lhe negar (e estou pensando no entusiasmo, *de ontem*, do P. T.[443] pelas *Raízes do Futuro*, e do caloroso interesse que o R. F.[444] me manifestava, há poucos anos, pela sua obra de ficcionista: creio até que elogiou o *Há Mais Mundos*, não foi?). Claro que o próprio referido P. T. quase desdisse esse entusiasmo – digamos a palavra: essa *preferência* pelo ficcionista – quando fez a crítica do *Jogo da Cabra Cega*, de uma incompreensão notável. Mas já há muito que desconfiei ser ele manobrado por um certo grupo, e influenciável, altamente, e influenciável, portanto, pelas opiniões ou *interesses* do referido grupinho. (Isto, claro, nada tem a ver com o que sucedeu depois: o escândalo da S. P. E.[445], etc. Ou estará tudo correlacionado?...)

O Sacramento, que vive longe e não comunga da igrejinha a que me refiro, fez uma crítica isenta, lúcida, inteligente e nobre. Quanto vão ficar penalizados os que esperavam que ele dissesse o contrário!... E, nestes, não se incluem apenas *alguns* do tal grupo, mas outros, mocinhos quase literàriamente imberbes e que, sem ler ou lendo mal este volume, já o estavam a atacar: um deles até me apontou o verbo *matrimoniar*, que eu, com espanto pela incompreensão manifestada, tive de lhe explicar que estava lá por ironia – como é mais que evidente; e insistiu, apesar de ir ainda em cento e tal páginas, haver no romance uma mentalidade pequeno-burguesa que transparecia em pormenores como o da repetida gratidão

443 Pinheiro Torres.

444 Rogério Fernandes.

445 Sociedade Portuguesa de Escritores.

de Pedro pelos seus benfeitores; etc… No entanto, depois de eu lhe dizer que o Sr. Ag. Fernandes, tendo lido já o livro, considerara "camiliano" – no alto sentido do termo – o capítulo V, já hoje se me manifestou surpreendido por esse capítulo, que considerou maravilhoso… Reviravoltas dos jovens "críticos", – este talvez influenciado ainda pelo facto de o Salema me ter dito, na presença dele, que a crítica que o M. S. ia publicar era não negativa (como eu lhe perguntei) mas positiva… E o jovem meu conhecido e convivente que esperava que os Críticos caíssem em peso sobre as *Vidas São Vidas*, apesar de ir ainda na página 100 e tal… Um outro jovem, que talvez já se considere um génio, confessara a essoutro "crítico" não ter passado da página 10, pois que o volume *era igual aos outros anteriores*… Não me admirará nada que mudem, agora, de opinião – e sejam mais prudentes nos seus juízos.

– Peço-lhe que guarde para si este desabafo amigo e se lhe não refira em cartas para a Editora. Senti a necessidade de, não por espírito de intriga nem de rancor (acaso valeria a pena? seria uma infantilidade igual à deles…), manifestar-lhe o meu vago desgosto pela petulância de jovens e de mais velhos, sofisticados afinal, e obsessionados pelas "modas" literárias, como se o que é realmente bom em Arte ou Literatura tenha de ser forçosamente revolucionário. *Vaidosa juventude!* – como diria a nossa Irene Lisboa –, apesar de ela gostar muito de gente nova. (Eu confesso que ainda prefiro viver só, não cultivando novos nem velhos… Gostaria tanto que me deixassem todos em paz, intelectuais ou burgueses – e principalmente estes… Tenho tanta dificuldade em conviver, em contactar com os outros… Mas, infelizmente, ainda não soube construir a minha vida no silêncio total – e agora, depois do passo que dei casando-me, mais difícil, ou impossível, é realizar essa quimérica aspiração. Tantas vezes que, pensando em si, admiro a sua facilidade e gosto – conviventes – evidenciados até no amor que tinha pela sua profissão, que para a minha natureza seria terrível…)

Tinha mais para lhe dizer, mas preciso absolutamente de repousar e refazer-me. Dormir é, ainda, para mim, um dos grandes remédios para suportar a vida! E os meus dias continuam a ser tão agitados…

Espero que na carta de ontem fosse suficientemente claro e que a Soc. Astória lhe tivesse remetido as tais 20 folhas para assinar. (Não lhe custou, nem se sentiu "vendido"? Como não se comprometeu fazendo dedicatórias a desconhecidos…)

Outro nome me surgiu: José Blanc de Portugal. Não quererá oferecer-lhe? Não cheguei a consultar a lista, a ver se tínhamos mandado a Mário Sacramento – *Aveiro*. Se calhar comprou o livro, visto que o Salema lho não mandou também…

Espero receber as suas notícias sobre as ofertas. E a Antologia?

Receba, querido Amigo, um abraço cansado, sem juventude nenhuma, do seu *velho* (criança, apesar disso, ou talvez por nunca o ter sido a valer) e sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Afinal, já ontem fechei a carta com a sensação de que qualquer coisa importante me escapava, e hoje ia-me novamente esquecendo: o B. da F.[446], apesar de também não gostar da *Velha Casa* [(mas este tem outra autoridade, e tem consigo a rude franqueza de lha manifestar, embora eu pense que se, *pacientemente* (isto é, forçando o preconceito que tem pela obra em causa), ele lesse as duas mil páginas em que já vai a Obra, acabaria por aderir a ela, fatalmente;],[447] o B. da F., dizia, telefonou-me ontem informando, além de outras coisas, que iria dar ordem para requisitarem 500 exs. destas *Vidas*. Oxalá se não arrependa (isto é: não volte com a palavra atrás) de tão "benemérita" decisão, tão concordante com a velha Amizade que o liga a si!

E era esta a boa notícia que ontem me esqueceu – e a que, peço, não se refira se me escrever para a Editora: nem divulgue, para não levantar a despeitada inveja de outros, a quem não compram nada ou compram m.to pouco…

Seu muito Amº Amaro.

*

Portalegre
28/3/66

Querido Amigo:

Vão hoje só duas linhas para lhe dizer o seguinte:

Já enviei para a Sociedade Astória as vinte folhas dactilografadas. De lá, ainda demoraram um pouco a remeter-mas. Senão, também eu as teria devolvido mais cedo.

Ao mesmo tempo enviei para aí, no seu nome, exemplares para Orlando Vitorino, Tomás de Figueiredo, Victor Falcão, Agustina Bessa Luís, Matilde Rosa Araújo e P.e Manuel Antunes. Dos nomes que me tem vindo sugerindo, ainda escolherei alguns. Outros, terei de os esquecer como eles me esquecem a mim: Claro que não vou enviar livros a escritores que apareceram depois de mim, e nunca me enviaram os seus. Também tenho feito várias ofertas minhas particulares. Creio que raramente haverei feito

446 Branquinho da Fonseca.

447 Acrescentamos parêntesis rectos e esta vírgula.

oferecimento de tantos exemplares.

Vou mandar ao Serpa a *Alma Minha* em que fiz as correcções que me cabiam, e vários manuscritos escolhidos para acrescentar. Tomara arrumar tal assunto!

Sobre o artigo balzaquiano, escrevê-lo-ei, se a Casa o quer, – *mas só para o Boletim. Não* para qualquer jornal, que teria de ter carácter diverso. Diga-me o prazo em que tem de estar aí.

E por aqui me fico. Ando lutando com uma gripe complicadíssima (as alergias nem sequer me permitem recorrer a comprimidos) que me enfraquecem bastante. Ainda estou em dúvida sobre se irei ao Norte na Páscoa; mas participarei do que resolver. E escreverei com mais vagar logo que possa. Até outra vez, pois, um abraço do amigo

José Régio

P. S. – O reclame a *Vidas São Vidas*, em grandes letras e sem palavriado [*sic*], foi muito do meu gosto.

2.º P. S. – Obrigado pelos recortes de jornais que me tem enviado. Quer que lhos devolva? O Mário Sacramento foi mais amável do que eu esperava! Embora eu já esperasse certa simpatia...

*

Portalegre
5/4/66

Querido Amigo:

Aqui lhe mando o artigozito sobre Balzac. Como lhe disse, preferiria que saísse no *Boletim* da Casa. Tem um certo ar de *réclame*; – todavia *réclame* é este que faço com todo o gosto e sinceridade.

Tenho andado sempre mais ou menos doente, um dia melhor[,] outro pior, sobretudo atormentado por coisas *alérgicas* resultantes do tratamento da gripe. No meio de tudo isto, possível é que ainda tenha a enviar-lhe mais alguns volumes-dedicados de *Vidas São Vidas*. Vou ver.

Não piorando, tenciono partir para Vila do Conde na próxima *6.ª feira* de manhã. De lá lhe escreverei, ou de cá o avisarei se não for. O Serpa não deve demorar muito a enviar-lhe o volume original da Antologia, pois a minha parte já está pronta.

E creio que, por hoje, mais nada. Se for preciso, ou se me esqueceu qualquer coisa, ainda voltarei a escrever-lhe de Portalegre. Aliás, não vou com intenções de me demorar em Vila do Conde senão uns oito dias.

Deus lhe dê uma Páscoa tanto quanto possível tranquila!

O abraço do seu amigo,

José Régio

*

8 de Abril 66 (dia de chuva).
Querido Amigo:

Vim passar a Páscoa ao Alentejo, e é de Évora que lhe envio um abraço e os votos de que a sua Páscoa seja a mais feliz que é possível. Amanhã seguirei para Aljustrel, donde regressarei no domingo.

– Se o soubesse em Portalegre, seria desta vez que lhe faria a sonhada visita…

– Recebi, e entreguei na P. E., o artigo sobre Balzac. Para a semana darei novas notícias. Obrigado pelo artigo (que não cheguei a ler) e pela sua breve carta.

Um abraço ao João Maria e outro para si do sempre grato e dedicado

Luís Amaro.

*

19 de Abril [1966].
Querido Amigo:

Oxalá vá encontrá-lo ainda em Vila do Conde!

Envio-lhe uma cópia do seu artigo sobre Balzac, pedindo-lhe o favor de a emendar e sugerindo-lhe – não de *motu próprio*, devo dizer – o favor, também, de o publicar no *Primeiro de Janeiro*, por exemplo, pois interessava a máxima projecção desta balzaquiana iniciativa editorial. Claro que o artigo seria também publicado, depois, no nosso *Guia do Leitor*! Diga-me se está de acordo, sim?

– Recebeu-se *hoje* aqui o original da nova *Alma Minha*. O Sr. A. Fernandes vai responder ao nosso Alberto de Serpa.

– Para onde enviar a importância do seu artigo? E provas das *Encruzilhadas*?

O abraço grato do seu

Luís Amaro.

P. S. – Não fui eu o dactilógrafo do artigo. Foi uma dactilógrafa…

*

Portalegre
27/4/66

Querido Amigo:

Desculpe a esferográfica, de que lanço mão por economia de tempo. Recebi hoje, (27) devolvida de Vila do Conde, a sua carta com as provas

do meu artigo sobre Balzac. Também já cá recebi, há dois dias, as provas das *Encruzilhadas*… a que ainda não pude lançar senão um golpe de vista.

Quanto ao que me propõe sobre o meu artigo: Impossível publicá-lo em qualquer dos jornais em que colaboro, pois toda essa minha colaboração obedece a um plano (cada plano para cada jornal) em que este meu artigo não pode enxertar-se. No *Janeiro*, talvez ainda menos que em qualquer outro: Perceberiam que o artigo não fora escrito para lá. Demais, escrevi-o com um certo ar de reclame (que me não embaraça tratando-se de um Balzac!) – e só no *Boletim* o acharei bem. Tem de ser.

O que posso, por querer servir os interesses da casa (e também isso me não embaraça tratando-se de um Balzac!)[,] é procurar escrever outro artigo, noutros moldes, que farei publicar no *Janeiro* ou em qualquer outro jornal. Talvez no *Janeiro*, sim.

Amanhã lhe devolverei as provas do dito artigo, por já não poder ser hoje.

Estava com intenções de ir agora a Lisboa, à Feira das Antiguidades. Mas tenho andado combalido e *alérgico*, em resultado de uma gripe e do seu tratamento. Desisti da ida por agora, sem desistir de ir um pouco mais tarde.

Creio que abusei das ofertas de *Vidas São Vidas* a críticos, pois estou sem exemplares para alguns amigos a quem ainda quereria oferecê-los. Vejo que já é um pouco abuso: mas, com mais cinco exemplares, – não me atreveria a importunar novamente. Um abraço do seu grato

José Régio

*

(Particular)
28 – IV – 66.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas, em resposta à sua carta de hoje, que me deu o prazer – ùltimamente raro – de notícias suas.

Fica assente: o seu primeiro artigo sobre Balzac só poderá ser publicado no Boletim da casa (ou *Informação Editorial*, ou coisa do género). Mas muito desejariam, aqui, que o seu segundo artigo – gentilmente prometido – fosse publicado então no *Janeiro*. E obrigado pela voluntariedade da atenção!

Vou enviar-lhe os 5 livros que pede, e talvez os 2 vols. de Balzac já prontos, com tradutor eleito pela Gerência.

Como tem passado? Eu continuo em crise, e de tantos *libriuns* que tenho tomado até me parece que, nas veias, me circula água em vez de sangue… E já não posso passar sem uma droga a acalmar a agitação em que vivo (até quando?).

Receba o melhor abraço do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Espero tenha recebido hoje a importância do artigo, ontem enviada em carta registada, em dinheiro (o que não se repetirá, pois é sempre perigoso remeter dinheiro em carta). LA.

*

Portalegre
6/5/66

Querido Amigo:

Muito obrigado – e peço para transmitir os meus agradecimentos ao Senhor Agostinho Fernandes – pelo envio de mais cinco exemplares de *Vidas São Vidas*, acompanhados de dois volumes de Balzac. O meu artigo sobre Balzac para o *Janeiro* deve sair na segunda quinzena do mês.

Enviei-lhe hoje as provas corrigidas de *As Encruzilhadas*. Como verá pelo que escrevi na primeira página, há necessidade de eu ver novas provas. Mesmo assim fico desassossegado, pois vejo que as *correcções* fazem aparecer novas gralhas! Como se pode, assim, ter confiança? E as gralhas incomodam-me particularmente nos versos. Quanto à paginação, pareceu-me várias vezes errada. Ou haverá alguma explicação para isso? Desculpem-me estas rabugices... mas claro que tenho de zelar por umas boas Obras Completas.

O Sena, enfim, escreveu-me, e perguntava-me se eu já recebera o seu *Camões*. Há aí qualquer exemplar autografado para mim? Sem mais por hoje. O abraço do seu amigo

José Régio

*

7 de Maio – 66.
Meu querido Amigo:

Recebi hoje notícias suas, e as 2.as provas das *Encruzilhadas* (que, como decerto notou, não foram revistas por mim. Ainda trouxe as 1.as para casa, mas, cheio de trabalhos e apoquentações, acabei por desistir do grato intento de revê-las: e confiei-as a um novo revisor recomendado pelo C. Dias, um Sr. Manuel Guedes que, soube depois, tinha a pesada cruz de um passado de quinze anos de cadeia, embora intermitentes, claro que por motivos políticos. O "soube depois" que escrevi acima não implica nenhuma restrição, tal como os "motivos políticos". O facto de o homem ter sido (e ser) uma vítima só pode merecer-me simpatia e humana solidariedade. O pior é que, logo que recebi de si as 1as provas emendadas – já vistas por ele, portanto –, descobri que o sujeito estava longe de ser bom revisor. E isto é que é o importante, neste e noutros casos. A solidariedade política, ou as conveniências de partido, cegam os homens… Ainda bem

que, por minha parte, nunca pus os interesses dos meus amigos (e já um deles me acusou disso, há muitos anos – o R. de Carvalho) acima dos interesses da casa. Ainda que o meu ideal seria conciliar os interesses de ambos os lados. Da minha isenção sabe o meu Amigo os resultados, pela maneira como tenho sido tratado, particularmente nestes últimos 3 anos).

Reparo que é tempo de fechar o longuíssimo parênteses.

E de, voltando a falar das provas, dizer-lhe que as trouxe hoje comigo, para reler as *Encruzilhadas* neste fim de semana. Não as confrontarei com o original, porque isso me tiraria o prazer da leitura – e já não seria um puro leitor mas um revisor. E claro que, depois, irão para si as 3.as provas!

Diz que a "paginação" está toda errada, mas creio que se refere à *numeração*, a partir de dada altura: uma prova – o não ter sido isso sublinhado pelo revisor – da incompetência deste.

Seguiu hoje, finalmente, uma carta-dupla (isto é, em duplicado) para si e Serpa, de resposta sobre a Antologia. Ditaram-me as condições, e eu redigi o que me disseram, com a intervenção redactorial do meu patrão magnânimo.

Como digo acima, foi uma cópia da carta para o A. de Serpa – que, naturalmente, como homem de vasto sentido prático, inspirará a sua decisão. Por mim, nada tenho que opinar (sei que o verbo é feio, mas quis insinuar-lhe uma pontinha de ironia).

– O C. Dias, agora, vai lá só uma vez por semana: à 5ª fª de manhã; continuam incompatibilizados, os dois que, juntamente com um outro (aparentemente uma "alma lavada"), tinham sonhado a minha saída da casa e me fizeram a vida num autêntico inferno donde inteiramente ainda não saí. Tem toda a razão o meu Amigo em ser um céptico sobre a natureza humana – ainda que no entanto possa haver pessoas de carácter (mas muitíssimo raras!). A ambição material, a necessidade de vencer amachucando o próximo, tornam os homens uns verdadeiros demónios.

O jornalista Raul Rego, do *Dº de Lisboa* e *Jal do Comércio*, desejaria muito o seu autógrafo num *Vidas São Vidas* (tem os anteriores da série com dedicatória sua, e considera-o o nosso maior Poeta vivo). É assinante da tiragem especial, como bom bibliófilo (foi o homem que vendeu o ex. da 1.ª do *Jogo da Cabra Cega* que serviu para a reedição) e deve ter feito agora uma notícia destacada no *Jornal* sobre as *Vidas* (apesar de me confessar não as ter lido ainda. Estes jornalistas!). Vou enviar-lhe, então, uma 1.ª folha para esse fim. Fizemos bem em oferecer ao pobre Vítor Falcão, que morreu passadas poucas semanas (os últimos tempos foram-lhe bem penosos). Creio que incluiu no seu último livro[448] o artigo que

[448] Victor Falcão, *Sol na Seara das Letras*, Lisboa, Edições Excelsior, 1963.

lhe dedicou no *Dº de Nas* e primava pela adjectivação pletórica. No entanto, esse homem (que só conheci de vista) esteve ligado, principalmente na década de 20, ao movimento pós-*Orpheu* e conviveu muito com Artistas.

Não se recebeu do Sena nenhuma dedicatória para si (ele mandou-as em papelinhos que depois se colam, cá, aos livros). Aliás não mandou para quase ninguém – mas parece-me que há nisto ou um extravio ou uma confusão do Sr. A. Fernandes, que se calhar, recebendo a carta com as dedicatórias, as misturou com a salgalhada de papéis que tem na secretária. É que me surpreende que o Sena não tenha mandado também ao Blanc de Portugal, de quem é íntimo, e a muitos outros. E exemplares para ele, autor, foram apenas quatro.

Averiguarei isso na 2.ª feira[449].

Por hoje, despeço-me. Tive o prazer de estar com seu Irmão Júlio, no sábado passado, numa sessão de autógrafos de senhoras escritoras da casa, na Livª Sá da Costa. Estar com seu Irmão é sempre um prazer. Fiz-lhe uma partida: apresentei-o ao Franco Nogueira, que estava na Livraria (não, suponho, por causa da sessão, visto que não apresentou nenhum livro às senhoras) e a quem me dirigi, como conhecido de há vinte anos – do tempo em que ele vivia na mesma casa do Ribeiro de Pavia. Era, então, simpatizante do neo-realismo, mas, depois, *evoluiu*… Claro que, como bom diplomata, me acolheu com simpatia, e estivemos um "tempinho" em amena conversa, com seu Irmão e Senhora.

É tempo de acabar. Quando vem a Lisboa? Há uma eternidade que não o vejo!

Um abraço amigo e os melhores votos de boa saúde do seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Já pensou no próximo volume das Obras Completas? E se fôssemos ao *Fado*?

*

3 de Junho 66.

Meu querido Poeta e Amigo:

Só duas linhas, para o tranquilizar quanto às provas das *Encruzilhadas*: a tipografia, cheia de outros trabalhos urgentes (livros de cinema, etc.), não pôde ainda emendar as anteriores; mas prometeu dar novas provas por estes dias mais próximos. Aí lhe irão ter, pois.

---

449 O *Camões* de Sena chegará a Régio em 31-V-1966. Ver *Correspondência*, ed. cit., p. 212.

– Estará o meu Amigo na disposição de escrever duas linhas sobre o pobre Jaime Brasil que incluiríamos – juntamente com outros depoimentos – num folheto do género que fizemos sobre a Irene?

– Sei que já veio a tal carta de resposta sobre a Antologia, mas não a vi ainda.

– Continuo em crise, e sinto-me esgotado fisicamente. O tempo de trovoadas, e de incerteza atmosférica, arrasa-me os nervos e o corpo. Do resto é inútil falar.

Muito agradecendo me diga alguma coisa sobre o pedido referente ao Jaime Brasil, sou, com um abraço amigo, o seu muito dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Não sei se o *Janeiro* já publicou o tal seu artigo sobre o Balzac.

Vou amanhã ver a *Jangada* do Romeu Correia e talvez no domingo a *Severina*, muito festejada.

*

Portalegre
7/6/66

Querido Amigo:

Recebi a sua carta, tranquilizando-me quanto às provas de *As Encruzilhadas*. O meu artigo sobre Balzac (chama-se "Dostoievski e Balzac", para variar) já seguiu para o *Janeiro*. Deve sair de hoje a oito dias, se não houver contratempo[450].

Quanto a qualquer depoimento meu sobre o Jaime Brasil... não saberia que dizer sobre o Jaime Brasil. Não é empresa para mim, desculpe. Conheci-o como um homem de ideais generosos, mas de espírito bastante limitado[451].

Também recebi, hoje, a *Informação Editorial* da Portugália. Folheei-a, e não pude fugir a pensar o seguinte: Esta *Informação* abrange o período Janeiro-Março. Neste período, apareceu o meu romance. Vindo o número tão pródigo em retratos e reclames, não poderiam as *Vidas São Vidas* ter merecido também o seu reclamezinho? Alguns de aqueles reclamados nesta *Informação* – já têm correligionários e aficcionados [*sic*] que sempre os reclamam quando, onde e como puderem. Não os invejo. Mas os meus livros, nem da Casa que os edita merecerão a atenção tão persistentemente

450 Saiu na página Das Artes, das Letras, *O Primeiro de Janeiro*, 15-VI-1966.

451 Jaime Brasil «não é nenhum dos meus velhos amigos», dizia Régio em carta de 13-II-1948 a Jorge de Sena. Ver *Correspondência* entre ambos, Lisboa, INCM, 1986: 45.

chamada sobre outros? Afinal, quem tem a responsabilidade da organização de esse Boletim?

Desculpe-me este breve desabafo. Eu não sou guloso de reclames. Todavia, não posso fugir, às vezes, a umas certas observações azedas. E quando me vêm certas coisas à cabeça, gosto de as comunicar, sobretudo aos amigos: Tendo-as dito, é como se descarregasse pelo menos metade de um peso. Caio no pecado do orgulho, sabe?, quando oiço tanto foguetório em volta de livros que nem sequer valem os meus. Outra vez: desculpe.

Agradeceria que me enviasse a direcção do José Abelaira. Perdão: do *Augusto Abelaira*. O José, o pai, é do meu tempo de Coimbra, e veio-me agora ao bico da pena.

Sem mais, um abraço deste seu amigo

José Régio

*

15 de Junho – 66.

Meu querido Amigo:

Não pude responder-lhe ontem mesmo, como desejava. Desculpe. A morada do Augusto Abelaira é – Travessa do Noronha, 11, 3.º Dt.º – Lisboa 2.

– Acho que tem toda a razão no reparo que me faz (e que certamente não fez directamente ao Sr. A. Fernandes para não o aborrecer). Escusado é dizer-lhe que nada, absolutamente nada, tive que ver com a elaboração do tal boletim, que só vi – como tantas outras coisas publicitárias cá da casa – depois de impresso. Admito aliás que um lapso do género se pudesse dar até comigo (embora não fosse muito provável, sendo as *Vidas São Vidas* de fresca data) e recuso-me a crer que a omissão fosse voluntária. Aliás, depois da sua carta notou-se aqui que também o Jaime Cortesão, autor dos mais ilustres, não figura no referido boletim.

Que lhe hei-de dizer, meu Amigo? Que desculpe a juventude, que é tão injusta nos seus esquecimentos como exagerada e facciosa nas simpatias…

Aliás, um dos organizadores do boletim, o Serafim Ferreira, já cá não está: houve, fatalmente, desentendimento, como o houve também com o Machado[452] (um sujeito de bigodes, tradutor de *A Ciociara*, e colega do Salema no *Jornal do Comércio*, que o meu Amigo via cada vez que cá vinha. Esse saiu hoje, e era quem estava a substituir-me na "produção"…).

---

[452] José António Machado.
Serafim Ferreira dedicaria um artigo a "Luís Amaro ou a Poesia como Dádiva", *Jornal A Página da Educação*, ano 9, n.º 92, Junho de 2000: 28.

Aguardo os acontecimentos, na convicção (eu) de que o futuro não será melhor que o presente (aliás incolor).

Deve receber depois de amanhã as provas das *Encruzilhadas*, juntamente com novos fascículos do *Quixote*.

Compreendo a sua recusa quanto ao Jaime Brasil. Eu estimava-o e admirava-o, e não esqueço que o Suplemento do *Janeiro*, obra dele, foi a coisa melhor que já cá se fez, até dada altura. Sim, era um homem difícil – mas quem o não é? Quanto a ser "limitado", prefiro, a tão pouca distância da sua morte inesperada, admirar aquilo que nele era positivo: a inesgotável capacidade de trabalho, a delicadeza e elegância com que ele atendia os que o tratavam bem. Tinha, como tantos, uma tineta polémica, que só lhe trouxe desgostos. Mas, aos amigos, não devemos analisá-los criticamente, quando recentemente os perdemos. Lamento, mas compreendo-a, a sua recusa.

No dia do funeral do Jaime Brasil, o Correia da Costa levou-me a ver a caixa (uma pequena caixa, do tamanho dum berço de criança) em que estão os restos do desgraçado António Botto. Desgraçado até depois de morto – pois passados oito meses não lhe fizeram ainda o funeral![453] A caixa está numa arrecadação do cemitério do Alto de S. João, e lá deixei, com o Correia da Costa, umas flores – a única lembrança de saudade e homenagem ao Poetas das *Canções*! E, afinal, segundo nos disse um empregado do cemitério, o funeral custaria menos de dois contos… O Ministério dos N. Estrangeiros não pode tratar do caso, e a família do Poeta não tem meios materiais. Mas seria para todos nós uma vergonha que nunca mais se fizesse o enterro ao Poeta! Não largarei este assunto, nem que seja eu a sacrificar-me!

Por hoje, e apesar de gostar de "conversar" uns momentos mais consigo, tenho de terminar. A Maria Aliete Galhoz vai escrever no *Colóquio* sobre as *Vidas São Vidas* – sabia?

Um grande abraço do seu muito dedicado, sempre,

Luís Amaro.

*

[453] O funeral no cemitério do Alto de São João será em 11 de Novembro de 1966. Presentes, além de Régio e Luís Amaro, Ferreira de Castro, David Mourão-Ferreira, Natália Correia, etc.

Portalegre
22/6/66

Querido Amigo:

Cá recebi a sua carta e as suas explicações... que só como intermediário poderia dar-me: Calculei que nada tivesse a ver com a organização do Boletim. E compreendo que qualquer pessoa tenha esquecimentos, e a juventude tenha as suas paixões pró ou contra geralmente efémeras... A juventude anda com as modas, os ventos, as aragens, as auras... O que é, em parte, natural, porque o seu discernimento crítico está a formar-se. Por isso mesmo, acho que não pode ser entregue à juventude (pelo menos sem fiscalização) aquilo em que é necessário um pouco de esse discernimento.

Não sou tão estùpidamente modesto que não veja que um livro como *Vidas São Vidas*, recentemente vindo a lume, deveria ter no Boletim da Casa sua editora um certo destaque. E os volumes que se vão publicando do Jaime Cortesão – também. O que sucede, porém, é que o foguetório é sempre em volta de os mesmos nomes, a ponto de quase os comprometer: porque a gente não pode deixar de pensar que certas obras bafejadas por todas as auras do momento... não irão muito além de esse momento pelo menos no plano a que são alçadas.

O Jorge de Sena também não apareceu com a sua *Canção de Camões* a tempo de também ser anunciado com o devido destaque? Haverá alguma conspiração contra os autores verdadeiramente sérios? Só o não creio, porque alguns dos reclamados também são sérios. (Perdão! fui verificar ao Boletim, e lá encontrei um retratinho do Sena; em lugar mais apagado, sem dúvida, que deveria ser o seu.)

Sabe uma coisa, meu Amigo? Às vezes, apetece-me deixar de publicar livros. Ao menos, não ofereceria aos meus inimigos declarados ou ocultos um pretexto para os diminuírem ou *desconhecerem*. É o que me apetece quando estou cansado e doente... e agora ando eu assim. Outras vezes, porém, penso que o meu fado é este, – lutar – já que me não deu Deus o feitio calculista, acomodatício, dos que estabelecem e sustentam compromissos que sirvam uma parte e outra...

Bem, acabou-se com este Boletim. Devo evitar azedar-me.

Recebi as novas provas de *As Encruzilhadas de Deus*, que lhe devolverei. E mais uns fascículos do *D. Quixote*. A propósito: Já vai a obra no fascículo 63 – e eu ainda nada paguei, julgo. Começo a estar um pouco assustado com a conta que se vai assim juntando! Diga-me: Quanto e a quem devo pagar? E, já agora, pois que tenho tido eu próprio a inconsideração de vir deixando avolumar-se a dívida, não poderia pagá-la em três ou quatro prestações?

Ainda quanto ao Jaime Brasil: O não escrever eu sobre ele – deriva apenas de, na verdade, não ter eu nada de particular a escrever a seu respeito. Mas gostei de que Você o defendesse (embora eu o não atacasse) e falasse de ele com estima. É bom a gente saber que certos amigos nos defenderão quando fecharmos os olhos.

E já agora, um pouco a propósito: O que se está passando com os restos mortais de António Botto – é uma vergonha para nós todos! Lembrei-me de uma coisa: Se fôssemos nós, os poetas, a dar-lhe o lugarzinho que até no chão dos mortos lhe é regateado? O meu retiro aqui em Portalegre, ou em Vila do Conde, não me permite ou facilita certas formas de actividade. Mas diga-me: Não seria possível fazermos uma subscrição entre poetas (ou quaisquer outros escritores, claro) e darmos sepultura a António Botto? Principiaria eu mesmo por concorrer. Além de o mais, seria uma lição que o Ministro merece.

Que me diz? Vamos ao empreendimento? Poderia o meu Amigo conceder ao caso alguns intervalos da sua actividade?

Bem, adeus por hoje. Desculpe ter de me aturar, quando tantas gentilezas lhe devo. Um abraço do camarada e amigo

José Régio

P. S. – Ler o *Post scriptum* na página seguinte.

P. S. – Afinal, com a conversa, ia-me esquecendo referir-me ao seguinte: O Alberto de Serpa e eu estamos um pouco admirados com ainda não havermos recebido qualquer resposta à nossa última carta. Falo da que dirigimos ao Senhor Agostinho Fernandes, a propósito dos direitos autorais de *Alma Minha Gentil*. Esperávamos, ao menos, um aviso de recepção. Poderá, sendo mais uma vez intermediário, dizer-me se a carta foi aí recebida?

Novas desculpas!

Seu grato J. Régio

*

25 – 7 – 66.

Querido Amigo:

Depois deste longo silêncio, aqui estou a enviar-lhe estas "lindas" provas, com o pedido de que as devolva na volta do correio. Devemos ir, todos, no próximo dia 8 de Agosto para "férias" (12 dias úteis – uma fartura!). Parece que a casa fecha nessa altura, como fazem outras casas comerciais, "para descanso do pessoal" – e convinha que este assunto das *Encruzilhadas*, que se arrasta há tanto, ficasse arrumado.

– Sei que a sua saúde não tem sido boa, ultimamente, mas creio que não deixará de tratar-se e ver onde está o mal. Eu também não tenho

estado bom, mas isso é já costume: crises consecutivas, que não sei quando me levarão ao naufrágio. Hoje, excepcionalmente, talvez devido ao bom tempo que faz nesta manhã de 25 de Agosto [*sic*], não me sinto mal – mas deve ser sol de pouca dura…

– Depois lhe escreverei com mais tempo. Por hoje, quero só pedir-lhe a devolução imediata destas provas, e espero que não seja pedir muito.

– Vou enviar-lhe hoje mais *Quixotes*. Quer que, no próximo pagamento a fazer-lhe, se descontem os que não pagou ainda? São 600 e tal escudos, creio; mas claro que pedirei à contabilidade a factura com os fascículos discriminados.

E, com esta "prosa vil", me cerro, como diria a Irene Lisboa. Com o melhor abraço e os votos de excelente saúde, sou o sempre seu dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Da secção comercial pedem-me o recibo da *Alma Minha Gentil.*
– Viu no *Colóquio* a crítica da Galhoz às *Vidas São Vidas*?[454]

*

Luso, 16 de Agosto – 66.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe, sim, do Luso, onde vim passar uns escassos oito dias dos 15 de que se "compõem" as minhas férias. De hoje a oito voltarei à sucursal do inferno em que se transformou a P. E., por mal dos meus pecados.

E, aqui no Luso, onde estou há quase uma semana, não posso deixar de pensar em como lhe faria bem este sossego, este belo ar, e a excelente alimentação que vim encontrar na Pensão onde me hospedei e que decerto será melhor ainda num dos hotéis que há aqui ou mesmo numa das pensões superiores à minha, que também há. Bela região esta! Vegetação abundantíssima, bom clima, sítios que proporcionam agradáveis passeios – ainda hoje fui ao Buçaco, mesmo a pé, pelo que lhe escrevo – confesso – um bocado cansadote… Para repouso, estou certo que encontraria aqui um ambiente ideal. É certo que Portalegre é serra, e portanto tem obrigação de ser-lhe benéfica. Mas, residindo aí há dezenas de anos, reagirá o seu organismo tão bem como a um ambiente novo? Gostaria muito de sabê-lo instalado com o conforto que merece, e beneficiando de um clima que favorecesse a sua cura completa. Claro que talvez mesmo aí perto, em Castelo de Vide (que não conheço), encontrasse o que sugiro; mas, como estou experimentando estes belos ares, não posso deixar de aconselhar-lhos.

Estarei aqui até domingo, dia em que parto para Queluz (Rua Gaspar

454 *Colóquio*. Revista de Artes e Letras, n.º 39, Junho de 1966: 70-72.

Gomes, 41, 1.º Dt.º, como sabe. E que pena tenho de não ter uma casa digna de si, e pusesse à sua disposição, para lá passar uns dias! Por acaso tenho a sorte de a nossa mulher-a-dias ser uma hábil cozinheira, e nesse capítulo talvez lhe pudesse ser útil; mas a casa, apesar de grande, não está mobilada de modo a receber um hóspede como o meu Amigo; além disso, Queluz, apesar de saudável, é uma tera húmida, a cujo clima – principalmente à noite, que lá é normalmente fria ou ventosa – atribuo o desarranjo nervoso que tanto me faz sofrer e que, aqui, é apenas uma permanente lembrança desgostosa, desgostante…).

A propósito, ainda, dos cuidados que o meu Amigo requere, não posso deixar de transmitir-lhe a opinião do seu antiquíssimo amigo Branquinho da Fonseca, com quem falei uma semana antes de começar as férias e a quem disse que o meu querido Poeta havia estado ligeiramente doente: "Mas porque não se instala ele – disse o Branquinho – numa dessas pensões residenciais que há agora, cheias de comodidades e onde poderia alugar um apartamento com carácter permanente? Em Cascais abriu agora uma dessas casas, que é um mimo. Mas ao Régio convinha um clima de serra, que facilmente encontraria. Não em Portalegre, que é um forno no Verão e um frigorífico no Inverno… É um crime, a solidão a que ele se entrega." Isto disse-me um grande Amigo seu, que por sinal se lamentou de que, ao vir a Lisboa, o não vá ver. E eu senti que ele estava a ser sincero, preocupando-se com a sua saúde, o seu caso. Desculpe-me que lhe transmita o espírito – não precisamente as palavras, claro – do que me disse o seu gulbenkiânico camarada, agora em viagem triunfal lá pelos Brasis.

Espero que as *Encruzilhadas* estejam já a imprimir – e este assunto obriga-me a voltar o pensamento para aquela casa onde se não cansam de infligir-me humilhações, cuja evocação me causa desgosto, revolta e um incontido desprezo… Quando lá chegar comunicar-lhe-ei o que houver sobre o seu livro. E parece-me altura de pensar no próximo (as *Histórias de Mulheres*?).

– Li hoje o seu artigo sobre João Lúcio, no *Pº de Janeiro*[455], e vou guardá-lo junto ao meu exemplar do *Descendo*.

Abraça-o, com os melhores votos, o seu dedic. e grato

Luís Amaro.

*

[455] "Sobre a estreia de um poeta", 17-VIII-1966. A carta é escrita, pois, em 16 e 17.

Portalegre

24/8/66

Meu querido Amigo:

Cá recebi a sua carta do Luso. E como vejo que o Luso lhe agradou e o pacificou, lamento sinceramente que a sua estadia lá tenha sido tão breve. Como eu gostaria de também poder passar assim uns dias num ambiente diferente, em contacto com a natureza! Infelizmente, por mal dos meus pecados, estou aqui retido em Portalegre porque (dizem os médicos e eu também acho que sim) estes ares são bons. Da doença pròpriamente considerada por eles, eu parece que vou reagindo bem. O pior é que os tratamentos a que me tenho sujeitado – eu que sou tão avesso a drogas! – exasperaram o meu mal de um ouvido, e provocam-me uma contínua falta de equilíbrio que quase me não deixa sair à rua senão de carro. Vivo, assim, quase recluso, geralmente a comida vem-me de fora, e em casa ando mais ou menos aos bordos. Tenho de voltar breve a Lisboa, para expor este caso ao médico que me receitou o tratamento. Possível é que vá e volte no mesmo dia, de carro. Se ficar de um dia para o outro, tentarei aparecer aí na Portugália. Como vê, meu Amigo, todos temos os nossos males, e os meus de agora têm sido bastante cruéis.

Mudando de assunto: Talvez o volume que eu gostasse de fazer sair em seguida às *Encruzilhadas* seja uma reunião de três ensaios – dos quais, precisamente, viria ao volume o título de *Três Ensaios sobre Arte* – e os quais ensaios seriam: "Em Torno da Expressão Artística", "A Expressão e o Expresso", "Vistas sobre o Teatro". O primeiro, nova edição, corrigida, do ensaio publicado pelo Salgueiro. O segundo, unificação e refundição de artigos que tenho vindo publicando no *Diário de Lisboa*. O terceiro, e o mais longo, inédito. Se o Senhor Agostinho Fernandes estivesse de acordo, e bem gostaria que estivesse, o Salgueiro poderia continuar a publicar o primeiro ensaio nos seus cadernos, se lhe aprouvesse. Nem por isso, todavia, deixaria ele de pertencer ao volume *Três Ensaios sobre Arte*. Creio que o Salgueiro terá de concordar com isto. Se este volume não conviesse agora, iríamos então para as *Histórias de Mulheres*, aumentadas com *Davam Grandes Passeios aos Domingos*... Que me diz ao primeiro caso? Acha que devo escrever à Portugália nesse sentido?

O meu desejo seria que o seu regresso à dita Portugália fosse marcado por melhor entendimento.

Um abraço deste seu amigo

José Régio

*

26 de Agosto 66.
Meu Querido Amigo:

Só duas linhas, a agradecer a sua carta ontem recebida. Acho bem e compreendo que lhe interesse mais publicar agora um livro novo; quer, no entanto, dirigir-se directamente ao Sr. A. Fernandes? Desculpe-me obrigá-lo a repetir-se, mas compreenderá porque lhe não mostro a sua carta.

– Também eu, apesar das óptimas férias (prejudicadas, no entanto, por sucessivas caminhadas, até na última tarde, passada em Coimbra), me tenho sentido aturdido, nos últimos dias, e anteontem ia desmaiando ao chegar a Queluz, tendo sido amparado por um bondoso desconhecido. Ontem, não me sentindo ainda seguro, fiquei em casa, a descansar. Mas o mal é talvez mais da alma que do corpo!

Não sei ainda o estado da impressão das suas *Encruzilhadas*. Isto agora é muito complicado!

Deseja-lhe, do coração, as suas melhoras, o dedic. Amigo e Adm.or

Luís Amaro.

P. S. – Vou enviar-lhe fascículos do *Quixote*.

*

[Telegrama]
17 – 9 – 66.

SINCERO E GRANDE ABRAÇO PARABENS E VOTOS MELHOR SAUDE. E NOVOS GRANDES LIVROS COM A AMIZADE PERFEITA DO LUÍS AMARO

*

28 – 9 – 66.
Meu querido Amigo:

Estas duas linhas telegráficas só para acompanhar os costumados últimos oitavos da tir. especial, que fará favor de assinar no lugar do costume. Falta ainda numerar – o que, sempre como é norma, é feito cá.

– Não contei as folhas: devem ir mais, porque se estragam na encadernação. A tiragem exacta é a que está mencionada: as restantes fls., se as houver, nem constituem exs. completos.

– Doente com uma "amigdalite aguda" se despede de si, muito rouco, o Amigo e Adm.or dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Agradecia me dissesse quais as folhas que lhe faltam na sua colecção. A capa está a compor. Obrigado! Amaro

*

1 de Outubro 66.
Querido Poeta-Amigo:

Oxalá esteja muito melhor, ou já bom! Eu é que tenho o Outono em cima, e sinto-me em plena depressão física e moral.

Diga-me, por favor, quais as fls. que lhe faltam das *Encruzilhadas*.

– Uma sugestão, que me perdoará se for abusiva: como o Sr. Ag. Fernandes faz amanhã, dia 2, oitenta anos, creio que lhe seria grato receber os parabéns dos autores melhores da Casa, à cabeça dos quais está o meu Amigo. Aqui lhe fica a morada, para o caso de querer mandar-lhe um telegrama (lembro que os correios fecham, aos domingos, à uma hora): Avenida da Liberdade, 85 – 3.º.

– Desculpe a brevidade! Um abraço do seu pobre e inútil

Luís Amaro.

*

Portalegre
4/10/66

Querido Amigo:

Ainda estou longe de me ver bom: Dos desequilíbrios e vertigens estou um pouco melhor; mas ando agora atormentado com zumbidos quase contínuos no ouvido doente, coisa muito incómoda que por vezes nem me deixa trabalhar. Aliás, ainda não posso dar senão pequenos passeios a pé. Todos temos os nossos males, meu Amigo, e os meus já devem ser principalmente da idade. A propósito, obrigado pelo telegrama que me enviou no dia dos meus anos, e pela sugestão que me deu para os anos do Senhor Agostinho Fernandes. Ausente de Portalegre no domingo, só na segunda-feira, dia 3, eu pude ler a sua carta. Como mais vale tarde que nunca, mandei o telegrama nesse dia. Fiquei com pena de não ter tido conhecimento do facto com antecedência, pois o Senhor Agostinho Fernandes também me enviou um telegrama, e no dia próprio. Vou, ainda, escrever-lhe.

D'*As Encruzilhadas*, falta-me a primeira folha (mas essa, creio que o meu Amigo já sabe que não veio, por ser a primeira) e a *folha 4*.

Estou terminando, e não sem custo, a revisão do "Em Torno da Expressão Artística", em que faço várias correcções. Concluído este trabalho, estará pronto o original de *Três Ensaios sobre Arte* ("Em Torno da Expressão Artística", "A Expressão e o Expresso", "Vistas sobre o Teatro").

E sem mais por hoje. O que sinceramente lhe desejo é que vá resistindo o melhor que puder a este Outono que entrou de má cara, e que também a mim me deprime, sobretudo pelo estado em que já ando.

Um abraço do seu amigo

Régio

*

Portalegre
14/10/66

Meu querido Amigo:

Acabo de enviar ao Senhor Agostinho Fernandes o original do meu novo livro para as Obras Completas – *Três Ensaios sobre Arte*. Não será preciso recomendar cuidado com esse original, que é, a bem dizer, original único.

Agora, outro assunto, e pouco agradável: Como sabe, tenho andado doente de vários males. Entre esses está, parece, o de ter um pulmão afectado, embora o especialista diga que é coisa sem gravidade, que poderia, até, ser tratada aqui na minha própria casa de Portalegre. Opina, porém, que eu me interne durante um mês num sanatório aí de Lisboa, onde terei *todas* as despesas pagas por uma Assistência a que tenho direito. Este especialista é o dramaturgo Prista Monteiro[456]. Ainda não sei bem o que faça, pois tanto posso partir amanhã mesmo, como esperar ainda alguns dias, como desistir do internamento aí. Todavia, o tratamento torna-se-me aqui muito mais difícil. Aí, diz o médico que estarei curado dentro de um mês, pois é coisa sem gravidade. Assim me curasse também de este ouvido que me atormenta com a sua ressonância contínua! Estou com pouca sorte, meu Amigo.

Como quer que seja, pedia-lhe para, por enquanto, guardar sigilo sobre tudo isto. Depois lhe voltarei a escrever.

Um abraço do seu amigo

Régio

*

15 – 10 – 66.

Meu querido Amigo:

Recebi ontem, quando à noite cheguei a casa, a sua carta, em que me anuncia a remessa do original do novo livro para o sr. Agostinho Fernan-

[456] Hélder Prista Monteiro (1922-1994), escritor e teatrólogo português, influenciado sobretudo pelo teatro de Ionesco e Beckett. [LP]

des. É natural que, na segunda-feira, o original esteja em Lisboa. Ter-se-á, descanse, os maiores cuidados com ele.

– Sobre a sua doença, parece que não é de hesitar que siga a indicação do médico especialista. Aliás, precisa *também* da assistência de um bom otorrinolaringologista (diabo de palavra!), que suponho não haverá em Portalegre. *Peço-lhe*, querido Amigo, que encare a sua doença a sério e não como coisa passageira e sem importância – como decerto lhe dizem os médicos seus amigos, para lhe serem agradáveis ou não o desanimar. Desculpe, mas, como sabe, sou já um doente experimentado. Claro que não deve pensar o pior – seria absurdo isso! –, mas parece-me que o meu Amigo não se tem poupado a trabalhos e esforços que não são próprios de um doente cuja debilidade física é patente. Quando adoeci da segunda vez, o meu médico (e também amigo, mas sem literatura: fugir dos médicos literatos!) prescrevia-me o mais absoluto repouso, e eu passava a maior parte do tempo na cama, não a dormir, mas efectivamente a repousar. Tive a sorte de encontrar uma família amiga que me acolheu e que (ainda que em troca do ordenado que tinha então) tratava de mim com todo o desvelo: excelente alimentação, os remédios a horas, lanche fortificante, etc., e tudo dentro do máximo asseio. Não cheguei a estar em sanatório nenhum, mas creio que, se o Dr. Prista Monteiro (que aliás só conheço de nome, recentemente, através dos jornais e referências às suas peças experimentalistas) lhe falou em sanatório, o não vai meter em qualquer ambiente menos compatível com a sua categoria e a sua índole.

Sobre tudo isto fico numa ansiosa expectativa, agradecendo me diga duas palavras do que resolver. E se for preciso eu tratar de qualquer coisa junto da Assistência ou dos organismos competentes, ou mesmo acompanhá-lo em Lisboa para esse ou outros efeitos, diga-me imediatamente, por grande favor – sim? Confrange-me vê-lo aí só, doente, nessa casa velha já com história. A sua colecção de antiguidades tem que sofrer uma suspensão – paciência! E também as suas actividades literárias. Que esforço lhe não deve ter custado (até o simples acto de escrever, que cansa – pelo menos a mim) o passar a limpo todos os ensaios que enviou! Pior: reescrevê-los, repensá-los… Já o 5.º volume da *Velha Casa* lhe deu, decerto, um trabalho monumental, e o meu Amigo não é o Jorge de Sena (que aliás também tem estado doente, mas com pedras na vesícula – claro! as "pedradas" tinham que ter uma origem – "cuja operação é inescapável e de relativa urgência", embora "não tenha tempo nem dinheiro para uma coisa que [lhe] custará pelo menos 800 dólares", segundo me diz numa carta de há dias).

O meu Amigo tem já uma Obra que lhe permite adormecer tranquilo. Claro que ainda fará muitas outras e belas coisas. Mas por enquanto não poderia descansar dos seus labores? das suas colaborações jornalísticas?

O sossego, a concentração, a imobilidade, a contemplação – ainda que dolorosas, também têm compensações, sabe-o melhor do que eu. E quem sabe se da paragem de um ou dois meses, ou mais (estas doenças continuam a ser de cura lenta, digam o que disserem) não resultarão novos poemas, novas peças, novos contos, novos ensaios que, tendo tudo a ver com Literatura no mais alto sentido da palavra, não são, no entanto, *literatura*?...

Enfim: coloco-me à sua disposição para o que for preciso, pedindo-lhe que venha e se instale, enquanto não é internado, num hotel ou casa residencial onde tenha boa alimentação, bom ar, tranquilidade. Quer que me informe, antes de vir, sobre uma casa nessas condições (pois que sei não o satisfazer a comida do Hotel, e o Metrópole estar no centro de Lisboa)? Talvez o Avenida Parque, onde o Ferreira de Castro costuma passar largas temporadas (o que nunca percebi, tendo família – mulher e filha[457] — em Lisboa)? O sítio, perto do Parque Eduardo VII, é excelente. E quer que trate de alguns papéis no Ministério da Educação ou respectiva Caixa?

– Não lhe mando os oitavos das *Encruzilhadas* (a não ser 1 ex. da 1.ª fl. e da 3.ª, para completar a colecção) sem saber notícias positivas. *Venha, por favor*!

O abraço amigo e os votos de melhoras sólidas do

Luís Amaro.

P. S. – Permito-me aconselhar-lhe um tranquilizante que suponho não colidirá com a sua doença de ouvidos: o Wallium 5 [*sic*] (um comprimido de manhã, outro à noite). Os nervos têm uma influência enorme na evolução das doenças… suponho. O seu médico daí lhe dirá se é assim.) Amaro

*

7 – 3 – 67.

Com o abraço amigo do Luís Amaro e o desejo de que este tempo chuvoso lhe não faça mal. (Não podemos exigir dos deuses, sempre, um sol primaveril…)

Até muito breve, querido Poeta e Amigo!

*

[457] A terceira mulher, a pintora espanhola Elena Muriel [Martinez de La Pera], com quem casou em 1938, de que nasceu (1945) Elsa Beatriz Ferreira de Castro, médica psiquiatra, que, sob o nome B. E. M. de Castro, publicou o romance *Alternativas*, 1981.

18 – 3– 67.

Com o melhor abraço do L. A. E o desejo de que tivesse feito excelente viagem e se sinta bem disposto!

– Afinal, ontem, já se tinham antecipado, do armazém, a ir levar o ex. do *Jogo da C. C*., motivo por que a minha recomendação para trocarem os 2 dos *Ensaios* já não foi a tempo.

Com um bom abraço do

Luís Amaro.

*

25 – 3 [1967].
Querido Amigo:

Acabam de entregar-me estas 1.as provas dos seus *Ensaios*, que me apresso a enviar-lhe antes ainda de irem ao revisor. Agradeço mas devolva *juntamente com o original*, sim? – para facilitar o trabalho do homem.

– Lá vi a entrevista no *D.º de Notícias*[458] (que retrato, meu Deus!), bem como a referência de Ribeiro Couto (Pessoa e Régio – *poetas de se lhes tirar o chapéu até aos pés!*), que espero lhe não tenha passado.

Vou escrever-lhe carta. Tenho saudades suas. Quando terei a alegria de almoçar consigo de novo, em Queluz, agora nestes dias bonitos?

– Grande abraço, e diga-me que está melhor!

Seu dedicado

Luís Amaro.

*

31 – 3 – 67.
Meu querido Amigo:

Ainda não é agora que posso escrever-lhe carta… Desculpe. Estou inquieto com o seu silêncio. Diga-me, por grande favor, como vai de saúde! Ou mande-me dizer pelo João Maria, se não tiver pachorra em me escrever. Recebeu, ainda em Portalegre, o ex. de *El-Rei Sebastião*? Falta mandar-lhe outro.

Hoje envio-lhe estes dois jornais com interesse "regiano". Como vê, valeu a pena mandar ao João Palma-Ferreira. Sairá ainda segundo artigo – a continuação deste[459].

---

458 No inquérito 'Os escritores falam do que escrevem', 23-III-1967. Régio alude a projectos que não se cumpriram.

459 Um dos jornais é o *Diário Popular*, com as centrais de Letras. Artes dominadas

– Interessava-me muito conhecer o artigo do Octávio Faria sobre *Vidas São Vidas*. Pode fazer o favor de mo emprestar? Gostava de reproduzi-lo num dos nossos suplementos literários.

– Abraça-o gratamente e devotadamente o Luís Amaro.

*

Vila do Conde
2/4/67

Querido Amigo:

Obrigado pelos jornais que me enviou, e recebi hoje, assim como pelo seu cartão. Eu, graças a Deus, estou sem novidade; e até gozando o regresso a estas paredes que, embora em desordem por causa das obras, sempre são as da minha... velha casa. O meu silêncio deriva de que a chegada, a reinstalação, as visitas dos amigos, etc., e também a necessidade de algum repouso, me têm tomado todo o tempo. Amanhã, porém, – o mais tardar depois de amanhã – lhe enviarei, corrigidas, as primeiras provas dos *Ensaios*. As seguintes já poderão ser devolvidas com mais prontidão.

Agora, outra coisa, para a qual peço a sua boa atenção: Eu precisava saber quanto estou devendo à Casa – do *D. Quixote*, da *História de Literatura*, e dos meus volumes que tenho pedido, *para serem pagos*. Agradecia-lhe que juntasse a estes *duas colecções* dos volumes publicados nas minhas Obras Completas, pois as queria enviar, sem demora, a dois amigos que deixei no Sanatório. Poderá enviar-me estas duas colecções? E poderá enviar-me as contas que lhe peço?, – pois necessitaria de saber em que ponto estão as minhas relações financeiras com a Portugália. Como sabe, recebi 3.000$00 por conta dos meus direitos dos *3 Ensaios*.

Desculpe-me tudo isto! E um bom abraço e os meus agradecimentos por aqueles bons momentos das suas visitas ao meu quarto de doente.

José Régio

Recebi também 1 exemplar de *El-Rei Sebastião*. Quanto ao artigo de Octávio Faria, deixei-o em Portalegre, na minha passagem por lá. De resto, é uma nota com pouco interesse. Aqueles brasileiros... são o Diabo! Resolvem tudo em duas penadas.

*

pela recensão de João Palma-Ferreira (que segue no número seguinte) à dupla *As Encruzilhadas de Deus* e *Poemas de Deus e do Diabo*, enquanto Sant'Anna Dionísio versa sobre *Jogo da Cabra Cega*.

3 – 4 – 67.
Meu querido Amigo:

Começo a estar inquieto com o seu silêncio. Telefonei ontem para casa do Guanilho, mas não estava: a filha disse-me que o meu querido Amigo ia melhor. Será verdade?

Diga-me duas palavras, ao menos, por favor.

Um grande abraço do que, do coração, deseja a sua saúde e é o

Luís Amaro.

P. S. – Agradeço me devolva o original com as provas e me envie, emprestado, o artigo do Octávio de Faria!

*

Vila do Conde
6/4/67

Querido Amigo:

Obrigado pelos seus cuidados. Já, a estas horas, deverá ter recebido a minha carta, na qual lhe comunicava que o meu actual estado de saúde não dá motivo a preocupações. Como aqui tenho agora dois irmãos e um sobrinho em casa, sabe-me bem este ambiente familiar. Acresce que fora de casa há outros sobrinhos, que regularmente nos visitam. Se não fora o mal do ouvido e o consequente cambalear, creio que seria, provisòriamente pelo menos, um homem feliz. Como tudo, neste mundo, é relativo, mesmo assim não posso dizer que me sinta mal.

Aqui lhe devolvo hoje a primeira *fornada* de provas corrigidas... e um pouco alteradas. Tem de ser, não pode deixar de ser quando se trata de um ensaio. A demora que desta vez houve desaparecerá, – já foram resolvidas as primeiras dificuldades da chegada. As restantes provas irão breve (claro que recebi, com o seu cartão, a segunda *fornada*) e os ensaios seguintes, mais recentes, não terão que ser tão corrigidos. Peço a sua atenção para a minha observação sobre o título de cada ensaio.

Quanto à nota do Octávio de Faria, em que o meu Amigo insiste, não tenho aqui o jornal em que vinha. Se bem me lembro, era o *Diário de Lisboa*. Não poderá consegui-lo telefonando ao Álvaro Salema?

Peço-lhe transmita os meus cumprimentos ao Senhor Agostinho Fernandes, de quem recebi um cartão e a quem escreverei. Ainda tenho a correspondência muito atrasada... e para não demorar estas linhas recorro à esferográfica e à garatuja. Um abraço do seu amigo agradecido

Régio

*

14 – Abril 67.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas, já que não vem a altura própria de lhe escrever carta, como eu desejava. Em casa, onde me seria possível escrever-lhe detidamente (não aqui!), tenho tido muitos trabalhos suplementares… e não remunerados. Posso dizer que, nos últimos tempos, nem sequer tenho aproveitado os fins-de-semana para meu repouso.

– Sinto-me satisfeito por sabê-lo melhor! Ainda há poucos dias o seu-nosso amigo J. G. Simões me confirmou que sim, que o Poeta está muito melhor, e que deram belos passeios (ao domingo?), juntamente com Alberto de Serpa. Ainda bem! Embora o tempo esteja *muito incerto* (chuvisca, lá fora, e o céu está turvo…).

– Não nos mandou mais provas depois da "1.ª fornada", e estranho isso. Que se passa? Não se preocupe por já irem paginadas (aliás falta-lhes a numeração, e as cortinas): nas 1.as provas podemos alterar, *sempre*, a paginação, pois não são válidas para esse efeito.

– Receba um abraço e os melhores votos do

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
27/4/67

Querido Amigo:

Aqui vão as restantes provas. Desculpe alguma demora que tem havido, – os textos ensaísticos dão-me sempre bastante que fazer; mas[,] agora, a conclusão do livro poderá avançar sem demoras. Umas segundas provas serão devolvidas prontamente, – prometo!

Muito obrigado pelo 2.º exemplar de *El-Rei Sebastião*, que recebi ontem. E as tais contas, que eu pedi, do que estou devendo de livros e fascículos? Compreendo que não tenha muito tempo, ou mesmo disposição, para tratar de isso. Mas quando puder… Gostava de saber qual a minha situação financeira perante a Portugália: As intermináveis obras destas minhas casas vilacondenses põem-me contìnuamente ao espírito a questão financeira.

De saúde, afora as perturbações que sobre o sistema nervoso (e consequentemente sobre todo o corpo) me provoca este tempo de sol quente, vento frio, e núvens [*sic*] à Greco no céu, – vou passando sem novidade; e contente por me ver entre familiares e amigos, pois tenho agora aqui o João Maria, o meu irmão major, o seu filho mais velho que estava (e

voltará para) no Ultramar, etc. Mesmo no desarranjo das obras, a casa é--me, assim, acolhedora. Por enquanto, ao menos, – mal restabelecido ainda dos choques interiores sofridos – sinto preferível esta animação à solidão de Portalegre.

E adeus por hoje. Cá espero notícias suas. Desculpe estes sarrabiscos a esferográfica! Um bom abraço do seu amigo

Régio

*

Queluz, 30 de Abril – 67.
Meu querido Amigo:

Oxalá que a sua saúde, nesse acolhedor ambiente vilacondense, se vá recompondo cada vez mais! Julgo que tenha continuado a fazer tratamento e cumpra o máximo repouso – base número um para uma cura completa!

Encontrando ocasionalmente o excelente Guanilho, soube que a sua disposição era realmente boa… tanto que, quando ele aí esteve, se deitara, na véspera, quase de madrugada – o que para o seu dedicado médico seria francamente assustador. Eu, por mim, há muito que não sei o que seja deitar-me assim pela noite dentro… e suponho que isso não fará bem a ninguém, ainda que os poetas (*e os magos crapulosos*…) amem a noite[460].

Sim, o tempo não vai muito bom para nós. Eu continuo às voltas com os meus nervos e os meus comprimidos – de que estou a tomar uma nova espécie – Anatensol: um de manhã, outro ao almoço; sinto-me melhor, mais equilibrado, mas certos dias de trovoada pesam-me como chumbo. Terá isto que ver com as crises pulmonares que tive há anos? O médico neurologista diz-me que não, que o resto já lá vai, mas eu penso que tudo isto anda ligado…

– Espero, esta semana – nos primeiros dias –, obter autorização para lhe enviar uma parte mais dos seus direitos, de que creio só recebeu 3.000$. A conta dos livros e fascículos é de um conto e tal – tenho-a na P. E., e, como vê, escrevo de casa. Creio que não lhe pagarão menos de 9.000$ – o mínimo, pois mesmo fazendo uma *tiragem de 2.000* a 35$ daria 7.000$00 a 10%, e o meu Amigo merece mais que 10%. Isto de querer receber em troca do original tem-no prejudicado bastante, como lhe disse já mais do que uma vez, mas o meu Amigo é que sabe a sua vida (e perdoe-me este tom que não chega a ser *intrometido*! Bem sabe, também, o respeito que me merece).

Uma boa coisa é estarem esgotados quase todos os seus livros. Até o resto que compraram há anos ao Teixeira da Rocha, da *Benilde*, já lá vai.

---

460 «Amem a noite os magos crapulosos,»: assim começa o soneto anteriano "Mais luz!".

E temos mais:

– *Fado*

– *Biografia*

– *Histórias de Mulheres*

– *Três Peças em Um Acto*

– *A Salvação do Mundo* (é preciso não deixar que o Salgueiro a reedite sem o consultar…)

– *A Chaga do Lado*

– *Filho do Homem* (sim, também estes últimos! Não pode dizer – nem o editor! – que seja um autor sem público…O que é preciso é andarmos mais *depressa* com as Obras Completas!)

Recebidas as últimas das primeiras provas dos *Três Ensaios sobre Arte*, que a tipografia está a emendar, é altura de se pensar a sério na reedição de *Histórias de Mulheres*, acrescidas então de *Davam Grandes Passeios aos Domingos* (tenho comprado vários exs. à Inquérito da última edição, ilustrada – ou só em novo formato e nova apresentação –, para oferecer a senhoras minhas amigas ou familiares. Viu a referência que a esta novela faz o Fernando Mendonça, professor português em Assis – São Paulo –, em artigo que no *D.º de Lx.ª*[461] publiquei transcrito do suplemento do *Estado de S. Paulo*?). E essa novela em que estava a trabalhar? O Guanilho falou-me dela como sendo considerada por si quase impublicável – é verdade? Gostaria que nas suas próximas notícias me dissesse que não tem estado literàriamente parado… embora, mais do que tudo, lhe deseje mais saúde do corpo e da alma – ainda que as doenças da alma sejam por vezes, e muitas, literàriamente fecundas, mas só quando suportáveis…

Queria pedir-lhe autorização para vendermos, o Azinhal Abelho e eu, a sua *Salomé*, pois há que angariar "fundos" para a… fundição da lápide a inaugurar num recanto de Alfama em homenagem ao Botto. Tenho descurado isso, talvez porque a minha vida se não preste a estas coisas (além de morar fora de Lisboa, tenho sempre trabalho em casa). Mesmo assim, creio que a "pequena homenagem" já realizada se deve em parte a mim – que consegui a colaboração de Régio, Abel Manta, Carlos Carneiro, Eva Arruda de Macedo, Alberto de Serpa, Gaspar Simões, Marques Matias, etc., e lá depositei muitas das minhas "peças" bibliográficas. Mas a verdade também é que, às tantas, me canso, e aspiro a pensar em outras coisas…

Nada me disse sobre as insignificantes notas bibliográficas que publiquei no *D.º de Lx.ª* e *D.º de Notícias* e que, por isso mesmo que eram "maravalhas", nem sequer assinei. Mas uma parte desses elementos recolhi-os pensando que lhe seriam úteis para a sua interpretação do pobre Poeta.

---

461 20-IV-1967, sobre *Vidas São Vidas*.

Agora outro assunto: fui há dias procurado por um professor brasileiro que o António Quadros me "remeteu": Leodegário de Azevedo Filho, da Guanabara, muito interessado em tudo que respeita ao Poeta José Régio, sobre quem prepara uma monografia. Fiquei de arranjar-lhe tudo que me for possível e de fornecer-lhe elementos bibliográficos – os que estiverem ao meu alcance. Entretanto, o homem ia (já terá ido?) a Coimbra, e, como eu lhe dissesse que o meu Amigo está em Vila do Conde, mostrou interesse em procurá-lo aí, o que decerto fará. É um homem novo, simpático como todos os brasileiros, e bem informado quanto à actual literatura portuguesa, em que justamente destaca o seu nome e a sua Obra[462]. Agradeço lhe dispense toda a atenção e lhe faculte todos os elementos… que já enviou a Jorge de Sena, afinal.

Quando passa por Lisboa? Quando me dá o prazer de vir de novo almoçar a minha casa, repetindo aquele belo domingo outonal que passámos aqui? Tenho agora – finalmente! – um escritório, com uma secretária decente, e uma estante "estilo" antigo, coisas compradas, já se vê, em segunda mão, mas ainda em bom estado. Finalmente estou em vias de dizer que tenho o meu ambiente, o que contribuirá para um maior equilíbrio e consequente rendimento. As finanças só agora me permitiram estes modestos melhoramentos domésticos – temos ido muito devagar, vivendo como vivemos só dos nossos ordenados, e com as fatalidades que nos têm atingido.

O Sr. Agostinho Fernandes esteve ùltimamente muito doente, com uma súbita e violenta crise hemorroidal que o trouxe seriamente deprimido; mas vejo-o, agora, a restabelecer-se, ainda que não ponha de lado a hipótese da operação. Que rijos 80 anos – que invejável vitalidade a daquele velho-jovem! Passei-lhe à máquina, ontem à tarde e hoje de manhã, uma carta de nada menos 16 páginas como esta, para a viúva do Jaime Cortesão, a propósito do "negócio" das Obras Completas – que a viúva[463] quer sugar com um tacto administrativo verdadeiramente feminino…

Bem, não devo maçá-lo mais por hoje. Vou escrever ao nosso Alberto de Serpa, a pedir-lhe comparticipação para a tal lápide, autorizada já pela Câmara – através do Az. Abelho, que mantém ainda a exposição[464], moti-

---

462 Ver Leodegário A. de Azevedo Filho, *Uma Visão Brasileira da Literatura Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 1973.

463 Carolina Cortesão.

464 Sem data, carta anterior remete para esta exposição:

«Meu querido Amigo:

Afinal – cheguei atrasado, mais uma vez! Não disse ao Sr. Agostinho Fernandes que tinha marcado as 10 e meia com o Sr. Guanilho – e combinei, depois, as 11

vo por que lhe não devolvi já os livros que A. de Serpa fez favor de me emprestar.

Dê, por favor, cumprimentos meus a seus irmãos, especialmente ao João Maria. Ele tem escrito poemas?

Receba, querido Amigo, o abraço e as saudades do seu dedicado e gratíssimo

Luís Amaro.

P. S. – O João Pedro de Andrade – que continua doente: um caso que me preocupa! – disse-me ter-lhe mandado a peça *O Diabo e o Frade*[465]. Escreva-lhe a dar a sua opinião, sim? Lembre-se do seu antigo interesse pelo teatro dele[466], e do estado de saúde deste malogrado dramaturgo e bom amigo nosso.

– Obrigado. Amaro

*

4 – 5 – 67.

Querido Amigo

Deve ter recebido a minha carta e a da casa – infelizmente, não contendo, esta, o desejado cheque. Houve acumulação de pagamentos e teve de ser adiado, o seu, para estes dias mais próximos… Entretanto, peço-lhe que me diga – em carta que possa ficar arquivada na casa, portanto sem o tom particular que me faria apetecê-la *para mim* (e uma grande parte do seu correio a mim destinado fica arquivado na casa, por tratar de assuntos editoriais, alguns até administrativos) –, peço-lhe o favor de me dizer se acha bem 8.000.00 (importância aqui calculada em relação aos outros livros e tendo em vista que este tem apenas 160 páginas). Enviar-lhe-iam o restante – 3. 857.50 – mas só depois de saberem a sua opinião. É possível que o livro, pequeno como é, não possa ser vendido a 40.00, mas a 35.00. E não está fixada ainda a tiragem, que provàvelmente não atingirá os 3.000, mas se ficará pelos 2.000.

Com estes elementos (imprecisos) já o meu Amigo poderá fazer uma ideia. A não ser que fixe desde já 8.000.00 por uma tiragem de 2.000 a

---

horas para virmos cá. Passa das 11 e meia, e naturalmente, já não o encontro! Desculpe. Aqui lhe deixo os livros – e também as *Canções*, para se "inspirar" para o desenho a figurar na exposição...

O abraço grato e amigo do

Luís Amaro.»

465 Lisboa, Editorial Minerva, 1963.

466 Régio posfaciara-lhe *Teatro*, Lisboa, 1941.

35.00, e 10.000.00 por 3.000 a 40.00. Não sei… Como lhe tenho dito, discordo (para seu bem) da maneira como tem sido tratada esta *questão financeira*, mas o assunto é *seu* e não devo meter o bico em coisas particulares. Aliás a minha posição de empregado da casa não me deixa à vontade…

Gostaria de receber notícias suas *para mim* (agora tenho guardado as cartas que assim considero).

Seu amigo muito grato, que o abraça e é o

Luís Amaro.

*

5 – V.

Com um abraço do Luís Amaro, esta pseudocrítica (mas o essencial é que digam *qualquer coisa*...) e o pedido de resposta à carta de ontem.

*

12 – Maio 67.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, a desejar-lhe o melhor bem-estar possível, ainda que o tempo continue terrivelmente incerto (eu próprio o estou sentindo…). E para lhe pedir o favor de nos devolver as provas, que estão em seu poder.

E, ainda, para lhe perguntar pela revisão das *Histórias de Mulheres*. Vai adiantada? Ainda hoje me perguntaram aqui por isso… E o *Davam Grandes Passeios*?

– Gostaria de receber notícias suas logo que tenha um pouco de disposição para isso. Ah, esta Primavera…

– Um abraço muito amigo do

Luís Amaro.

*

20 – V – 67.

Um abraço do Luís Amaro, os votos de que tenha melhorado sempre, e o pedido das suas gratas notícias e da devolução de provas.

– O questionário é para João Alves das Neves (Brasil), que o visitou no D. Carlos I (digo: Rainha D. Amélia…).

*

23 – Maio 67.
Meu querido Amigo:

Recebi hoje a primeira parte das provas, com a sua carta. Alegrou-me ver letra sua! Vai sendo coisa rara, nos últimos tempos – mas compreendo que esta Primavera tão incerta, tão duvidosa, por vezes tão irritante (mais do que o melancólico e doce Outono, que foi benigno e que nos deu dias bem bonitos), lhe não tenha propiciado grande disposição. Se eu próprio me vejo aflito com ela…

– Recomendarei ao revisor (que não sou eu) o máximo cuidado na conferência das últimas emendas. Ele é cuidadoso. A propósito, devo dizer-lhe que a recomendação a lápis, que por inadvertência deixei seguir ("favor devolver as 1.as com estas. Rever primeiro estas"), se destinava ao revisor, e não ao meu querido Amigo. Era até escusado devolver-me as provas anteriores, embora não haja também inconveniente em que as devolva.

– Nada me respondeu sobre a autorização que lhe pedia para vendermos (o A. Abelho e eu) a sua *Salomé*, a fim de realizarmos fundos para a fundição da lápide a A. B. num largo de Alfama, no próximo dia 10 – provàvelmente. E a propósito: porque não dá cá uma saltada nesse dia?

Aguardo com o maior interesse a sua resposta.

Abraça-o o seu grato e dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Já fiz a requisição de um ex. de *Davam Grandes Passeios*, que irá então a abrir as *Histórias de Mulheres*.

*

Vila do Conde
24/5/67

Meu querido Amigo:

Há uns poucos de dias que quero escrever-lhe para Queluz, com mais vagar. Hoje chegou a sua carta, com a notícia de ter recebido a primeira rodada de provas, e isso decidiu-me. Remeti-lhe para a Portugália, esta manhã, o resto das provas, que tem menos emendas das que a primeira parte. Agradeço-lhe a recomendação que já fez ao revisor final, pois sem dúvida todo o cuidado é pouco: Se numa Poesia uma *gralha* é uma nódoa, num ensaio pode alterar por completo o sentido da frase.

E agora, sobre o meu silêncio: Disposto como vim para Vila do Conde a levar uma vida de repouso, parco repouso tenho conseguido! O próprio envio das provas tem sido retardado quer pelas obras na minha casa, que

me exigem certa assistência, quer pelos preparativos para uma exposição do Júlio, a realizar-se aqui na sua terra natal, e cujos trabalhos, no fim de contas, recaem quase todos sobre mim. A Câmara de Vila do Conde resolveu, com essa exposição, prestar-lhe uma espécie de homenagem, e eu não poderia esquivar-me.

Não sei se tenho acusado recepção de tudo quanto me envia (ainda hoje chegaram mais dois jornais) mas tudo tenho vindo recebendo. Obrigado, sempre. Li com interesse o que publicou à roda do Botto, – e que não sei por que não assinou. Essas "achegas" são sempre úteis, e representam amor e trabalho. Claro que o meu Amigo pode dispor inteiramente da minha *Salomé*, – oxalá alguém lhe pegue!

A respeito das suas indisposições relacionadas com as actuais e contínuas variações de tempo, julgo bem que não deve atribuí-las a quaisquer possíveis afecções pulmonares, ou resto delas. Eu sofro de isso desde criança, e terrìvelmente, creio que por herança materna. Mas, à parte o que me atormenta, nunca me preocupei com tal. Que remédio, senão suportar o efeito dessas ligações com o *Astro*! (Para os alentejanos, o *Astro* é o céu, o aspecto do céu, as núvens, as fases da lua, o tempo... sei eu lá!) É verdade que, por vezes, quando me não aniquilam, essas indisposições provocam-me certa excitação favorável à criação artística: remexem o fundo...

Devo ir a Portalegre no próximo dia 26, por causa duma curta metragem dum cineasta meu Amigo, e regressar a Vila do Conde no dia 28. Caso lá me demorasse mais, avisá-lo-ia. Ir agora a Lisboa... ainda me não sorri: Preciso de deixar passar mais algum tempo, embora só possa dizer bem dos meus Amigos de Lisboa durante os meses que aí passei. E mais nada por hoje, senão o abraço do seu

Régio

*

2 de Junho 67.
Querido Amigo:

Só duas rápidas linhas esferografadas [*sic*] para lhe enviar as provas do "rosto" do seu novo livro e da bibliografia respectiva. O *Davam Grande Passeios* está só em 2.ª edição? Estive para telefonar para a Inquérito, mas a pergunta podia suscitar a desconfiança do Salgueiro…

– No frontispício ou rosto, acha bem os títulos dos ensaios, como nos *Ensaios de Interp. Crítica*?

O revisor está a ver, cuidadosamente, as últimas provas, confrontando-as com as anteriores.

– Muito e muito obrigado pela sua carta e pela autorização quanto à *Salomé*. Já estou um pouco cansado da "homenagem"… Não tenho vida

para estas coisas. A lápida será inaugurada na 2.ª quinzena de Junho. Se o meu Amigo estivesse cá, que bom seria!

– Nada *nos* disse sobre a propaganda aos seus livros na *Informação Editorial*. Gostariam, aqui, de saber a sua opinião…

– Os melhores votos do seu atrapalhado amigo (cheio de trabalhos)

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
6/6/67

Querido Amigo:

Aqui lhe devolvo as provas do "rosto" e da bibliografia. Repito o que nelas escrevi:

– Acho bem que no "rosto" apareçam os títulos dos três ensaios do texto. Será preciso verificar se nas provas desse texto o título do 3.º ensaio é "Vistas sobre Teatro" ou "Vistas sobre o Teatro". Conforme o título adoptado no texto, – deve ser o título no "rosto".

– A bem dizer, ignoro se o *Davam Grandes Passeios*... está na 2.ª ou na 3.ª edição. Creio, porém, que na 2.ª, e o melhor é deixar passar assim.

– Quanto à sua frase: "Nada me disse sobre a propaganda aos seus livros na *Informação Editorial*", fiquei um tanto perplexo: As mais recentes circunstâncias da minha vida, por vezes bastante penosas, fizeram-me esquecer muitas coisas do que antes ou durante elas decorreu. Claramente, a que se refere o meu Amigo? Sobre que pretende conhecer a minha opinião? Sobre alguma coisa saída? Sobre alguma coisa a sair?

– Já mais ou menos respondi àquele inquérito organizado por um jornalista para o *Estado de S. Paulo*[467]. A quem devo enviar essas minhas respostas? Ao meu Amigo, ou a ele? A direcção, dele, ignoro-a.

E eis o principal, por hoje. Agora fico aguardando que me responda; e não se preocupe com me escrever a esferográfica (bem vê que já por vezes me utilizo de esse instrumento!) ou com me responder de corrida… pois também vê que frequentemente faço o mesmo.

Oxalá a sua saúde seja o melhor possível, a dentro das nossas possibilidades de homens nervosos e alteráveis. Também a mim este tempo de trovoadas latentes ou manifestas me é muito adverso, e me tira a vontade de qualquer deslocação um pouco mais longa.

Até outra vez, um abraço do já velho amigo

Régio

[467] João Alves das Neves, "Encontro em Lisboa com José Régio", *O Estado de S. Paulo*, 20-I-1968. Reprod. n'*O Comércio do Porto*, 26-III e 9-IV-1968.

*

8 – 6 – 67.
Meu querido Amigo:

Obrigadíssimo pelas suas notícias de hoje. Tenho saudades de vê-lo e ouvi-lo. Quando vem a Lisboa? O tempo tem estado terrível, e atravesso uma crise de abulia e desgosto em que a influência deste final de Primavera "cinzenta" deve fazer-se sentir fortemente. Ai, esta sensibilidade à flor da pele, que me não deixa viver *como os outros*!

– O "reclame" a que me referia é este. Por grande favor, mande-me (ou à casa, ou ao Sr. Ag. Fernandes) duas linhas, pois já repararam aqui que, tendo o meu Amigo notado a sua ausência no anterior *Guia do Leitor*, nada dissesse agora… Claro que por mim não lhe falaria no assunto, pois sei que tem mais em que pensar. Mas é preciso criar (ou manter) o ambiente de receptividade às suas coisas; ajude-me, por favor…

– Um abraço do sempre dedicado

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
14/6/67

Querido Amigo:

Sim, eu já recebera a *Informação Bibliográfica* que de novo recebo agora – e ficara agradàvelmente surpreendido com o "reclame" que lá vem às minhas obras. Quis logo escrever a dizer isto mesmo. Porém que tenho eu feito do que me propunha ou propus fazer de há uns bons oito meses para cá? Só agora ando tentando responder a cartas que recebi sei lá quando!, arrumar um pouco a minha vida, e lembrar-me de coisas que a memória abalada pelos medicamentos e os acontecimentos ia deixando na sombra. Peço-lhe que diga isto ao Senhor Agostinho Fernandes, e que agradeço à Casa o destacado lugar que o n.º 2 da *Informação* me concede.

Como vão indo os *Ensaios*?

A respeito de saúde, passaria bem neste ambiente familiar, (nem me apetece ir a Portalegre, embora tenha de lá ir) se esta Primavera descontrolado[a] me não descontrolasse também o sistema neuro-vegetativo. Enfim, temos de ir tendo paciência e resistindo conforme pudermos. Já me sinto agora com sorte em relação a dias que passei. Um abraço do seu

Régio

*

Vila do Conde
19/7/67

Meu querido Amigo:

Há já bastante tempo que não recebo notícias suas. Como passa, e que se tem passado por aí? Em que ponto estão os *Ensaios sobre Arte*? E sobre as *Histórias de Mulheres*?

Mas sobretudo lhe escrevo hoje pelo seguinte: Lembra-se de aquele jornalista português (Neves, se me não engano) de quem me enviara umas perguntas para uma série de entrevistas a saírem na página literária do *Estado de S. Paulo*, se também me não engano? Mais ou menos tenho prontas as respostas. Devo remetê-las ao meu Amigo, ou a quem? Ignoro a direcção do citado jornalista.

Outro assunto, apenas aflorado: Recebi ontem carta do Senhor Agostinho Fernandes – uma carta que me deixou um tanto perturbado ou perplexo. Peço-lhe para dizer-lhe que amanhã lhe escreverei. Decerto, o meu Amigo já sabe do que se trata.

E com um bom abraço,

José Régio

*

25 de Julho.
Meu querido Amigo:

Doente, só agora poso agradecer as suas notícias de há dias. Ando a tratar-me de uma depressão nervosa que, acentuada por este tempo quente e abafado, diminui o meu rendimento e me tem trazido apreensivo.

– Não tive conhecimento, até agora, da sua resposta à carta do Sr. Agostinho Fernandes, por sugestão apresentada (sei) pelo Vergílio Ferreira, e que me parece absolutamente justa e natural (já quando foi da candidatura Aquilino-Torga ele me dissera que o meu Amigo, com obra mais densa, tinha mais direito que eles à consagração mundial que o Prémio representa).

– Creio que a programação do seu livro está marcada para depois da época calmosa, isto é, depois das férias (as da casa começam a 7 de Agosto).

– Vou enviar-lhe, com pedido de autógrafo e ainda a maçada da devolução, alguns livros seus. São de um coleccionador amigo – mas bastará a sua assinatura. Perdoe, já sei que está farto de assinar livros… Mas há maçadores a que não podemos fugir.

– Sem cabeça para mais, deseja-lhe o melhor bem-estar, com um abraço, o seu devotado Amigo e Admirador

Luís Amaro.

P. S. – Poderá fazer favor de remeter para cá a resposta a João Alves das Neves, que já perguntou por ela.

*

1 de Agosto [1967].
Querido Amigo:

Desculpe-me que, com este calor, o venha maçar por causa dos livros que lhe enviei há dias para fazer favor de autografar. Como vou para férias na segunda-feira, seria bom, para todos nós (que não pensaríamos mais nisso), ter cá os livros antes de sábado. Será possível? Obrigadíssimo.

Perdoe-me maçá-lo. Sei que recomeçou os seus artigos na Imprensa. Bom sinal!

A saída do seu livro não está programada para esta época calmosa. E, com as férias, os serviços da casa sofrerão uma suspensão ou paragem por 20 dias, o que vai atrasar tudo.

– Abraça-o o seu dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. Ag. Fernandes está a passar uns dias no Algarve. Sei que recebeu a sua carta.

*

3 – 8 – 67.

Com um abraço do Luís Amaro e o pedido (renovado) de devolução dos livros autografados e o envio (já prometido) da "entrevista" para João Alves das Neves.

– De segunda-feira em diante estarei em Queluz, até 28 do corrente (férias).

*

Vila do Conde
22/8/67

Meu querido Amigo:

Há já bastante tempo que não tenho quaisquer notícias suas. Estará aí em Queluz? Terá saído a férias? Diga-me qualquer coisa. Por mim, vou passando sem novidade.

Também acontece que já tenho prontas as respostas para aquele jornalista que pretende publicar no Brasil as entrevistas. Devo mandá-las… a quem? Um bom abraço do seu amigo

Régio

*

Queluz, 25 de Agosto – 67.

Meu querido Amigo:

Sim, estou em férias, mais precisamente: no final das férias, visto que na segunda-feira estarei de volta ao 13 da Avenida da Liberdade… As suas notícias de hoje, que me foram tão gratas embora breves, vieram ao encontro do meu desejo de escrever-lhe duas linhas, a acompanhar o envio da crítica do Mário Sacramento ao 3.º volume das *Polémicas de Camilo*[468] e no qual há referências ao seu nome que, por justiceiras, acho lhe não devem passar despercebidas.

Passei as férias, este ano, pràticamente em Queluz, quase sempre em casa, com o intervalo de uns três dias no campo, na Malveira. Este ano, finalmente, tivemos – os empregados mais velhos, e eu "comemoro" o 25.º aniversário de actividade portucalense! – 20 dias, em vez dos clássicos 15. A permissão, embora dentro da legalidade, não foi alcançada sem atritos que, embora eu não tivesse intervindo no caso, acabaram por atingir-me por reflexo, mesmo na véspera das férias, que decorreram assim, da minha parte, numa disposição de espírito mais ou menos envenenada. Que corajosa paciência me é precisa para continuar a viver!...

Aliás, fiz há uma semana uma operação ao nariz (desvio do septo) de que não estou restabelecido ainda. Continuo, como vê, sob o signo da doença… e da maldição. Que o seu estado de saúde se tenha consolidado e evoluído sempre para melhor, é das raras compensações que me podem ser dadas – creia!

– Sobre o caso da sua "candidatura": o assunto foi tratado entre o Vergílio Ferreira e o gerente da casa, isto é: o V. F. é que lhe disse do que ele e o Namora empreendiam. Mais tarde perguntou-me se o meu Amigo já respondera, e nessa altura o meu Amigo não respondera ainda. Não sei se, depois, lhe deram conhecimento da sua carta; sei só que da Portugália escreveram à embaixada da Suécia sobre as formalidades necessárias à candidatura. Vindo para férias, como a maior parte do pessoal, não sei o que se passou depois. Mas, sendo o assunto da regedoria da gerência, nele não posso intervir sem melindre: não me atrevo a isso!...

– Sobre o seu livro, é de crer que fique pronto agora em Setembro.

Meu Amigo, a minha disposição de espírito é, não pode deixar de ser, desmoralizadora. Precisava de tratar-me a sério, e para isso – para o tratamento – podem contribuir os raros Amigos que tenho. (A propósito: o nosso Guanilho, mais velho que eu um dia e a quem felicitei em Maio, não me disse uma palavra depois disso; apesar de nascidos quase no mesmo dia,

[468] Recolha de Alexandre Cabral, são recenseadas no *Diário de Lisboa*, 24-VIII-1967.

separam-nos diferenças abissais – e ele, naturalmente, apercebendo-se disso, cortou a "ligação"… Acho lógico. E peço lhe não diga nada.)

– Agradeço envie directamente à casa as respostas à entrevista com João Alves das Neves.

Recebeu o livro de outro português radicado no Brasil – Fernando Mendonça[469] –, com um estudo sobre *Davam Grande Passeios*?

– Li, nas férias, a *Mónica* do Aquilino, autor que leio sempre com prazer embora não satisfaça as minhas necessidades espirituais, quero dizer: embora me deixe sempre uma sensação de insatisfeito, pois raramente me encontro nos livros dele, onde os desgraçados são quase sempre matéria picaresca. E li também, no original, Chateaubriand!... Nada menos: um regresso aos primórdios do Romantismo… Procuro também conhecer no original o *Journal d'un curé de campagne*, mas o acesso deste é-me muito mais difícil. Ah. Mas que diferença entre um Bernanos, rico de implicações, e o nosso grande (mas *pobre*) Aquilino!: enfim, cada um é como é. E não suponha que o escolher Bernanos significa em mim qualquer "acesso" de problemática metafísica: ah, infelizmente nem isso me é dado – a fome e a sede de valores mais altos, que transcendam a minha pequenez e a minha miséria! O aborrecimento e o tédio – eis as duas prendas maiores que me tem dado a vida: não falando já, claro, de outras fatalidades…

Perdoe-me. E diga-me se tem trabalhado em coisas novas. Oxalá que sim.

Amigo admirador que o abraça e é o

Luís Amaro.

*

[Telegrama]
18 – 9 –1967
UM SINCERO ABRAÇO FELICITAÇÕES VOTOS SAUDE EXCELENTE
LUÍS AMARO

*

28 – 9 – 67.

Com o melhor abraço do Luís Amaro e o pedido de esclarecer, por favor, onde entra a novela *Davam Grandes Passeios*… Escrevo por estes dias!

*

469 *Três Ensaios de Literatura*, São Paulo, 1967: 11-25.

Vila do Conde
6/10/67

Querido Amigo:

Desculpe esta esferográfica de rever provas... Aqui vai a primeira rodada. Claro que terei de ver segundas provas; e sendo bem emendadas, ficar-me-ei por essas segundas.

Como nunca pode deixar de ser, fiz algumas correcções ao texto. Mas quanto trabalho se evitaria se, como também sempre sucede, o compositor se não permitisse corrigir a pontuação, a ortografia, etc., do autor. Os compositores são muito conscienciosos; mas nada percebem das subtilezas que para um velho autor ultrapassado pode ter a pontuação, a ortografia, etc.

Vá lá este movimentozinho de irritação!

Continuarei a devolver provas... e, espero, a recebê-las. Qualquer dia lhe escreverei com algum vagar. Os *Três Ensaios*?

O abraço do amigo

Régio

*

9 –10 – 67.
Meu Querido Amigo:

Duas rapidíssimas linhas, só para lhe agradecer as suas notícias e as provas que hoje recebi. Peço-lhe toda a sua paciência para a revisão: O meu desejo (e o meu interesse – até material) seria eu fazê-la, em casa. Mas, receando demorar muito as provas, renunciei a essas centenas de escudos a favor de um pobre homem que me apareceu aqui a pedir revisões e foi revisor no *Século*. Já verifiquei que o pobre-diabo não vale nada como revisor, mas… trata-se de um caso de humanidade, que me aflige a consciência. É um desgraçado que me dá a impressão de passar fome, e não quero contribuir para isso, embora tenha que, mais tarde ou mais cedo, deixar de lhe dar trabalho.

– O abraço do seu grato

Luís Amaro.

P. S. – Aliás, já resolvi ler eu próprio todas as provas, no final, em casa. Positivamente, este revisor é um "colaborador" que só pode contribuir para a minha confusão e sofrimento – a juntar a outros do género. E, com este livro, cheguei à conclusão de que não posso misturar o sentimento nestas coisas… ainda que o homem me aparecesse aqui recomendado precisamente pela tipografia que está a compor o livro.

– Seu Luís Amaro

*

Vila do Conde
27/10/67

Querido Amigo:

Aqui lhe devolvo mais provas – deve ter recebido as primeiras. Espero continuar a enviar-lhe mais, sem grandes intervalos. Claro que terei de receber 2.as provas, nas quais já não haverá as pequenas alterações inevitáveis nas primeiras: limitar-me-ei às gralhas.

Também recebi, e agradeço, as folhas impressas dos *Três Ensaios*. Só falta, agora, ultimar o volume e pô-lo à venda.

E sem mais por hoje. Estou à espera de poder escrever-lhe com mais um bocadinho de vagar. Tenho, aqui, uma vida muito convivente e ocupada, o que aliás só me auxilia, mas, por outro lado, embaraça o meu trabalho. De saúde, vou passando sem novidade. E o Senhor Agostinho Fernandes? Dê-lhe as minhas lembranças sempre afectuosas.

Um abraço do seu amigo

Régio

P. S. – Agradeceria um simples postal em que me comunicasse a recepção.

*

31 – X – 67.
Meu bom Amigo:

Venho agradecer as suas linhas de hoje e as provas das *H.as de Mulheres*. Oxalá venham mais em breve!

Não me esqueço que deste livro não há direitos pagos. Lembrarei isso oportunamente aqui na casa.

Desejando muito a sua saúde, sou com um saudoso abraço o Luís Amaro, seu admirador e amigo dedicado e grato.

*

Vila do Conde
17/11/67

Querido Amigo:

Tive de ir a Portalegre, no que gastei quatro dias. De aí atrasar-se um pouco – mas só um pouco – o envio das últimas *primeiras provas* das *Histórias de Mulheres*. Conto enviar-lhas domingo, para serem aí recebidas na segunda-feira. Entretanto, tenho esperado, *emendadas*, as primeiras

provas já devolvidas. Para, como julgo que pretende o Senhor Agostinho Fernandes, o volume das *Histórias* aparecer ainda este ano, seria preciso que essas primeiras provas emendadas me fossem remetidas sem demora. E sem demora eu as devolveria corrigidas, pois agora não haverá a corrigir senão as possíveis gralhas. Que me diz a tal respeito?

Acabo de receber da Portugália um volume antológico de João Alves das Neves[470] (os brasileiros ainda *gralham* mais que nós!) e vários exemplares da primeira folha dos *Ensaios*. Suponho que são para eu autografar as ofertas. A lista dos nomes, porém, tenho-a em Portalegre; e agora que lá estive, não pude lembrar-me de isso. Andei sempre a correr! Seria dar-lhe excessiva maçada pedir-lhe nova lista?

Há quanto tempo lhe quero escrever com mais vagar!

Um abraço do amigo

José Régio

*

20 – XI – 67.

Meu bom Amigo:

Recebi e agradeço a sua carta de ontem. Eu devia ter-lhe escrito e enviado a lista das ofertas, mas, atrapalhado como sempre, e naufragando num mar de gralhas e de apoquentações (as mais diversas), não me foi possível fazê-lo. (A propósito de gralhas: na pág. 15, linha 13, saiu *anda* por *nada*, nos *Ensaios*. Valerá a pena fazer errata? Parece-me que não, tanto mais que o livro vai ser lançado por estes dias.)

Junto segue a lista, e seguirão dentro em breve as folhas finais para fazer favor de assinar (com urgência, claro, visto o livro sair agora e os assinantes da tiragem especial ficarem depois à espera [)]. Com essa tiragem especial sucedeu uma fatalidade na tipografia: uma boa parte teve de ser composta de novo e reimpressa, pois enganaram-se no corte do papel e inutilizaram grande número de folhas – despesa, claro, que corre de conta deles. A nova composição (só para a tir. espec.) foi cuidadosamente revista pelo mesmo revisor, que é dos melhores da casa (que luta, nesse capítulo!); foi nessa nova leitura que ele deu pelo *anda*.

Vamos reeditar a 1.ª série das *Líricas* – há muito que estou para lhe falar nisso. Na hipótese de querer rever os prefácios (será de mantê-los, ambos?), aqui lhe remeto as provas, vistas por outro revisor (bom? mau? não sei, e tenho medo). Agradeço a devolução urgente.

---

[470] Através da Portugália, não editado pela Portugália. Em 1963, noutras chancelas portuguesas, João Alves das Neves tinha antologiado Machado de Assis e Graciliano Ramos, tudo indicando que Régio se refere a *Poetas e Contistas Africanos de Expressão Portuguêsa*: *[…]*, São Paulo, Brasiliense, 1963.

Quanto às *Histórias de Mulheres*, já seguiram 2.as provas, que decerto recebeu, mas não creio que seja possível saírem este ano ainda. Uma boa notícia: os *Poemas de Deus*, na edição das Obras, e as *Vidas São Vidas* estão virtualmente esgotados. Bravo! Pena é que, este ano, as suas Obras andassem a passo de caranguejo (o que também faz parte da lista dos meus aborrecimentos).

– Ainda sobre a antologia: será de manter a ordem cronológica da edição anterior? A Florbela antes do Eugénio de Castro e João Lúcio, e o Pascoaes no fim? Não seria mais indicada a ordem cronológica p[r]òpriamente dita?

– Aguardo com o maior empenho os seus esclarecimentos, enquanto não chega a oportunidade de falarmos das nossas coisas particulares. Tem passado agora bem? Nada de vertigens?

Eu, confesso-lhe, fiquei traumatizado com o longo sofrimento que me foi imposto nos últimos anos. A minha saúde moral, ou mesmo mental, não é boa, se é que o foi alguma vez. E a interrogação do meu futuro, a minha sobrevivência, é cada vez mais inquietantemente problemática. Peço-lhe, portanto, que não repare nas minhas faltas e me absolva: sou de facto um sobrevivente ou um náufrago – nada mais… Não o digo por gosto do sofrimento, mas porque é assim.

Faz-me falta lê-lo, relê-lo! Quem me tem ajudado agora, espiritualmente, é o Kazantzaki. Grande escritor!

– O preço dos *Ensaios* foi fixado a 40$ – um tanto puxado, mas o papel é caro e a mão-de-obra também, além de que a tiragem foi só de 2.000. Faça de conta que é preço de colecção. O meu Amigo tem, portanto, umas "massas" a receber ainda – estarei atento.

Abraça-o o seu Amigo e Adm.or de sempre

Luís Amaro.

*

24.11.67

SUMPRIMIR [*sic*] PREFACIOS POR POETAS ORDEM DIA ERRATA INUTIL ESCREVO = REGIO

*

Vila do Conde
27/11/67

Meu querido Amigo:

Deve ter recebido um telegrama que lhe enviei, sobre coisas urgentes. Eu recebi, e agradeço à Casa, o vale de dois mil escudos pelo aumento de

preço dos *Ensaios*[471]. Vou devolver o recibo, assinado. Somente... o livro ficou um tanto caro para a sua exiguidade de páginas!

A reedição das *Líricas*[472] veio num momento pouco oportuno, por eu não estar avisado e andar todo ocupado com a das *Histórias de Mulheres*. Tenho um fraco por este livro, mais simplesmente (?) humano que a maioria dos meus outros, e o seu aparecimento nas Obras Completas exigia uma redacção mais ou menos definitiva. De aí que fui arrastado a certas correcções de estilo que deveria ter feito antes, em qualquer exemplar da edição anterior, se por alturas desse *antes* não estivesse eu quase impossibilitado pela doença. Independentemente disso, parece não haver meio de compreenderem tanto os senhores compositores como revisores que a minha pontuação é conscientemente pessoal e deve ser acatada! até, na maior parte dos casos, a minha ortografia. Que o meu Amigo, quando revê provas minhas, me chame às vezes a atenção para certos pormenores, só lho agradeço, – e é caso muito diferente!

Em razão de todas essas coisas, a emenda das minhas primeiras provas resultou um tanto complicada e porventura demorada. No entanto, verifico nestas segundas que àparte [*sic*] certas gralhas novas que apareceram, e que eu *catei*, foi feito com bastante cuidado esse trabalho do compositor. Creio que poderei dispensar-me de rever terceiras provas, – se as emendas ainda a fazer, e que não são muitas, forem feitas com todo o cuidado, e entregue ao melhor revisor da casa a revisão final. Nesta revisão final se requer atenção para as gralhas *novas* que possam surgir. Eu continuarei a reenviar sem demora as segundas que vou recebendo. Já, decerto, recebeu as que lhe remeti ontem, juntamente com a maior parte das folhas com dedicatórias. Amanhã lhe enviarei mais. Atenção à paginação final, e ao tipo escolhido para os títulos das novelas!

Quanto às ofertas: Ainda tenho aqui algumas folhas para *dedicar*, mas não muitas. Alguns exemplares, enviá-los-ei eu próprio, registados. Para isso preciso de receber mais exemplares que os dez já recebidos, e que agradeço.

Como lhe dizia no telegrama, achei dispensável a errata nos *Ensaios*: Ainda é das que o leitor atento corrige, pois resulta de uma troca de letras: *anda* por *nada*.

Quanto aos prefácios das *Líricas*, hesitei mais: Se mandei dizer para os suprimir, foi por já nenhum me agradar, e a oportunidade ser má para escrever – sob o aguilhão da urgência! – o novo prefácio que os resumiria aos dois, e que poderia considerar definitivo. Uma coisa devo dizer, com a

---

471 *Ensaios sobre Arte*, impressos em Julho de 1967.

472 4.ª ed. de *Líricas Portuguesas – 1.ª série*, 1968. A 1.ª ed., Portugália, 1944, intitulava-se *As Mais Belas Líricas Portuguesas*.

franqueza costumada: Nunca pude aceitar ìntimamente a ideia de perder eu a propriedade de qualquer livro meu, – antologia que seja. Assim, em parte me desinteresso das *Líricas*. No entanto, se o meu Amigo e aí na casa acharem que seria melhor eu resumir agora os dois prefácios num só, como, de certo modo, conviria e eu preferiria, (estão sempre a *criticar* a minha antologia pelo pequeno número dos Poetas inseridos em relação com o dos inseridos nas antologias de *modernos*!) – estou pronto a escrever esse definitivo prefácio desde que, por exemplo, me concedam uns quinze dias.

Quanto à entrevista do Sousa Lobo[473]: Supôs ele que o meu próximo livro ensaístico seria os *Novos Ensaios de Interpretação Crítica*. Em tal sentido organizou o seu breve questionário, que assim resultou improfícuo por agora. Peço-lhe o favor de lhe explicar isto.

E creio ter-me referido ao essencial, embora nesta redacção atabalhoada que desculpará: Sem dúvida estão isentas as minhas cartas dos "escrúpulos" de estilista que me atormentam na criação artística! Sempre os meus cumprimentos ao Senhor Agostinho Fernandes, e para si o abraço do amigo

José Régio

P. S. – Poderia conseguir-me a direcção do Eduardo Lourenço, que está em França? Muito lhe agradeceria!

*

Queluz, 3 de Dezembro 67.
Meu querido Amigo:

Espero que esteja trabalhando no Prefácio da 4.ª edição das *Líricas*… Tinha há muito as provas em meu poder (de todo o livro, e já revistas pelo revisor) e só agora me foi possível ocupar-me deste assunto. Apesar de já revistas, trouxe as provas para casa – na Editora, impossível este trabalho! – e pus-me a confrontá-las com os textos que tinha à mão. Encontrei algumas gralhas arrepiantes, que já vinham da edição anterior. Estes revisores! A "Babel e Sião", por exemplo, saiu "Abel e Sião". Etc… Claro: nem por isso o livro deixou de esgotar-se… E claro ainda que, no confronto que fiz (principalmente nos autores modernos, alarmado por

473 «Deve tratar-se de uma projectada entrevista feita por Manuel Poppe [de Sousa Lobo], que era então crítico e redactor literário do suplemento 'Quinta-feira à tarde' do *Diário Popular*.» Ver José Régio*, Obras Escolhidas. Correspondência*. Introdução e recolha de António Ventura; notas de António Ventura e Luís Amaro. Lisboa, Círculo de Leitores, 1994: 351.

duas ou três gralhas sobre que o Alberto de Lacerda me falara há anos na parte do Pessoa), não me esqueci que há variantes, ou lições várias no que respeita aos textos antigos. Aliás, não tive tempo de confrontar estes, encontrando porém uma linha trocada (que já saíra na última edição) na sátira do Brito Pestana. Será feita ainda uma revisão geral, para que fornecerei ao revisor os livros donde foram feitas as cópias; cederei estes originais tanto quanto possível, claro.

– Na biografia do Cesário surgiu-me uma dúvida: será mesmo *retensa*? Como vem assim desde a 1.ª edição, é capaz de ser. Agradeço me devolva a prova com urgência.

Na biografia da Florbela (que passou agora para o final, fechando o livro, de acordo com a cronologia), permiti-me suprimir a referência ao suicídio, pois o viúvo desmentiu essa versão, há tempos. Fiz bem? Corrigi a data do nascimento de Camilo Pessanha: 1867.

Enfim: creio que, apesar de tudo, esta edição sairá melhor que a anterior. Não queira saber o que sofro com revisores! Tem à vista o exemplo de *Histórias de Mulheres*, cujas provas dei por caridade a um pobre-diabo que até "saltos" deixou passar, como verifico pela sua revisão. Ah, se o meu tempo e os meus nervos me ajudassem, quem se encarregaria de rever todos os seus livros era eu. Quero dizer com isto que seja melhor? Bem sabe que em coisa alguma sou vaidoso – mas creio que, por exemplo, a revisão de *Vidas São Vidas* não saiu mal.

Obrigado pelas folhas autografadas e pela que me destinou, generosamente.

Estou a viver em expectativa, não isenta de amargura e inquietação, quanto ao próximo ano… Vamos a ver.

Abraça-o, querido Poeta e Amigo, o seu dedicado, ainda que "amaro",

Luís Amaro.

*

5 – XII – 67.

Meu querido Amigo:

Confirmo as linhas que ontem lhe escrevi, e hoje venho lembrar-lhe que faltam ainda alguns oitavos assinados: para o Óscar Lopes? para Augusto da Costa Dias? (Este, embora já não trabalhe na casa, perguntou-me há pouco ao telefone se não tinha nenhum exemplar).

Agradece-lhe, com um abraço, o

Luís Amaro.

P. S. – Recebo, depois de escritas as linhas anteriores, a sua carta junta às provas das *Histórias de Mulheres* (de que faltam as *páginas 181 e 182*).

Obrigado, tomo nota de que é *retenta* a palavra de que tinha dúvidas na biografia de Cesário, mas agradecia me devolvesse a prova (valerá a pena, nela, uma referência à publicação da *Obra Completa de C. V.*? Parece-me que não, apesar de ser edição da Portugália…).

– Morada do Eduardo Lourenço, em que não me lembro de já ter falado:
Le Manoir – Villa "Les Myosotis"
Péssicart Supérieur
06 Nice – France

Mais oitavos creio que não há, porque a edição já está toda brochada.

– O Prefácio às *Líricas*, visto que a antologia é a mesma, claro que[474].

*

Vila do Conde
8/12/67

Querido Amigo:

A "Semana do Novo Cinema Português", que se está realizando no Porto, veio demorar ou embaraçar um pouco os nossos trabalhos. Tenho-a seguido quase de noite e dia. No entanto, ela está a terminar, e já volto a esses trabalhos.

Respondendo ao essencial:

– Espero não demorar além do prazo concedido o prefácio para as *Líricas*, tanto mais que sobretudo será correcção do 1.º prefácio.

– A gralha na nota sobre o Cesário está em que não é *retensa* ("expressão intensa e retensa") mas sim *retenta*. Retenta é particípio irregular do verbo reter. Deve, pois, sair agora: expressão intensa e retenta.

– Vou reexpedir-lhe os oitavos que faltam, e até porventura lhe agradeceria o envio de mais alguns oitavos. Está claro que o Costa Dias receberá o seu exemplar! Poderá telefonar-lhe a dizer-lho? O meu Amigo não citou o nome dele na lista que me enviou, e, de momento, eu esqueci-me.

– Recebi as provas da última parte do livro, que também não demorarei a reenviar.

E pronto! Creio ter respondido ao que de momento mais importa.

E a direcção do Eduardo Lourenço?

Abraço do seu amigo

Régio

P. S. – Também recebi um pacote que julgo conter novos exemplares dos *Ensaios*, e que ainda nem tive tempo de abrir!! Isto é assim para todos!

---

474 Fim abrupto da carta 1276, incompleta.

*

9 – XII – 67.
Meu bom Amigo:

Enviaram-lhe anteontem, aqui da casa, os exemplares da última folha da tiragem especial dos *Três Ensaios*, para fazer favor de autografar (quero dizer – assinar).

É o que em linguagem vulgar se chama "um frete" – expressão malsoante mas talvez a mais significativa do esforço de fazer 100 assinaturas… Desculpe.

É possível que estranhe que só agora, passados bastantes dias sobre a saída do livro, se esteja a tratar da tiragem especial. E tem razão nessa estranheza. Como se deverá lembrar, isto não acontecia quando era eu a tratar, sòzinho, das edições; mas agora é panela mexida por muitos, e lavo daí as minhas mãos. Também é inédito que um livro que estava pronto para imprimir desde Julho (que é a data no colofon [*sic*]) só estivesse na rua em Novembro…

Quanto à tiragem especial, há pequena justificação para o atraso – na tipografia enganaram-se no corte do papel, e inutilizaram uma grande parte das folhas já impressas (só da tir. espec.), pelo que tiveram de compor e imprimir de novo essas folhas, que dei a rever ao revisor que já tinha revisto o livro e é dos melhores. Aproveitei essa reimpressão para corrigir o tal erro que havia escapado e, mais importante, para indicar que espacejassem a última página do texto para que o livro não acabasse abruptamente no final da mancha, como infelizmente saiu na tiragem comum. Fiquei aborrecido comigo mesmo ao descobrir isso, mas a minha consciência ficou mais tranquila quando verifiquei que, em provas anteriores, eu indicara ao chefe da tipografia para espacejar de modo que o livro não acabasse assim – indicação a que ele não ligou nenhuma. São precisos mil olhos para estas pequenas-grandes coisas!

– Aproveitei uma parte do feriado de ontem para ler (e não rever) as últimas provas das *Histórias de Mulheres*, em que encontrei raras gralhas. Deliciei-me (não é bem o termo, mas enfim… Porque a novela não é de modo algum idílica, como o título e as primeiras páginas sugerem, mas dramática) com o "Davam Grandes Passeios aos Domingos"… que não lia há vinte anos; reli uma vez mais "Sorriso Triste" e "Menina Olímpia", e prosseguirei hoje a grata releitura do volume, até à parte de que já deram novas provas (seguiu para si, há dias, o resto do volume, para completar a sua revisão).

– Voltando às folhas para assinar, agradeço não demore, pois essa tiragem já *devia* ter sido remetida aos assinantes (que são muitos). A expedição requere certos cuidados – mais uma maçada para si; desculpe.

– Espero tenha recebido a prova da biografia de Cesário (em que o *retensa* se me afigurou talvez *retesa*, mas vejo agora que talvez não). E espero ainda que o original do novo Prefácio não demore – se isto não for esperar de mais.

– Sugeri-lhe uma dedicatória para o Costa Dias (Augusto da), por ter notado nele uma certa expectativa quanto à mesma. E, já agora, sugiro-lhe o nome de Santana Dionísio. Teve conhecimento de que o Domingos Monteiro, ao falar sobre Poesia na Academia, lhe fez uma referência entusiástica? Falaram-me nisso, não li a notícia nos jornais.

– Envio-lhe hoje a página literária do *D.º de Notícias* em que vem o anúncio dos *Três Ensaios* com uma frase do Vergílio Ferreira[475] que deve causar engulhos a muita gente. Devo dizer que, ao lembrar-me dessa frase, pedi ao V. F. autorização para a utilizarmos, no que ele imediatamente concordou.

– O Sr. Agostinho Fernandes (que hoje lhe escreve também carta) disse-me há pouco ter encontrado ontem o nosso Guanilho, e que este o informara de que a Câmara de Portalegre aproveitara a sua ausência para transformar a casa numa espécie de cantina… É quase inacreditável, e suponho quanto isto o teria aborrecido.

– Como sempre muito à pressa, e grato por tudo, creia-me seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Perdoe-me a finura do papel e a péssima dactilografia – numa velha máquina, a pior da casa e que por isso mesmo é a minha…

*

Vila do Conde
9/12/67

Querido Amigo:

Estou escrevendo o prefácio combinado. Compulsando, por isso, o volume das líricas, verifiquei que várias notas referentes aos poetas incluídos teriam de ser alteradas se dadas como actuais: Morreram dois dos poetas então vivos, foram publicadas edições mais completas doutros, etc., etc. Ora o meu prefácio é deste ano de 1967, e refere-se a coisas da actualidade. Fiquei sem saber como resolver o problema. Duas soluções me apareceram:

1.ª – Actualizar todas as notas que o exigissem. Requerer-me-ia isso um trabalho que de momento pouco me agrada, ocupado como estou com

[475] 7-XII-1967: «A obra de Régio está aí, múltipla, presente, indestrutível. E assim, pelo conjunto de tal obra, Régio é hoje sem dúvida o maior de todos nós.»

outros. (Tudo poderia haver sido combinado se eu tivesse sido prevenido com a necessária antecedência duma nova edição da antologia.) Aliás, se já o volume está mais ou menos composto, nada a fazer a não ser que se renunciasse a parte da composição.

2.ª – Prevenir no mesmo prefácio que a antologia se reedita exactamente como saiu ao tempo das edições anteriores, sendo só da actualidade o dito prefácio. Esta me parece não pròpriamente a melhor solução (pois a melhor solução seria actualizar tudo, fazendo uma espécie de antologia *nova* que eu não empreenderia senão em condições diferentes) mas a solução mais viável nas circunstâncias.

Que me diz? Aguardo uma sua resposta rápida. Entretanto vou escrevendo o prefácio *como se já tida por aceite a 2.ª solução proposta*.

Sempre o abraço do seu amigo

Régio

P. S. – Espero que terá recebido as provas e a carta que lhe enviei òntem. R.

*

Vila do Conde
13/12/67

Meu querido Amigo:

Acabo de receber a sua carta datada de 11. Valha-me Deus! Esta nova edição das *Líricas*, com os pequenos problemas e dúvidas que não pôde deixar de levantar-me, chegou o mais inoportunamente possível: Eu andava revendo e corrigindo tão gostosamente as *Histórias de Mulheres*…

Enfim, temos agora de remediar o caso como puder ser. Com efeito, eu teria, com tempo, revisto ou refundido a antologia toda. Também, com efeito, é à 1.ª edição que me tenho reportado em certas observações, assim como no prefácio que já estava concluindo. Estava para lho mandar… mas agora terá de ser um pouco alterado. Torna-se muito embaraçoso trabalhar assim em coisas diversas e sempre sob o acicate da *urgência*! Não sou homem para a vertigem dos tempos correntes…

Desculpe-me estes desabafos, meu Amigo, e vamos então assumir a solução que me parece agora possível:

– O texto antológico desta 4.ª edição sairá *exactìssimamente igual ao da 3.ª:* Exceptua-se a correcção da data referente a Pessanha. Nada, *absolutamente nada*, se lhe acrescentará, pois a acrescentar qualquer coisa seria necessário acrescentar ou modificar outras. Prevenirei no prefácio que a 4.ª edição se faz conforme a 3.ª, excepto na ordem dada a alguns poetas modernos.

Agora, atenção: Consegui, afinal, descobrir aqui a 2.ª edição. *Se a 3.ª é exactamente igual a essa*, não preciso de receber já essa 3.ª. *Caso contrário*, – terei de a receber sem demora. Não a possuo.

Com tudo isto, o envio do prefácio é que vai demorar mais uns dias. Tenho de novamente o corrigir. Não pode ser de outro modo. Para se aproveitar as vendas da quadra do Natal, será preciso preparar os livros com tempo. Mas este Prefácio vai ficar completo!

Obrigado pelos nomes que me lembra para ofertas, e pela direcção do Eduardo Lourenço. Vou devolver-lhe os oitavos *dedicados* que faltam, e enviarei eu pessoalmente outros exemplares.

Mais uma vez, desculpe, e um abraço.

José Régio

*

19 – XII – 67.

Meu querido Amigo:

Para me penitenciar dos cartõezinhos do costume (escritos, como já deve ter calculado, sempre à pressa, e no intento de ser rápido e breve), vai hoje esta branquíssima folha em que lhe quero desejar um Natal feliz, com saúde, com poesia, com esperança.

Ao mesmo tempo peço-lhe licença para lhe oferecer o livro que segue hoje, como prova de gratidão pela sua paciente e compreensiva amizade, como sinal da minha estima profunda, da minha admiração e dedicação de sempre, e desejando que o nosso convívio perdure ainda por mais anos, embora eu me sinta cada vez mais cansado desta provação que é (para mim) a vida…

Adeus, querido Amigo. Hoje escrevi-lhe sobre um alvitre que seria um acto de piedade e de justiça, embora a sua realização possa vir a ter aspectos delicados, no entanto fáceis de ladear sem que seja necessária uma completa transigência. Depois falaremos disso, se estiver de acordo.

Renovando os meus votos, sou com um abraço amigo o sempre seu

Luís Amaro.

P. S. – Recebi esta manhã os oitavos (12) com dedicatórias. Obrigado. Amaro

*

11 – XII – 67.

Meu querido Amigo:

Recebo agora a sua carta de 9 (sem a prova da nota sobre Cesário), e respondo já.

A decisão de reeditar a 1.ª série foi tomada, com a urgência nele habitual, pelo senhor que cá estava. Pensei, na altura, observar-lhe que seria curial consultar o Autor, que poderia ter alterações a fazer. Mas, receando as também habituais complicações ou uma resposta torta – também habitual –, nada disse. É certo que, tendo o mesmo senhor saído da casa em Setembro, eu já tinha tido tempo de lhe falar no assunto, sem receios de incidentes. Mas, enleado com afazeres e sabendo-o também a si absorvido pela revisão de provas, fui adiando – erro de que me penitencio. (Aliás, não me sentia, confesso, muito à vontade para falar-lhe num assunto que nunca foi aclarado devidamente: a propriedade da antologia. Cobardia da minha parte? Esperava, também, ter tempo de dar eu uma vista de olhos pelas provas, o que só há pouco pude fazer.)

Decerto o meu Amigo consultou agora a 1.ª edição ao dizer-me que "morreram dois dos poetas então vivos". Porque na 3.ª edição já vem a nota do falecimento desses poetas – Pascoaes e Eugénio de Castro. Quanto a "edições mais completas", creio que se refere às obras de Pessoa. Prontifico-me a aumentar na prova, na referência à bibliografia, os títulos saídos posteriormente nas Edições Ática. Concorda? E creio que é tudo, pois decerto não pensava refundir a antologia, em que, conforme sua autorização, actualizei a ordem cronológica, como já disse. Se houver mais qualquer alteração, ainda estamos a tempo, pois não há nada impresso, apesar de tudo composto.

– O abraço amigo e grato do

Luís Amaro.

*

15 – XII – 67.

Meu querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta e a prova cesárica… Obrigado. Ontem tinha-lhe mandado as provas que pediu das *Histórias de Mulheres*, para estabelecer a ligação da página empastelada.

Apelo para a sua paciência, e concordo em que estas coisas não se podem fazer à lufa-lufa. Creio, porém, não lhe ter dito que a reedição da 1.ª série era para sair no Natal, pois de antemão sabia que não havia tempo. Não atrapalhe, pois, querido Amigo, a sua vida, e conclua o novo Prefácio calmamente.

Para sua orientação, tinha mandado, quando lhe falei neste assunto, as provas dos seus Prefácios (da última edição), que estão em seu poder (e não me fazem falta, visto a composição ter de ser refeita por completo, provàvelmente). Em todo o caso, segue hoje um exemplar dos poucos (dos raros) existentes dessa 3.ª edição, para o esclarecimento de qualquer

dúvida. Agradeço me confirme se, nas notas de Pessoa e Pascoaes, actualizamos a parte bibliográfica – para o que bastará juntar as páginas que lhe mandei às provas que devolverá das *Histórias de Mulheres*, cuja revisão lamento muito ter perturbado.

Também eu não nasci para trabalhar sob pressão, e compreendo o seu reparo. Mas lembro que o meu Amigo é que espontâneamente falou no prazo de 15 dias para fazer um novo Prefácio. E eu aproveitei a promessa para estimulá-lo nesse sentido…

As pressas trepidantes só têm servido, afinal, para me desorientar até à angústia, e originam lapsos que me fazem sofrer, independentemente da repercussão que possam ter na minha situação profissional – sempre precária e insegura…

– Com o correio de hoje segue o último fascículo da *H.ª da Literatura*, do Ó. Lopes (não lhe ofereceu os *Três Ensaios*?). Chamo-lhe a atenção para a referência ao Botto, notável pela injustiça. Já lhe escrevi a esse respeito, com toda a sinceridade e perplexidade: sei muito bem que o A. B. estava longe de ser um génio; sei que os últimos livros que publicou são ilegíveis; sei que eram inventadas por ele as opiniões de Pirandello, etc., etc. (nem sequer acredito na carta do Junqueiro). Mas… que diabo, servirá isso para invalidar o que há de válido – e é muito – na Obra dele? Reduzi-lo à anomalia pura e simples, ao caso escandaloso, à mediocridade de magazine, continuo a pensar (erradamente? Mas estou muito bem acompanhado!) que é injusto. Claro que nas palavras de Ó. Lopes também há, inevitàvelmente, verdades irrefutáveis. Mas, repito, e o resto? A influência do B. na moderna poesia portuguesa? A coragem – levada ao impudor e à exploração, é certo – da sua confissão humana? Ou teremos que reduzir a um puro caso patológico o alto artista (morando numa cabeça louca, como tantas vezes acontece) que ele foi?

– Segue também o suplemento de ontem, do *D.º Popular*, dedicado à *presença*. É obra do Sousa Lobo, e acho que resultou muito bem. O ensaio do Sena é que me pareceu abaixo das possibilidades que ele tem, demasiado preso a circunstâncias geográficas e epocais; mas, confesso, não li tudo, ainda, com a atenção devida.

– Recebi hoje o pacote com os oitavos assinados, que mandei assim mesmo para a encadernação, pois já havia reclamações. (As tais pressas extemporâneas!)

Creio que, por hoje, nada falta do que mais importa. O abraço amigo e agradecido, com as desculpas por todas as maçadas, do seu grato e dedicado

Luís Amaro.

*

18 – XII – 67.
Querido Amigo:

Cá venho com mais um destes cartõezinhos que quase sempre se prolongam por mais alguns, iludindo o meu desejo de ser breve e rápido (os assuntos é que não podem ser tratados de forma telegráfica, infelizmente).

Começo por acusar a recepção do original do seu Prefácio à 4.ª edição das *Líricas*. Entretanto, deve ter recebido aí correio meu.

E agora apelo uma vez mais para a sua paciência (ah! esta é a palavra-chave da minha sobrevivência). Desculpe[476] – esta minha máquina privativa está assim –: Lembrei-me há pouco de lhe sugerir sabe o quê? Não se espante, nem se zangue: a inclusão do Botto nesta reedição da 1.ª série. O Sena disse-me há tempos que, quando se reeditasse a 3.ª série, queria incluí-lo, visto ter sido excluído da 2.ª pelo Cabral do Nascimento (que quando publicou a 1.ª edição recebeu do pobre poeta uma carta malcriada, como de costume da parte do Botto). Se não achar impertinente a minha sugestão – que obrigaria, eu sei, a certas modificações no Prefácio –, enviava-lhe, para seu "governo", a 2.ª série do C.^{al} do Nascimento em que figura o poeta, irradiado na edição posterior e na 3.ª que vai sair. E podia arranjar-lhe também, se as não tiver à mão, as edições das *Canções* susceptíveis de escolher coisas condignas do tão maltratado poeta. A referência do Óscar Lopes é tão cruel que a sua inclusão, agora, seria uma espécie de resposta. Além disso, como se trata de um poeta morto – que ficaria bem ao lado da Florbela! –, o incluí-lo não criaria problemas em relação aos outros. E o Sena continua, na reedição da sua dele antologia, com o Almada, o Raul Leal, o Roberto de Mesquita, o Mário Saa, o Jorge Barbosa e o Saúl Dias e a Irene Lisboa a precederem os poetas novos. A justificação da sua parte estaria, também, na exclusão feita pelo Cabral do Nascimento – "a pedido do autor", diz ele na 2.ª edição, mas com certo ressentimento pela carta recebida.

– Não sei se fui claro. O meu Amigo dirá, mas (repito o pedido) sem se perturbar mais com isto. Já lhe podia ter falado no assunto, mas só há pouco ele me ocorreu, talvez porque antes estivesse preso à ideia de que, como fez na 3.ª edição, fosse inflexível em não alterar a antologia.

– Não lhe roubo mais tempo à revisão das *Histórias de Mulheres*. Devolva-me, quando me mandar provas, as biografias do Pessoa, etc., e diga-me se os acrescentos bibliográficos são esses – POR FAVOR.

Abraço amigo do grato

Amaro.

476 Troca o dactilografado pelo manuscrito.

18 – XII

P. S. – Mais um cartão… Pelo pagamento desta nova edição das *Líricas*, sugere o Sr. A. Fernandes a imp.ª de 3.000.00, visto ter feito novo Prefácio (que ele já leu). Claro: o assunto da propriedade… Mas supunha que, desde a 2.ª edição em 1953, isso tivesse ficado resolvido. Na altura do começo das Antologias, há 25 anos!, estas eram encomendadas e ficavam sendo propriedade da casa (caso dos *Contos Portugueses*, por exemplo, e mesmo da 2.ª série das *Líricas*. A 3.ª série, como vai ser refundida, obedecerá a novo contrato.) É certo que, em antologias recentes (Sérgio, etc.), a combinação tem sido diferente, e mais justa para os autores. Mas o seu caso, como o de Guilherme de Castilho, Cabral do Nascimento, etc., parece ser diverso, visto ter sido tratado ainda pelo falecido Raul Dias. (Quem nunca aceitou essa forma contratual foi o nosso Alberto de Serpa. Por isso mesmo o Dias, acintosamente, nunca lhe reeditou a antologia das *Poesias Brasileiras*[477].)

– E, para não ir para novo cartão, aqui lhe fica o abraço do Luís Amaro.

*

Vila do Conde
22/12/67

Meu querido Amigo:

Tenho recebido tudo que me tem enviado: Os seus cartões, a página do *Notícias* com o seu poema a Raul Brandão[478], as páginas do *Diário Popular* dedicadas à *presença*, (que avareza de simpatia na maior parte dos artigos!) o volume da 3.ª edição das *Líricas*, e... e o magnífico volume que me oferece como prenda de Natal, com maravilhosas reproduções que é uma delícia contemplar! Quase tinha vontade de lhe ralhar por uma oferta assim valiosa, – mas muito agradecido! Quando tiver feito um desenho que me não desagrade de todo lho enviarei, – em sinal desse agradecimento.

Posto isto, como terei coragem de lhe *pagar* tanta amabilidade com um pequeno desgosto que lhe vou dar...? Deus me ajude! Trata-se do seguinte: Depois dos nossos pequeninos problemas a respeito da nova edição das *Líricas*, cheguei à seguinte conclusão: Só dois caminhos certos se nos oferecem aqui: ou rever, refundir, actualizar, ampliar toda a antologia, – ou editá-la de novo exactamente *conforme* a 3.ª edição. Para a primeira solução já não há oportunidade, (Talvez a possamos tentar numa hipotética 5.ª edição futura!) e o Prefácio que enviei já prepara o leitor para a segunda.

---

477 *As Melhores Poesias Brasileiras*, 1943.

478 "A Raul Brandão", *Diário Íntimo*…, 2011: 82.

Portanto: As *Líricas* sairão com a nota de:

4.ª edição, conforme a 3.ª, nota que julgo indispensável, e *nenhuma alteração* será agora feita, excepto: Correcção da tal data referente a Pessanha; alteração na ordem (conforme a sua sugestão) dos últimos poetas da parte final.

Excepto isto, meu Amigo, *nenhuma modificação*! E pela razão de que, a introduzirmos agora certas pequenas actualizações..., muitas outras ficariam por fazer! O equilíbrio do volume, ou da obra, ficaria gravemente comprometido. Assim, reportando-se o leitor à data da edição anterior (1959), e lendo o Prefácio actual que o esclarece, não poderá queixar-se.

Introduzir agora António Botto, como aliás eu gostaria, seria outra maneira de quebrar o equilíbrio da obra tal como foi concebida, – com um restrito número de seleccionados. Apelo para o seu bom senso: Como admitir António Botto e continuar excluindo Gonçalves Crespo, Lopes Vieira, Correia de Oliveira, António Feijó, Afonso Duarte, Francisco Bugalho, Pedro Homem de Melo, para só citar alguns dos mais modernos ao menos no tempo?

Cortemos, pois, com as pequenas perplexidades que nos tem levantado esta nova edição das *Líricas*, e entreguemo-las ao seu destino: Creio que mesmo assim, com as suas inactualidades afinal corrigíveis pelo próprio leitor, – a Antologia conserva algum mérito e pode prestar alguns serviços.

Volto às provas das *Histórias de Mulheres*, que lhe devolverei breve.

Ainda uma coisa: Deus me livre de repor agora a questão da propriedade da antologia! Há muito me resignei a não ter essa propriedade, – embora certa insatisfação com que me resignei a isso possa ainda transparecer hoje... Não pensemos, também, mais nisso. Só no caso de eu refazer inteiramente o texto – proporia novas condições.

Por causa do ensaio sobre Teatro, ou sobretudo por isso, (estou ligado com muita gente de teatro! e além disso mandam-me tantos livros!...) já remeti muitos mais exemplares dos *Ensaios* além dos representados pelos oitavos com dedicatórias. A lista que me enviou, meu Amigo, era muito incompleta em relação à que tive eu próprio de organizar. Já sei que terei de comprar vários exemplares do meu próprio livro. Mas... para evitar de comprar todos que ainda me faltam..., será abuso demasiado abusivo pedir ainda alguns à Casa?

E como estarão as minhas contas com a Casa a respeito do *D. Quixote* (que nem sei se já terminou, tão de corrida tenho ido a Portalegre!) e da *História da Literatura Portuguesa*? Nesta, a pretensa crítica de Óscar Lopes ao Botto é um monumento de incompreensão! Espero, todavia, fazer entrar o meu *António Botto e o Amor* num 2.º volume de *Ensaios Críticos*. Boas Festas, e um abraço do seu

Régio

*

Vila do Conde
Dezembro de 1967

Meu querido Amigo

Escrevi-lhe para a Portugália uma carta longa e apressada, sobretudo sobre as nossas coisas editoriais. Nem nos deixam, essas, conversar com um pouco de calma! Aqui vai, agora, este cartão para sua Casa,[479] – com os meus mais sinceros votos de um Natal e um princípio de Ano pelo menos tranquilos, tão felizes quanto possível. Bem sabe que temos de ter coragem, – nós, os nervosos, os apreensivos, os angustiados… – e eu desejo-lhe coragem! A Vida não é só má. Um abraço do seu

Régio

*

26 – XII – 67.
Meu querido Amigo:

Que o seu Natal fosse o melhor possível, e que o próximo Ano lhe traga mais saúde e nos traga, a todos nós, novas obras de José Régio (quero dizer: que as Obras Completas se não fiquem pelas *Histórias de Mulheres*, como 1967 se limitou aos *Três Ensaios*… Mesmo porque, assim, seremos velhos quando terminar a publicação da série). A propósito – como está o VI volume de *A Velha Casa*? E pensa, para 68, na continuação dos *Ensaios de Interpretação Crítica*? Para quando uma ou mais recolhas dos seus artigos principais?

Quanto à 4.ª edição das *Líricas* fica definitivamente assente que será igual à 3.ª, e não se pensa mais nisso. Hoje mesmo segue para a tipografia o original do seu Prefácio, aqui retido uns dias à espera da resposta à minha sugestão (em que, é claro, não falei a mais ninguém, até porque se tratava de um poeta maldito… até para as pessoas inteligentes e superiores como é o Óscar Lopes). E, já agora, quero explicar bem porque tomei essa iniciativa, visto não ter sido muito claro nos bilhetes que ràpidamente lhe escrevi sobre o assunto:

O Botto tinha sido incluído, não de muito boa vontade, pelo Cabral do Nascimento (cuja capacidade de admiração é bem escassa – o que está patente nas notas da sua dele antologia). Claro: o poeta não gostou da frieza e do tom displicente da nota que acompanhava as suas poesias, e

[479] Legenda do cartão – Virgem com o Menino – Desenho de Júlio dos Reis Pereira. [LP]

escreveu ao C. do N. uma pequena carta malcriada, em que dizia – além de outras coisas – não ter autorizado ninguém a ser incluído no volume. Na 2.ª edição, de 1957 (portanto ainda em vida do poeta), C. do N., bom madeirense, fez-lhe a partida: "Mantendo-se o número primitivamente escolhido de 50 poetas nascidos entre *1858* e *1908*, fizeram-se todavia substituições, duas motivadas pelo facto de haverem transitado para a reedição da 1.ª série João Lúcio e Florbela Espanca *e outra devida à circunstância de o próprio interessado pedir a eliminação do seu nome*. A fim de preencher essas vagas, incluem-se agora Nunes Claro, José Gomes Ferreira e – por imposição dos editores – o compilador deste livro."

Vamos publicar a 3.ª edição dessa mesma série, que, evidentemente, continua a ignorar o autor das *Canções* (por este correio lhe envio um exemplar, embora essa edição não esteja ainda à venda, sendo ideia dos editores lançar simultâneamente as reedições da 1.ª e da 2.ª séries).

Ora acontece que a algumas pessoas parece – e justamente – muito estranha a ausência, nas antologias, de poeta de tamanha projecção na nossa poesia moderna. O José Terra[480] dizia-me há tempos que isso era "um crime", e o Sena mostrou vontade de o incluir na 1.ª parte (em que figuram alguns dos principais "ausentes" das séries anteriores: o Almada, Raul Leal, Irene, Saúl Dias, Roberto de Mesquita, Jorge Barbosa, António Pedro, Mário Saa) da 3.ª série, que vai também ser reeditada, visto estar esgotadíssima.

Daí o eu lhe ter falado no pobre poeta…

Claro: sei que faltam na sua antologia (e também no segundo volume) alguns nomes importantes. Pensei mesmo, antes de terem dado aqui ordem de reimpressão urgente, em falar-lhe no Conde [de] Monsaraz, no Gonçalves Crespo – aliás inserto nas *Poesia Brasileiras* do Alberto de Serpa –, no João de Lemos, não sei se no João Penha, talvez no João Xavier de Matos. (Não lhe falaria noutros que cita agora, porque já figuram na série do Cabral do Nascimento, como poderá verificar: Pedro Homem de Melo, Bugalho, etc.). Mas, como o meu Amigo estava às voltas com a revisão dos *Três Ensaios* e houvesse, também, urgência na reedição, resolvi calar-me, para evitar complicações e demoras (estas, afinal, não as evitei, desconfiado como estava do trabalho dos revisores).

E pronto – creio que fui, agora, mais claro. Na secção de "reparações" que é a 1.ª parte da antologia do Sena, ele que inclua agora o Botto, se lhe apetecer… O que lhe agradecia, querido Amigo, é que me devolvesse as biografias do Pessoa e não sei de quem mais, para se actualizar a parte bibliográfica conforme sugeriu.

---

480 Pseudónimo de José Fernandes Silva, 1928-2014.

– Ainda bem que gostou do voluminho francês que com tanto gosto lhe remeti. Parabéns pelo seu poema de Natal, tocante de simplicidade, e de humanidade.

– O abraço amigo e grato do seu dedicado

Luís Amaro.

*

29 – XII – 67.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas a agradecer a sua carta, que mostrei ao Sr. Agostinho Fernandes, e a pedir-lhe que faça então o Prefácio para esta 4.ª edição. Mas, com o livro inteiramente composto, será possível que o original esteja cá dentro do prazo de 15 dias?

– O Sousa Lobo vai mandar-lhe, por meu intermédio, novo questionário, para uma breve entrevista sobre o livro (*Três Ensaios*), que seria oportuníssima – tanto mais que, com a saída do Salema, já não temos o *D.º de Lisboa* a ajudar-nos.

– Muito à pressa, e prometendo novas notícias para breves dias, sou com um abraço o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. A. Fernandes vai "indemnizá-lo" por esta 4.ª edição da Antologia.

*

2 de Janeiro – 68.

Meu querido Amigo:

Que as minhas primeiras linhas para si, este ano, sejam de bom prenúncio – e que durante 1968 não nos falte saúde e coragem para trabalhar. Que, da sua parte, venha – pelo menos! – um novo livro.

Hoje recebi as últimas provas das *Histórias de Mulheres*. Como lhe disse, farei eu, embora gratuitamente para a P. E., e em casa (impossível, aqui, ler provas com atenção) a última leitura e confronto das emendas. De resto, só ganharei – espiritualmente – com isso, pois este é um dos livros cuja leitura não cansa nunca, antes pelo contrário.

Olhe que não me esqueço da sua amiga promessa de um desenho, quando for possível! A minha "colecção" está muito pobre…

Queria pedir-lhe um favor: o Serafim Ferreira, aquele rapaz do Porto que trabalhava comigo no gabinete da gerência, e que organizou no *Jornal de Notícias* o suplemento comemorativo dos seus 40 anos de vida literá-

ria[481], mostrou interesse em receber o seu último livro. Mas, não podendo oferecer-lhe o volume aqui da Portugália, por motivos difíceis de explicar agora, permito-me sugerir-lhe o envio directo para ele, que hoje é funcionário superior da Editora Ulisseia. Bastaria, portanto, enviar o livro ao cuidado dessa casa – Rua da Misericórdia, 125-1.º, Lisboa 2.

Claro: depois disto, talvez fosse abusivo lembrar-lhe também o David Mourão-Ferreira. No entanto, aqui fica a morada actual desse "príncipe" da simpatia: Rua dos Ferreiros, 50-2.º – Lisboa 2. Por sinal, falando hoje com ele ao telefone, soube que na Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais esperam há muito uma sua resposta à carta que ele e o Luís Francisco Rebelo lhe enviaram com a sua proposta para *sócio* da dita Sociedade (em vez de simples administrado, como até agora. Não sei em que consiste a diferença, mas creio que é vantajosa para si, como autor dramático).

E com estas linhas sensaboronas "me cerro", como diria a nossa Irene Lisboa.

O abraço amigo e grato do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O pagamento da 4.ª ed. das *Líricas* seguirá dentro de dias – dizem-me. Amaro

*

Vila do Conde
10/1/68

Meu querido Amigo:

Duas palavras apenas: primeiro, para lhe dizer que recebi, e muito agradeço, mais dez exemplares dos *Ensaios*. Segundo, para responder ao que me dizia sobre umas provas das *Líricas* referentes a Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes: Não se fazendo alterações da 3.ª edição para esta, julgo que nada se deve acrescentar às notas que dizem respeito a estes poetas. Quaisquer publicações póstumas deles – apareceram depois daquela 3.ª edição. E a questão é sempre a mesma: Alterações numa nota que seja... forçosamente exigiriam alterações noutras notas.

Sem mais por hoje, um abraço do

José Régio

[481] Em 9-IV-1965. Colaboração de Serafim Ferreira, Castelo Branco-Chaves, Vergílio Ferreira, Romeu Correia, entre outros.

P. S. – Recebi, também, o exemplar de jornal que traz referência aos *Ensaios*. Obrigado!

P. S. – Vou enviar exemplares dos *Ensaios* ao Serafim Ferreira e ao D. Mourão-Ferreira. J. R.

*

[Telegrama: 11-I-1968]

FAVOR ENVIAR PROVAS RESTANTES VILA DO CONDE LEMBRANÇAS = REGIO

*

17 – 1 – 1968.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, ainda sobre a Antologia, cujas últimas provas o revisor hoje entregou.

Recebi também as suas provas do Prefácio, que vão ser escrupulosamente emendadas (aliás tinham poucas gralhas). Eu já tinha inutilizado, como viu, as alterações do revisor à sua pontuação tão pessoal e consciente. Como são vários os revisores que trabalham para cá e este não tinha visto ainda nenhum livro seu, esqueci-me de lhe recomendar que não tocasse no seu texto (porque a pontuação, em si, faz parte do texto, é um elemento constitutivo do seu estilo – eu sei).

Quanto à nota sobre Pessoa: eu já tinha acrescentado os volumes que posteriormente apareceram, como verá pela prova junta. Como é o único caso com levíssimas alterações na bibliografia, visto que em todas as outras notas [–] nem sequer na do Pascoaes – há que mexer, peço-lhe licença (em nome do aprendiz de bibliófilo que um dia sonhei ser…, mas até isso já pus de parte, porque afinal não era essa a SOLUÇÃO) para manter esses inocentes acrescentos, visto a edição sair com a data de 1968 e, a ficar tal como estava, a informação induzir em erro os leitores interessados.

Repare, meu Amigo, que a insignificante "alteração" consiste em: supressão de "primeiro tomo" de *Poemas Dramáticos* (para evitar a repetição da palavra "tomo" logo a seguir); aumento de: dois tomos de *Poesias Inéditas*, e *Quadras ao Gosto Popular*.

E nada mais…

Para não perder mais tempo nem se maçar com este assunto, bastará devolver a prova junta utilizando o envelope, que poderá vir aberto. No caso – cuja previsão não ponho de parte… – de discordar da minha opinião, bastará dizer que insiste na reprodução integral da nota, que eu tratarei de repô-la tal como estava.

E, mais uma vez, desculpe-me – até por não ter sido mais sintético na exposição de assunto aparentemente tão simples. Mas eu respeito muito a sua sensibilidade, a sua amizade, e por nada deste mundo desejaria maçá-lo: daí o ser minucioso nas explicações, e decerto prolixo.

Obrigado por ter aceite a minha sugestão de oferecer o livro ao David e ao Serafim Ferreira. Tinha particular empenho nesse envio directo – e agradeço-lhe isso como um favor pessoal.

Sempre maçador, mas também sempre dedicado e Amigo o

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
24/1/68

Meu querido Amigo:

Recebi ontem dez folhas impressas das *Histórias de Mulheres*. Ainda as não pude ler, a ver se escapou qualquer gralha de importância. Creio que não..., pois, pelo menos, sei que o meu Amigo se não poupa a cuidados com os meus originais.

Apresso-me a escrever-lhe hoje pelo seguinte: A edição dos *Três Ensaios* teve dois pequenos senões: Um, foi não levar duas páginas em branco depois da última impressa, que tem composição até ao fim da página. Outro, foi não informar que o ensaio *Em Torno da Expressão Artística* já fora publicado em separado, e com duas edições. Esta informação (e julgo que numa edição de Obras Completas convêm tais informações) deveria ter vindo na página em que vem a data da edição dos *Três Ensaios* (4.ª página da primeira folha). Oxalá que a primeira folha das *Histórias de Mulheres* ainda não esteja impressa, como suponho não estará, para se não cair em coisa idêntica.

Assim: Na mesma 4.ª página da primeira folha das *Histórias* deverão vir as seguintes indicações:

– data da primeira edição das *Histórias de Mulheres*, indicação da sua editorial.

– data da 2.ª edição das *Histórias de Mulheres*, indicação da editorial.

– data da 3.ª edição (nas Obras Completas) com indicação de lhe ser acrescentada nessa edição a novela *Davam Grandes Passeios aos Domingos...*

– datas da 1.ª[482] e 2.ª[483] edições de *Davam Grandes Passeios aos Do-*

[482] Informação, circundada, na margem esquerda, acrescentada por Régio: Dezembro de 1941. [LP]

[483] Informação acrescentada por Régio: não traz data. Dispensá-la, se não puder ser *averiguada.* [LP]

mingos... feitas pela editorial Inquérito: Na primeira edição, inclusão da novela na colecção As Melhores Novelas dos Melhores Novelistas[484]. Na segunda, sua inclusão na colecção Antologia dos Amigos do Livro (n.º 6).

– indicação de que a novela *História de Rosa Brava* foi incluída (n.º 3) na *Pequena Antologia de Obras-Primas – Mosaico* – dirigida por Manuel do Nascimento.

– indicação de que a novela *O Vestido Cor de Fogo* foi incluída (n.º 5) na Colecção Novela, também dirigida por Manuel do Nascimento.

– informação de que todos os contos ou novelas que formam agora as *Histórias de Mulheres* foram corrigidos pelo autor nesta edição para as Obras Completas.

E aqui está, meu Amigo: Julgo estas informações não só interessantes, como *necessárias*. No caso de já estar impressa a primeira folha, (oxalá que não!) teriam de vir em qualquer página da última. Tenha paciência para mais esta pequena maçada, e obrigado.

Um abraço do seu amigo

José Régio

*

30 –1– 68.

Meu querido Amigo

Sim, tem razão. Eu já tinha dado por tudo que aponta – e creio ter sido o primeiro a falar na última página dos *Três Ensaios*. Por isso a rectifiquei no ex. especial, quando da reimpressão (poderá verificar no seu exemplar). É certo que a cortina com a palavra ÍNDICE faz com que o leitor não tenha dúvida de que o livro acaba mesmo ali, mas gràficamente é feio. Fiquei primeiro aborrecido comigo por não ter dado por isso; verifiquei depois que não senhor – notara, na última prova, à tipografia, que deviam espacejar essa página a fim de que desse mais umas linhas que passariam para o alto da seguinte (teriam que ser mais que duas ou três, como creio ter ficado na tiragem especial – não a cheguei a ver depois de impressa –, pois poucas linhas penduradas também é muito feio). A tipografia não fez caso dessa minha recomendação, e o meu "crime" foi ter perdido isso de vista. Em todo caso, a minha consciência ficou mais tranquila quando verifiquei que, nas provas, havia feito o reparo.

Quanto à indicação bibliográfica na segunda página: Como o meu Amigo sabe, tenho sido cuidadoso nisso, até porque conheço bem a sua bibliografia. Mas, na altura, talvez porque andasse oprimido (como sempre) ou porque o supusesse a si desinteressado dessas minudências, con-

[484] Informação, com uma seta, acrescentada por Régio: (N.º 40). [LP]

fesso que não prestei ao assunto a devida atenção. Aliás, quando se trabalha sob pressão (como sempre também…), e o vagar falta para sermos minuciosos, há uma instintiva tendência para "despachar" os assuntos (a chamada lei do menor esforço? Talvez não nem isso…). A indicação bibliográfica não era, também, tão fácil como as anteriores, visto que *Em Torno da Expressão Artística* é uma espécie bibliográfica autónoma – como acontece com o *Davam Grandes Passeios*…

Em resumo: seguem, juntamente, as provas da 1.ª e última folhas das *Histórias de Mulheres*. Concordará com a solução dada à página 2? Omiti o nome dos editores porque não figura em nenhum dos volumes das Obras Completas. E, desde que as colecções do pobre Manuel do Nascimento (pobre amigo, sim!) são posteriores às *Histórias de Mulheres* – 1.ª ed., não me parece que na página deva figurar essa indicação. Efectivamente, as novelas foram aproveitadas, do volume, pelo Nascimento, e não publicadas originalmente nas colecções Mosaico e Novela. Além disso, a menção destas colecções obrigaria a citar os editores do volume pròpriamente dito – e isso não se fez, talvez erradamente, desde o primeiro volume: *Jogo da Cabra Cega*. Têm-se mencionado apenas as datas de cada edição e as ilustrações respectivas.

Uf! dirá o meu Amigo. Mas ainda não acabei: a rubrica de *Histórias de Mulheres* é *conto*, ou *novela*, ou *conto e novela*? Nas Obras do Autor, no final, onde estava "Romance e Novela", pus agora "Romance, Conto e Novela". Concorda?

Por vezes receio enfadá-lo com estas coisas miudinhas. Daí talvez, também, o não lhe ter falado especialmente nas indicações bibliográficas da 2.ª pág. dos *Três Ensaios*, na devida altura…

O João Alves das Neves mandou-lhe a página do *Estado de São Paulo* com a "entrevista" que fez consigo em Lisboa? Afinal, o trabalho é quase todo seu. Fiquei satisfeito, por se tratar do melhor suplemento literário em português.

– Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – Agradeço devolução urgente destas provas.

– Vai receber 5.000.00 por conta das *H.as de Mulheres*, enquanto se não fixa o pagamento total, de que não se tratou ainda. Perdoe-me estes gatafunhos, de que me envergonho.

*

22 – 2 – 68.
Meu querido Amigo:

Espero que venha hoje a sua resposta à minha carta (dirigida a mim ou ao Sr. Ag. Fernandes, como eu lhe sugeria, embora me fosse grato receber pessoalmente notícias suas, que aliás tenho tido através de Gaspar Simões).

Para ganhar tempo, e aproveitando uns minutos, escrevo-lhe estas linhas a acompanhar a listas das ofertas, que também sugiro, das *Histórias de Mulheres*. Claro que poderá substituir um ou outro nome. Lembro-lhe, aqui à parte, os nomes de Serafim Ferreira (o organizador da página em sua honra no *Jornal de Notícias*) e David M. Ferreira (chegou a mandar-lhes os *Três Ensaios*?). Como se trata de um livro que merece ser divulgado, e que com certeza vai ter da Imprensa um acolhimento de excepção (apesar de se tratar de reedição), acho que devemos espalhá-lo: aliás, como os seus confrades entendem, a publicidade é uma arma. Veja o Namora, com as 7.as e 8.as edições constantemente noticiadas com grande relevo…

Acharia conveniente oferecer aos directores de *A Capital*, que no *Diário de Lisboa* sempre foram gentis consigo e que, como estão agora na mó-de-baixo (ao fim de dezenas [de anos] de trabalho honrado, é o que espera todos os que se portam com dignidade…), merecem bem a nossa solidariedade[485]. Lá vi o seu artigo, que despertou, pelo menos, a ira de dois jovens meus conhecidos… Deixá-los. Não vi o filme, mas claro que sou da sua opinião: especular com o crime é hoje a mais rendosa das profissões…

– Claro que (voltando ainda aos oitavos) pode, como de costume, juntar algumas das suas ofertas pessoais.

– Abraça-o gratamente o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Vai receber exs. das *Líricas* e mais das *H. de M*.

*

Vila do Conde
25/2/68

Querido Amigo:

Recebi, como amostra, dois dos novos envelopes de propaganda das minhas obras, (gostei de eles) recebi a página do *Diário de Lisboa* com a

[485] Norberto Lopes e Mário Neves, que, desavindos com a administração do *Diário de Lisboa*, retomam o título *A Capital* em 21-II-1968.

crítica do Sacramento[486], recebi dois primeiros exemplares das *Histórias de Mulheres*, (e também gostei de os ver!, toda a gente gaba sempre o gosto destas reedições) e agora recebi a sua carta, os oitavos para eu "dedicar"[487], a lista das dedicatórias que me propõe, e o volume do João Gaspar Simões[488].

Por tanta coisa, – mais uma vez obrigado!

Espero, agora, exemplares das *Histórias de Mulheres*, e as folhas finais da edição especial.

Antes de passarmos ao principal, algumas respostas "miúdas": Sim, cheguei a enviar os *Três Ensaios* ao Serafim Ferreira e ao David Mourão-Ferreira. O meu Amigo até chegou a agradecer-me o eu ter concordado com essa sua sugestão. Não me admira que o esquecesse, eu também esqueço tantas dessas coisas...

Também concordo com enviar exemplares aos directores d'*A Capital*, de que aliás sou colaborador como viu. Quanto ao meu artigo encolerizar os jovens... já o esperava! Eu a preocupar-me com eles, e aqueles ingratos a pagarem-mo assim.

E agora, vamos ao principal: Concordo plenamente com a remuneração de vinte mil escudos pela actual reedição das *Histórias de Mulheres*. Claro que já recebi cinco mil, de esses vinte. A propósito, um pormenor para que lhe peço atenção: Os cheques devem vir no nome de José Maria *dos* Reis Pereira, que tal é oficialmente o meu nome.

Quanto ao próximo volume a ser reeditado: A minha vontade é que esse volume escolhido fosse *A Salvação do Mundo*[489]. É, talvez, a minha peça menos conhecida. Ora o meu teatro começa a ter uma certa expansão (relativa...) e talvez conviesse alimentá-la. A publicação do meu ensaio sobre teatro, nos *Três Ensaios*, também poderá contribuir para chamar a curiosidade sobre ele.

Decerto, se definitivamente convi[e]r agora à Casa a reedição do *Fado*, (a que deve acrescentar-se o "Fado Alentejano", publicado numa revista que já nem sei qual[490]) não serei eu quem me oponha. Digo apenas a minha preferência, de certo modo agora justificada. No caso de sempre se

---

[486] Recensão de *Três Ensaios sobre Arte*, Suplemento Literário do *Diário de Lisboa*, 15-II-1968; reprod. em *Ensaios de Domingo III*, Lisboa, 1990: 128-133.

[487] A dedicatória a Luís Amaro – «Ao Luís Amaro, à sua sensibilidade e à sua Amizade, sempre o abraço do José Régio / Vila do Conde / Março de 1968» – é seguida de desenho, a cores, de cabeça de menina.

[488] *Novos Temas, Velhos Temas. Ensaios de Literatura e Estética Literária*, Lisboa, Portugália, 1967.

[489] Sairá em Setembro de 1968.

[490] *Variante*, n.º 2, Lisboa, Inverno de 1943. Em livro, *Fado*, 3.ª ed., Janeiro de 1969.

optar por *A Salvação do Mundo*, eu faria no exemplar que servisse de original algumas correcções, – para se evitar de as fazer nas provas, como sucedeu (sem dúvida com despesas para a Casa) com as *Histórias de Mulheres*. Poderá conseguir-se aí um exemplar da peça? Eu não tenho senão os exemplares meus – que quero integrar um na colecção da casa de Portalegre, outro na da casa de Vila do Conde.

Depois se seguiria o *Fado*, ou... agora uma novidade: ou um livro de versos inédito (!). É verdade, tenho quase pronto (ainda não de todo) um novo livro de versos[491]. Alguns dos poemas são violentos, brutos, prosaicos,... e dum modo geral o livro é *inesperado*, diferente dos meus outros de poesia. Não sei qual lhe será a reacção do público e da crítica. Mas eu estou contente ao menos com me não repetir, embora os versos continuem a ser meus, pois para me repetir também não valeria a pena publicar mais um livro de versos.

E eis tudo, por agora. Ia-me esquecendo dizer que tive cá por dois dias o Eugénio Lisboa, que muito tem feito em Moçambique pela expansão da minha literatura; e que por isso não respondi mais cedo à sua carta. A propósito: Ele queixou-se-me de os meus livros rarearem lá muito. Fez uma conferência sobre o meu teatro que teve repercussão, e provocou uma procura sobretudo do meu teatro. Só o *Jacob e o Anjo* era acessível... e esse esgotou-se.

Vou escrever ainda umas palavras ao Senhor Agostinho Fernandes.

E um abraço do amigo sempre grato,

José Régio

*

Particular
29 – 2 – 68.
Meu bom Amigo:

Deve ter hoje recebido o cheque que a casa ontem lhe enviou.

E, com estas linhas, deve também receber a última folha para fazer favor de assinar (com muita urgência!) e também um exemplar das *Encruzilhadas de Deus*, de um cliente do Porto – cujo nome vem na primeira página, a lápis – interessado no seu autógrafo, que desde já lhe agradeço.

– Obrigado, também, pela sua carta de ontem, e por todas as suas atenções. Fico aguardando a devolução (é tudo urgente, para não perdermos a oportunidade do lançamento do livro!) dos primeiros oitavos com dedicatórias. Diga-me, por favor, se precisa de mais oitavos para as suas ofertas pessoais. Entretanto, já deve ter recebido mais 18 exs. das *Histórias de Mulheres* e 5 da nova edição das *Líricas*.

---

491 *Cântico Suspenso*.

Vamos enviar-lhe um exemplar que cá tínhamos da *Salvação do Mundo*, agradecendo não demore as suas corrigendas, para não haver grandes intervalos entre a publicação dos volumes. (Estas linhas, hoje, são escritas sob o signo da velocidade… E no entanto sinto-me – e são apenas 9,30 da manhã – deprimido, com vontade de ter ficado em casa, o que faço muito raramente.) O jornalista Raul Rego, com quem falei agora ao telefone, pede-me que não esqueça o exemplar autografado (dedicado, quero dizer. Possui todos os outros volumes – e merece-o. É um excelente homem e um grande jornalista).

– Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. Ag. Fernandes tinha ficado ontem com o exemplar da *Salvação do Mundo*, pois não a conhecia e quis lê-la. Já ma devolveu, lida, hoje de manhã! É um leitor infatigável. Gostou, como não podia deixar de ser. Portanto, aqui lhe vai o exemplar.

– Na pressa com que há pouco lhe escrevi, esqueci-me de falar na satisfação que tive em saber que tinha um novo livro de poesia pronto a entrar na colecção. Bravo! Fico ansioso por conhecer o original, que decerto o meu Amigo deve estar a ordenar.

– Não quererá enviar-me um pequeno poema para as Pastinhas dos Estudantes de Coimbra?[492] Um rapaz que há pouco conheci pediu-me para solicitar poemas aos poetas meus amigos. É a si que me dirijo primeiro, mas se falar com o nosso Alberto de Serpa e ele quiser enviar-me também um original, ficava-lhe grato. Desculpe-me a maçada – mais esta… Vou falar também a Cabral do Nascimento.

Seu Luís Amaro.

*

5 – 3 – 68.

Meu querido Amigo:

Envio-lhe mais 10 folhas (já não são oitavos, mas fls. de 16 páginas) das *Histórias de Mulheres*, para as suas ofertas: lembrei-me de que poderia querer oferecer a pessoas amigas residentes em Lisboa (Marinho, Santana, Ribeiro[493], etc.) e lhe faltariam folhas. Na lista que lhe enviei não me lembro se figuram os funcionários da casa Soares da Costa (substituto

[492] Livrinhos (replicando as cores das pastas de cada Faculdade) de venda na rua, a favor da Casa de Infância Doutor Elísio de Moura.

[493] José Marinho, Sant'Ana Dionísio, Álvaro Ribeiro.

do Cruz[494]) e Maximino Gonçalves; conviria oferecer também ao David Mourão-Ferreira e ao Serafim Ferreira. Outro dia, quando o Sr. Fernandes esteve na Gulbenkian e levou os *Ensaios sobre Arte* (a meu pedido) para o Ant.º Quadros, o Domingos Monteiro perguntou-lhe se levava algum exemplar para ele, autografado… Não sei se quereria oferecer-lhe agora as *Histórias*, visto que esse novelista lhe fez, na Academia, um rasgado elogio, há tempos, de que me chegaram ecos. Não sei. Tenho lido, só agora, os últimos livros dele: é possível que não seja o que verdadeiramente se chama um grande escritor, mas quase todas as suas páginas são repassadas de humanidade, e sabe contar uma história – às vezes admiràvelmente. Quanto ao homem, cheguei à conclusão de que há, lá dentro, muito pior do que ele. Ah, se eu um dia fizesse as minhas memórias!... Devo acrescentar que quando me refiro ao "homem" não envolvo a pessoa cordial de quem só tenho recebido atenções, desde que o conheço.

– Não sei se já lhe falei nos *Avisos do Destino*. Não há aqui exemplares. Quantos haverá no editor?

– Agradeço não demore a devolução das folhas assinadas da tir. especial. Espero as suas notícias. Um bom abraço do seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

12 – 3 – 68.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, para lhe agradecer muito o favor de ter valorizado o meu exemplar das *Histórias de Mulheres* com as suas palavras amigas e o lindo desenho feminino, que faz lembrar certas cabeças de mulher do pobre Pavia, ainda que seja diferente e nada lhe deva.

Já devia ter recebido os novos oitavos; se quiser posso mandar-lhe mais. Só hoje recebi os livros brochados da oficina, motivo por que só amanhã serão enviados aos destinatários fora da Portugália (a propósito, oxalá que não tivesse feito a Maximino Gonçalves, que, impaciente, já levou o livro). Não fez para o Serafim Ferreira?

Não me devolveu, com as folhas, o exemplar que tinha ido para fazer favor de autografar para um cliente do Porto. Desculpe, sei que não gosta de conceder autógrafos… Mas foi o tal homem dos bigodes que enviou o seu livro e um do J. G. Ferreira (este até fez dedicatória).

Li, com desgosto, um artigo do Arnaldo Saraiva, no *Jornal do Fundão*[495], de resposta ao seu sobre o filme (que já vi). E lembrar-me que

---

[494] Joaquim Soares da Costa, gerente (1968-1974), após José da Cruz Santos (desde 1963).

[495] "Bonnie e Clyde, Régio e o regicídio", *Jornal do Fundão*, 10-III-1968.

conheci o dito Saraiva na visita que lhe fez no Lumiar… Bem sabia eu que, depois de na revista *Rumo*[496] e no *Diário de Notícias*[497] lhe ter chamado génio, ele já fora desagradável para si no *Diário de Lisboa*. Mas não supunha capaz de uma reviravolta tamanha, que só merece um nome: falta de carácter.

– Abraça-o o seu dedicado

Luís Amaro.

*

20 – 3 – 68.
Meu querido Amigo:

Tenho estranhado que não me devolva as últimas folhas, com dedicatórias, das *Histórias de Mulheres* e o livro que foi para fazer favor de assinar (e que nos reclamam do Porto). Bem sei que não gosta muito de conceder autógrafos a desconhecidos, mas, excepcionalmente, peço-lhe que devolva o exemplar ao menos assinado; porque se disséssemos ao "tal sujeito" que o meu Amigo não autografava o exemplar, o homem ficava a odiar-nos. E não vale a pena, por tão pouco. Claro que isto não é "obrigá-lo" a assinar o livro (como o poderia ser? O meu Amigo pode, felizmente, libertar-se de toda e qualquer tirania; eu é que, infelizmente, tenho sido toda a vida vítima dos tiranos…).

O Sousa Lobo perguntou-me, há pouco, ao telefone, se não tinha ainda o exemplar para ele, pois queria fazer uma notícia no *Diário Popular* (como fez dos *Três Ensaios sobre Arte*)[498]. Peço-lhe também o favor de não esquecer o Serafim Ferreira (que, repito, foi o organizador da simpática página do *Jornal de Notícias* – a única comemoração dos seus 40 anos de vida literária… Já que o F. de C.[499] parece ter o exclusivo das comemorações).

Por hoje, apenas o abraço amigo e sempre grato do seu dedicado

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
22/3/68

Meu querido Amigo:

Tem razão, desculpe! Mas no mesmo dia em que recebi a sua carta, lhe enviei de manhã uma boa parte de oitavos com dedicatórias. Deve tê-los

---

496 Recensão de *Filho do Homem*, *Rumo*, ano V, n.º 54, Agosto de 1961: 164-168.

497 6-IV-1961.

498 Não assinada, saiu em 11-IV-1968.

499 Ferreira de Castro.

recebido. A minha vida tem andado muito ocupada! Além do mais tive de ir a Portalegre, e depois ainda surgiram "negociações" para representação de *Jacob e o Anjo* pela Companhia do Augusto de Figueiredo. Etc. De aí a demora. Restam-me ainda alguns oitavos, que não sei se lhe devolverei intactos, se preencherei com outras dedicatórias. Como poderá ver, cortei alguns nomes na sua lista, e acrescentei outros. Em especial: Ao Arnaldo Saraiva, não mando livros. Ainda agora ele publicou no *Jornal do Fundão* um artigo em que quase me insulta. Ao Sousa Lobo, por certas razões particulares, também já não; mas a Casa não poderá enviar as *Histórias* como oferta da Casa? O Domingos Monteiro..., que espera ele? Nunca me ofereceu exemplares das suas obras. Devo ser eu *o primeiro* a tomar a iniciativa? Etc.

Quanto ao exemplar das *Encruzilhadas* que veio para eu autografar, tem havido descuido meu devido ao muito trabalho. Amanhã lho devolverei, que já não há tempo hoje para registos. Nada me custa *autografar* (isto é: escrever o meu nome) exemplares de clientes ou amigos da Casa. Aliás dou autógrafos a todas as pessoas que se me dirigem a pedir-mos. Simplesmente, quando tenho de devolver volumes pelo correio, demoro às vezes um bocadinho... Tudo sempre resultado do mesmo! Os pretendentes a autógrafos têm de ter um pouco de paciência em tal caso. Quanto ao que pròpriamente se chama *dedicatórias*, claro que as não faço a desconhecidos! (Abro excepção única para os que trabalham na Portugália.) Acho que é uma falta de senso e de gosto pedir alguém a um escritor que lhe faça uma *dedicatória*, alguém que o mesmo escritor nem conhece.

Estou terminando a revisão de *A Salvação do Mundo*, que lhe enviarei dentro de poucos dias. Assim, limitar-me-ei depois a ver as gralhas nas provas. Tudo ficará simplificado, e o livro poderá aprontar-se depressa.

Outra coisa: Precisava de receber 6 exemplares de cada volume saído nas minhas Obras Completas. Claro que é para eu pagar, – mas agradeceria que essa importância fosse descontada nos primeiros direitos autorais que eu tenha a meu favor: Os de *A Salvação do Mundo*, por exemplo. Poderá ser? Também gostava que me enviasse alguns exemplares de todos os envelopes-reclames em que vem a minha "figura" – para mandar ou dar a meus irmãos e sobrinhos como recordação: Não para serem utilizados, claro.

E pronto! Não me terá esquecido nada? Tem seguido o banzé que tem provocado, n'*A Capital*[500], o meu artigo sobre *Bonnie e Clyde*? Responderei a todos em geral, num próximo número do jornal. Abraço do seu amigo

José Régio

---

[500] *A Capital*, 21-II-1968.

*

30 – 3 – 68.
Meu querido Amigo:

Recebi ontem a sua carta, e fico aguardando o original emendado de *A Salvação do Mundo*. Já sabia que o Augusto de Figueiredo está a preparar a representação do *Jacob e o Anjo*; pena foi ter começado a época com a *Paulina Vestida de Azul*, pois o meu Amigo alinhará assim com o Paço d'Arcos – excomungada figura das nossas letras e tretas. Nada pior, para queimar um escritor (ou nada melhor para prestigiá-lo em certos meios, que hoje quase atingem a unanimidade), do que a política. Até o Pascoaes, há vinte anos, beneficiou disso: dantes, ignoravam-no; desde que deu certa entrevista ou manifestou certa opinião, passou a ser considerado e querido. Creio que o próprio Dantas, se não tivesse assumido atitudes políticas (principalmente de subserviência e conformismo), seria melhor tratado, até depois de morto. Tudo coisas, afinal, bem humanas – pois parece que o homem é um animal político… E hoje, talvez, mais do que nunca – nesta hora decisiva.

Eu, às voltas com os meus problemas (a que não atribuo significação social de maior), ainda não fiz a minha opção, embora possa ter as minhas simpatias pelos que sinceramente lutam por um mundo melhor e mais justo. A miséria revolta-me e confrange-me. Mas o pior é que, como o meu Amigo, não acredito no Homem – e cada indivíduo que conheço acaba, regra geral, por ser para mim uma desilusão, seja ou não comunista. Vivo de perplexidades...

– Seguem os envelopes que pediu. 6 de cada, chega? Vão seguir os livros, pelo armazém.

Obrigado pelo exemplar autografado, que já seguiu para o Porto.

Lembro-lhe a dedicatória, nos oitavos que ainda tenha, para o Armando Ventura Ferreira, que faz agora crítica na *Capital* e que ùltimamente lhe fez grandes referências numa entrevista ao *Diário Popular*. Fui, há vinte e tal anos, amigo do Armando – mas desconfianças que surgiram fizeram que deixasse de lhe falar, há muitos anos também. A minha vontade maior, actualmente, era fazer o mesmo (cortar relações, cerce) com uma numerosa família; mas infelizmente não posso fazê-lo – e por isso sofro humilhações constantes. Como vê, a minha vida continua a ser um pequeno inferno.

Desculpe este despropositado desabafo ao seu Amigo que o abraça e é, sempre dedicado, o

Luís Amaro.

*

3 – 4 – 68

Com o melhor abraço do Luís Amaro, que recebeu ontem o volume emendado da *Salvação do Mundo*. Obrigado.

*

Vila do Conde
18/4/68

Meu querido Amigo:

Aqui lhe envio ainda dois oitavos dedicados: Ao Augusto Abelaira e ao Armando Ventura Ferreira. Como já vão tarde, muito conviria que os volumes fossem enviados o mais cedo possível. Desculpe, e obrigado!

Fico ainda com dois oitavos "vagos" em meu poder. Pode ainda lembrar-me qualquer nome. No caso de me não serem necessários, devolver-lhos-ei, pois representam exemplares do livro. Suponho que todos os exemplares com dedicatórias já foram mandados aos respectivos donos.

Obrigado pelo *Diário Popular*[501] em que vinha nota sobre as *Histórias de Mulheres*, e pelos volumes, que recebi, de livros meus que eu pedira.

E *A Salvação do Mundo*? Como parece que vai ser representado o *Jacob e o Anjo* (em Maio) seria agora boa ocasião de aparecer. Conviria seguir o meu livro inédito de poemas?

Até que lhe escreva com mais vagar, abraço do amigo

Régio

*

Queluz, 26 de Maio [1968].
Meu querido Amigo:

Tive muita pena, repito, do que se passou, e de não ter estado consigo mais tempo. No Teatro evitei imiscuir-me no seu convívio (que paradas de snobismo intelectual são sempre estas ante-estreias!), para que não me julgassem um desses chatos que implacàvelmente perseguem as pessoas ilustres… E no entanto desejaria bem ter estado na sua companhia e na do bom e simples Guanilho. Mas tinha – além do primeiro motivo – a minha mulher comigo (e, ainda para não o maçar, não proporcionei que ela o cumprimentasse e felicitasse…; desculpe).

O Orlando Vitorino tratou muito tarde do projecto de edição de um *Teorema* a si consagrado; é certo que falara há tempos ao Sr. A. F., que,

[501] 11-IV-1968.

em branco como sempre, lhe disse que veria a coisa com "os seus rapazes". O Orlando, supondo que eu era um dos "seus rapazes" – que afinal se limita a um, o sucessor do Cruz, e inevitàvelmente portuense –, e conhecendo-me há 20 anos, procurou-me na Portugália, não querendo maçar o Sr. Fernandes; e eu, ingènuamente, aceitei a incumbência de lhe expor a sua pretensão – tendo o cuidado, para evitar confusões e trapalhadas, de fazer à máquina um resumo do que o Vitorino pretendia e que se cifrava, afinal, no subsídio da edição do caderno, mas com a defesa da venda que decerto ele teria, no teatro ou nas livrarias. A proposta, numa altura em que estavam atrapalhados com folhetos e cartazes para a Feira do Livro que abriria dentro de dias, e para mais não se tratando pròpriamente de uma edição da Portugália, e ainda por cima com nomes de colaboradores, como Álvaro Ribeiro, que muita gente nem sequer pode ouvir – foi ouvida com uma antipatia que, pobre de mim, eu não poderia evitar: e o pobre do Sr. A. F., pau-mandado de todos os ditadorzinhos que lhe aparecem, ficou imediatamente sugestionado, ainda que fizesse uma vaga tentativa para encontrar outra solução ao assunto. Claro: não houve nessa recusa uma atitude de negação perante o seu nome – como poderia havê-la??? Creio que principalmente o que o motivou foram os nomes de alguns colaboradores, à cabeça dos quais Álvaro Ribeiro, os quais se entendeu que poderiam ser até uma contrapropaganda à sua Obra, por demais alistados numa facção política que, na verdade, a muito poucos é simpática. Dizer, eu próprio, que acredito na sinceridade profunda da atitude espiritualista de A. R. e outros, seria mentir; mas acreditarei também na sinceridade do *humanismo* dos que tanto falam em humanidade, nos deserdados, etc.? É tudo para mim muito confuso; e o mais verdadeiro será dizer que não acredito nem nuns nem noutros…, ainda que também me doa uma absoluta descrença no Homem, afinal susceptível de todas as misérias mas também de todas as grandezas. Voltando atrás: no espiritualismo de um José Marinho ainda acredito[502]; mas no dum homem que, em entrevista recente ao *D.º de N.as*, alude aos seus "superiores burocráticos" e que ontem pertenceu a um movimento de unidade democrática e hoje se mostra tão servilmente conformista…

Resumindo: houve também, nisto tudo, uma falta grave: a de se lhe não ter dado conhecimento do assunto. Mas competir-me-ia a mim essa iniciativa? E não seria "fazer ondas" tomá-la eu próprio, particularmente, quando só o O. V. estava em causa e a responsabilidade da recusa não era minha? Era meter-me num assunto delicado, cuja solução pertencia exclusivamente à direcção da casa.

---

[502] Citado nas *Páginas do Diário Íntimo* desde 1924, há nota de sérias «desinteligências» entre ambos, sobretudo, em 1937. Ver ed. cit., 2000: 52 ss.

Enfim: depois de se inteirar, junto do meu Amigo, que afinal o *Teorema* teria sido para si uma iniciativa simpática e oportuna, o Sr. A. F. chamou lá o Orlando Vitorino e, ontem mesmo, parece que ficou assente fazer-se a edição do caderno. Mas que o Sr. A. F. me contasse, pròpriamente, o resultado da conversa com o Vitorino – não. Aguardo, portanto, os acontecimentos…

Fez-me sofrer esta pequena história, que eu aliás já previa ou intuía que iria desgostá-lo. Tive o cuidado, quando expus a pretensão do Orlando, de salientar que nenhuma relutância lhe mereciam a si os colaboradores do dito caderno – mas não consegui ser convincente. Só agora o Sr. A. F. está disposto a realizar esta pequena homenagem, depois de saber de certeza que ela é grata ao meu Amigo. Enfim – há atenuantes no caso; só o que é lamentável, para mim, é que ele me tivesse insinuado, conjuntamente com os outros pretextos, que o O. V. tratara do assunto "como quem dá o recado a um criado"… Mais uma humilhaçãozinha para a minha colecção, a que não repliquei para não exacerbar mais um espírito algo desorientado… e injusto. Tenho que ter toneladas de paciência para suportar a vida, querido Amigo!

Ontem à noite, na Feira, realizou-se a segunda sessão do ciclo de palestras culturais sobre alguns escritores da casa – uma iniciativazinha que me pertence e que me deu um trabalhão a realizar, juntamente com alguns desgostos. Tudo foi como que improvisado, desta primeira vez. Se se repetir, a coisa terá, fatalmente, uma organização mais meditada. Não faltará, da próxima vez, o nome de Irene Lisboa.

A sua sessão, realizada no pequeno recinto do pavilhão do grémio, com muitas dezenas lá fora a assistirem, foi mais propagada que a primeira e teve uma assistência tão numerosa quanto o espaço o permitia. Lá vi alguns escritores – poucos, porque grande parte deles vão passar o fim-de-semana fora de Lisboa –, mas foram os jovens que marcaram presença. Alguns nomes de camaradas seus que lá vi: Castelo B. Chaves (que já fora à sessão anterior), Alice Gomes, Cristovam Pavia, Prista Monteiro. A M.ª Aliete foi, como sempre, inteligente e lúcida, mas um tanto difusa (mais para se ler do que para ouvir): vai publicar na pág. do *D.º de N.as*. O Rebelo, muito mais directo e claro, não hesitou em colocá-lo, como dramaturgo, a par de um Garrett e de outros maiores: homem corajoso, numa hora em que é de bom tom negar a sua grandeza! (Até a noticiazinha da *Capital*[503], creio que feita por uma senhora que lá estava e não conheço, é esquisita. O título da poesia talvez não fosse intencionalmente truncado, mas não há dúvida que o lapso irritou-me – vagamente, pois não é bom

503 "Livros na Avenida", não assinado, *A Capital*, 26-V-1968.

dar importância a mesquinhas coisas.) Gostei de ouvir o rapaz, Morais e Castro[504], dizer a "Reportagem": fê-lo com o tom indignado e vibrante que a poesia requeria.

– Por hoje, basta. Breve terá provas da *Salvação*. Vou ver se publico no suplemento do *D.º de Lx.ª* o texto do Rebelo.

– Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – Vou ver se lhe mandam uma 1.ª parte da liquidação de *A Salvação*. Talvez seja eu a colaborar consigo, em casa, na revisão das provas.

– O Cristovam Pavia ofereceu-me uma prova da gravura do seu retrato feito pelo tio[505].

Li a entrevista que deu ao *Século*: tinha visto o recorte sobre a mesa do Sr. A. F., que se não dignou ou se não lembrou mostrar-mo, apesar de saber o gosto que isso me daria… Também li a crítica ao *Jacob*, no *D.º de Lx.ª*, feita pelo José Carlos de Vasconcelos[506].

*

[Junho de 1968[507]]

Meu querido Amigo:

Foi uma bela noite de Teatro, a de ontem! O *Jacob e o Anjo* mantém toda a extraordinária beleza da primeira hora. Agradeço-lhe o grande prazer que me proporcionou!

E renovo o meu pedido de ontem: que apareça cá, por grandíssimo favor! Cá lhe explicaremos tudo, como deve ser. Claro: neste caso, como em tantos, mais uma vez a minha boa-fé e ingenuidade foi iludida... Devia ter encaminhado logo o Orlando Vitorino para o Sr. Ag. Fernandes – embora o primeiro achasse que era desnecessário incomodá-lo: caí na armadilha... – Cá o espera *ansiosamente* o seu mtº dedicado (e satisfeito pelo êxito do *Jacob*!) que é o

Luís Amaro.

---

504 Actor, 1939-2009.

505 O médico Adolfo João Lahmeyer Bugalho, irmão de Francisco Bugalho.

506 "«Jacob e o Anjo», de José Régio pela Companhia de Teatro Popular", 23-V--1968.

507 A Companhia Popular de Teatro, dirigida por Augusto de Figueiredo, representou *Jacob e o Anjo* na Estufa Fria entre 1 e 10 de Junho. Esta carta será, pois, de 2, se Régio e amigos estiveram na estreia. Dentro do programa cultural do município de Lisboa, os bilhetes eram gratuitos. Ver *Diário de Lisboa*, 1-VI-1968: 5. N'*A Capital* de 5-VI, Régio escreve sobre a representação.

*

5 – VI – 68.
Meu querido Amigo:

Espero que tivesse recebido a minha carta de há dias e que não esteja zangado comigo. O Orlando Vitorino ainda não apareceu com os originais do Caderno; é um homem das Arábias.

Recebi do Cristovam Pavia, com quem estive na Feira do Livro ao fim de longos anos de ausência, o postal que junto: *gostei* de que ele tivesse *gostado* assim do *Jacob e o Anjo*. É uma alma excepcional, tão diferente dos empedernidos jovens de hoje, adeptos da violência (em que vêem uma alta Poesia, segundo parece…).

– Um pedido: poderá enviar-nos, com urgência, um retrato seu, pois o que tínhamos já está demasiado *visto*? Fazia-nos muita falta, para uns expositores que estamos a fazer.

– Receberá em breve provas da *Salvação*. Espero que o artigo do Rebello venha amanhã no *Diário de Lisboa*, e verá como ele lhe faz justiça.

Sempre muito à pressa, e pedindo-lhe o grande favor das suas notícias, creia-me, com um sincero abraço, o seu muito dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – O postal pode ficar em seu poder. Devo dizer-lhe [que] o Cristovam Pavia viu também renovadas vezes o belíssimo filme da sua casa, no Estúdio 444[508].

*

6 – VI – 68.
Meu querido Amigo:

Envio-lhe hoje o *Diário de Notícias* com o artigo da Maria Aliete Galhoz – que afinal é, lida (também eu ouço mal: do *Jacob* não apreendi a maior parte, embora o esforço emocional do Augusto Figueiredo me tivesse impressionado: ele viveu intensamente, na verdade, a figura do Rei!), uma bela e inteligente página crítica. E espero mandar-lhe logo o artigo do Rebelo, que o Cardoso Pires deve publicar no seu suplemento bastante melhor que o anterior mas algo yé-yé. Sinto-me satisfeito por ter

[508] "Estúdio 444", na Av. Defensores de Chaves, 83A e B, inaugurado em 26-IV-1966. A lotação para 444 espectadores inspirou o nome do cinema, encerrado em 9-I-1988. Aí passou a curta-metragem de Manoel de Oliveira *As Pinturas de Meu Irmão Júlio*, 1965.

contribuído assim, modestamente embora, para a revisão crítica de uma Obra que tanto respeito me merece.

– Envie, por favor, o retrato que lhe pedi!

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – Do Orlando Vitorino, nada, vamos insistir.

2.º P. S. – Vamos remeter-lhe provas do seu Posfácio ao *Barão*, a reeditar brevemente nas Obras de B. da F.

– Devo receber hoje provas da *Salvação do Mundo*, que levarei para rever em casa e depois lhe mandarei.

– Gostei muito do seu "A propósito da representação do *Jacob e o Anjo*", ontem, na *Capital*.

– E… que mais tinha para lhe dizer e me parecia importante? Ah, já sei: não temos exemplares de *Os Avisos do Destino*. Haverá ainda algum *stock* em poder do editor vilacondense?

O Cristovam Pavia lamentou muito, em conversa comigo há dias, que o *Fado* estivesse esgotado há tanto tempo…

– Diga-me, por favor, como tem passado de saúde. A sua entrevista ao *Século* não era animadora a esse respeito.

Seu muito amigo Luís Amaro.

*

Vila do Conde
11/6/68

Meu querido Amigo:

Desculpe a esferográfica! Escrevo-lhe de um bar da Póvoa[509], em frente ao mar, onde pela manhã se trabalha muito bem. Aqui, impossível usar da "pena de pato"...

Tenho recebido as suas cartas, e as páginas de jornal que sempre me vai enviando. Obrigado por todo esse cuidado, e pelo empenho com que vai ajudando a saírem coisas referentes à minha obra. Já tenho o número do *Diário de Lisboa* com o artigo, tão afirmativo, do Luís-Francisco Rebelo[510]. A Maria Aliete Galhoz é mais *difícil*: Usa de uma linguagem que por vezes nos deixa duvidosos sobre o que em verdade quer dizer. Feminina, esquiva-se... Mas a sua boa vontade a meu respeito é evidente.

---

509 Diana-Bar.

510 "Duas palavras acerca do teatro de José Régio", no Suplemento Literário de 6-VI-1968. De facto, Luiz Francisco Rebello. Mantemos a transcrição de Régio.

Também já possuo a colecção do que até hoje se escreveu sobre a representação de *Jacob e o Anjo*. No fim de contas, essa representação não passou nada desapercebida, e nunca o meu nome andou tanto nos jornais. O aparecimento de *A Salvação do Mundo* teria agora grande oportunidade... e eu cá estou à espera de provas; cá fico à espera delas sempre que numa carta mas promete.

Quanto ao *Fado*: Sim, bem certo que já está esgotado há bastante tempo. Também, não sei claramente porquê, é o meu livro de versos menos conhecido. Muita gente me pergunta onde vem a "Toada de Portalegre", que o Villaret divulgou. Mas... que se há de fazer? Não podem sair todas as reedições ao mesmo tempo.

O livro de versos que mais me interessava agora fazer aparecer – é o que tenho inédito, e em que já lhe falei. É capaz de provocar um pequeno escândalo... ou choque... não sei: Suponho-o bastante inesperado.

Outros assuntos: Fico sempre um tanto embaraçado quando me pedem *novas* fotografias. Onde as tenho?! Muitas vezes me tiram retratos os repórters [*sic*] fotográficos, – mas os retratos não prestam. Vou ver se consigo qualquer coisa que lhe mande. Mas não se trata de descuido, sim de dificuldade.

De *Os Avisos do Destino*, não há cá *stock* nenhum. Tenho, eu, meia dúzia de exemplares, se tanto, para um ou outro amigo a quem mais me importe oferecê-los. É um livro também esgotado.

A propósito: Embora com largos intervalos, vou trabalhando, quando posso, no 6.º volume de *A Velha Casa*. Quanto à minha saúde, suponho não oferecer qualquer novidade grave. Preciso, talvez, de repousar mais... se me for possível. Passo horas ou dias bastante abatido, mas os nevoeiros e trovoadas latentes não me fazem esperar outra coisa.

Vou enviar o recibo dos cinco mil escudos que recebi à conta dos meus direitos de *A Salvação*.

Sem mais por hoje, um bom abraço do velho amigo

Régio

*

13 – Junho – 68.

Querido Poeta e Amigo:

Neste dia de Santo António – luminoso e tranquilo, quase *repousante* – envio-lhe, de Sintra, as melhores lembranças. Recebeu tudo que ùltimamente lhe mandei? Já tenho mais provas da *Salvação do Mundo*, que devem seguir segunda-feira.

O O. Vit. nada. Estará ainda a reunir os originais? De qualquer modo, o silêncio dele – e o seu… – faz-me sofrer. Tanto que eu desejaria, sem-

pre, servi-lo, retribuir-lhe (como se fosse possível!) a dívida espiritual que lhe devo.

– Amigo e admirador de sempre

Luís Amaro.

*

19 – VI – 68.

Meu querido Amigo:

Obrigado pelas suas notícias, que se cruzaram com um postal que lhe mandei de Sintra. Espero que tenha recebido provas de *A Salvação*; tenho já o resto comigo, e mandar-lhas-ei por estes dias.

Recebi ontem uma interessante carta de Maria Aliete Galhoz, que, por lhe fazer uma larga referência, não resisto à tentação de lhe mandar – indiscretamente talvez, mas no desejo de que as pessoas *se conheçam* verdadeiramente.

Desejando muito a sua boa saúde, sou com um abraço o seu muito dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Aguardo ansiosamente a fotografia, que faz muita falta aos nossos serviços.

P. S. – Recebi entretanto uma parte das provas. Obrigado. Lá vi algumas coisas – importantes, embora poucas – que passaram na minha 1.ª revisão. Farei, é claro, nova leitura das 2.as provas, que lhe enviarei também. A revisão de teatro não é fácil por causa das sucessivas rubricas; mas terei isso em atenção.

– Pedem-me dos serviços de expediente o recibo do 1.º pagamento dos seus direitos, que não chegou a devolver.

Perdoe esta péssima redacção vertiginosa ao seu grato Luís Amaro.

*

Vila do Conde
22/6/68

Meu querido Amigo:

Apenas duas linhas – vou escrever-lhe com mais vagar – para lhe dizer que recebi a sua carta, e as novas provas de *A Salvação do Mundo*. Das primeiras, espero as 2.as provas.

Enviei hoje ao Senhor Agostinho Fernandes o recibo referente aos cinco mil escudos que me foram enviados por conta de direitos autorais. Demorei-me um pouco, – tenho sempre a vida tão ocupada!

Quanto ao novo retrato que me pede, e com urgência: Compreendo o seu amigável empenho. Mas, meu Amigo, onde tenho eu retratos sempre diferentes para enviar a todos que, de vários lados, mos pedem?! Seria preciso possuir uma colecção sempre disponível! Tanto mais que nem todos servem para o efeito. Vou procurar… ou ver se algum amigo fotógrafo amador me pode valer… mas, desculpe, não posso servi-lo (e bem sei que, neste caso, servi-*lo* é servir-*me*) assim imediatamente.

Um abraço do velho amigo

José Régio

P. S. – Repito que breve responderei com mais vagar a outros pontos da sua carta. J. R.

*

25 – VI – 68.

Meu querido Amigo:

Muito obrigado pela sua carta de hoje. Vamos então à reedição, para antes das férias (em Agosto), de *A Salvação*!

A fotografia era para um expositor. Lembre-se, meu Amigo, que a um escritor quase profissional é indispensável um mínimo de publicidade. O Vergílio Ferreira, por exemplo, tem dezenas de fotografias! Sugiro-lhe um fotógrafo do Porto – *Aroso* – que me parece ser um fotógrafo de arte. Creio que a casa poderia pagar uns tantos retratos seus num bom fotógrafo. Nada de amadores! O retrato que acompanha o ensaio da M. Aliete Galhoz, no *D.º de Notícias*, era péssimo – e eu pedi à Natércia Freire (que se ia abespinhando comigo…) que não o tornasse a publicar.

– A propósito: a M. Aliete Galhoz pensa fazer um longo ensaio sobre a sua Obra, e falou-me na possibilidade de ser aqui publicado, ou então na Ed.al Presença, que lhe publicou o Sá-Carneiro[511] (é um livro do mesmo tamanho; – estou convencido, pelas amostras já publicadas, que não no mesmo estilo!). Sim, creio que ela poderá escrever sobre José Régio muito interessantes e belas coisas! (O Álvaro Ribeiro silenciou – porque seria? E do Orl. Vitorino – nada…)

Notável de incompreensão uma nota no último n.º da *Vida Mundial* sobre o *Jacob e o Anjo*. É de um rapaz Carlos Porto[512], da Liv.ª Divulgação: decerto mais um ressentido por causa do *Bonnie e Clyde*…

Recebeu o *António Nobre*[513]?

---

511 *Mário de Sá-Carneiro*, 1963.

512 Crítico de teatro (1930-2008).

513 De Guilherme de Castilho, Portugália, 1968.

Não me falte, por favor, com a sua amizade. O facto de não ter vindo cá, da última vez que esteve em Lisboa, entristeceu-me profundamente – e não só isso. Como sabê-lo desgostoso por causa do *Teorema* que não houve.

Estou ansioso por ler os seus novos poemas. E seria bom que pensasse na reunião em volume de novos ensaios e artigos dispersos. Há ainda muito Régio inédito! E o tempo voa…

– Abraço muito amigo do

Luís Amaro.

*

26.VI.68.

Meu querido Amigo:

Nesta manhã de quarta-feira, aqui estou de novo a escrever-lhe umas rápidas linhas, para gratamente informar que os *Poemas de Deus e do Diabo*, na edição das Obras Completas, se encontram esgotados – segundo me dizem do armazém. Haverá ainda exemplares consignados pelas livrarias, mas não existem em armazém. É o primeiro volume da série que se esgota, emboras das *Vidas São Vidas* não haja também muitos exemplares.

É esta uma pequena alegria para mim, num dia que, como os outros, se apresenta de baças perspectivas (tenho a alma anuviada, como sempre, apesar do sol lá fora…).

Espero que andemos (o meu Amigo e eu, seu ajudante na revisão) depressa com a *Salvação do Mundo*. Há muito que fazer este ano, com as Obras Completas de José Régio! Acho que seria boa altura de enviar (para o Sr. Agostinho Fernandes, diplomàticamente) o original do livro inédito de poemas. É que há depois também a reedição do *Fado*, etc.

Não esqueça, por favor, o retrato. Repito que, tratando-se de publicidade, a casa poderia pagar a despesa num bom fotógrafo, para o que faria favor de me enviar a factura respectiva.

Desculpe a insistência ao aliás seu pouco dinâmico Amigo, que o abraça e é o

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
28/6/68

Meu querido Amigo:

Na última carta que lhe escrevi dirigida para a Portugália, prometia escrever-lhe com mais vagar. Recebi hoje mesmo o seu novo cartão, em que

me dá a notícia (notícias sempre agradáveis para um autor!) de estarem esgotados os *Poemas de Deus e do Diabo*. Para a mesma Portugália lhe escreverei sobre os nossos assuntos "editoriais". Hoje, aqui vão para a sua residência estas linhas mais particulares.

Li, com vivo interesse, a carta da Maria Aliete Galhoz. Não lha devolvo agora, o que farei breve, porque a guardei e tenho de procurá-la. Agora não quero gastar mais tempo, ou ainda estas linhas ficarão adiadas.

Muito agradeço o seu empenho em que se esclareça uma situação quase repentinamente criada entre mim e essa Escritora, com quem tenho tido relações tão amistosas. A verdade é que a palestra que Ela fez, e depois publicou, a meu respeito, me chocou subtilmente por vários pormenores ou até uma posição fundamental... como direi? de *afastamento*. Só em conversa repousada e longa, que bem gostaria de poder ter agora consigo, poderia tentar explicar-me. Como quer que seja, a Maria Aliete Galhoz repete demasiadamente que é muito minha amiga – e na verdade me prestou preciosa assistência enquanto estive no Sanatório – quando se não trata de isso mas da sua visão da minha obra. Essa visão não me parece tão compreensiva (e certamente lhe falta um *calor* que eu tinha razões para esperar!) como Ela supõe. Claro que eu aceito que haja muita gente cuja sensibilidade repele a minha obra – como perfeitìssimamente aceito que se lhe veja as fraquezas ou os limites. Mas... não se trata agora de isso. Parece-me que os meus livros *se não abrem* a quem (independentemente de se lhes ver os limites) lhes não adira por uma simpatia inicial e profunda. Julgava eu... que tal simpatia, a Maria Aliete lhes dava. Julgava que ma prometera, porque a Maria Aliete *promete* muito. Já, porém, no primeiro e aliás admirável ensaio que Ela escreveu a meu respeito – sobre *Jogo da Cabra Cega* – senti um recuo que me fez pensar: "Ela não gosta do meu romance!"

Ignoro que conversas teve o meu Amigo com a Maria Aliete, para ela estar como que a justificar-se na carta que lhe escreveu. Não sei se Ela lhe disse que eu manifestara o meu descontentamento por certa ambiguidade que julguei ver na tal palestra publicada. A minha carta feriu-a, parece. A mim, não sei se com inteira razão, continua a parecer-me *esquiva*, quase dúbia, a sua posição crítica a meu respeito. Diz-me agora (já quatro vezes me escreveu sem eu ter conseguido responder-lhe) que vai tratar de *Jacob e o Anjo*, e depois até de toda a minha obra. Na verdade, nem sei se me agrada esse seu propósito. Não sei – "That is the question" – se Ela está particularmente indicada para ensinar aos outros a lerem os meus livros. Seja como Deus quiser. O meu Amigo, porém, não insista com Ela sobre tais propósitos. Que Ela fique livre.

A respeito das suas queixas de saúde, quereria dizer-lhe, meu Amigo, que a vontade também tem o seu papel em certos estados doentios. Por

experiência o sei. É preciso o meu Amigo reagir, *querer* andar melhor, *querer* afastar essas sombras que tantas vezes nos escurecem a vida... aos que como nós se inclinam a imaginações perturbadoras. O Luís Amaro ainda é muito novo para se deixar vencer! Um abraço do seu amigo

Régio

*

[29/30 – 6 –1968]

Junto prova do anúncio (gravura) que se vai publicar nos jornais.

As linhas *A sair* e a seguinte foram acrescentadas na prova tipográfica, e não veio mais nenhuma: tanto bastou para que borrassem a pintura... Mas, mesmo assim, é um bom anúncio.

Um abraço do Luís Amaro, que vai dedicar este fim-de-semana à *Salvação do Mundo*. Seguirão provas na segunda-feira.

*

2 – 7 – 68.
Meu querido Amigo:

Muito obrigado pela sua carta que ontem recebi em Queluz e a que responderei por estes dias. Por hoje, só esta maçada: Verifiquei, ao consultar um ex. da tiragem especial das *Histórias de Mulheres*, que a encadernação omitiu um quarto de folha não só nesse exemplar como em todos!: é no final, e foi ao querer verificar se estava numerado e tinha a sua assinatura que dei por isso. Um simples acaso, pois essa tiragem costuma ir da oficina directamente para o armazém e não passa aqui pela sede. De futuro, terá que passar, antes de ser enviada a alguém, para se controlar o trabalho da brochura. Agradeço-lhe, querido Amigo, que se dê à maçada de devolver o seu exemplar, para ser rectificado. Estão a pedir a recolha de todos os exs. enviados, para se proceder a idêntico arranjo.

– Seu grato Amigo que o abraça e é o

Luís Amaro.

*

5 de Julho – 68.
Meu querido Amigo:

Muito obrigado pelas suas notícias de há dias para Queluz! Não é hoje ainda que posso responder-lhe detidamente, pois estou na hora de trabalho. Parece-me haver na M.ª Al. Galhoz uma mulher excepcionalmente inteligente e de belos sentimentos, mas demasiado cautelosa… Ora a sua

Obra é das que exigem ou uma adesão apaixonada ou o repúdio puro e simples (claro que a primeira posição é a que se justifica, porque é uma Obra ímpar, que eu considero cada vez mais humana e mais bela!). Talvez tenha sido preciso sofrer muito para poder amar a sua Obra: talvez seja aos desgraçados – como eu – que ela mais diga, tal como a de um Raul Brandão. Não sei! Não sou crítico, nem sequer uma pessoa culta – e nunca mais do que hoje sinto esta limitação: tanto que gostaria de escrever a seu respeito, defendê-lo dos ataques maldosos dos imbecis… cultos!

– Recebemos hoje para si esta carta do Casais Monteiro. Peço-lhe que, no caso de ele lhe enviar algum recorte de artigo a seu respeito, faça o favor de mo emprestar – sim?

– Uma notícia melancólica: a saudável (excepcionalmente saudável) velhice do Sr. Ag. Fernandes parece estar agora no declínio… Foi vítima, há dois dias, de um começo de trombose, quando, às 8 horas da tarde, ainda se encontrava, como em quase todos os dias, à secretária, aqui na Portugália. Encontra-se internado na clínica de S. Luís (ao Bairro Alto) e tem melhorado muito. Fui vê-lo há pouco – e fiquei triste: apesar de extremamente lúcido, e com os habituais ditos de espírito, o nosso Amigo já não é o mesmo. Voltará a sê-lo, com 82 anos? Ele decerto estimaria uma palavra sua. Escreva-lhe, por favor, mas sem lhe falar em doença grave. Ele diz que sofre apenas de *esgotamento*… Poderia endereçar a carta para aqui.

Desculpe-me a pressa, e receba, querido Poeta, o bom abraço do

Luís Amaro.

P. S. – A carta que sugiro (embora estas coisas se não devam sugerir, bem sei!) teria, além do mais, a vantagem de desanuviar a consciência do nosso Amigo de um possível sentimento de culpa, por causa do tal *Teorema* de que afinal Orlando Vitorino não deu mais notícias, e seria uma preocupação a menos, num cérebro já tão sobrecarregado delas...

P. S. – A tipografia vai mandar, amanhã ou depois, mais provas paginadas de *A Salvação*, que reverei imediatamente, em casa.

– Conviria adiantarmos a revisão, pois o mês de Agosto é um mês morto: nas férias, de 20 dias, a casa estará fechada. E o livro deverá sair em Setembro! A propósito de férias: um amigo meu residente em Paris, o José Terra, convida-me insistentemente a ir até lá, tanto mais que, vindo na época de férias para Portugal, deixa a casa vaga, e tenho assim – eu e a minha Mulher – possibilidades de alojamento grátis. É possível que – e minha Mulher trabalha para isso – me decida a ir até lá, embora numa época morta em Paris. Mas quase que não acredito nesta aventura…

– Agradeço me devolva o exemplar das *Histórias de Mulheres* da tiragem especial. Parte dos outros já foram rectificados.

– Seu sempre grato e dedicado Luís Amaro.

*

Vila do Conde
5/7/68

Meu querido Amigo:

Recebi o seu cartão, as primeiras 2.as provas d'*A Salvação*, e vou reenviar para a Portugália o meu exemplar da edição especial das *Histórias de Mulheres*.

Entretanto, estas linhas de hoje para sua casa são pelo seguinte: Na última carta que lhe escrevi, mostrava-me desinteressado, creio, dos trabalhos da Maria Aliete Galhoz sobre a minha obra. (Não gosto de falar na "minha obra", é sempre um tanto pretensioso, mas que lhe hei de fazer?) Pois bem: mudei de posição, ou de sentir. Uma carta que Ela me escreveu fez-me reconsiderar, e pesar várias coisas talvez não devidamente pesadas antes. Agora lhe peço, pois, quase o contrário: que anime a nossa Amiga a levar por diante o seu artigo sobre *Jacob e o Anjo* (que até convinha aparecesse no jornal o mais cedo possível) e o seu livro a meu respeito.

Está um pouco admirado, não é verdade?, de esta minha inesperada mudança de opinião? Ainda se não trata, pròpriamente, de "mudança de opinião", (à Maria Aliete pertence fazer-me a tal mudança…) mas, como disse, de ter pesado *outras* coisas, coisas ainda não devidamente pesadas.

Também estou muito interessado no livro do Álvaro Ribeiro, como já o escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes. Um abraço e saudades do seu amigo

José Régio

*

Vila do Conde
9/7/68

Dia 19/7/68 – Veja lá, meu Amigo, como a minha vida anda às vezes atrapalhada! Escrevi-lhe esta carta há dez dias, e ficou esquecida, supondo eu que lha mandara. Aqui lha mando hoje, sem mesmo a registar, porque já não pode ser. *Diga-me se a recebeu!* Amanhã irão as provas em meu poder. Hoje recebi carta sua, e as *Histórias de Mulheres*.

Meu querido Amigo:

Enviei-lhe óntem, corrigidas, as primeiras cem páginas de 2.as provas d'*A Salvação do Mundo*, que deverá ter recebido. Lembrei-me, talvez um pouco tarde, de que esta reedição da obra deveria incluir uma informação

sobre a sua representação em 1956, por estudantes de Lisboa. Aqui lhe envio o que a esse respeito há-de sair. Deverá sair nas primeiras páginas do livro? E não irá isso, agora, perturbar a numeração das páginas? Em tal caso, não poderá sair no fim? *Ou não será, até, preferível que saia no fim*? Deixo isso ao critério dos orientadores da edição.

Também remeti ontem à Portugália uma carta dirigida ao Senhor Agostinho Fernandes, com o recibo referente aos segundos cinco mil escudos que me foram enviados. No mesmo envelope iam umas linhas particulares para o Senhor Agostinho Fernandes, – que peço com todo o empenho lhe sejam entregues onde ele se encontra.

Sem mais por agora, um abraço do amigo

José Régio

*

16 – VII – 68.
Meu querido Amigo:

Espero que tenha recebido as provas de *A Salvação do Mundo*, e, depois de o ter deixado uns dias em sossego a respeito de provas, permita-me que insista na urgência da sua revisão: daqui a dez dias começam as minhas férias (20 dias, desde o ano passado – depois de uma rude batalha com um homem "avançado" que achava bem continuarmos, ao fim de 25 anos de trabalho, com os míseros 15 dias de até 66). E gostaria de deixar o livro pronto para impressão definitiva, como compreenderá.

– Recebi hoje carta da nossa amiga Maria Aliete Galhoz, que só não lhe envio porque receio que isso fôsse deselegante. Mas transcrevo: "Sabe, fiquei a pensar com uma certa mágoa na observação que faz sobre a minha defesa de Almeida Faria[514]… e de o não ter feito para José Régio. É tão difícil explicar a razão de certas coisas." Mas eu sei: também o belo espírito da nossa Amiga não é insensível à sedução do *mais moderno*, e ela teve – até subconscientemente, a coisa não foi voluntária – medo de se não mostrar "à la page". Aliás, as reuniões efectuaram-se há um ano, e é natural que ela nessa altura (creio que antes de conhecê-lo: não quero pensar que, depois, pudesse ter a mesma atitude silenciosa) não sentisse como coisa *sua* a Obra de José Régio.

O preconceito do "moderno"… onde poderá levar-nos? Até a renegar os autores que educaram a nossa sensibilidade, que nos abriram os olhos da alma – ainda que não nos fizessem mais felizes.

Mais adiante, diz Maria Aliete: "Estou grata a José Régio pela rudeza das verdades que me disse. O desânimo não passou mas o que faça apesar

[514] A Portugália editara, de A. Faria, *Rumor Branco* (1962; 2.ª ed., revista, 1970), com pref. de Vergílio Ferreira, e *A Paixão* (1965).

do desânimo terá melhores raízes. Digo-lhe com toda a sinceridade que depois do meu avô e de Manuel Bandeira foi a pessoa *maior* que encontrei em certo plano que não lhe sei explicar porque é muito inteiro e talvez diferente. Não se trata de pessoas perfeitas, isso eu sei, mas como que inteiras e maiores." Oxalá a nossa Amiga saiba compreender – ela que é bem mais inteligente do que eu – que é por amor a essa inteireza que o meu Amigo escreve artigos como o do *Bonnie e Clyde*, livros como o *António Botto e o Amor*, artigos como este recente sobre Camilo, poemas como a "Reportagem"… e que é pela mesma razão que não adula os novos (o meu Amigo que, eu sei, ama a juventude).

A Maria Aliete agradece-me livros e recortes que lhe mandei para se documentar (e infelizmente, quanto a recortes, não tenho muita coisa). E fala-me do cansaço em que a trazem os exames. Oxalá ela publique muito breve o artigo sobre o *Jacob e o Anjo*, que gostaria de ler antes de ir para férias (digo-lhe isto numa carta que há pouco lhe escrevi, nesta mesma máquina agora adquirida para minha casa, e que é um tanto decepcionante, como quase tudo que compro…).

– O Sr. Agostinho Fernandes continua a melhorar, e já está há dias na casa do Estoril. Mas, segundo parece, um bocado desmoralizado com a reclusão familiar – ele que até agora nunca estivera doente em casa, e que é homem habituado a outras esferas não domésticas. E no entanto a casa que tem no Estoril é um autêntico pequeno museu, onde não poderia faltar uma biblioteca magnífica! Vem a Lisboa na quinta-feira, e creio que nesse dia nos comunicará o conteúdo da sua carta.

– Vou devolver-lhe amanhã, já arranjado, o seu exemplar da tir. especial das *Histórias de Mulheres*.

– Quando nos envia o original de *O Tal de Espada na Mão* (título pouco audível, parece, pois tenho de o repetir várias vezes às pessoas a quem o comunico)?

Em que trabalha agora – no 6.º vol. da *Velha Casa*? Para quando uma nova selecção dos seus ensaios, e mais tarde uma colectânea dos artigos, tal como fizeram no Brasil com as crónicas de Manuel Bandeira?

Com estas interrogações "me cerro", por hoje.

Abraça-o, com votos da melhor saúde, o seu muito dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Viu a nota do Urbano na *Seara*?[515] Não receou escrever "do amor" que lhe merece o *Jacob e o Anjo*. Ainda que (maldita política) seja de certo modo injusto com o Figueiredo e o Orlando Vitorino.

---

515 "Quando o espectáculo fica aquém do texto… («Jacob e o Anjo» na Estufa Fria)", *Seara Nova*, n.º 1473, Julho de 1968: 247.

*

22 – VII – 68.
Meu querido Poeta e Amigo:

Obrigado pela sua breve carta de hoje, com a nota sobre a representação de *A S. do M.*[516] (a que assisti, e o Jorge de Sena também…). Mandar-lhe-ei ainda a prova.

Recebi também, no correio da tarde, a última parte das provas.

Quanto ao original do Livro de Poemas, que tanto gostaria de conhecer, naturalmente não virá antes das férias (as minhas começam em 27 do corrente; regressarei, também, mais cedo que os outros).

Envio-lhe um recorte do Guedes de Amorim, hoje recebido.

A M. A. Galhoz deve estar ultimando o artigo sobre o *Jacob*. Pedi ao Salema uma notícia dos próximos livros nas Obr. Completas, mas esqueci-me de mencionar o volume inédito de poesia. O meu intento era aliás anunciar a próxima 7.ª edição dos *Poemas de D. e do D*., ainda que não seja a venda o que mais se me impõe num escritor, como é óbvio. Em todo caso, seis edições de um Poeta vivo já dizem alguma coisa da audiência que esse Poeta possa ter!

– O Sr. Ag. Fernandes veio cá há dias, e voltou hoje (saiu para ir ao Café). Não é o mesmo homem, quanto ao físico. Mas o espírito continua vivo, lúcido. Não falámos ainda em assuntos da Editora. Por isso não veio à baila a carta que o meu Amigo lhe escreveu e lhe foi entregue. Perguntar-lhe-ei, em momento oportuno, se a recebeu.

Que me diz deste calor? Não volte a Portalegre nesta altura, pois parece que lá é pior ainda…

Infeliz a resposta do Alb. Ferreira – que fugiu a demonstrar o que tinha escrito sobre Camilo.

– Abraça-o o seu muito dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
27/7/68

Querido Amigo:

Tenho recebido as suas cartas; e ainda ontem a página de jornal consagrada ao José Gomes Ferreira… em que havia uma alusão de Eduardo Lourenço ao meu nome. Obrigado por tudo. Bastante haveríamos de conversar, se mais ou menos não andasse eu com a vida sempre atrapalhada, e

[516] *A Salvação do Mundo*.

se tão pouco não dissesse sempre uma carta. De mais a mais, uma carta precipitada como estas que vamos escrevendo… Queixa-se e desculpa-se o meu Amigo de quase sempre me escrever à pressa! Que autoridade teria eu para o estranhar, se ainda mais à pressa lhe escrevo eu?!

Mas não divaguemos, já que assim tem de ser, e vamos aos dois ou três assuntos em que queria tocar-lhe.

Antes de mais nada, eu queria animá-lo (e veja lá que me tem esquecido!) a realizar aquele projecto, em que me falara, da sua ida a Paris. Creio que lhe faria bem mudar de ambiente, distrair-se das usuais preocupações, ver coisas belas, além de dar um merecido gosto a sua Mulher. Demais com as vantagens que se lhe ofereciam! que se lhe oferecem! Não hesite! ou desistiu desse bom sonho, que tão fàcilmente pode transformar em realidade? Diga-me qualquer coisa a tal respeito; bem como do começo das suas férias, e de para onde posso escrever-lhe.

Sobre o meu livro de versos, que já não terá o título que primeiro lhe dera: Bem quereria, para satisfazer a sua amistosa curiosidade, mandar-lhe desde já o original. Porém esse original ainda está no ponto das escritas e re-escritas, das correcções e das cópias postas de lado… Posso aprontá-lo, é certo, desde que seja necessário o seu envio para a Editorial, pois muito estimaria fazê-lo aparecer no começo da próxima temporada. Não havendo esse poderoso acicate, vou adiando a cópia definitiva. Os que me supõem pouco trabalhador da forma (quanta leviandade se escreve hoje!) nem sonham como eu trabalho a maior parte dos meus versos e prosas! Coitados, que nem são capazes de adivinharem esse trabalho quando me lêem! Desde que eu saiba o seu paradeiro durante férias, enviar-lhe-ei cópias dum ou outro poema, para o entreter. Verá que são poemas bastante *inesperados*, isto é: diferentes, em geral, dos meus já conhecidos, – mas que, pelo menos, me não falta ainda o fôlego. Devem ter-se gerado naqueles meses penosos que passei, embora só escritos depois como quase sempre sucede: Quando se *vive*, não *se exprime*.

A Maria Aliete escreveu-me há dias, fazendo-me perguntas sobre *Jacob e o Anjo*. Eu convidara-a a fazê-las quando quisesse. Lá anda trabalhando; e creio bem que, de qualquer modo, o que fizer terá verdadeiro interesse. Mas é uma Mulher difícil de entender, com uma sinceridade complicada por não sei que atitudes, com surpreendentes falhas de sensibilidade e não menos surpreendentes hesitações apesar da sua Sensibilidade e da sua Inteligência. Julga Ela que me conhece! Não me conhece; mas eu também a não conheço a Ela, que ao mesmo tempo me provoca grande estima e uma espécie de subtil desgosto. Como é difícil conhecer verdadeiramente alguém!

Sobre os trabalhos de *A Salvação do Mundo* lhe peço me diga o que houver a dizer, já que o meu Amigo está sempre em *trabalhos* por causa dos meus livros.

E pouco mais por hoje; e vamos lá que já consegui não lhe escrever hoje tão à pressa!

A carta que dirigi ao Senhor Agostinho Fernandes era breve, e nada dizia de importante quanto a coisas da Editorial. Vou enviar-lhe mais umas palavras amistosas, porque muito sinceramente desejo as suas melhoras tanto quanto possível completas.

Sobre o livro do Álvaro Ribeiro não houve mais nada, não? Parece que esse livro está embruxado! Quanto aos *Cadernos* do Orlando Vitorino, passada a ocasião, suponho que ele os pôs de parte…

E adeus, meu Amigo, ou antes "até à vista". Um abraço do seu

José Régio

P. S. – Consegui um retrato que não julgo mau – reprodução de um exemplar único – e que lhe vou enviar. J. R.

*

Queluz, 29 de Julho 68.

Meu querido Amigo:

Acabo de receber, neste primeiro dia de férias, a sua carta, que muito lhe agradeço.

Supunha ter-lhe dito que começaria hoje as férias, mas naturalmente não disse.

Sim, o passeio sempre se realiza: hoje mesmo, às 2,40, metemo-nos no *Sud* que nos levará… a Pasárgada. Sinto um certo nervosismo, como sempre quando mudo de ambiente – e então para uma terra tão longe e sabendo do francês umas vagas coisas sem utilidade prática...

O meu endereço será:

Chez Monsieur Da Silva

3 bis rue des Lilas 93

Montreuil – França.

Sinto-me cansado, e sinceramente talvez gostasse mais de repousar numa tranquila aldeia do Minho, por exemplo… Mas a oportunidade que se nos oferece é única, realmente, e há que aproveitá-la, embora, assim mesmo, as minhas magras economias fiquem reduzidas a quase nada.

– O Sr. Agostinho Fernandes já tem voltado à Portugália, porém muito abatido. Perguntei-lhe há dias se tinha recebido uma carta sua com o recibo da 2.ª entrega, e ele respondeu-me ter dado o recibo no caixa, mas parece-me que não. Se calhar temos de fazer novo recibo, pois ele deve tê-lo extraviado… Também não falou no livro do A. Ribeiro (sobre que o meu Amigo deve ter-lhe dado uma resposta). Depois de férias, em princípios de Setembro, arrumaremos o assunto – e entretanto será bom enviar a

A. R. umas palavras, não vá ele supor que nos desinteressámos, todos, do livro que propôs.

Da *Salvação* vi ontem de tarde as últimas provas, e as duas páginas da notícia da representação. Vi tudo com o maior cuidado, é natural que não tenha escapado nada.

Na minha ausência, devem mandar-lhe para Vila do Conde a última folha da tiragem especial, para fazer favor de assinar. E creio que, independentemente do seu livro inédito, estão com vontade de compor já o *Fado* – a que, suponho, o meu Amigo deseja acrescentar o "Fado Alentejano", muito belo.

Escusado é dizer que receberei com alegria quaisquer notícias que queira enviar-me (oh, poemas seus inéditos!). Devo sentir mais aguda a minha solidão; ou sentir-me-ei absorvido pela cidade tentacular?

Quanto gostaria que o meu Amigo fizesse esta viagem!

A Maria Aliete vai para férias depois de amanhã, quarta-feira. Endereço: Boliqueime (a aldeia dela – Algarve). É, realmente, como diz, de uma simplicidade complicada e difícil: mas creio que poderá escrever belas coisas. Estou com a maior curiosidade em ler o ensaio sobre o *Jacob e o Anjo*.

– Meu querido Amigo, agradeço-lhe que, no próprio dia da minha abalada, me tivesse escrito. Fez-me bem receber há pouco a sua carta.

Deseja-lhe a melhor saúde e abraça-o o seu já *velho*

Luís Amaro.

P. S. – Estive há dias com o Cristovam Pavia e fiquei com a penosa sensação de que este excelente rapaz poderá caminhar para a loucura – tão violentos eram os murros que dava em si próprio. Mas, na conversação, lúcido – e tão seu amigo! Não se cansa de reler a sua Obra.

*

1 de Agosto 68.

Meu querido Amigo:

Escrevi-lhe, no dia em que parti, uma carta um tanto desordenada e com repetições. Contando com a sua benevolência, deixei-a seguir mesmo assim.

– Daqui, desta cidade-luz mas não muito luminosa, lhe envio o meu abraço amigo. Escrevo-lhe do Jardin des Tuileries, perto do Louvre, que só vi ainda por fora. Ontem fui ao Arco do Triunfo e Champs-Élysées. E é por ora o que conheço pròpriamente da alma de Paris (Montreux [*sic*; Montreuil], onde moro, situa-se nos arredores). Mas hei-de aproveitar bem o tempo, sem prejuízo do mais indispensável repouso.

– Sim, Paris é maravilhosa. Espero que esta viagem me traga uma nova visão do mundo!

– A minha Mulher envia-lhe saudades afectuosas. Seu grato e sempre dedicado

Luís Amaro.

*

8 de Agosto 68.
Meu querido Amigo:

Há aqui igrejas de sonho, esta é verdadeiramente a capital da Poesia. Ontem visitei a Notre-Dame do Sá-Carneiro, e lembrei-me, durante a visita, de quanto o meu Amigo gostaria e amaria estes lugares sagrados pela religião e pela Arte.

– Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

*

21 – VIII – 68.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas, para lhe dizer que já cá estou… Cheguei na quinta-feira (faz amanhã uma semana) e vim encontrar um calor entorpecente, de que já estava desabituado (em compensação, o sol é, lá, escasso e as noites sem estrelas. Mas os entardeceres são incomparáveis, apesar de Anto dizer mal deles). Vim com saudades, e a pena de não ter chegado a ver tudo! Mas vi igrejas, jardins, monumentos maravilhosos. Fiquei a amar a França, e a sofrer porque, sabendo imperfeitamente o francês, não me posso integrar na sua cultura como tanto desejaria. Mas vou aplicar-me a fundo a essa aprendizagem (se tiver paciência, que foi o que sempre me faltou para aprender algo.)

– Amanhã enviar-lhe-ei folhas impressas da *Salvação*. Quando vem o seu retrato? Já li, hoje, o seu novo artigo sobre *Bonnie e Clyde*[517] – famigerados símbolos de uma certa juventude actual, ansiosa por destruir este velho mundo (encontrei-os, em Paris, lìricamente cabeludos, enlevados no seu sonho e desprendidos de tudo que os cercava – eles e elas, beijando-se, enlaçados, com a maior das naturalidades, no *metro* e nos jardins… Mas seriam estes os revolucionários?).

– Não posso, infelizmente, dizer que regressei outro. Quinze dias não bastam para modificar um homem. Desejar tanto poder prolongar o sonho

[517] "Pela última vez *Bonnie e Clyde*", *A Capital*, 31-VII-1968.

em que vivi!... E, no entanto, posso dizer que nem cheguei a conhecer as noites de Paris – que são uma das fontes da sua magia. Quem dera voltar!

Abraça-o com a maior amizade e dedicação o

Luís Amaro.

P. S. em 22:

Não cheguei ontem a enviar-lhe estas linhas, e hoje lembro que é altura de pensarmos no volume seguinte das suas OBRAS. Sempre é o livro de poesia inéditas? Transcrevo de uma biografia de Balzac, por que passei agora os olhos, estas palavras que se lhe aplicam: "Quand je n'écris pas mes manuscrits, je pense à mes plans, et quand je ne pense pas à mes plans et ne fais pas de manuscrits, j'ai des épreuves à corriger. Voici ma vie.»

– Não sei nada da nossa amiga Maria Aliete Galhoz. Vou-lhe escrever.

As saudações cordiais e amigas do Luís Amaro.

*

Terça-feira [27-VIII-1968].

Meu bom Amigo:

Deve ter recebido as minhas notícias de há dias, e as folhas impressas da *Salvação*, e o último oitavo da tiragem especial, para fazer favor de assinar e cuja devolução muito lhe agradeço seja tanto quanto possível urgente.

– O Sr. Agostinho Fernandes tem estado na casa da Praia da Rocha, e deve vir hoje a Lisboa (aliás regressou ontem, mas só hoje virá à Portugália). Ele recebeu uma sua carta quando ainda estava na Clínica de S. Luís; essa carta creio que lhe falava também no livro do Álvaro Ribeiro (suponho). O Sr. Fernandes deve ter feito qualquer confusão, pois disse-me que passou para cá todas essas cartas (a sua e outras, relativas à Portugália – incluindo um recibo assinado). Para que o caso saia deste *impasse*, eu sugiro ao meu querido Amigo uma outra carta, dirigida à direcção da Portugália e onde confirmasse o que, possìvelmente, terá dito ao Sr. A. F.: a sua opinião sobre a publicação do livro do Álvaro Ribeiro. Aproveitaria, talvez, para falar do volume seguinte à *Salvação*, nas Obras Completas.

Não creio que haja, da parte do Sr. A. F., qualquer propósito de "camuflar" o assunto: o que há é doença, é declínio – próprios dos 82 anos. Portanto, há que desculpá-lo. Já não é o mesmo homem, e não creio que volte a sê-lo, ainda que pareça estar em recuperação. Mas, desde que adoeceu, todos os problemas da Editora lhe têm sido poupados. Está, portanto, inocente – pelo menos a partir dessa data… – de qualquer coisa desagradável ou agradável. Admito que ele tenha involuntàriamente

extraviado a carta ou não tenha retido o que ela dizia: não tive coragem para lhe pôr o problema.

– O meu amigo José Terra tem estado aí em Vila do Conde, com a família, no Largo do Ribeirinho. Já lhe disse para procurar o meu Amigo, mas não sei se ele, absorvido por pesquisas na biblioteca do Porto, já o fez.

– Abraça-o seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
2/9/67 [68]

Querido Amigo:

Recebi as suas notícias de França, e, já de Portugal, as suas duas cartas. Obrigado por se ter lembrado de mim em Paris..., mas deve dizer-se este vulgar "obrigado" a um amigo que tanto se lembra de mim? Compreendo perfeitamente que lhe tenha *sabido a pouco* uma breve estadia em Paris; vejo, porém, que mesmo assim foi bom, que chegou para trazer os olhos maravilhados. Conseguirei eu lá ir alguma vez, com esta minha (quase inexplicável) indolência-repulsa para passar as fronteiras? Estava agora com intenções de alargar um pouco as minhas escassas visitas à Espanha, mas já nem sei...

Quanto a dar-lhe "uma nova visão da vida" essa rápida viagem ao estrangeiro, – nem um momento acreditei que lha desse. Bem sabe, meu Amigo, que as nossas visões da vida derivam de coisas muito mais permanentes e fundas.

Quanto aos nossos assuntos editoriais: Só hoje, por circunstâncias várias, – a verdade é que sou solicitado e ocupado por interesses vários – me deve chegar do correio o pacote com as folhas da *Salvação* a autografar. Mas vou devolver-lhas sem demora. Sobre as cartas que escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes: remediaremos o caso assinando eu um novo recibo, que me será enviado, da segunda importância de cinco mil escudos que recebi. O que dizia sobre o meu empenho em que seja publicado o livro do Álvaro Ribeiro, – e quanto antes melhor! – repeti-lo-ei aqui, e até me parece que esta declaração deveria bastar: *Tenho o máximo empenho, o máximo interesse, em que a Portugália publique esse livro*. Bem vê: pouco me importam as posições políticas de quem escreva a meu respeito; o que me importa é a qualidade do escrito. Aliás... quais serão verdadeiramente as posições políticas do Álvaro Ribeiro? Sabê-lo-ão os seus detractores? Com desgosto meu, porque não gosto de *desprezar*, começo a sentir muitas vezes um verdadeiro desprezo pela maior parte dos critique-

lhos que por aí proliferam, e que, julgando-se muito avançados ou evoluídos, quase não penetram nada de nada. Vou, pois, escrever à direcção da Portugália neste sentido. Algumas vezes me fala o meu Amigo na actual necessidade de reclame. A publicação dum livro como será o de Álvaro Ribeiro (ou seria o do Sena... ou o da Maria Aliete...) é que é o *reclame* que me interessa. Afora isso, a Portugália poderá fazer às Obras Completas os reclames que entender, logo que não caia nos excessos ridículos em que vejo caírem certas editoriais a respeito dos seus editados: Nos *Livros de Portugal*[518], o José Rodrigues Miguéis, que não passa de um escritor de segundo plano, anda reclamado como o nosso escritor ao mesmo tempo "mais nacional e mais universal". A propósito direi que a Portugália não parece interessar-se muito por assumir nessa publicação (*Livros de Portugal*) o lugar que parece deveria ocupar. Ou então é o José Gomes Ferreira e o Virgílio Ferreira, o Virgílio Ferreira e o José Gomes Ferreira... Nada tenho, pessoalmente, contra estes meus camaradas, que se têm mostrado meus bons camaradas. Mas por que há de o reclame girar quase contìnuamente à volta dos mesmos nomes? A tal respeito, meu Amigo, a culpa não é minha. Quanto ao novo retrato que repetidamente me tem pedido, vou, enfim, mandar-lho...

Como hoje lhe escrevo para sua casa, estou conversando assim um pouco mais particularmente.

No meu entender e no meu desejo, o livro meu de que a Portugália deveria ocupar-se imediatamente é o inédito, de versos. Posso enviar o original sem demora, logo que seja necessário; mas só quando seja necessário, pois até à última hora corrijo. E dizem para aí uns jovens pedantes e levianos que eu não trabalho a forma... eu que sustento ser a arte *Expressão*! Se ao mesmo tempo quiser a Portugália reeditar o *Fado*, claro que isso me não pode desagradar. Simplesmente, e como logo de início ficou ajustado entre mim e o Senhor Agostinho Fernandes, as reedições não devem prejudicar as edições de livros inéditos. De tudo isto que estou dizendo a respeito de assuntos editoriais, fica o meu Amigo autorizado a repetir na *Casa* o que achar conveniente; ou mesmo a ler as passagens adequadas.

E pronto por hoje! Se puder, juntarei esta carta ao retrato acima prometido, assim como àquela carta da Maria Aliete que uma vez me enviou, e que lhe pertence. Então irá tudo registado. Se não, irá só a carta, que desculpará ir tão ao correr da pena. Vou relê-la, ao menos, e naturalmente ficarei desgostoso por dizer tão pouco numa carta relativamente longa. Como epistológrafo, porém, é que eu dou razão aos formalistas meus

[518] 'Boletim Bibliográfico' do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, depois Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros.

acusadores: geralmente deixo correr no papel o bico da pena... já muitas vezes, agora, reduzida a esferográfica.

O abraço do seu tão impertinente e sempre grato amigo,

José Régio

*

4 – 9 – 68.

Meu querido Amigo!

Obrigado pelas suas notícias que tinha ontem em casa, e pelo retrato – esplêndido –, que com pena entreguei aqui esta manhã, pois gostaria de ficar com ele.

Espero que tenha recebido todas as folhas impressas da *Salvação* e que tudo tenha ficado a seu contento. Aguardo a devolução das folhas assinadas, com a possível urgência, embora saiba que isso representa para si uma estéril maçada.

– A nossa amiga Maria Aliete, muito atarefada com tarefas domésticas em Boliqueime, prometeu-me enviar-me o original do artigo sobre o *Jacob e o Anjo*, e eu prontifiquei-me a dactilografar-lho antes de ir para o *D.º Popular*. Estou aguardando.

– Tinha trazido para si, de Paris, um livro da col. de Poche sobre Proust, mas infelizmente ficou inutilizado por, no caminho, ter apanhado uma inundação… de cerveja, que trazia na mesma mala, para me refrescar durante a viagem.

– O *Fado* já está na tipografia, e breve haverá provas. Isso não impede que possa desde já remeter (convinha fazê-lo para o Sr. Eurico Fernandes, filho do Sr. Ag. Fernandes, e que, enfim, é sócio da casa e substitui o pai) o original do novo livro de poemas. Também pode dirigir para ele a carta sobre o livro do Álvaro Ribeiro (sinto-me envergonhado por não se lhe ter dito nada entretanto, mas ele já devia contar com certas dificuldades… O nome dele "apavora" os homens progressistas, e ele sabe-o. Pena é que, apesar da sua relativa independência, o A. R. não seja um carácter firme… Para quê, por exemplo, tentar "aliciar-me" a mim, quando cá veio ùltimamente dizendo ter pronto o original, com a promessa de que faria referência à minha "colaboração", ou "ajuda" (de qualquer modo ao meu nome), se eu não lhe dei sobre o meu Poeta nenhuma indicação útil, sequer do mero ponto de vista bibliográfico?... Enfim, pequenas fraquezas reveladoras, mas que não bastam para que possa menosprezar o escritor e o seu trabalho. E folgo saber que o meu Amigo, sempre independente nos seus juízos, também se não deixa influenciar por preconceitos fáceis, e se não importa com o facto de o A. R. ser um nome queimado na falange esquerdista. Tem, ou não, o homem méritos intelectuais acima do comum?

Parece que tem – e é isso que ao meu Amigo importa. Mais uma vez admiro a sua coragem, a sua indiferença pelas conveniênciazinhas de momento, sejam elas de qualquer ordem – até de natureza política…).

– O Jorge de Sena diz-me, em carta recente, não ter abandonado o projecto do livro a seu respeito, e que aproveitará a vinda a Portugal, em Dezembro, para concretizar melhor essa velha aspiração.

– Viu o artigo do Costa Dias, na última *Seara*[519], de apoio ao compadre dele, Alberto Ferreira? De uma ironia em que demasiado transparece a sombra do Eça, mais uma vez se não discute pròpriamente o que estava em causa – a genialidade de Camilo –. Mas enfim, apesar de tudo, o artigo não é deselegante para si.

– Adeus, querido Amigo. Não hesite em viajar até Espanha, aproveitando estes belos dias de Setembro! E mande o original dos poemas.

– Seu grato, sempre

Luís Amaro.

P. S. confidencial – Mais um cartãozinho (quando começo a escrever-lhe é sempre na intenção de ser breve, e daí utilizar estes cartões – também para não me servir do solene papel de carta timbrado. Tenho de adquirir papel próprio, desculpe-me!).

Já depois de escritas as págs. anteriores, mostram-se a sua carta de hoje, dirigida à *direcção* e por esta ainda não vista. Um dos "directores" (de certo modo substituto do famigerado sujeito cuja presença ainda *paira*, espiritualmente, nesta casa) vai ficar desolado, pois que de início (nesta última fase) violentamente se insurgiu contra os nomes de Vitorino e Ribeiro. Veremos! A posição do meu Amigo é que está inequìvocamente justa na carta de hoje.

Digo "vai ficar" porque deve, este substituto portuense (não podia deixar de sê-lo!), regressar de férias hoje ou amanhã.

Peço-lhe, para além de tudo isto, o favor de remeter o original – ao Sr. Eurico Fernandes.

– No *Fado* inclui-se o "Fado Alentejano"?

Novo abraço do Luís Amaro.

*

519 "A crítica da cegueira e a cegueira da crítica", *Seara Nova*, n.º 1475, Setembro de 1968: 290-296. Alberto Ferreira, que levantou restrições a Camilo em "Perspectiva do Romantismo", no 1.º volume de *Bom Senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vai discorrer no *Diário de Lisboa* em 17-X e 14-XI-1968. Régio assina "Camilo no nosso tempo (Comentário)", e "Fogo em volta de Camilo", *A Capital*, 3-VII e 25-IX-1968, em cujo supl. Literatura & Arte responde a Augusto da Costa Dias em 16, 30-X e 27-XI-1968.

9 – 9 – 68.
Meu querido Amigo:

Falei há pouco, ao telefone, com Álvaro Ribeiro (por quem, no fundo, tenho a simpatia que me merecem todas as pessoas *malditas*, sejam de que natureza for). Ele passará por cá amanhã, para se tratar do livro quanto antes. A doença do Sr. Agostinho Fernandes atrasou este assunto – mais do que tudo o resto. Só hoje, aproveitando o facto de ele estar cá (em plena recuperação, mas regressa amanhã ao Algarve), ficou decidido editar o livro, em face da sua carta de há dias, que não podia ser mais clara: o que ao meu Amigo importa é o pensamento do Álvaro Ribeiro, e não a anedota biográfica, que, mesmo quando acontece ser verdadeira, tem sempre um cunho faccioso e de *parti-pris*, digamos tudo: um cunho *político*. Um conhecido poeta, falando-se aqui no A. R. poucos dias depois de ele ter cá estado, traçou do escritor uma caricatura cruel, com a "autoridade" de quem com ele tinha convivido em antigos tempos: nazi e *anticristão* (!) na fase crucial da guerra, antifeminista, ex-democrata assanhado, e até… amador de reles prostitutas (claro! o capítulo sexual é indispensável quando se quer destruir alguém. O maior pesar dos inimigos dos Álvaros Ribeiros e dos Gaspar Simões é não lhes poderem atirar o vexame supremo da homossexualidade… Como vê, também eu não tenho ilusões sobre a natureza humana).

Seguem amanhã os 1.os oitavos para as costumadas dedicatórias (da *Salvação*). A capa está a imprimir. As páginas ficaram bem?

Agradeço devolução das folhas especiais.

Não se decide ir a Espanha, aproveitando estes dias maravilhosos? Com este tempo, Paris seria a mais bela terra do mundo (e mesmo assim, não sei…). Mas, lá, ora faz sol ora chove, no mesmo dia. E no entanto as *terrasses* dos cafés estão sempre cheias de gente. Quem dera poder voltar, quem dera poder viajar… com o meu Amigo! Quem dera poder ir ao menos a Espanha (dizem-me maravilhas de Córdova, Granada…).

Os *Livros de Portugal* vão publicar o retrato de seu irmão Júlio, na capa de um dos próximos n.os. Tínhamos cá uma esplêndida fotografia dele, que deve ter sido cedida a alguém pois não a encontro. Vou escrever-lhe para Évora – ou estará aí? Publicarão também uma notícia desenvolvida das suas Obras Completas (já num antigo n.º publicaram o seu retrato na capa, creio).

– Abraça-o o sempre dedicado amigo

Luís Amaro.

*

10 – 9 – 68.
Meu querido Amigo:

A Maria Aliete Galhoz mandou-me hoje o artigo (longo!) sobre o *Jacob e o Anjo*, para eu dactilografar – o que vou começar a fazer esta noite, em casa (a não ser que arranje aqui o tempo necessário para passar algumas folhas).

Envio-lhe os 40 exs. da 1.ª fl. da *Salvação*, para as dedicatórias habituais. E junto uma lista de nomes também habituais, a que me permiti acrescentar outros que podem ter interesse, como a autora italiana[520] da *História do Teatro Português* – que vamos publicar este ano[521].

– O meu amigo José Terra disse-me ter estado consigo, mas fugidiamente. Procurou-o depois no café, mas não teve a sorte de encontrá-lo.

– Por hoje, o abraço amigo, sempre, do

Luís Amaro.

P. S. – Quando manda o original dos poemas? Breve teremos provas do *Fado*, que me proponho rever.

*

Vila do Conde
13/9/68

Meu querido Amigo:

Sempre vou recebendo as suas cartas, e as páginas de jornal que de vez em quando me envia. Devolvi-lhe, autografadas, as folhas da edição especial. Estou um pouco inquieto por ainda não saber se aí chegaram. Muito dentro em breve lhe devolverei as folhas com as dedicatórias. E então voltarei a escrever-lhe.

Aqui lhe mando cópia do "Fado Alentejano", que deve ser incluído na nova edição do *Fado*. Ainda não pensei bem onde deve ser introduzido, mas só lá para o fim do volume. Também lho indicarei.

Quanto ao original do meu novo livro de versos, (que ainda não tem título definitivo) posso mandar-lho logo que seja necessário. Oxalá mo peçam breve, pois, naturalmente, é agora e [*sic*; a] edição que mais me interessa. Neste sentido vou escrever ao Senhor Eurico Fernandes. Do Senhor Agostinho Fernandes, recebi um postal algarvio; ou do Algarve. Agradecer-lhe-ia que, logo que possível, *me enviasse a direcção dele no Algarve*.

---

520 Luciana Stegagno Picchio.

521 Sairia em 1969, traduzida por Manuel de Lucena.

Ainda só mais isto: Eu gostaria de ficar com o original da Maria Aliete sobre *Jacob e o Anjo*. Parece-lhe possível? Ou estarei a entrar em concorrência com o meu Amigo?

Vou mandar-lhe um retrato meu, este para si, idêntico ao da Casa. Um abraço do seu

Régio

P. S. – Lá vi, n'*A Capital*, o reclame às Obras Completas.

*

Sábado, 14 – IX – 68.

Meu querido Amigo:

Recebi há pouco a sua carta e a cópia do "Fado Alentejano", que será intercalado nas 1.as provas do *Fado* – o Autor fará favor de, na altura da revisão, dizer onde.

– O Sr. Agostinho Fernandes vem a Lisboa (não sei se *para* Lisboa, mas é natural que sim) na terça-feira. Poderá assim escrever-lhe para cá. Se ele voltar para a Praia da Rocha (Avenida Marginal), dir-lhe-ei.

– Recebi há dias as folhas assinadas da tiragem especial. Só faltam as folhas com as dedicatórias. Obrigado.

– Deve o meu Amigo ter recebido hoje uma carta da Portugália. Peço aos deuses que não fique aborrecido com o caso Álvaro Ribeiro, visto que a edição pela casa está de facto assente e há só o problema da impossibilidade da edição para este ano (o qual não existiria, é certo, se a decisão já tivesse sido tomada há meses).

– Como vê, a casa está muito interessada no seu próximo livro de Poemas, que oxalá se edite este ano ainda! Sugiro que o enderece directamente ao Sr. Fernandes, visto que ele estará cá na terça-feira. Isso dá-lhe, decerto, uma sensação de utilidade e autoridade que lhe será grata…

– O original do ensaio da M.ª Aliete ser-lhe-á enviado, sim, embora eu pensasse não ficar com ele (não sou pròpriamente um coleccionador de autógrafos) mas oferecê-lo ao nosso Alberto de Serpa, de quem há muito não tenho notícias. Não sei ainda se o ensaio sairá no *Popular* ou na *Capital*. Parece que no primeiro daqueles jornais há um sujeito, a dirigir o suplemento, que tem feito a vida negra ao Sousa Lobo e não gosta da *Presença*. É um tal sr. José de Freitas.

– Muito lhe agradeço a promessa do seu retrato igual ao enviado para a casa. Ganhei com essa promessa o meu dia, já envenenado por um imbecil a quem a minha existência deve incomodar…

Abraça-o com a maior estima o

Luís Amaro.

*

16 de Setembro – 68.
Meu querido Poeta e Amigo:

Quero felicitá-lo vivamente por este dia 17 em que receberá estas linhas. É um êxito, pelo qual me regozijo, ter chegado até esta data com a saúde recomposta tanto quanto possível. Vão longe os dias cinzentos do Lumiar, e tenho a certeza de que não voltarão a apoquentá-lo e a inquietar os seus amigos – tão numerosos, afinal, que desmentem a lenda do Poeta umbilicalista, desumanamente desinteressado do sofrimento dos *outros*… Como se todo o sofrimento do mundo não estivesse espelhado nas páginas da sua Obra tão humana!

Envio-lhe o original do ensaio de Maria Aliete Galhoz. Será publicado na *Capital*, em duas partes. Fiquei a saber que o Sr. José de Freitas, organizador do suplemento do *Popular*, ficou ressentido por o meu Amigo não ter colaborado mais naquele jornal depois que o Cunha Leão de lá saiu. E adiante… Dos Freitas não reza a história.

Tenho o grande prazer de lhe oferecer um livrinho, que oxalá receba amanhã mesmo. E perdoe a insignificância da lembrança – símbolo da minha grata amizade, que já tem quase cabelos brancos…

Abraça-o, com o desejo de um dia feliz, feliz, feliz, o seu dedicado
Luís Amaro.

P. S. – Júlio mandou-me hoje novo retrato, mas já localizei o outro: fora emprestado aos Estúdios Cor, para a *História da Literatura*.

*

18 – IX – 68.
Meu querido Amigo:

Espero que tenha recebido ontem todas as minhas notícias, e desculpe a insignificante lembrança – tão aquém do que eu desejaria, se pudesse. E espero também que tivesse passado um dia excelente (embora ande no ar uma certa inquietação…).

– Vou telefonar a Álvaro Ribeiro. (Já tentei falar com ele, mas não o encontrei em casa.)

– Afinal, o Sr. Ag. Fernandes ainda não veio – no que só faz bem. De modo que volto a pensar que seria aconselhável remeter o original ao Sr. Eurico Fernandes, que aliás o meu Amigo conhece pessoalmente e que é

quem está à testa da casa, no momento. O Sr. A. F. encontra-se na Praia da Rocha – Casa do Mirante, Avenida Marginal.

– Desculpe a pressa. Abraça-o o seu sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – *A Capital* não publica o artigo-ensaio, o que não me admira muito porque, devido aos srs. do *Popular*, já foi tarde para lá. Estou convencido que o Salema não deixará de o publicar, com o destaque devido, na próxima quarta-feira. Amaro

*

Vila do Conde
20/9/68

Meu querido Amigo:

Já recebi duas cartas suas (pelo menos) e o belo livro que teve a gentileza de me enviar pelos meus anos. Nesta minha idade, o dia do aniversário natalício é sempre um tanto melancólico: Partiram, já, os que mais festejavam os nossos anos, e vamo-nos aproximando nós próprios da partida... Mas isto é a vida mesma, e sempre se nos torna consolador ainda haver alguém que se lembre de nós num certo dia. (Claro que eu tenho bastos testemunhos de que o meu Amigo se lembra de mim quase todos os dias!)

Muito obrigado, e não me diga que o seu presente é modesto! Ainda não li o texto (que aliás, e de qualquer modo, sempre me interessará), mas o livro é um mimo gráfico.

Sobre o ensaio da Maria Aliete: Desta vez, o trabalho dela não me decepcionou. Sem dúvida me levanta questões que eu gostaria de discutir com a autora, e porventura discutirei logo que possível. (Aqui entre nós, penso às vezes, e não quereria pensá-lo!: O que será que *falha* nesta Mulher tão inteligente, tão sensível, – verdadeiramente excepcional?). Seja como for, o artigo-ensaio sobre *Jacob e o Anjo* atinge um excelente nível, e ninguém, até hoje, falou da minha peça com tanta penetração. Creio que ainda ficaram coisas por dizer sobre *Jacob e o Anjo*, mas impossível dizê-las todas num ensaio breve. Não devemos desanimar a nossa Amiga, – e oxalá ela leve a cabo o livro que anda delineando.

Sobre o manuscrito: Disse ao Alberto de Serpa que o meu Amigo lhe destinava esse manuscrito, e só mo enviara a mim porque eu lho pedira. Na realidade, eu também lho não pedira senão para o oferecer ao Alberto, que tem o apaixonado vício dos autógrafos, e já me sugerira conseguir-lhe eu este. Veja lá como as intenções se conjugam!

Aqui, porém, me surge uma dúvida: Acha o meu Amigo que eu posso dizer à Maria Aliete que já li este seu original, que lho pedi a si, e que vou

oferecê-lo ao Alberto de Serpa? Nada farei sem receber a sua resposta, pois as "Marias-Alietes" (que Ela me perdoe o plural!) pretendem ser simples mas são complicadas.

Sobre a publicação do dito ensaio: Não deixou de me surpreender a resistência desse senhor do *Diário Popular*. No entanto, já estou habituado a tantas coisas! Julgará essa gente que eu tenho vida, saúde, tempo, disposição, gosto, etc., para colaborar em todos os jornais que se lembrem de pretender a minha colaboração?! E dois ou três livros que eu ainda quereria escrever, – quando os escreveria?!

Nada perdido, porém, pois eu até prefiro que o ensaio seja publicado em *A Capital*. É, agora, o meu jornal em Lisboa. Pena não poder ser publicado de uma só vez, – não poderia? Truncado, a atenção do leitor desvia-se. Mas enfim, será como puder ser.

Sobre assuntos editoriais e da Portugália, vou escrever-lhe ainda hoje mesmo, ou amanhã, para a mesma Portugália. Esta carta é só para nós. Espero remeter no próximo domingo o original do meu novo livro de versos, que me aparece como um tanto estranho na minha obra. Bem bom seria que pudesse aparecer ainda este ano!

Um bom abraço do amigo

Régio

*

23 – IX – 68.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas para lhe dizer que o Sr. Ag. Fernandes já cá está – muito melhor, ainda que sem a "juventude" anterior. Entregou-me hoje, finalmente, as suas cartas para o arquivo, bem como o recibo – e interessou-se pela publicação do livro de Álvaro Ribeiro. Simplesmente…

Há dias, como lhe disse, telefonei ao filósofo. Não falara ainda com Domingos Monteiro, que não regressara de férias (estas férias dos altos funcionários da F. G[522]…).

– Estou aguardando as suas notícias (principalmente o original para a casa), bem como as folhas dedicadas da *Salvação*. E quanto ao resto espero que o meu Amigo compreenda a minha situação: tentar, mais ainda, remover os obstáculos que se me opõem (embora acredite que não haja um particular acinte neste caso – pelo menos em relação a si) seria envenenar, mais ainda, o ambiente à minha volta. E quando o próprio Sr. A. F. não pode remover esses obstáculos – ou não tem saúde nem disposição para discutir o caso…

[522] Fundação Gulbenkian.

– Vamos fazer uma *plaquette* com opiniões sobre a sua Obra, e anúncios condignos da *Salvação*. Talvez hoje ainda lhe envie o primeiro exemplar; juntarei mais 10 primeiras folhas, para eventuais dedicatórias pessoais – faço bem?

Esperando que desculpe a minha ineficiência em certos casos e que a não confunda com tibieza (que às vezes também pode haver), mas com uma infinita paciência e a consciência das minhas limitações, creia-me sempre, com um abraço, o

Luís Amaro.

*

24 – IX – 68.

Meu querido Amigo:

Está, realmente, "condenado" a que eu o mace todos os dias… O que lhe vale é ser breve, por vezes quase telegráfico – e não o massacrar demasiado com os meus problemas pessoais (insolúveis, afinal, ao que parece…).

Obrigado pela sua carta, que ontem à tarde tinha em casa. Acho que não haverá complicação em dizer já à M.ª Aliete o que entender do seu artigo-ensaio, pois já eu a informara de que o meu Amigo me pedira o original (antes, pedira-lhe licença para o oferecer a Alberto de Serpa). Sabendo a nossa Amiga que não é coleccionador de autógrafos, não se sentirá, por outro lado, ofendida por oferecer o original ao Poeta de *Fonte*[523], que ela estima e admira.

Como lhe pareceu esta nova edição de *A Salvação do Mundo*? Vou remeter-lhe mais exs., assim como 10 1.as folhas para novas ofertas eventuais (David? M.º Neves[524]? Firmino Crespo? Costa Dias? não me lembro se estes nomes estavam na minha lista. E o Rebello, de quem escolhi uma frase para a cinta hoje a imprimir? E o Serafim Ferreira – que organizou no *Jornal de Notícias* a única página comemorativa dos seus 40 anos de vida literária?).

O ensaio, afinal, não virá ainda neste n.º da *Capital*. O A. Salema pôs-me ontem o problema de publicar simultâneamente o ensaio e a sua resposta camiliana, e chegámos à conclusão de que o seu artigo era mais oportuno e de que artigo e ensaio Galhoz seriam demasiado Régio para um n.º só…

– Vi hoje sobre a mesa do sr. Eurico Fernandes (que ainda não chegou) um embrulho vindo de si; é, de certeza, o original do novo livro de Poemas, cuja leitura aguardo ansioso.

---

523 Obra de Alberto de Serpa, 1943.

524 Mário Neves.

A propósito, há algum tempo já que estou para lhe comunicar que, folheando as *Despedidas*, encontrei como remate de um soneto o verso "E venha a morte quando Deus quiser", que eu conhecia da *Chaga do Lado* (também final de um poema). Claro que pensei logo que o verso lhe teria ficado, durante anos, no subconsciente, até que um dia o utilizou como seu (estas coisas da elaboração artística são complexas e misteriosas…). Aqui lhe fica a minha "descoberta" de cacaracá, com as devidas desculpas pela ousadia de falar-lhe num assunto que o não pode envergonhar, mas que será, talvez, de considerar na futura edição do livro – que lhe parece? Agradecia me respondesse qualquer coisa, até para eu ficar tranquilo quanto à sua reacção… Falo-lhe nisto, como pode supor, com o coração limpo.

Já tenho provas do *Fado*, que seguirão dentro de dias.

Da *Salvação*, que amanhã será posta à venda a 45.00, receberá ainda direitos, como é natural – talvez para a semana.

O Sr. Ag. Fernandes, como lhe disse, já cá está. Receio que a obrigatória tensão emocional do dia-a-dia, aqui dentro, só lhe faça mal, mas ele parece que prefere assim.

Seu grato Amigo que o abraça e é o

Luís Amaro.

P. S. – Agradeço não esqueça o retrato! E obrigado.

*

Vila do Conde
24/9/68

Meu querido Amigo:

Recebi hoje carta sua, e dois exemplares de *A Salvação do Mundo*, que contemplei com satisfação. O verde, o azul e o negro do *pavão* fazem uma combinação muito feliz. Se há algum deslize no texto, ainda não pude ver; mas suponho que não haverá, pelo menos de importância.

Os últimos retoques e a cópia do meu novo original de versos (bastante diferente dos livros de versos já publicados, como verá) têm-me feito demorar um pouco o envio das folhas com as dedicatórias. Mas agora vou tratar de isso, desculpe. Quanto ao citado original, enviei-o ontem ao Senhor Eurico Fernandes. Também ontem escrevi ao Senhor Soares da Costa, de quem recebera carta com explicações sobre a edição do livro de Álvaro Ribeiro.

Como lhe dizia na carta enviada ontem, acho que nós já fizemos o que podíamos fazer. *Nós*, – a Portugália e eu. A resolução do caso é agora com

o Álvaro Ribeiro. Julgo, pois, que o meu Amigo não tem que se preocupar com isso, – nem razão alguma para recear que eu esteja descontente.

E por hoje creio ser tudo. Voltarei a escrever-lhe breve, cumprindo a promessa que lhe fiz, e entretanto espero resposta sua quanto ao que lhe perguntava sobre o ensaio da Maria Aliete Galhoz.

Abraço do amigo sempre agradecido,

José Régio

*

25 – IX – 68.

Meu querido Amigo:

As duas linhas diárias, ùltimamente, não podiam faltar hoje… Recebi e agradeço a sua carta, que há pouco (são 5 horas) me entregaram. Pensando melhor, acho dispensável o meu Amigo falar à M.ª Aliete na oferta do autógrafo ao Alb. de Serpa (justa, a dedicatória do seu novo livro de poemas ao Poeta nosso Amigo, tão criminosamente esquecido!). É esse um assunto menor, que eu próprio tratarei com a delicadeza que requer. O importante são as suas impressões do ensaio para a autora do dito.

– Como vê pelas linhas acima, o embrulho já foi aberto e já esteve nas minhas mãos, hoje de manhã. O Sr. Ag. Fernandes vai lê-lo com urgência (está a acabar a leitura da *Salvação*, esquecido de que lera a ed. da Inquérito antes de esse original seguir para a tipografia. E, como da outra vez, gosta a valer – mas para se esquecer de novo: o que já lhe acontecia, antes de adoecer, com os numerosos livros que lia).

Vão mandar-lhe mais 20 exs. para as suas ofertas.

Creio que não se recebeu aqui (mas rectifico o que ia a dizer, pois, indo agora ao gabinete do Sr. Ag. Fernandes, vejo sobre a secretária uma carta sua para ele. É a anunciar a remessa do *Cântico Suspenso*? O título é feliz).

Espero que o nosso patriarca não demore o original, pois há toda a urgência em ser composto.

E… preparo-me para ler, logo ao sair daqui, e no comboio, a sua réplica camiliana. O A. Ferreira disse-me há dias que tem lido desalmadamente o Camilo, nas últimas semanas… E o C. Dias confessou-me que a resposta documentada ao seu artigo (o 1.º) exigia um longo trabalho e leituras e preparação…

– Abraça-o o seu grato

Luís Amaro.

*

Queluz, 28 de Setembro 68.
Meu querido Poeta e Amigo:

Fiquei a pensar no caso do verso de António Nobre, e receio que, devido à pressa com que sempre lhe escrevo no emprego, me não tenha sabido exprimir correctamente. Na verdade, não houve qualquer relação de ideias que justificasse o "a propósito de…" que me lembro de ter escrito. A propósito de poesia, talvez. De resto, não atribuí à coincidência do verso uma importância de maior, e tanto que, tendo-a verificado (a coincidência) já há tempo, me esquecera de lhe falar no assunto – em que não falei a mais ninguém. Sei, de resto, que em poesia moderna se intercalam, por vezes, no poema, versos alheios (o Jorge de Sena faz isso no último livro – *Arte da Música*, embora no final o explique nas eruditas notas habituais… Mas outros haverá que se não justifiquem, e nem por isso se trata de plágio). Creio que o seu caso se não enquadra pròpriamente nessa característica de certa poesia moderna (o José Blanc de Portugal – cuja poesia aliás não entendo ou não considero como tal – tem usado o processo; e naturalmente outros). Deve tratar-se, de certeza, de uma traiçãozinha da memória, que se apropriou do verso lido algures, por uma total adesão da sensibilidade e da inteligência. E, claro, o meu Amigo pode até não me responder sobre o assunto, pois não tem que dar explicações a ninguém… E perdoe-me, sim?, se, na minha boa fé, não soube calar a "descoberta" que continuo a achar de cacaracá. A minha intenção, afinal, foi a de antecipar-me a qualquer malévolo reparo dos *outros*. "A estupidez humana é grande, e a bondade humana não é notável" (Fernando Pessoa, no prefácio às *Ficções do Interlúdio*, citado no final do Posfácio às *Metamorfoses* do Jorge de Sena).

Seguem amanhã, domingo, as provas do *Fado*. Dei-lhes só uma leitura – devem ter escapado coisas. Agradeço indique o sítio do "Fado Alentejano", ainda por compor. A *mancha* do livro não está ainda fixada.

O *Cântico Suspenso* já foi entregue à tipografia – haverá provas muito em breve. Mal tive tempo de passar os olhos pelo original – que o Sr. Agostinho Fernandes considerou "um grande livro". Acredito que sim: a sua grandeza de Poeta está em todas as páginas que tem escrito, em verso ou em prosa. Mas, depois de *ler*, lhe direi melhor. Não quis reter o original; e nem pensar em lê-lo – com a atenção profunda que me merece – à mesa de trabalho, num ambiente adverso, adverso sempre… Podia ter trazido o original, e lê-lo em casa. Mas é sempre perigoso isso – e, além do mais, eu desejaria que o livro fosse entregue na tipografia sem demora. Não se tratará de um livro na linha da *Chaga do Lado*? Mas o meu Amigo considera-o, parece, diferente de quanto escreveu até agora em verso.

Aguardo, pacientemente, que a tipografia entregue as provas – e então, sim, dentro de breves dias, formarei a minha opinião.

Abraça-o, com a maior amizade e lealdade, o

Luís Amaro.

O P. S. inevitável…: Não me lembro se incluí na lista dos nomes para ofertas da *Salvação* o do José Cardoso Pires, que dirige agora o suplemento literário do *D.º de Lx.ª* e há tempos publicou imediatamente o artigo sobre o *Jacob e o Anjo* do Luiz F. Rebello. Queria, até, vir à Editora, supondo que o meu Amigo lá iria, para lhe oferecer pessoalmente o famoso *Delfim* (que me prometeu a mim e não mandou). Ignoro se o chegou a enviar depois para Vila do Conde, mas de qualquer modo aqui ficam registadas as duas atitudes simpáticas no que lhe diz respeito.

– E o Sousa Lobo?

– Seria preciso um pouco de coragem (mas eu tenho-me mostrado, com o meu Amigo, um homenzinho corajoso, não é assim?) para lhe sugerir o nome de José Gomes Ferreira, que já lhe ofereceu livros sem que (creio) a recíproca seja verdadeira. É que este Poeta está mais perto de si do que ele próprio e o meu Amigo podem supor. Além disso, esteve na "recepção" da Sociedade dos Escritores (vão agora aproveitar o antigo sócio M. C.[525] para tentar ressuscitá-la…); e já lhe fez justas referências escritas.

– Seu sempre maçador Amaro.

*

Vila do Conde
2/10/68

Meu querido Amigo:

Para que está a preocupar-se com esse pormenor do verso do Nobre[526]... e meu? Vê como às vezes exagera a importância (e até chegando a sofrer com isso) de coisas afinal de pouca monta? Agradeço-lhe o ter-me prevenido, e sei que só o fez por bem e para me servir. Ignoro se o verso do Nobre me ficou no subconsciente, e depois saiu de lá, ou se o esqueci completamente e depois nasceu de mim. Como quer que seja, isso não me

525 Marcello Caetano.

526 Transcrito no poema "Sabedoria", de *A Chaga do Lado* (1954), vem do soneto nobriano «Meu pobre amigo! Sempre silencioso», em *Despedidas*, o verso em causa: «E venha a Morte, quando Deus quiser!» "Sabedoria" foi traduzido como "Wisdom", em Jean R. Longland, *Contemporary Portuguese Poetry* (A Bilingual Selection), New York, Harvey House, Inc., 1966: 14-15.

preocupa. Talvez, numa reedição qualquer, altere um pouco o verso, e talvez não. O "venha a morte quando Deus quiser" é uma espécie de *frase feita*, que até já tenho ouvido na boca do povo, e que pertence a toda a gente e a ninguém. O que lhe dá sentido especial é o contexto do poema em que se encontre, – e o contexto do meu pequeno poema (aliás traduzido agora para uma breve antologia americana) com certeza é muito diferente de qualquer do Nobre.

Obrigado, e não pense mais nisso.

Recebeu o retrato que lhe enviei?

Quanto ao *Cântico Suspenso*, tem, de facto, poemas que vão no sentido de alguns d'*A Chaga do Lado*. Mas tem outros que são bastante diferentes de quantos publiquei, embora, claro está, eu já não possa diferir fundamentalmente. Raras vezes trabalhei tanto a forma, embora isso talvez se não veja demais. Aliás não gosto de deixar ver o *trabalho*, a *técnica*, (ao menos por demais) ao contrário do que está hoje em voga. Depois gostarei de conhecer as suas impressões sinceras e à vontade. Sei que o livro é *meu*, e não desmerece do fôlego dos da juventude. É isso o principal.

Remeti-lhe hoje para a Portugália várias folhas[527] com dedicatórias, já deve ter recebido as primeiras. Como verá, saí para fora, e bastante, da sua lista. Trata-se de uma obra de teatro, por um lado; por outro, de uma reedição. Isso me faz preferir ou pôr de parte certos nomes. E em certos casos cá tenho as minhas razões... não é?

Também recebi os vinte volumes já prontos, – não me falta a quem os ofereça – como recebi uma carta do Senhor Agostinho Fernandes. Mas estas notícias vão aqui só por economia de tempo e trabalho, – pois lhe escreverei para a Portugália quando se tratar de assuntos editoriais. Para Queluz irão as cartas mais particulares...

A Maria Aliete mandou-me um original dactilografado do seu ensaio. Sairá hoje n'*A Capital*?[528]

Tem seguido a minha polémica por causa do Camilo? Ainda devo escrever mais dois artigos[529]. Ao mesmo tempo, enviei um exemplar de *A Salvação* para o A. da Costa Dias. E sem mais por hoje, abraço do amigo

Régio

*

[527] De *A Salvação do Mundo*, com 2.ª edição nas Obras Completas em Setembro de 1968.

[528] "Notas a *Jacob e o Anjo*, de José Régio" saiu no respectivo suplemento literário em 2 e 9-X-1968.

[529] Três, afinal, n'*A Capital*: após 3-VII e 25-IX, regressa em 16-X, 30-X e 27-XI-1968.

2 de Outubro 68.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas, ràpidamente escritas, para lhe agradecer já o retrato que tinha ontem em casa. É uma oferta magnífica, a que farei as devidas honras, emoldurando-o para o meu "gabinete". Muito obrigado!

Já recebi 20 fls. com dedicatória, e espero receber as outras amanhã. Na incerteza de autografar para o Sousa Lobo, e como ele quer fazer uma notícia no suplemento do *Popular*, mandei-lhe já os 2 exs. da praxe. Se vier o ex. dedicado, tanto melhor – pois ele, coitado, parece-me não ousar esperá-lo… No entanto, devemos-lhe o suplemento dos 40 anos da *Presença*, que já foi alguma coisa.

– Vamos ver se a *Capital* traz hoje o ensaio sobre o *Jacob e o Anjo*, que tem estado difícil de vir à luz.

– O Sr. Ag. Fernandes faz hoje 82 anos! Ontem parecia-me em franca recuperação, hoje já mais caído e avelhentado, devido a uma constipação (que quanto aos problemas morais [?], que os tem e graves, é de uma espantosa resistência).

Por hoje, e na expectativa de novas notícias suas, sou com um abraço o seu muito grato e dedicado

Luís Amaro.

*

Queluz, 6 de Outubro (domingo) – 68.
Meu querido Poeta e Amigo:

Começo por lhe agradecer o belo desenho angélico com que valorizou a dedicatória (que já de si é um valor) do meu exemplar da *Salvação*. Muito obrigado por mais essa alegria que me deu.

O livro saiu na verdade bonito, como os outros. Ontem, ao pô-lo na estante, é que reparei no que, afinal, já antes tinha notado sem me deter nisso: que a capa ficou ligeiramente maior que a dos outros. Como ainda faltam volumes a brochar, recomendarei que nas capas restantes dêem um pequeno corte. Também – há-de haver sempre uma imperfeiçãozita muito humana – e quando é só uma… – na lista final, da representação, faltou mencionar que a Faculdade era a de *Lisboa*… E, quanto a gralhas, não sei, mas é de crer que o volume esteja limpo.

Recebeu já, não é verdade, as provas do *Fado*? E deve receber agora as do *Cântico Suspenso*, que hoje acabarei de ver em Sintra (onde ontem, aliás, também estive a revê-las, continuando no comboio, de regresso a casa, tal o meu interesse na leitura. Não se admire se passaram gralhas, visto que rever provas no comboio… Aliás achei boa a composição, em que seguiram

rigorosamente a disposição do original, como no *Filho do Homem*. Teriam feito bem? O volume deve dar cento e poucas páginas e, claro, as 1.as provas não vão ainda paginadas). Quanto às minhas impressões: Sim, trata-se de um livro francamente positivo na sua Obra. Desconcertante, à primeira leitura; mas, relido, não pode deixar de ser considerado realmente um grande livro (pequeno embora na extensão – contendo, aliás, poemas de largo fôlego, como o primeiro). Livro que vai irritar – oh, sim! – os fanáticos de uma modernidade sem amanhã: porque não faz poesia da poesia, porque não é composta de palavriado sobre… as palavras, o "ofício do poeta". Que nada dirá aos surrealistas, aos concretistas, aos abstraccionistas, aos experimentalistas: mas que também não é passadista nem "século XIX". Livro de um grande espírito ferozmente isolado, independente, intransigente com escolas, mas bem do nosso tempo; de uma alma em que nunca deixou de arder bem alto o fogo sagrado da Poesia; de uma inteligência sempre excepcionalmente lúcida, e por vezes indignada; de uma sensibilidade humaníssima, ferida, quase em carne viva, mas represada numa arte austera e simultâneamente irónica, que sàbiamente exprime tanto o real (a que é tão singularmente atenta!) como o inefável, numa linguagem que não é de hoje nem de ontem, porque é de sempre, e que não recua ante qualquer espécie de convencionalismos, afrontando até o perigo do prosaico ou do ridículo ("Ou o marcial, juvenil / Alferes encantador…").

Enfim, um livro que a gente nova – muito embebida nos franceses, e desdenhando aquilo em que somos mais ricos: a nossa tradição lírica; e não lendo Camilos, nem Eças, nem Fialhos, como tenho verificado tantas vezes – vai decerto acolher sem simpatia, ou com acintosa desconfiança; mas que vai também surpreender favoràvelmente os que souberem ler e descobrir as suas riquezas – e que hão-de ser muitos, verá! E disse *surpreender* porque a Poesia, podendo viver até à última hora na alma dos grandes e verdadeiros Poetas como o meu Amigo, só raramente dá belos frutos a partir dos 60 anos. É, aliás, coisa que me maravilha – a mim, espírito precocemente gasto pela maldade alheia e o desgosto de viver – que se possa chegar até lá conservando intactas a frescura, a ingenuidade, a inventividade ou imaginação, a *inspiração*, em suma, indispensáveis para cantar por todos os a quem falta a voz.

Agora vou dizer-lhe os poemas de que mais gostei (mas o seu livro é para reler mais vezes! a sua Poesia é para reler sempre, porque há sempre coisas novas a descobrir nela): "Havia na Cidade" – sátira magnífica (mas tenho esperança de que Lisboa lhe inspire ainda versos de outra feição, em que a luz e as cores da cidade estejam presentes); não gostei muito de "Sucata", que já conhecia da *Capital*[530], porque o poeta *fútil* me lembra o

[530] 14-IX-1968.

conto do Gaspar Simões; "O Baile", outra bela sátira corajosa, na linha da inesquecível "Reportagem" da *Chaga do Lado*; "O tempo abandonado", em que a simplicidade da linguagem está a par da densidade de conteúdo: poema para reler e estudar; "Olhos no beco", que já conhecia do *Jornal do Fundão* e repudia a boniteza formal que muitos erradamente confundem com bom gosto (aspecto a estudar na sua Poesia: o que pode parecer mau gosto e é apenas a expressão brutal e justa de certas asperezas que também têm lugar no Poesia, onde tudo cabe); "A Estátua (que também já conhecia do *Tempo e o Modo*[531]), "Os dois de fora", "Melopeia do café deserto" e "Canção do moço jardineiro" (este desenvolvendo um tema já florado em certa página do *Filho do Homem*) – perfeitamente realizados; "O Relógio" – poesia do anacronismo, mas muito para além disso; "Elegia" – tão densa de significação na sua brevidade; "O grito" – um dos mais altos momentos do livro; "Serenata" – belíssima; "A última deusa" – para meditar, bem como os restantes poemas, que me falta reler atentamente e de que destaco desde já "Penumbra", "Convocação", "Ode à Esperança" e "Estação Término", talvez, na sua magistral contensão, um dos poemas mais *modernos* – e nem por isso menos *seus* – de todo o volume.

E pronto. Desculpe-me que arvorasse em crítico, desta vez…

Quando envia as restantes folhas dedicadas?

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – Quanto ao verso "do Nobre" – claro: tem toda a razão! E obrigado por mo ter explicado. Não é, na verdade, de alterar.

2.º P. S. – A publicação do seu retrato na *Capital* motivou dois telefonemas para mim: um do próprio Álvaro Salema – a perguntar-me se lhe não podia ceder a fotografia *para ele*; outro do Sousa Lobo (que *mauvaise conscience* será a dele em relação a si, para recear que lhe não ofereça o livro?), interessado também em obter uma cópia e impressionado "pelo olhar"… Claro que a um e outro respondi que a fotografia era da casa, como é, e não lhes disse que tinha, eu próprio, uma… para não fazer inveja àqueles amigos…

Amaro

*

11 – X – 68.

Meu querido Amigo:

Escrevi-lhe no domingo uma carta, maior do que o costume porque era domingo, e já não sei se disse muitas asneiras ao tentar pronunciar-me

---

[531] *O Tempo e o Modo*, n.º 7, Julho-Agosto de 1963: 74.

sobre o *Cântico Suspenso*. Na verdade, o livro não é de fácil leitura – o que já é um sintoma excelente. Terei de relê-lo mais vezes para estruturar a minha opinião, que no conjunto é, como não podia deixar de ser, de franca admiração pelo Poeta em 1968. Uma coisa há que gostaria de explicitar melhor: onde disse que em certos passos do poema "O Relógio" o poeta enfrenta corajosamente o prosaico ou o ridículo, quereria dizer: certos aspectos ridículos da realidade. (Nos seus livros anteriores já, aliás, se denuncia essa coragem – uma espécie de sarcasmo transcendente). Gostaria, agora, de receber notícias suas, que sempre me são tão gratas.

Abraça-o o seu m.to dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Seguem mais 10 *Salvações* para as suas ofertas.

2.º P. S. – Sim, tenho acompanhado com todo o interesse a sua polémica camiliana. E claro que as *boas razões* estão do seu lado, ainda que no primeiro artigo expostas com uma indignação que as boas relações até aí mantidas com A. Ferreira não fariam prever (digo isto mas não me passou despercebida uma alusãozinha também dissonante nessas boas relações, num artigo antigo do mesmo A. F., no *Comércio do Porto*, já não sei se acerca de Castilho ou a questão coimbrã).

O meu Amigo e Gaspar Simões são hoje quase que os únicos defensores dos puros valores literários – e é pena isso. Não vejo ninguém mais, com autêntico valor, que não misture sociologia, ou filosofia, com literatura… O A. F. é dos mais inteligentes do outro lado da barricada, mas errou quando quis amesquinhar o Camilo. Queixava-se-me ontem de que o meu Amigo tinha sido "muito duro"…, esquecido do resto.

*

Queluz – 18 de Outubro, 68.

Meu querido Amigo:

Tenho estranhado melancòlicamente o seu silêncio sobre a carta que lhe escrevi sobre o *Cântico Suspenso*, e pensado se terei dito algo que lhe desagradasse. Se, porém, o livro me agradou tanto e me surpreendeu tanto (surpreendeu porque, de facto, nos dá um Régio *diferente*), só por dificuldade de expressão eu não deixei transparecer ou não soube comunicar-lhe o meu entusiasmo. Aliás, creio ter vincado bem não se tratar de uma obra fácil – o que já de si implica riqueza, complexidade, matéria para meditação. Decerto que em novas leituras apreenderei ainda melhor as belezas que a obra contém. E quando admiti que a *certos* novos (sim: seria injustiça generalizar) o livro não entusiasmaria, não quis insinuar que se não tratasse de uma poesia original, nova, *sua*. Também a mim me são indife-

rentes as correntes em voga, que podem ter quando muito um interesse ou curiosidade formais. O conteúdo é que me interessa – e esse não consigo captá-lo nos poemas sábios dos rapazinhos de agora, pretensos "mestres de poesia", nem sequer – para ser franco! – nas manipulações poéticas de muitos dos meus companheiros da *Árvore*, apesar de a revista ter passado como a última palavra da poesia da época… Claro: o meu Amigo sabe perfeitamente isto, visto que me conhece, até nas minhas limitações: mas, mesmo que estas não existissem, o meu tipo de sensibilidade nunca seria pròpriamente o daqueles excelentes camaradas meus (excelentes alguns…), para quem vagamente existe uma tradição poética portuguesa. Claro ainda que não é por "patriotismo" que prefiro essa tradição poética, embora não alimente uma deliberada hostilidade pela poesia novíssima. Até gosto dos poemas da Sophia, do Eugénio (que considero superiores artistas). Na gente mais nova é que não há meio de descobrir um verdadeiro talento – e não vejo que os grandes Poetas inteligíveis, como o meu querido Amigo, estejam ultrapassados; não compreendo, mesmo, porque é que o discurso seja inimigo da essência poética. De resto, as profusas teorias sobre Poesia, do meu caro Ramos Rosa e de outros – como o G. C.[532] – que me não são caros, só me causam cansaço, e um certo enfado… Que se faça da Poesia, e da reflexão sobre ela, um motivo de ginástica mental – está bem, e não direi que essas não sejam inteligentes; mas verdadeiramente *criadores*, mas verdadeiramente *poetas*, não o creio.

Pensando melhor, acho o seu livro muito bem organizado: até os poemas que, lidos isoladamente, me poderiam ter agradado menos (como "Sucata"), até esses ganharam no conjunto, e afinal ajudam a compreender o *todo* da obra. Todas as suas coisas, aliás, ganham em ser relidas, e tem sido afinal o Tempo o melhor crítico de todas elas. Qual dos seus livros o que se possa considerar envelhecido? Não creio que nenhum: os *Poemas de Deus e do Diabo* aí estão ainda vivos, perturbadores, *reveladores*. E tudo isto porque, sendo o meu Amigo um construtor literário no mais alto sentido da palavra, não é um *literato* – no que o termo tem de artificioso, mundano, epocal.

– Li, muito por alto (as engenhosidades filosóficas cansam-me, como disse), a resposta do A. Ferreira neste último suplemento do *D.º de Lx.ª*. Inteligente, sim (tanto, que, bom técnico de publicidade – ele e o C. D.[533] – exploram hàbilmente o partido publicitário que podem tirar desta polémica), mas qualquer leitor de boa fé, como eu – ainda que simplório –, não pode deixar de perguntar: "Mas então e o Camilo? A refutação ou

[532] Gastão Cruz.

[533] Costa Dias.

confirmação do seu juízo sobre Camilo, que indignou José Régio?" Porque é Camilo quem está ou devia estar em causa: não a ironia, a validade ou condições de perenidade da Obra de Régio, etc… Aliás o próprio Alexandre Cabral, nos prefácios às *Polémicas*, parece que já tinha dito – ainda que num nível crítico modesto – que se Camilo foi reaccionário, também há, na sua Obra, facetas progressistas ou progressivas: e isto sem nunca lhe negar o que é uma evidência – o génio.

Enfim, tanto A. F. como C. D. o que devem é estar-lhe gratos, querido Amigo, pela excelente oportunidade que lhes deu de serem comentados, falados, *descobertos*…

– Tenho aguardado que me devolva os restantes oitavos da *Salvação do Mundo*, mas parece que "suspendeu" as dedicatórias. O Serafim Ferreira já mandou perguntar-me se não tinha nenhum livro para ele; e o Sousa Lobo voltou a perguntar-me, também, se lhe podia arranjar um retrato igual ao que saiu na *Capital*… O Salema também estava interessado. Ainda haver[e]mos de constituir, um dia, o "grupo de amigos de José Régio"; o pior é que já o Ricardo Reis disse que "Não só quem nos odeia ou nos inveja / Nos limita e oprime; quem nos ama / Não menos limita"… E nos próprios amigos poderá haver, humanamente, falhas, pequeninas coisas destoantes… Por mim, não me acusa a consciência de haver sido alguma vez desleal para consigo: quanto a ser mais eficiente, mais prestável – já lhe falei das limitações que me rodeiam. Até o fim do ano sairá um prospecto digno da propaganda das suas Obras. E não sou eu quem faz os anúncios da casa – que umas vezes saem relevantes e outras vezes não resultam (mas não creio que seja voluntàriamente que isso aconteça).

– Programaram, lá, a publicação do *Cântico* em Dezembro, que é de facto mês óptimo para venda de livros novos. Antes, sairá o *Fado*. Mas concordará o meu Amigo com esta programação? De qualquer modo, receberá em breve – espero – uma parte dos seus direitos, como é de justiça.

E, por hoje, não quero maçá-lo mais. Vou pedir a seu irmão Júlio que me envie o original de um livro de poemas que me disse ter feito e que eu gostaria muito que a Portugália editasse. Tenho a esperança de que também em 1969 poderá ser publicada a antologia do nosso Alberto de Serpa – em que aliás ele não chegou a falar ao Sr. Agostinho Fernandes. Vou escrever-lhe, a esse querido poeta e amigo – que é decerto consciente da delicadeza da minha situação. Apesar de honrado com a amizade de pessoas excepcionais como o meu Amigo, Serpa, Ribeiro Couto e, posso dizer, todos os grandes autores da casa – até o neo-realista Gomes Ferreira, com quem tenho as melhores relações, e que eu gostaria que o meu Amigo estimasse também um pouco –, e apesar de ter publicado eu próprio algumas coisas que esqueci mas que, enfim, me não envergonham –

nunca, naquela casa, a minha opinião teve o êxito, mesmo relativo, que me seria devido. E isso acontece, afinal, sem que, também, nunca eu tivesse sobreposto os interesses de autores meus amigos aos da própria casa…

Enfim: encaro o futuro sem confiança mas procurando evitar um desespero estéril.

Aguardo as suas notícias – o prazer sempre grande das suas notícias.

Abraça-o comovidamente o

Luís Amaro.

P. S. – A Aliete prepara novo ensaio sobre as *Três Peças em Um Acto*. De Álvaro Ribeiro não voltei a saber nada. Procurei o nº de telefone dele, agora, para lhe falar aqui de casa; mas não vem na lista – pelo menos naquele nome.

*

Vila do Conde
23/10/68

Querido Amigo:

Vê como essa sua imaginação é inimiga da sua paz de espírito? do seu equilíbrio psico-fisiológico?

Eu não lhe tenho escrito mais vezes simplesmente porque tenho andado ocupadíssimo com diversas coisas. Não é só a literatura que me ocupa. Há outras coisas na minha vida particular.

A sua carta sobre o *Cântico Suspenso* não me provocou nenhuma reacção desagradável, pelo contrário.

E *em primeiro lugar*: Então eu ia deixar de lhe escrever, estando nós já ligados há anos pela amizade e por interesses que se tornaram comuns – por qualquer opinião que o meu Amigo tivesse sobre um livro meu, fosse ela qual fosse?! Os meus Amigos podem ter sobre os meus livros as opiniões que quiserem ou puderem! Como sou bastante combativo, discutidor, etc., – poderei discutir com eles as suas opiniões. Porém, mais nada. Sou, muitas vezes, aparentemente caprichoso, muitas vezes o meu humor depende das trovoadas, dos nevoeiros, etc., estou muito ligado (físio-psicològicamente) às alterações do tempo, que até pressinto como as pressentem certos animais. Mas o meu coração e o meu espírito são bastante firmes, – não se alteram tão facilmente. As minhas amizades não são volúveis, confie em mim.

Em *segundo lugar*: Os seu juízos e opiniões sobre *Cântico Suspenso* só me foram lisonjeiros. Sei que o livro não é fácil, – é até porventura desconcertante. Se eu lhe disser que até a mim próprio me desconcertavam

um pouco certos poemas que me vinham!... Em tal caso, como poderia eu estranhar qualquer posição que seja a de ainda precisar de voltar a ler, e pensar? E repito, as opiniões dos meus Amigos ou de quem quer que seja sobre os meus livros – são livres.

Agora sobre ofertas d'*A Salvação*: Ainda cá tenho três ou quatro oitavos para dedicatórias, que lhe vou devolver com elas. Como recebi bastantes exemplares do livro, mandarei alguns pessoalmente. Ao Serafim Ferreira, peça-lhe que me desculpe a demora, – vou remeter o exemplar (o oitavo) que lhe pertence. Ele tem sempre direito a um exemplar de qualquer livro meu que se publique.

Ao Sousa Lobo (de quem recebi uma carta) não torno a oferecer livros. Ele já devia sabê-lo, se leu a última carta que lhe escrevi há meses. Conversaremos, o meu Amigo e eu, a tal respeito, quando nos encontrarmos.

E pronto, por hoje. Conversaremos ainda, quando nos encontrarmos, sobre outras personalidades. Cá estou à espera de novas provas. Parece-me que o *Cântico Suspenso* poderia ser ainda aumentado com alguns poemas… que sinto ainda, obscuramente, dentro de mim. Ficarão, se vierem, para uma hipotética reedição do Poema… – porque na realidade aquilo é um *Poema* no sentido clássico: tem a sua unidade, embora fragmentada.

Escrever-lhe-ei para a Portugália sobre coisas editoriais, quando for necessário.

Fiquei profundamente chocado com o que se deu, a respeito do Cristóvão Pavia[534].

Abraço do seu amigo sempre,

Régio

*

28 – X – 68.

Meu querido Amigo:

Só duas linhas, nesta nevoenta manhã de segunda-feira, para lhe agradecer a bela carta que me enviou. Claro: tem toda a razão – eu é que desconfio de mim próprio, e receio por vezes ferir as pessoas que mais estimo… E a sua amizade é, para empregar a justa expressão da M.ª Aliete Galhoz, *preciosa*: já não poderia viver sem ela…

Esteve aqui no sábado Álvaro Ribeiro, que falou comigo (eu telefonara-lhe para casa, mas ele não estava). Confirmou que Domingos Monteiro

[534] Cristovam Pavia, pseudónimo de Francisco António Lahmeyer Flores Bugalho, filho do poeta da *presença* Francisco Bugalho, morre dez dias antes da redacção desta carta, a 13 de Outubro, com 33 anos. [LP]

lhe assegurara que o livro estaria pronto até fim [*sic*] do ano, mas entretanto não viu provas. Como o D. M. também é um imaginativo, suspeito que a obra ainda acabará por vir para cá…

Gostei de falar com Álvaro Ribeiro, ainda que me desagrade nele um excessivo conformismo – que até se reflecte na conversa dele. Assinalou logo a amizade "de tu" do D. M. com Marcelo Caetano, as boas relações do mesmo com Franco Nogueira (que aliás também eu conheço, tendo até um livro dele dedicado…), com Galvão Teles e outros homens poderosos… Que diabo, o verdadeiro escritor, e para mais o filósofo (afim do poeta), devia ser insensível a essas "grandezas"…

Mas, à parte isso, gostei de falar com Álvaro Ribeiro. Ele sabe, de resto, que a minha vontade era que publicasse cá o livro, mesmo este ano ainda.

Seguem provas do *Fado* e do *Cântico*, que revi ontem de manhã. Agradeço me ajude na parte gráfica e dê as sugestões que entender. Julgo que a mancha do *Cântico* ficou bem assim – quando não minimizávamos o livro. Espero que não achará excessivo as cortinas para cada poema, visto alguns deles (a maior parte) serem longos.

Um pedido: gostaria muito de ter uma cópia autografada do "Fado Alentejano" – poderá ser? Vou "decorar" com versos de Poetas meus amigos o escritòriozito em minha casa, e gostaria de começar por José Régio. O nosso Alberto de Serpa dará licença? Fico-lhe desde já muito grato.

Abraça-o o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Nada sei do Cristovam Pavia, mas espero o pior. Informar-me-ei hoje. Há muito que não tenho notícias dele.

P. S. – Já há muito que estou para lhe falar no seguinte assunto, mas tem-me esquecido:

O Azinhal Abelho já mandou – autorizado pela Câmara – colocar a lápide com versos do Botto, num largo de Alfama, perto da casa onde se realizou a exposição. Oportunamente se realizará a inauguração *oficial*, com uma pequena cerimónia. Ainda não tive tempo de ver a lápide colocada: irei lá por um destes sábados, pois um passeio a Alfama é sempre sugestivo e agradável.

Acontece que a lápide custou muito mais do que se previa, por ter ficado muito grande. E o Azinhal, para cobrir a despesa, está disposto a vender o retrato – belíssimo! – que possui do Botto, pelo António Soares. Por 2.500.00 – importância que parece faltar para cobrir o *déficit*, que não é justo fique a cargo do Azinhal Abelho.

Pergunto (e já fiz a mesma pergunta ao Eugénio de Andrade, que entretanto partia, em férias, para a Grécia): Será possível vender o retrato? Conhecerá o meu Amigo um coleccionador que queira adquiri-lo? Trata-se de uma peça que vale o dinheiro – quanto a mim. É o retrato que foi reproduzido no programa da exposição de A. Botto.

– Aguardo o favor de uma notícia sobre o caso. Muito obrigado sempre o Luís Amaro.

*

Vila do Conde
28/10/68

Meu querido Amigo:

Finalmente, aqui lhe mando os últimos oitavos[535] com dedicatórias d'*A Salvação do Mundo*. Agora já não tenho mais em meu poder, – e dou por terminadas as ofertas enviadas por intermédio da Casa. Como já vão atrasadas, agradecia-lhe muito que as enviasse com a urgência possível.

Juntamente lhe devolvo dois oitavos das *Histórias de Mulheres* que ainda cá tinha, e que ficaram em branco. Não sei se poderão ser úteis.

Agora outra coisa: Eu tinha grande empenho em conseguir para um Amigo (que o compra, está claro) um exemplar da edição especial dos *Três Ensaios sobre Arte*. Seria possível conseguirem-mo aí na Portugália? Muito agradeceria! Mas há uma dúvida: creio que se trata dos *Três Ensaios sobre Arte*, sem ter a certeza de me não haver enganado no livro. Vou averiguar junto do pretendente, e voltarei a escrever-lhe sobre o assunto. Por agora, ou para já, só queria saber: Supondo que se trate dos *Três Ensaios*... seria possível conseguir?

Parece-me que nada mais por hoje. Escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes, a quem peço me recomende, e remeti-lhe o recibo referente à conclusão dos meus direitos sobre a reedição da *Salvação*.

E os meus livros de versos? novas provas?

Um abraço do amigo

José Régio

P. S. – ~~Como verá devolvo-lhe 2 oitavos das *Histórias de Mulheres* que ainda cá tinha.~~[536] Verifico que já estava dito!

*

[535] Segue seta no cimo da página: cinco.

[536] O *post scriptum* encontra-se com uma cruz por cima e uma seta assumindo a repetição da informação, tal qual aqui se encontra. [LP]

29 – X – 68.
Meu querido Amigo:

Junto segue uma carta hoje recebida para si.

Só ontem à noite tive conhecimento do caso Cristovam Pavia – e fiquei, como é de supor, muito impressionado. Que se passaria com esse pobre amigo – que não era, psico-fisiològicamente, um anormal? Que drama teria ele levado para a cova? Que desequilíbrio constitucional (mas incurável?) haveria naquele rapaz que me parecia, nos aspectos mais importantes, ser igual aos outros?

Tive com ele um convívio muito breve, e só verdadeiramente o conheci desde a Feira do Livro, nas conferências realizadas a seu respeito. Acompanhou-me nessa noite a Queluz e falou-me, com febril entusiasmo, do *nosso* Poeta, destacando o *Mas Deus É Grande* (que também Álvaro Ribeiro prefere, a seguir à *Sarça Ardente* e ao *Filho do Homem*). E com que carinho me falou também de Manuel Bandeira, e de uma poetisa suíça, amiga dele![537] (suspeitei uma paixão platónica, porque poucos dias depois passei a receber, diàriamente, um poema dessa poetisa: ele não queria enviar-me todas as cópias de uma só vez. E já pensei, vagamente, se teria havido um caso sentimental – esse, precisamente – a complicar e exacerbar a sensibilíssima vida psíquica do santo rapaz). Ao pensar na total confiança com que ele, neste nosso breve e recente convívio, se me abria – e com o remorso de não lhe haver correspondido inteiramente, pois desde que regressei de férias só uma vez lhe escrevera um simples cartão –, fico a sofrer, também, por não me achar digno de uma alma tão excepcional.

Ontem falei-lhe num retrato do Botto pelo A. Soares[538]. Parece-me que talvez o Azinhal Abelho pudesse reduzir um pouco o preço, visto que a finalidade não é comercial. Se conhecer alguém interessado agradeço me diga. E, depois de arrumado este assunto de Alfama, temos que "desenterrar" o pobre Poeta, publicando-lhe uma Antologia. Que lhe parece? Claro: o caso A. B. é dos que levantam o eterno problema do bem e do mal – mas não serão, também, a beleza e a desgraça redentoras? Ou será que o *bem* é apanágio dos poetas viris, dos seres *normais*? E terá a verdadeira Poesia que ser nìtidamente "sexuada"? Tudo coisas já por de mais debati-

---

[537] Em *Poesia*, Lisboa, Moraes Editores, 1982: 199, "Merci" (de 25-IV-1966, em francês) é dedicado «(A Anne Perrier)», nascida em Lausanne (1922), apaixonada pela música – daí, referência de Pavia à «pureté / mozartienne», ao «sel / mozartien» – e com extensa obra desde 1952. Faleceu em 2017. Para o estudo desta relação, ver p. 217.

[538] António Soares, 1894-1978.

das, e que hão-de sempre fazer pensar… Ou que hão-de ser sempre misteriosas…

Abraça-o afectuosamente, por hoje, o

Luís Amaro.

P. S. – Há muito que me esqueço de lhe pedir uma informação de que preciso: em que nº da *Seara Nova* saiu a famosa (mas por quase todos desconhecida) referência de António Sérgio, que o definia como um clássico da nossa Poesia moderna? Preciso muito desta informação. Obrigado!

2.º P. S. – No preciso momento em que fechava esta carta, recebo o pacote com as últimas folhas dedicadas e a sua carta. Antes de mais, achei curiosíssima – e bem reveladora dos seus sentimentos – a dedicatória ao Sant'Ana Dionísio. Vou pedir urgência à oficina de brochura. E ainda bem que não se esqueceu do Castelo Branco Chaves – outra sensibilidade em carne viva a fingir de racionalista estreme.

Tenho pena de lhe dizer que a tiragem especial está inteiramente reservada a assinantes. Não há um único número disponível. E, se houvesse, não se podia vender um livro isolado, porque então ficaria truncada toda a colecção com o mesmo número.

Lamento, desta vez, dar-lhe esta resposta negativa – que aliás não deixará de ser agradável a um autor, visto que prova o interesse que há nas suas Obras. O último n.º disponível foi recentemente para um bibliófilo de Aveiro, que comprou a colecção completa.

– Quanto às novas provas do *Fado* e do *Cântico Suspenso*, creio que já estarão em seu poder.

Seu grato, sempre Amaro.

*

7 – XI – 68.

Meu querido Amigo:

Recebi as provas do *Cântico* e do *Fado*. Deste ser-lhe-ão enviadas novas provas, conforme deseja. Acompanharei um e outro livro com todo o cuidado que me é possível.

O Sr. Ag. Fernandes quereria que o *Fado* incluísse as ilustrações do Stuart, com as duas que da outra vez ficaram de fora e excluindo, talvez, a do cemitério. Que diz o meu Amigo?

Recebi anteontem, pela primeira vez, uma carta do Eugénio Lisboa, que me vai mandar um ensaio sobre *A Velha Casa*. Sei que a Maria Aliete está a acabar, para a revista *Contravento*, o seu estudo sobre as *Três Peças em Um Acto* e estuda, agora, a *Benilde*.

Um pedido mais: Quererá ou poderá o meu Amigo escrever umas linhas sobre o pobre Cristovam Pavia (falecido, afinal, exactamente no dia 13, em que morreu Manuel Bandeira, que ele tanto admirava)? Vou propor ao Álvaro Salema – e já ontem falei nisso ao Rogério Fernandes, que ignorava o triste acontecimento e foi companheiro de liceu do nosso poeta – uma página na *Capital*, à memória do Amigo que perdemos. A Maria Aliete está a acabar um artigo, o António Luís Moita vai mandar-me o seu depoimento, eu dedicar-lhe-ei o último "poema" que escrevi (há muitos anos!), o R. Fernandes escreverá umas linhas. E o meu Amigo – quererá colaborar nesta singela e tão justa homenagem?

Ainda não pude ir visitar a Senhora Dona Guilhermina Bugalho, que ficou desnorteada com o brutal choque que recebeu (intimamente, receio bem pela saúde mental da pobre Senhora, mas já se sabe que a minha tendência é sempre para pensar o pior).

– Abraça-o com toda a amizade o

Luís Amaro.

P. S. – O Ant.º Luís Moita admite a hipótese de desastre (como admite a outra hipótese, também), pois o Cristovam era, nos transportes, de uma abstracção absoluta, em certos momentos.

*

Vila do Conde
8/11/68

Importante: Poderá conseguir-me a direcção do Eduardo Lourenço? Obrigado!

Querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e ontem o *Jornal do Comércio*, em que vinha a nota sobre *A Salvação*. Fiquei sabendo, pela sua carta, dos projectos do Eugénio Lisboa, – já mais ou menos sabia dos da Maria Aliete Galhoz. Enfim, o meu Amigo é incansável nessa espécie de campanha em volta da minha obra, que assim vai tendo uma *popularidade* (digamos) contra a qual se vai tornando impotente a campanha de discrédito [*sic*] ou silêncio que lhe movem outros. Desculpe-me agradecer-lhe a boa vontade nestas duas linhas apressadas. E agora, vou responder por partes ao essencial do que me diz ou já tinha dito:

– *Venda do retrato do Botto*: Quem ficaria com ele seria eu (ainda não pus de parte essa hipótese) se o momento me não fosse financeiramente tão pouco as[z]ado. Decerto, até tenho recebido mais dinheiro nos últimos

tempos! Ando, porém, com umas obras cá nas casas de Vila do Conde (já nem direi obras de Santa Engrácia, pois essas parece haverem terminado!) que me sugam, é o termo, todo o dinheiro disponível e até o excedem. Falei, pois, ao Serpa na possibilidade de ser o retrato comprado pelo Pinto de Azevedo, e ele ficou em tratar de isso. Veremos o que de aí sai. Poder-se-á esperar um pouco?

– *Ilustrações do Stuart na nova edição do Fado*. Se é vontade do Senhor Agostinho Fernandes incluí-las, – eu não posso senão regozijar-me com isso! Peço para lho dizer, e lhe transmitir os meus cumprimentos. Certamente a edição ficará valorizada!

– *Página consagrada a Cristóvão Pavia*. Acho verdadeiramente louvável a ideia e claro está que não deixarei de escrever umas linhas para a página. Não sei bem o quê..., mas eu todos os dias me lembro de ele! Doi-me [*sic*]... como uma ferida. Ùltimamente, ele escrevia-me quase todos os dias. Não sei, aqui em Vila do Conde, como reler versos seus. Poderá dar-me qualquer indicação? Facilitar-me, de qualquer modo, essa leitura? Desculpe!

– Recebi o embrulho dos últimos exemplares da *Salvação* (10), o que julgo ainda lhe não ter comunicado.

– Vou copiar para si o "Fado Alentejano", se é este que prefere. Um abraço do amigo

José Régio

*

9 – Nov.º – 68.

Meu querido Poeta e Amigo:

Seguem hoje as 3.as provas do *Fado*, que peço encarecidamente devolva, por favor, na volta do correio. Já vi alguns disparates da tipografia, a começar pelo 1.º oitavo – que só lhe mando porque o meu Amigo pode ter, para a indicação bibliográfica, alguma sugestão a dar. Vigiarei, porém, tudo com atenção – e estou até disposto a fazer uma nova leitura de todo o livro, não vá haver alguma diabólica troca de linhas. Também reparei que, estùpidamente, não numeraram todas as págs., como eu havia recomendado.

– Sobre o artigo que lhe pedia para a página ao Cristovam, na *Capital*, reconheço que acordei demasiado tarde, e essa página teria toda a oportunidade na próxima quarta-feira precisamente, em que faz um mês que esse querido Amigo desapareceu (ou obteve o definitivo repouso, já que viver, para alguns – nos quais me incluo, e decerto mais dramàticamente do que ele –, é um permanente desassossego ou sofrimento, ou quase uma humilhação… Isto é que é "carregar nas tintas"!).

Claro que, não chegando a tempo o seu artigo, como é natural, ficará para depois o depoimento que decerto não deixará de escrever sobre o jovem Poeta. Se calhar nem tem à mão o livro que ele deixou.

Fui ontem, finalmente, visitar a Senhora Dona Guilhermina – que sente a vida esfrangalhada, como é de prever: o outro filho está na tropa, em Mafra, em vésperas de ir para o Ultramar, e a filha, casada, vive em Santarém. À pobre Senhora parece tudo isto um mau sonho, um pesadelo, em que mal quer acreditar. O que seria se houvesse problemas materiais a atormentá-la, como em tantos outros casos!

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

*

13 – XI – 68.

Meu querido Amigo:

Tive ontem um dia tão agitado que não arranjei tempo para lhe escrever duas linhas, a agradecer a sua carta e a informá-lo da morada do Eduardo Lourenço, que é:

54 Chemin de Brancolar

06 Nice – France

Se ele quisesse (se dispusesse a) escrever um dia um longo trabalho a seu respeito! Tem excepcionais faculdades para isso.

– Seguiu logo ontem o livrinho do Cristovam Pavia, por sinal o exemplar que a Maria Aliete me tinha emprestado para copiar o poema para a *Capital*. Oxalá eles publiquem hoje o artigo da nossa Amiga, ou pelo menos a nota que o Rogério Fernandes prometeu escrever! O que não invalida o pedido que lhe fiz, porque o Cristovam bem merecia umas palavras suas. Não publico, afinal, o meu poemazito: poderia parecer oportunismo…

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

P. S. – Recebi hoje, e agradeço-lhas, as provas do *FADO*.

2.º P. S. – Agradeço-lhe também a promessa de me enviar cópia autografada (melhor: autógrafa?) do "Fado Alentejano". Não é que prefira esse aos outros poemas do *Fado*. Mas porque, além de realmente muito belo, é mais pequeno que os outros (destino-o, como lhe disse, a ser emoldurado. Já lá tenho uns versinhos inéditos que o Ribeiro Couto me enviou em 45, e são mais ou menos assim:

A Luís Amaro,

amigo caro,

digo obrigado – e paro!
Que o novo ano lhe não seja avaro
de nenhum bem – por mais raro.)

Além disso, o "Fado Alentejano" é da minha terra… – embora eu, de lá, só guarde – infelizmente e por desgraça minha – a funda melancolia.

Obrigado por tudo!

*

27 – XI – 68.

Só duas linhas, meu querido Amigo, para lhe dizer que, *da minha parte*, não tem havido paragem dos assuntos que respeitam às OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ RÉGIO. Sublinho *da minha parte*, e passo adiante.

Conto enviar-lhe hoje folhas impressas do *Fado*. O *Cântico* vai começar a imprimir.

Recebeu o livro do Chico António?[539] Sempre escreve o artigo que tencionava dedicar-lhe? Muito desejo isso.

O poemazito que publiquei na *Capital* saiu estropiado. Claro que o «rima Lima» é o *rio* Lima[540]. Tipógrafos e revisores diabólicos!

Os suplementos de amanhã (*Lisboa* e *Popular*) devem também referir-se a Cristovam Pavia[541].

– Abraça-o muito gratamente o

Luís Amaro.

*

11 – XII – 68.

Meu querido Amigo:

Tenho a alegria de lhe enviar hoje o primeiro exemplar (ou os primeiros – depende da oficina de encadernação) do seu belo *CÂNTICO*. Ontem remeti-lhe 50 exs. da 1.ª folha, para as costumadas ofertas, de que (tive um dia agitadíssimo!) não pude remeter-lhe a lista (claro: alguns dos nomes são pura sugestão, não *imposição* da casa…). Seguirão hoje mais *20* folhas, para ofertas suas particulares, a fim de lhe evitar a maçada dos embrulhos.

---

539 Francisco António Lahmeyer Flores Bugalho.

540 "Viana", *Diário Íntimo*…, 2011: 124.

541 Fernando J. B. Martinho, "Na morte de Cristovam Pavia", *Diário de Lisboa*, 28-XI-1968; "Cristovam Pavia", *Diário Popular*, 28-XI-1967. Nota breve, não assinada, seguida de poema.

E… dê notícias, por favor, que estou saudoso delas. A Maria Aliete vai escrever um artigo sobre o *Cântico*.

Preço do livro: 40.00. José Régio não é, nunca foi, um poeta barato. E hoje qualquer Namora ou Redol custa 60$00 ou mais.

– O Raul Rêgo, do *Diário de Lisboa*, ofereceu-se-me para redigir uma notícia no jornal logo que o livro saia (amanhã).

E não sei que mais tinha para lhe dizer… Seu Irmão Júlio esteve cá há dias, e é possível que a casa publique no próximo ano o seu livro *ESSÊNCIA*[542].

Tenho esperado que o Eugénio Lisboa me envie um prometido ensaio sobre *A Velha Casa*.

Há que reeditar sem demora os seus livros de Poesia, incluindo (primeiro) os *Poemas de Deus e do Diabo*. Ainda hoje o pracista da casa (o homem que está em contacto com os livreiros) me confirmou a necessidade de reeditar os seus livros de Poesia, quase todos esgotados há tantíssimo tempo!

Abraça-o o sempre seu

Luís Amaro.

*

13 – XII – 68.

Meu querido Amigo

Espero ter hoje notícias suas – a impressão que lhe deixou a edição do seu novo *Cântico*. Mas entretanto envio-lhe esta folha do *Diário de Lisboa*[543], em que Raul Rego, afastado do Suplemento em que reina agora o Cardoso Pires (que aliás também já se referiu simpàticamente à *Salvação do Mundo*), noticiou como acontecimento, que na verdade é, a publicação do *Cântico Suspenso*.

Tenho no *Diário de Lisboa* um outro amigo a quem devo muitas atenções e a quem gostaria de mandar um ex. do seu livro, autografado: é o jornalista e escritor César dos Santos, homem bom e generoso, que foi amigo do Botto, do Aquilino e de tantos outros. Aceita a minha sugestão? Obrigado.

– O livro, saído ontem, está a ter um bom acolhimento nas livrarias. Não sei se a casa tem agente em Vila do Conde – vou falar aqui na vantagem de enviarem uma quantidade maior para Vila do Conde e Portalegre.

A propósito: sugiro também que autografe para os jornais de Portalegre – *A Rabeca*, não é? E *O Distrito de Portalegre*?

---

542 Sairia no Porto, Brasília Editora, 1973.

543 13-XII-1968: 14.

Disse-me a Maria Aliete que o meu Amigo ia escrever para o *Primeiro de Janeiro* o artigo sobre o Cristovam. Se necessitar de uma fotografia, pode arranjá-la. Vou escrever ao Alberto de Serpa, que me parece, pelo mutismo absoluto, não estar lá muito satisfeito comigo…

Abraça-o gratamente o seu, sempre,

Luís Amaro.

P. S. – Há toda a vantagem em oferecer desde já os livros autografados! Perdoe a insistência.

*

Vila do Conde
15/12/68

Meu querido Amigo:

Desculpe a demora destas linhas! Tenho tido a vida muito ocupada, com variadas coisas, porque nem só a literatura me ocupa.

Recebi, por duas ou três vezes, os exemplares que me enviou do *Cântico Suspenso*, bem como as folhas para as dedicatórias. Convinha, na verdade, que os exemplares com essas dedicatórias fossem enviados ou entregues aos "agraciados" o mais depressa possível. Para isso conto com a sua boa diligência... a minha não pôde ser melhor. Igualmente recebi a página do *Diário de Lisboa* em que o Raul Rego foi tão amável. Obrigado.

O livro apresenta-se muito bem, como aliás todos os que têm saído nas Obras Completas. Todos os amigos a quem o mostrei gostaram. Por enquanto, ao menos, não lhe vi nenhuma gralha ou falha. E até o facto de não haver muito texto possibilitou uma largueza que valoriza a edição. Se algum pormenor houvesse a merecer reservas, seria o da colagem da capa. Algumas capas se me afiguraram coladas de mais, outras de menos, descolando logo. Talvez não desconviesse uma observaçãozinha a tal respeito. Os versos também têm sido aplaudidos pelos poucos que já os leram.

Quanto às dedicatórias, receio ter de lhe dar, como outras vezes, uma ou outra decepção. Tenho de substituir por outros alguns nomes que me propõe. Já me não sinto capaz de fazer dedicatórias a quem só tem tido para comigo atitudes que me parecem dúbias (as gentes d'*O Tempo e o Modo*, por exemplo) ou a quem possa pensar que só lhe envio o livro para merecer qualquer referência na Imprensa. O livro há-de se [*sic*] vender mesmo sem essas con-descendências [*sic*].

Sobre o Cristóvam de Pavia [*sic*] (chegou a enviar-me algum exemplar do seu livro? Nunca o recebi, e pedi emprestado ao Serpa o seu) combinámos, de facto, escrever eu o artigo para *O Primeiro de Janeiro*. O dito Serpa não tem nada contra si, – pois que teria?! Simplesmente anda sem-

pre ocupado com o jornal. Ele tinha-me falado em pedir um retrato à Mãe do Cristóvam. Não sei se não será mais fácil dizer-lhe o meu Amigo que lho arranja.

Como quero enviar eu mesmo, para serem recebidos mais depressa, alguns exemplares, ou os quero entregar de mão, – não me chegam para isso os *Cânticos* recebidos. Poderá enviar-me alguns mais? Devolver-lhe-ei os oitavos que me não hajam sido necessários. E adeus por hoje. Agradecer-lhe-ia que me comunicasse quaisquer impressões (favoráveis ou desfavoráveis, não importa) que possìvelmente recolha por aí.

Um bom abraço do amigo

Régio

P. S. – Farei dedicatória àquele Amigo por quem se interessa: César dos Santos.

*

16 – XII – 68.

Meu querido Amigo:

Nesta manhã de segunda-feira, continuo a aguardar notícias suas, que afinal não vieram – o que não deixa de me surpreender um pouco, pois nada sei ainda – directa ou indirectamente – de qual a sua impressão sobre a edição do *Cântico Suspenso*. O livro, dizem-me do armazém (aqui, estou isolado de todo o movimento de vendas, o que não deixa de me desgostar, pela ignorância em que estou sobre um aspecto importante da casa) que se está a vender lindamente. Só de Portalegre veio hoje um pedido de mais 13 exs. Recomendei que enviassem uma consignação reforçada para Vila do Conde – embora estes assuntos não sejam, como disse, da minha regedoria.

– Viu a crónica do Raul Rego sobre livros seus e do Torga vendidos em leilão? Dei o meu jornal ao Sr. Fernandes (algo trôpego, embora mantendo ainda certa vivacidade de espírito ou as características que lhe são próprias. Tenho a impressão de que, apesar de tudo, tal como o Raul Brandão, se lhe fosse possível recomeçar a vida, ele reincidiria nas mesmas qualidades e nos mesmos defeitos, tão influenciado o vejo ainda por pessoas que altamente o prejudicaram e até o roubaram. De resto, ele próprio me disse, há já anos, preferir uma pessoa que o roubasse mas fosse dinâmica a outro honesto mas contemplativo).

Enfim – fico aguardando novas suas. Sugiro que o exemplar do Gaspar Simões lhe seja oferecido aí no Porto, para se ganhar tempo.

Devolva-me, por grande favor, as folhas impressas, com as dedicatórias.

– Agradeço-lhe me devolva também esta prova do *Fado*. Valerá a pena a indicação de *aumentada*, a seguir a *3.ª edição*? (Aumentada com o "Fado Alentejano". Mas, tratando-se de um só poema, justificar-se-á a designação de *aumentada*?)

Abraça-o muito afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – Mais uma vez o filho do Dr. Agostinho de Campos (António Emílio de Campos, tradutor da casa) me fala no gosto que teria em que o meu Amigo fizesse parte do grupo que, independentemente do elemento oficial – Academias, etc. –, organizará as comemorações do centenário daquele homem eminente (e hoje injustamente esquecido), centenário esse que passará em 1970. O Sr. António Emílio de Campos tem-me falado diversas vezes no assunto, e no empenho em que está de que o meu Amigo seja a *primeira figura* desse grupo organizador. Diz-me que é da sua autoria o melhor artigo que se escreveu sobre o Pai dele. E fala-me de si com a mais alta admiração.

Escrevo-lhe estas linhas por descargo de consciência, pois 1970 ainda vem longe. O Sr. A. E. de Campos gostaria muito de falar consigo quando o meu Amigo viesse a Lisboa… coisa que se está a tornar extremamente rara!! Parece que não ficou com saudades…

– Grato Amigo seu Luís Amaro.

*

17 – XII – 68.

Agradeço-lhe, meu querido Amigo, as 31 folhas agora recebidas com o seu autógrafo. Agradeço-lhe especialmente – ao artista plástico que mora (ou habita, como diria o V. Ferreira) em si, e ao bom Amigo que tanto me honra possuir, eu que tenho tão raros Amigos – a página que autografou para mim. Vai já tudo para a oficina de encadernação.

Ontem enviei-lhe mais 20 folhas, para lhe evitar a maçada da remessa de livros dedicados.

Faltam ainda para alguns nomes da lista (Rêgo, etc.). Obrigado por ter atendido o meu pedido para o César dos Santos, que no *Diário de Lisboa* (tal como o R. Rêgo) está sempre ao nosso dispor. Pense, por favor, no livro que se seguirá ao *Fado* (cujas estampas já estão impressas mas não vi ainda. Vou remeter-lhe uma colecção). A *Biografia*?

Peço o favor de me devolver a prova que foi ontem, com a sua resposta.

Para o seu arquivo, segue hoje a tal crónica bibliográfica do *D.º de Lisboa*.

– A vida tem-me feito reflectir mais, ùltimamente, sobre os nossos irmãos homens, e chego à conclusão de que as pessoas, de um modo geral,

são simplesmente sinistras. Também eu, na minha vida, tenho cometido erros, que amargamente tenho expiado e pago bem caro. Mas parece-me bem que a maioria dos outros é pior do que eu… A ambição, principalmente, é que dá às pessoas essa tonalidade sinistra que é uma das minhas descobertas recentes mais desalentadoras. Mas, infelizmente, Deus continua a estar longe, muito longe de mim… Sinto o Diabo mais próximo.

– Abraça-o saudosamente o seu grato

Luís Amaro.

*

18 – XII – 68.

Meu querido Amigo

Obrigado pelas suas notícias, que ontem tinha em casa. Os exemplares já foram hoje entregues aos dedicados – uns pessoalmente, outros enviados pelo correio. Como vê, vão ainda muito a tempo de servirem de "brinde de Natal".

Fiquei muito surpreendido por me dizer que não tinha recebido o livro do Cristovam Pavia (ele assinava assim: Cristovam Pavia, sem acento e sem o *de*, e não *Cristóvão*). É que lhe mandei um exemplar que tinha comigo, e pertence à Maria Aliete Galhoz, logo no dia seguinte à sua carta – isto é, no dia 9 de Novembro. Foi *registado* – mas ter-se-ia extraviado? Rogo o favor de me esclarecer, pois tratava-se do ex. da Maria Aliete (o meu foi remetido, também por empréstimo, ao Taborda de Vasconcelos, que mo pediu para escrever também um artigo). É muito estranho isto.

Vou ver se a S.ra D. Guilhermina me envia a fotografia. O meu Amigo já escreveu o artigo? Se sim, e se já o entregou ao Jornal, agradecia que seguisse a grafia que o pobre Cristovam usava no seu nome literário.

– Seguem hoje mais 15 exs. do livro para si.

Afinal, entre os que dedicou (e de que decerto tomou nota) já figuram o Salema e o Rego. Faltam o Urbano e outros mais, entre os quais o Sena (que deve estar a chegar a Lisboa por estes dias), o Cardoso Pires (a quem conviria oferecer, tanto mais que ele publicou sobre a *Salvação do Mundo* uma nota bem simpática) e alguns mais que me não ocorrem. Se tiver folhas em excesso, agradeço mas devolva sem demora, pois passado algum tempo já a oficina de encadernação não retém os volumes pendentes a que dizem respeito.

Recomendarei solidez na brochura, mas o livro é feito por uma excelente casa do género – e admira-me a deficiência apontada.

Escrevo-lhe muito à pressa, como vê, e num sombrio estado de espírito: meteram-me inesperadamente numa intrigalhada cá na casa, em que

estou como Pilatos no Credo; mas parece que estão sempre à procura de pretextos para me prejudicarem – e logo calhou numa altura destas, em vésperas de Natal! Que paciência quase sobre-humana a minha em querer ou tentar sobreviver… Só eu sei!

Não sei que mais tinha para lhe dizer. Opiniões sobre o livro ainda as não tenho – é demasiado cedo.

Não oferece ao David M. Ferreira?

Abraça-o comovidamente o seu velho e firme

Luís Amaro.

*

[19 –12 – 68]

PRECISO URGENTEMENTE EXEMPLARES COMPLETOS ESCREVO = REGIO

*

19 – XII – 68.

Meu querido Amigo:

Recebi hoje de manhã o seu telegrama. Os livros (15) foram enviados ontem, e espero que esteja a recebê-los. Seguiram registados.

Recebi também, hoje, mais 16 1.as folhas, e espero receber mais, autografadas (Fernando Mendonça, Moisés[544], Sena, etc. Não oferece, desta vez, ao Abelaira? E ao Mário Dionísio?).

Espero ainda que tivesse recebido hoje a minha carta de ontem. O ambiente a que me referia está mais desanuviado – quando não passaria um Natal lúgubre, como já me tem acontecido. Desculpe eu desabafar por vezes no seu seio de Poeta e Amigo…

Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – Não recebi ainda a carta.

P. S. – O Prof. Jacinto do Prado Coelho deu-me hoje uma alegria (rara na minha vida, como está farto de saber) ao convidar-me a rever (isto é, a fazer a revisão geral) das [*sic*] obras de Delfim Santos, que um grupo de amigos deste malogrado pensador está a elaborar para serem editadas pela Gulbenkian.

Se não fora abusivo da minha parte, eu sugeria-lhe uma dedicatória do *Cântico* para o Prof. Prado Coelho – a quem, de resto, o meu Amigo

544 Massaud Moisés.

várias vezes se tem referido com um louvor que se me afigura, também, absolutamente justo.

Seu m.to grato Luís Amaro.

3.º P. S. – Diz-me aqui um colega que da última vez, em lugar de 20 folhas (como eu tinha pedido), da oficina enganaram-se e mandaram 50 (além das 50 enviadas primeiramente). Não estranhe o meu Amigo, portanto, a obediência opípara. Rogo-lhe me devolva sem grande demora (pelo motivo que já lhe disse noutra casa) as folhas não utilizadas, e que devem ser bastantes. Isto não significa, devo, "discursivamente", acrescentar, uma limitação económica… O meu Amigo compreende.

Novo abraço do Amaro.

4.º P. S.! – Dizem-me do armazém que o livro está a ter uma saída excepcional. Parabéns!

*

20 – XII – 68.

Meu querido Amigo:

Espero que já tivesse recebido os 15 *Cânticos* pedidos, e que, portanto, as suas ofertas às pessoas amigas possam chegar a tempo.

Entretanto, espero também que tenham chegado a tempo as minhas cartas dos últimos dias, pois dizem-me que o serviço de correios anda muito atrasado.

Antes que me esqueça, queria sugerir-lhe a oferta do livro ao seu (nosso) amigo Dr. Guilherme de Castilho, que ontem esteve aqui e na segunda quinzena de Janeiro segue para Viena de Áustria como embaixador, libertando-se assim de Santiago do Chile – longínquo e parece que desinteressante, e onde ele e a Esposa sofreram o grande susto de ameaça de grave doença desta: felizmente, operada a Senhora em Lisboa, o pesadelo parece estar afastado do tão simpático, ilustre e estimável casal. O Dr. Castilho está hospedado na York House – Janelas Verdes, 32-1.º.

Envio-lhe hoje, com o maior prazer, um livro de Manuel Bandeira, que eu acho de atraente leitura e que é um modelo do género de obra que eu gostaria de ver organizada por si ou para si: crónicas e artigos de jornal e revista, que morreriam sepultados nas colecções das bibliotecas se não fossem coligidos em volume. É uma desvaliosa lembrança de Natal que o meu Amigo decerto aceitará sem constrangimento. O pior é se acontece o que também já previ: que já possua o livro…

Estranho não ter recebido a devolução da prova do *Fado* (pág. 4, com a indicação bibliográfica); ou melhor, estranharia se não soubesse que os correios andam atrasados.

A meu ver, a casa só tinha ganho em ter publicado ainda nesta quadra esse livro de largo público. Mas…

Viu o anúncio que lhe mandei, publicado no suplemento do *Diário Popular*?

Seguiram hoje os livros de que vieram ontem as dedicatórias: para Guanilho, Prista, etc.

E que mais?

Que tenha um bom Natal e que a sua saúde continue em excelente forma (relativamente, claro, aos maus dias que já passaram, e que tiveram pelo menos o mérito de terem feito nascer o *Cântico Suspenso*, se é que não aprofundaram ainda mais o seu conhecimento do sofrimento humano).

O abraço grato e amigo do sempre seu

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
23/12/68

Querido Amigo

Obrigado pela bela oferta do Bandeira!

Escrevo-lhe duas linhas quase ofegantes, – amanhã lhe escreverei com certo vagar. Aqui vão mais algumas *dedicatórias*. Bem poucas mais faltarão, vou ver. Depois lhe devolverei as folhas que restarem, sem demora. Aqui vai também a prova do *Fado*. Não se falará em "aumentada" ou "corrigida", como está indicado.

Desculpe esta precipitação.

Bom Natal!

Abraço do amigo

Régio

*

Vila do Conde
31/12/68

Meu querido Amigo:

Na confusão que tem sido ùltimamente a minha vida, repartida por variadas coisas, nem lhe tenho escrito nem sei, de momento, se alguma coisa haverá de urgente a dizer-lhe.

Devolvi-lhe hoje as folhas do *Cântico Suspenso* que me não foi preciso autografar, pois, com efeito, tinham vindo a mais. Juntamente com essas iam umas quatro ou cinco com dedicatórias, que, aproveitando novamente

o seu oferecimento de serem enviados pela Casa mesmo exemplares cujo envio seria antes matéria minha particular, – confio no meu Amigo para chegarem ao seu destino. Obrigado sempre! Se tivesse de enviar eu pessoalmente todos os exemplares já remetidos – à volta de uns setenta! – como poderia dar conta do recado?! Mesmo assim, já entreguei de mão ou mandei eu próprio ao correio não só os primeiros volumes recebidos, como até a maior parte dos últimos quinze que me foram enviados. Trata-se de um livro ainda não conhecido… não é a mesma coisa que uma reedição. Com o *Fado* certamente limitarei as ofertas.

E a propósito do *Fado*: Também recebi as provas das ilustrações, que me agradaram muito. Gostei francamente das que ainda não conhecia, nada inferiores às outras. Oxalá as não cortem ao inseri-las no volume, – coisa que frequentemente sucede e bastante desmerece às ilustrações. Bem sei que às vezes tem de ser; mas também confio no meu Amigo para o fazer evitar tanto quanto possível. A edição vai ficar uma bela edição.

Lá vi, no *Popular*, o reclame do *Cântico*, – um bom reclame.

E creio que, por hoje, nada mais.

Oxalá tenha, com sua Mulher, uma pacífica passagem de Ano; e oxalá que o neófito desta noite lhe traga, já não digo, como é costume, "Todas as felicidades", (pois quem as tem?) mas, enfim, mais satisfação, – e coragem e paciência. Um grande abraço do seu já velho amigo

Régio

*

2 – Janeiro 69.

Meu querido Amigo:

São estas as primeiras linhas que lhe escrevo este ano – e não quero fazê-lo sem começar por desejar-lhe, do coração, muita saúde e muitas realizações novas. Que ele nos traga o volume que reúna ensaios e artigos seus dispersos pela *Presença* (a "Literatura Livresca e Lit. Viva", por exemplo, que o Pedro Veiga editou abusivamente) e por tantas outras revistas e jornais. E que nos traga também, além da reedição do *Fado*, pràticamente pronta, a da *Biografia*, da *Chaga do Lado*, da *Benilde*, das *Três Peças em Um Acto* e talvez – quem sabe? – o sexto volume da *Velha Casa*. Para o ajudar – tão precária e desvaliosamente! – nesta empresa, conte sempre, querido Amigo, com o

Luís Amaro.

P. S. – Ainda interessa o retrato do Cristovam Pavia? Podia telefonar à Senhora Dona Guilhermina, a pedir uma fotografia. Mas acontece que, além de não me sentir muito à vontade (a Senhora precisa, como o Filho

precisava, de convívio – mas pessoas como eu que alento podem dar-lhe?), o Taborda de Vasconcelos me diz ter-lhe escrito a pedir também uma foto e dados sobre o Filho, e receio que a Senhora não tenha assim muitos retratos diferentes e me envie um idêntico ao que mandou ou vai mandar ao dito Taborda (a quem, parece-me, o meu Amigo não ofereceu o livro). Por isso resolvo juntar – com o pedido de devolução, pois me foi emprestada por um rapaz Martinho[545], professor numa Escola Técnica, antigo colega do Pavia na Faculdade de Letras e ex-aluno do Professor Dr. Reis Pereira! – uma outra fotografia, que, embora já antiga, dá bem a impressão do infeliz Poeta e querido Amigo nosso. Agradeço, repito, o maior cuidado com o retrato. Chegou a aparecer o exemplar que lhe tinha enviado dos *Poemas* e pertencia à M. A. Galhoz?

– Seguem pelo correio as costumadas folhas do *Cântico Suspenso* (digo: da tiragem especial[546]) para fazer favor de assinar. Vão com atraso, porque as tipografias, no Natal e fim do ano, estavam cheias de trabalho. Mas os assinantes da tiragem especial esperam um pouco.

– Só recebi de si, ùltimamente, um apressado cartão. Espero que as solicitações e as amizades o não massacrem demasiado…

Abraça-o de novo o Amaro.

O Jorge de Sena vai ao Porto nos dias 10 e 11 e conta visitá-lo.

*

8 de Janeiro 69.

Meu querido Amigo:

Creio que recebeu os exemplares da última folha da tiragem especial do *Cântico Suspenso*, para fazer favor de assinar – e agradeço a possível urgência na devolução, pois os assinantes já estão, por culpa da casa, a reclamar. Já aqui tenho os exs. de idêntica folha do *Fado*, mas só lhos remeterei depois de recebidos esses, para não acumular…

A nossa boa amiga Matilde Rosa Araújo deu-me há dias uma lição de "crítica compreensiva" (tão rara, nestes tristes tempos de *ultrapassagens*!) lendo-me a nótula que vai publicar na *Capital* sobre o seu livro. Só uma sensibilidade autêntica, não mistificada por preconceitos literatos, podia escrever as linhas que ela me leu, no domingo, ao telefone. Confesso-lhe até que não esperava, da nossa Amiga, uma página tão lúcida e tão independente – já que é muito difícil, até aos melhores espíritos, não seguirem a corrente geral, ou a corrente mais em voga, e essa é, partindo de sectores hoje

545 Fernando J. B. Martinho.

546 Tiragem de «cem exemplares, numerados de 1 a 100, todos assinados pelo Autor», como se lê no final de *Cântico Suspenso*, impresso em Novembro de 1968.

dominantes (política e juventude), contrária à sua inteireza, à sua liberdade de ser, à sua indiferença pelas maiorias. Daí que, apesar da grande venda que o seu livro tem tido, as reacções das pessoas com quem tenho contactado (poucas, aliás, porque sou de escasso convívio…) sejam cobardemente reticentes – do que o "balanço" literário do *D.º de Lx.*"[547] lhe terá dado uma ideia. Apenas o Amândio César achou o livro "estupendo, extraordinário". E agora a nossa Matilde. Da Maria Aliete não sei ainda nada. Mas, claro, como não ando pelas livrarias e cafés, não sei o que pensam os grupinhos, de um modo geral. Mas, sabendo que a sua independência os irrita e que os novos lhe não perdoam – principalmente! – o ataque aos seus queridos Bonnie e Clyde, não me admiraria se ouvisse coisas desagradáveis ou que o não chegam a ser… Depois, há pelo menos *quatro* poetas, depois de si, ansiosos de lhe disputarem a supremacia, e cada um deles faz um descarado jogo à juventude e aos críticos jovens: todos querem ser maiores que José Régio; eles, sim, é que são *modernos*! Desses quatro está excluído o Jorge de Sena – e dele lhe queria agora falar:

Vai ao Porto, como sabe, na sexta-feira, e nesse dia haverá na Livraria Leitura – da Rua de Ceuta, 88 – uma sessão de autógrafos. No sábado oferecem-lhe um almoço em que eu muito gostava (e sei que também, e principalmente, o Jorge de Sena!) que o meu Amigo e Alberto de Serpa estivessem presentes. Na referida Livraria Leitura podem esclarecê-lo a este respeito.

O Sena conta, aliás, dar uma saltada a Vila do Conde.

E, por hoje, é tudo. Recebeu a fotografia do Chico António? Servirá?

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

*

10 – I – 69.

Com um abraço do Luís Amaro, e para que não diga que só lhe envio as referências jornalísticas agradáveis, este artigo de um jovem que consegue o que se diria inconciliável: combinar a inteligência com a injustiça.

---

547 "A poesia portuguesa em 1968 por Eduardo Prado Coelho e Gastão Cruz", a abrir o Suplemento Literário, 2-I-1969. No entretítulo 'Régio em questão', assinala o primeiro: «É que é preciso começar a ler Régio efectivamente – para ver o que lá está e o que lá não está, independentemente dos mitos e das lendas.» Gastão Cruz: «Penso que o *Cântico Suspenso* não traz novidades de maior em relação aos livros anteriores, a não ser talvez novidades negativas.» E. P. C.: «Por uma primeira abordagem, não tenho qualquer dúvida. Mas é toda a obra poética de Régio que é preciso ler e pôr em questão, para avaliarmos se a sua modernidade é autêntica ou falsa…»

Mas não é verdade que a inteligência é posta, tantas vezes, ao serviço do rancor, da falta de generosidade e compreensão, da ânsia de aniquilar o próximo?

Sensibilidade profunda, apreensão dos valores humanos experimentados pelo sofrimento – eis, com tanta coisa mais, o que faz falta a jovens inteligentes, sim, e cultos, mas que, apesar da grande simpatia pessoal de que são dotados (casos do E. P. C. e do G. C.[548]), me parecem secos, empedernidos, nas suas concepções estéticas… Claro: eles também podem sofrer de ressentimento e queixar-se de incompreensão…

P. S. – Tenho estado em diálogo epistolar com o dito "Eduardinho"[549]. Depois lhe mandarei uma carta dele que ainda não consegui decifrar totalmente e recebi hoje.

*

Queluz, 11 – I – 69.
Meu querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta e espero entretanto que tenha recebido a minha… Soube (e fiquei satisfeito com isso) que tinha estado ontem no almoço com o Sena. Oxalá pudesse tê-lo acompanhado hoje também.

Depreendo que, apesar de tudo, o artigo do jovem (do "Eduardinho", como parece ser conhecido entre os íntimos da família P. C.) lhe não fez grande mossa. Encarar estas coisas com certo desportivismo sábio, que aliás a longa experiência traz, é um belo sintoma de higiene mental. O tom do jovem ensaísta é tão duro e incompreensivo (incompreensão, dureza, injustiça… vocábulos que os farão sorrir a eles) que o próprio J. Gomes Ferreira me disse que ontem, numa reunião com elementos neo-realistas, acharam que ele foi longe de mais, e que – o que está implícito – discordava desse "de mais". Acrescentou logo, porém, considerações deste género: que os jovens neo-realistas de agora não são os do tempo dele J. G. F., que, apesar de sempre atacados por J. R., ainda hoje o defendiam – "eram os únicos que o defendiam", paradoxalmente. Os jovens de hoje são muito mais cruéis; e que além disso o meu Amigo nunca tivera uma crítica severa – chegara a hora do ajuste de contas…

De sublinhar, nisto, a não inteira adesão desse grupo de velhos neo-realistas (ele G. F. à cabeça, e provàvelmente C. de Ol., J. J. Cochofel e os elementos habituais da tertúlia) ao rigor destrutivo do mancebo sorri-

[548] Eduardo Prado Coelho, Gastão Cruz.

[549] Eduardo Prado Coelho.

dente. Que em alguns essa parcial discordância seja sincera – acredito. Mas acredito também que outros terão rejubilado – oh se acredito!

A Natércia Freire, que há séculos não ouvia, telefonou-me esta manhã de propósito para desabafar o espanto indignado que a crítica lhe causara. E o G. Simões também, em conversa, se me mostrou solidário consigo, como não podia deixar de ser.

O Pai do jovem, no entanto, aceita inteiramente a posição do filho, explicando-a em termos de geração, etc. Acho bem que, sendo o E. P. C. já maior, o Pai não intervenha nas atitudes do rapaz. Mas que as explique e justifique tão convictamente é que me faz espécie – tendo ele escrito a seu respeito, já, coisas amáveis… e justas.

Se na lista dos "dedicados" eu sugerira E. P. C., foi por me lembrar que, há poucos anos, fora o meu Amigo quem espontâneamente lhe oferecera os *Ensaios de Interpretação*, dizendo-me apreciar os escritos do moço na *Seara Nova*.

Enfim… o tempo aclarará tudo isto. E a vida é, afinal, mais séria do que esta política (ah sim, política em todo o sentido!) literária.

Envio-lhe por curiosidade a carta de que lhe falei ontem em P. S. e é resposta a uma outra que eu lhe escrevera no passado domingo – antes, portanto, de sair a crítica, e em seguimento a uma conversa que tivera com o "Eduardinho", poucos dias antes, na Editora, quando ele lá fora buscar o seu livro (mas o artigo deve ter sido preparado sobre o ex. do pai, pois tem todo o ar de ter sido congeminado com todos os matadores…).

Que dizer mais? Não é necessário repetir-lhe a minha solidariedade, etc., porque o meu Amigo muito bem sabe que estou, sempre estarei consigo. Aliás, para quê tomar excessivamente à letra o que eles dizem?

Duas coisas achei reveladoras, na carta do E. P. C.: a declarada concepção político-estética que sublinhei a lápis, e a passagem sobre Pascoaes (esta é deliciosa: o Pai, autor de vários ensaios sobre o Poeta, *aborrecer* afinal a sua obra poética!...).

Abraça-o gratamente o seu

Luís Amaro.

P. S. – O livro do Cristovam Pavia, afinal, foi parar a Paris, às mãos do Terra[550], por engano da pessoa a quem eu o entregara para o enviar a si.

*

[550] José Terra.

Vila do Conde
10/1/69

Querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta, e já recebera as folhas da edição especial para autografar. A vinda do Jorge de Sena ao Porto atrasa-me um pouco..., mas dentro de dois dias lhas devolverei assinadas. Tenciono ir amanhã ao Porto para almoçar com ele e o Alberto de Serpa, ainda não sei se também com o Óscar Lopes. Ao jantar de homenagem creio que não irei; mas desculpar-me-ei junto de ele. Procurarei ir ao colóquio.

Creio que terá visto no Suplemento do *Diário de Lisboa* de ontem aquela coisa que lá publicou o filho do Jacinto do Prado Coelho[551]. "Eles" estavam mortos por desabafar; – e ainda bem que eu já previ o que está sucedendo: É ver a entrevista que dei à *Capital*[552] sobre o *Cântico Suspenso*. O meu Amigo compreenderá agora melhor a minha relutância em oferecer livros a indivíduos "reticentes"... ou francamente meus adversos. O nome do Eduardo Prado Coelho vinha na última lista que me enviou para ofertas. Veja agora se eu caía em lho ter enviado, – a figura que fazia!

Os "reticentes", que estão a ver de que lado sopram os ventos, não me desagradam menos.

Enfim, lá se avenham e eu cá me avenho. O *Cântico Suspenso* lá se irá vendendo, e os meus livros acharão sempre quem os leia com mais simpatia e compreensão. Já não é fácil anular-me.

Ainda me ficaram aqui duas folhas (ou três?) que lhe devolverei com dedicatórias, para serem os volumes enviados a quem pertençam.

Também recebi o retrato do Cristovam, que amanhã entregarei ao Serpa. Acho-o muito bom, e já escrevi o meu artigo sobre o nosso infeliz Amigo. Tenho-me apoquentado bastante com o extravio dos *35 Poemas*[553] pertencentes à Maria Aliete. Cá em Vila do Conde, ninguém deu conta de haver chegado. Suponho que não terá conservado o documentozinho do registo... pois então se poderia recorrer ao correio. Desculpe-me esta precipitação (estou cheio de preocupações várias!) e um abraço do seu amigo

Régio

P. S – Creio (ando sempre tão longe de essas coisas!) que estamos na altura do imposto profissional. Não poderia obter uma informação sobre o que recebi da Portugália no ano que expirou? R.

---

551 Em "A poesia de José Régio", 9-I-1969, Eduardo Prado Coelho volta a *Bonnie e Clyde*… Retorna a 16, "Ainda a poesia de José Régio".

552 23-X-1968.

553 Lisboa, Livraria Morais Editora, 1959.

*

13 – I – 69.

Com um abraço do Luís Amaro e os votos de que os encontros com Jorge de Sena tenham decorrido num clima de estimulante cordialidade (como é de esperar: ele, pessoalmente, é de um nível de educação diferente do habitual. Além disso, conhece perfeitamente a sua Obra, o seu Espírito, a sua época – que é a nossa. Ontem enviei-lhe a carta do E. P. C., a título devolutico e, claro, muito confidencialmente. Eu tinha-o "acusado" de restringir a Poesia portuguesa a três ou quatro nomes – daí a lista contida nessa carta…).

– Informaram-me há dias que o P.e João Maia fez, na Emissora, uma boa crítica ao *Cântico Suspenso*.

P. S. – Acabo de informar-me, junto do caixa, das importâncias que lhe foram pagas em 1968: 46.500$00.

– O Álvaro Salema telefonou-me há pouco, também indignado com o artigo do Pradinho (que, pensando bem, é de força: ainda tem o descaramento de me dizer que é mais *aberto* que o seu companheiro Gastão! Como se o outro, *ou alguém*, pudesse ser mais violento e destrutivo do que ele foi… Cinismo voluntário ou involuntário?).

O A. Salema diz-me que várias pessoas – Cochofel, Namora, por exemplo – se lhe manifestaram exprimindo a sua surpresa pelo ataque insólito. Isto quer dizer que ainda há pessoas de consciência recta nesta terra.

*

Vila do Conde
14/1/69

Querido Amigo:

Aqui lhe devolvo a carta que me enviou, obrigado. A caligrafia é difícil, e eu não tive pachorra para a decifrar até ao fim. Claro que essas coisas já me não fazem "mossa" de maior. Irritam-me à flor da pele, e depois passam. Antes de quaisquer meditações e reflexões críticas, a poesia ou se sente ou não. "Eles" não sentem a minha poesia, o mal é deles e não meu. Ainda tenho muito quem a sinta. Achei graça ao dito do J. G. F.: Eu nunca tive uma crítica severa! E ele, que toda a gente festeja sem o analisar?! Eu, se sempre tenho tido quem me aprecie, (até o Fernando Pessoa, como se vê num dos seus volumes recentemente publicados de crítica e estética) também sempre tenho tido quem me ataque: até costumo ser o alvo preferido de cada nova geração, – o que no fim de contas não deixa de me lisonjear.

Quanto ao Jacinto do Prado Coelho, já recebi de ele um cartão entusiástico sobre o *Cântico Suspenso*. Creio, mesmo, que mo escreveu nos termos em que escreve para me dar a entender que não está de acordo com o filho. Isso me basta. Como pai, é natural que procure desculpá-lo.

Só lhe peço um favor, meu Amigo: Não torne a falar no meu nome a essa gente que ou me não pode compreender ou me aborrece. Não discuta com eles. O que estão fazendo, já eu previra na entrevista que sobre o *Cântico Suspenso* dei para *A Capital*. Não a leu?

Ainda bem que apareceu o livro do Cristovam. Tenho-me afligido com isso, embora persuadido de que o livro nunca viera para Vila do Conde.

Andei bastante, aqui no Porto, com o Sena (só não fui ao "almoço de homenagem") e tratámo-nos sempre afectuosamente. Foi bom. Gostaria de ainda o poder ver em Lisboa, não sei se me será possível.

Recebeu as folhas especiais autografadas? Ainda tenho dois oitavos para lhe enviar com dedicatórias, que não vão agora porque já preciso de as procurar.

E é tudo por hoje. Sempre o abraço do amigo

Régio

P. S. – Uma coisa gostava que o meu Amigo esclarecesse: *Eu não enviei o meu livro ao E. P. C.* Ele não se referiu à minha poesia senão por querer atacá-la. R.

*

16 – I – 69.

Meu querido Amigo:

Recebi ontem a sua carta contendo a do P. C. – obrigado. Entretanto, deve ter recebido hoje a da casa, com o final do pagamento do *Cântico*[554]. Esqueci-me, nessa carta "oficial", de lhe dizer que considerámos que era essa a última parte por nos termos cingido à *Salvação do Mundo* – que foi de igual tiragem e preço. Devia ter pedido o seu acordo, visto os pagamentos não serem prèviamente combinados. Desculpe-me a falta, e peço-lhe que, quando escrever à casa a devolver o recibo assinado[555], diga, por favor, se concorda ou não com a importância (repito: igual à da *Salvação*, volume anterior da série, e de igual preço e tiragem). Poderia também, por favor ainda, indicar desde já qual o volume que se segue – que em meu entender devia ser a *BIOGRAFIA*, livro que descobri há pouco ter sido

[554] A carta 1346, enviada pela Editora, acompanha cheque de 8.500.00 «para pagamento da última parte dos seus direitos autorais do livro CÂNTICO SUSPENSO».

[555] Havia recebido anteriormente, do *Cântico*, 5.000.00. [Nota de L. Amaro]

publicado há quarenta anos – depois de Natércia Freire e Álvaro Salema (que nisso coincidiram) me terem perguntado se ocorria agora algum aniversário seu ou ligado à sua Obra, para lhe dedicarem números especiais. À Natércia ainda não disse do 40.º aniv.º da *Biografia* – ela supunha que o meu Amigo fazia 70 anos; mas já informei o Salema.

Espero hoje a 2.ª parte da brutalidade crítica no *D.º de Lx.ª*, mas sem, antecipadamente, lhe ligar importância de maior. Descanse, que não farei "ondas" com o assunto.

O próprio Ramos Rosa, e o David, não concordaram (das pessoas que ouvi, e várias foram já, nenhuma recebeu bem o artigo – com a excepção paternal já apontada, mas essa, enfim, compreensível até certo ponto, embora reveladora de certa ambiguidade).

A Aliete vai estudar a *Biografia* e escrever sobre ela, e publicar também uma nótula sobre o *Cântico*.

Não achou o artigo da Matilde, na sua singeleza crítica, denso de humanidade e compreensão inteligente? Foi pena que, uma vez mais, truncassem as transcrições – mas é o costume, quando se trata de versos ("e vão encher-tos de gralhas / na tipografia"[556]…).

O *Fado* sairá por volta do dia 23. Queria mandar-lhe as últimas folhas que faltam à sua colecção, mas não tomei nota das já enviadas. Agradeço me diga, sim?

Seguiram hoje as últimas fls. da tiragem especial do *Fado* (recebi, hoje também, as do *Cântico Suspenso*).

Muito à pressa, como sempre, termino estas linhas várias vezes interrompidas – mas com a sensação de que me faltam ainda coisas por dizer.

Um abraço do seu sempre grato e dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O Sena disse-me que gostou *muito* de estar consigo. Almocei com ele e a esposa (chegada anteontem), juntamente com outro funcionário. Vai ser operado para a semana.

*

21 – I – 69.

Querido Amigo meu:

Tenho o gosto de lhe enviar hoje os primeiros 2 exs. do *Fado*, cujas ilustrações ficaram na verdade magnìficamente impressas (sistema *offset*). Melhor que na edição anterior, embora de impressão mais dispendiosa.

[556] «[…] E vão / Encher-tos de gralhas / Na tipografia.» Da "Elegia bufa", n'*As Encruzilhadas de Deus*.

Envio-lhe também 40 exs. da primeira folha, para as dedicatórias habituais (exceptuando, já se vê, o juvenil crítico… Todo o 2.º artigo[557], embora sem o tom insolente do 1.º, me fez confusão: porquê tanta *ideologia* numa crítica literária? E aquele final, do *lá*, não será uma distorção do que está no texto? Então quando digo "Sei lá disso!" quererei referir-me a um *Lá* transcendente? Ou fui eu que não li bem? Hei-de reler, porque estes jovens exigem uma atenção especialíssima). O meu Amigo fará as dedicatórias conforme a lista em seu poder. Conviria devolver-me sem demora os exs. para os jornais (Salema, Rego, etc.), para evitar que, daqui, lhes ofereça em duplicado.

– Dei hoje por um engano meu, que aliás só o beneficia e não vale a pena desfazer: o *Cântico Suspenso* não foi vendido ao preço da *Salvação*, que era de 45.00. O do *Cântico* foi de 40.00, como se compreende em livro mais pequeno. Os direitos, portanto, deviam ser ligeiramente menores. Mas não vale a pena – nem convém! – falar nisso. Claro que, se recebesse por percentagem, tinha que se rectificar, mas, assim, repito, não vale a pena mexer. Aliás, os seus direitos estão longe de serem elevados.

– Para um senhor que de Inglaterra nos pediu bibliografia sua (e de cuja carta envio fotocópia), organizei, servindo-me aliás de uma lista que já tinha organizado anteriormente para o Brasil, elementos bibliográficos sobre José Régio. Com certo escândalo, foram aqui dactilografados pelo pessoal feminino adjunto à secção… Envio-lhe uma cópia, certo de que a lista está incompleta e imperfeita – elaborada que foi em muito pouco tempo e sem pesquisas na Biblioteca.

– Aguardando notícias suas, e com o melhor abraço, creia-me sempre o mt.º dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Todas as pessoas com quem falei discordaram – e algumas indignadamente – do *tom* do P. C. Até o Ramos Rosa se declarou "enjoado"…

*

Vila do Conde
24/1/69

Querido Amigo:

Devolvo-lhe hoje, autografadas, as folhas da edição especial do *Fado* – que resultou uma bela edição. As ilustrações ficaram esplêndidas! Os oitavos com dedicatórias irão breve. Mas, meu Amigo, não farei agora

[557] Eduardo Prado Coelho, "Ainda a poesia de José Régio", no Supl. Lit., 16-I-1969.

tantas *ofertas dedicadas* como do *Cântico*. Este era um livro que saía em primeira edição. Do *Fado*, já muita gente possui exemplares. Não posso estar a renovar ofertas a cada nova edição dum livro. Que o faça para alguns amigos particulares ou críticos mais estimáveis..., e atendendo a que estimarão ter a colecção integral das Obras Completas, – está certo. Os outros, se quiserem ter essa "colecção integral", também podem comprar alguns exemplares. Confesso, aliás, que estou um tanto cansado de dedicatórias: Já recomeçam outras, e ainda não acabei as do livro anterior.

Como vê, aqui lhe mando dois oitavos que ainda cá estavam, com as dedicatórias e direcções respectivas, – para os quais peço e desde já agradeço o seu interesse.

Soube que ainda não recebera o *Cântico* o meu amigo Dr. Alberto Marques Cardoso – Rua do Sol à Graça, 28, 2.º. Terá havido extravio, ou será que simplesmente ainda não haviam seguido, nessa altura, alguns exemplares? Desculpe estas minúcias maçadoras!

Quanto à próxima reedição nas Obras: Não será demais – três livros de poesias a seguir? Sendo o *Fado* um livro muito diferente do *Cântico*, resultou muito bem a sequência dos dois: põe em evidência certa diversidade da minha poesia. Agora, porém, eu preferiria ver reeditadas as *Três Peças em Um Acto*, esgotadas há bastante tempo; ou a *Benilde*. Por mim, as *Três Peças*. Mas claro que nestas coisas sempre quero servir os interesses da Casa, que aliás materialmente também são meus, e por certo concordaremos no que for melhor.

Muito obrigado pela lista bibliográfica, – faz-me um grande jeito. Várias vezes me pedem informações dessa natureza, (há pouco mas pedira, pois me escrevera a mim primeiro, os [*sic*] senhor de cuja carta me envia fotocópia) e eu fico sempre embaraçadíssimo para satisfazer. Agora, já possuo elementos. "Obrigadinho", à portuguesa.

Sobre os artigos do "Eduardinho", e a despeito de poderem ter agradado a alguns, que dizer mais senão que o moço foi pouco feliz? Se pretendia dar nas vistas, deu tristemente nas vistas; e não conseguiu a polémica talvez sonhada. Tudo aquilo ficou em fragmentos, e só a respeito do "Em Torno da Expressão Artística" houve qualquer tentativa de análise. Como viu o meu Amigo, aquela distorsão [distorção] do meu tão comum *lá* para um *Lá* ou é uma estupidez... ou uma habilidadezinha desonesta para voltar contra mim os neo-realistas. A publicação do *Fado* – muito oportunamente veio lembrar que eu também ando por *cá*. No fim de contas, tudo isso resulta em reclame. Creio que nunca o meu nome andou tanto nos jornais; nem o meu retrato.

Ainda outra pequena maçada: Poderia saber-me os nomes e direcção dos descendentes de Aquilino herdeiros das suas obras? Têm-mas enviado sempre, mas eu não sei a quem agradecer.

E creio que nada mais por hoje. Tolere esta redacção precipitada, cheia de repetição de palavras, que eu não conseguiria hoje escrever carta alguma senão abandonando-me assim ao correr da pena. Estou com a vida muito ocupada!

Abraço do amigo sempre grato,

José Régio

P. S. – Obrigado, também, pelos recortes de jornais que me vai enviando. Cá recebi, ùltimamente, o *Diário do Norte* e o outro. Ambos favoráveis... mas tão gralhados! R.

2.º P. S. – Não me esqueci de que prometi copiar-lhe o "Fado Alentejano". Só estou à espera de uma oportunidadezinha...

*

27 – I – 69.

Meu querido Amigo:

Recebi no sábado as suas notícias, que lhe agradeço. Telefonando agora ao seu amigo Dr. Marques Cardoso (que fiquei assim conhecendo), confirma-se que o livro foi recebido – e ele já lhe escreveu a acusar a recepção; deve tratar-se de qualquer equívoco.

– Recebi também os oitavos finais da ed. especial: faltam agora, só, as dedicatórias do *Fado*. Lembro-lhe, gratamente, os nomes de César dos Santos, Serafim Ferreira; e Costa Dias, Castelo Branco Chaves. Enfim, o meu Amigo tem a lista. Claro que, tratando-se de uma reedição, não vai oferecer a todos a quem mandou o *Cântico*! Seguem amanhã para si 15 exs. do livro (*FADO*). Ainda bem que gostou da edição. Ocorre-me que ao Sr. Ag. Fernandes, autor da ideia da reprodução dos desenhos nesta edição, decerto seria grato saber directamente de si que o meu Amigo ficara satisfeito com a reprodução dos mesmos. Eu resolvi, por todas as razões, não lhe passar a minha correspondência particular. Quando houver assuntos de que seja indispensável ele tomar conhecimento, pedirei ao meu Amigo (como faço agora) o favor de lhe escrever directamente. É melhor assim – até para si, que pode estar mais à vontade comigo.

– Um bibliófilo de Aveiro, o Dr. Artur Freitas da Silva, creio que espera uma resposta sua sobre um autógrafo na tiragem especial do *Cântico*. É um assunto pendente, que muito agradecia resolvesse com esse coleccionador insaciável.

– Morada do Eng. Aníbal Aquilino Ribeiro, filho do criador do *Malhadinhas* (ia a dizer: filho do *Malhadinhas*…): Rua António Ferreira, 7-1.º,

Lisboa 5 (é afinal a morada da viúva, e onde o escritor morou e morreu). Há um outro filho, que é magistrado do Supremo Tribunal[558].

– Dei indicação para, juntamente com os exs. do *Fado*, lhe enviarem um das *Três Peças*, para emendar a fim de servir para a composição da 2.ª edição. Conviria, na carta que escrever aos Sr. Ag. Fernandes, dizer que escolhe esse volume como o seguinte ao *Fado*. E não acha que a *Biografia* deva ser a seguir, visto ser este o ano do seu 40.º aniversário de publicação? (O A. Salema deseja consagrar-lhe um n.º do Suplemento, lá para o Verão!)

E que mais, neste dia soturno, que, conjuntamente com as prepotências que me rodeiam, me fazem doer a sensibilidade? Que a única nota boa do meu dia foi ter recebido hoje uma carta do nosso Alberto de Serpa e a liquidação do assunto retrato do A. B. (já entreguei o dinheiro ao Az. Abelho. O meu Amigo terá ocasião de apreciar, de novo – pois já a viu em Alfama –, a bela peça que perdeu. E olhe que por 2.500.00 foi barato). Sei também que o seu artigo sobre o saudoso Chico António sairá amanhã. (Para quando, para quando o volume com a selecção dos seus artigos na Imprensa? Ou os volumes…)

Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – Mais um cartãozinho – desculpe… O Dr. Freitas da Silva diz-nos, afinal, que podemos enviar o ex. da sua (dele) tir. especial do *Cântico* – pois teve a sorte de lhe conseguir um autógrafo – um desenho, ainda por cima! Seguirá, portanto, juntamente com o ex. n.º 1 que ao meu Amigo pertence.

– Não chegou a autografar nenhum oitavo do *Cântico* para o Mourão-Ferreira? Ele, ontem, perguntou-me isso…

– Quando vem a Lisboa? Há séculos que não tenho o prazer de o ver cá (desde o nosso fugidio encontro quando do *Jacob e o Anjo*, com o Dramaturgo solicitado por todos os lados).

– O "terrível" Torga parece que escreveu uma carta ao Raul de Carvalho felicitando-o pelo último livro deste (*Talvez Infância*[559]: um livro realmente bonito, ainda que o Autor seja insuportável).

*

[558] Aníbal Aquilino Fritz Tiedmann Ribeiro (1914-1999) foi presidente do Tribunal da Relação (1974) e conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (1977). O segundo filho, Aquilino Ribeiro Machado (1930-2012), engenheiro, foi presidente da Câmara Municipal de Lisboa (1976-1979) e deputado (1980-1983).

[559] Lisboa, Ulisseia, 1968.

31 – I – 69.
Meu querido Amigo:

Está condenado a receber quase diàriamente estas minhas "missivas" sempre tão apressadamente escritas…

Hoje é para lhe dizer (mas afinal tenho sempre qualquer coisa para lhe dizer, ainda que quase sempre, ou sempre, essas coisas não tenham uma significação por aí além…) que a casa não dispõe de um *único exemplar* das *Três Peças em Um Acto*. É espantoso, mas é assim. No desejo de servir clientes amigos, do armazém foram sempre fornecendo um dia um, outro dia um exemplar. E chegaram ao zero absoluto! Até eu arranjei há tempos um que a Germana Tânger mandara pedir, do Brasil, por intermédio de uma amiga dela – mas convencido que no armazém tinham alguns outros de reserva.

É lamentável isto. Teremos de aguardar mais algum tempo até que, em qualquer alfarrabista, ou numa possível (mas improvável) devolução de livraria da província, se consiga algum ex. Já escreveu, sobre o assunto da reedição próxima, ao Sr. Ag. Fernandes? Meia dúzia de linhas resolverão o "problema" (da escolha do livro a seguir, não do exemplar para emendar).

Lembro-me que esta "exaustão" de exemplares se deverá – além da pequena tiragem que se fez, já em 1957, não foi? – ao facto de o livro conter peças representadas várias vezes: *O Meu Caso* e não sei se *Mário ou Eu Próprio – O Outro*, ainda que por amadores, e o livro ser também procurado por outros, com vista a possíveis representações.

E agora vou tomar balanço para lhe fazer uma sugestão ou um pedido…: Há quem acuse José Régio de ser muito pouco generoso para os seus contemporâneos, especialmente para os novos: como se o meu Amigo não tivesse já escrito, *no tempo deles*, sobre Irene Lisboa, Botto, Bessa Luís, J. P. de Andrade, Homem de Melo, Saúl Dias, Aquilino, Branquinho e outros mais que me não lembrarão. Claro que escreveu também sobre o Sebastião[560], o Reinaldo Ferreira, João Lúcio, João da Câmara (mas estes dois não são contemporâneos nossos), e agora o Cristovam – não falando, repito, noutros que não posso precisar assim de momento. Mas, na maior parte – e aqui está o que alegam as tais pessoas –, trata-se de autores *mortos*, mesmo no que se refere a jovens. Ora julgo haver alguns casos, na nossa moderna literatura, que bem mereciam, na verdade, o favor da sua atenção crítica. Resumindo, eu creio que a Maria Judite de Carvalho publicou agora um livro notável, que, na linha de uma Irene Lisboa, penso que poderá ser do seu agrado. Porque não escreve o meu Amigo um artigo

[560] Sebastião da Gama.

sobre esta escritora isolada, nada cabotina, e tão humana e tão profunda em certos contos? Se, para o efeito, quiser conhecer – sem compromisso! – toda a sua obra anterior, posso emprestar-lhe, com a oferta de *Os Armários Vazios*[561] se não conhecer este livro.

Como vê, hoje, o assunto era um bocadinho mais complexo, motivo por que não comecei a escrever-lhe o cartão habitual, quase sempre iludido de que serei breve e telegráfico…

Um abraço muito grato do

Luís Amaro.

P. S. – Mas já me esquecia de o felicitar pelo belo, muito belo artigo que escreveu sobre o nosso bom Francisco António[562] (era assim que eu preferia tratá-lo também, apesar do nosso convívio breve). É uma página digna de figurar no seu futuro livro de "prosas dispersas" (que darão, de certeza, mais do que um volume).

– Tive (não lhe disse que tenho sempre algo para lhe comunicar?) a satisfação, há dias, de ouvir referências compreensivas do Ruy Cinatti e, posteriormente, do José Blanc de Portugal ao *Cântico Suspenso*. O próximo n.º da *Brotéria*[563] trará (disse-me o P.e Manuel Antunes, que encontrei ontem no quarto de doente do J. de Sena) uma crónica do P.e João Maia (talvez a que ele leu na Emissora?).

– A televisão, no dia 4 (outra novidade, que decerto já não é inédita para si!), transmitiu um programa sobre o Poeta José Régio.

E vou terminar por hoje…

Grato amigo, sempre Luís Amaro.

*

[3 – 2 – 69]

FAVOR ENVIAR ACTUAL DIRECTOR[564] SENA ESCREVO = REGIO

*

[561] Portugália, 1966.

[562] "Cristovam Pavia e os *35 Poemas*", supl. Das Artes, das Letras, *O Primeiro de Janeiro*, 29-I-1969. Alberto de Serpa acrescenta, com retrato, "Poemas inéditos de Cristovam Pavia".

[563] Vol. LXXXVIII, n.º 2, Fevereiro de 1969: 249-252.

[564] Palavra circundada a lápis com a indicação "ENDEREÇO". [LP]

3 – II – 69.
Meu querido Amigo:

Lembrei-me ontem que o envio da 1.ª folha do ex. da tir. esp., do Dr. Artur Freitas da Silva, facilitará a "viagem" do livro – quero dizer, evitará que o livro siga de Lisboa para Vila do Conde e de Vila do Conde para Aveiro, com especiais cuidados de embalagem.

Agradeço-lhe, portanto, o favor de me devolver esta 1.ª folha com o seu precioso autógrafo (desenho. O Autor disse-nos que lho havia prometido; e recomendou que, debaixo da folha, colocássemos uma cartolina para evitar a transparência… Bibliófilos!).

Abraça-o gratamente, aguardando suas notícias, o

Luís Amaro.

P. S. – São quase 4 horas e acabo de receber o seu telegrama pedindo-me o "actual director Sena". É, de certeza, o endereço que o meu Amigo quer e os correios gralharam: Rua Dinis Dias, 18 – Lisboa 3. Saiu do hospital no sábado e está em casa a convalescer, muitíssimo melhor. Dentro de dias, fará já sessões de autógrafos em Évora e em Coimbra – e em Lisboa, na Liv.ª Portugal.

Abraça-o sempre o Luís Amaro.

*

5 – 2 – 69.
Meu querido Amigo:

Lá o vi ontem na televisão, e gostei muito de o ver! Como o programa estava anunciado para as 9 h, dispunha-me a só a essa hora começar a assistir, no aparelho da casa ao lado da minha, de pessoa de família. Mas afinal começou antes, e lá perdi as primeiras imagens, do que tive pena – pois muito gostaria de assim ficar conhecendo a sua Vila do Conde e o seu ambiente de trabalho. Um dia será, talvez nas próximas férias – concorda?

– O Raul Rego botou espicho, ontem, no *D.º de Lx.ª* e foi, como sempre, simpático. Simplesmente os desenhos do Stuart não eram ou são apenas para fazer rir… O "crítico" de arte falhou aqui, embora a notícia resultasse no aspecto publicitário[565].

– Abraço amigo do

Luís Amaro.

[565] Na edição de 4-II, há somente, na p. 2, notícia da 3.ª ed. de *Fado*, com fotografia de Régio.

P. S. – Vi a sua carta de hoje para o Sr. Ag. Fernandes. Quando devolve os oitavos dedicados?

*

Vila do Conde
12/2/69

Meu querido Amigo:

Há já bastantes dias que ando para lhe escrever com algum vagar, e hoje será. Recebi os quinze exemplares do *Fado*, e recebi as folhas do bibliófilo de Aveiro. Devolver-lhas-ei breve com o desenho que lhe prometi a ele, em troca (?) dum bom "almofariz" que me ofereceu como prenda do Natal.

Deve ter recebido os oitavos (nunca sei se é assim que diz: *oitavos*!) com as dedicatórias principais. Ainda tenho algumas dedicatórias a fazer, que lhe mandarei juntamente com os oitavos que sobrarem, se sobrarem. Entre Vila do Conde, Póvoa e Porto, entrego de mão própria vários exemplares; e tenho sempre muitos pedidos! até de indivíduos que não conheço, e não podem comprar... Claro que não posso atender a todos. Mesmo assim... E a quantos autores fico sem retribuir os livros que me enviam! Chego a andar atormentado com esta espécie de popularidade que, mau grado os meus detractores, tem vindo aumentando. Para mais, veio agora a T.V.!

Se puder ser, agradeceria, portanto, a oferta de mais dez exemplares do *Fado*. Como suponho que devolverei alguns oitavos intactos, que darão exemplares completos, compensarei assim um pouco. Agradecer-lhe-ia, também, que me enviasse mais dez exemplares do *Cântico Suspenso*, – *mas estes são para eu pagar: compro-os à Casa, como os poderia comprar em qualquer livraria*. A importância será descontada na parte final dos direitos autorais do *Fado*. Esta é a minha vontade "soberana", pois não gosto de abusar. Do *Cântico* já recebi muitos exemplares.

Outro assunto: Recebi, oferecido pela Autora, o último livro da Maria Judite de Carvalho[566]; – e não sem surpresa. Estou quase certo de que foi o meu Amigo que lhe sugeriu essa oferta. *Peço-lhe que mo diga com toda a franqueza*. Estou um tanto cansado das atitudes dúbias de vários "camaradas" a meu respeito. Confesso-lhe que me não desgostam menos do que os ataques directos, – porque estes, ao menos, não fazem *jogo de porta*, como se diz, ou dizia, nos Liceus. De aí que resolvi deixar de oferecer pelo menos os meus livros de poesia a alguns desses *jogadores*. Pouco me importa que o estranhem. Quero saber bem claro com quem posso contar.

---

566 *Flores ao Telefone*, Portugália, 1968.

A Maria Judite de Carvalho – bem ao contrário do que o meu Amigo diz – tem tido sempre uma crítica muito favorável à sua volta. Não é uma "isolada". A que propósito faria eu agora publicar um artigo a respeito de ela, (e onde? n'*A Capital*, onde até hoje não publiquei críticas a livros? n'*O Primeiro de Janeiro*, onde é defeso falar de autores vivos... a não ser em *cinco minutos* de entrevista?)? Sobretudo isto: Nunca publiquei nada sobre a Natércia ou a Matilde, que se têm mostrado minhas boas Amigas, aliás. Não poderiam estas estranhar? A Bessa Luís, sobre quem escrevi n'*O Comércio*, é, evidentemente, um caso excepcional. Não se incomode, meu Amigo, que me acusem de não escrever sobre novos autores: A alguns animei, mais do que se sabe, e pagaram-me com injustiças. Apareça, no entanto, algum novo autor que francamente provoque a minha admiração – a minha verdadeira admiração – e correrei a manifestá-la em público! De resto, com raras excepções, que devo eu aos jovens autores? Os velhos não estimarão também a solicitude dos novos? Os novos não têm também – não deveriam ter – obrigações para com eles?

Todavia vou ler o novo livro da Maria Judite de Carvalho; (da Maria Judite de Carvalho, sobre cujos contos e novelas se tem escrito o que ninguém escreveu sobre os meus... lembro-lhe isto para lhe lembrar que é uma autora festejada). E conseguisse ela entusiasmar-me... (o que não é fácil, sabemos) daria todo o dito por não dito!

Agora lhe peço outra coisa, meu bom Amigo: Eu sei que o faz na melhor das intenções, mas não sugira a ninguém que me ofereça livros. Só agradeço aos que mos enviam espontâneamente. Entre estes julgo estar o Rui [Raul] de Carvalho, que me enviou o seu mais recente e o não faz pela primeira vez. Estou em dúvida se teria posto o seu nome num dos últimos oitavos que lhe mandei. *Poderá informar-me a tal respeito*? Creio que tinha ainda mais coisas a dizer-lhe. Ficam para quando me ocorrerem, e aliás esta carta já vai longa. "Roma e Pavia não se fizeram num dia."

O abraço sempre grato e amigo do seu

Régio

P. S. – Como ainda há um bocado de papel em branco, e entretanto me ocorreu outro assunto, aqui vai: Repetidamente me tem falado na organização de um ou mais volumes em que reuna [*sic*] prosas minhas dispersas. Penso fazê-lo, sim, devagar, e até já vou folheando velhos jornais com tal intenção. Não acha, porém, que já estou na idade em que é preciso aproveitar o tempo, – e que, dado que ainda possuo certa vitalidade criadora, o poderei aproveitar melhor tentando novos livros? Estou escrevendo o sexto volume de *A Velha Casa* (que tão poucos parece terem lido com

algum discernimento, e é todavia a minha obra capital de ficção)[567] e… finalmente, a *Confissão Dum Homem Religioso*, que não sei se conseguirei levar a cabo… Também penso muito numa nova peça teatral. R.

*

13 de Fevereiro 69.
Meu querido Amigo:

Depois do seu telegrama, a pedir-me o que supus ser o endereço do Sena (que vai embora na próxima segunda-feira), não tive mais notícias suas, apesar de o dito telegrama mas prometer. Suponho que a minha sugestão de um artigo sobre a Maria Judite de Carvalho ou qualquer recente escritor o não tenha magoado – embora eu nem sempre saiba ser o "hábil diplomata" que alguns amigos têm a bondade de ver em mim… Não: nem diplomata nem hábil, mas apenas um homem de *boas intenções* e que, principalmente, só muito de raro em raro pede para si próprio – a quem quer que seja – alguma coisa.

– Ontem, depois de dia e meio "de molho" com uma violenta constipação de que não me ressarci ainda, recebi os oitavos assinados do *FADO*, que estão na oficina para formar volumes. Desde já lhe agradeço a folha que me destinou! A nossa amiga Maria Aliete (sobre quem gostava de conversar consigo um dia, com mais tempo) telefonou-me a perguntar se tinha para ela algum ex., apesar de acrescentar ter-lhe dito, a si, que tinha já o livro em duplicado e portanto dispensava novo ex. Como não tive tempo de folhear todas as dedicatórias, não a pude esclarecer, mas respondi-lhe que certamente o nosso Amigo teria reservado para ela uma folha.

Pessoa altamente estimável, "quase-irmã" no seu próprio dizer, mas, por isto mesmo talvez, inquietante às vezes – com crises de depressão que me assustam, a mim que tanto preciso de pessoas que me iluminem. Mas suponho que essas crises terão uma origem literária – ou de realização literária: a nossa Amiga sonha há muito publicar as *Matinais Esquecidas*[568] e, ùltimamente, um livro de contos de que me enviou o original (que não li ainda e em que nem sequer tenho coragem de falar aqui, tanta incerteza vejo pairar no ambiente problemático. Mas quem está de fora julga que isto é só *literatura*… Tenho tido sempre, aliás, uma terrível dificuldade em recomendar alguém aqui – daí que alguns dos meus amigos, incluindo Vergílio Ferreira e Ramos Rosa, tenham cá entrado através de outras pessoas). Sim, creio bem não me enganar no diagnóstico: a

[567] Nota de José Régio: (1) – de ficção romanesca.

[568] *Décima Quinta das Matinais Esquecidas: «Acto da Primavera»*, 1967.

nossa Amiga sofre de se ver irrealizada literàriamente, e isso creio que lhe afecta a própria saúde física: é uma maternidade literária que afinal não dá à luz, não por falta de matéria-prima mas sim de editor. Parece estar disposta, agora, a publicar por conta própria, mas, sabendo-se que a edição de um livro custa hoje uma pequena fortuna para quem viva do seu trabalho, quero ver se a dissuado e a convenço a esperar melhores dias… em que não acredito. (Só se, entretanto, outro editor surgisse no horizonte. Vou ver.) O que é certo é que, por vezes – nem sempre, graças a Deus! –, a nossa Amiga me assusta, chegando a falar da morte, etc. Como poder dar um bocadinho mais de felicidade àqueles que, afinal, não pedem mais do que o que lhes é devido? O pior é convencê-los da nossa (minha) impossibilidade de os tornar mais felizes – e que também me faz sofrer.

– O Sena disse-me há pouco que recebera efectivamente palavras suas. Quanto ao projectado livro dele sobre *José Régio*, ele estranhou que o editor (Arcádia) se não tivesse manifestado, mas eu informei-o de que essa casa, aliás em plena decadência – como é normal! –, prima pela desorganização exemplar.

– Envio-lhe uma carta que há pouco tempo recebi do Sousa Lobo e que é muito significativa. Só hoje lha envio por tê-la emprestado entretanto à Maria Aliete.

– O filho do Prof. Agostinho de Campos pergunta-me várias vezes se o meu Amigo já se pronunciou sobre a sugestão que ele lhe fizera por meu intermédio – interessadíssimo no seu concurso nas comemorações do pai, em 1970. Vou-lhe dizendo, pacientemente, que tenha a paciência de esperar…

Finalmente espero conseguir um ex. das *Três Peças* para a tipografia. Acho que não convinha nada que as suas Obras sofressem um hiato, agora que iam tão bem lançadas na publicação.

Também espero que dentro em breve sejam arrumadas as suas contas referentes ao *FADO*.

No mar de papéis e papelinhos que é a minha secretária, não encontro a morada de Sílvia Soares[569] – que ainda por cima não conheço. Com as minhas desculpas, rogo-lhe que – num simples postal, se não tiver tempo para mais – me envie de novo esse endereço. Os 2 livros, aliás, sofreram certo atraso na oficina – o que expliquei já ao António de Navarro, que entretanto recebeu o dele. Eu, que sou adverso a quaisquer espécie [*sic*] de *excomunhões*, não pus de parte, como vê, este poeta ontem tão acarinhado pelos nossos amigos da extrema-esquerda e hoje completamente ignorado por eles, por motivos puramente "políticos".

---

[569] Pseudónimo de Josette Maria Cardoso da Silva (1914-1989), que dá nome a praceta em Évora, em cujo Liceu Nacional foi docente.

– Abraça-o afectuosamente, com o desejo de lhe não transmitir esta terrível indisposição gripal, o seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

14 de Fev.º 69.
Querido Amigo:

Muito obrigado pelas suas notícias que tinha ontem em casa. Já dei nota ao armazém para lhe enviarem os exemplares pedidos (vão 10 do *Fado* e 10 do *Cântico*, mas terei de conferir estes números pela sua carta, que não trouxe comigo).

O livro da M.ª J. de Carvalho foi-lhe realmente oferecido por sugestão minha, mas com a imediata e calorosa adesão da autora – que aliás não é uma "literata", vivendo à parte do mundo das conveniências, tanto quanto eu a conheço. Ela, de resto, nada deve esperar do meu Amigo – e também, para completar as ofertas pessoais, teve de comprar exs. Se o livro (que não tive ainda ocasião de ler) não for para si uma dessas revelações que justifiquem a sua surpresa admirativa, claro que não fará sentido que escreva sobre ele. Foi uma lembrança minha, talvez ingénua, talvez motivada pela saudade de o ver falar com entusiasmo de um livro novo – como nos bons tempos de Irene Lisboa, por exemplo. As nossas duas outras amigas que cita (M. e Nat.[570]) creio que não possuem obra susceptível de o fazer vibrar, ainda que a segunda valha literàriamente talvez mais que a primeira (humanamente extraordinária, no entanto). Creio que o grande valor de M. J. de C. e o que a torna um caso invulgar é precisamente a conciliação de uma sensibilidade humaníssima com um talento literário de primeira água – mas onde (o que já não acontece com a N.) se não sente a literata.

Não creia, porém, o meu Amigo que tenha um particular empenho no que lhe sugeri (acontece até que, pessoalmente, conheço muito melhor as duas nossas Amigas que cita). Nem sequer do ponto de vista editorial da Portugália haveria um empenho por aí além, pois o próximo livro da autora não será editado pela casa. O meu alvitre transcendia qualquer plano de "conveniências"…

– A Livraria Portugal, da Rua do Carmo (onde estivemos uma vez), dedica metade da montra principal aos seus livros, com retrato e tudo, e a outra metade ao Sena, que a esta hora lá deve estar a autografar exemplares. Se o meu Amigo quisesse também *autografar* uma das folhas do *FADO* para o livreiro Pedro de Andrade, eu ficava-lhe muito agradecido.

---

570 Matilde e Natércia.

Isto, sim, já entra no domínio das "conveniências" (mas também de uma certa afectividade que devo àquele meu ex-patrão).

Sem mais tempo por hoje, o abraço grato do

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
15/2/69

Querido Amigo:

Aqui vão mais alguns oitavos *dedicados*, que suponho serão os últimos do *Fado*. Bem poucos me restam aqui, (infelizmente, um estragou-se) que lhe devolverei se os não utilizar. Estou um tanto cansado… bastante cansado… de dedicatórias e outras coisas. Estas minhas duas últimas edições vieram uma logo sobre a outra! (Ao menos agora haverá uma pequena pausa, que todavia bem compreendo não convenha prolongar). E o pior é que sempre me fica o sentimento de que há ainda muitas pessoas a quem deveria oferecer os meus livros! Mas como, como enviá-los a todas?! Quase "se esgotaria a edição"…

Recebi hoje a sua carta, a que responderei logo que possa. Creio que nem o meu Amigo faz ideia da correspondência que se acumula sobre a minha mesa, apesar de ser a dum velho escritor ultrapassado!

Entretanto, também já deve ter recebido a minha. Não vá agora "empreender" (é termo popular) sobre o que nela lhe digo.

Eis a direcção da poetisa *Sílvia Soares*[571]:
Horta da Soeira
Évora
Abraço do amigo

Régio

P. S. – Ter-lhe-ei enviado o oitavo do Alvaro [*sic*] Salema?

*

Querido Amigo, recebi hoje mais folhas dedicadas. Só depois de amanhã lhe poderei dizer se veio para o A. Salema. (As folhas já estão todas na oficina.)

Segue um ex. truncado das *Três Peças*, para fazer favor de emendar o que quiser. As primeiras páginas serão copiadas de outro exemplar, completo e pertencente a uma colecção. Nas provas, poderá emendar o que

[571] Nota de José Régio: (1) O Gaspar Simões já escreveu sobre ela.

entender também, nas páginas que precedem a 25. Entretanto, com um ex. que aí tenha poderá estabelecer a ligação do texto.

Agradecia-lhe urgência, com um abraço, o

Luís Amaro.

P. S. – Aguardo a folha da tir. especial do Sr. Freitas da Silva.

Obrigado pelas suas notícias de hoje!
A intenção é *fabricar* o livro, mesmo que não seja agora posto à venda.
Ajude-me! Obrigado.

*

Vila do Conde
18/2/69

Querido Amigo:

Claro que nada me magoou a sua sugestão de um artigo sobre a M. J. de Carvalho, ou outro escritor (ou escritora) recente. Magoar-me, porquê?! Nada do que o meu Amigo me diz me mogoa [*sic*]. Conheço, reconheço perfeitamente as suas boas intenções; – sei que seria sua vontade congraçar esta dificílima, desavinda, complexada *família* dos literatos. Também sei que o incomodam as acusações, directas ou indirectas, que me fazem tantos da nova ou novíssima geração… até da já não nova. Mas não se incomode! Que me importam, que devem importar-me os juízos de indivíduos superficiais, imaturos, medíocres de sensibilidade (consequentemente de inteligência), cheios dos preconceitos da moda? O que importa são as obras; e sempre haverá quem sobre elas seja capaz de alguma penetração. Com entusiasmo escreverei a respeito de qualquer novo autor… desde que ele me entusiasme. Já o tenho provado. Quanto às "revelações" que por aí hoje surgem – nada me revelam a mim. Fico tão alheio a essas obras como os seus autores às minhas. Pois siga cada um o seu caminho! O futuro julgará as obras. Mas repito: Apareça um livro, em prosa ou verso, que realmente me toque e agarre – como os primeiros que li do Botto, da Irene Lisboa, da Agustina Bessa Luís, etc. – e logo terei vontade de escrever sobre ele! Para isso me não basta, porém, o talento literário hoje tão espalhado, tão profissionalizado. Preciso do contacto com uma alma e a sua linguagem própria; com uma personalidade, uma originalidade autêntica e suficientemente poderosa. Preciso de tudo isso que eles hoje menos prezam… porque talvez sintam que irremediavelmente lhes falta. Deixe-os falar, meu Amigo.

Outra coisa; e que preciso arrumar: o caso do centenário de Agostinho de Campos. Que pretende, afinal, o filho? Que eu tome a iniciativa da

celebração de esse centenário?! Mas então não se vê que isso já não é para mim? Diga-lhe que eu sou um homem que já não tem saúde, nem tempo, nem disposição, nem entusiasmo, senão… (e relativamente) para os dois, três, quatro livros que ainda quereria escrever, e as colaborações a que se obrigou. Preciso de descanso, calma, despreocupação de espírito – que aliás muito dificilmente consigo. Luto, continuo lutando, mas não posso liberalizar energias. E aqui para nós: O Agostinho de Campos não foi um António Sérgio, por exemplo; e nem sobre o Sérgio eu consegui ainda escrever palavra. Escreverei alguma coisa sobre Agostinho de Campos (a cuja memória, aliás, sou grato) quando for do seu centenário. E é o mais que posso fazer. A mim próprio me dói a dureza que tenho de pôr neste e noutros casos. Mas tenho de me armar com ela, se quiser defender-me: se quiser tentar ainda escrever os tais dois, três, quatro livros.

Quanto à nossa Amiga em que me fala (um dia conversaremos a seu respeito, que vale a pena!) creio que o diagnóstico do meu Amigo é justo. E lamento! Quando um crítico pretende ser um criador e falha – nunca mais perdoa esse fracasso aos criadores que mais ou menos se realizaram. Ora será Ela uma criadora? Terá nascido para se exprimir através de criações literárias? Não sofrerá precisamente por, no fundo, pressentir que não? Antes eu me engane.

Vou terminar por hoje. E, apesar das notas pessimistas desta carta, não fique triste comigo! Cá vou resistindo, e seja como Deus quiser.

Enviei-lhe os últimos oitavos. Perguntava-lhe, na última carta, se eu lhe teria enviado algum oitavo do *Cântico* para o Raul de Carvalho. Este sempre me tem enviado os seus livros. O abraço de sempre do amigo

Régio

P. S. – Devolvo-lhe a carta do Sousa Lobo, sobre quem lhe falarei outro dia. E peço-lhe, meu Amigo, repito que conheço as suas boas intenções: Mas não sugira a mais ninguém que me envie os seus *livros. Isso tem de ser espontâneo*.

*

21 – 2 – 69.
Meu querido Amigo:

Muito obrigado pelas suas notícias de ontem. Creia que da minha parte nunca haverá "ciúmes" nem segundas intenções (a uns e e [*sic*] a outras são muito avessos os literatos, mas eu não sou escritor – embora seja, na verdade, complexado, o que é diferente). Vejo que também o meu Amigo nada espera, nunca, de mau da minha parte; isso me consola de muita injustiça.

Antes que me esqueça: não mandou, na verdade, o *Fado* para o Salema, e este é também dos seus amigos fiéis (já reparou que tem verdadeiros amigos, que se não cansam de o ser?) Quanto ao *Raul* de Carvalho (e não *Rui*, como dizia numa carta anterior), não é por minha inspiração que ele lhe tem mandado os livros – que nem sequer a mim oferece. Acho muito bem que lhe ofereça, por exemplo, o *Fado* – isso seria na verdade uma consolação para ele, que tem uma vida atormentada, embora capaz de coisas diabólicas. (Numa carta longa que há muitos anos me escreveu, entre as acusações que me fazia recriminava-me de eu nunca ter, junto do meu Amigo, feito com que escrevesse um artigo acerca da Poesia dele… Quem sabe se ele ainda hoje espera esse artigo!)

A M.ª J. de Carvalho, que aliás conheço superficialmente, como lhe disse, nem sonha que lhe falei nela. O assunto fica entre nós.

Tomo nota de todas as suas recomendações, descanse!

Só hoje a oficina de encadernação entregou os últimos livros brochados com dedicatórias, que hoje ainda seguem para o correio.

Leu o artigo do Dr. Firmino Crespo?[572] Simpático e inteligente. A M.ª Aliete está a preparar um trabalho sobre o *Fado*.

Recebeu o volume das *Três Peças* para corrigir?

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

*

Querido Amigo:

Recebi há pouco o belíssimo desenho com que é contemplado o bibliófilo de Aveiro.

– Na *H.ª da Literatura* do Óscar Lopes (Est. Cor), cujas provas revejo, corrigi a data do seu nascimento (17 de Setembro de 1899) para 1901, que é a data que vem no livro de Eugénio Lisboa. Não creio – como me disseram – que o meu Amigo oculte o ano certo do seu nascimento – mas agradeço me confirme isto, quando se lembrar.

Abraça-o, com saudades suas, o

Luís Amaro.

22 – 2 – 69.

P. S. – Já li a réplica do Eugénio Lisboa ao E. P. C.[573]

---

572 "À margem do *Cântico Suspenso* de José Régio", *Diário de Notícias*, 13-II-1969.

573 "José Régio e alguma crítica", *A Voz de Moçambique*, Lourenço Marques, 15-II, 7, 9, 11-III-1969.

P. S. – Desculpe, estes cartões são pouco próprios para lhe escrever, mas eu julgo que posso condensar tudo em meia dúzia de linhas… Lembro-lhe que não enviou o *Fado* para o Amândio César, nem – os extremos tocam-se! – para o Óscar Lopes, cujo estudo no próximo fascículo da *H.ª da Lit*. me parece uma coisa séria e isenta (o Eugeninho[574] não deve ter conseguido influenciá-lo, como fez em relação ao Botto…). Amaro.

*

Queluz, domingo [23-II-1969].
Meu querido Amigo:

É curioso que eu, que não gosto de escrever cartas, que nunca escrevo a ninguém ou dificilmente o faço, lhe escreva a si quase todos os dias… Não há dúvida: os doidos e os bêbedos gostam de si – só os "inteligentes" género P. C. e G. C. é que não. Adiante, e agora a sério:

Lembrei-me ontem à noite que os seus artigos ou pequenos ensaios sobre Poetas ficariam bem arrumados num volume que podia incluir a *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa e outras páginas* (não escrevo *dispersas*, por causa da abundância de pp). Nessa segunda parte poderia – e como isso talvez resultasse! – reunir os seus escritos ou críticas a Francisco Bugalho, Pedro Homem de Melo, não sei se a Carlos Queiroz ou Saúl Dias, a João Lúcio, Sebastião da Gama, Reinaldo Ferreira, as críticas de poesia na *Presença*, incluindo uma, num dos últimos números, a Tomaz Kim, Ramos de Almeida, Leonel Neves. Esta segunda parte de certo modo completaria as últimas páginas da *História*, que fecha com Fernando Pessoa (mas onde ficaria bem, nos poetas de *Orpheu*, o nome de um Guisado, por exemplo…). Claro que continuariam ausentes muitos poetas importantes como Cabral do Nascimento, António de Sousa, António de Navarro, não sei se o Américo Durão, José Gomes Ferreira (não, não é mania minha! De resto, conheço-lhe, a ele, bem os defeitos… mas as qualidades também), e tantos outros, até pelo menos ao *Novo Cancioneiro*. Mas, num prefácio ou nota explicativa, poderia explicar-se a génese da *Pequena História*[575] – que o não pretendia ser, e foi escrita numa época já recuada, portanto sem obrigação de abranger toda a poesia de nossos dias.

Diga-me por favor, quando se lembrar, o que pensa desta sugestão.

– Vi ontem, no correio da casa (que aliás me não passa pelas mãos), postais de livrarias a pedirem *Deus e o Diabo* (assim mesmo, naquela

574 Eugénio de Andrade.

575 *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Lisboa, Inquérito, 1941.

sintetização comercial que os livreiros usam). É pena que de um livro que podia vender-se *todos os dias* só haja 2 exs. na casa (e esses mesmos, qualquer dia…). Se o meu Amigo falasse no assunto, já que, lá, nem comerciantes sabem ser?

– Telefonou-me hoje a nossa amiga Maria Aliete, dizendo-me que me vai mandar o original de um ensaio, em que tem trabalhado, sobre o *Fado*. Pensa publicá-lo no *Diário de Lisboa* e gostaria de o acompanhar do seu retrato pelo Abel Manta – para o que precisaria de uma reprodução. Pode enviar-ma, por favor?

– Espero que tenha recebido o exemplar completo das *Três Peças* e não demore a devolvê-lo, para que a composição comece. Amanhã lhe remeterei 4 exs. do *Fado*, mas já brochados por não haver em folha.

E pronto por hoje. Há *meses* que devo escrever ao José Terra e a Fernando Mendonça (que me ofereceu um *Dicionário de Literatura Brasileira*). Mas não me apetece!... Além disso, estou absorvido pela revisão das provas do novo livro do Sebastião, a sair na Ática com prefácio da Matilde e reunindo as prosas do nosso Amigo[576]. Como vê…

Abraça-o com verdadeira Amizade o

Luís Amaro.

P. S., como de costume: – Tenho ùltimamente dado um pouco do meu interesse à revista *Contravento*, embora a ache demasiado incolor e inodora (não pròpriamente insípida). Conheço, aliás, só um dos organizadores – um rapaz Pinto Ribeiro que tem feito alguns trabalhos (de revisão) para a Portugália: donde as minhas relações com ele. A extrema delicadeza (coisa tão rara!) desse P. Ribeiro, e a minha capacidade – ainda! – de dedicação por estas coisas (como gostaria de ter uma revista, de trabalhar numa publicação literária com certa autonomia!) fazem que, o mais gratuitamente possível, o tenha procurado ajudar – ainda que muito incerto quanto à continuidade da revista (de que lhe enviarei amanhã o 2.º n.º; já tem o 1.º?[577] Devo dizer que nesse 2.º, como no 1.º, não há o mínimo sinal da minha presença). Dei-lhe, assim, um velho poema meu[578], para que obtive de seu Irmão um bonito desenho; uma pequena crónica – mas admirável! – da Luísa Dacosta, sobre uma visita, com Irene Lisboa, à sua casa de Portalegre e a Marvão[579]; um poema do José Saramago[580]; uma

[576] Sebastião da Gama, *O Segredo É Amar*, pref. de Matilde Rosa Araújo, Lisboa, Ática, 1969.

[577] Agosto e Dezembro de 1968.

[578] "Uma Voz de Criança".

[579] Acompanha um auto-retrato de Régio.

[580] "Os Mais Velhos".

crónica quase inédita do Sebastião, "Visita a Teixeira de Pascoaes"; um excerto do próximo livro do Vergílio Ferreira. E… gostaria de lhes dar o que eles nem sequer se atrevem a pedir, tão inacessível lhes parece: colaboração de José Régio. Será possível? Será *acessível*?

Despede-se por hoje, desde já gratamente, o "verborreico" (que não gosta de falar!)

Luís Amaro.

2.º P. S. – O Fernando Martinho, um amigo que a morte de Cristovam Pavia me proporcionou e que foi seu aluno em Portalegre, vai escrever uma crítica ao *Cântico Suspenso* na *Vida Mundial*, onde é crítico de poesia. Tenho esperança de que será uma coisa equilibrada, inteligente – e, o que é fundamental, escrita *com simpatia*.

*

Vila do Conde
24/2/69

Querido Amigo:

Recebi hoje a crítica da *Brotéria*[581] que me enviou (obrigado!) e que, não sendo antipática, pouco diz sobre o *Cântico Suspenso*. Que teimosia, a de certa gente, em crer que o Régio "legítimo" é o das *Encruzilhadas*, e não há outros igualmente legítimos: o satírico, por exemplo. Como se a poesia satírica não acompanhasse toda a história da nossa poesia! E como se eu fora *só um*!

Quanto à data do meu nascimento, fez muito bem em corrigir. Eu nasci em 17 de Setembro de 1901, como está registado. O que essa gentinha (que não merece outro substantivo-adjectivo) é capaz de me atribuir! Eu a falsificar a minha idade!!

Quanto ao envio de *Fados*: Ainda tenho aqui dois oitavos, que vou preencher e devolver-lhe. E... desculpe! Se me enviasse mais uns três ou quatro, também lhe devolveria preenchidos. É-me assim tão mais fácil...

Bem sei que o Raul de Carvalho não foi *sugerido* pelo meu Amigo: Há muito que ele me oferece os seus livros. Vou ler este da *Talvez Infância*, e se... Mas não prometo nada, para não poder faltar.

Outra coisa: Precisaria de receber a primeira parte (ou cópia) das *Três Peças em Um Acto*, pois me parece que principalmente na primeira peça – *Três Máscaras* – farei as mais das correcções. Desculpe, estou sempre a dar-lhe trabalho... Mas vou fazer-lhe uma confissão: Penso às vezes que lhe fará bem, o distrairá, ocupar-se com serviços úteis aos outros, quando

[581] Recensão de João Maia, vol. LXXXVIII, 1969: 249 ss.

os outros são os amigos. Comigo se dá às vezes cousa idêntica. E então, como vê, não o poupo, desculpando-me de servir os meus interesses com também servir assim, um bocadinho, um amigo que não deve estar por demais entregue a si próprio.

Que me diz do artigo do Eugénio Lisboa? Sinceramente. Creio que o mais *escandaloso* dele é o juízo sobre o J. Gomes Ferreira, um daqueles que os meus detractores me opõem.

Adeus por hoje. Até à vista, o que significa: até outra vez. O abraço do amigo

Régio

*

25 – 2 – 69.

Meu querido Amigo:

Nesta quarta-feira[582] de quase "penumbra" (que terrível Inverno este!), lhe envio o meu saudar afectuoso (e a propósito – quando poderei vê-lo? Que seja breve, e num dia mais feliz que o de hoje, em que me sinto mais uma vez cansado desta minha luta comigo próprio e com os outros. Paciência! – ninguém a terá tido mais do que eu para suportar *isto*).

– Uma longa recolha de opiniões críticas a seu respeito ficou, por enquanto, reduzida ao prospecto que lhe envio. Aguardo decisão sobre a *plaquette* mais extensa.

– O artigo do Eugénio Lisboa, apesar de mal conhecido ainda em Lisboa, provocou certa sensação. O Vergílio Ferreira, que recebeu um ex., queria transcrevê-lo numa página literária, mas será difícil pelos problemas polémicos que levanta. Acho o artigo muito bem feito. Mostrei ao José G. Ferreira a passagem que lhe diz respeito – e, claro, ele não gostou nada… A mim, estas "tricas" não me apaixonam, embora me revolte e magoe a indiferença e ache muito nobre a atitude corajosa do Eugénio Lisboa (tivesse eu outra consciência cultural, e não me faltaria desassombro para defendê-lo, querido Poeta).

A propósito do J. G. F., também gostaria de falar consigo, embora já conheça a opinião literária do meu Amigo a respeito dele. Creio-o alheio ao que se trama à sua volta (mas de longe à sua volta…). No entanto, desagrada-me nele uma excessiva reverência (calculista? receosa?) com a juventude. E às vezes surpreendo-lhe certas ambiguidades que pouco terão que ver com a inteireza – ainda que, há tempos, se proclamasse seu defensor, ele e o grupo dele. Enfim – eu sei que a vida é luta, competição, emulação, e que destes feios sentimentos nascem às vezes belas obras

[582] O dia 25 caiu em terça-feira.

humanas. Mal sabe ele, porém, que o próprio Pradinho prevê, para um futuro mais ou menos próximo, uma revisão crítica da obra dele (o O'Neill diz umas coisas restritivas que o fazem pensar isso… E o próprio G. F. sabe que o O'Neill não gosta da Poesia dele – mas isso é quase comum entre os nossos poetas: só gostarem deles próprios…).

O abraço amigo do

Luís Amaro.

P. S. – necessário: – Vou tentar precisar, neste intervalo do almoço, as minhas ideias – ou a minha perplexidade:

Estimo o G. F., apesar de tanta coisa que dele me separa – até um certo "aristocratismo" afinal muito neo-realista. (C. de Oliveira, Cochofel… Ninguém afinal mais superiormente *distante* do que eles.) Mas reconheço-lhe uma grande juventude de espírito, um infinito sentido de humor, alguma humanidade (que se reflecte até na autocrítica agudamente patente na sua obra) e, claro, um talento literário fora do comum. Em suma: o breve convívio diário, aqui, ao fim da tarde, desde há já muitos meses, fez de mim um seu admirador e talvez um amigo (um amigo um pouco "de pé atrás"…). Mas desconfio, também – ou tenho a intuitiva certeza! –, de que ele é mais *literato* do que devia ser: que há nele muito calculismo na adesão às modas literárias; embora lhe reconheça uma inquebrantável coerência política.

Já disse ao meu Amigo, um dia, que gostaria que fossem amigos, José Régio e G. F. Mas talvez fosse ingenuidade minha: apesar de certas afinidades, quantas diferenças! O sentido de humor do G. F. aproxima-o perigosamente de um humorista; e os preconceitos políticos, até como poeta, limitam-no extraordinàriamente…

– Enfim, afinal não esclareci bem as minhas ideias. Ficará para outra ocasião!

Seu grato Amaro.

P. S. – Não recebi ainda o oitavo para o Raul de Carvalho.

P. S. – Estou aguardando o original emendado das *TRÊS PEÇAS*.

*

25 – 2 – 69.

Meu querido Amigo:

Já depois de fechada esta carta – escrita, como sempre, a correr, *sob pressão* e com interrupções, lembro-me de lhe falar num assunto de certo modo delicado e que, por isso mesmo (por ser delicado), ainda não me tinha atrevido a aflorar:

O seu amigo Branquinho da Fonseca, sugestionado por uma conferência e uns artigos que o Mourão-Ferreira fez e publicou o ano passado acerca dele, mostrou-se interessado em que a nova edição de *O BARÃO*, na série das suas Obras, e que finalmente apareceu agora após longa gestação, saísse com um estudo do dito David. A ideia, o alvitre, a responsabilidade são inteiramente do B. da F. (a quem aliás, justiça seja feita, devemos consideráveis aquisições das Obras Completas de J. R. para as Bibliotecas Itinerantes. Será muito importante acentuar este ponto. Consulto as fichas e verifico: das *Vidas São Vidas* compraram 500 exs.; do *Há Mais Mundos* outros 500; e de outros livros seus, mesmo fora da colecção, largas centenas). Compreendo que ele quisesse variar de estudo e de Posfaciador, nesta nova edição – embora lhe competisse, a ele, por delicadeza para consigo, dizer-lhe alguma coisa. Mas creio que não o fez por mal. Tenho a certeza de que não lhe passou pela cabeça magoá-lo. De uma coisa pode, também, estar certo o meu Amigo: que todos nós, aqui, estamos inocentes desta substituição. Talvez se lhe devesse explicar-lhe isto já há mais tempo. Se achar que há culpados, concentre em mim todas as culpas – que não tive coragem de mais cedo lhe falar num assunto, afinal, não muito cómodo de tratar. E aqui na casa habituaram-se a ver em mim o "delegado" dos assuntos junto do meu Amigo – por isso se fecharam também em copas, além de que o Sr. A. F. ficou notàvelmente diminuído depois da doença e, por sua vez, delega também nos seus colaboradores todas as responsabilidades.

O Branquinho vai oferecer-lhe o livro, e não sei se na dedicatória aludirá à substituição por ele proposta.

Eu gostaria muito de saber que o meu Amigo não ficou magoado. Façamos de conta que o seu estudo, aliás notável como todas as suas páginas de crítica, foi ideado editorialmente para uma só edição.

E que dizer mais? Só o próprio Branquinho lhe poderia, afinal, falar no assunto. Que, mais uma vez, não seja eu a sofrer por uma falta que não é minha.

Penso, porém, que o meu Amigo já transcendeu, sàbiamente, pela experiência e também pelo sofrimento, pela idade, pela indiferença perante os *fait-divers*, aquela fase de extrema susceptibilidade tão própria de todos os artistas. Peço-lhe encarecidamente que não se apoquente com isto – até porque, afinal, o B. da F. tem, como disse, demonstrado ser um seu dedicado e verdadeiro amigo. Eu não duvido um momento disto: de que ele seja profundamente seu amigo.

Seu velho e dedicado

Luís Amaro.

*

28 – 2 – 69.
Querido Amigo:

Espero que tenha recebido ontem as minhas notícias, como sempre escritas à pressa, quase desordenadamente. E espero que tenha encarado o caso do *Barão* com superior indulgência. Pensei, depois, que o B., seu amigo, íntimo de há tantos anos, se considerará desobrigado, perante si, de obrigações protocolares. Quero crer que assim seja (muito embora, por *penosa experiência própria*, saiba que ele, para além da irradiante simpatia dos bons momentos, é capaz de grosserias inomináveis. Mas, para bem da casa, eu finjo que *não sei isto*). Mas, afinal, o que é tudo isto comparado com o terror do pesadelo desta noite[583], em que todos nos sentimos quase próximo do fim (e de que maneira!). Creia que pensei em si, juntamente com os meus familiares (quero dizer, a par deles). Perante a angústia de momentos tais, tudo o mais – ressentimentos, ódios, humilhações, ofensas – se desvanece como fumo: aliás, ainda que com uma sensibilidade melindrosa, eu tenho suportado, ao longo de toda a vida e muito principalmente nos últimos anos, "coisas que terei pudor / de contar seja a quem for"[584] – não direi com um sorriso nos lábios, mas com um certo estoicismo. E até tenho perdoado, *fingindo ignorar*, tanta coisa desagradável e ofensiva até! Tudo isto, afinal, para poder sobreviver…

Segue um ex. completo das *Três Peças*, que emendará, se lhe dizer [der] mais jeito emendar um único exemplar. Fará favor de devolver-mo com o outro incompleto. Foi-me cedido por um tipógrafo – poeta meu amigo – dos raros operários (mas chefe de tipografia) cuja brutalidade me não põe a uma distância prudente. Acontece, ainda sobre este livro, que está programado para Maio próximo. Terá, portanto, de começar a ser composto o mais brevemente possível. Conto com a sua ajuda!

Segue juntamente um bom livro que a casa publicou agora e julgo ser de interesse para si: sobre o Papa João[585].

A "nota" da Natércia, ontem[586], tinha coisas certas e lúcidas (ela pode ser um pouco cabotina e calculista, mas está longe de ser tola; e é na verdade sua Amiga), juntamente com outras (ditador de não sei quê…) meramente verbalistas. No mesmo dia, o outro menino que o persegue há

583 Terramoto de magnitude 7,9 na escala de Richter, às 2,41 h, com 13 mortos.

584 Da "Toada de Portalegre".

585 Ernesto Balducci, *Papa João XXIII*, Portugália, 1969.

586 27-II-1969: "Uma breve nota" sobre *Cântico Suspenso* e um Régio em quarto de clínica.

anos e é colega do Pradinho no Colégio Moderno, para dizer bem do Torga – que eles omitiram no "balanço" do fim do ano! –, reincide na mesma obsessão, como é de prever em tudo que lhe sai do bestunto[587].

Abraça-o (e felicita-o pelo belo artigo sobre o Sérgio![588]) o seu dedicado, sempre

Luís Amaro

P. S. – A *Vida Mundial* há oito semanas consecutivas que mantém o *Cântico* na lista dos *best-sellers*.

*

2.3.69.

Querido Amigo – Sim, eu sou um pouco desconfiado (até de mim próprio) e reside aí uma parte da minha infelicidade: vem isto a propósito da suposição em que estava de que o que chamei garotice do O'Neill era consigo. Desmentiu-me essa suposição (que me tinha entristecido pelo tom gaiato, indignamente agarotado, de um poeta que aliás admiro nalgumas coisas e em que reconheço talento verdadeiro, embora destruidor) o V. S. Tavares[589]; acrescentou até que a vinheta do anjo fora arranjada lá na redacção, e que se tratava de uma *autocrítica* (ele, O'Neill, censurava-se por estar a escrever de mais, etc.). Como o meu Amigo tem uma "Exortação ao Meu Anjo", o soneto "Ícaro", "não vai por aí", etc. – eu pensei (mas o dito Tavares negou-o categòricamente) que O'Neill alinhasse, em tom de chuchadeira, no coro dos que querem "executá-lo". Ainda bem que me enganei!

O V. S. Tavares confirmou também o que eu já sabia – que o artigo saído no Fundão sobre o filme era do A. Saraiva, no corpo do jornal e não no suplemento dele (onde, aliás, o meu Amigo colaborou com o poema "Beco").

Vai, portanto, escrever-lhe a enviar o questionário para a entrevista e a solicitar-lhe (pedido que reforço) o envio de um texto inédito. Infelizmente, não podemos contar, por agora, com a M. A. Galhoz.

---

587 Gastão Cruz, "Miguel Torga: esquecido?", Suplemento Literário, *Diário de Lisboa*, 27-II-1969: «De tão obstinados, nem conseguem ver, às vezes, que as *violetas* só são *pretas* por obrigações de rima e que a *noite escura* mais a *sepultura* datam dos tempos de Castilho e Soares de Passos, que, aliás, falavam delas com mais engenho.»

588 "Mestre", supl. Cultura e Arte, *O Comércio do Porto*, 25-II-1969.

589 Vítor Silva Tavares.

Por hoje, e apressadamente, é só. Recebeu, com a carta da casa, uma volumosa carta vinda para si do Brasil?

Abraça-o o seu

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
8/3/69

P. S. Não se preocupe com essa questão do posfácio do *Barão*. Isso é lá com o Branquinho. E eu sei que o Branquinho é meu Amigo. Na realidade, também não há obrigação absoluta de o meu Posfácio ser reproduzido a cada nova edição de uma novela que tem tantas edições.

Breve lhe voltarei a escrever, sobre as suas ideias de compilar eu os meus artigos dispersos. Trabalho activamente na correcção de *Três Peças em Um Acto*, que lhe reenviarei também breve. Assim como ainda uns dois *Fados* em oitavos. Obrigado pelos que vieram em volume. Novo abraço

Régio

*

Domingo, mais um dia de chuva [16-III-1969].
Meu querido Amigo:

Gostei de saber a sua reacção quanto ao posfácio de *O Barão*. E estou de acordo consigo em que não houve um propósito – como poderia havê-lo da parte de quem, na verdade (e para além de ser pouco propenso a admirações em relação aos contemporâneos), sempre fala de si com profunda admiração, em que também há uma estima que deve ser, já agora, inquebrantável? Saliento isto porque ele, como disse, não é nada pródigo (antes pelo contrário) em elogios literários. Nas minhas inúmeras conversas com o seu amigo – há longos meses interrompidas porque os assuntos da G.[590] são agora tratados directamente pelo Sr. Eurico Fernandes –, e nos telefonemas que ele, depois dessas amistosas entrevistas, insòlitamente me fazia por precisar de um "bode expiatório", aprendi a conhecê-lo bem. E a conclusão a que cheguei não vale a pena dizê-la. Acrescentarei apenas que, entre as últimas requisições, figuram 500 exs. das *Histórias de Mulheres* – o que já não é nada mau. E há (por minha insistência também) a promessa da compra do *Cântico Suspenso* e mais outros que faltam. A propósito (e já que estou com a mão na massa), lembro-me que os *Poemas de Deus e do Diabo* não foram

[590] Gulbenkian.

dos mais requisitados por causa do Posfácio – considerado, lá, demasiado polémico e "incómodo" para uma obra que vale independentemente de tudo o resto (quero dizer: que constitui um valor isolado, único). Não sei se seria de reconsiderar se valerá a pena manter esse texto na próxima edição – não, evidentemente, porque ele não tenha um enorme interesse, autobiográfico até, mas porque, na verdade, constitui uma personalidade à parte dos *Poemas de Deus e do Diabo*, além de que a sua réplica aos neo-realistas já não tem, por assim dizer, uma viva actualidade: a incompreensão perante a sua Obra tomou, depois deles, as mais estúpidas proporções, ainda que (clarìssimamente) não generalizadas: seria absurdo supor, como pensam alguns dos velhos neo-realistas que dizem defendê-lo, que os novos estão *todos* contra si. Ainda há dias o Victor Silva Tavares, um dos organizadores do suplemento tão vanguardista do *Diário de Lisboa*, me disse conservar-se fiel à admiração que desde a adolescência tem por si – e que aquele suplemento publicará, com o maior prazer, o estudo da Maria Aleite Galhoz ou qualquer outro, do género, a seu respeito. Isto me foi corroborado pelo Cardoso Pires, por telefonema em que, uma vez mais, salientou a sua qualidade de escritor *sério* (queria ele dizer: não comprometido com o E. N.[591]) e de *extraordinário* poeta e ficcionista. Concluí, assim, que se os Gastões e Eduardos pretendem organizar uma campanha e se servem, para o efeito, do *D.º de Lx.ª*, nos organizadores do suplemento não há essa intenção.

Desculpe-me que de caminho tenha falado no Posfácio dos *Poemas de Deus*… e interprete as minhas palavras… como direi?, não como o desejo de colaborar consigo, porque sei que o meu Amigo dispensa muito bem colaboradores, nem sequer como uma sugestão editorial porque não sou eu o editor, mas como a simples informação de um amigo seu e da sua Obra: de um amigo que, apesar de tímido, já se sente à vontade consigo, mas que, tendo consciência desse à-vontade, se não perdoaria a si próprio cair na impertinência – para o que o poderia arrastar apenas uma dificuldade de mais claramente se exprimir.

A nota do seu antigo aluno Martinho (excelente e simpático rapaz, ao que me pareceu de duas vezes que falei com ele) é que, na verdade, descambou na impertinência, na parte que se refere a um livro que ele não compreendeu (até o Silva Tavares me falou no livro com mais inteligente compreensão, ainda que também não aderindo ao poema "contra" a Cidade). Não lhe comuniquei a sua opinião, porque o Martinho não é dos que passam pela Portugália, nem valeria a pena escrever-lhe de propósito – a não ser que o meu Amigo me diga que gostaria que ele conhecesse o que ficou a pensar da sua capacidade crítica… pelo menos em relação ao

591 Estado Novo.

Cântico Suspenso. Não – a nota crítica estava longe de ser famosa, ainda que ele a tivesse começado muito bem[592].

Recebi, com satisfação, o livro para a Maria Judite de Carvalho, que mandei entregar na *Eva*, onde ela trabalha.

E espero receber dentro de poucos dias o original emendado das *Três Peças*, que já estão atrasadas, visto que a publicação está programada para Abril…

Quando se lembrar, querido Amigo, envie-me por favor a cópia de um poema seu; se o "Fado Alentejano" não for da sua especial predilecção, escolha-me um outro. O que eu gostaria era de mandar emoldurar, e ter no meu escritòriozinho (finalmente possuo um recanto onde me refugiar) versos seus emoldurados. E quando vem a Lisboa – quero dizer, quando passa pela Portugália (o que não é bem a mesma coisa)? A nossa amiga Aliete tem estado doente, creio que de cama, e tem faltado ao liceu. Mas ia aproveitar para retocar o trabalho sobre o *Fado*. Que lhe pareceu a primeira parte do estudo do Óscar Lopes, e o capítulo na *H.ª da Lit.* sobre a *Presença*? A mim pareceu-me muito inteligente, e à Aliete também (o est. no *C.º do Porto*).

– Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

---

592 *Vida Mundial*, 7-III-1969: 57-58, encimada por fotografia de Régio e Fernando J. B. Martinho, com a legenda: «CÂNTICO SUSPENSO / Nunca José Régio se afastou tanto do propósito de criar uma literatura viva». Dito Régio «entre os 5 poetas mais significativos destes últimos 50 anos», e aludindo a recentes polémicas que o visam, segue: «*Cântico Suspenso* é um livro decepcionante. E especialmente para aqueles que põem num alto plano a produção poética do autor. Com efeito, nunca, como neste último volume, José Régio se afastou tanto do propósito de criar uma literatura *viva* e evitar uma literatura *livresca*. Só em raros momentos fulgura, nele, a inspiração, cujos direitos Régio tão denodadamente tem defendido perante muitos que consideram a poesia produto exclusivo do saber oficinal, da perfeição formal. […] O caso é que, por mais paradoxal que isso possa parecer, *Cântico Suspenso* claudica precisamente pela ausência de essa força interior que é característica da literatura *viva*. A maioria das composições incluídas no último volume de Régio são académicas, hirtas e às vezes chegam mesmo a roçar o mau gosto. Chega a parecer impossível como um crítico de tão penetrantes dotes críticos seja tão indulgente para as suas faltas e não sujeite à peneira da autocrítica coisas que nem por distracção se desculpam.» Seguem exemplos. Cita "Havia na Cidade", sendo que a cidade «já não pode ser vista dessa maneira». Conclui: «"A Estátua", "Os Dois de Fora", "A Última Deusa", "Os Santos" são, indubitàvelmente, poemas de qualidade, mas não chegam, só por si, para salvar do fracasso o último livro de um autor que, poèticamente, tem vindo a declinar desde que, em 1954, publicou *A Chaga do Lado*.»

*

Vila do Conde
18/3/69

Meu querido Amigo:

Depois de uma correspondência tão assídua, tenho estranhado o seu súbito silêncio. E agora sou eu que estou apreensivo, e me ponho hipóteses talvez extravagantes. Estará doente? Ter-se-á sentido com a última carta que lhe escrevi? Um dos cartões que lá iam era violento. Mas, visìvelmente, o meu Amigo nada tinha com essa violência, que se dirigia ao artigo publicado na *Vida Mundial*; ou antes: ao seu autor, que [,] nada tendo compreendido do *Cântico Suspenso*, – livro cujo tom e cujas fôrmas estilísticas são muito diferentes dos de meus primeiros livros de versos, sem que por isso os poemas sejam inferiores em qualidade artística – principia por me querer *defender* e no fim de contas acamarada com os meus inimigos. Muito conscientemente digo *inimigos* e não críticos, pois nenhuma verdadeira posição crítica vejo nos ataques pessoais que alguns hoje me dirigem. Estou um pouco enjoado de essas ambiguidades... um pé *cá* [,] outro *lá*.

Mas, repito, o meu Amigo nada tem com isso. Bem sei que as suas intenções a meu respeito são sempre de amigo. De amigo que às vezes se incomoda com as minhas intransigências (às quais, todavia, não estou disposto a renunciar), e quereria adoçá-las, ou atenuá-las, para me ver menos atacado… Mas olhe, meu Amigo: Eu já nada ou muito pouco espero de uns certos "camaradas"! Não se perturbe com as suas atitudes a meu respeito. Ainda me restam alguns verdadeiros camaradas amigos, e, camaradas ou não, muitos leitores simpatizantes. De isso tenho provas quase todos os dias.

Mas agora, diga-me alguma coisa de si! Quero escrever-lhe com mais vagar, sobre questões em que me falava; mas preciso de notícias suas. Recebi o volume especial do *Fado* – e enviei-lhe o original, muito corrigido, das *Três Peças em Um Acto*. Recebeu? Um abraço do seu

Régio

P. S. – Não deu um exemplar do jornal de Moçambique ao Álvaro Salema? J. R.

*

19 – 3 – 69.
Meu querido Amigo:

Só duas linhas para acusar a recepção, hoje, do original emendado das *Três Peças em Um Acto*. Obrigado.

– Sei que *A Capital* de hoje traz um artigo de Orlando Taipa sobre o *Cântico Suspenso*[593]. Oxalá ele corrija as muitas asneiras que sobre essa obra se tem dito.

Ainda não escrevi ao Eugénio Lisboa, de quem esperava receber alguns exs. do jornal com o artigo que lá publicou a seu respeito.

Termino aqui porque acaba de chegar o José Gomes Ferreira…

Abraça-o gratamente o

Luís Amaro.

*

21.3.69.
Meu querido Amigo:

Pela sua carta de ontem, verifico que não recebera a que lhe escrevi no sábado ou domingo passados, em que lhe falava ainda do caso *Barão*, do Posfácio aos *Poemas de Deus*…, na crítica do Martinho, etc. Oxalá se não tenha extraviado essa minha carta – não porque tivesse importância mas para que o meu Amigo saiba que *nunca* o esqueço.

Também já deve ter recebido o cartão em que lhe acusava o recebimento do original (profundamente emendado!) das *TRÊS PEÇAS*. Li depois a crítica de Orlando Taipa, que me pareceu de longe a coisa melhor que se escreveu sobre o *CÂNTICO SUSPENSO*.

Vou escrever ao Eugénio Lisboa, de quem estranho não ter recebido os jornais com o artigo. O meu exemplar tinha ido para a Maria Aliete, de quem nada sei há dias. Vou telefonar-lhe hoje à noite, a saber se está melhor. O artigo dela sobre o *FADO* está pràticamente nas anotações feitas ao seu exemplar, que ela me mostrou quando aqui esteve a semana passada a trazer-me o original dactilografado de *NÃO CHOREIS MEUS OLHOS*[594] – o livro de contos, que mandei ao Serafim Ferreira para ver se o pode colocar noutra editora, pois nem sequer me atrevi a falar no assunto aqui, tão carregada vejo a atmosfera (a casa, agora, no que respeita a encargos *materiais*, são duas: esta e a Inova[595]… Seria necessária uma

[593] "O novo poema de Régio: *Cântico Suspenso*", *A Capital*, 19-III-1969.

[594] *Não Choreis, Meus Olhos*, Lisboa, Ática, 1971.

[595] José da Cruz Santos, na Portugália desde 1963 (onde faz a vida negra a Luís Amaro, que se dizia «mortificado»), funda, entretanto, a Editorial Inova.

Fundação para sustentar tamanhas ingenuidades! Entretanto, vou sobrevivendo…).

As *TRÊS PEÇAS* já foram ontem para a tipografia. Indiquei a mancha da *BENILDE*, que é pequena, para que o livro estenda umas dezenas de páginas mais.

Diga-me, por favor, em que está a trabalhar. Gostei do seu artigo sobre Teatro, pela aragem pacificadora que ele me trouxe. Estou tão cansado de atritos!... mas sinto, apesar de tudo, que não se deve contemporizar com as mediocridades prepotentes e as injustiças. Ainda há dias não pude deixar de exprimir ao Alberto Ferreira a minha discordância por ter metido a Natércia (de quem, aliás, não penso lá muito boas coisas) na polémica acerca do Camilo. A injustiça – talvez porque dela tenha sido particularmente vítima – é uma coisa que me repugna visceralmente, mesmo quando se trate de coisas menores.

– Abraça-o o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Vou sugerir que, na próxima terça-feira (dia dos pagamentos semanais), incluam na lista os direitos finais do *Fado*. Já é tempo.

2.º P. S. – Abro de novo esta carta (dividida em vários capítulos, como os romances) para acrescentar: Telefonou-me há pouco o Victor Silva Tavares (do Suplemento Literário do *D.º de Lx.ª* e do Suplemento *& etc*. do *J.al do Fundão*, e do qual lhe falei na carta que parece não ter recebido) a perguntar-me pelo artigo da Maria Aliete, reforçando assim o seu interesse e o propósito de aquele suplemento não constituir uma "contra-propaganda organizada" em relação a si. Mais: desejaria, no mesmo número em que sair o artigo, publicar uma entrevista consigo e um texto inédito (verso ou prosa) do meu querido Amigo. Frisou que esse texto lhe seria pago. Mais ainda: tencionam fazer o mesmo com outros escritores, e gostariam de começar por José Régio.

Agradeço me dê uma resposta urgente sobre isto, sim? Lembrava-me que seria interessante reproduzir o retrato do Arlindo Vicente, que nunca chegou a ser publicado, ou então o do Abel Manta. Que diz o meu Amigo? É certo que, a acompanhar o trabalho da Aliete, poderiam vir duas ilustrações do *FADO* – uma de Júlio, outra de Stuart. Mas, independentemente disso, acho que o retrato de Arlindo Vicente, ou de Abel Manta, ficaria bem.

Desculpe-me que a vida profissional me obrigue a escrever-lhe assim "aos soluços".

Seu grato e dedicado Luís Amaro.

*

22 de Março 69.
Querido Amigo:

São 19,20 e telefonei agora, de minha casa, para casa da nossa amiga Aliete, de quem nada sabia há alguns dias. Tinha tentado ligar esta manhã, mas ela fora ao médico. Agora, atendeu-me o marido, que me informou que a nossa amiga *não está melhor*: um esgotamento, uma depressão profunda, e não sei que mais.

Há algo de misterioso, e que me escapa, na saúde da nossa Amiga, sujeita como é a profundas depressões morais e físicas. E o pior é que ela tem a cisma da doença…

Lembrei-me de o informar e de lhe pedir que lhe escreva, por saber que as suas cartas lhe fazem muito bem – não, naturalmente, pelo optimismo que lhe podiam insuflar, porque a nossa Amiga não é um espírito simplista – muito pelo contrário –, mas pela *claridade* e mensagem fraterna e compreensiva que lhe podem levar. Ainda recentemente ela me falava com indizível satisfação de uma carta sua.

Infelizmente, eu nada posso fazer por ela – nem sequer me atrevo a escrever-lhe, tanto mais que não tenho novas sobre a edição dos contos, com que ela sonha.

O projecto do Silva Tavares, do *D.º de Lx.ª*, agradou-me bastante – e, se se realizar (como espero, quando a nossa Amiga puder concluir o trabalho sobre o *Fado*), vai fazer torcer o nariz a muitos que supunham aquele suplemento, organizado por gente nova, uma tribuna oficial contra si… Já ontem "captei" certo desapontamento num velho poeta ao falar-lhe nesse projecto do referido V. S. T. ("desapontamento" puramente anímico, sem palavras… ou desconfiança minha?).

Recebi hoje, finalmente, os 10 exs. do jornal de L. Marques, que expedi para: Salema, S. Lobo, N. Freire, Viterbo Moreno (em troca de uma atenção), Dr. Crespo, J. P. Coelho, E. P. Coelho…, parece-me que ao G. Simões e já não me lembro a quem mais, – reservando um ex. para mim (mas penso enviá-lo, em recorte, ao Jorge de Sena, que em Lisboa lera os artigos do EPC).

Vou ver se arranjo tempo e disposição para escrever ao Eugénio Lisboa.

E, agora, sou eu que fico esperando notícias do meu Amigo… Mas, primeiro, peço-lhe que escreva à M. A. G., para ver se a sua medicina psicológica pode dar-lhe mais saúde. (Suspeito, nela, qualquer desentendimento familiar, com uma cunhada que vive lá em casa e é quem orienta os serviços domésticos; mas não sei, e duvido que seja tão comezinha a chave do problema.)

Por hoje, envia-lhe o grato abraço de sempre o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. A. F., embora fisicamente um pouco melhor, continua muitíssimo diminuído – e está cada vez mais longe de se interessar vivamente por um assunto: memória amortecida para as coisas recentes, apatia, verdadeiramente a melancolia da velhice, e certa confusão nos reflexos. Que tremenda carga pesa sobre os ombros desse pobre velho! Mas tenho a certeza que, se pudesse, voltava a ser o mesmo…

*

Vila do Conde
25/3/69

Querido Amigo:

Tenho andado muito ocupado (sobretudo com obras e arranjos da casa), e por isso lhe tenho escrito precipitadamente, sem chegar a responder a questões que exigiam resposta. Hoje, porém, destinei-lhe a manhã, e espero responder pelo menos ao principal. Vamos então por parágrafos:

– Antes de mais: Recebi ontem as suas duas cartas (21 e 22 de Março) e bem assim recebera a que receia ter-se perdido. Nenhuma se perdeu. Fiquei verdadeiramente contristado com o que me diz a respeito da nossa Amiga Maria Aliete, e escrever-lhe-ei ainda hoje. Às vezes quase me irrito com certas posições suas[596], porque a nossa Amiga, pretendendo frequentemente ser simples, é antes complicada e atormentada. Confesso que por vezes a não entendo... e tenho lidado com gente difícil! Todavia é uma Mulher que merece ser sustentada – uma Mulher sem dúvida excepcional. Devo-lhe, por mim, uma dedicação que às vezes toma aspectos esquivos, mas que é muito real. Com o escritor, um interesse o qual parece lutar [contra] ela mesma, e que todavia persiste. E já sou, francamente, amigo de ela, embora por vezes me convidem certas suas ambiguidades a tratá-la com dureza. Agora não! agora vai ser o amigo que lhe vai escrever...

– *Assunto Silva Tavares*. Com efeito, – e pode dizer-lho – já muita gente considera o Suplemento do *D.º de Lx.ª* a melhor trincheira e o melhor ponto de ataque contra o velho Régio. Aliás, já no Suplemento do *Jornal do Fundão*, de que eu fui colaborador, saiu a mais violenta reacção ao meu famigerado artigo sobre o *Bonnie and Clyde*. Portanto, se o dito Silva Tavares quer, na verdade, desfazer essa reputação, (Eu, por mim, se ainda superficialmente me irrito, ou até magoo, com certas coisas, já, *no fundo*, lhes fico bastante alheio) alguma coisa terá de fazer para isso. *É lá com ele, – e a sua consciência.* Se pretende uma entrevista minha, dar-lha-ei; e até bastante completa, se as perguntas me interessarem. Possìvelmente, qual-

[596] Nota no original: (1) – "suas"... dela. [LP]

quer coisa inédita. Quanto a retratos: Não vejo viabilidade na reprodução do retrato do Abel Manta. Ele ofereceu-me esse retrato, pintado no Sanatório do Lumiar; e depois levou-o para casa a fim de por ele fazer uma água-forte. Ainda lá está, – ainda me não atrevi a pedir-lho. Sobre o do Arlindo Vicente: Já foi reproduzido, ao contrário do que pensa. E representa-me quando jovem. Não seria preferível qualquer outro de agora?,... qualquer um que se arranjasse menos conhecido que os já vulgarizados? Parece que o reclame é hoje tudo! Já, à conta de reclame e *claque*, o J. G. F. é tido por "um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos"!!! Ao menos como editado da Portugália, alguma coisinha terei também de fazer pela minha publicidade... Quanto ao artigo sobre o *Fado* da Maria Aliete, não creio que esteja pronto para já. E não sei porque hão de [*sic*] sair no mesmo número do *D.º de Lx.ª* esse artigo e a minha entrevista.

– *Meu Posfácio dos Poemas de Deus e do Diabo*. Numa coisa lhe dou razão, meu Amigo: Perderam oportunidade, ao menos tornou-se inadequada a sua extensão, as minhas observações polémicas sobre posições neo-realistas. Terei de, mais uma vez, refundir todo esse Posfácio, torná-lo *o menos circunstancial* possível. Quanto a eliminá-lo, *de modo nenhum*. Já faz parte do livro e da minha Obra. E eu até poderia provar que tem exercido certa influência... onde menos se esperaria.

– *Reunião, em volumes, de artigos meus dispersos*. Com efeito, se tiver vida para isso, tenciono organizar uns dois ou três volumes de "dispersos" pelos jornais e revistas. Possìvelmente: *Pequeno Ensaios Livres. Notas sobre Escritores Portugueses*. Etc. Coisas já escritas, e que terão de ser corrigidas e desenvolvidas. Corrigida e desenvolvida terá de ser a *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*..., (Jesus! Tanta coisa a fazer!) mas sem ir além de aquele em que ficou: Fernando Pessoa. Não virei para o presente, que na verdade escassamente me interessa. Aliás, que devo eu (ou que será *verdadeiramente devido*) a jovens levianos e pretensiosos que nem ao menos respeitam a minha independência e o meu trabalho de há tantos anos (dir-se-ia que antes os aborrecem!) – ou a velhos "camaradas" medíocres, talentosos, roídos de ressentimentos manifestos ou tácitos? Um exemplozinho: Releia o que o Cabral do Nascimento escreveu na nota a meu respeito – saída na sua Antologia editada pela Portugália[597]; e compare com outras notas.

Por agora, no entanto, só posso ir pensando nos tais volumes de recolha. Creio que aproveito melhor o meu tempo – ou não será verdade, meu Amigo? – escrevendo coisas novas enquanto dispuser ainda de alguma

[597] «Embora rotulada muita vez de modernista, a sua poesia está mais próxima de certa corrente do lirismo português a que não foram estranhos Junqueiro e Gomes Leal.» *Líricas Portuguesas*, Segunda série, 3.ª ed., 1967: 254.

vitalidade criadora. Estou escrevendo actualmente a *Confissão Dum Homem Religioso*, que me absorve, e, nos intervalos, o sexto volume de *A Velha Casa*. E penso numa nova peça de teatro.

– Creio que o Eugénio Lisboa já mandou números do jornal de Moçambique a alguns nomes que cita. O E. P. C., por exemplo, ou o Gaspar Simões. Interessava-me que fosse enviado ao Jorge de Sena quer essa resposta do Eugénio Lisboa, quer o artigo do Orlando Taipa, que na verdade é o que de mais substancioso se escreveu até agora sobre o *Cântico Suspenso*. Mas se não puder enviar-lhos, diga-mo, tratarei de lhos enviar eu. Fujo a estas pequenas coisas por ter sempre trabalho a mais. Calculará, meu Amigo, as horas e os tratos à cabeça que gastei com a correcção das *Três Peças*? E já que este "parágrafo" é dedicado a coisas menores ou... pessoais... particulares: Não desgostava que o Fernando Martinho tivesse conhecimento de quanto me indignou (é o termo) a sua total incompreensão do *Cântico Suspenso*. Talvez valesse a pena mandar-lhe o artigo do Taipa... a ver se entra naquela pobre cabeça de aquele pobre bom rapaz alguma suspeita sobre a clarividência das suas opiniões.

E basta por hoje! Até vou registar esta carta, que muito me custaria re-escrever se se perdera. Quanto aos direitos finais do *Fado* – oportunamente virão quando vierem: A minha casa é um poço sem fundo. Abraço do amigo sempre agradecido,

Régio

*

1 de Abril – 69.
Meu querido Amigo

Aproveito este intervalo do almoço (tenho a chave da casa e venho para aqui sempre descansar um pouco – prerrogativa que me tinha sido cancelada no tempo do bigodaças) para agradecer a sua carta de há dias, que infelizmente não tenho à mão (deixei-a em Queluz).

A nossa Amiga telefonou-me ontem da casa de saúde de Belas, onde se encontra há dias. Está melhor, mas ainda lá se conservará até à Páscoa. Conto ir visitá-la, se lá permitirem, num destes próximos feriados (sexta e sábado). Claro que não tem trabalhado no seu ensaio – chegou a um extremo mínimo de tensão arterial, e foi-lhe prescrito o máximo repouso. Estou certo de que lhe fizeram bem duas cartas suas que recebeu recentemente, e de que me falou encantada. É uma mulher sensibilíssima, tão estranha!, e digna de ser estimada e admirada – pois possui, como o meu Amigo diz, qualidades extraordinárias, até do ponto de vista humano. Eu gostava tanto de lhe proporcionar a alegria de ver editado o livro de contos, mas nada sei ainda de concreto sobre o assunto (não me atrevi aqui a falar disso, tão enredado vejo o panorama).

(É um gosto escrever nesta excelente máquina, com que me substituíram a que tinha e estava imprestável – e por isso prossigo, ainda que sentindo um pouco o efeito de um almoço ligeiramente fora do habitual):

Segue hoje, finalmente, o cheque dos seus últimos direitos do *Fado*. Suponho que numa pasta especial guarda a correspondência e contas da casa. Será bom conferir sempre os números, as facturas, etc. Suponho que o que lhe descontaram se refere ao seu último pedido de Obras Completas e ao fascículo da *H.ª* do Óscar Lopes (não me chegou a dizer o que pensa do estudo a seu respeito, talvez por ele não estar ainda concluído).

Não sei se o V. Silva Tavares do *D.º de Lx.ª* chegou a escrever-lhe a pedir a entrevista. Ele telefonou-me na sexta-feira, mas eu ia almoçar e, aborrecido por terem publicado uma garotice do O'Neill, pedi que respondessem que já tinha saído. É certo que não é esse rapaz o responsável pela organização do Suplemento. E quanto à diatribe do *J.al do Fundão*, julgo ser a do A. Saraiva, que foi publicada no corpo do jornal – não no suplemento; ou seria outra coisa? Tentarei telefonar-lhe hoje, para saber o que ele me queria (talvez esclarecer isso mesmo, em resposta a um bilhete que eu lhe havia escrito).

Vou ver se arranjo disposição para escrever ao Eduardo Lourenço (que aliás muito mal conheço) a pedir-lhe um artigo a seu respeito, para um número que o A. Salema há tempos pensou organizar.

Aliás, tenho pensado para mim, desde há tempo, que a sua Obra – no que tem de mais essencial e perdurável – requer silêncio, tempo, e silêncio. Com isto quero significar que o ruído jornalístico à sua volta (pró ou contra) não adianta: há nos suplementos jornalísticos qualquer coisa de falso e efémero, muito "à Fernando Namora" (que ainda, aliás, é dos melhores, quanto a companheirismo!), muita confusão e mistificação crítica. Todo o jornalismo, aliás, por mais literário que seja, me parece contingente, passageiro. O que interessa é a Obra, não é verdade? Pois o que têm que ver um Dostoievski, um Tolstoi, um Stendhal, com páginas literárias ou com modas e caprichos momentâneos? O próprio Torga, aparentemente prejudicado pelo cerrado silêncio de anos à sua volta, beneficiou da ausência. *Ausência* – é o termo exacto. Estar presente e simultâneamente *ausente*, sem comparticipação em querelas mais ou menos insignificativas, e aprofundando cada vez mais a problemática que for comum ao criador verdadeiro – não será esse o ideal? Porque tudo o resto é jornalismo… Quanto não tem sido prejudicado o nosso João Gaspar Simões pela sua actividade jornalística, escrita à pressa, tão distante da sua antiga obra ensaística, incomparàvelmente mais densa!

Vou reler a sua carta e depois voltarei a escrever-lhe. Entretanto, segue o abraço muito amigo do seu sempre dedicado

Luís Amaro.

*

11.IV.69.
Meu querido Amigo:

Deve receber, dentro de dias, provas das *Três Peças* – cuja composição afinal se atrasou um pouco na tipografia porque querem publicar urgentemente o *David Copperfield* (cerca de 700 páginas!)[598], que afinal já cá estava há mais de dois anos…

– Um assunto urgente, para que me pedem a minha interferência: o jovem actor Carlos Vale[599], da Casa das Comédias[600], esteve aqui agora, a perguntar-me o número do seu telefone… que não existe. Prontifiquei-me a escrever-lhe imediatamente, porque o rapaz estava aflito com o problema que lhe põem da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (Av. Duque de Loulé, 111-1.º) e que consiste na exigência de uma declaração ou carta sua (directamente para eles) quanto aos direitos de autor da peça *Mário ou Eu Próprio – o Outro*, que lá pretendem levar à cena. Esse mesmo jovem actor já cá tinha estado anteriormente a pedir-me que lhe deixasse copiar as emendas feitas, na nova edição, à peça referida.

Portanto, muito lhe agradecia, meu Amigo, que escrevesse imediatamente à dita Sociedade, a fixar os seus direitos – que o Carlos Vale (em nome da Casa das Comédias) desejaria fossem os mínimos: 50$00 por cada espectáculo, dada a quase indigência do referido agrupamento teatral…

Desculpe-me que me faça intérprete de semelhante pedido. O rapaz, aliás, vinha apenas pedir-me o seu número de telefone – eu é que me ofereci para lhe escrever, tanto mais que já o conhecia de um pequeno recital feito em Queluz, há uns três anos, pelo Natal, com a Germana Tânger (esta senhora, depois de regressar do Brasil, não mais me deu novas nem mandados…).

– Do *D.º de Lx.ª* já lhe escreveram?

A nossa Amiga Maria Aliete deve sair da Casa de Saúde (em Belas, bem próximo de Queluz) para a semana. O esgotamento que sofreu foi, não há dúvida, muito sério – e só me admiro de como ela se deixou chegar àquele extremo. Estou a ver se lhe consigo editor para os contos – o que não é fácil neste momento de grave crise para as editoras; pedi a ajuda do Vergílio Ferreira e F. Namora, e veremos o que se consegue. O meu Amigo não tem nenhuma sugestão nesse sentido?

---

598 Trad. de Cabral do Nascimento, capa de João da Câmara Leme, Portugália, 1969.

599 Carlos Avilez – de facto, Carlos Vítor Machado.

600 Casa da Comédia.

Gostaria de lhe escrever mais longamente, mas ficará para a próxima vez. Continua a trabalhar na sua *Confissão Dum Homem Religioso*? Oxalá que sim.

Abraça-o gratamente o seu muito dedicado Amigo

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. António Emílio de Campos diz-me insistentemente que põe à sua disposição, oferecidos, os livros de Agostinho de Campos em que tiver interesse ou lhe faltarem.

2.º P. S. – Um pedido, agora, do Senhor Agostinho Fernandes (que se tem recomposto, embora lentamente):

Para uma artista cantora (de ópera) muito amiga dele, e a cuja família está ligado por laços estreitos, gostaria de oferecer um exemplar do *Fado* – mas essa oferta mais valor teria se levasse uma dedicatória do Autor ilustre. Chama-se a senhora:

Carmélia Pitta[601]

e está de passagem em Lisboa (reside actualmente em Itália, onde casou com um holandês, creio). Tomou parte, não há muito, num recital de ópera efectuado no Tivoli e dirigido por um dos Freitas Branco.

Tomo a liberdade de lhe enviar hoje um exemplar do livro, com o pedido de devolução na volta do correio, se possível. E perdoe o meu Amigo – que não gosta de fazer dedicatórias a pessoas que não conhece…

Seu grato Luís Amaro.

*

Vila do Conde
16/4/69

Querido Amigo:

Já tenho, pelo menos, duas cartas suas a que ainda não respondi; e mesmo esta resposta vai a correr, só para o essencial. Vou levando uma vida muito ocupada, meu Amigo! Bem quereria entregar-me quase exclusivamente (*quase*... porque sempre tenho necessidade de fugas) à *Confissão Dum Homem Religioso*, cuja redacção me apaixona. Mas tenho de pensar em muitas outras coisas...

Agora as respostas:

– Já escrevi para a S. E. C. T. P.[602], a permitir o mínimo de direitos da

---

[601] Além de musicóloga, Carmélia [Âmbar] Pitta traduziu Alberto Manzi, *Grogh: História de Um Castor* [*Grogh: Storia di un Castoro*], ilustrado por Paulo-Guilherme, colecção Os Pioneiros, na Portugália, 1960.

[602] Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, actual SPA. [LP]

representação de *Mário* na Casa das Comédias. É isto a vida dos artistas portugueses: uma pelintrice! Os plásticos é que já se vão arranjando menos mal.

– Gostei do que o Oscar [*sic*] Lopes escreveu sobre a *presença*; e do que a meu respeito publicou no *Comércio*...[603] com algumas restrições. Falta o resto. Como quer que seja, parece-me que o Óscar Lopes tem melhorado.

– Do *Diário de Lisboa*, não recebi nada. Mas, pelo amor de Deus, não insista a meu favor com essa gente ambígua. Que façam o que quiserem, – que eu não quero favores.

Por hoje não posso escrever mais, ainda tenho várias cartas a escrever. Logo vou ao Porto assistir a um Recital de poesia minha promovido pelos rapazes da Queima das Fitas. Depois lhe contarei. Abraço do seu amigo

Régio

P. S. – Devolvi ao Senhor Agostinho Fernandes o recibo do pagamento final dos meus direitos autorais do *Fado*. Creio que as minhas contas com a Portugália sobre livros e fascículos estão agora saldadas, descontadas nesses direitos. Tais direitos foram de dez mil escudos – parece-me que menos que o recebido pelo *Cântico Suspenso*. Este livro vende-se mais caro; mas também é certo que deve ter ficado bastante mais caro à Casa, pelas ilustrações. O seu preço não é, portanto, exagerado. Os meus direitos é que não são muito *altos*, mas...

Mas digo isto conversando entre nós, e PEÇO-LHE QUE NÃO TOQUE NO ASSUNTO AO SENHOR AGOSTINHO FERNANDES. De modo nenhum o quero incomodar.

Seu Régio

*

18.IV.69.

Querido Amigo:

Só duas linhas, agradecendo a sua carta de ontem e para informá-lo de que o pagamento global do *Fado* foi de 15.000$ e não de 10.000$, como supõe. Agradeço confira as suas contas e reveja a correspondência da casa.

– Conto ir hoje ver a exposição de seu irmão, ontem inaugurada. E o meu Amigo quando dá uma saltada à negregada cidade?...

– O Cardoso Pires chegou a escrever-lhe? Vamos a ver que nos reserva

---

603 *O Comércio do Porto*, 11-III, aonde voltaria em 9 e 23-XII-1969.

o suplemento A Mosca, amanhã[604]. E o recital no Porto – valeu realmente a pena?

– Abraça-o saudosamente o

Luís Amaro.

*

16.IV.69.

Querido Amigo:

Duas rápidas linhas, só.

Obrigado pelo livro autografado para a Senhora amiga do Sr. Ag. Fernandes. Recebeu o pagamento último do *Fado*?

Do *D.º de Lx.ª* pediram o seu retrato, para ilustrar qualquer texto a sair no segundo número do suplemento A Mosca, no sábado (dirigido pelo Cardoso Pires). Vamos a ver o que é. Da *Seara Nova*, agora dirigida pelo Abelaira, requisitaram o *Cântico Suspenso*, para crítica. Espero que não seja para pressurosamente colaborarem na campanha (já podemos, na verdade, dar-lhe este nome) dos jovens feridos por se lhes ter tocado nos símbolos de destruição que elegeram…

Ainda do *D.º de Lx.ª*, disse-me o V. Silva Tavares que o próprio Cardoso Pires quisera tomar o encargo de lhe escrever remetendo o questionário para a tal entrevista e solicitando o texto que desejavam para o supl. literário. Chegaria de facto o C. Pires a escrever-lhe? Há-de concordar que a minha desconfiança em relação a todos estes Pires tem certa razão de ser – embora eles digam admirá-lo até como escritor *sério* e *honrado*.

Também o V. Ferreira me disse há dias que no supl. do *J.al de Notícias* saíra qualquer artiguelho juvenil (que não vi) sobre o *Cântico*[605]. Li, sim, um artigo em que o próprio organizador do suplemento (N. T. Neves[606]) tentava justificar a *injustiça* – o que entendia por *injustiça*!

Entretanto, a nossa amiga Maria Aliete continua na Casa de Saúde, e desejosa de poder escrever o artigo sobre o *Fado* – em que os do *D.º de Lx.ª* mostram real interesse, porque ainda hoje me voltaram a falar nisso.

Abraça-o saudosamente o

Luís Amaro.

---

604 "O Poeta & o Diabo", A Mosca – *Diário de Lisboa*, 19-IV-1969, a partir de declaração de Régio à RTP, dizendo que não acreditava no Diabo.

605 Luís de Miranda Rocha, "A propósito de «Cântico Suspenso» de José Régio", *Jornal de Notícias*, 10-IV-1969. Termina: «"Cântico Suspenso" passaria talvez despercebido se não fosse aquele primeiro poema que o abre. «Cântico Suspenso» é decerto o pior livro de poesia que Régio até agora publicou.»

606 Nuno Teixeira Neves.

*

25.IV.69.

Só duas linhas, querido Amigo, para lhe dizer quanto apreciei o seu admirável artigo há dias publicado na *Capital*, sobre o filme *A PALAVRA*[607]. É uma página de antologia!

Espero que tenha recebido uma carta da casa, sobre os desenhos da próxima ed. da *BIOGRAFIA*, e também as provas deste livro. A tipografia que tem as *TRÊS PEÇAS*, absorvida com o *DAVID COPPERFIELD*, atrasou a composição daquele livro. Mas dentro de dias haverá provas, certamente.

Por hoje, aguardando notícias suas, sou com um abraço o seu velho Amigo

Luís Amaro.

*

1 de Maio 69.

Meu querido Amigo:

Como já lhe expliquei, a tipografia (Astória) encarregada das *Três Peças em Um Acto* está a braços com um volume de 900 páginas cuja publicação só agora (apesar de o original da tradução estar cá há dois anos) foi considerada oportuna, por causa do recente folhetim pela televisão: o *David Copperfield*. A mesma tipografia está a fazer o catálogo para a Feira do Livro, que é já no dia 14, além de ter outros trabalhos em acabamento.

Por isso só agora começaram as *Três Peças* – o que o meu Amigo poderá achar estranho, quando é certo que lhe falei no lançamento do livro em Abril… e para isso se esforçou numa revisão urgente.

Embora, na verdade, não devesse ter sido possível editar a obra nesse mês, porque um livro demora sempre a compor e principalmente a rever, devia-lhe esta explicação, a título meramente pessoal e particular – o que aliás não justifica que não tenha já em seu poder as provas de todo o volume, que é tão pequeno.

Devo ainda acrescentar: Porque não escolheram outra tipografia mais "folgada"? – perguntará, legìtimamente, o meu Amigo. E eu teria de lhe desfiar, uma vez mais, uma parte da minha história… Sou alheio à escolha de tipografias, à escolha de originais para as mesmas, à programação das edições. E isto diz tudo.

---

607 "Uma obra-prima do cinema", *A Capital*, 23-IV-1969.

Só para que veja, porém, que o livro já começou a compor, aqui lhe envio este primeiro e escasso grupo de provas, que veio ontem e foi revisto por um dos revisores da casa, a quem recomendei respeito pela sua pontuação. (Desta vez, com uma montanha de outras provas em minha casa, não posso dar-me ao prazer de colaborar consigo – no que não perderá nada…)

Da nossa amiga M.ª Aliete Galhoz nada sei há dias – além de um bonito poema que publica hoje na página literária do *D.º de Notícias*: é, na verdade, uma bela sensibilidade poética, além de uma grande inteligência crítica.

Mas estou a todo o momento à espera que ela me envie o original do artigo sobre o *Fado* – cujos fundamentos já estavam aliás nas anotações que fez no próprio volume. O que não sei é se a saúde lhe permitiu realizar o artigo, entretanto. Telefonar-lhe-ei hoje.

– Achei inofensiva aquela história do *Diabo*, no magazine do *D.º de Lx.ª*. Uma gracinha… Eles, do supl. literário, chegaram a mandar-lhe o questionário para a entrevista?...

Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
6/5/69

Querido Amigo:

Aqui vão as provas da *Biografia* (isto é: seguiram em separado, registadas) e as duas de uma parte das *Três Peças*. Não pude – não pude! – deixar de fazer algumas alterações no original da *Biografia*, pois este original foi entregue à tipografia sem eu o haver corrigido. Creio, porém, que não foram de mais. Quanto às ilustrações da *Biografia*, já escrevi ao Senhor Agostinho Fernandes a regozijar-me com a sua lembrança, que veio ao encontro dos meus desejos.

Devo ir brevemente a Portalegre; mas ainda não tenho dia marcado, nem sei por quanto tempo lá estarei. Se lá me demorar, claro que lhe escreverei de lá. Entretanto, pode mandar-me para Vila do Conde toda e qualquer correspondência, inclusive provas. Tudo me será reexpedido para Portalegre, se eu já estiver ausente de Vila do Conde.

E por hoje nada mais, pois muito breve lhe escreverei com mais vagar. Estas linhas têm de ir assim à pressa!

O abraço do seu amigo

José Régio

*

Vila do Conde
7/5/69

Querido Amigo:

Enviei-lhe ontem, para a Portugália, as provas da *Biografia* e as primeiras das *Três Peças*. Hoje (desta vez foram depressa!) lhe envio também para a Portugália as que ainda óntem recebi. Não havia muita coisa a corrigir, o revisor que as viu é bom revisor; e eu já quase não alterei nada.

Devo seguir para Portalegre lá para o fim da semana que vem. Demorar-me-ei lá uns breves dias? mais tempo? Não sei: Depende de como lá me sentir. Custa-me deixar agora Vila do Conde, pois tenho em Vila do Conde, Póvoa, Porto, um reduzido mas excelente convívio; e o meu quintal, que um dia há de [*sic*] conhecer, e onde me alheio como o "Jardineiro" do *Cântico Suspenso*.

Recebi, é certo, umas perguntas para Entrevista do Cardoso Pires. Devolvi-lhas, tendo só escolhido três, e pedindo-lhe que substituísse as outras de modo a eu *poder dizer qualquer coisa* num Suplemento jornalístico onde só me atacam. Não quero fazer "maus futuros", como diz o povo: Mas aquela entrevista parecia calculada para eu não poder dizer nada que verdadeiramente me interessasse, e deixasse um pouco lesos os meus sistemáticos detractores. Ao menos, estes são francos no atacar. Mas talvez que eu esteja a ser injusto... A injustiça provoca injustiça. Ainda não recebi resposta do Cardoso Pires. Não lhe diga nada, – deixe-os lá. Pode continuar a escrever-me para Vila do Conde, ou enviar provas.

Abraço, sempre, do seu amigo

Régio

*

Vila do Conde
12/5/69

Querido Amigo:

Aqui lhe devolvo as últimas provas recebidas – do *Mário*. Não sei se hoje chegarão mais algumas. Estou na disposição de partir para Portalegre no próximo domingo – dia 18. Até 5.ª feira – dias 15 – inclusive, pode, pois, enviar-me para Vila do Conde quaisquer novas provas, que ainda aqui receberei. Se houver qualquer alteração neste programa, avisá-lo-ei de isso. E em qualquer caso, voltarei a escrever-lhe a avisá-lo da partida, e a dizer-lhe se valerá a pena enviar-me provas para Portalegre. Ainda não sei se lá me demorarei três dias (por exemplo) ou vinte.

Sem mais por hoje, o abraço do amigo

Régio

*

17/V/69
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe estas duas linhas para Portalegre, mas não sei se o meu Amigo sempre realizou a projectada viagem…

Recebi as provas (2.as) da *Biografia*, que foram ainda lidas aqui; por acaso, ao folheá-las, dei com uma gralha (Meu*s* Deus, no final do son. "Job") – a única, parece, que ainda estava viva.

Virão 3.as provas, que serão confrontadas com as anteriores pelo revisor.

Para a resenha bibliográfica habitual, não disponho de elementos, porque infelizmente não possuo nem a 1.ª edição (vi-a, há uns 25 anos, em casa do Américo Durão, dedicada pelo meu Amigo; o que será feito desse exemplar, depois da morte do Poeta?) nem a 3.ª, editada pelo nosso Alberto de Serpa e ilustrada por… seu irmão? ou pelo Camarinha?

Sei, portanto, que:

1.ª edição (creio que não ilustrada): 1929

2.ª edição (que possuo em casa e sei que tem um prefácio e é aumentada – o que pode citar-se)

3.ª edição (ilustrada por? e qual a data?)

4.ª edição, com seis ilustrações de Júlio: 1957 (vou verificar)

5.ª edição, com seis ilustrações de Júlio: a presente

Agradeço o favor da sua ajuda.

Das *Três Peças* deve receber novas provas em breve, talvez para a semana.

Se sempre está em Portalegre, passa realmente, à volta, por Lisboa? Oxalá.

E, neste fim de manhã de sábado (portanto de mais um dia de trabalho, e muito longe da euforia desejada), despede-se com um abraço o seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Não tenho insistido com a M. A. G. (pelo contrário: recomendo-lhe o máximo repouso). Mas sei que ela continua, lentamente embora, a trabalhar no tal artigo sobre o *Fado*. Não nos temos telefonado agora – receio perturbá-la, quando ainda está em convalescença. Mas tenho em meu poder, para publicar não sei ainda onde, um novo artigo do Dr. Firmino Crespo, inteligentemente escrito, sobre o *Cântico*.

*

[17-5-69]

PARTO PORTALEGRE ABRAÇO = REGIO

*

Portalegre
25/5/69

Querido Amigo:

Suponho que terá recebido os meus avisos de que vinha a Portalegre. Pois cá estou há uma semana. Espero ainda cá estar outra; isto é, segundo projectos ainda incertos, sair de Portalegre para Vila do Conde de hoje a oito dias. Neste entretanto, se houver de me escrever, deve escrever-me para aqui: José Régio, Portalegre (Largo da Boavista). Depois de regressar a Vila do Conde, vou começar a pensar em ir a Lisboa. Já tenho vontade de ver alguns bons amigos, e de divagar pelas ruas da cidade.

Em que ponto estão os meus livros? Lembrei-me do seguinte: Na cinta de *Biografia*, transcrever-se um juízo de Fernando Pessoa (juízo que me honra) das páginas de estética publicadas pela Ática[608]. Visto tratar-se de Fernando Pessoa... eu gostaria. E o meu Amigo já me tem censurado certo desprendimento pelo reclame, não é verdade? Aliás penso que não devem ser os autores a organizar esse reclame, posto não estivesse isso muito fora dos costumes do tempo. Foi o Eugénio de Andrade que organizou o opúsculo de juízos a seu respeito publicado pela Portugália? Não sei.

Desculpe estes cartões muito redigidos à pressa, e um abraço do amigo sempre grato

Régio

*

Portalegre
27/5/69

Meu querido Amigo:

A sua carta chegou a Portalegre no dia da minha viagem, o correio ainda não estava prevenido, e foi reexpedida para Vila do Conde. De lá, veio re-reexpedida para cá. Eis a causa da demora desta resposta, tão breve quão possível. Aqui vão os dados que me pede sobre a *Biografia*:

1.ª edição (edições *presença*) – 1929 com ilustrações de *Júlio* gravadas a linóleo. *Três* ilustrações no texto e *uma* na capa.

608 *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, ed. de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, 1966: 364-372. Ver nota sobre o manuscrito de "Poesia Nova".

3.ª edição (*As Velas e os Ventos*, edições de Alberto de Serpa) – 1952 – segundo volume da *Obra Poética de José Régio* (de que só apareceram os *Poemas de Deus e do Diabo* e a *Biografia*. – Tem *seis* ilustrações do *Júlio*, e não tem prefácio. (Estas ilustrações nada têm com as da 1.ª edição e as da 4.ª edição também são diferentes.)

Das outras edições, mostra-me a sua carta que o meu Amigo já tem os dados.

Recebeu a que lhe escrevi já de Portalegre? Tenho a vaga impressão de que era um tanto "estúpida": escrevi-a precipitadamente e num ambiente de balbúrdia, pois a minha casa fora invadida por amigos. Desculpe.

Conto permanecer em Portalegre pelo menos mais uma semana. Portanto, deve escrever-me para cá durante este tempo. Como quer que seja, avisá-lo-ei do meu regresso a Vila do Conde.

Nunca, de regresso a Vila do Conde, eu passo por Lisboa, – *não é caminho*. Mas como já estou com saudades de alguns amigos de aí, não deve demorar muito que apareça pela capital.

Adeus por hoje. Sempre o abraço do seu

Régio

*

27/V/69

Querido Amigo:

Recebi ontem a sua carta de Portalegre, que lhe agradeço; mas esperava receber resposta da carta que, talvez na véspera de ir para aí, eu lhe remetera para essa cidade. É que me faltam algumas indicações para a costumada resenha bibliográfica. Por exemplo:

(refiro-me à *Biografia*):

1.ª edição, com desenhos de Júlio??? 1929

2.ª edição (possuo-a e, por isso, verei em casa)

3.ª edição, com desenhos de Júlio: 1952

4.ª edição, com desenhos de Júlio – 1955.

5.ª edição: com desenhos de Júlio – 1969.

Reparo que em vez de "desenhos" poderá ficar "ilustrações", como nos *Poemas de Deus*. Que lhe parece ao meu Amigo? E valerá a pena citar, como no *Fado*, o número de ilustrações?

Aguardo e agradeço as suas rápidas notícias sobre este assunto (que eu poderia resolver se possuísse *todas* as suas edições, o que não acontece apesar das minhas pretensões a aprendiz-de-bibliófilo).

Estou novamente a atravessar um período de desmoralização e, portanto, um tanto desnorteado: tudo se conjuga para isto, e já vou estando farto deste esforço de sobrevivência num meio que me é hostil e, o que é mais,

organizadamente hostil. A paciência também se esgota… como as suas edições.

Um abraço amigo do seu velho

Luís Amaro.

*

30-5-69.

Meu querido Amigo:

Seguem hoje as 2.as provas das *Três Peças*. As 1.as podem ficar em seu poder.

Recebi e agradeço as indicações bibliográficas sobre a *Biografia*, que já estão a compor. Mandar-lhe-ei a prova. Falta ainda ir buscar, às pastas de desenhos do Sr. A. Fernandes (creio que apenas dois estão emoldurados), os originais das ilustrações da última edição desse livro (seu Irmão passou por cá há dias, horas antes de partir para uma digressão, com a Esposa, por França, Bélgica e Inglaterra. Que pena o meu Amigo ter perdido mais essa oportunidade de fugir do nosso negregado "provincianismo"!).

Mandar-lhe-ei, como de costume, folhas impressas, logo que as houver.

Queixam-se clientes de que não se reeditem os *Poemas de Deus* (ainda ontem me falava nisso uma empregada aqui da secção, que ouvira essa queixa na Feira do Livro). E a propósito, uma boa nova: das *Encruzilhadas* já se estão a pedir os exs. consignados pelas livrarias, por se terem esgotado no depósito!

Falta-me informá-lo ainda de que o seu velho amigo B. da F. mandou requisitar, ùltimamente, 500 *Salvação* e, precisamente, 500 *Encruzilhadas*. Um bom contributo, não haja dúvida!

Na conferência de ontem à noite sobre Teatro, o L. F. Rebello, honestamente, reafirmou o que já tem dito sobre o meu Amigo, situando-o no mais lugar [*sic*] da nossa dramaturgia contemporâneo[a]. Ainda há pessoas coerentes, neste mundo de "apóstatas"… Só no final, no colóquio, um jovem de barbichas, ar enfatuado, fez uma pergunta sobre o "contra-revolucionarismo" do seu Teatro, querendo decerto dar às palavras um matiz ideológico. Falou-se então na *Presença*, tendo o Mourão-Ferreira, da assistência, sublinhado que a obra principal de Pessoa e do próprio Almada só posteriormente à *Presença* veio a ser publicada – pelo que não se poderia falar exactamente num contra-revolucionarismo em relação ao *Orpheu*. E eu, discretamente, lembrei ao M. Ferreira, perto de mim, que foi a *Presença* que valorizou crìticamente o *Orpheu*…

– Enviei hoje para o Silva Tavares, do suplemento do *D.º de Lx.ª*, um artigo que Firmino Crespo me deixara há semanas e esteve nas mãos do Sousa Lobo (aliás seu admirador inabalável), que não pôde publicá-lo no

Popular. Não sei se os rapazes do *D.º de Lx.ª* aceitarão a linguagem do Dr. Crespo, já fora dos moldes deles; mas eu, nas linhas que escrevi ao tal S. Tavares (seu admirador também, mas que ùltimamente transcreveu no suplemento do *J.al do Fundão* uns trechos da crítica do Guedes de Amorim ao *Cântico Suspenso*, comentando-os jocosamente – e na verdade concordo que essa "crítica" era, como é natural no Guedes de Amorim, dum verbalismo oco e retorcido) – no bilhete que juntei ao artigo, dizia, sugeria-lhe a conveniência de variarem as vozes do Suplemento, embora dentro de uma linha de honestidade.

A propósito ainda da recensão do G. de Amorim, posso enviar-lhe o recorte do *Século Ilustrado*, se a não viu; tive que ir ao dicionário ver o que significava *entroviscado*…

A nossa Amiga Maria Aliete tem estado silenciosa, e eu não tenho querido perturbá-la. Recebeu o livro do Prado Coelho Pai?

Um abraço amigo e saudoso do

Luís Amaro.

*

2-VI-69.
Meu querido Amigo

Queira conferir as indicações bibliográficas da *Biografia*. Não se mencionam as editoras, porque já nos anteriores vols. das Obras Completas não se aludia a isso. Agradeço me devolva, na volta, as provas.

Entretanto, deve ter recebido as últimas das *Três Peças*, também prontas a imprimir. E as minhas últimas notícias de há dias, ainda que sucintas e comerciais (sou um grande comerciante!).

Hoje, o Pinheiro Torres atira-se ao *Cântico Suspenso* na *Seara Nova*. Mas o último parágrafo deve enfurecer os gastõezinhos (aparentemente tão simpáticos, mas tão ferozmente injustos)[609]. A crítica do Pinheiro Torres, como é de esperar, é de um tipo ideológico. Claro, eles também

[609] "Sobre «Cântico Suspenso» de José Régio", *Seara Nova*, n.º 1484, Junho de 1969: 214. Dito «quarto malogro sucessivo de Régio», ou «Quarto insucesso em vinte e sete anos. A contar com o chochíssimo *Mas Deus é Grande* (1945), livro que assinala o fim da obra poética verdadeiramente criadora de Régio. Com o que não vem grande mal ao mundo e à literatura portuguesa, que já se satisfaz com as verdadeiras grandes obras que são *Poemas de Deus e do Diabo* (1925), *Biografia* (1929), *As Encruzilhadas de Deus* (1936 [1935]) e *Fado* (1941). O que me parece grave erro é, em nome da última obra menoríssima de Régio, se demitir a poesia deste Poeta na sua totalidade, poesia que, aliás, merece foros de notabilidade se se considerar não apenas o limitado contexto dos últimos dez ou quinze anos, em que alguns sem sentirem falta de oxigénio se instalaram, mas todo o contexto da poesia portuguesa desde o século XII. *Est modus in rebus*…»

podem dizer que no *Cântico* há uma ideologia – e o que parece tê-los irritado mais foi o poema de abertura, talvez por eles considerado anti-progressista (e ser anti-progressista, hoje, é um crime nefando). Enfim… esta mistura de poesia e "política" recuso-me a aceitá-la. E, para mim, nunca o meu Amigo poderia ser o que eles pretendem fazer de si, lançando a confusão.

Vou falar na cinta para a *Biografia*. E procurar, na outra empresa do Sr. A. Fernandes, os outros originais dos desenhos.

Diga-me, por favor, como tem passado. Hoje está um bonito dia de Primavera, ainda que ventoso. Logo à noite irei à conferência do Óscar Lopes sobre o Romance Português Contemporâneo – a primeira palestra que vou ouvir dele. A do David já não se realiza por ele ter adoecido.

Abraça-o o seu muito dedicado e grato

Luís Amaro.

*

3/6/69

Querido Amigo:

Creio que a 3.ª e a 4.ª edições também incluíram novos sonetos. Mas isso não o posso eu aqui verificar, pois não tenho aqui senão a 1.ª e a 4.ª edições. Não terá ocasião de o verificar aí, – fazendo as consequentes emendas nas provas? Acho que isso deve ser mencionado, como já o é na 2.ª edição. Novas provas, não precisa de mas enviar. Confio em si.

Recebi as das *Três Peças*, que vou devolver logo que possível. A minha longa ausência de Portalegre criou-me vários pequenos problemas nas casas – em que estou agora enredado. Como sempre, cheio de trabalho! Pode continuar a escrever-me para cá, pois ainda não sei quando regressarei a Vila do Conde. E quando poderei ir a Lisboa?

Ainda não vi a *Seara*. Mas já tenho bons calos...

Abraço do sempre seu

Régio

*

Queluz, 10 de Junho 69.

Meu querido Amigo:

A terminar estes feriados camonianos (hoje, ontem, domingo…) envio-lhe estas linhas, escritas com certo cansaço, pois afinal aproveitei estes dias para me aplicar num trabalho particular que tinha atrasado: a actualização ortográfica dos originais das Obras Completas de Delfim Santos, que a Gulbenkian vai publicar e cuja revisão me foi entregue. Uma leitura difícil

para mim, dada a minha falta de iniciação filosófica, mas de qualquer modo uma tarefa interessante, na convivência com um espírito cultíssimo, uma inteligência luminosa e profunda, um homem verdadeiramente excepcional. Mas, repito, ler Delfim Santos – uma "águia" do pensamento – sem ter começado pelo princípio, não é tarefa amena… Além disso, o tempo tem estado sombrio, e só agora, ao fim da tarde, o sol se entremostra.

Ontem, para mais completo conhecimento da *bibliografia* da sua *Biografia*, fui à nova Biblioteca Nacional. Para surpresa minha, não tinham a primeira edição – o que é grave lacuna na biblioteca que se diz nacional (e cujas instalações de agora, ao Campo Grande, me maravilharam). Consultei no entanto a terceira (graças à minha persistência, pois não constava no verbete, alfabetado erradamente em Obra Poética – o título da série). Entre os seus verbetes, numerosos mas ainda incompletos, descobri a existência de um livrinho de *Quadras Soltas*, de Ramiro Martins[610], com prefácio seu e que, por isto mesmo, desejaria possuir; claro que aproveitei para ficar a conhecer essa obrinha incipiente e simpática, a que o seu nome ficou humanamente ligado. Também, para justificar a ida de minha Mulher, que me acompanhava, requisitei para ela o último volume de *A Águia*, onde verifiquei que vieram primeiramente alguns dos poemas das *Encruzilhadas* – além de um ou outro texto que ficou inédito em livro.

Visitei também, no mesmo sumptuoso edifício, a exposição da Colecção do Comandante Ernesto de Vilhena – e claro que pensei no meu Amigo, e para si trouxe os dois pequenos catálogos que lhe envio. Quanto não seria grato ao seu espírito contemplar as maravilhas que lá estão expostas e perante as quais me senti quase como em relação às páginas filosóficas de Delfim Santos: um ignorante…

Por mera curiosidade, junto aos dois folhetos o recorte dum suplemento literário brasileiro que me chegou às mãos: o artigo decerto não trará nada de novo para si, mas [é] elucidativo sobre a era tecnológica que já vivemos e que merece meditação, não simples revolta ou desajustamento.

– Vi há dias na televisão o programa de Listopad[611] com poesias de Júlio; mas poesia transformada em espectáculo, tal como poesia declamada, só por grandes Artistas a posso aceitar. Tal como é habitual ver-se e ouvir-se, constrange-me, fico com a sensação penosa de um amaneiramento equívoco: e no entanto não se pode dizer que não haja sensibilidade nessas interpretações. Mas a poesia fica mutilada, e é mil vezes preferível lê-la em livro, no recolhimento do lar… Mas, para Júlio, é bom que se lembrem dele; e eu é que o lembrei agora à Emissora, ao meu amigo António Carlos, que por sua vez dele falou ao Miguel Trigueiros: quando o Poeta

610 Póstumo (1948), organizado por amigos.

611 Jorge Listopad (Praga, 1921 – Lisboa, 2017).

voltar do seu passeio, terá um programa de Poesia, Música e Sonho, que assim começa a conceder umas "aberturas" (já lá disseram o Gomes Ferreira mais inofensivo – e por iniciativa própria).

Pergunto (a nossa amiga Maria Aliete Galhoz telefonou-me agora, longamente, depois de um silêncio também longo e que eu não quis perturbar – e já não sei o que queria dizer ao começar este parágrafo. A Aliete vai escrever-lhe, e continua a trabalhar no "levantamento estruturalista" do *Fado*, com uma aluna. Disse-me que o Padre Manuel Antunes a animou a continuar os seus ensaios regianos, pois tinha gostado muito da análise ao *Jacob e o Anjo*). O que eu queria perguntar-lhe era se não será bom ir já emendando o Prefácio dos *Poemas de Deus*, para a próxima edição.

Chamam-me para jantar, pois são quase oito e meia, e despeço-me do meu Poeta com um afectuoso abraço. Quando é que, afinal, se decide a vir a Lisboa? E os rapazes da Casa da Comédia, quando representam a peça que ensaiavam com tanta urgência? Espero ter amanhã na Portugália as provas, por si revistas, das *Três Peças*.

Seu dedicado e grato Amigo

Luís Amaro.

P. S. – Falta-me felicitá-lo pelo Poema (belíssimo, e para que já Tomaz de Figueiredo me tinha chamado a atenção) nas Pastinhas da Queima das Fitas.

*

Vila do Conde
13/6/69

Querido Amigo:

Escrevo-lhe de Vila do Conde, aonde vim passar uma semana porque arranjei boleia e amanhã regresso a Portalegre. Não sei por quanto tempo. Devido a terem, finalmente, principiado as obras definitivas na minha "Casa-Museu" de Portalegre, vivo agora entre aquela cidade ("...Portalegre, cidade / Do Alto Alentejo"...) e a minha vila natal. Isto me traz mais ocupado que nunca, e justifica a demora em lhe reenviar as provas das *Três Peças*. Creio que as terá recebido. Será inútil pedir-lhe que recomende cuidado nas emendas e revisão finais. Até que eu o avise do contrário, *deve continuar a escrever-me para Portalegre*.

Recebi o *Diário Popular* com o artigo um pouco extravagante do Sant'Anna[612]. Ficará por ali, ou terá continuação? Também li a nova

[612] 5-VI-1969. Intitulava-se "Inesperado e perturbante / *Cântico Suspenso*, de José Régio".

arremetida que me fazem na *Seara*. Estou agora na fase de ser atacado... mas "atrás do tempo tempo vem"! Aqueles pobres nem percebem que seria mais eficaz atacarem-me sem exageros estúpidos! Mas, ao menos, aqueles ataques são estúpidos mas francos. Há os dúbios, os manhosos, os cautelosos...

Há já cerca de um mês, o Cardoso Pires enviou-me, finalmente, o questionário para a entrevista no *Diário de Lisboa*. Parecia organizado, esse questionário, *para eu não poder dizer nada*. Escolhi três perguntas, a que me propunha responder, e escrevi ao Cardoso Pires pedindo-lhe que substituísse as outras: de modo a eu poder dar uma entrevista que tivesse algum interesse para aqueles que ainda se interessam pela minha obra. Até hoje (deve ir isto há mais de um mês) – nem resposta.

Como vê, meu Amigo, sob as mais diversas modalidades, a Injustiça, a Insensibilidade, etc., a nenhum de nós poupam. Mas não devemos perturbar-nos demasiado com estas mesquinhices da pobre natureza humana: Seria dar a certas pequenas personalidades uma importância que afinal não têm. E "a natureza humana" não se reduz a tal pobreza. No meio das sombras, há clarões!

Como saem agora dois livros meus, e os meus sistemáticos detractores andam assanhados, talvez fosse ocasião de a Portugália organizar aquele opúsculo, que o meu Amigo sonhara, com opiniões a respeito da minha produção literária. Sei que dará trabalho, e alguma despesa, porque, a sair, deve ser tanto quanto possível completo. Mas já saiu qualquer coisa de semelhante a respeito do Eugénio de Andrade – que está, esse, agora na "mó de cima". E que aliás é sem dúvida um poeta com interesse. Sinto-me constrangido ao falar nestas coisas. Como é triste que os actuais tempos *de Progresso* quase nos obriguem a isso! Como é desanimador pensarmos que se propõem melhorar o mundo... alguns de aqueles que parece cultivarem deliberadamente a injustiça! O seu poema do *Diário de Notícias* é luminoso e simples.

Abraço do velho amigo

Régio

*

Queluz, 21 de Junho / 69.

Meu querido Amigo:

Já há dias que penso escrever-lhe, mas queria fazê-lo detidamente; parece que chegou agora, neste serão de sábado em que, ao contrário do costume, fiquei em casa, o momento próprio.

E começo por dizer-lhe que me não sinto nada à vontade, lá na casa, para falar da sua *plaquette*, que organizei com o entusiasmo que ainda é

possível a este meu já quase envelhecido espírito (ainda que a aparência física não denote, apesar de tudo, envelhecimento visível). E não me sinto à vontade, por isto: falaram-me nesse trabalho (ou não me lembro se já fui eu que o sugeri); passados tempos, perguntaram-me por ele, e adiei porque me faltavam uns elementos; passados mais uns tempos, elaborei finalmente a desejada *plaquette*: entreguei o original há meses, e nada me disseram sobre ele (por um mínimo de amor-próprio que ainda me resta, nem estranhei, ou fiz notar, que o não mandassem compor): nessa oportunidade, mandaram imprimir o tal prospecto de 4 páginas, aproveitando a grav. do *Fado* e *Cânt. Suspenso*. E nada mais se disse sobre o assunto!

Sei que, quando mostro o meu interesse pelas suas Obras, pelas suas coisas, sou ouvido com muita prevenção, como se tratasse de uma coisa pessoal *minha*. Só há tempos, quando duma visita a Vila do Conde com o Jorge de Sena, o actual responsável pela secção editorial, persuadido de que o meu Amigo já notara a sua existência, se interessou um pouco pela sua publicidade, decerto para que o meu Amigo mais passasse a notar-lhe a existência. Depois – mais nada. E no entanto sabem que o meu Amigo é o autor português, editado pela casa, que mais se vende – para além do caso excepcional dos *Meus Amores*, com reedições sucessivas porque a obra está recomendada, há muito, nos liceus.

Esse jovem (da casa dos 30 anos) não é destituído de inteligência e cultura (possui-as mais do que eu) e de sensibilidade. Trata-se, porém, de mais um ditadorzinho que, com a escola do anterior (eram amigos de tu), procede na vida exactamente ao contrário das ideias socialistas (que pressupõem generosidade e bondade, não é assim?) que diz ter: duma intolerância total, duma ambição e vaidade sem limites, também este – que entrou na casa com pèzinhos-de-lã e sorrisos melífluos, numa exibição de simpatia e pacifismo – me tem atormentado a vida muito notàvelmente. Já é azar, meu Amigo! Mas, encontrando no chefe da casa um apoio para todo o despotismo em relação – pelo menos – a mim, e subindo-lhes à cabeça a embriaguez do poder, estes jovens arrogam-se o direito de me dirigir e, portanto, não admitem da minha parte (como, no fundo, não a admite o "banqueiro anarquista") qualquer veleidade de emancipação: talvez por isso, e por ter dedicado à casa, desde que o Sr. A. F. dela tomou conta, toda a minha atenção, é que o poeta há muito também morreu em mim; e o que publico em jornais é apenas o "saldo" do aprendiz-de-poeta que fui (e sempre tendo haurido no sofrimento a pobre inspiração). Relações literárias ou pessoais, veleidades de escritor que aliás nunca tive, qualquer coisa que possa para mim constituir prazer espiritual – de tudo esse homem (A. F.), aparentemente bondoso e compreensivo, tem e teve sempre um despeito transparente. Sei que poderá haver nele uma natural repulsa por aquilo que possa fazer de mim um ser marginal –

e claro que não esperaria, eu, que ele aderisse à minha complexidade ou à minha condenação; sei – e aceito – que me não desculpa (manifestou-me antigamente a sua estranheza por isso) que, sendo o meu espírito maleável aos valores literários, não tenha utilizado a minha aptidão na aprendizagem de línguas estrangeiras (e eu próprio me não perdoo que, ainda hoje, não saiba uma palavra de inglês); sei – e aceito – que me não considera com as qualidade de dirigente a que – ó céus! – nunca aspirei, e as quais ele aliás *também não possui*, além disso péssimo administrador apesar de dezenas e dezenas de anos de prática administrativa. Etc. …Mas tudo isso não o absolve de uma tremenda injustiça em relação: primeiro, à minha honestidade – que eu talvez não exagerasse exemplar (mas a pessoa em questão já uma vez me disse, a propósito de um empregado gatuno que desmascarei, que preferia empregados dinâmicos, ainda que sabendo-se por eles roubados, a outros que, honestos embora, se limitavam ao cumprimento dos deveres quotidianos); segundo, à minha dedicação, o meu amor até, pela actividade editorial no sentido mais puro – e isto sem excluir a defesa dos interesses de uma casa em cuja solidez administrativa nunca, mas nunca, acreditei; terceiro, à minha isenção, o meu esforço – tantas vezes malogrado – por *acertar*; quarto, aos meus (é escandaloso dizê-lo quando não cessaram ainda de cercear qualquer tentativa minha de autonomia) 27 anos de casa! Quase a idade dos dois portuenses seres a quem ele deu rédea-solta para me humilharem…

Noto agora, porém, que me estou alongando em demasia, com prejuízo do seu tempo e até da sua disposição. E passo ao essencial:

Acharia bem que o meu querido Amigo escrevesse *directamente* uma carta ao venerando ancião (que há muito recuperou a lucidez afectada pela doença, e cujos defeitos são temperamentais, não da idade ou da doença) a lembrar-lhe a conveniência (ainda que isso não esteja nos seus – do meu Amigo – hábitos nem conste das suas tradições na casa) de, numa altura em que ou é combatido, negado, ou silenciado (a atitude do supl. do *D.º de Lx.ª* é pulhamente significativa: também nada me disseram do original do Dr. Firmino Crespo), e tendo-lhe eu dito há tempos que, por incumbência da casa, organizara uma *plaquette* com opiniões sobre a sua Obra (o que, aliás, poderá acrescentar, já vira fazer com outros, como E. de Andrade), pareceria de conveniência comercial (para além de uma relativa satisfação que isso traria à sua consciência de trabalhador intelectual – não à sua "vaidade") que o folhetozinho fosse composto.

E já agora – há tanto que estou para lhe falar neste problema delicado! – poderia o meu Amigo pôr o caso (que não faz sentido seja tratado por meu intermédio) dos seus direitos. Efectivamente, pelo pagamento global dos seus livros, tem o meu Amigo recebido uma determinada importância, que nunca (não sei porquê!) cingiu, como é norma, a determinada percen-

tagem sobre o preço de capa. Espero que não tenha sido eu o óbice para o meu Amigo fazer impor os seus sagrados direitos de escritor – quero dizer: que, sabendo-me um entusiasta da sua Obra, o meu Amigo se não tenha coibido de, receando esfriar o meu espiritual entusiasmo, fazer essas exigências *justíssimas*. Sentir-me-ia infeliz se isso se desse. Mas espero que não.

Resumindo, porque já vai para a meia-noite:

Eu acharia natural que o meu Amigo, nessa mesma carta – que exigiria uma grande subtileza ou cuidado, nunca deixando entrever que fui quem lha sugeriu –, abordasse o assunto dos direitos. Porque, se não, obriga-me a que eu peça quase por favor ao tal jovem (o Sr. F. até nem nisso já intervém, embora intervenha em tudo que possa maçar-me, como ainda anteontem aconteceu) que inscreva o seu nome na lista de pagamentos que todas as semanas organizo, às terças-feiras, e em que um primeiro pagamento por conta da *Biografia* já foi considerado inoportuno (sempre seria oportuníssimo qualquer pagamento, mesmo mais avultado, de que a vaidade do dito jovem pudesse sair engrandecida – e tudo isto com a cumplicidade do ancião!). Não: as coisas não estão certas assim – têm até um certo ar de amadorismo com que se não compadece a sua categoria, e não condizem com o que é habitual fazer-se na casa em relação aos autores: contrato escrito e assinado para cada livro, mencionando tiragem, preço provável e – o que é o mais importante no seu caso! – uma percentagem. Decerto que não teriam o descoco de lhe fixar os 10% ou menos (e aqui peço-lhe muita desculpa de dizer: por sua culpa, meu Amigo!) que lhe têm rendido quase todos os seus livros (alguns têm ido um pouco a mais, mas parece-me que nenhum chegou a 15% – que é o normal pagar-se a um escritor da sua categoria, se não quisermos evocar o caso de autores menores mas de grandes tiragens, como o Castro, o Namora, o Redol, o Pires, o D'Arcos, que creio recebem 20% – pelo menos os dois primeiros).

Sei que essa carta levantará uma vaga suspeição a meu respeito – pensarão que se trata de uma vinga[n]çazinha de certas canalhicezitas que me têm feito. Tudo depende, porém, do tom em que o meu Amigo a redigir. Se disser que há muito pensa em propor essa modalidade, até para que fique *escrito* um contrato com vista aos seus herdeiros, agora que está quase nos 70, etc. – talvez não pensem ter sido eu o "inspirador" O que convirá é não entrar em pormenores "técnicos", nem citar ou fixar a percentagem, convindo, porém – e é isso o principal –, sublinhar que, já sendo muitas as suas edições, e verificando pois que não é um autor "de prateleira", ainda que outros haja mais vendáveis – isto para desorientar –, pensou se não seria mais lógico, para ambas as partes, e até mais corrente e normal, a fixação de um contrato para cada livro – o que poderia já fazer-se com a *Biografia* e as *Três Peças*, de que nada recebeu ainda, e à

maneira do que fazem os autores seus amigos. Poderia dar a isto o tom de quem vai arrumando as suas coisas – longe vá o agouro que podia parecer implícito nesta sugestão inocente! Eu não me importaria até que acrescentasse: até agora, tenho tratado deste assunto em bases pouco comerciais, através do Luís Amaro – e não é que me arrependa ou me sinta lesado por isso; mas, ainda que sem queda para "comerciar" as minhas obras, parece-me ter chegado a altura de regularizar este assunto – o que não me impede de continuar a considerar o Fulano (eu) um intermediário dedicado para ambas as partes… Este apêndice serviria, ao mesmo tempo que para desligar-me da parte "comercial" dos seus livros, para me não desautorizar (conforme seria o ideal "deles").

Parece-me que disse o suficiente, por hoje. Perdoe todo este palavreado, meu Amigo, mas creia que só por uma dorida consciência das minhas limitações não procuro sair de uma casa onde quase tenho sido crucificado (ah, não exagero, não!).

É meia-noite e vinte, boas horas para ir descansar. Dormir é ainda uma das poucas coisas boas que a vida me pode dar! Minha Mulher trouxe-me agora o habitual copo de leite com ovomaltine e, devido ao adiantado da hora, uma torrada e um bolo. A minha solidão, nesse aspecto, está atenuada, embora noutros a minha alma continue tremendamente solteira…

Mas basta de divagações. Abraça-o saudosamente, com vontade de dar um dia um salto a Portalegre – já agora quando a casa-museu estiver "refundida", não é? –, o seu já velho Amigo

Luís Amaro.

P. S. – A Matilde mandou-lhe, creio que para Vila do Conde, o livro agora publicado de prosas de Sebastião da Gama, sobre que gostaria de saber a sua opinião. Obrigado por ter gostado do meu velho poema "Motivo"![613]

2.º P. S., na manhã de domingo:

Abro a carta, que já ontem tinha fechado, para acrescentar algumas linhas que há pouco me ocorreram:

Como tem verificado decerto, o sistema de pagamento a pronto que tinha fixado para os seus direitos, já de há muitos anos, não tem vigorado, afinal, nas últimas edições, que lhe têm sido pagas parcelarmente, e segundo um critério mais da casa do que seu – e no qual, devo dizer, tenho colaborado no intuito de o beneficiar um pouco, quando da última prestação. Quer dizer: no dia em que eu sair da casa – e oh, como o tenho ardentemente desejado, mas ao mesmo tempo descrente, como o meu Amigo aliás, da bondade e compreensão humanas, para onde quer que fosse! –, o

613 *Diário Íntimo*…, 2011: 103.

assunto dos seus direitos ficará uma confusão, a não ser que tivessem a esperteza de os acertar consoante os dos livros já publicados e seus respectivos preços e tiragens: mas isso, repito, não é sistema *comercial*, nem para o autor nem para o editor. As relações consigo têm decorrido mais num clima amigável do que comercial – mas, para o futuro, só vejo vantagem em comercializá-las (amigos, amigos, negócios à parte – eis uma sentença eterna). Uma coisa lhe posso assegurar, entre as coisas desagradáveis que sou obrigado a pôr nesta carta: é que as tiragens que lhe comunicam são efectivamente as que realizam. Aliás, eu não acuso o Sr. F. de mercantilismo, mas de maquiavelismo. Vou até mais longe: não creio que, nos 27 anos de existência que a casa tem, ele tenha ganho, com ela, 27 tostões (o que ele nem sequer se atreve a confessar). Tudo aquilo, para mim, é fictício: empréstimos bancários consecutivos, depois outros para pagar os anteriores, etc. Porque dinheiro pròpriamente pessoal do Sr. F. já de há muito não deve entrar em jogo – o que creio também acontecer na outra empresa, pràticamente estagnada ou falida. Tudo um círculo de fantasmagorias em que se procura afugentar a luz forte da realidade!

E também compreendo a ânsia com que ele, homem sem vontade própria (tal como sem carácter próprio) se serve de colaboradores que lhe possam ser úteis com iniciativas (que as mais das vezes resultam em prejuízos de monta: só 200 contos custou a publicidade das Obras de Balzac; etc., etc.), coisas novas, berros, disciplina férrea (por disciplina batalhei eu durante anos, antes de os portuenses lá entrarem: mas era o dono da casa que dava o mais gritante exemplo de indisciplina. Um autêntico banqueiro anarquista – quer dizer, a antinomia em pessoa. E parece, não me esqueça dizer, que o Fernando se inspirou mesmo nele, apesar de pessoalmente se conhecerem só de vista, para escrever a famosa narrativa com aquele título – e que por sinal hei-de ler hoje mesmo, tendo-me levantado agora para ir buscar o volume da *Contemporânea* onde ela vem[614]). Todo o despotismo lhe parece trazer o alento ou esperança de uma renovação – desde que a violência pertença a outro, e de preferência se exerça sobre um ser, como eu, que tudo tem consentido silenciosamente as mais das vezes. Claro: quando, como há poucos dias, a coisa vai além (mas quantas vezes, no tempo do outro, a coisa foi além! Por assim dizer todos os dias), e quando vêem que eu estou na iminência de tomar uma atitude, chega a haver pedidos de desculpa. Mas mesmo nessas alturas a minha dignidade fica ferida, e a minha permanência na casa não pode deixar de colidir com a minha consciência. E vou sobrevivendo lá, até por teimosia, afinal…

---

[614] Fernando Pessoa, "O Banqueiro Anarchista", *Contemporânea*, 1, Maio de 1922: 5-21.

Claríssimo: sei perfeitamente que faço asneiras, que tenho distracções, esquecimentos, lapsos (contando melhor as ilustrações das *Biografia*, vi, por exemplo, que eram seis e não cinco, como tinha escrito na prova; o que rectifiquei a tempo). Simplesmente, as asneiras dos outros custam à casa muito mais dinheiro – incomparàvelmente! – e são de outra gravidade. Que não custou, por ex., aquele homem diabólico do Porto? Centenas de contos – muitas, decerto! E há tempos o actual gerente, quando da visita do Sena (belo pretexto para exibir a sua vaidade!), me pediu para os acompanhar a Coimbra, a uma sessão de autógrafos; pois ao chegarmos à livraria o proprietário me perguntou se tínhamos trazido as edições do Sena, da casa, porque nada recebera, a não ser das outras editoriais que o tinham editado! Quer dizer: fazem-se anúncios (caríssimos), pagam-se deslocações, hotéis, etc., e no final esquecem-se de tratar do essencial: mandar primeiro os livros cuja venda pudesse ao menos cobrir as despesas da publicidade… Claro que o Sena assinou, para os estudantes, muitos livros das outras editoras, que ficaram a ganhar. E aqui poderá perguntar o meu Amigo porque é que eu não interviera a tempo nesse envio: e eu explico que, tendo na casa funções específicas, não tenho que meter o bedelho onde não sou chamado. A iniciativa partira do gerente: a ele competia, não a mim, ter dado instruções, à secção respectiva (armazém, expedições), para que mandassem os livros. A coisa é tão evidente que nem sequer, dessa vez, a sombra duma culpa passou sobre mim. Aliás, lá na casa – e não poderia ser de outro modo – as funções estão delimitadas, e eu fui convidado a ir a Coimbra apenas para acompanhar o casal Sena e o gerente: uma espécie de "pau-de-cabeleira"…

Outro caso, este mais grave: a edição, da responsabilidade do Sr. F., de um Dicionário Geográfico que importou em centenas de contos e cuja saída, naturalmente, foi um fiasco, porque é obra organizada por um quase doente mental aí de Portalegre, chamado Bragança Gil[615] e que creio foi seu aluno ainda.

E, como estes, quantos casos mais! Mas, na casa, as minhas asneiras é que avultam e qualquer gralha ou lapso toma aspectos criminosos quase: provas da minha incompetência ou idiotia…

Perdoe-me, querido Amigo, este longo e enfadonho desabafo. Mas creia que me sinto profundamente magoado. Se as injustiças nos outros me ferem tanto, como me não haviam de perturbar a mim? Além de que também minha Mulher – que é uma funcionária exemplar, duma rectidão e eficiência impecáveis – é atingida pela má-vontade e antipatia. Sentimo-nos muito desgostosos ambos.

---

615 José Bragança Gil Júnior, *Dicionário Corográfico Administrativo e Judicial: Portugal Continental e Insular*, 2 vols., Portugália, 1968.

Desculpe-me uma vez mais, e receba o abraço sincero do seu tão maçador Luís Amaro.

A nossa amiga M. Aliete disse-me, da última vez que lhe falei, que continuava a trabalhar no *Fado*. Mas creio que ainda se sente algo combalida. Mostrou interesse na sua prometida passagem por Lisboa – para quando?

*

1 de Julho 69.
Meu querido Amigo:

Tenho remorsos de o ter massacrado com a minha carta última – embora os não tenha do que, muito conscientemente (uma consciência que vem da *experiência* sofrida ao longo de muitos anos), nela afirmei: aliás, também a mim não me poupo quando faço autocrítica.

E compreendo que o meu Amigo, um tanto perplexo, nada me tenha respondido ainda.

Peço-lhe desculpa de, mais uma vez, ter desabafado – mas desabafar faz bem à alma; e quanto aos pormenores, embora eu não tivesse sido breve, estão longe de representar a realidade. Aliás, a "descrição" não é o meu forte – o que só me prejudica. Tenho, porém o sentido da justiça – e reconheço que, com as minhas condescendências, também só me tenho prejudicado. Mas adiante! Confiemos em melhores dias! e entretanto vamos vivendo...

– Continuo a achar útil que se estabeleçam os contratos; aqui mesmo, por mais de uma vez esses contratos têm sido necessários para aclarar ideias quanto aos seus pagamentos de direitos. É possível que na poesia não vão além dos 10% habituais nos livros do género (mesmo no G. F.[616]). Mas, mesmo assim, valer-lhe-á a pena ficar contrato escrito. Aliás, são tantos os livros ainda a publicar, que o meu Amigo terá a receber regularmente pagamentos da casa, ainda que parcelares. Basta lembrar que os *P. D. e D.* estão esgotadíssimos e que a recente aquisição da F. G.[617] esgotou também as *E. D.*; as *VIDAS SÃO VIDAS* continuam esgotadas, e soube ontem, com agradável surpresa, que as *MONSTRUOSIDADES* também o estão, bem como *MAS DEUS É GRANDE*. Até a antologia *NA MÃO DE DEUS*, com a última encomenda da referida G., se esgotou.

O interessante era que fizessem uma boa encomenda de *UMA GOTA DE SANGUE*, para que reeditássemos o 1.º vol. da *Velha Casa* na série das Ob. Comp.

---

616 Gomes Ferreira.

617 Fundação Gulbenkian.

– Diga-me, por favor, quanto tempo se demorará ainda em Portalegre, pois temos de lhe enviar a última folha da tiragem especial da *BIOGRAFIA*, bem como das *TRÊS PEÇAS*. Ambos os livros estão a andar a passo-de-boi, mas não por culpa minha. Aliás, ainda há pouco pedi aqui para me arranjarem uma colecção das folhas impressas da tir. comum, para lhe enviar, como sempre fiz.

– Creia que estou revestido de paciência para a luta. E creia também que um dos raros prazeres que tenho aqui é o contacto consigo, e o tratar dos seus livros – tanto quanto posso. E perdoe-me a chateza dos meus desabafos – como se o meu Amigo não tivesse tanta coisa que o maçasse!

Gostei muito do seu artigo – justíssimo – sobre o nosso Gaspar Simões[618]. Ele vem cá hoje fazer dedicatórias na 2.ª ed. do *Internato*[619].

Abraça-o com a velha amizade de sempre o seu dedicado e grato

Luís Amaro.

*

Portalegre
6/7/69

Meu querido Amigo:

Não tem que me pedir desculpas nem de supor que me enfastia desabafando comigo, – pois com quem há de [*sic*] a gente desabafar um pouco senão com os amigos?! E, de vez em quando, é uma necessidade de todos nós! Gosto de receber as suas cartas precisamente assim, escritas à vontade e como se escreve a quem nos merece confiança. Bem sei, bem sei que o Senhor A. F. tem as suas limitações, e os vossos feitios são muito diferentes. Não tanto por ele como pelos que se insinuam no seu ânimo, avalio o que o meu Amigo, com a sua sensibilidade, terá sofrido nessa Casa. E apesar de tudo, não lhe aconselharia a deixá-la. Outra da mesma natureza, ou de natureza diferente, seria muito melhor? Os homens são mais ou menos o mesmo em toda a parte...

Por mim, tenho uma dívida de gratidão para com o Senhor A. F.: É que dificilmente eu encontraria outro editor que empreendesse as minhas Obras Completas, e as fosse continuando, com o gosto e a boa vontade com que ele o tem feito. Por isso evito de o aborrecer com o quer que seja. Sei que, talvez, pudesse conseguir condições mais vantajosas, do ponto de vista financeiro, para os meus livros. No entanto, ainda não será por agora que lhe tocarei nesse ponto. Aliás, tenho sempre nem sei bem que aversão

618 "Duas palavras sobre a obra crítica de João Gaspar Simões", supl. Artes e Letras do *Diário de Notícias*, 26-V-1969.

619 Portugália, 1969. A 1.ª ed. é do Porto, 1946.

a contractos [*sic*], a estabelecer contractos, mesmo sem analisar se me não seriam úteis... Não quer dizer isto que eu lhe não agradeça, meu Amigo, o empenho e o zelo com que se ocupa dos meus interesses. Mais uma vez, obrigado! Esperemos ainda algum tempo. Quanto à *plaquette* com opiniões a meu respeito, creio que reflecti melhor: Ou a iniciativa parte da Portugália, ou não devo ser eu a propor-lha. No campo do reclame, esta tem sido a minha conduta, e certamente me inclino a supô-la a mais digna. Demais, talvez para um escritor mais novo, que *precisa de se lançar* ou sustentar um primeiro *lançamento*, haja maior necessidade ou sentido numa *plaquette* dessas.

Sem sair ainda do assunto: Escreveu-me o Senhor A. F. a enviar-me um artigo publicado no *Estado de S. Paulo*, dizendo-me que tencionava reproduzi-lo "num dos nossos Suplementos". (Um dos nossos Suplementos... qual? Se vai para o do *Diário de Lisboa*, fica lá *esquecido.*) Ora nisso, já eu vejo oportunidade. Dado que está agora em moda atacar o Régio, talvez, de facto, conviesse reproduzir cá em Portugal esse artigo saído no Brasil. O Régio já vai tendo poucas outras oportunidades de ripostar...

Parto amanhã, segunda-feira, para Vila do Conde, porque as obras na casa de Portalegre ma tornam inabitável. Lá espero sempre com verdadeiro prazer, as suas notícias.

Abraço do velho amigo,

Régio

P. S. – Cá recebi os livros do Simões.

*

8/7/69.

Meu querido Amigo:

Muito obrigado pela sua carta de ontem, tão compreensiva. Ainda bem que, com a sua experiência humana e o conhecimento que já tem da minha própria alma, as minhas palavras lhe não souberam a "azedo" – que é coisa q[eu] não sou (ou procuro ser o menos possível, apesar de todas as amolgadelas…). E creia que, *apesar de tudo*, ainda sou dos que mantêm pelo nosso Amigo o respeito que lhe é devido. Tenho-o, desde há longos anos, defendido sempre, mas desde há muito, também, que sem reciprocidade. E é isso que me magoa – tê-lo sempre *contra* mim.

Hoje receberam-se aqui notícias suas, q. me mostraram. Aproveitei para lembrar o tal prospecto.

Se do *Diário de Lisboa* não publicarem tão breve o artigo de Fernando Mendonça (fui eu que escolhi esse Suplemento e mandei o artigo ao Vítor

Silva Tavares, coordenador), pedirei que mo devolvam – como fizeram já com o de Firmino Crespo, que realmente talvez fosse um pouco "escolar" para aquele tipo de suplemento; concedo que sim. Mandei-o para a *Capital*, e o nosso Álvaro Salema passou-o a Mário Neves, pois se desligou da parte literária do jornal, extremamente fatigado. Mário Neves, a quem esta manhã telefonei, pôs-se, como sempre, ao nosso dispor (tomara ele pessoas que o ajudem a organizar o suplemento!) e prometeu publicar o artigo de amanhã a oito dias – já não houve tempo de sair amanhã[620].

Espero que a sua saúde seja excelente – como se tem sentido agora? Eu, apesar de tudo, parece que estou a engordar: será que a angústia engorda? Mas até mesmo da cabeça me sinto melhor, talvez devido a um tratamento (comprimidos, claro, mas não dos que nos tiram todas as reacções para a vida).

Abraça-o afectuosamente o

Luís Amaro.

P. S. – O F. Mendonça, com quem me tenho correspondido, enviou-me 1 ex. do jornal, e enviei a primeira página para Jorge de Sena.

– Leu o belo artigo do Cardoso Pires, na última quinta-feira, sobre Gaspar Simões[621]? Posso enviar-lho, se o não conhece.

2.º P. S. – Providenciarei para que lhe remetam na próxima semana alguma import. por conta dos seus direitos. Já que o meu Amigo prefere assim…

*

11.7.69.

Querido Amigo:

O artigo de Fernando Mendonça, que o Cardoso Pires publicou com o realce que lhe é devido e ele tem dado às investidas contra si, deve ter irritado muita gente – irritado e surpreendido por ter sido publicado precisamente no *Diário de Lisboa*[622]. Fiquei satisfeito com isso – tanto mais que, felizmente, o artigo é bem feito, talvez dos melhores do Fernando Mendonça. Se quiser, posso mandar-lhe alguns exemplares (os que comprei mandei-os ao Eugénio Lisboa, ao autor do artigo e dei outro a um jovem professor brasileiro, Almiro Ir de Campos Bruneti[623], que quer conhecê-lo e brevemente irá ao Norte).

---

620 "Relendo o *Cântico Suspenso*", *A Capital*, 16-VII-1969.

621 "Intervenção a cada dia" abre o Suplemento Literário de 3-VII.

622 "José Régio / 40 anos depois", Supl. Literário, 10-VII-1969, antes n'*O Estado de S. Paulo*, 21-VI-1969.

623 Almir de Campos Bruneti.

Pena é que a nossa amiga Maria Aliete Galhoz, agora com exames, não tenha ainda pronto o seu trabalho – que ela receia ficar, devido à diminuição da sua saúde, abaixo das possibilidades que *sabe* possuir. No *D.º de Lx.ª* estão interessados em publicar esse trabalho, sinal de que, ou pretendem "dar uma no cravo, outra na ferradura", ou então agradar a vários sectores – desde que não sejam reaccionários.

Do que estou convencido, meu Amigo, é que nisto tudo há a maldita política – e de que o meu Amigo é atacado apenas por uma razão ideológica. Como se José Régio fosse alguma vez contra os que sofrem e lutam e morrem na miséria!

Reexpedi ontem para si um livro que suponho do Mário Dionísio.

As gravuras de *Biografia* não estão ainda impressas, parece que por dificuldades na reprodução que se pretende perfeita, como era a do *Fado*. É natural, portanto, que as *Três Peças* saiam primeiro. E em Agosto começam as férias… Aliás, parte das minhas deve, por conveniência de serviço, começar ainda este mês, por oito dias; terei depois o resto mais tarde. Pensei ir passar uns dias a Castelo de Vide, que não conheço.

– Seria bom que o meu Amigo dispusesse já a publicação do próximo volume. Em minha opinião, os *Poemas de D. e do D.* deviam ser reeditados imediatamente! Mas o meu Amigo dirá.

Abraça-o gratamente o seu grato e dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – No n.º, que recebi hoje do *Tempo e o Modo* (fiz a asneira de assinar para este ano a revista dos "católicos progressistas"), notei a sua ausência no número dos colaboradores da homenagem a António Sérgio[624]. Mas que pretende essa gente?! A minha vontade, se eu não fosse econòmicamente um ser dependente destes tipos todos, era devolver-lhes a revista, tanto mais que um colaborador "explosivo" inclui, no final do número, o seu nome entre os autores de obras *mortas* – a par, alegre-se!, de um Aquilino. Esta república das letras, com a intervenção dos *beattles* [*sic*] literários, está que é uma miséria. Demolir, arrasar tudo que está para trás: mas que oferecem eles em substituição? *As Aves* do G. Cruz?

Claro que na confusão geral há nomes sérios: um Helder, o próprio Faria[625]. Mas tão poucos!

Amaro.

*

[624] N.º 69/70, Março-Abril de 1969. Em 5-II-1956, Régio considerava Sérgio «um dos meus mestres» (*Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 189).

[625] Herberto Helder, Almeida Faria.

18/7/69.
Querido Amigo:

Acabo de saber que o lançamento das *Três Peças* está marcado para a semana. Entretanto, logo que venham da tipografia as restantes folhas impressas enviar-lhas-ei; bem como os costumados exemplares para as costumadas dedicatórias; e ainda a folha final, para assinar, dos especiais.

O Liberto Cruz (leitor de português em França, que um dia discordou do seu prefácio, que aliás desconheço, à Clara de Ovar[626]; mas que o admira e respeita, como é próprio de um intelectual adulto) vai escrever sobre o seu teatro, no suplemento do *D.º de Lx.ª* talvez.

A propósito, e como eu previa, um dos seus jovens críticos – precisamente o mais persistente na campanha, e que contagiou o outro, de quem é colega num colégio – ficou irritado com o artigo do Fernando Mendonça, achando que se faz uma publicidade tremenda à volta do meu Amigo, sobre cuja obra geral um dia há-de escrever extenso ensaio "desmistificador", e invocando uma vez mais o "Havia na Cidade" com "aquela referência ao cinema" e a rima de "violetas" com "aquelas pretas" (efeito humorístico que não quiseram ver nem sentir) e o "negregado sentimentalismo" do "Enterro de Anjinho" no *Mas Deus É Grande*. Etc…. Respondi-lhe que, tendo por ele simpatia pessoal e até apreço pelo último livro[627] – tanto quanto foi possível à minha compreensão –, nunca poderia aderir ao *ódio* que ele manifesta por si. Claro: a minha posição de funcionário editorial impede-me de ser menos diplomata e mais sincero – mas eles *sabem* isso: e não me perdoam (visto que sabem *tudo*) que eu possa contribuir para a oposição à ditadura dos jovens, sobre os quais não poso deixar de transcrever estas palavras de uma carta que ontem recebi do Brasil, de Chianca de Garcia:

"Outra coisa: os jovens de que você fala são úteis, necessários. Mas não nos devemos deixar subjugar poe [por] eles. Nem que seja por uma simples questão de humor. Que seria da civilização, da experiência, da inteligência (digamos da cultura) se os mais velhos *não existissem – PARA RIR DA JUVENTUDE*? Os jovens precisam que os mais velhos se riam deles. Você já imaginou os Beatles ou algum desses poetas (do especulativo precioso) aí de Lx.ª – assumindo as funções do Werner Von Braun que tem 60 anos?"

O mal, meu Amigo, é haver muitos outros que precisamente os cultivam, com sinceridade ou não. Claro: compreender e animar a juventude é

626 Clara d'Ovar, *Um Mundo Paralelo*, Lisboa, Editorial Minotauro, 1966.

627 Gastão Cruz, *As Aves*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1969.

justo, é humano, é generoso. Eles precisam que os mais velhos lhes dêem a mão; não encontrando esse amparo, vingam-se – e de que modo! Mas entre uma e outra atitude – a de total concordância e a da cega incompreensão – quanta coisa a fazer!

Acho é que, não aderindo a eles, se lhes não deve atribuir a importância que ainda não têm, respondendo indirectamente aos seus ataques. Porque eles se servem disso mesmo – da polémica – para ganhar nome, para se *realizarem*, enfim. Dá vontade de lhes dizer, como há vinte e tal reclamava Gaspar Simões: "venham obras!"

– Queria sugerir-lhe que o meu Amigo escrevesse umas linhas a Fernando Mendonça, para a faculdade de Assis ou para a morada particular: Caixa Postal 470 – Assis – São Paulo – Brasil. Estou convencido que ele apreciaria uma carta sua, que seria um incentivo para novos estudos a seu respeito. Bem sei que o meu Amigo não cultiva estas coisas…

O sujeito de Manchester para quem elaborei uma longa lista bibliográfica, em Janeiro deste ano, é que nunca mais escreveu para a casa; nem agradeceu essa lista, que me valeu uma "advertência" por ser excessiva e fazer perder tempo às dactilógrafas… Já pensei que teriam sustado o envio; o meu Amigo não recebeu mais notícias dele (João não sei quê Nunes)?[628]

Abraça-o o seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

*

22.7.69.

Meu querido Amigo:

Enviar-lhe-ei amanhã estas linhas, possìvelmente com mais folhas impressas das *Três Peças.*

Queria pedir-lhe o favor de apressar a prévia revisão do Posfácio dos *Poemas de Deus e do Diabo*, que finalmente vai para a tipografia. É, como eu pensava há muito, uma reedição urgente.

Começo na próxima semana, durante oito dias, uma parte das minhas férias, ficando as restantes para depois.

A nossa amiga Maria Aliete esteve cá ontem, satisfeita porque vai a França (Besançon) num curso de férias, creio que durante um mês. Nada melhor pode acontecer às pessoas sensíveis – e portanto "emparedadas" neste nosso ambiente – do que uma viagem pelo estrangeiro. Tanto que eu

---

628 João Manuel de Sousa Nunes, cuja dissertação de mestrado – *José Régio (1901--1969) Introdução aos Seus Romances* – será defendida na Faculdade de Letras de Manchester, em Abril de 1971.

desejaria repetir este ano o passeio que fiz! Mas fico-me pela Malveira e, depois, por Castelo de Vide, talvez… Aproveitarei para fazer umas leituras atrasadas.

Abraça-o gratamente o seu dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Escrevi hoje a seu irmão Saúl Dias, a dizer-lhe que a Emissora transmitirá na próxima quarta-feira, às 19 h., no programa Poesia, Música e Sonho, poesias dele.

*

Vila do Conde
30/7/69

Meu querido Amigo:

Duas linhas apenas, a esferográfica, para lhe dizer que quero escrever-lhe com mais vagar. Como, porém, me diz que vai entrar em férias, estou sem saber para onde lhe escrever. Estas linhas vão ao acaso... para Queluz.

Recebi as folhas das *Três Peças em Um Acto* (para dedicatórias) e umas que faltavam a completar-se um exemplar da *Biografia*. Também recebi carta do Senhor Agostinho Fernandes, com um cheque de 6.000$00 por conta de direitos autorais, e o pedido (que igualmente o meu Amigo me faz) de adiantar o Posfácio dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Vou entregar-me a isso! Até com mais vagar, abraço do seu

José Régio

P. S. – De aquele homem que lhe pedira uma lista das minhas obras – e que o meu Amigo serviu tão bem! – não recebi mais palavra. R.

*

Vila do Conde
4/8/69

Meu querido Amigo:

No fim de contas eu é que estou em dívida, pois certamente mais são as cartas suas do que as minhas. Tenho-as recebido todas, além dos jornais que frequentemente me envia. Ainda hoje recebi um *Diário de Lisboa* com o reclamo às minhas mais recentes reedições. Obrigado por tudo!

Acabo de escrever ao Senhor Agostinho Fernandes: remetendo-lhe os recibos referentes a um cheque de 6.000$00 que me enviou, prometendo para muito breve (estou trabalhando nele activamente!) o Posfácio refun-

dido dos *P. de D. e do D.*, acusando a recepção de 40 exs. da 1.ª folha das *Três Peças* e 10 exs. da obra, etc.

Quanto à falta da respectiva nomeação das peças nesta reedição das *Três Peças*, não se atormente com isso! Não vejo que tenha grande importância. Já toda a gente sabe quais são; e a cinta (que efectivamente vem nos exemplares que recebi) remedeia em grande parte o caso. Claro está que toda a gente está sujeita a esses esquecimentos de momento, e não era agora esse pormenor que me faria esquecer o zelo e o cuidado que há tanto lhe devem as minhas obras!

Nas suas cartas vou recolhendo ecos dos pequenos (ou mesquinhos) enredos que por aí tecem alguns meus *camaradas* em volta do meu nome. Evidentemente, esse Gastão Cruz não pode suportar que eu tenha uma obra e um público... que ele não pode destruir com as suas *críticas* a insignificâncias. O mal é dele, que tem de remoer o seu veneno. A rima de *violetas* e *pretas* (mas que importa uma rima num livro, ou numa obra poética de sete livros?!) colhi-a do Junqueiro, da sua poesia *Morena:* "*Mas olhas [olha] as violetas / que [violetas. / Que], sendo umas pretas, / O cheiro que têm!*" Já o Junqueiro lhe dera aquele tom irónico, ou subtilmente humorístico, ou brincalhão, que eu reforcei. Enfim... picuínhas [*sic*].

E já agora, gostava de saber onde vem aquela nota do Eduardo Lourenço – aproveitada para o reclamo do *Diário de Lisboa*. A do Sena, creio que pertence a um artigo publicado em tempos na *Seara*. Mas a do E. L., francamente, não vejo de onde foi tirada.

Quanto ao poema que me pede para a página do *Estado de S. Paulo*: sabe, meu Amigo? a falar-lhe com a usual franqueza, não acho grande utilidade nessas páginas de poesia: Geralmente, sendo inéditos muitas vezes de ocasião, os poemas não são dos melhores dos autores incluídos. E o facto de virem muitos poetas misturados, e diferentes, provoca uma certa confusão e faz com que, no fim e ao cabo, se não repare em nenhum. Para oferecer um panorama... Também uma página é, no geral, insuficiente. Do José Régio, não tenho agora nenhum poema. Só vou, brincando, fazendo alguma poesia menor do João Bensaúde. Isto, às vezes, e mentalmente, nas *camionettes* entre Vila do Conde e o Porto. O que ao presente mais me interessa e ocupa (já está bastante adiantada) é a *Confissão Dum Homem Religioso*... livro bastante insólito no nosso tempo e no nosso meio.

No entanto, se o meu Amigo insistir ou persistir, terei de escrever um poema do José Régio. De modo nenhum quero deixá-lo descontente. Só tenho de esperar um pouco... o momento propício.

E creio que me vou ficar por aqui, sem saber se esqueci qualquer coisa mais que quisesse dizer-lhe. Do coração estimo que as suas curtas férias

lhe tenham feito algum bem. E não se deixe vencer pelos seus desalentos e desgostos! Quem me dera ter a sua idade..., já é uma grande coisa ser-se ainda novo. Temos de saber, – nós, os nervosos até um pouco neuróticos – temos de saber que não daríamos tão obsidiante importância aos nossos juízos e observações pessimistas (apesar de muitas vezes serem eles justos!) se os nossos nervos fossem ou estivessem mais sãos... Saber isto já é alguma coisa, e ajuda-nos a tentar *dirigir* o nosso sistema nervoso.

Isto, meu Amigo, não deve impedi-lo de desabafar comigo quando quiser ou precisar. Desabafar também faz bem...

O abraço do seu certo

Régio

*

5/8/69.
Querido Amigo:

Já cá estou, como vê, depois da primeira semana de férias; metade desses dias passei-os num breve passeio às Caldas da Rainha e a Alcobaça. É possível que vá, para a próxima semana, para esta última vila, tanto gostei da tranquilidade que lá se respira e da alimentação excelente, com muita fruta…

Espero que não tenha ficado muito aborrecido com a falta dos três títulos das peças ao menos no frontispício! Apesar dos meus esforços de atenção, o espírito alheia-se-me muitas vezes numa nuvem de desgosto e revolta e irritabilidade (infelizmente só para dentro). Agora mesmo verifiquei que na lista dos volumes da colecção dos Poetas, impressa nas *Poesias Completas* de Adolfo Casais Monteiro (o volume da colecção a sair pròximamente[629]), não incluí o título do livro do Sena, também quase concluído, nos três volumes seguintes… Como tenho de escrever a este, vou falar-lhe já nisso, antes que ele, quando recebesse o volume – lá para Setembro, pois a capa não está ainda pronta –, visse coisas subterrâneas nessa pequena falha. É possível que se a minha alma não andasse permanentemente "em obras", como que emparedada em si mesma, a minha eficiência fôsse maior. Talvez o que me defina seja um velho verso meu que o Raul de Carvalho aproveitou num poema, pondo-o em itálico: "o miserável constrangimento de existir"[630]…

Espero que tenha recebido as folhas para as dedicatórias, que lhe mandaram durante a minha ausência, aqui da Portugália (refiro-me, claro, às

[629] Embora reze ter sido composto e impresso em Julho de 1969. Colecção Poetas de Hoje.

[630] Em "Tautologias", que dá título ao livro, Lisboa, Ed. do A., 1968: «ah este miserável constrangimento de existir.»

Três Peças). E também os 10 exs. do livro. Procurei-o, a este, nas Caldas, e notei logo que a "seixa" do pé da capa (o pequeno intervalo entre a cartolina e as folhas) tinha ficado excessivo; ainda que não intervenha na produção, recomendei que nos restantes exemplares a brochar diminuíssem a tal "seixa" para metade.

Gostaria muito de tratar já esta semana dos envios para as ofertas, mas para isso é indispensável que o meu Amigo me envie urgentemente as folhas dedicadas. É que, como lhe disse, não estarei cá para a semana, e não convinha arrastar o assunto.

Lembro-lhe um nome do *Diário de Lisboa*, o do jornalista César dos Santos – pessoa sempre prestável e a quem devo atenções. Obrigado, claro que não deixaremos de mandar também para o Raul Rego, seu grande admirador.

Deve receber por estes dias o oitavo da tiragem especial das *Três Peças*, para as costumadas assinaturas. Tenha paciência, meu Amigo!

E desculpe tudo ao seu sempre dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – O Sr. Agostinho Fernandes foi há dias para o Algarve, atormentado com problemas íntimos que lhe fazem andar a cabeça à roda. Provàvelmente não se demorará lá.

2.º P. S. – Agradeço-lhe, querido Amigo, que se não esqueça do poema que lhe pedi para o *Estado de São Paulo* e de intervir junto do Pedro Homem de Melo (que injustiça, a crítica chocarreira do Castrim!)[631] para que ele ceda também uma poesia inédita. Vou escrever ao nosso Alberto de Serpa pedindo-lhe o mesmo. Se o meu Amigo quiser sugerir-me outros poetas, agradeço. Vou escrever também a Saúl Dias. O pior é a falta de tempo para tratar de todo esse "expediente"!

Claro que me seria fácil coordenar uma página qualquer de Poesia inédita – bastaria recorrer aos milhentos poetas que conheço. Mas gostaria de, numa primeira página, publicar *os melhores*. Depois se seguiriam outros, possìvelmente até ao… Gastão Cruz.

Vamos ver como me sairei desta empresa, em que terei de lutar com a "politiquice" habitual.

Amaro.

Já está a trabalhar no Posfácio dos *Poemas de Deus e do Diabo*?

– Recomendo-lhe a leitura de uma *plaquette* que a Liv.ª Moraes publicou há pouco – uma Carta dos católicos franceses ao Papa. Adquiri-a nas Caldas, e penso que, para o livro que tem entre mãos, esse opúsculo terá interesse.

---

631 "Pedro Homem de Mello e a sua corte", entretítulo do Canal da Crítica, *Diário de Lisboa*, 2-VIII-1969: 15-16, dito «poeta lá de muita sexta ordem».

*

7.8.69.
Meu querido Amigo:

Como lhe disse já, cá estou de novo, e, por sinal, apesar de sòzinho na minha secção (os outros estão de férias) e do lindo tempo, algo enervado e a precisar… da continuação de férias, ainda que a tranquilidade momentânea me não crie ilusões: a vida é luta, desassossego, *guerra* – e eu sei isso mais do que ninguém.

Agradeço-lhe a sua carta de ontem e a compreensão que ela revela. Hoje de manhã, novo aborrecimento: o homem da oficina de encadernação trouxe-me as estampas da *BIOGRAFIA* (impressa segunda vez, porque tinham ficado mal da primeira) e verifico, com grande arrelia, esta coisa chata (em que – desta vez, é bom sublinhar – não tive intervenção nenhuma, porque não sou eu que trato directamente com tipografias e gravadores (esse inferno já lá vai) e, além disso, estou *muito longe* de ter o exclusivo das asneiras…): a reprodução foi feita à altura dos originais, isto é, da anterior edição, cujo formato é, como sabe, mais alto que o das Obras Completas. Solução: ou inutilizarem o que está feito, ou cortar ao pé e à cabeça cada gravura. Vou escrever a seu irmão Júlio expondo-lhe o caso, e pedindo-lhe que me indique onde se pode cortar (aparar): a assinatura do artista teria de ficar ou mutilada ou inexistente, em quase todos os desenhos… Enfim, mais um problema – mas, como digo, a minha consciência (mais implacável que todos os tipos sinistros que por mim têm passado) não me acusa: estou perfeitamente inocente. Tenho, aliás, até uma ideia de que (embora não me cumpra dar instruções, nem as aceitem) lembrei oportunamente que o formato não era o mesmo, à pessoa que mandou executar o trabalho.

Espero que o meu Amigo já me tivesse devolvido as folhas com dedicatórias das *Três Peças*. Gostaria de deixar aqui indicações quanto aos exs. a remeter-lhe, visto que vou novamente para fora na semana próxima (ah, como gostei de Alcobaça!...), mas teria de saber quantos oitavos (mais precisamente: quantas folhas, visto que tem 16 páginas) o meu Amigo utilizou nas suas ofertas particulares. A não ser que me queira dizer *já* (a ver se a sua indicação me chega no sábado) quantos livros mais precisa. Claro: ninguém é insubstituível, e, em caso de necessidade, o meu Amigo poderia escrever directamente à Portugália – depois de sábado – pedindo mais livros.

São muito de aceitar as suas observações quanto à página de poesia que eu propunha elaborar para o suplemento brasileiro. Já o José Gomes Ferreira se me tinha negado (amigàvelmente), alegando que a *Poesia IV*

está "em obras"[632], precisa de ser trabalhada, etc., e que tem recusado aliás dar poemas à própria *Seara*, etc.

Penso, pois, que além de poder não constituir uma prova exacta do que é a nossa Poesia contemporânea (visto que o critério do ineditismo não é conciliável com o de *escolha* ou *antologia*), o caso me iria dar muito trabalho e alguns aborrecimentos (não me apeteceria pedir, por ex., ao R. de Carvalho, com quem não corto relações apenas porque me falta coragem para isso, visto ele insistir em me maçar quando me encontra). Não. Mas não desisto inteiramente. Vou propor ao Fernando Mendonça a criação, no jornal, de uma página de Letras Portuguesas, de publicação não periódica, e cuja organização me daria o maior gosto (a mim, que tanto amaria ter uma revista ou um jornal literário, onde congregar todos *os que valem*, independentemente de politiquices. Mas, claro, bem sei que na nossa terra isso não é fácil, sem no entanto ser impossível).

A opinião do Ed. Lourenço (que recentemente esteve em Portugal) foi extraída do ensaio que veio no 3.º vol. da *Estrada Larga* (org. por Costa Barreto) e a do Sena da *Gazeta Musical*, Fev.º 58 (crítica assinada por J. de S. às *Três Peças*)[633].

Recebi há dias desse nosso amigo uma carta incrível, em que, em resposta a uma lamentação minha de que ele se não ocupe de letras nossas contemporâneas, me diz, entre outras coisas: "Eu quero que a mais recente literatura tenha muita saúde e vá àquela parte. Acha que não tenho nada de mais útil a fazer do que passar a vida a ler todos os arrotos literárias dessa terra de bôrra? Há mais literatura no universo, que me importa ler. (Aí, leiam-me a mim, que é o melhor que têm.)"

Bem típico de certo J. de S. (felizmente, essa é só uma faceta da sua personalidade, em que aliás há tantos aspectos positivos). Estará o nosso amigo azedado por se conservar na América, por não ter sido aqui convidado para ficar, por não ter ganho o Prémio do *Diário de Notícias* que esperava, por… – tratando-se do Sena, são de admitir todas as hipóteses, até a de o M. Caetano lhe não ter escrito a resposta que ele esperou a um cartão de agradecimento que, aqui na casa, lhe escreveu. Quanto à megalomania exacerbada, suponho que não é novidade para si, nem para ninguém mais atento à estranha personalidade do nosso Amigo. Não é a primeira vez que ele diz ser "o melhor" – e é possível que até em público o dissesse já – e há quem acredite nisso…

---

632 Sai na Portugália em 1970.

633 *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, 3.ª Série, Ano VIII, n.º 83, Fevereiro de 1958. Sena reproduziu-a em *Régio, Casais, a «presença» e Outros Afins*, Porto, Brasília, 1977. Ainda em 1958, ver reacção de Régio à crítica de Sena em *Páginas do Diário Íntimo*, 2000: 328-331.

Bom, vou escrever ao pintor Júlio, a ver se ele nos ajuda a descalçar a bota.

O caso de que lhe falei, da omissão do título do livro do Sena na lista das obras da colecção no livro do Casais, teve fácil solução: a sobre-impressão da linha que faltava[634].

Aguardando as folhas dedicadas, creia-me igualmente e sempre grato à sua Amizade

Luís Amaro.

*

[9-8-69]

DESOLADO NÃO POSSO ACEITAR MUTILAÇÃO ILUSTRAÇÕES ACHO INDISPENSAVEL NOVAS GRAVURAS LAMENTO = REGIO

*

Vila do Conde
17/8/69

Querido Amigo:

Afinal nunca cheguei a escrever-lhe para Alcobaça, – tenho tido uma vida muito ocupada! Os meus melhores votos é que tenha passado o melhor possível, na companhia da sua Mulher, essas curtas férias; e que volte às suas costumadas lides e preocupações com algumas reservas de energia e paciência… que tão necessárias nos são a nós todos nesta luta que é a vida. "A vida do homem sobre a terra é uma luta" – diz o livro de Job.

E como tem de ser, vamos às nossas questões editoriais. Um pouco por partes.

– Já enviei para a Portugália trinta e tantas primeiras folhas das *Três Peças* dedicadas: as mais urgentes, digamos. Trata-se agora de fazer os volumes e mandá-los ao seu destino. Ainda cá me ficaram umas cinco folhas, e na verdade precisaria de receber ainda umas *dez*. As que porventura me sobrassem, devolvê-las-ias [*sic*]. Destas *quinze folhas* com que ficaria, algumas teriam de ser enviadas a amigos meus particulares, com quem, a bem dizer, nada tem que ver a Portugália. Mas é para mim um alívio *descarregar* para a Portugália (já que um escritor português não poder [*sic*] ter secretário!) esse trabalho, para o qual, evidentemente, mais

634 Refere-se a *Peregrinatio ad loca infecta*.

uma vez conto com a boa vontade do meu Amigo. As direcções destes "amigos particulares" iriam juntas às respectivas folhas com dedicatórias. Ter-me-ei chegado a explicar bem? A verdade é que esperava pelo seu regresso a Lisboa para remeter para aí essas folhas.

Também recebi da Portugália dez exemplares completos, e precisaria de receber mais outros dez, pelo menos. Não preciso de sair muito de Vila do Conde para os esgotar. E recebo tantos pedidos de tantos lados – de associações ou indivíduos de toda a espécie que dificilmente podem comprar livros! Bem vejo – como o não veria?! – que estou fazendo pedidos à Portugália muito para além das ofertas habituais aos autores. Se achar conveniente, o meu Amigo pode ler aí esta passagem desta carta. Admitamos que esse excesso de ofertas compensa certo meu desprendimento quanto à importância dos meus direitos autorais…

– Quanto às ilustrações da *Biografia*: confesso que fiquei desolado, alarmado, com os cortes propostos. Como também desenho um pouco, sei a inconveniência de certas mutilações na *construção* dum desenho. Vendo, porém, as provas que me enviou, fiquei muito bem impressionado com a excelente impressão dos desenhos. E os cortes, enfim, não prejudicaram de maior os desenhos, embora naturalmente fosse preferível não terem de ser feitos. Em resumo: Se meu irmão, que é o autor, aceitou sem grande relutância tais cortes, *não vou eu ser mais papista do que o papa*; (não obstante haver hoje, nesta época de contestações, simples padres que já discutem as decisões do Chefe Supremo da Igreja). Fica, pois, inteiramente posta de parte a hipótese de se fazer novas gravuras.

– O novo Posfácio dos *Poemas de Deus e do Diabo* está pronto. Espero nunca mais o refundir. Esta refundição deu-me um grande trabalho, e, realmente, já estou enjoado de aquilo. Excepto dez páginas manuscritas que vão apensas ao volume (as primeiras do dito Posfácio) as correcções vão feitas no próprio volume, para evitar haver de escrever tudo de novo. Será preciso o compositor ter cuidado e paciência. E claro que também é preciso muito cuidado com esse *original*, – que, a perder-se, representaria uma perda quase irremediável: Como poderia eu reconstituir tudo aquilo?!

Vou enviar o volume ao Senhor Agostinho Fernandes, pois de ele o recebi, suponho; e não sei se ele não estranharia que o remetesse a outro.

Creio que [,] por hoje, é tudo. E quase tudo coisas *chatas*… excepto a aceitação das gravuras. Que ao menos isso o contente um pouco! O abraço do seu amigo

Régio

*

Lisboa, 18 de Agosto 69.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe da nova Biblioteca Nacional, depois de ter dado, apesar do calor tórrido, uma volta a todo o Campo Grande. É que estou ainda em férias – desta vez as férias dos empregados mais antigos prolongam-se um pouco mais: a tradição dos míseros 15 dias anuais *custou a vencer* mas já lá vai…

Aguardava interessado a sua carta de hoje, cujos bons votos lhe agradeço, e espero que tenha devolvido (como lhe pedi) as estampas à oficina de encadernação ou brochura – a casa João César, cujo endereço também lhe indiquei. Hoje vem cá a casa, para ver o *Zip-Zip* na televisão da minha cunhada (que mora ao lado), um colega meu, a quem pedirei que lhe remeta mais 10 *Três Peças*. Procurarei saber se já brocharam os volumes com as dedicatórias. Quanto aos restantes exs. da 1.ª folha, verei se é possível mandar-lhos antes de regressar à "base".

O Sr. Ag. Fernandes estava no Algarve, como creio ter-lhe também dito, quando vim; não sei se já veio, é natural que sim, visto que a sua inquietação não lhe permite o retemperador sossego das férias nas casas que possui na Praia da Rocha e no Estoril.

Recomendarei ao tal meu colega que abra o volume que do meu Amigo vier para ele, pois que, reenviado para o Algarve, correria o risco de extravio nas próprias mãos do destinatário (que já de há meses está na fase de perder coisas, sendo perigoso confiar-lhas. Ainda que conservando a lucidez, ficou notàvelmente diminuído, e já de há muito se não ocupa da direcção da casa. Em todo caso, compreendo que o meu Amigo lhe não queira fazer sentir, com o seu silêncio, que está ao corrente dessa inferiorização).

A semana que passei em Alcobaça foi tranquila e tonificante, ainda que aí no Norte se coma muito melhor (estivemos, aliás, numa pensão barata) e assim se malograsse a minha perspectiva de uma alimentação opípara, com os "frutos terrestres" de que tanto gosto… Claro que fiz uma pormenorizada visita ao celebrado Mosteiro, em que jazem D. Pedro e D. Inês. E, entre leituras dispersas, tive comigo *Os Lusíadas*, que aliás me falta ainda ler em profundidade e com um bom guia. E comprei, lá, uma *História de Portugal*, escrita em espanhol, do Manuel Faria e Sousa – edição de 1730![635] Já tenho o meu vìciozinho de coleccionador…

– Envio-lhe um recorte de que já deve ter tomado conhecimento, de uma revista corporativa – *Acção*. Já a tinha lido há meses num hotel em

[635] *Historia del Reyno de Portugal, dividida en cinco partes que contienen en compendio, sus poblaciones, las entradas de las naciones setentrionales en el reyno, su descripcion antigua y moderna...* / por Manuel de Faria y Sousa, Bruxelas, 1730.

Coimbra, quando lá estive a acompanhar o Jorge de Sena; e quis o acaso que hoje essa revista caísse nas minhas mãos.

– Concluo, do seu silêncio, que não ficou aborrecido com a referência que, na abertura bibliográfica que escrevi à transcrição do velho artigo do Casais, na página do *D.º de Notícias*[636], fiz ao seu confronto polémico-juvenil F. Pessoa-Fidelino… Eram de facto dois tipos de mentalidade diferentes, senão antagónicos, pelo menos na época, e eu compreendo que os seus vinte e tal anos tivessem escolhido o Fidelino como o símbolo de uma crítica que aos modernistas, sedentos de novos horizontes, não interessava. Mas não a derradeira fase da existência de Fidelino, pelo seu dramatismo impressionante, o redimiu de velhos erros e o impôs ao meu respeito comovido – tanto mais que não cessou, antes talvez redobrasse, a sua actividade intelectual –, como o conjunto da sua obra também não é para pôr de lado… A sua frase talvez estivesse certa na época e no momento: mas, ao transcrevê-lo, eu ficaria de mal com a minha consciência (tanto mais que conheci pessoalmente o casal Fidelino) se, amigàvelmente, lhe não opusesse a minha discordância… E que tal achou a ideia de "desenterrar" esse texto, tão oposto aos que o Casais posteriormente escreveu sobre Simões? Uma "partidinha" – mas não o fiz com essa intenção – que vai deixar o autor (e amigo meu, aliás) um tanto embaçado… Claro que quem não teria gostado nada seriam os numerosos detractores do nosso Gaspar Simões.

A propósito – as *Poesias Completas* de A. C. Monteiro devem estar a sair, o volume estava todo impresso, só faltando a capa.

Parecendo que não, eu tenho o amor das coisas *exactas*, e sofro, ìntimamente, com as minhas imperfeições. Esta não é das que me fazem sofrer, mas até me satisfaz porque me revela, a mim próprio, o tal amor da exactidão: na nótula bibliográfica de que falei, sugeri que fosse o meu Amigo quem, primeiramente, falasse do Pessoa em termos críticos – e reportei-me ao n.º 1 da *Presença* e a outro número. Hoje lembrei-me que na sua tese de licenciatura (1925) já incorporara o Poeta. Fui verificá-lo agora, já em casa, e vejo que lhe faz uma larga referência. Talvez isto me sirva para outra nótula do género, a acompanhar a transcrição da página em que fala do Pessoa.

Despede-se de si, por hoje, com a mesma afectuosa admiração de sempre, o

Luís Amaro.

---

636 14-VIII-1969: "João Gaspar Simões / 40 anos de labor intelectual / relembrando um artigo de Adolfo Casais Monteiro". L. A. (como discretamente assina) abre o suplemento com duas colunas, seguidas de "Temas" de Adolfo Casais Monteiro.

*

Queluz, quarta-feira [20-VIII-1969].
Meu querido Poeta e Amigo:

Espero que tenha recebido a minha carta de anteontem. Hoje, telefonando para a Casa João César (oficina de encadernação onde por vezes são brochadas as edições da Portugália), informaram-me, com certo espanto meu, que não receberam ainda a colecção de estampas em que está indicado o corte que, à guilhotina, eles têm que fazer para a tiragem comum (claro que na tiragem especial não é preciso cortar nada, e eles sabem isso). Porque não sei se eu, nas duas cartas que lhe escrevi sobre o assunto, teria sido suficientemente claro (oh, a santa clareza!), aqui lhe peço novamente o favor de devolver a colecção de estampas, directamente para:

João César, Ld.ª
Rua do Norte, 109 – 1.º
Lisboa 2

Registado, evidentemente.

Eles terão que remeter à Portugália, depois (mas isso já está explicado), um livro com as estampas colocadas, para nós vermos se estão nos devidos sítios. Aliás eu próprio hei-de ver esse exemplar, cingindo-me à edição anterior. Mas não se preocupe com este outro assunto – o que lhe agradecia agora é que não retivesse as estampas em seu poder. Obrigado!

– Na carta que lhe escrevi não deixei transparecer o encanto que tive na contemplação, repetida, da Abadia de Alcobaça. Aliás, toda a vila é bonita. Mas aquela nave, e os túmulos, são coisas de sonho.

– Aqui lhe mando o *Diário de Lisboa* de ontem (melhor, uma página desse jornal) com a notícia, do Raul Rego, das *Três Peças*[637]. Sei que na Portugália já receberam as folhas dedicadas e o original do Posfácio dos *Poemas*. Esteja, portanto, tranquilo; ainda bem que o não remeteram para o Algarve, ao Sr. Ag. Fern. No entanto, se o meu Amigo quiser escrever-lhe um postal para lá, aqui tem o endereço dele: Casa do Mirante – Avenida Marginal – Praia da Rocha. Ele decerto gostaria de receber de si duas linhas extra-comerciais...

Abraço-o com Amizade e Admiração o

Luís Amaro.

[637] "«Três Peças em um Acto» da autoria de José Régio", 19-VIII-1969: 11.

*

Vila do Conde
25/8/69

Querido Amigo:

Já recebi mais duas cartas suas, a que pròpriamente estas linhas não são resposta, porque estas linhas são egoistamente interessadas nos assuntos editoriais. Depois lhe escreverei com mais vagar. Fundamentalmente, trata-se do seguinte:

Com o meu Amigo em Férias, e o Senhor A. Fernandes no Algarve e, se já lá não está, em grande parte arredado de certos assuntos da Casa, – estou sem saber a quem me dirija quanto aos ditos assuntos editoriais. Sobre tal lhe peço conselho. Bastará endereçar a Carta «à Portugália Editora»? Ora eu precisava agora de:

– Enviar o volume *original* da *Biografia* com o Posfácio corrigido ou modificado. (Original com o qual preciso de tomar todos os cuidados, – pois seria incapaz de o reproduzir.) Diz-me na sua carta que fora informado de eu já o ter remetido. Informação inexacta; pois ainda não. A quem remetê-lo?

– Recebi mais dez exemplares das *Três Peças*, que pedira. Mas não recebi as dez folhas a mais que também pedira, para dedicatórias. A lista que me foi enviada para os *dedicados* era bastante incompleta. Além de isso, eu ainda contara com a solicitude sua – para fazer chegar ao seu destino volumes que pròpriamente são ofertas minhas particulares. Está, pois, esta pequena questão em suspenso. Dos oitavos que recebi, ainda cá me ficaram uns três ou quatro, que na ocasião não tive tempo de autografar, e que iriam com os outros para os quais ainda me faltam oitavos. Devolveria os que sobrassem.

– Também cá me ficaram – estas, esquecidas – umas folhas da edição especial. Vou assiná-las e reenviá-las... mas a quem? E agora, *aqui muito entre nós*: O número dos oitavos "especiais" para eu autografar – tem vindo aumentando de edição para a edição [*sic*]. Já está, actualmente, em quase duzentos! É determinação do Senhor Agostinho Fernandes? Se é, nada objectarei. Ou... se o fora dum Amigo.

Basta por hoje! Desculpe esta redacção apressada, e qualquer preocupação que lhe possam causar estas linhas.

Com um abraço do velho amigo

Régio

P. S. – Quando recebi a sua última carta, já as ilustrações da *Biografia* haviam seguido. Devem ter sido recebidas.

*

29-8-69.
Meu querido Amigo:

Até a mim mesmo surpreende a largura destas férias, habituado que estava aos escassos 15 dias… Mas, desta vez, foi fixado um mês para os mais antigos.

Um amigo proporcionou-nos a visita e estadia, durante 2 dias, em Vila Viçosa – terra maravilhosamente alentejana, até no calor tórrido… Aproveitarei para matar saudades de Estremoz, a que nunca regressara após quase trinta anos[638]. E conto ir, finalmente, à sua terra adoptiva, ainda que com pena de não o ir lá encontrar.

– Dentro de dias voltarei a dar-lhe notícias. Abraça-o afectuosa e gratamente o

Luís Amaro.

*

Portalegre, 30 – Agosto 69.
Meu querido Amigo:

Sim, escrevo-lhe da *sua* Portalegre, onde chegámos ontem vindos de Estremoz – cidadezinha que trazia no coração (apesar do que lá sofri, na minha adolescência) desde que há 29 anos a deixara – e desde então sempre na Portugália (primeiro na Livraria, depois no sector editorial criado em 42). Devo dizer-lhe que Portalegre me encantou, também: cidade-vila-aldeia, isto é, sem afectações de citadina (que Estremoz tem, ou tinha, um pouco), é das terras mais variadas que conheço. Só num ponto o nosso Alentejo é inferior às terras nortenhas: na alimentação. Efectivamente, tenho comido mal nesta breve peregrinação saudosista. Aliás, o calor – infernal em V. Viçosa e Estremoz – é inimigo do apetite: e não custa a compreender porque é que no Alentejo abundam os tuberculosos. Esta gente não tem, por razões de clima e outras, o gosto da comida. E em Portalegre, por azar, fiquei numa pensão manhosa, a que não mais voltarei.

Ontem, ao fim de quase um dia inteiro de "pesquisas", lá conseguimos visitar a sua Casa, os seus aposentos ascéticos – mas de uma tão grande sugestão poética: Poesia é isso mesmo – solidão, renúncia, despojamento, e Arte, Arte por todos os lados. Se impressiona o seu corajoso desprendimento de conforto material e assistência humana, a solidão absoluta que

638 O poema "Estremoz" abre *Diário Íntimo*, 2011: 15.

foi sua durante dezenas de anos, a verdade é que não deixei de o invejar… Porque também eu, afinal, desejaria ser só – se tivesse "asas" para isso… Sou, como sabe, um contemplativo, ao mesmo tempo que subjugado às paisagens humanas no que especìficamente possam ferir o meu instinto vital ou a minha sensibilidade, simplesmente. Mas creio que me adaptaria a uma vida de contemplação, desde que lhe não faltassem elementos de beleza. Viver uns tempos na serra de Portalegre (que ontem circundei na camioneta, e achei maravilhosa) fica a ser um dos meus sonhos: passar, ao menos, umas férias lendo, meditando, contemplando – que bem me faria isso à alma, ansiosa de pureza e libertação!

Está um tempo abafado, como já estava ontem quando chegámos. Mas abrirá decerto para a tarde, como ontem. E as almas, "franzidas", abrirão também…

Os seus empregados Manuel e Sr.ª Ana foram amáveis e simpáticos, ainda que esta, naturalmente, se mostrasse um pouco receosa e como que assustada… Foi ela que, por indicação daquele, andou a mostrar-nos a casa, já ao fim da tarde, quando conseguimos descobri-la no outro "departamento", onde se dispunha a regar o quintal. Já da parte da manhã notáramos a grande azáfama de pedreiros que vai pela Casa do Poeta… Oxalá a não alindem e apinoquem demasiado, conservando-lhe o carácter sem prejuízo do conforto a que o meu Amigo tem direito, como qualquer pessoa no nosso tempo. E oxalá se não esqueçam de lhe dar, à Casa, todos os meios de defesa e de preservação do Sonho que ela contém: electrificação perfeita, extintor de incêndios, etc.

– Vamos ainda conhecer Castelo de Vide, e regressaremos amanhã a Queluz.

Abraça-o, deste Café que lhe deve ser familiar (em frente do Turismo), o seu muito Amigo e Admirador

Luís Amaro.

*

Queluz, 3 de Setembro.
Meu querido Amigo:

Vim encontrar a sua carta (para ser mais exacto: a sua carta foi-me reexpedida de Vila Viçosa, para onde minha cunhada a tinha enviado por engano). Afinal, no próprio dia em que lhe escrevi regressámos a Queluz. O tempo não estava convidativo, e receei ver Castelo de Vide debaixo de chuva. E ainda hoje o sol está a fazer caretas.

Regresso à Portugália depois de amanhã, sexta-feira, e então tratarei dos *seus* assuntos – que são também *meus*. Entretanto, já me trouxeram o exemplar dedicado das *Três Peças* – sinal de que remeteram os outros já também.

Acho que, estando já o Sr. A. F. de volta do reino dos Algarves, poderá o meu Amigo endereçar-lhe – para ele sentir que o não esqueceram ainda – o original do Posfácio dos *Poemas de Deus e do Diabo* (e não da *Biografia*, como diz por lapso evidente). Eu sempre quis dar ao Sr. A. F. a importância que se lhe deve atribuir, ainda que, hoje como ontem, ele pouco intervenha nas coisas editoriais ou outras.

Agradeço-lhe o ter autografado, uma vez mais, o meu exemplar daquele novo volume das Obras Completas (*Três Peças*). Quanto aos exs. especiais, deve tratar-se de engano no fornecimento do papel à tipografia. Creia que só são vendidos os exs. com o n.º – e esse não pode exceder os 100. Com a mesma isenção de sempre, posso dizer-lhe que não há *batota* nisso. Aliás, eu próprio fiquei sem o ex. da tiragem especial das suas Obras, sinal de que sou um mau aprendiz de bibliófilo. E o facto de as folhas excederem as 100 não significa que de todas as outras folhas hajam tirado igual quantidade: como sabe, a tipografia estraga folhas na impressão, e, prevendo isso, costuma mandar-se papel a mais. O que pode ter acontecido, neste caso, é que esse papel a mais foi – por engano do empregado, não com intenção do editor que está longe de intervir nestes assuntos – além do razoável. Falarei nisso, não vá o encadernador (alheio à Portugália) mandar para lá só os 150 exs. do cólofon e ficar com os outros – mas não creio que possam fazer isso, pois é gente séria, no conceito geral.

– Como vai a sua *Confissão de Um Homem Religioso*? E novos trabalhos em perspectiva? Para quando a primeira selecção dos seus escritos de revista ou jornal?

Abraça-o afectuosamente, e já vagamente com os trabalhos amargos da *rentrée*, o seu velho e dedicado

Luís Amaro.

*

Lisboa, 6 de Setembro – 69.
Meu querido Amigo:

Escrevo-lhe já, como vê, da Avenida dita da Liberdade, onde estou desde ontem. E envio-lhe, para começar, primeiras 40 folhas da *BIOGRAFIA*, para as habituais ofertas do Autor, e as da tiragem especial para serem assinadas. Excedem um pouco os 100 exs. da praxe, mas basta assinar mais uns seis.

Esqueci-me de dizer-lhe, quanto às folhas especiais das *TRÊS PEÇAS*, que bastaria também assinar mais umas seis. Não se contaram as outras prèviamente, aqui, o que teria evitado que fossem inùtilmente a Vila do Conde. Falando aqui nesse excessivo acréscimo de exs., dizem-me que deve

tratar-se de erro da tipografia, que naturalmente aproveitou também o papel que sobejara da edição anterior. De qualquer modo, basta que o meu Amigo assine, sempre, mais uns 6 exemplares, que chegam para substituir qualquer folha que se estrague na oficina de encadernação. No caso de, aí, estragar também alguma, não se preocupe, visto haver folhas a mais.

Ainda não vi nenhum exemplar com as gravuras colocadas; espero vê-lo na segunda-feira. E mandar-lhe-ei também mais algumas folhas para as suas dedicatórias.

Talvez lhe enviasse, sim, incompleta a lista das ofertas, mas foi por me lembrar que o meu Amigo já está cansado de fazer dedicatórias nas reedições. Claro que nessa lista faltam as suas ofertas pessoais (Marques Cardoso, Martins de Carvalho, etc.); seria bom, talvez, que a completasse no papel em seu poder, que ficaria de guia para todos os volumes a publicar, dispensando-me de lhe enviar uma lista sempre que saia cada volume.

Dizem-me que já lhe enviaram as 10 folhas que pediu a mais das *TRÊS PEÇAS*. Recebeu-as? Julgo também que chegou a devolver as folhas da tiragem especial do mesmo livro – ainda não tive ocasião de informar-me. O que sei que não foi ainda recebido é o original do Posfácio dos *POEMAS DE DEUS*…, que o meu Amigo disse já ter definitivamente pronto a enviar para o Sr. Agostinho Fernandes (que cá vim encontrar, velhote e melancólico, mas agarrado à vida. Apesar de o ascensor da casa não funcionar provisòriamente, ele não se dispensa as escadas deste 3.º andar difícil, e ali se entretém, no seu gabinete, com leituras e meditações).

Não sei se lhe disse que fiquei com saudades de Portalegre. Que linda deve ficar a sua casa, depois de pronta! Mas mais maravilhoso ainda deve ser possuir uma casa na Serra – o meu Amigo nunca pensou nisso? Aí é que viveria como um verdadeiro eremita – ainda que as deslocações, para quem como nós não tem carro (o que, nos tempos correntes, chega a ser singularidade), sejam um problema. Eu dei a volta à Serra de camioneta e, como digo, fiquei encantado com o passeio. A Natureza fala cada vez à minha alma desencantada das paisagens humanas, onde quase só encontro motivos de sofrimento. Claro que, apesar de tudo, o homem continua a ser, com todas as suas misérias e grandezas, a maravilha maior, mas felizes daqueles que podem isolar-se quando e onde quiserem!

Diga-me, por favor, como vão os seus trabalhos literários. Continua a trabalhar na *Confissão de Um Homem Religioso*? E pensa, sèriamente, na ordenação dos seus escritos dispersos pela Imprensa? Não tem colaborado ùltimamente na *Capital*, certamente devido ao afastamento do Salema; o suplemento está pobrezinho, e, se aquele nosso amigo se mantiver afastado, não tardará que caia nas mãos do grupo que sabemos… Talvez, porém, nada disso conte verdadeiramente – o que conta são as OBRAS; estas é que perduram, o resto é circunstância…

A nossa amiga Maria Aliete Galhoz tem-lhe escrito? Há muito não sei nada dela – ela poderá dizer o mesmo de mim, mas esperava que me tivesse dado notícias de França. Hei-de telefonar-lhe, não vá estar doente. Mas penso que, afastada a hipótese de publicar aqui o livro de contos, a sua fraterna amizade se esvaeceu um pouco… ou serei injusto?

Querido Amigo, aguarda as suas notícias e envio-lhe um afectuoso abraço. Seu grato, sempre, e dedicado

Luís Amaro.

*

8.9.69.

Meu querido Amigo:

Acabo de receber o seu telegrama, e pouco antes recebera um telefonema do seu Irmão. O seu telegrama é negativo, o telefonema é positivo… Efectivamente, Júlio disse-me que não era caso para inutilizar as gravuras, e que pelo correio me devolvia as estampas com a indicação do corte que devem ter (em algumas a assinatura foi sacrificada, mas ele acha que isso não tem importância, visto que o livro tem a menção do nome do autor das ilustrações). Para maior elucidação, e visto que o assunto não é urgente – rectifico: de extrema urgência, mas urgente é, visto que o lançamento está marcado para este mês ainda –, vou enviar-lhe a si, logo que as receba, as ditas gravuras (melhor: ilustrações, ou estampas, visto serem impressas em *offset*, portanto não se trata de *gravuras*), para que o meu Amigo faça uma ideia de como ficam. Se, em face das mesmas (com o corte indicado por Júlio), achar que ficam muito mal ou que se trata efectivamente de uma *amputação*, claro que o remédio é repetir a impressão. Mas, como digo, Júlio acha, serenamente, que não é caso para tanto.

Se quiser dizer-me qualquer coisa, agradeço o faça para a Pensão Alcoa – Alcobaça, para onde parto segunda-feira e onde estarei até sábado. Se achar que, cortadas como Júlio indicou, o assunto é resolúvel, agradeço envie ou devolva as ditas ilustrações para a Casa João César – Rua do Norte, 109-1.º Lisboa 2. Eles já sabem do que se trata, visto ser lá feita a brochura da obra.

Abraça-o afectuosamente, com pena de lhe ter transmitido este aborrecimento, o seu dedicado

Luís Amaro.

*

11 Set.º 69.
Meu querido Amigo:

Espero que tenha recebido as minhas notícias – de Vila Viçosa, de Portalegre, de Lisboa.

Hoje tenho a satisfação de lhe enviar o primeiro exemplar da *Biografia* (um dos seus melhores livros, quanto a mim). Falta só a cinta, de que ontem vi uma prova – a 2.ª, pois a 1.ª viera na minha ausência e fôra alterada nos tipos –, com a frase do Pessoa: "Considero José Régio, em todos os sentidos, *primus inter pares*."[639] Segue-se o nome e a citação da origem. Quanto a mim, a frase devia ser mais completa (a maior parte das pessoas não sabe latim, como eu não sei embora por intuição traduza: "o primeiro entre os seus pares"); mas não tive coragem de objectar nada (que seria o acréscimo, com mais palavras da referência do Pessoa, que era aliás muito breve); não objectei porque, em vésperas de sair o livro, isso ia levantar dificuldades – e eu não procuro, nunca, dificultar…

O preço do livro foi fixado, sem minha intervenção, em 55$00. Enfim, como é ilustrado… Mas devia ter o mesmo preço do *Fado*, que era de 50$.

Teremos que tratar, agora, de arrumar os seus direitos.

Nas Obras do Autor – impressas antes da mesma página das *Três Peças* – não se davam ainda como esgotados, porque eu não o sabia então, os livros *Monstruosidades Vulgares* e *Mas Deus É Grande*, que nas *Três Peças* se davam como tal. Uma picuinha, em que aliás eu só reparei, e de que não vem mal ao mundo, e é explicável pelo que já disse.

Satisfez-me a impressão dos desenhos da *Biografia*, muito melhor que a da anterior. Vou mandar hoje, também, um exemplar ao Júlio. Não vejo em que os desenhos ficassem prejudicados com o corte. Quis verificar, hoje, a colocação dos desenhos – que eu indicara antes das férias –, mas falta aqui um exemplar da edição anterior, exaurida até ao último. Aqui na casa é assim: deixam esgotar os livros até o último ex., apesar de se recomendar constantemente que reservem uns tantos para arquivo. Mas creio que a colocação está certa – agradeço verifique.

– O Sr. F., guloso de escabrosidades ou do que ele supõe como tal, veio aqui perguntar-me, há pouco, qual era o soneto que um amigo há tempos lhe indicara como "obsceno". Indiquei-lho, e também o "Soneto de Amor"[640] (que o José António Machado, quando há muitos anos esteve preso em Peniche, recitava de cor aos colegas de cadeia, como o mais belo soneto de amor da língua portuguesa). A propósito: figura esse nome na

---

[639] Embora reproduzida em livro, esta expressão pode ser lida, agora, na edição digital de "Poesia Nova", segundo BNP E3, 19 – 117v.

[640] Em *Biografia*.

lista que lhe mandei, e também o Serafim Ferreira? É favor verificar, porque o Machado é hoje chefe de redacção do *Jornal do Comércio* e vale a pena oferecer-lhe, porque é também um velho amigo e colaborador da casa (é um sujeito cinquentão, de bigodes, que o meu Amigo viu cá algumas vezes).

Diga-me, por favor, sem qualquer receio de me maçar (maçar-me, eu, com assuntos seus, seria coisa inédita!), se está em ordem o assunto das ofertas das *Três Peças*, pois, como estive fora, a coisa ficou um pouco em suspenso.

Esta carta, hoje, para o compensar das minhas divagações anteriores, trata quase só de coisas concretas, práticas, muito à Cesário Verde (ainda nas férias reli o espantoso poema dele em que evoca a sua vida na quinta, as vindimas, o carregamento de frutas para Inglaterra, etc. Que poeta espantoso! – repito).

Diga-me, por favor, como vão os seus trabalhos quanto a livros novos. E porque não envia, afinal, o Posfácio dos *Poemas de D. e do D.*? Não tenha receio de que se extravie. Qualquer dia há provas dos versos, para cuja revisão eu talvez me proponha, pois nestes meses de Verão não trabalhei em casa e preciso muito de dinheiro, – além do prazer que tenho em rever as suas coisas.

Não querendo por hoje maçá-lo mais, creia-me sempre, com um abraço grato, o seu muito dedicado

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
12/9/69

Querido Amigo:

Remeto-lhe hoje, autografadas, as folhas da edição especial. Igualmente envio ao Senhor Agostinho Fernandes o original para a nova edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*. Foi muito corrigido, como se verá, o Posfácio, – e portanto esse exemplar que remeto é exemplar único. Inútil será recomendar todo o cuidado com ele, pois me deu muito trabalho e creio que impossível me seria reconstituí-lo.

Por estes dias lhe enviarei os oitavos da *Biografia* com as costumadas dedicatórias. Foi boa ideia ter-mos remetido ainda antes do [de o] livro aparecer no mercado, porque assim não terão muito que esperar os que o receberão. Como se trata de uma nova edição sem alterações, limitarei, desta vez, as ofertas. Não é razoável estarmos a oferecer a muita gente cada nova edição de cada meu livro já conhecido! Se me sobrarem oitavos, reenviar-lhos-ei; e se, apesar de tudo, precisar de mais, pedir-lhos-ei.

Tenciono seguir para Portalegre no próximo *domingo*, e demorar-me lá uns dias: creio que uma semana o máximo. Assim, se for necessário escrever-me nestes primeiros dias, peço-lhe me escreva para lá (Largo da Boavista). Se lhos não remeter ainda de Vila do Conde, de Portalegre lhe remeterei os oitavos com dedicatórias. Espero, todavia, ainda lhos remeter de cá. Na véspera do dia em que regresse de Portalegre a Vila do Conde (só vou a Portalegre por necessidade de ver em que pé estão as obras da Casa) avisá-lo-ei por telegrama, – não podemos estar com cartas reexpedidas.

E pronto por hoje, meu Amigo! Desculpe-me o tom seco e a meticulosidade realista destas linhas. Assim tem de ser com estas coisas concretas. Outra vez lhe escreverei com mais vagar, desembaraçado de elas. Um abraço do seu amigo

Régio

*

Vila do Conde
12/9/69

Meu querido Amigo:

Escrevi-lhe hoje mesmo uma carta dirigida para a Portugália, sobre os nossos assuntos editoriais. Assim, estas linhas são mais *particulares*, e vão para sua casa. Ante de mais lhe agradeço todas as notícias que me foi dando das suas férias – recebi todas as suas cartas – e muito sinceramente desejo que de elas haja tirado algum proveito para a sua saúde. Oxalá tenha regressado ao seu trabalho com algumas reservas de paciência e boa disposição..., que afinal não há trabalho nenhum em que a gente não precise de essas reservas! nenhum em que não tenha de lutar com as incompreensões, as injustiças, a hostilidade dos mesquinhos..., sei lá! Veja, por exemplo, esta carreira de escritor, que nos expõe a toda a espécie de ataques...

Não viu, ainda ontem, no Suplemento de *A Capital*[641] – e a pretexto de louvar o meu teatro – como um articulista cujas iniciais desconheço qualificava o *Cântico Suspenso*? "*Lirismo insípido e insignificante*"..., quando o livro nem sequer é de *lirismo* senão em raros momentos! De drama, tentativa de superação e sátira, – sim. E não há nele nenhuma "decadência", embora eu compreenda perfeitamente que os meus poemas maiores estão noutros livros, e que estes podem ser preferidos por muita gente. O que me não perdoam no *Cântico Suspenso* não é a *insipidez* do

641 O suplemento d'*A Capital* é de 10, não 11, e não se encontra referência a Régio, que deve ter confundido o periódico.

lirismo... é, apesar de tudo quanto digam, a validez da sátira. Aquele "Havia na Cidade" (que eu estou muito satisfeito por ter escrito, porque é além do mais um documento...) está-lhes atravessado na garganta.

Aliás não tornei a colaborar n'*A Capital*, desde que o Álvaro Salema deixou, como suponho, de dirigir o Suplemento. Quem o substituiu[642] não me é afecto... já o percebi.

Mas o que verdadeiramente me tem inquietado (porque às ambíguas habilidades dos comunistas já estou habituadíssimo) é a posição do mesmo Álvaro Salema. Isto *fica entre nós*: Escrevi-lhe, há já tempo, duas cartas de que esperava resposta, até porque lhe dizia que provàvelmente deixaria de colaborar na *Capital* – e nenhuma resposta veio. Também o Álvaro Salema, que tão bom amigo tem sido meu, já estará voltado contra mim?! Não posso crê-lo, – apesar de já quase estar hoje preparado para todas as surpresas.

Sem mais por hoje, um outro abraço do seu amigo

Régio

*

15/9/69.

Meu querido Amigo:

Duas linhas só, para o tranquilizar: Recebemos hoje o Posfácio dos *Poemas* (bem refundido, já vi!), que seguirá ainda hoje para a tipografia. Lembrei-me de, para dar maior extensão ao texto poético, encurtar a mancha e abrir cortina para cada poema, composto no corpo 12 da *Biografia* (na mesma tipografia); e, para que o Posfácio não fique desmesuradamente grande, compor este em corpo 10. Se não estiver de acordo, diga, por favor.

Surpreendeu-me que não me tivesse dito nada sobre a *Biografia* já em livro, mas decerto foi por estar apressado e de abalada. Também espero que seu Irmão me diga algo, pois mandei-lhe um exemplar. O livro sai amanhã, com outros da casa. Para o anúncio habitual sugeri a repetição da frase do Lourenço, muito querido nos jovenzinhos intelectuais, e, em baixo, a anunciar a próxima ed. dos *POEMAS*, a frase em que Jacinto do Prado Coelho fala de si e de Camões ([*A*] *Letra e o Leitor*, páginas tantas. Decerto o meu Amigo viu. Gozo com a perspectiva do espanto dos que têm seguido as arremetidas do filho)[643].

---

642 Maria Teresa Horta.

643 O "anúncio", além de referência do *Diário de Lisboa* às Obras Completas – «um trabalho de inestimável valia nos quadros da cultura portuguesa, pela possibilidade que oferece de divulgar e sistematizar uma obra tão variada e tão rica de

Junto uma cinta impressa da *Biografia*.
Gostaria de receber notícias suas de Portalegre.
Um abraço do seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Recebi também as folhas da tir. esp. da *Biografia*. Obrigado. Tinha-lhe enviado para Vila do Conde, antes de receber hoje a sua carta, o seu ex. da tir. esp. das *TRÊS PEÇAS*.

2.º P. S. – A referência de há dias ao seu TEATRO veio no *D.º de Lisboa*[644], não na *Capital*.

*

17 – 9 – 69.
Meu querido Amigo:

Envio-lhe hoje para Portalegre[645] 10 exs. da sua Biografia, prevendo que queira oferecer alguns aos amigos que aí tem. Se precisar de mais, diga, por favor.

O nome do autor da referência no suplemento do *Diário de Lisboa* (não na *Capital*) é Manuel Eduardo Valente[646], um jovem de menos de 30 anos. Se não fôra a descabida parte final, a nótula não estaria mal feita – escrita como está com certa isenção e boa fé, sem acinte. Acrescento que soube há pouco, por acaso, num telefonema para o organizador do suplemento e a propósito de outra coisa, o referido nome, e que não conheço a pessoa.

Continuo convencido de que a edição da *Biografia* agradou ao Autor e ao Ilustrador, apesar dos pequenos cortes, mas gostaria de ter a confirmação.

Os pedreiros continuam a invadir-lhe a casa? Oxalá tudo corra o melhor possível, até à "restauração" da velha casa do Poeta, onde foi escrita a Balada de Portalegre e que viu nascer tantos poemas e tanta página das que ficam

Abraça-o afectuosamente o seu Admir.or de sempre

Luís Amaro.

---

contrastes» –, acrescentava, de Jacinto do Prado Coelho, sem referência bibliográfica: «…José Régio, tão arguto crítico como excepcional poeta (e sem dúvida, pelo dramatismo psicológico e pela sonora eloquência da sua poesia, o mais próximo de Camões, nos nossos dias).»

644 M. A. V., "O teatro de Régio", no Suplemento Literário, 11-IX-1969.

645 Reexpedição, a 20, para Vila do Conde.

646 Distracção de Luís Amaro: é Manuel Alberto Valente.

*

19/9/69

Querido Amigo:

Já fui a Portalegre e já vim, o que quer dizer que a sua carta me foi de lá reexpedida. A minha casa está toda em "contestação"; e, não podendo instalar-me nela, não posso demorar-me em Portalegre. Dei as instruções necessárias (não quero que me alindem a casa de mais!) e safei-me. Em razão do desencontro, estas linhas não vão com a urgência talvez requerida. Suponho, porém, que ainda irão a tempo.

Desculpe, meu Amigo, mas desta vez tenho de contrariá-lo: Primeiro, prefiro que a mancha dos versos não seja encurtada, e os poemas *não sejam separados por cortina*. Isto, por duas razões: porque gosto de ver o título do poema ao alto da página, a encabeçá-lo. E porque entre os meus poemas há muitas vezes uma ligação íntima (até por contraste!) e a cortina a separá-los nem sempre me parece conveniente. De este ponto de vista, a experiência do que se fez no *Cântico Suspenso* não me deixou muito entusiasmado.

Também (e isto ainda menos) não quereria que o Posfácio, que tanto trabalho me deu, fosse composto num tipo menor que o dos poemas. Não lhe ligo menos importância que aos próprios poemas, e já faz parte das reedições destes. O leitor que não goste de prosa ensaística e memorialística – tem sempre um fácil recurso: É não lê-lo.

Desculpe, meu Amigo: estas esquisitices.

Com estas andanças minhas de momento, ainda não pude ver com atenção a *Biografia*. Desde já, porém, lhe posso dizer que achei as ilustrações muito bem impressas, e que na verdade os cortes as não alteram grandemente. Estou satisfeito!

Quanto às cintas da *Biografia* e dos *Poemas*… vão perturbar a digestão a alguns! Tenham paciência, que eu também tenho de a ter com eles.

Abraço do seu amigo

Régio

P. S. – Amanhã lhe remeterei as folhas com as dedicatórias. Creia que não tenho descanso! R.

*

20 de Setembro 969.

Meu querido Amigo:

Por uma carta recebida hoje da nossa amiga Maria Aliete, vejo que deixei lamentàvelmente escapar o dia 17! Peço-lhe que me desculpe o

esquecimento quase imperdoável (a minha memória é relapsa a datas, e cometo faltas tremendas nesse aspecto). Há meses atrás, eu pensara no dia 17 de Setembro – que tenho apontado numa velha agenda que é raro consultar. Mas, com "os trabalhos e os dias" e mais as apoquentações e misérias de sempre, passou-me completamente o aniversário do Poeta! Peço-lhe que me perdoe, e aceite o meu tardio abraço de sinceras e vivas felicitações. Vê como conseguiu vencer a crise que tanto o atormentou há poucos anos? Claro que todos nós – os seus amigos e admiradores – esperam ainda mais de si: lembre-se que o Aquilino escreveu aos 70 anos um dos seus livros maiores, a *Casa Grande de Romarigães*, e que Bertrand Russell, aos 90 e tal, continua em plena pujança intelectual… E o meu Amigo está ainda longe de semelhante longevidade.

Não quero (como se calhar já tenho feito) aborrecê-lo com os meus aborrecimentos, mas, antes que me fale a mim no assunto, quero dizer-lhe quanto me desagradou, ao folhear há dias mais atentamente um ex. ainda fechado da *Biografia*, a marginação dos sonetos. A tipografia tinha feito o *Fado*, que está perfeitamente bem, e, tendo aliás o modelo à mão, não nos mandaram provas de máquina ou de impressão. Que falta de dignidade profissional há hoje em dia! E quando se trata de livros de poesia, ainda mais é notória essa ausência de amor pela perfeição, essa falta de conhecimentos técnicos. E claro que daqui, deste 3.º andar da Avenida, é impossível controlar tudo, prever tudo… O livro está bem impresso, a Scarpa é uma boa tipografia – mas o chefe da secção de impressão, coitado, é que é um bêbado e incompetente (convenci-me disso, agora, em definitivo). Ele está em férias, mas quando voltar não deixarei de dizer-lhe (embora a produção não esteja a meu cargo – ainda bem!) o quanto me desagradou a pequenez da margem esquerda (medianiz, creio que se chama) da frente dos sonetos, que aliás não é igual (em nenhum dos sonetos) à continuação dos mesmos, no verso. Enfim… é possível que 99% dos leitores não dê por isso – eu próprio, antes de me deter nesse pormenor, *sentira* qualquer coisa que só agora defini. Espero, apesar de tudo, que não esteja aborrecido – se é que também já concretizou essa "impressão" visual a que aludo (e talvez o facto de me não ter dito logo que a edição lhe agradara é que, subconscientemente, me obrigou a olhar o livro com mais atenção). No conjunto, aliás, o volume está bom, e as estampas, impressas em sistema *offset*, resultaram magníficas – também seu Irmão ainda não me comunicou nada, mas penso que o corte não prejudicou o seu trabalho.

Vou enviar-lhe hoje, para os seus arquivos, a colecção das estampas inteiras que esteve nas suas mãos, e não faz falta aqui.

Renovo os meus parabéns e… desculpe!

Um abraço grato do seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

P. S. – Aguardo as folhas com as dedicatórias.

*

22 de Set.º 969.
Meu bom Amigo:

Recebi hoje de manhã a sua carta – e desfiz as indicações que tinha dado sobre a nova edição dos *Poemas*… Peço-lhe o grande favor de, como aliás já tem feito, dar sempre as suas sugestões de carácter gráfico, no decorrer da composição das suas Obras. É que há coisas que escapam, e a colaboração do Autor – tanto mais quanto ele possui experiência longa e íntima de coisas gráficas – é sempre valiosa. O meu Amigo é, além de tudo mais, desenhador, e isso ajuda muito. Aliás, o gráfico da casa é o Câmara Leme, mas infelizmente a acção dele limita-se quase só às capas.

Como deve supor, a diminuição da mancha dos *Poemas* e a abertura de cortinas (o *Cântico Suspenso* ficaria demasiado *magro* se não tivéssemos adoptado esses recursos) tinha em mira o alongamento do texto (pequeno) dos *Poemas* pròpriamente ditos. Atendendo, porém, a que esse livro constitui um todo indivisível, não poderemos ao menos fazer com que cada poema abra em página ímpar? Concorda com a supressão de "cortinas", mas já achava, também, que a mancha devia ser mais pequena – não tanto como a do *Cântico Suspenso*, mas mais pequena. Se, nas 1.as provas, o meu Amigo achar que sim, indicar-se-á então que reduzam um pouco a mancha e abram os poemas em pág. ímpar.

Também quanto ao Prefácio [*sic*], a intenção não era diminuir a importância desse texto, ao compô-lo em corpo 10 (que aliás é o corpo usual; o dos *Poemas* é c. 12). Ficará, assim, no corpo igual ao dos *Poemas*. Eu receava uma desproporção entre os *Poemas* e o Posfácio – mas, se ao meu Amigo não importa essa desproporção, claro que vai mesmo assim, como já foi na última edição. Disse-se hoje, aliás, à tipografia que seguisse tudo tal como estava anteriormente impresso (com excepção das capitulares para cada poema, que ficarão iguais às da *Biografia*; as da ed. anterior dos *Poemas* e das *Encruzilhadas* foi uma fantasia que não resultou, provenientes da escassez de tipos da casa onde esses dois livros tinham sido impressos – o *Jornal do Comércio*).

E, agora, aguardemos as provas – visto que nada estava ainda impresso.

Repito que só lhe agradeço que me fale, sempre, com a maior franqueza, e torno a pedir-lhe que me ajude a que os seus livros saiam, gràficamente, o melhor possível – ou pelo menos o mais à sua vontade que seja possível… Já é uma excelente coisa, de resto, que as edições (com um ou outro pormenor destoante, gràficamente falando) tenham saído limpas de gralhas. Aliás o Autor é um revisor atento e vigilante!

– Ontem, domingo, dei um passeio inesquecível: no carro do José Terra, e na companhia deste e da mulher, demos uma volta por Santarém, Abrantes, Castelo de Vide e Marvão (terras – as três últimas – que não conhecia), passando no regresso, já noite, por Portalegre. Castelo de Vide e Marvão são terras de uma beleza quase irreal – a panorâmica do castelo de Marvão, na linda tarde que estava, é quase estonteante. Em Portalegre, na baixa, cerca das 10 da noite, nem pensei em procurá-lo, mesmo que o meu Amigo estivesse, devido à hora e por mal termos tempo para uma breve refeição. Estávamos em Queluz antes da meia-noite…

– Voltando aos nossos assuntos, recebi hoje também 16 fls. autografadas da *Biografia*, e agradeço-lhe desde já a bela página da dedicatória. Peço que não demore o envio das restantes folhas, e será escusado (a não ser que se trate de algum novo *dedicado*) juntar os endereços, pois tenho uma ficha para cada um dos anteriormente dedicados (Dr. Marques Cardoso, etc.) e não vale a pena preocupar-se com mais isso.

Achei naturalíssimo que se não tivesse mantido mais dias na sua casa da Boavista, que está realmente inabitável, por enquanto, como todas as casas em que há obras tão… profundas. Ah, mas que tudo vai ficar muito bem, com a sua orientação, não tenho a menor dúvida! E já sonho com uma visita à definitiva Casa-Museu José Régio…

Mais nada por hoje, meu Amigo. Oxalá que aí por Vila do Conde faça também o tempo magnífico de ontem e hoje por estas bandas e no "nosso" Alto Alentejo.

Ah, quero lembrar-lhe ainda as dedicatórias para o José António Machado, de quem já lhe falei, e do Serafim Ferreira (chegou a fazer para ele a das *Três Peças*…?). A propósito das *Três Peças* disse-me alguém que lera no jornal a próxima representação de *O Meu Caso* pela Casa da Comédia – os homens afinal não se arrependeram, como cheguei a recear… Então cá o temos, finalmente, a assistir à estreia?

Abraça-o afectuosamente o seu grato

Luís Amaro.

*

24-9-69.

Querido Amigo:

Venho agradecer-lhe, penhoradíssimo, a oferta da bela peça regiana que são as *Quadras*, com prefácio seu, do malogrado poeta de Vila do Conde[647]. Foi uma surpresa agradável – afinal, desta vez, eu, que lhe devia mandar algo pelos seus anos, é que fui o contemplado… Muito obrigado!

---

647 Ramiro Martins, *Quadras Soltas*, Vila do Conde, 1948.

Tinha-lhe escrito, antes da carta de há dias, uma outra para Portalegre, aludindo ao que me parece uma deficiência (já agora irremediável, e só evitável se da tipografia tivessem mandado prova de máquina) na marginação da *BIOGRAFIA*. Confio que terá passado despercebido, esse "senão", à maioria dos leitores – mas apressei-me a falar-lhe do caso, antes de o meu Amigo dar por ele, para verificar também que não estou pròpriamente a dormir… Claro que, não sendo omnisciente, não posso evitar as minhas e as alheias imperfeições. Com tudo isto, as suas Obras Completas lá vão andando – e havemos, os dois, de contemplar o seu termo (refiro-me às reedições) ainda na Portugália. Assim seja!

Agradecendo novamente a sua inesperada lembrança, envia-lhe um abraço amigo o seu velho e dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Recebeu o vol. do Casais?
E estará disposto a escrever sobre ele?
Ah, que bom seria!

*

Vila do Conde
29/9/69

Querido Amigo:

Tenho tido uma vida muito atrapalhada (é o termo) com variadas coisas, a ponto de às vezes me sentir desesperado com não conseguir pôr nela mais ordem. Vou lutando por consegui-lo, senão ainda seria pior. Eis por que ainda lhe não mandei as restantes folhas da *Biografia* com as dedicatórias. Aliás – enviadas já as principais – estou na disposição de limitar essas ofertas, pois se trata de um livro já conhecido, reeditado sem alterações. Vamos a ver se resolvo isso nestes dois dias mais próximos; e depois lhe devolverei os oitavos que tiverem sobrado, se sobrarem.

Recebi, e agradeço, os dez exemplares da *Biografia*. E esses é que certamente não chegarão, pois só aqui em Vila do Conde tenho mais de dez *beneficiados* de todos os volumes das minhas Obras Completas: amigos velhos, parentes... E fora de Vila do Conde ainda outros, a quem mando os volumes particularmente.

Com as suas férias e com a minha ida a Portalegre, houve uma espécie de desencontro na nossa correspondência: as cartas não se correspondiam... Felizmente, a sua última já era resposta aos meus envios últimos. Posso, pois, escrever mais à-vontade.

Com a tal minha vida "atrapalhada" (em vários sentidos), tenho de falar nos meus direitos dos dois últimos livros meus reeditados: *Três Peças*

em Um Acto; *Biografia*. De aqui a pouco vão aparecer os *Poemas de Deus e do Diabo*... e aumentarão os direitos a receber e complicar-se-ão as minhas contas com a Casa. Como tão bem sabe o meu Amigo, eu não me tenho importado muito com aumentar esses direitos. Na realidade, porém, eu aceitei de princípio a ideia de receber menos, renunciando a receber "por capa", em troca da vantagem de, a cada nova reedição, receber logo *de uma vez* o que se houvesse combinado receber, e *logo que essa reedição fosse combinada*. Isto é o que ficara assente; e em atenção às vantagens que teria para mim tal combinação renunciava eu à possibilidade de aumentar os meus proventos de autor. Compreendo perfeitamente que nunca estas combinações sejam seguidas à risca; admito perfeitamente que não possam ser sempre rigorosamente cumpridas... Mas acho que não podemos esquecer o ponto de vista inicial: As minhas vantagens, que financeiramente não são muitas, estavam, precisamente, no que expus. Ora bem: Convinha-me receber agora, de direitos dos dois livros que já andam em circulação – *Três Peças em Um Acto*, *Biografia* –, não digo já o pagamento total desses direitos, mas, enfim, coisa mais ou menos aproximada. (1)[648] O meu Amigo não faz ideia, não a pode fazer, pois não conhece as particularidades da minha vida, das despesas que tenho.

Claro está que era ao Senhor Agostinho Fernandes (ou a quem?...) que eu devia escrever estas coisas. Mas não quero incomodá-lo ou preocupá-lo. E mais uma vez recorro a si, que pròpriamente suponho não ter nada com elas... Penso que talvez possa ler a parte desta carta que se lhes refere a quem, actualmente, superintenda nas finanças da Portugália.

Digo "a parte desta carta", porque lhe quero agora falar de um assunto mais particular: Perguntei-lhe há pouco, numa carta, se saberia dizer-me algo a propósito do Álvaro Salema. Como terá visto, eu deixei (ao menos provisòriamente) de escrever n'*A Capital*. A esse respeito escrevi ao Alvaro [*sic*] Salema duas cartas – que supunha deveriam ter alguma resposta, provocar alguma reacção. Mas nada! Silêncio. Agora andará ele ocupado com as próximas eleições, tanto mais que já vi ser proposto pela sua terra[649]. Mas as minhas cartas são anteriores ao actual movimento. A vida sempre me tem vindo ensinando coisas duras! Poucos são, já, os amigos com que firmemente possa contar. Mas nunca esperaria, ainda não espero, que até o Álvaro Salema, a quem devo tantas atenções, *fizesse parede* com os meus inimigos...

Deus meu!, como custa ser um homem independente, e conservar um certo bom humor, neste pobre mundo actual! Aquilo que julgaríamos mais

---

[648] Nota no original: (1) – Não esqueço que já recebi seis mil escudos, dos quais devolvi o recibo assinado.

[649] Viana do Castelo.

estimável em nós é exactamente o que nos torna mais aborrecidos. O que aliás se compreende... lastimàvelmente. E os aduladores e amorfos calculistas é que triunfam!

Desculpe o desabafo. Não sei se não teria ainda qualquer coisa mais a dizer-lhe, mas de momento me não lembra.

Vou registar esta carta, para ficar mais descansado, embora provàvelmente seja supérfluo. Sobretudo pela parte financeira, bem penoso seria ter de a reescrever.

Recebi também, e agradeço, o livro do Casais. Suponho que ele me dedicará um exemplar. Quanto a escrever agora sobre ele... ai de mim! Não poderia escrever ligeiramente; e estou sem tempo nem disposição para qualquer trabalho a mais sobre os que já tenho. De resto, serei eu o mais indicado para falar da obra poética do Casais Monteiro? E por hoje (e basta!) um abraço do seu sempre grato

Régio

*

1 de Outubro 969.
Meu querido Amigo:

Duas linhas só, no meio de um dia muito trabalhoso, só para lhe dizer, em resposta à sua carta de ontem (que recebi tal como as anteriores), que tem pleníssima razão. A verdade é esta: ao organizar a minha lista semanal de pagamentos aos autores, tradutores, revisores (ainda que o serviço de contabilidade não seja comigo nem eu tenha, para tal, o menor jeito), procuro reduzi-la ao mínimo – para não criar embaraços ou contribuir para o aumento do "pânico". Claro que ninguém me agradece essa intenção... E, embora tendo sempre presente a obrigatoriedade de certos pagamentos, como os seus, tenho adiado o seu nome para melhor ocasião, embora os exemplos que tenho à vista – do presente e do passado – sejam completamente opostos: servir primeiro a polìticazinha pessoal, e em último lugar os interesses da casa. Mas parece que é assim que o Sr. F. gosta – a experiência e a tradição são por demais sabidas...

Aliás, para ser ainda mais franco, devo dizer-lhe que, incluindo por vezes o seu nome na tal lista, me dizem (isto anteriormente ao último pagamento que lhe foi feito, *e sem conhecimento do Sr. F.*, que, como já lhe disse, quase não intervém já nestas coisas), me dizem para adiar… E eu, não querendo também que me digam estar a servir amigos, tenho adiado mesmo.

Ora bem: espero que na próxima terça-feira lhe sejam enfim remetidos os 9.000$00 que lhe falta receber das *3 Peças*. E, *no próximo mês* (para não nos ficar a doer, a nós ambos, a consciência das dificuldades da casa…), pagar-se-á o final da *Biografia* (13.500$00, pelas minhas contas).

Também já tinha pensado o o [*sic*] mesmo: acumulando-se também os direitos da nova edição dos *Poemas*, até convirá arrumar agora aqueles dois livros.

– Sobre o caso Salema, estou estupefacto, tanto mais que ele próprio, há meses, numa carta que me escreveu, falava de si como precisando do estímulo dos Amigos, e sugerindo que a Portugália fizesse qualquer coisa para reanimá-lo. Estará o nosso amigo neurasténico, além de cansado? É de admitir que sim – e acho que é de continuar aguardando serenamente.

Ontem, a Maria Teresa Horta, que elabora agora o Suplemento de acordo com o Dr. Mário Neves (subdirector do jornal, como sabe), transmitiu-me da parte deste o desejo de lhe escrever a convidá-lo a prosseguir a sua colaboração. O Dr. M. Neves ter-lhe-ia falado no assunto, mas ela – o que é natural –, não tendo relações com o meu Amigo, respondeu-lhe com esse argumento, ao que o M. N. lhe sugeriu para me pedir a mim que lhe escrevesse.

Junto um prospecto que se fez agora, de propaganda das suas Obras. Se precisar de mais, posso enviar-lhos.

Grande abraço do seu velho e grato

Luís Amaro.

P. S. – Na próxima carta lhe transcreverei palavras do Chianca de Garcia, que ontem recebi e se referem ao *Jacob e o Anjo* em termos entusiásticos.

– Sugiro desde já que, quando devolver o recibo do próximo pagamento, aluda ao prospecto – também nós, afinal, temos que ser um bocadinho "políticos"… para poder suportar este jogo que é a vida.

2.º P. S. – Reparo que na lista de ofertas que lhe enviei escapou o nome do bom Dr. Firmino Crespo. E que Maria Aliete deve aguardar ansiosa a *Biografia*.

*

6 de Outubro – 969.

Meu querido Amigo:

Posso dizer-lhe – isto, confirmar-lhe – que seguirá amanhã o pagamento da parte restante dos seus direitos das *Três Peças*. A da *Biografia* espero que convirá que siga no próximo mês, ainda que infringindo um pouco o que consigo está estabelecido... Entretanto, que prossigam em bom ritmo as suas obras na *velha casa*, que eu ainda hei-de ver um dia, como já vi a de Portalegre! (Não repare na abundância de *ques*, aliás defendidos por um lúcido espírito como Armindo Rodrigues…)

Fiquei satisfeito por ler, no *Comércio do Porto* (casualmente, pois é jornal que, tirando o suplemento, nunca leio), a notícia da sua adesão a um dos grupos democráticos (C. D. E. U.[650], creio: já nem sei bem se é o do Bacelar[651] ou o do Mário Soares – eu aderi ao primeiro, porque assim mo pediu um bom amigo, o José Saramago: quer dizer, aderi a este, ao Saramago, por não entender bem qual o abismo que separa os dois grupos que, afinal, querem a mesma coisa… Tenho de me "mentalizar" polìticamente, pois que vivemos numa época essencialmente política, em que o alheamento pode ser tomado como alienação. Alienação, reaccionarismo – eis as palavras mais perigosas hoje em dia. E na verdade, pensando bem – e apesar das minhas decepções no que respeita aos homens das esquerdas que tenho conhecido de perto (por ex. um C. Dias) –, não podemos pactuar com uma sociedade fundamentalmente anticristã. Repugna-me admitir que milhões de pessoas morram de fome, em pleno século XX, e que, tal como os elefantes, os homens chegados à velhice se considerem mortos e morram – como seres inúteis e desprezíveis, sem qualquer amparo desde que não possam angariar o pão de cada dia… Não, tudo isto é revoltante, e qualquer sensibilidade bem formada não pode fechar-se ao sofrimento em volta.

Fez bem o meu Amigo em assinar – é sempre bom, para uma consciência limpa, estar contra os poderosos deste mundo. Além disso, há tantos seus camaradas de letras cujo maior sonho é provarem o seu "reaccionarismo", que a sua assinatura equivaleu a uma bofetada bem dada nesses meninos de 20 ou de 70 anos…

Claro que há problemas complexos sobre que me seria preciso estar bem informado, meditar neles, para poder optar. E não lhe esconderei que, *apesar de tudo*, tenho certa simpatia por M. C[652]…. E que uma reviravolta súbita na nossa paisagem política poderia ser o caos, em que ninguém se entenderia. Tudo isto me não impede de estar, de preferência, com os que querem *mais e melhor* – dos que sinceramente sonham com um mundo mais humano, em que os próprios negros (e porque não?) sejam promovidos à categoria de seres humanos, a que têm tanto direito como nós…

Desculpe-me, querido Amigo, que uma vez mais esteja a divagar. Mas não tão a despropósito como parece: porque estou certo de que a "reacção" a José Régio tem, sob as aparências literárias, motivações políticas. Aliás, o E. P. Coelho foi bem claro, quando falou em *ideologias*…

A propósito de P. C. júnior, pergunto-lhe se tem interesse em conhecer

---

650 De facto, CEUD – Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, onde pontificava Mário Soares. Luís Amaro assina pela CDE – Comissão Democrática Eleitoral. Não elegeram deputados nas eleições de 26 de Outubro.

651 Armando Bacelar (1919-1998).

652 Marcello Caetano.

a tese de licenciatura dele[653], em que os dois primeiros capítulos são sobre a poesia da *Presença* e José Régio (*Biografia*). Tenho-a em casa, e posso enviar-lha (é um volumoso trabalho dactilografado, e o exemplar pertence ao Ramos Rosa, que mo emprestou e não tem pressa dele). A análise, ainda que negativa do ponto de vista dele E. P. C. (ponto de vista aliás para mim confuso, ou difuso…), não é feita no tom polémico, degradantemente polémico, que o jovem usou no *Diário de Lisboa*. Ilustrada com largas transcrições da *Biografia*, e ainda que force a nota que mais convém ao autor, pareceu-me uma análise serena, didáctica talvez, mas aceitável (sempre de determinado ponto de vista, que uma leitura pouco atenta me não deixou enxergar. É que para ler o E. P. C. é quase precisa a formação universitária que eu não tenho…). Repito: se o volume lhe interessa (os outros poetas estudados são Carlos Queiroz, Nemésio, Carlos de Oliveira, o Neo-Realismo, José Terra, não me lembro quem mais), enviar-lho-ei, registado, com muito prazer. O R. Ramos (a quem não direi do empréstimo) não tem pressa da devolução.

Mas ainda (desculpe!), voltando ao tema "social": como é possível ignorar que na sua Obra há preocupações humanistas, *também*, a par das de carácter meramente metafísico, tão próprias de uma inteligência ou de uma alma que se interroga? Pois não é que na *Velha Casa* há figuras de humildes admiràvelmente retratadas – não por fora, mas por dentro, nos seus sofrimentos mais pungentes, ainda que sem humanitarismos baratos? E na *Chaga do Lado*, e no *Fado* (livro este aliás estimado por um Gomes Ferreira, detestado por um E. P. C.), e em tantas páginas suas? Não há dúvida que esse aspecto da sua Obra ainda está por estudar (mais figuras de que me lembro: a Maria do Ahú, a menina Olímpia das suas *Histórias de Mulheres*, quem poderá esquecê-las, se fazem parte dos nossos remorsos, se todos nós as conhecemos na vida?)

Passando agora a um assunto completamente diferente: Conheci há dias (já o conhecera "de raspão", há anos, aqui na Editora) um homem fascinante – o poeta Murilo Mendes. Falando-lhe de si, ele pediu-me que lhe dissesse da sua admiração e lhe transmitisse as suas saudações.

E agora a propósito de Brasil, posso transcrever-lhe, da carta do Chianca de Garcia de que lhe falei, estas linhas:

"Agora: livros. Tenho aqui vários de que ainda não falei. Mas fiz com eles um *jogo da memória* para sair (creio) no suplemento "Mesa Redonda" do *D. de L.*[654] um recreio para os leitores. Descobrir o nome de *nove* auto-

---

653 *O Tema da Poesia na Moderna Poesia Portuguesa*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969.

654 *Diário de Lisboa*.

res, e de *nove* livros pelos *nove* trechos apresentados. Livros da Portugália e da Europa-América, que também mos tem mandado. (O Régio está na série, com uma fala do *Jacob e o Anjo*.) Falar especialmente sobre ele *intimida-me*. Não sou, nunca fui, um leitor das suas obras, apesar da impressão que me deram seus primeiros volumes do tempo de Coimbra. Versos escritos com húmus, disse não sei quem na então minha tertúlia. A obra do José Régio é grande. Creio desconhecer o essencial. Creio, não, desconheço no duro. Li, graças a você, *Fado*, que é um devaneio à guitarra. Já *Jacob e o Anjo* considero uma coisa notável. Era peça para ser representada todo o ano como peça-de-fundo do teatro português. É, do que conheço, o melhor do teatro português (meta aqui um contemporâneo). O Luís de Lima que aqui representou (e mal) *Le Roi se meurt*, do Ionesco, teria feito muito melhor apresentando a peça do Zé Régio. Mas bem, eu insinuei isso a ele (como censura, recentemente) mas ele acha, creio eu, a peça fora da *linha em moda*. Eu li e fiquei empolgado. Ele, segundo me disse, até foi um dos intérpretes em Paris. Ah, mas Ionesco é o seu deus (eu já lhe disse que Ionesco é um cadáver) isto no aspecto teatro *prá frente*. Bem. Acho que já enchi você. Ah, ainda uma coisa: alguns dos livros de que falei no tal jogo da memória em verdade nada me disseram. Nem a *Paixão*[655], muito elogiada (eu ri) pelo Luís de Lima. Dos autores novos que mais me interessaram cito *Três Horas em Maio*[656] de J. Palma-Ferr.ª."

Como se trata da opinião de um homem profundamente ligado a coisa de teatro (e cinema, como se sabe), parece-me que fiz bem em transcrever-lhe estas linhas para "seu governo"…

E por hoje, querido Amigo, já basta. Quis, escrevendo-lhe (que é a minha única maneira possível de conversar consigo), afugentar um pouco a antipatia das manhãs de segunda-feira, em que as pessoas (incluindo eu, e num primeiro plano negativo) retomam cansadamente a vida quotidiana, a chatíssima vida quotidiana...

Abraça-o, com a Amizade de sempre, o seu dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Vou enviar-lhe o *Jl. do Comércio*[657] com a nota que o Urbano já tinha publicado no *D.º de Lx.ª* (mas com mais umas palavras altamente significativas neste – e que eu relaciono com a sua recente adesão).

---

655 Almeida Faria, *A Paixão*, Portugália, 1965.

656 De facto, Lisboa, Publicações Europa-América, *Três Semanas em Maio*, 1968.

657 4/5-X-1969, sobre *Biografia*, não assinado. Este título será escolha da Redacção no supl. letras & artes de 11/12-X. Em 5-X-1968, no então supl. Letras*Artes* Actualidades, seleccionara-se *A Salvação do Mundo*.

Recebi a segunda remessa das dedicatórias da *Biografia*, cujos volumes já devem estar brochados.

E do Salema… nada?

A M. Aliete trabalha, segundo me disse, no trabalho sobre o *Fado*.

*

21.X.69.

Meu querido Amigo:

Não tenho querido importuná-lo, mas não posso manter-me mais tempo silencioso, depois do grande susto que nos pregou…

Sei que está melhor, muito melhor – todos mo dizem. E ainda hoje o César dos Santos, do *Diário de Lisboa*, teve essa confirmação da redacção do jornal no Porto.

Mas, apesar disso, apelo para a sua vocação ascética – ela vai-lhe ser utilíssima neste período de recuperação: renuncie a tudo que possa fazer-lhe mal, isto é, ao mínimo esforço, à mínima canseira. Pense só em si, e nos anos de vida que ainda tem à sua frente – para nos dar novos e belos livros, e para gozar os bens que Deus nos deu: este lindo sol de outono, a luz à nossa volta, o simples acto de *viver*, de estar no mundo… Vê como, afinal, também eu gosto (às vezes) de viver?

Ontem, levei provas da nova edição dos *Poemas de Deus e do Diabo* para casa, vou revê-las meticulosamente – depois combinarei com o Orlando Taipa quem fará a revisão depois da minha. Não se apoquente, deixe correr – nós cá estamos para sermos dignos do honrosíssimo título de "amigos de José Régio". Irei no sábado, à tarde, ver o seu *Mário* – depois lhe direi as minhas impressões. Mande dizer-me o que de mim precisa – quer que lhe arranje uma colecção dos jornais que trouxeram a crítica à estreia da peça?

Toda a gente me tem perguntado por si – incluindo o Sr. Agostinho Fernandes, Vergílio Ferreira, José Gomes Ferreira, e ainda ontem o Namora. E o Dr. Firmino Crespo – não falando já da "corte" dos seus amigos que o são também meus.

Talvez lhe apareça aí num destes próximos fins-de-semana… Já tenho saudades de vê-lo, e quero vê-lo muitíssimo melhor.

Já fizemos o contrato com seu irmão Júlio para a edição de *ESSÊNCIA* – um pequenino livro de autêntico poeta que nele mora (ou se esconde) sob o nome de Saúl Dias.

Não devo maçá-lo mais, querido Poeta.

Quando puder, devolva pelo Orlando Taipa o recibo que aí tem assinado. Em breve terá o restante pagamento da *Biografia*.

AS SUAS MELHORAS!
E o abraço saudoso do seu dedicado, sempre

Luís Amaro.

*

27.X.69.
Meu querido Amigo:

Começo o dia de trabalho (segunda-feira…) por enviar-lhe as provas dos *Poemas de Deus e do Diabo* que ontem revi. E claro que, antes disso, formulo os melhores votos por que tenha sido contínuo o seu restabelecimento. O nosso amigo Orlando Taipa, correspondente excelente, diz-me que continua efectivamente a recompor-se, dia a dia. Tenho as melhores esperanças de vê-lo bom dentro em breve!

Hoje segue só a parte dos *Poemas*. O Posfácio irá daqui a dias – também já comecei a revê-lo, apreciando a competência do compositor, que de um original emendadíssimo fez uma composição quase perfeita. Verá que isto é verdade.

A revisão que habitualmente faz levanta, porém, um problema: decerto, depois de uma doença tão brutal e tão séria como a que teve, não está o meu Amigo em condições de trabalhar – e todos sabemos como por vezes é extenuante o trabalho da revisão. Claro: o texto poético, de tão emendado (o texto pròpriamente dito) que tem sido das outras vezes, creio que dispensará a revisão do Autor – da qual me posso eu encarregar, talvez de parceria com os nossos amigos Orlando Taipa ou Alberto de Serpa, este mais experiente nestas coisas. Aliás, penso fazer nova leitura em confronto com o original, pois passam sempre coisas na primeira revisão, por mais atenta.

Agora o seu Posfácio é que suponho que o meu Amigo não quererá deixar de rever. Não seria possível, porém, ditar as emendas – isto é, lerem-lhe o texto (o que às vezes até pode, até, fazer ressaltar qualquer dissonância) e o meu Amigo ditar as emendas ou correcções? (Claro que a parte pròpriamente de gralhas ficaria a nosso cargo.)

Mesmo esse trabalho, pela atenção que exige, pode ser fatigante – pelo que eu sugiro fôsse feito em várias sessões, sem grandes canseiras. Poderá ser assim?

Como (e já lhe falei nisto) os *Poemas* ficam, em número de páginas, numa desvantajosa proporção com o *Posfácio*, e já que o meu Amigo não concorda com reduzir-lhes a mancha, proponho ao menos que cada poema comece em página ímpar, tal como se fez nas *Encruzilhadas de Deus* (embora este outro livro seja composto de poemas longos, bem sei). Fico aguardando as suas ordens.

E, não querendo fatigá-lo mais, creia-me sempre com os melhores votos e um afectuoso abraço o seu sempre dedicado

Luís Amaro.

P. S. – Junto um duplicado do artigo que recebi anteontem do Eugénio Lisboa, e que publicarei talvez no suplemento do *Popular*. No mesmo dia recebi também um pequeno artigo de Liberto Cruz, meu recente amigo e leitor de português em Rennes, a propósito das *Três Peças em Um Acto* e que enviei para a Natércia Freire[658]. Ah, é verdade: assisti no sábado à representação de *Mário ou Eu Próprio – o Outro*, de que gostei muito: o Jorge Vale revelou-se um verdadeiro actor, metendo-se admiràvelmente na pele do Sá-Carneiro. A Casa da Comédia estava cheia, de um público jovem e interessado.

Vou arranjar-lhe os jornais ou revistas que se referiram à estreia.

Novos votos de melhoras do Luís Amaro.

*

6.XI.69.

Meu querido Amigo:

Não sei de si há dias – as últimas notícias eram de que continuava melhorando. Vou telefonar para o nosso Guanilho e, se não conseguir obter informações, farei uma chamada para o Porto ou Vila do Conde. Espero no entanto que não haja mais complicações na sua saúde e que dias melhores para si estejam à porta!

Hoje tenho o prazer de lhe enviar a página literária do *Diário de Notícias* com um artigo de Liberto Cruz (leitor de português em Rennes) sobre as *Três Peças em Um Acto*. Talvez à tarde saia também no suplemento do *Popular* o artigo do Eugénio Lisboa[659]. Acho que a gravura de Arlindo Vicente resultou muito bem no *Diário de Notícias* (por acaso descobri entre os meus papéis uma prova da gravura que se fez quando o meu Amigo nos emprestou o desenho, há anos).

– Embora não saiba se pode dedicar a estas coisas um pouco da sua atenção, queria pedir-lhe o favor de me enviar (o que poderia ser mesmo através de Orlando Taipa) um poema seu inédito para a tal página de poesia portuguesa para o suplemento do *Estado de S. Paulo*. Pus de parte a ideia de essa página ser antológica – ficaria apenas POESIA INÉDITA

658 "Três peças de José Régio", *Diário de Notícias*, 6-XI-1969. João Gaspar Simões já tinha escrito sobre as *Três Peças…* no mesmo jornal, em 3-III-1958 (ver *Crítica. VI*, Lisboa, INCM, ²2004: 73-77).

659 "José Régio (Um apontamento pessoal)", *Diário Popular*, 6-XI-1969.

DE PORTUGAL. Claro: inédita em livro. Se o meu Amigo não quiser ou não puder mandar-me um poema rigorosamente inédito, eu poderia assim aproveitar outro publicado em jornal, revista ou mesmo nas Pastinhas de Coimbra (e estou a pensar no que saiu no último número dessas Pastinhas, e que era muito belo). Agradeço me responda através do nosso amigo Orlando Taipa, que tem sido para mim de uma paciência exemplar.

Por hoje não devo maçá-lo mais.

Recebeu hoje um cheque de 5.000$ aqui da casa, por conta da *Biografia*? A importância restante seguirá ainda este mês, conforme estava assente.

Creio que o meu Amigo já deve ter recebido também o novo livro de poemas de Jorge de Sena – *Peregrinação a locais infectos*[660]…

Deseja do coração as suas melhoras o seu velho Admirador e dedicado Amigo

Luís Amaro.

*

20-XI-69.

Querido Amigo:

Queira Deus que o seu estado de saúde seja, agora, muito melhor! Já sei que um novo medicamento foi agora mais eficaz para os soluços que o atormentavam – oxalá esteja liberto deles!

Agradeço-lhe o poema admirável que me enviou para a tal página brasileira. Ah, que belo poema, tão cheio de experiência e humanidade sofridas, e tão cheio de… poesia!

Envio-lhe estes versos escritos aos 20 anos e que, desde então, tenho hesitado em publicar. Exumei-os agora da "vala" em que jaziam – mereceriam eles isso? Foi, além disso, um pretexto para depor como que umas pobres flores silvestres no túmulo de um amigo a quem só devi atenções – o José Osório[661], que lembro saudosamente.

Abraça-o com o mais vivo afecto o seu Admirador e Amigo dedicado e grato

Luís Amaro.

P. S. – Agradeço devolva o recibo que aí tem, depois de o assinar. Faz falta à secção de contabilidade. Na próxima semana conto arrumar os seus direitos da *Biografia* – perdoe o atraso!

---

660 *Peregrinatio ad loca infecta*.

661 José Osório de Oliveira.

O Armando Ventura Ferreira está a escrever, para a *Capital*, um artigo sobre a sua Obra[662].

O Salema chegou a escrever-lhe?

2.º P. S. – O incrível António de Navarro, encontrando-o eu há dias, disse-me que tinha no bolso uma carta para si, e mostrou-ma. Ontem encontrei-o de novo, e disse-me que não tinha ainda mandado a carta, por falta de selo ou qualquer razão assim *incrível* como ele. Respondi-lhe que eu me encarregaria de lha enviar – e aqui vai… A propósito ainda do Navarro, devo dizer-lhe que não alinho no número dos que o proscreveram de modo absoluto da "república" dos poetas – quando ontem o consideravam um poeta original, mas autênticamente poeta, e, como pessoa, tinham por ele aquela simpatia benevolente que se tem pelas crianças grandes.

Não. O Navarro para mim não é maldito nem proscrito – ninguém o é, para mim, ou pelo menos quero que assim seja. Isto apesar de o considerar um tipo pérfido – mas que, apesar das razões que tenho dele (e não são, claro, de natureza política…), ainda estimo; e ao poeta, nunca deixei de o admirar.

Luís Amaro.

*

Vila do Conde
22 de Novembro de 1969

Meu Bom Amigo:

Mais uma vez encarrego o nosso Orlando Taipa de escrever estas linhas indispensáveis, pois ainda me não posso alongar.

Antes de mais, pedia para me enviarem novo recibo referente aos nove mil escudos (9.000$00) da *Biografia*, visto o enviado primeiramente se ter desencaminhado. Lamento o sucedido.

Sem poder espraiar-me sobre ele, acho que o seu poema tem mais que qualidade para sair publicado. Tomara o *Diário de Notícias* que o tivessem na mesma todos os poemas que lá publique!

Cá recebi e agradeço a carta do Navarro. Peço para lhe agradecer, quando for possível.

Quanto ao meu restabelecimento, tem tido algumas complicações penosas, mas vamos superando. Por hoje é tudo, reduzido à expressão mais simples. Um abraço do seu amigo

José Régio[663]

---

662 "José Régio: *Biografia*", *A Capital*, 24-XII-1969.

663 Assinatura autógrafa de J. R., ainda que trémula. [LP]

*

15 de Dezembro 969.
Querido Poeta e Amigo:

Tenho-me informado quase diàriamente da sua saúde, e as notícias que tive hoje não foram más. Felizmente!

Envio-lhe a crónica de ontem, no *Diário de Lisboa*, por Chianca de Garcia[664], que é sobre o *FADO*. É, como sempre, uma página cheia de espírito e imaginação – uma bela crónica sobre um livro mais do que belo.

A nossa amiga Maria Aliete Galhoz já voltou a retomar as suas funções no Liceu, depois do novo esgotamento nervoso que sofreu recentemente. Mas está a recompor-se, ainda que devagar, e não põe de parte o estudo que havia começado, também acerca do *FADO*. Ela vai escrever-lhe umas palavras.

A 7.ª edição dos *POEMAS DE DEUS E DO DIABO* foi agora posta à venda – ainda hoje lhe enviarei pelo menos um ex., e amanhã seguirão mais. A tiragem, desta vez, foi de 5.000 exs., para não estarmos todos os anos a repetir a composição e impressão. O preço é de 50$00. Portanto, terá o meu Amigo a receber desta edição 25.000$00, de que em breve seguirá uma parte.

Queiram todos os deuses do Céu e da Terra que me não tivessem escapado gralhas, nas sucessivas leituras que fiz das provas!

As *ENCRUZILHADAS* também já estão a compor, pois é, como os *POEMAS*, dos livros seus que mais saída tem.

Peço-lhe o grande favor de me mandar dizer qual dos volumes deve ser composto a seguir: a *CHAGA DO LADO?* o *FILHO DO HOMEM?* a *BENILDE?* o *MAS DEUS É GRANDE? AS MONSTRUOSIDADES VULGARES?* as *VIDAS SÃO VIDAS?* Os *AVISOS DO FUTURO*? Porque todos eles, afinal, estão esgotados.

Eu gostaria muito que se instalasse em Lisboa, numa boa casa de saúde, com enfermeiras gentis a tratá-lo com todos os cuidados. E creio que todos os seus verdadeiros Amigos têm o mesmo desejo!

Desejando ardentemente as suas melhoras, para seu alívio e tranquilidade de todos que o estimam, envia-lhe um apertado abraço o

Luís Amaro.

Nota de Luís Amaro: Última carta que recebi assinada por José Régio (escrita por Orlando Taipa) (um mês antes da morte).

664 Nas suas "Cartas do Brasil".

P. S. – As estampas dos *POEMAS* não puderam ser impressas no sistema *offset* (igual ao dos desenhos dos últimos livros seus) por não ter conseguido desencantar os originais no arquivo do Sr. Agostinho Fernandes. Onde pararão os originais dos seus desenhos? O Sr. A. Fernandes não consegue lembrar-se onde os guardou.

*

19.XII.69.
Querido Amigo:

Aqui tenho o prazer de lhe enviar um "eco" justíssimo do Urbano Tavares Rodrigues, no *Diário de Lisboa* de ontem[665]. É possível que aí alguém lho tivesse mostrado já.

Quero dizer-lhe também que me congratulo com as suas recentes melhoras, depois desta crisezita última. Com a ajuda dos médicos, de si próprio e do Quer Que Seja que nos transcenda (que transcenda a nossa pequenez), estou certo de que melhorará ainda mais!

Esse o desejo, de todo o coração, do seu velho e dedicado

Luís Amaro[666].

SEM DATA

Com um abraço do Luís Amaro, este infeliz artigo (um documento de como são por vezes tortuosos os caminhos da amizade – a começar no retrato deprimente – e que não é o seu).

*

Com os cumprimentos do Francisco Luís Amaro, que lhe escreverá amanhã.

11 de Junho[667].

---

665 Secção "Ecos", não assinada, sobre a 7.ª ed. de *Poemas de Deus e do Diabo*.

666 Última carta. Com a mulher, assiste ao velório e funeral de Régio, representando também a Portugália.

667 No conjunto 911-911c, que significa mais do que um cartão, vem retrato de Luís Amaro, desenhado por Régio.

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

Rua Major João Luís de Moura, Famões Park
– ARMAZEM **AB** – 1685 - 650 Famões
TELEFONE | (+351) **21 931 74 99**
www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt

13/6/69

QUERIDO AMIGO:

Escrevo-lhe de Vila do Conde, aonde vim passar uma semana porque arranjei boleia e amanhã regresso a Portalegre. Não sei por quanto tempo. Devido a terem, finalmente, principiado as obras definitivas na minha "Casa-Museu" de Portalegre, vivo agora entre aquela cidade ("...Portalegre, cidade / Do Alto Alentejo"...) e a minha vila natal. Isto me traz mais ocupado que nunca, e justifica a demora em lhe reenviar as provas das *Três Peças*.

11 Set.º **69**.

MEU QUERIDO AMIGO:

[...] Hoje tenho a satisfação de lhe enviar o primeiro exemplar da *Biografia* (um dos seus melhores livros, quanto a mim). Falta só a cinta, de que ontem vi uma prova – a 2.ª, pois a 1.ª viera na minha ausência e fôra alterada nos tipos –, com a frase do Pessoa: "Considero José Régio, em todos os sentidos, *primus inter pares*."

CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FLUL FACULDADE DE LETRAS